
3 1761 07995170 3

INSTITUIÇÕES ORATORIAS

DE

M. FABIO QUINTILIANO

ESCOLHIDAS DOS SEUS XII LIVROS,

Traduzidas em linguagem, e illustradas com notas Criticas, Historicas, e Rhetoricas, para uso dos que aprendem.

Ajuntão-se no fim as Peças originaes de Eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituições.

POR

Jeronymo Soares Barboza,

Professor de Eloquencia, e Poesia em a Universidade de Coimbra.

Edição segunda mais correcta que a primeira de 1788.



COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1836.

INSTITUIÇÕES ORATORIAS

DE

M. FABIO QUINTILIANO

ESCOLHIDAS DOS SEUS XII LIVROS,

Traduzidas em Linguagem, e illustradas com notas Criticas, Historicas, e Rhetoricas, para uso dos que aprendem.

Ajuntão-se no fim as Peças originaes de Eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituições

POR

Jeronymo Soares Barboza,

Professor de Eloquencia, e Poezia em a Universidade de Coimbra.

Edição segunda feita sobre a primeira de 1788.

TOMO I.



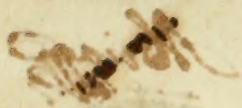
COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1836.

Eligat itaque peritus ille praeceptor ex omnibus optima, et tradat ea demum in praesentia quae placent, remota refutandi cetera mora.

QUINT. *Inst. Orat.* Prol. Lib. VIII. n. 3.





PREFAÇÃO.

As utilidades das traducçoens são bem conhecidas. Ellas transportão, para assim dizer, os conhecimentos humanos de hum seculo a outro, e de hum paiz estranho ao nosso. E se o commercio das fazendas he tão vantajoso, e ainda necessario ás indigencias da vida; o dos conhecimentos não o deve ser menos a espiritos, que sentem a necessidade de instruir-se, e não tem o meio de o fazer, que são as linguas. Estas traducçoens particularmente se fazem necessarias nos Authores antigos doutrinaes, e tem álem disso o avanço de serem menos perigosas. Não tendo de passar de huma lingua a outra as graças da Poezia, e Eloquencia muitas vezes intraduziveis; correm por huma parte menos risco de infidelidade e pouca exactidão; e por outra aplanão pela versão as difficuldades, que a linguagem technica, e as regras, e reflexoens abstractas das Artes, e Sciências costumão offerecer aos principiantes. O estilo especialmente de Quintiliano succozo, e preciso; as idêas sensiveis e agradaveis, com que costuma revestir as materias mais sêcas e escabrosas, ao mesmo tempo que fazem hum dos merecimentos principaes das suas Instituiçoens, e para os que sabem a lingua, ajudão muito a entender, imprimir, e fixar as doutri-

nas: são hum embaraço para os estudantes de Rhetorica, que pela maior parte entrão nas aulas pouco adiantados no conhecimento da lingua Latina.

Estes forão os motivos, que me determinárão a emprender ha vinte annos esta traducção; e ella teria saido então á luz, se hum amor talvez demaziado da Antiguidade, e do bem da mocidade ma não fizesse supprimir. Reflecti então, que eu era o primeiro que punha em Portuguez hum livro classico, porque S. Magestade manda aprender as regras da Eloquencia, e que a mocidade pouco instruida, e de sua natureza amiga de se poupar trabalho, se aproveitaria avidamente do meu, para deixar inteiramente a lição do original, o qual nunca se deve perder de vista. E ainda que me lizongeava de ter traduzido fielmente os pensamentos de Quintiliano, nunca me podia segurar de os ter transportado com a mesma precisão, graça, e dignidade, com que se achão na origem; e que, para os principiantes se aproveitarem destas riquezas com as explicaçoens vivas de seus Mestres, era bom pôl-os na necessidade absoluta de beberem na fonte, cortando-lhe todos os regatos. Supprimi pois a traducção.

Não teve porém esta reflexão tanta força no espirito de outros, como no meu, para desistirem da mesma empreza. Preponderárão mais as utilidades das traducçoens, as difficul-

dades de Quintiliano para os principiantes, e a necessidade de as diminuir, e aplanar pela versão, álem de outras razoens particulares, que pudérão haver. Desde o anno 1777 se vio sahir á luz o primeiro tomo de *Quintiliano sobre a Instituição do Orador traduzido, e illustrado com a explicação das palavras Gregas, e algumas notas, por Vicente Lisbonense, em* 12, *impresso em Lisboa na Regia Officina Typographica;* e pouços annos depois, no de 1782 saírão tambem a publico *Os tres livros das Instituiçoens Rhetoricas de M. Fabio Quintiliano, accommodadas aos que se applicão ao estudo da Eloquencia por Pedro José da Fonseca, traduzidos da lingua Latina para o Portuguez por João Rozado Villa-lobos e Vasconcellos, Professor Regio de Rhetorica e Poetica em Evora, em* 12, *impressos em Coimbra na Real Officina da Universidade.*

Estas traducçoens, dadas á luz, não só me desembaraçárão do escrupulo, que até agora me detinha: mas a interrupção da primeira foi para mim huma causa, e a edição da segunda huma razão ainda para publicar a minha traducção até agora occulta. A traducção, que anda debaixo do nome de Vicente Lisbonense, não se extende mais que aos primeiros tres livros de Quintiliano. Ella devia continuar para diante. Assim nol-o promette o Author na Prefação. Porém tendo passado já não menos de

onze annos desde 77 até 88, que a obra está parada, ha hum bem fundado receio de que o Author, ou não quereria, ou (o que o fim da sua prefação nos faz mais crer) não poderia continuar o trabalho. E ao mesmo tempo que esta traducção, se se acabasse, poderia ser muito util assim aos estudantes, como aos adiantados: assim no estado, em que ficou, de pouco uso lhes póde ser, não contendo senão pouco mais de hum livro da parte pertencente propriamente á Arte Rhetorica.

Quanto ao merecimento da traducção; ella he de ordinario muito bem feita; e he pena que o Author não continuasse. Pouca ventura da Nação Portugueza! Assim abortão pela maior parte todos os projectos, que mais utilidade e honra podião dar á nação. Se esta traducção fosse ávante, nós nos poderiamos gabar de ter na nossa lingua hum author classico, difficil, e escuro mais bem traduzido, do que as outras naçoens o tem na sua. Com tudo este meu enthusiasmo não me cega sobre alguns defeitos desta obra. Assim como a louvo por ser literal, clara, e quasi sempre fiel: assim quereria que ás vezes não passasse a ser servil, torcendo a phrase Portugueza, e fazendo-a menos corrente, para seguir passo a passo o seu original. Disse *quasi sempre fiel*, porque em alguns lugares não deu no verdadeiro sentido de Quintiliano, e em outros não o exprimio exactamente. Tais são por ex. (para me cingir

só aos capitulos, que tratão da Arte) os seguintes: Liv. II, Cap. XVII, pag. 226, linha 22, e 27. No mesmo Cap. pag. 235, lin. 23. Liv. III, Cap. IV, p. 269, l. ult. Cap. V, pag. 272, l. 17. Cap. VI, p. 278, l. 25. Cap. VII, pag. 316, l. 3. Ibid. pag. 318, l. 12. Ibid. p. 323, l. 27. Cap. VIII, p. 329, l. 8. Ibid. p. 332, l. 21, e pag. 333, lin. 1. Emfim no Liv. II, Cap. XX, p. 24, l. 19.

E porque este ultimo lugar de Quintiliano, que he desta maneira: *qualis illius fuit, qui grana ciceris ex spatio distante missa in acum continuo, et sine frustratione inserebat:* foi particularmente notado pelo author na Prefação, pag. XXVII, como mal entendido por Gedoyn na sua traducção Franceza de Quint. Tom. I, pag. 296, sou obrigado a dizer, que a que o traductor Portuguez substitue á do Francez, me parece errada. Ella diz assim: *Como foi o vão trabalho daquelle, que espetava na ponta de huma agulha, sem demóra, ou erro, os grãos, que lhe estavão atirando de longe.* Alem de nella se omittir a traducção do *ciceris*, o adverbio *continuo* não se exprimir com toda a sua força: para semelhante traducção ter lugar, seria preciso que no Latim estivesse assim: *Qui in grana ciceris ex spatio distante missa acum continuo, et sine frustratione inserebat.* O verbo *insero* não significa o mesmo que *infigo*, como o traductor suppõe, e, a ter esta significação, seria necessario que esti-

vesse *acu*, ou *acui*. O que significa propriamente he a introducção de hum corpo dentro, ou por entre outro. Por outra parte que habilidade era o espetar na ponta de huma agulha os grãos, com que lhe atiravão? Que erro podia haver nisto? Que acerto digno de se notar? Para que era preciso lembrar a distancia do lugar, donde se atiravão? O certo he que as tres circunstancias, *ex spatio distante, continuo, et sine frustratione*, fazem ver a difficuldade, ainda que vãa, da empreza, a qual desaparece na versão do traductor Portuguez. Eu traduziría: *Qual foi a daquelle, que, sem interrupção, e sem errar, enfiava pelo fundo de huma agulha os grãos de chichero, com que atirava de hum lugar distante*. E esta he a intelligencia de todos os interpretes, que eu saiba, até agora. A idêa talvez das agulhas vulgares faria parecer ao traductor Portuguez a cousa impossivel, e o obrigaria a excogitar a sua interpretação. Porém os antigos conhecião varias especies de agulhas, e entre estas as de toucar, chamadas *crinales*, a que podia convir o que diz Quintiliano. Não obstantes estas faltas, pela maior parte leves, e faceis de corrigir, a traducção he bem feita, e se estivesse acabada, talvez me teria poupado o trabalho da minha nas partes, em que a faço.

A traducção de João Rozado, álem da expressão pouco Portugueza e desconcertada, está cheia de innumeraveis erros, e muito gros-

seiros. Ninguem dirá certamente que eu escolhi de proposito o capitulo, que tómo, para mostrar o que digo. Elle he o primeiro, que a sua traducção offerece á vista, e que por isso mesmo devia merecer o primeiro cuidado, e esmero de traductor. Com tudo, álem de muitos pequenos defeitos da versão, e linguagem, são muito para notar os seguintes.

1. Traduzir sempre neste, e nos Capitulos seguintes a Palavra *Rhetorica* pela mesma em Portuguez, tendo ella differente accepção na nossa lingua, do que a de *Eloquencia*, pela qual a toma quasi sempre Quintiliano.

2. As palavras: *Sed quaestionem habet duplicem: aut enim de qualitate ipsius rei, aut de comprehensione verborum dissentio est:* Traduz: *A seu respeito se perguntão duas cousas: a primeira, se a Rhetorica se hade definir pela sua intrinseca qualidade, como se he boa, ou má: e a segunda, se a definição hade comprehender a extensão da mesma Rhetorica, como, se tem todas as palavras necessarias, que expliquem bem o definido.*

3. *Qui autem dicendi facultatem a majore, ac magis expetenda vitae parte secernunt ... hi fere, aut in persuadendo, aut in dicendo apposite ad persuadendum positum orandi munus sunt arbitrati. Id enim fieri potest ab eo quoque, qui vir bonus non sit.* Traduz: *Os que separárão a Arte de bem fallar daquella de bem viver, que he o maior louvor, que se póde*

esperar nesta vida ... estes puzerão toda a obrigação do Orador em persuadir, ou em dizer com toda a propriedade para persuadir. Mas esta persuasão póde tambem ser feita por hum homem, que não seja honrado.

4. *Apud Platonem quoque Gorgias in libro, qui nomine ejus inscriptus est, idem fere dicit.* Traduz: *Gorgias tambem no livro de Platão, se he verdade que aquelle Rhetorico escrevesse o livro, que tem o seu nome, diz quasi o mesmo.*

5. *Et postremo aspectus etiam ipse sine voce, qua vel recordatio meritorum cujusque, vel facies aliqua miserabilis, vel formae pulchritudo sententiam dictat.* Traduz: *E finalmente o mesmo aspecto sem palavras, a lembrança dos merecimentos, o mesmo rosto miseravel, ou ainda a formosura persuadem muito.*

6. *Non orationis habuit fiduciam, sed oculis populi Romani vim attulit, quem illo ipso aspectu maxime motum in hoc, ut absolveret reum, creditum est.* Traduz: *Esta acção mostra, que elle desconfiava da sua Eloquencia; porém julgou, que movido o povo Romano com hum espectaculo penetrante absolveria o seu cliente.*

7. *At contra non persuadet semper orator: ut interim non sit proprius hic finis ejus, interim sit communis cum iis, qui ab oratore procul absunt.* Traduz: *Pelo contrario nem*

sempre persuade o Orador. Do que se segue, que o persuadir não he o fim proprio da Rhetorica, por ser commum a outras cousas, que são infinitamente differentes da Eloquencia.

8. *Quidam recesserunt ab eventu, sicut Aristoteles.* Traduz: *Alguns se apartárão da propria materia.*

9. *Dicam enim, non utique quae invenero, sed quae placebunt, sicut hoc: Rhetoricen esse bene dicendi scientiam.* Traduz: *Direi finalmente aquellas cousas, não que tiver inventado, mas aquellas, que forem mais racionaveis; por exemplo, que a Rhetorica he a sciencia, que nos ensina a fallar bem.*

Parece incrivel, que em hum Capitulo tão pequeno, e dos mais faceis se dessem tantos erros, e tão crassos, principalmente por hum Professor publico, que tinha explicado não menos de 18 annos Quintiliano. O que me faz crer, ou que esta traducção he supposta, ou, se he genuina, que o original foi inteiramente desfigurado pelos que o copiárão. Seja como for, os mesmos erros continuão em toda a traducção até o fim; e eu muito de proposito quiz pôr diante dos olhos de meus leitores os lugares deste Capitulo errados na traducção, juntamente com o texto original, para mais facilmente se confrontarem, e se ver que não he o dezejo de fazer sobresaír a minha traducção, mas o amor da verdade, o que me dictou este juizo.

Por tanto esta traducção devia ser para mim huma razão, que me determinasse emfim a publicar a minha; a não me ser indifferente o prejuizo, que ella póde causar aos estudos da mocidade. Ella anda pelas maons de todos. Os estudantes de Rhetorica, que sentem a difficuldade de a estudar por Quintiliano, vendo no titulo do livro huma traducção Portugueza deste auctor, debaixo do nome de hum Professor publico, que a ensinou por muitos annos; julgão-na tal, qual ella deve parecer a quem não faz, nem póde fazer conceito das obras, senão pelos titulos, e pelos prefacios. Crêm ter o seu trabalho feito; lem-na com gosto; aprendem-na de cór, e julgando ter de cabeça a doutrina de Quintiliano, achão-se depois de muito estudo com ella cheia de mil erros, de que depois he tanto mais difficil o desenganal-os, quanto as primeiras impressoens são de ordinario na idade tenra as mais profundas, e indeleveis.

Sendo pois o amor do aproveitamento litterario da mocidade Portugueza, o que me moveo a este trabalho; elle me devia tambem dirigir no mesmo, para lho fazer util. O que posso segurar he, que o dezejei, e procurei tambem, pondo todos os meios, que me lembrárão, para lhes dar a beber pura a doutrina de Quintiliano, e lha fazer plana, e facil. Para conseguir a primeira cousa, escolhi para traduzir, o texto de Quintiliano da ultima edição,

que he de Gesnero, impressa em Gottinga em 1738; a qual sendo feita por hum critico tão celebre, sobre as antecedentes de Burmano, e Capperoner já assás correctas, e conferida com a edição antiquissima Gensiana de 1471, e com os codices Gothanos, e de Kappio, julgei era a melhor, que me podia propôr para a traducção. Ella com tudo não he izenta de erros consideraveis de impressão, os quaes terei cuidado de notar nos seus lugares. Quanto ao mais, nunca desamparo o texto desta edição, senão quando, ou as conjecturas de Gesnero me não agradão, ou pedindo os lugares emenda, julguei achar alguma lição melhor, que a deste Editor, e a vulgata; do que me faço cargo sempre nos seus lugares, notando a diversa lição, que ou achei, ou adoptei, e as razoens, que tive para a mudança. Aos Leitores judiciozos pertencerá ver, se são assás fortes.

Para o mesmo fim de representar fielmente a doutrina de Quintiliano, me cingí quanto pude, e quanto me permittio o genio da nossa lingua, não só aos pensamentos e sentido, mas ainda ás palavras de Quintiliano, humas vezes pezando-as, e outras ainda contando-as; persuadido de que só a necessidade de exprimir o sentido do author, e na propria lingua, he que póde desculpar hum traductor de não dar na copia os pensamentos com o mesmo traje, figura, e com as mesmas côres, e palavras do original. A regra de Horacio

Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres . . .

he só para os imitadores, e mal applicada vulgarmente aos traductores, que antes, como linguas fieis, devem procurar, sendo possivel, dar palavra por palavra. Isto não obstante muitas vezes não segui esta exacta medida, e lembrando-me que escrevia para principiantes, accrescentei palavras, já para explicar melhor alguns lugares escuros, já para determinar, e especificar, segundo o sentido mesmo de Quintiliano, alguns preceitos geraes, e vagos. Não me lizongeio todavia de ter acertado em tudo. A inconsideração, a inadvertencia, e ainda a ignorancia me farião caír em muitas faltas contra minha vontade, cuja advertencia eu receberei com docilidade, e gratidão de quem ma fizer.

Passando ao outro ponto de facilitar o estudo de Quintiliano aos que aprendem Rhetorica, e ainda áquelles, que se querem instruir particularmente com a lição delle para a Advocacía, e Prédica: o meu primeiro cuidado foi encurtar-lhes, quanto podesse, o trabalho. Os XII Livros das *Instituiçoens Oratorias de Quintiliano* contém duas especies de instrucçoens; huma para os que ensinão, e outra para os que aprendem; huma para os principiantes, e outra para os que estão já formados. Tudo o que pertence á primeira educação, e estudos dos meninos, que leva o I livro e quasi todo

o II, he para os educadores, e mestres. Quintiliano mesmo só falla com estes, e a natureza mesma da instrucção he para quem dirige, e não para quem aprende, e necessita de ser dirigido. Os tres ultimos livros suppoem quasi em tudo o Orador já instruido, e formado na theoria oratoria. O mesmo Quintiliano, que no Cap. XV do livro segundo faz a divisão da sua obra em tres partes, da *Arte*, da *Obra*, e do *Artifice*, reservou estas duas para os ultimos tres Livros; de sorte que as regras de Rhetorica, propriamente dita, se contém quasi todas nos sete livros, que ficão no meio. O summario, que elle faz da sua doutrina no Prologo ao Livro VIII, e a divisão do que lhe resta por tratar da Elocução no I Capitulo do mesmo Livro, são huma prova.

Ainda dentro dos mesmos VII Livros, pertencentes á Arte, ha infinitas cousas, que são mais para os mestres, que para os discipulos, a quem Quintiliano quer se ensine a Rhetorica com mais brevidade, e simplicidade, e recommenda ao mestre intelligente escolha de tudo o melhor, contentando-se ao principio com ensinar só isso, sem o trabalho de refutar o contrario.

Mas he bom vermos todo o lugar, donde foi tirada a Epigraphe desta obra. « No que « deixamos tratado nos cinco Livros anteceden« tes (diz elle no Prologo ao dito Liv. VIII) se « contém quasi todas as regras pertencentes á

« Invenção e á Disposição, cujo conhecimento
« exacto, e profundo, assim como he necessa-
« rio a quem quer conseguir a perfeição desta
« sciencia; assim convém melhor ensinal-as aos
« principiantes com mais brevidade, e simpli-
« cidade. Porque fazendo-se o contrario, os
« espiritos ou se costumão aterrar com a dif-
« ficuldade de regras tão miudas e complica-
« das, ou se sopeão á vista de hum estudo es-
« cabroso em huma idade, em que mais se
« deve fomentar o genio, e nutril-o com algum
« genero de indulgencia; ou tendo aprendido
« as regras só, se crem assás providos de tudo
« o preciso para a Eloquencia; ou emfim pre-
« zos a ellas, como a leis certas, e impreteri-
« veis, temem todo o vôo livre do genio: ra-
« zão porque muitos julgão, que os Rhetori-
« cos, que escrevêrão da arte com mais miu-
« deza, forão justamente os que estiverão mais
« longe da Eloquencia. Isto não obstante o
« methodo he necessario aos principiantes. Mas
« este seja plano, e facil para se seguir, e para
« se mostrar. ESCOLHA POIS O MESTRE INTELLI-
« GENTE DE TUDO ISTO O MELHOR, E ENSINE POR
« ORA SÓ O QUE ESCOLHER, SEM SE DEMORAR EM
« REFUTAR DOUTRINAS CONTRARIAS. Porque os
« principiantes vão por onde os levão. Com os
« annos hirá tambem crescendo a erudição. Ao
« principio porém não conheção outro caminho
« fóra daquelle, em que os metterão. A expe-
« riencia depois lhes ensinará, que elle he o
« melhor. »

O mesmo Quintiliano pois reconheceo, que nem tudo o que elle escreveo nos sete livros a respeito da arte, se devia ensinar aos que aprendem, e authorizou de algum modo por este lugar os mestres das suas Instituiçoens a fazerem nellas os córtes necessarios para abreviar a instrucção da mocidade, e não a confundir com regras demasiadas, e embaraçosas. Fundado nesta licença M. Rollin em 1715 accommodou para o uso das Escholas de París em dous volumes em 12 as *Instituiçoens de Quintiliano*, cortando dellas as cousas, que julgou menos necessarias, e que dão quasi na quarta parte de menos. Muitos, como Burmanno, Fabricio, Capperonnier, e Gibert, *(Jugem. des Scavans, tom. I. pag.* 420.*)* louvando o plano de Rollin, reprehendêrão o modo, e quererião antes, que conservando todo o texto de Quintiliano para as pessoas adiantadas, mandasse imprimir em differente caracter o que escolhia para o uso das Escholas. Porém, além da razão fundada no perigo de se poderem perder os lugares omittidos ser frivola, por estes ficarem salvos nas muitas ediçoens completas do mesmo author, seria a obra menos portatil, e mais dispendiosa aos Estudantes, a cujos commodos se deve attender, e causaria grande confusão aos mesmos verem-se precisados a correrem com os olhos muitas folhas para procurarem aqui e ali os paragraphos, que deverião estudar.

Mais bem fundado, e racionavel foi o desejo do mesmo Gibert ibid. querendo que M. Rollin levasse mais ávante as mutilaçoens, que fez da obra de Quintiliano; por ser ainda demaziado para os principiantes o que deixou, nem ser possivel dar-se similhante compendio nas aulas de Rhetorica dentro de hum anno, como o mesmo Rollin reconheceo, requerendo dous para elle. O que álem de ser incompativel com o curso annual das liçoens de Rhetorica, he contrario á brevidade e simplicidade da instrucção theorica, e elementar, que Quintiliano com todos os grandes mestres recommenda nas escholas; o que tudo se póde ver ponderado no dito author, e lugar já citado. Este inconveniente porém foi tirado, e a instrucção elementar reduzida á justa medida nos *Tres Livros das Instituiçoens Rhetoricas tirados de Quintiliano, accommodados aos primeiros estudos dos que aprendem as Humanidades, e acompanhados das notas selectas* variorum, *em Lisboa* 1774, *reimpressos, e accrescentados na mesma em* 1781 por Pedro José da Fonseca, Professor de Rhetorica e Poetica no Real Collegio de Nobres, bem conhecido pelos seus talentos, amor patriotico, vasta erudição, e trabalhos litterarios.

Outro defeito acho eu na obra de Rollin ainda mais essencial, e que he para admirar que entre tantos criticos nenhum o advertisse: a escolha, digo, ás vezes pouco judiciosa, que

fez dos lugares, assim para meter no seu compendio, como para omittir. Accommodando elle hum livro para uso das escholas, podia muito bem, e devia dispensal-o de alguns Capitulos, que contém questoens, e materias, que ou pela sua inutilidade nas luzes presentes da Europa, ou pelos falsos principios da Philosophia Stoica, em que se fundão, ou por serem escritos contra os abusos dos Declamadores do seu tempo, que agora não ha, ou emfim por conterem theorias de cousas, que dependem totalmente do genio e do exercicio, e não das regras, certamente não devião ter lugar em hum livro elementar. Tal he, por ex., a questão, *Se a Eloquencia he util* no Cap. XVII do Liv. II; quasi todo o Cap. X do Liv. V sobre os *Lugares communs dos argumentos*; a questão, *Se a Eloquencia he huma virtude moral*, no Cap. XXI Liv. II; o Cap. III Liv. IV sobre a *Digressão*; o IV sobre a *Altercação* Liv. VI; o III ib. do *Rizo*, e outros: não fallando em muitos pedaços, que nos Capitulos necessarios se podião omittir.

Pelo contrario he huma omissão indesculpavel a que fez de muitos lugares, que erão necessarios para a intelligencia de outros, que vão adiante no seu compendio, e que suppoem a noticia previa dos antecedentes. Tal he, por ex., a omissão do lugar Liv. III Cap. V desde o n. 13 até 15 sobre as duas differentes fórmas dos discursos, *Pragmatica*, e *Epidictica*, ne-

cessario para a intelligencia do principio do Cap. do Genero Demonstrativo, para a do lugar n. 7. Cap. VIII Liv. III, e para a do Liv. VIII Cap. III n. 11. No Capitulo VI L. III, que he sobre os *Estados*, omittio a distincção do *estado de causa*, e *estado de questão*, e as noçoens do estado *Legal*, e *Translativo*, das quaes depende a intelligencia dos lugares seguintes V 3. 4. e VII 1. 10. O Capitulo XIV, Liv. V do *Epicheirema*, *Enthymema*, *etc.* foi tão troncado e maltratado, que o que resta não só he inintelligivel, mas ainda falso. E para me não dilatar na enumeração de todas estas faltas, que são muitas, a doutrina dos §§. III e IV do Cap. da *Disposição* fica bastantemente embaraçada, e confusa pela omissão de todo este pedaço, que começa: *Intentio simplex*, Liv. VII 1. 9, ediç. de Gesnero, até o n. 10.

Esta superfluidade de lugares escusados, e omissão dos necessarios procurei eu remediar nesta minha obra, reduzindo-a ao méramente preciso, e não cortando todavia o que póde dar luz ás materias seguintes; e deduzindo tudo de modo, que as Instituiçoens de Quintiliano, bem que truncadas, formassem hum Systema seguido, e coherente de doutrina. Rollin na sua obra cortou quasi a quarta parte de Quintiliano, e eu mais da quarta de Rollin; e o resto, com o que accrescentei, não chega a fazer ametade da obra de Quintiliano, e pouco mais excede ametade da de Rollin. Deste

modo me persuado ter formado do melhor das Instituiçoens de Quintiliano hum compendio breve e facil, accommodado á capacidade dos que aprendem, e ao tempo que nas aulas publicas costumão dar a este estudo.

Isto pelo que pertence a atalhar o trabalho. Agora pelo que diz respeito a aplanal-o, e facilital-o; tres meios empreguei para este fim, a *Ordem*, as *Divisoens*, e a *Explicação*. Quanto á primeira, tendo eu nesta traducção em vista mais a utilidade dos discipulos, que a conservação escrupulosa da serie, ás vezes pouco methodica, que Quintiliano deu ás materias: tomei a liberdade de transpôr, não só a ordem de alguns Capitulos, mas ainda a de alguns lugares dentro dos mesmos, mal collocados. Nos Capitulos porém nóto logo nos titulos de cadahum o livro, capitulo, e sessão, debaixo da qual se achão na edição de Gesnero; e os poucos lugares que transpuz, vão incluidos dentro dos sinaes de parenthesis, com remessas ás notas, que indicão donde, e porque forão deslocados. Poderá parecer a alguns demasiada esta minha liberdade. Porém a razão de querer facilitar as materias pela sua boa deducção me moveo a isto, e não sou o primeiro, que o faço. Desta liberdade já me deu exemplo Pedro José da Fonseca na sua edição de Quintiliano, transferindo o Cap. XIV do Liv. II para o ajuntar ao Cap. III do Liv. I das suas Instituiçoens, que he o XVII do Liv. II

de Quintiliano; e do Liv. VII transferio o Cap. I da *Disposição* para preceder ao do *Exordio* Liv. IV. A utilidade pois da instrucção, e a authoridade de hum tão grande mestre assás me desculpão.

Pelo que pertence ás divisoens das materias, eu estou bem persuadido, que todas as que até agora se tem feito no texto de Quintiliano, (menos as dos Livros) he obra dos copistas, e editores, e não de Quintiliano, que escreveo certamente as suas Instituiçoens em hum mesmo contexto seguido, sem separação de Capitulos, nem Paragraphos. O que, álem de outras cousas, provão assás as transiçoens, com que liga as materias tão estreitamente, que os Editores tem grande trabalho em descobrir a junta para repartirem os Capitulos, e nem nisto são sempre felizes, ou confórmes. Sendo pois isto assim, quem me quizer perguntar a razão, porque fiz Capitulos, Artigos, e Paragraphos, pergunte-a primeiro aos que nisto me derão o exemplo.

A verdade he, que estas separaçoens desconhecidas nos Mss. mais antigos dos Authores Classicos forão introduzidas modernamente pelos Editores em beneficio dos Leitores; assim para darem certas pauzas á attenção do espirito e dos olhos, como tambem para fazer sensivel pelos intervallos a distincção, que os AA. fizerão das suas idêas, e ajudarem deste modo a percebel-as, e comprehendel-as sem maior es-

forço. Esta mesma utilidade pois me moveo tambem a arranjar as doutrinas de Quintiliano a meu modo, que me pareceo mais accommodado para facilitar aos principiantes a intelligencia, e comprehenção destas Instituiçoens. Eu as dividí pois em tres livros, metendo no I as *noçoens geraes da Eloquencia*; no II as duas partes da Rhetorica *Invenção* e *Disposição*, que são inseparaveis, e no III a *Elocução* toda. Depois divido a materia de cada livro em Capitulos, que são quasi os mesmos das ediçoens vulgares. Quando porém os Capitulos são extensos e complicados, subdivido a sua materia em Artigos, e huns e outros em paragraphos, guardando, quanto pude, a subordinação que estes devem ter áquelles, e aquelles aos Capitulos, cuja subordinação e deducção procurei dar aos mesmos summarios, tanto das divisoens maiores, como das menores, que puz á margem (*), para maior promptidão, e commodidade.

As explicaçoens fazem o objecto das notas. Destas, humas são Criticas, e Philologicas, outras Historicas, e outras Rhetoricas. As Criticas e Philologicas, que tem por objecto a lição do texto, e a explicação das palavras, e expressoens escuras, são as menos. Todas as melhores ediçoens estão cheias desta especie de

(*) Para melhor arranjo desta edição se pozerão tambem os summarios á testa das divisões menores. *(Editor.)*

notas, e demaziadamente. Os editores fazem ostentação de erudição, enchendo paginas, para provar huma lição, e para explicar palavras, que menos necessitavão; deixando entretanto intactos infinitos lugares escuros e embaraçados, em cuja explicação empregarião mais utilmente o seu trabalho. Eu me poupo, quanto posso, similhantes notas. A traducção por si he a explicação mais precisa das palavras e expressoens escuras. De algumas com tudo determino o sentido nas notas, para se saber as razoens, que tive para a sua versão. Quanto ás notas criticas já disse que segui o texto e liçoens de Gesnero, e só quando destas me aparto (o que acontece algumas vezes) o advirto, e dou a razão, que tive para o fazer.

Para os factos, de que se faz menção no curso destas Instituiçoens, são destinadas as notas Historicas, que explicão as circunstancias delles mais notaveis, e precisas para os principiantes os entenderem, e fixarem melhor na memoria. Parte dellas são escolhidas entre as muitas, com que os editores enriquecerão as suas ediçoens, e outra parte extrahidas pelo traductor dos Historiadores, tanto Gregos como Latinos. As notas porém, que até agora mais se desejavão em Quintiliano, erão as que nos explicassem as materias Oratorias, de que elle trata, e nos esclarecessem em infinitos lugares escuros e difficeis até agora indecifrados. Mas

ao mesmo tempo que poucos authores haverá, em que os eruditos tenhão trabalhado mais, e enriquecido de notas copiosas para corrigir o texto, interpretar palavras, e enarrar os factos: fatalmente tem acontecido ser talvez o unico Classico, que jaz nas trevas por falta de hum homem de profissão, que tomasse a seu cargo explical-o em tudo o que pertence á parte technica, e fazer-lhe aquelle serviço, que outros tem feito a outros Classicos, que tratão materias da sua profissão. A' excepção do nosso Antonio Pinheiro de Porto de Mós, de quem temos o excellente Commentario ao Livro III de Quintiliano, impresso juntamente com este por *Miguel Vascosano em París* 1538, nada ha aos outros livros, que desembrulhe o cháos de muitos lugares inintelligiveis, cuja difficuldade prende mais na materia, que na expressão.

Assim como me não gabo de ter acertado e dado no genuino sentido de todos estes lugares: assim me posso gloriar de não ter fugido de algum. Investí com todos; e se as minhas luzes e diligencias não forão sufficientes para chegar a aclarar de todo alguns, ao menos abriráõ caminho a outros para o poderem conseguir. De ordinario explico Quintiliano por Quintiliano mesmo, e chamo em subsidio os Mestres, de que o mesmo se servio, trazendo as passagens claras de huns e outros, que podem reflectir alguma luz sobre as escuras. Cui-

dei muito em apanhar, e assignar os pontos de vista mais principaes das materias, para facilitar a intelligencia, e percepção dellas. Estabelecidos estes como centros, a que todas as doutrinas se encaminhão, he mais facil comprehender o systema dellas. Tambem fiz por dar noçoens distinctas das couzas, e ainda que pareção algum tanto abstractas, e subtís para os principiantes, são com tudo verdadeiras. Sem Philosophia he impossivel tratar bem a theoria das Artes. Parecerei demasiadamente extenso em algumas explicaçoens. Mas não o pude fazer por menos nos lugares difficeis, e diminutos, ou quando foi preciso combater alguns erros de Quintiliano, ou de authores celebres, cuja reputação só infelizmente os tem feito grassar.

Emfim como as theorias das Artes se devem encaminhar todas á pratica, e não se ensinarem senão para segurar mais o acerto, e perfeição della; julguei devia fazer acompanhar estas Instituiçoens de exemplos proprios a mostrar praticamente a verdade, e uso das regras. E que outros podião ser mais accommodados a estes fins, do que os que o mesmo Quintiliano escolheo, e teve em vista, quando escrevia a sua arte? Elle costuma inserir na sua obra os exemplos, que são curtos, para confirmar as suas observaçoens. Quando elles porém são tão extensos, que metidos no meio das regras, interromperião consideravelmente

o fio das materias, e farião o volume desmarcado; contenta-se com os citar sómente, para se verem nos originaes. Como porém os Estudantes nem sempre tem á mão estas obras; para lhes facilitar mais a lição dellas, ajuntei no fim de cada volume as peças originaes de Eloquencia, quer em prosa, quer em verso, Gregas e Latinas, a que Quintiliano se remette no corpo das suas Instituiçoens, e as fiz imprimir por extenso, extrahidas das melhores ediçoens, pela mesma ordem, em que vem citadas em Quintiliano. Nas notas se indica o numero, debaixo do qual vão adiante. Taes forão os motivos, e methodo, que segui neste meu trabalho. Se elle poder diminuir em parte as difficuldades, que os principiantes sentem no estudo de Quintiliano, e servir de algum allivio ás fadigas dos Professores, que tem a seu cargo explical-o nas aulas publicas; dal-o-hei por muito bem empregado, e me consolarei com o gosto interior de ter servido em alguma cousa ao adiantamento litterario de meus Compatriotas.

INDICE

DOS

CAPITULOS, E ARTIGOS DESTE I TOMO.

LIVRO I.

DA ELOQUENCIA EM GERAL.

LIVRO II.

DA INVENÇÃO, E DISPOSIÇÃO.

INSTITUIÇÕES ORATORIAS
DE
M. FABIO QUINTILIANO.

LIVRO PRIMEIRO.

DA ELOQUENCIA EM GERAL.

CAPITULO I.

Que cousa seja Eloquencia.

(L. II. c. 16.)

Duas causas da variedade das Definições.

ANtes de tudo he preciso saber que cousa he Eloquencia. Esta tem sido definida diversamente; á qual variedade tem dado occasião duas questões, sobre que se tem dividido os authores: huma a respeito da qualidade moral desta arte, outra sobre os termos, com que se deve definir.

ARTIGO I.

Definições nascidas das differentes opiniões sobre a sua qualidade.

Differentes opiniões sobre a sua qualidade. 1. causa.

§. 1. A diversidade de sentimentos sobre a primeira questão tem feito tambem a primeira, e principal differença das definições. Porque huns julgão, que ainda os homens máos se podem chamar oradores, outros porém (de cujo sentimento eu sou)

querem que este nome, e profissão só pertença ao homem virtuoso.

1. e 2. *Definição.*

§. II. Os authores que separão a Eloquencia da virtude, este louvor o maior, e mais dezejavel da vida, pela maior parte julgarão que o officio de Orador consistia em *persuadir*, ou em fallar de um modo capaz de persuadir; porque isto tambem o póde fazer quem não he virtuoso. A definição pois da Eloquencia a mais commua entre estes authores he chamar-lhe, *Huma força de persuadir.* O primeiro que deu origem a esta definição, foi Isocrates (se acaso huma arte que corre debaixo do seu nome, he verdadeiramente delle) (*a*) o qual, ainda que esteja bem longe de querer desacreditar esta profissão, com tudo definio inconsideradamente a Eloquencia chamando-a *Artifice da persuazão.*

3. *Definição.*

Gorgias em o Dialogo de Platão, que tem o mesmo nome, dá com pouca differença a mesma definição; Platão porém quer se tenha como definição de Gorgias, e não sua: Cicero tambem deixou escrito em muitos lugares (*b*) que o officio de Orador era *fallar de hum modo accommodado para persuadir*, e nos livros *da Invenção* [dos quaes elle depois se mostrou descontente (*c*)] diz que o fim desta arte he *persuadir.*

Refutão-se.

§. III. Porém tambem persuade o dinheiro, o valimento, a authoridade de quem falla, a dignidade,

(*a*) Fabricio Biblioth. Gr. II, 26, 5 mostra com o testemunho de muitos AA, que Isocrates compuzera huma Arte de Rhetorica. He provavel fosse esta mesma a que corria com o seu nome no tempo de Quintiliano, de cuja genuidade elle não duvida, se não para diminuir a authoridade desta definição.

(*b*) *Do Orad.* I, 31. *Acad.* I, 8. *A Herenn.* I, 2. *De Inv.* I. 5.

(*c*) Delles assim falla no I. *do Orad.* C. II.: *Quae pueris aut adolescentulis nobis ex commentariolis nostris inchoata ac rudia exciderunt, vix hac aetate digna et hoc usu.*

e emfim o mesmo aspecto mudo de hum réo, que se faz recommendavel, ou pelos seus serviços, ou pela sua figura miseravel, ou pela sua formosura. Com effeito, quando Antonio defendendo a M. Aquilio (a) lhe rasgou o vestido, e descobrindo as cicatrizes das feridas, que em seu peito tinha recebido em defeza da patria, moveo o povo Romano a perdoar-lhe: não deveo elle este bom effeito á sua eloquencia, mas sim a huma especie de violencia, que com aquelle espectaculo fez aos olhos do povo Romano. De Sergio Galba (b) sabemos tambem assim pela relação de muitos, como pela mesma accusação de Catão, que a unica causa porque escapou á condemnação, foi a commiseração que excitou no povo presentando-lhe

---

(a) M. Antonio em Cicero *Do Orad.* Liv. II. C. 47. diz brevemente como fizera aquella Peroração com que salvou a M. Aquilio. Ella he tocante, e se póde ver no lugar citado. Este M. Aquilio tinha sido Consul no anno de Rom. 652. Governou como Proconsul a Sicilia em 653, e depois de terminar a guerra dos servos, mereceo a honra da Ovação. Depois accuzado dos furtos, e vexações feitas no governo foi defendido por M. Antonio. Este Aquilio he aquelle mesmo que mandado á Azia a restituir Nicomedes, e Ariobarzanes aos seus estados, foi prezo, e entregue pelos Cidadãos de Mitylena a Methridates, que o mandou matar em Pergamo, lançando-lhe na boca ouro derretido.

(b) Q. Sergio Galba depois de ser Pretor em Roma obteve o governo da Hespanha no anno de 604. Os Lusitanos, tendo-lhe enviado embaixadores a pedir a paz, lha concedeo com as condições as mais vantajosas. Em consequencia do que, congregando-se os Portuguezes para concluir o tratado, por huma perfidia a mais negra, se virão de repente cercados, e envestidos dos Romanos. De quarenta mil que erão, parte forão mortos desapiedadamente, parte reduzidos a cativeiro, e vendidos. Galba foi logo chamado a Roma, e accusado desta perfidia pelo Tribnno L. Scribonio. Catão orou a causa dos Portuguezes contra Galba com tanta inteireza, e força, que o fez summamente odioso ao Povo, e parecia hia a ser condemnado irremediavelmente, se Galba, como quem já hia a morrer, não trouxesse diante do povo o filho de C. Sulpicio Gallo seu parente ha pouco fallecido, e de grata memoria, e duas crianças suas encommendando-as a tutella do P. R. A memoria de Gallo, a orfandade do pupillo, e a compaixão das crianças, de tal sorte enternecerão o povo, que Galba foi absolvido no an. de 605. Esta impunidade porém suscitou em Viriato hum inimigo formidavel aos Romanos, que feito Chefe da nação Portugueza lhe deu muito que cuidar.

seus proprios filhos, e o de Gallo Sulpicio, que levou em seus braços. Phrynes, tambem se assenta, fora absolvida não em consequencia do discurso de Hyperides, ainda que, admiravel, mas á vista de seu corpo, que sendo aliás formosissimo, ella tinha tido o cuidado de descobrir abrindo a tunica. (*a*) Ora se tudo isto persuade, não he boa a definição de que acabamos de fallar. (*b*)

Definições de Gorgias e de Teodectes.

§. IV. Por estas razoens alguns Authores sendo do mesmo sentimento a respeito da qualidade moral da Eloquencia, julgarão dar-lhe huma definição mais exacta, dizendo era *Huma faculdade de persuadir por meio do discurso*. Esta definição lhe dá Gorgias no dialogo assima citado, obrigado em certo modo pela força das razoens de Socrates. A mesma quasi dá tambem Theodectes na arte que corre com o seu nome, ou seja realmente delle, ou, como se crê, de Aristoteles. (*c*) Nella se diz, que o fim da Eloquencia he *mover os homens por meio do discurso áquillo, a que o Orador quizer.*

Refutão-se.

Mas nestas mesmas definições não se dá huma idêa justa da Eloquencia. Porque ha muitos que persuadem com as palavras, e movem os homens ao que querem, sem com tudo serem Oradores. Taes são por

---

(*a*) Depois da absolvição escandalosa de Phrynes fez-se hum decreto em Athenas, em que se prohibio mover a compaixão a favor dos réos, e se mandou, que estes, sem serem vistos, fossem julgados, Atheneo Lib. XIII. 6.

(*b*) Persuade, mas metaphoricamente, e não como a Eloquencia. *Persuadir* propriamente he *suadendo perficere*, isto he, *por meio de razoens, e motivos determinar a vontade do homem, e resolvel-a a uma acção.* A *persuazão* pois suppoem antes a *suazão*, para assim me explicar, e esta o discurso. O dinheiro pois, o respeito, a auctoridade, a formosura, e os objectos lastimosos determinão tambem a vontade, mas por meio de sensacoens agradaveis, e não por via do discurso. Estas cousas inclinão mais propriamente, do que persuadem.

(*c*) Veja-se neste Liv. Cap. VII. §. 2.

exemplo as meretrizes, os aduladores, (*a*) e os corruptores dos costumes. Por outra parte o que he Orador nem sempre chega a persuadir seus ouvintes; de sorte que por huma parte esta definição nem sempre convêm á Eloquencia, e por outra he commua áquelles, que estão bem longe de merecer o nome de Oradores. (*b*)

Definição de Aristoteles que tambem se refuta.

§. V. Outros fugirão de meter na definição o effeito da *persuazão*, como Aristoteles, que diz, que a Eloquencia he *huma arte de descobrir tudo o que póde persuadir em o discurso.* Esta definição porém não só tem o defeito de que assima fallamos, mas álem delle tem outro, que he o não comprehender

(*a*) Para eludir esta refutação de Quint. contra a definição vulgar da Eloquencia *vis persuadendi* he que alguns lhe accrescentarão *dicendo.* Pois, ainda que o dinheiro, credito etc. persuadissem nunca persuadião com o discurso. Quintiliano porém afim de cortar este subterfugio oppoem o exemplo dos aduladores, e meretrizes, que se servem das palavras para atrahir, e persuadir, sem com tudo serem oradores. O que sendo assim não sei que alucinação foi a de Gunero a este lugar; para querer em lugar da vulgata de todos os Mss. *adulatores* a conjectura *aleatores*, dizendo *taceo quod oratione fere hi (adulatores) utuntur*, *et vix commode collocari hic possunt*, *ubi dicendi vis excluditur.* Tão longe está de se excluir neste § o meio do discurso, que antes este faz toda a differença destas definiçoens ás antecedentes.

(*b*) Se as más mulheres, aduladores, e corruptores empregão os meios legitimos da persuazão para enganarem, abuzão sim da Eloquencia, mas isto mesmo prova, que a tem; porque não poderião abuzar della sem a terem. Se empregão outros meios estranhos á Eloquencia, nada tem esta com isso. O abuzo destroe os habitos moraes virtuosos, porque implica virtude com abuzo; mas não os habitos Intellectuaes, que subsistem com elle. Ora a Eloquencia pertence á Classe dos Intellectuaes, e não dos Moraes como Quint. enganado com o systema dos Stoicos quer persuadir no Cap. XX. do Liv. II. Quanto ao outro defeito destas definições não convirem sempre a Eloquencia, porque nem sempre consegue o persuadir: a natureza das faculdades, e habitos não he produzir sempre o seu fim, mas de ordinario, e com facilidade: álem de que *Persuadir* nestas definições póde-se tomar pelos esforços do Orador, e meios proprios, que emprega para esse fim, o que elle sempre faz.

senão a *Invenção*, a qual sem Elocução não póde constituir um discurso Oratorio. (*a*) .... *

ARTIGO II.

Differença das Definições nascida dos differentes termos. (*b*)

Differentes termos empregados nas definições 2. causa da sua variedade.

§. I. EStas são as definições mais celebres, e sobre as quaes se disputa. Não trouxemos aqui todas, o que não só seria huma cousa impertinente, mas impossivel. Pois que, os que escreverão sobre esta Arte se tem deixado levar de hum brio, ao meu parecer, mal entendido de não definir a Eloquencia com os mesmos termos, de que outro antes se tivesse servido.

Definição de Quintiliano.

Eu não me deixarei levar desta vaidade. Direi não as minhas descobertas, mas entre differentes opiniões a que mais me agradar, assim como esta, que a Eloquencia he a *Sciencia de fallar bem;* pois achado huma vez o melhor, quem procura outra cousa, quer certamente o peor. Isto supposto, já se vê qual seja o fim da Eloquencia, isto he, aquelle termo ultimo a

(*a*) Arist. Rhet. Liv. I. C. II. explicou-se com a palavra τοῦ θεωρῆσαι, *Faculdade de ver tudo o que póde persuadir no discurso*, a qual é mais geral que a de *inveniendi*, e póde comprehender não só a Invenção, mas a Disposição, e Elocução. Nós verdadeiramente descobrimos em qualquer discurso não só os pensamentos, mas a sua ordem, e expressão, e assim Cicero, e Hermogenes comprehenderão debaixo do nome de Invenção tratados completos de Rhetorica. Todas estas definições pois, que Quintiliano rejeita, são boas, e se reduzem a esta *vis dicendi apposite ad persuadendum.*

(*b*) A este artigo pertencia uma lista enfadonha de definições que traz Quintiliano pela maior parte só differentes no modo de enunciar-se. Eu as omitti como desnecessarias, e Quint. mesmo não faz muito caso dellas.

que toda a arte se encaminha. Porque se a Eloquencia he huma sciencia de fallar bem, o seu fim será *fallar bem.* (*a*)

CAPITULO II.

Se há huma Arte de Eloquencia?

(L. II. 18. 2.)

Que haja huma arte de Eloquencia parece indubitavel.

§. I. PAssemos já a estoutra questão: *Se a Eloquencia tem huma arte?* O que he hum ponto tão indubitavel entre os que della escreverão preceitos, que elles mesmos tem intitulado suas obras da *Arte de fallar*, e Cicero (*b*) dá o nome de *Eloquencia Artificiosa* áquillo a que vulgarmente chamamos Rhetorica. Nisto tem tambem assentado não só os Oradores que tinhão o interesse de dar algum merecimento a seus estudos, mas ainda os Philosophos assim Stoicos, como a maior parte dos Peripateticos. He isto huma cousa para mim tão evidente, que confesso me vi per-

(*a*) A definição de Quintiliano tem dois vicios pelos quaes se deve rejeitar. O 1. he, pôr o fim da Eloquencia em *fallar bem*, não sendo este se não hum meio para conseguirmos o fim verdadeiro, e ultimo da *persuazão.* Fallar bem, só por fallar bem, seria uma vangloria não tendo hum objecto mais importante ao homem, qual he a persuazão da verdade, e da virtude. 2. o ser fundada em principios falsos da Philosophia Stoica, quaes são estes: que a Eloquencia he uma virtude moral; que uma virtude não póde existir sem todas as mais juntas; e que o Orador he sempre essencialmente *vir bonus dicendi peritus* (vej. Liv. II. C. XX. e Liv. XII. C. II.) o que he falso, pois a probidade, e bondade exprimida he essencial ao Orador, a real he-lhe tão necessaria como a qualquer outro homem na sociedade. Em consequencia daquelles principios: Quintiliano toma na sua definição a palavra, *bene*, em dois sentidos, um moral, *honeste*, outro Rhetorico, *apte*, e estas duas significações simultaneas, álem d'huma ser falsa, fazem a definição equivoca, e escura, nova razão para se dever rejeitar.

(*b*) De Inv. Lib. I, 5.

plexo, se trataria, ou não similhante questão. Porque quem há, não digo já tão falto de letras, mas ainda tão desprovido do senso commum, que julgue há huma arte de edificar, de Tecelão, e Oleiro, e que este talento da palavra tão excellente, e bello, podesse chegar ao sublime gráo de perfeição, a que chegou, sem o subsidio de huma Arte? (*a*)

Porque razão puzerão isto em questão.

Na verdade eu assento que alguns Authores que pertenderão provar o contrario, não fizerão isto, tanto por assim o julgar, (*b*) quanto para exercitar

---

(*a*) Isto não obstante o mesmo ponto se tem novamente posto em questão na França desde o principio deste seculo, e tratado com calor entre Mr. *du Bois* da Academia Franceza, e Mr. *Arnaud*, e a mesma disputa foi continuada depois entre o P. *Lamy* Benedictino por huma parte, e Mr. *Silleri* Bispo de Soissons, e Mr. *Gibert* Professor de Rhetorica no Collegio de Mazarino por outra. Todos os Papeis concernentes a esta disputa se podem ver juntos em o pequeno livro impresso em casa de Josse em 1700, que tem por titulo *Reflexions sur l'Eloquence*, e nas obras de Mr. *Gibert* intituladas *De la veritable Eloquence*, ou *Refutation des Paradoxes sur l'Eloquence avancés par l'auteur de l'a Conoissance de soi-meme.* Pariz 1703. Ultimamente suscitou a mesma questão nos nossos tempos em Hespanha Bento Feijó em huma das suas Cartas Eruditas dizendo, que a Eloquencia he hum dom da natureza, e que a arte he inteiramente inutil, e Mr. *d'Alambert* em França sustentando o mesmo paradoxo assim na Encyclop. art. *Eloquence* como nas suas *Reflexoens sobre a Elocução oratoria*, Melanges tom. II. pag. 317.

(*b*) Não poderemos nós dizer o mesmo dos Philosophos do nosso tempo, que tem declamado contra a Rhetorica? Elles louvão o excellente tratado de Cicero sobre o *Orador*, o de Longino do *Sublime*, e outros muitos que tratão de Bellas Letras, e litteratura debaixo de titulos differentes. A Poezia certamente deve ser mais hum talento natural que a Eloquencia: com tudo Mr. d'Alembert requer a Arte Poetica para a regular, e recommenda como o *Codigo de bom gosto* a de Horacio escripta aos Pizoens. Mr. d'Alembert mesmo na Encyclopedia, e nas suas Miscelanias de litteratura compoz varios artigos concernentes á Eloquencia. Que devemos pensar pois, quando elle invectiva contra a Rhetorica? Se não que esta Rhetorica falsa, occupada em minucias inuteis, e rediculizada com o nome de Rhetorica do Collegio, he que foi o objecto verdadeiro das suas declamações, e não estes tratados de Bom gosto, que fixão as verdadeiras idêas, que devemos ter do Bello em materias de Eloquencia, e Poezia?

seus engenhos em huma materia difficil, como lêmos fizera Polycrates louvando a Busyris, e a Clytemnestra, posto que do mesmo se diz compozera tambem huma Oração contra Socrates, que se pronunciou (*a*), o que he hum paradoxo similhante aos antecedentes.

Opinião contraria de Antonio e Lysias.

§. II. Querem alguns que a Eloquencia seja hum *talento natural*, (*b*) sem com tudo, desconvirem que o Exercicio o póde ajudar muito. Antonio nos livros do Orador de Cicero (*c*), diz que a Eloquencia he huma pura, e simples observação, e não arte. O que Cicero lhe faz dizer, não para assim o ter-mos entendido, mas só afim de dar a Antonio hum cara-

---

(*a*) Quintiliano depoem da fama: A accuzação porém de que se servirão Anyto, e Melito contra Socrates, não foi esta de Polycrates, que foi verdadeiramente hum discurso Epidictico, e declamatorio, como mostra Periz. a Elian XI, 10.

(*b*) Os Escriptores do nosso tempo, que defendem o mesmo paradoxo, não tomarão outro meio termo para mostrar a inutilidade das regras, se não o mesmo dos antigos, de que são Ecos. Mr. *du Bois: Reflecões sobre a Eloquencia* pag. 339. diz: *Que hum bom Espirito he infallivelmente eloquente do modo, que o deve ser, isto he, sem pensar que o he, e pela direcção unica de sua disposição interior, que o conduz por si mesma a tudo o que se pode dezejar em materia de Eloquencia. Esta mesma disposição o conduz tão seguramente, e lhe faz guardar medidas tão justas, que as regras da Eloquencia não forão tiradas se não do que se observou em os que erão Eloquentes deste modo.* O P. Lamy: *Que a Rhetorica he inutil aos que tem dado passos nas Sciencias, e que tem o juizo já formado, Que o homem sabe naturalmente a arte de fallar, como a de nadar, e que não lhe falta mais do que huma segurança honesta: Que hum homem de talento munido do amor, e conhecimento da verdade persuade* ex abundantia, *sem o que não persuadiria, ainda que tivesse todo o conhecimento da arte.* Mr. d'Alambert repiza as mesmas razoens de Carneades em Cicero Lib. I. do Orad. c. 89. chamando á Eloquencia um *talento*, e não huma *arte* como lhe chama a maior parte dos Rhetoricos. *Porque toda a arte* (diz elle) nas suas Miscelanias lugar já citado, *se adquire com o estudo, e exercicio, e a Eloquencia he hum dom da natureza.* Como pois estes termos vagos de *natureza* e *arte*, tem feito em todo o tempo toda a bulha, analyzemol-os, e determinemos a sua significação para acabar d'huma vez com esta disputa. Isto vou a fazer nas notas aos §§. seguintes.

(*c*) De Orat. Lib. I. cap. 20. e II. 7.

cter conveniente a seus costumes, hum dos quaes era disfarçar sempre a arte em seus discursos. Lysias tambem parece seguir a mesma opinião.

1. *fundamento desta opinião.*

As provas desta opinião são as seguintes. Dizem que os ignorantes, os barbaros, e os mesmos escravos quando tratão de se defender, fazem sua especie de exordio, narrão, provão, refutão, e empregão por fim as supplicas, que são huma especie de epilogo. (*a*)

(*a*) Logo, concluem elles, se os que não aprenderão as regras são eloquentes, a Eloquencia he hum talento *natural*, e não tem *arte*. A isto he facil responder. A Eloquencia he huma faculdade, isto he, hum habito. Ora todos os habitos tem por fundamento a natureza, quero dizer a conformação natural, e mechanica das partes, e fibras donde depende o seu exercicio. A Dança suppoem a proporção nos membros, a força, e flexibilidade nos musculos. A Musica requer o instrumento vocal bem organizado. Da mesma sorte os habitos intellectuaes tem por fundamento as fibras do cerebro apropriadas a cada classe de conhecimentos, naturalmente dispostas a receber, e conservar as impressoens dos objectos necessarias a estes habitos. Neste sentido he verdade o dizer não só da Eloquencia, mas de qualquer arte, ou Mechanica, ou Liberal que he hum *talento*, *e dom da Natureza.* Porém se com isto se quer dar a entender, que a Eloquencia he hum habito natural, e innato ao homem; como aos habitos necessariamente hão de preceder as sensações, e juizos individuaes, seria precizo dar estes tambem por innatos, o que he falso. Vej. O Abb. de Condillac, *Tratado dos Animaes.* Cap. I.

Porém poder-se-ha dizer, que o *persuadir* he hum talento natural ao homem como o *andar*, e o *fallar*, e outros, que as necessidades naturaes, e as circunstancias mesmas ensinão ao homem sem a ajuda de Mestre. Eu concedo que póde haver huma tal, ou qual Eloquencia adquirida só com o uso, e exercicio, sem o estudo das regras. Mas estas certamente sempre as haverá em qualquer discurso eloquente. Quem persuade, persuade por alguma razão certa, e se por alguma razão certa, então em conformidade das regras. Que differença vai pois do Orador puramente pratico e empirico, ao que, as mais cousas iguaes, tem o conhecimento reflectido das regras? Muito grande. O primeiro não tem mais, que hum conhecimento confuso das regras; se persuade, persuade por acaso, e não em consequencia de noçoens geraes, e distinctas, que tenha, mas só dirigindo-se pelos factos, e exemplos singulares. Reprezentando-se por meio da imaginação o que elle mesmo, ou outros tem practicado em caso similhante, o máo, ou bom successo que tiverão, depois com-

2. *fundamento.*

Ajuntão mais este falso raciocinio: (*a*) Nada que

---

parando hum caso com outro julga pela analogia, que será tão bem succedido agora, como foi então em caso similhante. Deste modo não faz mais que imitar os exemplos passados, sem entrar nas razoens do que obra.

Ora este conhecimento confuso o hade enganar muitas vezes na pratica, parecendo-lhe caso analogo aquelle que não he. Hãode equivocar-se a cada passo, e tomar por verdadeiras belezas, as falsas, e procurando fugir de hum vicio hãode cair em outro; porque lhes falta a Arte que lhes ensina a distinguir huma cousa de outra. Já Horacio o disse fallando dos Poetas na Epist. aos Pisoens. v. 25. e 31.

Maxima pars vatum ....
Decipimur specie recti ...
In vitium ducit culpae fuga, si caret Arte.

Assim este Empirismo puro tem sido fatal a todas as Artes, e Sciencias. Elle tem feito a Moral dos Cazuistas, a Rabulice dos Praxistas, a Medicina dos trampões, e o *Cacozelon*, ou má affetação dos Declamadores. Em fim nenhuma arte até agora chegou á sua perfeição em quanto as Regras, e o Methodo, isto he, a sãa Philosophia, e a razão não guiassem os seus passos, e dirigissem as suas practicas. Concluamos pois contra Alembert que a Eloquencia he ao mesmo tempo hum *talento*, e huma *arte*. Talento; em quanto suppoem as disposições naturaes, e arte em quanto estas precizão de ser dirigidas no seu exercicio, para não contrahirem habitos viciosos. v. Quint. II, 12.

(*a*) Este raciocinio, de que ainda hoje se servem os inimigos da Rhetorica, e he o seu argumento Achilleo, he hum verdadeiro Paralogismo 1. Porque suppoem, que todas as Regras tem sua origem da observação, ao mesmo tempo que muitas dellas forão achadas pela reflexão mesma, e boa Philosophia, que guiou os primeiros Oradores nas suas practicas, e podia igualmente guiar os seguintes independentemente da imitação.

2. He verdade, que huma grande parte da Rhetorica nasceo da observação, e que esta suppoem os factos antecedentes: Porém estes não são só as peças eloquentes, mas tambem as não eloquentes, e viciosas, e estas ainda mais. Porque os homens de ordinario entrão no caminho verdadeiro corrigindo-se de seus erros, e aprendendo á custa dos outros. Ainda agora este he hum dos melhores modos de aprender: v. Quint. II. 5. Todas estas regras pois nascidas dos defeitos do discurso, e da observação sobre os erros, e quedas dos máos oradores não suppoem antes de si a Eloquencia já creada.

3. As mesmas observações sobre os modelos eloquentes forão feitas gradualmente, pouco a pouco, e muito de vagar. Forão necessarios muitos esforços do engenho, muitos exames, muitos

tenha origem da Arte podia existir antes della. Ora os homens em todo o tempo orárão as suas causas, e contra os outros; e os Mestres de Rhetorica não apparecerão, senão muito tarde pelos tempos de Tisias, e Corax (*a*). A' Eloquencia pois existio antes da Arte, e por consequencia não depende della.

Refuta-se este 2 fundamento.

§. III. Nós não nos cançaremos agora em indagar a primeira origem desta Arte, que he escura; bem que em Homero (*b*) vemos Phenix dado a Achilles, por *mestre assim de bem obrar*, *como de bem fallar:* achamos muitos Oradores, e a distincção dos tres principaes generos de estilo nos discursos dos tres Chefes. Ahi se vêm tambem mancebos disputarem sobre quem havia de levar a palma na Eloquencia, e no mesmo escudo de Achilles se reprezentão esculpidos actores litigando sobre certa causa.

Basta só advertir que tudo aquillo, a que a Arte deu a perfeição, tem seus principios, ainda que rudes, na natureza: se estes bastão, então desterre-se a Medicina, que deve sua origem á observação das cousas saudaveis, e nocivas, e he, segundo alguns,

---

seculos de experiencias, e ainda de erros para se formar este systema completo de observações a que damos o nome de Arte. Cada huma destas observações por si suppoem antes alguma eloquencia ainda que imperfeita, que constituisse o seu objecto. Mas todas estas observações juntas em corpo de Arte são anteriores á Eloquencia perfeita como sabemos da historia. Querer pois agora desterrar inteiramente estas observações, e experiencias dos antigos sobre a Arte da Palavra, e obrigar os homens a observar só por si mesmos, seria prival-os dos trabalhos uteis dos que os precederão, e reduzil-os por este modo em todas as Artes, á infancia do mundo, e ao estado de salvagens para tornarem a começar a carreira dos nossos conhecimentos no fim da qual felizmente nos achamos depois de perto de seis mil annos do estudo, e observação. He bom pois que observemos. Porém (como diz Quint.) *illis quoque habenda gratia, per quos nobis labor detractus est.*

(*a*) Corax e Tisias florecerão pela Olymp. 84. antes de J. Christo 440. an.

(*b*) De Phenix Iliad. IX. v. 443. Dos tres Chefes, ib. Dos Certames XV, 283. do escudo XVIII. v. 497, até 508.

toda Empirica: porque, antes della se reduzir a corpo de sciencia, alguns souberão ligar huma ferida, e curar huma febre com o descanço, e inedia guiados mais da necessidade, que da razão. Digamos tambem que a Architectura não he huma arte; porque sem ella fabricarão os primeiros homens suas cabanas. Digamos o mesmo da Dança, e da Musica; pois não ha nação alguma, em que não haja hum tal, ou qual exercicio destas artes. Concluamos pois; que se qualquer casta de discurso merece o nome de Eloquencia, então he esta anterior á arte. Porém se nem todos os que fallão se podem chamar Oradores, nem os que antes da Arte fallavão em publico o fazião como verdeiros Oradores; então devemos confessar que a Arte he a que fórma o orador (*a*), e que este por consequencia de nenhum modo póde existir antes della.

(*a*) Diz: *forma*, e não *faz*. Porque a Arte suppoem como materia sugeita das disposições naturaes, e o que faz, he dar a fórma a esta materia dirigindo o talento natural, regulando todos os seus passos, e prescrevendo o methodo para não errar nem no objecto das suas applicações, nem nos meios, nem no uso delles. Ninguem disse até agora, o que os antagonistas da Rhetorica suppoem; que a Arte faz oradores. As regras de si são estereis, nenhuma fecundidade dão ao espirito, não crião o genio; mas encaminhão-no, mostrão-lhe os precipicios, demascarão as falsas bellezas, que impoem aos ignorantes. Este he o sentido em que todos os antigos Mestres reconhecem a necessidade absoluta da Arte para a Eloquencia e Poezia.

« Eu confesso (*diz Longino de Subl. sect. II.*) que em todas as « nossas producções he necessario suppôr sempre a natureza « como a baze, principio, e primeiro fundamento. Mas tam« bem he certo, que o nosso Espirito tem necessidade de hum « methodo, que lhe ensine a não dizer mais do que he preci« zo, e a dizel-o em seu lugar, e que este methodo póde con« tribuir muito para adquirir o habito perfeito do sublime. « Porque assim como os navios correm o risco de se perder « abandonados á sua leviandade, e inconstancia: assim o mesmo « succede ao sublime, se se deixa á impetuosidade de huma « natureza ignorante, e temeraria. Demosthenes diz, que o « maior bem da vida é o *ser feliz*, e que o segundo e não me« nor, sem o qual o primeiro não póde substituir, he o *saber* « *usar bem desta felicidade*. O mesmo pois podemos dizer a res« peito da Eloquencia. A natureza tem o lugar de felicidade, e « a Arte de Prudencia. »

Em fim nenhum dos AA., que combatem a Rhetorica ne-

Refuta-se o 1. fundamento.

§. IV. Com esta resposta se satisfaz tambem á outra objecção: que não ha arte de huma cousa, que praticão aquelles mesmos, que não aprenderão, e que ha pessoas, que sem estudarem são Oradores; em confirmação do que trazem o exemplo de Demades, e Eschines Oradores Athenienses, dos quaes o primeiro foi remador, e o segundo comediante, officios bem alheios da profissão litteraria.

Tudo isto se convence de falso. Porque ninguem certamente póde ser orador sem ter estudado. E pelo que respeita a estes, devemos dizer, que não deixárão de aprender, mas sim que aprenderão tarde, ainda que Eschines desde menino aprendeo a ler, e escrever com seu Pai, que era Mestre disso. (*a*) De Demades não se sabe de certo se se applicou aos Estudos. (*b*) Porém o continuo exercicio, que tinha de orar, pôde muito bem fazel-o, qual elle foi, pois na verdade he este hum methodo bem efficaz de aprender. Alem disso podemos dizer que, dado que fosse bom orador, muito melhor sem duvida o haveria de ser com a arte, e estudo: Nem elle se atreveo a escre-

---

ga, que em materia de Eloquencia são necessarios exemplos, e modelos para se imitarem. Mas quem ha que diga, que estudando os bons livros, e imitando os grandes modelos, não sejão necessarios principios? Ninguem lê, se não para se aproveitar do que lê. Ninguem se póde aproveitar sem fazer juizo do que lê, e ninguem póde fazer juizo, sem ao mesmo tempo saber a razão, porque acha a cousa boa, ou má, e por consequencia sem subir até as regras. Qual he então o methodo mais facil, e mais curto? descobrir cadaqual por si os preceitos, como os que os inventarão, ou servir-se dos que já se achão descobertos? A cousa não tem que deliberar.

(*a*) De Eschines diz Demost. pro Coron. sect. 79. *sendo criança, foste creado em muita necessidade, fazendo mais o officio de moço, do que de menino bem creado, assistindo com teu pai na eschola, fazendo tinta, lavando os assentos, e varrendo a aula.*

(*b*) Demades he conhecido em Suidas v. *Demades*, como hum orador πανοῦργος, καὶ εὐφυής *astuto, e gracioso*, para o que he mais necessaria a esperteza, e engenho do que a Arte.

ver os seus discursos, (*a*) para por elles podermos fazer hum melhor conceito da sua Eloquencia.. .*

Opinião de Quintiliano, e sua prova.

§. V. Estas são as objecções principaes, que se fazem contra a Rhetorica. Ainda ha mais, mas deixemo-las, assim porque são de menos pezo, como porque facilmente se podem reduzir a estas. Ora que haja huma arte de Eloquencia, mostra-se brevemente com as razões seguintes. Porque ou se chame *Arte*, como quer Cleanthes, aquella que poem *hum methodo*, e *ordem regular* nas materias, (*b*) em que a não havia; e ninguem duvidará, que em bem fallar haja huma certa ordem, e hum caminho seguro, pelo qual nos devamos conduzir: ou abracemos a definição, que commummente se segue, que a Arte he *Huma Collecção de conhecimentos certos, e provados pela experiencia para alcançar algum fim util á vida* (*c*), e já mostrámos que tudo isto se acha na Eloquencia.

(*a*) Com tudo Tzetzes, ou para melhor dizer, o Rhetorico antigo, que elle compilou, lêo oraçoens delle v. Chil. VI. 36, 37., e Suidas no lugar citado faz menção de huma *dos doze annos*, em que justificava o seu governo neste espaço de tempo.

(*b*) Toda a Arte he hum Systema, e não póde haver Systema sem methodo. Este he a ordem das operaçoens. O methodo do Orador, e Poeta he muito differente do do Philosopho. Este ou quer indagar a verdade, e descompondo as idêas singulares, e sensiveis, sóbe até as noçoens mais abstractas, e simplices, e este he o methodo *Analytico*; ou quer ensinal-a, e recompoem as idêas, descendo das mais simplices, e geraes, ás compostas, e singulares, e este he o *Synthetico*. O Orador como se propoem mover a vontade toma outro caminho differente. Geralmente podemos dizer, que o methodo oratorio consiste nisto: Que entre os meios de persuadir de differente genero, os que preparão sempre devem preceder áquelles, para que preparão; e entre os do mesmo genero a ordem de gradação ascendente he sempre preferivel.

(*c*) Não he outra a noção que os nossos Philosophos tem formado da Arte em geral, ella he (diz Mr. Sulzer) *hum systema raciocinado de operaçoens destinadas, e proprias a produzir hum effeito, que se não podia esperar da natureza só.* Por esta definição toda a arte suppoem necessariamente, 1. hum effeito

Novas provas da mesma opinião.

Alem disso, esta he como as mais Artes, pois consta de Theoria, (*a*) e Pratica. Mais; se a Dialectica

---

determinado, e previsto. 2. Operaçoens destinadas, e proprias á produzil-o seguramente. 3. Regras conhecidas, e fixas, segundo as quaes se obre. 4. Hum effeito, e meios, que se não podião esperar da natureza só, mas que exigem conhecimentos, e hum habito de acção adquiridos pelo estudo, e exercicio.

Conhecimentos pois sem acçoens; acçoens sem effeito determinado, e previsto; operaçoens sem hum fim, sem conhecimentos, sem regras; effeitos produzidos sem luzes adquiridas pelo estudo, sem habitos de acção contrahidos pelo exercicio, não constituem huma arte. A arte pois aperfeiçoa a natureza subministrando ao homem novas forças, para conseguir hum effeito, que aliás não poderia. A mesma palavra *Ars*, ou *Arte*, vem do Grego ἀρετη *vis*, *virtus*, *força*, e esta de Ἄρης.

(*a*) A natureza das causas determina a dos effeitos. A natureza dos effeitos, que se tem em vista, determina pois tâmbem a das causas, ou dos meios, que se hão de empregar para os produzir. Toda a arte pois exige conhecimentos que esclareção, e dirijão as operaçoens, e operaçoens esclarecidas, e dirigidas por estes conhecimentos. Dahi duas partes essenciaes no systema de cada arte: a *Theoria*, e a *Practica*.

Na ordem do ensino a parte especulativa deve preceder á Pratica. Porque sem conhecimentos precedentes todas as operaçoens do artista não são mais que movimentos cegos, ensaios muitas vezes inuteis, e ás vezes perigosos, e apalpadelas vagarosas, e incertas. Pelo contrario á Pratica deve-se seguir a especulação para provar os seus principios, ratificar as consequencias, verificar as supposiçoens, e mostrar a certeza de seus preceitos, e a bondade das suas regras. Se sem a pratica a especulação nos engana facilmente, e nos leva álem da verdade; a pratica só sem a especulação nos atraza, e limita os nossos progressos. Pois não se formando idêas universaes, não póde extender nossos conhecimentos álem dos factos individuaes, que ella trata; e não raciocinando sobre estes factos, mal póde tirar do que conhece estas consequencias fecundas, que conduzem a descobrimentos uteis, que aperfeiçoão as artes, produzem novas, e augmentão tanto as forças do homem.

Outra porém foi a ordem da Invenção, e seria hum erro o julgar; que as especulaçoens do Philosopho precederão no conhecimento das Artes ás praticas dos Artistas. O homem não começou por saber, e acabou por executar; antes começou por obrar, fazer ensaios, e experiencias, e depois raciocinou sobre os seus processos, e sobre os seus effeitos. He necessario ter hum grande numero de idêas antes de pôr seus principios, e delles

he arte, como quasi todos assentão, não póde deixar de a ser a Eloquencia que não differe della no genero, mas sómente na especie. Finalmente não se póde duvidar haja huma Arte daquillo em que huns obrão por acaso, e outros com regra, e em que os que aprenderão os preceitos, fazem as cousas melhor do que aquelles que não aprenderão. (*a*) Ora he certo em materia de Eloquencia, que não só o instruido nos preceitos della excederá ao ignorante, mas ainda o mais instruido ao menos instruido, e que se isto assim não fosse, não teriamos nós tantas regras, e tão grandes mestres que as ensinarão. Todos pois devem confessar que ha huma Arte de Eloquencia...*

---

tirar consequencias. Mas tambem devemos convir, que ainda que estes factos individuaes, e isolados fossem conhecidos todos sem excepção, e gravados na memoria dos homens, elles nunca darião existencia a huma arte perfeita, sem o soccorro de hum genio especulativo, que analyzasse estes factos, os combinasse, comparasse, e de suas relaçoes formasse principios, e tirasse consequencias para construir hum systema methodico de liçoens, e regras.

Do que tudo se segue, 1. que a Theoria da Eloquencia deve ser fundada sobre factos eloquentes; 2. que as operaçoens nunca conduzirião só por si a Eloquencia á sua perfeição, se não precedessem as especulaçoens, e os raciocinios de hum espirito Philosophico; 3. que he necessario ajuntar a theoria á pratica para chegar á perfeição da Eloquencia: v. Sulzer *Theoria geral das Bellas Artes.*

(*a*) He o argumento de que se serve Aristoteles Rhet. L. I. C. I. para mostrar, que a Eloquencia tambem he huma Arte: *Todos*, diz elle, *até hum certo ponto se esforção por descobrir, e sustentar huma razão, e por defender, e accuzar hum facto, e entre o povo, huns fazem isto por acaso, e outros por costume, e habito. Ora succedendo isto de hum, e outro modo: está claro, que o mesmo se póde fazer com certo methodo; pois podemos averiguar as razoens, e cousas porque conseguem o fim que dezejão, assim os que fazem isto por habito, como os que o fazem por acaso. Ora todos confessarão que á Arte he que pertence dar estas regras, e que esta he a sua obra propria.* Havendo pois huma arte, he facil de ver pela historia desta, e da Eloquencia a verdade do que diz Quint. que, as mais cousas sendo iguaes, o que aprendeo a arte faz melhor as cousas do que aquelle que a não aprendeo. V. Hist. da Reth. Cap. VI. no princ.

CAPITULO III.

Do abuso, e uso da Arte.

(L. II. c. 13.)

Erro, e abuso das Regras.

§. I. NEnhum porém exija de mim esta casta de preceitos, que vejo dar a quasi todos os Rhetoricos, prescrevendo a seus discipulos como humas leis indispensaveis e immudaveis, a necessidade de hum *Exordio*, e o modo de o fazer, depois a *Narração*, e as suas regras, a *Proposição* depois, ou como alguns querem a *Digressão*, dahi *certa ordem de questoens*, e assim outras mais, que alguns dos principiantes seguem como por obediencia, e tão servilmente, como se a cousa não podesse ser de outro modo. Seria na verdade a Eloquencia huma arte bem curta, e facil, se se contivesse em hum aranzel destes tam breve, e uniforme. Mas as regras varião segundo os casos, os tempos, a occasião, e a necessidade.

Sua extensão, e uso.

§. II. Por isso a cousa mais essencial em hum Orador he a *Prudencia*, porque esta varía os expedientes segundo a occurrencia dos casos. Que farias tu em dar a hum General, para formar hum exercito em ordem de batalha estas regras: *que he preciso arranjar a vanguarda, avançar as duas alas, e postar na frente dellas a cavalaria?* Esta será talvez a melhor fórma, quando tiver lugar. (*a*) Porém será preciso mudal-a

(*a*) A Tactica Romana, ou sciencia de ordenar hum exercito continha regras geraes para a sua fórma regular, e ordinaria, e particulares para a irregular, e extraordinaria, as quaes dependião da habilidade, e prudencia do General segundo os casos, que occorrião. A fórma regular do campo chamada *acies instructa, acies directa*, era: pôr as Legioens Romanas no meio, e as tropas dos Alliados de huma, e outra parte em duas alas com a

segundo a natureza do lugar, se, por exemplo, se encontrar hum monte, se se nos oppozer hum rio, e se colinas, bosques, e aspereza do sitio nos não deixarem seguir aquella ordem. Será preciso mudal-a tambem segundo o genero de inimigos, que tivermos para combater, e segundo a qualidade de peleja. Humas vezes deveremos batalhar em fórma regular, outras por pelotões triangulares, aqui com o corpo de rezerva, lá com a legião, algumas vezes mesmo será bom virar as costas, e fingir huma fugida.

Do mesmo modo pois as causas he que nos ensinaráõ, se hade haver exordio, ou não, se deverá ser breve ou extenso, se dirigido á pessoa do Juiz, ou a outro por meio da apostrophe: Se a narração deverá ser precisa, ou mais larga, seguida ou interrupta, (*a*) na ordem natural, ou na inversa: O mesmo se deve dizer da ordem, com que se devem tratar os pontos da causa, pois na mesma huma parte tem muitas vezes interesse em provar primeiro hum ponto, e outra outro. Porque estes preceitos não são humas leis sagradas, ou huns Plebiscitos inalteraveis. Elles devem a sua existencia á utilidade, que os excogitou. Verdade he que de ordinario são uteis. A não ser as-

---

sua cavalaria na frente. As Legioens Romanas estavão divididas em quatro grandes corpos de *Principes*, *Soldados ligeiros*, *Hastados*, e *Triarios*, e cada hum destes em dez manipulos. Os quatro grandes corpos, ou linhas erão separados no campo com ruas travessas, que partião de huma ala a outra, e os Manipulos com ruas direitas, que hião da Vanguarda até a Retaguarda, tendo cada hum por insignia a sua bandeira. A fórma irregular, e extraordinaria, que se lhe dava segundo a urgencia, era já a de huma Cunha (*Cuneus*) já de huma tenaz (*forceps*) contraria á primeira, já outras como á de *Turris*, *Laterculus*, *Serra etc.* Quint. serve-se a cada passo da *Tactica Romana*, como de semelhança para a Eloquencia v. L. II. C. X. §. II. e XII. Art. 2. §. 2.

(*a*) A narração nas causas demonstrativas não he seguida, mas interrupta. Depois de expôr hum facto, antes de passar a outro, se amplifica aquelle que expuzemos. As Narraçoens pois deste genero vem a ser cortadas pelas amplificaçoens. Outras vezes a narração não deve ser seguida, mas interrompida para se fixar melhor na memoria. Então a narração vai alternada com a prova. Cicero seguio este modo contra Verres. V. Arist. Rhet. Lib. III. c. 16.

sim, nem eu tomaria o trabalho de os escrever. Mas se aquella mesma utilidade nos aconselhar outra cousa, devel-a-hemos seguir, e desemparar a authoridade dos Mestres.

Não ha regras universaes sem excepção, se não duas.

§. III. Na verdade *huma advertencia importante farei eu, e a repetirei huma, e muitas vezes;* (a) e he que o Orador não perca de vista estes dous pontos: *Que cousa seja decente, e que cousa seja conveniente.* (b) Ora muitas vezes he conveniente mudar em parte

(a) Quint. applica aqui o verso de Virg. Eneid. III. 436. *Praedicam ac repetens iterumque, monebo*, parodiando a primeira palavra, e mudando-a em *praecipiam*.

(b) Estes são os dois eixos, sobre que se sustenta todo o Systema das regras sobre a Eloquencia, e toda a Rhetorica não he outra cousa mais que a analyse, e a explicação miuda destas duas idêas summamente complexas o *Decoro*, digo, e o *Util*. Cicero conheceo toda a importancia do primeiro, quando no I. do Orad. disse *Caput artis decere*, e Quint. tomando emprestado da boca de Heleno este pequeno Exordio para recommendar estas duas regras, estava bem persuadido da sua gravidade. Assim estas duas regras são os dois pontos, que elle nunca perdeo de vista nas suas Instit. Orat., e as chaves que nos abrem a intelligencia de muitos lugares.

O *Decoro*, e o *Util* são duas cousas muito differentes em materia de Eloquencia. Lysias diz Quintil. XI, 1., que no seu tempo era tido pelo melhor orador, tendo trazido a Socrates huma oração em sua defeza, este se não quiz servir della *cum bonam quidem, sed parum sibi convenientem judicasset.* Esta oração pois de Lysias *expediebat*, era util, mas *non decebat*, não era decorosa. Tanto estas duas cousas são differentes!

Mas em que consiste este *Decoro*, e *Util*? Qual he a differença de hum e outro? A Eloquencia tem seu fim que he a Persuasão. Para conseguir este, emprega certos meios que não são outros mais, que certos pensamentos, certa ordem, expressão, e acção. A relação do ponto ou pontos, que o Orador se propoem persuadir com as nossas necessidades, e a relação daquelles meios com o fim he o que constitue o *Util;* e a relação do mesmo fim, e meios com o tempo e lugar, onde se falla, com a materia que se trata, com as pessoas, tanto dos que fallão, como daquelles a quem se falla, he o que constitue o *Decoro*. Estas relaçoens, de que resulta o util, e o decoro, humas são physicas nascidas da mesma natureza das cousas, e invariaveis; outras de instituição, fundadas nas opinioens, usos, e costumes dos homens, e por isso variaveis, como elles. Humas, e outras são necessarias á Eloquencia.

a ordem, e methodo estabelecido pelas regras da arte, e algumas vezes tambem isto mesmo he decente, como vemos, que nas Estatuas, e Pinturas se varião as figuras, os semblantes, e as situaçoens. . . Na pintura a face inteira, he mais bella. Com tudo Apelles pintou o retrato d'Antigono de perfil, para lhe encobrir a deformidade da falta de hum olho. E não temos nós tambem de encobrir algumas cousas no discurso, ou porque se não devem mostrar, ou porque se não podem exprimir com dignidade? Como fez Timantes, creio que natural de Delos, naquelle quadro em que venceo a Colote de Teos. Pois no Sacrificio de Iphigenia, tendo pintado a Calchante em ar de tristeza, a Ulysses ainda mais triste, e a Meneláo na maior dôr, que na arte pôde exprimir: esgotados os affectos, não tendo já com que pintar dignamente a consternação de seu pai, tomou o expediente de lhe cobrir a cabeça, deixando deste modo á consideração de cada hum o julgar, que ella seria. . .

Quanto mais ou menos forem, mais ou menos estreitas as relaçoens entre o fim que nos propomos, e o bem do nosso ser; e do mesmo modo entre os meios de que nos servimos para persuadir aquelle fim; quanto mais as differentes partes, e qualidades de hum discurso conspirarem, e concorrerem a produzir o mesmo effeito: tanto a utilidade será maior, ou menor. Da mesma sorte, quanto o Orador guardar mais ou menos as relaçoens de conveniencia que ha, ou póde haver entre os seus diversos modos com as circunstancias do lugar, tempo, pessoas, e assumpto; tanto mais, ou menos decentes serão os seus discursos.

Ora quaes sejão estas relaçoens naturaes das partes do discurso, e meios de persuadir com o fim; quaes as dos mesmos com o caracter, e qualidade dos ouvintes ensina a Rhetorica geralmente no curso da sua arte: quaes porém as que todos os dias nascem das differentes circunstancias, que occorrem, estas não póde a Arte prever, porque são infinitas, e mudaveis. A Prudencia, e Conselho he a unica que nos póde guiar nestes casos, que por isso diz Quint. Lib. VI. cap. ult. *Illud dicere satis habeo, nihil esse non modo in orando, sed in omni vita prius consilio, frustraque sine eo tradi caeteras artes; plusque vel sine doctrina prudentiam, quam sine prudentia facere doctrinam.*

Todas as mais são falsas dando-se como universaes sem excepção.

§. IV. Em consequencia de tudo isto, o meu costume foi sempre ligar-me, quanto menos podesse a estes preceitos, que chamão *Catholicos*, isto he Universaes, e sem excepção. (*a*) He cousa rara achar huma regra destas, que em hum, ou outro caso não falhe, ou não se possa alterar. Destes casos trataremos individualmente nos seus lugares.

II. Erro e abuso das regras, como se deve usar dellas.

§. V. Por ora não quero que os mancebos se julguem assaz instruidos huma vez, que tiverem de cór algum destes compendios de Rhetorica, que correm, (*b*) e que se tenhão por seguros á sombra destes, como decretos dos Rhetoricos. A arte de fallar bem demanda hum grande trabalho, hum estudo continuo, muito exercicio, huma experiencia larga e huma prudencia consummada. As regras tambem lhe servem de muito, mas he, se ellas mostrão o caminho recto, e não hum rodado estreito, do qual quem se não quizer apartar hade experimentar forçosamente a mesma tardança, e embaraço que experimentão os que andão na corda. Assim deixamos nós muitas vezes

(*a*) Preceitos verdadeiramente Catholicos, e Universaes, não ha senão os dois acima recommendados por Quint. *Quid deceat, quid expediat.* Mas como estes principios são muito vagos, em subsidio delles vem as outras regras particulares, que ensinão nos casos mais frequentes o que, ainda que nem sempre, com tudo pela maior parte *decet* e *expedit*.

(*b*) O abuso pois da Arte consiste em dois erros. O 1. julgar as regras como maximas universaes, e invariaveis, o qual erro combate Quint. nos §§. I, II, III, e IV. mostrando a fallibilidade das regras, e a necessidade da Prudencia, cujos dois empregos são ver *quid deceat, et quid expediat*. O 2. he julgar as regras só por si sufficientes para formar hum Orador. Este segundo erro combate Quintiliano neste ultimo §. mostrando como as regras por si não bastão sem com ellas se ajuntar a lição, e estudo dos Modelos, o Exercicio continuo da composição, a Pratica e uso longo guiado do bom methodo, e emfim huma Prudencia consummada fructo do talento, e de todas estas cousas que acabamos de enumerar, as quaes todas entrão no nome de *Estudo* em geral.

a estrada real para tomarmos hum atalho; e se as pontes arruinadas pelas enchentes cortárão a estrada, nos vemos obrigados a dar volta; e sahimos pela janella, quando o incendio tem occupado as portas. A Eloquencia tem muita extensão, e variedade. Todos os dias se estão offerecendo cousas novas, e por mais que se tenha dito, não se tem dito tudo. Com tudo verei se posso dizer o melhor, que até agora se tem ensinado a respeito della, mudando, accrescentando, e tirando o que bem me parecer.

CAPITULO IV.

A que Classe de Artes pertence a Rhetorica.

(L. II. c. 19.)

HAvendo tres classes de Artes, humas que parão na especulação, isto he, no conhecimento, e contemplação do seu abjecto, como a Astrologia, que de si não se dirige a acção alguma, mas contenta-se com conhecer sómente o que procura; as quaes artes os Gregos chamão *Theoricas*; outras que consistem na acção á qual se encaminhão, parão nella, e não deixão depois da acção effeito algum, e se chamão *Praticas*, como a Dança; outras emfim chamadas *Poeticas*, as quaes se terminão em hum certo artefacto, e obra sensivel, e subsistente depois da acção, qual he a Pintura: podemos dizer que a Eloquencia he Pratica, porque por meio da acção (*a*) he que cum-

(*a*) A *Acção* he tão essencial á Eloquencia que Cic. Do Orad. III. c. 56. diz: *A acção he a que domina nas Orações. Sem ella o maior Orador nenhuma figura faz; e com ella hum mediocre o excederá muitas vezes. A' mesma se conta dera Demosthenes o primeiro, o segundo, e o terceiro lugar perguntado, qual era a primeira cousa na Eloquencia? O que me parece confirmar muito bem o dito de Eschines, que por causa da infamia do juizo tendo-se retirado de Athenas para a Ilha de Rhodes, e a instancias dos Insulares tendo lido a excellente Oração que tinha feito contra Demosthenes accusando

pre a sua obrigação, e esta he a opinião commua...

---

a Ctesiphonte, e pedindo-se-lhe lesse tambem no dia seguinte a de Demosthenes, diz-se, elle o fizera em voz alta, e mui suave, e que vendo cheios de espanto os Rhodianos, lhes dissera: E que admiração não seria a vossa, se a ouvisseis pronunciar a elle mesmo, sobre o que he digna de se ver a reflexão de Valerio Maximo VIII. Cap. X. *Tantus orator, et modo tam infestus adversarius sic inimici vim ardoremque dicendi suspexit, ut se scriptorum ejus parum idoneum lectorem esse praedicaret: expertus acerrimum vigorem oculorum, terribile vultus pondus, accommodatum singulis verbis sonum vocis, efficacissimos corporis motus. Ergo, etsi operi illius adjici nihil potest, tamen in Demosthene magna pars Demosthenis abest, quod legitur potius, quam auditur.*

Não nos admiremos pois de não achar hoje na lição dos Oradores antigos aquella força, e aquelles milagres de Eloquencia, que os mesmos antigos nos contão. As suas oraçoens não nos offerecem hoje mais que o cadaver da sua Eloquencia. A alma, o espirito, e infinitas idêas accessorias que acompanhavão a voz viva, e acção, e que davão dobrada força ás palavras, tudo isto se desvaneceo. Por isso os antigos Mestres de Eloquencia fazem grande differença entre os discursos feitos para se pronunciarem, e os que se compunhão só para se lerem. V. Arist. Rhet. III. 12., e aqui C. XV. no fim. A Eloquencia falla com os sons articulados, com a voz, e gesto. Ora a linguagem da voz, e do gesto he a dos sentimentos, e paixoens. Reduzida pois a escriptura muda, e privada daquellas duas linguagens fica sem espirito, e alma, que só a acção lhe póde dar. *Alia vero legentes alia audientes magis adjuvant. Excitat qui dicit spiritu ipso, nec imagine et ambitu rerum, sed rebus incendit. Vivunt enim omnia, et moventur excipimusque nova illa veluti nascentia cum favore, et sollicitudine. Nec fortuna modo judicii, sed etiam ipsorum, qui orant, periculo afficimur. Praeter haec vox et actio decora commoda, ut quisque locus postulabit, vel potentissima in dicendo ratio, et, ut semel dicam, pariter omnia docent.* Quint. X, 1, 16. Esta a razão porque os antigos se exercitavão tanto nesta parte, e a ella davão o principal cuidado. Os nossos Prégadores pelo contrario nenhum, ou quasi nenhum caso fazem della. Daqui huma das principaes causas da differença entre a sua eloquencia, e a nossa.

CAPITULO V.

Qual conduz mais para a Eloquencia o Estudo, ou a Natureza.

(Liv. II. c. 20.)

Tambem sei se costuma questionar, qual das duas cousas conduz mais para a Eloquencia, a *Natureza*, ou o Estudo. (*a*) Esta questão he bem escuzada para o fim que nos propomos nesta obra, que he formar hum Orador consummado, o qual sem uma cousa, e outra não póde ser. (*b*) Com tudo para decidir esta questão convêm muito saber o estado della.

Porque se nós consideramos estas duas cousas separadas huma de outra, e em differentes sugeitos, o *talento* natural ainda só por si sem estudo valerá muito; o *Estudo* sem talento, nada.

Concorrendo porém unidas estas duas cousas no mesmo Orador he necessario fazer distincção: ou ellas

(*a*) Por *Natureza* devemos entender a conformação mechanica das fibras de cuja maior, ou menor aptidão, e tendencia natural, depende a evolução das faculdades da alma, e do corpo. Assim da parte do Espirito hum engenho rico, huma fantazia viva, huma memoria feliz, hum gosto delicado, e da do corpo hum peito forte, huma voz clara, suave, e sonora, huma figura não desagradavel fazem todo o fundo do Orador. Por *Estudo* se deve entender todo o genero de applicação, com que o homem trabalha sobre aquelle fundo das disposições naturaes para as dirigir, augmentar, e aperfeiçoar. Tal he o conhecimento das Regras, e methodo, a lição, e imitação dos Oradores, o Exercicio etc. Tudo o que he da natureza he dado; tudo o que he do estudo, he adquirido.

(*b*) Pela mesma razão Horacio na sua Poetica tendo mostrado v. 373. que o poeta para merecer este nome necessariamente deve ser perfeito; passando depois v. 408. a tratar a mesma questão a respeito da Poezia decide com toda a segurança, que nada vale hum sem outro para este fim, e que ambas são indispensaveis.

. . . Ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium, alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amice.

concorrem em um gráo mediocre, e então prepondera ainda o natural sobre o Estudo : ou em um gráo perfeito, e neste caso mais deverá o Orador ao seu estudo, e diligencia que ao seu talento. (*a*) Assim como os terrenos de si estereis por mais que os cultivem nada produzem ; os ferteis, ainda que os não amanhem sempre dão alguma cousa ; hum chão fecundo porém, sendo cultivado como deve ser, dará hum fructo abundantissimo, no qual terá mais parte o trabalho do Colono do que a bondade do terreno: Pelo mesmo modo se Praxiteles pertendesse formar huma Estatua da pedra aspera que serve ás móz, eu antes quereria o marmore de Paros ainda que tosco: Porém, se o mesmo trabalhasse este marmore, mais valeria o feitio que o marmore. Assim podemos dizer

---

(*a*) Hindo o talento sempre adiante do Estudo, e diligencia desde o principio da carreira da Eloquencia até o meio ; porque rasão quando se chegão ao fim, e á perfeição; o Estudo adianta os passos, e se avança á natureza ? He hum facto constante na historia das Artes, que os primeiros passos, e descobrimentos nellas se devem só ao Engenho ; e que os seus progressos, e perfeição são fructo da reflexão, observação, e trabalho, isto he, do Estudo. O genio principia por crear as Artes, e o Estudo acaba por lhe dar a ultima fórma : Os primeiros ensaios sempre são imperfeitos ; os ultimos passos tendem á perfeição, e deixão em grande distancia os primeiros.

Sendo pois a creação das Artes por huma parte, e a sua perfeição por outra os dois pontos extremos entre os quaes caminhão, ainda que desigualmente, o genio com a industria ; aquelle, que só fez os primeiros passos, tambem os continúa, ou adianta até hum certo gráo sobre a industria ; e esta, que he a que adianta, e aperfeiçoa as produções do genio, hade começar tambem desde certo ponto a exceder aquelle. No meio pois da carreira das Artes a industria ficará atrás do genio, porém depois multiplicando as suas forças á proporção dos novos progressos, chegará rapidamente ao termo ; e as suas addições avultaráõ mais que as primeiras produções.

Isto serve a recommendar muito a excellencia do trabalho e do estudo. Na verdade para a gloria vale mais o ser inventor ; mas para o uso, e utilidade quem aperfeiçoa as artes, tem a vantagem. Nós preferimos com razão os Chefes d'obra da Estampa aos primeiros abrimentos em páo, a Muzica d'hoje ás areas similhantes ao canto Gregoriano, a artelharia moderna aos primeiros canhoens. Assim o orador perfeito formado pelas mãos do genio, e do estudo deve mais a este, que áquelle. Porque deve á natureza o ser orador, e á industria o ser perfeito.

que a *Natureza* he no Orador a materia, e o Estudo o feitio. (*a*) Este he quem lhe dá a fórma, aquella quem a recebe. Nada vale o feitio sem materia. A materia ainda sem feitio tem seu preço. Hum feitio perfeitissimo excede qualquer materia por preciosa que seja.

CAPITULO VI.

Origem da Eloquencia, e da Rhetorica.

(L. III. c. 2.)

Origem, progressos, e perfeição da Eloquencia.

§. I. NEm nos deve demorar muito tempo esta questão: *Qual seja a origem da Eloquencia?* Porque quem ha que duvide que os homens logo que forão creados receberão da mesma Natureza (*b*) o dom da palavra, que he certamente o fundamento da Eloquencia; que o interesse foi quem fez que os homens se applicassem a cultivar, e augmentar este dom; e

(*a*) Gesnero prefere á lição vulgar, e de todos os Codigos que diz assim: *Denique natura materiae, ars doctrinae est*, a do Codigo Gothano que lê *Denique natura materiae doctrinae est.* Quintiliano porém quiz aqui manifestamente fazer a applicação das similhanças antecedentes ao Orador, e confrontar a materia do Esculptor com o engenho, e a arte do mesmo com o estudo, o que se vê ainda mais claramente no texto para baixo, em que continúa na mesma comparação. Esta porém fica mutilada com a lição Gothana, em que manifestamente falta a palavra *ars* de todos os mais Mss. He verdade, que a vulgata não faz sentido algum. Porém eu com huma mudança leve, e natural emendaria: *Denique natura materia, ars doctrina est.* Na traducção segui esta emenda.

(*b*) Que a perfeição se deva ao methodo, e exercicio, isto não tem duvida. Mas qual foi o interesse que moveo os homens ao estudo, e augmento da Eloquencia? Disto he que se disputa. Vejão-se as duas opiniões seguintes.

que em fim a Arte, e o Exercicio forão os que lhe derão a ultima perfeição? (*a*)

Qual foi o interesse que a fez cultivar, e augmentar. Opinião de alguns.

Eu não acho razão áquelles, que attribuem os primeiros ensaios da Eloquencia aos que ao principio forão accuzados em juizo, pela razão, de que estes, para o fim de se defenderem, se havião de esforçar em fallar mais apuradamente. Pois ainda que esta origem seja mais honrosa á Eloquencia, não póde com tudo ser a primeira. A accuzação naturalmente he primeira que a defeza, e assim attribuir a invenção da Eloquencia a esta, seria o mesmo que dizer, que a espada fora primeiro fabricada por quem se quiz defender, e não por quem quiz offender os outros.

Opinião de Cicero.

(Cicero dá a primeira origem da Eloquencia aos fundadores das Sociedades Civís, e aos Legisladores, os quaes por força havião de ser Eloquentes. Eu po-

---

(*a*) Isto he, do Author da natureza, do qual a Revelação nos ensina, que o homem recebeo ao mesmo tempo o ser, e o dom de fallar. A' authoridade acresce a razão, e a experiencia. A linguagem para se formar requer da parte do espirito tantas analyses, e tão miudas, tantas abstracções, e generalizações, e em fim tanta Filosofia; e da parte do orgão vocal tal mechanismo na articulação, que as difficuldades invenciveis da primeira operação fizerão crer a Rousseau a cousa impossivel aos homens deixados a si; *(Disc. sobre a orig. e fund. da desigual. entre os homens)*; e as da segunda fizerão pensar o mesmo ao P. Lamy na sua *Arte de fallar* Lib. III. C. I. A experiencia mostra o mesmo nos surdos de nascimento, e nos homens criados fóra do commercio, e sociedade, os quaes nunca chegarão a fazer-se uma lingua articulada.

De outra opinião com tudo forão os Epicureos. Elles tinhão para si que os homens salvagens *mutum, ac turpe pecus* aprenderão por si mesmos pouco a pouco a fallar, obrigados da necessidade, e interesse v. Lucret. V. 1027. e seg. e Horac. Serm. I, 3, 9. A mesma opinião seguio ultimamente nos nossos tempos o Presidente de Brosses no seu tratado Philosophico, e profundo da *Formacão Mechanica das linguas* Cap. IX. n. 141. e seg., os quaes todos se podem ver sobre esta materia.

rém, não lhe acho razão. Porque ainda agora ha nações vagabundas, sem cidades, e sem leis, nas quaes ha homens eloquentes, que desempenhão as embaixadas, accuzão, e defendem, e passão por mais bem fallantes, huns que os outros.) (*a*)

Origem, e progressos de Rhetorica.

§. II. Quem deu pois, a primeira origem á Eloquencia foi a *Natureza*, e á Rhetorica a *Observação*. Porque assim como os homens observando que humas cousas erão saudaveis, e outras nocivas, formarão destas observações hum corpo de Arte, a que derão o nome de Medicina: assim os mesmos observando tambem em os discursos certas cousas uteis para persuadir, e outras contrarias a este fim, notarão as primeiras para as praticarem, e as segundas para fugirem dellas. Pela analogia, e raciocinio, á maneira destas regras, descobrirão outras, que ajuntarão ás primeiras, as quaes todas tendo sido verificadas pelo uso e pela pratica, se começarão emfim a ensinar em tratados methodicos (*b*).

(*a*) Este lugar, que vai fechado entre os dois sinais de Parenthesis, foi transposto do fim deste cap. onde parecia deslocado para este sitio, onde cabe bem, e não perturba a ordem das materias. Não se entende como Quint nelle queira persuadir similhante cousa. Entre homens salvagens, vagabundos, e sem leis algumas nem escriptas, nem consuetudinarias que lugar póde ter a accusação, e a defeza, a deliberação, e emfim o louvor, e o vituperio? Aquelles Scythas, que mandàrão Enviados a Alexandre, como conta Q. Curc. VII., 8, 8. tinhão republica. Não era pois hum povo salvagem, e sem leis. O nosso Antonio Pinheiro accusa ainda Quintiliano de outro erro, e he, attribuir a Cicero huma cousa de que o mesmo não trata no Liv. I. do Orad. c. 8. e em outros lugares. Cicero não dá a primeira origem da Eloquencia aos fundadores das primeiras sociedades; só diz, que estes homens, que reduzirão os outros da vida agreste, e vagabunda a unirem-se em corpo de Cidade, e sugeitarem-se a certas leis, devião ser Eloquentes: *Quae vis alia potuit*, (diz elle) *aut dispersos homines unum in locum congregare, aut a fera agrestique vita ad hunc humanum cultum civilemque deducere, aut jam, constitutis civitatibus, leges, judicia, jura describere!*

(*b*) Não há noticia houvessem tratados escritos, e escholas de Rhetorica para trás de quatro seculos e meio antes de J. C. Tres

CAPITULO VII.

Historia da Rhetorica.

(L. III. Prol.)

ARTIGO I.

Rhetorica dos Gregos dividida em tres Epochas.

I., e II. Epocha, ou Rhetorica Heroica, e Sophistica.

§. I. .... DEpois daquelles Mestres, de que fazem menção os Poetas, (*a*) o primeiro, de quem se conta formara alguns projectos a respeito da Rhetorica foi Empedocles. (*b*) Os Escriptores mais anti-

---

mil e quinhentos annos pois, que precederão, se gastarão em experiencias, observações, reflexões. Tanto custa a formar as artes!

(*a*) Tres Epochas notaveis podemos distinguir na Historia da Rhetorica dos Gregos descripta aqui por Quint. A I. desde a fundação das primeiras Cidades na Grecia até Socrates, que florecia pelos annos antes de J. Christo 440., tempo em que o estudo, e profissão de Eloquencia andarão sempre juntos com os da Philosophia, Politica, e Poezia nos que governavão as Republicas. Nesta primeira Epocha até Socrates entrão os primeiros homens que civilizarão os póvos errantes da Grecia, como Orpheo, Museo. Lino, Amphião, dos quaes os Poetas contão cousas maravilhosas. V. Horac. Poet. v. 391. Na mesma entrão tambem os Mestres de Eloquencia de que falla Homero, e Quint. já fez menção atrás Cap. II. §. III. como Phenix dado a Achilles (Iliad. IX, 443.) para o ensinar.

A ser nas suas fallas eloquente,
E das obras bom pratico, e prudente.

(*b*) Philosopho Orador, e Poeta natural de Agrigento na Sicilia, que segundo Laercio floreceo pela 84. Olymp. 440. annos antes de J. Christo. Deste diz Arist. no seu Sophista citado pelo mesmo Laercio fora o primeiro que inventara a Rhetorica, assim como Zenão a Dialectica, e no Livro dos Poetas, affirma fora grande imitador, e estudioso de Homero, eloquente, e que transferira para prosa as metaphoras, e mais bellezas da Poezia.

gos desta arte forão Corax, e Tisias naturaes da Sicilia. (a) A estes se seguio Gorgias da mesma ilha natural de Leoncio, discipulo, segundo se diz, de Empedocles. Este pelo muito que viveo (pois chegou a cento e nove annos de idade) foi contemporaneo de muitos, e por isso competio com estes que assimá disse, e sobreviveo ainda a Socrates. Com elle pois

(a) Não se sabe verdadeiramente a occasião, porque a Arte foi inventada na Sicilia, e tão tarde. Se damos credito ao author dos Prologomenos aos Escholios sobre Hermogenes dados a luz por Aldo, Corax tinha sido valído de Hieron Tyranno de Syracusas. Depois da morte deste acontecida pelos annos antes de J. C. 460, tendo os Syracuzanos restituido a antiga Democracia, e liberdade, Corax se quiz insinuar no affecto do Povo, e ter com elle o mesmo cabimento, que tinha tido com Hieron. Porém conhecendo a sua natureza inconstante, e tumultuosa, e que a Eloquencia he que podia dominar sobre os seus costumes, e paixões; investigou os meios pelos quaes poderia mover o povo ao que lhe fosse util, e aparta-lo do contrario. Aristoteles em Cicero dos illustres Orad. Cap. XII. diz que livre a Sicilia de seus tyrannos, levantando-se muitas demandas para se restituirem os bens dos particulares hávia muito tempo injustamente detidas, por esta occasião Corax, e Tisias para satisfazerem ao genio da nação, que era penetrante, e rixoso, escreverão regras, e arte de Rhetorica, por esta occasião se desenvolverão as primeiras idêas distinctas da Eloquencia, e se formalisarão as partes essenciaes, e ordinarias de hum discurso Oratorio. Corax abrio depois Eschola na mesma ilha, e ensinou a mesma arte. Tisias foi o seu Discipulo mais abalizado. Este compoz huma arte, e foi Mestre de Gorgias Leontino, ainda que outros dizem fora Empedocles. Este Gorgias foi o terceiro escritor de Rhetorica.

Da Sicilia passarão os estudos de Rhetorica a Athenas por esta occasião, segundo refere o mesmo author. Suscitando-se huma guerra entre os Leontinos, e os mais Insulares, aquelles mandarão Gorgias como homem eloquente a Athenas a pedir soccorro. Nesta embaixada foi tal a admiração, e espanto que os Athenienses fizerão de seus discursos, que mandando o soccorro pedido o retiverão na sua Cidade, e muitos dos que antes se entregárão á Philosophia a deixárão para passar á Eschola Rhetorica de Gorgias; do que tendo inveja Platão, dizem, fizera o Dialogo *Gorgias*, em que faz muitas invectivas contra esta arte. Desde esta separação da Eloquencia, e Philosophia feita por Socrates, e Gorgias começa a II. Epocha pelos annos de 440. antes de J. C. até os de 333. em que se tornou a unir na pessoa de Aristoteles o ensino de ambas. Esta Epocha durou quasi 100 annos.

florecerão ao mesmo tempo Thrasymacho de Calcedonia, Prodico de Scio, Protagoras de Abdera, que dizem ensinara a Evathlo por dez mil denarios (*a*) aquella arte, que este depois publicou, Hippias de Elis, a quem Platão chama Palamedes, e Alcidamante de Elea. No mesmo tempo viveo tambem Antiphonte (*b*), o qual compoz huma arte, e foi o primeiro que fez huma Oração em sua defeza, na qual alcançou grande reputação de Eloquente; viveo Polycrates, do qual dissemos escrevera hum discurso contra Socrates, e Theodoro de Byzancio hum daquelles, a quem Platão dá o nome de *Artifices do discurso*. (*c*)

(*a*) Fazem na nossa moeda a somma de 640:000 reis pouco mais ou menos.

(*b*) He este entre os primeiros dez oradores Athenienses o mais antigo. Elle nasceo no 1. ou 2. anno da Olymp. 75. nos quaes mesmos cahio a guerra que Xerxes em damno seu fez á Grecia 480. ou 481. annos antes de J. C., tempo em que já floreeia Gorgias. Ou Antiphonte aprendesse por si, ou de seu pai Sophilo, ou como he mais provavel fosse discipulo de Gorgias, que tinha aberto eschola de Rhetorica em Athenas, he certo que elle continuou o mesmo ensino, e com tal felicidade que Philostrato chega a dizer, que ou inventara a Rhetorica, ou a amplificara. Vit. Sophist. l. p. 489. Da arte que compoz fazem menção Dion. Halicarn. na carta a Ammeo p. 120. Ammonio, Apsine, e Pollux, que se podem ver citados na Erudita Dissert. de Pedro Van-Spaan sobre Antiphonte no tom. XI. dos Orad. Gregos de Reisk. Este foi o primeiro que escreveo orações forenses aos outros, e elle mesmo fez huma em sua defeza, da qual diz Cicero no seu Bruto C. 12. *Quo neminem unquam melius ullam oravisse capitis caussam, cum se ipse defenderet, se audiente locuples auctor scripsit Thucydides.* Lib. VIII. pag. 545. O primeiro Orador pois dos Gregos he posterior á eschola Rhetorica aberta em Athenas por Gorgias antes de Antiphonte, como mostra o já citado Spaan na sobredita Dissert. C. I.

(*c*) Eisaqui a Eloquencia, e Rhetorica Sophistica desta segunda Epocha bem caracterizada por Platão chamando no Phedro pag. 353. a todos os seus Mestres λογοδαιδάλους. Com effeito a Eloquencia dos Oradores Philosophos antes de Socrates era huma Eloquencia de cousas, a dos Sophistas era huma Eloquencia de palavras. Cicero nol-a pinta ao vivo dizendo de Orat. III. c. 19. e 14. *Namque veteres illi usque ad Socratem omnem omnium rerum, quae ad mores, quae ad vitam, quae ad virtutem, quae ad Remp. pertinebant, cognitionem et scientiam cum dicendi ratione*

De todos estes os primeiros, que se diz, tratarão *lugares communs* forão Protagoras, Gorgias, Prodico, e Thrasimaco. Cicero no seu Bruto diz, que antes de Pericles nada se escreveo, que tivesse algum ornato Oratorio, e que só deste Orador corrião alguns escriptos, que merecessem este louvor. (*a*) Eu na verdade não acho nelles cousa digna da fama deste grande homem: que por isso não me admiro hajão muitos,

---

jungebant: Postea desociati a Socrate diserti a doctis, et deinceps a Socraticis item omnibus, Philosophi Eloquentiam despexerunt, Oratores sapientiam. . : Hinc discidium illud extitit quasi linguae atque cordis absurdum sane, et inutile, et reprehendendum, ut alii nos sapere, alii dicere docerent. Esta discordia absurda da Eloquencia, e da Philosophia começada por Socrates, e Gorgias, e continuada por seus Discipulos nos valeo ao menos os dois escriptos que temos mais antigos em Rhetorica, que são os dois celebres dialogos de Platão intitulados *Gorgias*, e *Phedro*, tendo-se perdido todos os mais tratados sobre esta arte desde Empedocles até Aristoteles. No *Gorgias* vem a famosa comparação, que Platão faz da Eloquencia com a arte dos cuzinheiros, e a idéa por conseguinte, que parece dar tanto dos Mestres como dos Oradores, accusando-os não só de ignorancia, vaidade, e loucura, mas de malicia, e injustiça. Em ambos os Dialogos nos descreve Platão os sophistas como huns homens, em cujos discursos se não achão senão vãos ornatos, que lisongêão o ouvido, e não explicão a sua materia, onde se encontrão a cada passo repetiçoens enfadonhas, que mostrão ao mesmo tempo fecundidade de expressoens, e esterilidade de pensamentos, e os Mestres de Rhetorica como huns homens vãos, que querião fazer crer, que qualquer sem engenho, sem conhecimentos, e sem exercicio só com o soccorro das regras podia chegar a ser eloquente, e a fallar de repente bem sobre qualquer assumpto.

(*a*) Pericles he o principal dos Oradores Athenienses da primeira idade, que só por força do genio antes da Arte, chegarão a distinguir-se entre os mais, *cujus in labris*, diz Cicero de Orat. III. n. 138, *veteres comici, etiam cum illi maledicerent (quod tum Athenis fieri licet) leporem habitasse dixerunt, tantamque in eo vim fuisse, ut in eorum mentibus, qui audissent, quasi aculeos quosdam relinqueret.* E no Orad. 29. *Ab Aristophane poeta fulgurare, tonare, permiscere Graeciam dictus est.* Mas o mesmo Cicero 16. 15. faz ver que Pericles devia este bom successo ás instrucções do Physico Anaxagoras, nas quaes com os mais conhecimentos da Natureza tinha tambem aprendido as molas, porque se movião as differentes paixões da alma, o que he a principal parte da Eloquencia. *Pericles primus adhibuit doctrinam.*

que julgão, que elle nada escrevera, e que o que corre em seu nome não he delle. A estes succederão outros muitos. Mas o mais celebre ouvinte de Gorgias foi Isocrates, e ainda que os authores não convêm sobre quem foi seu mestre, nós seguimos a Aristoteles, que assim o diz. (*a*)

III. Epocha ou Rhetorica Sectaria.

§. II. Desde este tempo se principiarão a dividir os Rhetoricos em differentes seitas. Isocrates teve discipulos excellentes em todo o genero de estudos; e sendo já muito velho, (*b*) (pois chegou a completar noventa e oito annos) Aristoteles nas licoens de tarde principiou tambem a ensinar a Arte Oratoria, repetindo frequentemente, segundo contão, o verso celebre da Tragedia de Philoctetes.

Fallando Isocrates, feio he calar-me. (*c*)

De ambos ha Artes; a de Aristoteles porém he

(*a*) Rhet. 3. 17. refere, que Gorgias dizia de Isocrates, que em qualquer elogio *nunca lhe faltava que dizer.* Mas deste lugar não se prova o que diz Quint. Plutarcho (edit. H. Steph. pag. 1541.) entre varios Mestres, que se contão de Isocrates dá o principal lugar a Gorgias.

(*b*) Isocrates fecha a segunda Epocha da Rhetorica *Sophistica*, e abre a terceira da Rhetorica *Sectaria*, que começa desde os ultimos annos da sua vida até Quintiliano. Elle figura nella como Declamador, e como Rhetorico. Como Declamador, ou Orador Escholastico resente-se da eschola de seu Mestre Gorgias, mas he mais moderado nos ornatos. Como Rhetorico compoz huma Arte, que existia no tempo de Quint., como elle aqui attesta, bem que pareça duvidar da sua genuidade no Cap. I. Art. I. §. 1. Seus Discipulos se chamarão *Isocraticos* para distincção dos *Aristotelicos*, e daqui os principios da Rhetorica Sectaria.

(*c*) Aristoteles (diz Cic. do Orad. III., 35.) vendo Isocrates fazer-se celebre por seus discipulos, em razão de ter convertido as suas licoens da Eloquencia forense, e civil que devia fazer o seu objecto para os vaons enfeites do discurso: mudou de repente a forma do ensino, parodiando hum verso da Tragedia *Philoctetes*, em que este dizia, lhe era vergonhoso calar-se deixando fallar os barbaros, substituindo em lugar destes a Isocrates.

mais extensa, e comprehendida em mais livros (*a*). No mesmo tempo viveo Theodectes, de cuja obra fallámos atrás (*b*), e Theophrasto discipulo tambem de Aristoteles, o qual escreveo sobre a Rhetorica com exactidão.

Depois deste tempo começarão os Philosophos, e principalmente os mais celebres dos Stoicos, e Peripateticos (*c*) a cultivar, e illustrar esta Arte ainda com mais cuidado que os mesmos Rhetoricos. Hermagoras fez depois hum como novo, e proprio Systema de Rhetorica, que muitos seguirão. Atheneo imi-

(*a*) Aristoteles natural da Stagira morto no mesmo anno que Demosthenes, e dois annos depois da morte de Alexandre, de quem tinha sido Mestre, e 322. antes de J. Chr. he o primeiro, de quem se nos conservou escripta huma Rhetorica em fórma. Ainda que pois desde Empedocles até Arist. corressem mais de cem annos, e nelles se compozessem muitos tratados de Rhetorica, que se perderão: com tudo nenhuma pena devemos ter desta perda, segurando-nos Cicero *De Orat.* II, 9. e *De Inv.* II, 6. que Arist. colligio tudo o melhor dos antigos a respeito desta arte, pondo-o em muito melhor luz, e methodo, e fazendo-nos assim escuzada a lição enfadonha, e quasi inintelligivel dos que o precederão: *Ac veteres quidem Scriptores artium usque a Principe illo, et inventore Tisia repetitos unum in locum conduxit Aristoteles, et nominatim cujusque praecepta magna conquisita curá perspicue conscripsit, ac enodata diligenter exposuit; ac tantum inventoribus ipsis suavitate, et brevitate dicendi praestitit, ut nemo illorum praecepta ex ipsorum libris cognoscat; sed omnes qui, quod illi praecipiant, velint intelligere, ad hunc quasi ad quendam multo commodiorem explicatorem convertantur.*

(*b*) Cap. I. Art. I. §. IV. onde diz, corria ainda no seu tempo com o nome de Theodectes huma Rhetorica, que se duvidava se era delle, ou de seu Mestre Aristoteles. Se dermos credito a Val. Maximo Liv. VIII. c. 15. *Cupidit. gloriae*, esta arte, que já não existe, foi composição de Aristoteles, da qual fez parte a seu Discipulo Theodectes para a publicar como sua. Mas depois ambicioso da gloria, que dahi lhe resultava, se citou como author della. E com effeito no liv. 3. cap. 9. da sua Rhetorica elle se remette a esta obra.

(*c*) Zenão, e Aristoteles etc. Contemporaneo deste foi Anaximenes, natural de Lampsaco, de quem temos huma Rhetorica dirigida a Alexandre Magno, que Paulo Benicio sem razão quer se tenha como de Aristoteles. Este tratado anda entre as suas obras. Que elle seja de Anaximenes parece provar-se claramente de Quint. Lib. III. cap. 4. n. 9.

tou-o, e chegou a igualal-o. Escreverão depois muito sobre a mesma arte Apolonio Molon, Areo, Cecilio, e Dionysio de Halicarnasso (a).

Nenhuns porém se fizerão tão celebres, e tiverão mais sequito do que Apollodoro de Pergamo, Mestre que foi de Cezar Augusto em a Cidade de Apollonia, e Theodoro, que sendo natural de Gadara, quiz antes chamar-se Rhodio, cujas liçoens se diz ouvira com muita attenção Tiberio Cezar, tendo-se retirado para aquella ilha. Estes dois escriptores seguirão systemas oppostos, e daqui veio o chamarem-se seus Discipulos *Apollodoreos*, e *Theodoreos* á maneira dos que seguem diversas seitas, e escholas na Philosophia.

De Apollodoro temos muito pouco escripto, e mais podemos fazer juizo de seus preceitos pelos discipulos que delles escreverão, que pelo que o mesmo nos deixou. De entre estes os mais exactos forão C. Valgio, e Attico que escreverão, aquelle em Latim, este em Grego. Porque deste Apollodoro parece ser só

(a) Apolonio Molon foi hum dos Mestres celebres, que ensinarão na Eschola de Rhodes fundada por Eschines, quando depois de vencido por Demosthenes na causa de Ctesiphonte, e desterrado escolheo esta ilha para o seu retiro. Elle foi Mestre de Cicero, que tendo já adquirido hum grande nome entre os eloquentissimos do seu tempo, passou á Asia, e para se aperfeiçoar se entregou novamente a outros mestres de eloquencia, e Philosophia, e principalmente a Apollonio Molon, que elle já tinha ouvido em Roma, e então se achava em Rhodes. Porque como diz Quint. XII, 6, 7. *tum dignum operae pretium venit, cum inter se congruunt praecepta, et experimenta.*

Cecilio compoz hum tratado particular de Figuras, álem de outros. Este Rhetorico, e Dionysio Halicarnasico erão mortos, quando Quint. escrevia o Cap. III. do Liv IX. das suas Instituiçoens (v. n. 89.). Dionysio veio a Roma pelos annos antes de J. Christ. 28., onde parece ensinou Rhetorica. Temos deste author em Grego as seguintes obras concernentes a Eloquencia. 1. Hum tratado da *Collocação das Palavras*, 2. outro da *Arte*, 3. hum, que não he inteiro, *sobre o caracter dos antigos Escriptores*, principalmente Oradores com duas cartas, em huma das quaes examina o *Estilo de Platão*, e em outra trata a questão: *se Demosthenes se formou sobre a Rhetorica de Aristoteles*. 4. *Comparacoens de Herodoto, e Thucidides de Xenophonte, de Philisto, e Theopompo*. 5. Reflexoens sobre o que constitue o *caracter proprio de Thucidides*. 6. Sobre *a força da Eloquencia de Demosthenes*, obras todas muito estimadas, e que lhe merecerão justamente o nome de *Critico*.

a arte dada á luz, e dirigida a Macio, não reconhecendo elle na carta, que escreveo a Domicio, as outras como suas. Theodoro deixou mais obras, e ainda vivem pessoas, que conhecerão Hermagoras seu discipulo. (*a*).

(*a*) Pelas contas de Dodwelo nos Annaes de Quint. este terceiro livro escrevia-se no anno 92. da Era vulgar, e 52. da idade de Quintiliano. Se pois homens velhos do seu tempo tinhão visto a Hermagoras, vivia este ainda pelos principios pouco mais ou menos da Era vulgar, até onde Quintiliano conduz a historia da Rhetorica dos Gregos. Na verdade depois deste tempo até a morte de Quint. succedida depois dos annos 118. da Era vulgar, não temos noticia de Escriptor algum Grego, que escrevesse de Rhetorica. Os que escreverão alguma cousa depois de Quint. são os seguintes.

Luciano de Samosata, morto depois de M. Aurelio fallecido no anno de J. C. 180, de quem temos entre as suas obras hum Opusculo intitulado *Mestre dos Oradores*, em que com um tom ironico, e proprio ridiculisa os Oradores do seu tempo, e ensina aos mancebos o verdadeiro caminho, que devião tomar para chegar á Eloquencia, isto he, o do trabalho, e applicação.

Hermogenes natural de Traso na Cilicia vivia no Governo de M. Antonio, o qual teve a curiosidade de hir ouvir este moço, que na idade de 15. annos explicava os preceitos de Rhetorica de hum modo digno dos maiores mestres. De idade de 18. compoz a sua Rhetorica que he, a dizer a verdade, a quinta essencia do bom senso. Ella consta de *hum livro sobre os Estados*, e quatro da *Invenção*, no 1. dos quaes trata dos Exordios, no 2. da Narração, no 3. da Prova, e no 4. do Ornato. Alem destes compoz mais dois livros sobre as differentes *Idéas*, ou Caracteres do discurso.

Pelos tempos de Hermogenes antes, e depois viverão outros Authores de Rhetorica menos conhecidos, os quaes collegío Aldo na Collecção, que fez dos Rhetoricos Gregos. Taes são pela mesma ordem 1. *Aristides*, que florecia no tempo de Adriano, e M. Aurelio, de quem temos hum tratado dos *Differentes caracteres do discurso* no mesmo gosto do de Hermogenes, e outro do *Estilo simples*, propondo por modelo a Xenofonte, 2. *Apsines* de quem temos hum tratado intitulado *Rhetorica de Apsines*. 3. *Sopater* posterior a Hermogenes, de quem restão alguns Exemplos de analyses de discursos, em que ensina a tratar varias especies de questoens, ou verdadeiras, ou fingidas. 4. Hum certo *Alexandre*, que vivia no tempo de Antonino, e M. Aurelio, de quem se nos conservou hum tratadinho de *Figuras*. 5. *Menandro*, que em hum pequeno tratado ensina o modo, e lugares, porque se póde fazer o elogio de todas as cousas. 6. *Minuciano*, de quem temos hum pedaço de Rhetoriça sobre as *Provas*, cousa muito ordinaria. 7. Emfim *Cyro*, que compoz hum tratado dos diffe-

ARTIGO II.

Rhetorica dos Romanos dividida tambem em tres Epochas. (*)

I. Epocha desde 600. *até* 700.

§. I. O Primeiro dos Romanos, de que tenho noticia trabalhasse alguma cousa nesta materia foi Marco Catão o Censor (*a*). Depois Marco Antonio

---

rentes Estados pelo mesmo methodo de Hermogenes, e Sopater. 8. *Aphtonio*, e *Theon*, de cada hum dos quaes temos seu tratado dos *Progymnasmas*, ou 14 especies de Exercicios, com que a mocidade se póde ensaiar para a composição dos discursos forenses. Todas estas obras, ainda que tem seu merecimento, não chegão com tudo á gloria de Platão, Aristoteles, Dionysio de Halicarnasso, Hermogenes, e de Longino, e Demetrio, dos quaes dois nos resta por fallar.

Dionysio Longino Originario da Syria, onde foi mestre de Zenobia Rainha de Palmyra, morto no cerco desta Cidade tomada por Aureliano pelos annos de 270. e tantos, deixou-nos o celebre tratado do *Sublime*, onde depois de dar huma idêa do *Grande*, e dos vicios que lhe são oppostos, faz sinco fontes do sublime, a saber a *Elevação dos pensamentos*, o *Pathetico*, a *Nobreza da Expressão*, o *Extraordinario das figuras*, e a *Collocação das palavras*.

Emfim o ultimo tratado de Rhetorica que temos em Grego não sóbe assima do tempo de Galieno, debaixo do qual floreceo Demetrio de Alexandria, a quem já hoje os criticos attribuem unanimemente o tratado excellente *sobre a Elocução*, que falsamente se cria de Demetrio o Phalereo quasi contemporaneo de Demosthenes.

(*) Com a Eloquencia Romana nascente, florecente e decadente podemos tambem distinguir na Historia da Rhetorica Latina tres Epochas. A I. da *Arte nascente* desde o fim do 6. seculo de Roma, em que Catão principiou a escrever desta arte, até o fim do septimo, em que Cicero compoz pelos annos de Roma 698. os tres livros do Orador, que são o Chefe d'obra de Rhetorica. A II. da *Arte florecente* desde este tempo até o meio do seculo IX. de Roma, e fim do 1. da Era vulgar, em que Quintiliano compoz as suas Instituiçoens Orat. afim de se oppôr aos primeiros passos, que já a Eloquencia dava para a sua ruina. A III. da *Arte decadente* desde Quintiliano, e fim do I. sec. até que a L. Latina emmudeceo no Occidente.

(*a*) M. Catão o Censor vivia pelos annos de Roma 597, tempo em que Carneades, tendo sido mandado pelos Athenienses com outros a Roma a tratar alguns negocios, infundio no espirito da

principiou a escrever huma arte. Nem outra obra temos delle se não esta, e ainda imperfeita (*a*). Seguirão-se a estes outros Escriptores menos celebres, de que não deixarei de fazer menção em qualquer occasião, que tiver. (*b*)

II. Epocha desde 700 *até* 850.

§. II. Cicero, este modelo singular entre nós da pratica, e ensino dos preceitos Oratorios, foi quem deu o principal lustre, assim ás regras da arte, como á Eloquencia. A modestia pediria nos calassemos depois delle, se elle mesmo não declarasse, que os seus livros *da Invenção Rhetorica* lhes tinhão escapado na sua mocidade, (*c*) e se nos do Orador não ti-

---

mocidade Romana com os seus discursos tanta admiração, e juntamente gosto para os estudos da Eloquencia, que Catão temeo este resfriasse o de exercicios, e gloria militar, fazendo porisso apressar a sua partida. Plut. in Cat. p. 367. Isto não obstante elle he contado entre os primeiros Oradores Romanos, e primeiro escriptor de Rhetorica. Diomedes Liv. I. faz menção da obra *Cato ad filium*, ou de *Oratore*, a qual he a mesma citada por Prisciano com o nome de *Epistola ad filium*.

(*a*) M. Antonio vivia pelos annos de Roma 670. Elle mesmo em Cicero (De Orat. I. 47.) se queixa *unum sibi* (de Eloquentia) *Libellum excidisse jamdudum*.

(*b*) Estes Escriptores de Rhetorica menos celebres, de que falla Quint., não chegarão á nossa noticia. Suetonio conta entre os Rhetoricos illustres de Roma a *L. Plocio*, que ensinava, sendo Cicero ainda menino, *L. Otacilio Pilito* Mestre de Pompeo, *Epidio* Mestre de M. Antonio, e Augusto, *Sex. Clodio* e *C. Albucio Silo*, mas não sabemos escrevessem cousa alguma.

(*c*) Os quatro Livros da *Invenção*, dos quaes os dois ultimos se perderão, forão a primeira obra Rhetorica de Cicero na sua mocidade, em que elle lançou as liçoens, que ouvia na Eschola, e seguio pela maior parte o systema de Hermagoras; e os tres Livros do Orador dirigidos a Quinto seu Irmão são a ultima. Assim a primeira obra he hum fructo prematuro, e antes do tempo, a segunda o seu Chefe de obra neste genero. De huma, e outra diz o mesmo a seu Irmão no Liv. I. do Orad. n. 5. *Vis enim, quoniam quaedam pueris, aut adolescentibus nobis ex commentariolis nostris inchoata, ac rudia exciderunt vix hac aetate digna et hoc usu . . . aliquid iisdem de rebus politius a nobis perfectiusque proferri.* Entre estas duas composiçoens de Cicero ha outras ou de Rhetorica, ou concernentes a ella, que pela mesma ordem chronologica são as seguintes: *Huma historia dos Oradores illustres;* o *Orador* dirigido a Bruto; os *Topicos* ou lugares dos Argumentos

vesse omittido de proposito muitos preceitos miudos, que requerem quasi todos os que dezejão instruir-se. Cornificio (*a*) tem escripto muito desta arte. Stertinio, e Gallião o pai (*b*) nos tem deixado tambem alguma cousa. Com mais exactidão, e cuidado ainda tratarão desta arte Celso, e Lenas (*c*) anteriores a Gallião, e no nosso tempo Virginio, Plinio, e Rutilio (*d*). Ainda

---

a Trebacio; as *Particoens Oratorias;* e hum livro *Do genero optimo de Eloquencia*, que servia de prefação á traducção Latina feita por Cic. das duas oraçoens contrarias de Eschines, e Demosthenes a respeito da Coroa, a qual se perdeo.

(*a*) A este se attribue communmente a *Rhetorica a Herennio* em quatro livros que anda impressa com as obras de Cicero, a quem outros dão por author. Que seja genuina obra de Cornificio parece se prova de Quint. L. IX. C. III. n. 70. onde cita da Rhetorica de Cornificio o exemplo *Amari jucundum est; si curetur, ne quid sit amari;* o qual se acha na Rhetorica a Herennio lib. 4. n. 14. debaixo do mesmo nome de figura *Traductio*, e o mesmo se mostra de outro lugar de Quintiliano Lib. V. C. X. n. 3. Crê-se que este Cornificio não he o pai, para quem ha cartas de Cicero, mas o filho que foi Consul no anno de Roma 719.

(*b*) André Schotto em huma carta a Lipsio julga que este Gallião he o mesmo que L. Anneo Seneca, irmão de Seneca o Philosopho, e ambos filhos de Seneca o Rhetorico morto no governo de Tiberio, e que tomou o nome de Junio Gallião depois de adoptado por Junio Gallião. Elle era Proconsul da Achaia no anno da Era vulg. 53. quando S. Paulo foi trazido pelos Judeos ao seu tribunal. Act. 18. 12.

(*c*) Aurelio Cornelio Celso florecia debaixo de Tiberio. De varios escriptos com que illustrou o Direito Civil, Philosophia, Arte militar, Agricultura, e Medicina não restão se não 8. livros de *Re Medica.* Tambem escreveo de Rhetorica. Quintiliano que o cita a cada passo, mas quasi sempre para o impugnar, faz delle este juizo Lib. XII., XI, 24. *Quid plura? Cum etiam Cornelius Celsus mediocri vir ingenio non solum de his omnibus conscripserit artibus, sed amplius rei Militaris, et Rusticae etiam, et Medicinae praecepta reliquerit. Dignus vel ipso proposito, ut eum scisse omnia illa credamus.* Não temos a Rhetorica de Celso, e só Sex. Popma descobrio na Bibliotheca Belgica de Valerio André hum livro, ou fragmento de *Arte dicendi*, que se deo á luz em Colonia 1569., que se crê ser da Rhetorica de Celso, e se póde ver no fim do II. tom. da Biblioth. Latina de Fabricio.

(*d*) Virginio, Plinio, e Rutilio erão mortos já no anno 92. da Era vulgar, em que Quint. escrevia isto; tinhão porém sido contemporaneos delle. Este Plinio he o velho, que floreceo no governo de Vespasiano, e he author da historia Natural. Delle são, como escreve Plinio o moço seu sobrinho Epist. Lib. III.,

hoje ha alguns authores illustres nesta materia; que se comprehendessem tudo nos seus tratados poupar-me-hião este meu trabalho. Eu não os nomeio porque ainda vivem. (*a*) Hum tempo virá proprio para o seu elogio, a posteridade, digo, onde chegará a sua virtude, e merecimento, sem que chegue a inveja.

III. Epocha desde o fim do 1. seculo até agora.

§. III. Com tudo depois de tantos, e tão abalisados Escriptores não deixarei de interpor o meu juizo em algumas materias. Eu não me alligo a Eschola alguma, como outros fazem levados não sei de que superstição, e com o meu exemplo dou a mesma liberdade aos meus Leitores para escolherem o que quizerem. Em fim como ajunto em hum corpo (*b*) as idêas

---

5, 5 *Studiosi tres in sex volumina propter amplitudinem diffusi, quibus oratorem ab incunabulis instituit et perficit.* De Rutilio temos ainda hum pequeno tratado de *Figuras.* Mas elle tinha escripto huma Rhetorica maior, reduzindo a hum livro toda a doutrina de quatro, que tinha composto Gorgias seu contemporaneo, a quem seguia. Quint. IX., 2, 102. De Plinio, e Virginio nada se nos conservou.

(*a*) Quaes serão estes Escriptores de Rhetorica ainda vivos no anno 92. da Era vulgar, em que Quintiliano escrevia? Alguns pertendem que hum delles he Plinio o mais velho, de quem acabamos de dizer tinha feito hum tratado para formar o Orador desde o seu nascimento até a sua perfeição, como Quintiliano: e o ter dito este que: *se os Rhetoricos do seu tempo tivessem comprehendido tudo nos seus tratados, lhe terião poupado o trabalho de o fazer*, mostra que a obra de Plinio ainda não tinha sahido á luz. Porém se o calculo de Dodwelo he certo, Plinio no anno 92. tinha fallecido havia 14. no incendio do Vesuvio que Dion lib. 66. pag. 755. descreve no anno de Roma 831. primeiro de Tito; e Quintiliano falla delle como já morto a este tempo.

Por isso outros com mais razão entendem este lugar de Aquila Romano de quem temos na Collecção de Pitheo hum tratado *Das figuras dos pensamentos, e da dicção,* e de Tacito, a quem attribuem o *Dialogo sobre os Oradores*, ou sobre *as causas da corrupção da Eloquencia*, que se finge passado no 6. anno do Reinado de Vespasiano da Era vulg. 74, e escripto depois, e dado á luz pelo author, que diz ter estado presente a elle, sendo ainda muito rapaz.

(*b*) Esta obra de Quint. foi o ultimo esforço que fez o Bom gosto da Eloquencia para se sustentar no mesmo pé, em que se achava no tempo de Cicero: porém inutilmente. Desde os fins do primeiro seculo começa a Epoca da sua decadencia. A

de muitos, onde o engenho não tiver lugar para cousas novas, contentar-me-hei, ensinando as mesmas

---

Eloquencia de natural que era, viril, robusta, e grave, occupada mais nas cousas, que nas palavras, principiava já a ser affectada, effeminada, mole, e propor-se mais mostrar o engenho, e ostentar a arte, que ganhar a causa. Seneca com os vicios doces do seu espirito, e estilo sentencioso, e juntamente com a sua authoridade tinha concorrido muito para isto. Suas obras erão lidas com gosto, e o gosto da sua eloquencia passou a ser o da moda. Quint., tendo exposto em hum tratado as *causas da corrupção da Eloquencia*, lhe quiz dar o remedio nesta admiravel obra das suas instituiçoens. As causas, que Quint. descobriria da decadencia da Eloquencia, serião provavelmente as mesmas que assigna o Author do Dialogo sobre o mesmo objecto, assima citado, que elle reduz a seis principaes, que são: *A dissipação da mocidade*, *o descuido dos pais*, *o máo gosto*, *e impaciencia dos juizes*, *a natureza dos negocios incapazes de tantas bellezas*, *a fórma do governo monarchico*, e emfim a *ignorancia dos Mestres*.

E para insistirmos nesta ultima causa, que só pertence á historia da Rhetorica, a querermos fazer juizo desta pelos tratados, que da mesma se escreverão depois de Quintiliano, ella caminhava á sua corrupção, a passos iguaes com a Eloquencia. Os tratados de Rhetorica destes tempos são secos, sem gosto, occupados em ensinar mais as miudezas, e o que a arte tem de menos essencial, do que as regras fundamentaes, e as reflexoens judiciosas, e delicadas do bom gosto, que só podem formar o de hum Orador verdadeiramente eloquente. Para completar a historia desta Epocha me limitarei só aos Rhetoricos, que vem na Collecção de Pitheo seguindo a ordem Chronologica. Tais são:

1. *Julio Rufiniano*, que vivia no tempo de M. Aurelio, de quem temos hum suplemento ao tratado de Aquila sobre as Figuras.

2. *Mario Victorino* Professor de Rhetorica em Roma no anno de 360., de quem temos hum longo commentario sobre os livros de *Inventione* de Cicero.

3. *Sulpicio Victor*, que para o uso de seu genro M. Silão compoz humas *Instituiçoens oratorias*, em que seguio a doutrina de Zenão, porém que nenhuma comparação tem com as de Quintiliano.

4. Temos debaixo do nome de *Agostinho* dois tratados de Rhetorica. Hum com o titulo de *Aurelii Augustini Praecepta Rhetoricae*, o qual he cousa fraca, e por pouco que se conheça o Estilo do Santo, he facil de ver que não he delle. Outro verdadeiramente de Santo Agostinho he o que o mesmo escreveo da Oratoria Ecclesiastica no Liv. IV. *De Doctrina Christiana* que principia n. 1. *De Inveniendo prius, de Proferendo postea disseremus.* O fim do Santo he instruir os Pregadores, sobre o modo

doutrinas dos antigos mestres, com merecer o louvor de Escriptor laborioso, e diligente.

---

com que devem fallar aos póvos, depois de os ter instruido nos tres livros precedentes sobre o modo de estudar a Escriptura, e as verdades que devem prégar. Nestes quatro livros pois S. Agostinho comprehendeo tudo o que pertence á Eloquencia sagrada, e mostrou a todos os que quizerem tratar similhante materia, o methodo que devem seguir se quizerem accertar, e não enganar seus discipulos. O Santo morreo no anno de J. C. 430.

5. *Julio Severiano*, *Curio Fortunaciano*, e *Prisciano* florecerão no V. seculo. Do primeiro temos *Symptomata* ou Preceitos de Rhetorica abreviados. Do segundo *Artis Rhetoricae Scholasticae Libri III. per quaestiones, et responsiones.* Do terceiro hum tratado de *Progymnasmas* similhante ao de Aphthonio.

6. No sexto seculo temos hum *Compendio de Rhetorica* de *Aurelio Cassiodoro* Senador, e Secretario de Estado de Theodorico Rey de Italia, e tres tratados de *Emporio*, hum da *Ethopea, e lugar commum*, outro do *Genero Demonstrativo*, e o terceiro *Do Deliberativo.*

7. No VII. Seculo ha hum livro de *Arte Rhetorica* de *S. Isidoro de Sevilha* tirado do Segundo das suas Origens.

8. Emfim no VIII. o Veneravel *Beda* que florecia antes do anno 733 em que morreo, nos deixou hum tratado de *Tropos*, e *Figuras* da Sagrada Escriptura, e *Alcuino* morto no anno 804 compoz hum Dialogo de Rhetorica, em que são interlocutores Carlos Magno seu discipulo, e elle, que para Mestre, e Conselheiro deste Rey tinha vindo de Inglaterra no fim do 8. seculo. Elle foi o que persuadio o mesmo Rey a fundar a *Nova Athenas*, isto he conforme a opinião commua, a *Universidade de Pariz.*

Nas escholas desta Universidade, e nas Monachaes se continuou a ensinar a Rhetorica como huma das sete *Artes liberaes*, que constituião o *Trivium*, ou Encruzilhada das tres disciplinas Grammatica, Rhetorica, e Logica; e o *Quadrivium*, ou Encruzilhada das quatro, Arithmetica, Musica, Geometria, e Astrologia, as quaes todas se julgavão Preparatorios necessarios, e indispensaveis para os Estudos sagrados dos Ministros Ecclesiasticos. Todas estas sete artes pela sua ordem se comprehendião neste verso

Lingua, Tropus, Ratio, Numerus, Sonus, Angulus, Astra.

Porém a Rhetorica assim como as mais artes era tratada com máo methodo, sem gosto, e sem o proveito, que della se poderia tirar. As regras se bebião nestes regatos impuros, e secos. As fontes puras, e ricas dos grandes Mestres da Antiguidade tinhão-se perdido de vista, assim como os modelos da verdadeira Eloquencia, e isto he que contribuio para o desprezo, com que depois foi olhada esta Arte pelos que não podião fazer idêa della, se não por aquelles compendios de Defini-

CAPITULO VIII.

Das partes da Eloquencia, e Rhetorica.

(L. III. c. 3.)

CONforme a maior, e melhor parte dos Authores sinco são as partes da Eloquencia, a saber *Invenção*, *Disposição*, *Elocução*, *Memoria*, e *Pronunciação*, ou *Acção*, pois tem hum e outro nome. (*a*)

çoens, Tropos, e Figuras, e outras miudezas as mais insignificantes della.

Neste estado continuou por todos os seculos de Barbaridade até o restabelecimento das Letras depois do meio do seculo XV, em que com os Estudos das Linguas Grega, e Latina se começarão a ler tambem, e estudar os excellentes tratados, e modelos de Eloquencia Grega, e Romana. Desde esse tempo huma infinidade de Rhetoricas em todas as linguas innundou os seculos decimo-sexto, decimo-septimo, e decimo-oitavo. Entre todas porém aquellas tem merecido justamente mais louvor, e a approvação dos intelligentes, que mais se encostarão, e entrarão na doutrina dos grandes mestres da Antiguidade Aristoteles, Cicero, Dionysio, Quintiliano, Hermogenes, Longino, e Demetrio. Taes são por exemplo as Rhetoricas de Cypriano Soares Jesuita, que ensinava em Portugal no tempo d'Elrey D. João III., a de Agostinho Valerio Bispo de Verona, e Cardeal impressa em 1575., a de Fr. Luiz de Granada em 1576., e a de Mr. Gibert em 1766. etc.

(*a*) Estas sinco partes não são propriamente outra cousa, se não as 5 operacoens do homem Eloquente, quando quer persuadir. Elle primeiramente descobre, e escolhe entre muitos, que se lhe offerecem, aquelles pensamentos, que são mais accommodados a este fim; *Ordena-os* depois debaixo de certos lugares ou partes principaes, e os de cada parte entre si do modo mais util para persuadir. Na terceira operação passa a escolher o genero de *Expressão vocal* mais propria a accrescentar nova força aos pensamentos, sobre a que já tinhão da sua boa escolha, e ordem. Com estas tres operaçoens a Oração está escripta. Elle a *decora* e *pronuncia* depois com huma voz, e acção decente. Estas mesmas operaçoens são communas ao Orador com o Poeta, e Philosopho. Hum e outro tem tambem de descobrir o que hãode dizer, a ordem, e modo com que o hão de dizer. Mas todos elles se propoem differentes fins, e tomão consequentemente diversos meios. Por ordem pois a estes dif-

Com effeito todo o discurso, que faz algum sentido, hade ter necessariamente duas cousas: *Pensamentos*, e *Palavras*, objecto, aquelles, da *Invenção*, e estas da *Elocução*. Ora se elle he breve, e cingido a huma oração só, não necessitará talvez de mais nada. Não he porém assim, se for mais comprido: então necessita de mais cousas. Porque não basta só sabermos o que havemos de dizer, e de que modo, mas tambem em que lugar convem se diga. He necessaria pois a *Disposição*. Mas nem poderemos dizer todas as cousas, que a materia pede, nem cada huma em seu lugar, sem nos ajudar a *Memoria*. Esta por tanto deve ser a quarta parte. Todas estas partes porém se deitão a perder pela *Pronunciação* má, ou na voz, ou no gesto. Logo a esta se deve dar necessariamente o quinto lugar.

Nem se devem ouvir alguns, que com Albucio querem não haja mais que as tres primeiras partes (*a*),

---

ferentes fins, e meios ha huma *Invenção, Disposição*, e *Expressão* particular ao Orador, outra ao Poeta, outra ao Philosopho.

Sendo estas pois as operaçoens do Orador, nenhum inconveniente ha em classificar, e ordenar debaixo dos mesmos nomes geraes de *Invenção, Disposição*, e *Elocução* as observaçoens, e regras da Arte até agora feitas, concernentes a cada huma destas operaçoens. He necessario com tudo confessar, que esta divisão he livre, e que se podem fazer outras do Systema Rhetorico igualmente boas como seria, por exemplo, fazer tres partes da Rhetorica dos tres generos das causas, ou dos tres meios de persuadir considerando em cada hum a *escolha*, a *ordem*, e a *expressão*.

(*a*) A *Memoria*, tendo o mesmo fim, e uzando dos mesmos meios para reproduzir no espirito as idêas, he commua a todas as Artes, e sciencias. Não he pois parte propria da Eloquencia. Ella álem disso he hum talento natural, que, para se ajudar, não tem outra regra se não esta: *que he preciso o exercicio para a conservar, e fortificar*. Não póde pois tambem ser parte da Rhetorica, porque não póde ser parte da Arte se não aquella, de que se podem dar preceitos. A *Pronunciação* he huma das partes mais essenciaes ao Orador v. supr. Cap. IV. Della se podem dar algumas regras de viva voz, e declamando ao mesmo tempo; por escripto pouco se póde ensinar. Com tudo podemos comprehendel-a com Cicero nas suas *Particoens in princ.* debaixo da Elocução, a qual não he só a *expressão litteral* dos pensamentos, ou *estilo*; mas a *Expressão vocal*, e do *gesto*, e que chamamos

pela razão de que a Memoria, e a Acção são mais partes da Natureza do que da Arte; pois destas mesmas daremos regras no seu lugar.

CAPITULO IX.

Dos Meios de Persuadir de que se serve a Eloquencia.

(L. III. c. 5. n. 1.)

TOdo o discurso consta ou de cousas, que são significadas, ou de cousas, que significão, quero dizer de *Pensamentos*, e *Palavras*. (*a*)

A Eloquencia faz-se perfeita com tres cousas *Natureza*, *Arte*, e *Exercicio*. Alguns acrescentão a estas huma quarta parte, que he da *Imitação*. Nós porém a comprehendemos na Arte. (*b*)

Tres são os meios, que o Orador deve pôr em uso para persuadir, a saber: *Convencer*, *Mover*, e *Atrahir*. (*c*)

---

declamação. Podem-se pois não só ouvir, mas ainda seguir os do mesmo sentimento de Albucio.

(*a*) Como quem persuade, persuade pelo discurso (C. I. §. III. not. *a*.) e este consta de pensamentos, e palavras, estes dois são os meios mais geraes da *Persuasão*. Os pensamentos tem o primeiro, e principal lugar. Nelles reside propriamente a alma da oração. As palavras tem o segundo: Porque em nada devem diminuir, antes augmentar, ou ao menos conservar a força das idêas. Quint. trata agora do primeiro meio, rezervando para a Elocução tratar do segundo.

(*b*) Que se entenda por *Natureza*, e por *Estudo*, no qual entrão a Arte, o Exercicio, e a Imitação; e quanto cada huma contribua para formar o Orador vid. supr. Cap. V.

(*c*) Os *Pensamentos*, primeiro meio geral da Persuasão, dividem-se em tres especies, segundo Arist. *Logicos*, *Ethicos*, e *Patheticos*, isto he, *Razoens*, *Sentimentos*, e *Movimentos*. O dito de Medêa em Ouvidio: *Servare te potui, perdere an possim rogas*, he huma razão. O de Chremes em Terencio: *Homo sum, humani nihil a me alienum puto*, he hum sentimento, e o de Sinon em Virgilio: *Heu! quae me tellus, inquit, quae me aequora possunt accipere* he hum movimento de dôr. Os pensamentos

Estes meios nem sempre todos terão lugar em qualquer causa ou materia, que se houver de tratar. (a) Algumas ha que não admittem paixoens, as quaes, assim como nem sempre tem lugar, assim, onde entrão, tem huma força maravilhosa.

CAPITULO X.

Qual seja a materia da Eloquencia.

(L. II. c. 22.)

Opinião de Quintiliano fundada na authoridade de Platão.

§. I. Eu julgo que a materia da Eloquencia são todas as cousas, que se propoem ao Orador para elle fallar; nem este meu sentimento he destituido de authoridade. Pois Socrates no dialogo de Platão intitulado *Gorgias* parece dizer a este Sophista, que a ma-

logicos pois são todo o genero de prova quer artificial, quer inartificial. Os Patheticos são as perturbaçoens da alma, que lhe fazem mudar de estado, e consequentemente de juizo, e resolução. Os Ethicos emfim são os com que exprimimos, ou em nós, ou nas pessoas, a favor de quem, ou contra quem fallamos, certos sentimentos, e costumes agradaveis, ou desagradaveis, com que ganhamos, ou alienamos os coraçoens dos ouvintes.

Estas tres classes de pensamentos constituem os tres meios de persuadir. Com os *Logicos* o Orador instrue e *convence*, fazendo conhecer a verdade antes desconhecida. Com os Patheticos *move*, isto he, perturba a alma, e interessando-a deste modo, lhe faz formar juizos differentes dos que antes tinha das cousas, os quaes influem nas suas resoluçoens. Com os Ethicos emfim allicia, attrahe, e ganha seus ouvintes, que fazendo do Orador o conceito de homem de *probidade*, *bondade*, e *prudencia* achão por melhor, e menos custoso entregarem-se inteiramente a elle, do que cansarem-se em discussoens diffìceis sobre o que lhe póde ser util, ou nocivo. *Auctoritati credere magnum compendium est.* Os primeiros fallão ao *Espirito*, os segundos ao *Coração*, e os terceiros á *Imaginação*.

(a) Mas nem sempre, nem em toda a materia terão lugar simultaneamente todos estes tres meios da persuasão. Cada hum

teria da Eloquencia não consistia nas palavras (*a*), mas sim nas cousas. E no dialogo que tem por nome *Phedro*, mostra o mesmo Socrates evidentemente, que a Eloquencia não tem sómente uso nos tribunaes, e nas assembleas populares, mas ainda nos negocios particulares, e domesticos. Do que se deixa ver, que este mesmo era o sentimento de Platão. (*b*)

---

delles he relativo ao estado differente da nossa alma, pelo qual ella oppoem obstaculos á persuasão. Se ella se acha disposta a abrassar o bem, mas não o reputa tal; então acha-se no estado de *erro*, e neste caso para a persuadir basta convencel-a. Se vê o que he bom, porém arrastada por outro interesse não o quer seguir, este he o estado de *paixão*, que he necessario desfazer com outras, e isto he mover. Se nem o erro, nem a paixão tirão a alma do equilibrio, o estado de *ignorancia*, ou de *indifferenca* offerece a inercia, para assim dizer, da nossa alma como hum obstaculo á persuasão, e para a tirar delle, se faz necessario principalmente todo o pezo da *Authoridade*, isto he, a opinião, e sentimento interior, que os ouvintes tem da superiodide do merecimento do Orador, pela qual este influe nas suas determinaçoens. Sancto Agostinho reconhece as mesmas obrigaçoens no Orador christão, o qual, segundo elle diz, (*De Doctr. Christ. Lib. IV. n.* 16.) deve fazer, *ut veritas pateat, ut veritas placeat, ut veritas moveat:* Mr. d'Alambert. porém contra o sentimento de todos os Mestres, faz consistir a Eloquencia sómente no *Pathetico*, e como este depende mais do Enthusiasmo, que das regras e reflexão, este erro o fez cahir no outro de dizer: que a Eloquencia he hum talento, e não huma arte. v. *Melang.* tom. 2. Reflex. sobre a Eloq. orat. p. 317.

(*a*) No principio deste Dialogo, e disputa de Socrates com Gorgias propoem aquelle a questão: *Sobre que se versa a arte de faliar?* ao que responde Gorgias: περὶ λόγους. De dois modos se póde entender esta palavra ou pelos *discursos oratorios*, ou pelas *palavras*. V. Quint. no princ. deste Cap. No primeiro sentido os discursos não são a materia, mas sim a obra do Orador. No segundo as palavras sem as cousas são huns meros sons, que de nada valem. Este segundo sentido parece Socrates dar á resposta de Gorgias, mostrando-lhe que a Eloquencia não consiste nas palavras, mas nas cousas. Com effeito ainda que as palavras sejão huns dos meios de que o Orador se serve, elle he com tudo subsidiario dos pensamentos, que fazem propriamente o fundo da Eloquencia.

(*b*) As palavras de Platão ainda são mais amplas: *Não he só nos Tribunaes* (diz elle) *e nos ajuntamentos populares, que a Rhetorica tem lugar. Huma mesma arte he a que nos conduz em todos os outros discursos da vida.* O seu grande principio tambem he applicavel a qualquer discurso. Elle he: que o discurso he ima-

E na authoridade de Cicero.

§. II. Cicero em hum lugar (*a*) diz, que o objecto da Eloquencia são todas as materias, que se lhe propoem; mas crê ao mesmo tempo, que nem todas, mas só certas materias se lhe propoem. (*b*) Em outro lugar porém julga, que a obrigação do Orador he fallar de todos, e quaesquer assumptos: *Ainda que,* diz elle, *á força desta palavra, Orador, e a sua profissão o parece obrigar a fallar com ornato, e copia em qualquer sugeito, que se lhe proponha.* (*c*) E em outro lugar (*d*): *Como as acçoens da vida humana são a materia sugeita, em que o Orador se occupa; tudo o que a respeito destas ha para conhecer, deve elle ter inda-*

---

gem da Razão, assim como esta o he da Divindade; que esta só he bella por si mesma; que a nossa alma o he em quanto se une a Deos em espirito, e do coração pelo estudo da sabedoria, e amor da virtude, e que assim o discurso o será tambem em quanto for animado da verdade, e de sentimentos da virtude, e álem disso tiver um plano, ordem, regularidade, symmetria, e conveniencia, sem o que todos os ornatos, e brilhantes da expressão são bellezas falsas.

(*a*) De Orat. Lib. I. n. 21. et 15.

(*b*) A Eloquencia, ou se póde tomar pela sua parte mais notavel, e brilhante, qual he a Elocução, de que a mesma tomou o nome, ou pela faculdade de persuadir. Considerada do primeiro modo menos exactamente, não ha materia alguma, que não possa ser objecto della, porque qualquer, que o Orador estude, e trate tomará nas suas mãos hum lustre, e ornato, que não poderia receber de quem o não fosse. (v. Cic. de Orat. I., 15.) Neste sentido se deve entender a passagem seguinte de Cicero. Considerada porém em toda a sua extensão como faculdade de persuadir, o seu objecto he muito mais restricto, e limitado tão sómente ás cousas *Persuasiveis*, ou susceptiveis de persuasão. Taes são só as que interessão o coração do homem, porque são *honestas*, ou *indecorosas; uteis*, ou *nocivas; justas*, ou *injustas; agradaveis*, ou *desagradaveis*, cousas que todos, ignorantes, e sabios podem entender, e de que todos podem fallar por serem relativas ás acçoens da vida, ou servirem de motivo para obrar, ou deixar de obrar. Estas são as materias que Cicero diz neste lugar só se propoem de ordinario ao Orador conteudas nos tres generos de causas, e tiradas da vida civil, e ordinaria, que he o campo proprio do Orador, e da Eloquencia Popular, como o mesmo diz na ultima passagem.

(*c*) De Orat. Lib. I. n. 5.

(*d*) Ib. Lib. 3. n. 14.

gado, ouvido, lido, disputado, tratado, e manejado. . . *

Objeção contra esta opinião, e resposta á mesma.

§. III. Contra isto costumão alguns fazer esta objeção : *Se tudo o que se póde propôr ao Orador he materia da sua profissão, seguir-se-hia que deveria saber todas as Artes.* A isto podia eu responder com Cicero (*a*). *Quanto ao meu parecer, ninguem poderá ser Orador cabalmente perfeito sem primeiro ter conseguido o conhecimento de todas as Sciencias Philosophicas e Artes.* Eu porém me contentarei com que o Orador não ignore a materia da arte, sobre que hade discorrer. Porque o mesmo Orador não conhece certamente todas as causas, que são infinitas : e com tudo deve achar-se preparado para fallar de todas. Sobre que cousas pois fallará elle? Sobre aquellas, em que se instruio. Pois o mesmo devemos dizer das Artes. O Orador se instruirá primeiro nas, em que tiver de fallar, e fallará das, em que se tiver instruido. (*b*) ...*

(*a*) Ib. I. 6.

(*b*) As Artes não fazem propriamente a materia do Orador. Porém como ás vezes os objectos destas podem no governo civil ser materia de Deliberação, por exemplo, a abertura de hum canal, a construcção de hum porto, de hum edificio publico, a demarcação dos campos etc. ou nesta casta de questoens se trata da utilidade dos projectos, ou tambem da possibilidade, e facilidade da sua execução. Quanto á primeira ella entra na materia oratoria, porque póde ser persuasivel. Quanto á segunda ella depende dos conhecimentos theoricos, e abstractos das Artes, e, como desta sorte não he persuasivel, mas só Demonstravel, não pertence propriamente ao Orador popular; pertencer-lhe-ha porém como a Orador Architecto, e Mathematico etc. tendo-se elle instruido primeiro nestas materias, e havendo de fallar nellas diante de pessoas intelligentes como era o Senado de Roma, onde de ordinario he que se deliberava em similhantes negocios.

CAPITULO XI.

Divisão da materia geral da Eloquencia em duas especies de questoens.

(L. III. c. 5. n. 5.)

Duas especies de questoens Indeterminadas, e Determinadas.

§. I. Todos convèm em que ha duas especies de questoens, humas *Indeterminadas*, outras *Determinadas*. As *Indeterminadas* são as que se tratão *pro e contra*, abstrahindo das circunstancias particulares das pessoas, tempos, lugares, e outras similhantes. A estas chamão os Gregos *Theses*, Cicero *Proposiçoens* (*a*), outros *Questoens geraes civis*, outros *Questoens Philosophicas*, (*b*) Atheneo emfim, *parte da causa* (*c*) ....

(*a*) Topic. XI.

(*b*) Sendo a These huma proposição geral, ella he propria das sciencias, que dos conhecimentos, e observaçoens singulares tirão pela abstracção, e reflexão principios communs, e proposiçoens geraes, das quaes tratadas com ordem, e deducção formão os seus systemas scientificos. Ora as Theses devem ser convenientes ás hypotheses, e como as Demonstrativas, Deliberativas, e Judiciaes tem por objecto as acçoens humanas, a Eloquencia civil toma de ordinario as suas theses, ou principios para provar as hypotheses da Jurisprudencia Natural, e Civil, e da Philosophia Moral: e a Eloquencia Sagrada desta, e da Theologia Moral, e Dogmatica. Esta a razão porque huns lhes chamão *Questoens geraes Civis*, e outros *Questoens Philosophicas.* Ao systema completo destas proposiçoens chama Cicero no II. do Or. n. 65. *Infinitam sylvam* (materia infinita.) Arist. no I. da Rhetorica em vão quiz ajuntar todos os principios, ou proposiçoens geraes para os tres generos de causas. Melhor aconselha Cicero no seu Orad. C. XI. se procurem, e aprompptem pelo estudo, e conhecimento anticipado da Philosophia. v. adiante Liv. II. c. 8. §. 6.

(*c*) Cic. Topic. c. 21. diz o mesmo: *Itaque propositum pars caussae est.* Ambas as questoens Indeterminadas, e Determinadas formão a materia das oraçoens, e ambas são parte da causa, porém por differente modo. A hypothese he a questão princi-

Questoens *Determinadas* são as que se compoem do ajuntamento das circunstancias particulares das cousas, pessoas, tempos etc. Os Gregos lhe chamão *Hypotheses*, e os nossos *Causas*. Estas tem sempre por objecto *cousas*, ou *pessoas*. A questão *Indeterminada* sempre tem mais extensão, pois della descende a *Determinada*. (*a*) Isto se verá mais claramente em hum exemplo. Questão indeterminada he esta: *Se o homem deve cazar?* e determinada est'outra: *Se Catão deve cazar?*....

As hypotheses de todos os tres estados dependem, para se tratarem, das theses.

§. II. As Questoens Indeterminadas tem o nome de *Questoens Geraes*, o que a ser assim, as Determinadas se deverão chamar *Particulares*. Em toda a questão Particular vai incluida a Geral, pois que esta sempre precede. (*b*) Assim podemos dizer, que nas

---

pal, que se trata por amor della mesma. A These he huma questão accessoria, e subsidiaria, que se trata por amor da hypothese, afim de lhe servir ou de *principio*, ou de *amplificação*, ou de *ornato*.

(*a*) Para descobrir a verdade nós simplificamos, e generalizamos as nossas idêas subindo das mais sensiveis, e compostas para as mais abstractas, e geraes. v. g. *Catão*, *Homem*, *Animal*, *Vivente*, *Ser*. Este he o methodo da Analyse. Quando porém queremos ensinar usamos do methodo Synthetico começando por sima das idêas mais geraes, e descendo ás mais particulares, e individuaes. O que dizemos das idêas he tambem verdade a respeito das Proposiçoens. Nós, para ensinar, e persuadir, começamos por algum principio, ou these, que se contenha nas idêas de nossos ouvintes, para que, depois de estabelecido, descemos á hypothese, ou ponto da questão, que se controverte. A qüestão indeterminada pois sempre he mais geral, e della desce a determinada.

(*b*) A questão geral, ou these inclue-se na particular, ou Hypothese do mesmo modo que o genero se contém na especie, e o que he mais simples no mais composto. A idêa por exemplo de *Catão* involve a de *Homem*, esta a de *Animal*, e nesta proposição: *Milão matou justamente a Clodio seu aggressor* inclue-se est'outra: *He licito matar o aggressor*. Não só pois o genero se inclue na especie, mas na definição mesma da especie o genero he primeiro na ordem. Eu digo *Animal Racional*, e não *Racional Animal*. Assim como pois o genero se inclue na especie como a

mesmas causas, e hypotheses tudo o que he questão de *qualidade*, se reduz a questão geral. *Milão matou*, por exemplo *a Clodio; matou justamente o aggressor.* Por ventura não vem a ser esta a questão: *Se he licito, ou não, matar o aggressor?* Que? nas questoens mesmas de *conjectura* não são geraes tambem estas: *Se o odio, se a cubiça he causa do delicto? Quaes se devem acreditar mais as testemunhas, ou os argumentos?* Já pelo que pertence ao estado de *Definição* he certo que tudo, o que nelle se questiona, se reduz a questoens geraes. (*a*)

Que ordem guardaremos no tratar estas questoens.

§. III. Ora nas questoens particulares, ou hypotheses determinadas pela circunstancia da pessoa assim como não bastará a hum Orador ter tratado a These geral, assim nunca, poderá chegar a tratar a hypothese sem primeiro discutir a These. De que modo por exemplo poderá deliberar Catão *se deve ou não casar* sem primeiro ser certo, que os homens em geral devem casar? ou como assentará se deve, ou não casar com Marcia, sem primeiro assentar se lhe he conveniente o casar? (*b*)

---

parte no todo, e a precede: assim as Theses se contêm nas hypotheses, e são anteriores a estas na ordem, não da meditação, e invenção, mas sim da composição.

(*a*) A Definição sempre he da especie, ou do Genero, e a Descripção do Individuo. Toda a Definição pois contém huma idêa geral commua a muitos individuos. Isto que Quint. affirma neste §. de toda a casta de hypotheses com algum receio, o assevera decisivamente no Liv. X. Cap. V. n. 13. *Omnes enim* (caussae) *generalibus quaestionibus constant. Nam quid interest* Cornelius Tribunus plebis, quod codicem legerit, reus sit: *an quaeramus:* violetur ne majestas, si magistratus rogationem suam populo ipse recitaverit. Milo Clodium recte ne occiderit, *veniat in judicium: an* oporteat-ne insidiatorem interfici, vel perniciosum Reip. civem, etiam si non insidietur? Cato Martiam honeste-ne tradiderit Hortensio: *an* conveniat-ne res talis bono viro? *De personis judicatur, sed de rebus contenditur.*

(*b*) A razão disto he facil de ver. Toda a hypothese he huma questão sobre algum facto singular, do qual se duvida *se existe, que facto he, ou que qualidades tem.* Esta duvida, como nunca se poderá esclarecer sem tomar algum principio certo, e indubita-

CAPITULO XII.

Subdivisão das Hypotheses, e Theses em tres Estados.

(L. I. c. 6. n. 1.)

COmo toda a Hypothese se comprehende em algum estado, antes de principiar-mos a ensinar o modo como se deve tratar em particular cada genero de

vel, de que nos sirvamos para achar a verdade, e estes principios não são outros senão as mesmas proposiçoens geraes, ou Theses das sciencias practicas: está claro que as hypotheses não são outra cousa mais que a applicação das proposiçoens geraes, ou principios recebidos de todos os factos particulares. Nenhuma causa pois se póde tratar bem sem na sua meditação, e exame subir della gradualmente, hindo de questão em questão até a mais geral, e sem na sua explicação começarmos pela These geral. Esta doutrina de Quint., que he o resultado dos dois §§. antecedentes, he a mesma de Cicero no Orador c. 14. *Orator non ille vulgaris, sed hic excellens a propriis personis et temporibus semper, si potest, avocat controversiam. Latius enim de genere quam de parte disceptare licet: ut quod in universo sit probatum in parte sit probari necesse.* E no III. do Orad. c. 30. *ornatissimae sunt orationes eae, quae latissime vagantur, et a privata ac singulari controversia se ad universi generis vim explicandam conferunt, et convertunt, ut ii qui audiant natura, et genere, et universa re cognita, de singulis reis, et criminibus, et litibus statuere possint.*

Fr. Luiz de Granada Rhet. Eccl. Lib. II. c. 12. faz a este mesmo respeito huma observação muito util aos Prégadores, e he, que o Orador Forense sóbe da hypothese á these, porque aquella he que elle propoem, e esta a com que prova, e porque quer estabelecer factos sobre maximas. O Prégador pelo contrario desce do geral ao particular, ou da These á hypothese, porque quer interessar. O Orador civil trata a These geral para provar a hypothese. O Orador Christão desce ás hypotheses, ou factos particulares para explicar, e confirmar a sua these, a qual, excepto nos Panegyricos, he a materia ordinaria da Prégação, assim como a hypothese o he dos discursos forenses. Por este modo os bons Prégadores acharão hum meio de dar mais alma, e mais fogo a seus sermoens, e fazel-os por consequencia mais uteis descendo do geral ao particular, já fingindo-se para este fim hum adversario para combater na pessoa de seu ouvinte, ou em qualquer outra especie de homem de

causa, julgo se deve examinar donde vem este nome, que cousa seja Estado, quantos, e quaes sejão. Porque estas noçoens são communas a todos os generos de causas....

Etymologia do Estado.

§. I. Ao Estado chamão os Gregos ςάσιν... Deu-se-lhe, segundo dizem, este nome, porque no estado está o primeiro conflicto da causa, ou porque este nelle pára, e consiste. (*a*) Esta a origem do nome. Vejamos agora, que cousa he....

Que cousa seja Estado.

Huma causa simples, ainda que se defenda de varios modos, não póde ter mais de hum ponto, sobre que se pronuncie, e daqui vem que o estado da causa será aquelle ponto *que o Orador julga que principalmente deve persuadir, e o Juiz examinar com mais cuidado.* Pois neste ponto consistirá toda a causa. Com tudo na mesma causa póde haver differentes estados de questoens, o que para se ver em hum exemplo brevissimo, quando o réo diz: *Se fiz, fiz bem;* usa do estado de *qualidade*, e quando diz: *não fiz*, excita huma questão de *conjectura*. Ora o mais seguro he *não ter feito*. Por isso sempre julgarei que o estado consiste naquelle ponto, que eu diria

certo estado, e de certa condição, a quem para este effeito dirijão seu discurso; já condenando, e reprehendendo acçoens, e ditos particulares, e individuaes como opostos ás verdades christans, que fazem a materia dos seus discursos. Mas esta mesma arte não he desconhecida dos Oradores profanos. Para fazerem as theses geraes mais populares, e sensiveis, elles tem sempre o cuidado de evitar as reflexoens muito subtis e abstractas, e trajarem as verdades de modo, que firão a fantasia.

(*a*) A palavra Latina *status* vinda de *Sisto* (parar,) e a Grega ςασις, que tem huma similhante origem, no sentido proprio significão o *posto*, que cada hum dos dois antagonistas occupa, que defende, e do qual de nenhum modo quer ser deposto pelo contrario. Daqui se transferio para os juizos a significar o primeiro conflicto da causa sobre o ponto principal, e decisivo que hum advogado affirma, e outro nega, e que são como o posto, que mutuamente se disputão o accusador, e defensor.

só, se me não fosse permittido dizer mais do que huma unica cousa. Com razão pois se chamou estado o *primeiro conflicto das causas, e não das questoens*... A nossa opinião foi sempre esta, havendo frequentemente differentes estados de questoens na mesma causa, ter sempre por *estado da causa o ponto mais substancial, sobre o qual girava principalmente, e pendia a demanda*.... (a)

Quantos, e quaes sejão os Estados.

§. II. A maior parte dos Authores fizerão tres Estados geraes. Estes mesmos traz Cicero no seu Orador, (b) e julga que tudo, sobre que ha controversia, ou contenda, se reduz a huma destas tres questoens: *Se existe? Que cousa seja?* e *Que qualidades tenha?* (c)

(a) Quintiliano distingue cuidadosamente *estado de questão*, e *estado de causa*. Estado da causa he depois de muitas questoens, que se podem fazer sobre hum facto, e em que ambas as partes se achão de acordo, a primeira em que desconvêm, e em que parão para disputar v. g. sobre huma morte diz o accusador: *Mataste*. Responde o Réo: *matei*. Torna o Accusador: *Porque mataste? Porque erão adulteros*, responde o Réo. *Não erão adulteros*, diz o Accusador. *Erão*, responde o Réo. Este ponto pois em que primeiro desconvêm, esta questão *orta ex prima conflictione causuram* he o estado da causa. Estado da questão he depois de muitos sentidos de que he susceptivel a mesma proposição, e em que as partes se achão de acordo, aquelle, em que ambas se contradizem, e parão para disputar. Elle he pois *quaestio orta ex prima conflictione sententiarum*. Todas estas questoens se podem reduzir a tres estados geraes *sit ne? quid sit? quale sit?* Nas causas simplices, em que não ha se não huma unica questão, esta mesma he o estado da causa. Nas compostas de muitas questoens do mesmo, ou differentes estados, quer Quint. que o estado da causa esteja na questão principal, mais poderosa, e que, se não nos fosse permittido dizer se não huma só cousa, nós escolheriamos com preferencia ás mais. Na causa de Milão ha não menos que sinco questoens, porém huma só he o estado da causa. *Se Milão matou justamente a Clodio, ou não?* De determinar, e escolher bem o estado de huma causa, e o de todas as questoens he que depende o bom successo de qualquer disputa, que he achar a verdade. Qualquer negligencia neste ponto essencial não produz outra cousa, que logomachias vans, e confusoens.

(b) C. XIV.

(c) Quando a questão he sobre a existencia passada, ou presente, ou futura, ou possivel chama-se questão de *facto*, e esta-

Antigamente seguia eu a opinião da maior parte dos Authores, que fazião tres *Estados Racionaes* a saber de Conjectura, Definição, e Qualidade, e hum *Legal*. Estes erão para mim os estados geraes. Dividia depois o *Legal* em sinco especies, a saber: *Da letra da Ley*, e *seu espirito*, *Das Leis contrarias*, *Do argumento da Ley*, *Da ambiguidade da mesma*, e da *Translação*. (*a*)

Agora porém sou de parecer, que dos geraes se póde omittir o quarto, e que basta a primeira divisão, em que dissemos, (*b*) que os Estados erão, ou *Racionaes*, ou *Legaes*. Por este modo *legal* não he hum estado, mas sim hum genero de questão, de outra sorte tambem o *Racional* faria outro estado. (*c*) Destes estados, que eu chamava subalternos, e

---

do de *conjectura*, porque, havendo duvida sobre hum facto, não ha outro meio de proceder na sua averiguação se não por *sinaes, e conjecturas!* A questão tratada por Cicero a favor de Celio. *Se este deu veneno, ou não a Clodia?* pertence a este estado.

Se a questão porém suppoem já a possibilidade, ou existencia do facto, e inquire sómente, qual seja a sua natureza, como se deve definir, e, em consequencia da Definição, que nome se lhe deve dar; então he *questão do nome*, e estado de *Definição*, a que muitas vezes Quint. chama *questão de direito*. Tal he a que Cicero trata na oração por Plancio examinando, *se a distribuição do dinheiro feita por elle ao povo era, ou não, suborno?*

Emfim se, suposta a existencia, e constituida a natureza do facto, disputamos só sobre as suas qualidades moraes, e accidentaes á acção, pelas quaes se faz criminosa, ou o deixa de ser: chama-se *estado de qualidade*. Tal he a questão *pro Milone: Se a morte de Clodio feita por elle era, ou não, justa?*

(*a*) A questão legitima, quando ha direito estabelecido sobre o caso da controversia, póde nascer de tres cousas: ou do conflicto da letra da Ley com a intenção do Legislador, ou do conflito de duas Leis, que parecem contrarias, ou do conflicto de dois sentidos, de que he susceptivel a mesma Ley. Quando porém não ha direito estabelecido sobre o caso, póde haver questão sobre a analogia, ou paridade de razão do nosso caso, com outro sobre que a Ley proveo, ou sobre a illigitimidade de acção.

(*b*) Cap. V. Todos confessão, diz elle, que as questoens são ou sobre huma cousa *escrita*, ou *não escrita*. As primeiras são questões de *Direito*, as segundas de *Facto*. O genero das primeiras he *Legal*, da segunda *Racional*. Hermagoras, e seus Discipulos lhe chamão νομικόν e λογικόν.

(*c*) Quer dizer que verdadeiramente não ha senão tres Esta-

especiaes omitti a Translação, dizendo frequentemente (como se podem lembrar os que me seguirão) ... que apenas se encontraria o estado Translativo (a) em qualquer controversia, sem que na mesma occorresse outro estado, que merecesse com mais razão este nome, e que por isso alguns o tinhão regeitado. Eu bem sei que muitas acções se transferem, pois que em quasi todas as causas, que se perdem por serem mal intentadas, se encontrão estas questões: *Se este tem acção? Se contra estoutro? Se por força desta Ley? Se diante deste juiz? Se neste tempo?* e outras similhantes. Mas as pessoas, tempos, acções, e outras cousas, que se declinão, por alguma causa se declinão. Deste modo a questão não consiste propriamente na Translação, mas sim naquillo por amor do qual se transferem....

---

dos geraes, que são de *Conjectura*, *Definição*, e *Qualidade*, e que segundo os differentes objectos, sobre que cahir a questão, o seu estado será ou *Racional*, ou *Legal*. Se a questão for sobre o *facto só* para se averiguar pela razão se existe ou não? que facto he? se he justo ou injusto? todos estes estados serão Racionaes: se a questão for sobre a *Ley só*, para averiguar pelo estado de conjectura, se a ha, ou não para intentar aquella acção? se foi, ou não derrogada? Pelo estado de *Definição*, que Ley he? e pelo de *qualidade:* se se deve preferir o espirito da Ley ao seu sentido literal? todos estes estados serão legaes.

(a) *Translação* (diz Cicero de Inv. I.) *he quando a causa pende de alguma destas cousas, ou de não ter acção em Juizo quem a devia ter, ou de não a ter contra quem devia, ou parante juizes competentes, ou de a não ter no tempo, com a Ley, com o crime, e com a pena que devia.* Nós chamamos a isto *Excepçoens*, das quaes trata a nossa Ordenação Liv. III. tit. XX. §. 9. e seguintes. Ora Quint. quer que as questoens não consistão propriamente nas Exceiçoens, mas sim nas razoens das Exceiçoens. *Não deves*, diz a parte, *pedirme o Fideicommisso parante o Pretor, mas parante os Consules, porque a quantia excede a alçada do Pretor.* A questão aqui he, se excede, ou não? e he de conjectura. *Não podes ter acção contra mim*, diz outro, *porque não podias ser solicitador*, a questão he de qualidade. Emfim *Não devias ter acção contra mim no possessorio*, diz outro, *mas no petitorio*, a duvida aqui he: se o Interdicto foi, ou não, bem dado?

Todas estas questões pois são legaes, e pertencem a algum dos tres estados de Conjectura, Definição, e Qualidade. V. Quintiliano neste mesmo Cap. n. 68, 69, 70.

Com a razão mostra não serem nem mais, nem menos de tres.

§. III. Devemos pois dar credito aos Authores, que Cicero seguio, e assentarmos, que tres são as cousas, que se podem questionar em toda a disputa: *Se existe? Que cousa he*, e *Qual he?* o que a mesma razão natural nos está mostrando. Porque primeiro que tudo he preciso exista alguma cousa, que faça o objecto da nossa duvida: pois mal podemos nós saber, que natureza, e que qualidades tenha huma cousa, que não sabemos se existe. Esta pois será a primeira questão. Mas huma vez verificada a existencia da cousa, nem por isso logo ficamos sabendo que cousa seja. Averiguado porém este ponto, restão só por examinar as qualidades, e feito isto, não ha mais nada, sobre que se questione. Nestes tres estados pois se contém todas as questões Indeterminadas, e Determinadas. Delles mesmos algum necessariamente se hade tratar no Genero Demonstrativo, Deliberativo, e Judicial. Estes mesmos estados abrangem tambem todas as causas Judiciaes nas suas duas partes Racional, e Legal. Porque nenhuma demanda ha, que se possa explicar se não ou pela Definição, ou pela Qualidade, ou pela Conjectura. . . . .

CAPITULO XIII.

Classes geraes das Hypotheses.

(L. III. c. 4.)

Ha tres Classes geraes de Hypotheses.

§. I. DUvida-se se são tres os generos, ou classes de causas ou mais. E na verdade quasi todos os Escritores de maior authoridade para com os antigos se contentarão com esta divisão seguindo a Aristote-

les, que foi o primeiro, que a deu, (*a*) só com a differença de dar o nome de *Ecclesiastico* ao genero Deliberativo (*b*). Mas já então alguns dos Rhetoricos Gregos, e Cicero nos livros do Orador (*c*) tentarão por de mais, e agora a authoridade do maior Escritor dos nossos tempos (*d*) tem quasi chegado a persuadir, que os generos das causas não só são mais de tres, mas quasi innumeraveis. . .

Mostra-se isto pela razão.

§. II. Os que defendem a divisão antiga, fazem tres especies de ouvintes; huns que se ajuntão para se deleitarem, outros, que pedem conselho, e outros, que são juizes nas causas. (*e*) Examinando eu tudo bem, lembrou-me discorrer deste modo: Todo o officio do Orador, ou tem lugar nos *Tribunaes*, ou fóra delles. Se nos Tribunaes, bem se vê similhantes questoens a que classe pertencem; se fóra, ou ellas

---

(*a*) *Todo o ouvinte* (diz Arist. Rhet. I. 3.) *necessariamente hade ser, ou Spectador, ou Juiz. Se Juiz, ou o hade ser das cousas passadas, ou futuras. Se das futuras he Consultor, se das passadas, Julgador. Se nem huma nem outra cousa, e conhece só da eloquencia, e força do discurso, he Spectador. Assim de necessidade se devem admittir tres generos de Oraçoens, Deliberativas, Judiciaes, e Epidicticas.*

(*b*) No tempo, em que escrevia Aristoteles, todos os governos da Grecia erão Republicanos. O Povo, em que residia a Soberania, se ajuntava para deliberar sobre os negocios publicos internos, e externos. Aristoteles pois, que via, que o genero Deliberativo, onde tinha mais uso, e dominava, mais era nestas assembleas populares, por isso preferio o nome de *Ecclesiastico* ao de Deliberativo. A nossa Eloquencia Ecclesiastica, não tem differença alguma da dos antigos, se não no objecto, que são os negocios da vida eterna, e o modo de o tratar por theses. No mais as regras, são as mesmas.

(*c*) Cicero no II. do Orad. c. 10. na pessoa de Antonio parece excluir o genero Demonstrativo, e reduzir todas as hypotheses oratorias a duas classes geraes, Judiciaes, e Deliberativas. Porque o louvor se póde reduzir á *Defeza*, e á *Suasão*, e o *Vituperio* á *Accusação*, e *Dissuasão*. Porém os fins dos tres generos são muito differentes, e os meios em consequencia o devem ser, para não se poderem confundir de modo algum.

(*d*) He provavel falle de Plinio o velho v. sup. Cap. VII. Art. II. §. II.

(*e*) Este parece ser o raciocinio de Aristoteles, porém este o ennuncia com mais força, e exactidão. vid. sup. not. 1.

olhão o tempo *passado*, ou *futuro*. As cousas passadas são objecto do louvor, ou vituperio, e as futuras de deliberação. Mais. Tudo aquillo de que se hade fallar, ou he *certo*, ou *duvidoso*. Nós louvamos, ou vituperamos como nos parece, as acçoens certas. Das duvidosas em parte temos a liberdade da escolha, e destas se *delibera*, parte he commettida a decisão de outros, e destas se litiga em *Juizo*. . .

Estes tres generos de Hypotheses que são o Laudativo, Deliberativo, e Judicial.

§. III. O mais seguro pois he seguir o maior numero de authores, e a razão mesma (*a*) confirma esta divisão. Ha pois huma Classe de Hypotheses, como hia dizendo, em que se contém o *louvor*, ou *vituperio*. Este genero tomou o nome de *Laudativo* da parte melhor. Outros lhe chamão *Demonstrativo*. Hum e outro appellido lhe parece vir dos Gregos, que chamão a este genero já *Encomiastico*, já *Epidictico*.

A palavra porém *Epidictico* me parece significar não tanto *demonstração*, quanto *ostentação*, e ser

---

(*a*) As duas divisoens, que Quintiliano acaba de fazer do objecto da Eloquencia, para com ellas comprovar a dos tres generos de causa, parecem não ser exactas. Na primeira, parte do segundo membro inclue-se no primeiro. As cousas passadas são objecto não só do louvor, e vituperio, mas tambem dos Juizos, e Tribunaes, em que se julga da justiça, ou injustiça dos factos commettidos. Na segunda ha o mesmo defeito. As acçoens certas não só são materia do louvor, e vituperio, mas no mesmo sentido o são tambem das averiguaçoens Judiciaes, quando os réos confessão os factos accusados, e os defendem ao mesmo tempo. Parece-me que a mesma divisão geral da materia do Orador se poderia mostrar melhor do modo seguinte. A materia da Eloquencia são as acçoens humanas. Estas ou são passadas, ou futuras. As passadas, ou se considerão só para se conhecerem, e daqui o *Genero Theorico*, e *Demonstrativo*, ou para se conhecerem, e álem disso determinar alguma cousa sobre ellas, e daqui o *Genero Judicial*. As futuras não se podem considerar senão para deliberar sobre ellas, se são ou não possiveis, se se hão ou não de fazer, daqui o *Genero Deliberativo*. Fóra destas tres consideraçoens, nada mais ha, que possa ser objecto dos discursos humanos.

muito differente do *Encomiastico*. Assim como, pois esta palavra abrange o genero Laudativo, assim não exclue os outros generos. Por ventura negará alguem que os Panegyricos (*a*) são Epidicticos? Elles com tudo tem a fórma de oraçoens suasorias, e pela maior parte tratão dos interesses communs aos Gregos. Concluamos pois que as classes geraes das hypotheses são tres, mas que cada classe, e genero de causa póde ser de dois modos, *Pragmatico*, ou *Epidictico*. (*b*). . .

(*a*) Os Gregos chamavão discursos *Panegyricos* a todas as oraçoens de qualquer genero que fossem, pronunciadas nas assembleas geraes da Nação, como erão as dos Jogos Olympicos, Isthmicos, Nemeos, e Pythios, de πανήγυρις assemblea geral, mercado, de πᾶν e ἄγυρις. Como porém nestas oraçoens, ou se misturava, ou se tratava o louvor dos Gregos, passou depois, principalmente entre os Latinos, o nome de Panegyrico a tomar-se pelo discurso Laudativo, ainda que não fosse pronunciado em ajuntamento algum nacional.

(*b*) Cada genero tem seu fim proprio. Isto porém não impede que o Orador possa tambem ter o seu. Ou elle pois se propoem por fim algum negocio, e acção πρᾶγμα, ou o fazer mostra do seu talento, habilidade, e arte, ἐπίδειξιν: e daqui nascem as duas fórmas, que elle póde dar a qualquer discurso de qualquer genero, que seja; a fórma *Pragmatica*, e a fórma *Epidictica*. Na primeira dá elle o primeiro lugar á causa, e o ultimo á sua reputação; occulta a sua arte, para se deixar mais ver o merecimento da causa. Na segunda não occulta, antes faz mostra da sua Eloquencia, e faz servir a causa á sua gloria, e reputação.

Todos os generos são susceptiveis destas duas fórmas. Assim como no genero laudativo ha discursos Epidicticos, e de apparato, assim os póde haver tambem no Deliberativo, e Judicial. O Panegyrico de Isocrates he huma verdadeira suasoria, em que persuade a guerra contra os Barbaros, e com tudo he Epidictico. O mesmo se deve dizer da accusação de Socrates feita por Polycrates, e a da defeza, que o mesmo fez de Busiris, e Clytemnestra, de que Quintiliano faz menção L. II., c. 17. n. 4., e III., 1, 11. Pelo contrario o genero Demonstrativo muitas vezes he Pragmatico. Tal he o louvor de Pompeo na Maniliana, e o vituperio de Antonio na Philippica II. Nós temos no nosso tempo, como os antigos, muitos discursos de apparato em todos os generos.

Taes são todos os Discursos Academicos, os elogios dos grandes homens, os cumprimentos que se fazem aos Reis, e aos Princepes etc., para os quaes não necessitamos de outras regras se não das que os antigos derão, fazendo como elles fizerão distinção destas duas fórmas, e das regras que lhes são proprias,

A segunda classe, ou genero de causas he o *Deliberativo.* O terceiro o *Judicial.* As mais especies de discursos vem a recair nestes tres generos. Pois nenhum se poderá assignar, em que não tenhamos de *louvar*, ou *vituperar*, (a) *aconselhar*, ou *desaconselhar*, (b) *Intentar* huma acção em juizo, ou *defendermo-nos della.* (c)

Qual he a materia de cada hum.

§. IV. Tambem não seguirei a opinião daquelles, que restringem a materia do genero Laudativo ao que he *honesto*, do Deliberativo ao *util*, e do Judicial ao *justo*, distribuição breve sim, e justa, mas falsa na sua applicação. Porque estas cousas concorrem em cada genero a auxiliarem-se humas ás outras. Pois no louvor se trata tambem do *justo*, e do *util*, nos conselhos do *honesto*, e raras vezes se achará causa Judicial, em que se não encontre tratada algu-

as quaes se darão no curso desta obra, sem ser preciso recorrer a hum novo genero de Eloquencia Academica, como recorre Heinecio Stil. Cult. Part. II. C. II. §. III., de que os antigos não tinhão nem idéa, nem exemplo.

Além destas duas fórmas, Quintiliano requer huma terceira mixta, nas Declamaçoens, ou discursos de Exercicio: *Nam et iis actionibus* (diz elle II, 10, 11.) *quae in aliqua sine dubio veritate versantur, sed sunt ad popularem aptatae dilectationem, quales legimus Panegyricos, totumque hoc Demonstrativum genus, permittitur adhibere plus cultus, omnemque artem (quae latere plerumque in judiciis debet) non confiteri modo, sed ostentare etiam hominibus in hoc advocatis. Quare Declamatio, quoniam est Judiciorum Consiliorumque imago, similis esse debet veritati, quoniam aliquid in se habet* ἐπιδεικτικὸν, *non nihil sibi nitoris assumere.* Os nossos Panegyricos dos Santos, e Oraçoens funebres sagradas talvez pertencem a este genero mixto, e participão do Pragmatico, e Epidictico.

(a) Assim pertencem ao Genero Demonstrativo todos os cumprimentos, como açoens de graças, oraçoens funebres, Natalicias, Nupciaes, e outras similhantes. Porque em todas ellas se louva.

(b) As Exhortaçoens consequentemente, as Consolaçoens, as Petiçoens, Discursos de abertura das Academias, e liçoens publicas, todos os Sermoens de Moral pertencem a este genero.

(c) A' accusação se reduzem as Invectivas, e á defeza as Apologias etc. Sobre estes dois officios do genero Judicial *Intentar acção e Repelil-a*, veja-se adiante Cap. XVI. in princ. not.

ma destas materias assima ditas, ao menos em algũma parte.

CAPITULO XIV.

Primeira Classe geral das Causas, ou Hypotheses Laudativas.

(L. III. c. 9. n. 1.)

ARTIGO I.

Differentes fórmas de Louvor, Exordio, e Provas deste genero.

O louvor, ou he Pragmatico,

§. I. JÁ que reparti todas as causas em tres Classes geraes, hirei seguindo a mesma ordem, e começarei primeiro pela que consta de *Louvor*, ou *Vituperio*. Aristoteles, e Theophrasto, que o seguio, parecem excluir este genero do numero das Oraçoens Pragmaticas, que tem por fim algum negocio, e reduzil-o inteiramente ao deleite puro dos ouvintes, o que o mesmo nome de *Epidictico*, que se dá a este genero, e significa ostentação, parece comprovar.

Mas o uso dos Romanos introduzio as oraçoens deste genero tambem nos negocios civís da Republica. Pois esta toma parte nos elogíos funebres, que muitas vezes se encarregão aos magistrados por decreto do Senado. (*a*) Alem disto louvar huma teste-

(*a*) Introduzio-se este uso no principio só a favor dos homens, que tinhão morrido na guerra pela patria. Os Athenienses costumavão mandar recitar todos os annos a Oração de Platão em louvor dos que tinhão defendido valerosamente a patria. Entre os Romanos Valerio Publicola foi o primeiro, que abrio este exemplo, louvando a seu Collega, Bruto. Estes elogios funebres communicarão-se depois, ainda que muito tarde, ás mulheres. Os filhos,

munha, ou vituperal-a influe muito no bom, ou máo successo das causas crimes, e aos mesmos réos, que são trazidos a juizo, se lhes permitte o darem pessoas, que os louvem, e recommendem perante os julgadores. (*a*)

As oraçoens tambem, que Cicero publicou contra seus concorrentes, e oppositores aos cargos, (*b*) e contra Pisão, Clodio, e Curião forão tidas no Senado como outros tantos pareceres, e discursos suasorios.

Ou *Epidictico*.

Isto não obstante, não nego haja tambem orações neste genero compostas só para o fim de ostentar o engenho, e eloquencia, como são por exemplo os louvores dos Deoses, e dos Heroes da antiguidade. . . (*c*)

Exordio deste Genero.

§. II. (Os Exordios neste genero, julga o mesmo Aristoteles (*d*), são os, em que o Orador tem mais

---

e em falta destes, os parentes do morto se encarregavão ordinariamente destes elogios. Mas algumas vezes o Senado mesmo os mandava fazer a algum magistrado, quando os serviços do morto merecião esta distincção.

(*a*) Antes da Ley *Pompeia* os réos podião dar pessoas de qualidade, que os louvassem diante dos juizes, e os recommendassem deste modo, afim de serem absolvidos. A dita ley tirou este abuso. Deste lugar porém, e de Plinio em muitas cartas se prova ter-se introduzido o mesmo costume de novo no tempo de Quintiliano.

(*b*) Neste lugar allude Quintil. á oração de Cicero chamada *in Toga candida* por ser feita quando era Candidato, e pronunciada no Senado contra Catilina, e Antonio seus competidores no Consulado. Desta oração, e das que fez no mesmo lugar contra Pisão, Clodio, e Curião apenas nos restão alguns fragmentos.

(*c*) Taes como por exemplo os louvores de Jupiter Capitolino, materia dos Certames Oratorios nas Festas Quinquennaes. v. Suet. in Domitian. 4. e Quint. hic.

(*d*) Rhet. Lib. III. cap. 14. in princ., donde he tirado quasi todo este lugar de Quint. Arist. compara os exordios do Genero Judicial, e Deliberativo aos Prologos das peças Drammaticas, que devem ser tirados da mesma acção, e os do genero Demonstrativo aos Preludios dos Flautistas, que nenhuma connexão, e parentesco tem com as solfas, que se lhe poem depois para tocar.

liberdade. Porque ou se podem tirar de huma materia muito remota, como Isocrates fez no Elogío de Helena (*a*), ou de alguma materia vezinha, como o mesmo fez no Panegyrico, (*b*) queixando-se de se honrarem mais as virtudes, e partes do corpo, que as do animo, e Gorgias no seu discurso Olympico (*c*), começando pelo louvor dos que primeiro instituirão similhantes assembleas nacionaes. O exemplo destes Oradores seguio Crispo Salustio na historia, que escreveo das Guerras de Jugurtha, e Catilina, principiando com exordios, que nada pertencião á materia da sua historia. (*d*))

Como devem ser as provas no Pragmatico, e Epidictico.

§. III. Ora assim como o louvor, quando he *Pragmatico*, requer provas sólidas, e verdadeiras: assim o que he *Epidictico* tem as vezes suas provas apparentes, e especiosas (*e*), como se alguem quizesse

---

(*a*) Elle começa o discurso por huma Invectiva contra os Sophistas do seu tempo, que costumavão tratar em suas oraçoens materias rediculas, e assumptos absurdos, e paradoxos. Ora que connexão tem, diz Aristoteles, os Sophistas com Helena? veja-se este exordio entre as Peças de Eloquencia citadas por Quint. que damos no fim deste tomo, Exemplo I.

(*b*) Depois desta queixa segue-se. *Isto com tudo não me fez desanimar, e preferir o ocio ao trabalho, antes assentando, que a gloria, que me resultava deste discurso, era para mim hum premio assaz vantajoso: venho-vos persuadir a guerra contra os Barbaros, e a boa armonia entre vós.* Do que se deixa ver, que aquella queixa por onde elle começa, tem alguma connexão, e proximidade com o assumpto, que se propoem. Este he o celebre Panegyrico da Isocrates, que lhe custou o trabalho pelo menos de dez annos, sobre o que dizia Timeo citado, e criticado por Longino cap. 4. *Que Alexandre conquistara toda a Asia em menos tempo, que Isocrates gastou em compôr o seu Panegyrico.* v. Exemp. II.

(*c*) Este discurso já não existe. Os antigos porém, que o virão, nos asseguräo era o original, donde Isocrates tinha tirado o principal do seu Panegyrico. v. Fabric. Biblioth. Gr. tom. I.

(*d*) V. Exempl. III. e IV. Este §. foi transposto para aqui do cap. 8. n. 9. do Liv. III. de Quint.

(*e*) Chama provas *Especiosas* áquellas, que á primeira vista parecem concluir, porém examinadas bem nenhuma força tem, o que não succede nas que são sólidas, que quanto mais se pezão, mais convencem.

mostrar que Romulo fora filho de Marte, e criado por huma lôba, e para prova desta origem divina se servisse das seguintes razoens: Porque primeiramente lançado na corrente do Tibre não pôde ser morto; segundo porque as acçoens, que obrou forão tão maravilhosas, que não he inverosimil fosse filho do Deos, que preside á guerra; terceiro, porque os mesmos homens do seu tempo não pozerão em duvida ter elle sido recebido no Ceo. (*a*) Algumas acçoens terão tambem sua desculpa especiosa, como por exemplo se hum Orador, louvando a Hercules, justificasse aquella acção vergonhosa, com que trocou o proprio traje com o da Rainha da Lydia, e se pôz a fiar. (*b*) Mas o que he proprio do Genero Laudativo, não he tanto o provar, quanto o *Amplificar*, e *Ornar* as acçoens. (*c*)

(*a*) Este voato, que os Senadores espalhárão, teve origem de Proculo, que para mitigar o povo, jurou tinha visto Romulo subir ao Ceo. A verdade porém foi, ter o mesmo sido morto ás mãos dos Senadores nos paúis chamados *Capreae*, ao tempo que lhes estava fazendo huma falla, v. Tit. Livio. Todos estes argumentos pois tem sua verisimilhança apparente fundada nas opinions dos homens, porém falsas, e destituidas de fundamento.

(*b*) E como se poderia escusar similhante baixeza? Com a fabula, dizendo; que Hercules tinha cahido em phrenezi por ter precipitado de huma torre a Iphito escravo de Eurito. Que, querendo-se expiar, consultara a Apollo, e recebera em resposta: não se veria já mais livre daquelle furor, sem se expôr em venda, e do preço, que fizesse, resarcisse a Eurito o damnó, que tinha tido na perda de Iphito; que assim o fizera, e comprado por Omphale Rainha de Lydia, neste estado de servidão se vira obrigado a obedecer ás ordens da Rainha. Esta desculpa he especiosa.

(*c*) O genero Demonstrativo principalmente, quando he epidictico, tem de ordinario por objecto factos certos, e incontestaveis v. supr. Cap. XIII. §. II. Não lhe sendo pois necessario o proval-os, resta-lhe só o *Amplifical-os*, e *Ornal-os*. Ora nós amplificamos, isto he, engrandecemos, ou diminuimos as acçoens, ou por meio da *Explicação*, desenvolvendo, e pondo á vista todas as suas partes, e circunstancias, ou por meio da *Comparação* combinando de varios modos as mesmas acçoens com outras, como veremos no segundo *tomo* Cap. da Amplificação. *Ornamos* as mesmas acçoens, pintando-as com côres, e expressoens, que as fazem parecer mais bellas, agradaveis, e mais brilhantes, e admiraveis. A prova pois he mais propria

ARTIGO II.

Objecto do louvor, e lugares proprios delle.

Que cousas podem ser objecto do louvor.

§. I. O Louvor tem especialmente lugar nos Deozes, e nos Homens. Com tudo outras cousas ha, que tambem se podem louvar, como os animaes, e cousas insensiveis. Nos Deozes louvaremos em geral, primeiramente a magestade, e excellencia de sua natureza, depois as virtudes proprias de cada hum, e por fim os seus inventos, que derão alguma utilidade aos homens. ..

Louvor dos homens, e seus lugares.

O louvor dos homens tem mais variedade. Porque primeiramente se tira de tres tempos a saber: do que precedeo ao seu nascimento, do em que viverão, e do que se seguio depois da morte nos que já são fallecidos.

Tempo antecedente ao nascimento.

§. II. Antes do nascimento podem dar materia ao louvor do homem sua *Patria*, *Pais*, e *Antepassados*, e isto por dois modos: se estes são illustres, louvaremos o homem por ter correspondido á sua nobreza; se de baixa condição, louval-o-hemos pelos ter ennobrecido com suas acçoens. Ao mesmo tempo pertencem os Oraculos, ou agouros, que pronosticarão a gloria futura de qualquer: como se diz, que os

---

do Genero Judicial, e Deliberativo, que cáem sempre sobre cousas duvidosas; e aquelle, como julga dos factos passados emprega com especialidade os *Argumentos*, e os *Sinaes*, e este, como delibera do futuro, usa mais dos *Exemplos*. Ainda que pois todas estas cousas sejão communas aos tres generos, com tudo ha razão para dizer que a *Amplificação* he mais propria do Genero Laudativo, os *Exemplos* do Deliberativo, e os *Argumentos*, e *Sinaes* do Judicial, como diz Arist. Rhet. 1. 9. in fin.

Oraculos profetisarão, que aquelle, que nascesse de Thetis, viria a ser maior que seu pai. (*a*)

Tempo da Vida. Bens do Corpo, e da Fortuna.

§. III. O louvor do homem no tempo da vida se tira de tres cousas, das *qualidades do espirito*, *das do corpo*, *e dos bens extrinsecos.* O louvor das qualidades do corpo, e dos bens da fortuna he o menos importante, e por isso se póde tratar *pro* e *contra.* Porque humas vezes louvamos nós a gentileza, e robustez do corpo, como Homero faz em Agamemnon, e Achilles; (*b*) Outras a mesma fraqueza conduz muito para fazer admirar mais as outras qualidades, como quando o mesmo Homero nos diz de Tydeo, era de pequena estatura, mas hum grande Soldado (*c*). Do mesmo modo os bens da fortuna dão materia ao louvor v. g. de hum Rey, ou de hum Magnata, porque elles lhes abrem hum campo vasto, em que cada hum póde dar a conhecer a sua virtude; e por outra parte quanto menores são as posses, maior gloria rezulta ao homem das boas accoens.

Em huma palavra os bens extrinsecos, e da fortuna nunca se louvão por alguem os possuir, mas sim pelo bom uso, que delles fez. Pois na verdade as riquezas, o poder, e o valimento dando ao homem infinitos meios para obrar bem ou mal, fazem huma prova certa dos nossos costumes. Porque com estas cousas, ou nos fazemos melhores, ou peores.

(*a*) Prometheo na esperança, que Jupiter o livrasse do supplicio, a que estava condenado, lhe fez o serviço importante de o dissuadir do casamento, que intentava contrahir com Thetis, revelando-lhe o segredo, que Jo lhe tinha communicado, isto he, que estava assentado nos fados, que o filho de Thetis viria a ser superior a seu pai, e expelil-o do throno. Com o que Stacio logo no principio da sua Achilleida quiz dar huma idêa grande do seu Heroe dizendo:

Magnanimum Aeacidem, formidatamque Tonanti
Progeniem, et patrio vetitam succedere coelo
Musa refer...

(*b*) Da gentileza de Agamemnon. Iliad. II. v. 477. Da força de Achilles, ibid. v. 760.

(*c*) De Tydeo ib. L. V. v. 800. v. Exempl. V. VI. e VII.

Qualidades do Espirito, seu louvor, e methodos de o fazer.

§. IV. Só o louvor do *Animo* sempre he verdadeiro. Mas não he hum só o methodo, que nelle nos conduz. (*a*) Humas vezes será melhor hir nelle seguindo os gráos das idades, e a ordem natural das acçoens, louvando, por exemplo, nos primeiros annos, a indole, depois as applicações, e emfim a serie do que disse, e obrou de notavel: outras vezes será mais acertado repartir todo o louvor em certos pontos, e especies de virtudes v. g. da *Fortaleza*, da *Justiça*, e da *Temperança*, e assignar a cada huma as acçoens, que na vida do homem lhe corresponderem.

Que acçoens principalmente se devem louvar.

Qual destes dois methodos seja mais util, consultal-o-hemos com a materia, que tratarmos; advertindo porém que são mais agradaveis aos ouvintes, e por isso preferiveis aquellas acçoens, que hum homem fez só por si; aquellas em que elle foi o primeiro de todos; as em que teve poucos, que o seguissem; aquellas tambem, que excederão a esperança; as impre-

---

(*a*) Cicero nas suas Part. n. 75. distingue tres ordens, ou methodos, pelos quaes podemos considerar os factos para os louvar; hum *Natural*, em que seguimos a ordem dos tempos; outro *Inverso*, em que começamos pelos factos mais recentes, e o *Artificial*, em que ordenamos debaixo de certos pontos, ou virtudes geraes os factos particulares. Quint. omittio o *Inverso* como menos usado, e só propoem o *Natural* chamado tambem Chronologico, e *Analitico*, e o *Artificial*, ou *Synthetico*. Do primeiro se servio Cicero na II. parte da Philippica II. vituperando a Antonio, e do segundo na III. parte da oração a favor da Ley Manilia, louvando a Pompeo, e reduzindo o seu elogio a quatro pontos, ou quatro qualidades de hum perfeito General *Sciencia da guerra*, *Valor*, *Authoridade*, *e Felicidade*. Ainda que a materia he que nos deve ensinar, qual destes dois methodos nos seja mais conveniente; geralmente podemos dizer, que quando quizermos ser breves, e as acçoens forem muitas, e varias, será melhor o methodo Synthetico, e que o Analytico terá mais lugar, quando a materia for mais esteril, e lhe quizermos dar mais extensão.

vistas emfim; e as que alguem fez mais em utilidade de outros, do que propria. (*a*)

Tempo depois da morte.

§. V. Quanto ao tempo, que se seguio á morte do homem, nem sempre delle nos podemos servir para o louvor; não só porque algumas vezes louvamos os vivos, mas tambem porque raras vezes se concedem as honras Divinas, (*b*) e os decretos, em que se mandão erigir (*c*) estatuas publicas, para tudo isto se poder referir em hum elogio. Entre as cousas porém, que deste tempo dão materia para o louvor, podemos contar as producçoens do engenho, que merecerão a approvação da posteridade, na qual alguns, como Menandro, (*d*) acharão juizos mais incorruptos, do que nos homens da sua idade.

(*a*) Todo este lugar he tirado de Arist. Rhet. I. Cap. IX. n. 35. Quer elle que para amplificar *qualquer acção*, se considere por estes oito lados: *se só, se primeiro, se com poucos, se principalmente, se no tempo, e na occasião, se muitas vezes obrou aquella acção; se por occasião della se estabelecerão premios á virtude, como a Hypolocho a favor de quem se compoz o primeiro elogio, e Harmodio e Aristogiton, aos quaes se erigirão na praça publica as primeiras estatuas. Emfim se a obrou de tal sorte, que comparado com outros mereça maior louvor.* Quintiliano omittio alguns destes 8. modos de amplificar, e acrescentou outros.

(*b*) Isto he, as da *Apotheose*, que, segundo Herodiano, se fazia deste modo. Expunha-se ao publico na antesala do Palacio, sobre hum leito de marfim coberto de ouro, por espaço de sete dias a imagem do consagrando feita de cera em figura de quem está dormindo. No oitavo dia, em que se supunha morto, era conduzida em procissão com hymnos pelos mais homens distinctos de Roma á praça, e dali ao Campo Marcio, onde se achava aparelhada artificiosamente huma pyra, sobre que era collocada. Depois de varias justas, e torneios feitos á roda, o Principe successor deitava o fogo á pyra, e de huma das suas cellulas se fazia sahir huma aguia, que remontando-se, se cria levava ao Ceo a alma do Principe morto, que dahi em diante era tido por Deos, e honrado com templos, altares, sacerdotes, e sacrificios como os outros Deoses. A taes absurdos conduz a superstição.

(*c*) O texto: *ut referri possent divini honores, et decreta, ut publicè statuae constitutae* manifestamente anda errado. Julguei se podia emmendar: *ut publicè statuae constituantur*, e assim traduzi.

(*d*) Este Escritor elegantissimo da Comedia nova todas as vezes que concorreo no Theatro com Philemon poeta de mere-

Os filhos tambem dão materia para o louvor dos Pais, as Cidades para o de seus Fundadores, as leis aos Legisladores, as artes a seus Inventores, e os bons costumes, e usos a seus Authores, como a Numa, que foi o primeiro, que ensinou aos Romanos as ceremonias da Religião, e a Valerio Publicola, que introduzio o costume de abater diante do Povo as insignias Consulares.

Para vituperar ha os mesmos lugares, e regras que para louvar. Tempo antes do nascimento.

§. VI. A mesma ordem do louvor se segue tambem no vituperio, mas para o fim contrario. Porque a huns serve de oprobrio, e deshonra a vileza da sua familia, e a outros a mesma nobreza della conduz para fazer mais conhecidos, e odiosos os seus vicios. A respeito de alguns tem havido tambem oraculos, que pronosticárão havião de causar a ruina da sua patria, como se conta de Paris.

Tempo da vida.

Tambem as más qualidades do corpo, e da figura concilião a huns desprezo, como a Thersita, e a Iro: (*a*) a outros as mesmas prendas corporaes, sendo corrompidas pelos vicios, os fazem dignos de odio, como os Poetas dizem, que Nireo era de hum animo fraco, e Clisthenes impudico. (*b*)

E pelo que pertence ao animo, quantas são as virtudes deste, tantos tambem são os vicios, que lhe correspondem, os quaes, do mesmo modo que aquellas, se podem vituperar por dois methodos.

---

cimento muito inferior, outras tantas foi vencido por intriga. de seu competidor. A posteridade porém lhe soube fazer justiça. v. Quint. X. 1. 72.

(*a*) De Thersita Iliad. II. v. 211. De Iro Odyss. XVIII. v. 1. e segg. v. Exemplo VIII. e IX.

(*b*) Veja-se a pintura de Nireo em Hom. Iliad. II. v. 671. e no Exemp. X. De Clisthenes (pois assim se deve ler, e não Plisthenes) diz Suidas fora accusado de impudico, e effeminado. A sua affectação chegava a tanto, que para parecer moço arrancava com o Philtro os cabelos da barba. Sophocles nol-o pinta nas *Rans*.

Tempo depois da morte.

Depois da morte alguns tem sido declarados infames como Melio, cuja casa se mandou arrazar, e Marco Manlio, cujo primeiro appellido se mandou tirar a toda a sua familia dahi em diante. Pelos pais podemos tambem fazer detestaveis os máos filhos, e aos fundadores das Cidades he ignominioso ter sido authores de alguma sociedade inimiga da humanidade.... Aos Legisladores servem de vituperio (como aos Grachos) suas leis detestaveis. .. Nos mesmos homens ainda vivos o juizo do publico he como huma prova dos seus costumes. A honra, ou a ignominia mostrão ser verdadeiro ou o seu louvor, ou o vituperio.

Que se deve observar para fazer bem hum Elogio. 1. observação.

§. VII. Aristoteles julga, importa muito ver o lugar onde qualquer he louvado, ou vituperado. (*a*) Porque he muito necessario conhecer os costumes dos ouvintes, e as opinioens, que entre elles correm, para assim regularmos o discurso, e fazer-lhes crer, que as cousas que elles tem por louvaveis, se achão nas pessoas que elogiamos, ou que aquellas, que elles detestão, se achão naquelles, que vituperamos. Se assim fizermos, antes mesmo de pronunciarmos o nosso discurso, poderemos saber o juizo, que delle hão de formar os nossos ouvintes. .. Em Lacedemonia, por exemplo, não será tão bem aceito o louvor das letras, do que em Athenas, mas o da paciencia, e fortaleza, sim. Alguns póvos tinhão por cousa licita viver de rapina; (*b*) ou-

---

(*a*) Rhet. I. 9. 41.

(*b*) *Os antigos Gregos* (diz Thucidedes no Pref. da sua Hist.) *e os barbaros, que habitavão perto do mar, e todos os Insulares, depois que começarão a transportar-se em náos de huns para outros, applicavão-se debaixo de Chefes poderosos á piratagem, assim por motivo do proprio lucro, como para sustentarem os que não podião grangear. Cahindo pois sobre as Cidades abertas, e espalhadas em cazais, pilhavão, vivendo pela maior parte daqui, sem terem vergonha, antes gloriando-se de alguma sorte disso.* Os Tunezinos, e Algerinos ainda agora tem o mesmo modo de viver.

tros mais civilizados promovem as leis, que a prohibem. A frugalidade entre os Sybaritas (*a*) era hum vicio, o luxo, pelo contrario, hum grande crime para com os antigos Romanos. A mesma diversidade de idêas, que ha nos póvos, ha tambem em cada hum individuo. Todo o ouvinte favorece mais hum Orador, cujos sentimentos vê em tudo conformes aos seus.

2. *Observação.*

(Devemos outrosim ter o cuidado de misturar sempre o louvor dos mesmos ouvintes com o da pessoa, que elogiamos, para assim grangearmos o seu favor: e todas as vezes que nos for possivel ligaremos naturalmente este louvor á materia, que tratamos. (*b*)....)

(*a*) Os habitantes da cidade de Sybaris na Italia perto de Croton, chamada depois Thurio, são celebres na historia antiga pela sua vida molle, e delicada. Suidas refere, que o amor do prazer entre elles chegava até tal ponto, que não admittião na cidade officio algum de estrondo, para não lhes perturbar o sono, e qualquer mulher, que no anno seguinte havia de hir a hum festim, era avizada no antecedente para ter todo este tempo de se preparar. Donde passou em proverbio *Mensa Sybaritica.* Pelo contrario hum *Curio* entre os Romanos vivia de rabaons, e hum *Fabricio* de hortaliça, como diz Cic. contra Verres Act. IV.

(*b*) Este § foi transposto do meio do antecedente onde se acha em Quintiliano, para aqui, afim de não interromper o fio da materia, que vai mais seguido, pondo immediatamente depois da observação de Arist. os exemplos, que elle mesmo traz deste modo no lugar assima citado: *Deve-se ver perante quem louvamos. Porque não he difficultoso, diz Socrates, louvar os Athenienses entre os Athenienses. Assim devem-se louvar as cousas, que na opinião de cada hum são louvaveis, como se realmente o fossem, ou fallemos entre os Scythas, ou entre os Lacedemonios, ou entre Philosophos.* E pelo que pertence á doutrina deste §. elle trata das Digressoens nas oraçoens Demonstrativas, das quaes as melhores são as em que o ouvinte vê louvar-se a si, ou os seus, ou cousas suas. As Theses geraes fazem outra especie. Mas a grande arte de as disfarçar he ligal-as tão bem á materia, que se trata, que pareção, ou necessarias, ou fazer parte della.

ARTIGO III.

Do louvor das Cousas Inanimadas.

Louvão-se pelo tempo, que as precedeo.

§. I. As *Cidades* louvão-se pelos mesmos lugares, que os homens. Porque seus fundadores estão em lugar de pais. A antiguidade, assim como nas familias, concilião aos póvos e cidades veneração e respeito, como áquelles que se dizião filhos da terra. (*a*)

Pelo em que existem.

Tambem nas acçoens publicas, que as Cidades fazem de commum conselho, ha as mesmas virtudes, e os mesmos vicios, que em as de qualquer particular, para por estas cousas as podermos louvar, ou vituperar. Certas Cidades mesmo, pela sua boa situação e fortificação, dão huma materia particular para o seu elogio.

E pelo tempo posterior.

Finalmente assim como os homens se louvão por seus filhos, assim se louvaõ tambem as Cidades pelos bons Cidadaons, que produziraõ. (*b*)

Tambem se louvaõ os Edificios, e obras publicas das Cidades: para o que podemos considerar nellas quatro cousas, a *Magnificencia*, como nos Templos, a *Utilidade*, como nas muralhas; a *Belleza*, e o *Author*, como em huns, e outros.

(*a*) Os Athenienses, e com elles outros muitos povos, para esconderem a sua origem na antiguidade, e não reconhecerem outros póvos, donde descendessem, fazião-se *Filhos da terra* (αὐτοχθονας, *indigenas*) Livio I. alude a esta mania dos antigos póvos, quando diz: *Qui obscuram, atque humilem conciendo ad se multitudinem, vetere consilio condentium urbes, natam è terra sibi prolem mentiebantur.*

(*b*) V. o louvor da Cidade de Syracuzas em Cic. Verr. IV. c. 52.

Louvor das Regioens.

§. II. Podem-se tambem fazer elogios das *Regioens*, como o da Ilha da Sicilia feito por Cicero. (*a*) Nellas olharemos geralmente para duas cousas, *Formosura*, e *Utilidade*. Pela primeira poderemos louvar os sitios *maritimos*, *planos*, e *amenos*; pela segunda, os *saudaveis*, e *ferteis*.

Louvor de todas as cousas.

Da mesma sorte ha lugares communs para louvar qualquer *dito*, e *acção* honesta. (*b*) Em huma palavra, não ha cousa alguma que se não possa louvar, pois houve já quem fez o elogio do somno, (*c*) e da mesmo morte, (*d*) e alguns Medicos tem escrito louvores de certos viveres. (*e*)

(*a*) Verr. II. c. 1. et seq. vid. Exempl. XI.

(*b*) Estes lugares communs pertencem aos Progymnasmas, ou Composiçoens de exercicio, com que se ensaiavão os mancebos para os discursos em fórma, e dos quaes tratou Quint. no Liv. II. c. 4. Abi n. 20. diz: *Inde paulatim ad majora tendere incipiet, laudare claros viros, et vituperare improbos etc.*

(*c*) Do somno faz Ovidio o elogio em poucas palavras. Metam. L. XI. v. 623.

Somne quies rerum, placidissime somne deorum,
Pax animi, quem cura fugit. . . .

Veja-se tambem o hymno de Orpheo ao mesmo assumpto.

(*d*) Da morte fazia o elogio Hegesias Philosopho, de quem diz Val. Maximo Lib. VIII. cap. 9.: *Que a eloquencia devia ser a de Hegesias Philosopho Cyrenaico, que de tal modo punha presentes os males da vida, que com a sua imagem lastimosa proposta aos espiritos de seus ouvintes inspirava em muitos o dezejo de se darem a morte voluntariamente? razão, porque o Rey Ptolomeo lhe prohibio o fallar dahi em diante sobre tal assumpto.* Cicero no I. das suas Tusculanas, n. 34. não só diz o mesmo deste Hegesias, mas faz menção de hum seu livro intitulado Ἀποκαρτερῶν, ém que faz ver ao mundo hum homem, que se tinha morto á fome, e mostra por esta occazião os commodos da morte, e os incommodos da vida Elle mesmo lembra o Epigramma de Callimacho feito a Cleombroto, que extasiado com a lição do Dialogo de Platão *Da Alma* se tinha deitado sobre o mar de sima do muro, onde lia. Cicero mesmo faz hum longo elogio da morte, e refere o de Socrates no dito dialogo. v. C. 41.

(*e*) De Plinio Lib. XX. 9. sabemos que Catão, e Crysippo consagrarão livros inteiros ao louvor das virtudes da couve.

Que estado tem mais uso no Genero Demonstrativo.

§. III. Ora assim como por huma parte não fui de opinião, que este Genero Laudativo se cingisse só ás materias do honesto: assim por outra julgo que o Estado, que mais uso tem neste genero, he o de *Qualidade*, bem que todos os tres nelle podem ás vezes ter lugar, e Cicero (*a*) observa, que de todos elles se servira Cesar nos seus Anti-Catoens. (*b*) Todo este genero Demonstrativo tem muito parentesco com o Deliberativo, pois as mesmas cousas, que neste se costumão aconselhar, se costumão tambem de ordinario louvar em aqueloutro.

(*a*) Topic. 24. *Ou se póde negar* (diz elle) *o facto que se louva, ou dizer que não merece o nome que o louvador lhe dá; ou que não he louvavel, porque não foi bem feito, nem justamente. Dos quaes meios se servio Cesar com demasiado desaforo contra o meu Catão.* He o caso, segundo o refere Plutarco *in Caesare*. Cicero tinha escripto o elogio de Catão em hum livro, que intitulou com o mesmo nome. Este, contendo huma materia nobre e manejada por hum Orador eloquentissimo, andava nas mãos de todos. Cesar julgando este louvor huma sátira contra si, por ter sido a causa da morte deste homem, picou-se, e colligindo todo o genero de crimes, e defeitos, escreveo o vituperio do mesmo homem em dois tratados, que intitulou *Anti-Catões*. Ambas estas obras de Cicero, e Cesar, tem como elles, seus partidarios. Ellas estão perdidas.

(*b*) He o que diz Arist. Rhet. I. 9. 53. *O Genero Demonstrativo, e Deliberativo fazem como hum genero commum. Porque as mesmas cousas, que tu aconselharias, mudando-lhe a fórma de enunciação, se convertem em elogios.*

CAPITULO XV.

Segunda Classe Geral das Causas, ou Hypotheses Deliberativas.

(L. III, 10, 6.)

ARTIGO I.

Do Exordio, Narração, Proposição, e Provas deste Genero.

Exordio. *Não o ha nas Deliberações particulares.*

§. I. ...* O Genero *Deliberativo* chamado tambem *Suasorio*... serve para duas cousas, *Suadir*, (*a*) e *Dissuadir*. Sendo a deliberação particular, as oraçoens deste genero não necessitão de exordio propriamente dito, como ha nas Oraçoens Judiciaes. Porque quem vai pedir hum conselho já se suppoem conciliado áquelle a quem consulta. Devem com tudo ter algum principio, qualquer que elle seja, que sirva como de

(*a*) Eu dezejaria que na lingua Portugueza houvesse a palavra *suadir*, assim como ha *suasão*, e *suasoria*, e as compostas *Persuadir*, e *Dissuadir*. Vulgarmente se traduz a palavra *suadere* por persuadir. Mas isto causa sua confusão nas idêas de huma arte, nas quaes toda a distincção se faz precisa. Tendo nós já dado por fim commum da Eloquencia, e conseguintemente das suas tres partes, ou generos de causas a *Persuasão*; parece pouca exactidão dál-o outra vez como fim proprio ao genero Deliberativo. Mas isto nasce da pobreza nesta parte da nossa lingua, que não tem mais, que huma palavra *Persuadir*, para reprezentar as duas noçoens differentes das palavras Latinas *Suadere*, e *Persuadere*. Pois a primeira significa propôr as razoens, e motivos sufficientes para fazer tomar aos ouvintes huma resolução, ou partido sobre alguma acção futura: e a segunda significa fazer resolver effectivamente a vontade, e determinal-a sobre alguma acção passada, ou presente, ou futura. Para tirar pois toda a equivocação he melhor introduzir a palavra *suadir*. A de *aconselhar* ou *desaconselhar* não tem a mesma extensão.

preambulo. Pois não devemos começar precipitadamente, e de repente, nem donde nos der na fantazia. Porque em toda a materia ha cousas, que naturalmente devem preceder humas ás outras.

Nas publicas sim.

Sendo porém a deliberação publica, como no Senado, e nas assembleas populares, de ordinario faz-se exordio como no Genero Judicial para ganhar a affeição das pessoas, que nos ouvem. Nem he para admirar que isto se faça neste caso: pois que nos discursos pronunciados nas assembleas nacionaes dos Gregos, chamados por isso Panegyricos, se procura merecer a benevolencia dos ouvientes por meio de hum exordio, ainda que nelles se não trate negocio algum, e o seu objecto seja unicamente o louvor. (a)

Donde se devem tirar.

Estes exordios do Genero Deliberativo, julga Aristoteles (b), que de ordinario se tirão, á maneira dos do Genero Judicial, ou da nossa pessoa, ou daquelle, que he de differente parecer; e algumas vezes tambem da materia mesma, para a fazer parecer, ou mais importante, ou menos do que se cuida... Similhantes exordios, quando os houver, deverão ser mais curtos que nas Orações forenses, para servirem como de cabeça, e principio ao corpo do discurso. (c)

(a) Ha pois duas razoens para nas deliberaçoens publicas se fazer exordio. 1. Porque nellas não sendo o Orador de ordinario requerido, mas offerecendo-se a dar conselho, não póde estar tão certo da benevolencia dos ouvintes, como na Deliberação privada. 2. Por decencia. Em hum grande ajuntamento de homens de differentes genios, costumes, e sentimentos pareceria temeridade começar o Orador a fallar sem os comprimentar, e preparar de algum modo para o seu discurso.

(b) Ret. Lib. III. Cap. XIV. donde he tirada palavra por palavra esta passagem, e que eu traduzi deste modo com os olhos em hum, e outro lugar.

(c) Cic. dá a razão nas suas Partiçoens c. 27. *Non enim supplex ad judicem venit orator, sed hortator, atque auctor.*

Narração. *Não a ha nas Deliberações particulares.*

§. II. Pelo que respeita á *Narração* do negocio precisamente, sobre que se nos pede o nosso parecer, ella he escuzada nas deliberaçoens praticulares. Porque ninguem ignora o negocio sobre que consulta. (*a*) Com tudo poder-se-ha fazer narração de muitas cousas, que ainda que extrinsecas, pertencem para a deliberação.

Nas publicas sim, e como deverão ser.

Nos discursos porém, que fizermos para aconselhar o Povo, não só tem lugar este genero de narração, mas tambem muitas vezes se faz necessario o primeiro, que expoem a serie do facto, e pedirá movimentos, como as narraçoens judiciaes mais patheticas. Pois muitas vezes succederá ser-nos preciso excitar a colera, ou socegal-a; outras excitar nos animos differentes sentimentos, já de medo, já de dezejo, já de odio, já de affeição. A's vezes tambem se deverá excitar a commiseração, ou para persuadirmos se envie soccorro aos que estão bloqueados pelo inimigo, ou hajamos de lamentar a ruina de huma Cidade alliada. (*b*)

(*a*) Arist. Lib. 3. cap. 16. dá outra razão desta doutrina, e he, que as Narraçoens são de cousas passadas, e as deliberaçoens são de cousas futuras, que se não podem narrar. Com tudo o mesmo reconhece, que quando houver simillhantes narraçoens, ellas serão sempre das cousas passadas, cujo conhecimento he necessario para deliberar melhor sobre o futuro; mas que estas narraçoens então não são propriamente do genero Deliberativo, mas tomadas a emprestimo dos outros generos.

(*b*) Tal naturalmente seria a narração, que os Enviados do Povo Romano fizerão do cerco, e ruina da Cidade de Sagunto em Hespanha, quando desta, e de Carthago tornárão com o desengano da satisfação pedida. Pois a ouvil-a o Senado, diz T. Livio XXIV, *Tantus simul mocror patres, misericordiaque sociorum peremptorum indigne, et pudor non lati auxilii, et ira in Carthaginenses, metusque de summa rerum cepit, veluti si jam ad portas hostis esset; ut tot uno tempore motibus animi turbati trepidarent magis, quam consultarent*, vid. tom. II. lib. III. cap. IV. Art. IV. §. I. in fin. Com tudo estas narraçoens patheticas não se devem empregar senão algumas vezes, e com as cautellas, que Quinti-

Proposição Deliberativa. Questoens de conjectura.

§. III. Para *Suadir*, ou *Dissuadir* tres cousas se deverão primeiro que tudo considerar: Que cousa seja aquella, de que se delibera? Quaes são os que deliberão? e quem he o que dá conselho? A respeito da cousa, sobre que se delibera, ou não ha duvida que seja possivel, ou a ha. Se a ha, este ponto da possibilidade deverá ser o unico, que faça a materia do nosso discurso, ou se não for o unico, será ao menos mais forte. Porque muitas vezes succederá, que no mesmo discurso nós abranjamos dois pontos: dizendo primeiro: *que, caso dado, a cousa fosse possivel, não convinha fazer-se.* E em segundo lugar mostrando: *Que a cousa não he possivel.* (*a*) Ora quando se questiona a respeito da possibilidade, he estado de conjectura. Taes são por exemplo estas: *Se o Isthmo se póde cortar?* (*b*) *Se a Lagoa Pontina se póde secar?* (*c*) *Se se póde fazer hum porto na Cidade de*

---

liano requer nas Judiciaes lib. II. c. II. Art. 3. §. 4, e como elle mesmo se declara adiante n. 60. *cur autem terrens, et ubique aequaliter concitata sit in ea dicentis oratio, cum vel praecipue moderationem rationemque consilia disiderent?*

(*a*) Este ponto provado invencivelmente cessaria toda a deliberação, porque a não póde haver onde a cousa claramente he impossivel. Elle pois he o mais forte relativamente ao primeiro sobre a utilidade, e consequentemente devia na ordem dos pontos occupar o segundo lugar conforme a regra de Quintil. Da disposição. Art. II. §. IV.

(*b*) Este Isthmo, ou Lingua de terra he o de Corintho, chamado Isthmo por excellencia. Elle une o Peloponezo com o continente da Grecia, e no meio delle se achava Corintho Cidade a mais celebre de toda a Peninsula. Como em communicar os dois mares de huma parte a outra havia grandes vantagens, tentou-se por varias vezes cortar o Isthmo, que não tinha mais de duas legoas, e isto foi objecto de muitas deliberaçoens. Emprenderão esta obra successivamente, aindaque em differentes tempos, Demetrio Rey da Asia chamado o Poliorcete, Julio Cesar, Caio, e por fim Nerão; mas nenhum a levou ao fim. Ainda hoje se vê o lugar, em que se principiou a abrir. Veja-se o Dialogo *Nerão*, ou *Abertura do Isthmo* entre as obras de Luciano.

(*c*) Lagoa Pontina de hum espaço de terra quasi de quinze legoas de comprido sobre tres, ou quatro de largo situado na campanha de Roma ao longo do mar de tal sorte alagada pelas aguas, que descem dos montes, e dos Rios Amaseno, Cavatella,

Hostia? (a) Se Alexandre poderá achar terras álem do Oceano? (b)

Porém ainda nas cousas, que for certo são possiveis, póde haver questão de conjectura sobre a probabilidade do successo, por exemplo: *Se hade acontecer, que os Romanos venção a Carthago, e que Annibal volte á Africa, huma vez que Scipião passe lá com as tropas Romanas? (c) Se os Samnitas guardarão a fé, e palavra, que derão, depondo os Romanos as armas?* Algumas cousas são possiveis, e crivel hajão de acontecer, mas ainda póde haver questão de conjectura nas circunstancias do *tempo*, do *lugar*, do *modo etc.*

Ninfa, e Teppia, que até agora não foi possivel nem habitar-se, nem cultivar-se. Com tudo esta empreza tão interessante á agricultura foi sempre para os Romanos hum objecto de dezejos, de deliberaçoens, e de tentativas. Appio Claudio, 310 annos antes de J. Christo parece foi primeiro, que tentou reduzir a cultura estes lugares pantanosos. Julio Cesar formou sobre o mesmo vastos projectos, que forão executados por Augusto, ao que alude Horac. na Poet. v. 65.

. . . sterilisve diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.

Depois disto esta campina fez-se tão povoada, que nella, segundo Plinio L. VI., se contavão 23 Cidades. A innundação tornou a começar na decadencia do imperio. Oito Papas até Clemente XIII fizerão projectos sobre isto, que não excutarão. Este Summo Pontifice porém se occupou nisto sériamente. Continuarão os trabalhos debaixo do Santissimo Papa Pio VI actualmente reinante, e hoje está quasi de todo concluido o desecamento destas campinas.

(*a*) Cidade fundada por Anco Marcio na foz do Tibre sinco legoas S. O. de Roma.

(*b*) Deliberou sobre isto Alexandre, porque tinha ouvido dizer a Democrito, que havião infinitos mundos, e não dava credito a seu Mestre Aristoteles, que segurava havia hum só. A sua ambição desmedida lhe fazia parecer, que navegando o Oceano, chamado *Circumfluo* pelos Mathematicos, acharia novas terras para conquistar, sobre o que disse Juvenal

Unus Pellaeo Juveni non sufficit orbis.

Pode-se ver em Justino a occasiao, e motivos desta deliberação.

(*c*) He o argumento da Oração de Scipião em T. Livio Lib. XXVIII. c. 40. v. adiante Art. II. §. I. Dos Samnitas v. Liv. IX. 45.

Questoens de qualidade já indeterminadas.

Onde a questão de Conjectura não tiver lugar, passaremos a examinar as questoens de *Qualidade.* E primeiramente ou se consulta pelas razões intrinsecas á cousa, ou por razoens extrinsecas. Do primeiro modo deliberão os Senadores: *se deveráõ estabelecer soldo aos Soldados?* (*a*) Esta suasoria he simples, e de hum ponto só.

Já determinadas por circunstancias particulares.

As causas extrinsecas que acrescem, ou nos determinão a fazer a acção, como deliberão os Senadores; *se devem fazer entrega dos Fabios aos Gallos, por estes ameaçarem com a guerra?* (*b*) ou nos determinão a não a fazer, como delibera Cesar: *Se no meio da trepidação, com que os Soldados fazião os seus testamentos, elle continuaria na sua expedição contra os Germanos?* (*c*) Estas suasorias são compostas de duas

(*a*) Antes do anno 35o de Roma cada Cidadão militava á sua custa. Neste porem o Senado sem para isso ser requerido de motu proprio determinou, que do publico se pagasse soldo ás tropas. *Nihil acceptum unquam a plebe tanto gaudio traditur,* (diz T. Livio XXIV, 3) *Concursum itaque ad Curiam esse, prensatasque exeuntium manus, et patres vere appellatos; effectum esse fatentibus, ut nemo pro tam munifica patria, donec quidquam virium superesset, corpori, aut sanguini sua parceret etc.*

(*b*) *Clusium* hojé *Chiusi* Cidade da Toscana, sendo acómmettida pelos Gallos habitantes de Soissons no anno de R. 365, mandou a Roma por soccorro. O Senado enviou os tres filhos de Fabio Ambusto para tratarem de composição com os Gallos. Na conferencia porem, que tiverão no meio do campo a este respeito, de tal modo travarão razoens e se esquentarão de parte a parte, que vierão ás maons. Hum dos Fabios ainda, sahindo a cavalo do campo, matou o Chefe dos Gallos. Muitos destes julgavão se devia logo vingar o insulto sobre Roma. Outros porem forão de parecer se mandassem primeiro Legados a pedir satisfação, e a entrega dos Fabios por terem violado o direito das gentes. O Senado deliberou sobre o ponto. Como porem os Fabios tinhão nelle amigos, desviou de si o negocio e o remetteo para o povo, que pelas mesmas intrigas bem longe de mandar entregar os tres Irmaons, os escolheo logo por Tribunos Militares contra os Gallos. Daqui teve principio a guerra destes contra os Romanos, que esteve a ponto de lhe ser fatal. v Liv. V. c. 10 alias 35.

(*c*) A materia desta deliberação vem em Cesar, *De Bello Ga-*

questoens. Porque na primeira a razão de deliberar, he a guerra, com que os Gallos ameação. Com tudo pode haver outra questão; se ainda fóra do caso da declaração da Guerra, se deveria fazer entrega ao inimigo de huns homens, que sendo enviados como Legados, contra todo o direito, travarão peleja, e matarão o Rey, a quem erão enviados; E aqui na segunda certamente Cesar não entra em deliberação, senão por motivo da perturbação, em que vê as tropas. Isto não obstante pode-se perguntar: se fóra ainda deste caso elle faria bem em entrar pela Germania.

Ordem que deveremos seguir nos pontos da Proposição.

Ora quanto á ordem, porque se devem tratar estas questoens no discurso, começaremos sempre por aquella da qual se poderia deliberar, prescindindo ainda das questoens seguintes (*a*)

---

lico Lib. I. Cap. 39. *Nos poucos dias*, diz elle, *que Cesar por conta dos mantimentos e dos comboios, se demora em Besançon, os nossos com as suas perguntas curiosas, e com as relacoens dos Gallos, e dos Mercadores, que affirmavão serem os Germanos homens de hum talho enorme, de huma força incrivel, e muito exercitados na guerra, e que elles mesmos nas repetidas vezes que se virão com elles ás maons, não poderão supportar nem ainda o terror de seus semblantes, e das suas vistas: com estas relacoens, digo, tão grande medo se apoderou repentinamente do exercito, que a perturbação dos espiritos e dos animos foi geral, e extraordinaria. Em todos os arraiaes não cuidavão os soldados em outra cousa se não em fazer, e fechar seus testamentos etc.* Vid. Ex. XII.

(*a*) Em toda a deliberação a primeira cousa e mais importantante he determinar bem o estado da questão, sem o que tudo para em vans disputas. He necessario pois olhar o negocio por todos os lados, e para não deixar atraz duvida alguma, analyzar com a ultima exactidão o ponto da deliberação. Quintiliano neste §. III. nos ensinou a fazer com methodo esta analyse, não omittindo nella cousa alguma e seguindo a geração mesma das nossas idêas, isto he, subindo da Hypothese, que contem as idêas mais individuaes e compostas para as Theses mais geraes e mais simplices; considerar primeiro no estado de conjectura a *possibilidade absoluta da acção*, depois a *relativa*, dahi a *existencia futura*, depois o *modo della*; Em segundo lugar no estado de qualidade a *utilidade e merecimento intrinseco e absoluto da causa*, depois o *relativo etc.*

Por fim passando da Analyse á Synthese, ou composição e arranjamento das nossas idêas, dá a regra neste lugar para orde-

Confirmação: Meios Ethicos para persuadir.

§. IV. No Genero Deliberativo especialmente he de summo pezo para persuadir a *Authoridade.* (*a*)

---

nar os pontos da Partição suasoria, e consequentemente das materias da confirmação, e he: Que dentro de cada estado descendo nós das proposiçoens mais simplices geraes até a ultima hypothese, que faz o objecto do nosso discurso, não deixemos atraz ponto algum duvidozo por discutir, e começando das mais geraes passemos ás menos geraes. Por ex. no *Estado de conjectura*, se houver duvida na possibilidade esta se deve discutir primeiro, que a da probabilidade da existencia, no *de qualidade* primeiro se deve ver a questão em geral, se, v. g. hum Embaixador que violou o direito das gentes, deve ser entregue á nação que offendeo, requerendo-o ella; depois a menos geral, se v. g. esta entrega se deve fazer para evitar huma guerra imminente. Disse: *dentro de cada estado.* Porque concorrendo na mesma proposição pontos de differentes estados, então ha outra regra a qual he: que podendo-se provar indubitavelmente os pontos de facto, estes só devem entrar na Proposição. Porem admittindo alguma duvida e necessitando porisso do apoio de outros pontos subsidiarios tirados do estado de qualidade para justificar o facto, então as questoens de qualidade como subsidiarias, e preparatorias devem preceder ás de conjectura, como mais fortes, segundo a regra de Quint. na disposição Art I. §. III. *Que a força dos pontos sempre deve hir crescendo.* E isto he o que quiz dizer Quint. no principio deste §., que havendo duvida na possibilidade esta seria a unica questão, ou a segunda e mais poderoza.

(*a*) *Authoridade*, he a Influencia, que tem quem aconselha, sobre as nossas determinaçoens, nascida do sentimento interior, que temos da superioridade do seu merecimento a respeito do nosso. Não fallamos aqui da authoridade *Politica*, que a Lei dá, mas da *Dogmatica.* Esta póde ser ou *Intrinseca* nascida do verdadeiro merecimento, ou *Extrinseca*, nascida dos sinaes do merecimento, quaes são os cargos, a idade, a nobreza, a fortuna etc. Desta fallaremos logo Art. II. §. II. A *Intrinseca*, de que aqui trata Quint., requer duas cousas, 1. huma probidade incapaz de occultar a verdade, ou de lhe misturar de proposito o erro. 2 Hum gráo de luz sufficiente para descobrir tudo o que importa saber sobre o sugeito, de que se delibera. *Optimus prudentissimusque, et esse.* Chama-se esta Authoridade *Real,* que será bom que o Orador sempre tenha, e muito mais o Prégador; pois não he facil a quem não he sabio nem virtuozo, o parecel-o. Ha outra authoridade chamada *Oratoria,* que consiste em parecer por seus discursos e modos homem sabio, e bom, ainda que o não seja, *et haberi.* Desta diz Cicero Liv. II. de Off. *Fides, ut habeatur, duabus rebus effici potest, si existimabimur adepti conjunctam cum* Justitia Prudentiam. *Nam et his fidem habemus, quos plus intelligere, quam nos arbitramur, quosque et futura prospicere credimus et, cum*

Porque hum Orador, que discorrendo sobre o que he honesto e util, quer que seus sentimentos sejão geralmente abraçados, deve não só ser homem de summa *probidade e prudencia*, mas tambem parecel-o. E com effeito nas Oraçoens Judiciaes o uso tem permittido aos advogados dar alguma cousa á paixão a favor de seus réos. Não ha porem ninguem que negue, que os conselhos são como os conselheiros.

(Com razão assentão tambem quasi todos, que a nenhum genero convem mais o uso dos Exemplos, do que a este. Pois os successos futuros tendo pela maior parte analogia com os passados, a experiencia do que tem acontecido he como a razão, que depoem a respeito do que ha de succeder (*a*).)

---

res agatur, in discrimenque ventum est, expedire rem et consilium ex tempore capere posse; hanc enim omnes existimant civilem veramque Prudentiam: *Justis autem et fidis hominibus, id est, Bonis ita fides habetur, ut nulla sit in his fraudis injuriaeque suspicio. Itaque iis salutem nostram, his fortunas, his liberos rectissime committi arbitramur.* A qual passagem illustra admiravelmente, e explica o lugar de Quint.

Esta authoridade he necessaria em todos os generos, mas muito mais neste, *In consiliis valet auctoritas plurimum.* Arist. Rhet. II. c. I. diz bem: *Que o bom successo dos conselhos depende mais das qualidades, com que se mostra o Orador, e o das cauzas Judiciaes do modo, com que o ouvinte se acha affeiçoado a nosso respeito e da mesma causa.* A razão he 1. pela natureza das materias, pois deliberando-se do futuro de si obscuro e incerto, mais se requerem as luzes e experiencia no Conselheiro, 2. pela natureza do conselho, que devendo ser util a quem o pede, requer em quem o dá boa fé, rectidão, e desinteresse. Nas cauzas Judiciaes, huma vez que o advogado se encarregou da defeza do réo, tomou partido, o seu discurso não pode ser imparcial. A razão porem de patrono desculpa a paixão. Porem os conselhos todos estão certos, são como quem os dá. Se elles partem de hum Conselheiro ignorante, parcial, e de ma fé, taes serão elles tambem, e pelo contrario.

(*a*) Diante de pessoas idiotas os Exemplos fazem mais sensiveis as verdades, do que os raciocinios. Alem disto as cousas huma vez feitas não podendo mudar-se, subministrão argumentos mais solidos ao Genero Judicial; O futuro porem, como he incerto e desconhecido, não se regula tanto pela razão, quanto pela experiencia de homens sabios, que, achando-se em estado de julgar o futuro pelo passado, prezentão a seus ouvintes exemplos convenientes.

Meios Logicos, ou argumentos e seus lugares.

§. V. Alguns julgarão que os *lugares*, donde se tirão os argumentos para suadir, erão tres, o *Honesto*, o *Util* e o *Necessario*. Quanto a mim, não sei que este terceiro possa ter lugar nas Deliberaçoens. Porque por maior violencia que se faça ao homem, pode-l-o-hão sim obrigar a padecer, mas nunca o poderão forçar a obrar qualquer acção. Ora toda a deliberação não tem outro objecto senão acçoens humanas. Se estes authores porem dão o nome de necessidade áquella especie de coação, que obriga os homens a fazer alguma cousa por medo, afim de evitar maiores males, isto bem entendido não he verdadeiramente necessidade, mas sim utilidade... Pelo que bem longe de crer que o necessario possa ter lugar nos conselhos, julgo que nem deliberação mesmo pode haver, onde ha necessidade, como tambem onde a cousa he claramente impossivel, porque toda a deliberação cáe sempre sobre cousas duvidosas. Isto supposto, parece discorrerão melhor aquelles, que fizerão do *Facil* (*a*) hum terceiro lugar de suadir...

Deliberaçoens comparativas entre o Honesto e Util.

§. VI. Muitas vezes occorrendo em huma deliberação dois expedientes que seguir, hum honesto, outro util, dizemos que se deve desprezar o util, e seguir o honesto; como quando aconselhamos aos Opiterginos, (*b*) que se não entreguem, ainda que,

(*a*) Duas cousas se considerão em hum conselho, a *Resolução*, e a *Execução* da acção. Para a resolução conduzem as razoens do *honesto*, isto he, da virtude, e da honra, gloria, decencia companheiras della, e as do *util*. Porem a Execução de huma empreza, se he difficil, dezanima e embaraça as mesmas resoluçoens. Ainda quando pois as acçoens são uteis, e honestas, he necessario mostral-as *faceis*. Isto he o δυνατὸν ou possivel, não absoluto, pois a deliberação suppoem esta possibilidade, mas relativo ás forças de cada hum.

(*b*) Opitergio, chamado hoje *Oderzo*, he hum lugar na Dalmacia ao pé do Rio Livenza. Seus habitantes na guerra civil entre Pompeo e Cesar seguirão o partido deste. Huma náo com mil Opiterginos, achando-se hum dia bloqueada de toda a arma-

não o fazendo, hajão de morrer: outras vezes pelo contrario damos a preferencia ás cousas uteis sobre as honestas, como quando persuadimos, que se recrutem os escravos (*a*) na Guerra Punica. Hum orador destro porem deverá mostrar nesta segunda questão, que não he inteiramente indecoroso o alistar na milicia os servos; porque por direito natural todos nascem livres, tem corpo e alma como nós, e talvez descendão de pais antigos e nobres: e na primeira deliberação dos Opiterginos, onde o risco he evidente, se se não entregarem; havemos de contrapôr a este risco outros, e fazer ver, que pereceráõ ainda com mais deshumanidade, se os Pompeianos não guardarem a fé, ou Cezar ficar victorioso, o que he mais verosimil. . .

Entre o util, e o util.

§. VII. Nem sómente se comparão as cousas uteis com as que o não são, mas ellas mesmas entre si, para vermos em qual ha mais utilidade, e em qual menos. Ainda podemos fazer crescer mais os termos da comparação. Porque ás vezes ha suasorias de tres pontos, como quando Pompeo deliberou, se se retiraria aos Parthos, ou á Africa, ou ao Egypto. (*b*) Pois

---

da de Pompeo, não se quiz render. Combaterão todo o dia, e por fim matando-se huns aos outros, tirarão aos inimigos a gloria da victoria v. Flor. IV, 2, 33. *Navis opitergina* ficou em proverbio para significar hum valor extremo.

(*a*) Foi necessario fazer isto depois da batalha de Canas, pela qual, exhaurida a Cidade de gente, que podesse pegar nas armas, comprarão os escravos a seus Senhores, manumettirão-nos, e depois disto se lhe tomarão os nomes, e servirão a recrutar o exercito desbaratado. O Povo R. quiz se chamassem *Volones*, isto he, *Voluntarios*, como se por sua vontade se offerecessem ao serviço. P. Sempronio foi o seu Chefe, e a elles confessou dever a principal victoria contra os Carthagineses v. Liv. Decad. 3. Liv. 4.

(*b*) Desta Deliberação depois da batalha de Pharsalia falla deste modo Plutarcho em *Cesar:* Pompeo passando por Amphipolis, e vindo a Metylena para receber a Cornelia e seu filho, entrou na Cidade de Attalia, e temendo a ligeireza de Cesar, deliberava com 60 Senadores para onde se retiraria com mais segurança, e aptidão para renovar a guerra. Elle julgava que o

nestas não se pergunta sómente qual dos dois arbitrios será o melhor, mas qual o optimo, ou pessimo de todos elles. O certo he, que nunca neste genero succederá deliberar-se sobre huma cousa, que olhada por todos os lados seja a nosso favor. Porque, onde nada se pode dizer pelo contrario, que motivo há para duvidar? Deste modo toda a suasoria não he verdadeiramente mais que huma comparação entre o util, e honesto; entre o honesto, e honesto; e entre o util, e util.

Entre o fim, e os meios.

A mesma se pode fazer entre o fim e os meios; examinando o que pertendemos conseguir, e porque meios, para calcularmos se o proveito, que tiraremos do que pertendemos, excederá, ou não o incommodo dos meios, que havemos de empregar. Tambem pode haver questão de utilidade relativamente ás circunstancias do *tempo*, do *lugar*, da *pessoa*, do *modo* e da *quantidade*: convem mas não agora, nem neste lugar, nem a nós, nem contra estes, nem deste modo, nem tanto.

ARTIGO II.

Do Decoro, que he necessario guardar nos Discursos Suasorios.

Decoro dos Pensamentos relativamente ás pessoas dos que deliberão.

§. I. Mas ás pessoas attendemos nós as mais das vezes para guardar as regras do *Decoro*, (*a*) tanto em nós, que damos conselho, como nos que o pedem.

---

mais acertado era hir para os Parthos, que não só o receberião, mas ajudarião. Outros inclinavão-se para Juba na Africa; Theophanes de Lesbos em fim o determinou pelo Egypto, fazendo-lhe ver, era huma loucura deixar este asylo distante só tres dias de viagem por mar, para se hir metter nos Parthos por natureza perfidos. v. Lucan. VIII. 276.

(*a*) *Decoro* em materia de Eloquencia he, nos discursos, a

Assim, ainda que os Exemplos nos discursos deste genero tem summa força para persuadir, porque os homens levão-se muito das experiencias: Com tudo por conta do decoro importa muito ver, de que pessoas tiramos os exemplos, e a quem os applicamos (*a*) Porque são differentes os animos e caracter dos que deliberão.

Que cousas se devem nellas considerar.

Estes podem ser de dois modos; quem delibera ou he huma multidão, ou hum homem só. Tanto em hum, como em outro caso os discursos devem ser differentes. Porque se he huma multidão, importa muito ver, se ella he hum Senado, ou hum povo; E se hum povo, se he o Romano, ou os Fidenates; se são os Gregos, ou os Barbaros; E se he hum só; importa ver quem he: se, por exemplo, aconselhamos a Catão os cargos da Republica, ou a C. Mario. (*b*)

---

conveniencia ou conformidade exacta da *Expressão* com os *Pensamentos*, e a destes com as *pessoas*, que nelles entrevem, com a *materia* que nos mesmos se trata, e *circunstancias* de humas e outras. Deste Decoro trataremos largamente no seu lugar. Quintil. considera aqui nos discursos do Genero Deliberativo o Decoro dos *pensamentos* por ordem ás pessoas, assim dos que deliberão, como dos que aconselhão, e o do *Estilo* por ordem aos pensamentos.

(*a*) A primeira observação do Decoro he na escolha dos Exemplos, que ja vimos erão de huma força especial neste genero. Alem das consideraçoens, que os exemplos merecem em quanto aos factos, de que fallaremos adiante; as pessoas de quem os tiramos, e aquellas para cuja persuasão os empregamos, offerecem novas vistas, ás quaes he preciso attender para guardar o decoro, e fazermos valer os exemplos, de que nos servimos. Quanto as pessoas, de quem tiramos os exemplos, forem mais authorizadas, quantas mais relacoens tiverem com nosco, tanto maior será a impressão que farão, e a influencia que terão nas nossas determinaçoens. Pela primeira consideração terão mais authoridade para persuadir os exemplos antigos, e tirados de pessoas illustres. Para mover porem serão mais proprios os mais recentes. Pela segunda consideração terão mais força para com nosco os exemplos tirados da mesma nação, que os de outra; os da mesma ordem, corporação, e familia, que os estranhos.

(*b*) Catão o Uticense, (assim chamado por se ter dado a morte nesta Cidade, só para delle não triunfar o partido de Cesar,) era hum Philosopho Stoico, que levava o rigor desta

Se quem delibera á cerca do modo de fazer a guerra a Annibal, he Scipião o mais velho, ou Fabio. (*a*) Por esta razão se deve attender muito ao *sexo*, á *dignidade*, á *idade* dos que consultão, mas sobre tudo os *costumes* farão a principal differença no modo de persuadir.

Como se persuadiráõ as cousas boas a homens máos.

Na verdade não ha cousa mais facil do que persuadir acçoens honestas a homens bons. Porem se as quizermos persuadir a homens máos, primeiramente teremos a cautela de não parecer exprobrar-lhes o seu contrario modo de vida; Dahi, mover-lhe-hemos os animos não com os motivos da virtude, de que elles não fazem caso, mas sim com os do louvor, e reputação publica ou, (aproveitando pouco estes vaons motivos) com o interesse, que da mesma se lhes póde seguir. Algumas vezes pôr-lhe-hemos diante alguns medos, fazendo elles o contrario do que lhe aconselhamos. Pois álem de que os espiritos quanto mais frivolos são, mais se aterrão: podemos dizer, que para o commum dos homens tem mais força o temor dos males, que a esperança dos bens, assim co-

seitaaté o excesso, por conta do que o rediculiza Cicero na oração pro Murenna. Como Philosopho fazia profissão de desprezar o mundo, e consequentemente os cargos e honras da Republica. Delle diz Plinio Pref. Hist. Nat. *Repulsis, ut honoribus indeptis, gaudebat.* Mario pelo contrario era hum homem ambiciosissimo. Delle diz Salust. *At illum jam antea consulatus ingens cupido exagitabat, ad quem capiendum, cui, praeter vetustam familiae, abunde erant omnia.* Sete Consulados não forão bastantes para fartar a sua ambição insaciavel. Morreo no decimo septimo dia do ultimo, 85 annos antes de J. C. Quem não vê que para persuadir os cargos a estes dois homens, erão necessarios differentes principios?

(*b*) Estes dois Generaes Romanos na segunda guerra Punica tinhão genios e caracteres oppostos. Scipião era hum moço ardente, Fabio hum homem maduro, e contemporizador. Aquelle pois era de voto, que as tropas Romanas passassem logo a combater Carthago na Africa, e fazer sofrer os incommodos da guerra ao paiz inimigo. Fabio dizia, que o melhor modo de vencer Annibal era moel-o com demoras, e incommodal-o dentro da Italia. Scipião venceo. Temos em T. Livio XXVIII. c. 40. ambos os discursos destes dois grandes homens v. Ex. XIII. e XIV.

mo os mesmos percebem melhor o que he máo, do que o que he bom.

Como se persuadiráõ as más a homens bons.

A's vezes se aconselhão acçoens pouco honestas a homens bons, e se dão a homens de pouca probidade conselhos, em que só se attende ao que lhes he util... Nem eu, com ensinar o modo de o fazer, pertendo se pratique. O que vou a dizer entenda-se só dito para exercicio das Escolas; pois he bom conhecer as manhas dos homens injustos, para melhor defender a justiça. Se alguem pois persuadir acçoens más a homens bons, lembre-se não lhas persuadir como más (o que agora fazem alguns Declamadores, exhortando Sexto Pompeo (*a*) á piratagem, porisso mesmo, que era huma occupação infame e barbara), mas dar huma côr de honestas ás mesmas acçoens feias, e isto ainda tratando com homens máos. Porque ninguem ha tão perverso, que não tenha vergonha de o parecer; e esta he a razão, porque Catilina em Salustio (*b*) explica-se de tal modo, que parece arrojar-se á acção a mais scelerada, não por maldade de animo, mas por huma justa indignação, e da mesma sorte Atreo (*c*) na Tragedia de Vario diz assim:

O duro fado, a força inevitavel
Deste mal, que padeço, me constrange
A fazer outro tanto, como soffro.

Ora se assim fallão os máos, quanto mais se deve conservar este pondonôr a homens, que prezão o seu bom nome e reputação? Por esta razão se quizermos

(*a*) Sexto Pompeo filho do grande Pompeo, depois de desbaratado em Espanha, formou huma armada, com que fazia corso no Mediterraneo, e interceptava todos os comboios dos Romanos. Agrippa o venceo, e esta victoria canta Horacio. Epod. IX. v. 7.

Ut nuper actus cum fato Neptunius
Dux fugit ustis navibus, cet.

Isto naturalmente era assumpto de alguma Declamação.

(*b*) Na Guerra Catil. Cap. X. v. Ex. XV.

(*c*) Atreo para se vingar da injuria, que seu irmão Thyestes lhe tinha feito em lhe usurpar o Sceptro, lhe deu a co-

persuadir a Cicero: *que peça perdão a Antonio, e que queime ainda as suas Philippicas,* (*a*) (pois fazendo-o assim, Antonio lhe promette a vida,) não lhe mostraremos, quanto a vida he para estimar, porque se esta razão he capaz de o mover, movel-o-há, sem que nós lha lembremos: mas exhortal-o-hemos com o motivo de se conservar para bem do estado. He preciso este pretexto para Cicero se não envergonhar de semelhantes supplicas. Do mesmo modo, querendo nós persuadir o reinado a C. Cezar, (*b*) mostrar-lhe-hemos, que a Republica já não póde subsistuir, sem que hum só a governe. Porque em fim quem delibera a respeito de huma acção illicita, o que unicamente procura, são pretextos para fazer parecer menos criminosa a sua acção.

Decoro dos Pensamentos relativamente á pessoa do Orador.

Tambem importa muito ver qual he a pessoa do Orador, que dá o conselho. Porque huma vida passada, se tem sido illustrada por acçoens gloriozas, huma nobreza distincta, huma idade provecta, os bens da fortuna, tudo isto fazem esperar hum discurso

mer em hum banquete as carnes de seus proprios filhos. Esta acção tem sido assumpto de muitas Tragedias dos antigos. O Poeta Latino Vario, contemporaneo, e amigo de Horacio, e Virgilio, tambem tratou este assumpto na sua Tragedia *Thyestes*, que se perdeo, e da qual diz Quint. X. I. 98. *Jam Varii Thyestes cuilibet Graecorum comparari potest.*

(*a*) Estabelecido o Triumvirato de M. Antonio, Lepido, e Octaviano Augusto, a entrega de Cicero ás maons de Antonio foi hum dos artigos, com que se capitulou esta reconciliação e liga. Fingião os Declamadores, que Antonio lhe offerecia a vida, caso que lhe pedisse perdão, e queimasse as 14. Philippicas, com que Cicero á imitação de Demosthenes defendeo a liberdade da Republica contra as emprezas de Antonio. Seneca o Rhetorico trata esta materia na Suasoria 6. e 7.

(*b*) Augusto depois da batalha de *Actio*, 31 annos antes de J. C., feito senhor de todo o governo, fingio querer deliberar sobre o modo delle. Elle com tudo pelo conselho de Mecenas, contra o voto de Agrippa, se arrogou o poder supremo, não obstante ter fingido abborecel-o, quando na festa dos Lupercaes Antonio lhe quiz pôr na cabeça o diadema. Veja-se esta deliberação em Suetonio. August. 28.

correspondente a estas grandes qualidades, (*a*) e assim deve haver cuidado, para que tudo, o que disser similhante personagem, em nada desminta o seu caracter. Já circunstancias contrarias a estas requerem no Orador hum tom mais moderado e humilde. Porque o que em huns he huma liberdade louvavel, em outros he desaforo (*b*); e a certas pessoas basta-lhe a authoridade para persuadirem (*c*), a outras a mesma razão, que lhes assiste, não he capaz de os cobrir da indignação dos ouvintes.

Difficuldade dos Discursos suppostos.

Esta he a razão, porque me parecem summamen-

(*a*) Estas qualidades constituem a *Auctoridade Extrinseca* nascida não do verdadeiro merecimento, mas dos sinaes delle, e da qual fallámos atraz. Não está na mão do Orador o ter, ou deixar de ter estes accidentes brilhantes da fortuna. A Rhetorica pois não os considera senão em razão do Decóro. Elles com tudo influem grandemente na persuazão.

(*b*) A *Parrhesia*, ou a liberdade de dizer tudo, da qual falaremos nas figuras, he a Arte de dizer francamente as verdades duras, porem de modo que não escandalizem, e indisponhão os ouvintes. *A licença*, ou desaforo pelo contrario, não sabendo guardar as mesmas medidas, aliena os animos, e he sempre insofrivel.

(*c*) Como bastou a Emilio Scauro, quando accuzado de inconfidencia por Q. Vario Sucronense da Hespanha, comparecendo diante do Povo R. fez este brevissimo discurso *Q. Varius Aemilium Scaurum Remp. prodidisse ait. Aemilius negat. Nulli sunt testes. Utri igitur, Quirites, fidem habetis?* o qual bastou para o absolver. v. Val. Max. VI. c. VII. n. 10. et Quint. V., 12., 10.: e a Scipião, que accuzado, e citado em juizo pelo Tribuno do Povo, subio ao pulpito Rostral, e não deu outra defeza se não a seguinte chêa de confiança e authoridade. *Hoc die, Tribuni Plebis, vosque Quirites, cum Annibale et Carthaginiensibus, signis collatis, in Africa bene ac feliciter pugnavi. Itaque cum hodie litibus et jurgiis supersederi aequum sit, ego hinc extemplo in Capitolium ad Jovem Opt. Max., Junonemque, et Minervam, ceterosque Deos, qui Capitolio atque Arci praesident, salutandos ibo, iisque gratias agam, quod mihi et hoc ipso die, et saepe alias egregie Reip. gerendae mentem facultatemque dederunt. Vestrum quoque, quibus commodum est, ite mecum, Quirites, et orate Deos, ut mei similes principes habeatis....* Bastou este discurso cheio de magestade, e gravidade para a sua defeza, e todo o povo o acompanhou ao Capitolio v. Liv. Lib. 38. cap. 51. al. 32.

te difficultosas as *Prosopopeias*, quero dizer, os discursos, que fazemos debaixo de pessoas suppostas. Porque álem do trabalho, que ha em compôr huma Oração suasoria, ha de mais a difficuldade de exprimir e conservar o caracter da pessoa; pois que hum mesmo ponto de deliberação deverá ser tratado differentemente por Cesar, por Cicero, e por Catão (*a*).

Suas utilidades.

Hum similhante exercicio porem he muito util, ou porque com elle nos ensaiamos ao mesmo tempo em duas cousas, ou porque conduz muito para os que houverem de ser Poetas, ou Historiadores, (*b*) e se faz tambem preciso aos Oradores; pois ha muitas

---

(*a*) A materia desta deliberação foi, que pena se devia dar a Catilina, e aos cumplices da sua conjuração. Sobre o que seguirão differentes pareceres Cicero Consul, Cesar, e Catão Senadores. O de Cicero pode-se ver na Catilinaria IV.; os de Cesar, e Catão nos conservou Salustio na sua Historia da Guerra de Catilina com a comparação dos costumes destes dois grandes homens. v. Ex. XVI. e XVII.

(*b*) Os Poetas *Dramaticos* nunca fallão em propria pessoa, mas introduzem a fallar desde o principio até o fim differentes personagens. Os *Epicos*, ainda que narrem por si alguma cousa da acção, fazem com tudo narrar a maior parte della por pessoas alheias, e todas as fállas e discursos são feitos por outrem. Para isto pois he necessario possuir bem a arte do decoro, e ter-se exercitado nas Prosopopeias. Da mesma sorte os Historiadores intromettem de continuo na narração discursos, em que as mesmas pessoas, que obrão exprimem seus sentimentos nos casos occurrentes. Estes discursos podem ter duas formas, a *Directa*, pela qual as mesmas personagens são as que fallão, como em Livio, Salustio, Tacito, e Curcio, e a *Indirecta*, pela qual os historiadores referem com as suas palavras os discursos dos outros, e nesta forma produz Cesar os discursos das personagens nos seus Commentarios. Trogo em Justino não approva a primeira forma, como falsa. Vossio de Art. Hist. c. 20. defende-a. Na verdade o Historiador tendo dois objectos, hum de contar o que succedeo, outro de fazer seus leitores mais sabios e melhores; ainda que as oraçoens directas não pertenção ao primeiro fim, pertencem ao segundo. Alem de que as causas das acçoens, os conselhos, e projectos, que nestes discursos se desenvolvem, pertencem á verdade da historia. Seja como for, he certo que nestas oraçoens *directas* o primeiro cuidado he a fiel conservação dos Caracteres.

Oraçoens tanto em Grego, como em Latim, que se compozerão para outros pronunciarem, (*a*) a cujo caracter e costumes necessariamente tiverão de accommodar os compositores as cousas, que escrevião. Por ventura Cicero, quando compunha para Cneo Pompeo, pensou do mesmo modo, ou revestio-se do mesmo caracter, do que quando escreveo discursos para C. Appio e outros pronunciarem? Não considerava elle primeiro que tudo o estado, a dignidade, e ás acçoens de cada hum, para nos discursos, que lhes emprestava, traçar o retrato fiel de todos estes homens, e fazer crer, não obstante fallarem melhor do que elles fallarião por si mesmos, que elles erão os que fazião as oraçoens? Porque na verdade hum discurso não he menos viciozo, quando disconcorda da pessoa, do que quando disconcorda da materia; e por isso Lysias he justamente louvado por ter guardado fielmente o caracter proprio aos ignorantes e idiotas a quem escrevia oraçoens. (*a*)

Decoro do Estilo relativamente á materia. Opinião de Arist. e Theophrasto.

§. III. Theophrasto quiz, que o Estilo neste genero Deliberativo não tivesse ornato algum procurado. Seguio nesta parte o parecer de seu mestre, ainda que não costuma fazer muito escrupulo em se apartar

---

(*a*) Em Athenas havia huma ley, que prohibia aos réos usarem de advogados para a defeza de suas causas. Elles porem eludião a ley comprando aos oradores discursos, para elles mesmos recitarem diante dos Juizes. Simillhantes oradores erão por isso nomeados com desprezo λογόγραφοι. Em Roma não havia a mesma prohibição. Muitos com tudo campavão com oraçoens, que outros lhes compunhão. Cicero escreveo e mandou a Domicio o elogio de Porcia, para recitar como seu. Epist. ad Att. XIII, 37. O mesmo fez a Serrano, Cesar a Metello, e Caio Lelio a P. Tubero, v. Burmano a este lugar.

(*b*) Entre 24 oraçoens, que nos restão de Lysias, ha muitas escritas para esta casta de pessoas. Delle diz a proposito Dionysio de Halicarnasso na sua vida, que *De todos os Oradores foi quem melhor soube espreitar a natureza dos homens, e dar a cada hum os affectos, costumes, e acçoens que mais lhe convinhão.*

delle. Aristoteles (*a*) com effeito julgou que o Genero mais proprio para escrever era o Demonstrativo, e depois delle o Judicial; pela razão, creio, de que o primeiro era todo de apparato, e o segundo não necessitava de menos artificio, ainda para surprender o juiz, caso que assim o pedisse o interesse da causa; que os conselhos porem requerião só probidade e prudencia.

Opinião de Quintiliano.

Quanto ao Genero Demonstrativo, sou do mesmo sentimento de Aristoteles, porque todos universalmente ensinarão o mesmo. Nas oraçoens porem Judiciaes, e Suasorias creio se deve accommodar o estilo á materia, que se tratar; porque vejo nas Philippicas de Demosthenes os mesmos ornatos, que nas oraçoens forenses do mesmo, e os discursos Suasorios de Cicero pronunciados tanto no Senado como diante do povo não mostrão huma eloquencia menos luminoza, que as suas accusaçoens e defesas. Isto não obstante o mesmo Cicero dá esta mesma doutrina a respeito do estilo das suasorias, dizendo: (*b*) *Todo o estilo deste genero deve ser simples e grave, e receber o ornato mais dos pensamentos, que das palavras.* (*c*)

(*a*) Rhet. L. 3. c. 12. As palavras de Arist. são só n. 7. *Portanto a Elocução Epidictica he a mais propria para o estilo, pois he para se ler: depois della a que tem o segundo lugar, he a Judicial.* Tudo o mais que Quint. acrescenta he explicação sua, bem alhêa das razoens do Philosopho, como veremos na nota seg. (*c*)

(*b*) Partiçoens Cap. XXVII.

(*c*) Todos estes sentimentos oppostos se podem conciliar. Arist. (e com elle Theophrasto, e Cicero talvez) considera o estilo dos tres generos não relativamente á materia, de que cada hum trata, mas ao *modo*, com que se dão a conhecer os seus discursos, e ao maior ou menor *theatro*, em que se pronuncião, da mesma sórte que tambem consideramos pelos mesmos lados as Poesias e as Pinturas. Quer pois, que as oraçoens, que são para se lerem, como as Poesias Epicas, sejão mais bem trabalhadas, e ornadas, do que as que, como as Poesias Dramaticas, são para se pronunciarem e representarem. Porque naquellas os ornatos devem supprir as graças da Declamação, e nestas o discurso he ajudado da acção, que para ser viva,

CAPITULO XVI.

Terceira Classe Geral das Hypotheses, ou Causas Judiciaes.

(L. III. c. 11.)

Fins do Genero Judicial e suas partes.

§. I. PAssemos agora a tratar do *Genero Judicial*, o qual, posto que tem mais variedade, que qualquer dos outros, serve com tudo para duas cousas, que são *Demandar*, e *Defender*. (*a*) Suas partes segundo o maior numero dos Authores são cinco, a saber: *Proemio*, *Narração*, *Prova*, *Refutação*, e *Peroração*. (*b*)

---

e variada não se deve sujeitar á marcha compassada de hum estilo muito composto, e ajustado. Os discursos Epidicticos pois, que são para ler, devem ser mais polidos, e apurados, que os Judiciaes, e Deliberativos, que são só para se pronunciarem.

Depois passando a comparar estes dois generos entre si, adverte, que as oraçoens Deliberativas, como hão ser ouvidas a huma grande distancia por huma grande multidão, não precisavão de tanta exactidão, e polimento, como as Judiciaes, das quaes julgão de perto hum ou pouces homens, similhantes nisto aquellas ás pinturas de mancha, que são para ver ao longe, e estas ás de miniatura, para se examinarem de perto. Do que se ve, que o sentimento de Quint. não he contrario ao de Aristoteles, e Cicero; porque considerão os tres generos por differentes faces. Quint. com tudo XII, 10. 49. segue differente parecer a respeito da oração escrita, e pronunciada. *Mihi unum atque idem videtur Bene dicere, et Bene scribere, neque aliud esse oratio scripta, quam monumentum actionis habitae.* Mas não tem razão.

(*a*) As palavras latinas *Intentio* e *Depulsio* tem mais extensão que as de *accusação* e *defesa*. Aquellas abrangem as acçoens tanto civis, como criminaes, e estas só as criminaes. Julguei pois por milhor conservar-lhe na traducção a sua força, do que verter, como fazem vulgarmente, *Accusação*, e *Defesa*.

(*b*) Tantas são as partes de huma oração, quantas as especies de pensamentos, de que a mesma se compoem. Ora estas

Alguns augmentárão o seu numero.

§. II. Alguns acrescentárão a estas a *Partição*, a *Proposição*, e a *Digressão*. Porem as duas primeiras incluem-se na Prova. Porque para *provar* he necessario primeiro *propôr* o que se quer provar; e he necessario depois *concluir*. Porque razão pois a conclusão não seria huma parte, se a Proposição o fosse? (*a*) A *Partição* he huma especie de *Disposição*, a qual constituindo huma parte da Rhetorica, pertence a todos os membros e ao corpo inteiro do discurso, assim como a Invenção e a Elocução. (*b*) E quan-

---

são quatro nem mais nem menos. Huns servem para *Preparar e dispôr* os ouvintes; outros a *Expôr* o ponto da questão; outros a *Proval-o;* e outros emfim a *Concluir*. Tudo o que serve para preparar chama-se *Proemio*. Tudo o que expoem o assumpto, de qualquer modo que seja, tem o nome geral de *Proposição*. Tudo o que serve a estabelecer a verdade da Proposição, ou provando-a directamente ou indirectamente desfazendo as objeçoens do adversario, tem o nome *de Prova*. Emfim tudo o que serve a concluir o discurso se chama *Peroração*. Esta divisão, numero, e ordem dos pensamentos he dictada pela mesma natureza. Pois eu não posso persuadir sem primeiro remover os obstaculos contrarios á persuasão. Para provar he necessario primeiro dizer o que provo, e depois de provar he necessario concluir. Destas 4. partes duas são *Intrinsecas* á causa, e por isso indispensaveis, a *Proposição* digo, e a *Prova*, duas *Extrinsecas* á mesma, e relativas só ao ouvinte, quaes são o *Exordio* e *Peroração*, e sem estas póde haver oração. V. Arist. Rhet. I. 1.

(*a*) Esta razão de Quint. he contra elle mesmo, que reconhece com todos por huma parte principal da oração a *Conclusão Geral* do discurso, ou *Peroração*. Se esta pois o he, porque o não hade ser a *Proposição Geral* tambem? Quintiliano argumenta da Conclusão particular de hum raciocinio para a Proposição Geral da oração, quando devia argumentar só para a proposição particular do mesmo raciocinio. V. o Cap. da *Proposição* no princ.

(*b*) Ou a Partição se toma pela distribuição, e divizão das materias, como Quint. a toma Lib. VII. c. I. n. 1. ou pela Proposição dividida de que o mesmo falla Lib. IV. c. V. n. 26: no primeiro sentido tem razão, no segundo não, e deste he que se trata. Para não fazer da Partição huma parte differente do discurso bastava dizer que *Proposição*, *Narração*, e *Partição* he tudo huma mesma cousa, e só na fórma differentes. V. Logo §. III. not. (*d*)

to á *Digressão*. (*a*) Esta ou he estranha á causa, e mal póde então ser parte della; ou lhe pertence; e então deve-se reputar como hum accessorio, que serve já a auxiliar, já a ornar aquella parte do discurso em que se acha. Pois se tudo, o que entra em huma oração, se chamar parte principal della, por que não chamariamos tambem partes ao *Argumento*, á *Similhança*, ao *Lugar commum*, (*b*) á *moção de hum Affecto*, e aos *Exemplos?*

Outros o diminuirão.

§. III. Não sou tambem da opinião daquelles, que com Aristoteles (*c*) excluem do numero das partes a *Refutação*, como conteuda na *Prova;* pois he differente parte a que destroe os pontos do adversario, daquella, que serve a estabelecer os nossos. (*d*)

(*a*) Chama-se *Digressão o lugar, em que o Orador, apartando-se do fio da oração, trata cousas, que ainda que se não dirigem ao fim do discurso, dirigem-se com tudo ao fim do Orador.* O fim do discurso he estabelecer a proposição, o fim do Orador he ganhar a causa. Todos sabem que ha digressoens alhêas inteiramente da materia, e outras pertencentes e ligadas a ella. Estas humas servem só para deleitar, como o louvor da Sicilia na Verrina. II. c. 1, outras para ajudarem á prova, como são as Amplificaçoens, Lugares communs etc.

(*b*) Não entende aqui por lugar commum os lugares dos Argumentos mas as theses geraes, ou sejão para louvar, ou suadir, accusar ou defender qualquer cousa em geral. Como quando se trata o que diz respeito a *clemencia* em geral, á *amizade*, a *libertinagem da mocidade*, á *innocencia da vida do campo*, e infinitos outros. Chamão-se *lugares communs*, porque os mesmos podem entrar em differentes materias e discursos; bem que se devão ligar de tal modo, que pareça nascerão para o caso, a que se applicão.

(*c*) Arist. Rhet. L. III. c. 13. e com elle Cicero nas Partiçoens, e do Orad. II. n. 331. A razão de Quint. não prova o contrario, porque, ainda que seja differente cousa estabelecer e destruir, com tudo he a mesma prova, que se tira das idêas, ou que se incluem, ou que se excluem.

(*d*) Proposição he toda a oração, em que expomos a materia, que nos propomos tratar. Ella, ou he *simples*, quando reduz a materia a hum ponto só de vista, ou *dividida*, quando a reparte em dois, tres, ou mais pontos, ou em fim *continua*, quando em huma oração seguida, e circunstanciada expoem o facto todo. A primeira chama-se simplesmente *Proposição*, a segunda *Partição*,

O mesmo Aristoteles se aparta tambem em certo modo do sentimento commum, quando depois do Proemio poem não a Narração, mas a Proposição. Porem elle faz isto, porque a Proposição he hum genero, e a Narração huma especie de Proposição, a qual nem sempre he necessaria, e aquella sim.

Ordem com que estas partes se devem meditar.

§. IV. Estas partes porem, que assima estabeleci, não se devem meditar pela mesma ordem, com que se pronuncião. (*a*) Mas primeiramente devemos ver *Qual he o genero da causa? Qual a sua questão?*

---

e a terceira *Narração*. Quintiliano mesmo Lib. IV. c. 2. n. 79. diz que esta não he outra cousa se não *Probationis continua propositio.* Se pois depois do exordio se deve seguir Proposição, ou Narração, he questão de nome.

(*a*) Não temos aqui na meditação huma ordem *Analytica* e na composição huma ordem *Synthetica*, como pertende o nosso Antonio Pinheiro a este lugar. Os discursos oratorios não estão sujeitos a esta ordem Logica, e compassada, como o estão as discuçoens Philosophicas; A eloquencia ordena os seus pensamentos na ordem natural da Persuasão, qual vimos atraz, *Preparando* primeiro os ouvintes, depois *Propondo-lhe* a materia do discurso, dahi *Provando-a*, e por fim *Concluindo.* Esta ordem he hum methodo particular á Arte de Persuadir, que não he verdadeiramente o Synthetico. Quando nós meditamos estas mesmas partes não seguimos huma Analyse propriamente dita, que caminha das idêas singulares e compostas para as mais geraes, e simplices, mas sim a ordem contraria a da composição oratoria, e que he tambem a natural da meditação. Porque assim como a razão manda que, fallando nós, ponhamos primeiro as cousas, que preparão, do que aquellas, para que preparão: assim considerando nós estas mesmas cousas, a razão pede, que sigamos a ordem das relaçoens, meditando primeiro as partes que subordenão, do que as subordinadas, e consequentemente o que pertendemos provar, e o com que, depois a narração, e por fim o exordio.

Já quanto ao exame do ponto, ou pontos, que fazem o objecto da Prova, tem outra regra. Nelle seguimos ordinariamente a ordem Analytica, começando da ultima hypothese, que de ordinario contem a causa, e subindo dahi ás questoens mais geraes; e quando na Partição queremos ordenar estes mesmos pontos seguimos a ordem synthetica, e começando das proposiçoens mais geraes, concluimos dellas a hypothese. vej. o que dissemos no capitulo antecedente, Art. I. §. 3. not. ult. e o que diremos Liv. II. cap. 18. §. V.

Que cousas temos a nosso favor, e que cousas contra nós? Depois destas consideraçoens passaremos a ver o que pertence á *Prova* e á *Refutação*. Dahi como havemos de *Narrar*. Pois sendo a Narração a preparação das provas (*a*), não se póde fazer bem, sem primeiro se saber de que provas nos havemos de servir. Por fim havemos de ver de que modo conciliaremos o Juiz no Exordio. Porque só depois de ter bem presentes todas as partes de huma causa, he que verdadeiramente podemos saber como nos convem dispôr, e preparar o animo do Juiz, se nos será conveniente por exemplo fazel-o *severo*, ou *benigno*, se *irritado*, ou *pacifico*, se *inflexivel*, ou *condescendente*...

(*a*) Assim como o Proemio prepara todas as partes seguintes da oração, e a *Prova* prepara para a *Conclusão* do discurso: assim a *Narração* entra na mesma natureza. Ella prepara, como tambem a *Proposição*, e *Partição*, para a *Prova*. A narração, como diz Quint., he *huma proposição continuada e seguida da Prova*. Todas as provas de hum facto, as quaes houvermos de deduzir extensamente no corpo da confirmação, devem ter seu fundamento na natureza, e circunstancias do mesmo facto, que narrarmos, e nas razoens, motivos, e caracter das pessoas, que o obrarão. Se a narração pois contém os fundamentos, e o plano de todo o edificio da Prova, sem nós desenharmos mentalmente esta, mal podemos fazer o seu bosquejo.

INSTITUIÇÕES ORATORIAS
DE
M. FABIO QUINTILIANO.

LIVRO SEGUNDO.

DA INVENÇÃO E DISPOSIÇÃO.

CAPITULO I.

Do Proemio.

(IV, 1.)

Proemio: sua definição, fim e meios, que emprega.

... PROEMIO he *tudo aquillo, que he proveitoso dizer-se perante o Juiz, antes que tome conhecimento da Causa* (a) ... O fim delle não he outro, senão

(a) Todas as Ediçoens antigas lem constantemente *Certè prooemium est, quod apud Judicem dici, priusquam caussam cognoverit, prosit.* Na de Gesnero porem omitte-se o *dici* sem se dar variedade de lição. Creio he erro da impressão, o qual passou tambem inadvertidamente com outros similhantes a outras ediçoens, que depois se fizerão. Esta palavra por outra parte he necessaria. Pois nem tudo o que aproveita para com o Juiz antes do conhecimento da causa, como a figura triste do réo, a presença respeitavel dos amigos etc. se póde chamar propriamente exordio. Nós veremos em outros lugares, que a edição de Gesnero não he izenta desta casta de erros, principalmente quando os olhos do compositor se podem equivocar com a repetição de vocabulos similhantes, como aqui *Judicem*, *dici*. V. Liv. V, 13, 12, e VIII, 6, 24 e 42.

dispôr o ouvinte para nos ser mais favoravel nas outras partes do discurso. Tres são os meios principaes, segundo assentão commummente, para conseguir este fim, que são, fazer o ouvinte *Benevolo*, *Attento*, e *Docil;* (*a*) não porque não devámos fazer o mesmo por todo o curso da oração, mas porque nos principios especialmente se fazem necessarias estas cousas. (*b*) Pois ellas são as que nos dão entrada no animo do Juiz, sem a qual não podemos dar passo algum para diante.

ARTIGO I.

Da Benevolencia.

§. I. PAra excitar a *Benevolencia*, ou tiramos motivos das *Pessoas*, ou os recebemos das *Cau-*

(*a*) Todos sabem que cousa he *Benevolencia*, ou pia affeição, e *Attenção.* Porem a palavra *Docilidade*, tendo na lingua Portugueza passado a significar brandura, e flexibilidade de genio, póde causar alguma confusão. Para a tirar pois he preciso saber, que *Docilis*, como se dissessemos *Docibilis*, vem do verbo *doceo*, e delle conserva toda a propriedade de sua significação, e quer dizer *Capaz de ser ensinado*, *e instruido.* Exprime pois aquelle estado do entendimento, pelo qual elle se acha capaz de perceber, e inteirar-se de huma, ou muitas verdades. O primeiro meio, que he o da Benevolencia, he *Ethico :* elle toca o coração, e o procura ganhar. O 3. he *Logico*, relativo as idêas do Espirito para as distinguir, ordenar, e exprimir com precisão, e clareza. O do meio he *mixto*, pois a attenção tem por causa o interesse, e por objecto as idêas. O primeiro offerece motivos, o terceiro razoens, e o segundo, motivos e razoens, que preparão, e dispoem o animo do Juiz de differentes modos para nos favorecer.

(*b*) O contrario diz Arist. (Rhet. III, c. 14.) da Attenção, e Docilidade no exordio, e Cicero que o seguio de Orat. II. 79. dizendo: *quae sunt utilia, sed non principii magis propria quam reliquarum pertium; Faciliora etiam in principiis, quod et attenti tum maxime sunt, cum omnia expectant, et dociles magis initiis esse possunt. Illustriora enim sunt quae in principiis, quam quae in mediis caussis dicuntur, aut arguendo, aut refellendo.* E isto assim era, se a attenção e docilidade que se procura, fosse só para o que se diz no Exordio. Mas ellas tem hum objecto mais importante, que he o corpo da Prova, para a qual principalmente devem preparar.

sas. (*a*) As pessoas porem não são sómente tres, como muitos julgarão, (*b*) *Reo*, *Author*, e *Juiz*.

Patrono. Como conciliará a benevolencia pela sua pessoa.

1. *modo.*

1. Pois o Exordio ás vezes se costuma tirar da pessoa mesma do *Patrono*. Porque, ainda que elle falle muito pouco de si e com mais moderação do que do seu Réo; com tudo he de summa importancia para tudo o que tem de dizer depois, o merecer logo no Exordio o conceito de homem de probidade: pois deste modo parecerá mais huma testemunha imparcial, que depoem a verdade, do que hum advogado apaixonado, que a atropela.

Para merecer este conceito deve fazer ver, que os motivos, que o obrigarão a encarregar-se daquella causa, forão as razoens ou de *parentesco*, ou de *amizade*, ou, se poder ser, *do bem publico*, ou ao menos alguma cousa attendivel e de consequencia para o futuro. (*c*) O mesmo ainda com mais razão deveráõ

(*a*) Os motivos para excitar a benevolencia do Juiz nascidos das relaçoens, que as partes julgadas tem com os Julgadores, quasi sempre os ha mais ou menos. Porem as causas nem sempre offerecem razoens favoraveis para conciliar os Juizes, porque ás vezes são más, que por isso diz Quintiliano adiante §. II. *Se a causa nos der materia para conciliar o Juiz.* Por isso diz aqui que *ou tiramos a benevolencia das pessoas, ou a recebemos das causas.*

(*b*) Nota aqui occultamente á Aristoteles, que na sua Rhet. Lib. III. Cap. 14. faz só tres pessoas *Patrono*, *Adversario*, e *Juiz*. Vossio porem Inst. Orat. L. 3. Cap. 2. Sect. 3. acha justa a divisão do Philosopho, porque debaixo do nome de *Patrono*, se entende a pessoa de seu cliente, e na do *Adversario* a do author da causa, cujos interesses procurão hum e outro advogado, e por isso se reputão fazer a mesma pessoa com as suas partes.

(*c*) *Ostendat* v. g. *patronus ab aliis magnis et bonis viris causas id genus susceptas*, diz Gesnero explicando neste lugar as palavras *aut alicujus certe non mediocris exempli*. Porem enganou-se: quer dizer que os motivos devem ser tirados da importancia da causa, que póde ter ou por si, ou pelas suas consequencias para o futuro; porque huma má ou boa decisão della póde ser de máo ou bom exemplo, que outros sigão, ou de que tirem ansa para desor-

fazer os mesmos réos, (advogando elles as suas causas) mostrando forão obrigados a isso por alguma causa *grande, justa, ou ainda necessaria* (a).

2. *Modo.*

Mas se por huma parte o Patrono se concilia principalmente authoridade apartando de si, pelo modo que acabamos de dizer, toda a sospeita de lucro sordido, inimizade, ou ambição: por outra se fará tacitamente recommendavel, se disser: que he fraco e inferior em talentos aos seus adversarios. Desta classe são a maior parte dos Exordios de Messala. (b) A razão he, porque os homens favorecem naturalmente os mais fracos, e hum juiz escrupuloso em guardar a fé do seu juramento ouve de milhor vontade hum advogado, de quem nenhum perigo teme á sua rectidão. Deste principio nascia o disfarce, que os antigos oradores tinhão, occultando nos principios a sua

---

dens. Assim Cicero contra Verres mostra as consequencias funestas, que a absolvição daquelle réo traria comsigo, dizendo: *Nunc in ipso discrimine ordinis, judiciorumque vestrorum*, cum sint parati, qui concionibus et legibus hanc invidiam senatus inflammare conentur, *reus in judicium adductus est C. Verres, homo vita atque factis omnium jam opinione damnatus, pecuniae magnitudine, sua spe, et praedicatione absolutus.*

(a) Principalmente quando se tratar de accusação. *Nam sine dubio in omnibus statim accusationibus hoc agendum est, ne ad eas libenter descendisse videamur. Ideoque mihi illud Cassii Severi non mediocriter displicet:* Dii boni! Vivo, et, quod me vivere juvat, Asprenatem reum video. *Non enim justa ex causa, vel necessaria videri potest postulasse, sed quadam accusandi voluptate.* Quint. L. XI. C. I. n. 75.

(b) Cicero pratica o mesmo quasi sempre nos seus Exordios. *Eloquentiam* (diz delle Quint. XI, I, 20.) *cum plenissimam diversae partis advocatis concederet, sibi nunquam in agendo immodice arrogavit. Illius sunt enim:* Si quid est in me ingenii, Judices, quod sentio, quam sit exiguum, *et* Nam quominus ingenio possum, subsidium mihi diligentia comparavi. *Quin etiam contra Q. Caecilium de accusatore in Verrem constituendo, quamvis multum esset in hoc quoque momenti, uter ad agendum magis idoneus veniret, dicendi tamen facultatem magis illi detraxit, quam arrogavit sibi*, Sequo non consecutum, sed omnia fecisse, ut posset eam consequi, *dixit.*

eloquencia, bem differente da basofia destes nossos tempos (*a*).

3. *Modo.*

Deveremos tambem apartar de nós toda a idêa de homens *insolentes*, *malignos*, *orgulhosos*, *e maldizentes* (*b*) contra qualquer pessoa, ou ordem que seja, mas muito principalmente daquelles, que se não podem offender, sem escandalizar o nosso Juiz. Pois, que se não diga nada contra o mesmo Juiz, não só ás claras, mas de modo, que se possa entender, seria loucura advertil-o aqui, se se não praticasse no nosso tempo.

Pela Pessoa do Advogado contrario.

2. Tambem o Advogado contrario nos subministrará materia para o Exordio humas vezes tratando-o com honra, e fingindo, que tememos a sua eloquencia, e valimentos para fazer estas cousas suspeitas ao Juiz: outras com desprezo, mas isto rarissima vez, como Asinio, orando a causa dos herdeiros de Urbinia, deu por prova da contraria ser huma má causa, o ser Labieno advogado della...

Pela Pessoa do Réo.

3. A pessoa do *Réo* se deverá tratar differente-

(*a*) Quintil. mesmo Lib. XII. c. 9. n. 4. explica este lugar, e dá a razão do procedimento dos antigos oradores: *Nam cum illa dicendi vitiosa jactatio inter plausores suos detonuit, resurgit verae virtutis fortior fama, nec judices a quo sint moti dissimulant, et doctis creditur, nec est orationis vera laus, nisi cum finita est. Veteribus quidem etiam dissimulare eloquentiam fuit moris, idque M. Antonius praecipit, quo plus dicentibus fidei, minusque suspectae advocatorum insidiae forent etc.*

(*b*) Os nossos advogados deverião ter sempre presente este lugar, e o do mesmo Quint. XII. 9, 9: *Ea est enim prorsus* Canina, *ut ait Appius*, eloquentia, censuram maledicendi subire: *quod facientibus etiam male audiendi praesumenda patientia est. Nam, et in ipsos fit impetus frequenter, qui egerunt, et certe patroni petulantiam litigator luit... Super omnia perit illa, quae plurimum oratori, et auctoritatis, et fidei affert, modestia, si a viro bono in rabulam, latratoremque convertitur, compositus non ad animum judicis, sed ad stomachum litigatoris* cet.

mente. Humas vezes se allegará a sua dignidade, outras se fará recommendavel pelo seu mesmo desvalimento. Succederá tambem alguma vez ter o réo feito serviços á patria, para se poderem referir. Delles com tudo deverá fallar com mais vergonha quem se defender a si, do que quem defender a outro. Faz muito para o caso o *sexo*, a *idade*, e o *estado de fortuna* do Réo, se he mulher, allegando seu consorte; se he velho, seus filhos; e se he pupillo, seus pais. A ternura só, que estas consideraçoens excitão, he capaz de dobrar o juiz mais inflexivel. Estes affectos com tudo dever-se-hão só tocar no Proemio, e não exhaurir.

Pela pessoa do Author.

4. Para impugnar a pessoa do *Author*, usamos quasi dos mesmos principios, mas fazendo delles hum uso contrario. Pois mostramos os nossos adversarios poderosos para os fazer *odiosos;* baixos, e abjectos para os fazer *despreziveis;* e de huma má conducta, e malfeitores para os fazer *abominaveis.* Tres paixoens as mais capazes de indispôr os Juizes contra elles. Não bastará porém dizer simplesmente estas cousas. Hum idiota póde fazer o mesmo. Para excitar estas paixoens he preciso, já engradecer, já diminuir as cousas, segundo virmos nos he conveniente; e nisto he que consiste propriamente a obra do Orador; o mais, a causa mesma o offerece.

Pela pessoa do Juiz. 1. *modo.*

5. Conciliaremos o *Juiz* pela sua propria pessoa não sómente louvando-o, (o que se deve fazer com muito modo) mas, porque huma, e outra parte se póde valer deste meio ligando o seu louvor ao interesse da nossa causa, como se, por exemplo, a favor dos *homens de bem* lhe allegarmos a sua *honra;* pelos *pequenos* a sua *rectidão;* pelos *infelizes* a sua *misericordia;* e pelos *offendidos* a sua *severidade*, e assim nos mais.

2. *Modo.*

Será bom tambem, (sendo possivel) conhecer o genio, e costumes do Juiz. Pois segundo elle for de hum caracter *severo*, ou *brando; jovial*, ou *serio; inflexivel*, ou *indulgente:* assim será necessario, ou aproveitarmo-nos a favor da causa destas inclinaçoens naquillo, em que nos forem convenientes, ou abrandal-as na parte, em que nos forem contrarias. .. (*a*)

3. *Modo.*

Mais. Se o Juiz vier prevenido de Casa contra nós, devemos tirar-lhe a preoccupação; se a nosso favor, confirmal-o nella. Da mesma sorte algumas vezes se lhe deverá tirar o medo, como a favor de Milão fez Cicero, (*b*) que trabalhou no exordio por persuadir aos Juizes, que as tropas de Pompeo não se achavão alí postadas contra elles: outras vezes porém se lhes deverá metter.

Mas ha hum modo ordinario, e officioso de metter este medo, como quando dizemos aos Juizes: *Vejão lá, não faça delles máo conceito o Povo Romano.* (*c*) *Não se transfira para outra ordem o poder de julgar* (*d*): Outro extraordinario, e aspero, quando ameaçamos os Juizes, que os havemos de accuzar de suborno. Este expediente em hum tribunal numeroso

---

(*a*) Todo este lugar se póde ver bem tratado em Cicero do Orad. Liv. II. cap. 44.

(*b*) V. Ex. XVIII.

(*c*) De hum, e outro modo se póde ver exemplo na Acção II. contra Verres. Do primeiro n. 1, do segundo n. 12, 13, e 17.

(*d*) Com o Pretor Presidente do tribunal concorrião os Assessores chamados Juizes. Estes forão escolhidos de differentes ordens segundo a diversidade dos tempos, e das circunstancias. Ao principio tirarão-se do corpo do Senado. C. Gracho depois fez isto privativo á ordem Equestre, a qual pela ley Sempronia esteve de posse dos tribunaes perto de quarenta annos. Sylla victorioso transferio a jurisdicção outra vez da ordem Equestre para a Senatoria, onde rezidio por dez annos, até que Aurelio Cotta promulgou huma ley, para que os Senadores, e Cavaleiros Romanos juntamente com os Tribunos do Erario reprezentantes da Plebe fossem os que dalí em diante julgassem as causas v. Cic. contra Verres. Act. I. XIII.

poderá alguma vez ter bom successo. Porque os máos cohibem-se, e os bons gostão com isso: Porém diante de hum juiz só, nunca daria a ninguem tal conselho, só não havendo outro remedio...

Como se retirará o Exordio da Causa. 1. *modo.*

§. II. Se a *Causa* nos der materia para conciliar o Juiz, desta principalmente (*a*) se deverão escolher as cousas mais favoraveis, para dellas formar o exordio... Quaes sejão estas cousas favoraveis, desnecessario he ennumeral-as, pois á vista da causa se conhecerão, e seria impossivel abrangel-as todas em huma ennumeração, sendo tantas as demandas, como são. Ora assim como o *descobrir* o que na causa mais nos póde merecer o favor do juiz, e *amplifical-o:* assim o *desvanecer*, ou pelo menos *diminuir* o que nos faz mal, pertence igualmente aos exordios tirados da causa.

2. *Modo.*

Da mesma nascem tambem os affectos de compaixão, com que movemos a piedade do Juiz pelos males graves, que, por conta della, temos já sofrido, ou hajamos de sofrer. Pois não sou da opinião dos que julgão, que a differença dos affectos do Exordio aos do Epilogo consiste em aquelles terem por objecto os desastres futuros, e estes os passados. A differença está em que no principio deve-se tentear com mais parcimonia, e modo a misericordia do Juiz, do que no Epilogo, onde he permittido largar todos os affectos, e pôr em uso para isto as Apostrophes, e Prosopopeias introduzindo as personagens vivas, e ainda mortas a fallar, e presentar ante os Juizes as amadas prendas dos Réos, cousas que não se usão ordinaria-

(*a*) Diz, *Principalmente*, porque os Exordios extrinsecos, tirados das pessoas, e suas considerações só tem lugar, quando se não poderem tirar da causa mesma. A regra ordinaria he a de Cicero *De Orat.* II. 325. *Haec autem in dicendo non extrinsecus aliunde quaerenda, sed ex ipsis visceribus causae sumenda sunt. Idcirco tota causa pertentata atque perspecta, locis omnibus inventis, atque instructis, considerandum est, quo principio sit utendum: sic et facile reperietur.*

mente nos Exordios. Mas, assim como assima dissemos das cousas, (a) tambem não basta mover estes affectos pela nossa parte; he necessario tambem apartar os da parte contraria. Porque assim como nos he util o juiz creia, que o nosso exito será lastimoso, se ficarmos vencidos na causa: assim o he tambem que o mesmo se persuada, que o dos adversarios ha de ser insolente, se ficarem triunfantes.

Como se tira o Exordio das circunstancias das pessoas, e das causas.

§. III. Mas além da *Pessoas*, e das *Causas* se costumão ás vezes tirar tambem os Exordios das *Circunstancias* das mesmas pessoas, e causas. Circunstancias das pessoas são, não só as *prendas*, de que ha pouco fallei, (b) mas os *Parentescos*, as *Amizades*, as *Regioens* mesmas, e as *Cidades*, e tudo o mais, que diz respeito á pessoa do réo, que defendemos.

Circunstancias pertencentes de fóra para a causa são a *Occasião*, donde he tirado o Exordio da Oração de Cicero a favor de Celio, (c) o *Lugar*, donde

---

(a) As *causas* podem subministrar materia para o exordio, ou offerecendo *razoens*, ou *motivos*, aquellas para convencer o Juiz da nossa Justiça, estas para o mover. Ora as causas são duas, a nossa, e a do nosso adversario. E assim como daquella, assim desta se póde tirar do mesmo modo o exordio, ou desfazendo as suas razoens quer em tudo, quer em parte, ou desvanecendo os motivos com que tambem a parte quiz ganhar o animo do Juiz. Note-se porém que hum exordio tirado assim da causa tem muita differença da Prova, e da Peroração. Os argumentos, e paixoens não se tratão a fundo como naquellas partes, nem todas as razoens da nossa justiça, mas só aquellas, que á primeira vista da causa se prezentão naturalmente ao senso commum dos homens, e que por isso sem muita explicação, podem fazer impressão nos espiritos.

(b) No §. antecedente. Estas prendas são os pinhores do mutuo amor entre as pessoas ligadas por hum parentesco proximo, como os filhos a respeito dos pais, os pais a respeito dos filhos, e os consortes hum a respeito do outro. v. Quint. VI. I. 24., e 33.

(c) Entre os Romanos assim como entre nós, dividião se os dias em Festivos, (*Festos*) e em dias de fazer (*Profestos*). Naquelles dedicados aos sacrificios, festins sagrados, e jogos publicos havião ferias, e os tribunaes estavão fechados para todas as causas, menos as de sedição, e violencia publica, que pela sua ur

o da oração a favor de Dejotaro; (*a*) a *Figura* do tribunal, donde o da oração a favor de Milão, (*b*) a *Opinião* publica, donde o da oração contra Verres, (*c*) em huma palavra a *Fama dos tribunaes*, e a *Expectação do vulgo* etc. Nenhuma destas circunstancias está na causa, e com tudo a ella pertencem.

Hum 4. lugar dos Exordios.

§. IV. Aos Exorditos tirados das Pessoas, das Causas, e das Circunstancias acrescenta Theophrasto o Exordio tirado da Oração do adversario, qual parece ser o de Demosthenes a favor de Ctesiphonte, em que pede ao Juizes lhe permittão advogar a sua causa pela ordem; que bem lhe parecer, e não pelo modo, que o Accusador lhe tinha determinado no fim do seu discurso. (*d*)

---

gencia, e perigo que da demora resultava ao Estado, nelles se podião processar. A causa de Celio accusado de *vi* pela ley Lutacia foi por esta razão tratada em hum dia festivo. Cicero defendendo-o, toma o exordio do dia, e diminue, quanto póde, a attenção, que similhante circunstancia devia conciliar sobre a atrocidade do crime; mostrando, que toda esta accusação não tinha outra origem, se não o resentimento de Clodia contra Celio, por este a ter desprezado. v. Exempl. XIX.

(*a*) A causa de Dejotaro foi orada por Cicero em huma sala do palaçio de Cesar. Com que habilidade não faz este Orador valer esta, e outras circunstancias para se conciliar, e ao seu augusto réo a benevolencia de hum vencedor? V. Exemp. XX.

(*b*) Pompeo ou por partido, ou por temer o levantamento dos Clodianos, tinha mandado cercar todo o foro, e o tribunal mesmo de soldados armados, circunstancia insolita, de que Cicero se serve utilmente a seu favor, fingindo-se consternado com os juizes para depois se reanimar com os mesmos, descobrindo os motivos, que para esta novidade se esperavão da prudencia, e justiça de Pompeo. V Exemp. XVIII.

(*c*) Act. I. in Verr. A fama, que corria dos tribunaes de Roma era, que, quem fosse rico, e indinheirado, nada podia temer delles. v. Exempl. XXI.

(*d*) Eschines edit. Reisk tom. I. pag. 594. no fim da sua accusação tinha dito: *Mandai, que Demosthenes faça a sua apologia por esta mesma ordem, fallando primeiro da Ley sobre as contas da administração. Em segundo lugar sobre a que trata das honras, e proclamaçoens publicas, e em terceiro, e principal lugar, sobre que não he digno desta honra, e donativo; e se elle vos pedir lhe deixeis seguir a ordem que lhe parecer, promettendo, que por fim desfará o crime da contra-*

(Estes Exordios, que tirão a sua materia da oração do contrario, tem summa graça, por isso mesmo, que não sendo compostos em casa, mas ali mesmo diante dos Juizes, e nascidos das circunstancias, que occorrem, mostrão no advogado, que os faz, hum grande talento, pela facilidade com que os inventa: e por outra parte são tambem mais insinuativos, por parecerem simplices, e formados naturalmente daquillo que primeiro se offerece. Tem de mais a vantagem de fazer crer, que todo o discurso, não obstante ser meditado, e escrito em casa, he feito de repente, por se ver claramente, que o seu exordio nada teve de preparado.) (*a*)

ARTIGO II.

Da Attenção, e Docilidade.

§. I. TAmbem concilião o favor estas cousas, que ainda que communas a huma, e outra parte, com tudo não he bom largar mão dellas; ainda que não seja senão para os adversarios as não preoccuparem. Taes são os *Votos*, as *Detestaçoens*, os *Rogos*, e o mostrarmo-nos *solicitos*. (*b*) Porque estas cousas pela

---

venção ás leys, não consintais em tal. Olhai que isto he hum stratagema seu para supplantar os Juizes. Nem elle tem na tenção tornar depois ao crime da transgressão das leys. Não tendo que dizer cousa alguma, que satisfaça a este respeito, o que elle quer he fazer-vos esquecer da accusação principal, metendo de permeio outras cousas. Assim como pois vós vedes os Púgis disputar-se mutuamente o posto nos combates gymnicos: assim vós que combateis, e trabalhais todo o dia pelo bem publico, disputai-lhe tambem a ordem, e disposição do discurso, e não o deixeis extravagar fóra do ponto das leys; antes, fazendo da vossa attenção huma especie de embuscada, estai á lerta sobre os seus extravíos. Demosthenes tirou disto parte do seu exordio na oração a favor de Cthesiphonte sobre a Coroa. v. Exemp. XXII.

(*a*) Transferi este §. do n. 54. para aqui, onde quadra melhor, que lá.

(*b*) Os antigos, como observa Asconio a Cicero Devin. in Verr. C. XIII. começavão ordinariamente os seus discursos por alguma destas cousas communas, como *votos*, ou invocação da

maior parte fazem o Juiz *attento*, se lhe fizermos parecer, que a cousa, de que se trata, he *nova, grande, atroz*, e de *consequencia* para o futuro. (*a*)

Mas principalmente conseguiremos isto, se interessarmos o Juiz na mesma causa, ou como particular, ou como ministro publico, movendo-lhe brandamente o animo com a esperança de algum bem, com o medo de algum mal, com a admoestação, com os rogos, e finalmente com a lisonja mesma, se virmos que isto poderá aproveitar.

Não será tambem inutil para excitar a attenção dos ouvintes, o fazer-lhes crer, que não nos demoraremos por muito tempo, nem sahiremos fóra do ponto. (*b*)

Divindade, a cujo costume alludio Virg. dizendo:

Praefatus Divos solio Rex infit ab alto,

ou pela *detestação*, e *reprehensão* de tempo passado, como fez Lucilio:

Velem cum primis fieri, si fors potuisset,

e Virgilio:

Ante equidem summa de re statuisse, Latini,
Et velem, et fuerat melius. . . .

ao qual costume faz allusão Cicero no lugar citado, fallando com Cecilio: *Tu horum nihil metuis, nihil cogitas, nihil laboras, et si quid ex vetere aliqua oratione:* Jovem ego Opt. Max., *aut* Velem si fieri potuisset, *Judices, aut aliquid ejusmodi è discere potueris, praeclare te paratum in judicium venturum arbitraris.* Plinio no principio do seu Panegyrico faz menção do mesmo costume.

Rogar aos Juizes, que o attendão, e favoreção, e principiar tambem pelo *temor*, e *soçobro*, que lhe causa o lugar, a materia, os circunstantes etc. he cousa trivial, em que cáem quasi sempre os nossos Prégadores, que julgão não fazem exordio, se nelle não pedem o favor, e attenção. Quintiliano porém adverte judiciosamente, que estas cousas communs então concilião a attenção, quando são acompanhadas de huma materia ao parecer *nova*, *grande*, *atroz*, de *consequencia*, e *interessante*: e o verdadeiro he merecer a attenção, sem a pedir.

(*a*) V. assima Art. I. §. I. not. (*a*)

(*b*) Resumindo toda esta doutrina, a causa offerece *razoens* para a attenção na sua *novidade*, *grandeza*, *atrocidade*, e *consequencias*; os Juizes offerecem *motivos* no interesse, que na mesma podem ter, ou como particulares (*vice sua*), ou como *pessoas publicas*, (*vel Respublicae.*) O Orador emfim excita a mesma da sua parte pelas razoens geraes, e extrinsecas da brevidade, e

Como faremos o Juiz Docil.

§. II. Esta mesma Attenção conduz para fazer *Docil* o ouvinte. Mas álem disto conseguiremos o mesmo, se dermos huma idêa summaria, clara, e precisa do facto, de que o Juiz deve tomar conhecimento, como Homero, e Virgilio fazem nos principios de seus Poemas. (*a*) Porque a medida justa deste summario he, que se chegue mais á brevidade de huma Proposição, que á extensão de huma Narração, mostrando nelle, não o modo porque o facto succedeo, mas de que cousas temos de discorrer. Entre os Oradores não sei que melhor exemplo se possa descobrir deste summario, do que o de Cicero na oração a favor de Cluencio, (*b*) que diz assim: *Observei, Juizes, que toda a Oração do Accusador era dividida em duas partes. A primeira tinha por fundamento, em que grandemente se confiava, o crime odioso, e já inveterado do soborno, que se fez do tribunal de Junio. A segunda com receio, e desconfiança, e só por tarifa tocava no crime de veneno, para o qual só a ley estabeleceo esta questão.* Este summario porém he mais facil ao Réo que responde, do que ao author que propoem a acção. Pois este tem de informar plenamente o Juiz na causa, e aquelle contentar-se-ha depois com lhe fazer huma recapitulação do mesmo. ..

---

precisão. Quando quizermos pelo contrario diminuir a attenção do Juiz á causa do adversario, usaremos dos meios contrarios, mostrando a cousa trivial, leve, e de nenhuma, ou pouca importancia, impertinente, e de nenhum interesse. Cicero nas Oraçoens *pro Ligario*, e *Coelio* he hum bom modelo.

(*a*) V. Exemp. XXIII.

(*b*) Cicero neste summario reduz a duas idêas principaes todas as que o accusador tinha embrulhado na sua oração, e lhe foi necessaria toda a sua attenção, e deligencia para entrever estes dois pontos no meio de tanta confusão, que por isso diz: *animadverti.* Elle oppoz a elles dois pontos de defeza, e estas partiçoens fundadas nas do adversario são tanto mais bellas quanto offerecidas, e não procuradas.

ARTIGO III.

Quando, e como se empregaráõ no Exordio estes meios.

Em que causas se empregaráõ, ou não cada hum destes meios.

§. I. DEstes tres meios, que assima propuz para preparar o Juiz, está claro que hum se requer em hum genero de causa, e outro n'outro. Para este fim a maior parte dos Rhetoricos distinguem sinco generos de causas, a saber *Honestas*, *Baxas*, *Duvidosas*, *Paradoxas*, e *Escuras*. (*a*) Alguns ha, que accrescentão a estas as causas vergonhosas. Huns porém as incluem nas Baxas, outros nas Paradoxas, chamando paradoxo a tudo aquillo, que he contra a opinião commua dos homens.

(*a*) Causas *Honestas* são as que se conformão aos principios da razão, honra, e virtude recebidos entre os homens, perante quem se tratão. Huma causa honesta em huma nação, não o seria talvez em outra; porque as noçoens moraes não são as mesmas para todos.

Causas *Baxas* se chamão as pouco importantes ou por si, ou por súas consequencias. Tal he a de que faz menção Marcial L. 6. 19.

Non de vi, neque caede, neque veneno
Sed lis est mihi de tribus Capellis.

Causas *Duvidosas* são as que presentão razoens de igual pezo por huma, e outra parte, de sorte que o espirito do Juiz fica em equilibrio, sem propender mais para huma, que para a outra. A causa de Orestes, que matou sua mãi Clytemnestra para vingar a morte, que a mesma tinha dado a seu pai, era tida nesta conta pelos antigos, *Dubium pius, an sceleratus Orestes.*

Causas *Paradoxas* são as contrarias ás honestas. Ellas se oppoem ás idêas do justo, da honra, razão, e virtude; idêas, digo, ou verdadeiras, ou falsas, porém tidas por verdadeiras. As causas podem ser paradoxas de dois modos, ou relativamente ás cousas, que se affirmão, ou negão; ou ás pessoas, com as quaes se litiga. A accusação de Socrates feita por Polycrates, de que fez menção Quint. I. XI. §. I. pertence a esta classe.

Causas *Escuras* emfim, e embrulhadas são as complicadas de muitos pontos principaes, e incidentes sem relação, nem ordem. Tal era a de Cluencio.

Nas causas *Duvidosas* deveremos trabalhar principalmente em fazer o Juiz *Benevolo*; (*a*) nas *Escuras*, *Docil*; (*b*) e nas *Baxas*, *Attento*. (*c*) Pelo que pertence ás causas *Honestas*, estas por si mesmas se fazem recommendaveis, e concilião o Juiz. As *Paradoxas* porém, e *Vergonhosas* necessitão de remedios.

Dos Exordios Insinuativos.

§. II. Por esta razão distinguem os mesmos Authores duas castas de Exordios. Hum chamado simplesmente *Principio*, e outro *Insinuação*. No Principio procura-se ás claras, e directamente o favor, e attenção do Juiz. Como isto porém não póde ter lugar nas causas más, e paradoxas, usamos então nestas do Exordio Insinuativo, pelo qual imperceptivelmente, e com rodeios nos introduzimos nos animos dos Juizes (*d*).

(*a*) A razão está clara. A balança do Juiz está em equilibrío, e neste estado hade propender para onde a pia affeição o inclinar.

(*b*) Porque são difficeis de entender, e comprehender, e tanto mais o Orador se deve empenhar em meter nas idêas luz, ordem, clareza, e precisão, para o Juiz se capacitar do estado da causa, sem o que em vão nos cansariamos.

(*c*) Como as causas baxas de si não parecem merecer attenção, o Orador as representará de modo, que interessem os ouvintes.

(*d*) Cicero de Inv. I. C. XV., de quem he tirada esta doutrina, diz: *Principium est oratio perspicue, et protinus perficiens auditorem benevolum, aut docilem, aut attentum. Insinuatio est oratio quadam dissimulatione, et circuitione obscurè subiens auditoris animum.* Ambas estas especies de exordio tem de commum o mesmo fim, que he ganhar, e preparar os coraçoens, e espiritos dos ouvintes. Differenção-se porém nos meios. Os Principios empregão os meios *claros*, e *directos (perspicue, et protinus;)* a Insinuação os *occultos*, e *obliquos*, *(quadam dissimulatione, et circuitione obscure subiens.)* Toda a arte de occultar, e com rodeios insinuar huma verdade aspera, consiste em começar por huma cousa, que agrade aos ouvintes, ou mereça a sua approvação, e assenso, na qual vá incluida implicitamente a proposição dura, ou paradoxa, que gradualmente, e com cores plauziveis venhamos depois a desenvolver. Cicero no seu discurso sobre a Ley Agraria, que queria combater, não obstante ser contra os interesses do povo, insinua-se, mostrando primeiro ao Povo, que elle seguia o seu partido, e fora sempre popular; depois explica, que cousa he ser popular; e da idêa de hum

Este principalmente se fará necessario todas as vezes que ou o frontespicio da causa não for bastantemente honesto, quer seja pela cousa de si ser má, quer pelos homens assim o julgarem; ou ella se fizer odiosa pela presença das pessoas, contra as quaes oramos, por ellas serem, ou respeitaveis, como hum Pai, hum Patrono, ou miseraveis, como hum velho, hum cego, hum menino.

(Em outros dois casos mais parece ser precisa a Insinuação: primeiro se a oração do Adversario preoccupou o espirito dos Juizes, e segundo, se tivermos de fallar diante de Juizes já cançados. Livrar-nos-hemos do primeiro embaraço, promettendo as nossas provas, e desfazendo desde logo as do contrario; e do segundo, com a esperança de brevidade, e com as cousas, com que já ensinámos se fazia o Juiz attento. Huma graça urbana dita a tempo, e o prazer procurado ao Juiz de qualquer cousa que seja, serve tambem a aliviar-lhe o tedio.

Não deixa tambem ás vezes de ser util o preoccupar desde logo aquellas cousas, que parecem serviráõ de obstaculo ao que queremos persuadir; como Cicero diz: *Sabia alguns lhe estranhavão, que, havendo tantos annos, que defendia a muitos, e não offendêra a ninguem, agora descesse a accusar a Verres;* depois mostra que esta, chamada accusação, era huma verdadeira defensa dos Alliados do P. R. Esta figura chama-se *Prolepse* (*a*) . . .)

Regra geral para as Insinuaçoens.

§. III. Muitos ensinão largamente os differentes

---

homem verdadeiramente popular, isto he, que procura os verdadeiros interesses do Povo, e não os apparentes, passa a examinar, se os que a Ley Agraria promettia erão do primeiro genero, ou do segundo. *Laudatur consilium Demosthenis. . .* (diz Quint. VI, 5, 8. fallando da Philip. I.) *quod, cum offensam vereretur, si objurgaret populi segnitiem in asserenda libertate Reip., maiorum laude uti maluit, qui rem fortissime administrassent. Nam, et faciles habuit aures, et natura sequebatur, ut meliora probantes, peiorum poeniteret.*

(*a*) He o exordio da Oração intitulada *Divinatio* v. Exemp. XXIV.

modos, porque se devem remediar similhantes causas pouco honestas, e odiosas. (*a*) Elles mesmos se figurão casos, e assumptos, e os tratão seguidamente á maneira das oraçoens forenses. Porém estas Insinuaçoens, devendo nascer das causas, cujas especies são innumeraveis; se se não comprehenderem em alguma Regra geral, pedirião tratados infinitos. Pelo que a razão, e a prudencia ensinará a cada hum o expediente, que deverá tomar nos casos particulares.

Geralmente fallando, póde-se dar esta Regra: *Que fujamos sempre daquellas cousas, que nos fazem mal, para ás que nos são favoraveis.* Se, por exemplo, estivermos mal de causa, chamemos em soccorro a pessoa; se estivermos mal de pessoa, soccorrà-nos a causa. Se nada disto houver que nos ajude, procuraremos cousas, que fação mal ao adversario. Porque, assim como he para dezejar o merecer do Juiz mais favor, que o adversario, assim he menos mal o merecer menos odio, que elle. Nos crimes, que se não poderem negar, devemo-nos esforçar por mostrar, que ou são menores do que se dizem, ou obrados com outra intenção, ou que nada pertencem para o caso, ou que se podem emendar com o arrependimento, ou emfim que já se achão bastantemente castigados. (*b*)

Por isso hum advogado póde com mais facilidade fazer estas insinuaçoens, do que o mesmo réo. Porque o Advogado louva a sua parte sem incorrer na censura de arrogante, e a póde tambem ás vezes reprehender com proveito da causa. Pois fingirá alguma vez que se agasta contra o seu réo, como Cicero

---

(*a*) Como Cicero no Liv. I. da Invenção C. XV., e o Author da Rhet. a Herennio Lib. I. C. VI.

(*b*) Todas estas cousas pertencem ao Estado Deprecativo, que alguns accrescentão aos tres de Conjectura, Definição, e Qualidade. E na verdade a não se poder negar absolutamente o facto pelo primeiro estado, ou negal-o tal, qual o accusador o pinta pelo segundo, nem defendel-o pelo terceiro: resta o pedir perdão do crime, ou de parte delle, e para isso diminuil-o quanto poder ser, o que se faz por todos estes modos. Neste genero podem servir de modelos os discursos de Cicero a favor de Marcello, Ligario, e Dejotaro.

fez a favor de Rabirio Posthumo, (*a*) para deste modo se abrir caminho á attenção do Juiz, e revestir-se da authoridade de hum homem verdadeiro, e imparcial, afim de depois merecer mais credito defendendo os mesmos factos, ou negando-os. Por isso antes de tudo costumamos ver qual das duas pessoas nos convêm mais tomar, se a de Advogado, ou de Réo, sendo-nos livre huma cousa, e outra. . (*b*)

Resultado de toda a doutrina antecedente, e modo facil para fazer qualquer exordio.

§. IV. Mas por quanto não basta ensinar aos principiantes, que cousa he Exordio; sem se lhes dizer tambem o modo mais facil de o fazer: accrescentarei, que todo aquelle, que houver de fazer hum discurso, considere primeiro *o que ha de dizer, perante quem, a favor de quem, contra quem, em que tempo, em que lugar, em que estado de Rep., em que fama do povo, quaes serão os sentimentos do Juiz, antes de começar, que he o que dezejamos alcançar delle, e o que não queremos.* Depois destas consideraçoens a mesma razão natural nos ensinará por onde devemos começar. (*c*)

Agora porém tem por proemio tudo aquillo, por onde principião, e dão o nome de exordio a qualquer cousa que primeiro lhes vem ao pensamento, principalmente se alguma sentença engenhosa os aca-

(*a*) V. Exemp. XXV.

(*b*) Nos exercicios Declamatorios he isto livre. Cada qual póde tomar a personagem, que lhe parecer. No foro não. Réos, que possão advogar por si as suas causas, são raros. Havendo-os porém, dependerá da sua escolha ver, se lhe convêm mais orar as causas por si, ou por advogado.

(*c*) As Regras não são outra cousa se não os methodos de dirigir a nossa attenção no estudo das materias. Neste §. abranje Quint. em breve tudo o que até aqui tem dito do Exordio; pois todas estas consideraçoens são nascidas da reflexão sobre a *Causa*, *Pessoas*, *e Adjunctos* de humas, e outras. Elle quer que antes de se considerar o Exordio se tenha estudado a materia a fundo. Cicero De Orat: II. n. 325. prescreve o mesmo methodo para fazer hum Exordio proprio, e conveniente. v. assima Art. I. §. II. not. (*a*)

rêa. (*a*) Eu bem sei que no Exordio entrão muitos pensamentos tirados das mais partes da causa, ou ao menos communs a ellas. Porém nada está melhor em huma parte da oração, se não o que posto em outra não ficaria igualmente bem.

Tamanho dos Exordios.

(O tamanho do Exordio he conforme a causa. As que são complicadas, suspeitas, e infames querem hum exordio mais extenso, e as simplices, isto he, de hum só ponto, mais curto. (*b*) Por isso sempre me parecêraõ dignos de rizo os authores, que quizerão dar, como huma regra inviolavel a todos os exordios, o deverem-se terminar dentro de quatro pensamentos. (*c*) Nem menos se deve evitar a sua demaziada extensão, para o discurso não parecer medrar só na cabeça, e vir a fatigar com aquillo mesmo, com que devia preparar. (*d*))

(*a*) A estes máos oradores havia de acontecer necessariamente o que succedia a Cicero, quando começava como elles: *Nam, si quando id* (exordium) *primum invenire volui, nullum mihi occurrit nisi aut exile, aut nugatorium, aut vulgare, atque commune.* De Orat. II. 315.

(*b*) Por isso Cicero no II. do Orad. quer, que nas causas pequenas, e frequentes se comece logo da materia: *Sed oportet, ut aedibus ac templis vestibula et aditus, sic caussis principia pro portione rerum praeponere. Itaque in parvis atque frequentibus caussis ab ipsa re est exordiri commodius.*

(*c*) Nota aqui alguns Rhetoricos Gregos, que querião se compozesse o Exordio de quatro pensamentos, a saber de huma *These geral*, da sua *Prova*, da *Hypothese* subordinada a These, e que se chegasse mais ao assumpto do Discurso, e finalmente da *Applicação* da These, e sua razão á proposição, que faz o objecto da Oração. Deste mesmo sentimento he Hermogenes (de Inv. I. 5.) que naturalmente receberia esta doutrina dos AA. Gregos, que Quint. aqui censura. Elle porém não dá estas partes, ou pensamentos como absolutamente necessarios a todos os exordios, mas sim commodos ao que for completo. V. Voss. Inst. Orat. Lib. III. cap. 2. §. 5.

(*d*) Transferi este §. do n. 62. deste cap. para aqui, onde fica mais commodo.

ARTIGO IV.

Do Estilo do Exordio.

Que regra deve haver nas sentenças, *na* collocação, voz, semblante, *e* ornato.

§. I. No Exordio quasi sempre está bem a moderação nas *Sentenças*, na *Collocação*, na *Voz*, e no *Semblante*, (a) tanto assim, que ainda em huma causa de justiça clara o advogado não deve mostrar demaziada (b) confiança. Pois hum juiz, que conhece o poder, e jurisdicção que tem, aborrece de ordinario a segurança das partes, e tacitamente pede lhe tenhão acatamento. Nem devemos pôr menos diligencia em evitar nesta parte da oração toda a suspeita contra nós, e por isso de modo nenhum se deve mostrar

---

(a) A moderação requer-se em duas cousas principalmente, na *Pronunciação*, e na *Elocução*. Quanto á primeira, na *voz*, e no *gesto* se dão a conhecer desde o principio os costumes do Orador. Por isso diz Quint. L. XI. c. 3. *Prooemio frequentissime lenis convenit pronunciatio. Nihil enim ad conciliandum gratius verecundia. Non tamen semper. Nec enim uno modo dicuntur exordia, ut docui, plerunque tamen et vox temperata, et gestus modestus, et sedens humero toga, et laterum lenis in utranque partem motus, eodem spectantibus oculis, decebit.* Quanto á Elocução Quint. mesmo dá logo abaixo a razão. *Nem devemos etc.* Esta arte, e estudo se deixa ver mais que em tudo nos *Pensamentos* engenhosos, e brilhantes, e no ajuste das palavras, redondeza, e armonia dos Periodos. Por isso quer Quint. que nestas duas cousas principalmente se acautele no principio o Orador; para evitar toda a suspeita de ardileza, preparação, e estudo. Cic. de Orat. II. 315. acha em toda a Natureza, e seus processos a razão desta regra commua á Eloquencia, e á Poesia. *Nihil est denique in natura rerum omnium, quod se universum profundat, quodque totum repente evolet. Sic omnia, quae fiunt, quaeque aguntur acerrime, lenioribus principiis Natura ipsa praetexuit.* V. Horac. Poet. v. 136., e Quint. logo. Art. IV. §. II.

(b) *Arrogantes et illi* (diz Quint. L. XI. C. I. n. 27.) *qui se judicasse de causa, nec aliter affuturos fuisse proponunt. Nam et inviti Judices audiunt praesumentem partes suas, nec hoc oratori contingere inter adversarios, quod Pythagorae inter discipulos contigit, potest:* ipse dixit. Disse *demasiada confiança*, porque alguma he necessario ter até hum certo ponto, e assim se entenda conciliado este lugar com o outro adiante na Refutação Art. II. §. IV.

nos principios *cuidado, e estudo na Elocução.* Porque tudo o que he artificioso parece vai dirigido unicamente a enganar o Juiz.

Quebras que no tempo de Quint. era preciso dar a esta regra severa.

Mas o evitar isto mesmo he huma grande arte. Na verdade todos tem dado, e com razão, este mesmo preceito; mas elle se tem alterado em parte pela condição dos tempos. Pois em alguns tribunaes principalmente das causas capitaes, e ainda nos centumviraes ha juizes, que querem oraçoens apuradas, e bem compostas, julgando os desprezão, se na elocução mesma se não dá a ver a diligencia do advogado. Emfim não se contentão com ser instruidos na causa, querem tambem ser deleitados. Neste caso he difficil achar hum meio de conciliação entre a regra, e gosto dos juizes. A havel-o porém, será este: *Que pareçamos fallar sim com cuidado, mas sem artificio.* (*a*)

Restos ainda da Regra antiga.

Com tudo a pratica ainda conserva dos antigos preceitos estes restos: que se não metta no Exordio palavra alguma *nova*, *metaphora atrevida*, *termo antiquado*, ou puramente *poetico*. (*b*) Porque ainda não estamos recebidos, e a attenção fresca do auditorio nos está observando então mais que nunca. Concilia-

---

(*a*) O gosto depravado, e desordenado dos ouvintes, que de ordinario dá o tom aos Oradores, he o que faz torcer as regras, e torcendo-as, estraga, e corrompe a Eloquencia. Esta como popular, ainda que não deve luctar de face contra os prejuizos, e gosto publico: com tudo, dando alguma cousa a este, deve estar sempre com a mira no modelo da verdadeira Eloquencia, e alligar-se a elle quanto poder. Com este temperamento de Quint. se deve entender tambem a regra de Cicero de Orat. II. 315. que á primeira vista pareceria contraria: *Principia autem dicendi semper, cum accurata et acuta, et instructa sententiis, apta verbis; tum vero causarum propria esse debent. Prima est enim quasi cognitio, et commendatio orationis in principio, quae continuo eum, qui audit, permulcere atque allicere debet.*

(*b*) Das palavras *novas* v. Quint. L. 3. c. 4. art. 2. §. 4. Das metaphoras *atrevidas* c. 7. §. 4. Das *antigas* Cap. 4. Art. 2. §. 1., e das *Poeticas* por todo o Cap. dos Tropos.

dos que sejão os animos, e esquentados com o discurso, se nos permittirá mais esta liberdade, e principalmente tendo entrado nos lugares communs (a) em que a riqueza da Elocução, que lhe he propria, espalhando sobre a oração huma luz brilhante, cega a vista para não notar estas liberdades, que o Orador toma.

Como deve ser o Estilo e o Exordio.

§. II. O estilo pois do Exordio, não deve ser como o dos Argumentos, e da Narração, nem como o dos lugares Communs, (b) nem tão pouco travado sempre, e periodico: (c) mas muitas vezes similhante

---

(a) Que cousa sejão lugares communs v. adiante Cap. VI. Os ornatos, e brilhantes do estilo proprio a estes lugares são huma especie de prestigios, que nos encantão para não perceber os defeitos. Taes erão aquelles monstros de palavras, que Eschines rediculisava em Demosthenes, tirando-as daquelles lugares ardentes dos discursos do seu rival, onde produzião hum effeito admiravel; a respeito do que diz Cicero no Orador c. 28. *Facile est enim verbum aliquod ardens (ut ita dicam) notare, idque, restinctis jam animorum incendiis, irridere.* A palavra, *ardens*, he huma das metaphoras atrevidas, metida aqui de proposito para exemplo.

(b) O estilo dos Argumentos, e da Narração he o infimo, e tenue segundo Quint. L. XII. C. 10. *Itaque illo subtili praecipue ratio narrandi, probandique consistit.* O dos lugares communs he rico, brilhante, e ornado, como acabamos de ver. Não deve pois o estilo do Exordio ser similhante ao das Narraçoens, e Argumentos, porque nelle, segundo Quint. Art. 4. §. 1., devemos exprimir-nos *accurate.* Não deve porém este cuidado chegar até á pompa dos lugares communs, porque não devemos parecer *callide dicere.*

(c) Assim julguei devia traduzir as palavras *deducta, et circumlata* de Quint. A primeira no sentido proprio se diz das manufacturas, que se adelgação, e ao mesmo tempo se extendem, ou com os dedos, e com as fieiras, como o fiar das lans, algodão etc., no qual sentido proprio disse Ovidio Met. 4., 36. *Levi deducens pollice filum.* Daqui passou ao sentido metaphorico, e applicada ao discurso, quer dizer huma oração já enfiada, e seguida, já delgada, e tenue. Nestes sentidos disse o mesmo Ovidio Pont. I, 5, 13. *Deducere versum*, Horacio Ep. II, I, 225. *Tenui deducta poemata filo*, e Virgilio Eclog. 6. 5. *Deductum dicere carmen*, e no mesmo a empregou Quint. III. 6, 58. *Sunt enim veluti regestae in hos commentarios, quas adolescens deduxerat, scholae*, isto he, que tinha deduzido, tratado seguidamente, e

a huma oração simples, e não trabalhada, e que não promette muito nas palavras, e á primeira vista. Porque este estilo disfarçado, e *sem ostentação* he pela maior parte mais insinuante. Nós com tudo regularemos isto segundo nos for conveniente dispôr os animos dos Juizes. . . (*a*)

Se nelle podem entrar as Figuras fortes, que fazem os Exordios Abruptos.

§. III. Alguns excluem geralmente dos Exordios as *Apostrophes* (isto he os discursos apartados da pessoa do Juiz, e dirigidos a outro) fundados em sua razão. (*b*) Pois devemos confessar, he mais natural dirigir o discurso ás pessoas, que nos queremos conciliar do que a outras. Isto não obstante ás vezes he necessario no Proemio dar alma ao discurso, o qual se faz mais vivo, e vehemente dirigindo-se a pessoa differente da do Juiz. O que sendo assim, que ley ha, ou para melhor dizer, superstição, que nos embarace de dar força ao pensamento por meio desta figura? Nem os Mestres da Arte prohibem tal, por não ser licito, mas por não ser util. Se pois houver utilidade, pela mesma razão, que o prohibe, o deveremos fazer.

---

a eito postillado. Aqui pois significa hum estilo seguido, ligado, travado, ou como lhe chama Quint. *tecido (contextus)* contraposto ao solto *(solutus)*; muito principalmento vindo acompanhada da palavra *circumlata*, que acaba de determinar o seu sentido, pois esta diz manifestamente relação ao circuito, e ambito da oração, chamado Periodo. Assim o estilo do exordio algumas vezes poderá ser periodico, e travado, mas nem sempre; as mais das vezes se deve encobrir, e disfarçar o numero da oração, como praticava Afro Domicio, de quem diz Quint. IX, 4, 31. *Solebat trajicere in clausulas verba, tantum asperandae compositionis gratia, et maxime in prooemiis, ut pro Cloantilla:* Gratias agam continuo; *et pro Laelia:* Eis utrisque apud te Judicem periclitatur Laelia. *Adeo refugit teneram delicatamque modulandi voluptatem, ut currentibus per se numeris, quo eos inhiberet, abjiceret.*

(*a*) V. os §§. antecedentes.

(*b*) Esta razão he só propria para a Apostrophe. Para excluir dos Exordios as figuras muito patheticas ha outra razão mais forte, e geral, como veremos adiante no fim deste §. not. *(d)*

Assim Demosthenes logo no Exordio faz huma Apostrophe a Eschines; (*a*) e Cicero nos principios de algumas oraçoens fez o mesmo, e na de Ligario principalmente dirigindo o discurso a Tubero. (*b*) E na verdade a oração ficaria muito mais languida, se fosse figurada de outro modo; o que conhecerá facilmente quem tirar a Apostrophe a todo este pedaço fortissimo, que principía nesta fórma: *Tens pois, ó Tubero, o que hum accusador mais deve dezejar*, etc. e o virar para o Juiz deste modo: *Tubero pois já tem o que hum accusador mais deve desejar.* Porque então he que a oração parecerá ficar verdadeiramente ás avessas, e perder todo o vigor. Pois do primeiro modo apertou o adversario, e foi sobre elle, e deste sómente daria a entender o pensamento. Isto mesmo acontecerá na passagem de Demosthenes, se lhe dermos a mesma volta. Que? Sallustio não se servio de huma Apostrophe a Cicero, contra quem declamava logo desde o principio do Exordio, dizendo: *Levaria eu muito a mal as tuas maledicencias, ó M. Tullio,* (*c*) como o mesmo Cicero tambem já tinha praticado contra Catilina: (*d*) *Até quando abusarás, ó Catilina, da nossa paciencia?*

(*a*) Na Oração da *Coroa* ed. de Reisk pag. 228. n. 25. dizendo: *Sendo de tua natureza maligno, ó Eschines, nesta parte foste muito simples em pensar, que eu havia de deixar de fallar ás accusaçoens sobre o que obrei no governo da Rep. e me havia de empregar inteiramente em responder aos oprobrios, que lançaste sobre mim. Não farei tal. Não chega a tanto a minha loucura. Principiarei pelas tuas mentiras, e calumnias sobre a minha administração publica, e por fim não me esquecerei destas tuas zombarias feitas com tanto descaramento, caso que estes me queirão ouvir.*

(*b*) Vid. Exemp. XXVI.

(*c*) Assim começa a Declamação contra Cicero, que ainda hoje se vê entre os fragmentos de Sallustio nas suas ediçoens. Por este lugar, e por outro do Liv. IX, 3, 89. pertendem alguns se prove incontestavelmente a genuidade desta oração, como producção verdadeira de Sallustio. Com tudo o estilo desta peça he tão declamatorio, que Gesnero com razão suspeita, que no tempo de Quint. existia ainda a Oração genuina de Sallustio, porém que perdida, dos seus fragmentos tomára occasião depois algum declamador para formar esta peça indigesta, e de máo gosto, que hoje temos.

(*d*) Catilinaria I. v. Exemp. XXVII.

E para que ninguem se admire da Apostrophe, o mesmo Ciceró usa da *Prosopopeia* de hum homem, que falla em lugar do réo, na oração a favor de Scauro accusado de soborno, cuja oração (pois o defendeo por duas vezes) se acha nas Memorias dos discursos do mesmo Cicero (*a*). Usa de *Exemplos* a favor de Rabirio Posthumo, (*b*) e na do mesmo Scauro accusado dos furtos commettidos no governo da provincia, e na de Cluencio, de *Partição*, como ha pouco mostrei. (*c*)

Com tudo porque estas cousas ás vezes tem lugar, nem por isso se devem fazer a cada passo, mas tão sómente, quando a razão vencer o preceito; (*d*) no qual caso poderemos algumas vezes tambem empregar huma similhança, com tanto que seja curta, a metaphora, e outros tropos, o que tudo prohibem os ditos authores escrupulosos, só se ha quem não goste daquella divina Ironía de Cicero a favor de Ligario, de que ha pouco fallei (*e*).

(*a*) Houve pois, diz Gesnero a este lugar, segundo o testemunho de Fabio, huma obra, em que Cicero lançava não as Oraçoens acabadas, e trabalhadas, mas os apontamentos só, que escrevia, antes de advogar, para subsidio da memoria. Ou por estes commentarios se deve entender os que os Notarios escrevião estando elle a fallar, a respeito do que se póde ver Quint. IV, 3, 17. Qualquer destas duas cousas que fosse, o certo he que Deomedes L. I. pag. 365. ed. Putsch. parece citar a mesma obra com estas palavras: *Cicero Caussarum XIII.*

(*b*) Allude Fabio a estas palavras do Exordio da Oração a favor de Rabirio: *Não só na gloria militar Scipião imitou a Paullo, e o filho de Maximo a este; mas no sacrificio da propria vida, e no genero de morte imitou a P. Decio seu proprio filho.* v. Exemp. XXV.

(*c*) Art. II. §. II.

(*d*) Todos estes exordios em que começamos exclamando com as figuras patheticas, com Apostrophes, Prosopopeias etc. chama Quint. III., 8, 58. *Abruptus.* Elles são viciosos geralmente fallando. Porque he contra a ordem da natureza, e por isso declamatorio, e furioso o querer mover hum homem, sem primeiro o preparar, e instruir. Com tudo, quando a razão vencer o preceito, e os nossos ouvintes se acharem já preparados, e instruidos, como se achavão os Senadores a ouvir a 1. Catilinaria; então nada tem contra si estes exordios.

(*e*) Todo o exordio desta oração he Ironico. Delle dizia Quint. atraz n. 38. *Quid ergo? Imminuenda quaedam, et elevan-*

Sete especies de Exordios viciosos.

§. IV. Com mais razão pois contarão os mesmos entre os vicios do Exordio os seguintes, a saber, o *Vulgar*, que he o que se póde accommodar a muitas causas. Este menos proprio he para ganhar o favor do Juiz: ás vezes com tudo póde servir, e grandes Oradores o não tem evitado (*a*). O *Commum*, do qual o adversario se póde servir (*b*). O *Commutavel*, que o adversario póde converter em utilidade sua. O *Separado*, que não he coherente a causa. (*c*) O *Transferido*, isto he, tirado de outra cousa differente daquella, que convinha. (*d*) O *Longo* emfim, e o que he *contra as regras*. (*e*) Grande parte destes não são só vicios do exordio, mas de toda a oração.

---

da, et quasi contemnenda esse consentio ad remittendam intentionem judicis, quam adversario praestat, ut fecit pro Ligario Cicero. Quid enim agebat aliud Ironia illa, quam ut Caesar minus se in rem tamquam non novam intenderet? Quid pro Coelio? quam ut res expectatione minor videretur.

(*a*) De Demosthenes temos ainda huma collecção de Proemios Concionaes, os quaes se podem ver na edição de Reisk tom. II. desde pag. 1418. até 1462. contendo 54. exordios, dos quaes vemos alguns nas cabeças das suas Philippicas. Cicero tinha tambem hum volume de Proemios, dos quaes por engano pôz hum mesmo no principio do livro *de Gloria*, e no terceiro das *Questoens Academicas*, como elle mesmo conta a Attico Lib. 16. Ep. 6. *Remettite o Livro* de Gloria. *Porém nelle se acha o mesmo proemio que no* 3. *das Academicas. Succedeo isto, porque tenho hum volume de Proemios, donde costumo escolher algum, quando começo algum tratado. Assim sem me lembrar que já me tinha servido deste proemio nas Tusculanas, o puz tambem no livro, que te enviei. Lendo porém esta obra, cahi no engano. Compuz logo outro, e to mandei. Cortarás pois o antigo, e lhe pegarás estoutro.*

(*b*) V. supr. Art. II. §. I. not. (*b*)

(*c*) Separado póde ser o Exordio por dois principios, ou por falta de connexão, ou por falta de ligação. Cic. de Inv. I. c. 18., donde Quint. tirou o que aqui diz, *Separatum, quod non ex ipsa causa ductum est, nec sicut aliquod membrum annexum orationi.*

(*d*) *Translatum, quod aliud conficit, quam caussae genus postulat; ut si quis docilem faciat auditorem, cum benevolentiam causa desideret; aut si principio utatur, cum insinuationem res postulet.* Cic. ibid.

(*e*) Contra as regras he o que não faz o ouvinte nem benevolo, nem attento, nem docil, ou, o que peor he, indispoem o juiz contra nós.

Quando se escusará o Exordio.

§. V. Estas são as regras do Proemio, todas as vezes que o houver. Ora nem sempre o haverá: porque muitas vezes será escusado, como quando sem elle o juiz se acha assás preparado, quando a causa não necessita de preparação, e Aristoteles o julga tambem totalmente desnecessario diante de Juizes rectos. . . (*a*)

Quando o officio do exordio terá lugar nas mais partes.

E pelo contrario muitas vezes em outras partes, sem ser no Exordio, se faz o officio delle; pois algumas vezes pedimos na Narração, e nos Argumentos aos Juizes nos attendão, e favoreção. Prodico dizia, que estes erão como huns toques, com que despertavamos os Juizes, quando estavão distrahidos, e para assim dizer, dormitando. (*b*) Tal, por exemplo, he aquillo de Cicero: *Então Caio Vareno, aquelle, que*

(*a*) Liv. III. Rhet. cap. 14. n. 40. *He necessario saber*, diz elle, *que estas cousas* (isto he, fazer benevolo, attento, e docil) *são extrinsecas á oração, porque só tem lugar diante de hum Juiz máo, e que ouve cousas fóra do caso. Assim se o Juiz não tiver este máo caracter, nenhuma necessidade haverá de proemio.*

(*b*) Tudo isto he tirado de Aristoteles no lugar citado: *Tambem o fazer*, diz elle, *os ouvintes attentos he huma cousa commua a todas as partes do discurso, quando for necessario. Antes nas mais partes estão os ouvintes mais enfadados, que no principio. Por isso he ridiculo dar este preceito para o Exordio, lugar, em que principalmente todos estão com attenção. Pelo que em toda a parte, onde houver occasião, deveremos dizer:* Dai-me attenção, porque o negocio não he mais meu do que vosso: *ou* Eu vos vou a dizer huma cousa, qual nunca ouvistes nem maior, nem mais admiravel. *E isto he o que queria dizer Prodico contando, que, quando seus ouvintes cabeceavão, para os despertar, não tinha mais do que tocar-lhe alguma cousa desta declamação, que quem queria ouvir, dava primeiro sincoenta Drachmas:*

Se o preceito da attenção se desse para todos os Exordios, tinha razão Aristoteles. Quintiliano porém o dá só para as causas baixas, e ridiculas, que por si parecem não merecer attenção, nem ainda no principio. Devemos pois merecer a attenção dos nossos ouvintes desde logo, e pedil-a, quando nos for necessario.

foi morto pelos criados de Anchario, dai-me attenção nisto, ó Juizes. Certamente se a oração constar de muitas partes, a cada huma se deverá fazer sua especie de prefação, como: *Ouvi agora o mais. Passo agora a outro ponto;* E dentro das mesmas provas de cada parte muitas cousas fazem as vezes de Proemio, como faz Cicero a favor de Cluencio, tendo de fallar contra os Censores; (*a*) e a favor de Murena, quando se excusa a Servio Sulpicio. (*b*) Mas isto he huma cousa tão trivial, que não necessita de se provar com exemplos.

Como se fará a transição do Exordio para a parte seguinte.

§. VI. Todas as vezes que usarmos de Exordio, ou hajamos de passar para a Narração, ou immediatamente para a Prova, o ultimo pensamento do Proemio deverá ser tal, que com elle se possa ligar bem o principio da parte seguinte. (*c*)

Abuso dos Declamadores a este respeito.

He porém huma affectação fria, e pueril dos Declamadores, o querer que esta passagem seja senteciosa, e subtil, e procurar o aplauso com esta especie de pelotíca. Nisto se desmandou Ovidio nas suas Metamorphoses, ainda que o desculpa a necessidade de formar hum Systema de fabulas diversissimas. (*d*) O Orador porém que necessidade tem de

---

(*a*) Na Oração *pro Cluencio* c. 42. que principia: *Quia de re, ante quam incipio, perpauca mihi de meo officio verba facienda sunt etc.* onde tendo de fallar contra os Censores Gellio, e Lentulo, que tinhão notado a Cluencio, por ter corrompido o tribunal, em que fôra condenado Opianico, faz primeiro hum preambulo, em que concilia, e prepara os Juizes. v. Exemp. XXVIII.

(*b*) Escusa-se a Servio cap. 3. A Catão porém não só no cap. 2., mas principalmente no cap. 29., o qual exemplo he mais proprio para aqui. v. Exemp. XXIX.

(*c*) Por se não observar esta regra se cahe muitas vezes nos exordios separados, vicio, de que ha pouco fallou Quint.

(*d*) Para não hir mais longe, e dar em hum exemplo só a idéa destas transiçóens Ovidianas nas Metamorphozes, basta reparar como elle ata a fabula de Daphne convertida em louro com

pesquiar simillhantes transiçoens, e enganar o Juiz, devendo-o antes advertir para dar attenção á ordem das materias; pois que a primeira parte da Narração ficará perdida, não reparando o Juiz, que se está na narração. Pelo que o melhor he nem cahir na Narração de repente, nem tão pouco passar a ella imperceptivelmente.

Seguindo-se huma narração comprida, que se ha de fazer.

Se ao Exordio se seguir huma Narração mais extensa, e complicada, que o ordinario; deveremos prevenir o Juiz para ella, como fez Cicero muitas vezes, mas especialmente neste lugar. (*a*) *Eu hirei buscar hum pouco mais longe o principio desta narração; o que vos peço, Juizes, não queirais levar a mal. Pois conhecidos que sejão os principios do facto, percebereis com mais facilidade os seus fins.* Estas são quasi as cousas, de que tenho noticia a respeito do Exordio.

---

a de Apollo Python Lib. I. C. IX. v. 10. do modo seguinte:

Instituit sacros celebri certamine ludos
Pythia de domitae serpentis nomine dictos.
His juvenum, quicunque manu, pedibusque, rotaque
Vicerat, esculeae capiebat frondis honorem.
Nondum laurus erat, longoque decentia crine
Tempora cingebat de qualibet arbore Phoebus.
Primus amor Phoebi Daphne Peneia; quem non
Fors ignara dedit, sed saeva cupidinis ira etc.

(a) Pro Cluentio cap. 4.

CAPITULO II.

Da Narração.

(Liv. IV. C. 2.)

ARTIGO I.

Da Necessidade, e lugar da Narração.

§. I. HE muito natural, e se pratíca ordinariamente, e com razão, que preparado que seja o Juiz por meio daquellas cousas, que acabamos de dizer, se lhe dê a conhecer o facto, sobre que hade dar a sentença. Esta he a *Narração*. . .

Que nem sempre he necessario fazer narração.

Muitos tiverão para si, que sempre se devia fazer narração, o que em muitos casos se mostra ser falso. Primeiramente, porque ha causas de si tão breves, que antes querem huma proposição, que huma narração.

Dois casos em que ambas as partes a podem omittir.

Succede isto a ambas as partes, ou quando não ha nada que narrar, o facto he constante, e a questão he só de direito, como nestas causas Centumviraes: (*a*) *Se o filho, ou o irmão deve ser herdeiro de*

(*a*) O Juizo Centumviral constava de 105 homens tirados das 35 Tribus, tres de cada huma. Erão escolhidos, e convocados pelos Decemviros, para em certos dias julgarem as causas particulares, sendo presidente o Pretor Urbano, que estava assentado na sua Sella Pretoria. Os Centumviros dividião-se em 4 tribunaes, em cada hum dos quaes presidião os Decemviros para colligir os votos. Huma lança posta no meio era a insignia, com que cada casa, ou junta se distinguia. Julgavão as causas na Basilica Julia, que estava no Foro. Os Decemviros forão creados desde o anno de Roma 513. As causas que se julgavão nestes

hum, que morreo intestado. (a) Se da puberdade se deve julgar pelos annos, ou pela constituição do sugeito. Ou quando ha sim cousas que narrar, mas já são sabidas do Juiz, ou lhe forão expostas, como devião ser, por quem principiou a orar a causa. (Quando porém digo he superflua a narração de huma cousa, que o Juiz já conhece, não se deve isto entender materialmente, mas deste modo; se o Juiz não só souber o facto, que aconteceo, mas o julgar acontecido do modo, que nos convêm. Porque a narração não tem só por fim o informar o Juiz, mas ainda mais o persuadil-o.) (*b*)

Casos, em que o author só não deve narrar.

§. II. Outras vezes acontece a huma das duas partes tão sómente o deixar de fazer narração, e as mais das vezes ao Author por duas razoens: ou porque lhe basta propôr a cousa simplesmente, ou porque isto mesmo lhe he mais conveniente.

Basta-lhe propôr deste modo: *Peço por titulo de estipulação certa quantia de dinheiro, que entreguei. Repito este legado pelo testamento.* A' parte contraria pertence o expôr as razoens, porque ainda se não devem estas cousas. Outras vezes não só he bastante, mas ainda conveniente ao Author o indicar o crime deste modo: *Digo que Horacio matou sua irmã.* (*c*) Porque com esta simples proposição o Juiz

---

tribunaes erão só as demandas particulares, como sobre *Usucapioens, Tutellas, Gentilidades, Agnaçoens, Alluvioens, Circumluvioens, Nexos, Mancipios, Paredes, Janelas, Beiraes, Causas testamentarias* v. Cic. Lib. I. de Orat. c. 38.

(*a*) Pela ley das XII. Taboas erão tambem herdeiros do intestado os Agnatos, isto he, na linha transversal os parentes por parte do pai, como irmãos, tios, sobrinhos, primos etc. v. Tit. ff. *de Legit. Adgnat. Success.* Lib. III.

(*b*) Este pedaço foi transposto do n. 20. para aqui.

(*c*) O Povo Romano, e Albano reinando Tullo Hostilio no anno de 82 depois de muitos debates julgarão por melhor, para poupar o sangue, entregarem a sua fortuna ao valor, aquelle dos tres irmãos Horacios, e este dos tres Curiacios. Depois de huma peleja renhida, e sanguinolenta, restando vivo, e victorioso só no campo Horacio, he conduzido em triunfo a Roma.

fica inteirado de toda a accusação, e a narração, e causas do facto são mais a favor da parte contraria.

Caso em que tambem o Réo não deve narrar.

O Réo por outra parte então deixa de fazer narração, quando o facto, de que he accusado, não se póde negar, nem justificar, e toda a questão se reduz a definir a acção: como naquelle, que tendo furtado do templo hum dinheiro particular, he accusado de sacrilegio. Aqui a confissão do facto he menos vergonhosa, que a narração do mesmo. Dirá pois: *Não negamos, que este dinheiro fosse furtado do templo. O accusador porém calumniosamente me intenta a acção de sacrilegio, sendo aquelle dinheiro particular, e não sagrado. Vós conhecereis disto só, ó Juizes, se se commetteo, ou não, sacrilegio.* (a)

Casos, em que o mesmo deve fazer narração.

§. III. Porém assim como julgo estas causas justas, para algumas vezes deixar de fazer narração; assim não vou com os que querem se não faça, quando o réo nega redondamente o crime, de que he accusado. Deste sentimento he Celso, e desta natureza julga a maior parte das causas de homicidio, e todas as de suborno, e dos furtos, e vexaçoens feitas no governo da provincia. Porque não tem por narração, se não a que contêm o summario do crime, sobre que se toma conhecimento. . .

Dois generos de Narraçoens Judiciaes.

Eu porém, tendo aliás por guias grandes Authores, distingo nas causas judiciaes duas especies de

---

Encontrando porém sua irmã chorosa, que o insultava pela morte de hum dos Curiacios seu esposo, cheio de indignação lhe deu a morte, pela qual accusado em juizo, e defendido por seu pai foi absolvido em attenção aos seus serviços v. Liv. Lib I. C. X.

(a) Em Roma estava o Erario publico no templo de Saturno. Muitos particulares tambem para segurança depositavão nos templos os seus thesouros. Os Jurisconsultos assentavão que o furto no templo, sendo de dinheiro particular, não era sacrilegio.

narraçoens, humas da mesma causa, outras das cousas pertencentes á causa. *Não matei o homem*, diz o Réo. Aqui não ha narração do facto, mas havel-a-ha, e ás vezes bem larga, sobre os argumentos deste crime tirados da vida passada, sobre as causas, porque o réo, sendo innocente, he trazido a juizo, e sobre outras cousas, que fazem incrivel o crime, que se lhe imputa. Por ventura hum homem accusado de suborno fará mal em narrar, que pais teve, como tem vivido, e em que merecimentos confiado pertendeo os cargos publicos? Ou quem for accusado das vexaçoens commettidas em o governo da provincia, não exporá utilmente a sua vida passada, e as causas, porque indispoz contra si, ou toda a provincia, ou o accusador, ou a testemunha? O que se não he narração, nem tão pouco o será a primeira de Cicero a favor de Cluencio, que começa: *Aulo Cluencio Habito.* Porque nella nada diz elle do veneno, e só falla das causas, porque sua mãi estava contra elle. (*a*)

Tambem são narraçoens não da causa, mas pertencentes a ella, as que se trazem para *exemplo*: como aquella contra Verres de Lucio Domicio, que mandou crucificar hum pastor, que lhe tinha mandado de presente hum javalí, por saber delle mesmo, o tinha morto com huma partazana. (*b*) Ou para *desfazer* alguma accusação extrinseca á causa, como a favor de Rabirio Posthumo: *Porque tanto que se chegou a Alexandria, o Rey propôz a Posthumo que o unico meio, que havia de economizar o seu dinheiro, era o elle encarregar-se da administração da fazenda Real.* (*c*) Ou emfim para a *augmentar*, qual he a Descripção da Jornada de Verres. (*d*)

(*a*) Esta narração se acha no Cap. V. da Oraç. a favor de Cluentio. v. Exemp. XXX. Diz a *primeira*, porque a esta se seguem mais tres, huma, em que expoem as maldades de Oppianico; outra, em que se trata dos juizos anticipados, que precederão a sua condenação; e a terceira, em que se narra o modo, com que se corrompeo o tribunal de Junio.

(*b*) Verr. Cap. III. v. Exemp. XXXI.

(*c*) Cap. X. v. Exemp. XXXII.

(*d*) Descripta por Cic. na Verr. V. Cap. 10. v. Ex. XXXIII.

Outras vezes se metem nas Oraçoens narraçoens fingidas, ou para irritar os Juizes, como a da Oração a favor de Roscio *contra Chrysogono*, (*a*) ou para os alegrar com alguma jovialidade, como a da oração a favor de Cluencio contra os irmaons *Cepasios*, (*b*) ou emfim por modo de Digressão para ornato, qual he a de Proserpina na Verrina quarta, que principia: *Nestes lugares se diz, procurara em outro tempo Ceres a sua filha.* (*c*) O que tudo serve para provar, que quem nega o facto não deixa de narrar absolutamente, mas só aquillo precisamente, que elle nega...

Lugar da Narração. Porque deve hir depois do Exordio.

§. IV. Outro ponto ha sobre que se disputa mais vezes: se se deve, ou não pôr logo depois do exordio a narração. Os que dizem que sim, não são destituidos de razão. Pois sendo o officio do Exordio fazer o Juiz mais affeiçoado, docil, e attento para ouvir a causa, e não podendo a prova ter lugar, sem primeiro se dar a conhecer a causa, que se quer provar; a razão parece pedir que immediatamente depois do Exordio se instrua o Juizo no facto.

Excepção da Regra.

Mas esta regra soffre suas excepçoens em alguns casos; a não querermos dizer, que Cicero na bellissima oração, que nos deixou escripta a favor de Milão, (*d*) obrára mal em differir a narração para o

(*a*) Cap. 22. v. Exemp. XXXIV.
(*b*) Cap. 20. v. Exemp. XXXV.
(*c*) Na Verr. IV. Cap. 48. V. Exemp. XXXVI.
(*d*) Diz: *na oração, que nos deixou escripta*; porque duas oraçoens fez Cicero a favor de Milão, huma que pronunciou no foro diante dos Juizes, que existia ainda no tempo de Asconio, e de Quintiliano, que no Liv. 4. Cap. 4. n. 16. diz assim: *quaedam ex occasione vel necessitate dicimus, si quid nobis agentibus novi accidit, interpellatio, interventus alicujus, tumultus; unde Ciceroni quoque in prooemio, cum diceret pro Milone, digredi fuit necesse, ut ipsa oratiuncula, qua usus est, patet.* Esta perdeo-se. Outra, que compoz depois, e que se não pronunciou, e esta he a que hoje temos nas obras de Cicero. Quint. lhe chama *bellissima.*

depois, metendo entre ella e o exordio a discução dos tres pontos ; e que era melhor narrar primeiro como Clodio armara siladas a Milão, estando os Juizes persuadidos, *Que hum réo confesso de homicidio não devia ser admittido a defender-se : Que Milão já tinha sido condemnado antecedentemente pelo Senado : e que Pompeo , que por algum empenho tinha mandado cercar o tribunal de soldados armados, era contra Milão.* Estas tres questoens pois entrão na razão de Proemio , visto servirem todas a preparar o Juiz. Já de outro modo o mesmo Cicero a favor de Murena (*a*) fez narração depois de desfazer as objeçoens do adversario. . .

Porque ella he o Chefe d'obra deste Orador. Cada parte he perfeita no seu genero ; admira-se a magestade do exordio, a verisimilhança da narração , o encadeamento das provas , o vigor dos pensamentos , em fim o pathetico tocante , que he como a alma da Peroração. Se este discurso fosse pronunciado tal como hoje o temos , talvez este Principe dos Oradores contaria de mais huma victoria.

(*a*) Hum dos codices Gothanos lê *Pro Vareno* contra a fé dos mais Mss. , em que se lê constantemente *pro Muraena*. Alem do que , ainda qne esta oração *pro Vareno* não exista , sabemos com tudo de Quint. VII, 1, 3. que Cicero difirira nella para o fim a refutação das accusaçoens pessoaes , attendendo , não ao que de ordinario he conveniente , mas ao que então lhe era util. Alguns, que preferirão a lição *pro Vareno*, o fizerão por não acharem na oração a favor de Murena o que Fabio aqui diz. Porem por *narração* podemos entender em Quint. a primeira parte da chamada confirmação, que se occupa em justificar Murena do máo procedimento , com que se maculava o seu merecimento , a qual justificação se compoem das narraçoens de varios factos da vida passada feitas com as cores proprias , e não com as fementidas, com que o accusador as tinha desfigurado. Ora antes disto desfaz Cicero tres objeçoens de Catão , cuja refutação era preambulo necessario para a defensa da causa, principiando assim: *Et quoniam in hoc officio studium meae defensionis ab accusatoribus , atque etiam ipsa susceptio causae reprehensa est ; antequam pro L. Muraena dicere instituo , pro me ipso pauca dicam.*

ARTIGO II.

Que cousa seja Narração, suas especies, e virtudes.

Definição, virtudes, e especies.

§. I. ATé aqui temos tratado de quando, e onde se ha de narrar: agora accrescentarei que cousa he Narração, e o modo de a fazer. *Narração he a exposição de hum facto ou acontecido, ou como se acontecesse, util para persuadir.* (a) A maior parte dos Rhetoricos, principalmente os Isocraticos, querem que ella seja *Clara*, *Breve*, e *Verisimil*... A narração, ou he toda a nosso favor, ou toda a favor do adversario, ou mista de humas e outras cousas.

I. *Especie de Narração. Deve ter as tres qualidades.*

§. II. Se for toda a nosso favor, contentar-nos-hemos com estas tres virtudes, que fazem com que o Juiz mais facilmente *entenda o facto, se lembre delle, e o acredite.*

Nem me censurem por eu dizer que a narração, que he toda por nós, e consequentemente verdadeira, deva ser Verisimil. Porque muitas cousas ha verdadeiras, e com tudo pouco criveis, assim como outras

---

(a) Alem do estilo, em duas cousas he differente a narração oratoria da historica. 1. na materia. A narração historica he a exposição sómente dos factos acontecidos, e verdadeiros. A oratoria tem por objecto não só os factos realmente succedidos (*rem factam*,) mas ainda aquelles que não succederão, mas poderão, e deverão succeder (*ut factam*.) 2. no fim. O historiador propoem-se só o conservar á posteridade a memoria das cousas passadas, e por isso a imparcialidade, a fidelidade, e a verdade, e não a verisimilhança são as suas virtudes mais prezadas. O orador não se propoem só instruir os ouvintes no facto, que deu causa a controversia, como faria huma testemunha, mas ao mesmo tempo *persuadil-os* do mesmo, que lhes dá a saber; para o que não basta a clareza, e verdade; he necessaria a verisimilhança; pois esta he a que persuade, e não aquella.

falsas, e muitas vezes verisimeis. (*a*) Pelo que não devemos trabalhar menos para fazer crer ao Juiz o que dizemos com verdade, do que o que fingimos.

Estas virtudes, he verdade, pertencem tãobem ás mais partes da oração. (*b*) Pois por toda ella se deve evitar a escuridade, guardar a precisão, e fazer parecer verdadeiro tudo o que dizemos. Isto não obstante estas qualidades se fazem especialmente necessarias nesta parte do discurso, que he a primeira a instruir o Juiz. Porque se acaso elle a não entender, ou lhe escapar da memoria, ou a não acreditar, frustrado será nas mais partes todo o nosso trabalho.

Regras da Clareza.

§. II. Será *Clara* a narração 1. se for exposta com termos *proprios* sem com tudo serem sordidos, e com palavras *expressivas* sem com tudo serem desusadas e exquisitas (*c*) 2. Se for *distincta* nas cousas, nas

---

(*a*) Por exemplo as ficçoens Poeticas são falsas, e com tudo devem ser verisimeis, e ha muitos factos nas historias, que sendo verdadeiros, parecem incriveis.

(*b*) Por esta razão Arist. Rhet. III. 16. escarnece de Isocrates dizendo: *He cousa ridicula dizer que a narração deve ser breve... A narração não deve ser longa, como nem o proemio, nem a prova, e a perfeição consiste aqui não na brevidade, nem na concisão, mas sim na mediania.* Quanto a esta segunda razão, na mediania he que Quint. faz consistir a brevidade, e quanto á primeira vale aqui a resposta de Cicero a respeito da clareza no L. II. Orad. n. 80. *Apertam enim narrationem tam esse oportet, quam cetera. Sed hoc magis in hac elaborandum est, quod et dificilius est non esse obscurum in re narranda, quam in principio, aut in argumento, aut in purgando, aut in perorando: et maiore periculo haec pars orationis obscura est, quam ceterae; vel quia, si quo alio in loco est dictum quid obscurius, tantum id perit, quod ita dictum est; narratio obscura totam obsecaecat orationem; vel quod alia possis, semel si obscurius dixeris, dicere alio loco planius, narrationis unus est in causa locus.*

(*c*) Tanto a clareza como a escuridade póde nascer ou das *Palavras*, ou das *Cousas*, ou da *Pronunciação*. De tudo trata aqui Quint. succintamente. E quanto as primeiras faz elle consistir a clareza da narração nas palavras *proprias*, e *expressivas*. Por proprias entende os nomes mesmos das cousas, evitando com tudo os das cousas obscenas, e immundas, a que chama *sordidas*. Por *expressivas* entende as que melhor pintão as cousas, e estas

pessoas, nos tempos, nos lugares, e nas causas. (*a*) 3. em fim se for exposta com huma tal *pronunciação*,

---

pela maior parte não são proprias, mas metaphoricas. A' força porém de procurar as que mais exprimem, e com mais energia, muitos cahem nas *exquisitas*, e *desusadas*, o que Quint. quer se evite.

(*a*) Assim como a *clareza* he contraria á *escuridade*, assim a *distincção* he opposta á *confusão*. Chamamos distinctos os objectos dos nossos conhecimentos, quando nelles distinguimos claramente o que constitue o seu genero, a sua especie, e differenças. Para os distinguir pois, he preciso caracterisal-os. A distincção he ou de cada huma das partes, ou do todo. As partes de uma narração são as *acçoens*, os *auctores*, as *causas*, os *tempos*, e os *lugares*. As acçoens fazem-se distinctas caracterisando-as, e individuando-as bem pelas circunstancias das pessoas, causas, tempo, e lugar, etc. As personagens e actores serão distinctos, pintando-os com as feiçoens mais individuaes assim do corpo como do animo, isto he, pela figura, familia, cargos, costumes, conhecimentos, e acçoens. As causas serão distinctas, explicando-se bem as *razoens*, e *motivos*, que as pessoas tiverão para obrar, e havendo muitas pessoas, o contraste mesmo destes motivos, e razoens, serve admiravelmente a distinguil-as. Em fim o *tempo*, e a *scena* caracterisão-se, como na pintura, pelos seus accessorios particulares. Esta a distincção das *Partes*, pela qual se reconhece cada couza pelo que he.

A distincção do todo da narração depende, quando cada huma das partes he distincta, do arranjamento de todas ellas, o qual he differente conforme o facto he todo favoravel ao orador, ou só em parte. Geralmente podemos dizer que nos factos historicos a ordem natural, com que succederão, he tambem a mais distincta. He preciso porém advertir que nas obras das bellas Artes, e Letras cada objecto deve ter só aquelle gráo de *clareza*, que a sua connexão com o todo exige, afim de que seja reconhecido com precisão pelo que deve reprezentar. Os quadros são de todas as obras das Artes os mais proprios a explicar este pensamento.

Bem como em hum *Paiz* mal se poderia representar huma região inteira sem que cada objecto do quadro diminua em clareza, e distincção á proporção da sua distancia, e apartamento: assim em hum quadro historico as principaes personagens, acçoens, e lugares, devem ser pintadas tão distinctamente, que se possão ver de perto, e reconhecer pelo que são. As personagens porém, acçoens, e lugares subalternos serão pelo contrario representados com tal clareza, que appareção só no seu genero e especie, e não no individuo, nem se possa distinguir quem são, ou o que fazem, e outros em fim nem aquillo mesmo. Podemos dizer pois que a confusão das partes separadas he a que produz a clareza distincta do todo. V. *Sulzer, Theoria Geral das Bellas Artes.*

que o Juiz entenda com toda a facilidade o que se lhe narra...

Regras da Brevidade. Explicação da 3. regra.

§. III. A mesma narração será *Breve* 1. Se começarmos a contar a cousa desde aquella parte, donde pertence ao Juiz, e não d'antes. (*a*) 2. Se nada dissermos fóra do caso. 3. Se das circunstancias da mesma causa cortarmos ainda todas aquellas, tiradas as quaes, nenhum prejuizo se causa nem á clareza da narração, nem á sua utilidade. (*b*) Porque ha certas circunstancias, que ainda exprimidas com brevidade fazem, não obstante isto, longo o todo da narração: quando eu digo por ex. *Vim ao porto, avistei a não, ajustei o preço, embarquei, levantarão-se as ancoras, desatarão-se as amárras, partimos;* nenhuma destas circunstancias se podia dizer com mais precisão; com tudo a narração fica longa, porque bastava dizer sómente *Naveguei do porto.*

Todas as vezes pois que o fim de uma acção der a entender sufficientemente as precedencias della, dever-nos-hemos contentar com esse fim sómente, pelo qual vimos no conhecimento do mais. Assim podendo eu dizer: *Tenho hum filho ainda rapaz.* São superfluas todas estas precedencias: *Querendo eu ter filhos, tomei huma mulher, della tive hum menino, criei-o, e o conduzi até a idade de mancebo.* Porisso alguns Rhetoricos Gregos querem que huma cousa seja narração *concisa*, e outra a narração *breve;* e que esta não tem superfluidade, mas aquella nem ainda o necessario. Nós porém fazemos consistir a brevidade em não dizer nem mais nem menos do que he necessario...(*c*)

(*a*) Huma narração tem principio, meio, e fim. Esta regra he para o principio, que se não deve tomar de muito longe. Horacio dá a mesma regra para as narraçoens Poeticas.

Nec gemino bellum Troianum orditur ab ovo.

(*b*) Estas duas regras são para o meio da narração. Para o fim accrescenta Cicero De Inv. 1. 20. esta: *Et si non longius quam, quod scitu opus est, in narrando proceditur.*

(*c*) Veja-se logo no §. posterior ao que se segue, que entende Quint. por *necessario.*

Extremo contrario da Brevidade, a escuridade, que se deve evitar.

Nem se deve evitar menos a escuridade companheira ordinaria dos que querem dizer tudo com demasiada concisão, e a degenerar para algum extremo, melhor he que sobeje alguma cousa á narração, do que lhe falte. Porque as cousas sobejas tem só o inconveniente de se ouvirem com tedio, as necessarias porem furtão-se á narração com perigo da causa. Esta he a razão porque a brevidade de Sallustio, e o estilo conciso de que usa, sendo nelle huma virtude, em hum orador seria hum vicio, de que deve fugir. Porque este modo de fallar conciso escapa menos a quem lê huma historia de seu vagar, do que a quem a ouve tão sómente de passagem, sem se poder repetir. Alem de que o leitor da Historia ordinariamente he homem instruido; nas Decurias porém dos Juizes entra pela maior parte sempre algum homem do campo, (*a*) que não ha de dar a sentença senão sobre o que elle tiver entendido: De sorte que em toda a parte, mas na Narração especialmente, se deve seguir este meio termo de dizer *quanto he necessario*, e *quanto he bastante*. (*b*)

O meio entre os dois extremos he a Precisão. *Como se deve esta entender.*

Quanto he necessario porém, não se deve enten-

(*a*) Os Juizes Centumviros de que fallámos atraz Art. 1. §. 2. erão escolhidos de todas as 35. Tribus, e consequentemente não menos das Rusticas, que das Urbanas. Estes juizes conhecião das causas Civis. Para as Criminaes e publicas havião Juizes tirados das tres ordens, Senatoria. Equestre, e Plebeia, da qual erão os Tribunos do Erario. A cada huma destas classes dava-se o nome de *Decuria:* Sabemos de Plinio lib. 33. c. 1. que no seu tempo, e consequentemente no deQuintiliano havia em cada huma destas decurias perto de mil homens. Muitos destes habitavão no campo occupados na cultura das suas fazendas, donde vinhão assentar-se nos Tribunaes, e muito principalmente alguns dos Tribunos do Erario.

(*b*) *Quanto he necessario*, para não ter de menos. *Quanto he bastante*, para não ter de mais. *O necessario*, para que não falte; *o bastante*, para que não sobeje.

der do meramente preciso para dar a conhecer o facto. Porque a brevidade não deve ser despida de ornato. De outra sorte seria falta de arte. Alem de que no ornato mesmo ha huma especie de illusão, que faz parecer menos longas as cousas, que nos deleitão; bem como hum caminho plano, e ameno, posto que seja mais comprido, parece mais curto, e fatiga menos, que um atalho aspero, e empinado. Nem eu recommendo de tal modo a brevidade, que não queira se metta na narração o que a póde fazer mais crivel. Huma tal narração nua, e cerceada de tudo o que a póde fazér verisimil, mais se póde chamar huma confusão, que huma narração.

Narraçoens extensas por sua natureza. Como as abreviaremos. 1. meio.

Porém ha narraçoens compridas pela mesma natureza da cousa, que se ha de narrar. Primeiramente devemos prevenir e preparar para estas o Juiz na ultima parte do exordio, como já disse. (*a*) Em segundo lugar teremos o cuidado de lhe diminuir por todos os modos que pudermos, alguma cousa, ou da sua *extensão*, ou do seu *tedio.*

2., *e* 3. *meio.*

Faremos com que seja *menos extensa* 1. differindo para o depois as cousas, que podermos differir, fazendo com tudo menção dellas. Por exemplo; *Que causas tivesse o Réo para matar, que complices buscou, e de que modo armou as siladas, dil-o-hei lá no lugar da Prova.* 2. Omittindo algumas particularidades na ordem da narração, como: *Morreo em fim Fulcinio: pois muitas cousas ha aqui, que não direi, porque são alhêas do caso.*

4. *meio.*

A *partição* porém diminue o tedio á narração. Por ex.: *Direi o que succedeo antes do caso; O que aconteceo no caso mesmo; e depois delle:* Dividindo eu

(*a*) No Exordio §. ultimo.

deste modo, pareceráõ mais tres narraçoens curtas, do que huma comprida. Algumas vezes será ainda conveniente separar estas narraçoens por meio de alguma transição breve, como: *Até aqui ouvistes o que aconteceo; ouvi agora o que se seguio.* Porque o Juiz advertido do fim da primeira parte toma folgo, e segunda vez se preparará como para começar de novo.

5. *meio.*

Isto não obstante, se empregados todos estes artificios, ainda sahir longa a narração, não será máo fazer della no fim huma breve recapitulação; o que Cicero pratíca ás vezes ainda nas narraçoens breves: (*a*) *Até aqui, o Cesar, Quinto Ligario nenhuma culpa tem. Saío de casa, não digo ja sem fim de guerra alguma, mas quando nem ainda havia suspeita alguma della.*

Regras da verisimilhança 4.

§. VI. Fazer-se-há *Crivel* a Narração 1. Se consultarmos a nossa razão, para não dizer nada, que repugne á natureza. (*b*) 2. Se puzermos as razoens, e os motivos antes dos factos, que narrarmos; não de todos, mas dos que fazem objecto da demanda. 3. Se formarmos os caracteres moraes das personagens de tal modo, que lhes quadrem bem as acçoens, que nellas pertendemos fazer criveis. Como por ex. a hum homem, que accusarmos de furto, dar-lhe-hemos o

(*a*) Na Oração pro Ligario cap. 4. que he o fim da narração.

(*b*) Para se fazer huma acção he necessario que se possa fazer. A *Possibilidade* pois he o primeiro gráo, ou para melhor dizer, hum requisito necessario para a verisimilhança. Chamamos possivel tudo aquillo que não repugna existir juntamente, ou seja *absoluto*, quando não ha implicancia nos attributos essenciaes, ou *Relativo* a certas causas, que podem dar a existencia. Que huma acção fosse feita em hum lugar, que não existe, ou por hum homem, que nelle se não achava, he hum *impossivel absoluto*: que huma acção, que requer forças grandes fosse praticada por huma criança, he hum *impossivel relativo.* Tudo o que he contra as leis e ordem do universo (*Naturae adversum*) ainda que não he impossivel absoluto, o que se vê dos milagres, he com tudo impossivel relativo a nós, e ás nossas forças. A mesma regra dá logo Quint. §. V. n. 4. para as narraçoens fingidas.

caracter de cubiçoso; ao de adulterio, de libidinoso; ao de homicidio, de homem cego, e temerario; e pelo contrario, se os defendermos. 4. Alem disto fazem tambem a narração crivel as circunstancias do *lugar*, do *tempo* e outras similhantes (*a*)

5. *Regra*.

Tambem ha hum enredo de incidentes por si mesmo crivel, como nas Comedias, e nas Farças. (*b*) Pois al-

(*a*) A verisimilhança pois de hum facto será em razão das causas de sua existencia conhecidas por nós. Estas ou se tirão da *Possibilidade* da acção, ou da *Determinação* do agente, ou da sua *Execução*. A possibilidade depende da conveniencia dos attributos, e da proposição das forças com hum effeito. Na Determinação da vontade influem tres cousas, razoens, (*rationes*) motivos, (*Caussae*) e costumes ou inclinaçoens (*Personae*). Na Execução concorrem grandemente para huma acção as *Facilidades*, e *Commodidades* de a fazer, nascidas do lugar, da conjunctura, dos instrumentos, e mais circunstancias.

(*b*) *Ductus rei credibilis* he o que nós chamamos em Poezia *Enredo verisimil*, isto he, hum encadeamento de acçoens subalternas, e incidentes, nascido do conflicto dos esforços, que o heroe faz para pôr em execução o seu projecto, e dos embaraços e difficuldades, que encontra, e contra as quaes lucta: do que, na expectação do ultimo desfecho, resulta a incerteza, a curiosidade, e a impaciencia, e inquietação nos espectadores, ou leitores.

Na *natureza* os successos tem seu fio, sua ligação, e dependencia. A intriga pois de hum poema deve tambem formar como huma cadêa, da qual cada incidente seja como hum anel. Ora duas especies ha de *enredos* nas Comedias. Hum, em que as personagens nenhum designio tem de embaraçar a acção. Esta caminha naturalmente, e chegaria ao seu fim, se se não achasse interrompida por incidentes, que o puro acaso, ou agentes extrinsecos parecem offerecer. Tal he o enredo do Amphitrião de Plauto. Outro he formado não pelos incidentes occasionaes, mas pelas paixoens, costumes, e interesses oppostos das personagens, como he o da Eneida. Nesta especie, que he mais facil, e mais usada, tudo está premeditado. Huma donzella por ex. estando destinada por seus pais a hum esposo, que ella não quer, trama huma intriga, e faz obrar hum amante, huma confidente, hum criado, para desviar seus pais da alliança, que lhe propoem, e chegar ao que faz objecto dos seus desejos. Neste enredo pois todos os incidentes são produzidos por personagens, que tem o designio de os fazer nascer.

O 1. genero de enredo he mais maravilhoso, e cheio de incidentes imprevistos, porém muitas vezes inverosimil, se não he bem preparado, e conduzido. O 2. he mais natural. As molas que o

gumas cousas conduzem tão naturalmente outras, e andão tão ligadas, que, se narrares bem as primeiras, o mesmo Juiz espera pelas outras, que depois has-de contar.

6. *Sementes das Provas.*

Nem deixará tambem de ser util espalhar aqui, e áli pela narração algumas sementes das nossas provas (*a*); porém lembrando-nos sempre que estamos na narração, e não na confirmação. Comtudo alguma vez nos poderemos tambem servir de alguma argumentação para provar logo o que propozermos, com tanto que seja simples, e breve, como nas causas de veneno: *Bebeo estando de saude, immediatamente caio morto, seguirão-se-lhe logo pelo corpo nodoas, e tumores.* (*b*)

---

produzem, são conhecidas de todos, as paixoens, digo, e os costumes. Assim o espectador prevê muitas vezes os successos futuros, e por esta razão, quanto he mais verisimil, tanto mais lhe falta o gosto da surpreza e novidade. Deste enredo principalmente falla aqui Quint., muito usual nas Comedias, e com particularidade nas de caracter, e nas Farças, specie de representação burlesca, e obscena sem regularidade, justa grandeza, nem solução. V.Cic. pro Laelio C. 27. O mesmo enredo, e encadeamento de incidentes se encontra a cada passo nos factos historicos, produzido pelas paixoens, e differentes interesses dos homens. V. logo Quint. §. V. n. 4.

(*a*) A arvore toda está envolvida no germe da semente. A força da vegetação a desenvolve, e a nutrição a explica, engrandece, e fórma. Assim em huma palavra muitas vezes se esconde hum argumento. Ella he para assim dizer o germe da prova. A argumentação depois desembrulha todas as suas partes, e lhe dá a extensão devida, para se perceber facilmente toda a sua força. Porém estas argumentaçoens, ou fórmas exteriores do argumento, como Epicheiremas, Enthymemas, e Syllogismos, não tem lugar aqui na narração, mas sim no corpo da Prova. V. Art. V. §. 3.

(*b*) Este exemplo he huma verdadeira argumentação, hum Enthymema tirado dos sinaes deste modo: *Este homem bebeo em saude, cahio logo morto, seguirão-se-lhe pelo corpo nodoas, e tumores. Logo bebeo veneno.* Porém, porque he simples e breve, permitte-se na narração. A sua *simplicidade* consiste em não se confirmar o antecedente com outras provas, e em não se expressar o consequente, e a sua *brevidade* lhe vem da enunciação curta, e precisa dos sinaes.

7. *Preparaçoens.*

O mesmo fazem tambem aquellas *Preparaçoens*, (*a*) quando v. g. o Réo se diz *robusto*, *armado*, e *pensativo*, e o adversario pelo contrario *fraco*, *desarmado*, e *tranquillo*. Em fim tudo o que houvermos de tratar extensamente no corpo da Prova, como a *pessoa*, a *causa*, o *lugar*, o *tempo*, o *instrumento*, a *occasião*, tudo isto nós teremos o cuidado de o preparar de passagem na Narração. (*b*)

De todas as preparaçoens porém as melhores serão as que o não parecerem. Assim Cicero na narração a favor de Milão usou de todas as preparaçoens uteis para fazer crer que Clodio era quem armára embuscadas a Milão, e não Milão a Clodio (*c*). Entre todas porém a melhor he aquella, em que elle debaixo da apparencia de simplicidade esconde hum ardil dos mais astutos: *Milão porém*, diz elle, *tendo estado nesse dia no Senado até que o Senado foi despedido, veio a sua casa, mudou de çapatos e de vestidos, e se deteve ainda por algum tempo, como succede, em quanto sua mulher se prepara.*

Que ha aqui, que dê a perceber a menor inquietação, pressa, ou empreza premeditada em Milão? O que este homem eloquentissimo conseguio persuadir não só pela pachorra, e vagares, com que nos

(*a*) Chamão-se *Preparaçoens* certos accessorios das *pessoas*, *acção*, *tempo*, *e lugar* mettidos oportunamente na narração, os quaes, posto que pareção inuteis, dispoem com tudo os espiritos para depois acreditarem certas cousas, que com os ditos accessorios tem connexão; Quint. quando escrevia tudo isto, parece tinha em vista a narração Meloniana, em que Clodio se reprezenta *armado*, *robusto*, *pensativo* contra Milão *desarmado*, *fraco* no acompanhamento, e *tranquillo*. Os Poetas bons tem grande cuidado nestas preparaçoens. Virg. Eneid. I. 283 no discurso, que dá a Jupiter, prepara já a solução de todo o enredo, qual se vê no Liv. XII. 818.

(*b*) A narração he a preparação das provas, e huma Proposição seguida dellas, como vimos no Cap. XVI. Todos os argumentos pois, que tirarmos das circunstancias do facto, devem já hir preparados desde a narração, que deve ser como o pleno de todo o edificio da Prova. Estas preparaçoens porém devem ser subtís, e tocadas com ligeireza.

(*c*) V. Ex. XXXVII.

pinta a sua partida, mas ainda pelas mesmas palavras vulgares, e expressoens quotidianas, (*a*) de que se servio, por isso mesmo mais proprias para encobrir o artificio. Pois se elle se tivesse servido de outras mais estrepitosas, ellas mesmas com o seu estrondo despertarião a attenção do Juiz para se vigiar do advogado. Muitos tem esta passagem por fria, e insulsa. Mas nisto mesmo se vê a arte com que Cicero logrou os Juizes; tão occulta que nem os mesmos leitores a advertem. Estas são as cousas que fazem a narração crivel.

ARTIGO III.

Da Segunda, e Terceira Especie de Narração.

Deve-se fazer narração ainda quando he toda contra nós; e como?

§. I. MAs já que o caso nos trouxe ao genero de Narraçoens mais difficultoso: fallemos já daquellas em que todo o facto he contra nós; no qual caso

---

(*a*) Longino no seu admiravel tratado do *Sublime* Sect. 31. descobre ainda outra razão, porque os *Idiotismos*, isto he, as palavras, e expressoens mais vulgares conduzem admiravelmente para a persuasão, e verisimilhança. *A linguagem vulgar*, diz elle, *algumas vezes he muito mais expressiva, e significante que a oração ornada. Pois pelo mesmo uso da vida se faz entender logo sem trabalho, e tudo o que he familiar, e usual, he de sua mesma natureza mais crivel.* Com tudo he necessaria grande arte, e talento para empregar felizmente estes idiotismos nos Discursos Oratorios, e com razão diz Seneca Controv. XV. L. 3. *Idiotismus est inter Oratorias virtutes res, quae raro procedit. Magno enim temperamento opus est, et occasione quadam. Hac virtute varie usus est* (Fabianus). *Saepe illi bene cessit, saepe decidit. Nec tamen mirum est, si difficulter aprehenditur vitio tam vicina virtus.* Os criticos, que diz Quint. notavão esta passagem de fria, olhavão-na pela extrema, em que confina o Idiotismo com o vicio da baixeza. Quint. porém attendendo á occasião, e fim desta expressão vulgar, olhou-a como huma das Preparaçoens Oratorias a mais engenhosa, e oportuna. Tanto he precisa a arte para separar o bom do máo.

crerão alguns, se devia omittir a narração. (*a*) Na verdade não ha cousa mais facil do que deixar inteiramente de advogar a causa. Mas se por alguma razão justa te encarregaste della, que nova arte he esta de querer confessar com o teu mesmo silencio que he injusta? Só se o juiz for tão estupido que dê a sentença conforme aquillo, que elle sabe, que tu não quizeste narrar. . .

Nas causas de Diffinição.

§. II. Distinguamos pois os generos das causas. Naquellas, em que se não questiona, se he ou não culpado o Réo, mas sim da fórma, se a acção está bem intentada; então ainda que tudo seja contra nós, poderemos confessar, e dizer por exemplo: *Furtou do templo dinheiro, mas particular. Não se deve accusar de sacrilegio.* . . Mas nestas mesmas confissoens podemos diminuir alguma cousa do odio, que nos causou a narração do adversario. Pois os mesmos servos desculpão as faltas, que confessão. . .

Nas de Qualidade.

§. III. Se se tratar do estado de Qualidade, que só tem lugar, quando o facto he certo, narraremos as mesmas cousas, mas não do mesmo modo. Daremos ás acçoens outras causas, outras razoens. Extenuaremos outras, dando-lhe com a nossa expressão outra face. A' *libertinagem*, por exemplo, chamaremos *alegria*, á *avareza, economia*; ao *desmazelo, simplicidade.* (*b*) Em-

---

(*a*) Cicero parece inclinar-se para esta parte II. do Orad., e nas Part. C. V, dizendo: *Quod in narrationibus molestum est, illud esse amputandum, aut totam narrationem relinquendam, si tota molesta erit.*

(*b*) Como as virtudes, e vicios tem a mesma extrema, não ha cousa mais facil do que confundir ambas estas cousas, derivando as côres, e nomes de huma para a outra. Quint. L. 3. c. 7. n. 25. chama a isto *Derivatio verborum proxima*, isto he, o emprego de termos, que se não apartão muito da significação, que queremos evitar, tirada a metaphora das aguas, que se derivão do alveo do rio para hum regato proximo. Em Grego se chama isto *Hypocorismos*, sobre o qual se póde ver Arist. Rhet. I. 9. 37.

fim com o semblante, voz, e figura procurarei merecer alguma inclinação, ou compaixão. A mesma confissão ás vezes costuma mover a lagrimas. . .

Nas de Conjectura.

§. IV. As Causas Conjecturaes porém, em que a questão he sobre o facto mesmo, estas as mais das vezes tem narração não tanto do facto, sobre que se litiga, quanto das cousas, pelas quaes se hade inferir o mesmo facto. Ora o accusador tendo feito destas huma exposição tal, que faz suspeitar no réo o crime; este deve tirar toda a suspeita, e fazer que as mesmas cousas cheguem aos ouvidos do Juiz em differente figura daquella, em que o seu contrario as pintou. . .

Narrações fingidas, suas especies, e regras.

§. V. Tambem no foro ha narraçoens falsas. Humas, que se provão com documentos, como a de Clodio, que fiado nas testemunhas fingio que na noite, em que se commetteo o incesto em Roma, se achava elle em Interamne. (*a*) Outras, cuja verisimilhança he hum effeito puro do engenho do orador. . .

Nestas o primeiro cuidado deve ser que aquillo, que fingimos, seja possivel. 2. Que convenha á pessoa, ao lugar, e ao tempo. 3. Que a cousa fingida tenha hum enredo verisimil, e natural. (*b*) 4. Que sendo possivel, se ligue a alguma circunstancia verdadeira, ou se confirme com algum argumento nascido da mesma causa. (*c*) Porque as ficçoens inteiramente fóra do caso, e de todo idêaes, como mentem descarada-

(*a*) De que faz menção Cicero na Miloniana C. XXVII. e mais largamente na Cart. XIV. e XVIII. Liv. I. a Attico.

(*b*) Veja-se o que deixamos dito atraz Art. II. §. IV. n. 5.

(*c*) Por esta razão he summamente artificiosa, e de mão de Mestre a narração, que Virgilio poem na boca de Sinon Eneid. II. v. 69. Pois sendo quasi toda fingida, pelo que pertence á morte de Palamedes tudo he verdade, que os Troianos já sabião, na qual encabeça toda aquella ficção. Assim a fidelidade de Sinon nesta parte fez crer aos Troianos não seria mentiroso no mais.

mente, por si mesmas se entregão. 5. Especialmente em duas cousas, devem ter cuidado os que fingem, huma em se não contradizerem, como de ordinario succede. Pois ha cousas, que quadrão muito bem nas partes onde estão; olhando porém ao todo, não condizem. Outra, que o que se finge não se oponha a cousas notoriamente verdadeiras. Na escola mesma não quereria eu, que estas côres (*a*) se procurassem fóra do assumpto. Em huma, e outra parte pois deverá o Orador por todo o tempo, em que falla, ter em lembrança o que huma vez tomou a liberdade de fingir. Por quanto o que he falso costuma de ordinario escapar, e com razão dizem lá que o *mentiroso deve ter boa memoria.* (*b*)

Terceira especie da Narração Mixta, e como se deve fazer.

§. VI. Se parte da Narração for por nós, parte contra nós, á vista da causa veremos qual nos convêm mais, se misturar tudo, ou separal-o. Se as circunstancias, que nos prejudicão forem mais em numero,

---

(*a*) *Côr* he hum termo escholastico dos Declamadores do tempo de Quintiliano, com que exprimião este genero de defensa, em que huma acção de si reprehensivel se desculpava, e côrava, para assim dizer, com muitas razoens, conjecturas, suspeitas, e causas especiosas, excogitadas com engenho, e tratadas com arte. Assim Juvenal 6, 280, fallando de huma mulher apanhada em adulterio, desafia Quint. a defendel-a.

Dic aliquem, sodes, dic, Quintiliane, colorem.

Podem-se ver muitos exemplos desta especie de controversias em Seneca. Quint. mesmo aqui n. 95. faz menção de huma, que servirá de prova, e de exemplo ao que dizemos. *Como aquelle Parasito*, diz elle, *que affirma ser filho seu hum moço, que hum homem rico tinha abdicado já trez vezes, e consequentemente absolvido do patrio poder, dizendo: que sua pobreza o obrigára a engeital-o, que tinha tomado a figura de Parasito, porque tinha seu filho nesta casa; que se elle o fosse do rico, não teria sido já abdicado trez vezes etc.*

(*b*) O tempo, o lugar, e toda a serie de hum facto verdadeiro facilitão muito, e fixão a memoria delle. Pelo contrario a falta destas cousas em huma ficção arbitraria faz mais difficil a sua lembrança. A imaginação não tem pontos fixos, a que se apegue, e com os quaes possa coordenar o resto, para delle se lembrar.

juntando com ellas as que nos são favoraveis, ficaráõ estas confundidas, e como sepultadas nas outras. Neste caso pois será melhor fazer separação, e depois de narrar, e confirmar as nossas, usar contra as outras dos remedios, que assima dissemos. (*a*)

Se pelo contrario as que nos são favoraveis forem mais em numero, então poderemos ajuntar tudo, para que mettidas as cousas do adversario no meio, como das nossas tropas auxiliares, fiquem assim com menos força. (*b*) E ainda assim não se devem pôr núas na narração, mas resforçando as nossas sempre com algum argumento, e accrescentando ás do contrario as razoens, porque não são criveis. Se as não caracterizarmos deste modo, he ainda para recear que as nossas cousas boas se venhão a contaminar misturadas com as más.

ARTIGO IV.

Dos vicios da Narração.

Cinco vicios da narração que alguns contão contrarios ás suas virtudes.

§. I. TAmbem a respeito da Narração se costumão dar estes preceitos: *Que se não faça nella digressão alguma: Que não tenha Apostrophes: Que não usemos nella de Prosopopeias; nem de Argumenmentaçoens*. Alguns ainda accrescentão, *que nem de Affectos*. (*c*)

(*a*) §§. II, III, IV.

(*b*) Os Romanos dispunhão o seu campo de batalha de modo, que as tropas Auxiliares ficavão de hum, e outro lado, e as Romanas no centro. V. o que dissemos L. 1. c. 3. §. 2. n. (*a*) Das tropas Auxiliares pois dependia, ou munir, ou enfraquecer o centro, que se achava como bloqueado pelas duas alas. Quer pois Quint., diz Gesnero, que as cousas que nos prejudicão, se mettão no meio das nossas para poderem ser constrangidas, e embaraçadas para não nos fazerem mal. Deste modo, assim como as tropas do meio, não poderáõ desenvolver as suas forças, e se atropelaraõ mutuamente.

(*c*) Estes authores pois davão por *viciosas* todas as narraçoens

Juizo geral de Quint. sobre elles.

A maior parte dos quaes preceitos se deve de ordinario guardar, ou, (para me explicar melhor) nunca se devem alterar, se não quando a isso nos obrigar a *Razão*, para a narração ficar *breve*, e *clara.*

Juizo particular sobre as Digressoens.

§. II. Na verdade nenhuma cousa terá menos vezes razão para entrar na narração do que a *Digressão*, (*a*) e quando ahi entrar, deverá ser *breve*, e *tal* que pareça que a violencia da paixão he a que nos obrigou a sahir fóra do fio da narração. Tal he a digressão, que Cicero fez na narração das bodas de Sassia, (*b*) dizendo: *O' maldade incrivel desta mulher, e fóra della nunca até hoje ouvida! O' paixão desenfreada, e indomita! O' atrevimento nunca visto! He possivel, que se não temeste a colera dos Deozes, e a fama dos homens; ao menos não te horrorizasses á vista daquella noite? das torchas nupsiais? da entrada do cubiculo? do thalamo de tua mesma filha, e daquellas paredes testemunhas das nupsias antecedentes?* (*c*)

Sobre as Apostrophes, e Prosopopeias.

§. III. A *Apostrophe* tem a vantagem de indicar a causa com *mais precisão*, e ao mesmo tempo com

---

sem excepção, ou limitação alguma, que ou pelas Digressoens, e Argumentaçoens, de que hião carregadas, se fazião prolixas; ou pelas Apostrophes, Prosopopeias, e Paixoens se fazião escuras. Quint. confirmando a mesma opinião, dá as mesmas narraçoens tambem como viciosas, mas não com tanta generalidade, como estes AA. Assim passa a assignar as excepçoens, e limitaçoens desta regra geral, como se podem ver nos §§. seguintes, em que este vai explicando o seu sentimento sobre cada hum destes objectos.

(*a*) Porque he contra a 2. regra da Brevidade da narração, que Quint. deu Art. II. §. 3. n. 2. sobre as Digressoens. V. o que dissemos Cap. XVI. §. 2. not. (*a*)

(*b*) Na oração a favor de Cluencio. C. VI.

(*c*) Todas estas circunstancias, pelas quaes Cicero engrandece a atrocidade do incesto de Sassia, erão cousas consagradas nas bodas dos Romanos pelas ceremonias, lustraçoens, e mais ritos nupciaes, que a religião prescrevia.

mais força. (*a*) Pelo que sou aqui do mesmo sentimento que fui no Exordio a respeito desta figura, assim como tambem a respeito da Prosopopeia (*b*), da qual usa não só Servio Sulpicio a favor de Aufidia (*c*) dizendo: *Julgar-te-hei dormindo em hum somno brando, ou opprimido de hum pezado letargo?* mas tambem Cicero naquelle lugar dos Commandantes das náos, que he huma verdadeira narração, introduzindo Sextio a fallar deste modo: *Para entrares no carcere, has de dar tanto* etc. (*d*) Mas para que são mais exemplos? Por ventura a conversa de Staleno, e Bulbo na oração a favor de Cluencio (*e*) não exprime a cousa com mais rapidez, e com mais verisimilhança? Nem se diga que Cicero fez isto por acaso. Além disto nelle não ser crivel, o mesmo manda nas

---

(*a*) Que indique a cousa com mais brevidade e rapidez, se vê claramente na de Cicero *pro Ligario* feita a Tubero: *Quid enim tuus ille, Tubero, districtus in acie Pharsalica gladius agebat?* Que mostre com mais energia v. sup. no Exord. Art. 4. §. 3. Por isso os Poetas, ainda no meio da narração se estão servindo continuamente de Apostrophes para animarem, e variarem o discurso.

(*b*) As Prosopopeias introduzem nas narraçoens o Dramatico, e com elle a acção, movimento, e pathetico. Hum pequeno discurso de huma personagem pinta com mais viveza, e rapidez o seu caracter, que todas as discripçoens mais miudas. v. os Exemplos citados.

(*c*) No tempo de Quint. existião ainda as duas oraçoens contrarias de Servio Sulpicio a favor de Aufidia, e a de Messala contra ella. Estes discursos devião de ser de hum grande merecimento, pois Quint. X, 1, 22. os dá pora modelos das oraçoens contrarias entre os Romanos, como erão entre os Gregos os dous discursos de Demosthenes, e Eschines a favor, e contra a Corôa. Estas palavras da oração de Servio Sulpicio erão postas na boca, ou da Ré Aufidia, ou de outra pessoa differente da do Orador.

(*d*) Estas palavras são de Sextio, Lictor de Verres, ditas ás mãis, que pertendião ver seus filhos nos carceres, onde por ordem do Pretor se achavão prezos. Verrina V. c. 45. v. Exemp. XXXVIII.

(*e*) Pro Cluent. cap. 26. Staleno tinha-se encarregado de corromper 16. Juizes dos que a sorte tinha dado para com o Pretor Junio sentenciarem a causa de Opianico, e Cluencio. Falla pois Staleno com hum delles chamado Bulbo para o corromper, o que consegue facilmente. v. Exemp. XXXIX.

suas Partiçoens que a narração tenha *Suavidade* (*a*), isto he, *Admiraçoens*, *Suspenções*, *Casos imprevistos*, (*b*) *Colloquios das personagens*, *e toda a casta de Affectos*.

Sobre as Argumentaçoens.

§. IV. Na Narração nunca usaremos de *Argumentaçoens* (*c*) como assima disse, (*d*) de *Argumentos* sim algumas vezes: o que Cicero faz a favor de Ligario,

---

(*a*) Cicero diz assim nas suas Partiçoens C. IX.: *Suavis narratio est, quae habet Admirationes, Expectationes, Exitus inopinatos, Colloquia personarum, interpositos Motus animorum, dolores, iracundias, metus, laetitias, cupiditates.* A Narração terá *Doçura*, se tiver *Admiraçoens, Suspençoens, Casos imprevistos, Colloquios de personagens, e varios Movimentos da alma mettidos de per meio, como de dôr, ira, medo, alegria, e dezejo.* Sendo pois todas estas cousas partes da suavidade, e esta huma virtude geral da narração, que comprehende em si tudo o que a produz: julguei devia dar este sentido ao lugar de Quint. traduzindo: *Tenha Suavidade*, isto he, *Admiraçoens etc.*, e não *Tenha Suavidade*, *Admiraçoens etc.* como parecia pedir á primeira vista o contexto de Quint. *Ut habeat Narratio Suavitatem, Admirationes, Expectationes etc.*

(*b*) Tudo isto são Figuras proprias a dar força, e viveza á narração. Quando eu digo por exemplo *Cousa pasmosa!* he huma admiração. Quando pomos em suspensão os espiritos, fazendolhe esperar alguma cousa maior, ou menor, e depois enganamos a expectação, accrescentando o que não esperavão, he *Suspensão*. *Casos inopinados* chamão-se os successos que acontecem contra o curso ordinario das cousas, e que contamos nas narraçoens, sem se esperarem, nem preverem. *Colloquios de Personagens* he huma especie de Prosopopeia. V. esta entre as Figuras.

(*c*) *Argumento* he huma *razão*, he hum *Meio termo*, ou idéa intermediaria, com a qual combinamos duas outras extremas, para acharmos a sua conveniencia, ou opposição mutua, que sem esta comparação não poderiamos descobrir. *Argumentação* he a evolução, ou explicação deste argumento, feita por certa fórma, e ordem de Proposiçoens, com as quaes combinamos differentemente o tal *Meio termo* com os *Extremos*. Estas fórmas são differentes, e segundo a sua differença, o mesmo meio termo póde ser tratado em *Syllogismo*, ou *Enthymema*, ou *Epicheirema*, ou *Dilema etc.* Assim quando Cicero *pro Ligario* cap. 2. narra como Ligario vivera na sua provincia pacata de tal modo, *ut ei pacem esse expediret*, (que tinha interesse em haver paz); isto he huma *razão*, *hum argumento*, *hum meio termo*. Seria *Argumentação*, e hum *Syllogismo*, se dissesse assim: *Quem tem interesse na paz, não he author da guerra. Ora Ligario tinha interesse na paz. Logo não he author da guerra.* v. Exemp. XL.

(*d*) Neste mesmo cap. n. 79.

quando diz que este se portára no governo da provincia de tal modo, *que tinha interesse em haver paz.* (*a*)

Tambem metteremos por meio da narração, quando o caso o pedir, huma *breve justificação* dos factos, e a *sua razão.* Porque o Orador deve fazer a sua narração, não como hum historiador, mas como hum patrono. Huma narração simples, e historica seria deste modo: *Quinto Ligario pois partio para a Africa com o Consul Caio Considio por seu Lugar-tenente.* Que lhe accrescenta Cicero? *Quinto Ligario*, diz, *partio para a Africa com o Consul Caio Considio por seu Lugar-tenente, não havendo ainda suspeita alguma de guerra*, ou como diz em outro lugar, *não digo sem o fim de fazer a guerra, mas em hum tempo, em que nem ainda o menor rumor, e suspeita de guerra havia.* E sendo sufficiente para hum homem que só quizesse contar, o dizer simplesmente: *Quinto Ligario não se quiz embaraçar com negocio algum;* Cicero ajuntou: *estando com o sentido na sua patria, e dezejando tornar para a companhia dos seus.* Por este modo, accrescentando o motivo, fez o facto crivel, e ao mesmo tempo tocante pelos affectos, com que o encheo. (*b*)

Sobre as Paixoens.

§. V. Pelo que mais me admiro haja quem diga, que nas narraçoens não se devem mover as paixoens. Se dizem que se não devem mover por muito tempo, nem como no Epilogo, estão comigo. Pois na verdade não nos devemos demorar nellas. (*c*) Pelo mais

(*a*) Porque no tempo da paz, e não da guerra, he que se premeião os serviços feitos em hum bom governo pela promoção aos cargos superiores, que na paz, governando as leys, se conferião pelos suffragios do Povo junto nos Comicios.

(*b*) Encheo de affectos, assim exprimindo o da *saudade,* que Ligario tinha da sua patria, parentes, e amigos; como movendo o da *Compaixão* a favor de Ligario, representando nelle hum homem infeliz, que por amor da patria, e dos seus, não se querendo implicar nos negocios da provincia, e apressando de todos os modos a sua retirada, se vê em risco de ficar privado pelo desterro de todas estas cousas, que mais amava.

(*c*) Quint. não se cansa de advertir a differença, que deve

porém, que razão póde haver para eu não querer, que o Juiz se mova ao mesmo tempo, que o vou informando da minha causa? Porque razão aquillo, que heide procurar no fim da causa, o não conseguirei, se me for possivel, logo no principio? principalmente havendo de ter o animo do Juiz mais favoravel ao deduzir as minhas provas, estando já preocupado, ou da compaixão em meu favor, ou da ira contra o adversario? (*a*)

Exemplos de Narraçoens Patheticas.

Cicero por ventura na narração, que nos faz dos açoutes do Cidadão Romano, (*b*) não move brevemente todos os affectos, não só pela qualidade do homem, lugar da injuria, e genero de açoutes: mas ainda fazendo-o recommendavel pelo seu animo, e coragem? Pois mostra era hum homem de huma rara constancia, que *sendo açoutado com varas, não dava hum gemido, não fazia huma supplica*, mas confiado unicamente nas leis clamava com odio de quem o feria: *era Cidadão Romano.* Que? Não encheo elle tambem de affectos de odio toda a narração de Phi-

haver entre a moção das paixoens do Exordio, e Narração, ás da Peroração, onde tem o seu proprio lugar. A moção dos affectos suppoem os espiritos preparados, e convencidos da verdade; aliás he imprudente, e inutil. Só no fim da oração he que se suppoem os ouvintes plenamente dispostos, e convencidos. Aqui pois he que devem reinar mais os affectos, e com mais força. No Exordio, e Narração preparamos, e instruimos os Juizes. Se movermos pois os affectos ao mesmo tempo, deve isto ser de passagem, e não com a mesma força, que no Epilogo, para o principio não ser furioso, e a Narração Declamatoria.

(*a*) Alem destas tres razoens Quint. ajunta no fim deste §. V. huma quarta, que he a mais forte de todas. Ellas vão gradualmente crescendo.

(*b*) Chamava-se este Cidadão Romano, Gavio. Elle era natural do Municipio de Cossano perto de Tarento. Contra todas as leys, e privilegios foi mandado cruel, e vilmente açoutar por Verres na praça publica de Messina. Esta narração he digna de se ler cem vezes. Nella parece o Orador ter esgotado por varias vezes a sua eloquencia, que sempre lhe subministra novas forças para amplificar esta acção. Acha-se na Verr. V, c. 51. v. Exempl. XLI.

lodamo, (*a*) e chegando ao supplicio, não move elle as lagrimas sobre a sorte destes infelizes, não tanto contando, quanto representando-os vivamente chorando, o pai pela morte do filho, e o filho pela morte do pai? Que Epilogos ha tão ternos, e tocantes como esta narração?

Confirma-se a mesma doutrina.

Na verdade he tarde o querer na Peroração mover as paixoens sobre cousas, que contaste ao principio em socego, e tranquillidade. O Juiz criou calo nestas cousas, e pois que, sendo novas, nenhuma impressão lhe fizerão, ouve-as já sem commoção alguma. O habito huma vez contrahido, he difficil o mudal-o.

ARTIGO V.

Do Estilo da Narração.

Estilo da Narração em geral.

§. I. AInda que o que vou a dizer he tirado mais das minhas observaçoens sobre os modellos, que das regras dos Mestres: com tudo não occultarei o meu sentimento particular; e he, que de todas as partes do discurso a narração he a que se deve ornar com todas as graças e bellezas, de que for susceptivel. (*b*) Mas importa muito ver, qual he a natureza do facto, que se narra.

Estilo da Narração das causas menores considerado nas Palavras, Collocação, e Figuras.

§. II. Nas causas menores pois (quais são de ordinario

(*a*) Esta he a da Verrina I. cap. 30. v. Exemp. XLII.

(*b*) As razoens deste seu sentimento se podem ver no fim do §. Note-se porém que diz: *com todas as graças, e bellezas, de que for susceptivel.* (Qua potest) Porque nem toda a casta de ornatos terão lugar na narração, mas só aquelles, que poderem conduzir mais para a sua clareza, brevidade, e para insinuar suavemente os factos nos espiritos dos ouvintes, como são as *Enargueias*, as Figuras, Apostrophes, Prosopopeias, Admiraçoens, Suspensoens etc. e os mais ornatos que Quint. indica logo §. II.

as particulares) (*a*) seja este ornato parco, e, para assim dizer, justo á cousa (*b*). Nas *palavras*, haja aqui grande cuidado e escolha. Pois que nos lugares communs a impetuosidade mesma da oração as desculpa, e ficão encobertas entre os ornatos ricos, e abundantes de que estão cercadas. Aqui porém sobresahem, e assim, para me servir da expressão de Zenão, deverão ser *tintas em senso* (*c*).

A *Collocação* deverá sim ser disfarçada, mas com tudo a mais suave, que for possivel (*d*).

(*a*) Chamavão *Causas Particulares* entre os Romanos todas aquellas, que pertencião ao estado particular de cada Cidadão, nas quaes só tinha acção a parte interessada. Os Juizes destas erão de ordinario os Centumviros e se tratavão nas Basilicas. As *Publicas* chamavão-se assim porque pertencião ao estado, e tranquillidade da Republica. Ellas erão ordinariamente Criminaes, assim como as particulares, Civis. Qualquer do povo podia ser parte nellas. Os seus Juizes erão tirados por sorte entre os Senadores, Cavalleiros Romanos, e Tribunos do Erario prezididos pelo Pretor. O lugar do Tribunal era na Praça de Roma. As Causas Particulares chamão-se Menores, *Parvae*, relativamente as Publicas chamadas *Majores*.

(*b*) Metaphora tirada dos vestidos talhados, e feitos á medida do corpo. Assim he o ornato relativamente á materia. Admiravelmente se illustra este lugar combinado com estoutro do mesmo Quint. VI. 1. 36. *Nam in parvis quidem litibus has tragaedias movere tale est, quale si personam Herculis et cothurnos aptare infantibus velis. Aptare* he o mesmo que *adplicare*. V. logo §. 3.

(*c*) Esta expressão de Zenão, que não temos no original, e que Quint. traduz *sensu tincta*, he metaphorica, e muito expressiva, tirada da pena que se molha na tinta para escrever as palavras. *Molhar* a pena na *Razão*, no *Senso*, no *Espirito* em lugar de *na tinta* he huma metaphora talvez hum pouco atrevida, porem linda e energica para significar, que as palavras são escriptas mais com a tintura do espirito, isto he, mais cheias de sentido e significantes, do que com a tinta material. Talvez Zenão fallasse das palavras não pronunciadas, mas escritas, nas quaes quadra melhor esta expressão. Ao menos nós temos nos Antigos alguma cousa similhante. S. Isidor. orig. II, 27. diz: *Aristoteles, quando* περὶ ἑρμηνείας *scriptitabat*, *calamum in mente tingebat*, e Suidas fallando do mesmo Aristoteles diz, era o escritor da Natureza, que molhava a pena no espirito, τὸν κάλαμον ἀποβρέχων εἰς νοῦν.

(*d*) Evitando as palavras asperas, os concursos de consoantes rudas, os hiatos, e empregando péz, sim numerosos, porém ao mesmo tempo occultando-os *Nonnumquam*, diz Quint. IX. 4.

As *Figuras*, he verdade, não deverão ser, nem Poeticas, (*a*) introduzidas por authoridade dos antigos contra o uso da lingua geralmente recebido, nem tão pouco daquellas, que jogando com as palavras fazem que as oraçoens vão como medidas ao campasso, e acabem, ou nos mesmos consoantes, ou em casos similhantes, mas sim as que são capazes de fazer o discurso desenfastiado pela variedade, que no mesmo introduzem, e de entreter os espiritos com as differentes prospectivas da oração. (*b*)

Com effeito a narração não he susceptivel de outros enfeites, e assim, se se não fizer attender por meio destas bellezas, necessariamente ha de cahir em desprezo. O Juiz por outra parte em lugar nenhum da oração está mais attento do que neste. Por isso nada, que seja bem dito, fica perdido. Alem de que não sei que encanto tem comsigo as cousas que agradão, que tambem se insinuão, e acreditão mais; e o prazer he de ordinario o conductor da persuasão. (*c*)

21, *in causis quoque minoribus decet eadem simplicitas, quae non illis, sed aliis utitur numeris, dissimulatque eos, et tantum communit occultius.* V. este lugar.

(*a*) Taes são as *Enallages*, ou trocas de hum modo, tempo, caso, numero, genero por outro. V. Quint. IX. 3. 6. Estas figuras são *contra fidem loquendi auctoritate veterum receptae*, contra o uso da lingua recebido, no qual sentido disse tambem Horac. Poet. v. 52.

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem.

Julguei pois que esta lição de varios Codices, que se podem ver em Burmano, he a verdadeira, e preferivel á que adoptou Gesnero na sua edição, lendo *finem* em lugar de *fidem*.

(*b*) Taes como as que presentão as figuras, que dissemos no fim do §. 1.

(*c*) Todo este encanto, e segredo não consiste em outra cousa mais que na *Associação das idéas*, lei da nossa Imaginação, occasionada pelo mechanismo do Cerebro, ligação e dependencia mutua das suas fibras, e consequentemente de seus movimentos. Presenta-se-nos hum objecto? Todas as sensaçoens, e idéas accessorias, que com elle nos entrão ao mesmo tempo no orgão commum do sentimento, ou seja pelo mesmo sentido, ou por differentes, se ligão, e identificão de tal sorte, para assim dizer, com a sensação do objecto particular e entre si, que parecem ser a mesma cousa, e he necessario todo o esforço da attenção

Estilo da narração nas Causas Maiores.

§. III. Quando a causa porém for *maior*, então poderemos narrar os casos atrozes com hum estilo ardente, e proprio a excitar o odio contra estas acçoens; e os casos lastimosos de hum modo tocante e capaz de mover a compaixão. (*a*) Estes affectos porém não se deveráõ esgotar de todo. Basta lançar delles aqui as primeiras linhas, de sorte que por este bosquejo se veja qual será a imagem perfeita e acabada, que dos mesmos havemos de formar na Peroração.

Eu mesmo não dissuadiria intrometter nestas narraçoens algum dito sentencioso, para renovar a attenção cançada dos Juizes, sendo elle curto, e simples, como este: *Obrárão os servos de Milão aquillo, que cada hum quereria que os seus obrassem em similhante caso.* (*b*) Outras vezes poderá esta sentença ser mais ornada, como: *Caza-se a Sogra com o Genro*,

---

para abstrahir, e separar estas idêas simultaneas humas das outras.

Se a Imaginação pois associa, e liga estas idêas; tendo ella tanta influencia, como tem, nos nossos juizos, que decide de quasi tudo no mundo, bem se deixa ver, que a associação das idêas agradaveis, e apraziveis tambem ha de influir necessariamente nos nossos juizos sobre a verdade, justiça, utilidade, e importancia de qualquer proposição pratica.

A arte pois do Pintor, do Poeta, e do Orador consiste quasi toda em fazer acompanhar os objectos de que querem entreter, ou persuadir os homens, com aquellas idêas sensiveis, que, em attenção ao genio, costumes, opinioens, e conhecimentos dos ouvintes e espectadores, sabemos são as mais proprias a tocal-os, e movel-os. O deleite neste caso he hum conductor seguro da persuasão.

(*a*) V. assima Art. III. §. I. e IV.

(*b*) O *Euphemismo*, com que hum Orador delicado por meio de periphrases involve habilmente huma idêa, que sendo dita simplesmente excitaria talvez no espirito das pessoas, a quem se falla, huma imagem, ou sentimentos pouco agradaveis; este Euphemismo, digo, faz aqui toda a delicadeza deste pensamento. Cicero guarda-se de dizer que os servos de Milão *matarão* a Clodio. Esta idêa nua escandalisaria. O Orador a propoem por hum modo muito modesto, temperando-a com hum sentimento, que he da approvação de todos: *quod suos quisque servos in re tali facere voluisset.*

sem auspicios, sem approvação dos parentes; antes com funestos agouros de todos... (a)

Cautela, que deve haver nos ornatos da Narração.

§. IV. Nem deixarei de dizer quanto influe na verisimilhança da Narração a *Authoridade* de quem narra, a qual deveremos merecer primeiro de tudo com a nossa vida, e depois com a dignidade do mesmo discurso, que quanto mais grave e incorrupto for, tanto mais pezo dará ao testemunho do Orador (b). Pelo que nesta parte especialmente se deve evitar toda a suspeita de ardileza. Porque em nenhum lugar está o juiz mais á lerta do que neste. Nada pois haja nella que dê a entender fingimento, ou premeditação. Tudo pareça nascido mais da causa, que do orador. Mas isto he o que nós não podemos acabar com nosco. Julgamos que não ha

(a) Em que estão aqui os ornatos? Nas repetiçoens, *nullis, nullis*, e nas antitheses *genero socrus*, e *nullis auspiciis, nullis auctoribus*, a que se contrapoem *funestis ominibus omnium.*

(b) Por isso Aristoteles Rhet. Lib. 3. c. 16. *quer que a Narração seja morata. Ora*, diz elle, *a narração será morata se soubermos que cousas conduzem para isto. A primeira cousa pois, que conduz, he tudo o que dá a conhecer em cada hum a intenção que tem. Pois qual for esta intenção, taes serão os costumes, e qual for o fim que nos propozermos nas nossas acçoens, tal será a nossa intenção. Porisso os discursos Mathematicos não são moratos, porque não tem intenção, carecendo, como carecem, de fim moral. Pelo contrario os Socraticos sim, porque tratão destas cousas.*

Em segundo lugar fazem a narração morata os accessorios de cada costume, ou inclinação, como: Dizendo isto, hia andando. *Esta circunstancia mostra braveza, e rusticidade de costumes.*

Tambem o fallar não de modo que mostremos reflexão, e raciocinio, como agora fazem, mas inclinação, como: Eu escolheria este partido pelo melhor, ainda que não fosse o mais util. *Porque o escolher o bom he de hum homem de bem, e escolher o que he util he de quem reflecte. Porque de quem discorre, he seguir o partido util, e do homem bom o partido honesto. Se porém a nossa inclinação parecer incrivel, neste caso poderemos accrescentar a razão, como Sophocles faz dar a Antigona a razão, porque amava mais seu irmão que seu marido, e filhos.* Porque *diz ella*, estes podem-se reparar, os irmãos não depois dos pais fallecidos. *Se não tiveres razão que dar, dirás*, que bem sabes, que a cousa he incrivel, mas que é assim por natureza. *Porque os homens não acreditão que qualquer de vontade faça huma acção, em que não tem utilidade.* Até aqui Aristoteles.

arte, onde ella se não deixa ver; quando pelo contrario o deixa de ser, quando apparece. Estamos com o fito no louvor, e nelle fazemos consistir todo o fructo do nosso trabalho. Deste modo, naquillo mesmo, de que fazemos ostentação aos circunstantes, nos entregamos aos Juizes. . . .

CAPITULO III.

Da Proposição.

(L. IV. C. IV.)

Duas especies de Proposiçoens; huma Particular, *outra* Geral.

§. I. HA authores, que poem a *Proposição* depois da narração, como huma parte principal da oração Judicial, á qual opinião já respondemos. (*a*) Quanto a mim a proposição he sempre o principio da prova, e serve não só para dar a conhecer *o ponto principal*, mas ainda o *objecto particular de cada huma das argumentaçoens*, especialmente Epicheiremas: (*b*) Aqui fallamos só da Proposição Geral.

A Geral, *quando será desnecessaria.*

§. II. Esta nem sempre he necessaria. Porque ás

(*a*) V. Liv. I. Cap. XVI. §. 2. e notas.

(*b*) Adiante Cap. X. Art. II. §. 2. veremos que Quint. dá ao Epicheirema tres proposiçoens indispensaveis, que pela ordem, que elle julga a mais natural, são a Proposição, que se ha de provar a que elle chama *Intenção*, a com que se prova chamada *Assumpção*, e em fim a Proposição universal, na qual, como no todo, se contém as duas proposiçoens antecedentes, a que por isso o mesmo dá o nome de *Connexão*. Do que se vê que no Systema de Quint. a *Proposição*, que se deve provar, entra essencialmente na composição do Epicheirema Rhetorico, como a *Conclusão* na do Syllogismo Logico. As proposiçoens são as mesmas com a differença da ordem, que no Epicheirema he a natural, e no Syllogismo a inversa. V. as notas áquelle lugar.

vezes, sem proposição formal, se dá assás a ver pela narração mesma o ponto, sobre que se litiga; e neste caso não se precisa de proposição: principalmente quando, acabada a narração, se entra immediatamente na Prova; tanto assim, que algumas vezes se faz depois da narração huma recapitulação summaria da mesma, como nos argumentos. (*a*) *Estas cousas assim acontecerão, ó Juizes, como eu as expuz. O aggressor foi vencido, huma força cedeo á outra, ou para melhor me explicar, o atrevimento foi atterrado pelo valor.* (*b*)

Tres casos, em que a mesma se faz precisa.

§. III. Outras vezes a mesma Proposição he summamente util, 1. quando o facto não se póde negar, nem justificar, e toda a questão se reduz ao estado de Definição. (*c*) Assim defendendo nós hum homem, que furtou do templo hum dinheiro particular, faremos a Proposição deste modo: *Trata-se do crime de Sacrilegio, ó Juizes; disto só tomais conhecimento.* Para que o Juiz tenha entendido, que a sua obrigação he só examinar, se o facto accusado he ou não Sacrilegio. 2. A mesma Proposição será precisa nas *causas Escuras* e 3. nas *Complicadas.* (*d*)

(*a*) Fazemos ésta recapitulação, ou summario da narração no fim da mesma para fixar melhor na memoria do Juiz os pontos principaes, que fizerão o objecto della. Isto porém prova o que Quint. quer, que bem longe de ser necessaria nestes casos huma Proposição formal; nós nos contentamos de recapitular a narração. Ainda que similhantes recapitulaçoens se fazem mais precisas nas narraçoens extensas, como vimos Cap. II. Art. II. §. 3.; com tudo ás vezes se encontrão ainda nas breves. Esta recapitulação serve da paragem, assim para lançar os olhos para traz, como para tomar folgo, e preparar a parte seguinte.

(*b*) Cic. Pro Milone. Cap. XI.

(*c*) Os casos, em que não negamos o facto, nem o justificamos, e nos contentamos com diminuir ou mudar a pena da lei, dando á acção outra natureza, outro nome, e outra definição; são raros. Assim, para não deixar lugar a equivocaçoens, he preciso fazer ver ao Juiz em huma proposição simples, clara, e precisa o ponto, sobre que deve cahir o seu conhecimento, e juizo.

(*d*) A escuridade de huma causa nasce da multidão, e confusão das idèas. O meio pois de as aclarar he distinguir, e separar

De quantos modos he a Proposição Geral.

§. IV. Ora as Proposiçoens ou são *Simplices*, ou *Complexas.* (*a*) Estas se fazem de dous modos. Pois ou se ajuntão em huma Proposição muitos pontos de accusação differentes, como a com que Socrates foi accusado de *corromper a mocidade*, e de *introduzir novas Divindades;* (*b*) ou de muitos crimes analogos se fórma huma accusação Geral. Tal he a com que Demosthenes accusa a Eschines *de ter feito mal a embaixada :* Porque *mentio*, porque *não executou as ordens*, porque *se demorou*, e em fim porque *recebeo presentes*. . . (*c*) Se cada hum destes pontos, ou

---

toda esta massa informe em certas idèas, e pontos principaes, aos quaes como a centros communs se dirijão todas as mais. Isto he o que se consegue por meio de huma Proposição, seja simples, ou dividida, ou por hum summario claro e preciso, com que façamos o ouvinte docil, isto he, capaz de se capacitar da causa. Combine-se este lugar com os do Cap. I. Art. II. §. 2. e Art. III. §. I. e Cap. II. Art. I. §. 2. *Causas complicadas* são as que contém muitas questoens ou pontos principaes, e incidentes, como a de Murena, nas quaes a Proposição he necessaria para distinguir o principal do accessorio V. Cap. seguinte §. 1. n. 4.

(*a*) Proposiçoens *Simplices* são as que contém hum unico ponto ou questão, *Dobradas* as que contém dous, e *Multiplices* as que contém muitos. Na tradução inclui estas duas ultimas especies nas Proposiçoens complexas, como o mesmo Quint. faz no Cap. seguinte, *simplex et divisa Propositio.* Estas Proposiçoens complexas fázem-se de dois modos, como Quint. explica, e não tem differença das Partiçoens.

(*b*) He com pouca differença a mesma Proposição dividida, com que Melitão accusou a Socrates, e que de Phavorino nos conservou Laercio Lib. II. C. V. n. 20. deste modo: *Melitão, filho de outro, Pitheense, accusou a Socrates filho de Sophronismo, Alopense, dos crimes seguintes : He culpado Socrates por não ter por Deoses os que a Cidade tem, e intraduzir novas divindades. Segundo, porque corrompe a mocidade. A pena he a morte.*

(*c*) Eschines, tendo sido mandado pelos Athenienses como Legado com outros a Philippe Rey de Macedonia no anno antes de J. C. 346. portou-se muito mal nesta embaixada, e tres annos depois foi accusado por Demosthenes com a oração, que nos resta da *Embaixada mal feita*, na qual se propoem Demosthenes, não quatro cousas, como Quint. lhe faz propôr, mas cinco, que elle conta distinctamente pag. 342. n. 15. ed. Reisk, dizendo: *Se examinardes, ó Juizes, de que cousas a Cidade deve pedir conta a hum Enviado, 1. do que contou, 2. do que persuadio, 3. do que*

questoens se puzer separadamente, ajuntando-lhe logo as suas provas, quantos forem os pontos, tantas serão as Proposiçoens. Se todos elles se ajuntarem em huma ennumeração, tem então o nome de *Partição*. . . (a)

CAPITULO IV.

Da Partição.

(L. IV. C. V.)

ARTIGO I.

Quando se deverá usar de Partição. (b)

Definição, e Effeitos da Partição.

§. I. A Partição he huma *ennumeração bem ordenada dos nossos pontos, ou dos pontos do adversa-*

---

lhe ordenastes, 4. *depois disto do tempo ; 5. e sobre tudo isto se se deixou corromper ou não : tudo isto aconteceo.* E continuando a mostrar a necessidade de se inquirir sobre cada hum destes pontos, repete quasi a mesma Proposição folh. 343. n. 10. dizendo: *Se pois eu vos provar, e mostrar evidentemente que este Eschines nem contou a verdade, nem ma deixou contar ao povo; que vos acouselhou tudo o contrario a vossos interesses; que nada do que lhe ordenastes fez na sua Enviatura; que deixou perder o tempo, e as conjuncturas de maior interesse para a Cidade; e que de tudo isto recebeo peitas, e prezentes de Philocrates: condemnai-o, e dai-lhe a pena devida aos seus delictos.* A mesma divisão quasi se repete pag. 391. n. 30. Quint. incluio os dous primeiros pontos em hum só, dizendo: *Porque mentio.*

(a) A proposição póde ser simples, ou dividida. A primeira tem propriamente o nome de *Proposição*, e a segunda de *Partição*, ou *Divisão*.

(b) Quint. Cap. 14. Liv. 7. da Disposição faz com Cicero nos Topicos Cap. VI. differença da Partição á Divisão, em que aquella he do *Todo* em suas partes, e esta do *Genero* em suas *Especies*.

rio, ou de huns e outros. (*a*) Della julgão alguns que sempre se deve usar, 1. porque aclara as materias, e 2. porque faz o Juiz mais attento, e docil o saber de que tratamos agora, e de que havemos de fallar ao depois....

Casos em que não convem fazer partição.

1. *Caso. Quando com ella se tira a graça da novidade.*

§. II. Ha porém razoens, que persuadem não ser sempre util o usar de Partição. Primeiramente porque as cousas que parecem lembradas de repente, e nascidas da mesma materia ao tempo, que vamos discorrendo, tem mais galantaria do que as que vem preparadas de casa; e daqui nasce o gosto, que sentimos nestas figuras: *Quasi que me hia esquecendo. Tinha-me escapado. Lembras bem.* Ora propondo-se

---

(*a*) Ha pois tres castas de Divisoens. *Livres, Obrigadas, e Mixtas.* Quando o advogado se defende de hum crime só de varios modos; os pontos de partição são todos nossos, e era-nos livre escolher outros pontos de refutação, assim como escolhemos aquelles, como nesta divisão, de que faz menção logo Quint. §. II. n. 4. *Digo, que o réo he tal, que nelle não he crivel o homicidio. Mostrarei depois que não teve causa para matar. E emfim que ao tempo da morte estava além do mar.* Estas divisoens são *Livres*, e da escolha judiciosa do orador. Ellas tem lugar ordinariamente no Genero Demonstrativo, e no Deliberativo, quando não he contencioso, como nos Sermoens de Moral.

Quando porém os artigos de accusação são muitos, o advogado os ennumera para os refutar, e então a nossa partição he dos pontos do adversario, como a da oração *pro Muraena*, louvada por Quint. logo n. 5. Estas divisoens são *Obrigadas*, pois o defensor tem de se cingir necessariamente á refutação dos pontos do contrario. Ellas tem tambem uso nas causas Deliberativas, quando são contenciosas.

Quando em fim nós refutamos as proposiçoens do adversario e estabelecemos as nossas na mesma oração, a ennumeração he *Mixta* dos nossos pontos, e dos do adversario, como na oração *pro Archia*, e *pro Milone.* Para esta ennumeração ser bem *ordenada*, he preciso que os primeiros pontos preparem para os segundos, e estes para os terceiros. V. Quint. no Cap. da Disposição §. III. e seguintes, onde trata largamente da ordem, que entre si devem guardar estes pontos da partição.

ao principio as provas de que nos havemos de servir, tira-se-lhes toda a graça da novidade para o depois. (*a*)

2. Caso. Quando a Proposição he dura.

Outras vezes será necessario enganar utilmente o Juiz, e usar de estratagema para nos fazermos attender, fazendo-lhe pensar outro designio em nós, do que aquelle, que verdadeiramente temos. Faz-se isto preciso, quando a Proposição he dura. Se o Juiz a presente, horrorisa-se á sua vista, como o doente, que avista o ferro do Cirurgião antes da operação. Mas se sem Proposição o nosso discurso entrar pelo espirito do Juiz desprecatado, e inadvertido, conseguirá o que não poderia, fazendo proposição. (*b*)

(*a*) Quint. manifestamente falla aqui das Divisoens livres, quaes são as em que propomos ao principio as provas, ou da nossa proposição, ou as com que refutamos a do adversario. Isto porém não quer dizer que se não fação estas divisoens mentalmente, mas que não se enunciem. Nós deveremos enunciar similhantes divisoens só, quando ellas tirarem alguma difficuldade, ou quando tiverem alguma cousa de agradavel, e brilhante, ou poderem dar a conhecer o nosso bom caracter, ou o máo das partes adversas. Porém quando ellas não podem produzir estes bons effeitos, ou fazem crer que o discurso será longo; então o melhor he não as enunciar, porque vale mais que o ouvinte veja por si mesma desenvolver-se a divisão das partes, á medida que se presentarem humas depois das outras, do que propol-as todas juntas. Os antigos oradores são muito parcos nesta especie de divisoens, e Cicero para evitar todo o ar de subtileza e affectação, quando as faz, tem sempre o cuidado de attribuir a divisão á natureza da materia, que lha presenta sem a parecer procurar, ou á accusação do adversario, que o obriga a ella. Pelo contrario forão nisto muito descomedidos os Escolasticos da idade media, introduzindo em todos os discursos Ecclesiasticos estas divisoens a torto e a direito como essenciaes, e indispensaveis. V. Erasmo no seu *Ecclesiastes* L. II. p. 177., e Fenelon, *Dial. sobre a Eloq.* Dial. II. pag. 142. De 59 discursos, que nos restão de Cicero, apenas em 12 achamos estas divisoens, e ainda muitas destas são obrigadas, e tiradas da oração do adversario.

(*b*) Não se deve pois fazer a Proposição, nem Divisão clara nas causas Paradoxas V. a 2. oraç. de Cicero sobre a lei Agraria.

3. *Caso. Quando houvermos de mover as paixoens.*

Mais. Ha occasioens, em que não só se deverá fugir da partição e distincção dos pontos, mas ainda do seu exame, e discussão; quando por ex. tivermos de perturbar o ouvinte com as paixoens, e apartal-o da reflexão, e raciocinio. Pois o instruir e convencer não he a unica obrigação do orador. Onde se mostra mais a força da Eloquencia he na moção dos Affectos, á qual he inteiramente opposta esta exacta e escrupulosa anatomia das partes de hum discurso, quando com as paixoens queremos, não aclarar, mas antes aturdir a razão dos Juizes. (*a*)

4. *Caso. Quando huma resposta decisiva faz escusados os mais pontos.*

Alem disto em toda a Partição costuma haver hum ponto essencial, ouvido o qual, o Juiz se agonia com os mais, como escusados. Pelo que se tivermos muitos artigos de accusação que oppôr, ou defender, então he util, e grata a partição, para se ver por sua ordem o que havemos de dizer sobre cada ponto. Porém se com varias respostas nós defendermos hum facto, então he superflua; como se fizessemos esta partição: *Digo que este réo, que defendo, não he homem, em que pareça crivel o homicidio. Mostrarei que não teve razão alguma para fazer esta morte. Em fim provarei que ao tempo da morte se achava elle álem do mar.* Todos os pontos, que tratares antes do ultimo, necessariamente hãode parecer inuteis. Porque o Juiz dá-se pressa a ouvir o ponto decisivo, e se he hum pouco paciente, tacitamente

---

(*a*) Já Arist. Rhet. III. C. 17. tinha observado, que as paixoens, e os raciocinios se destroem mutuamente, e que assim he necessario cessar de hum meio, para empregar com felicidade o outro, e a razão está clara. Nas paixoens reinão inteiramente as idêas sensiveis, compostas e confusas. Nos raciocinios as abstractas, simplices, e distinctas. Para as primeiras basta a imaginação, para as segundas he necessaria a attenção e reflexão. O generalizar pois, e consequentemente o raciocinar, he contrario á paixão, e perturbação da alma.

está requerendo ao advogado que cumpra com a sua palavra; se está porém occupado, ou em algum cargo, ou ainda he desapropositado, a altos gritos o requer.

Por esta razão não tem faltado quem censurasse a partição de Cicero a favor de Cluencio, (a) em que promette mostrar 1. *Que ninguem já mais fôra trazido a juizo com maiores crimes e testemunhas mais authorizadas do que Opianico.* 2. *Que os mesmos Juizes, que o condemnárão, o tinhão já feito antecipadamente.* 3. *Emfim Que, seus Juizes forão solicitados para se deixarem corromper, não o forão por Cluencio, mas contra elle.* Porque, se este terceiro ponto se podesse provar, todos os antecedentes erão escusados. Pelo contrario he necessario ser, ou bem injusto, ou bem ignorante para não confessar que he optima estoutra a favor de Murena. *Entendo, ó Juizes, que tres são as partes da accusação do adversario. Que huma consiste na Censura dos costumes, e procedimento. A segunda na confrontação do merecimento, e a terceira nos crimes de soborno* (b).

5. *Caso. Quando huma parte prejudica á persuasão da outra.*

Tambem muitos duvidão deste genero de Partição: (c) *Se matei fiz bem. Mas não matei.*

(a) Pro Cluentio Cap. IV.

(b) Assim esta partição tem sido universalmente louvada por todos, e se dá como o modelo de huma perfeita partição. Della diz Erasmo no seu *Ecclesiastes*, ou *Concionator Evangelicus* Liv. II. pag. 177. da ediç. de 1535. *Nihil lucidius, nihil superfluum, universam complectitur causam. Ab adversario autem subministratur.* Sulpicio tinha seguido esta mesma partição na sua accusação, mas occultamente sem a ter ennunciado, pois que Cicero diz: *Intelligo Judices.*

(c) Esta casta de partiçoens consta de huma, ou mais proposiçoens necessarias, e principaes, e outra accrescentada *ex abundanti*, e subsidiaria, que o Orador ajunta, e prova de superrogação, e que se lhe não podia pedir. Hermogenes de Stat. chama á primeira ἔνςασιν, e á segunda ἀντιπαράςασιν, e quer que esta como mais fraca preceda á primeira, que he mais firme; Quint. não reprova inteiramente esta ordem, com tanto 1. que a propo-

(*a*) Porque de que serve o primeiro ponto, se o segundo se provar? Hum faz mal ao outro, e quem se serve de ambos, quer que nenhum se lhe acredite. . . Melhor Cicero a favor de Milão mostra primeiro, *que Clodio fora o aggressor*, e depois accrescenta *ex abundanti: Que ainda que o não fosse, a morte de similhante homem daria gloria, e credito de homem valeroso a quem o matasse*. Com tudo eu não condemnaria inteiramente a primeira ordem. Porque alguns pontos, ainda que á primeira vista pareção duros, servem com tudo a abrandar a aspereza dos seguintes, nem sem razão se diz vulgarmente. *Que se deve pedir o injusto para conseguir o que he justo*. . .

Partiçoens oportunas, e suas utilidades.

§. III. Mas assim como nem sempre he necessaria a Partição, antes prejudicial em alguns casos: assim empregada oportunamente communica ao discurso muita *luz*, e *deleite*. Porque não só faz com que sejão mais claras as cousas, que dizemos, tirando as idêas do chaos, e confusão, em que se achavão, e pondo-as á vista dos Juizes: mas com o termo marcado de cada parte refaz tambem o ouvinte; bem como as milhas marcadas de espaço em espaço nas

---

sição subsidiaria não seja de difficil prova. 2. Que hindo primeiro prepare, e ajude a persuadir o segundo ponto. 3. Que, se o juiz dezejar anciosamente a segunda parte, promettamos satisfazêl-o. Estas proposiçoens subsidiarias, quando se poem em boa luz, fazem o ouvinte mais tratavel sobre a proposição particular, da qual he necessario fazer o seu forte, sobre tudo nos Razoados. E por esta razão talvez se poderia defender Cicero na partição que fez *pro Cluencio*, de que fallamos assima, concorrendo muito os primeiros pontos della para se acreditar o terceiro. Por ventura não era mais provavel, que o réo corrompesse os Juizes a favor de huma causa má, que o author a favor de huma boa? A regra he pois, que, usando deste genero de partição, ordenemos os pontos de modo, que os primeiros preparem para os segundos.

(*a*) Esta partição era a de Cicero na oração, que se perdeo, *pro Rabirio* réo de homicidio, de que faz menção Quint. Liv. VII. c. 1. n. 15. fragmento até agora inedito nas ediçoens de Cicero. As duas oraçoens *pro Rabirio perduellionis reo*, e *pro Rabirio reo repetundarum*, que temos, são differentes desta.

pedras (*a*) allevião muito a fadiga dos viajantes. Na verdade he hum gosto ver a medida do trabalho, que já passámos; e saber mesmo, quanto nos resta, nos dá novos alentos para o concluir. Pois nada póde parecer longo, em que se vê hum termo fixo. Pelo que Hortencio justamente mereceo o louvor, que se lhe deu, pelas partiçoens exactas, que introduzio nos discursos Forenses. (*b*) Bem que seu methodo de contar pelos dedos os pontos da partição deu, não huma vez só, materia a Cicero para o ridiculisar com galantaria (*c*).

(*a*) Os Romanos nas estradas Reaes, chamadas *Vias Militares*, que mandavão fazer assim em Italia, como nas Provincias, costumavão pôr de mil em mil passos pedras roliças á maneira de columnas, em que gravavão o numero das milhas até ali contadas desde a cidade ou povoação consideravel, donde a via começava, v. g. A BRACARA M. P. XVIIII. Destas pedras ainda nos restão muitas das vias Militares dos Romanos em Portugal. No mesmo sentido de Quint. diz Rutilio no Itinerario L. II.

Intervalla viae fessis praestare videtur

Qui notat inscriptus millia crebra, lapsis.

(*b*) Cicero De Clar. Orat. c. 88. diz, que Hortencio fôra o primeiro dos Romanos, que introduzio nos Discursos Forenses as *Divisoens*, e *Recapitulaçoens* marcadas. *Attuleratque*, diz elle, *minime vulgare genus dicendi: duas quidem res, quas nemo alius, Partitiones, quibus de rebus dicturus esset, et Collectiones, memor, et quae essent dicta contra, quaeque ipse dixisset.*

(*c*) Escarneceo da affectação de Hortensio por fazer divisoens miudas, que não erão necessarias, nem nascidas da causa, na oração *pro Quintio* C. X. dizendo: *Faciam quod te saepe facere animadverti, Hortensi. Totam caussae meae dictionem certas in partes dividam. Tu id semper facis, quia semper potes. Ego in hac causa faciam, propterea quod in hac video posse facere. Quod tibi natura dat, ut semper possis, id mihi causa dat, ut hodie possim.* E na *Divinação* contra Verres Cap. XIV. escarnece de Hortensio patrono por fazer estas divisoens pelos dedos: *Quid?* (diz elle, apostrophando Cecilio) *cum accusationis tuae membra dividere caeperit, et in digitis suis singulas causae partes constituere? (Pôr sôbre as pontas dos dedos todas as partes da causa)* he dito com galantaria, e pico.

ARTIGO II.

Como se devem fazer as Partiçoens.

1. Regra da Partição. Não ter demasiados membros.

§. I. COm effeito no Gesto deve haver modo, e he preciso evitar com muito cuidado as partiçoens, demasiadamente miudas, e *nodosas*, para assim me explicar. (*a*) Porque primeiramente estas divisoenssinhas, que merecem mais o nome de bocados, que de membros, mostrão no Orador hum espirito baixo, que desce a miudezas. Em segundo lugar os que ambicionão a gloria destas partiçoens, quanto mais as multiplicão, e subtilizão, tanto mais facilmente cáem nos defeitos; já de tomarem nellas membros superfluos, (*b*) já de dividirem o que he de si indivisivel; (*c*) já de enfraquecerem a sua materia á força de a analysar; (*d*) já emfim de recahirem com as suas divisoens excessivas na mesma escuridade, para evitar a qual, as partiçoens forão inventadas. (*e*)

(*a*) No texto vem, *veluti articulosa*, no que compara as divisoens muito miudas áquelles Insectos, e Plantas, que são cheias de articulaçoens, e nós, como o Polvo, a Centopea, a Grama etc.

(*b*) Como nesta, de que logo falla Quint. Fallarei da *Virtude*, da *Justiça*, e da *Temperança*, onde Justiça, e Temperança são membros superfluos.

(*c*) Assim como a Chimica, dissolvendo, e descompondo os corpos, chega em ultima analyse ás partes indissoluveis, e indivisiveis: assim o espirito, abstraindo, e classificando, chega por fim ás idêas simplices; por exemplo, á unidade, e querer subdividir estas he hum trabalho louco, e inutil.

(*d*) Já vimos neste Cap. Art. I. §. II. n. 3. que o espirito de Analyse, e discussão he contrario ao sentimento, e á moção das paixoens. Horacio disse bem na Poet. v. 26.

. . . Sectantem levia nervi
Deficiunt, animique. . .

Os discursos subtis pois, e escholasticos são desprovidos de sentimentos, e por isso secos, frouxos, e attenuados.

(*e*) Porque razão as divisoens, e analyses, dando clareza ás idêas, quando se multiplicão, as perturbão, e escurecem? As divisoens, e as classes forão introduzidas para subsidio, e alivio

2. Regra. *Nem tambem menos dos que são precisos.*

§. II. (Com tudo nem por isso approvaria o sentimento dos que prohibem extender as partiçoens álem de tres pontos. Porque, ainda que he certo que, se a divisão for de demasiadas partes, escapará da memoria do Juiz, e perturbará a attenção: Com tudo não he justo obrigal-a a este numero como a huma lei inviolavel, podendo a causa exigir mais partes do que estas. (*a*))

3. Regra. *Que seja Clara.*

§. III. A Proposição, ou seja simples, ou dividida, (*b*) deve ser *clara*, e *distincta*. Porque seria cousa muito feia ser escuro aquillo mesmo, que não tem outro fim senão o de fazer com que as outras cousas não sejão escuras?

4. Regra. *Que seja Breve.*

§. IV. Alem disso deve ser *Breve*, isto he, feita de modo, que não vá carregada de palavra alguma

---

da memoria. As noçoens geraes são como humas idêas summarias, em que reunimos huma infinidade de individuos. Ora se nós quizessemos hir sempre de subdivisão em subdivisão, chegariamos emfim a distinguir tantas classes, quantos os individuos, e recahiriamos então na mesma difficuldade de as não poder comprehender pela sua multidão, e variedade, como succede nos objectos singulares. As partiçoens pois, e analyses devem ter seu termo, e bem disse Seneca Ep. 89. *Simile confuso est, quidquid usque ad pulverem sectum est.*

(*a*) Este §. foi transposto do n. 3. deste cap. para aqui. Cornificio Rhet. ad Heren. I. C. X. he da opinião das tres partes. *Ennumeratione utemur*, diz elle, *cum dicemus numero, quot de rebus dicturi sumus. Eam plus quam trium partium numero esse non oportet. Nam, et periculosum est, ne quando plus, minusve dicamus, et suspicionem affert auditori meditationis, et artificii.*

(*b*) Estas duas regras da *Clareza*, e da *Brevidade* são commuas assim á Proposição dividida, isto he, *Partição*, como á *Proposição simples;* que por isso Quint. diz: *Simplex, et divisa propositio.* Porém por ellas serem commuas não se segue que Quint. incluisse na Partição, como em genero, a Proposição, e Divisão, como Gesnero quer a este lugar.

superflua. (*a*) Pois nella não tratamos a materia; mas só indicamos a de que havemos de tratar.

5. Regra. *Que seja Exacta.*

§. V. Tambem devemos cuidar em que a mesma seja *Exacta*, para que nem falte membro algum, nem lhe sobeje. Ora sobeja de ordinario, quando, ou dividimos em especies o que bastava dividir em generos, (*b*) ou quando posto o genero, ajuntamos tambem a especie, como v. g. *Fallarei da Virtude, da Justiça, e da Temperança*, sendo a Justiça, e a Temperança especies de virtude. . .

CAPITULO V.

Dos Meios Logicos de persuadir em geral, e da Prova Inartificial em particular.

(Liv. V. C. I.)

Divisão Geral das Provas, ou Meios Logicos de Persuadir.

§. I. TEm merecido a approvação universal aquella divisão mais geral das provas, de que Aristo-

---

(*a*) Assim como o susurro perturba a attenção: assim os vocabulos superfluos embaração com o seu som vão a intelligencia dos termos significantes, e precisos. Horacio disse bem. Sat. I. 10.

Est brevitate opus, ut currat sententia, neu se
Impediat, lassas verbis verberantibus aures.

(*b*) Como por exemplo se se dividisse a Rhetorica em os tres generos de causas, em os tres meios de persuadir, e em Elocução, e Disposição. Podendo-se reduzir toda a arte, e estas tres partes capitaes *Pensamentos Oratorios*, *Ordem*, e *Expressão.* Nesta ultima regra pois inclue Quint. duas, que os AA. dão da partição: a 1. que não tenha mais partes, nem menos do que he necessario para igualar o todo. 2. Que huma parte não inclua a outra. Esta regra he para as divisoens livres, e não para as obrigadas.

teles foi o author. (*a*) Que humas erão as que o Orador recebia de fóra, independentemente da sua habilidade, e eloquencia; e outras as que elle por si mesmo tirava da causa, e em certo modo gerava, chamando por isso áquellas *Inartificiaes*, e á estas *Artificiaes*.

Especies de Provas Inartificiaes.

Á primeira Classe pertencem os *Casos Julgados*, os *Rumôres*, a *Tortura*, os *Titulos*, o *Juramento*, e as *Testemunhas*, nas quaes provas inartificiaes consiste a maior parte das Causas Forenses. Mas se estas provas, para se descobrirem, não dependem da arte, e habilidade do Orador: com tudo necessitão dos esforços os maiores da Eloquencia para se fazerem valer, ou se refutarem. Pelo que me parecem bem dignos de censura todos aquelles Authores, que excluirão toda esta classe de provas do foro da Rhetorica. . . (*b*)

I. Especie. *Casos Julgados.*

§. II. Tres especies ha de *Casos julgados*. Huns consistem em casos decididos em outro tempo pelos

---

(*a*) Arist. Rhet. Liv. I. cap. 2. A palavra πίστεις, de que elle se serve, tem mais extensão do que a Latina *Probatio*. Naquella entende Aristoteles todos os pensamentos oratorios, que servem para persuadir *ad fidem faciendam*, e por isso, dividindo-os depois em *Artificiaes*, e *Inartificiaes*, inclue na primeira classe todos os tres meios de persuadir *Logicos*, *Ethicos*, e *Patheticos*. Quint. porém debaixo do nome de *Probationes* entende só os meios logicos, para os quaes são os lugares communs assim *Extrinsecos*, como *Intrinsecos*, como se prova do Liv. V. cap. 8. n. 1. Alguns Authores de Rhetoricas sagradas, como Granada, ordenão debaixo das provas Inartificiaes o Testemunho Divino, e Humano, mettendo consequentemente no numero dellas os livros sagrados do velho, e novo Testamento, os Concilios, e as authoridades dos SS. PP., dos Theologos, e Philosophos Christãos. Mas tudo isto pertence ao terceiro ramo de Provas Artificiaes, que se tirão de fóra da causa, quaes são as Authoridades, de que fallaremos no Capitulo dos Exemplos.

(*b*) As provas Artificiaes pertencem á Rhetorica, porque se devem achar, e tratar. As Inartificiaes, porque se devem tratar. Porisso Arist. no mesmo lugar diz *que he preciso saber usar de humas, e achar outras.*

Julgadores, dos quaes por paridade de razão se argumenta para outros similhantes. (*a*) Estes verdadeiramente se devem chamar Exemplos. Como quem alegasse exemplos de testamentos feitos pelos pais a favor dos filhos, e depois anullados, ou de outros, que sendo contra elles, forão depois confirmados. (*b*)

Outros consistem nas sentenças, e juizos antecipados relativos á mesma causa, donde veio o nome Latino de *Praejudicia*, dado aos casos julgados. Taes forão os Juizos, que se dizem feitos contra Opianico, (*c*) e pelo Senado contra Milão (*d*).

Outros emfim são as sentenças já dadas na mesma causa em a primeira instancia, como succede nas causas dos Deportados, nas de Liberdade, e em muitas Centumviraes, cujo tribunal, sendo dividido em duas Relaçoens, de huma se apellava para outra. (*e*)

(*a*) Quem argumenta de hum caso julgado para outro analogo, como tambem do caso de huma ley para outro similhante chama-se a isto *Syllogismo*, cuja maior explicita, ou implicita he sempre esta: *Ubi par est ratio, ibi par est legis dispositio. Atqui casus, vel speciei, de qua quaeritur, par est ratio. Ergo etc.*

(*b*) Valerio Maximo Liv. VII. cap. 7. e 808. conta muitos exemplos destes testamentos; de huns, que, sendo feitos legitimamente, forão rescindidos, e de outros, que podendo-se rescindir, forão ratificados.

(*c*) Sassia mãi de Cluencio tinha cazado pela terceira vez com Opianico. Este, sabendo que Cluencio ainda não tinha feito testamento, e que, morrendo intestado, os bens vinhão a sua Mãi, cego de avareza determinou matal-o com veneno. Isto tinha sido já provado por duas sentenças antecedentes, huma em que Scamandro liberto de Fabricio muito amigo, e familiar de Opianico, tendo sido achado com o veneno na mão, foi condemnado: e outra em que C. Fabricio, que para dar o veneno a Cluencio tinha peitado com premios, e esperanças a Diogenes escravo de Theophanto Medico do mesmo Cluencio, e o mesmo Opianico forão condemnados. Estas duas sentenças são os casos julgados, em que Cicero se funda na Oração *pro Cluentio* Cap. XVII. para mostrar que Cluencio, cuja causa era boa, nenhuma razão tinha para corromper o tribunal de Junio, em que Opianico tinha sido condemnado. V. Exemp. XLVI.

(*d*) Na Oração *pro Milone* Cap. V. v. atraz. Cap. II. Art. I. §. IV.

(*e*) A Deportação, ou Degredo, pelo qual alguem era desterrado para certo lugar ou destricto, era hum supplicio capital, pelo qual se perdia a Cidade, e privilegios a ella annexos. Como a pena pois era grave, as causas dos Deportados se permittia

Como se ha de fazer valer, e refutar.

Fazem-se valer os *Casos Julgados* de dois modos, ou engrandecendo a *authoridade* dos Julgadores ou mostrando a *similhança* dos casos. Refutão-se porém raras vezes fallando contra os Juizes, só se nelles a a culpa he clara: Porque qualquer Juiz quer se tenha por valiosa a sentença do seu Collega, e não faz de boa vontade hum exemplo, que lhe póde talvez vir a cair em casa. O melhor pois nestas circunstancias he recorrer a alguma differença dos casos, se poder ser. Apenas ha causa em tudo similhante a outra. Mas se não tivermos este recurso, e a causa for identica, então ou accusaremos a negligencia dos Advogados, ou lastimaremos o desvalimento das pessoas, contra quem se deu a sentença, ou nos queixaremos dos empenhos, que corromperão as testemunhas: Diremos erão inimigas do réo, ou que depozerão do que não sabião, ou emfim descobriremos alguma cousa, que de novo accrescesse á causa.

Se nada disto houver, ainda podemos dizer: que quemquer se póde prevalecer de muitas cousas julgadas para proferir sentenças injustas: que Rutilio fôra condemnado, Clodio, e Catilina absolvidos. (*a*)

---

tratarem-se segunda vez, e poderem-se reformar as sentenças v. Ulpiano Lib. 48. ff. tit. 22. *De sententiam passis, et restitutis.* As *Causas liberaes* assim chamadas por nellas se conhecer do estado do réo se era livre, ou escravo, tratavão-se segunda, e terceira vez. Vencido o primeiro *assertor*, ou libertador, outro podia tomar a defeza do mesmo réo. A ley I. C. de *Assertione tollenda pr.* tirou nestas causas as segundas instancias. *Illis legibus, quae dudum at secunda, et tertia vice assertorias lites examinari praecipiebant, in posterum quiescentibus.* Em fim deste lugar de Quint., e de outro Lib. XI, 1, 78., em que chama *Centumviralia judicia duplicia*, sabemos, que os Centumviros se repartião ás vezes em dois tribunaes, cada hum dos quaes, levantada huma lança no meio em sinal de authoridade, e jurisdicção (pela qual mesmo se toma em Latim muitas vezes) conhecião da mesma causa em primeira, e segunda instancia. v. Gesnero a este lugar.

(*a*) Podem-se ver em Valerio Max. Liv. VIII. C. I. muitos exemplos destas absolviçoens, condemnaçoens iniquas. Quint. referindo os casos de Rutilio, Clodio, e Catilina, memoraveis na historia de Roma, tinha certamente em vista o lugar de Cicero contra Pizão cap. 79. que diz assim posto em linguagem:

Tambem deveremos pedir aos Juizes queirão antes examinar a causa por si mesmos, do que entregarem a sua consciencia á de outro. . .

2. Especie. *Fama.*

§. III. Quanto á *Fama* e *Rumores*, a parte, que os quer fazer valer, dá-lhe o nome de *acordo commum da Cidade*, e de *testemunho publico*; a outra o de huma *voz vaga sem author certo*, a que a malignidade deu origem, e a credulidade augmento, e a que o homem mais innocente póde estar sujeito, querendo hum inimigo difamal-o. Não faltaráõ exemplos para mostrar huma cousa, e outra.

3. Especie. *Confissão dos Réos extorquida pelos tormentos.*

§. IV. Assim como na *Tortura*, he hum lugar commum muito frequente o chamar-lhe huma das partes *necessidade de confessar a verdade*, e a outra *a causa de se dizer muitas vezes o que he falso*, fazendo a huns isto facil a paciencia, e a outros a fraqueza, necessario. (*a*)

4. Especie. *Titulos.*

§. V. Contra os *Titulos* tem-se declamado muitas

Esta sentença de condemnação, que se requer contra ti, se deu contra P. Rutilio, a quem esta Cidade teve por modelo da probidade: condemnação, em que me parece ficarão mais castigados os Juizes, e a Republica, que o mesmo Rutilio. L. Opimio tambem foi desterrado da sua patria, tendo na sua Pretura, e Consulado libertado a Republica de grandes perigos. A pena do crime, a consciencia roedora residio não tanto em quem soffreo a injuria, quanto nos que a fizerão. Pelo contrario Catilina foi absolvido duas vezes, e mandado em paz tambem estoutro, a quem tu deves a provincia, tendo manchado com o stupro os leitos sagrados da Deosa Bona. Que homem houve em huma Cidade tão grande, que o julgasse livre daquelle incesto, e não tivesse ainda por mais culpados de hum similhante crime os que assim tinhão julgado?

(*a*) Quem quizer ver este lugar contra os Tormentos bem tratado lêa o Cap. 28. da oração de Cicero *pro Sulla*, e tambem o Cap. 41. *Pro Roscio Amerino*, e o Cap. 21 e seguintes *Pro Milone.*

vezes, e se declamará. (*a*) Pois todos sabemos que elles se costumão não só refutar, mas ainda accusar... Os argumentos contra este lugar se tirão da materia: se o conteúdo no titulo he ou incrivel, ou se desfaz com outras provas tambem inartificiaes, como costuma acontecer mais frequentemente, se, por ex. se mostrar, que quem assignou, ou contra quem se assignou, a esse tempo era auzente, ou falecido; se as datas não concordão, e se as antecedencias, ou as consequencias se oppoem ao titulo. Muitas vezes a inspecção e exame ocular só descobre a falsidade.

5. Especie. *Juramento.*

§. VI. Pelo que pertence ao *Juramento*, as partes ou *offerecem* o seu, ou offerecendo-lho, *o não aceitão*, ou *exigem-no* do adversario, ou exigindo-se-lhe, este o *recusa dar.* O offerecer o seu juramento, sem o exigir da parte contraria, quazi sempre he odioso... Quem o não quizer aceitar, poderá dizer, que isto he hum partido desigual; que muitos nenhum medo tem de jurar falso, negando, como muitos Philosophos, a Providencia. Que hum homem, que se mostra prompto para jurar, sem lho requererem, nisto mesmo dá a conhecer, que quer por si só decidir a sua causa, e o pouco caso, que faz de jurar.

Aquelle porém que *exige o juramento*, parece obrar com generosidade, fazendo deste modo juiz da causa o seu mesmo adversario, e desonerando deste pezo o juiz, que antes quer comprometter nisto o Juramento de outro, que o seu. Razão, porque he mais difficultozo neste caso o recusal-o, ao menos não sendo cousa, de que he crivel elle não tivesse conhecimento. Se esta escusa não tiver lugar, não ha mais remedio se não dizer: que o que a nossa parte procura por este modo, he fazer-nos odiosos aos Juizes, e que não podendo ganhar a causa pelos meios ordinarios, o que quer he ter ao menos hum pretexto

(*b*) Veja-se como Cicero contra Verres II. Cap. 76. e seguintes discorre sobre os livros de Razão pertencentes á Companhia dos Rendeiros Publicos.

para se queixar depois. Que outro qualquer, que não fosse homem de consciencia, e honra como nós, aceitaria de boa vontade o partido, que lhe offerecião. Porém que nós antes queremos provar o que affirmamos, do que deixar em duvida se juramos falso, ou não. . .

6. Especie. *Testemunhas.*

§. VII. (V. C. VII.) O lugar porém que mais faz suar os Advogados são as *Testemunhas*. Estas, ou dão o seu depoimento por *escrito*, ou de *viva voz*.

Ellas depoem, ou por escrito estando ausente.

Os depoimentos por escrito não tem tanto que refutar. Porque se póde dizer: que as testemunhas ausentes envergonhão-se menos de jurar falso diante de poucos, que assignão (*a*) o depoimento: Que o não comparecer mesmo, dá a conhecer a sua desconfiança. Se a pessoa he tal, que se não possa reprehender, podemo-nos apegar aos assignantes, e desacredital-os. Alem disto a presumpção tacitamente clama contra estas testemunhas. Porque ninguem depõe por escrito, se não voluntariamente, e nisto mesmo dá a conhecer, que não he amigo da parte, contra quem depõe.

Com tudo nem por isso o advogado contrario deverá ceder a estas razoens, antes dirá: que não ha razão alguma para que o amigo não possa dizer a verdade a favor de outro, nem o inimigo contra o seu inimigo, se são pessoas fidedignas. Assim este lugar trata-se copiosamente por huma, e outra parte.

Ou de viva voz estando presentes. Dous modos de as refutar, ou por huma oração seguida.

Quanto ás testemunhas presentes, nestas ha mais trabalho. Assim tanto a favor dellas, como contra, se costuma disputar de dous modos: ou por meio de

---

(*a*) Os que davão o seu testemunho estando ausentes por escrito, fazião-no diante de testemunhas, que assignavão as taboas, dando fé disso.

huma oração seguida, ou por interrogatorios. Nos discursos seguidos se costuma fallar *pro*, e *contra* as testemunhas em geral por meio de hum lugar commum. . . Outras vezes se emprega o discurso contra cadahuma das testemunhas em particular, e isto se faz já ajuntando estas invectivas com a mesma defesa do réo, como vemos em muitas oraçoens, (*a*) já fazendo isto em oraçoens á parte, como Cicero praticou contra Vatinio (*b*). . .

Ou pelos Interrogatorios.

Pelo que pertence aos Patronos, a estes em parte he mais facil inquirir as testemunhas, e em parte mais difficil. Mais difficil: porque antes da causa advogada raras vezes podem saber, o que a testemunha ha de depôr. Mais facil: porque ao tempo que as reperguntão, sabem já o que ellas depozerão. Pelo que naquillo, que lhes for occulto, deveráõ inquirir, que pessoas maquinão a ruina do réo, que inimigos tem, e por que motivos, para prevenir tudo isto no seu discurso, e remedial-o antecipadamente, fazendo ver, que as testemunhas, que a parte adversa produz, são inspiradas do odio, da inveja, e corrompidas com dinheiro, ou sobornadas pela authoridade. Se o adversario não tiver sufficiente numero dellas, disto mesmo nos prevaleceremos; se tiver mais do numero necessario, diremos he conloio, e conspiração. Se produzir pessoas de baixa condição, pela sua mesma vileza as desacreditaremos; se pelo contrario forem poderosas, diremos que nos quer opprimir com a sua authoridade. Deveremos porém advertir que para desacreditar as testemunhas não valem tanto estas consideraçoens pessoaes, quanto o expôr os motivos, pelos quaes

(*a*) Veja-se como Cicero faz isto contra Verres em varios lugares, na oração a favor de Milão, e especialmente na a favor de Flacco Cap. III. onde infirma a fé e testemunho dos Gregos, e Cap. XXVII. onde o dos Asiaticos.

(*b*) Que depoz contra P. Sextio, a quem Cicero tinha defendido Contra elle fez este orador a oração, que ainda temos, a qual, como he huma peça inteira, se póde ver toda nas obras de Cicero.

querem perder o réo, os quaes são differentes segundo a qualidade da lide e do litigante.

Porque contra aquellas consideraçoens póde o Adversario responder com outros lugares communs dizendo: que se as testemunhas são poucas, he porque não procurou senão aquellas, que julgou instruidas no facto; se são pobres, e humildes, fazendo valer a sua singeleza; se são muitas, e de consideração, mais facil lhe será dar pezo ao seu testemunho, e authoridade. . . *

Ao testemunho dos homens, se alguem quizer, póde accrescentar o testemunho da Divindade dado pelas respostas, e Oraculos (*a*). . . .

CAPITULO VI.

Da Prova Artificial, e sua importancia.

(V. VIII.)

§. I. O segundo genero de provas são as Artificiaes, que consistem em certas cousas, que o orador descobre proprias para convencer.

(*a*) O testemunho da Divindade, ou he dado sobre hum facto particular, e elle mesmo por si se applica e apropria a este caso. Nesta figura, o testemunho e authoridade pertence á classe das Provas inartificiaes. Porque o Orador nenhuma parte tem, nem na sua invenção, nem na sua escolha, e applicação: Ou he geral e applicavel a muitos casos particulares, quer seja, porque foi ennunciado em termos geraes, quer porque, ainda que na sua origem fosse dado para casos singulares, o seu uso com tudo, segundo a intenção de Deos devia ser geral, e formar regra de crença e costumes em todos os casos similhantes; e então o testemunho e Authoridade Divina pertencerá ás Provas Artificiaes. Porque he necessario descobrir estas authoridades, escolhel-as, e tratal-as. Por esta razão os textos da Escritura, que constituem regra de costumes, como tambem as Sentenças dos SS. PP. pertencem ás provas artificiaes. Assim ninguem se admire de ver aqui entre as Provas inartificiaes o testemunho Divino e humano, que no Cap. IX. dos Exemplos Art. II. §. V. se contão entre as provas Extrinsecas, que fazem o terceiro ramo das Provas artificiaes.

Os Declamadores desprezavão as provas.

Muitos fugindo dos argumentos de sua natureza secos, e escabrosos, ou os tratão muito superficialmente, ou os desprezão inteiramente, para assim se poderem demorar nos *Lugares communs* (*a*) mais amenos, e apraziveis. Deste modo ao mesmo tempo, que correm apoz de hum vão louvor, perdem a causa, que he todo o fim da eloquencia: bem similhantes áquelles insensatos, de quem nos dizem os Poetas, (*b*) que engolfados no gosto de certo fructo

(*a*) Chamão-se *Lugares Communs* aquellas partes do discurso, em que o orador para confirmar, ou amplificar, ou ornar o que quer, trata hum ponto, ou materia geral; os quaes, por serem applicaveis a muitas materias e oraçoens, se chamão Communs. Cicero do Or. III. 27. distingue tres especies. *Depois disto,* diz elle, *se seguirão os lugares Communs, que ainda que se devão apropriar ás causas, e ligarem-se bem com as suas provas, comtudo, porque sobem ao universal, forão chamados lugares communs. Huns consistem em Invectivas contra os vicios e crimes v. g. contra o Peculado, Traição, Parrecidio. E contra estes lugares nada ha que oppôr. Elles só tem lugar depois do crime provado, aliás são frios e declamatorios.*

Outros servem para pedir perdão, e excitar a compaixão. Outros em fim tratão copiosamente as Theses geraes, em que se costuma disputar pro, *e* contra; *os quaes, sendo agora proprios das duas Philosophias Academica, e Peripatetica, antigamente pertencião á Eloquencia forense, que devia saber discorrer por huma e outra parte com força e arte do Dever, da Equidade, do Bom, do Merecimento, da Honra, Ignominia, Premio, Pena etc.*

(*b*) Homero Odys. IX. v. 85. seq. conta como Ulysses, aportando á terra dos Lothophagos, assim chamados, porque se sustentavão do fructo saborosissimo da planta ou arvore chamada *Lothos*, tres companheiros, que mandou explorar o paiz, ingodados com o gosto deste comer não querião voltar, e teve de os obrigar por força e prender nas náos para os desviar do perigo. Hum similhante phenomeno acontecia aos navegantes da costa do mar Thyrenno, ouvindo o canto das Sereas. V. Hom. Odys. XII. v. 37. e 155. Dellas diz Claudiano Epigr. 50.

Dulce malum pelago Siren volucresque puellae
Scyllaeos inter fremitus avidamque Carybdim
Musica saxa fretis habitabant, dulcia monstra,
Blanda pericla maris, terror quoque gratus in undis.
Delatis licet huc incumberet aura carinis,
Implessentque sinus venti de puppe ferentes,

saboroso, que havia entre os Lothophagos, e atrahidos do suave canto das Sereas preferirão este deleite á sua propria vida.

Os Lugares Communs suppoem as Provas.

Com tudo he bem certo que estes lugares communs não se empregão no discurso para outro fim senão para *auxiliarem* e *ornarem* os argumentos, servindo como de huma especie de polpa, para cobrirem os nervos das provas, em que está toda a firmeza da causa; (*a*) como quando, depois de trazermos para prova de huma acção a *ira* v. g. ou o *medo*, ou a *cubiça*, fazemos hum lugar commum, espraiando-nos em mostrar nelle, qual é a natureza, e força de cada paixão.

A Amplificação, e moção dos affectos, e o deleite mesmo suppoem primeiro as provas.

§. III. Dos mesmos lugares Communs nos servimos para *louvar*, ou *vituperar*, *amplificar*, ou *diminuir*, para fazer huma *Descripção*, (*b*) huma *Comminação*, *Queixa*, *Consolação*, ou *Exhortação*. (*c*) Porém nada

---

Figebat vox una ratem, nec tendere certum
Delectabat iter, reditus odiumque juvabat,
Nec dolor ullus erat, mortem dabat ipsa voluptas.

(*a*) Este he o 1. uso dos lugares Communs observado por Cicero, *fortificar*, *e ornar* certos argumentos, que sem elles ficarião fracos e nús. V. Cap. X. Art. I. §. III. deste Liv.

(*b*) O segundo uso dos lugares communs he para *Amplificar* e *Diminuir*. Cic. *pro Marc.*, querendo louvar a acção de Cesar, porque perdoou a Marcello, mostra, amplificando por hum lugar commum, que huma acção de clemencia he mais gloriosa que as maiores façanhas militares. Este pertence aos da terceira especie, de que Cicero falla na passagem antecedente. As Descriçoens e pinturas são tambem lugares communs, com que muitas vezes amplificamos, como a da crueldade de Verres na Verr. 7. *Ipse inflamatus scelere etc.* e a da inconstancia dos Comicios populares na de Murena, 35.

(*c*) O 3. uso he para mover as paixoens, ou abrandal-as, ao qual pertencem os da segunda especie de Cicero. Destes usamos para *Exhortar*, *Comminar*, *Queixar*, *Consolar*, *Pedir perdão*, *Lastimar etc.* Em todos estes lugares Communs deve o orador ter o cuidado 1. de os ligar de tal modo á materia, a que se appli-

disto mesmo tem lugar senão nas cousas certas, ou que como taes se reputão.

Tambem não nego, que o *Deleitar* de alguma cousa serve, e o *mover as paixoens* muito mais. Mas não é menos certo, que estas cousas então tem mais força, quando o Juiz está convencido da verdade (*a*), o que mal se póde conseguir, se não por meio dos argumentos, e das mais provas. . . .

CAPITULO VII.

Divisão Geral das Provas Artificiaes, e dos Sinaes em particular.

(V. 9.)

Tres especies de prova Artificial.

§. I. TOda a prova Artificial consta ou de *Sinaes*, ou de *Argumentos*, ou de *Exemplos*. (*b*)

cão, que pareção nascidos della. 2. Que sejão breves. 3. Que se disfarcem, e fação interessantes e sensiveis, applicando o que he commum ás pessoas e casos particulares. O que tudo Cicero executa, como diz, admiravelmente nos lugares citados, e em muitos outros.

(*a*) Mostra Quint. a necessidade, e importancia das *Provas Logicas* sobre os *Lugares Communs*, e *Meios Ethicos*, e *Patheticos*, pela razão geral de que todas estas cousas suppoem como base a verdade dos factos, a qual se deve primeiro ter provado com as provas Logicas inartificiaes, e artificiaes, sem as quaes de pouco valem. Na verdade os Lugares Communs, a Amplificação e as Paixoens mostrão *quanto* a cousa he. Ora a grandeza de huma acção suppoem a sua existencia ou sabida, ou provada. Por isso não podem ter lugar senão sobre factos, ou certos, ou que por taes se tem. Huma segunda razão he, que ninguem se deixa tocar do que não tem conhecimento. Arist. quer ainda que as Provas Logicas sejão as proprias e essenciaes á Eloquencia, e as Ethicas e Patheticas de fóra parte. Porque estas se encaminhão sómente ao juiz, e as paixoens e preocupaçoens dos homens são quem as fez necessarias; as Logicas porém vão direitamente a mostrar a verdade, e justiça da causa, e farião escusadas todas as mais, se os homens fossem como devião ser. V. Rhet. Arist. I. Cap. I. no princ.

(*b*) Divisão fundada na natureza. Pois, ou nós tiramos as

Definição, e divisão dos sinaes.

Sinal he hum *indicio*, ou *vestigio*, *por meio do qual vimos no conhecimento de outra cousa*, (a) *e que tendo a sua origem daquillo mesmo, que se procura descobrir, se faz sensivel.* (b) Dividem-se geralmente nestas duas especies. Huns que são *necessarios*, a que os Gregos chamão τεκμήρια, e outros *não necessarios*, a que os mesmos chamão σημεῖα. (c)

Sinaes necessarios.

§. II. Os primeiros são aquelles, que mostrão a

provas da nossa causa, ou de fóra della. Se da causa, ou as tiramos das idêas singulares, e sensiveis, a que chamamos *Sinaes*, ou das geraes e abstractas, as quaes formão os *Argumentos*. Nas primeiras provamos huma proposição por meio de hum principio singular, como quando mostramos que hum homem está doente, porque está palido. Nas segundas provamos huma proposição particular por hum principio geral, como quando dizemos que Milão matou justamente a Clodio, porque he licito matar quem nos ataca.

Se as provas são tiradas de fóra da causa, ellas não são taes, senão por via de comparação: e taes são os *Exemplos*, incluindo nesta palavra tudo o qne de fóra se tira para provar a causa em razão da similhança, dissimilhança, ou opposição, que tem com o que queremos provar.

(a) Para a definição do Sinal ficar mais exacta transpuz, e ajuntei aqui na traducção dous lugares do mesmo Capitulo, aindaque separados. O 1. do n. 9. *Signum vocant, ut dixi*, σημεῖον *(quanquam id quidam indicium quidam vestigium nominaverunt) per quod alia res intelligitur.* O 2. do num. 14. *Cum signum id proprie sit, quod ex eo, de quo quaeritur, natum sub oculos cadit.* Os quaes dous lugares juntos vem a formar huma boa definição do sinal, e quasi a mesma que Cic. dá De Inv. I. 30. *Signum est, quod sub sensum aliquem cadit, et quiddam significat, quod ex ipso profectum videtur.*

(b) A palavra mesma τεκμήριον quer dizer *termo;* porque o poem a toda a questão, e duvida.

(c) Os Sinaes, ou mostrão hum facto passado, ou presente, ou futuro, e assim como provão que huma cousa succedeo, succede, ou hade succeder: assim tambem podem mostrar pelo contrario que não succedeo, ou que não succede, ou que não hade succeder. Por ex. O eu estar agora em Coimbra he hum sinal de que não estou em Lisboa, de que não estive lá ha tres horas, e de que não heide estar daqui a outras tres. Os sinaes passados mostrão a cousa a *priori*, como lá dizem, os futuros a *posteriori*, e os concomitantes *ab adjunctis*.

cousa de tal sorte, que esta não póde deixar de existir: e por isso me parecem não pertencer a Eloquencia. Pois onde ha hum sinal destes, nem demanda póde haver. Ora isto succede quando, posto o sinal, huma cousa ou coexiste necessariamente, ou tem existido; ou pelo contrario não coexiste, ou não existio. Supposta pois esta connexão necessaria do sinal com a cousa, não póde haver questão alguma, se não sobre a existencia do Sinal.

Estes Sinaes podem-se considerar relativamente a todos os tempos. *Pois huma mulher, que pario, necessariamente teve trato com homem.* Este Sinal he do tempo passado. *He necessario haver ondas, quando ventos fortes cáem sobre o mar,* o que he hum sinal concomitante. Em fim *ha de morrer infallivelmente aquelle, cujo coração está ferido.* Este sinal he do futuro.

Sinaes não necessarios.

§. III. Os Sinaes *não necessarios* são aquelles, que, ainda que por si sós não são bastantes a tirar toda a duvida, com tudo juntos com outras provas tem muita força. Assim o sangue he hum sinal do homicidio. Mas porque o tal sangue pôde ter caído no vestido, ou da victima, ou do nariz: não se segue necessariamente, que, quem tem o vestido ensanguentado, commettesse huma morte. Mas, assim como por si só não he sufficiente; assim ajuntando-lhe outras provas, serve como de testemunho: Se, por ex. o *réo era inimigo do morto, se o tinha ameaçado antes, e se se achou no mesmo lugar ao tempo da morte,* o sinal junto a estas cousas faz com que pareça certo, o que, sem elle, era só huma méra suspeita... * (*a*)

(*a*) Estes sinaes pois se são graves produzem *opinião*, se leves, *suspeita*, se communs, *presumpção*, se proprios, *conjectura.*

CAPITULO VIII.

Dos Argumentos.

(V. 10.)

Argumento que cousa he, e suas especies.

§. I. PAssemos agora a tratar dos Argumentos . . . O argumento he huma *Razão*, (*a*) *que nos dá a prova, pela qual de huma verdade concluimos outra, e provamos o que he duvidoso por meio do que o não he.* O que sendo assim, segue-se que, para haver argumento em huma causa, he preciso que haja nella alguma cousa, que não necessite de prova. Pois, não havendo algum principio, ou *certo*, ou ao menos *crivel*, nenhum meio haverá, com que possamos provar o que he duvidoso. (*b*)

(*a*) Esta *Razão*, ou argumento he o que os Logicos chamão *meio termo.* Muitas cousas ha, cujas relaçoens o espirito aprehende immediatamente. Taes são as relaçoens dos sinaes com a cousa significada. *O Sol poz-se, logo he noute* são duas proposiçoens, cuja identidade por si mesma se dá a conhecer sem raciocinio. Ha porem huma infinidade de *Relaçoens* e *Opposiçoens* em todas as materias, que o Entendimento humano não póde aprehender immediatamente, porque a proporção que ha entre estas cousas e a sua capacidade he tal, que ellas por si mesmas não podem excitar a percepção das suas relaçoens e opposiçoens. Para adquirir pois esta percepção o Entendimento se vê obrigado a fixar a sua vista sobre objectos *intermedios*, que ligão estas cousas muito distantes a seu respeito para as poder comparar immediatamente. A Collecção destas idêas intermedias compõe o que os Logicos chamão *Raciocinio*, ou faculdade de raciocinar. Estas idêas medias são abstractas e Geraes a respeito das extremas, que ellas ligão. Nellas, como em o genero, incluindo-se as duas idêas, cuja relação nos he desconhecida, concluimos serem o mesmo entre si pela regra geral Logica: *Quae sunt eadem uni tertio sunt idem inter se.* Estas idêas medias abstractas e geraes pois são o que nós chamamos *Razoens* e *Argumentos*, as quaes ordinariamente indicamos com a causativa *Porque.* O sinal, e o exemplo são cousas singulares. São pois provas, mas não são razoens.

(*b*) Certamente não havendo na causa *idêas intermedias* algumas, mal podemos descobrir a verdade. Ora nestas idêas medias ou se incluem evidente e indubitavelmente as idêas extremas, ou

6 *Lugares dos Argumentos Certos.*

§. II. Ora temos por *Principios Certos* na Eloquencia 1. As cousas que percebemos pelos sentidos: como as cousas que vemos, e que ouvimos etc. Taes, por ex., são os sinaes. (*a*) 2. Aquellas cousas, em que todos universalmente assentão: como, por ex. *Que ha Divindade. Que aos Pais se deve amor e respeito.* (*b*) 3. Alem disto as cousas, que se achão estabelecidas por Lei, ou por Costume, quer universal das todas gentes, quer particular daquelle Paiz, ou Cidade, onde a causa se trata. Pois no Direito não só as Leis, mas tambem os Costumes fazem regra em muitas cousas. (*c*) 4. As cousas, em que ambas as partes litigantes mutuamente convem. (*d*) 5. O que já está provado. (*e*) 6. Em fim tudo aquillo, a que

---

só provavelmente, isto he, parece-nos, que se incluem, porém com receio do contrario. Destes dous modos, com que o espirito olha as idêas extremas incluidas no meio termo, nascem as duas especies de argumentos oratorios, que são huns *Certos*, e outros *Provaveis*, ou *Criveis*.

(*a*) Este primeiro lugar dos argumentos certos he a *Evidencia dos sentidos*, ou *Physica*, como lhe chamão os Logicos. A existencia dos sinaes prova-se por meio della.

(*b*) Este segundo lugar chama-se *Evidencia Moral*, fundada no testemunho, e consenso universal. Este constitue evidencia. Porque hum phenomeno universal, qual he o juizo uniforme de todos os homens, de todos os paizes, e de todos os seculos, não póde ter outra causa, que não seja universal para influir em todos. Ora esta causa só póde ser o Author da natureza, que por sua bondade e veracidade não póde inspirar cousas falsas. Por isso disse Cicero Tusc. I. 15. *Omnium consensus naturae vox est.*

(*c*) O Direito Civil, ou he promulgado, ou prevalece sem promulgação. Daqui a distincção de Justiniano. Inst. *De Jure Nat. Gent., et Civ.* §. 3. do Direito Civil em *Escrito* e *não Escrito*. Aquelle fórma o corpo das Leis, este o dos Costumes legitimos.

(*d*) Ou sejão verdadeiras, ou falsas. Chama-se isto argumentar *ad hominem*, isto he, servir-nos das mesmas opinioens do adversario verdadeiras, ou falsas para lhe provar o que nega. Quando o que queremos provar he falso, o argumento *ad hominem* he hum sophisma. Quando porém delle usamos em huma causa justa e verdadeira, he hum meio, que a prudencia nos subministra contra a obstinação.

(*e*) Ainda que o argumento, ou principio seja contestado,

o adversario não contradiz. Deste modo pois se formará, por ex. hum argumento: *A Republica deve ser governada pelo Philosopho, se o Mundo he regido por huma Providencia.* (*a*) De sorte que fazendo nós primeiramente certo, e incontestavel este principio: *Que o mundo he governado por huma Providencia*, se vem a concluir consequentemente, *Que a Republica deve ser governada pelos Philosophos.*

Tres especies de argumentos criveis.

§. III. O Orador porém, que houver de tratar bem os argumentos, não só deve estar munido destes principios certos: mas conhecer tambem a força, e natureza de todas as cousas, e os effeitos, que costu-

---

se eu o provo invencivelmente, depois de provado, fica hum principio certo. V. logo Cap. X. Art. I. §. I.

(*a*) Este lugar he difficultoso. Combinemos com elle outros tres parallelos do mesmo Quint. L. III. c. 5. n. 6. onde diz: *Hoc genus Cicero scientia et actione distinguit, ut sit scientiae: An providentia mundus regatur? Actionis: An accedendum ad Remp. administrandam.* V. 10. 89. *Si mundus providentia regitur, administranda est Resp.* XII, 2. 21: *Si regitur providentia mundus, administrandas certe bonis viris erit Resp. Si divina nostris animis origo, tendendum ad virtutem.* E todos estes lugares combinados entre si, e com os de Cicero Topic. 21., e Offic. I, 20 se vê, que a questão era precisamente: Se o Sabio, ou o Philosopho (que vale o mesmo) devia metter-se no Governo Publico? Esta questão foi celebre, e agitada de parte a parte entre os Philosophos. Socrates, Platão, Aristoteles, e Epicuro com toda a sua escola affirmavão que não. As suas razoens podem-se ver em Cicero de Off. no lugar citado. Os Stoicos porém dizião que sim, e provavão-no deste modo segundo os seus principios.

Deos, a suprema Razão he a alma informante do mundo, que por sua natureza he summamente sabio. Cic. de Nat. Deor. II. 13.

Os homens quanto ao corpo são huma particula da materia mundana, e quanto ao espirito huma porção da Divindade.

Os Sabios, e felizes são aquelles, que vivem conformemente á natureza, isto he, a Deos e Razão Divina.

Ora se o mundo he regido por Providencia, isto he, por Deos: O Sabio, que he o que se conforma a elle, deve tambem governar a Republica. Tal era o raciocinio dos Stoicos. Os principios erão falsos, a consequencia verdadeira. Os Epicureos negavão a Providencia. Os Stoicos defendião-na. V. Quint. V. 7. 35. Da decisão pois deste ponto dependia a do outro, que por isso diz Quint. *Si liquebit.*

mão de ordinario produzir. (*a*) Pois daqui he que nascem os argumentos *Criveis*. Destes ha tres generos. Hum *Probabilissimo*, que he aquelle, que quasi sempre succede, como por exemp.: *serem os filhos amados por seus pais*. Outro *Mais provavel*, do que o seu contrario. Assim he mais provavel, que, quem hoje está de saude, chegue ao dia de amanhã. E o terceiro finalmente he aquelle, que hé meramente *Possivel*: como por exemp.: *que hum furto feito em huma casa podesse ser feito por alguem della*. (*b*)

(*a*) Quer dizer, que para achar, e tratar este genero de argumentos he necessario ter conhecimento do mundo. Do *mundo*, digo, assim *Physico*, como *Moral*. He necessario conhecer as causas naturaes, e observar seus phenomenos ordinarios, e daqui nasce o *Crivel physico*. Assim he crivel que, quem hoje está de saude, chegue ao dia de amanhã. Não he crível, que o fraco vença o forte; etc. He necessario álem disso conhecer as causas moraes das accoens, isto he, os *Sentimentos*, as *Inclinaçoens*, e as *Paixoens*, em huma palavra, o coração do homem, e que effeitos estas Paixoens, e Inclinaçoens costumão de ordinario produzir. Na contingencia destes effeitos, o crivel he o mais provavel, e o mais provavel he o que nas acçoens da vida costuma acontecer mais vezes, que o seu contrario.

(*b*) O total pois das probabilidades, constituindo aquillo, a que chamamos *certeza*; tanto huma cousa será mais provavel, quanto, passando do meio, se avizinhar mais ao total. Ponhamos pois que o *total* são 100. Se huma cousa costuma acontecer tantas vezes como o seu contrario, será como 50. para 50., isto he, nem mais, nem menos provavel, e assim meramente *possivel*. Quint. faz deste o infimo gráo dos criveis. Com tudo, a fallar exactamente, o possivel, em quanto possivel, não he crivel. Quint. *supra* cap. 8. no fim tinha feito melhor em distinguir as provas em *Necessarias*, *Criveis*, e *Não repugnantes*. Na verdade no calculo das probabilidades 50. para 50. he meramente *possivel*. 100. para 0. he *certo*, e tudo o que vai para cima de 50. até 99. he *crivel*.

O que acontece pois mais vezes que o seu contrario, posto que este succeda tambem frequentemente, he crivel do segundo genero, isto he, mais provavel, e tanto mais ou menos o será, quanto mais ou menos se chegar ao *Probabilissimo*, que he aquelle que toca quasi no total das probabilidades, isto he, na certeza, a que Quint. chama *Firmissimo (quod fere evenit)* Taes são os factos que nascem das inclinaçoens, e paixoens dos homens, não adquiridas, mas que jogão com a machina, e seus differentes estados. Assim he crivel o mais forte; *que os pais amem a seus filhos, que as crianças sejão inconstantes, os moços amigos do prazer e divertimentos, os velhos miseraveis e rabujentos*.

Como Aristoteles tratou destes argumentos.

§. IV. Por isso Aristoteles no livro segundo da sua Rhetorica (*a*) tratou miuda, e exactamente das cousas, que de ordinario andão ligadas a outras, e a certas pessoas; e das sympathias, e antipathias, que a mesma natureza pôz entre certos objectos, e entre certos individuos. Quaes são, por exemp. os costumes dos *Ricos*, *dos Ambiciosos*, *e dos Supersticiosos:* Quaes as inclinaçoens, e paixoens dos *homens de bem*, *dos máos*, *dos soldados*, *dos paizanos etc. Que meios de ordinario se poem em uso para procurar, ou evitar o que se olha como hum bem, ou como hum mal.*

Razoens, porque Quint. não trata delles.

Eu não entrarei nesta individuação; assim por isto ser huma obra não só longa, porém ainda impossivel, e, para melhor dizer, infinita: mas tambem porque qualquer por si poderá fazer estas observa-

(*a*) Arist. no Liv. II. da sua Rhet. trata extensamente dos *Costumes*, e *Paixoens*, examinando miudamente qual he a natureza do homem em seus differentes estados de *Idade*, *Condição*, *Profissão*, e *Fortuna*, qual de cada paixão e inclinação, e seus effeitos. Huma cousa e outra, não ha duvida, conduz muito para tratar os argumentos criveis. Com tudo este não foi o fim de Arist. como Quint. lhe parece dar com a causal *Ideoque*. Em hum similhante erro cahio tambem Malebranche *Recherche de la verité*, dizendo que Aristoteles se propozera dar os caracteres, e pinturas dos costumes. Hum e outro pois forão justamente censurados, aquelle por Vossio Inst. Orat. Liv. II. c. 14. n. 12., e este por Gibert. *Jugem. des Scavans* tom. 1. *Aristotele*. Para nos convencermos do erro de hum, e outro, basta o lugar de Arist. Liv. III. cap. 17. em que diz, que quando empregarmos os *Costumes*, ou *Meios Ethicos*, nunca usaremos de Enthymemas: porque a convicção não tem costumes; no que não só distingue os argumentos criveis das provas Ethicas, e costumes; mas oppõe humas ás outras.

Arist. II. 13. assaz deu a conhecer o fim, que se propoz neste tratado, dizendo: *Por quanto todos gostão daquelles discursos, que sentem conformes aos seus costumes; bem se deixa ver de que meios nos devemos servir para parecermos taes, quaes vimos de dizer, e fazer que o nosso discurso tenha o mesmo caracter*, v. tambem Cap. 18. e Liv. I. c. 8, e Ricobon. ao Cap. 12. e seguintes do Liv. II.

çoens. Se alguem porém dezejar tudo isto, eu lhe mostrei aonde o póde hir procurar. (*a*)

Lugares dos Argumentos que são? e quantos?

§. V. Vejamos agora quaes são os *Lugares, donde se tirão os argumentos*. . . (*b*) Chamo *Lugares* a estas moradas, onde os argumentos rezidem escondidos, e donde se devem tirar. Porque assim como nem tudo se cria em toda a terra. . . Assim nem todo o argumento vem de todos os lugares, e por isso tambem não se devem hir procurar em todos elles. Alem de que, quando huma cousa se não busca com methodo, necessariamente se hade vagar muito; e ainda assim, depois de grande trabalho, só por acaso a poderemos descobrir. Mas se soubermos em que sitio cada argumento nasce, chegando ao lugar, facilmente daremos com a vista no que nelle ha. . . . * (*c*)

(*a*) Com tudo Quint nos faria hum prezente mais estimavel, se em lugar do enfadonho, e inutil tratado dos lugares dos argumentos, em que vai a entrar, nos désse a doutrina de Arist. sobre os dous grandes meios da persuasão *Costumes*, e *Paixoens*. Como porém a omittio, não se póde assaz recommendar a lição desta materia em Arist., que he a cousa melhor da sua Rhetorica.

(*b*) Esta he a *Topica*, isto he, a *Arte* de descobrir os argumentos por meio de certos lugares communs, onde se achão, tão celebre na antiguidade. Aristoteles foi o primeiro de que temos noticia, que escreveo della 8. livros chamados *Topicos*, e na sua Rhetorica. Cicero substanciou a sua doutrina nos *Topicos* dirigidos ao Jurisconsulto Trebacio, explicados depois por Victorino, e Boetio com largos Commentarios. Quint. tambem se dilata bastantemente nestes lugares communs. Os Modernos requintárão sobre os antigos até o ponto de fazer hum mysterio da cousa a mais simples. Raymundo Lullo entre outros, e Ramos tentárão resuscitar a arte dos Sophistas, prescrevendo fórmulas dos lugares communs capazes, segundo dizião, de pôr em pouco tempo os ignorantes em termos de discorrer de repente sobre qualquer materia. Desde os fins do seculo passado contra este perjuizo da authoridade, e impostura litteraria levantárão a voz o Author da *Arte de pensar*. Part. III. cap. 17. o P. Lamy do Oratorio. *Arte de fallar* Liv. V. c. 3. Mota Vayer *Rhetorica do Principe*. vol. 6. p. 164. e finalmente Gibert *Rhetorica* Lib. I. c. 2 Art. 4., e mostrando este methodo enfadonho, insufficiente, e pernicioso, de tal sorte o desacreditárão, que agora passa entre os criticos por cousa indubitavel esta verdade. Nós veremos logo algumas das razoens, em que se fundárão.

(c) Tirando o véo a todo este mysterio da Topica, e redu-

Por tanto para resumirmos em breve todos estes Lugares dos argumentos, tirão-se estes das *Pessoas*, (a) das *Causas*, dos *Lugares*, do *Tempo* (do qual fizemos tres partes, passado, presente, e futuro) das *Commodidades*, (nas quaes incluimos o Instrumento) do *Modo*, (b) da *Definição*, do *Genero*, da *Especie*, das *Differenças*, das *Propriedades*, da *Ennumeração*, e *Remoção das partes de hum todo*, do *Principio*, *Meio*, e *Fim de qualquer cousa*, dos *Similhantes*, dos *Dissimilhantes*, dos *Repugnantes*, e *Contrarios*, dos *Consequentes*, dos *Adjunctos*, das *Causas*, dos *Effeitos*, *ou necessarios*, *ou contingentes*, dos *Termos Dirivados*, e emfim da *Comparação*, que tem varias especies. . . .

O methodo dos lugares he embaraçoso.

§. VI. Estes quasi são os lugares communs dos argumentos, que os Rhetoricos nos ensinão. Ora assim como o apontal-os em geral não he bastante, pois que de cadahum delles nasce hum numero immenso de argumentos: assim o individuar até a ultima ana-

---

zindo a cousa ás idêas simplices, e distinctas, os lugares communs não são outra cousa, se não huns nomes geraes, e communs, debaixo dos quaes classificamos todos os argumentos, como debaixo do nome *animal*, e *vivente* arranjamos varias especies de individuos. Assim como pois sabendo estes nomes, nem por isso estamos mais adiantados no conhecimento destes individuos; assim succede o mesmo a quem tiver de cór a nomenclatura dos lugares communs.

(a) Este lugar commum da *Pessoa* contém segundo Quint. 14. lugares subalternos, a saber *Geração*, *Nação*, *Patria*, *Sexo*, *Idade*, *Educação*, *Figura*, *Fortuna*, *Condição*, *Genio*, *Trato*, *Applicações*, *Paixoens*, *Accoens*, e *Palavras*.

(b) Assim como ha duas especies de Questoens, Hypothese, e These; assim ha duas especies de lugares, huns tirados das circunstancias do facto para prova da hypothese, das quaes Quint conta 6. incluidas tambem neste verso

Quis? quid? ubi? quibus auxiliis? cur? quomodo? quando?

Outros chamados lugares communs Intrinsecos, donde se tirão os argumentos para a These. Quint faz aqui 17, as Rhetoricas vulgares porém contão de ordinario 16. a saber: *Definição*, *Ennumeração*, *Etymologia*, *Termos Derivados*, *Genero*, *Especie*, *Similhança*, *Dissimilhança*, *Comparação*, *Contrarios*, *Repugnantes*, *Adjunctos*, *Antecedentes*, *Consequentes*, *Causas*, e *Effeitos*.

..

lyse cada especie de argumento he impossivel. Os que o pertenderão fazer cahirão em dous inconvenientes, hum de dizerem demasiado, outro de não dizerem ainda tudo. (*a*) Por este modo muitos principiantes,

---

(*a*) Para mostrar a inutilidade da *Topica*, não he necessario mais do que examinar, e desenvolver as mesmas restricçoens, e cautelas, com que os antigos a ensinavão; as quaes bem pezadas fazem suspeitar, que elles tratavão a Topica para satisfazer sómente ao costume, e que elles mesmos não se achavão assaz persuadidos da sua importancia, e necessidade. Isto farei ver nas limitaçoens mesmas, com que Quint. recommenda o seu uso, dando-lhe toda a extensão, e força que ellas tem.

Ou nós entramos em huma analyse miuda de cada hum destes lugares communs, ou nos contentamos só com a sua noção geral. No 1. caso o methodo da Topica he *enfadonho*, *embaraçoso*, *e implicado*; no 2. *vão*, *e inutil.*

Mais. Ou este methodo se propõe para uso dos principiantes, ou dos adiantados. No 1. caso he *perigoso*, no 2. *nocivo.* Estas são as mesmas divisoens de Quint. no §. VI. e seguintes. Vamos á primeira pertencente a este lugar, e paragrapho seguinte.

Na verdade se entrassemos na explicação miuda de todos os argumentos, e especies incluidas em cada hum dos nomes geraes dos lugares communs; depois de longos tratados dados a cada hum delles (pois todos os conhecimentos humanos se podem reduzir a elles) não teriamos ainda dito tudo, e o que tivessemos dito seria incomprehensivel. De hum methodo pois, que de si deve ser breve, e facil, fariamos huma arte infinita, confusa, e difficil, que faria desanimar a todos, os que a quizessem aprender, e hum *labyrintho inexplicavel* para os infelizes, que nelle entrassem.

Se pelo contrario nos contentassemos só com os nomes, e idêas geraes destes lugares, como pela maior parte se contentão as Rhetoricas vulgares; não conseguiriamos mais que huma *sciencia muda*, e hum methodo vão, e inutil. Porque, que são estes lugares se não humas idêas vagas, e geraes, huns nomes de classes, a que facilmente se podem reduzir todas as especies de argumentos, e humas noçoens summamente complexas, que, a querel-as desfiar, seria hum trabalho infinito? Ora estas idêas por isso mesmo que são muito geraes, e vagas, são incapazes de nos descobrir a verdade. A Analyse he o unico meio das descobertas; porque ella só por sua natureza nos faz subir á origem das cousas, descompondo, e combinando as noçoens até as termos comparado debaixo de todas as relaçoens proprias a descobrirmos o que queremos.

A Synthese pelo contrario, os nomes, digo, vagos, as proposiçoens geraes podem sim classificar, e arrumar os nossos conhecimentos depois de os termos adquirido: porém nunca

mettendo-se por estes labyrinthos inexplicaveis, se virão embaraçados com estas regras, como com huma especie de grilhoens; perderão todas as forças, que podião ter de seu engenho; e com os olhos fitos servilmente no mestre perderão de vista a verdadeira guia, que he a Natureza.

O methodo dos lugares he huma sciencia muda.

Nem eu digo isto porque julgue inutil o conhecimento destes lugares communs. A ser assim, não os teria eu ensinado: mas para que aquelles, que os souberem, não se tenhão logo por huns homens grandes, e consummados, fazendo pouco caso de tudo o mais; antes se persuadão que se se descuidarem do mais, que logo diremos, não tem conseguido outra cousa mais que huma *Sciencia muda*.

De que uso podem ser para os principiantes.

Saibão tambem os Estudiosos de Eloquencia, que nem todos estes lugares podem occorrer em todas as causas, nem, proposta que seja a materia para o discurso, se deve esquadrinhar, e mexer cada hum delles, e bater-lhe á porta, para assim dizer, a ver se acaso nos respondem com algum argumento para provar o que intentamos, excepto, *quando andão a aprender, e ainda não tem uso.* (*a*)

---

nos podem pôr no caminho para os adquirir. O catalogo pois dos nomes dos lugares communs para descobrir os argumentos, he verdadeiramente huma *sciencia muda*, e hum methodo vão. Se alguma utilidade tem he só para classificar os argumentos, depois de achados, e escolhidos.

(*a*) Mas isto mesmo julgou Cicero ser perigoso aos principiantes. Porque contentão-se com os provas, que descobrem facilmente, nem tomão o trabalho de procurar outras mais solidas. Como não tem ainda o juizo formado, procurão o numero, e não se embaração com a escolha: *Sed, ut segetes foecundae et uberes non solum fruges, verum herbas etiam effundunt inimicissimas frugibus: sic interdum ex illis locis aut levia quaedam, aut a caussis aliena, aut non utilia gignuntur, quorum ab oratoris judicio delectus magnus adhibebitur.* Cic. Orat. 47. Ora esta escolha, e este discernimento, que só vem com os annos, estudos, e experiencia, não he de esperar daquella idade. Por isso o mesmo Cicero De Orat. II, 131. não julgou util aos principiantes o uso

Para os adiantados seria nocivo.

Na verdade seria hum grande embaraço para quem quer discorrer, vêr-se sempre precisado a tentear cada hum destes lugares, para achar ás apalpadelas o argumento, que mais lhe convêm. Antes podemos dizer serviráõ de empecilho para fazer alguma cousa boa, se a mesma natureza, e huma facilidade, e promptidão contrahida com o estudo, e exercicio nos não conduzirem logo em direitura ás provas mais frizantes da nossa causa. . . Assim como pois as

---

destes lugares, mas só aos adiantados, e experimentados. *Sed hi loci ei demum oratori prodesse possunt, qui est versatus in rebus, vel usu, quem aetas denique affert, vel auditione et cogitatione, quae studio et diligentia praecurrit aetatem. Nam si erit idem in consuetudinibus civitatis, in exemplis, in moribus civium suorum hospes, non multum ei loci proderunt illi, ex quibus argumenta promuntur.*

Aos adiantados, e maduros este methodo não seria perigoso, mas seria *nocivo*, como reconhece Quint. Porque para descobrir hum argumento, ou elles consultão todos aquelles lugares; e isto bem longe de os ajudar, enfraquece o fogo da meditação e composição, constrangeria o espirito, fal-o-hia discorrer de hum modo forçado, e violento: ou sem os consultar, a razão mesma o conduz logo naturalmente ás provas, de que se deve valer, e neste caso a Topica he inutil.

Se o methodo pois dos lugares communs he *enfadonho*, *vão*, *perigoso*, e ainda *nocivo*, quaes serão as verdadeiras, e seguras fontes dos argumentos? Duas; segundo as duas especies de questoens, que fazem a materia da Eloquencia, huma principal, que he a Hypothese, ou o facto, e outra subsidiaria, que se trata por amor da principal, que he a These, ou proposiçoens geraes. Para a primeira, a *Meditação reflectida* de todas as circunstancias do caso, que faz o objecto da questão, subministrará ao Orador os argumentos mais proprios para a provar.

Para a segunda o *Estudo da Philosophia* nos proverá abundantemente de Principios, e Proposiçoens geraes, com que possamos confirmar as hypotheses. Bem entendido, que neste nome de Philosophia se inclue todo o systema dos conhecimentos humanos principalmente moraes, que pertencem á Razão. Cicero chama á collecção destes principios *infinitam sylvam*. V. o que a respeito delles dissemos Liv. I. Cap. XI. not., e Cicero do Orad. Cap. II, onde mostra a necessidade deste estudo para a Eloquencia. Para os Discursos Ecclesiasticos, além do estudo da Philosophia, são precisos tambem os conhecimentos da Theologia Moral, e Dogmatica, e para os Forenses os das Leis Civis, e Canonicas. Estes subministrão as Theses, ou principios aos discursos deste genero.

letras, e as syllabas não requerem meditação em quem escreve: assim tambem as razoens das cousas corrão per si naturalmente.

CAPITULO IX.

Dos Exemplos.

(V. 11.)

Exemplos: 3 especie de Prova Artificial.

A Terceira Especie de Prova Artificial consiste nas *cousas Extrinsecas, que de fóra se trazem para a causa.* Os Gregos dão a estas provas o nome de *Paradigmas*, (*a*) comprehendendo geralmente nesta palavra toda a *confrontação de cousas similhantes*, e especialmente a *dos factos Historicos.* Os nossos Romanos, chamão *Similhança* á primeira, a que os Gregos dão o nome

---

(*a*) Ou nós consideramos hum objecto em si mesmo, e descompondo-o por meio da abstracção, tiramos delle noçoens assim singulares, como geraes; e destas consideraçoens nascem as duas primeiras especies de provas artificiaes, isto he, *sinaes e argumentos:* ou consideramos o mesmo objecto relativamente a outro, com que o comparamos, e deste modo de considerar nasce a terceira especie de Provas artificiaes, que são as que tiramos por meio da combinação da nossa causa com cousas extrinsecas a ella. A palavra Grega παραδειγμα, e a Latina *Exemplum* tem toda a extensão deste significado. São dous nomes geraes, que querem dizer *Confrontação* entre dous objectos, e contém varias especies, segundo a differença dos objectos, que se confrontão.

Comparamos nós *factos* huns com os outros? Chama-se isto *Exemplos* (tomando esta palavra em hum sentido mais restricto), e confórme os factos são ou *Verdadeiros*, ou só *Verisimeis*, ou *Inverisimeis*, são tambem os Exemplos, ou *Historicos*, ou *Fabulosos*, ou *Apologos.* Comparamos nós não já factos com factos, mas *cousas* com *cousas?* Daqui resulta a segunda especie de Paradigmas, os *Similhantes;* e segundo as cousas similhantes são da *mesma especie*, ou de *differente*, ou de *leis com leis*, ou se chamão simplesmente *Similhanças*, ou *Parabolas;* ou *Paridades.* Emfim confrontamos nós não factos com factos, nem cousas com cousas, mas *Palavras*, e *dictos* com outros? He huma 3. especie de Paradigmas, a que chamamos *Authoridade*, que he, ou *Divina*, ou *Humana.* De todas estas especies trata Quint. pela sua ordem.

de *Parabola*, e *Exemplo* á segunda, bem que este he tambem similhante, e aquella exemplo. Nós para explicarmos com mais facilidade o que queremos, teremos por Paradigma huma cousa, e outra, e lhe daremos o nome de Exemplo. . . (*a*) Todas as provas pois desta especie necessariamente hão de ser, ou *Similhantes*, ou *Dissimilhantes*, ou *Contrarias*. A Similhança algumas vezes se emprega para o fim só de ornar. Mas desta trataremos no seu lugar. Fallemos agora da que serve para provar.

ARTIGO I.

Dos Exemplos propriamente ditos.

Definição do Exemplo, e suas especies.

§. I. ENtre as provas, que pertencem a esta classe a mais principal he a que propriamente chamamos Exemplo. Este he a *lembrança, que fazemos de hum facto, ou acontecido, ou que podia acontecer, util para persuadir o que intentamos.* (*b*) Devemos pois ver se o exemplo he similhante em tudo, ou só em parte, para tomarmos delle, ou todas as circunstancias, ou tão sómente aquellas, que nos forem uteis. Exemplo *similhante* he este: *Saturnino foi justamente morto, assim como os Grachos.* (*c*) *Dissimilhante*

(*a*) Ou a palavra *Exemplum* se dirive de *eximo*, ou de *ex*, e *amplus*, ou do Grego ἐξ e ὁμαλος fazendo ἐξομάλον, e trocadas as letras ἐξοπαλὸν, ἐξοπλον, como quer Vossio no seu Etymolog. ou da primitiva radical *SEM*, *E-xem-plum*, como quer Court de Gebelin: ella he hum termo geral destinado a significar qualquer idêa singular, que se tira d'entre a multidão das cousas similhantes, para mostrar huma maxima geral, e convem por isso mesmo a tudo o que os Gregos chamão παραδειγμα.

(*b*) Não se confunda a definição do Exemplo com a da Narração. Esta he huma *Exposição*, que he mais comprida, e aquella huma *Lembrança*, e consequentemente mais curta. A narração he para persuadir toda a causa, o exemplo para provar só hum ponto particular.

(*c*) Saturnino Tribuno sedicioso, que fomentado por Mario, depois de muitas facçoens, e desordens, não podendo fazer

estoutro: *Bruto mandou matar seus filhos por machinarem a entrega da Patria, e Manlio matou o seu por amor de huma acção valerosa.* (*a*) Emfim Contrario he o seguinte: *Marcello restituio aos Syracusanos as alfaias, que lhe tinha tomado, estando em guerra com os Romanos; e Verres lhos tirou, sendo alliados.* (*b*)

Uso, que se deve fazer de cada huma destas especies.

§. II. Os Exemplos, de que nos servimos no Genero Demonstrativo para louvar, ou vituperar, tem estes mesmos gráos. No Deliberativo porém, quando a questão for do futuro, se a cousa acontecerá, ou não; he muito util então a lembrança de exemplos passados, que sejão similhantes: como se alguem querendo persuadir aos Syracusanos, que Dionysio não lhes pedia corpo de guarda para outro fim, se

---

prevalecer o partido de Glaucia contra o de Mummio na pertenção do Consulado, se desfez deste competidor mandando-o publicamente assassinar diante do povo. Pelo que, armando-se todos contra Saturnino, este foi morto com o Pretor Glaucia, e os Pseudograchos no anno de Roma 652, no mesmo dia da posse do seu terceiro Tribunado. Quanto aos Grachos, estes forão dous, hum chamado Tiberio Gracho, morto por Publio Nazica no anno de 623, e outro Caio Gracho, morto dahi a 10. annos por Lucio Opimio Consul; ambos forão Tribunos do Povo, homens eloquentes, e grandes promotores das leis agrarias; seus cadaveres forão lançados no Tibre. Estes exemplos pois são similhantes, porque Saturnino, e os Grachos todos forão Tribunos, forão sediciosos, e tiverão todos o mesmo exito.

(*a*) Foi este Manlio Torquato Consul, que no anno de Roma 415. fazendo a guerra aos Latinos, mandou matar seu filho Tito Manlio, porque sendo mandado por seu pai na frente de hum destacamento a reconhecer o campo inimigo, desafiado por este, excedeo as ordens do seu Chefe, entregando-lhe batalha, na qual ficou victorioso. Esta acção fez passar em proverbio da severidade militar *Imperia Manliana.* O caso de Bruto he bem conhecido. V. Livio Liv. II. Dous pais matando seus filhos são circunstancias similhantes, os motivos porém são differentes.

(*b*) Marcello he celebre na Historia Romana pelo cerco triennal de Syracusas, Capital da Sicília, e sua tomada no anno de 540, não obstantes as machinas bellicas, com que Archimedes a defendeo. Elle se portou com muita equidade a favor dos cercados restituindo-lhe tudo o que lhes tinha tomado, e contentando-se com fazer desta ilha huma provincia Romana v. Cicero Verr. 4. c. 55.

não para com as forças delle se apoderar do governo da Cidade: referisse o exemplo de Pisistrato, que já em outro tempo por hum similhante stratagema chegou a fazer-se senhor de Athenas. (*a*)

Segunda divisão dos Exemplos.

§. III. Ora os Exemplos, assim como são algumas vezes em tudo *Iguaes*, (*b*) como o que acabamos de referir: assim outros são *Desiguaes* tirados, ou de *maior* para *menor*, como: *Se por amor do adulterio Cidades inteiras tem sido arruinadas, que he justo se faça a hum adultero?* Ou de *menor* para *maior*, como este exemplo: *Os Flautistas, tendo sido desterrados de Roma, forão depois mandados vir por authoridade publica:* (*c*) *Com quanta maior razão pois devem ser chamados do desterro homens distinctos, e benemeritos da patria, quando para cederem ao odio injusto, della se retirarem?*

(*a*) Este mesmo facto he trazido por Arist. Rhet. I, 2. para mostrar, que o exemplo conclue do particular para o particular, do similhante para o similhante, e não como a Inducção, que conclue do particular para o universal. *Todas as vezes pois*, diz elle, *que duas cousas se achão debaixo do mesmo genero, e que huma he mais conhecida que outra, aquella he propriamente o Exemplo. Porque se eu quizesse mostrar que Deniz de Syracusas fórma o projecto de se fazer Tyranno, quando pede guardas; diria que Pisistrato tambem pedio guardas como elle ao principio, e logo que lhas concederão, se apoderou do governo de Athenas; diria que Theagenes fizera o mesmo em Megara etc.*

(*b*) Nós podemos confrontar os objectos de dous modos; ou quanto ás *qualidades*, ou quanto á *quantidade*. Da primeira consideração resulta a primeira divisão dos Exemplos. Pois ou as qualidades são em tudo similhantes, ou em tudo contrarias, ou em parte similhantes, e em parte contrarias, isto he, dissimilhantes. Da segunda consideração do *mais*, ou *menos* vem esta segunda divisão dos Exemplos em *Iguaes*, e *Desiguaes*, e a destes, de *maior* para *menor*, e de *menor* para *maior*, segundo as qualidades são em gráo igual, ou desigual no numero, e grandeza.

(*c*) Os Tibicines, ou Flautistas costumavão em certo dia fazer huma festa no templo de Jupiter. Prohibindo-se-lhe isto, auzentarão-se de Roma para Tivoli. Como algumas festas porém se não podião fazer sem esta musica, o Senado deu hum decreto para se mandarem vir, como consta de Livio Liv. IX. c. 30.

Que uso podem ter os Exemplos Desiguaes.

Nas Exhortaçoens (*a*) tem huma força especial os exemplos desiguaes. Em huma mulher, por exemplo, he mais para admirar o esforço, do que em hum homem. Pelo que se quizermos exhortar alguem a obrar huma acção de valor, não terão tanto pezo os exemplos de Horacio, e Torquato, (*b*) quanto o daquella mulher, por cuja mão foi morto Pyrrho (*c*), o qual exemplo he de menor para maior...

Modo de tratar os exemplos Historicos.

§. IV. Destes exemplos Historicos huns narral-os-hemos por inteiro, como Cicero a favor de Milão (*d*): *Hum Tribuno Militar do Exercito de Caio Mario, parente deste General, querendo deshonestar hum soldado seu camarada, foi morto pelo mesmo, a quem violentava. Porque o bom mancebo antes quiz arriscar-se, do que sugeitar-se a huma acção torpe; e aquelle grande homem, não obstante isto, o absolveo, e livrou da morte.* Outros porém bastará sómente apontal-os, como o mesmo fez na mesma oração, (*e*) dizendo: *Se não fosse permittido matar os homens scelerados; nem aquelle Hala Servilio, nem Publio Nazica, nem*

(*a*) Exhortação he toda aquella parte de hum discurso suasorio, em que empregamos *motivos*, e não *razoens*. Aquelles são os meios *Ethicos*, e *Patheticos*, estes os *Logicos*.

(*b*) A historia de Horacio, que por fim acabou de vencer os tres irmãos Curiacios, he bem conhecida pela interessante narração, que della nos deixou Livio Liv. I. V. atraz Narração Art. I. §. II not. Este Torquato he o de que ha pouco fallou Quint.

(*c*) Pyrrho Rey do Epiro, tendo entrado na Cidade de Argos com mão armada, e no combate sendo ferido por hum Soldado da mesma Cidade, correo atraz delle para se vingar. Porém a mãi deste soldado, vendo o perigo de seu filho, pegou de huma telha, e a lançou sobre a cabeça de Pyrro com tal impeto, que o matou. A acção não prova grande valor; melhores exemplos de Heroinas nos mostrão as nossas Historias. V. o que Jacintho Freire (vida de D. João de Castro pag. 152. da ediç. de Pariz) conta de muitas mulheres de Diu, e principalmente de Isabel Fernandes, celebre com o nome da *velha de Diu*.

(*d*) Cap. 3.

(*e*) Cap. 27.

Lucio Opimio, nem o mesmo Senado no tempo do meu Consulado, poderião evitar a nota de malvados: (*a*) Estes exemplos pois tratar-se-hão já de huma, já de outra sorte conforme forem ou *conhecidos* dos ouvintes, ou a *utilidade* da causa, ou a *decencia* o pedir. (*b*)

Modo de tratar os Exemplos Poeticos.

§. V. Os Exemplos tirados das Fabulas Poeticas tratão-se do mesmo modo que os Historicos, menos o não se pôr nelles tanta asseveração. Deste uso nos deu tambem exemplo o mesmo modelo, e mestre de Eloquencia na mesma oração, (*c*) dizendo: *Não sem razão pois, ó Juizes, os homens doutissimos nos contarão nas mesmas fabulas fingidas, que aquelle, que tinha morto sua mãi para vingar a morte de seu pai, sendo discordes os votos dos homens a este respeito, fora absolvido por sentença não só dos homens, mas ainda da Deosa a mais sabia.*

Fabulas Esopicàs.

§. VI. Aquellas mesmas fabulas, que, posto que não tenhão sua origem de Esopo, (pois parece que o seu primeiro author fora Hesiodo (*d*)) com tudo são

---

(*a*) Hala matou a Spurio Melio, Nazica a Tiberio Gracho, e Opimio a Caio Gracho, tudo a consentimento do Senado, por serem Tribunos sediciosos, e turbulentos. Sendo Cicero Consul, o mesmo Senado determinou, que Lentulo, e Cethego fossem mortos no carcere sem fórma de processo, como complices da conjuração de Catilina; o que deu depois occasião á facção Clodiana, para fazer condemnar, e desterrar Cicero.

(*b*) Quer dizer, que se os Exemplos forem sabidos dos ouvintes, bastará só fazer menção delles, não os narrando por extenso, se não quando forem desconhecidos. Tambem quando muita parte das circunstancias do facto, que allegamos para exemplo, não nos he favoravel, ou se não póde referir sem offender o decoro, ou absoluto, ou relativo ás pessoas com quem tratamos; neste caso os exemplos não se devem relatar inteiros, mas só apontal-os, ou narrar só o que nos he conveniente, e decente.

(*c*) Pro Milone c. 3.

(*d*) Esopo Phrigio de nação, que floreceo no tempo de Solon, pôz em uso entre os Gregos esta maneira de instruir por meio de contos fingidos, ou Apologos, e por isso se ficárão

chamadas Esopicas, costumão atrahir os animos, principalmente da gente de campo, e ignorante, que ouve com mais simplicidade o que he fingido, e ingodados do deleite, dão facil assenso ás cousas, em que sentem prazer. Menenio Agrippa, segundo se conta congraçou a Plebe com os Senadores por meio da celebre fabula da rebellião dos membros do corpo humano contra o ventre: (*a*) e Horacio nem ainda na Poesia teve por baixo o uso deste genero de Fabulas dizendo: (*b*)

---

chamando *Esopicas* estas, e similhantes fabulas para as distinguir das Poeticas. Com tudo elle não foi o seu author. Já antes não era desconhecido este modo de dizer a verdade. Hesiodo, anterior a Esopo 130. annos pelo menos, traz nas suas *Obras*, e *Dias* Liv. I. v. 200. a fabula do *Milhafre*, e do *Roxinol*, para mostrar a injustiça do direito do mais poderoso. Quint. inclina-se a que Hesiodo fosse o inventor deste genero de Poesia. Porém ella he muito mais antiga. No Livro dos Juizes certamente mais antigo que todos os monumentos profanos cap. 18. v. 78. se lê o apologo de Jonathan filho de Gedeão proposto aos Sichemitas, das arvores, que convidarão huma após de outra a *Videira*, a *Oliveira*, e por fim o *Espinheiro* a tomar o governo sobre ellas; e outros muitos se vêm nos *Proverbios* 30, 13. etc. Hum bem claro se lê na Historia de Joás Rei de Israel, que dizia á Amadias Rei de Judá se prezava sobre maneira, que o Cardo do Libano mandasse pedir ao Cedro sua filha em cazamento, e hum momento depois foi desarraigado, e pisado pelas feras. Podemos pois dizer, que este modo de ensinar por via de similhanças, parabolas, e apologos he o mais antigo do mundo v. Warburthon *Ensaio sobre os Hieroglyphicos.*

(*a*) Em T. Liv. Liv. II. c. 32. v. Exemp. XLII.

(*b*) Os Oradores, e Poetas podem-se servir de similhantes Apologos, ou contando-os miudamente, se fallão a hum povo rustico, ou sómente fazendo allusão a elles, se diante de pessoas instruidas, como aqui faz Horacio Liv. I. Epist. I. escrevendo a Mecenas, e dando a razão por que não seguia as paixõens, de que o povo gostava.

Olim quod vulpes aegroto cauta Leoni
Respondit, referam: Quia me vestigia terrent
Omnia te adversum spectantia, nulla retrorsum.

Onde fez alllusão á fabula contada por Platão no seu *Alcibiades* I. do Leão Rei dos animaes, que, fingindo-se doente, devorava as feras, que por visita o hião buscar; o que hindo fazer tambem a Raposa, não quizera entrar, e da porta fizera o seu cumprimento; o que estranhando o Leão, lhe respondêra: via as pégadas dos outros animaes dirigidas todas para dentro da cova, e nenhumas para fóra.

O que a cauta Raposa em outro tempo
Respondeo ao Leão de cama estando,
Contarei. . . .

ARTIGO II.

Das Similhanças, e Authoridades.

Similhança.

§. I. DEpois dos Exemplos a prova extrinseca, que tem mais força, he a *Simihança*, aquella principalmente que sem mistura de metaphoras se tira de cousas quasi da mesma especie, tal como esta: *Assim como aquelles, que no Campo Marcio costumão receber peitas, são contrarios aos Candidatos, que bem recadão o seu dinheiro: assim com os mesmos sentimentos contra o réo tinhão vindo estes juizes.* (*a*)

Parabola, ou comparação de 3. *modos.*

§. II. A *Parabola* porém, que Cicero chama *Comparação*, costuma procurar de mais longe cousas para combinar, nem nella se comparão sómente entre si factos humanos similhantes, como Cicero a favor de Murena: *Se os que entrão no porto depois de huma longa viagem, tem o cuidado de advertir os que se embarcão, das tempestades, dos piratas, e dos escolhos, que passárão; pela inclinação natural que temos de soccorrer aos que entrão na mesma carreira,*

(*a*) A *Similhança* pois emprega cousas de tão proxima relacão, e cuja comparação he tão obvia e facil, que não precisa ser feita pelo orador, como na *Parabola*; onde, combinando-se cousas mais longinquas, he necessario mostrar a sua correspondencia mutua, misturando na exposição do assimilhado as metaphoras, tiradas do similhante, para fazer mais sensiveis as suas correlacoens. Assim nesta similhanca de Cicero *pro Cluentio* c. 27. comparão-se duas cousas muito analogas. *Hum Réo* com *hum Pertendente*, os *Juizes* com os *Votantes*. Na *Parabola* do mesmo *pro Muraena* compara-se *hum Consul*, que entrega o Consulado a seu successor com hum *Piloto*, que entrega o governo da náo a outro. As noçoens de *Consul*, e de *Piloto* são mais distantes.

e fortuna que nós : Assim eu, Juizes, que depois de combatido da tempestade me vejo a ponto de surgir felizmente no porto, que sentimentos devo ter para hum homem, que vejo vai a entrar nas maiores tempestades do governo publico? Mas dos animaes mudos, e ainda das mesmas cousas inanimadas se tirão estas Parabolas. . . Como se querendo tu provar, que o Espirito se deve cultivar, te servires da similhança da terra, que deixada cria espinhos, e abrolhos, e cultivada, fructos; ou se exhortando alguem a que cuide no bem publico, dissesses, que as abelhas sendo huns animaes não só sem razão, mas pequenos, trabalhão com tudo para o commum. . . *

Paridade de Direito; suas especies.

§. III. Huma observação bem digna de se fazer, he : que em as questoens de Direito os *Similhantes*, *Dissimilhantes*, e *Contrarios* subministrão hum grande numero de argumentos. Assim por huma razão tirada dos *Similhantes* prova Cicero nos Topicos (*a*) que *se a alguem se deixa o usofructo de huma caza, e esta vem a cahir, o herdeiro não está obrigado a reedifical-a; porque em hum caso similhante se se lhe deixasse hum escravo, e este morresse, não estaria obrigado a dar outro.*

Pela razão dos *Contrarios* se provaria, que *o consentimento das partes basta para a legitimidade do matrimonio, ainda que as escrituras não fossem assignadas; porque pelo contrario de nada serve ter assignado as escrituras, se se provar que não houve de parte a parte intenção de se cazarem.*

Emfim he huma razão tirada dos *Dissimilhantes* a de Cicero *pro Cecinna.* (*b*) *De sorte que, Juizes, se alguem á força me fizesse sahir de caza, eu teria acção contra elle : e se elle com a mesma força me tivesse impedido entrar nella, então não? . . .*

(*a*) Cap. 3.
(*b*) Cap. 12.

Analogia.

§. IV. Alguns fizerão da *Analogia* huma especie differente da Similhança. Eu porém julgo devel-a incluir na mesma. (*a*) Porque quando eu digo: *Como hum he para dez, assim dez he para cem*, certamente he huma especie de similhança como estoutra: *Como huma nação hostil he para outra; assim hum Cidadão máo he para outro.* (*b*) Ainda que destas analogias se costuma abusar, extendendo-as demasiadamente, como se alguem dissesse: *Se os animaes mudos tem por fim o prazer, tambem os racionaes o devem ter* . . . O que se refuta com a disparidade . . . dizendo: *Se os irracionaes tem por fim o deleite, nem por isso o tem os racionaes*, antes pelo contrario, porque aquelles o tem, não o tem estes.

Authoridade Humana.

§. V. A *Authoridade* tambem he huma das provas extrinsecas. Muitos, seguindo a propriedade do nome Grego (*c*) chamão authoridades os *Juizos das Naçoens, dos Povos, dos Homens Sabios, dos Cidadaons celebres, e dos Poetas illustres*, que se podem trazer para prova. Os mesmos ditos vulgares, e axiomas populares não deixaráõ de ter seu uso. Elles tem tanta mais força para persuadir, quanto sendo humas maximas geraes, e não restrictas acaso algum particular, só a convicção intima da sua verdade, e ho-

(*a*) A *Analogia*, ou *Proporção*, segundo os Mathematicos, he a igualdade de duas relaçoens comparadas. Assim se a relação de *A* para *B* he a mesma, que de *C* para *D*, se diz que as quatro grandezas *A*, *B*, *C*, *D* estão em proporção. A Analogia pois requer necessariamente duas relaçoens, ou similhanças; e fazendo a comparação dellas, não constitue nova especie, mas sómente differentecombinação.

(*b*) Pelo que acabamos de dizer na nota antecedente, não podendo haver proporção se não entre quatro cousas; bem se vê, que no texto de Quint. ha falta, como bem observou Gesnero, e que em lugar de *ut hostis, sic malus civis*, se deveria ler: *ut hostis ad hostem, sic malus civis ad alium.* Assim o traduzi, para dar algum sentido á passagem.

(*c*) κρίσεις, com que os Gregos significão todas as authoridades ennunciadas por palavras.

nestidade, e não paixão alguma ou preocupação, he que os podia fazer correr entre os povos. Por ventura, mostrando eu as miserias desta vida, não me servirá de muito o costume daquellas naçoens, que choravão o nascimento de seus filhos, e festejavão a sua morte? (*a*)... Se huma adultera for accusada de dar veneno a seu marido, não parecerá já condemnada pelo voto de Catão, que dizia: *nenhuma era adultera, que não fosse ao mesmo tempo empeçonhadora?* Pelo que pertence ás sentenças dos Poetas, dellas estão cheias não só as oraçoens, (*b*) mas os mesmos tratados dos Philosophos, que não obstante julgarem tudo inferior a seus estudos, e preceitos, não se deshonrárão com tudo de authorizar o que dizião com muitas passagens dos Poetas. He bem sabida a historia dos de Megara, que contendendo com os Athenienses sobre a propriedade da Ilha de Salamina, forão vencidos por estes com hum verso de Homero, (o qual mesmo nem em todas as ediçoens se acha,) que dizia: *que*

(*a*) Assim conta Herodoto Liv. V. n. 4. de certos povos da Thracia, chamados *Trausos*.

(*b*) Destas passagens dos Poetas estão cheios os tratados Philosophicos. Ellas confirmão a doutrina, e juntamente alegrão de quando em quando a severidade do estilo Philosophico, e das materias graves, que nelle ordinariamente se tratão. Assim Cicero a cada passo nos seus tratados Philosophicos está trazendo passagens de Ennio, de Euripides, e de outros poetas. Seneca faz o mesmo, e os escritos didacticos dos Gregos estão cheios de similhantes lugares. Quanto aos Oradores, ou a passagem do poeta se traz para ornato, e neste caso tomão della ordinariamente o pensamento, expondo-o em prosa. Podem-se ver em Mureto Var. Lect. VII, 15. e XI, 12. muitos lugares de Poetas disfarçados, e substanciados deste modo por Cicero, e outros Authores. Ou a passagem se allega por prova, e testemunho, e então não he alheio dos Discursos Oratorios o allegal-as pelas mesmas palavras, e Heinecio *Fundam. stil.* Part. I. Cap. II. §. XXXVI. not. ** enganou-se em dizer que Demosthenes, e Cicero nos seus discursos, ou inteiramente se abstiverão disso, ou os traduzirão em prosa. Do contrario temos exemplos em Cicero contra Pizão C. XIX., a favor de Murena C. XIV., e a favor de Celio C. XVI.; e de Demosthenes *Da Coroa* ediç. de Reisk pag. 322., *Da Embaixada mal executada* pag. 417. e 419; onde deduz huma passagem comprida de Sophocles, e huma Elegia de Solon assás extensa. V. Quint. I, 8, 10.

Ajaz tinha juntado as suas náos ás dos Athenienses. (*a*)

Tambem os *Proverbios*, por isso mesmo que não tem author certo, se fazem maximas de todos, como: *Onde ha riquezas, ahi amigos. A consciencia vale mil testemunhas. Iguaes com iguaes.* Estes proverbios não durarião eternamente, se não parecessem verdadeiros a todos.

Authoridade Divina.

Alguns contão, e em primeiro lugar, a Authoridade Divina declarada pelos Oraculos... (*b*) Por isso alguns julgárão que os Exemplos, e estas authoridades se deverião arranjar na Classe das Provas Inartificiaes, porque o Orador não as descobria, mas recebi-as de fóra. (*c*) Mas entre ambas estas provas ha

---

(*a*) A Elegia, de que acabamos de fallar foi composta por Solon para mover os Athenienses a recuperarem a Ilha de Salamina, que se tinha subtrahido á sua sujeição. Os Athenienses tinhão prohibido com pena de morte a qualquer o fazer similhante proposição. Porém Solon á custa do proprio perigo a fez na dita Elegia, e ganhou deste modo á patria esta ilha perdida. Assim o refere Demosthenes no lugar citado. Outros querem que para isto Solon se servisse do verso de Homero 558. do Liv. II. da Iliada onde depois de dizer:

Αἴας δ' ἐκ Σαλαμῖνος ἄγεν δυοκαίδεκα νῆας

se accrescenta

Στῆσε δ' ἄγων ιν Ἀθηναίων ἵσταντο φάλαγγες.

Laercio na vida de Solon conta se dizia, que este segundo verso tinha sido introduzido no Catalogo por Solon. O mesmo diz Strabão Liv. 9. que faz menção da contenda dos Athenienses com os de Megara sobre a propriedade desta ilha, terminada com o verso de Homero supposto por Solon, ou, como outros querem, por Pisistrato.

(*b*) Quint. falla dos Oraculos dados pelos falsos Deoses do Paganismo. A verdadeira *Authoridade Divina* contém-se nos oraculos da Lei, dos Profetas, e do Evangelho, isto he, em todos os livros do antigo, e novo Testamento, e na Tradição. A estas fontes da Authoridade Divina se póde ajuntar a dos Concilios, e Santos Padres. Estes são os lugares proprios do Orador Evangelico, donde deve tirar as provas de authoridade.

(*c*) Hum destes he Cicero nos Topicos C. IV. e XIX, onde diz, que a authoridade he huma prova Extrinseca, e, reduzindo-a á classe das Testemunhas, a faz Inartificial. A razão porém

huma differença consideravel. Huma *testemunha*, a

de Quint. mostra o contrario. Na verdade grande arte se requer na applicação destas authoridades, quero dizer na sua *allegação*, *e maneira de as tratar.* Muitas cousas se podem dizer a este respeito. Eu porém me contentarei de fazer sobre estes dous pontos as observaçoens seguintes, que como proprias da Eloquencia Ecclesiastica devem ter aqui o seu lugar.

Para prégar he necessario *propôr* a verdade, e *estabelecer* os principios, em que ella se funda. Para propôr a verdade estão os Prégadores no costume de tomar hum texto da Escritura. Este ou he *obrigado*, e então elle he que deve subministrar a especie de instrucção, que hade fazer a materia do Sermão, e não accommodal-o ao ponto de instrucção, que eu quizer. Ou he *livre*, e então depois de eleger a materia, e ponto de doutrina, que for mais conveniente ao lugar, ao tempo, e á qualidade de pessoas, com quem se falla; deverei escolher hum texto, cujo sentido litteral contenha o ponto de instrucção, que me proponho. Nos Panegyricos ás vezes se permitte hum texto no sentido accommodaticio.

Este texto contendo, como deve, o ponto geral de instrucção, que faz o objecto da prégação; os pontos subalternos, em que o distinguirmos, farão as partes, ou divisão do discurso. Será porém feliz aquelle texto, que subministrar a mesma divisão. E isto pelo que pertence á proposição.

Quanto aos principios, sobre que se fundão os Prégadores, já dissemos erão a Escritura, e a Tradição, e as passagens dos Concilios, e SS. PP. que nol-a tem conservado. Assim todos os raciocinios de hum Prégador consistem pela maior parte na *citação* destas passagens, e na *maneira*, *e arte de as tratar.*

Na *Citação* observaremos as seguintes Regras 1. havendo dous modos de empregar os textos hum no sentido litteral, outro no accommodaticio; para prova nunca empregaremos texto senão no sentido natural, e litteral, que he o que o Escritor Sagrado teve em vista. Para illustração porém, ornato, e amplificação, poderemos servir-nos do sentido accommodaticio, applicando os lugares da Escritura com juizo, moderação, e prudencia, já como exemplos, já como similhanças, allusoens, metaphoras, allegorias etc. guardando em tudo isto as regras, que a arte prescreve. 2. Estas passagens não se alleguem nas linguas originaes, nem na Latina, menos quando forem Emphaticas, e intraduziveis, e fallarmos diante de auditorio a maior parte erudito.

Esta he a pratica constante dos antigos Padres, e a contraria interrompe a continuação do discurso, fallo, polyglotto, e obscuro, e intelligivel á maior parte dos ouvintes, que o máo he não se confiarem na fé, e palavra do Prégador, podendo-os este enganar igualmente se quizer, ou refira os textos em Latim, ou em Portuguez. 3. Traduziremos estes textos fielmente, conservando não só o pensamento, mas a figura mesma, graça, e ener-

tortura etc. por si mesmas decidem do ponto, sobre que se julga.

Estas provas extrinsecas porém de nada valem

---

gia do original. Esta traducção porém não será tão servil, que nella transfiramos para a nossa lingua os idiotismos, metaphoras, e figuras proprias do original. 4. Não se devem empregar textos para provar cousas desnecessarias, como são as claras, ou já provadas. Entre muitos escolheremos sempre os menos vulgares, e mais terminantes, e entre estes preferiremos os que pelas razoens, que contiverem, ou pelas figuras, e tropos, com que são ennunciados, nos subministrarem, ou raciocinios os mais convenientes para persuadir a mesma verdade, ou ornatos proprios para a revestir, e formosear.

Pelo que pertence á *maneira de tratar*, e fazer valer estas authoridades: como os ouvintes Christãos estão persuadidos da Divindade, e verdade das Escrituras, não he preciso insistir na sua authoridade, como o he na dos homens, de cujas qualidades pessoaes depende a verdade, certeza, e importancia do testemunho.

Para fazer pois valer estas authoridades, com razão observa Granada *Rhetor. IV*, 4. que, quando trouxermos algum texto da Escritura, não devemos contentar-nos com a sua traducção simples, e ficar ahi, como muitos fazem, cujos discursos quasi não tem differença de huma lição, ou dissertação Theologica: mas deveremos ponderar alguma cousa digna de observação no dito texto, explicando, por exemp., alguma expressão emphatica, alguma metaphora. Pois sendo esta huma similhança abreviada, por meio della se deve explicar. Outras vezes poremos em sua luz, dilataremos, e amplificaremos a verdade involvida no texto, para o que nos serviráõ as regras da amplificação.

Huma segunda observação não menos importante he, que, como estes textos de ordinario contém maximas geraes, para lhes dar mais graça, e fogo e fazel-as por isso mesmo mais uteis; o Orador sagrado deverá descer frequentemente da These geral ao particular: e para este fim formar-se hum adversario para combater na pessoa de seu ouvinte, ou em outra qualquer especie de homem de certo estado, e condição, a quem para este fim dirija o discurso. Esta he a pratica de Bourdalue, e Massilhon.

Pela mesma razão, quando houvermos de produzir tres, ou quatro textos da Escritura, para mais intimarmos as verdades nelles conteudas, confirmaremos o primeiro com alguma similhança, afim de fazer a instrucção mais sensivel, o segundo com hum exemplo para o mesmo fim, e o terceiro fechando-o com alguma exhortação, que incite á pratica da virtude, com algumas reprehençoens, e invectivas contra os que a não praticão, e coroar emfim tudo com novas maximas muito instructivas. Este he o methodo ordinario de S. João Chrysostomo.

por si, sem o Orador pelo seu engenho, e arte fazer dellas a devida applicação ao objecto, que quer provar.

CAPITULO X.

Do modo de tratar os Argumentos.

(V. 12.)

Estas quasi são as doutrinas a respeito da Prova, de que até agora tenho noticia, ou pelos escritos dos outros, ou pela minha experiencia... Agora direi brevemente o modo, como nos devemos servir della.

ARTIGO I.

Do differente uso, que devemos fazer das Provas segundo a sua differente qualidade.

Modo de tratar as provas tiradas dos factos.

§. I. Quasi todos tem ensinado *Que o argumento* (*a*) *deve ser certo, e incontroverso. Porque como se podem provar cousas duvidosas com outras duvidosas?*

Com tudo ha certos argumentos, (*b*) de que nos

(*a*) He esta huma regra commua a qualquer prova. Aqui pois por argumento entende o *meio termo*, qualquer que seja, de que nos servimos para provar, ou este seja huma *razão*, ou hum *sinal*.

(*b*) Diz *Certos argumentos*, e não todos. O orador serve-se de muitos principios incontestaveis, e que não precisão de se provar. Quaes pois são estes argumentos, que primeiro se devem provar para nos podermos servir delles? Os que se tirão de factos singulares, os quaes só provão depois de provados. Taes são o *ser adultera*, o *ser o dardo do Réo*, o *ter o vestido ensanguentado*.

servimos para prova, os quaes mesmos se devem provar primeiro. *Matastes teu marido*, (diz hum accusador) *Porque eras adultera.* Primeiramente se ha de convencer do adulterio, paraque, quando este facto principiar a ser liquido, possa então servir de prova ao que he incerto. *O teu dardo*, (diz outro) *foi achado no corpo do morto.* O réo nega, que seja seu. Para poder servir de prova, deve-se provar primeiro.

Huma observação he preciso aqui fazer, e he: Que nenhuns argumentos são mais fortes do que aquelles, que contestados primeiramente pela parte, depois se fazem certos. Por ex. *Fizeste esta morte; Porque tinhas o vestido ensanguentado.* Este argumento não he tão grave concedido pela parte, do que negado, e depois convencido. Porque se confessa, póde-se defender, dando muitas causas, porque tinha o vestido ensanguentado: porém se nega, nesta negação faz consistir o unico fundamento da sua causa, do qual se decáe, fica perdido em tudo o mais. Pois não he crivel que houvesse de negar falsamente o tal sinal, se não na desesperação total de se poder justificar de outro modo confessando-o.

Como se deveráõ tratar os argumentos Fortes *e os* Fracos.

§. II. Se os argumentos forem *fortes*, deveremos insistir com cada hum delles separadamente; sendo porém *fracos*, ajuntal-os-hemos. A razão he, porque os que de si são fortes, não faz conta confundil-os com outras cousas, que os cerquem, antes pol-os sós, para assim se deixar ver a sua força. Os fracos porém unidos se sustentão huns aos outros, e conspirando todos deste modo para provar a mesma cousa, se não valem, por não serem grandes, valeráõ ao menos por serem muitos. Assim se, accusando nós hum homem de ter morto outro para segurar a herança, que de outro modo perderia, dissermos: *Esperavas herança, e huma grande herança, eras pobre, naquella occasião principalmente eras demandado por teus credores, ti-*

nhas escandalisado este homem de quem eras herdeiro, e sabias de certo que havia de mudar o testamento: cada hum destes argumentos considerado em si he fraco, e ainda commum (a) ao mesmo réo; porém juntos todos fazem muito mal, se não com a força do raio, ao menos como a saraiva.

Os argumentos tirados das paixoens e costumes devem-se fortificar com os lugares communs e amplificação.

§. III. Ha certa especie de argumentos, (b) que não basta pol-os no discurso, como os mais; he necessario álem disso ajudal-os com os lugares Communs, e Amplificação. Por ex. Se eu trouxer para argumento de hum delicto a *avareza*, deverei mostrar em hum lugar commum, quanta he a força desta inclinação: (c) se a *ira*, que effeitos causa no coração do homem similhante paixão. Deste modo ficaráõ os

---

(a) Isto he tal, que delle se póde servir o réo tambem para sua defesa. Na verdade *esperar huma herança, e grande herança*, tambem podia ser huma razão para não attentar a vida do seu bemfeitor.

(b) Taes são os que se tirão dos *Costumes*, e *Paixoens* do homem, para lhe provar hum maleficio. Não basta só provar, que elle tem tal, e tal costume, tal e tal paixão; mas he necessario álem disso mostrar que este costume e paixão he muito capaz de produzir aquelle effeito. Neste genero de argumentos pois o lugar commum forma como a proposição geral do Syllogismo. Por ex. *Fizeste este furto, Porque eras avarento, E os avarentos de ordinario são ladroens.* Esta ultima proposição, ou these geral, que no Syllogismo Logico constitue a *maior*, he o lugar commum, com que se ajuda o argumento, ou meio termo da *Menor*.

(c) Assim Cicero a favor de Roscio Amerino para provar que Tito Roscio, e não Sexto Roscio tinha morto a Sexto Roscio o pai; não se contenta com mostrar (Cap. XXXI.) que aquelle era dantes pobre, avarento, e inimigo. *Avaritiam praefers, qui societatem coieris de municipis cognatique fortunis cum alienissimo:* Elle faz hum lugar commum, pelo qual mostra (C. XXVII.) que a avareza era filha do luxo, e o atrevimento da avareza. Eisaqui o lugar. *Ut non omnem frugem neque arborem in omni agro reperire possis: Sic non omne facinus in omni vita nascitur. In urbe luxuries creatur, ex luxuria existat avaritia necesse est, ex avaritia erumpat audacia, inde omnia scelera ac maleficia gignuntur. Vita autem haec rustica, quam tu agrestem vocas, parcimoniae, diligentiae, justitiae magistra est.* V. tambem Cicero *pro Milone* Cap. XVI.

argumentos mais fortes, e ao mesmo tempo mais ornados, não se mostrando, como huns esqueletos, nús e descarnados.

Se allegarmos por prova do crime o *rancor*, importa tambem muito ver se este he nascido da *inveja*, ou da *injuria*, ou da *concurrencia aos cargos*; se he *inveterado*, ou *recente*; se contra hum *inferior*, *hum igual*, ou *hum superior*; se contra *hum estranho*, ou *parente*. Todas estas circunstancias tem seu uso, e arte para se tratarem, e se deveráõ encaminhar todas a bem da parte, que defendermos. (*a*)

Quando deveremos empregar todos os argumentos, e quando não.

§. IV. Com tudo nem sempre (*b*) deveremos carregar o Juiz com todos os argumentos, que descobrirmos. Alem disto ser fastidioso, desacredita a causa. Pois mal póde o Juiz ter por assás fortes huns argumentos, de que nós mesmos, que advogamos a causa, não nos damos por satisfeitos. Já usar de argumentos, para provar cousas claras, seria huma loucura igual á daquelle, que ao meio da luz do Sol trouxesse huma candêa.

(*a*) Esta amplificação tira-se das circunstancias *Quis? quid? ubi? quibus auxiliis? cui? quomodo? quando?* V. Cap. XI. Art. II §. 3. O odio nascido da inveja he mais desarrezoado, que o nascido da injuria. Se he inveterado, mais irreconciliavel; se novo, mais vivo; se contra hum inferior, mais insultante; se contra hum parente, mais injusto. Cic. *pro Quintio* XXXI. dá hum excellente exemplo desta Amplificação. *Miserum est exturbari fortunis omnibus, miserius est injuria. Accerbum est ab aliquo circumveniri, accerbius a propinquo. Calamitosum est bonis everti, calamitosius cum dedecore. Funestum est a forti atque honesto viro jugulari, funestius ab eo cujus vox in praeconio questu prostitit. Indignum est a pari vinci, aut superiore; indignius ab inferiore atque humiliore. Luctuosum est tradi alteri cum bonis, luctuosius inimico. Horribile est causam capitis dicere, horribilius priore loco dicere.*

(*b*) Se nem sempre, logo algumas vezes. Carregaremos pois com todos os argumentos, quando forem todos fracos, e não quando houverem alguns fortes.

Da ordem, com que se devem tratar no corpo da Prova.

§. V. Tambem se tem questionado, se os argumentos mais fortes se deverião pôr logo no principio da prova, para preocuparem os espiritos; ou no fim para dahi os despedirem com impressoens recentes para dar a sentença; (*a*) ou se se devem repartir no principio, e no fim, ficando os fracos no meio, á maneira com que Homero nos representa dispostas as tropas dos Gregos; (*b*) ou emfim se deveráõ hir crescendo dos menores para os maiores. Qualquer destes arranjamentos se poderá dar as provas, segundo a causa o pedir, excepto porém hum ao meu parecer vicioso; e he, que a oração nunca vá descaindo dos mais fortes para os menos fortes. (*c*). . .

(*a*) O mesmo repete Quint. VI, 4 22. *Ne illud quidem ignorare advocatum volo, quo quaeque ordine probatio sit apud judices proferenda. Cujus rei eadem in argumentis ratio est, ut potentissima prima, et summa ponantur. Illa enim ad credendum praeparant, haec ad pronunciandum.* Este lugar dá a razão da traducção.

(*b*) Faz alluzão ao lugar de Homero Iliad. IV. v. 297, em que refere, que Nestor dispuzera o exercito dos Gregos nesta fórma: *Poz* (diz elle) *na vanguarda os cavalleiros com os cavallos, e carros. A infantaria, que era muita e escolhida, na retaguarda para entrincheirar a guerra, e a mais fraca no meio para que, ainda que não quizessem, fossem obrigados a combater.*

(*c*) Mas neste inconveniente parece recáe a primeira disposição. Se nós pomos os mais fortes no principio, que nos resta para o meio e para o fim, se não os menos fortes? A segunda disposição vem a dar no mesmo com a quarta, porque crescendo a prova dos mais fracos para os mais fortes, estes necessariamente hão de hir no fim. Como nos quiz dar pois Quint. cinco differentes disposiçoens? Mas tudo isto se concilia, entendendo as primeiras duas ordens dos argumentos, que considerados em si são todos fortes, e só são menos fortes relativamente huns aos outros.

ARTIGO II.

Das differentes formas, que lhes podemos dar na oração.

(V. 14.)

Que cousa seja Enthymema, e os differentes modos delle.

§. I. CHamão *Enthymema* assim ao mesmo argumento, isto he, á razão que trazemos para provar, como á sua ennunciação. (*a*) Já disse havia duas especies de Enthymemas, hum feito de *idêas consequentes*, (*b*) que consta da proposição, que se quer provar, e immediatamente da sua prova, como este a favor de Ligario: (*c*) *A causa naquelle tempo era duvidosa. Porque de parte a parte havião razoens provaveis. Agora porém deve-se ter certamente por melhor a que os mesmos Deoses favorecerão.* Pois este enthymema tem *Proposição* e *Prova*, sem *Conclusão*, (*d*)

(*a*) O Enthymema tem tres accepçoens. A 1. significa qualquer pensamento de ἐνθυμεῖν *pensar*. 2. Huma proposição com a sua razão. 3. Certo ambito de proposiçoens tiradas, ou dos consequentes, ou dos contrarios em que fechamos o argumento. V. Quint. Liv. V. Cap. X. n. 1. e 2. A esta terceira especie chama aqui Quint. a *Ennunciação* ou Explicação e evolução do argumento, ou razão.

(*b*) Todos os nossos raciocinios se fazem em virtude dos *meios termos*, ou *idêas medias*. Porque ha huma infinidade de *Relaçoens*, e de *Opposiçoens* entre os objectos, que o entendimento nem sempre póde aprehender immediatamente. Elle pois se vê obrigado a fixar a vista sobre objectos intermedios, que liguem as cousas muito distantes a seu respeito para as poder comparar immediatamente. Forma pois sobre estes objectos muitos juizos e comparaçoens; e se nelles descobre incluidas as idêas dos extremos, conclue a consequencia de huma para outra; se são excluidas na idêa media, conclue a sua repugnancia mutua. Todo o raciocinio pois, ou seja Enthymema, ou outro qualquer, he fundado, ou sobre *relaçoens*, ou sobre *opposiçoens*, e composto por isso mesmo, ou de idêas consequentes, ou contrarias.

(*c*) Cap. 6.

(*d*) Quint. chama *Proposição* do Enthymema á que os Logicos dão o nome de *Consequente*, isto he, a que propõe o que se quer provar, e *Prova* ao que os mesmos chamão *Antecedente*, isto

vindo deste modo a ser hum syllogismo incompleto. O outro feito de *idéas oppostas* he hum genero de prova mais forte, que por isso algunslhe dão privativamente o nome de Enthymema. Tal he o do mesmo Cicero a favor de Milão: (*a*) *Vós pois, Juizes, estaes assentados nesse tribunal para vingar a morte de hum homem, que vós mesmos não restituirieis á vida, se lha podesseis conceder. . .*

Destes Enthymemas os melhores são aquelles, em que fazendo-se a Proposição de pensamentos dissimilhantes ou contrarios, se lhe ajunta a razão, como neste de Demosthenes: (*b*) *Se as Leis tem sido violadas impunemente, e tu seguiste o mesmo exemplo; nem por isso deves deixar de ser castigado: antes pelo contrario o deves ser muito mais. Porque assim como se qualquer daquelles transgressores tivesse sido condemnado, tu não escreverias agora similhante cousa; assim se tu agora o fores, não virá outro depois de ti, que as escreva.*

Epicheirema, segundo alguns, de 5 proposiçoens.

§. II. Alguns derão ao *Epicheirema* quatro, cinco, e ainda seis partes. Cicero quer que tenha cinco ao muito, a saber: *Proposição maior,* depois a sua *Razão,* dahi *Menor* e a sua *Prova,* e em quinto lugar a *Conclusão.* Como porém algumas vezes a maior não necessita de prova, nem a menor, e outras vezes a conclusão mesma não he necessaria; por isso julga que este raciocinio se póde compôr já de quatro, já de tres, já de duas partes.

---

he, a ennunciação da Razão. Assim no exemplo citado a Proposição he: *A causa era duvidosa*, e a Prova; *Porque de parte a parte havia razoens provaveis*. Hum Logico diria:

Ant. *De parte a parte havia razoens provaveis.*

Cons. *Logo a causa era duvidosa.*

O Enthymema pois não tem *Conclusão*, isto he, Proposição universal, com que na ordem natural das proposiçoens se concluem os Syllogismos, e por isso se chama Syllogismo incompleto. V. Logo §. IV.

(*a*) Cap 16.

(*b*) Contra Androcião logo pouco depois do principio ed. Reisk. Vol. I. pag. 595. n. 15.

Epicheirema segundo Quintiliano.

Eu porém, seguindo pelo menos igual numero de authores, assento que o Epicheirema consta ao muito de tres proposiçoens. Porque a natureza de hum raciocinio perfeito pede tres cousas, a proposição do ponto, que se intenta provar; a do meio termo, pelo qual se prova; e póde-se accrescentar huma terceira, que mostra a connexão e identidade das duas antecedentes. Deste modo a primeira será a *Intenção*, a segunda a *Assumpção*, e a terceira a *Connexão*. (*a*) Porque a prova da primeira parte, e

(*a*) A *Intenção* pois he o que se prova, chamada assim, porque he o que se intenta mostrar. A *Assumpção* a em que tomamos o argumento, ou meio termo para provar a Intenção. A *Connexão* em fim he a proposição universal, na qual, como em o *todo*, se unem as duas partes antecedentes. Isto se vê claramente no Exemplo seguinte.

Epicheirema Segundo Quint.	Intenção. *A Alma he immortal.*
	Assumpção. *Porque a Alma move-se por si mesma.*
	Connexão. *E tudo o que se move por si, he immortal.*

Na primeira proposição intenta se descobrir a relação de identidade entre a *alma*, e a *immortalidade*. Mas como esta relação não se percebe immediatamente nas duas idéas, toma-se na *Assumpção* huma terceira, ou meio termo, em o qual se unem as duas idêas da Intenção: *O que se move por si.* A percepção desta união he facil de ordinario, e por isso se escusa a terceira proposição. Porém, se a queremos fazer sensivel, ajuntamos a *Connexão: Tudo o que se move por si he immortal.* Porque pela regra, *O que se diz do todo, se deve tambem dizer das partes*, ajunta e contém em si as duas antecedentes. A Assumpção contém-se em *Tudo o que por si se move*, e a Intenção no *He immortal.* Esta he a ordem natural do Epicheirema, porque he a da analyse, pela qual subimos dos singulares para os universaes. Os Dialecticos invertem esta ordem, dizendo:

Maior, ou Connexão. *Tudo o que por si se move he immortal.*
Menor, ou Assumpção. *A alma move-se por si.*
Conclusão, ou Intenção. *Logo a alma he immortal.*

Este lugar he a chave, que nos abre a intelligencia da doutrina deste Cap. sobre o Epicheirema, e Enthymema. Pelo que, não convem nunca perdel-o de vista. Por não reflectirem bem nelle, errarão Mrs. Rollin, Caperoner, e Gedoyn a este Cap, e Faciolato *Logic. Part. III. Cap.* 3, *e Part. IV. Cap.* 4. *not.* (1) dizendo que Quint. dá o nome de *Intentio* á proposição maior do Syllogismo.

a amplificação da segunda podem-se ter como accessorios das mesmas partes, depois das quaes vem. (*a*)

Exemplo de hum Epicheirema de 5 partes.

Tomemos de Cicero hum Epicheirema de cinco partes. *As cousas, que se fazem com providencia, são mais bem governadas, do que as que se fazem sem ella.* Chamão primeira parte a esta, que julgão se deve provar com varias razoens, e exornar abundantissimamente. (*b*) Eu porém tenho tudo isto com a sua prova por huma mesma cousa. De outra sorte se a razão he huma parte differente, sendo muitas as razoens, haveria muitas partes. Põe depois Cicero a *Assumpção: Ora nenhuma cousa he mais bem governada, que o mundo.* Desta assumpção dão a prova em quarto lugar, (*c*) a respeito da qual digo o mesmo que acima. Emfim põe em 5. lugar a consequencia, a qual ou infere só o resultado de todas as partes deste modo: *O mundo pois he governado com providencia*, ou, recapitulando brevemente a proposição maior e menor, accrescenta a conclusão deste modo: *Se pois as cousas, que se fazem com providencia, são mais bem governadas, que as que não; e nada he mais bem governado que o mundo; este pois he go-*

(*a*) A *Razão* he a explicação da proposição. He pois o mesmo. A razão da razão, ou confirmação, os lugares communs e amplificaçoens, com que se exornão as differentes proposiçoens do Epicheirema, pertence tudo á evolução do mesmo pensamento.

(*b*) Como Cicero faz deste modo por esta inducção: *Toda a Casa bem regulada e com juizo está mais bem preparada de tudo, do que a que he administrada á tolla, e sem conselho. Hum exercito conduzido por hum Chefe sabio, e astuto he em tudo mais bem governado, do que commandado por hum General tollo e temerario. O mesmo succede no navio, que tendo hum piloto experimentado faz com felicidade a sua viagem.* Cic. de Inv. I, 34.

(*c*) Deste modo: *Porque o nascimento e occazo dos astros guardão certos periodos, e certa ordem inalteravel, e as revoluçoens annuaes não só se fazem uniformemente por huma especie de necessidade, mas são dirigidas á utilidade do universo, e alternativas do dia e da noute a nada já mais fizerão mal. O que tudo he hum sinal, que o mundo he governado por huma Intelligencia muito sabia.* id. ibid.

vernado com providencia. Nesta ultima parte estamos nós de acordo. . .

Que differenças tem o Epicheirema do Syllogismo.

O Epicheirema pois em nada differe do Syllogismo, se não em este ter mais especies, (*a*) e servir-se de principios evidentes para delles tirar consequencias necessarias; e o Epicheirema usar ordinariamente de principios provaveis. (*b*)

Differentes fórmas do Epicheirema, nascidas da expressão.

§. III. (Ora nestas tres partes, que demos ao Epicheirema, nem sempre se observa a mesma fórma. (*c*) Humas vezes a *Conclusão* he huma mesma cousa com a *Intenção*, como: *A Alma he immortal. Porque tudo o que se move por si, he immortal. Ora a alma move-se por si. Logo a alma he immortal.* E isto se pratíca não só em cada huma das argumentaçoens, mas ainda nas causas inteiras, ou constem de hum só ponto, ou de muitos. Porque estas mesmas tem ao principio a Proposição do ponto ou pontos que se querem provar v. g. *Commetteste hum sacrilegio. Fi-*

(*a*) *Especie* aqui he a fórma, isto he, a disposição arteficiosa da materia do Syllogismo, ou remota, a que os Dialecticos chamão *Figura*, e consiste nas differentes combinaçoens dos dous extremos com o meio termo nas premissas: ou proxima, a que os mesmos chamão *Modo*, que he a varia combinação das tres proposiçoens, attendendo á sua *quantidade*, e *qualidade*. As figuras são quatro, e os modos uteis dezenove. Todas estas especies, ou fórmas differentes se considerão propriamente no Syllogismo, e não no Epicheirema, bem que todas as differentes especies de raciocinios se podem reduzir ao Syllogismo.

(*b*) Esta he a verdadeira differença do Syllogismo Analytico e Demonstrativo, ao Dialectico e Rhetorico, ou Epicheirema. O Demonstrativo faz-se de premissas necessarias, e produz sciencia. O Rhetorico de provaveis, e gera sómente opinião. A primeira he huma prova evidente pelas causas necessarias da cousa; a segunda huma prova imperfeita pelos sinaes, e effeitos.

(*c*) Esta fórma póde-se considerar ou quanto á differente expressão, ficando os pensamentos sempre os mesmos; ou quanto ao numero das proposiçoens exprimidas e supprimidas; ou quanto á ordem differente das mesmas proposiçoens. De todas ellas trata Quint. pela sua ordem.

zeste esta morte. Nem todo o que mata hum homem he réo da morte; e depois a *assumpção*. Mas esta nas causas, e nas questoens he mais extensa que em cada hum dos argumentos, e pela maior parte se termina o raciocinio, substanciando-se brevemente todas as partes delle, já por meio de huma ennumeração, já por huma conclusão curta... Outras vezes a conclusão não he a mesma, que a Intenção, bem que tenha a mesma força: v. g. *O que he morto não nos diz respeito. Porque o que está desfeito, não tem sentimento. Ora o que não tem sentimento algum, não nos diz respeito; Logo o que está desfeito não nos diz respeito* (*a*)...

Outras fórmas nascidas do maior ou menor numero das proposiçoens supprimidas.

Mas aquella conclusão summaria, de que acima fallamos, (*b*) então se faz necessaria, quando entre a Intenção, e ella se mette de permeio hum largo discurso. Algumas vezes basta a *Intenção*, e *Assumpção* só. Como: *As Leis estão caladas entre as armas, nem querem se espere a sua decisão. Pois que, quem a quizer esperar, expõe-se a sofrer huma pena injusta, antes de poder repetir a que he justa.* Por isso disserão, que esta sorte de Enthymema feito dos consequentes equivalia á razão, ou assumpção. Mas ás vezes mesmo se poem sós as *Intençoens* sem *Assumpção*,

(*a*) Esta Conclusão he virtualmente a mesma que a Intenção, bem que a fórma exterior da expressão he differente. Porque se o que está desfeito não nos diz respeito, a morte, que consiste na dissolução, hade nos de ser necessariamente estranha. As conclusoens oratorias não precisão ser feitas pelas mesmas palavras das proposiçoens.

(*b*) Com que dissemos no §. antecedente se *substanciavão brevemente todas as partes do Epicheirema, já por meio de huma Ennumeração, já por meio de huma Conclusão curta.* Quint. lhe chama *Summa complexio* n. 11., porque, como o mesmo diz. n. 9, *cum in unum locum conduxerit breviter propositionem et assumptionem, adjungit quid ex his conficiatur.* Nestas conclusoens pois ajuntamos em hum ponto de vista a maior, a menor, e consequencia. Ellas se fazem precisas nos raciocinios extensos, para trazer á memoria as partes delles, que pela extensão do discurso talvez terião escapado.

como neste mesmo lugar: *As Leis estão caladas no meio das armas.* (a)

Outras fórmas nascidas da differente ordem das proposiçoens.

Tambem podemos começar a argumentação pela *Assumpção*, e depois concluir com a *Intenção* deste modo: *Se as Leis das XII. Taboas permittirão matar o ladrão nocturno por qualquer maneira que fosse, e o de dia, se se defendesse com armas: quem póde haver que diga, he digno de morte hum homem, que matou outro de qualquer modo que fosse?* (b) Cicero não contente com isto accrescenta ainda em terceiro lugar huma nova razão depois da conclusão: *Vendo* (diz) *as Leis mesmas dar-nos á mão em certos casos as mesmas armas para matar hum homem?* No mesmo

(a) Os raciocinios Rhetoricos pois, segundo Quint., ou constão de tres proposiçoens *Intenção, Assumpção*, e *Connexão*, e chamão-se Epicheiremas, dos quaes fallou no §. acima: ou constão só de duas, *Intenção* e *Assumpção* sem *Connexão* explicita, e chamão-se Enthymemas: ou constão de huma só proposição, a *Intenção* digo, subentendendo-se a *Assumpção*, ou levando-a incluida em si mesma, e chamão-se estes raciocinios *Pensamentos Enthymematicos*, ou *Synacoluthos*, assim chamados, porque nelles a proposição anda junta com a sua razão, segue-a a passo igual, e se presenta ao mesmo tempo. Tal he a força desta palavra. As primeiras duas fórmas tem lugar na Prova, quando se trata de examinar, e profundar as materias. Os Synacoluthos tem mais lugar na moção dos affectos Ethicos e Patheticos, que não se excitão, nem se exprimem se não por meio de vistas simplices, que se mostrão ao ouvinte sem o obrigar a discorrer, como nos raciocinios; porque se suppoem já instruidos. Assim esta proposição de Eneas em Virg. (Eneid. I. v. 203.) *O passi graviora! dabit Deus his quoque finem;* he hum Synacolutho, porque no *passi graviora*, e no *quoque* leva de companhia a sua prova, e o mesmo se vê neste de Dido V. 633. *Non ignara mali miseris succurrere disco.*

(b) A este proposito disse Cic. nas Part. C. 13. *Argumentandi duo sunt genera, quorum alterum ad fidem directe spectat, alterum se flectit ad motum. Dirigitur, cum proposuit aliquid, quod probaret, sumpsitque ea, quibus uteretur atque, his confirmatis, ad propositum se retulit atque conclusit. Illa autem altera argumentatio quasi retro et contra. prius sumit quae vult, eaque confirmat. Deinde id, quod proponendum fuit, permotis animis, jacit ad extremum.* Deste ultimo modo falla aqui Quint.

lugar seguio a ordem natural das partes do Epicheirema, deste modo: *Que injustiça póde ter a morte, que se dá a hum ladrão, e a hum aggressor?* Esta a Intenção. *Que querem dizer estas nossas escoltas, e estas espadas?* Esta a *Assumpção. As quaes certamente não poderiamos trazer, se em caso nenhum nos fosse permittido servir-nos dellas.* Esta a *connexão* de ambas as proposiçoens antecedentes. (*a*)

Do Syllogismo, e suas differenças do Enthymema.

§. IV. Ao Enthymema huns chamão *Syllogismo Oratorio*, outros *Parte do Syllogismo*, porque este tem sempre Proposição maior, e Conclusão, e por todas as partes de hum raciocinio perfeito mostra o que quer provar: o Enthymema pelo contrario contenta-se com se subentenderem mentalmente estas duas proposiçoens. (*b*) Por exemplo, Syllogismo he

---

(*a*) A ordem que os Logicos seguem na construcção do Syllogismo he a Synthetica, começando do universal para os singulares. A ordem, que Quint. julga a natural, he a Analytica, que começando dos singulares, sobe ao geral. Na verdade esta he a ordem genealogica das idêas. Nós começamos sempre pelos conhecimentos individuaes, e destes pela abstracção e reflexão chegamos a generalisar. A ordem do Epicheirema de Cicero he esta

Int. *Podemos usar das armas contra o agressor.*
Ass. *Porque as Leis permittem-nos espadas, e escoltas.*
Con. *E não nol-as permittirião, se não podessemos usar dellas.*

O Logico diz:

Maior: *Daquillo que se póde trazer, póde-se usar.*
Menor: *Ora nós podemos pelas Leis trazer armas.*
Concl. *Logo podemos usar dellas.*

(*b*) Para se ver com os olhos o que Quint. entende por Enthymema basta distinguir com os seus nomes todas as proposiçoens, que elle dá a hum Syllogismo perfeito, e subtrahir-lhe depois a *Proposição*, e *Conclusão*, que no Enthymema, ou parte do Syllogismo se devem subentender, sem se exprimirem. O Syllogismo he deste modo.

1. Intenção: *A virtude he o unico bem.*
2. Proposição: *Aquillo só he bem, de que ninguem póde abusar.*

este: *A virtude he o unico bem. Porque aquillo só he*

---

3. Assumpção: *Ora da virtude ninguem póde abusar.*
4. Conclusão: *Logo a virtude he o unico bem.*

Tiradas deste Syllogismo a Proposição e a Conclusão, que outra cousa resta se não o Enthymema seguinte, como o figura o mesmo Quint.?

1. Intenção: *A virtude he o unico bem.*
2. Assumpção: *Porque della ninguem póde abusar.*

Contrarios a esta doutrina de Quint. e interpretação minha parecem dous lugares deste mesmo Cap. hum n. 1. em que negando ao Enthymema a Conclução lhe dá a Proposição, dizendo: *Habet enim propositionem, probationemque, non habet conclusionem.* Outro n. 32., em que concede expressamente ao Enthymema as duas mesmas partes, que aqui lhe tira, dizendo: *Propositio ac Conclusio ex consequentibus, et repugnantibus non inspiret.* Cet.

Mas esta contradicção apparente desapparece reflectindo, que estes dous termos tem em Quint. differentes accepçoens segundo a especie de argumentação, em que se empregão, e lugar em que ficão na ordem das proposiçoens, de que se compõe o raciocinio. Pela palavra *Proposição* já entende Quint. a oração, que ennuncia o ponto, que nos propomos provar, chamada com outro nome *Intenção*, e neste sentido se vê em o Liv. III. 9. 2. e IV. 4. 1. e aqui neste Cap. n. 3, 6, 11, e neste mesmo sentido se vê tomada a palavra *Propositio* nos dous lugares acima: já entende a Proposição maior e mais universal do Syllogismo, ou Epicheirema, proposto pela mesma fórma do syllogismo, e neste sentido se vê claramente aqui n. 5, 9, e 13. e neste mesmo se deve tomar a palavra *Propositionem*, quando no presente lugar Quint. diz: *Syllogismus utique Conclusionem, et Propositionem habet.*

Quanto a outra palavra *Conclusio* esta sempre se toma em Quint. pela ultima proposição, que fecha o raciocinio, como se vê IX, 4, 123. Como porém na ordem Analytica do Syllogismo, e Epicheirema a *Proposição universal* he que fecha o raciocinio, e na ordem Synthetica a *Intenção*, e no Enthymema a *Assumpção*, daqui vem a palavra *Conclusio* significar em Quint. todas estas tres cousas. Pela Intenção se toma aqui n. 10; 18, 11. Pela *Proposição universal*, que costuma ser a maior no Syllogismo Synthetico. n. 20. Neste sentido diz Quint. na primeira passagem que o Enthymema tem sim *Proposição* e *Prova* mas não *Conclusão*, porque tem a *Intenção* e *Assumpção*, e não tem *Connexão*, ou a Proposição universal, como tem o Syllogismo: e na segunda passagem a *Proposição* he o consequente ou intenção do Enthymema e a *Conclusão* he o *Antecedente*, ou Assumpção.

Se Gesnero reflectisse em tudo isto, não invectivaria tantas vezes nas suas notas a este Cap. contra Quint. chegando a dizer

hum bem, de que ninguem póde abusar. Da virtude só ninguem póde abusar. Logo a virtude he o unico bem: e Enthymema dos consequentes he est'outro: *A virtude he hum bem. Porque della ninguem póde abusar.*

Agora para mostrar o contrario de hum Syllogismo: *O dinheiro não he hum bem. Porque não he hum bem aquillo, de que se póde abusar. Do dinheiro póde-se abusar. Logo o dinheiro não he hum bem:* e Enthymema dos contrarios; *Por ventura he hum bem o dinheiro, do qual quem quer póde abusar?* Da mesma sorte quando eu digo: *Se o dinheiro, que ha em moeda de prata, he prata; quem deixou em legado toda a prata, deixou tambem todo o dinheiro em prata. Ora fulano legou toda a prata. Logo tambem o dinheiro de prata.* O raciocinio deste modo tem a fórma de Syllogismo. O Orador porém contenta-se com dizer: *Como fulano deixou em legado toda a prata, tambem deixou o dinheiro, que he de prata.*

De que modo deverá o Orador empregar estes raciocinios.

§. V. Parece-me ter explicado todos os mysterios da Arte. Ainda porém resta lugar á prudencia, e discernimento do Orador, para fazer delles o devido uso. Porque ao mesmo passo que eu não julgo illicito usar alguma vez do Syllogismo no discurso oratorio: assim não approvo que conste todo, ou, pelo menos, seja hum esquadrão cerrado de Epicheiremas e Enthymemas. Porque deste modo seria mais similhante aos Dialogos Socraticos e as disputas Dialecticas (*a*)

---

not. 12. *Haec sectio tota parum digna Fabio, viro alias acutissimo... Quae de argumentandi ratione dicit, illa a Dialecticis et Rhetoricis adeo rationibus nimis abhorrent.*

(*a*) Os antigos reconhecião dous methodos de convencer, e distinguir o verdadeiro do falso; hum o Socratico, que consistia na *Inducção.* Pois este Philosopho, fazendo muitas perguntas, que o adversario de necessidade havia de conceder, por fim vinha a concluír o que era em questão, visto ter-se já concedido cousa similhante. Como por ex. *Quod est pomum generosissimum? Nonne quod optimum?* conceder-se-hia. Continúa; *Quid? Equus qui*

do que aos discursos da nossa profissão; cousas entre si summamente diversas. (*a*)

---

generossisimus? Nonne qui optimus? e por este mesmo modo muitas outras perguntas, concluindo com o para que se fizerão as questoens, *Quid homo? Nonne est generosissimus, qui optimus?* a qual conclusão por força se deve conceder. V. Quint. V, IV, 3.

O outro méthodo he o Dialectico, ou de disputa, pelo qual definindo, dividindo, e argumentando, chegamos a apanhar o adversario, e fazel-o calar. Hum e outro methodo tem de commum 1. reduzir o adversario a confessar o que antes negava, ainda que disso não esteja persuadido. 2. Empregar para este fim as analyses miudas, e os principios mais simplices, e abstractos. 3. Usar de hum estilo proprio, claro, e preciso, e cortado frequentemente pelas perguntas e respostas. *Itaque haec pars Dialectica* (diz Quint. XII, 2, 13.) *sive illam dicere malimus disputatricem, ut est utilis saepe et finitionibus, et comprehensionibus, et separandis quae sunt differentia, et resolvenda ambiguitate, et distinguendo, dividendo, elliciendo, implicando: Ita, si totum sibi vindicaverit in foro certamen, obstabit melioribus, et sectas ad tenuitatem suam vires ipsa subtilitate consumet. Itaque reperias quosdam in disputando mire callidos, cum ab illa cavillatione discesserint, non magis sufficere in aliquo graviore actu, quam parva quaedam animalia, quae in angustiis mobilia, campo deprehenduntur.*

(*a*) Os Philosophos, e os Oradores tem differentes *Fins*, differentes *Ouvintes;* e por isso empregão, e devem empregar tambem differentes *Meios*. O fim dos Philosophos he, como diz Quint., *verum quaerere, et ad liquidum confessumque perducere;* isto he, a *Verdade* e a *Convicção*. O dos Oradores he a *Verisimilhança*, e a *Persuasão*.

2. Os Philosophos fallão a outros Philosophos, isto he, a homens intelligentes, instruidos, applicados, amantes da verdade, e desapaixonados. Não tem pois necessidade de os excitar á attenção, atrahir com o deleite, e mover com as paixoens. Bastão-lhe as idêas distinctas, os raciocinios simplices, claros, e convincentes. O seu estilo consequentemente he proprio, interrupto, e conciso. Os Oradores tem por ouvintes de ordinario homens ignorantes de outras materias, que não sejão as da vida e uso civil. Os seus principios pois devem ser populares, verisimeis, tirados do senso commum, e revestidos de imagens sensiveis, que failem á phantasia.

3. Os meios pois, que o Philosopho emprega nos seus discursos, são differentes dos do Orador. Aquelle, quanto aos *pensamentos*, emprega as idêas as mais reflexas, abstractas, e geraes, os juizos exactos, as analyses as mais miudas, e metaphysicas, as argumentaçoens convincentes, como o Syllogismo, e Demonstração. E quanto ao *estilo*, como elle caminha direito á verdade, rejeita tudo o que póde embaraçar a sua marcha. O seu estilo he cerrado, claro, e preciso, sem ornatos alguns; Os Enthymemas e Epicheiremas nús, e descarnados.

Differença entre os Philosophos e Oradores quanto ao uso destas argumentaçoens.

Pois os Philosophos, como só procurão achar a verdade, e isto tratando com outros Philosophos; entrão em discussoens subtís e miudas, até chegar á ultima evidencia, e convicção: que por isso elles se arrogão as duas partes da Logica, a *Topica*, e a *Critica*. (*a*)

Nós porém os Oradores temos de accommodar os nossos discursos ás idêas dos outros, e de fallar as mais das vezes diante de homens inteiramente ignorantes, (pelo menos de outros conhecimentos, que não sejão os do foro da Eloquencia) os quaes se não alliciarmos com o deleite, se os não reduzirmos com a força do discurso, e se algumas vezes os não perturbarmos com as paixoens; não lhes poderemos persuadir aquillo mesmo, que he justo e verdadeiro.

A Eloquencia quer ser rica, e bella.

A Eloquencia quer ser *rica* e *bella.* (*b*) Ora ne-

O Orador porém como tem de persuadir, e para isto he necessario não só provar, mas atrahir, e mover: rejeita as analyses subtís e metaphysicas, ama as idéas sensiveis, compostas, e confusas; serve-se dos pensamentos e principios communs, que reveste de côres as mais phantasticas, e agradaveis. Faz valer a sua authoridade pela expressão dos costumes os mais atractivos, e quando he preciso, perturba com as paixoens. O seu estilo pois he sim claro, mas ao mesmo tempo ornado, rico, e variado. A oração he seguida, e copiosa, ao mesmo tempo que a dos Philosophos he interrupta e concisa; que por isso Zenão comparava a Rhetorica á mão aberta, e a Dialectica a mesma fechada.

(*a*) *Omnis ratio disserendi, quam logicen Peripatetici veteres appellavere*, (diz Boecio no Proemio de Differ. Topic.) *in duas distribuitur partes, unam Inveniendi, alteram Judicandi; et ea quidem pars, quae judicium purgat, atque instruit, ab illis* ἀναλυτικὴ *vocata est, a nobis potest Resolutoria nuncupari; ea vero; quae inveniendi facultatem suppeditat, a Graecis* τοπικὴ, *a nobis localis dicitur.* A Topica pois tratava dos lugares communs dos argumentos provaveis, e a Critica, ou Analytica da resolução da Questão, ou Syllogismo nos seus principios para os examinar, e julgar.

(*b*) *Rica* quanto ao numero das palavras. Porque como não

nhuma destas qualidades ella poderá conseguir, se o seu discurso, á maneira do dos Dialecticos, retalhado a cada passo por argumentaçoens compassadas, frequentes, e uniformes, merecer o desprezo pela baixeza de seu estilo, o aborrecimento pela servidão da sua marcha, e o fastio pela sua demasia, e extensão. Não se conduza pois a Eloquencia por carreiros estreitos, mas espraie-se pelos campos espaçosos. Corra, não como as aguas colligidas em pequenos regatos, mas como as grandes correntes, que innundão, e cobrem os valles, e ellas mesmas se abrem estrada, quando a não achão. (*a*)

Refuta a opinião contraria de alguns Rhetoricos.

Na verdade que cousa mais miseravel que a regra daquelles mestres servís, que á maneira dos meninos que seguem escrupulosamente na escritura os traços das letras, que lhes figurarão, ou que, como dizem os Gregos, guardão religiosamente o primeiro vestido da sua infancia, (*b*) dão este preceito: *O Enthymema* (dizem elles) *dos consequentes, e dos contrarios não seja animado, não empregue a Amplificação, não use de mil figuras, e fórmas para voltar, e variar os pensamentos; afim de parecer natural, e não se mostrar nelle a cada passo a arte, e mão do Rhetorico.* (*c*) Que Orador jámais fallou deste modo?

---

tem só por fim o ensinar, não deve ser *precisa*, como a Logica. *Bella* quanto á qualidade das palavras, porque a Eloquencia quer que ellas sejão não só puras, e claras, mas tambem ornadas.

(*a*) Os grandes mestres, como Quintiliano, não se contentão com ensinar as regras da arte. Elles mesmos ensinão a sua pratica, dando ao mesmo tempo o preceito e o exemplo. Este lugar, em que se ensina, que a Eloquencia seja rica e bella, elle mesmo he *rico*, e *bello*. Que copia de expressoens? que ornato na viveza, e contraste das imagens? Nós teremos occasião de fazer ainda muitas vezes esta mesma observação.

(*b*) Proverbio Grego, dito daquelles, que nunca despem os prejuizos, e erros, com que desde a infancia forão imbuidos, ou aprenderão em as primeiras liçoens da eschola.

(*c*) Todo este lugar está mal tratado na edição de Gesnero. Elle lê: *Nam quid miserius legem illam, velut praeformatas infantibus litteras, persequentibus, et ut Graeci dicere solent, quem mater*

Não apparecem em Demosthenes mui poucos exemplos destes Enthymemas nús, e descarnados? Estes Mestres Gregos com tudo aproveitando-se delles, (pois he a unica cousa que fazem peor que nós), encadeando-os, e formando delles huma longa enfiada, acabão por tirar consequencias, de que ninguem duvidava, e provar o que não necessitava de prova; e dizem-se então nisto similhantes aos antigos. Perguntados porém pelo modelo, que seguirão, nunca responderáõ. Mas das figuras tratarei eu em outro lugar.

Qual deve ser o estilo dos argumentos.

Agora accrescento que nem sou tambem do sentimento dos que julgão, que os argumentos se devem tratar sempre em hum estilo *puro* sim, *claro, e distincto*, mas não *rico*, nem *ornado*. (*a*)

Que os argumentos todos devão ser *distinctos, e claros* não tem duvida, e ainda nas causas menores em hum estilo *proprio*, e *familiar*. Porém se a causa, e materia for maior, sou de parecer que nenhum

---

amictum dedit, solicite custodientibus? e todo o resto na mesma fórma de interrogação: e depois diz na nota, que o lugar he hum pouco difficil pelas figuras mesmas, com que quiz exornar o preceito sobre o ornato do Enthymema. Mas estas figuras de muitas interrogaçoens seguidas, e uniformes são insipidas na pena de Quint. Além de que o ultimo membro: *Ut ea nosci et ipsa provenire natura etc.* mostra que taes figuras são suppostas em Quint.

Tudo fica claro, e direito seguindo-se a lição do Cod. Gothano, e Edição Jensiana, que, sendo as guias ordinarias de Gesnero na sua edição, não sei a razão porque aqui o deixárão de ser. Segundo pois o dito Cod. e edição deve-se ler assim: *Nam quid illa miserius lege . . . persequentium . . . custodientium : Propositio, ac conclusio ex Consequentibus, et Repugnantibus non inspiret, non augeat etc.* sem interrogaçoens até *Quis unquam sic dixit orator?* Tudo o que fica entre a primeira, e ultima interrogação, são palavras da regra, que sobre o Enthymema davão alguns mestres de Rhetorica, e que por isso na traducção representei em differente caracter. Assim fica o lugar claro. Do modo porém, com que Gesnero o representa, não faz sentido.

(*a*) Que cousa seja estilo *puro*, *claro*, e *distincto* v. Liv. III. Cap. II. Estilo *rico* (*latus*) he o que he abundante, e fertil de expressoens, e variado nas figuras. O ornato provém das pinturas, imagens, similhanças, amplificaçoens, sentenças, tropos, e collocação?

ornato se lhes deve negar, com tanto que os não escureça. (*a*) . . . Porque quanto huma cousa he de sua natureza mais sêca, e aspera, de tantos mais deleites precisa para se adubar. A argumentação por outra parte he de sua natureza suspeita, e por isso necessita de ornatos, que a disfarcem. Alem de que o mesmo gosto, que o ouvinte sente no ornato dos argumentos, conduz muito para lhos fazer criveis. Só se assentamos que Cicero se exprimio mal nesta argumentação, dizendo: *Que as leis se calavão entre as armas, e que as mesmas leis nos punhão ás vezes a espada na mão.* (*b*) Mas nestes ornatos dos argumentos deve haver tal medida, que sirvão de adorno, e não de embaraço.

CAPITULO XI.

Da Refutação.

(V. 13.)

A Refutação póde-se tomar de dous modos, ou por toda a oração do defensor, que he huma verdadeira refutação, ou por aquella parte da Oração, em que hum, e outro advogado desfazem as objeçoens opostas de parte a parte. Esta he a que propriamente

(*a*) O fim da prova he instruir, e esclarecer o espirito nas materias duvidosas. A clareza pois, e distincção das idêas constituem o principal merecimento dos argumentos. Por tanto os ornatos são admittidos só com tal condição, que nada diminuão esta clareza. As metaphoras pois muito continuadas, as allegorias, as figuras patheticas, os periodos compassados, e outros ornatos deste genero que divertem, e perturbão a attenção não podem ter lugar na prova, senão raras vezes.

(*b*) Cicero podia dizer simplesmente sem ornato: *As leis nenhuma obrigação nos impoem, quando somos atacados, antes nos mandão defender.* Mas quem não vê que este mesmo pensamento toma sentimento, e alma das metaphoras vivas, com que as leis aqui se personeficão, communicando-se-lhes vida, acção, e movimento?

chamamos Refutação, e que tem o quarto lugar entre as partes da oração....

Para bem refutar convém antes de tudo ver *o que o adversario disse*, *e o modo com que o disse.*

ARTIGO I.

Sobre o que o adversario disse.

Como refutaremos as objeçoens pertencentes á causa.

§. I. Quanto ao primeiro ponto, deveremos ver se aquillo, a que temos de responder, he *proprio* da causa, que se trata, ou *trazido de fóra* para ella.

Se for *proprio*, refutar-se-ha de hum destes tres modos, ou *negando-o, ou defendendo-o, ou transferindo-o.* Fóra destes tres meios nenhum outro ha em Juizo... Já mostrámos que havia duas fórmas de *negar*, huma, dizendo *que a cousa não se fez*, outra *que a cousa que se fez, não he a que se diz.* (*a*)

O que não se poder nem *defender*, nem *transferir*, necessariamente se ha de negar, não só no caso, em que a definição da acção póde ser a nosso favor; mas ainda quando não temos outro algum recurso mais do que negal-a absolutamente. Se houver testemunhas do facto, póde-se dizer muita cousa contra ellas; se hum assignado, podemos dizer que a letra he contrafeita. Certamente não haverá peor situação, que aquella, em que o réo he confesso.

Resta por ultimo a *excepção*, e *translação* da ac-

(*a*) A primeira especie de negação pertence ao estado de *Conjectura, An sit factum?* Por exemp. se o accusador me crimina de hum furto, e eu digo: *Não furtei*, he o primeiro modo de refutação. A segunda especie de negação pertence ao estado *Definitivo, Quid sit factum*, em que eu, definindo a acção, nego seja aquella, de que o accusador me faz culpado: por exemp. tendo eu furtado hum dinheiro particular do templo, o accusador intenta contra mim huma acção de sacrilegio. Eu a refuto, negando fosse aquillo hum sacrilegio, e mostrando he hum simples furto, afim de evitar as penas mais graves determinadas na lei contra os sacrilegos. V. Cap. II. Art. I. §. 2., e a nota, Cap. III. §. 3. e a nota.

ção, (*a*) quando nem á *negação*, nem a *defeza* tem lugar.

Como refutaremos o que for impertinente.

Porém se aquillo, que se nos oppõe, for *extrinseco* á causa, mas ligado com ella, eu preferiria a qualquer outro modo de refutação o dizer simplesmente: *Que isso não vem para o caso. Que não nos devemos demorar em lhe responder, e que he menos do que o adversario diz.* Se não quizermos nem ainda dizer isto, eu perdoaria facilmente a hum advogado, que se fingisse esquecido de responder a similhantes cousas, pois quem tem só em vista o livramento do seu réo, não deve recear hum reparo passageiro do seu descuido.

Quando havemos de refutar os argumentos juntos.

§. II. Tambem havemos de ver, se nos he mais conveniente refutar muitos argumentos *juntos*, ou *cada hum de persi.* Refutaremos muitos juntos, se forem, ou tão fracos que com hum impulso se possão derribar; ou tão fortes que não nos convenha pelejar em fórma, medindo as nossas forças com cada hum delles. Porque então o melhor expediente he hir contra elles em esquadrão cerrado, e combatel-os tumultuariamente, sem ordem de batalha. (*b*)

(*a*) Se nós não nos podemos defender, nem negando absolutamente o facto pelo estado de conjectura, nem negando que a acção que se fez seja a de que nos accusão, pelo estado de Definição; nem emfim justificando a minha acção pelo estado de Qualidade: em ultimo recurso só resta a *Translação*, isto he, a *Excepção* sobre a incompetencia de acção, pela qual mostramos que, ou o accusador não tem acção, ou que a não tem contra nós, ou neste tempo, ou perante este juiz, ou por força desta lei etc. Quint. com tudo Liv. I. Cap. XIII. no fim reduz o Estado Translativo aos tres geraes.

(*b*) As palavras de Quint. são: *Plura simul invadimus, si, aut tam infirma sunt, ut pariter impelli possint; aut tam molesta, ut pedem conferre cum singulis non expediat. Tum toto corpore obnitendum, et ut sic dixerim, directa fronte pugnandum est.* Pelas metaphoras, que Quint. aqui emprega, tiradas da milicia Romana, se vê que o mesmo nos quiz ensinar o modo differente de combater os argumentos do adversario com a similhança da differente

Outras vezes, se nos for mais difficil desfazer as

---

maneira de batalhar entre os Romanos. Para intelligencia pois deste lugar he preciso saber que entre estes havião dous modos de combater o inimigo em campo razo: huma em fórma regular, quando, ordenado o exercito em linhas, pelos intervallos, que corrião direitos, e atrevessados, sahião fóra das mesmas linhas em pelotoens a fazer escaramuças, 1. os armados á ligeira, cançados estes, os *Hastados*, depois os chamados *Principes*, e por fim os *Triarios*. Este campo chamava-se *Acies instructa, aperta, directa;* e este modo de combater chamava-se *Conferre castra, signa, gradum, pedem, manus*, isto he pelejar em fórma, *Colato pede rem gerere*, como diz Livio liv. 26. cap. 38. O mesmo ajuntou tudo no liv. 38. cap. 41. *Praelio justo, acie aperta, collatis signis dimicandum erat.*

O outro modo era *toto agmine*, ou *corpore*, e *ácie indirecta*, quando todo o exercito junto em hum esquadrão cerrado, sem batalhoens separados, se lançava sobre o inimigo tumultuariamente, e o acommettia ao mesmo tempo, *simul aggrediebatur, simul invadebat, pariter impellebat, toto corpore obnitebatur*, e não por pelotoens, *cum singulis pedem conferendo*. Assim, diz Quint. combateremos os argumentos de montão todos juntos, involvendo-os todos confusamente em huma resposta, quando, ou forem tão debeis, que com ella só fiquem assás refutados, ou tão fortes que não nos convenha pelejar com cada hum em fórma. Porque neste caso o melhor he lançarmo-nos de tropel sobre elles, e pelejar tumultuariamente. v. Supr. II. 13, 3. Esta explicação nos conduz naturalmente a conhecer, que a lição vulgar deste lugar anda errada em todas as ediçoens, em que se lê *directa fronte*, devendo-se ler *indirecta fronte*. Na verdade *fronte*, *acie directa pugnare* he contrario a *toto corpore obniti*, e Quint. não podia ajuntar estas duas cousas contradictorias. O erro dos Amanuenses era facil neste lugar. Porque, acabando a palavra *dixerim* immediata na mesma syllaba, porque principiava *indirecta*, era facil preterir a repetição della.

Confirma-se esta minha conjectura, porque se Quint. escrevesse *directa fronte*, sendo esta expressão muito trivial na lingua Latina, e usada delle sem receio II, 13, 3, não seria preciso pedir venia para ella, como pede: *ut sic dixerim*. Parece pois que o que escreveo foi *indirecta fronte*, expressão nova, e desusada para explicar a fórma de batalha contraria á regular, e por isso para prevenir o reparo usará do remedio, que elle mesmo aconselha Liv. VIII. cap. 3. n. 37. E que? se se mostrar que Quint. usa desta mesma palavra *indirectus* neste sentido para significar a peleja tumultuaria, e irregular, pedindo porém licença para usar della como nova? He o lugar n. 2. deste mesmo cap. em que, fazendo a confrontação da accusação com a defeza, e mostrando a maior difficuldade desta sobre aquella, diz assim: *Quare indirecta fere, atque, ut dixerim, clamosa est actio: hinc mille flexus et artes desiderantur. Pelo que a accusação* (diz elle) *de*

razoens do adversario, poderemos confrontar os nossos argumentos com os delle, e ver se fazemos parecer os nossos mais valentes, que os do contrario. (*a*)

Quando separados.

Os argumentos porém, que tirarem a sua força da *união*, refutal-os-hemos separando-os, como aquelles, que ha pouco dissemos. (*b*) *Eras herdeiro, e pobre, e citado de teus crédores por grandes dividas, e tinhas offendido o testador de quem eras herdeiro, e sabias hia a mudar o testamento.* Todos estes argumentos juntos fazem sua força. Porém se os dividires, toda esta força descairá, bem como a chama ateada em hum monte de lenha acama, divididos que sejão os tiçoens, em que se sustentava, e á maneira dos grandes rios, que repartidos em regatos por onde quer dão passagem.

Differente modo de fazer a proposição dos pontos, que se hão de refutar.

Em consequencia do que acabamos de dizer, a proposição mesma do que queremos refutar se deve

---

ordinario he irregular, e para assim dizer tumultuaria. Da parte porém do defensor requerem-se mil evolucoens, e estratagemas. As quaes duas cousas, confundindo-as Gesnero como ditas ambas da accusação, dá-se mil torturas a si, e ao texto de Quint. para se livrar do embaraço, em que necessariamente o havia de metter similhante erro.

(*a*) Esta especie de refutação, pela qual não desfazemos os argumentos do adversario, mas lhe oppomos outros, ou iguaes, ou maiores, chama-se por *Compensação*, á maneira dos bons Generaes, que, vendo-se com forças desiguaes ao inimigo, lhe fazem diversoens. Por este modo se termina a disputa dos Pastores no Ecloga 3. de Virg. Dametas, tendo proposto ao seu contendor este Enigma,

Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo,
Tres pateat coeli spatium non amplius ulnas.

Mopso, não o podendo decifrar, lhe responde com outro:

Dic quibus in terris inscripti nomina regum
Nascantur flores, et Phyllida solus habeto.

(*b*) Cap. XI. Art. I. §. 2.

accommodar segundo esta utilidade, já individuando nella os argumentos do adversario cada hum per si, já abrangendo-os todos juntos. Porque algumas vezes basta propôr de huma vez o que o adversario separou em muitas proposiçoens, como por exemp. se elle disse, que o réo tinha muitas razoens para commetter o crime, de que o accusão; nós, sem fazer a enumeração de cada huma dellas, respondermos em geral: *Que isto nada prova, porque não se segue fizesse huma acção, quem tem razoens para a fazer.* Com tudo de ordinario convém mais ao accusador accumular os argumentos, e ao réo o separal-os. (*a*)

A refutação deve ser differente, segundo as cousas, que se hão de refutar.

§. III. Tambem se deve ver o modo, com que se hão de refutar as accusaçoens do adversario. Porque se a accusação he *claramente falsa*, basta negal-a, como Cicero *pro Cluentio* nega morresse no mesmo dia aquelle, que o accusador dizia tinha cahido morto, logo que bebeo o copo. (*b*)

Tambem o que he manifestamente *contraditorio*, *superfluo*, *e futil*, não necessita de arte para se refutar, e por isso não nos dilataremos em ensinar o modo de o fazer, e os exemplos. As cousas *occultas*, de que não ha testemunhas nem prova, por si mesmas se destroem. Porque basta não as provar o adversario. O mesmo se deve dizer das cousas *impertinentes*.

O melhor modo de refutar o adversario he pelos seus mesmos ditos.

Onde porém hum Orador dá prova da sua habi-

(*a*) Os argumentos, digo, fracos. Que quanto aos fortes, assim como convém mais vezes a quem os emprega o tratal-os separadamente, e instar com cada hum delles: assim a quem os refuta ás vezes he necessario acommettel-os de montão. Combinem-se estes dous §§. com o lugar do Cap. XI. acima citado.

(*b*) Cap. 60. *Nego illum adolescentem, quem statim epoto poculo mortuum esse dixistis; omnino illo die esse mortuum. Magnum, et impudens mendacium.*

lidade, he em descobrir na oração do adversario alguma cousa, ou *contradictoria*, ou *alheia da causa*, ou *incrivel*, ou *escusada*, ou *mais a nosso favor*, que a favor do contrario. Assim *Oppio he accusado de ter furtado dos viveres destinados para a subsistencia dos soldados*. A accusação era terrivel, mas Cicero a mostra contraria a outra, que os mesmos accusadores lhe fazião, de ter pretendido corromper o exercito com dinheiros. (*a*) O accusador promette testemunhas contra Cornelio de este, sendo tribuno, ter lido o papel da lei. (*b*) Cicero faz ver, que isto era escuzado, porque a mesma parte o confessava. Quinto Cecilio requer ser accusador de Verres por ter sido seu Questor. (*c*) Cicero fez ver que esta razão era mais a seu favor, que do adversario.

Lugares communs para qualquer refutação.

§. IV. Para refutar outras quaesquer objecçoens

(*a*) Dion Cassio Liv. 46. conta que este Publio Oppio fôra Questor de Marco Cotta, o qual depois de ter sido Consul com Lucio Lucullo, passou ao governo da provincia da Propontis, e Bithynia, e fez a guerra a Mithridates Rei do Ponto, mas com successos infaustos; dos quaes suspeitando era causa seu Questor, o removeo do cargo Oppio, sendo depois accusado em Roma de lesa Magestade por ter furtado os viveres do Exercito; Marco Cotta apoiou esta accusação com o seu testemunho. Foi defendido por Cicero. Esta oração porém se perdeo, e só della nos restão poucos fragmentos, os mais delles em Quint.

(*b*) Tambem a Oração *pro Cornelio reo Majestatis* se perdeo: e por esta causa ficarião nas trevas estes, e outros lugares de Quint. se felizmente nos não restassem os commentarios de Asconio sobre ella. Destes sabemos que Cornelio, sendo Tribuno, quiz fazer passar huma lei pouco grata aos Senadores. Estes porém fizerão do seu partido outro Tribuno, o qual ao tempo, que o Porteiro publico havia de proclamar a dita lei diante do povo, subministrando-lhe o escriba as palavras, e dizendo-lhas em voz baixa, embaraçou a hum, e a outro de o fazer por meio da sua opposição. Então Cornelio pegou da membrana, em que a lei estava escrita, e a lêo em voz alta. Disto lhe fizerão hum crime seus adversarios, pretendendo ter elle com isto attentado os direitos sagrados da Magestade Tribunicia. Pois deste modo se tirava a *intercessão*, ou opposição dos Tribunos. v. Asconio.

(*c*) He materia da Oração de Cicero chamada *Divinatio in Verrem*, em que o mesmo disputa a Q. Cecilio a accusação contra Verres.

ha lugares communs. Pois ou se examinão pelo estado de *Conjectura*, se são, ou não verdadeiras; ou pelo de *Definição*, se são propriamente de tal natureza, qual se dizem; ou pelo de *Qualidade*, se são ou não indecorosas, injustas, illicitas, deshumanas, crueis, etc. . . .

Com tudo algumas vezes o melhor modo de refutar certas objecçoens he, ou desprezal-as, ou como frivolas, ou como impertinentes ao caso. (*a*) Cicero faz isto muitas vezes. Este desprezo porém affectado chega ás vezes a fazer-nos desdenhar de responder áquellas mesmas cousas, que aliás não poderiamos refutar seriamente.

Modo de refutar as Paridades, Similhanças, e Exemplos.

§. V. Como porém huma grande parte das cousas, que o adversario diz, se funda em provas tiradas dos *Similhantes*; para as refutar devemos indagar escrupulosamente as differenças de cada hum dos casos.

Nas *Paridades* de Direito he isto facil. Porque as leis forão escritas em diversas circunstancias, e assim tanto mais se póde vir no conhecimento da disparidade dos casos.

(*a*) Aqui ha huma falta na edição de Gesnero, que lè, *quaedam bene contemnuntur*, *vel tamquam ad causam nihil pertinentia;* devendo-se ler segundo todas as mais ediçoens *vel tamquam levia*, *vel tamquam ad causam nihil pertinentia*. A omissão do primeiro inciso era facil aos compositores enganados com a similhança do segundo. Mas este erro devia-se advertir nas Erratas com outros desta especie, que não são poucos nesta edição de Gesnero aliás correcta, como deixamos observado no Cap. do Exordio no princ.

Neste lugar a mesma Dijunctiva *vel*, por que principía o segundo inciso, está pedindo outra com outro inciso, ou atraz, ou adiante. Com tudo Gesnero, fazendo a nota ás palavras *Quaedam bene contemnuntur*, omittindo exemplos da primeira preterição, só se faz cargo da segunda, citando o lugar de Cic. *pro Roscio Amer.* Cap. 29. *Quae mihi iste visus est ex alia oratione declamare, quam in alium reum commentaretur. Ita neque ad crimen parricidii, neque ad eum, qui causam dixit, pertinebant. De quibus quoniam verbo arguit, verbo satis est negare.*

Quanto ás *Similhanças* tiradas dos animaes, e das cousas inanimadas, he facil eludil-as. (*a*)

Os *Exemplos historicos*, sendo-nos contrarios, devem-se refutar de differentes modos. Porque se forem duvidosos, poderemos dizer que são fabulosos, se forem verdadeiros, que são muito dissimilhantes. (*b*) Pois he impossivel, que em tudo sejão o mesmo exactamente. Assim se Nasica, depois de matar a Gracho, se defendesse com o exemplo de Ahala, que matou a Melio. (*c*) Diriamos, que a comparação não he justa: *Que Melio pretendia opprimir a liberdade da Patria, e que Gracho pelo contrario ha pouco tinha feito leis populares: Que Ahala era General da Cavallaria, e Nasica hum homem particular.* Se nada disto houver, veremos se podemos mostrar que aquelle mesmo exemplo he reprehensivel. O que dizemos dos Exemplos, se deve entender tambem dos *Casos julgados.* (*d*)

(*a*) As differenças, que os animaes, e ainda mais as cousas inanimadas tem, comparadas com o homem, são tantas, e tão palpaveis, que qualquer as póde notar, para eludir a força da comparação.

(*b*) Na duvida entre as duas liçoens deste lugar, huma de Regio, que conservando as palavras dos Mss. só com huma leve transposição lê assim: *Quae si dubia erunt, fabulosa dicere licebit; sin vera, maxime quidem dissimilia*, e estoutra, que sem transposição sim, mas contra a fé dos Mss. lê deste modo: *Quae si vetera erunt, fabulosa dicere licebit, si indubia, maxime quidem dissimilia*, julguei devia escolher a primeira para a traducção. 1. Porque prezenta hum sentido mais verdadeiro, e Rhetorico, o que não faz a segunda. Pois os Exemplos por serem antigos, nem por isso se podem dar por fabulosos. Tambem com esta lição nenhuma regra daria Quint. para a refutação dos exemplos novos, mais frequentes nos discursos, o que não he crivel. 2. As dijunctivas *sive*, *sive* requerem alguma contraposição de idêas, qual ha entre *dubia*, e *vera*; e não entre *vetera*, e *indubia*. 3. Porque as Ediçoens e Mss. mais antigos lêm *vera*, e não *vetera*; *dubia*, e não *indubia*. A lição de Gesnero *sive vetera. . . . sive dubia*, quanto á primeira parte não tem maior authoridade, e quanto á segunda, faz dar a Quint. huma regra pouco sensata, e indigna do seu juizo.

(*c*) V. Cap. IX. Art. I. §. I. not.

(*d*) V. Cap. V. §. II. n. 2.

ARTIGO II.

Do modo, com que o adversario se exprimio, e vicios da Refutação.

Quando deveremos servir-nos das mesmas palavras do adversario, e quando não.

§. I. O que disse ao principio: *Que importava tambem muito ver o modo, com que o adversario se exprimio*, he para este fim, para que, se elle se exprimio com pouca força, nos sirvamos das suas mesmas palavras: Porém se elle empregou huma elocução forte e vehemente, então em lugar das suas palavras, refiramos a mesma accusação já com expressoens nossas mais brandas, (a) como fez Cicero a favor de Cornelio dizendo: *Tocou o papel da lei*; (b) já com a sua desculpa junta, como se havendo de fallar por hum dissoluto, dissermos: *He accusado de huma vida hum pouco livre*; por hum *avarento*, chamando-lhe *parco*; por hum *maldizente*, chamando-lhe *livre*. (c)

(a) Como no exemplo seguinte da oração a favor de Cornelio, em que Cicero em lugar de dizer *léo*, poz, *tocou*. He isto a primeira especie de Amplificação das palavras de que Quint. trata no Cap. *de Amplificat.*, pela qual, em lugar dos termos proprios substituimos outros ao nosso modo, segundo queremos engrandecer, ou apoucar a cousa.

(b) V. supr. Art. I. §. III. not. (b)

(c) A isto chamão os Gregos *Hypocorismo*, e Quint. *Derivatio verborum.* V. supr. Cap. II. Art. II. §. 5. not. Arist. Rhet. I. 9. 37. foi o primeiro, que ensinou este artificio. *Para louvar, ou vituperar* (diz elle) *poderemos tomar as qualidades visinhas ás que realmente ha, como se fossem as mesmas. Ao acautelado por ex. daremos o nome de timido, e ao animoso de atroiçoado; e pelo contrario ao tolo chamaremos bom, e ao indolente, pacifico. Outras vezes tomando dos accessorios das mesmas qualidades o melhor, dal-as-hemos a conhecer por aqui, o iracundo e furioso, por ex. como hum homem sincero, o soberbo como hum homem de altos pensamentos. Outras vezes em fim representaremos os homens, que peccão por excesso, como virtuosos, v.g. o atrevido como forte, o prodigo como liberal. Porque isto assim parece a muitos.*

Quando referiremos as objeçoens com as suas provas e lugares communs, e quando não.

Em huma cousa certamente nunca deveremos nós cahir, que he; referir os ditos dos adversarios com a sua confirmação, ou ajudal-os ainda, deduzindo por extenso o lugar commum, com que os costumão fortificar, excepto quando os quizermos metter a ridiculo, como Cicero fez: *Estiveste-me no exercito,* (diz,) *tantos annos, não puzeste o pé no Foro, estiveste ausente tanto tempo, e vindo depois de hum tão grande intervallo, disputarás a dignidade do Consulado áquelles, que fizerão no Foro a sua morada?* (a)

Argumentos Communs, *modo de os refutar, retorquindo-os.*

§. II. O melhor modo de refutar os argumentos *Communs* (b) he lançar mão delles, (c) não só porque pertencem a huma e outra parte, mas porque aproveitão mais áquella, que por ultimo os emprega. Pois não me cançarei de repetir o que já muitas vezes

---

(a) *Servio* (diz Gesnero na nota a este lugar) *tinha dito era cousa indigna preferir-se-lhe no consulado Murena, estando sempre ausente, e elle sempre em Roma. Cicero elude este crime augmentando-o, e tratando-o.* Isto he falso. Não he Cicero quem exagera o crime e trata este lugar, mas sim Servio Sulpicio, cujas mesmas palavras Cicero repete por escarneo. Eisaqui o lugar todo da oração *pro Muraena* Cap. IX. *Summa in utroque est honestas, summa dignitas, quam ego, si mihi per Servium liceat, pari atque in eadem laude ponam. Sed non licet. Agitat rem militarem; insectatur totam hanc legationem Assiduitatis et operarum harum quotidianarum putat esse consulatum. Apud exercitum mihi fueris? inquit; tot annos forum non attigeris? abfueris tandiu? et cum tam longo intervallo veneris, cum his, qui in foro habitarunt, de dignitate contendas?*

Mas onde está o ridiculo deste lugar? Na repetição futil da mesma cousa por differentes palavras, e no jogo pueril dos consoantes *fueris, attigeris, abfueris, veneris.*

(b) *Argumentos communs, Exordios communs,* e *pensamentos communs* no sentido de Quint. não são *vulgares,* e *triviaes,* mas sim *in medio posita,* para qualquer dos adversarios se poder servir delles hum contra o outro.

(c) Isto he, *retorquil-os* contra o adversario, fallando em termo de Eschola. A palavra *apprehendo*, de que se serve Quint. he huma metaphora continuada de *Communia*, como se dissesse: *Quae sunt in medio posita bene apprehenduntur.*

disse: (*a*) *Que quem primeiro usa de hum argumento commum fal-o contrario a si;* Porque he-nos contrario tudo o de que o adversario se póde servir em utilidade sua. *Mas não he verosimil* (dizia o accusador de Oppio) *que Marco Cotta forjasse de sua cabeça hum tão grande crime.* (*b*) *E que? (retorquio Cicero) he verosimil, que Oppio o commettesse?* ....

Dous vicios em que costumão cahir os que refutão. 1. vicio por defeito.

§. III. As mesmas regras, que até agora demos contra as accusaçoens e suas provas, ha tambem contra as Replicas, que se nos oppoem. (*c*) Accrescento só a respeito destas dous vicios oppostos, em que muitos costumão cahir. Pois huns nas oraçoens Forenses omittem de todo estas objeçoens, como cousa odiosa e enfadonha; e contentes pela maior parte com o que trazem escrito de casa, fallão como se não tivessem adversario, que os contradissesse...

(*a*) Dos pensamentos communs fallou Quint. atraz; Lib. III. Cap. 3. n. 15. do louvor do Juiz commum a huma e outra parte IV. 1. 16. Dos meios communs para conciliar o favor ibid. n. 33. Dos exordios communs ibid. n. 71. Tendo pois em todos estes lugares precedentes reprovado as cousas communas, e indicado a razão, he o que basta para ser verdade o que diz Quint. *Neque enim pigebit, quod saepe monui, referre,* sem ser necessario recorrer a interpretação de Gesnero, que entende o *monui* das liçoens de viva voz, e o *referre* das escritas. Gesnero tinha presente só o lugar do Exord. Liv. IV. 1. 71. que julgava o unico. Porém nós descobrimos mais tres, o que basta para Quint. poder dizer, *saepe monui.*

(*b*) V. supr. Art. I. §. III. not.

(*c*) A refutação dos artigos de accusação muitas vezes não satisfaz ao adversario. Este contra as nossas respostas póde oppôr novas razoens, e novas provas. A estas chama Quint. *Contradictiones* (Contraditas), as quaes para de novo se refutarem, não tem outras regras mais que as que temos dado para as primeiras objeçoens. Estas contraditas ás primeiras respostas chamão os Jurisconsultos *Replicas;* se refutadas estas, ainda o adversario vem com segundas instancias, *Duplicas;* se terceira vez, *Treplicas,* sobre o que se póde ver Ulpiano Leg. 2. ff. *de Exceptione.* V. tambem logo o §. VI. no fim.

2. *vicio por excesso.*

§. IV. Outros pelo contrario, peccando por demasiadamente exactos e miudos, assentão que devem responder a todas as palavras e sentenças as mais miudas do discurso do adversario. Isto porém he huma cousa não só infinita, mas ainda prejudicial. Porque deste modo não se reprehende tanto a causa, quanto o seu advogado. Ora nos interessamos pelo contrario, em que o Juiz faça delle tal conceito de homem Eloquente, que se alguma cousa disser proveitosa á causa, se tenha isto como fructo do seu engenho e não da bondade da causa : e se acaso disser alguma cousa que lhe faça mal, se tenha isto como hum defeito da causa, e não de seu engenho. (*a*)

Se Cicero peccou contra esta regra em algumas oraçoens.

Quando Cicero pois exprobra a Rullo a sua *obscuridade*, (*b*) a Pizão, *o não saber fallar*, (*c*) a Marco

(*a*) Confira-se este lugar com estoutros Cap. I. Art. I. §. 1. n. 1. e Artig. IV. §. I.

(*b*) Na II. Contra Rullo Cap. V. onde diz assim: *Desenvolve huma oração bem longa e com palavras muito boas. Só huma cousa nella havia ao meu parecer viciosa, que de tanta gente, que assistio, nem hum homem houve, que podesse entender o que dizia. Se Rullo faz isto por manha, ou porque gosta deste modo de Eloquencia, não o sei dizer. Alguns com tudo mais agudos, que se achavão na assemblea, suspeitárão não sei que, que elle queria dizer a respeito da Lei Agraria. etc.*

(*c*) Este lugar contra Pizão Cap. I. he cheio de azedume. *Vês já, ó bruto*, diz elle, *não sentes as queixas que os homens levantão contra o teu descaramento? Ninguem se lastima de verfeito Consul hum escravo tirado da manada dos criôlos. Não foi esta tua côr servil, nem as faces pelludas, nem os dentes podres, que nos enganárão. Os olhos, as sobrancelhas, o rosto, o semblante todo, que he como o interprete tacito do coração, he que induzio em erro, quem enganou, quem logrou, quem moveo emfim os homens, que te não conhecião. Poucos tinhamos noticia destes teus vicios çujos, poucos conheciamos a tardança do teu engenho, a estupidez, e debilidade de lingoa. Nunca a tua voz tinha sido ouvida no Foro. Nunca se tinha feito prova da tua capacidade. Nada fizeste nem aqui, nem fóra, não digo de illustre, mas de que se saiba. Entraste nos cargos por engano, e á sombra daquellas imagens defumadas de teus maiores, de que não tens se não a côr, etc.*

Antonio a sua *estupidez*, e *insulsidade no fallar e discorrer*, (*a*) seguia nisto o seu justo resentimento, e similhantes invectivas podião inspirar aos Juizes a aversão contra estas pessoas, que Cicero queria arruinar. (*b*) Mas contra hum advogado, que defende huma causa, deve haver outro comportamento em lhe responder . . . Contra os accusadores he isto mais permittido. O empenho, que hum patrono deve ter a favor da innocencia opprimida, authoriza algumas vezes estas invectivas contra elles... (*c*)

3. *vicio tambem excesso.*

§. V. Alem destes ha ainda outro vicio na Refutação, que he mostrar-se demasiadamente solicito, e afadigado em responder a cada huma das difficuldades. Isto faz suspeita a nossa causa; e aquellas respostas, que dadas promptamente com hum ár de confiança tirarião toda a duvida, trazidas depois de muitas precauçoens e rodeios perdem o credito; pois mostrão, que o patrono mesmo desconfiado dellas julgou precisas estas cautelas. Mostre pois o Orador confiança e falle sempre da causa como quem tem os melhores sentimentos della. Cicero, como em tudo o

---

(*a*) Philip. II. Cap. XVII. *Para similhante colheita, ó homem loquacissimo, estiveste declamando tantos dias na quinta alheia? Bem que, como dizem os teus mais intimos, tu não declamas para aguçar o engenho, mas para desabafar o vinho. Por galantaria a voto teu, e dos teus convidados tomas para mestre hum Rhetorico, a quem déste a liberdade de te dizer o que quizesse. Galante homem! Mas he facil dizer graças contra ti, e contra os teus. Vê porém a differença, que vai de ti a teu avô. Este dizia de vagar o que aproveitava á causa, tu depressa cousas, que nada fazem ao caso. etc.*

(*b*) As oraçoens contra Antonio e contra Pizão pertencem ao Genero Demonstrativo, onde as invectivas pessoaes tem o seu lugar. A da Lei Agraria contra Rullo pertence ao Deliberativo. Mas era interessante á causa o fazer ter Rullo por hum homem tôlo, e vão. A regra pois de Quint. he propria das causas Judiciaes, e a favor dos Patronos, e não dos Accusadores.

(*c*) Assim Cicero defendendo a Cluencio, em razão do seu officio, invectiva Cap. 40. contra Quincio Tribuno do Povo, que com os seus discursos sediciosos tinha indisposto tudo contra Cluencio: *Facite enim*, (diz elle) *ut non solum mores ejus, et arrogantiam, sed etiam vultum atque amictum, atque illam usque ad talos demissam purpuram recordemini.*

mais, he nisto especial. (*a*) Esta grande confiança, que elle mostra nas causas, he similhante á quietação e socego de huma consciencia innocente, e della resulta ao discurso tal força e authoridade, que muitas vezes serve de prova, não nos atrevendo nós a duvidar do que elle não duvída. (*b*)

Lugar da Refutação.

§. VI. Ora quem souber o que o adversario, e a nossa parte tem de mais forte, tambem saberá a que cousas principalmente deve occorrer, e em que cousas insistir. Quanto á ordem, esta em parte nenhuma dá menos trabalho do que nesta. Porque se somos authores, devemos começar pela prova, e depois refutar as objeçoens, que se nos oppoem; se somos réos, principiaremos pela refutação. Ora das respostas a humas objeçoens costumão nascer outras instancias, e das respostas a estas, outras etc. . . (*c*)

Que a Prova, e a Refutação devem ser exornadas pela Eloquencia do Orador.

§. VII. No que até agora temos dito consiste a arte de Provar, e Refutar. Mas ambas estas cousas devem ser ajudadas, e exornadas com a eloquencia

---

(*a*) Veja se com que confiança elle falla a favor de Roscio Amerino. *Multa sunt falsa, Judices, quae tamen argui suspiciose possunt. In his rebus, si suspicio reperta fuerit, culpam inesse concedemus etc.* quasi por toda a oração. Quem quizer ver exemplos de muitas causas ganhadas por causa desta confiança V. Val. Maximo Liv. III. Cap. 7.

(*b*) Bucmano julga que este lugar, para fazer sentido, se deve ler assim: *Nam illa* (fiducia) *summae securitatis est similis, tantaeque in oratione auctoritatis (scilicet est) ut probationis etc.* Ou se lêa deste modo, ou se conserve a lição vulgar; o sentido he o mesmo. A Confiança, que póde ser apparente, confunde-se facilmente com a *segurança*, isto he, com aquella paz e tranquillidade da alma, que he fructo do testemunho da boa consciencia, no qual sentido disse Seneca Epist. 97. *Tuta scelera esse possunt, secura non possunt.*

(*c*) A estas segundas objeçoens nascidas das primeiras respostas, como tambem ás terceiras, e quartas instancias chama atraz Quint. *Contradictiones.* V. o que a respeito dellas dissemos na nota ao §. III. do Art. II. deste Cap.

do Orador. Pois por mais bem escolhidos, e adaptados que sejão os pensamentos para provar o que pertendemos; serão com tudo fracos, se o Orador com o seu talento os não encher de maior espirito, e vigor. Esta a razão, porque não só os *lugares communs* sobre as *Testemunhas, Titulos, Indicios*, e outros similhantes fazem huma especie de violencia aos espiritos dos Juizes; mas ainda os *proprios*, com que, por ex., louvamos, ou vituperamos hum facto, mostramos a justiça ou injustiça de huma acção, amplificamos, ou diminuimos, e pintamos hum caso mais ou menos atroz... (*a*)

CAPITULO XII.

Da Peroração.

(VI. I.)

Seguia-se a Peroração, a que alguns chamão *Cumulo*, outros *Conclusão.* (*b*) Ella tem duas partes. Huma que consiste nas *Cousas*, outra nos *Affectos.*

ARTIGO I.

Da Recapitulação das Cousas.

Utilidades da Recapitulação.

§. I. A repetição, e ajuntamento das cousas, chamado pelos Gregos *Recapitulação*, e por alguns

---

(*a*) Confira-se este lugar com os seguintes Liv. II. Cap. VI. e Cap. X. Art. I. §. 3. e ibid. Art. II. §. penult.

(*b*) Todos estes nomes são tirados dos differentes aspectos, por onde se póde considerar a peroração. Olhada como aquella parte em que recapitulamos e ajuntamos de novo as forças do discurso, chama-se *Cumulo;* Olhada como a ultima parte, que fecha o discurso, lhe derão o nome de *Conclusão.*

dos Latinos *Enumeração*, primeiramente refaz a memoria do Juiz. Põe álem disso em hum ponto de vista diante dos olhos a causa inteira, e faz emfim que aquellas cousas, que espalhadas no corpo do discurso terião talvez menos força, agora juntas tomem da sua mesma união nova efficacia. (*)

Regras, que nella se devem guardar.

Nesta Recapitulação, as cousas, que repetirmos, se deveráõ dizer com toda a brevidade possivel, correndo pelas cousas mais capitaes, como a força do termo grego (*a*) nos está dizendo. Porque se nos demorarmos nella, não será já huma enumeração, mas huma segunda oração, para assim dizer. Em segundo lugar as cousas, que se houverem de enumerar, se deveráõ expressar com palavras significantes, animar com pensamentos accommodados ao mesmo fim, (*b*) e principalmente variar com figuras. Porque se assim

(*) Tres utilidades da Recapitulação. 1. refrescar a memoria. 2. fazer comprehender a relação de todas as partes da causa entre si, e com o todo. 3 dar novo vigor aos mesmos argumentos com a sua mesma união.

(*a*) O termo Grego he ἀνακεφαλαίωσις, dirivado do verbo ἀνακεφαλαίοω composto e formado de ἀνὰ *(re)* e κεφάλαιον *(caput)* e quer dizer literalmente *decurrere per capita, redigere in capita. (resumir)* A palavra portugueza *Recapitulação* tem huma origem similhante, e a mesma força que a Grega. Ella nos ensina o modo, com que faremos breve a recapitulação, que he, não repetindo se não as cousas capitaes, e estas ainda muito de passagem, e como correndo.

(*b*) Em 2 lugar, quer Quint. que as cousas, que se houverem de enumerar, se hajão *cum pondere aliquo dicenda, et aptis excitanda sententiis. Cum pondere* quer dizer, que as palavras, que empregarmos, devem ser significantes e expressivas, *expressa et sensu tincta.* Ora as palavras então são significantes, quando ou ao mesmo tempo abrangem muitas idéas, ou pintão huma vivamente. E como hum fim da recapitulação he renovar a memoria, e outro presentar em hum ponto de vista toda a causa: bem se está vendo quanto necessarias sejão para isto as palavras de pezo, e sustanciaes. *Aptis excitanda sententiis* quer dizer, que a mesma repetição se deve animar, e dar-lhe força por meio de pensamentos os mais proprios e adaptados a resforçar as mesmas idéas rebatidas. Cic. II. de Orat. C. XVII. manda tambem unir estas duas cousas: *Omnium sententiarum gravitate, omnium verborum pondere est utendum.*

o não fizermos, não haverá cousa mais odiosa do que huma repetição simples e núa, como de quem desconfia da memoria do Juiz. Ora as figuras, comque estas repetiçoens se podem disfarçar, são innumeraveis; e Cicero nos tem dado excellentes modelos dellas, como quando, apostrophando Verres, lhe diz: *Se teu pai mesmo fosse aqui juiz, que diria, quando se te provassem estes crimes.* E immediatamente accrescenta a enumeração; (*a*) ou quando contra o mesmo Verres, por meio de huma invocação das Divindades da Sicilia, faz a resenha dos templos, que este Pretor tinha despojado... (*b*)

Quando será necessaria, e quando não.

§. II. Todos sabem que a Recapitulação, ainda fóra da Peroração, se costuma fazer em outras partes do discurso, se a causa consta de muitos pontos, ou ainda de hum, mas defendido com muitos argumentos (*c*): Assim como sendo a causa simples e breve, ninguem duvida que a mesma recapitulação he escusada inteiramente. Esta primeira parte da Peroração he commua tanto ao Accusador, como ao Patrono.

ARTIGO II.

Do Epilogo. (*d*)

Quatro obrigaçoens do Epilogo communs ao Accusador, e Defensor.

§. I. TAmbem ambos usão quasi dos mesmos Affectos só com a differença, que o Accusador em-

---

(*a*) Verrin. V. Cap. 52.

(*b*) Ibid. Cap. 72. em as quaes se vêm maravilhosamente executadas todas estas regras de Quint. V. Ex. XLIV. XLV.

(*c*) Com tudo tem a differença da Recapitulação da Peroração, que esta he *Geral* de toda a Causa, e aquellas *Particulares*: pois só recapitulão a parte, onde se achão. Cicero usa a cada passo destas recapitulaçoens particulares. V. especialmente a oração *pro Lege Manilia*, onde a cada parte dá sua recapitulação.

(*d*) Epilogo he huma palavra geral, que significa em Grego o

prega-os menos vezes, e com menos força; o Patrono com mais frequencia, e vehemencia... He por tanto commum a hum e outro advogado o *conciliar-se o Juiz, indispol-o contra o adversario, excitar as paixoens, e aplacar as excitadas.* Para o que a hum, e outro se póde dar huma regra geral e compendiosa, e he: Que ponha cada hum presentes ao espirito todas as forças da sua causa; e depois de ver o que nella tem, que possa excitar no Juiz sentimentos, ou de *Inveja*, ou de *Benevolencia*, oú de *Odio*, ou de *Compaixão*, quer os motivos sejão reaes, quer apparentes; empregue aquelles, com que elle mais se moveria, se fosse juiz. Mas o mais seguro he hirmos nós discorrendo por cada huma destas cousas.

I. Obrigaçoens do Accusador: 1. *e* 2. *conciliar o Juiz, e indispol-o contra o réo.*

§. II. Que cousas concorrão para o accusador se *conciliar* o juiz, já dissemos nos preceitos do Exordio. (*a*) Com tudo alguns affectos, de que lá basta lançar as primeiras linhas, aqui na peroração se devem encher mais. Da mesma sorte tem mais lugar na Peroração o mover com mais profusão a inveja, o odio, e a indignação do juiz contra o adversario... (*b*).

3. *obrigação: Excitar as Paixoens.*

§. III. Com tudo a principal arte, que o accusador tem para *excitar as paixoens*, consiste em representar o facto que elle accusa com taes côres, que

---

mesmo que *Peroração*, e comprehende as duas partes della. Porém o uso mais frequente a tem determinado a indicar propriamente a parte dos Affectos.

(*a*) Todas as regras, que Quint. deu no Exordio para o Patrono conciliar o Juiz pela sua propria pessoa, pela do seu réo, e Juiz. Art. I. n. 1. 3. e 5., todas são applicaveis tambem ao Accusador, e por isso he desnecessario aqui repetil-as.

(*b*) Tambem desta segunda obrigação do advogado fallou Quint. no mesmo luger n. 2. e 4. que se podem ver. As funçoens do Exordio, e Peroração nestes dous pontos são as mesmas, só com a differença, que lá só se bosqueja, e se traça a imagem das paixoens; aqui porém enchem-se estas primeiras linhas, e a imagem se completa e acaba. Veja-se a razão no ult. §. deste Cap.

pareça a cousa, ou a mais *atroz*, (*a*) ou a mais *lastimosa*.

A *atrocidade* de huma acção faz-se crescer por meio das circunstancias, (*b*) examinando *O que se fez*, *Por quem*, *Contra quem*, *Com que animo*, *Em que tempo*, *Em que lugar*, e *De que modo*. Queixamonos, por exemplo, da nossa parte ter sido espancada pelo réo? Deveremos 1. examinar o facto em si mesmo, 2 Se quem foi maltrado, era hum *velho*, hum *menino*, hum *magestrado*, hum *homem de probidade*,

---

(*a*) *Atrox* he huma palavra latina de origem Grega, que quer dizer *intragavel*, e no figurado *insofrivel*, *insoportavel*, *odioso*. A obrigação pois do Accusador em mover as paixoens se reduz pela maior parte a estes dous pontos, ou de fazer parecer a acção, que accusa, a mais odiosa relativamente ao réo, que a commetteo; ou a mais lastimosa relativamente á parte offendida, que a soffreo, e cuja causa o Accusador defende. Os affectos pois, com que o Accusador, ou se concilia o Juiz, ou o indispoem contra o adversario, quaes são a inveja, o odio, e a colera, de que acima fallou Quint., são excitadas sobre as qualidades pessoaes, e tem por objecto immediato as pessoas; estas porém tem por objecto immediato as acçoens. V. logo Cap. XII. Art. III. §. 2. Isto foi necessario advertir, para se não confundir esta obrigação com a antecedente.

(*b*) A Amplificação das acçoens odiosas, indignas, e atrozes tem em Grego hum nome particular, que he δείνωσις. Esta, geralmente fallando, faz-se de dous modos, ou considerando o facto em si mesmo, ou comparando-o com outros. Deste segundo modo de Amplificação tratará Quint. logo no Cap. seguinte, Art. III. §. 3. Aqui trata da primeira especie, que consiste em descompôr, e analyzar bem hum facto, considerando-o por todos os lados, e relaçoens, que o podem fazer odioso. Taes são as circunstancias das pessoas, da acção, do lugar, dos instrumentos, do tempo, e das causas, incluidas neste verso:

Quis? quid? ubi? quibus auxiliis? cur? quomodo? quando?

Hum exemplo bem notavel desta amplificação das circunstancias he o pequeno discurso de Decio Magio em T. Livio Liv. 23. C. 5. al. 10, pelo qual este cidadão prezo e conduzido ao supplicio por ordem de Annibal desengana a Cidade de Capua, que livremente se tinha entregado áquelle General, das esperanças que tinha de gozar de mais liberdade, que no poder dos Romanos. *Habetis* (diz elle) *eam libertatem, Campani, quam petistis. Foro medio, luce clara, videntibus vobis, nulli Campanorum secundus, vinctus ad mortem rapior. Quid violentius, Capua capta, fieret? Ite obviam Annibali, exornate urbem, diemque adventus ejus consecrate, ut hunc triumphum de cive vestro spectetis.*

hum homem *benemerito do Estado*. (*a*) 3 Tambem se foi espancado por algum *vilam-ruim* e *desprezivel*, ou pelo contrario por algum *potentado*, ou por quem menos o devia ser. (*b*) 4 Quanto ao tempo, se em hum *dia solemne*, (*c*) ou na mesma occasiaõ, em que se *processavaõ similhantes crimes*, ou no tempo de *afflicçaõ publica*. 5 Quanto ao lugar, se foi no *theatro*, no *templo*, ou em *presença do Povo*, (*d*) isto augmenta o odio da acçaõ. 6 Como tambem o animo, se a acçãо foi feita não por *engano*, nem por *impeto de paixaõ*, ou se por esta, se a paixaõ foi *injusta*, concebida, por ex. por ter defendido a seu pai, por ter retrucado ás injurias, por ter concorrido na pertenção dos cargos publicos. 7 Mas a circunstancia, que mais conduz para fazer parecer a acçaõ atroz, he o modo; se ella foi feita *gravemente*, se com *contumelia*. Assim Demosthenes faz odiosa a pancada, que lhe deu Midias, pela parte do corpo offendida, pela cara e figura de quem o ferio. (*e*) Se o homem foi morto com *ferro*, com *fogo*, ou com *veneno*; com *huma ferida*, ou *com muitas*, se de *improviso*, ou *lentamente*, tudo isto pertence á circunstancia do modo.

Tambem o accusador muitas vezes move a compaixão, quando, ou lamenta o caso triste da parte, cujo despique elle tomou a seu cargo; ou o desamparo, em que deixou seus filhos, ou pais. E não só com esta pintura triste do tempo passado move os

---

(*a*) As pessoas mais dignas de lastima, como o *velho*, o *menino*, ou de consideração, como o *magistrado*, o *virtuoso*, o *benemerito* fazem o insulto mais aggravante.

(*b*) Como v. g. hum homem que lhe era obrigado. O *vilão*, e o *potentado*, ainda que sejão idêas oppostas, produzem o mesmo effeito. No primeiro a insolencia, no segundo o abuso do poder augmentão a gravidade.

(*c*) A sanctificação devida ao dia, com a maldade da acção fazem hum contraste odioso.

(*d*) Os theatros entre os Gregos e Romanos erão como lugares sagrados destinados a festejar os Deoses nas grandes solemnidades. A presença do Povo Romano tambem era respeitavel por nelle residir a soberanía.

(*e*) Demosthenes sendo Chorego, isto he Director dos Choros da sua Tribu nas festas de Bacho, foi maltratado publicamente

Juizes, mas com a do futuro tambem, fazendo ver, que casos esperão estes infelizes, que agora se queixão da violencia e injuria, se se lhes não fizer justiça. Que se verão obrigados a hum dos dous extremos, ou fugir da Cidade e ceder de seus bens, ou sugeitarem-se a sofrer todos os insultos, que seu inimigo lhes fizer.

4. *Obrigação. Desfazer as paixoens, que o réo hade excitar.*

§. IV. Mas do officio do Accusador não he tanto excitar movimentos de compaixão, quanto o remover os de que o réo se hade servir, e animar o juiz a dar a sentença com constancia. Para isto serve muito o preoccupar tudo o que presumes hade dizer e fazer o réo para enternecer o juiz. Porque isto primeiramente põe de recato os Juizes para observarem o juramento, que derão; e em segundo lugar tira toda a graça aos defensores, pois que quando estes se vêm a servir destas cousas a favor do réo, já não são novas... Assim Eschines prevenio os Juizes sobre o modo de defesa, de que Demosthenes se havia de servir. (a) Algumas vezes tambem instruiremos os Juizes sobre o que devem responder aos rogos, que lhes

---

com huma punhada na face por Midias Cidadão poderoso. Demosthenes deu contra elle huma acção de injuria, e irreligião, e para a sustentar, compoz a oração, que ainda temos contra Midias sobre a punhada, ainda que a não pronunciou, desistindo da causa a rogos de seus amigos. Todo o discurso he vehementissimo, mas sobre tudo o lugar citado por Quint. que na edição de Reisk vem no vol. I. pag. 537. n. 10. V. Ex. XLVI. O mesmo lugar he louvado por Longino no seu tratado do sublime sect. XX. para mostrar, que a sua belleza e força lhe vem do ajuntamento das figuras, como Repetiçoens, Descripção, e Asyndetos proprios a exprimir os affectos fortes.

(a) He o lugar do fim da sua accusação de Ctesiphonte pag. 597. n. 27. do vol. 7. dos Oradores Gregos na edição de Reisk, que principia: *He justo vos vá já a predizer o que vos hade acontecer, senão guardares em o ouvir a ordem e methodo, que vos acabo de insinar:* depois passa a mostrar-lhes as artes e manhas, de que Demosthenes se havia de servir para lhes impôr. V. Ex. XLVII. O mesmo faz Demosthenes na Midiana tom. I. pag. 585. n. 20. da mesma edição.

fizerem, o que he huma especie de recapitulação. (a)

II. *Obrigaçoens do Réo. 1. e 2. conciliar-se o Juiz, e alienal-o do contrario.*

§. V. Pelo que pertence ao Réo muitas cousas o podem conciliar, e recommendar ao Juiz, a *dignidade*, a *profissão militar*, as *cicatrizes das feridas recebidas na guerra*, a *nobreza*, e *serviços de seus antepassados*. Cicero, e Asinio tratárão qual melhor este ultimo lugar, aquelle defendendo a Scauro o pai, e este a Scauro o filho. (b)

(a) Entre as varias fórmas, com que se podem disfarçar as recapitulaçoens para não parecerem repetiçoens enfadonhas, de que tratou Quint. acima Art. I. §. 1, póde ser huma, esta de informação, com que ensinamos os Juizes a responder ás petiçoens e perguntas do réo, debaixo da qual podemos subtil e engenhosamente occultar a recapitulação dos pontos e argumentos principaes da accusação. V. Quint. hic n. 3 e 4.

(b) Ambas estas oraçoens se perderão. Da de Cicero não temos mais que poucos fragmentos, e os commentarios de Asconio a ella. Deste sabemos, que Marco Scauro o pai, Principe do Senado fôra accusado tres vezes; huma de profanação nos sacrificios dos Deoses Penates de Lanuvio por Cneo Domicio; outra dos furtos, e vexaçoens feitas na sua Lugartenencia da Asia por Q. Servilio Cepião; e a terceira de ter sido o author da guerra Social por Q. Vario Sucronense Espanhol. Não se sabe de qual destas tres accusaçoens Pollião Asinio o defendeo.

O mesmo Asconio nos conta que Marco Scauro filho do antecedente, acabado o governo da Sardanha pelos annos de Roma 698, vindo a esta Cidade pertender o Consulado, fòra accusado por Triario dos furtos feitos na provincia. Esta causa foi famosa pela nobreza do réo, numero, e reputação de seus advogados que forão seis, Clodio, Marcello, Calidio, Cicero, Messala, e Hortencio, pelas recommendaçoens de seis Consulares, que o louvarão huns de viva voz, outros por escrito, e emfim pelas muitas pessoas da sua parentela, que no fim se prostrarão aos pés dos juizes, e ficárão nesta postura até se dar a sentença, por que foi absolvido.

Da Peroração do discurso de Cicero ainda Asconio nos conservou estes dous lugares, que podem dar idéa do resto, e do modo por que Cicero o recommendava por seus maiores. O 1 he: *Haec, cum tu effugere non potuisses, contendes tamen et postulabis, ut M. Aemilius cum sua dignitate omni, cum patris memoria, cum avi gloria, sordidissimae, levissimae genti, ac, prope dicam, pellitis testibus condonetur?* O 2 *Undique mihi suppeditat, quod pro M.*

Tambem serve a recommendal-o a causa, porque foi accusado. Se contrahio inimigos por amor de alguma acçaõ honesta, e principalmente se esta acçaõ he de *bondade, caridade,* e *misericordia.* Porque entaõ qualquer justamente pede do juiz os mesmos bons officios, que elle prestou a outros. Interessaremos tambem na causa do réo o *bem publico,* a *gloria dos juizes,* e a *posteridade,* para a qual a mesma causa hade ficar em memoria, e exemplo.

3. *Obrigação. Mover a seu favor os affectos de compaixão. 1 pela pessoa do Réo, e suas relaçoens.*

§. VI. Com tudo o meio mais poderoso para isto sempre he a *Compaixão,* pois que ella obriga o juiz não só a inclinar-se á piedade, mas a testemunhar ainda pelas lagrimas os movimentos do seu coraçaõ. Para esta compaixão se tiraráõ motivos, ou das miserias, que o réo já sofreo, ou das que presentemente sofre, ou das que o esperão depois de condemnado; e estes ultimos dobraráõ de força, comparando nós o gráo de felicidade, em que se acha, com o de infelicidade, em que vai a cahir. Valem muito tambem para isto as consideraçoens da *idade,* do *sexo,* das *amadas prendas,* quero dizer, dos filhos, pais, e parentes, as quaes cousas todas se costumão tratar de varios modos.

2. *pela do Patrono.*

A's vezes o mesmo Patrono faz estas partes pelo réo, como Cicero a favor de Milão (a): *O' infeliz! O' desgraçado de mim! Podeste-me, Milão, restituir á patria por meio destes, e eu por meio dos mesmos não te poderei conservar na mesma?* Muito principalmente se as supplicas não forem decentes ao caracter do réo, como então o não erão. Pois quem sofreria

Scauro dicam, quocumque non modo mens, verum etiam oculi inciderint, Curia illa de gravissimo Principatu patris, fortissimoque testatur. L. ipse Metellus avus hujus sanctissimos Deos isto constituisse in templo videtur, in vestro conspectu, Judices, ut salutem a vobis nepotis sui deprecarentur.

(a) Cap. XXXVII. n. 2. até o fim. V. Exemp. XLVIII.

ver em figura de supplicante huma pessoa como Milão, que se gloriava de ter morto hum homem nobre, porque assim era preciso? O Orador pois soube-o fazer recommendavel pela sua grandeza d'alma, e chorou elle em lugar do réo.

3. *pelas Prosopopeias.*

Nestes lugares especialmente tem muito uso as *Prosopopeias*, isto he, as fallas de pessoas estranhas ao Juizo, porém convenientes ao caracter do Réo, ou do Patrono. (*a*) Com tudo as cousas mudas tambem movem, ou as apostrophemos, ou as introduzamos a fallar. Tambem das prosopopeias dos réos se tirão os affectos. Pois os Juizes se figurão ouvir nellas, não as vozes de homens, que chorão os males de outro; mas as dos mesmos infelizes, cuja figura ainda muda está excitando a lastima. E quanto mais tocantes serião estes discursos, se os réos mesmos os fizessem: tanto em certa proporção então são mais efficazes, quando se fingem ditos pela sua propria boca;

(*a*) Rollin quer se lêa neste lugar *litis actorem et patronum*, entendendo por *litis actorem* o accusador. Porém he certo que Quint. depois de ter tratado das obrigaçoens do Accusador, trata agora aqui das do Patrono, e huma das principaes he mover a compaixão a favor do seu réo. Creio pois por mais acertado reter a lição vulgata: *Quales litigatorem decent, vel patronum.* As Prosopopeias, ou são de pessoas estranhas ao Juizo *(alienarum personarum)*, que muitas vezes se introduzem a fallar de hum modo conveniente ao caracter, e interesses do réo, ou do patrono, qual he a de Appio Cego na oração *pro Coelio* Cap. XIV., ou das cousas mudas, quando as apostrophamos, e fallamos com ellas, como a do mesmo Cic. *pro Milone* Cap. XXXI. *Vos enim jam ego Albani tumuli, atque luci*, ou quando as fazemos fallar, como Cicero introduz a Patria na Catilinaria I. C. VII.; ou emfim estas Prosopopeias são dos mesmos réos, *Ex personis quoque trahitur affectus*, e estas mostra para baixo Quint. que de todas são as mais efficazes para mover a compaixão.

Observe-se de passagem que na edição de Gesnero ha hum erro neste lugar. Nella se lê: *aut cum ipsis loquimur, aut cum ipsis loqui fingimus*, devendo-se lêr: *aut cum ipsis loquimur, aut cum ipsas loqui fingimus.* Estes erros de impressão são frequentes em Gesnero quando no texto se repetem palavras, ou incisos, como *Judicem dici; aut tamquam levia; aut tamquam nihil ad causam pertinentia; aut cum ipsis loquimur, aut cum ipsas.* v. supr. Cap. X. Art. I. §. IV. not. e Cap. I. init.

bem como nos representantes do theatro aquella mesma voz, e pronunciação debaixo da mascara tem mais força para mover as paixoens, do que sem ella. Por isso Cicero persuadido disto, ainda que não introduz a fallar Milão em figura de supplicante, e o quiz antes recommendar pela constancia de seu animo: com tudo em huma prosopopeia o faz fallar com expressoens, e queixas dignas de hum homem forte, por este modo: *O' trabalhos*, diz elle, *emprehendidos inutilmente! O' esperanças enganadoras! O' projectos vaons meus!* (*a*)

Que não nos devemos demorar muito em mover a compaixão.

Com tudo não nos deveremos demorar muito em mover a compaixão, e com razão se diz: (*b*) *Que nada se enxuga tão depressa como as lagrimas.* E com effeito se o tempo cura as paixoens reaes, necessariamente se hão de desvanecer mais de pressa as que a arte imita. (*c*) Se nos demorarmos pois nellas,

(*a*) Esta Prosopopeia do réo está na mesma Peroração da oração *pro Milone* como a antecedente, Cap. XXXIV. n. 2. Ella começa: *Me quidem, Judices, exanimant etc.* V. Exemp. XL.

(*b*) Este dito he attribuido por Cicero I. de Inv. 56. a Apollonio o Rhetorico. *Commotis autem animis*, (diz elle) *diutius in conquestione morari non oportebit. Quemadmodum enim dixit Rhetor Apollonius: Lacrima nihil citius arescit.* Este dito passou a ser proverbial, e como tal he trazido não só por Cicero nas Part. c. 17., mas por Quint., e por Julio Severiano *Syntag. Rhet. de Epil.*; tudo para confirmar a mesma regra. Elle he como hum aphorismo nascido da observação, e da experiencia. Pois como diz Plinio L. II. Ep. 4. *Adnotatum est experimentis, quod favor, et misericordia acres, et vehementes primos impetus habent; paullatim consilio, et ratione quasi restincta considunt.*

(*c*) Quint., para mostrar a verdade deste preceito, compára entre si os *Affectos Reaes (veri dolores)* com os Artificiaes, e imitados *(quam dicendo effinximus, imago).* Os primeiros são produzidos pela presença mesma, e impressoens reaes dos objectos sensiveis, e estes são de todos os Homens: os segundos são produzidos não pela presença, mas pela representação phantastica dos objectos ausentes; não pelas sensacoens immediatas, mas pela reacção da Imaginação, e estes são filhos da arte do Poeta, e do Orador, para os quaes só se dão as regras. O lugar de Quint. XI, 3, 61. explica admiravelmente este, e serve para

o ouvinte se cança de chorar, descança, e da paixão, que tinha tomado, torna á razão.

Não deixemos pois esfriar a nossa obra, e logo que tivermos levado a paixão ao ponto mais alto, deixemol-a; nem esperemos que qualquer chore por muito tempo os males de outro. Por esta razão, assim como nas outras partes do discurso, assim nesta particularmente deve sempre a oração hir crescendo. Porque todo o motivo, que não accrescenta hum gráo de força ao antecedente, parece tirar-lho; e a paixão, que descáe, em hum instante desfalece.

4. *Pelas acçoens.*

Ora nós movemos a compaixão não só por meio do discurso, mas tambem por meio de certas acçoens. A estas pertence o costume, que tem os Patronos de presentar aos Juizes os mesmos réos vestidos de lucto, e desfigurados, (*a*) com seus filhos, pais etc., e o dos Accusadores em mostrar já a espada ensanguentada, já os ossos tirados das feridas, já os vestidos banhados em sangue, e outras vezes desatar as feridas, e descobrir as partes do corpo espancadas.

Porque razão este meio he summamente efficaz.

Estas cousas de ordinario tem muita efficacia para mover; pois poem os espiritos dos Juizes em certo modo presentes ao mesmo caso. (*b*) Por esta

---

fazer entender a doutrina do Cap. seguinte: *Sed cum sint alii veri affectus, alii ficti, et imitati; veri naturaliter erumpunt, ut dolentium, irascentium, indignantium, sed carent arte: ideoque non sunt disciplinae traditione formandi. Contra, qui effinguntur imitatione, artem habent, sed hi carent natura. Ideoque in his primum est bene affici, et concipere imagines rerum, et tanquam veris moveri. Sic veluti media vox, quam habitum a nostris acceperit, hunc judicum animis dabit.*

(*a*) Os réos, para comparecerem em Juizo, mudavão ordinariamente a toga branca em preta, deixavão de proposito crescer a barba, e os cabelos, não se lavavão, e a isto he que se chama *squalor, et deformitas.*

(*b*) Succede isto pela lei da Associação das idèas. A Imaginação á vista de hum objecto presente excita mais facilmente, e com mais viveza todas as idèas accessorias, que costumão acompanhal-o. Esta associação, e viveza póde chegar, e chega muitas

razão a toga de Caio Cesar ensanguentada lançou em huma especie de furor o Povo Romano, logo que se lhe mostrou aos olhos. (*a*) Todos sabião muito bem que Cesar tinha sido morto. O seu mesmo corpo emfim estava exposto para o enterro. Isto não obstante, aquella toga escorrendo ainda em sangue poz tão vivamente presente a imagem do attentado, que o Povo se figurou, não ter sido morto, mas estarem-no então matando.

Abuso, que do mesmo se faz.

Com tudo eu não approvaria (o que leio se tem feito, e eu mesmo alguma vez vi) a pratica de pôr por cima do accusador (*b*) huma pintura do facto,

---

vezes ao ponto de nos fazer crer realmente presente huma cousa, ou já passada, ou ainda nunca succedida. Os sonhos dos que dormem, e as imaginaçoens dos Melancholicos são huma prova.

(*a*) Marco Antonio, depois de assassinado Cesar no Senado por Bruto, e Cassio, fez no dia seguinte hum discurso ao Povo sobre a indignidade do facto, e depois pegando da mesma toga de Cesar, crivada de 23 punhaladas e banhada em sangue, e pondo-a em cima do páo de huma lança a mostrou ao Povo. Com este espectaculo o moveo do modo, que correo ás casas de Bruto, e Cassio para as incendiar. Para dar a razão deste phenomeno repentino, basta considerar que as impressoens daquella toga, obrando sobre o orgão da Imaginação, este fez a sua reacção sobre os sentidos, e esta reacção he de ordinario mais viva, porque não he feita só com a força, que se suppõe da percepção, que elle recebe; mas com as forças reunidas de todas aquellas, que estão estreitamente ligadas a esta percepção, e que por esta razão não podem deixar de se excitar. Assim, que tropel de idêas se não associarião á vista daquella tóga? As graças de Cesar, os seus beneficios, as suas acçoens gloriosas, a perfidia de seus inimigos, a indignidade da acção, e infinitas outras assaltárão repentinamente, e com tal força os cerebros dos circunstantes, que fóra de si partirão á vingança.

Por tanto a nossa Eloquencia sagrada não se tem esquecido tambem deste meio poderoso, empregando, principalmente nos Sermoens de Quaresma, alguns passos mais tocantes da Paixão de JESUS Christo, hum Crucifixo, o Santo Sudario, para mover nas Peroraçoens assim a compaixão dos tormentos do nosso Salvador, como o odio ao peccado, que foi causa delles.

(*b*) Segui a conjectura de Werlhofio, que em lugar da lição vulgar *Supra Jovem*, que todos os Criticos assentão não póde aqui ter lugar, lê: *Supra actorem*. V. Gesnero a este lugar.

para á vista da sua atrocidade se commover o juiz. Quão pouca he á eloquencia de hum Orador, que crê que aquella pintura muda ha de fallar mais por si, do que o proprio discurso? (*a*) O lucto sim, hum exterior inculto, e o habito modesto e triste assim do réo, como dos parentes, sei tem produzido hum bom effeito, e que os rogos, e supplicas tem livrado alguns da condemnação. E bem assim as petiçoens dirigidas ao juiz, conjurando-o pelas *prendas amadas*, isto he, pelos proprios filhos, mulher, e pais (se o réo os tem) para que tenhão misericordia delles, serão muito uteis; como tambem o *invocar* a Divindade, sinal do testemunho de huma boa consciencia; o *deitar-se aos pés* dos Juizes, o *abraçar-se* com elles, tudo isto he bom, não obstando o *caracter, vida, e condição* do réo....

Que para empregar utilmente este meio he necessario hum engenho grande.

A este respeito porém farei huma advertencia summamente importante, e he: que ninguem se arroje a mover os affectos de compaixão, sem para isso se sentir com hum grande engenho. Porque esta paixão, assim como he vehementissima quando péga, assim quando he inefficaz, não ha cousa mais fria, e insulsa; e melhor faria então hum advogado pouco habil, deixando a cousa ás consideraçoens tacitas dos juizes, para se moverem por si mesmos. Pois o semblante, a voz, e a mesma figura do réo presentado diante dos Juizes servem pela maior parte de escar-

(*a*) Com isto devemos tambem julgar reprovada a pratica, que se tem visto de alguns Prégadores indiscretos, que com varias exhibiçoens, pinturas, e espectaculos procurão esquentar a imaginação do Povo, e atterral-o. As conversoens, effeitos destes meios extraordinarios são tão solidas, e permanentes como o seu motivo. Ellas são hum fructo prematuro, e de pouca duração. A emoção, que similhantes representaçoens causão, não penetra na alma. Toda pára nos sentidos. Assim quando o Prégador se retira, tudo se esfria, as boas resoluçoens esquecem; porque não tiverão por fundamento a instrucção, e convicção do espirito V. Hist. da Prégação.

neo ás pessoas, que não moverão. (a) Pelo que o Orador meça, e péze bem as suas forças, e veja que carga vai a tomar sobre si. Esta paixão não tem meio, ou excita as lagrimas, ou o rizo.

4. Obrigação do Réo. Discutir os affectos, que o Accusador moveo.

§. VII. Ora não he só proprio do Epilogo mover os affectos de commiseração, mas tambem o desfazel-os; já por meio de hum discurso seguido, que reduza os juizes enternecidos das lagrimas aos deveres da justiça; já com alguns ditos graciosos, (b) como este: *Dai pão ao menino para não chorar*, e est'outro, que hum advogado disse ao seu réo corpulento, cuja parte, sendo ainda criança, tinha sido antes levado nas mãos, e presentado ao Juizes pelo Orador contrario: *Que farei? Eu não posso comtigo?* Estas graças porém não devem ser chacorreiras....

ARTIGO III.

Quando, e de que modo se hão de mover estes affectos na Peroração.

Em que causas se devem fazer estes Epilogos Patheticos,

§. I. (ATé agora tenho fallado dos Accusadores, e dos Réos, porque nas causas crimes he, onde

(a) O mesmo succede e succederá aos nossos Prégadores, que sem talento, nem eloquencia bastante para isso, pertendem mover a lagrimas o Povo Christão, á vista de hum Passo da Paixão, ou cousa similhante. Que scenas ridiculas nos não presenta a cada passo a contraposição dos seus Epilogos com as idêas, e sentimentos, que naturalmente deve excitar em nós o objecto, que se nos propõe aos olhos? Devem pois mais ainda que os Oradores profanos tomar para si o conselho de Quint.

(b) O affecto contrario á compaixão he o riso. A arte pois de desfazer aquelle he excitar este, o que se faz de dous modos, como diz Cicero Orat. c. 26. *Salium duo sunt genera, unum facetiarum, alterum dicacitatis. Utitur utroque, sed altero in narrando aliquid venuste, altero in jaciendo mittendoque ridiculo.* Do hum e outro se póde o Orador servir contra estes affectos.

principalmente tem lugar as paixoens. As causas particulares porém, quando nellas se trata, ou do estado, ou da reputação do Réo, (*a*) tem tambem huma e outra parte da Peroração, tanto a que faz a enumeração das provas, como a em que se movem as lagrimas. Quanto ás causas particulares menores, excitar nellas estas tragedias, seria o mesmo que querer ajustar a mascara, e os cothurnos de Hercules a hum menino.) (*b*)

Epilogos Ethicos.

§. II. Alem dos Epilogos vehementes ha outros, em que se movem os affectos brandos; (*c*) quaes são por exemp. aquelles, em que damos satisfaçoens ao adversario, se a sua pessoa he de caracter tal, que se lhe deva respeito, (*d*) e os em que damos ás partes conselhos amigaveis, e os exhortamos á paz, e composição. Hum similhante epilogo foi nobremente tratado por Passieno, (*e*) advogando huma causa

---

(*a*) Periga o estado de Cidadão, quando sobre este se questiona, e deve decidir: se he ou não Senador, Cidadão, livre, filho etc. Periga a reputação: se he, ou não homem bom, perjuro, fraudulento etc.

(*b*) Este §. foi transferido do n. 36. para aqui, para não romper o fio das materias propostas. A comparação da mascara, e cothurnos com o estilo está em perfeita analogia. O estilo he o vestido dos pensamentos, assim como a mascara da pessoa. Ora tanta disproporção ha em accommodar hum estilo grande a huma materia pequena, como haveria em vestir a huma criança o vestido, e calçado de Hercules.

(*c*) São estes os sentimentos Ethicos de que já vamos a fallar no Cap. seguinte. Destas satisfacoens, e excusas officiosas, e civís se póde ver exemplo no modo com que Cicero *pro Muraena* cap. 29. tratou a pessoa do Catão. Das admoestaçoens, e conselhos amigaveis v. o exordio da Oração *pro Coelio*, a respeito do qual lugar diz Quint. XI, 1, 68. *Utitur hac moderatione Cicero pro Coelio contra Atratinum, ut eum non inimice corripere, sed pene patrie monere videatur.*

(*d*) Como hum filho deve a seus Pais, hum pupillo a seu Tutor, hum cliente a seu Patrono, hum inferior a seu superior etc. contra as quaes pessoas *custodiendum est*, (diz Quint. XI, 1, 66) *ut inviti, et necessario, et parce judicemur dixisse, magis autem, aut minus, ut cuique personae debetur reverentia.*

(*e*) Crispo Passieno Orador contemporaneo de Domicio Afro, e de Decimo Lelio, que florecião nos principios do 1. seculo da

pecuniaria de sua mulher Domicia contra Enobarbo irmão da mesma. Pois, tendo dito muitas cousas ácerca do estreito parentesco que entre elles havia, accrescentou tambem a respeito dos bens da fortuna, de que hum e outro abundava, o seguinte: *Nada vos falta menos do que aquillo, sobre que litigaes.*

Em que partes da Oração tem mais lugar as Paixoens.

§. III. Todos estes affectos, ainda que a alguns pareça tem o seu assento proprio no Proemio, e *Epilogo*, onde são mais frequentes; tem tambem lugar nas mais partes do discurso. Porém nestas são mais breves, visto reservar-se a maior parte delles para a Peroração. Aqui porém mais que em parte alguma he permittido ao Orador largar todas as fontes da eloquencia. Porque se tratámos bem estas partes, devemos suppôr convencidos os espiritos dos juizes, e assim livres já destes lugares asperos, e fragosos, podemos emfim sem perigo largar todo o pano; (*a*) e constando a maior parte do Epilogo de Amplificação, usar consequentemente de termos, e expressoens nobres, e ornadas. (*b*) Emfim chegados, para

---

Era Christã. Delles diz Quint. X, 1, 24: *Et, nobis pueris, insignes pro Voluseno Catulo Domitii Afri, Crispi Passieni, Decimi Lellii orationes ferebantur.* A puericia de Quint. dá pelos 50. annos da Era vulgar.

(*a*) Esta he a ordem da Natureza. Ninguem póde ser tocado do que não conhece. E assim as paixoens serião declamatorias, se se excitassem sobre cousas, que não fossem ou já sabidas, ou liquidadas pelas provas. Ha ainda para isto outra razão, e he: que os raciocinios, e as paixoens são incompativeis. Quando o ouvinte dá attenção áquelles, não se accommoda a estas, e quando está preocupado da paixão, não raciocina, nem reflecte então. O Orador pois neste estado não lhe deve presentar senão cousas, que não tenhão necessidade de prova, ou, se lhe presenta a prova, deve ser por meio dos pensamentos Enthymematicos, ou Synacolutos, de que fallámos acima Cap. X. Art. II. §. 3., em os quaes se presentão as conclusoens, e as suas razoens em hum mesmo ponto de vista, e rapidamente, como neste de Virg.: *Tantaene animis Coelestibus irae!* em que a palavra *Coelestibus* contém huma razão dos repugnantes.

(*b*) Nós veremos no Cap. seguinte que os dous unicos meios de mover as paixoens são a *Representação*, e a *Amplificação.*

assim dizer, perto do *Plaudite*, com que se terminavão as antigas Tragedias, e Comedias (*a*), então devemos pôr em agitação todo o theatro.

Como se hão de tratar estes affectos na Narração, e Confirmação.

§. IV. Nas mais partes porém devem-se excitar as paixoens confórme cada huma for nascendo da materia; pois na Narração não se devem expôr friamente os casos atrozes, e lastimosos; e na confirmação, tratando-se da qualidade de qualquer acção, estes affectos se ajuntão muito bem no fim da prova de cada cousa. (*b*)

Quando porém a causa for composta de varios pontos, seremos precisados a usar tambem de varios como epilogos; (*c*) como Cicero fez contra Verres

---

Assim não he para admirar que a maior parte do Epilogo conste de Amplificação. Arist. Rhet. Liv. 3. cap. ult. entre as quatro obrigaçoens, que dá á Peroração, conta a de *augmentar, e diminuir*, dando-lhe hum lugar proprio nesta ultima parte; *Porque*, diz elle, *os factos devem antes passar por certos, e incontestaveis, quando chegamos a mostrar a sua grandeza, como o augmento dos corpos suppõe a sua preexistencia.* Nestas Amplificaçoens tem o seu lugar proprio assim os pensamentos, e expressoens nobres, v. g as *Gradaçoens*, as *Comparaçoens* de cousas grandes, as *Invectivas* cheias de fogo, as *Exhortaçoens* animadas, e as *Figuras Patheticas*: como os termos grandes, e ornados; ás *Metaphoras audazes*, digo, os *Epithetos* fortes, as *Hyperboles* atrevidas, as *palavras desusadas*, as *Synedoches, e Metonymias* energicas, as *Ironias vehementes etc.*

(*a*) Entre os Romanos era costume dar por acabadas as representaçoens theatraes, e despedir os spectadores com a palavra *Plaudite*, que hum dos Actores, virado para os spectadores, batendo as palmas, repetia. Acontecia pois isto, findo o ultimo acto, que de todos os cinco era o mais pathetico por conter de ordinario a Catastrophe. Assim tambem entre as cinco partes do discurso Judicial a Peroração, que he como o ultimo acto, he a em que se devem mover mais os Juizes.

(*b*) O mesmo que Quint. disse acima Art. I. §. 2. da Recapitulação primeira parte da Peroração, o mesmo diz agora do Epilogo segunda parte da mesma. Estes Epilogos, á maneira das recapitulaçoens, podem ser muitos em huma oração, que consta ou de muitas provas, ou de muitos pontos. Com tudo estes Epilogos particulares terão sempre esta differença do da Peroração, que este he relativo a toda a causa, aquelles porém tem por objecto só certos factos particulares.

(*c*) Chama-lhe *quasi Epilogos*, para differença do Epilogo da

excitando os affectos de compaixão, já sobre a sorte infeliz de *Philodamo*, (*a*) já dos *Capitaens das náos*, (*b*) já dos *Cidadaons Romanos atormentados*, (*c*) e outros muitos.....

CAPITULO XIII.

Dos Meios de persuadir Ethicos, e Patheticos.

(VI. 2.)

ARTIGO I.

Importancia destes meios.

Porque trata em Capitulo á parte dos Affectos.

§. I. AInda que a Peroração seja a ultima parte do discurso Judicial, e a mesma conste principalmente de Affectos, e assim me visse precisado a dizer alguma cousa sobre estes: com tudo não pude, nem devi fazer hum tratado especial sobre esta materia. Pelo que ainda resta por tratar este meio de mover os animos dos Juizes, de lhes fazermos tomar a fórma e habito que quizermos, e de os transformar, para assim dizer; meio, não só o mais efficaz para persuadir o que quizermos, mas muito mais difficil, que os antecedentes. A respeito delle só toquei poucas cousas, que a materia requeria, tão de passagem que mais dei a ver o que se devia fazer, do que o modo, com que se devia fazer.

Peroração, que pela sua extensão, vehemencia, e universalidade he o que merece propriamente este nome. V. not. supr.

(*a*) De Philodamo, e de Gavio V. o que dissemos, e os Exemplos no Cap. da Narração Art. III. §. V. e not.

(*b*) Dos Capitaens das náos falla Cicero na Verrina V. Cap. 45. V. Exemp. L.

(*c*) De varios Cidadãos atormentados trata Cicero por toda a Verrina quinta em muitos lugares. Para exemplo V. o de Gavio no lugar citado.

Importancia destes Meios Ethicos, e Patheticos em comparação dos Logicos.

§. II. Agora porém he necessario tomar a cousa de mais longe. Pois os Affectos, como já dissemos, tem lugar por todo o corpo da oração, sua natureza não he tão simples que se possa tratar de passagem, e a Eloquencia não póde empregar *meio mais efficaz, e importante do que este.*

I. Porque para os Logicos basta hum talento ordinario, para os outros he necessario hum talento raro.

Porque quanto aos outros meios da Eloquencia, talvez qualquer talento mediocre ajudado do estudo, ou do exercicio os póde descobrir, e tratar utilmente até hum certo ponto. E com effeito sempre houve, e ha ainda hoje não poucos sugeitos, que com bastante sagacidade excogitão o que póde ser util á prova: os quaes na verdade não são para desprezar. Estes porém ao meu ver só servem para instruirem o Juiz, e para informarem de tudo o que ha na causa os homens verdadeiramente eloquentes. (*a*) Saber porém

---

(*a*) Quint. usa aqui da palavra *Diserti*, e como esta tem tido varias accepçoens, e sido objecto de disputas entre os Eruditos; he necessario fixar aqui bem a sua significação. Os Romanos até o tempo de Cicero fazião differença entre os homens *Disertos, e Eloquentes.* Aquelles erão os que expunhão todos os argumentos da causa com boa digestão, ordem, clareza, e precisão. Estes os que por meio de huma elocução ornada, grave, e robusta, e por meio do Pathetico, e Amplificação accrescentavão nova força ás provas, e movião os coraçoens. Neste sentido dizia Antonio em Cicero de Orat. I, 94. *Disertos se cognosse nonnullos, Eloquentem adhuc neminem.* O que elle mesmo explicando, accrescenta: *Quod eum statuebam disertum, qui possit satis* acute *atque* dilucide *apud mediocres homines ex communi quadam opinione dicere; eloquentem vero, qui mirabilius et magnificentius* augere *posset atque* ornare, *quae vellet;* ou como Quint. explica no Prologo do Lib. VIII. *Disertis satis putat dicere quae oporteat, ornate autem dicere proprium esse Eloquentissimi.* Na verdade o mesmo Cicero, fallando deste Antonio avô do outro, contra quem escreveo a Philippica II. ahi c. 43. explica a palavra *Disertum* por *apertum: Disertissimum novi avum tuum, ac te etiam apertiorem in dicendo.* E esta he a força primitiva da palavra, como se prova do fragmento de

levar, e arrebatar os Juizes; dar-lhes a disposição de espirito que se quer; accendel-os em colera, ou enternecel-os até o ponto de chorarem, isto he muito mais raro.

II. Porque os Logicos tirão-se do fundo da causa, os Patheticos tira-os o Orador do seu fundo.

§. III. Estes Affectos são os que verdadeiramente dominão nos tribunaes; estes os que reinão na Eloquencia. Pois os argumentos pela maior parte nascem da causa, e quanto esta melhor he, mais provas subministra; de sorte que quem com estas só chega a ganhar a causa, sómente póde dizer que não lhe faltou *advogado*. (*a*) Porém onde he necessario fazer força aos animos dos Juizes, pôl-os em perturbação, e estado de não poderem reflectir, e inquirir a verdade: isto então he obra só de hum Orador. Porque isto não o ensina a parte, nem se contém nos razoados dos advogados. (*b*)

Varrão Liv. 5. L. L. c. 7. *Ut olitor disserit in areas sui cujusque generis res, sic in oratione qui facit, Disertus.*

Depois de Cicero a palavra *Disertus* principiou a encarregar-se de ambas as significaçoens. Já Horacio Epist. I, 5, 19. dizia: *Foecundi calices quem non fecere disertum?* Quint. aqui a toma na significação de *Eloquente*, e ainda mais claramente X, 7, 15. *Pectus est enim, quod Disertos facit, et vis mentis.* Se os Encyclopedistas distinguissem estas differentes idades, não se veriáõ tão embaraçados para determinar entre os antigos a significação destas duas palavras. V. Encyclop. V. *Disert.*, e *Elocution.*

(*a*) A mesma differença, que os antigos fazião dos *Dissertos* aos *Eloquentes*, faz aqui Quint. entre os *Advogados*, e *Oradores*, a qual differença se confirma por esta passagem do Liv. XII, 1, 25. *Non enim forensem quandam instituimus operam, neque mercenariam vocem, nec (ut asperioribus verbis parcamus) non inutilem sane litium* advocatum, *quem denique* causidicum *vulgo vocant, sed virum cum ingenii natura praestantem, tum vero tot pulcherrimas artes penitus mente complexum, datum tandem rebus humanis, qualem nulla antea vetustas cognoverit, singularem perfectumque undique, optima sentientem optimèque dicentem.* A mesma distinção se vê Liv. XII. c. 8. n. 5. V. not. seg.

(*b*) Costumavão as Partes litigantes para instruir seus Patronos de toda a causa, ou por si ou pelos advogados formarem huma especie de Razoado, que continha a relação do facto com as provas, e documentos principaes, que tinhão a seu favor. Chamavão a esta instrucção, e allegação *libellum*. Estas allega-

III. Porque os primeiros obrão no Espirito, os segundos no Coração.

§. IV. Emfim as Provas são boas sim para os Juizes se persuadirem, que a nossa causa he a melhor. Os affectos porém fazem com que elles queirão, que o seja. Mas porque o querem, tambem o crêm. (*a*) Porque huma vez que os Juizes se deixão possuir da *Ira*, do *Amor*, do *Odio*, da *Compaixão*, não julgão já se trata hum negocio alheio, mas seu.

IV. Os primeiros obrão, esclarecendo a razão: os segundos perturbando-a.

E assim como os enamorados não podem julgar da formosura, porque o mesmo amor lhes embota a vista; assim o Juiz occupado da paixão perde todo o modo de indagar a verdade, he levado da torrente do discurso, e obedece á corrente impetuosa da Eloquencia. (*)

çoens de ordinario erão feitas por aquelle genero de Advogados, de que acabámos de fallar, que não tendo nem bastante talento nem estudos, e uso para orar as causas em publico, servião ás partes para lhe suggerir o direito, e pôr por escrito em ordem os argumentos *pro e contra* a causa. Estes libellos são muito similhantes aos nossos *Razoados* no estado presente da nossa Advocacía, e os Advogados que os formavão aos nossos Letrados. Tudo isto que acabo de dizer he tirado de Quint. L. XII. 8, 5. *Pessimae vero consuetudinis libellis esse contentum, quos componit aut litigator, qui confugit ad patronum, quia liti ipse non sufficit, aut aliquis ex eo genere Advocatorum, qui se non posse agere confitentur, deinde faciunt, quod est in agendo difficillimum. Nam qui judicare, quid dicendum, quid dissimulandum, quid declinandum, mutandumve, fingendum etiam sit, potest: cur non sit* Orator, *quando, quod difficilius est, facit.*

(*a*) Note-se aqui, e nos paragrafos seguintes a differente *ordem*, *modo*, *movimento*, e *sentimento*, porque os meios Ethicos, e Patheticos obrão a persuasão. 1. quanto á *ordem*, as Provas conduzem á persuasão mediante a convicção do espirito. As Paixoens porém influem immediatamente nas nossas determinaçoens, e depois o espirito para justificar estas, procura fazer juizos a ellas confórmes, que por isso Arist. Rhet. II, 1. disse que as Paixoens *erão certos movimentos acompanhados de dôr, e prazer, que mudão o estado da nossa alma, e nos fazem fazer differentes juizos das cousas.*

(*) 2. Quanto ao *Modo*, os Meios Logicos obrão na Razão,

V. Os primeiros obrão lentamente; os segundos com promptidão.

Deste modo, só pelo effeito da sentença, he que vimos no conhecimento do que fizerão os Argumentos, e as Testemunhas. Não succede porém o mesmo, quando o Juiz está occupado da paixão. Estando ainda assentado, e ouvindo dá a conhecer os seus sentimentos. Por ventura não tem elle publicamente dado a sentença huma vez, que dos olhos lhe saltão aquellas lagrimas, que se procurão excitar na maior parte das Peroraçoens? (*a*)

VI. Os primeiros canção o espirito; os segundos tocão, e deleitão.

Concluamos pois, que esta he propriamente a obra do Orador, este o seu verdadeiro trabalho, a que se deve applicar, e sem o qual tudo o mais he nú, sêco, fraco, e insulso. (*b*) Tanto he certo que o

---

aclarando as idêas, analysando, e caminhando methodicamente do mais claro para o mais escuro. Os Patheticos pelo contrario, confundindo as idêas, fugindo das analyses, e abstracçoens, e não caminhando successivamente, mas accumulando ao mesmo tempo, quanto lhe he possivel, muitas idêas em poucas palavras, e ainda em hum monosyllabo, como são as Interjeiçoens. Podêmos de algum modo dizer, que a alma nos meios Logicos quando raciocina, he *Activa*, e nos Patheticos, quando se deixa hir apoz das sensaçoens que a arrastrão, he *Passiva*.

(*a*) 3. Quanto a *Movimento*, a marcha dos Raciocinios he lenta, vagarosa, e compassada. A nossa alma se vai arrastrando de huma idêa para outra, de hum juizo para outro, e de huma verdade para outra, para emfim chegar a descobrir a que pertende. A da Paixão porém he rápida, violenta, e precipitada. As idêas se atropelão, assaltão de repente a alma, e se fazem senhoras della. Assim os effeitos das paixoens são promptos, os da convicção tardíos.

(*b*) 4. Quanto a *Sentimento*, os raciocinios requerem contenção de Espiríto, e por isso são aridos, nús de prazer, e insulsos. As paixoens ainda as mais tristes levão comsigo hum certo sentimento de doçura interior, nascido do conhecimento confuso, que a alma tem de que se acha no melhor estado, em que se póde achar por ordem ao objecto, que a affecta. *Est quaedam flere voluptas.*

espirito, e alma da Eloquencia consiste propriamente nos Affectos. (*a*)

ARTIGO II.

Distincção dos Affectos em Patheticos, *e* Ethicos, *e destes em particular.*

Propriedade dos nomes Gregos ἦθος, *e* πάθος, *e dos Latinos* Affectus, *e* Mores.

§. I. DEstes affectos como os antigos ensinárão, (*b*) ha duas especies. Huns a que os Gregos chamão

(*a*) Isto he verdade a respeito da Eloquencia dos Gregos, e Romanos; da nossa não se póde dizer o mesmo. 1. Porque na Eloquencia Ecclesiastica, ou Concional dos antigos tratavão-se negocios do governo, em que era interessado o mesmo povo; tratavão-se perante hum povo, em quem residia a soberania; o Orador subindo ao pulpito achava os espiritos preparados pelas mesmas circunstancias: na Eloquencia Forense tambem as causas tratavão-se diante de Juizes tirados do corpo do mesmo Povo Legislador, e muitas vezes em presença do mesmo povo soberano, que podia dispensar nas suas leis. Na Eloquencia Ecclesiastica porém do nosso tempo, que nos governos Monarchicos só tem uso nas Igrejas, e assembleas Christans, tratão-se materias mais abstractas, theses geraes, concernentes á vida eterna, e que para os homens mundanos não tem tanto interesse: As causas são tratadas em tribunaes de Juizes não absolutos, mas ligados ás leis, e que não podem julgar senão segundo ellas.

2. A Eloquencia dos antigos nas Assembleas, e Tribunaes era huma Eloquencia viva, accionada, e por isso de sua natureza Pathetica; o gesto, a voz, o tom do Orador dizia ainda mais, que o discurso. V. o que dissemos Liv. I. Cap. IV. not. (*a*) A nossa forense porém he escrita, e por isso muda, e inerte. A do Pulpito tem acção. Mas esta parte em que os antigos estudavão tanto, he inteiramente desprezada pelos nossos Prégadores. Não obstante tudo isto, ainda que o Pathetico não reine nos nossos tribunaes, e assembléas, como reinava nas das Republicas antigas, tem com tudo o segundo lugar depois das Provas; e ainda que não tenha a vehemencia dos Oradores Républicanos, terá ao menos a força de que he capaz huma Eloquencia, ou muda, ou sobre negocios, que por disgraça interessão pouco o commum dos homens.

(*b*) Arist. Rhet. II. C. I. *Duas cousas*, diz, *são muito importantes para Persuadir nos Juizos, e muito principalmente nos Conselhos. A primeira de que qualidades pareça o Orador revestido, e o conceito que os ouvintes fação da sua affeição para com elles: e a segunda se*

Patheticos, aos quaes nós, vertendo ao pé da letra, damos o nome de *Affectos:* (*a*) Outros *Ethicos*, para os quaes, a meu ver, não tem nome a lingua Romana. He verdade que esta palavra se traduz ordinariamente pela de *Mores* em Latim, e daqui veio aquella parte da Philosophia chamada em Grego *Ethica*, dizer-se em Latim *Moralis*. Mas examinando eu bem a força do termo Grego, (*b*) nelle me parece exprimir-se não toda a casta, mas *certa especie de costumes proprios do Orador*, ao mesmo passo que a palavra Latina *Mores* comprehende geralmente todos os habitos da nossa alma bons e máos.

Differenças de huns, e outros affectos. 1, 2, e 3 *differença.*

§. II. Por isso os Rhetoricos mais exactos antes

os mesmos ouvintes se achão apaixonados de certo modo a nosso favor. Cicero Orat. c. 128. diz o mesmo. *Duo sunt, quae bene tractata ab Oratore admirabilem Eloquentiam faciunt. Quorum alterum est, quod Graeci* Ἠθικὸν *vocant ad naturas, et ad mores, et ad omnem vitae consuetudinem accommodatum: alterum quod iidem* Παθητικὸν *nominant. Illud superius come, jucundum, ad benevolentiam conciliandam paratum.*

(*a*) A palavra Grega πάσχειν significa os differentes estados de *dôr*, e *prazer* da nossa alma, quer estes sentimentos sejão fortes, e violentos, quer sejão iguaes, e moderados, e a mesma força tem o verbo latino *Affici*, e o substantivo *Affectus*, que corresponde exactamente ao Grego πάθος. Com tudo hum e outro termo, não obstante significar todo o estado de emoção da nossa alma relativo ao *Bem*, e *Mal*, foi destinado mais particularmente para exprimir o estado violento da Paixão. A palavra Portugueza tem o mesmo uso.

(*b*) Os Gregos tem dous termos para significar costumes, ἔθος, e ἦθος. O primeiro porém significa o costume arbitrario e de instituição, o uso; o segundo o costume natural, nascido de genio e não da reflexão, a inclinação, e propensão, emfim o que os Latinos chamão *naturas.* Ἦθος pois comprehende todos os habitos da nossa alma por ordem ao bem e ao mal, os quaes tem o seu fundo na natureza. Os Rhetoricos porém restringirão esta palavra ainda a exprimir particularmente certos costumes, e inclinaçoens insinuantes, e persuasivas, proprias do Orador; no qual sentido bem se deixa ver que a palavra Latina *mores* tem muita mais extensão. Pois abrange não só todos os costumes, e inclinaçoens naturaes, boas e más da nossa alma, mas ainda os costumes de instituição.

quizerão explicar o sentido destas palavras, que traduzil-as. Disserão pois: Que os affectos Patheticos erão humas paixoens *fortes*, *vehementes*, e *agitadas*; os Ethicos huns sentimentos *brandos*, *pacatos*, e *socegados*: Que o modo de obrar dos primeiros era *mandado com imperio*, *e por força*; e o dos segundos *persuadindo*, *e insinuando-se*: Que emfim aquelles tendião a *perturbar* a alma, e estes a *ganhal-a*. (*a*)

4, e 5 *differença.*

§. III. Accrescentão alguns peritos que os movimentos Patheticos são *passageiros*; o que he verdade as mais das vezes. Com tudo algumas materias ha, que querem Pathetico continuado. (*b*)

Quanto aos Sentimentos Ethicos, ainda que estes não pedem tanta força, e impetuosidade: com tudo não tem nem menos arte, nem menos uso, que os outros. Elles entrão em maior numero de causas, e póde-se dizer, em algum sentido, que em todas. Porque o Orador não póde tratar materia alguma, que não pertença a hum destes dous lugares *Honesto* ou *util*, ou

(*a*) Primeiras tres differenças consideraveis das *Paixoens*, ou *Affectos* Patheticos aos *Sentimentos*, ou Affectos Ethicos. Elles são diversos na *Actividade*, no *Modo de obrar*, e no *Effeito*. Na *Actividade*: Porque os Ethicos são brandos, os Patheticos fortes. No *Modo*: Porque os Ethicos obrão pouco a pouco, por via de conciliação, e attraindo. Os Patheticos de repente, por meios violentos, e huma especie de coacção. Emfim no *Effeito*. Os Ethicos ganhão a alma por vontade, deixando-lhe todas as suas faculdades livres, e em socego. Os Patheticos perturbão-na, tirão-na fóra de si, e senhores despoticos, para assim dizer, das suas potencias dispoem dellas como querem, sem a alma, em certo modo, ter nisso parte alguma.

(*b*) Quarta differença de huns e outros affectos, quanto a *Duração* da sua acção. Os movimentos Patheticos, como poem o corpo em convulsão e a alma em hum estado violento, durão pouco; aliás trarião comsigo a nossa destruição. O Pathetico pois continuado núnca o póde haver senão em discursos muito curtos, e que achão já os animos convencidos, e preparados. Nos discursos compridos as paixoens são *Passageiras*, e tem só lugar em algumas partes da oração. A expressão porém dos costumes e sentimentos Ethicos, como estes são huns habitos e inclinaçoens permanentes no animo, podem durar todo o tempo que quizermos, e para melhor dizer, devem ter lugar por toda a oração. *Morata debent esse omnia*, diz Quint. IV, 2, 64.

emfim que não seja sobre *que se deve fazer*, ou *deixar de fazer*. Ora tudo isto he relativo aos Sentimentos. (*a*)

6 *differença.*

§. IV. Alguns quizerão que os Affectos Ethicos servissem propriamente para a *Recommendação*, e para a *Desculpa*. Estes officios pertencem-lhe certamente, mas não são os unicos; antes accrescento ainda, que os affectos *Patheticos* e *Ethicos* humas vezes tem a mesma natureza, e só se differenção no gráo de força, isto he, ser a daquelles maior e a destes menor, como por exemplo o *Amor* he hum affecto Pathetico, e a *Caridade* hum affecto Ethico: outras vezes são contrarios entre si, como nos Epilogos, onde os affectos Patheticos irritão o Juiz, e os Ethicos o costumão aplacar. (*b*)

(*a*) Quinta differença quanto ao *uso* mais, ou menos universal destes dous meios. As paixoens não se extendem a hum tão grande numero de causas. V. o que dissemos Lib. I. Cap. IX. e Cap. antecedente Art. III. §. I. Os Sentimentos Ethicos pelo contrario abrangem todas. Porque nenhuma ha, em que o Orador se não deva mostrar homem de *Conselho*, *Probidade*, e *Affeiçoado* aos verdadeiros interesses de seus ouvintes. Esta he a verdadeira razão. A de Quint. tirada da materia de todas as causas, que sempre he ou *Util*, ou *Honesta*, não me parece boa. Bem póde a materia do discurso ser honesta, justa, e util, e o Orador não o parecer.

Seja como for, só advirto que dando á razão de Quint. toda a força, que elle lhe dá; ella não poderia provar o que o mesmo pertende, isto he, que os sentimentos Ethicos em todas as causas tem lugar, se, como Gesnero diz a este lugar, estas palavras *nisi ex illo, et hoc loco* se referirem aos Affectos Ethicos e Patheticos, e não ao lugar do *Honesto* e *Util*, como eu julgo; Porque então Quint. daria em prova o mesmo, que queria provar. Alem de que nenhuma materia se póde tractar na eloquencia Civil, que não seja *de faciendis*, et *non faciendis*. Porém póde-se tratar alguma, que não seja nem *Ethica*, nem *Pathetica*, e sómente *Logica*.

(*b*) Sexta differença das *Paixoens* aos *Sentimentos*, o *Gráo de intenção differente*. Se hum affecto Pathetico, e outro Ethico tem a mesma raiz e constituem a mesma especie: então não se distinguem se não pelo gráo de intenção. Sobre o mesmo objecto hum sentimento vivo he huma paixão, hum sentimento brando he hum affecto Ethico. Taes são por ex. o *Amor* e a *Caridade*, O

Quaes devem ser os Costumes da 1. Pessoa, isto he, do Orador.

§. V. Já que pois pelo nome mesmo a cousa se não dá assás a entender, contentemo-nos com explicar a sua propria força e natureza. O que entendemos pois por Affectos *Ethicos*, proprios dos Oradores são todos os *costumes*, *que nos mesmos se fazem recommendaveis por hum caracter de Bondade*, (a) não só

Desejo e a *Saudade*, a *Compaixão* e a *Humanidade*, o *Odio* e o *Rancor*, O *Desprezo* e a *Indifferença*, a *Alegria (gestiens)* e hum *Genio alegre*, a *Tristeza grave* e hum *Genio Melancolico*, a *Colera* e o *Resentimento etc.* Se os affectos são de differente especie e se destroem mutuamente, chamão-se affectos Patheticos os que costumão *irritar*, e Ethicos os que *mitigão*. Taes são por ex. a *Compaixão* e o *Rizo*, a *Colera* e a *Clemencia*, a *Temeridade* e a *Prudencia*, a *Petulancia* e a *Moderação etc.*

(*a*) Arist. Rhet. II. Cap. I. reduz a tres principaes todos os Costumes Oratorios que, são *Prudencia*, *Probidade* e *Benevolencia. Porque*, diz elle, *os homens enganão no que dizem, e no que aconselhão*, *ou por falta de todas estas qualidades*, *ou de alguma dellas. Pois*, *ou pela sua ignorancia não julgão das cousas com acerto*, *ou julgando bem*, *não dizem o que sentem por malicia*, *ou emfim sendo sabios*, *e de probidade*, *não são amigos; donde succede não aconselharem o melhor*, *que sabem. Fóra destes tres casos nenhum outro ha. Pelo que quem parecer ter todas estas qualidades necessariamente hade persuadir seus ouvintes.* Até aqui Arist.

Quint., tratando aqui dos Costumes Oratorios, não faz menção do primeiro, que he a Prudencia, assim por ser hum habito mais Logico que Ethico, como porque ella se requer mais nos conselhos do que nas causas Judiciaes. V. Liv. I. C. XV. §. 4. Quanto ás outras duas especies de Costumes Oratorios, *Benevolencia*, digo, e *Probidade*, Quint. as incluio na Bondade, como logo veremos. Na verdade esta não he outra cousa senão a disposição habitual, com que hum homem contribue com todas as suas forças para fazer seus similhantes felizes, quanto o podem ser segundo a sua natureza, estado, relaçoens, e distincção. Esta noção he summamente complexa, e comprehende em si huma infinidade de idèas. Vejamos como Cicero a desenvolve no Liv. III. dos Off. Cap. 17. n. 76. *At vero* (diz elle) *si quis voluerit animi sui complicatam notionem evolvere, jam se ipse doceat eum virum Bonum esse, qui prosit quibus possit, noceat nemini nisi lacessitus injuria.* A Bondade pois, segundo Cicero e Quint. aqui e Liv. XII. C. I, contém debaixo de si duas virtudes principaes a *Humanidade* ou *Benevolencia*, pela qual fazemos, e desejamos todo o bem a nossos similhantes, e a *Probidade*, pela qual nos abstemos de lhes fazer mal algum. Cicero mesmo reconheceo a Justiça e a Boa fé que constituem o homem de probidade como

os que são mansos e socegados, mas mais ainda os que são atractivos, humanos, e todos os que são amaveis e agradaveis aos ouvintes. (*a*)

---

partes da Bondade, dizendo de Off. II. *Justis autem et fidis hominibus, id est, Bonis, ita fides habetur, ut nulla sit in his fraudis injuriaeque suspicio. Itaque iis salutem nostram, his fortunas, his liberos rectissime committi arbitramur.*

(*a*) Determinada deste modo e fixada na nota antecedente a noção da Bondade, passemos já a fazer com Quint. neste mesmo lugar tres observaçoens, proprias a Caracterizar os Costumes Oratorios.

Primeiramente pois, estes sentimentos são de sua natureza huns affectos mansos e socegados, e nisto assás se distinguem das Paixoens. Mas isto não he bastante para distinguirmos igualmente os affectos brandos Oratorios dos que o não são, que por isso diz Quint.: *Id erit. . . non solum mite, ac placidum.* Ha sentimentos brandos sem serem oratorios, taes como o *Rancor*, a *Malignidade*, a *Soberba*, e *Resentimento etc.* Os Scriptores pois, de que acima §. II. fallou Quint. não caracterizárão assás estes sentimentos, contentando-se só com mostrar a differença, que delles havia aos affectos fortes.

2. Nas palavras, *Sed plerumque blandum, et humanum* vai Quint. desenvolvendo a noção dos Costumes Oratorios, e persuasivos, que elle comprehende no caracter de bondade, e quer que estes sentimentos que o Orador exprimir em si, sejão não só socegados, mas as mais das vezes *atractivos*, *(blandum.)* Ora taes são todos os que pertencem á Humanidade *(humanum,)* ou Benevolencia (φιλανθρωπία), a qual comprehende em si todas as virtudes sociaes, com que por qualquer modo desejamos, e procuramos todo o bem a nossos similhantes, como a *Caridade*, os *Sentimentos Patrioticos*, a *Benignidade*, *Liberalidade*, *Beneficencia*, *Civilidade*, *Gratidão etc.*

3. Emfim todos os outros costumes, que excitão o amor dos ouvintes e lhe são agradaveis: *Et audientibus amabile, atque jucundum.* E quaes serão estes? O mesmo Cicero o diz de Off. I, XVII, 56. *Et quanquam omnis virtus non ad se allicit, facitque, ut eos diligamus, in quibus ipsa inesse videatur: tamen Justitia et Liberalitas id maxime efficit.* A liberalidade pertence ao amor da humanidade de que acima fallámos, e a Justiça he aqui o mesmo que a Probidade, pela qual evitamos tudo o que póde offender ainda levemente o nosso proximo. A ella por consequencia pertencem os sentimentos, que os Oradores dão a conhecer de *Modestia*, *Respeito*, *Soffrimento*, *Moderação*, *Comedimento*, *Boa fé*, *Verdade*, *Poder*, *Imparcialidade*, *Desinteresse*, e todos os mais de hum homem honrado e de Probidade. Porém sobre tudo nada ha mais amavel, e capaz de unir os homens, que a conformidade de costumes e sentimentos, (continúa Cicero no mesmo lugar). Porém destes costumes da 3. pessoa trataremos nós logo ao §. VII.

Modo de os exprimir no discurso.

§. VI. A grande arte de exprimir estes costumes no discurso, consiste em que todos elles pareção nascer da natureza mesma da materia, e dos homens; *(a)* De sorte que o caracter do Orador se dê a entre-

---

(a) A expressão dos costumes póde-se fazer por tres especies de sinaes a saber as *Acçoens*, o *Gesto*, *e voz*, e o *Discurso*. De todos elles se servem os representantes nas Peças Dramaticas. O Orador emprega sómente o Gesto, e o Discurso, e só deste ultimo póde a Rhetorica dar algumas regras. Quint. dá aqui ters.

A 1. he: *ut fluere omnia ex natura rerum . . . . videantur.* Que pareção nascer da natureza das cousas, isto he, que a grande arte de os exprimir he não parecerem ter arte nem fingimento: antes parecerem conformes á ordem e curso das cousas humanas e porisso verisimeis. A mesma regra deu já Quint. para expressão dos costumes na Narração §. ult. dizendo: *Nihil videatur fictum, nihil solicitum. Omnia potius a causa, quam ab oratore profecta credantur.*

A 2., que he como huma consequencia da primeira, he: *ut fluere omnia ex natura . . . . hominum videantur.* Que os Costumes pareção nascer da natureza dos homens. Para intelligencia do que he preciso saber, que todas as nossas acçoens e palavras partem de alguns destes tres principios, ou da *Paixão*, ou da *Inclinação*, ou da *Reflexão*. Partindo da Paixão, ou da Inclinação, partem da Natureza do homem. Pois todas as paixoens e inclinaçoens não são outra cousa mais que humas modificaçoens das duas propensoens naturaes, pelas quaes todo o homem apetece e procura o Bem, e aborrece e foje do Mal. Das Paixoens fallaremos logo. Agora tratamos das Inclinaçoens.

Para se exprimirem pois bem as Costumes Oratorios he necessario que as nossas acçoens, gestos, e palavras, porque os damos a conhecer, pareção filhas da Inclinação, e não da Reflexão ou Raciocinio, ou como diz Arist. III, 16. μὴ ὡς ἀπὸ διανοίας λέγειν . . . ἀλλ' ὡς ἀπὸ προαιρέσεως. Porque a razão póde sim mostrar o fim e motivos, que nos devem guiar nas nossas acçoens, mas não os que nos guião. Estes só os dão a conhecer as Inclinaçoens. Pelo que, quando quizermos que huma palavra ou acção nossa ou de outros exprima os costumes, he preciso não a fazer acompanhar de raciocinio ou reflexão, ainda que della nasção. Porque então não parecerião proceder da Inclinação. He necessario attribuil-a á mesma Inclinação, ou ao motivo e fim, que esta se costuma propôr. Este he o sentido de Arist. III. 17. quando diz: Que na expressão dos costumes não convem misturar argumentos. E vem a dizer, que quem quer mostrar que obra por inclinação, não deve parecer obrar por reflexão, e sem vistas, que lhe suggere a razão. V. Gibert, Rhet. I. 9. 2.

ver, e em certo modo a reconhecer no seu discurso. (a) Taes são por ex. os costumes cheios de brandura sem ira e sem odio, que hum advogado dá a conhecer, quando tratando huma causa entre pessoas, que tem com elle e entre si relaçoens estreitissimas, se mostra *sofrido*, *perdôa as injurias*, *dá satisfaçoens attenciosas*, *conselhos amigaveis etc.* (b)

Differença nos Caracteres Oratorios.

Differente com tudo (c) deve ser o caracter Ethico,

(a) A 3. Regra, consequencia tambem da segunda he: *Quo mores dicentis ex oratione pelluceant, et quodam modo agnoscantur.* Isto he, que estas mesmas inclinaçoens não se devem mostrar de proposito e claramente no nosso discurso, e muito menos dizer que as temos: mas ellas mesmas a pesar nosso, para assim dizer, se devem deixar entrever esquivamente, e fazerem-se conhecer dos ouvintes por via de illaçoens e conjecturas. Os modos de fazer isto por meio do gesto e da voz são tantos, tão varios, e delicados que não se podem explicar. *Qui (mores)*, diz Quint. XI. 3. 154. *nescio quomodo ex voce etiam atque actione pellucent.* Alguns dos que emprega o discurso são: 1. Quando a pezar das razoens, com que nos damos por convencidos para não fazer huma acção; ou pela fraqueza com que as propomos, ou por alguma palavra que deixamos escapar, damos a conhecer que differente he o nosso proposito e intenção ἡ προαίρεσις. Assim Dido Eneid. IV. v. 9. e 550. entre todas as declamaçoens contra as segundas nupcias, e louvores da viuvez, dá assás a conhecer a sua inclinação, reprezentando o celibato como só proprio das feras.

Non licuit thalami expertem sine crimine vitam.
Degere more ferae? . . . .

2. Quando fallando-se de outra cousa, ou pessoa fóra de nós, damos a conhecer sem querer, os nossos sentimentos. Homero, e Horacio fazendo frequentes elogios do vinho, e Biblis em Ovidio Metam. X. 422, louvando a felicidade de sua mãi.

Oh! dixit, felicem conjuge matrem!

dão hum e outro assás a conhecer as suas inclinaçoens indirectamente.

3. As mesmas inclinaçoens se dão a conhecer, diz Arist. Rhet. III. 16. pelos accessorios, que ordinariamente acompanhão a cada huma, como se fallando eu de hum homem, disser: *Fallando, ao mesmo tempo hia andando*, nisto mesmo o pinto como homem atrevido, e descortez. V. atraz Cap. da Narração §. ult.

(b) V. Cap. antecedente Art. III. §. 2.

(c) Alem do Caracter de Benevolencia, e Probidade commum a todos os Oradores, ha outros particulares a certas pessoas, como aos Pais, aos Tutores, aos Maridos etc. os quaes não só

e os sentimentos de hum pai razoando contra seu filho, e de hum tutor contra seu pupillo, e de hum marido contra sua mulher. (Pois todos estes devem dar a conhecer em seus discursos hum coração cheio de ternura para com aquelles mesmos, que os offendem, e parecer que não fallão contra elles, se não porque os amão.) Outro já o de hum homem velho para com hum moço, que o insulta. (*a*) Outro emfim o de hum homem de bem contra hum inferior. Pois a este estão bem os affectos fortes, e as invectivas; áquelloutro não estarão mal ainda tambem os sentimentos de doçura, e moderação. . .

Na verdade estes sentimentos de moderação costumão de ordinario produzir no animo do Juiz huma paixão forte, qual he o odio contra o adversario. Pois, nisto mesmo de nos humilharmos aos nossos inimigos, lhes damos em rosto tacitamente com a sua immoderação. O cedermos-lhes mesmo está mostrando, que são homens pezados, e insuportaveis. E não sabem os Advogados amigos da maledicencia, a que chamão liberdade, que o odio, que com o nosso comedimento causamos ao adversario, he mais capaz de o fazer aborrecer que todas as injurias, e afrontas verbaes. Porque o odio he que faz

---

tem obrigação de exprimirem os costumes geraes de Humanidade e Justiça, mas os particulares de Caridade e Ternura. Admiravelmente explica este lugar o do mesmo Quint. XI. 1. 57. *Nam sine dubio in omnibus statim accusationibus hoc agendum est ne ad eas libenter descendisse videamur: Ideoque mihi illud Cassii Severi non mediocriter displicet*, Dii boni! vivo, et, quo me vivere juvet, Aspernatem reum video. *Non enim justa ex causa, vel necessaria videre potest postulasse eum, sed quadam accusandi voluptate. Prater hoc tamen, quod est commune* (V. supr. Cap. I. Art. I. §. I. n. 1.) propriam moderationem *quaedam caussae desiderant. Quapropter . . . quamlibet gravia filio pater objecturus, miserrimam sibi ostendat esse hanc ipsam necessitatem, nec hoc paucis modo verbis, sed toto colore actionis, ut id eum non dicere modo, sed etiam vere dicere appareat. Nec caussanti Pupillo sic Tutor irascatur unquam, ut non remaneant amoris vestigia, et sacra quaedam patris ejus memoria.*

(*a*) Quint. ibi. n. 68: *Aliquando etiam inferioribus, praecipueque adolescentulis parcere, aut mederi decet. Utitur hac moderatione Cicero pro Caelio contra Atratinum, ut eum non inimice corripere, sed pene patrie monere videatur. Nam et juvenis, et nobilis, et non injusto dolore venerat ad accusandum.*

os adversarios aborrecidos, e as affrontas a nós... (*a*)

Costumes da 2. Pessoa, isto he, daquella, diante de quem fallamos.

§. VII. Com não pouca propriedade chamamos tambem *Costumes* aos das Escholas, quando tomamos sobre nós differentes caracteres, segundo os differentes fins, que nos propomos, representando nos discursos o papel já de hum *Camponez*, já de hum *Supersticioso*, já de hum *Avarento*, já de hum *Timido etc.* Quando imitamos pois nas nossas oraçoens similhantes caracteres, e delles fazemos hum meio de persuadir, merecem estes justamente o nome de *Costumes*. (*b*)

(*a*) V. Cap. do Exord. Art. 1. §. I. n. 1., e Cic. II. de Orat. 53.

(*b*) Os Declamadores, isto he, os que nas Escholas se exercitavão compondo, e pronunciando discursos sobre assumptos e casos fingidos, para deste modo se prepararem para os do Foro, poucas causas tratavão como Advogados: ordinariamente fazião as oraçoens debaixo do nome dos mesmos Reos, e Authores. Que por isso diz Quint. III, 8. 51. *Plerumque filii, patres, divites, senes asperi, lenes avari denique, superstitiosi, timidi, derrisores fiunt; ut vix Comaediarum actoribus plures habitus in pronunciando concipiendi sint, quam his in dicendo.* As 3o Declamaçoens, que ainda nos restão debaixo do nome de Quintiliano, todas são deste modo. Porém, como esta Imitação dos Costumes não tem por fim só o pintar, mas tambem persuadir; justamente della trata aqui Quint. como no seu proprio lugar.

Com effeito os Costumes considerados como hum meio de persuasão ou são da I Pessoa, que he quem falla, ou da II, diante de quem se falla, ou da III., que he a de quem se falla. O Orador exprime os seus costumes, imita os dos ouvintes, e pinta os das partes. Dos primeiros tratou Quint. até aqui, dos terceiros tratará no §. seguinte. Aqui trata dos segundos, quando o Orador imitando nas suas palavras, e nos seus modos os costumes e sentimentos de seus ouvintes, se faz como hum delles, para assim melhor se insinuar. Arist. Rhet. II, 13. reconhece tambem a necessidade destes costumes da segunda pessoa, dizendo: *Por quanto todos aceitão bem aquelles discursos, que vem conformes e similhantes ao seu genio, e costumes: bem se vê de que meio nos deveremos servir, quando quizermos parecer taes como vimos de dizer, e fazer que o nosso discurso tome o mesmo caracter.*

O caracter pois mais proprio a fazer amar o Orador he mostrar-se tal quaes são seus ouvintes, porque os homens amão naturalmente seus similhantes. Isto porém não quer dizer, que devamos pintar e caracterizar os ouvintes para os persuadir, mas

Costumes da 3.ª Pessoa, isto he, daquella a favor da qual fallamos.

§. VIII. Emfim todo este caracter Ethico requer no homem hum fundo de *Bondade*, e de *Civilidade*, (*a*) as quaes qualidades não só o Orador deve mostrar, e recommendar, se poder ser, no seu cliente; (*b*) mas

sim exprimir em nós os costumes, que lhes convem, e tem a sua approvação. Para isto he necessario conhecer o seu genio e gosto, o que he difficil. Como porém estas cousas são differentes segundo a idade, condição das pessoas, sua reputação e fortuna; porisso Arist tratou de tudo isto extensamente no Liv. II. Por este modo he que o Orador mostra ter os mesmos interesses de seus ouvintes, ser incapaz de os enganar, e emfim hum caracter agradavel e amavel. Assim Cicero já se mostra Popular, fallando diante do Povo, como na Or. contra Rullo, já do partido da nobreza; não porque elle se faça differente do que era, mas porque podia ser huma e outra cousa até certo ponto. Esta era tambem a grande arte de S. Paulo, fazer-se da mesma condição de seus ouvintes, para os ganhar. *Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos.* Cor. I, 9, 22. não imitando-os nos seus vicios, mas sim nas cousas, que se não encontravão com a verdade, virtude, e religião, emfim, como diz S. Agostinho, *Compassione misericordiae, non simulatione fallaciae.* O modo de exprimir estes costumes he o mesmo que o antecedente.

(*a*) Quint. ajuntando aqui á palavra *Bonum* á de *Comem*, toma aquella em hum sentido mais restricto pela Justiça e Probidade, como se vê do contexto para baixo, e na *Civilidade* inclue todas as virtudes sociaes pertencentes á Humanidade, e Beneficencia.

(*b*) Eisaqui a terceira especie de Costumes Oratorios ou da III pessoa, pelos quaes o Orador não exprime já os seus sentimentos e costumes agradaveis, ou pela sua bondade, ou pela sua similhança; mas os de huma 3 pessoa differente da sua, e do Juiz, isto he, os do seu Cliente, ou da parte adversa. Estes costumes do Cliente são os mesmos de Humanidade, e Probidade, porque o Orador se faz recommendavel; e os contrarios, quando fallar da parte adversa, que quizer fazer odiosa.

Mas ha dous methodos de exprimir estes costumes da 3 pessoa. Hum *directo* por meio das Ethopeias, ou Caracteres, quando fazemos a descripção, e pintura dos costumes de qualquer personagem, qual he a de Catilina em Sallustio, e a de Annibal em T. Livio: outro *indirecto*, quando damos a conhecer os caracteres por meio das *acçoens*, *discursos*, *modos*, *e gestos*, e varias situaçoens das mesmas personagens; e este he o methodo proprio da Eloquencia e Poezia, e que tem sobre o primeiro grandes vantagens. Porque aquelle não nos dá senão huma descripção abstracta de huma cousa, que não vemos. Este põe-

elle mesmo as deve ter, ou ao menos parecer que as tem. (*a*) Desta sorte aproveitará muito ás causas, que tratar; porque a opinião, que tem de probidade, será hum prejuizo em favor da Justiça da causa. E na verdade todo o Orador, que, fallando, dá má idêa de si, não póde deixar de orar mal. Porque o que elle diz tambem não póde parecer justo; aliás, se o parecesse, teria o caracter Ethico.

Estilo proprio dos Sentimentos Ethicos.

Pelo que o mesmo estilo destes sentimentos deverá ser, como elles, pacato, e doce: As expressoens, não digo já soberbas, mas ainda elevadas e sublimes não devem nelles ter lugar. Contentão-se com huma elocução propria, agradavel, e natural. (*b*) Do que

---

nos a cousa diante dos olhos com todas as suas determinaçoens individuaes, e substitue assim o sentimento real á simples reflexão. Faz-nos conhecer os homens como se vivessemos com elles e os observassemos de perto. Do que tudo se vê a grande differença que ha dos Costumes Oratorios aos argumentos criveis, tirados dos costumes, e ás pinturus dos mesmos: o que tudo alguns authores sem razão confundirão. V. o que dissemos Cap. VIII. §. IV. not.

(*a*) He necessario emfim distinguir com Quint. os Costumes Oratorios em *Reaes* e *Exprimidos*, para acabarmos de caracterizar inteiramente este importante meio de persuasão. Se o Orador tem effectivamente, e pratíca no seu modo de viver aquellas virtudes, de que acima fallámos §. V, tem os costumes Reaes; porém nem por isso se segue tenha os Exprimidos. Para isto não basta tel-os, he preciso, que, fallando, *pareça* que os tem. He verdade que huma alma cheia de bons sentimentos, e penetrada intimamente de belleza e amor da virtude exprime tambem com mais facilidade e naturalidade similhantes costumes, do que aquella que ainda que conheça especulativamente o melhor, não o sente. A oração toma de ordinario a tintura dos costumes e vida de cadahum, *Qualis vita, talis oratio,* e pelo contrario (como observa delicadamente Quint. XII, 1, 29.) *prodit se, quamlibet custodiatur, simulatio, nec unquam tanta fuerit eloquendi facultas, ut non titubet, ac haereat, quoties ab animo verba dissentiunt.* Mas com tudo póde hum homem possuir todas estas grandes qualidades e por falta de eloquencia não as saber exprimir, e isto basta para fundar a distincção dos costumes em *Reaes* e *Imitados.*

(*b*) Quint. com a palavra *credibiliter* quiz dizer o mesmo que Demetrio Phalereo no seu tratado da Elocução n. 28. com a de ἁπλοῦν, e ἀποίητον, quando diz que *os affectos Patheticos e Ethicos querem huma elocução simples, e que não pareça trabalhada,* ou como

tudo resulta que o estilo mediocre he o que mais lhe convem. (*a*)

ARTIGO III.

Dos Affectos Patheticos.

Paixoens. Sua differença dos Sentimentos Ethicos, suas especies, e lugares.

§. I. DIfferentes dos Sentimentos Ethicos são os Patheticos, a que com especialidade damos o nome de *Affectos*. E para dar a conhecer a differença de huns e outros com huma comparação familiar, aquelles são similhantes á Comedia, e estes á Tragedia. (*b*)

diz Quint. no Exordio, *simplici et illaboratae similis, nec vultu ac verbis nimia promittens. Actio enim simplex et ἀνεπίφατος melius saepe surrepit.* Cic. do Orad. II, 45. faz louvar em Crasso o mesmo estilo: *Sententiae tam integrae, tam verae, tam novae, tam sine pigmentis fucoque puerili, ut* etc.

(*a*) A cadahum dos tres meios de persuadir he dado seu estilo, o *grande* ao Pathetico, o *tenue* á Prova, e o *mediocre* aos Sentimentos. Estes, como não admittem os movimentos extraordinarios das paixoens, nem a marcha lenta dos raciocinios; excluem em consequencia as figuras vehementes, as exclamaçoens vivas, as expressoens novas e ardentes, as metaphoras atrevidas, as hyperboles e amplificaçoens exaggeradas, etc. Mas tambem por outra parte não se contentão com a pureza e clareza do discurso, como as Provas. Tem pois hum estilo medio, que he o ornado; *Proprio* e significante nas expressoens, *agradavel* nas imagens, nas sentenças, nas translaçoens, nas figuras, e na collocação, e finalmente *insinuante* pela naturalidade com que emprega todos estes ornatos; elle he o mais proprio a exprimir os costumes amaveis e agradaveis. Neste genero de Eloquencia he admiravel entre os Francezes *Massilhon* como *Bourdalue* na força da convicção, e *Bossuet* no sublime e no Pathetico.

(*b*) A Comedia he a pintura da vida humana no estado mediocre, e igual de fortuna; a Tragedia no estado de grandeza e infelicidade. Desta noção a mais geral de hum e outro drama se vê, que a Comedia he para representar os costumes e inclinaçoens tranquillas dos homens, e a Tragedia pelo contrario as grandes paixoens. Naquella pois dominão os sentimentos Ethicos, nesta os Patheticos. Esta a similhança, que aquelles tem com a Comedia, principalmente de Caracter, e estes com a Tragedia, principalmente implexa. Tem porém esta grande differença, que a Comedia imita principalmente os costumes viciosos e ridiculos para os emendar, e a Tragedia imita as paixoens para

Esta a segunda especie se emprega quasi toda em mover a *Ira*, o *Odio*, o *Medo*, a *Atrocidade*, e a *Compaixão*. (*a*) Quaes sejão os lugares donde se devão ti-

---

as corrigir, e moderar. Os costumes porém e paixoens na mão do Orador são hum instrumento de persuasão.

(*a*) Quint. não faz aqui huma enumeração exacta de todas as paixoens, que o Orador póde mover: toca sómente ás mais ordinarias, que se costumavão excitar nas Peroraçoens Judiciaes, como são a *Ira* e o *Odio* contra o adversario, a *Compaixão* a favor do Réo, e o *Medo*, e a *Atrocidade* sobre as acçoens. Não he porém, nem fóra de proposito, nem inutil para as reflexoens, que depois hei de fazer, dar aqui huma lista ainda que imperfeita dellas, reduzindo-as a certas classes, e especificando-as do modo possivel.

O *Amor proprio*, isto he o amor da nossa felicidade e perfeição, pelo qual procuramos o *Bem*, isto he, tudo o que conserva e aperfeiçôa a nossa existencia, e fugimos do *Mal*, o que he tudo o que destróe e põe peor o nosso estado, o *Amor Proprio*, digo, he, a bem de dizer, a unica paixão do homem. As mais não são, a fallar propriamente, mais que humas modificaçoens do amor proprio, que varião ao infinito segundo o gráo de força, objecto, e circunstancias das pessoas. Pelo que ninguem até agora classificou exactamente as paixoens; nem talvez será possivel o fazel-o. Com tudo, como as paixoens são humas commoçoens fortes e vivas, nascidas da representação do Bem e do Mal, podemos fazer tantas classes dellas quantos são os differentes modos porque hum, e outro se nos póde representar.

Ora o Bem ou Mal póde-se-nos representar relativamente ao *Tempo*, ou como *passado*, ou como *prezente*, ou como *futuro*; e desta consideração nasce a I Classe. O Bem passado he objecto do *Desejo* e *saudade*; o prezente da *Alegria*, o futuro da *Esperança*. E pelo contrario o mal passado he objecto do *Pezar*, o prezente da *Tristeza*, e o futuro do *Medo*.

O Bem e Mal futuro tambem se póde considerar com relação aos *Meios*, que temos para conseguir aquelle, e fugir deste; e desta consideração nasce a II Classe das paixoens. Se os meios de conseguir o bem são faceis, isto faz a *Confiança*; se difficeis, a *Desconfiança*. Da mesma sorte se se nos representa facil o modo de evitar o mal, nasce em nós o *Atrevimento*; se pelo contrario, a *Dezesperação*.

Ainda que o Bem verdadeiro he ao mesmo tempo honesto, decoroso, e util; e o mal verdadeiro he juntamente indecoroso, e nocivo: com tudo a nossa imaginação separa muitas vezes estas idêas. E isto he o que basta, para dos differentes aspectos do bem e do mal se formar huma III Classe de Paixoens. Se o Bem se nos representa como *honesto*, isto produz em nós o *Amor da Gloria*, se o he na verdade; e se he só apparente, a *Ambição*. Se o Bem se nos representa como *Deleitavel*, dahi nasce o *Amor do Prazer* ou verdadeiro, ou falso. Deste, se o prazer he vene-

rar os motivos para excitar estas paixoens, todos o sabem, e já o deixamos dito nos Capitulos do Exordio e da Peroração. (*a*)

As paixoens ou são Activas, *ou* Passivas.

§. II. Com tudo he preciso advertir aqui que pelas palavras de *Medo*, e *Odio* quero se entendão duas especies, a saber, hum *Medo Activo*, que causamos; e outro *Passivo*, que nos causão. Da mesma sorte hum he o *Odio*, que faz com que aborreçamos; e outro o que faz huma cousa odiosa. As paixoens activas são proprias das Pessoas, e as passivas pertencem ás cousas.

Mover as passivas he mais difficil: dous meios de o fazer.

Ora nestas segundas he onde a Eloquencia tem mais difficuldade. Porque ha acçoens, que por si mesmas parecem graves e atrozes, como por ex. o *Parricidio*, o *Homicidio*, o *Veneno*. (*b*) Outras porém

reo, a *Lascivia;* se he dos conhecimentos uteis, a *Curiosidade;* se das commodidades, a *Luxuria*. Se o Bem se nos representa como util, sendo verdadeiro, confunde-se com o honesto; porém se he falso e apparente, produz a *Avareza*. Pelo contrario se o Mal he contrario ao honesto, excita em nós a *Colera;* se ao decoro, o *Pudor;* se ao aprazivel, o *Tédio;* se ao util, o *Desprezo*.

Huma IV Classe nasce do mesmo Bem e Mal considerado não em nós, mas nos outros, que tem comnosco relaçoens do sangue, ou amizade, ou as oppostas de estranheza e inimisade. Do bem passado e presente damos aos primeiros o *Parabem*, do futuro, o *Favor*, e do mal passado, presente e futuro, a *Compaixão*. Aos segundos, do bem honesto mal merecido temos *Indignação*, do util, *Inveja*.

Emfim da combinação e collisão de duas paixoens se levanta huma V Classe, cujas especies he difficil investigar. Assim do *Medo* e do *Amor* se fórma o *Ciume*, da *Inveja* e *Ambição* a *Emulação etc.*

(*a*) No Exord. Art. I. §. I. n. 4, 5. Na Peror. em todo o Art. II. Nestes lugares porém tratou das paixoens por ordem ás pessoas, afim de as fazer ou odiosas, ou dignas de compaixão. Aqui trata das mesmas paixoens por ordem ás cousas, e acçoens, como logo veremos.

(*b*) Quint neste Cap. reduz a duas regras geraes toda a arte implicada de mover as paixoens, que levou a Arist. os primeiros dez Capitulos do Liv. II da sua Rhet. a *Amplificação*, digo, e a *Representação*. Na verdade o *Bem* e o *Mal* não tira a nossa alma do estado

devem-se fazer parecer taes pelas forças da Eloquencia. (*a*)

1. *Meio, a Amplificação.*

§. III. Faremos isto, *ou* mostrando que o mal, que sofremos he mais grave que outros aliás grandes: como Andromacha em Virgilio: (*b*)

O' Polycena, disse, venturosa,
Que, sendo ao ferro agudo em sorte dada
Junto aos muros de Troia lacrimosa,
O tumulo inimigo ensanguentaste,
E de vil cativeiro te livraste!

---

de igualdade, e socego, qual he o das Inclinaçoens, e não excita nella estes movimentos vivos, chamados Paixoens, senão representando-se-nos *Presente*, e *Grande*. Então só he que faz impressoens vivas na Imaginação, a qual, reagindo sobre as fibras, causa estas commoçoens violentas dos espiritos animaes e do sangue. Ora o mal ou bem, objecto da paixão, ou he grande em si mesmo, ou relativamente a outros. Se considerado em si mesmo he reputado grande na opinião commua, não he necessario amplifical-o, basta pôl-o *Presente*. Isto faz a Enargia ou Representação, de que Quint. tratará logo no §. VI. A Representação pois basta para excitar as paixoens sobre as cousas, que de si são grandes, graves, e extraordinarias, como são o *Parricidio*, o *Homicidio*, e o *Veneno*.

(*a*) Para as acçoens porém, que á primeira face não parecem grandes, e que he preciso fazel-as parecer, afim de excitar as paixoens, he necessaria a *Amplificação*, ou a Arte de fazer parecer grande o que não o parecia, ou maior do que parecia, ou pelo contrario. Esta amplificação se faz de varios modos, como se verá no seu lugar proprio. Quint. só toca aqui a Amplificação de comparação de maior para menor, e de menor para maior.

O certo he que nascendo as Paixoens da Representação viva do *bem* e do *mal* relativamente ao nosso ser, estado, condição, e mais circunstancias, como vimos acima, discorrendo por cadahuma dellas: toda a arte de as mover consiste em multiplicar, e engrandecer estes bens e males, e as suas relaçoens para comnosco; e toda a arte de as desfazer está em diminuir estes mesmos bens e males, e as relaçoens, que comnosco tiverem; e a esta regra unica se reduzem todas as que Arist. ensinou para excitar as paixoens.

(*b*) Eneid. Liv. III. v. 321, onde Andromacha, mulher que fôra de Hector, e depois de destruida Troia, conduzida em cativeiro ao Epiro por Pyrrho filho de Achilles, lastima a sua sorte, querendo antes ter morrido com sua irmãa Polyxena sacrificada aos Manes do seu inimigo. V. Ex. LI.

Porque que triste, e lastimoso não parece o caso de Andromacha, se Polyxena em comparação he feliz?

Ou exagerando de tal modo a nossa injuria, que façamos parecer intoleraveis males ainda muito menores. Como quando dizemos: *Se me désses, não te podias defender. Porém feriste-me.* Mas a seu tempo, quando chegarmos á Amplificação, trataremos disto com mais miudeza.

Efficacia deste meio.

Por ora contento-me com advertir, que as Paixoens não servem só para fazer parecer atrozes, e lastimosas as cousas, que verdadeiramente o são; mas ainda aquellas, que passão por sofriveis: Como quando mostramos, *Que he maior a injuria de huma maledicencia do que seria a de humas pancadas. Que a infamia he hum castigo maior, que a mesma morte.* Porque a grande Eloquencia não consiste tanto em excitar no Juiz aquelles movimentos, a que a mesma acção por si o conduziria: mas sim em produzir no seu coração huma paixão, ou que não ha nas cousas, ou maior do que a ha. Esta he aquella virtude da Eloquencia chamada δείνωσις em grego, em que Demosthenes se distinguio muito dos mais oradores; e que consiste nesta força do discurso, por meio da qual se dá hum novo gráo de gravidade ás acçoens indignas, atrozes, e detestaveis... (*a*)

Que para movermos os outros he preciso primeiro mover-nos a nós; o que se prova pela razão, pela Experiencia.

§. IV. Porém a meu ver, o meio principal para

(*a*) Dionysio de Halicarnasso escreveo de proposito hum tratado especial, que dirigio a Ammeo περὶ Δημοσθενοῦς δεινοτήτος, sobre a força da Eloquencia de Demosthenes. Quint. X, 1, 76 tambem o louva por esta parte. *Sequitur oratorum ingens manus, cum decem simul Athenis aetas una tulerit: quorum longe princeps Demosthenes ac pene Lex orandi fuit. Tanta vis in eo, tam densa omnia, ita quibusdam nervis intenta sunt, tam nihil otiosum, is dicendi modus, ut nec quod desit in eo, nec quod redundet invenias.*

mover as paixoens nos outros, he movermo-nos a nós mesmos. (*a*) Pois a imitação exterior da *Tristeza*, por ex. da *Ira*, da *Indignação*, feita só com as palavras, e semblante, sem nestas paixoens ter parte o nosso coração; em lugar de mover os outros, excita a rizo. (*b*) Pelo contrario, que outra he a razão porque

(*a*) Quint. persuadido deste seu grande principio da Eloquencia Pathetica. *Pectus est, quod disertos facit, et vis mentis*, o qual mesmo foi estabelecido largamente, ainda que extendido indevidamente a toda a Eloquencia por Mr. Alambert. (Melang. tom. II. Reflex. sur l'Eloc. or.); dá esta regra summaria para todas as paixoens, e talvez a unica que se póde dar na pratica. Gibert pois (*Jug. des Scavans* tom. I. p. 393) não se devia lastimar tanto de Quint. omittir nesta parte a doutrina de Arist. e julgar este modo menos instructivo, e methodico.

Quint. dá esta regra como hum segredo seu particular, aprendido com sua razão e experiencia, e não com as liçoens de alguem. Do que lhe fez hum crime de impudencia e má fé Turnebo nos Comm. a este lugar, dizendo: *Ista omnia libro secundo de Oratore reperiuntur. Idem dixerat Horatius. Igitur impudenter hunc locum Fabius dissimulavit.* Todos os Commentadores depois se tem atormentado inutilmente por salvar Quint. desta imputação. Quanto a mim julgo que nem Arist. Poet. Cap. 18, nem Horac. copiando-o no v. 102 e seguintes da sua Poetica, derão este preceito. O primeiro diz: *Que o Poeta no compôr da sua fabula deve tomar sobre si as figuras mesmas e situaçoens das suas personagens quanto for possivel; porque por força da mesma natureza são mais persuasivos aquelles homens, que se achão possuidos realmente das paixoens, e que por isso hum homem que fluctua entre as ondas faz fluctuar o espectador, e o que verdadeiramente está irritado, tambem irrita. Porisso a Poezia he filha ou do homem de engenho, ou do furioso. Porque aquelles são os mais proprios para fingir, e estes para se transportar.* O que Arist. diz do Poeta compositor, diz Horacio dos Representantes. *O' tu que representas Telepho e Peleo, se queres que eu chore, primeiro te deves tu mostrar choroso. Porém se fizeres mal o teu papel, ou dormirei, ou me rirei.* Onde se vê que que hum e outro fallão da expressão exterior das paixoens, e não da moção interior, que Quint. requer.

O lugar de Cicero do Liv. 2. do Orad. desde o Cap. 44 até 51 não podia esquecer a Quint. pois que se aproveita das mesmas razoens, exemplos, e similhanças de que usa Cicero. Podemos porém dizer que no lugar de Cicero Antonio propõe a practica, que tinha seguido nas causas de M. Aquilio, e de Norbano para mover os affectos, e não se dá nelle huma regra em fórma, como dá Quint. bem que possamos dizer com Sulpicio ib. Cap. 50. *Istam ipsam demonstrationem defensionum tuarum abs te ipso commemoratam doctrinam esse non mediocrem puto.*

(*b*) A razão dá Quint. XII, 1: *Prodit enim se, quamlibet*

os que chorão fazem nos transportes da sua dôr exclamaçoens summamente tocantes, e a ira ás vezes faz eloquentes os mesmos ignorantes, senão porque realmente se achão penetrados destes sentimentos? Se queremos pois que as paixoens, que mostramos, pareção verdadeiras; ponhamo-nos no mesmo estado em que se achão aquelles, que realmente as experimentão, e os nossos discursos saião de hum coração tal, qual queremos fazer o do Juiz.

E pela analogia.

Posso eu por ventura esperar que o Juiz se condôa de hum mal, que eu conto sem dôr alguma? Indignar-se-ha vendo que eu mesmo, que o estou excitando a isso, sou o que menos me indigno? Fará parte das suas lagrimas a hum advogado, que está orando com os olhos enxutos? Isto póde ser tanto, como póde queimar o que não he fogo, molhar o que não he humido, e dar côr o que a não tem. Primeiro pois devem valer para comnosco as cousas, que queremos tenhão força para com os outros, e apaixonarmo-nos a nós mesmos antes que apaixonemos os outros. (*a*)

---

custodiatur simulatio, nec unquam tanta fuerit eloquendi facultas, ut non titubet ac haereat, quoties ab animo verba dissentiunt.

(*a*) As similhanças tiradas das propriedades naturaes do fogo, da agoa, e das côres para communicarem as suas mesmas qualidades a certos corpos, das quaes aqui se serve Quint. para provar a sympathia natural dos movimentos entre os homens, não são tão desproporcionadas, como poderião parecer Assim como a natureza poz entre certos objectos certas relaçoens proprias a produzir certos effeitos e phenomenos, sem sabermos o modo, com que se obrão: Assim o Author da natureza, para unir mais os homens, e pôl-os quasi na necessidade do mutuo soccorro, poz entre os movimentos das fibras do cerebro e do rosto de hum homem com as de outro taes relaçoens e sympathias reciprocas, como entre as cordas unisonas de dous instrumentos, dos quaes tocadas humas, as do outro correspondem por si com os mesmos movimentos. Do que ninguem se admirará, sabendo que todas as fibras dos nossos sentidos são harmonicas com as impressoens dos objectos exteriores; e quanto mais o devem ser com as de seus similhantes? Porisso Arist. no lugar citado diz que os apaixonados são pela mesma natureza, ἀπὸ τῆς αὐτῆς φύσεως,

Que para nos movermos he precisa a Representação interior. I modo.

§. V. Mas como nos apaixonaremos nós? Pois não temos os movimentos na nossa mão? Verei tambem se posso dizer o modo de conseguir isto. Ao que os Gregos dão o nome de *Phantasias*, chamemos nós *Imaginaçoens*, *por meio das quaes de tal sorte se nos representão á alma as imagens das cousas ausentes, que nos parece estal-as vendo com os olhos, e têl-as presentes.*

Quem conceber bem estas phantasias poderá mover em si as paixoens, como quizer. (*a*) A similhante

mais persuasivos, e Horacio: *Ut ridentibus arrident, ita flentibu adflent Humani vultus...*

(*a*) O segundo meio para mover as paixoens, de que fallámos ha pouco, he a *Representação.* Com effeito os objectos *lastimosos, atrozes, terriveis*, ainda que mudos, ferindo com a sua mesma presença os nossos sentidos, fazem em nós impressoens vivas, excitão paixoens de toda a casta, as mais violentas. As sensaçoens pois dos objectos presentes são a causa das Paixoens *Reaes*, que experimentão todos os homens.

Porém nem o Pintor, nem o Poeta, nem o Orador podem ter sempre presentes os objectos, sobre que se hão de excitar; antes quasi nunca isso acontece. Que meio pois lhes offerecerá a Arte para isso? O de reproduzir em si as mesmas sensaçoens dos objectos presentes. E como reproduzil-as? Fazendo-se presentes os mesmos objectos. Mas de que modo os poremos presentes? Por meio da *Imaginacão*, isto he, desta faculdade da nossa alma, substituta dos sentidos, pela qual, movendo ella a seu arbitrio huma fibra do cerebro, excita nas mais, que com ella andão ligadas, os mesmos movimentos, que experimentárão na presença dos objectos, e consequentemente a idêa, e imagem dos mesmos objectos, e de tudo o que os acompanhou. Pouco importa mover as pontas das fibras, que vão acabar nos sentidos exteriores, e por meio dellas as do cerebro, ou começar por mover as do cerebro, e por meio destas as dos sentidos O effeito he o mesmo. Mas que digo eu o mesmo? A's vezes ainda maior. Porque, bem que de ordinario as impressoens dos objectos exteriores sobre os nossos sentidos, e por meio delles no cerebro, sejão mais vivas do que as que a alma produz immediatamente no mesmo: com tudo não succede assim quando a Imaginação está esquentada da paixão. Neste caso ella não reage sobre os sentidos com huma força igual á da impressão dos objectos, mas com as forças reunidas de hum tropel infinito de idêas, que se associão estreitamente á representação do bem, e do mal. Os so-

homem, que se figura ao vivo as acçoens, as vozes, e o gesto das pessoas ausentes, chamão alguns *Homem de Phantasia.* (*a*)

Facilidade com que se fazem estas representaçoens.

Ora estas imagens poderemos nós conceber facilmente, quando quizermos. Porque se no meio das nossas distracçoens, e esperanças vans, em que parece estamos sonhando ainda acordados, (*b*) de tal sorte nos impor-

---

nhos, os terrores panicos, as melancolias, e os furores são huma prova.

(*a*) Em Grego εὐφαντασίωτον. Arist. Poet. 18. lhe chama εὐπλάστον. Os antigos chamavão a estas imagens vivas, e aos accessos violentos da paixão, que se lhes seguião, Enthusiasmos, ou inspiraçoens divinas, e fazião disto hum mysterio. Mas não ha cousa, como vimos, mais natural. O Poeta, e o Orador concebe vivamente como presentes os objectos grandes, auzentes, ou passados. A' sua vista se enche de paixão, se transporta, e a natureza mesma faz exprimir á lingua os seus transportes, sem nelles ter a menor parte a reflexão. Quint. X. 7. 14 explica a cousa do mesmo modo: *Quem (sermonem) si calor ac spiritus tulit (frequenter enim accidet, ut successum extemporalem consequi cura non possit) Deum tunc affuisse, cum id evenisset, veteres oratores, ut Cicero dicit, aiebant. Sed ratio manifesta est. Nam bene concepti affectus, et recentes rerum imagines continuo impetu feruntur, quae nonnunquam mora stili refrigescunt, et dilatae non revertuntur. Utique vero cum infelix illa verborum cavillatio accessit et cursus ad singula vestigia restitit, non potest ferri contorta vis. . . Quare capiendae sunt illae, de quibus dixi, rerum imagines, quas vocari* φαντασίας *indicavimus, omniaque, de quibus dicturi erimus, personae, quaestiones, spes, metus, habenda in oculis, in affectus recipienda.* Pectus est enim, quod disertos facit, et vis mentis. *Ideoque imperitis quoque, si modo sunt aliquo affectu concitati, verba non desunt.*

(*b*) Ja Plutarcho no Exotico refere que, não sei quem, disséra τὰς ποιητικὰς φαντασίας διὰ τὴν ἐνάργειαν ἐγρηγορότων ἐνύπνια εἶναι, que as phantazias Poeticas erão, pela sua clareza, huns sonhos de acordados.

Basta que as extremidades interiores, e ultimas ramificaçoens dos nervos sejão movidas para haver estas imaginaçoens vivas, que equivalem ás sensaçoens, e impedem ainda o seu officio, ainda que nos affectem com bastante força. Estes são os sonhos dos acordados, que tem huma perfeita analogia com os dos que dormem, dependendo huns e outros desta serie de commoçoens interiores, que se passão nas extremidades dos nervos, que acabão no cerebro. Toda a differença dellas está em que, velando, podemos fazer parar esta serie, romper a cadêa, mudar-lhe

tunão estas phantasias, que se nos figura já andar viajando, já navegando, já batalhando, já fallando aos povos, já emfim dispondo das riquezas, que não temos; e isto com tanta viveza, que não nos parece imaginação, mas realidade: Porque não converteremos nós em utilidade nossa isto, que he hum defeito do nosso espirito?

Exemplo de huma.

Se por exemplo eu quizer excitar a compaixão sobre hum homem, que foi morto; porque me não representarei eu todas as circunstancias, que he crivel acontecessem no caso mesmo? *Nam me figurarei eu o matador sahir de improviso? ficar espavorido o miseravel, logo que se vê assaltado? gritar? pedir? ou fugir? Não verei depois disto o matador descarregar o golpe? o infeliz cahir morto? não me ficará impressa no espirito a imagem do sangue, da palidez, dos gemidos, e do ultimo arranco do homem espirando?* (*a*)

II. Meio. Para mover os outros he necessaria a Representação expressada.

§. VI. A's phantasias, e commoção interior se seguiráõ as Pinturas, que os Gregos chamão *Enargias*, e Cicero Illustração, e Evidencia; (*b*) e a estas pin-

---

a direcção, e fazer-lhe succeder o estado das sensaçoens. Os sonhos porém são independentes da nossa vontade. Não podemos nelles nem continuar as illusoens agradaveis, nem pôr em fugida os phantasmas medonhos. A imaginação pois do acordado he huma républica civilisada, em que a voz do magistrado põe tudo em ordem. A dos sonhos he a mesma républica, mas em estado de desordem, e anarchia: V. Mr. Formey *Essais sur les songes.* tomo 3. *Choix des Memoir. de l'Acad. de Berlin.*

(*a*) Quint. segundo o seu costume dá aqui a regra, e nella mesma o exemplo, fazendo-nos de sua composição huma imagem, e pintura de hum assassinio. Note-se que Quint. toma mão nesta phantazia das circunstancias mais proprias a excitar a compaixão; pois que a faz para este fim, *ut hominem occisum querar.*

(*b*) Seguir-se-hão naturalmente, e sem esforço algum, nem ainda reflexão do Orador. Horacio disse que *quem bem concebe, bem se exprime: (Verbaque provisam rem non invita sequentur.* Mas com mais razão ainda se póde dizer, que *quem bem sente bem se explica.* Porque a natureza he a que nos guia inteiramente nesta parte

turas se seguiráõ as paixoens, a bem de dizer, do mesmo modo, como se tivessemos presentes os mesmos objectos. (*a*) Taes são estas pinturas de Virgilio:

---

da eloquencia, e não nos póde enganar. Ella, diz Horacio Poet. v. 108., he a que primeira nos dispõe internamente para tomarmos todas as situaçoens das paixoens, já incitando-nos a ira, já abatendo-nos até o chão com huma tristeza que nos opprime, e angustía, e depois ella mesma dá palavras á lingua, com que exprime os movimentos do coração.

Format enim Natura prius nos intus ad omnem
Fortunarum habitum, juvat, aut impellit ad iram,
Aut ad humum moerore gravi deducit, et angit:
Post effert animi motus interprete lingua.

Mas he justo, que Quint. mesmo se explique, quando diz que das Phantasias, e movimentos que as acompanhão se seguirão as Pinturas. Isto he o que elle faz XI. 3, 62. mostrando, que a lingua, e a voz he o mostrador da nossa alma, e como o retrato em que se pintão fielmente todas as mudanças, e movimentos do coração. A primeira cousa pois, diz elle, he conceber bem as imagens das cousas, e movermo-nos como se realmente as tivessemos presentes. Porque então a voz como interprete dos nossos sentimentos levará aos coraçoens dos ouvintes a mesma figura, e disposição, que receber dos nossos. *Primum est bene affici, et concipere imagines rerum, et tamquam veris moveri. Sic veluti media vox quem habitum a nostris acceperit, hunc judicum animis dabit. Est enim mentis index, et veluti exemplar, ac totidem, quot illa, mutationes habet.*

(*a*) Tal he pois a cadêa das operaçoens do Orador, e Poeta quando pertende excitar nos outros qualquer paixão. 1. conceber vivamente as phantasias. 2. excitar-se a si mesmo á vista dellas. Estas duas operaçoens são interiores, e passão dentro da alma do Artista antes, que, ou pegue da penna, ou empregue a voz para as exprimir. A' emoção, e calor da imaginação se seguirão naturalmente. 3. as *Pinturas* isto he a *Expressão* viva, e verdadeira do estado da alma feita pelas palavras escriptas, e muito mais pelas pronunciadas, e animadas com a voz, gesto, e pronunciação. A esta emfim pela sympathia natural dos coraçoens humanos succederáõ nos nossos leitores, e ouvintes os mesmos movimentos, que nós experimentamos, *non aliter quam si rebus ipsis intersint.* As primeiras duas operaçoens pois são preparatorias das segundas, que não são verdadeiramente se não as mesmas enunciadas para produzirem, e communicarem os affectos aos outros. Por tanto álem da Amplificação de que fallámos acima §. II. ha este segundo modo de mover as paixoens que he a Representação, bem entendido, que por esta se deve ter toda a exposição viva do facto, ou seja huma *Narração*, ou huma *Enumeração*, ou huma *Descripção*, ou *Definicoens conglobadas*, ou *Pinturas*, quer se fação por meio de narração, quer por meio de similhanças, quer pelas metaphoras.

Das mãos a lançadeira de dôr cega
Deixa cahir, e quanto tinha urdido etc. (*a*)
e *Como elle sustentada a imagem morta*
Vio do niveo Pallante, e vio patente
No lizo peito seu a atroz ferida
Do cruel ferro Ausonio recebida etc. (*b*)

E outrosi a do cavallo, que no funeral de Pallante

Sem o jaez, que tinha de primeiro
Com grandes gotas que dos olhos lança
Caminhando vai triste, e mui choroso. (*c*)

E que viva representação se não faría Virgilio do ultimo fado, para poder fazer delle esta pintura ?

Cahe infeliz, e ao tempo, que morria
Ao flamigero Ceo os olhos lança,
E traz sua dôce Argos á lembrança etc. (*d*)

(*a*) He a pintura da consternação da mãi de Eurialo, logo que lhes chegou aos ouvidos a noticia da morte tragica de seu filho. Eneid. IX. 476. v. Exemp. LII.

(*b*) Esta, e a seguinte passagem pertencem á mesma pintura do enterro de Pallante, que corre na Eneid. Liv. XI. desde o vers. 40. até 90. V. Exemp. LIII.

(*c*) A proposito desta pintura do cavallo de Pallante não he fóra delle a observação, que Longino faz sobre a differença das Phantasias Poeticas ás Oratorias no seu tratado do Sublime Sect. XVI., em que trata das Phantasias. *A Phantasia* (diz elle) *se toma em geral por todo o pensamento proprio a produzir huma expressão, e que faz huma pintura ao espirito de qualquer modo que seja. Más particularmente se toma por estes discursos que se fazem, quando por hum enthusiasmo, e movimento extraordinario da alma parece estamos vendo as cousas de que fallamos, e que as pomos diante dos olhos dos que nos ouvem. Bem sabes que as phantasias Oratorias tem differente objecto que não tem as Poeticas. O fim destas he o maravilhoso, o daquellas a expressão viva* (ἐναργεια) *com tudo humas e outras tem por fim mover as paixoens....* E no fim continúa *E para tornar ao que diziamos : as Imagens na Poesia são puxadas ordinariamente a hum excesso fabuloso, e passão os limites da verdade : ao mesmo tempo que na Eloquencia o bello das imagens he representar a cousa como se passou, e tal qual he na verdade, e seria huma grande falta, e totalmente extravagante servirmo-nos nella de imagens, e ficçoens Poeticas falsas, ou totalmente impossiveis.* O que confirma tambem a doutrina de Quint. sobre as Phantasias.

(*d*) He a pintura da morte de Anthor companheiro de Hercules Eneid. X. v. 782. V. Exemp. LIV. Nas quaes passagens ob-

Para nos movermos a nós he necessario suppôr os bens, e males proprios. II. modo.

§. VII. Principalmente quando tivermos de excitar a compaixão, façamos de conta, que aquelles males, que lastimamos nos outros, nos acontecerão a nós, e persuadamo-nos disso. Sejamos aquelles mesmos que nos queixamos de ter sofrido cousas graves, indignas, e terriveis, nem tratemos o caso como alheio, mas tomemos por hum pouco sobre nós aquella dòr. Deste modo diremos o mesmo, que diriamos em caso similhante nosso. (*a*)

Eu tenho visto varias vezes os representantes do Theatro chorando ainda no instante mesmo, que sahindo de alguma Scena tocante, tiravão a mascara. (*b*) Ora se a pronunciação só dos escritos alheios sobre casos fingidos os inflamma até o ponto de chorarem, com quanta maior razão devemos nós os Oradores experimentar o mesmo effeito; nós que por obrigação do nosso officio devemos pensar no caso para

---

serve-se que Virg. concebe 1. e exprime vivamente com huma pintura os casos tristes como se os estivesse vendo. 2. Que á vista delles, penetrando-se dos sentimentos, e paixoens, que a presença dos objectos lhe inspiravão, os excita tambem em seus leitores com a mesma ordem por meio de discursos summamente patheticos, e tocantes, que mostrão a agitação da alma de Virgilio no tempo que os escrevia. Assim terei eu o cuidado de separar nos Exemplos as Pinturas da moção das Paixoens.

(*a*) Como os Bens, e os Males nos movem não só por *Grandes*, e *Presentes*, mas tambem pela relação mais, ou menos estreita que tem comnosco: he hum 3. modo que ultimamente ensina Quint. para nos movermos a nós mesmos álem da Amplificação, e representação, a *Supposição*: quando fingimos, que os males dos outros nos succedem a nós, para tomar nelles o mesmo interesse que tomariamos certamente se fossem nossos. Quint. mostra esta supposição não só possivel, mas ainda usual pelo exemplo dos Actores Tragicos, que se excitão com estas supposiçoens, e muito mais se devem excitar os Oradores, pelo maior interesse, que lhe devem merecer casos verdadeiros, e succedidos a seus Clientes.

(*b*) Cicero De Orad. II. 46. serve-se destes mesmos factos da sua experiencia para provar a possibilidade, e existencia desta supposição, e dos effeitos extraordinarios, que produz. V. este lugar.

nos deixarmos tocar da triste sorte dos nossos réos? (*a*) . . . .

CAPITULO XIV.

Da Disposição.

(VII. 1, 1.)

Que cousa seja Disposição, e suas especies.

SEja pois a *Divisão*, e a *Partição*, como antes disse, (*b*) aquella, a *Repartição do genero em suas especies;*

(*a*) Antonio no lugar cit, n. 47. faz mais sensivel a força deste argumento de Comparação tirado dos Actores para os Oradores. *Quare nolite existimare meipsum, qui non Heroum veterum casus fictosque luctus vellem imitari, atque adumbrare dicendo, neque Actor essem alienae personae sed auctor meae; cum mihi M. Aquilius in civitate retinendus esset: quae in illa causa peroranda fecerim, sine magno dolore fecisse.*

(*b*) Liv. V. Cap. X. n. 63. onde referindo-se á doutrina de Cicero nos Topicos diz assim: *Divisione autem adjuvari finitionem docet, eamque differre a Partitione, quod haec sit totius in partes, illa generis in formas.* O lugar de Cicero nos Topicos cap. 6. a que Quint. se reportou, e que serve a explicar o presente, he deste modo: *Sed quid inter se differant.* (Partitio et Divisio) *planius dicendum est. In Partitione quasi membra sunt, ut corporis; caput, humeri, manus, latera, crura, pedes, cetera. In Divisione formae sunt, quas Graeci* ἰδέας *vocant. . . Genus et Formam definiunt hoc modo: Genus est notio ad plures differentias pertinens, Forma est notio cujus differentia ad caput generis et quasi fontem referri potest.* O que Cicero chama *Genus*, explica Quint. pela palavra *Plures*, accepção singular de que talvez se não achará exemplo. Com tudo os Generos não são mais que humas idêas summarias em que comprehendemos todos os individuos, *singulas res*, e por isso ainda que a idêa seja simples em si, pelos muitos a que convêm se póde chamar *plures.* Seja como for Quint. poz aqui as definiçoens da Divisão, e Partição juntas como a da Disposição para se conhecer a sua differença. E na verdade a ordem suppõe já a distincção das partes. O que se não distingue mal se póde ordenar. He necessaria pois a Partição, e a Divisão para a Disposição. He necessario emfim advertir que Rollin, e Gesnero se enganárão cuidando que o lugar a que Quint. aqui se remette era o da Partição IV. 5. 1. sendo, como vimos, o do Liv. V, 10, 63.

esta *a do todo em suas partes feita em huma oração, que* ligue em boa ordem os pontos seguintes com os primeiros; e a *Disposição, huma Distribuição assim dos pensamentos em geral nos seus lugares, como de cada huma das partes em especial, util para persuadir.* (*a*)

ARTIGO I.

Do Disposição Geral.

Que a Disposição dos Pontos da Prova se muda segundo a utilidade?

§. I. DEveremos porém lembrar-nos que a disposição pela maior parte se muda segundo a utilidade da causa, e que nem sempre ambas as partes tratão o mesmo ponto em primeiro lugar. Do que são huma prova, (para omittirmos mais exemplos) os discursos de Demosthenes, e Eschines a favor, e contra Ctesiphonte, (*b*) em que seguirão huma ordem contraria.

(*a*) Quint. diz: *rerum, ac partium in locos* para mostrar que ha duas Disposiçoens Oratorias; huma *Geral*, pela qual nós ordenamos as quatro especies de Pensamentos de que se compõe a oração *Preparatorios*, *Expositivos*, *Confirmatorios*, e *Conclusorios* nas 4 partes principaes *Exordio, Proposição, Prova*, e *Peroração*; e os pontos, ou questoens que nós propomos provar nos lugares competentes: Outra *Especial*, ou *Economica* dependente das circunstancias particulares da causa, e da prudencia, e discernimento do Orador, qual he a das *Partes maiores, e das mais miudas* da causa. Quint. tendo já tratado no Liv. antecedente da Disposição Geral das partes da Oração, aqui só julgou dever fallar da Disposição geral das questoens ou pontos principaes da Confirmação, e da Particular Economica, as quaes farão a materia dos dous Artigos seguintes.

(*b*) Esta he a causa mais celebre da Antiguidade. Ctesiphonte tendo proposto no Senado de Athenas, e formado hum decreto muito honroso a Demosthenes pelo qual se mandava que no Theatro de Bacho, nas festas deste Deos, na presença de todos os Gregos, se désse huma coroa de ouro a Demosthenes, publicando o Porteiro da Cidade, que esta coroava Demosthenes em prémio da sua virtude em geral, e da sua affeição para com a Patria em particular: Eschines rival antigo de Demosthenes accusou Ctesiphonte de transgredir as leis neste decreto. A accusação foi posta no anno 337. antes de J. C. e acabada 8 depois no de 330.

Eschines accusador começou pelo ponto da infracção das leis, em que parecia ter mais razão; Demosthenes porém defendendo-se poz toda, ou quasi toda a justificação dos seus procedimentos antes da questão das leis, para assim preparar o Juiz quando chegasse a fallar destas. (*a*) A huma das partes pois convem-lhe mais provar em primeiro lugar huma cousa, e a outra, outra. De outro modo os Réos estarião sempre obrigados a fallar pela ordem, que os Authores quizessem...

Ou se dão muitas respostas a hum ponto de accusação, ou se refutão muitos. Em ambos os casos he necessaria ordem.

§. II. A Accusação ou he *simples* como esta: *Rabirio matou a Saturnino:* ou *composta* como est'outra: *Lucio Vareno incorreo nas penas da lei contra os Assassinos. Porque matou a Caio Vareno, ferio a Cneio, e matou tambem a Salario.* (*b*) Pois deste modo vem a ser differentes crimes, e o mesmo dizemos das acçoens civeis.

(*a*) As leis que Eschines mostrava violadas neste Decreto erão 1. a que mandava que ninguem fosse coroado, sem primeiro ter dado contas da sua administração; e que Demosthenes tendo sido encarregado da reparação dos muros estava ainda responsavel. 2. A que mandava que a coroa se não désse em outro lugar se não onde se tinha decretado, se no Senado, no Senado; se na Assembléa do Povo, na assembléa. 3. A que mandava que no Cartorio publico nunca se guardassem decretos sobre cousas falsas, e que os motivos porque se dava este prémio a Demosthenes erão falsos, e neste terceiro ponto se estendeo sobre todo o governo do seu rival mostrando tinha sido a causa de todos os males da Cidade, pedindo emfim aos Juizes obrigassem Demosthenes a seguir a mesma ordem. Este porém seguio a contraria principiando pela sua justificação pessoal, e passando por fim ás leis. V. as Oraçoens, e acima Cap. I Art 1. §. 4.

(*b*) Esta era a accusação contra Lucio Vareno, a quem Cicero defendeo negando o primeiro ponto, e attribuindo a morte de Caio Vareno aos servos de Anchario. Talvez justificaria Lucio Vareno sobre o segundo ponto do ferimento, e transferiria o terceiro, como Quint. logo abaixo diz costumavão ás vezes fazer os defensores. Porém isto he o que não podemos saber por se ter perdido com outros muitos este discurso de Cicero. A lei de *Sicariis*, pela qual Lucio Vareno foi accusado, he a lei *Cornelia*. V. Justin. Inst. liv. 4. in fin.

Mas destas mesmas proposiçoens do accusador, que são compostas, podem nascer da parte do que defende muitas questoens, e muitos estados, quando por exemp. o réo toma o partido de negar hum ponto, defender outro, e excluir o terceiro por falta de acção; no qual caso deve ver o advogado a ordem, com que deve proceder na refutação de cada hum daquelles pontos.

Ordem que se ha de seguir refutando-se muitos pontos de accusação.

§. III. Celso pertende, e insiste demasiadamente que por huma e outra parte se deve começar pelo ponto forte, e acabar pelo mais forte, e pôr os mais fracos no meio; pela razão que ao principio he necessario mover o Juiz, e no fim impellil-o. (*a*)

Pelo que pertence ao accusador não desconvenho inteiramente de Celso, e de Cicero, a quem o mesmo seguio. Porém a favor do réo sou de parecer, que se comece pela refutação do mais forte; para que não aconteça, que, estando o juiz com o sentido nelle, nos ouça menos favoravel na defesa dos outros pontos.

1. *Excepção.*

Esta regra geral com tudo terá sua excepção, quando os pontos menos importantes se poderem mostrar claramente falsos, e a defesa do mais grave for mais difficultosa. Porque então começaremos dos mais fracos, para que, tirada deste modo a boa fé aos nossos accusadores, passemos a justificar-nos sobre o artigo principal da accusação a tempo, que já os juizes estão persuadidos de que tudo o mais será falso.

(*a*) He esta a *disposição Homerica*, de que Quint. fallou a respeito dos argumentos, Cap. X. §. V., e que torna a repetir VI, 4, 22. *Cujus rei eadem in argumentis ratio est, ut potentissima prima et summa ponantur. Illa enim ad credendum praeparant judicem, haec ad pronunciandum.* Os primeiros dão o primeiro movimento, os ultimos dão o ultimo impulso, mais forte, em razão do lugar, achando já movidos os animos, e em razão da impressão, que ha de ser igual á da força do ponto ou argumento mais grave.

Isto não obstante, deveremos fazer huma prefação, em que demos a razão, porque differimos para o depois a refutação daquella accusação, e promettamos a sua defesa, para não parecer que tememos o que desde logo não desfazemos. (*a*)

2. *Excepção.*

Tambem as accusaçoens da vida passada são de ordinario aquellas, por onde se deve começar. (*b*) Para que, justificados nós sobre ellas, o juiz principie a ouvir-nos mais propicio sobre a defesa do ponto principal, que faz o objecto da sentença. Cicero porém differio estas mesmas accusaçoens para ultimo lugar na defesa de Vareno, attendendo não á ordem, que regularmente he a mais util, mas á que naquelle caso mais lhe convinha.

Ordem que se deve seguir nas respostas a hum só ponto de accusação.

§. IV. Se a accusação constar de hum só ponto, havemos de ver se o refutaremos com huma resposta unica, ou com muitas. Se com huma; devemos ver

---

(*a*) Assim Demosthenes na Oração da Coroa logo no Exordio, pag 228. n. 10 ed. Reisk apanha o adversario em falsidade para lhe tirar o credito em tudo o mais, dizendo: *Quanto ás Calumnias sobre a minha geração, com que me injuriou, véde a simplicidade, e justiça, com que vos fallo. Se vós me conheceis, tal qual este me pintou (pois em parte nenhuma tenho vivido senão entre vós) não obstantes os bons serviços, se alguns vos tenho feito na administração publica, não sofraes nem ainda que eu falle; levantando-vos, condemnai-me já. Se pelo contrario porém me conheceis e tendes por muito melhor do que este, e de melhores pais, e para não dizer cousa que offenda, nada inferior aos homens de bem: não deis credito a este homem em tudo o mais, que elle disse. Pois está claro, que tudo he falso do mesmo modo. etc.*

(*b*) A pratica constante dos Accusadores que Cicero *pro Muraena* Cap. V. chama *Lei Accusatoria*, he tirar argumentos da vida passada para fazerem criveis nos Réos os crimes, que lhes imputão, e com esta occasião desacreditar inteiramente os réos, e indisporem os Juizes contra elles. Estas accusaçoens pessoaes pois, e estranhas á causa devem ser as primeiras, a que devemos acudir, para removermos todo o obstaculo á nossa justificação no ponto da questão. Demosthenes assim o praticou na oração da Coroa. V. supr. §. 1.

se excitamos questão sobre o *facto* ou sobre a *lei*. Se sobre o *facto*: se o havemos de *negar* ou *defender*. (*a*) Se sobre a *lei*: sobre que especie de lei he a contestação, e se a duvida he na letra della, ou no seu sentido e espirito. Isto conseguiremos nós, examinando attentamente a lei, que faz a lide, quero dizer, que authoriza os juizes a tomarem conhecimento da causa. (*b*)

Quando porém a huma accusação houvermos de dar muitas respostas, o nosso primeiro cuidado deve ser excogitar tudo o que sobre ella se póde dizer, e o segundo ordenar cada huma destas respostas no lugar que for mais conveniente: sobre o qual arranjamento não sou de voto que comecemos pelos pontos e respostas mais decisivas e firmes, como ha pouco disse a respeito das proposiçoens do Accusador que houvermos de refutar, e a respeito dos argumentos, quando fallámos da prova, onde dissemos que ás vezes começavamos pelos mais fortes. (*c*) Porque a força

---

(*a*) *Negar*, ou absolutamente pelo Estado de Conjectura, ou em parte pelo Estado de Definição, dizendo que a acção, que fizemos, nao he a de que o adversario nos accusa. *Defender*, pelo Estado de Qualidade. Fóra destes tres meios de refutação nenhum outro ha em juizo. V. supr. Cap. X. Art. 1. §. 1.

(*b*) Alem das questoens dos tres Estados, que podem haver sobre os factos, ha outras, que resultão dos Titulos, que se empregão nas causas, e que podem ser ou Leis, ou outros Documentos, como Testamentos, Convençoens, Promessas, e outras obrigaçoens escripturadas. Estas peças são muitas vezes as que fazem a demanda por algum destes quatro modos.

1. Quando huma das partes se funda nos termos litteraes da Lei, e a outra no seu sentido e espirito; e então a questão he, qual se deve preferir, se a letra, ou a intenção do Legislador. 2. Quando duas Leis parecem contrarias huma á outra; e esta contradicção dá causa á questão, qual das duas deve prevalecer? 3. Quando na Lei ha alguma ambiguidade e póde receber muitos sentidos; e nasce a questão, qual delles se lhe deve dar. 4. Quando sobre factos criminosos as leis não determinão, se costuma argumentar de huns casos providos pela Lei para outros, como Eschines accusou em Juizo hum homem libertino pela Lei, que mandava castigar este vicio nas mulheres. De tudo isto se vê, que a analyse, e exame reflecionado da Lei, sobre que se litiga, e a sua combinação com outras he hum ponto essencial para discorrer com acerto sobre semelhantes controversias.

(*c*) Supr. §. III. e atraz Cap. X. Art. I. §. V. Differente razão

das questoens sempre deve hir crescendo, e caminhar gradualmente das mais fracas para as mais fortes, quer sejão do mesmo genero, quer de differente. Porque as questões de Direito costumão ás vezes ter differentes objectos, as de facto sempre tem o mesmo. Mas em huma e outras a ordem deve ser a mesma. (*a*)

A ordem da Composição he ordinariamente a inversa da meditação.

§. V. Costumava eu antes de tudo começar da ultima hypothese (a qual he a que ordinariamente contém a causa) e dahi hir retrocedendo pelas questoens até chegar á primeira e mais geral: (*b*) ou ás avessas descer do genero até a ultima especie (*c*) e isto ainda nas causas Deliberativas. Como, delibera Numa, *se aceitará o Sceptro offerecido pelos Romanos.* Nesta materia a primeira questão, e mais geral he: *se con-*

---

ha para a ordem dos argumentos, e das proposiçoens, que nós oppomos a diversos pontos de accusação, do que ha, quando, refutando hum crime unico, o fazemos por varias respostas. A *Prevenção*, que tanto poder tem no espirito do homem, he toda a razão da primeira ordem. Os argumentos fortes poem-se no principio, *ut occupent animos.* Principiamos tambem pela refutação do ponto mais forte do accusador, *ne illud spectans judex reliquorum defensioni sit aversior.* Esta razão não ha aqui, quando com muitas proposiçoens refutamos huma accusação. Segue-se pois a geral em toda a Eloquencia, que he que a oração deve sempre hir crescendo. Alem de que, como estas proposiçoens se expoem na Partição, ainda que as primeiras não satisfação, a esperança das ultimas sustenta a attenção do Juiz.

(*a*) As questoens de Direito pela maior parte são de differente genero, fazem variar de causa, e eludir a acção. v. g. nesta causa. O Procurador de N. pede em Juizo huma quantia de dinheiro procedida de Juro hereditario. Nesta causa podem-se excitar estas questoens: *Se este póde ser Procurador? Se daquelle de quem se diz? Se o seu constituinte he herdeiro de quem deu o dinheiro a juro? Se he herdeiro universal? Se este dinheiro se deve?* Estas questoens na mesma causa são de differente genero, o que não acontece nas questoens de facto, as quaes tem o mesmo objecto e a elle conspirão, como v. g. Quando hum réo accusado de furto se defende, dizendo: *Prova, que tinhas este dinheiro. Que o perdeste. Que o perdeste por t'o furtarem, e por minha fraude.* V. Quint. hic n. 18.

(*b*) Este he o methodo da *Analyse.*

(*c*) Est'outro o da *Synthese.*

vem ser Rei? Se em huma Cidade estrangeira? Se em Roma? Se os Romanos soffrerãõ hum tal Rei? O mesmo he nas controversias. Mas estas questoens não se ordenão, nem se dizem no discurso pela mesma ordem, com que se meditão, e se presentão ao espirito. Porque as mais das vezes o que se presenta primeiro he justamente o que convém dizer em ultimo lugar... (*a*)

ARTIGO II.

Da Disposição Particular ou Economica.

(VII, 10, 5.)

Não basta saber a Disposição Geral, he tambem necessaria a Particular.

§. I. E pelo que pertence a este ponto de controversia podemos dar, ainda que não todas, algumas regras sobre a disposição. Ha porém outras disposiçoens, que se não podem ensinar senão á vista da causa, sobre que se ha de fallar. Porque não basta distribuir toda a materia do discurso em certas partes e questoens. (*b*) Estas mesmas tem tambem sua ordem. No Exordio, por ex., ha huma cousa, que se deve

---

(*a*) O que primeiro de ordinario se presenta ao espirito he a Hypothese, ou a questão determinada e particular, por ex. *Milão matou justamente a Clodio*, e desta hypothese subimos até á questão geral: *Se he licito matar o agressor? ou Se póde haver alguma causa justa para matar hum homem?* Na oração porém e composição a hypothese he a ultima, que se trata. As questoens mais geraes precedem, para servirem como de principios á conclusão da hypothese, e para disporem os animos para a ultima questão. *Ita inferiora quoque scrutabimur, quae tractata faciliorem nobis Judicem in summa quaestione facient.* V. Liv. I. C. XV. Art. I. §. 3. no fim.

(*b*) As *partes* são as da oração, como, *Exordio, Narração etc.* As *questoens* são os pontos da Confirmação, ou Prova geral. A ordem de humas e outras he a Disposição Geral, a qual não basta.

dizer primeiro, outra em segundo lugar, e assim no mais. Da mesma sorte toda questão e todo o lugar tem seu arranjamento proprio, assim como as theses simplices.

Prova-se esta necessidade com hum exemplo.

Será por ventura perito na arte de analysar hum advogado, que dividir esta controversia, de que acima fallei, (*a*) nestas questoens: *Se a hum Cidadão forte se deve dar todo o genero de premio? ainda dos bens dos particulares? Se por consequencia huma mulher para casar? Se huma casada? Se fulana?* E vindo depois a tratar a primeira questão, disser a torto e a direito tudo o que lhe vier á cabeça, sem ordem, nem methodo? Que ignora que o primeiro ponto, que nella se deve tratar he: *Se nos devemos ligar ás palavras, ou ao espirito da lei?* Que a este mesmo ponto não sabe dar hum certo principio, nem ligar este com o que se segue immediatamente, nem emfim construir de tal sorte o seu discurso, que cada parte tenha toda a regularidade, e perfeição, que deve ter; do mesmo modo que a mão he huma parte do corpo humano, os dedos partes da mão, e as articulaçoens partes dos dedos?

Esta ordem particular não se póde ensinar.

§. II. Ora isto he justamente o que hum Rhetorico não póde mostrar se não á vista de huma materia certa, e determinada. Mas ainda assim, que faz hum exemplo ou outro, e ainda cem e mil em huma materia immensa? Do Mestre pois he mostrar cada dia já em huma, já em outra causa qual seja a ordem natural das materias, e a sua ligação. Porque he im-

---

(*a*) Combinando neste Livro VII. os lugares Cap. I. n. 24. IV, 21. V, 4. VII, 4. delles se vê que esta controversia era hum assumpto Escholastico, em que se fingia, que huma Cidade livre, sendo opprimida, propoz a qualquer homem forte, que matasse o tyranno, o premio, que elle pedisse, *vir fortis optato quod volet*, e todas estas questoens são *scripti et voluntatis*, nascidas da duvida, se se deve estar pela letra do decreto, ou pelo espirito, e intenção de quem o dictou.

possivel ensinar tudo o que a Eloquencia faz. Ha cousas, que não he do Mestre o ensinal-as, mas dos Discipulos o aprendel-as por si... Pelo que as mais das cousas hajamol-as da nossa diligencia; deliberemos com a causa á vista, e consideremos que os homens primeiro descobrirão a Eloquencia do que a ensinassem. (a)

Em que consiste a Disposição Particulár, ou Economica.

§. III. A melhor Disposição, e verdadeiramente *Economica*, como lhe chamão, (b) de toda a causa, he a que se não póde determinar senão á vista da mesma causa: Quando, por exemp., devemos fazer

---

(a) Não diz isto Quint. por julgar a Arte inutil, cuja necessidade, e importancia elle mostrou Liv. I. Cap. II: mas sim para fazer concluir a sua insufficiencia, quando não he acompanhada, assim como todas as mais theorias das Artes e Sciencias, dos talentos naturaes, e do exercicio, applicação, e experiencia. V. Liv. I. c. 4. e 8.

(b) *Hermagoras*, (diz Quint. III. 3. 9.) *inclue o Juizo, a Partição, e a Ordem, ainda das mesmas palavras, na Economia, palavra Grega, que significa o cuidado das cousas domesticas, e que applicada abusivamente á Rhetorica não tem nome Latino.* Daqui podemos formar idêa do que Quint. entende por *Disposição Economica*, pois sendo esta filha do Juizo, e da Prudencia, e esta, como o mesmo diz VI. 5, 3, *Ratio quaedam alte petita, et plerumque plura perpendens, et comparans, quae rebus adhibetur latentibus, aut omnino non dum repertis, aut dubiis, habensque in se et Inventionem, et Judicationem*, isto he, huma Reflexão profunda pela qual pezando, e combinando tudo muito bem, vimos a descobrir o expediente, que se deve tomar nos casos novos, occultos, e perplexos: podemos concluir que a Economia he aquella grande virtude, que accommoda o discurso, e consequentemente a sua ordem ás circunstancias particulares, e imprevistas do lugar, do tempo, e das pessoas. *Aptare etiam orationem locis, temporibus, personis ejusdem virtutis est.* Que por isso, continúa ibid. Quint., esta virtude he tão importante que *Nihil est non modo in orando, sed in omni vita prius consilio, frustraque sine eo tradi ceteras artes, plusque vel sine doctrina Prudentiam, quam sine Prudentia facere doctrinam.* Ora huma tal Disposição não se póde ensinar senão á vista da causa, bem como da Tactica geral, isto he, do modo de ordenar hum Exercito em campo de batalha, podem-se dar regras: mas da particular dependente dos casos, e exigencias imprevistas, não.

exordio, quando deixar de o fazer. (*a*) Em que casos usaremos de huma Narração seguida, em que casos repartida. (*b*) Quando a começaremos do principio, quando do meio, ou do fim, á maneira de Homero. (*c*) Quando deixaremos inteiramente de a fazer. (*d*) Quando principiaremos pelos nossos pontos, e quando pelos do Adversario. (*e*) Quando entraremos logo pelas provas mais fortes, quando pelas mais fracas. (*f*) Quando em lugar de Proemio poremos a discussão de algumas questoens, e com que preparação então as premuniremos. (*g*) Quaes são as cousas, que se podem propôr diante do Juiz sem rodeios, e quaes aquellas, a que o devemos conduzir pouco a pouco. (*h*) Se devemos pegar de cada hum artigo de accusação para o refutar, ou de todos juntos. (*i*) Se as paixoens se deveráõ rezervar para a Peroração, ou espalhal-as por toda a oração. (*k*) Por qual nos convém começar primeiro, se pela Lei, ou pela Equidade. (*l*) Se convém propôr, ou desfazer as accusaçoens da vida passada primeiro que o crime, sobre que se ha de julgar. (*m*) Que ordem se deverá guardar, sendo as causas compostas de muitas questoens. (*n*) Que depoimentos, e titulos se deveráõ ler no acto mesmo da

(*a*) V. Liv. II. Cap. I. Art. 4. §. 6.
(*b*) IV. 2, 14. ed. Gesn.
(*c*) Que começou a narração da tornada de Ulysses de Troia para Ithaca do meio da Acção, isto he, do outavo anno das suas viagens, abrindo a scena Liv. I. Odyss. v. 13. pela retenção de Ulysses na Ilha de Calypso, e conselho dos Deoses, em que se determina emfim a sua tornada. O exemplo da Iliada, que allega Gesnero, he menos proprio para aqui. A narração da Iliada he na ordem natural, começando pela contestação dos dous Chefes, e continuando pelos desastres dos Gregos, nascidos desta discordia.
(*d*) V. Cap. da Narração no princ.
(*e*) V. Cap. da Refut. §. ult.
(*f*) Cap. X do uso dos argum. Art. I. §. 5.
(*g*) Liv. II. Cap. II. Art. I. §. 4.
(*h*) Liv. II. Cap. I. Art. II. §. 2. e 3. e Cap. IV. §. I. n. 2.
(*i*) Cap. XI. Art. I. §. 2.
(*k*) Cap. XII. Art. II. §. 10.
(*l*) Aqui Art. I. §. 4.
(*m*) Aqui Art. I. §. 3. no fim.
(*n*) Aqui Art. I. §. 3. e §. 5. e 4.

Oração, e quaes se hão de reservar. Assim he que hum General pela boa ordem, e disciplina, com que dirige as suas tropas, se precauciona contra todo o genero de successos, empregando huma parte dellas em cobrir os Fortes, e Cidades mais expostas, outra em escoltar os comboios, outra em ganhar as passagens, distribuindo-as, em huma palavra, por terra, e por mar segundo a occasião, e urgencias o pedem. (a)

Que esta depende do talento, estudos, e applicação do Orador.

§. IV. Porém tudo isto consegue na Eloquencia quem tem *Talento, Estudos*, e *Applicação*. Ninguem espere fazer-se eloquente á custa sómente do trabalho alheio. He necessario trabalhar de dia e de noite, forcejar huma e outra vez, amarelecer sobre os livros, e fazer-se cadahum assim hum talento, hum uso, e hum methodo particular, e ter todas estas cousas tanto á mão, que não seja preciso andal-as buscando com os olhos. Pareção naturaes, e não ensinadas. Pois a Arte, se a ha para isto, o que póde fazer, he mostrar brevemente o caminho, e assaz faz em nos pôr diante todas as riquezas da Eloquencia. De nós he o sabermo-nos aproveitar dellas.

Disposição Particularissima, e ligação dos pensamentos.

§. V. Resta por fim a disposição das partes mais

(a) Até aqui tratou Quint. da Disposição Especial, e Economica de cada huma das partes Principaes do Discurso, isto he, da ordem que deveraõ seguir entre si os pensamentos principaes de que cada parte se compõe. No Exordio, por exemp., por onde devemos principiar, por onde acabar; na Narração de hum facto, como este tem principio nas suas causas e motivos, meio na sua execução, e fim nas suas consequencias, se deveremos começar pelo principio, pelo meio, ou pelo fim. E bem assim tambem na Confirmação se devemos começar pela Prova, ou refutação dos argumentos, e pontos mais fracos, ou dos mais fortes? Do mesmo modo nas mais partes. Porque cada parte do discurso, e na Prova mesma cada questão, ou ponto tem sua disposição particular.

miudas do Discurso, (*a*) e nestas mesmas, como nas maiores, ha hum pensamento, que deve hir primeiro, outro em segundo lugar, outro em terceiro. Estes pensamentos deveráõ não só ser collocados por sua ordem, (*b*) mas tão ligados, e travados entre si, que

---

(*a*) *Resta emfim a Disposição das partes*, diz Quint. Mas não tem elle tratado até aqui della? Qual he pois esta disposição das partes, que ainda resta por tratar? Julgo he a *Particularissima*, isto he, das partes mais miudas do discurso, quaes são as Proposiçoens compostas de muitos juizos, ou pensamentos; o ajuntamento de muitas proposiçoens subordinadas a huma principal, chamado *Periodo;* e o de muitas proposiçoens principaes, cujo sentido porém concorre a formar hum só painel, ou pensamento total.

Que esta seja a intelligencia deste lugar de Quint. parece-me claro, 1. Porque elle tratou até aqui da Disposição particular das partes principaes da oração, como elle mesmo diz claramente neste cap. n. 5. *Sunt alia, quae nisi, proposita, de qua dicendum est, materia, viam docendi non praebeant. Non enim causa universa in quaestiones, ac locos diducenda est. Sed hae ipsae partes habent rursus Ordinem suum. Nam et in Prooemio primum est aliquid, et secundum ac deinceps, et quaestio omnis, ac locus habent suam dispositionem.* 2. Pelas palavras mesmas de Quint. neste lugar: *Et in his ipsis*, que mostrão falla de outras partes differentes das antecedentes. 3. Porque Quint. nas partes, de que aqui falla, quer que os pensamentos sejão não só ordenados, mas *inter se juncti, et ita cohaerentes, ne comissura pelluceat*, e mais abaixo quer, *ut verba verbis applicentur non pugnantia, sed quae invicem complectantur.* O que não póde convir senão ás proposiçoens compostas, Periodos, e oraçoens periodicas, em que só, pela dependencia mutua das proposiçoens, não ha pauzas maiores, e finaes pelo meio, e consequentemente deve haver entre os seus pensamentos, e palavras esta junctura estreita, e sem hiatos, qual se não requer entre periodo, e periodo. V. Quint. da Composição Liv. IX. 4, 43.

(*b*) Qual seja esta ordem, não diz Quint., nem he facil assignal-a. Porque o discurso não tem huma marcha certa, e uniforme, para se poder comprehender em regras geraes; com tudo a Philosophia da linguagem tem ultimamente descuberto pela observação algumas destas regras, que se podem ver em Mr. de Gamaches, e Mr. Beauzeé, aquelle na *Dissertação sobre as Graças da linguagem.* Part. I. ed. 1718, e este na sua *Grammatica Geral* tom. II. Liv. III. C. I. Art. III. Sobre todos porém deu toda a luz possivel a esta mateira embrulhada o Abbade de Condilhac no seu *Curso de Estudos para a instrucção do Principe de Parma, tom. II*, que he sobre a *Arte d'Escrever.* Deste principalmente tirei as observaçoens seguintes sobre as *Proposiçoens compostas* de muitos sentidos, sobre o *Ajuntamento* de muitas proposiçoens

nem ainda se deixe ver a junta, por onde elles pegão,

---

subordinadas, chamado Periodo, é sobre o *Ajuntamento* de muitas proposiçoens principaes, relativas a hum pensamento geral.

1. *Proposiçoens Compostas.*

As Proposiçoens são compostas todas as vezes, que tem mais que hum Sugeito, hum Predicado, e hum Verbo simples. Ora isto succede por algum destes tres modos, ou por serem muitos os Sugeitos, e Attributos da Proposição, ou pela multidão de relaçoens accrescentadas, ou emfim pelas idêas accessorias, com que modificamos já o sugeito, já o attributo, já o verbo, já o objecto, o termo, o motivo etc.

No 1. caso, quando entre os muitos Sugeitos, ou Attributos ha gradação de idêas, esta he a que deve regular a ordem. Cicero na II. Catilinaria, c. 1, não podia deixar de dizer: *Abiit, excessit, erupit, evasit.* Não havendo gradação, a ordem então he arbitraria.

No 2. ou a multidão de relaçoens accrescentadas á Proposição são da mesma especie, como neste lugar de Cicero pro Archia, *Nam quas res nos, in Consulatu nostro, vobiscum simul, pro salute hujus verbis atque imperii, et pro vita Civium, proque universa Rep. gessimus, attigit hic versibus atque inchoavit,* ou são estas, *Pro salute hujus urbis atque imperii,* e *Pro vita Civium,* e *Proque universa Rep.*; e neste caso deve-se seguir a mesma regra que demos acima: ou são de differente especie, como neste mesmo exemplo são *In Consulatu nostro, vobiscum simul, e pro salute hujus urbis*; e então como a multidão de relaçoens differentes altéra a ligação das idêas, e esta alteração começa desde que ao objecto, e termo do verbo se accrescentão ainda duas relaçoens de mais: a regra geral he 1. que o verbo não tenha depois de si mais de tres relaçoens, e que sendo necessaria mais huma ou duas, se ponhão estas antes do verbo. 2. Que entre as relaçoens, que vão depois do verbo, e que servem a completar o sentido, se sigão na ordem os complementos mais curtos aos mais extensos, afim de que os que se achão em ultimo lugar se aproximem deste modo o mais que he possivel á idêa principal, a que se reportão como a centro.

Contra a primeira Regra não diria bem Cicero *pro Archia I. Nam ad suscipiendam ingrediendamque horum studiorum rationem, quoad longissime potest mens mea respicere spatium praeteriti temporis, et pueritiae memoriam recordari ultimam, inde usque repetens hunc video mihi principem extitisse:* Porque apartaria muito a primeira relação do centro commum, e Cicero fez melhor em pôr huma antes do verbo, e outra depois. Da mesma sorte se Cicero no exemplo acima dissesse: *Nam quas res gessimus maximas pro salute hujus urbis atque imperii, et pro vita civium, proque universa rep. in Consulatu nostro, vobiscum simul:* não teria construido bem. Porque as duas circunstancias ultimas ficarião muito remotas, e a perder de vista. No 3. caso as modificaçoens são

formando assim hum corpo unido, e não membros separados.

Dous meios de conseguir esta ligação.

Conseguiremos isto primeiramente se virmos, que pensamentos convém, e em que lugar convém: (*a*)

Adjectivos, ou Adverbios, ou Substantivos com proposição, ou Proposiçoens Incidentes, ou tudo junto E o lugar, que cada huma destas deve ter na oração, se determina pelas regras da syntaxe particular de cada lingua, e pelas da collocação oratoria, de que fallaremos no seu lugar.

2. *Periodos,*

Nos Periodos a phrase principal he na ordem directa a primeira a que todas as mais se referem, bem como o sugeito he a primeira palavra da Proposição. Mas esta ordem se inverte frequentemente, e as phrases, ou proposiçoens subordinadas já precedem á principal, já a seguem. Quando ellas precederem, he necessario que logo, que se chegar á principal, se veja que esta he aquella, a que as outras se encaminhão: e quando ellas vierem depois da principal, he preciso que ao pronunciar a primeira palavra de cada huma se conheça a sua natureza de dependencia, e subordinação á principal, a que se devem referir. Ora esta dependencia mutua das proposiçoens subordinadas com huma principal, para formarem hum sentido redondo, ou Periodo, se dá a conhecer, ou pelas *Conjuncçoens*, ou pelas *Preposiçoens*, ou pelos *Gerundios*, ou pelos *Participios.*

3. *Pensamentos Periodicos.*

Emfim quando se ajuntão muitas Proposiçoens principaes, concorrendo todas como partes a formar hum pensamento total: estas proposiçoens necessariamente se hão de ligar, ou por meio da *Gradação* natural das idêas, ou pela *Inclusão* de huma em outras, ou pela sua *Opposição*, quer nos sirvamos das Conjuncçoens para indicar estas relaçoens, quer não.

No 1, e 2. Caso a ordem está feita, porque na gradação natural das idêas, inverter esta ordem seria perturbal-as, e na Inclusão as proposiçoens, que explicão, e determinão, devem necessariamente seguir-se ás que são explicadas, e determinadas. Quanto ás proposiçoens contrapostas, nestas poderá cada hum seguir a ordem que lhe parecer melhor. Isto he o que geralmente se póde dizer a respeito da ordem dos Pensamentos nas partes menores do discurso. Quem quizer ver a cousa tratada, e exemplificada com mais extensão, e miudeza, póde consultar os AA., que acima indiquei.

(*a*) Os pensamentos ligão-se huns com outros não pela *justaposição*, mas pelas relaçoens mutuas, quem tem entre si. As con-

e em segundo lugar se as palavras, que ajustarmos forem taes, que não fação collisão aspera na pronuncia, antes se travem reciprocamente. Por este modo, ainda que as cousas sejão differentes, e trazidas de lugares distantes, não farão choque entre si como desconhecidas, antes dando-se as mãos mutuamente, de tal sorte se ligaráõ com os antecedentes, e seguintes, que todas ellas faráõ hum corpo não só composto, mas contínuo. Mas talvez me tenho adiantado mais do que devia, enganado por esta passagem, que, sem o perceber, me conduz da materia da Disposição á da Elocução, a que vai dar principio o Livro seguinte. (*a*)

---

juncçoens no discurso não servem mais que a indicar estas relaçoens. Em vão procurariamos nós ligar com ellas o que de sua natureza he desvairado. Isto he pois o que Quint. quer dizer, quando nos manda ver, *Quid conveniat*, *et in quo conveniat*.

(*a*) Continúa Quint. na sua pratica, e dos grandes Mestres, que he formar as regras de Eloquencia de modo que ellas mesmas sirvão de exemplo. Isto faz Quint. neste lugar, intrometendo aqui a ordem, e collocação das palavras, como outro meio além da ligação das idêas, para a disposição das cousas, e continuidade da oração; e com este pensamento fórma huma passagem natural, subtil, e imperceptivel, *fallentem transitum*, da materia da Disposição para a da Elocução, á qual a mesma juntura das palavras pertence. Ensinando-nos deste modo com este exemplo, como por meio de idêas intermedias podemos muitas vezes chegar a unir as cousas mais distantes, e separadas.

PEÇAS ORIGINAES
DE
ELOQUENCIA,

Citadas para exemplo por Quintiliano no corpo destas Instituiçoens.

EXEMPLO I.

Liv. I. C. XIV. A. 1. §. 2.

Exordio do louvor de Helena feito por Isocrates.

ΕΊΣΙ τινες οἱ μέγα φρονοῦσιν, ἣν ὑπόθεσιν ἄτοπον καὶ πάραδοξον ποιησάμενοι, περὶ ταύτης ἀνεκτῶς εἰπεῖν δυνηθῶσι: καὶ καταγεγηράκασιν, οἱ μὲν οὐ φάσκοντες οἷόν τ' εἶναι ψευδῆ λέγειν, οὐδ' ἀντιλέγειν, οὐδὲ δύο λόγω περὶ τῶν αὐτῶν πραγμάπων ἀντειπεῖν· οἱ δὲ διεξίοντες, ὡς ἀνδρεία καὶ σοφία καὶ δικαιοσύνη ταυτόν ἐςι, καὶ φύσει μὲν οὐδὲν αὐτῶν ἔχομεν, μία δ' ἐπιςήμη κατὰ πάντων ἐςίν. Ἄλλοι δὲ περὶ τὰς ἐριδας διατρίβουσι, τάς οὐδὲν μὲν ὠφελούσας, πράγματα δὲ παρέχειν τοῖς πλησιάζουσι δυναμένας· ἐγὼ δὲ, εἰ μὲν ἑώρων νεωςὶ τὴν περιεργίαν ταύτην ἐν τοῖς λόγοις γεγενημένην, καὶ τουτούς ἐπὶ καινότητι τῶν ἑυρημένων φιλοτιμουμένους, οὐκ ἂν ὁμοίως ἐθαύμαζον αὐτούς· νῦν δὲ τίς ὅυτως ὀψιμαθής ἐςιν, ὅς τις οὐκ οἶδε Πρωταγόραν, καὶ τοὺς κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον Γενομένους σοφιςὰς, ὅτι καὶ τοιαῦτα, καὶ πολὺ τούτων ἔτι πραγματωδέστερα συγγράμματα κατέλιπον ἡμῖν; πῶς γὰρ ἂν τὶς ὑπερβαλοιτο Γοργίαν, τὸν τολμήσαντα λέγειν, ὡς οὐδὲν τῶν ὄντων ἐςίν; ἢ Ζήνωνα, τὸν ταυτὰ δυνατὰ καὶ πάλιν ἀδύνατα πειρώμενον ἀποφαίνειν; ἢ Μέλισσον, ὅς ἀπείρων τὸ πλῆθος πεφυκότων τῶν πραγμάτων, ὡς ἕνος ὄντος τοῦ παντὸς, ἐπεχείρησεν ἀποδείξεις εὑρίσκειν;

Ἀλλ' ὁμῶς ὅυτω φανερῶς ἐκείνων ἀποδειξάντων, ὅτι ῥαδίον ἐςι, περὶ ὧν ἂν τις πρόθηται, ψευδῆ μηχανησασθαι λόγον, ἔτι περὶ τὸν τόπον τοῦτον διατρίβουσιν: οὓς ἐχρῆν, ἀφεμένους ταύτης τῆς τερθρείας, τῆς ἐν μὲν τοῖς λόγοις ἐξελέγχειν προσποιουμένης, ἐν δὲ τοῖς ἔργοις πολὺν ἤδε χρόνον ἐξεληλεγμένης, τὴν, ἀλήθειαν διώκειν, καὶ περὶ τὰς πράξεις, ἐν αἷς πολιτευόμεθα, τοὺς συνόντας παι-

δεύειν, καὶ περὶ τὴν ἐμπειρίαν τὴν τούτων γυμνάζειν, ἐνθυμουμένους, ὅτι πολὺ κρεῖττόν ἐστι περὶ τῶν χρησίμων ἐπιεικῶς δοξάζειν, ἢ περὶ τῶν ἀχρήστων ἀκριβῶς ἐπίςασθαι, καὶ μικρὸν προέχειν ἐν τοῖς μεγάλοις, ἢ πολὺ διαφέρειν ἐν τοῖς μικροῖς, καὶ τοῖς μηδὲν πρὸς τὸν βίον ὠφελοῦσιν. Ἀλλὰ γὰρ ὀυδενὸς άυτοῖς ἄλλου μελει, πλὴν τοῦ χρηματίζεσθαι παρὰ τῶν νεωτέρων. Ἔςι δὲ ἡ περὶ τὰς ἔριδας φιλονεικία δυναμένη τοῦτο ποιεῖν· ὁι γὰρ μήτε τῶν ἰδίων, μήτε τῶν κοινῶν φροντίζοντες, τούτοις μάλιςα χαίρουσι τῶν λόγων, ὁι μηδὲ πρὸς ἓν χρήσιμοι τυγχάνουσιν ὄντες. Τοῖς μὲν οὖν τηλικούτοις πολλὴ συγγνώμη ταύτην ἔχειν τὴν διάνοιαν· ἐπὶ γαρ απάντων τῶν πραγμάτων πρὸς τὰς περιττότητας καὶ θαυματοποιΐας οὕτω διακειμένοι διατελουσι· τοῖς δὲ παιδεύειν προσποιουμένοις ἄξιον ἐπιτιμᾷν, ὅτι κατηγοροῦσι μὲν τῶν ἐπὶ τοῖς συμβολαίοις ἐξαπατωντων, καὶ μὴ δικαίως τοῖς λόγοις χρωμένων, ἀυτὸι δὲ ἐκείνων δεινότερα ποιοῦσιν. Οἱ μὲν γὰρ ἄλλους τινὰς ἐζημίωσαν, οὗτοι δὲ τοὺς συνόντας μάλιστα βλάπτουσι. Τοσοῦτον δὲ ἐπιδεδωκέναι πεποιήκασι τὸ ψευδολογεῖν, ὥς' ἤδη τινὲς ὁρῶντες τόυτους ἐκ τῶν τοιούτων ὠφελουμένους, τολμῶσι γράφειν, ὡς ἔστιν ὁ τῶν πτωχευόντων, καὶ φευγόντων βίος ζηλωτότερος, ἢ ὁ τῶν ἄλλων ἀνθρώπων. Καὶ ποιοῦνται τεκμήριον, ὡς ει περὶ πονηρῶν πραγμάτων ἐχουσι τί λέγειν, περὶ τῶν καλῶν καὶ ἀγαθῶν ῥαδίως ἐυπορήσουσον.

Ἐμοὶ δὲ δοκεῖ πάντων εἶναι καταγελαστότατον, τὸ δία τούτων τῶν λόφων ζητεῖν πείθειν, ὡς περὶ τῶν πολιτικῶν ἐπιςήμην ἐχουσιν, ἐξὸν ἐν ἀυτοῖς οἷς ἐπαγγέλλονται τὴν ἀπόδειξιν ποιεῖσθαι. Τὸυς γὰρ ἀμφισβητοῦντας τοῦ φρονεῖν, καὶ φάσκοντας εἶναι σοφςὰς οὐκ ἐν τοῖς ἠμελημένοις ὑπὸ τῶν ἄλλων ἑλλήνων, ἄλλ' ἐν οἷς ἅπαντές ἐισιν ἀνταγωνιςαὶ, προσήκει διαφέρειν, καὶ κρείττους εἶναι τῶν ἰδιωτῶν. Νῦν δὲ παραπλήσιον ποιοῦσιν, ὥσπερ ἂν ἔι τις προσποιοῖτο κράτιστος εἶναι τῶν ἀθληθῶν, ἐν-

ταῦθα καταβαίνων, οὗ μηδεὶς ἂν ἄλλος ἀξιώσειε. Τίς γὰρ ἂν τῶν εὐφρονούντων συμφορὰς ἐπαινεῖν ἐπιχειρήσειεν; Ἀλλὰ δῆλον, ὅτι δι' ἀσθένειαν ἐνταῦθα καταφεύγουσιν· ἔστι γὰρ τῶν μὲν τοίουτων συγγραμματων μία τὶς ὀδος, ἣν οὔθ' εὑρεῖν, οὔτε μαθεῖν, οὔτε μιμήσασθαι δύσκολον ἐςι. οἱ δὲ κοινοὶ καὶ πιςοὶ, καὶ τόυτοις ὁμοιοι τῶν λόγων, διὰ πολλῶν ἰδεῶν καὶ καιρῶν δυσκαταμαθήτων εὑρίσκονταί τε καὶ λέγονται: καὶ τοσούτῳ χαλεποτέραν ἔχουσι τὴν σύνθεσιν, ὅσωπερ τὸ σεμνύνεσθαι τοῦ σκώπτειν, καὶ τό σπουδάζειν τοῦ παίζειν ἐπιπονώτερον ἐςι. σημεῖον δὲ μέγιςον. τῶν μὲν γὰρ τοὺς βομβυλιοὺς, καὶ τοὺς ἅλας καὶ τὰ τοιαῦτα βουληθεντων ἐπαινεῖν ὀυδεὶς πώποτε λόγων ἠπόπησεν. Οἱ δὲ περὶ τῶν ὁμολογουμένων ἀγαθῶν, ἢ καλῶν, ἢ τῶν διαφερόντων ἐπ' ἀρετῇ τὶ λέγειν ἐπιχειρήσαντες πολὺ καταδεέστερον τῶν ὑπαρχόντων ἅπαντες εἰρήκασιν. Οὐ γὰρ τῆς αὐτῆς γνώμης ἐςὶν ἀξιως εἰπεῖν περὶ ἑκατέρων ἀυτῶν· ἀλλὰ τὰ μὲν μικρὰ ῥαδίον τοῖς λόγοις ὑπερβαλλέσθαι, τῶν δὲ χαλεπῶν τοῦ μεγέθους ἐφικέσθαι, καὶ περὶ μὲν τῶν δόξαν ἐχόντων σπάνιον εὑρεῖν, ὃ μηδεὶς πρότερον εἴρηκε: περὶ δε τῶν φαύλων, καὶ ταπεινων, ὅ, τι ἂν τις τύχῃ φθεγξαμένος, ἅπαν ἰδίον εςι. Διὸ καὶ τὸν γράψαντα περὶ τῆς Ἑλένης, ἐπαινῶ μάλιςα τῶν εὖ λέγειν τὶ βουληθέντων, ὅτι περὶ τοιαύτης ἐμνήστη γαναικὸς, ἢ καὶ τῷ γένει, καὶ τῷ κάλλει, καὶ τῇ δοξῃ πολὺ διήνεγκεν.

EXEMPLO II.

Ibid.

Exordio do Panegyrico de Isocrates.

ΠΟΛΛΑΚΙΣ ἐθαύμασα τῶν τὰς πανηγύρεις συναγαγόντων, καὶ τούς γυμνικοὺς ἀγῶνας καταςησάντων, ὅτι τὰς μὲν τῶν σωμάτων εὐεξίας οὕτω μεγάλων δωρεῶν

ἠξίωσαν, τοῖς δὲ ὑπὲρ τῶν κοινῶν ἰδίᾳ πονήσασι, καὶ τὰς ἑαυτῶν ψυχὰς οὕτω παρασκευάσασιν, ὥςε καὶ τοὺς ἄλλους ὠφελεῖν δύνασθαι, τούτοις ἐδεμίαν τιμὴν ἀπένειμαν· ὧν εἰκὸς ἦν αὐτοὺς μᾶλλον ποιήσασθαι πρόνοιαν. τῶν μὲν γὰρ ἀθλητῶν δίς τοσαύτην ῥώμην λαβόντων, οὐδὲν ἂν πλέον γένοιτο τοῖς ἄλλοις· ἑνὸς δὲ ἀνδρὸς εὖφρονησαντος ἅπαντες ἂν ἀπολαύσειαν οἱ βουλομένοι κοινωνεῖν τῆς ἐκείνου διανοίας.

Οὐ μὴν ἐπὶ τούτοις ἀθυμήσας εἱλόμεν ῥαθυμεῖν, ἀλλ' ἱκανὸν νομίσας ἆθλον ἔσεσθαι μοὶ τὴν δόξαν, τὴν ἀπ' ἀυτοῦ τοῦ λόγου γενησομένην, ἥκω συμβουλεύσων περὶ τε τοῦ πολέμου τοῦ πρὸς τοὺς βαρβάρους, καὶ τῆς ὁμονοίας τῆς πρὸς ἡμᾶς αὐτοὺς· οὐκ ἀγνοῶν, ὅτι πολλοὶ τῶν προσποιησαμένων εἶναι σσφιςῶν ἐπὶ τοῦτον τὸν λόγον ὥρμησαν· ἀλλ' ἅμα μὲν ἐλπίζων τοσοῦτον αὐτῶν διοίσειν, ὥςε τοῖς ἄλλοις μηδὲν πώποτε δοκεῖν εἰρῆσθαι περὶ αὐτῶν· ἅμα δὲ προκρίνας τούτους καλλίςους εἶναι τῶν λόγων, ὁιτινες περὶ μεγίςων τυγχάνουσι ὄντες, καὶ τούς τε λέγοντας μάλιςα ἐπιδεικνύουσι, καὶ τοὺς ἀκούοντας πλεῖςα ὠφελοῦσιν, ὧν εἷς οὗτός ἐςιν.

Ἔπειτα οὐδ' οἱ καιροί πω παρεληλύθασιν, ὥς' ἤδη μάτην εἶναι τὸ μεμνῆσθαι περὶ αὐτῶν· τότε γὰρ χρὴ παύεσθαι λέγοντα, ὅταν ἢ τὰ πράγματα λάβῃ τέλος, καὶ μηκέτι δέῃ βουλεύεσθαι περὶ αὐτῶν ἢ τὸν λόγον ἴδῃ τὶς ἔχοντα πέρας, ὥςε μηδεμίαν λελεῖφθαι τοῖς ἄλλοις ὑπερβολὴν· ἕως δ' ἂν μὲν ὁμοίως, ὥσπερ πρότερον, φέρηται, τὰ δ' εἰρημένα φαύλως ἔχοντα τυγχάνῃ, πῶς οὐ χρὴ σκοπεῖν καὶ φιλοσοφεῖν τοῦτον τὸν λόγον, ὃς ἢν κατορθωθῇ, καὶ τοῦ πολέμου τοῦ προς ἀλλήλους, καὶ τῆς ταραχῆς τῆς παρούσης, καὶ τῶν μεγίςων κακῶν ἡμᾶς ἀπαλλαξει;

Πρὸς δὲ τούτοις, εἰ μὲν μηδαμῶς ἄλλως οἷόν τ' ἦν δηλοῦν τὰς αὐτὰς πράξεις, ἀλλ' ἢ διὰ μιᾶς ἰδέας, εἶχεν ἂν τις ὑπολαβεῖν, ὡς περίεργόν ἐςι, τὸν ἀυτον

τρόπον ἐκείνοις λέγοντα, πάλιν ἐνοχλεῖν τοῖς ακούουσιν· ἐπειδὴ δ' οἱ λόγοι τοιαύτην ἔχουσι τήν φύσιν, ὥσθ' οἷόν τ' εἶναι, περὶ τῶν αὐτῶν πολλαχῶς ἐξηγησασθαι, καὶ τά τε μεγάλα ταπεινὰ ποιῆσαι, καὶ τοῖς μικροῖς μέγεθος προσθεῖναι, καὶ τὰ παλαιὰ καινῶς διεξελθεῖν, καὶ περὶ τῶν νεωςὶ γεγενημένων ἀρχαίως εἰπεῖν, οὐκ ἔτι φευκτέον ταῦτ' ἐςὶ, περὶ ὧν ἕτεροι πρότερον εἰρήκασιν, ἀλλ' ἄμεινον ἐκείνων εἰπεῖν πειρατέον· άι μὲν γὰρ πράξεις αἱ προγεγενημέναι κοινὰι πᾶσιν ἡμῖν κατελείφθησαν, τὸ δὲ ἐν καιρῷ ταύταις καταχρήσασθαι καὶ τὰ προσήκοντα περὶ ἑκάςης ἐνθυμηθῆναι, καὶ τοῖς ὀνόμασιν εὖ διαθέσθαι τῶν εὖ φροιούντων ἰδίον ἐςιν· Ἡγοῦμαι δ' οὕτως ἂν μεγίςην ἐπίδοσιν λαμβάνειν καὶ τὰς ἄλλας τέχνας, καὶ τὴν περὶ τοὺς λόγους φιλοσοφίαν εἴ τις τιμώη καὶ θαυμάζοι μὴ τοὺς πρώτους τῶν λόγων ἀρχομένους, ἀλλὰ τοὺς ἄριςα αὐτῶν ἕκαςον ἐξεργαζομένους· μηδὲ τοὺς περὶ τούτων ζητοῦντάς τι λέγειν, περὶ ὧν μηδεὶς πρότερον εἴρηκεν, ἀλλὰ τοὺς οὕτως ἐπιςαμένους εἰπεῖν, ὡς οὐδεὶς ἄν ἄλλος δύναιτο. etc.

EXEMPLO III.

Ibid.

Principio da Historia da Guerra Jugurthina por Sallustio.

FALSO queritur de natura sua genus humanum, quod imbecille, atque aevi brevis, sorte potius, quam virtute regatur. Nam contra reputando, neque maius aliud neque praestabilius invenias; magisque naturae industriam hominum, quam vim aut tempus deesse. Sed dux ac imperator vitae mortalium animus est, qui, ubi ad gloriam virtutis via grassatur, abunde pollens, potensque, et clarius est, neque fortuna eget; quippe quae probitatem, industriam, aliasque bonas artes neque dare neque eripere cuiquam potest: sin captus pravis cupidinibus ad inertiam et voluptates corporis pessumdatus est perniciosa lubi-

dine paulisper usus, ubi per socordiam vires, corpus, ingenium defluxere; naturae infirmitas accusatur; suam quippe culpam actores ad negotia transferunt. Quod si hominibus bonarum rerum tanta cura esset; quanto studio aliena, ac nihil profutura, multum etiam periculosa petunt: neque regerentur magis, quam regerent casus; et eo magnitudinis procederent, ubi pro mortalibus gloria aeterni fierent. Nam uti genus humanum compositum ex corpore et anima est, ita res cunctae studiaque omnia nostra corporis alia, alia animi naturam sequuntur. Igitur praeclara facies, magnae divitiae, ad hoc vis corporis et alia omnia hujuscemodi brevi dilabuntur; at ingenii egregia facinora, sicuti anima, immortalia sunt. Postremo corporis et fortunae bonorum uti initium, sic finis est: omniaque orta occidunt, et aucta senescunt; animus incorruptus, aeternus rector humani generis agit atque habet cuncta, neque ipse habetur.

Quo magis pravitas eorum admiranda est, qui dediti corporis gaudiis per luxum atque ignaviam aetatem agunt; caeterum ingenium, quo neque melius, neque amplius aliud in natura mortalium est, incultu atque socordia torpescere sinunt; cum praesertim tam multae variaeque sint artes animi, quibus summa claritudo paratur. Verum ex his magistratus, et imperia, postremo omnis cura rerum publicarum minume hac tespestate cupiunda videntur; quoniam, neque virtuti honos datur, neque illi, quibus per fraudem jus fuit, tuti, aut eo magis honesti sunt. Nam vi quidem regere patriam aut parentes, quanquam et possis, et delicta corrigas; tamen importunum est, cum praesertim omnes rerum mutationes caedem, fugam aliaque hostilia portendant: frustra autem niti, neque aliud, se fatigando, nisi odium quaerere extremae dementiae est; nisi forte quem inhonesta et perniciosa lubido tenet potentiae paucorum decus atque libertatem suam gratificari.

Caeterum ex aliis negotiis, quae ingenio exercentur, in primis magno usui est memoria rerum gestarum, cujus de virtute quia multi dixere, praetereun-

dum puto; simul ne per insolentiam quis existumet memet studium meum laudando extollere. Atque ego credo fore, qui, quia decrevi procul a Rep. aetatem agere, tanto tamque utili labori meo nomen inertiae imponant, certe quibus maxuma industria videtur salutare plebem, et conviviis gratiam quaerere. Qui si reputaverint, et quibus ego temporibus magistratum adeptus sim, et quales viri idem assequi nequiverint, et postea quae genera hominum in senatum pervenerint; profecto existumabunt me magis merito, quam ignavia judicium animi mei mutavisse, maiusque commodum ex otio meo, quam ex aliorum negotiis reip. venturum. Nam saepe audivi Q. Maximum, P. Scipionem, praeterea Civitatis nostrae praeclaros viros solitos ita dicere: Cum majorum imagines intuerentur, vehementissime sibi animum ad virtutem accendi. Scilicet non ceram illam neque figuram tantam vim in se habere; sed memoria rerum gestarum eam flamam egregiis viris in pectore crescere, neque prius sedari, quam virtus eorum famam atque gloriam adaequaverit. At contra quis est omnium his moribus, quin divitiis et sumptibus, non probitate neque industria cum majoribus suis contendat? Etiam homines novi, qui antea per virtutem soliti erant nobilitatem antevenire, furtim et per latrocinia potius, quam bonis artibus ad imperia et honores nituntur; proinde quasi praetura et consulatus atque alia omnia hujuscemodi per se ipsa clara et magnifica sint, ac non perinde habeantur ut eorum, qui ea sustinent, virtus est. Verum ego liberius altiusque processi dum me Civitatis morum piget taedetque. Nunc ad inceptum redeo. Bellum scripturus sum, quod Populus Rom. cum Jugurtha rege Numidarum gessit. Cet.

EXEMPLO IV.

Ibid.

Prefação da Historia da Guerra Catilinaria por Sallustio.

Omnis homines, qui sese student praestare caeteris animalibus, summa ope niti decet, ne vitam silentio transeant, veluti pecora, quae natura prona atque ventri obedientia finxit. Sed nostra omnis vis in animo, et corpore sita est. Animi imperio, corporis servitio magis utimur. Alterum nobis cum Diis, alterum cum belluis commune est. Quo mihi rectius videtur ingenii, quam virium opibus gloriam quaerere; et quoniam vita ipsa, qua fruimur, brevis est, memoriam nostri quam maxume longam essicere. Nam divitiarum, et formae gloria fluxa atque fragilis est, virtus clara aeternaque habetur.

Sed diu magnum inter mortales certamen fuit, vi ne corporis, an virtute animi res militaris magis procederet. Nam et prius, quam incipias, consulto, et, ubi consulueris, mature facto opus est. Ita utrumque per se indigens, alterum alterius auxilio eget. Igitur initio Reges (nam in terris nomen imperii id primum fuit) diversi, pars ingenium, alii corpus exercebant, etiam tum vita hominum sine cupiditate agitabatur; sua cuique satis placebant. Postea vero quam in Asia Cyrus, in Graecia Lacedaemonii et Athenienses coepere urbes atque nationes subigere, lubidinem dominandi causam belli habere, maxumam gloriam in maxumo imperio putare: tum demum periculis atque negotiis compertum est, in bello plurimum ingenium posse.

Quod si regum, atque imperatorum animi virtus in pace ita, ut in bello, valeret; aequabilius atque constantius sese res humanae haberent, neque alio ferri, neque mutari, ac misceri omnia cerneres. Nam imperium facile iis artibus retinetur, quibus initio partum est. Verum ubi pro labore desidia, pro con-

tinentia et aequitate lubido atque superbia invasere: fortuna simul cum moribus immutatur. Ita imperium semper ad optumum quemque ab minus bono transfertur. Quae homines arant, navigant, aedificant virtuti omnia parent. Sed multi mortales dediti ventri atque somno, indocti, incultique vitam sicuti peregrinantes transiere. Quibus profecto, contra naturam, corpus voluptati, anima oneri fuit, eorum ego vitam, mortemque juxta aestumo, quoniam de utraque siletur. Verum enimvero is demum mihi vivere, et frui anima videtur, qui aliquo negotio intentus, praeclari facinoris, aut artis bonae famam quaerit. Sed in magna copia rerum, aliud alii natura iter ostendit. Pulcrum est bene facere Reip. etiam bene dicere haud absurdum est. Vel pace vel bello clarum fieri licet, et qui fecere, et qui facta aliorum scripsere, multi laudantur.

Ac mihi quidem, tametsi haudquaquam par gloria sequatur scriptorem et actorem rerum, tamen in primis arduum videtur res gestas scribere. Primum quod facta dictis exaequanda sunt. Dein quia plerique, quae delicta reprehenderis, malevolentia et invidia dicta putant; ubi de magna virtute, atque gloria bonorum memores, quae sibi quisque facilia factu putet, aequo animo accipit; supra, veluti ficta pro falsis ducit. Sed ego adolescentulus initio, sicuti plerique, studio ad Remp. latus sum, ibique mihi multa advorsa fuere. Nam pro pudore, pro abstinentia, pro virtute, audacia, largitio, avaritia vigebant: Quae tametsi animus aspernabatur insolens malarum artium; tamen inter tanta vitia imbecilla aetas ambitione corrupta tenebatur. Ac me cum ab reliquis malis moribus dissentirem, nihilominus honoris cupido eadem, quae caeteros, fama, atque invidia vexabat.

Igitur ubi animus ex multis miseriis atque periculis requievit, et mihi reliquam aetatem a Rep. procul habendam decrevi, non fuit consilium socordia atque desidia bonum otium conterere. Neque vero agrum colendo, aut venando servilibus officiis intentum aetatem agere: sed a quo incepto, studioque me ambitio mala detinuerat, eodem regressus, statui res gestas

Populi Romani strictim, uti quaeque memoria digna videbantur, perscribere: eo magis, quod mihi a spe, metu, partibus Reip. animus liber erat. Igitur de Catilinae conjuratione, quam verissume potero, paucis absolvam.

EXEMPLO V.

Ibid. Art. II. §. III.

Louvor de Agamemnon em Hom. Iliad. II. v. 477.

. . . . μετὰ δὲ κρείων Ἀγαμέμνων,
Ὄμματα καὶ κεφαλὴν ἴκελος Διὶ τερπικεραύνῳ,
Ἄρεϊ δὲ ζώνην, ϛέρνον δὲ Ποσειδάωνι.
Ἠΰτε βοῦς ἀγέληφι μέγ' ἔξοχος ἔπλετο πάντων
Ταῦρος· ὁ Γὰρ τε βόεσσι μεταπρέπει ἀγρομένῃσι·
Τοῖον ἄρ' Ἀτρείδην θῆκε Ζεὺς ἤματι κείνῳ,
Ἐκπρέπε' ἐν πολλοῖσι καὶ ἔξοχον ἡρώεσσιν.

EXEMPLO VI.

Ibid.

Louvor de Achiles em Hom. ibid. v. 760.

Οὗτοι ἄρ' ἡΓεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσσαν.
Τίς τ' ἂρ τῶν ὄχ' ἄριϛος ἔην, σύ μοι ἔννεπε, Μοῦσα,
Αὐτῶν, ἠδ' ἵππων, οἳ ἅμ' Ατρείδῃσιν ἕποντο;
Ἵπποι μὲν μέγ' ἄριϛαι ἔσαν Φηρητιάδαο,
Τάς Εὔμηλος ἔλαυνε, ποδώκεας, ὄρνιθας ὣς,
Ὄτριχας, οἰέτεας, ϛαφύλῃ ἐπὶ νῶτον ἐΐσας·
Τάς ἐν Πιερίῃ θρέψ' ἀργυρότοξος Ἀπόλλων,
Ἄμφω θηλείας, φόβον ἄρηος φορεούσας.
Ἀνδρῶν δ' αὖ μέγ' ἄριϛος ἔην Τελαμώνιος Αἴας,
Ὄφρ' Ἀχιλεὺς μήνιεν, ὁ γὰρ πολὺ φέρτατος ἦεν,
Ἵπποι θ', οἳ φορέεσκον ἀμύμονα Πηλείωνα.

EXEMPLO VII.

Ibid.

Louvor de Tydeo em Homero Iliad. V. v. 800.

Ἦ ὀλίγον οἱ παῖδα ἐοικότα γείνατο Τυδεύς.
Τυδεύς τοι μικρὸς μὲν ἔην δέμας, ἀλλὰ μαχητής.
Καί ῥ' ὅτε πέρ μιν ἐγὼ πολεμίζειν οὐκ εἴασκον,
Οὐδ' ἐκπαιφάσσειν, ὅτε τ' ἤλυθε νόσφιν Ἀχαιῶν
Ἄγγελος ἐς Θήβας, πολέας μετὰ Καδμείωνας·
Δαίνυσθαι μιν ἄνωγον ἐνὶ μεγάροισιν ἕκηλον.
Αὐτὰρ ὁ θυμὸν ἔχων ὃν καρτερὸν, ὡς τὸ πάρος περ,
Κούρους Καδμείων προκαλίζετο· πάντα δ' ἐνίκα
Ῥηϊδίως· τοίη οἱ ἐγὼν ἐπιτάῤῥοθος ἦα.

EXEMPLO VIII.

Ibid. §. v.

Vituperação de Thersites em Hom. Iliad. II. v. 211.

Ἄλλοι μέν ῥ' ἕζοντο, ἐρήτυθεν δὲ καθέδρας.
Θερσίτης δ' ἔτι μοῦνος ἀμετροεπὴς ἐκολῴα,
Ὅς ῥ' ἔπεα φρεσὶν ᾗσιν ἄκοσμά τε πολλά τε ᾔδη,
Μὰψ, ἀτὰρ οὐ κατὰ κόσμον ἐριζέμεναι βασιλεῦσιν,
Ἀλλ' ὅ, τι οἱ εἴσαιτο γελοίιον Ἀργείοισιν
Ἔμμεναι· αἴσχιστος δὲ ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε·
Φολκὸς ἔην, χωλὸς δ' ἕτερον ποδα· τὼ δέ οἱ ὤμω
Κυρτὼ, ἐπὶ στῆθος συνοχωκότε· αὐτὰρ ὕπερθε
Φοξὸς ἔην κεφαλὴν, ψεδνὴ δ' ἐπενήνοθε λάχνη·

EXEMPLO IX.

Ibid.

Vituperação de Iro Odyss. XVIII. v. 1.

Ἦλθε δ' ἐπὶ πτωχὸς πανδήμιος, ὃς κατὰ ἄςυ
Πτωχεύεσκ' Ἰθάκης, μητὰ δ' ἔπρεπε γαςέρι μάργῃ,
Ἀζηχὲς φαγέμεν καὶ πιέμεν· οὐδέ οἱ ἦν ἴς,
Οὐδέ βίη· εἶδος δὲ μάλα μέγας ἦν ὁράασθαι.
Ἀρναῖος δ' ὄνομ' ἔσκε· τὸ γὰρ θέτο πότνια μήτηρ
Ἐκ γενετῆς· Ἶρον δὲ νέοι κίκλησκον ἅπαντες,
Οὕνεκ' ἀπαγγέλλεσκη κιὼν, ὅτε πού τις ἀνώγοι.

EXEMPLO X.

Ibid.

Vituperação de Nireo em Hom. Iliad. II. v. 671.

Νιρεὺς δ' αὖ Σύμηθεν ἄγεν τεῖς νῆας ἐΐσας,
Νιρεὺς, Ἀγλαΐης θ' υἱὸς, Χαρόποιό τ' ἄνακτος·
Νιρεὺς ὃς κάλλιςος ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε
Τῶν ἄλλων Δαναῶν, μετ' ἀμύμονα Πηλείωνα·
Ἀλλ' ἀλαπαδνὸς ἔην, παῦρος δέ οἱ εἵπετο λαός.

EXEMPLO XI.

Ib. Art. III. §. 2.

Louvor da Sicilia por Cic. Verr. II. Cap. I.

ATque adeo, antequam de incommodis Siciliae dico, pauca mihi videntur esse de provinciae dignitate, vetustate, utilitate dicenda. Nam cum omnium sociorum, provinciarumque rationem diligenter habere debetis, tum praecipue Siciliae, Judices, plurimis, justissimisque de causis.

Primum, quod omnium nationum exterarum prin-

ceps Sicilia se ad amicitiam, fidemque populi Romani applicuit: prima omnium, id quod ornamentum imperii est, provincia est appellata: prima docuit majores nostros, quam praeclarum esset exteris gentibus imperare: sola fuit ea fide benevolentiaque erga populum Romanum, ut Civitates ejus insulae, quae semel in amicitiam nostram venissent, nunquam postea deficerent: pleraeque autem et maxime illustres in amicitia perpetuo manerent. Itaque majoribus nostris in Africam ex hac provincia gradus imperii factus est. Neque enim tam facile opes Carthaginis tantae concidissent, nisi illud et rei frumentariae subsidium, et receptaculum classibus nostris pateret.

Quare P. Africanus, Carthagine deleta, Siculorum urbes signis monumentisque pulcherrimis exornavit: ut, quos victoria populi Romani maxime laetari arbitrabatur, apud eos monumenta victoriae plurima collocaret. Denique ille ipse M. Marcellus, cujus in Sicilia virtutem hostes, misericordiam victi, fidem caeteri siculi perspexerunt; non solum sociis in eo bello consuluit, verum etiam superatis hostibus temperavit. Urbem pulcherrimam, Syracusas, quae cum manu munitissima esset, tum loci natura, terra, ac mari claudebatur, cum vi, consiliisque cepisset, non solum incolumem passus est esse, sed ita reliquit ornatam, ut esset idem monumentum victoriae, mansuetudinis, continentiae; cum homines viderent et quid expugnasset, et quibus pepercisset, et quae reliquisset. Tantum ille honorem Siciliae habendam putavit, ut ne hostium quidem urbem ex sociorum insula tollendam arbitraretur.

Itaque ad omnes res Sicilia provincia semper usi sumus, ut quidquid ex sese posset efferre, id non apud eos nasci, sed domi nostrae conditum putaremus. Quando illa frumentum quod deberet, non ad diem dedit? Quando id, quod opus esse putaret, non ultro pollicita est? Quando id, quod imperaretur, recusavit? Itaque ille M. Cato sapiens *Cellam penariam* reip. nostrae, *Nutricem plebis Romanae*, Siciliam nominavit. Nos vero experti sumus, Italico maximo difficillimoque bello, Siciliam nobis, non pro penaria

cella, sed pro aerario illo majorum vetere, ac referto fuisse. Nam, sine ullo sumptu nostro, coriis, tunicis, frumentoque suppeditato, maximos exercitus nostros vestivit, aluit, armavit. Quid illa, quae forsitan ne sentimus quidem, Judices, quanta sunt? quod multis locupletioribus civibus utimur, quod habent propinquam, fidelem, fructuosamque provinciam, quo facile excurrant, ubi libenter negotium gerant: quos illa partim mercibus suppeditandis cum quaestu, compendioque dimittit; partim retinet, ut arare, ut pascere, ut negotiari libeat, ut denique sedes, ac domicilium collocare. Quod commodum non mediocre Populi Romani est tantum civium Romanorum numerum, tam prope ab domo, tam bonis fructuosisque rebus detineri. Et quoniam quasi quaedam praedia populi Romani sunt vectigalia nostra atque provinciae: quemadmodum propinquis vos vestris praediis maxime delectamini, sic populo Romano jucunda suburbanitas est hujusce provinciae.

EXEMPLO XII.

L. I. c. XV. A. I. §. 3.

Discurso indirecto de Cesar, com que anima as tropas contra os Germanos. De Bell. Gallic. I. 40.

HAec cum animadvertisset Caesar, convocato consilio, omniumque ordinum ad id concilium adhibitis centurionibus, vehementer eos incusavit: primum, quod, aut quam in partem, aut quo consilio ducerentur, sibi quaerendum, aut cogitandum putarent:

Ariovistum, se consule, cupidissime populi Romani amicitiam appetisse: cur hunc tam temere quisquam ab officio discessurum judicaret? Sibi quidem persuaderi, cognitis suis postulatis, atque aequitate conditionum perspecta, cum neque suam, neque populi R. gratiam repudiaturum: quod si furore, atque amentia impulsus bellum intulisset, quid tandem vererentur? aut cur de sua virtute, aut de ipsius dili-

gentia desperarent? Factum ejus hostis periculum patrum nostrorum memoria, cum, Cimbris et Teutonia C. Mario pulsis, non minorem laudem exercitus, quam ipse imperator meritus videbatur: factum etiam nuper in Italia Servili tumultu, quos tamen aliquis usus, ac disciplina, quam a nobis accepissent, sublevaret. Ex quo judicari posset, quantum haberet in se boni constantia: propterea quod, quos aliquandiu inermes sine causa timuissent, hos postea armatos, ac victores superassent. Denique hos esse Germanos, quibuscum saepenumero Helvetii congressi non solum in suis, sed etiam in illorum finibus plerunque superassent, qui tamen pares esse nostro exercitui non potuerint. Si quos adversum praelium et fuga Gallorum commoveret, hos, si quaererent, reperire posse, diuturnitate belli defatigatis Gallis, Ariovistum, cum multos menses castris, ac paludibus se continuisset, neque sui potestatem fecisset, desperantes jam de pugna et dispersos subito adortum, magis ratione ac consilio, quam virtute vicisse: cui rationi contra homines barbaros atque imperitos locus fuisset, hac ne ipsum quidem sperare nostros exercitus capi posse.

Qui suum timorem in rei frumentariae simulationem, angustiasque itinerum conferrent, facere arroganter, cum aut de officio Imperatoris desperare, aut ei praescribere viderentur: haec sibi esse curae; frumentum Sequanos, Leucos, Lingoneas subministrare, jamque esse in agris frumenta matura. De itinere ipsos brevi tempore judicaturos. Quod non fore dicto audientes, neque signa laturi dicantur, nihil se ea re commoveri: scire enim, quibuscunque exercitus dicto audiens non fuerit, aut, male re gesta, fortunam defuisse; aut aliquo facinore comperto, avaritiam esse convictam: suam innocentiam perpetua vita, felicitatem Helvetiorum bello esse prespectam. Itaque se, quod in longiorem diem collaturus esset, repraesentaturum, et proxima nocte de quarta vigilia castra morturum, ut quamprimum intelligere posset, utrum apud eos pudor atque officium, an timor plus valeret. Quod si praetere nemo sequatur, tamen se cum sola

decima legione iturum, de qua non dubitaret, sibique eam Praetoriam cohortem futuram.

EXEMPLO XIII.

L. I. C. XV. Art. II. §. 1.

Discurso de Fabio, por que dissuade a guerra na Africa. Em T. Liv. L. XXVIII. C. 40.

I. Scio multis vestrum videri, Patres conscripti, rem actam hodierno die agi, et frustra habiturum orationem, qui tamquam de integra re, de Africa provincia sententiam dixerit. Ego autem primum illud ignoro, quemadmodum jam certa provincia Africa consulis viri fortis ac strenui sit, quam nec senatus censuit in hunc annum provinciam esse, nec populus jussit. Deinde, si est, consulem peccare arbitror, qui, de re transacta simulando se referre, senatum ludibrio habet, non senatorem modo, qui, de quo consulitur, suo loco dicit sententiam.

Atque ego certum habeo, dissentienti mihi ab ista festinatione in Africam trajiciendi, duarum rerum subeundam opinionem esse; unius, insitae ingenio meo cunctationis, quam metum pigritiamque homines adolescentes sane appellent, dum ne poeniteat, adhuc aliorum speciosiora primo aspectu consilia semper visa, mea usu meliora; alterius, obtrectationis, atque invidiae adversus crescentem in dies gloriam fortissimi consulis. A qua suspicione si me neque vita acta et mores mei, neque dictatura cum quinque consulatibus, tantumque gloriae belli domique partae vindicat, ut propius fastidium ejus sim, quam desiderium; aetas saltem liberet. Quae enim mihi aemulatio cum eo esse potest, qui ne filio quidem meo aequalis sit? Me dictatorem, cum vigerem adhuc viribus et in cursu maximarum rerum essem, recusantem nemo aut in senatu, aut ad populam audivit, quominus insectanti me magistro

equitum, quod fando nunquam ante auditum erat, imperium mecum aequaretur. Rebus quam verbis assequi malui, ut qui aliorum judicio mihi comparatus erat, sua mox confessione, me sibi praeferret: ne dum ego, perfunctus honoribus, certamina mihi, atque aemulationes cum adolescente florentissimo proponam: videlicet ut mihi jam vivendo non solum rebus gerendis fesso, si huic negata fuerit, Africa provincia decernatur. Cum ea gloria, quae parta est, vivendum atque moriendum est. Vincere ego prohibui Annibalem, ut a vobis, quorum vigent nunc vires, etiam vinci posset.

II. Illud te mihi ignoscere, P. Corneli, aequum erit, si, cum in me ipso nunquam pluris famam hominum, quam Remp. fecerim; ne tuam quidem gloriam bono publico praeponam. Quanquam, si aut bellum nullum in Italia, aut is hostis esset, ex quo victo nihil gloriae quaereretur: qui te in Italia retineret, et si id bono publico faceret, simul cum bello materiam gloriae tuae isse ereptum videri posset. Cum vero Annibal hostis, incolumi exercitu, quartum decimum annum Italiam possideat, poenitebit te, P. Corneli, gloriae tuae, si hostem eum, qui tot funerum, tot cladium nobis causa fuit, ut consul Italia expuleris? et sicut penes C. Lutatium prioris Punici perpetrati belli titulus fuit, ita penes te hujus fuerit? Nisi aut Amilcar Annibali dux est praeferendus, aut illud bellum huic, aut victoria illa major clariorque, quam haec (modo contingat, ut, te consule, vincamus) futura est. Ab Drepano atque Eryce detraxisse Amilcarem, quam Italia expulisse Poenos atque Annibalem malis? Ne tu quidem, etsi magis partam, quam speratam gloriam amplecteris, Hispania potius, quam Italia bello liberata, gloriatus fueris. Nondum is est Annibal, quem non magis timuisse videatur, quam contempsisse, qui aliud bellum maluerit. Quin igitur ad hoc accingeris? nec per istos circuitus, ut cum in Africam trajeceris, secuturum te illuc Annibalem speres, potius, quam recto hinc itinere, ubi Annibal est, eo bellum intendis?

Egregiam istam palmam belli Punici patrati pe-

tis? Et natura prius est, tua cum defenderis, aliena ire oppugnatum. Pax ante in Italia, quam bellum in Africa sit, et nobis prius decedat timor, quam ultro aliis inferatur. Si utrumque tuo ductu, auspicioque fieri potest; Annibale hic victo, illic Carthaginem expugna: si alterutra victoria novis consulibus relinquenda est, prior cum maior, clariorque, tum causa etiam insequentis fuerit.

Nam nunc quidem, praeterquam quod in Italia et in Africa duos diversos exercitus alere aerarium non potest; praeterquam quod, unde classes tueamur, unde commeatibus praebendis sufficiamus, nihil reliqui est: periculi tandem quantum adeatur, quem fallit? P. Licinius in Italia, P. Scipio bellum in Africa geret. Quid si (quod omnes Dii omen avertant, et dicere etiam reformidat animus; sed quae acciderunt, accidere possunt) victor Annibal ire ad urbem pergat: tum demum te consulem ex Africa, sicut Q. Fulvium a Capua, arcessemus? Quid quod in Africa quoque Mars communis belli erit? Domus tibi tua, pater, patruusque intra xxx dies cum exercitibus caesi documento sint, ubi per aliquot annos, maximis rebus terra marique gerendis, amplissimum nomen apud exteras gentes populi Romani, vestraeque familiae fecerant. Dies me deficeret, si reges, imperatoresque temere in hostium terras transgressos cum maximis cladibus suis, exercituumque suorum enumerare velim. Athenienses, prudentissima civitas, bello domi relicto, auctore aeque impigro ac nobili juvene, magna classe in Siciliam transmissa, una pugna navali florentem Remp. suam in perpetuum afflixerunt. Externa, et nimis antiqua repeto. Africa eadem ista, et M. Atilius, insigne utriusque fortunae exemplum, nobis documento sint. Nae tibi, P. Corneli, cum ex alto Africam conspexeris, ludus, et jocus fuisse Hispaniae tuae videbuntur. Quid enim simile? pacato mari praeter oram Italiae Galliaeque vectus Emporias, in urbem sociorum classem appulisti: expositos milites per tutissima omnia ad socios et amicos populi Romani Tarraconem duxisti: ab Tarracone deinde iter per praesidia Romana; circa Iberum exercitus patris, pa-

truique tui post amissos imperatores ferociores calamitate ipsa facti: et dux tumultuarius quidem ille L. Marcius et militari suffragio ad tempus lectus, caeterum, si nobilitas ac justi honores adornarent, claris imperatoribus qualibet arte belli par: oppugnata per summum otium Carthago, nullo trium Punicorum exercituum socios defendente. Caetera, neque ea elevo, nullo tamen modo Africo bello comparanda: ubi non portus ullus classi nostrae pertus, non ager pacatus, non civitas socia, non rex amicus, non consistendi usquam locus, non procedendi. Quacumque circumspexeris, hostilia omnia atque infesta. An Syphaci, Numidisque credis? satis sit semel creditum. Non semper temeritas est felix, et fraus fidem in parvis sibi praestruit, ut, cum operae pretium sit, cum mercede magna fallat. Non hostes patrem patruumque tuum armis prius, quam Celtiberi socii fraude, circumvenerunt: nec tibi ipsi a Magone et Asdrubale hostium ducibus, quantum ab Indibili et Mandonio in fidem acceptis, periculi fuit. Numidis tu credere potes, defectionem militum tuorum expertus? Et Syphax et Masinissa se, quam Carthaginienses, malunt potentes in Africa esse: Carthaginiensis, quam quemquam alium. Nunc illos aemulatio inter sese et omnes causae certaminum acuunt, quia procul externus metus est. Ostende illis Romana arma, exercitum alienigenam: jam veluti ad cummune restinguendum incendium concurrent. Aliter iidem illi Carthaginienses Hispaniam defenderunt: aliter moenia patriae, templa Deûm, aras, et focos defendent, cum euntes in praelium pavida prosequeter conjux et parvi liberi occursabunt. Quid porro? Si satis confisi Carthaginienses consensu Africae, fide sociorum regum, moenibus suis, cum tuo exercitusque tui praesidio nudatam Italiam viderint, ipsi ultro novum exercitum in Italiam, aut ex Africa miserint; aut Magonem, quem, a Balearibus classe transmissa, jam praeter oram Ligurum Alpinorum vectari constat, Annibali se conjungere jusserint? Nempe in eodem terrore erimus, in quo nuper fuimus, cum Asdrubal in Italiam transcendit: quem tu, qui non solum Carthaginem, sed omnem

Africam exercitu tuo es clausurus, e manibus tuis in Italiam emisisti. Victum a te dices: Eo quidem minus vellem, et id tua, non Reip. solum causa, iter datum victo in Italiam esse. Patere nos omnia, quae prospera tibi ac Reip. in imperio evenere, tuo consilio assignare: adversa casibus incertis belli et fortunae delegare. Quo melior fortiorque es, eo magis talem praesidem sibi patria atque universa Italia retinet. Non potes ne ipse quidem dissimulare, ubi Annibal sit, ibi caput atque arcem hujus belli esse; quippe qui prae te feras eam tibi causam trajiciendi in Africam, esse, ut Annibalem eo trahas. Sive igitur hic, sive illic cum Annibale est tibi futura res. Utrum ergo tandem firmior eris in Africa solus, an hic tuo Collegaeque exercitu conjuncto? Ne Claudius quidem et Livius Consules tam recenti exemplo, quantum id intersit, documento sunt? Quid? Annibalem utrum tandem extremus angulus agri Brutii frustra jam diu poscentem ab domo auxilia, an propinqua Carthago, et tota socia Africa potentiorem armis virisque faciet? Quod isthuc consilium est, ibi malle decernere, ubi tuae dimidio minores copiae sint, hostium multo majores, quam ubi duobus exercitibus adversus unum tot praeliis, et tam diuturna ac gravi militiam fessum pugnandum sit?

III. Quam compar consilium tuum parentis tui consilio sit, reputa. Ille, Consul profectus in Hispaniam, ut Annibali ab Alpibus descendenti occurreret, in Italiam ex provincia rediit tu, cum Annibal in Italia sit, relinquere Italiam paras, non quia Reip. id utile, sed quia tibi amplum et gloriosum censes esse; sicut cum, provincia, et exercitu relicto, sine lege, sine S. C., duabus navibus Populi Romani Imperator fortunam publicam, et majestatem imperii, quae tum in tuo capite periclitabantur, commisisti. Ego P. Cornelium, P. C., Reip. nobisque, non sibi ipsi privatim creatum consulem existimo, exercitusque ad custodiam urbis atque Italiae scriptos esse, non quos, regio more per superbiam Consules, quo terrarum velint, trajiciant.

EXEMPLO XIV.

Ibid.

Discurso contrario de Scipião em T. Livio, Lib. XXVIII. c. 49.

I. ET ipse Q. Fabius principio orationis, P. C. ; commemoravit in sententia sua posse obtrectationem suspectam esse. Cujus ego rei non tam ipse ausim tantum virum insimulare, quam quod ea suspicio, vitio orationis, an rei, haud sane purgata est. Sic enim honores suos, et famam rerum gestarum extulit verbis ad extinguendum invidiae crimen, tanquam mihi, ab infimo quoque periculum sit, ne mecum aemuletur et non ab eo, qui, quia super caeteros excellat, quo me quoque niti non dissimulo, me sibi aequari nolit. Sic senem se perfunctum honoribus, et me infra aetatem filii etiam sui posuit, tanquam non longius, quam quantum vitae humanae spatium est, cupiditas gloriae extendatur, maximaque pars ejus in memoriam ac posteritatem promineat. Maximo cuique id accidere certum animo habeo, ut se non cum praesentibus modo, sed cum omnis aevi claris viris comparet. Equidem haud dissimulo me tuas, Q. Fabi, laudes non assequi solum velle, sed (bona venia tua dixerim) si possim, etiam exsuperare. Illud nec tibi in me, nec mihi in minores natu animi sit, ut nolimus quemquam nostri similem evadere civem. Id enim non eorum modo, quibus inviderimus, sed reipub. et pene omnis generis humani detrimentum sit.

II. Commemoravit quantum essem periculi aditurus, si in Africam trajicerem; ut meam quoque, non solum reipub. et exercitus vicem, videretur solicitus. Unde haec repente de me cura exorta? Cum pater, patruusque meus interfecti, cum duo exercitus eorum prope occidione occisi essent, cum amissae Hispaniae, cum quatuor exercitus Poenorum, quatuorque Duces omnia metu armisque tenerent: cum quaesitus ad id bellum imperator nemo se ostenderet,

praeter me; nemo profiteri nomen ausus esset: cum mihi quatuor et viginti annos nato detulisset imperium populus Romanus: quid ita tum nemo aetatem meam, vim hostium, difficultatem belli, patris patruique recentem cladem commemorabat? Utrum major aliqua nunc in Africa calamitas accepta est, quam tunc in Hispania erat. An majores nunc sunt exercitus in Africa, duces plures melioresque, quam tunc in Hispania fuerunt? An aetas mea tunc maturior bello gerendo fuit, quam nunc est? An cum Carthaginiensi hoste in Hispania, quam in Africa, bellum geri aptius est? Facile est post fusos fugatosque quatuor exercitus Punicos; post tot urbes vi captas, aut metu subactas in ditionem; post perdomita omnia usque ad Oceanum, tot regulos, tot saevas gentes; post receptam totam Hispaniam, ita ut vestigium nullum belli reliquum sit: elevare meas res gestas: tam hercule, quam si victor ex Africa redierim, ea ipsa elevare, quae nunc retinendi mei causa, ut terribilia eadem videantur, verbis extolluntur.

Negat aditum esse in Africam, negat ullos patere portus: M. Atilium captum in Africa commemorat; tanquam M. Atilius primo accessu ad Africam offenderit; neque recordatur illi ipsi tam infelici imperatori patuisse tamen portus Africae, et res egregias primo anno gessisse, et quantum ad Carthaginienses duces attinet, invictum ad ultimum permansisse. Nihil igitur me isto tu exemplo terrueris: si hoc bello, non priore; si nuper, et non annis ante XL ista clades accepta foret, qui ego minus in Africam, Regulo capto, quam, Scipionibus occisis, in Hispaniam trajicerem? Nec felicius Xanthippum Lacedaemonium Carthagini, quam me patriae meae sinerem natum esse: cresceretque mihi ex eo ipso fiducia, quod possit in hominis unius virtute tantum momenti esse. At etiam Athenienses audiendi sunt, temere in Siciliam, omisso domi bello, transgressi. Cur ergo, quoniam Graecas fabulas narrare vacat, non Agathoclem potius, Syracusanum regem, cum diu Sicilia Punico bello ureretur, transgressum in hanc eandem Africam, avertisse eo bellum, unde venerat, refers?

Sed quid ultro metum inferre hosti, et ab se remoto periculo, alium in discrimen adducere, quale sit, veteribus externisque exemplis admonere opus est? Maius praesentiusque ullum exemplum esse, quam Annibal, potest? Multum interest, alienos populere fines, an tuos uri, exscindique videas. Plus animi est inferenti periculum, quam propulsanti. Ad hoc maior ignotarum rerum est terror: bona, malaque hostium ex propinquo, ingressus fines, aspicias. Non speraverat Annibal fore, ut tot in Italia populi ad se deficerent, quot defecerunt post Cannensem cladem; quanto minus quidquam in Africa Carthaginiensibus firmum ac stabile sit, infidis sociis, gravibus ac superbis dominis? Ad hoc, nos, etiam deserti ab sociis, viribus nostris, milite Romano stetimus. Carthaginiensi nihil civilis roboris est: mercede paratos milites habent, Afros, Numidasque, levissima fidei mutandae ingenia. Hic modo nihil morae sit, una et trajecisse me audietis, et ardere bello Africam, et molientem hinc Annibalem, et obsideri Carthaginem: laetiores et frequentiores ex Africa expectate nuntios, quam ex Hispania accipiebatis. Has mihi spes subjicit fortuna Populi Romani, Dii foederis ab hoste violati testes, Syphax, et Masinissa Reges: quorum ego fidei ita innitar, ut bene tutus a perfidia sim. Multa, quae nunc ex intervallo non apparent, bellum aperiet. Et id est viri, et ducis non deesse fortunae praebenti se, et oblata casu flectere ad consilium. Habebo, Q. Fabi, parem, quem das, Annibalem: sed illum potius ego traham, quam ille me retineat. In sua terra cogam pugnare eum, et Carthago potius praemium victoriae erit, quam semiruta Bruttiorum castella. Ne quid interim, dum trajicio, dum expono exercitum in Africam, dum castra ad Carthaginem promoveo, Resp. hic detrimenti capiat, quod tu, Q. Fabi, cum victor tota Italia volitaret Annibal, potuisti praestare, hoc vide, ne contumeliosum sit, concusso jam et pene fracto Annibale, negare posse P. Licinium Consulem virum fortissimum praestare: qui, ne a sacris absit Pontifex maximus, ideo in sortem tam longinquae provinciae non venit.

Si, Hercule, nihilo maturius hoc, quo ego censeo, modo perficeretur bellum; tamen ad dignitatem Populi Romani, famamque apud reges gentesque externas pertinebat, non ad defendendam modo Italiam, sed ad inferenda etiam Africae arma, videri nobis animum esse: nec hoc credi, vulgarique, quod Annibal ausus sit, neminem ducem Romanorum audere: et priore Punico bello, tum cum de Sicilia decertaretur, toties Africam nostris exercitibus, et classibus oppugnatam, nunc, cum de Italia certetur, Africam pacatam esse. Requiescat aliquando vexata tam diu Italia; uratur, evasteturque in vicem Africa. Castra Romana potius Carthaginis portis immineant, quam nos iterum vallum hostium ex moenibus nostris videamus. Africa sit reliqui belli sedes: illuc terror, fugaque, populatio agrorum, defectio sociorum, ceterae belli clades, quae in nos per quatuordecim annos ingruerunt, vertantur.

III. Quae ad Remp. pertinent, et bellum quod instat, et provincias, de quibus agitur, dixisse satis est. Illa longa oratio, nec ad vos pertinens sit, si, quemadmodum Q. Fabius meas res gestas in Hispania elevavit, sic et ego contra gloriam ejus eludere, et meam verbis extollere velim. Neutrum faciam, P. C., et si ulla alia re, modestia certe, et temperando linguae, adolescens senem vicero. Ita et vixi, et res gessi, ut tacitus ea opinione, quam vestra sponte conceptam animis haberetis, facile contentus essem.

EXEMPLO XV.

L. I. C. XV. A. II. §. 1.

Discurso, por que Catilina persuade a conjuração. Em Sallust. Na Guerr. Catil. C. X.

I. Ni virtus, fidesque vestra satis spectata mihi foret, nequicquam opportuna res cecidisset; spes magna dominationis in manibus frustra fuisset: neque per ignaviam, aut vana ingenia, incerta pro certis captarem. Sed quia multis et magnis tempestatibus vos

cognovi fortis, fidosque mihi; eo animus ausus est maxumum atque pulcherrimum facinus incipere; simul, quia vobis eadem, quae mihi, bona malaque esse intellexi. Nam idem velle, atque idem nolle, ea demum firma amicitia est.

II. Sed ego quae mente agitavi, omnes jam antea diversi audistis. Caeterum mihi in dies magis animus accenditur, cum considero, quae conditio vitae futura sit, nisi nosmetipso vindicamus in libertatem. Nam postquam Resp. in paucorum potentium jus, atque ditionem concessit, semper illis reges, tetrarchae vectigales esse: populi, nationes stipendia pendere: ceteri omnes strenui, boni, nobiles, atque ignobiles, vulgus fuimus sine gratia, sine auctoritate, his obnoxii, quibus, si Resp. valeret, formidini essemus. Itaque omnis gratia, potentia, honos, divitiae, apud illos sunt, aut ubi illi volunt: nobis reliquerunt pericula, repulsas, judicia, egestatem. Quae quousque tandem patiemini, fortissimi viri? Nonne emori per virtutem praestat, quam vitam miseram atque inhonestam, ubi alienae superbiae ludibrio fueris, per dedecus amittere?

Verum enimvero, pro Deum atque hominum fidem! victoria in manu nobis est: viget aetas, animus valet. Contra illis, annis atque divitiis, omnia consenuerunt. Tantummodi incepto opus est: caetera res expediet.

Etenim quis mortalium, cui virile ingenium est, tolerare potest illis divitias superare, quas prefundant in exstruendo mari, et montibus coaequandis: nobis rem familiarem etiam ad necessaria deesse? Illos binas aut amplius domos continuare, nobis larem familiarem nusquam ullum esse? Cum tabulas, signa, toreumata emunt, nova diruunt, alia aedificant, postremo omnibus modis pecuniam trahunt, vexant; tamen summa lubidine divitias suas vincere nequeunt: At nobis est domi inopia, foris aes alienum, mala res, spes multo asperior. Denique quid reliqui habemus praeter miseram animam?

III. Quin igitur expergiscimini? En illa, illa, quam saepe optatis, libertas. Praeterea, divitiae, de-

cus, gloria in oculis sita sunt. Fortuna ea omnia victoribus praemia posuit. Res, tempus, pericula, egestas, belli spolia magnifica, magis, quam oratio mea, vos hortentur. Vel imperatore, vel milite me utemini. Neque animus, neque corpus a vobis aberit. Haec ipsa, ut spero, vobiscum unâ Consul agam; nisi forte me animus fallit, et vos servire magis, quam imperare, parati estis.

EXEMPLO XVI.

Ibid.

Discurso, por que Cesar em Salust. da Guerr. Cat. dissuade o matar os Conjurados.

I. OMnis homines, P. C., qui de rebus dubiis consultant, ab odio, amicitia, ira, atque misericordia vacuos esse decet. Haud facile animus verum providet, ubi illa officiunt; neque quisquam omnium lubidini simul et usui paruit. Ubi intenderis ingenium, valet, si lubido possidet, ea dominatur, animus nihil valet. Magna mihi copia est memorandi, P. C., qui reges, aut qui populi ira, aut misericordia impulsi male consuluerint: sed ea malo dicere, quae maiores nostri contra lubidinem animi sui, recte atque ordine fecere. Bello Macedonico, quod cum Rege Perse gessimus, Rhodiorum civitas, magna atque magnifica, quae Populi R. opibus creverat, infida atque advorsa nobis fuit. Sed postquam, bello confecto, de Rhodiis consultum est, majores nostri, ne quis divitiarum magis, quam injuriae bellum inceptum diceret, impunitos eos dimisere. Item bellis Punicis omnibus, cum saepe Carthaginienses, et in pace, et per inducias multa nefanda facinora fecissent, nunquam ipsi per occasionem talia fecere: magis, quod se dignum foret, quam quod in illos jure fieri posset, quaerebant. Hoc item vobis providendum est, P. C., ne plus valeat apud vos P. Lentuli et ceterorum scelus, quam vestra dignitas, neu magis irae vestrae, quam

famae consulatis. Nam si digna poena pro factis eorum reperitur, novum consilium approbo: sin magnitudo sceleris omnium ingenia exsuperat, iis utendum censeo, quae legibus comparata sunt.

II. Plerique eorum, qui ante me sententias dixerunt, composite atque magnifice casum Reip. miserati sunt; quae belli saevitia esset; quae victis acciderent, enumeravere; rapi virgines, pueros; divelli liberos a parentum complexu; matres familiarum pati, quae victoribus collibuissent; fana, atque domos expoliari; caedem, incendia fieri; postremo armis, cadaveribus, cruore, atque luctu omnia compleri. Sed, per Deos immortalis, quo illa oratio pertinuit? An, uti vos infestos conjurationi faceret? Scilicet, quem res tanta, atque tam atrox non permovit, eum oratio accendet. Non ita est: neque cuiquam mortalium injuriae suae parvae videntur: multi eas gravius aequo habuere. Sed alia aliis licentia est, P. C.: Qui demissi in obscuro vitam agunt, si quid iracundia deliquere, pauci sciunt; fama atque fortuna eorum pares sunt: Qui magno imperio praediti in excelso aetatem agunt, eorum facta cuncti mortales novere. Ita in maxuma fortuna, minuma licentia est. Neque studere, neque odisse, sed minume irasci decet. Quae apud alios iracundia dicitur, ea in imperio superbia atque crudelitas appellatur. Equidem ego sic existumo, P. C., omnis cruciatus minores, quam facinora illorum, esse. Sed plerique mortales postrema meminere; et in hominibus impiis, sceleris eorum obliti, de poena disserunt, si ea paullo severior fuerit.

D. Silanum, virum fortem, atque strenuum certe scio, quae dixerit, studio Reip. dixisse, neque illum tanta re gratiam, aut inimicitias exercere: eos mores, eamque modestiam viri cognovi. Verum sententia ejus mihi, non crudelis, (quid enim in talis homines crudele fieri potest?) sed aliena a Rep. nostra videtur. Nam profecto, aut metus, aut injuria te subegit, Silane, Consulem designatum, genus poenae novum decernere. De timore supervacaneum est disserere, cum praesenti diligentia Clarissimi viri Consulis tanta praesidia sint in armis. De poena possum equidem di-

cere id, quod res habet; in luctu atque miseriis mortem aerumnarum requiem, non cruciatum esse; eam cuncta mortalium mala dissolvere; ultra neque curae; neque gaudio locum esse. Sed, per Deos immortalis, quamobrem in sententiam non addidisti, uti prius verberibus in eos animadverteretur? An, quia lex Porcia vetat? At aliae leges item condemnatis civibus, non animam eripi, sed exsilium permitti jubent. An, quia gravius est verberari, quam necari? Quid autem acerbum, aut nimis grave est in homines tanti facinoris convictos? Sin, quia levius est: qui convenit in minore negotio legem observare, cum eam in maiore neglexeris?

At enim quis reprehendat, quod in parricidas Reip. decretum erit? Tempus, dies, fortuna, cujus lubido gentibus moderatur. Illis merito accidet, quidquid evenerit. Caeterum vos, P. C., quid in alios statuatis, considerate. Omnia mala exempla ex bonis initiis orta sunt: sed ubi imperium ad ignaros, aut minus bonos pervenit, novum illud exemplum ab dignis et idoneis, ad indignos, et non idoneos transfertur. Lacedaemonii, devictis Atheniensibus, triginta viros imposuere, qui Remp. tractarent. Hi primo coepere pessumum quemque et omnibus invisum indemnatum necare. Eo populus laetari, et merito dicere fieri. Post ubi paulatim licencia crevit, juxta bonos et malos lubidinose interficere, caeteros metu terrere. Ita Civitas servitute oppressa stultae laetitiae gravis poenas dedit. Nostra memoria victor Sulla cum Damasippum, et alios hujusmodi, qui malo Reip. creverant, jugulari jussit, quis non factum ejus laudabat? Homines scelestos et factiosos, qui seditionibus Remp. exagitaverant, merito necatos aiebat. Sed ea res magnae initium cladis fuit. Namque, uti quisque domum, aut villam, postremo aut vas, aut vestimentum alicujus concupiverat, dabat operam, ut is in proscriptorum numero esset. Ita illi, quibus Damasippi mors laetitiae fuerat, paulo post ipsi trahebantur, neque prius finis jugulandi fuit, quam Sulla omnis suos divitiis explevit. Atque ego hoc non in M. Tullio, neque his temporibus vereor. Sed in magna Civitate multa et varia ingenia sunt. Potest alio tempore, alio consule,

cui item exercitus in manu sit, falsum aliquid pro vero credi. Ubi hoc exemplo, per Senatus decretum, consul gladium eduxerit, quis illi finem statuet, aut quis moderabitur?

Majores nostri, P. C., neque consilii, neque audaciae unquam eguere: neque superbia obstabat, quominus instituta aliena, si modo proba erant, imitarentur. Arma atque tela militaria ab Samnitibus, insignia magistratuum ab Thuscis pleraque sumserunt: postremo quod ubique apud socios et hostes idoneum videbatur, cum summo studio domi exsequebantur: imitari, quam invidere bonis, malebant. Sed eodem illo tempore Graeciae morem imitati, verberibus animadvertebant in civis, de condemnatis summum supplicium sumebant. Postquam Resp. adolevit, et multitudine civium factiones valuere, circumveniri innocentes, alia hujuscemodi fieri coepere: tunc lex Porcia, aliaeque leges paratae sunt, quibus legibus exsilium damnatis permissum est. Hanc ego causam, P. C., quominus consilium novum capiamus, in primis magnam puto. Profecto virtus atque sapientia maior in illis fuit, qui ex parvis opibus tantum imperium fecere, quam in nobis, qui ea bene parta vix retinemus.

III. Placet igitur eos dimitti et augeri exercitum Catilinae? Minume. Sed ita censeo: publicandas eorum pecunias: ipsos in vinculis habendos per Municipia, quae maxume opibus valent: neu quis de his postea ad Senatum referat, neve cum populo agat: qui aliter fecerit, Senatum existumare eum contra Remp. et salutem omnium facturum.

EXEMPLO XVII.

Ibid.

Discurso contrario de Catão sobre o mesmo ponto. Ibid.

I. LOnge mihi alia mens est, P. C, cum res atque pericula nostra considero, et cum sententias nonnullorum mecum ipse reputo. Illi mihi disseruisse

videntur de poena eorum, qui patriae, parentibus, aris, atque focis suis bellum paravere. Res autem monet cavere ab illis magis, quam quid in illos statuamus, consultare. Nam cetera maleficia tum persequare, ubi facta sunt: hoc nisi provideris, ne accidat; ubi evenit, frustra judicia implores. Capta urbe, nihil fit reliqui victis. Sed, per Deos immortalis, vos ego appello, qui semper domos, villas, signa, tabulas vestras pluris, quam Remp. fecistis: Si ista, cujuscumque modi sint, quae amplexamini, retinere, si voluptatibus vestris otium praebere vultis, expergiscimini aliquando, et capessite Remp. Non agitur de vectigalibus, non de sociorum injuriis. Libertas et anima nostra in dubio est.

Saepenumero, P. C., multa verba in hoc ordine feci: saepe de Luxuria atque avaritia nostrorum civium questus sum; multosque mortalis ea causa advorsos habeo; Qui mihi atque animo meo nullius unquam delicti gratiam fecissem, haud facile alterius lubidini male facta condonabam. Sed ea, tametsi vos parvi pendebatis, tamen Resp. firma erat: opulentia negligentiam tolerabat. Nunc vero non id agitur, bonisne an malis moribus vivamus, neque quantum, aut quam magnificum imperium Populi R. sit; sed haec, cujuscumque modi videntur, nostra, an nobiscum una hostium futura sint. Hic mihi quisquam mansuetudinem et misericordiam nominat? Jam pridem equidem nos vera rerum vocabula amisimus. Quia bona aliena largiri *Liberalitas*, malarum rerum audacia *Fortitudo* vocatur; eo Resp. in extremo sita est. Sint sane, quoniam ita se mores habent, liberales ex sociorum fortunis, sint misericordes in furibus aerarii: Ne illi sanguinem nostrum largiantur, et dum paucis sceleratis parcunt, bonos omnis perditum eant.

II. Bene et composite C. Caesar paullo ante in hoc ordine de vita et morte disseruit, credo falsa existumans ea, quae de inferis memorantur, diverso itinere malos a bonis loca tetra, inculta, foeda, atque formidolosa habere. Itaque censuit, pecunias eorum publicandas, ipsos per municipia in custodiis habendos videlicet, ne, si Romae sint, aut a popularibus con-

jurationis, aut a multitudine conducta per vim eripiantur. Quasi vero mali, atque scelesti tantummodo in urbe, et non totam Italiam sint, aut non per ibi plus possit audacia, ubi ad defendendum opes minores sunt. Quare vanum equidem hoc consilium est, si periculum ex illis metuit; sin in tanto omnium metu solus non timet, eo magis refert me mihi, atque vobis timere. Quare cum de P. Lentulo caeterisque statuetis, pro certo habetote, vos simul de exercitu Catilinae et de omnibus conjuratis decernere. Quanto vos attentius ea agetis, tanto illis animus infirmior erit: Si paululum modo vos languere viderint, jam omnes feroces aderunt. Nolite existumare majores nostros armis Remp. ex parva magnam fecisse. Si ita res esset, multo pulcherrimam eam nos haberemus. Quippe sociorum atque civium, praeterea armorum atque equorum major copia nobis, quam illis, est. Sed alia fuere, quae illos magnos fecere; quae nobis nulla sunt: domi industria, foris justum imperium, animus in consulendo liber, neque delicto, neque lubidini obnoxius. Pro his nos habemus luxuriam, atque avaritiam; publice egestatem, privatim opulentiam: laudamus divitias, sequimur inertiam: Inter bonos et malos discrimen nullum: omnia virtutis praemia ambitio possidet. Neque mirum. Ubi vos separatim sibi quisque consilium capitis, ubi domi voluptatibus, hic pecuniae, aut gratiae servitis; eo fit, ut impetus fiat in vacuam Remp.

Sed ego haec omitto. Conjuravere Cives nobilissimi patriam incendere; Gallorum gentem infestissimam nomini Romano ad bellum arcessunt; dux hostium cum exercitu supra caput est. Vos cunctamini etiam nunc et dubitatis, quid intra moenia, deprehensis hostibus, faciatis? Misereamini, censeo: Deliquere homines adolescentuli per ambitionem, atque etiam armatos dimittatis. Nae ista vobis mansuetudo et misericordia, si illi arma ceperint, in miseriam vertet. Scilicet res ipsa aspera est, sed vos non timetis eam. Imo vero maxume; sed inertia et mollitia animi, alius alium expectantes cunctamini, videlicet Diis immortalibus confisi, qui hanc Remp. in

maxumis saepe periculis servavere. Non votis, neque suppliciis muliebribus auxilia Deorum parantur; vigilando, agendo bene consulendo, prospere omnia cedunt. Ubi socordiae tete atque ignaviae tradideris, nequicquam Deos implores. Irati, infestique sunt.

Apud majores nostros, A. Manlius Torquatus, bello Gallico, filium suum, quod is contra imperium in hostem pugnaverat, necari jussit. Atque ille egregius adolescens immoderatae fortitudinis morte poenas dedit. Vos de crudelissimis parricidiis quid statuatis cunctamini? Videlicet vita caetera eorum huic sceleri obstat. Verum parcite dignitati Lentuli, si ipse pudicitiae, si famae suae, si Diis, aut hominibus unquam ullis pepercit. Ignoscite Cethegi adolescentiae, nisi iterum jam patriae bellum fecit. Nam quid ego de Gabinio, Statilio, Cepario loquar? quibus, si quidquam pensi unquam fuisset, non ea consilia de Rep. habuissent. Postremo, P. C., si mehercule peccato locus esset, facile paterer vos ipsa re corrigi, quoniam verba contemnitis. Sed undique circumventi summus: Catilina cum exercitu faucibus urget: alii intra moenia, atque in sinu urbis sunt hostes: Neque parari, neque consuli quidquam occulte potest. Quo magis properandum est.

III. Quare ita ego censeo. Cum nefario consilio sceleratorum Civium Resp. in maxima pericula venerit, hique indicio T. Vulturii et legatorum Allobrogum convicti, confessique sint, caedem, incendia, aliaque foeda atque crudelia facinora in civis, patriamque paravisse: de confessis, sicuti de manifestis rerum capitalium, more majorum supplicium sumendum.

EXEMPLO XVIII.

L. II. C. I. A. I. §. I. n. 5.

Exordio da Oração de Cicero pro Milone.

I. Et si vereor, Judices, ne turpe sit pro fortissimo viro dicere incipientem timere; minimeque

deceat, cum T. Annius Milo ipse magis de Reip. salute, quam de sua, perturbetur, me ad ejus causam parem animi magnitudinem afferre non posse: tamen haec novi judicii nova forma terret oculos, qui, quocumque inciderint, veterem consuetudinem fori, et pristinum morem judiciorum requirunt. Non enim corona consessus vester cinctus est, ut solebat: non usitata frequentia stipati sumus. Nam illa praesidia, quae pro templis omnibus cernitis, etsi contra vim collocata sunt, non afferunt tamen oratori aliquid, ut in foro et in judicio, quamquam praesidiis salutaribus et necessariis septi sumus, tamen ne non timere quidem sine aliquo timore possimus. Quae si opposita Miloni putarem, cederem tempori, Judices, neque inter tantam vim armorum existimarem oratori locum esse. Sed me recreat, et reficit Cn. Pompeii, sapientissimi, et justissimi viri consilium; qui profecto, nec justitiae putaret esse, quem reum sententiis judicum tradidisset; eundem telis militum dedere; nec sapientiae, temeritatem concitatae multitudinis auctoritate publica armare.

Quamobrem illa arma, centuriones, cohortes non periculum nobis, sed praesidium denunciant: neque solum ut quieto, sed etiam ut magno animo simus, hortantur: neque auxilium modo defensioni meae, verum etiam silentium pollicentur. Reliqua vero multitudo, quae quidem est Civium, tota nostra est: neque eorum quisquam, quos undique intuentes ex hoc ipso loco cernitis, unde aliqua pars fori adspici potest, et hujus exitum judicii expectantes, non, cum virtuti Milonis favet, tum de se, de liberis suis, de patria, de fortunis hodierno die decertari putat.

II. Unum genus est adversum, infestumque nobis, eorum, quos P. Clodii furor rapinis, et incendiis, et omnibus exitiis publicis pavit: qui hesterna etiam concione incitati sunt, ut vobis voce praeirent, quid judicaretis. Quorum clamor si quis forte fuerit, admonere vos debebit, ut eum civem retineatis, qui semper genus illud hominum clamoresque maximos pro vestra salute neglexit. Quamobrem adeste

animis, Judices, et timorem, si quem habetis, deponite. Nam, si unquam de bonis et fortibus viris; si unquam de bene meritis civibus potestas vobis judicandi fuit; si denique unquam locus amplissimorum ordinum delectis viris datus est, ubi sua studia erga fortes et bonos cives, quae vultu, et verbis saepe significassent, re et sententiis declararent: hoc profecto tempore eam potestatem omnem vos habetis, ut statuatis, utrum nos, qui semper vestrae auctoritati dediti fuimus, semper miseri lugeamus; an diu vexati a perditissimis civibus aliquando per vos ac vestram fidem, virtutem, sapientiamque recreemur.

Quid enim nobis duobus, Judices, laboriosius? quid magis solicitum, magis exercitum dici aut fingi potest, qui spe amplissimorum praemiorum ad Remp. aducti, metu crudelissimorum suppliciorum carere non possumus? Equidem caeteras tempestates, et procellas in illis dumtaxat fluctibus concionum semper putavi Miloni esse subeundas, quod semper pro bonis contra improbos senserat: in judicio vero et in eo consilio, in quo ex cunctis ordinibus amplissimi viri judicarent, nunquam existimavi spem ullam esse habituros Milonis inimicos ad ejus non salutem modo extinguendam, sed etiam gloriam per tales viros infringendam.

Quamquam in hac causa, Judices, T. Annii tribunatu, rebusque omnibus pro salute Reip. gestis, ad hujus criminis defensionem non abutemur, nisi oculis videritis insidias Miloni a Clodio factas: nec deprecaturi sumus, ut crimen hoc nobis multa propter praeclara in Remp. merita condonetis: nec postulaturi, ut, si mors P. Clodii salus vestra fuerit, idcirco eam virtuti Milonis potius, quam populi Romani felicitati assignetis. Sed si illius insidiae clariores hac luce fuerint: tum denique obsecrabo, obtestaborque vos, Judices, si caetera amisimus, hoc saltem nobis, ut relinquatur, ab inimicorum audacia, telisque, vitam ut impune liceat defendere.

EXEMPLO XIX.

Ibid. §. III.

Exordio da Oração de Cic. pro Coelio.

SI quis, Judices, forte nunc adsit, ignarus legum, judiciorum consuetudinis nostrae: miretur profecto, quae sit tanta atrocitas hujus causae, quod diebus festis, ludisque publicis, omnibus negotiis forensibus intermissis, unum hoc judicium exerceatur; nec dubitet, quin tanti facinoris reus arguatur, ut, eo neglecto, civitas stare non possit. Idem cum audiat esse legem, quae de seditiosis consceleratisque civibus, qui armati Senatum obsederint, magistratibus vim attulerint, Remp. oppugnarint, quotidie quaeri jubeat: legem non improbet, crimen, quod versetur in judicio, requirat. Cum audiat nullum facinus, nullam audaciam, nullam vim in judicium vocari; sed adolescentem illustri ingenio, industria, gratia, accusari ab ejus filio, quem ipse in judicium et vocet et vocarit; oppugnari autem opibus meretriciis: Atratini illius pietatem non reprehendat; muliebrem libidinem comprimendam putet; vos laboriosos existimet, quibus otiosis, ne in communi quidem otio liceat esse.

Etenim, si attendere diligenter, existimare vere de omni hac causa volueritis, sic constituetis, Judices, nec descensurum quemquam ad hanc accusationem fuisse, cui utrum vellet, liceret: nec, cum descendisset, quidquam habiturum spei fuisse, nisi alicujus intolerabili libidine, et nimis acerbo odio niteretur. Sed ego Atratino, humanissimo atque optimo adolescenti, meo necessario, ignosco, qui habet excusationem vel pietatis, vel necessitatis, vel aetatis. Si voluit accusare, pietati tribuo; si jussus est, necessitati; si speravit aliquid, pueritiae. Caeteris non modo nihil ignoscendum, sed etiam acriter est resistendum. Ac mihi quidem videtur, Judices, hic introitus defensionis adolescentiae M. Coelii maxime

convenire, ut ad ea, quae accusatores, deformandi hujus causa, detrahendae spoliandaeque dignitatis gratia dixerunt, primum respondeam.

EXEMPLO XX.

Ibid.

Exordio da Oração de Cic. pro Dejotaro *Cap. I.*

I. Cum in omnibus causis gravioribus, C. Caesar, initio dicendi commoveri soleam vehementius, quam videtur vel usus, vel aetas mea postulare: tum in hac causa ita me multa perturbant; ut, quantum mea fides studii mihi afferat ad salutem Regis Dejotari defendendam; tantum facultatis timor detrahat. Primum dico pro capite, fortunisque Regis; quod ipsum et si non iniquum est, in tuo dumtaxat periculo; tamen est ita inusitatum, Regem capitis reum esse, ut ante hoc tempus non sit auditum.

Deinde eum Regem, quem ornare antea cuncto cum senatu solebam, pro perpetuis ejus in nostram Remp. meritis; nunc contra atrocissimum crimen cogor defendere.

Accedit, ut accusatorum, alterius crudelitate, alterius indignitate conturber. Crudelis Castor est, ne dicam sceleratum et impium, qui nepos avum in discrimen capitis adduxerit; adolescentiaeque suae terrorem intulerit ei, cujus senectutem tueri et tegere debebat; commendationemque ineuntis aetatis ab impietate, et scelere duxerit; avi servum, corruptum praemiis, ad accusandum dominum impulerit, et a legatorum pedibus abduxerit. Fugitivi autem dominum accusantis, et dominium absentem, et dominum amicissimum nostrae Reip. cum os videbam; cum verba audiebam; non tam afflictam regiam conditionem dolebam, quam de fortunis communibus extimescebam. Nam cum more majorum de servo in dominum, ne tormentis quidem, quaeri liceat, in qua quaestione dolor veram vocem elicere possit etiam

ab invito: exortus est servus, qui quem in eculeò appellare non posset, eum accuset solutus.

II. Perturbat me, C. Caesar, etiam illud interdum, quod tamen, cum te penitus recognovi, timere desino. Re enim iniquum est, sed tua sapientia fit aequissimum. Nam dicere apud eum de facinore, contra cujus vitam consilium facinoris inisse arguare, si per se ipsum consideres, grave est. Nemo enim fere est, qui sui periculi judex, non sibi se aequiorem, quam reo, praebeat. Sed tua, C. Caesar, praestans, singularisque natura hunc mihi metum minuit. Non enim tam timeo quid tu de Rege Dejotaro, quam intelligo, quid de te caeteros velis judicare.

Movet etiam loci ipsius insolentia, quod tantam causam, quanta nulla unquam in disceptatione versata est, dico intra domesticos parietes; dico extra conventum, et eam frequentiam, in qua oratorum studia niti solent; in tuis oculis, in tuo ore vultuque acquiesco; te unum intueor; ad te unum omnis mea spectat oratio: quae mihi ad spem obtinendae veritatis gravissima sunt, ad motum animi et ad omnem impetum dicendi contentionemque leviora. Hanc enim, C. Caesar, causam, si in foro dicerem, eodem audiente et disceptante te; quantam mihi alacritatem populi Romani concursus afferret? Quis enim civis ei regi non faveret, cujus omnem aetatem in populi Romani bellis consumptam esse meminisset? spectarem curiam, intuerer forum, coelum denique testarer ipsum. Sic, cum et Deorum immortalium, et populi Romani, et Senatus beneficia in Regem Dejotarum recordarer, nullo modo mihi deesse posset oratio. Quae, quoniam angustiora parietes faciunt, actioque causae maxime debilitatur loco: tuum est, Caesar, qui pro multis saepe dixisti, quid nunc mihi animi sit, ad te ipsum referre; quo facilius, tum aequitas tua tum audiendi diligentia minuat hanc perturbationem meam.

EXEMPLO XXI.

Ibid.

Exordio da Oração de Cic. in Verrem, Act. I. Cap. I.

QUod erat optandum maxime, Judices, et quod unum ad invidiam vestri ordinis, infamiamque judiciorum sedandam maxime pertinebat; id non humano consilio, sed prope divinitus oblatum vobis summo reip. tempore videtur. Inveteravit enim jam opinio perniciosa Reip., vobisque periculosa; quae non modo Romae, sed et apud exteras nationes omnium sermone percrebruit; his judiciis, quae nunc sint, pecuniosum hominem, quamvis sit nocens, neminem posse damnari.

Nunc in ipso discrimine ordinis judiciorumque vestrorum, cum sint parati, qui concionibus, et legibus hanc invidiam Senatus inflammare conentur; reus in judicium adductus est C. Verres, homo vita atque factis omnium jam opinione damnatus; pecuniae magnitudine, sua spe, et praedicatione absolutus. Huic ego causae, Judices, cum summa voluntate et expectatione populi Romani actor accessi, non ut augerem invidiam ordinis, sed ut infamiae communi succurrerem. Adduxi enim hominem, in quo reconciliare existimationem judiciorum amissam, redire in gratiam cum populo Romano, satisfacere exteris nationibus possetis; depeculatorem aerarii, vexatorem Asiae, atque Pamphyliae, praedonem juris urbani, labem atque perniciem provinciae Siciliae. De quo, si vos severe, religioseque judicaveritis, auctoritas ea, quae in vobis remanere debet, haerebit. Sin istius ingentes divitiae judiciorum religionem, veritatemque perfregerint: ego hoc tamen assequar, ut judicium potius Reip., quam, aut reus judicibus, aut accusator reo defuisse videatur.

EXEMPLO XXII.

Ibid. §. IV.

Exordio da oração de Demosth. da Coroa no princ.

ΠΡΩΤΟΝ μὲν, ὦ ἄνδρες ἀθηναῖοι, τοῖς θεοῖς εὔχομαι πᾶσι καὶ πάσαις, ὅσην εὔνοιαν ἔχων ἐγὼ διατελῶ τῇ τε πολει καὶ πᾶσιν ὑμῖν, τοσαύτην ὑπάρξαι μοι παρ' ὑμῶν εἰς τουτονὶ τὸν ἀγῶνα· ἔπειθ', ὅπέρ ἐστι μάλισθ' ὑπὲρ ὑμῶν, καὶ τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας τε καὶ δόξης, τοῦτο παραστῆσαι τοὺς θεοὺς ὑμῖν, μὴ τὸν ἀντίδικον σύμβουλον ποιήσασθαι περὶ τοῦ, πῶς ἀκούειν ὑμᾶς ἐμοῦ δεῖ· σχέτλιον γὰρ ἂν εἴη τοῦτό γε· ἀλλὰ τοὺς νόμους καὶ τὸν ὅρκον, ἐν ᾧ πρὸς ἅπασι τοῖς ἄλλοις δικαίοις καὶ τοῦτο γέγραπται, τὸ ὁμοίως ἀμφοῖν ακροᾶσθαι· τοῦτο δ' ἐστὶν, οὐ μόνον τὸ μὴ προκατεγνωκέναι μηδὲν, οὐδὲ τὸ τὴν εὔνοιαν ἴσην ἀμφοτέροις ἀποδοῦναι, ἀλλὰ καὶ τὸ τῇ τάξει και τῇ ἀπολογίᾳ, ὡς βεβούληται καὶ προῄρηται τῶν ἀγωνιζομένων ἕκαστος, οὕτως ἐᾶσαι χρήσασθαι.

Πολλὰ μὲν οὖν ἔγωγ' ἐλαττοῦμαι κατὰ τουτονὶ τὸν ἀγῶνα, Αἰσχίνου δύο δ', ὦ ἄνδρες ἀθηναῖοι, καὶ μεγάλα· ἓν μὲν, ὅτι οὐ περὶ τῶν ἴσων ἀγωνίζομαι· οὐ γὰρ ἐστιν ἴσον νῦν ἐμοὶ, τῆς παρ' ὑμῶν εὐνοίας διαμαρτεῖν, καὶ τούτῳ, μὴ ἑλεῖν τὴν γραφήν. ἀλλ' ἐμοὶ μὲν... οὐ βούλομαι δὲ δυσχερὲς εἰπεῖν οὐδὲν ἀρχόμενος τοῦ λόγου. οὗτος δ' ἐκ περιουσίας μου κατηγορεῖ. ἕτερον δ', ἃ φύσει πᾶσιν ἀνθρώποις ὑπάρχει, τῶν μὲν λοιδοριῶν καὶ τῶν κατηγοριῶν ἀκούειν ἡδέως· τοῖς ἐπαινοῦσι δ' αὑτοὺς ἄχθεσθαι· τούτων τοίνυν, ὃ μέν ἐστι πρὸς ἡδονὴν, τουτῳ δέδοται· ὃ δέ πᾶσιν, ὡς ἔπος εἰπεῖν, ἐνοχλεῖ, λοιπον ἐμοι· κἂν μὲν εὐλαβούμενος τοῦτο, μὴ λέγω τὰ πεπραγμένα ἐμαυτῷ, οὐκ ἔχειν ἀπολύσασθαι

τὰ κατηγορημένα δόξω οὐδ' ἐφ' οἷς ἀξιῶ τιμᾶσθαι, δεικνύναι, ἂν δ' ἐφ' ἃ καὶ πεποίηκα καὶ πεπολίτευμαι, βαδίζω, πολλάκις λέγειν ἀναγκασθήσομαι περὶ ἐμαυτοῦ. πειράσομαι μὲς οὖν ὡς μετριώτατα τοῦτο ποιεῖν· ὅ, τι δ' ἂν τὸ πρᾶγμα αὐτὸ ἀναγκάζῃ, τούτου τὴν αἰτίαν οὗτος ἐςι δίκαιος ἔχειν, ὁ τοιοῦτον ἀγῶνα ἐνςησάμενος· οἶμαι δ' ὑμᾶς, ὦ ἄνδρες δικαςαὶ, πάντας ἂν ὁμολογῆσαι κοινὸν εἶναι τουτονὶ τὸν ἀγῶνα ἐμοί τε, καὶ Κτησιφῶντι· καὶ οὐδὲν ἐλάττονος ἄξιον σπουδῆς ἐμοί· πάντων μὲν γὰρ ἀποςερεῖσθαι λυπηρόν ἐςι, καὶ χαλεπόν, ἄλλως τε, κἂν ὑπ' ἐχθροῦ τῳ τοῦτο συμβαίνῃ· μάλιςα δὲ τῆς παρ' ὑμῶν εὐνοίας τε καὶ φιλανθρωπίας, ὅσῳ περ καὶ τὸ τυχεῖν τούτων μεγιςόν ἐςι.

Περὶ τούτων δ' ὄντος τουτουΐ τοῦ ἀγῶνος, ἀξιῶ καὶ δέομαι πάντων ὁμοίως ὑμῶν, ἀκοῦσαί μου περὶ τῶν κατηγορημένων ἀπολογουμένου δικαίως, ὥσπερ οἱ νόμοι κελεύουσιν· οὓς ὁ τιθεὶς ἐξαρχῆς Σόλων, εὔνους ὢν ὑμῖν καὶ δημοτικός, ὀυ μόνον τῷ γράψαι κυρίους ᾤετο δεῖν εἶναι, ἀλλὰ καὶ τῷ τοὺς δικάζοντας ὑμᾶς ὀμωμοκέναι. οὐκ ἀπιςῶν ὑμῖν, ὥς γε μοί φαίνεται, ἀλλ' ὁρῶν, ὅτι τὰς αἰτίας καὶ τὰς διαβολὰς, αἷς ἐκ τοῦ πρότερος λέγειν ὁ διώκων ἰσχύει, οὐκ ἔνι τῷ φεύγοντι παρελθεῖν, εἰ μὴ τῶν δικαζόντων ἕκαςος ὑμῶν, τὴν πρὸς τοὺς θεοὺς εὐσέβειαν διαφυλάττων, καὶ τὰ τοῦ ὑςέρου λέγοντος δίκαια εὐνοϊκῶς προσδέξεται, καὶ παρασχὼν ἑαυτὸν ἴσον καὶ κοινόν ἀμφοτεροις ἀκροατὴν, οὕτω τήν διάγνωσιν ποιήσεται περὶ πάντων·

Μέλλων δὲ τοῦ τε ἰδίου βίου παντος, ὡς ἔοικε, λόγον διδόναι τήμερον, καὶ τῶν κοινῇ πεπολιτευμένον, βούλομαι, καθάπερ ἐν αρχῇ, πάλιν τοὺς θεὸυς παρακαλέσαι, καὶ ἐναντίον ὑμῶν εὔχομαι· πρῶτον μὲν, ὅσην εὔνοιαν ἔχων ἐγὼ διατελῶ τῇ τε πόλει καὶ πᾶσιν ὑμῖν, τοσαύτην ὑπάρξαι μοι παρ' ὑμῶν εἰς τουτονὶ τὸν ἀγῶνα· ἔπειθ' ὅ, τι μέλλει συνοίσειν καὶ πρὸς εὐδοξίαν κοινῇ, καὶ πρὸς

ἐυσέβειαν ἑκάστῳ, τῦτο παραστῆσαι τοὺς θεοὺς πᾶσιν ὑμῖν περὶ ταυτησὶ τῆς Γραφῆς γνῶναί. εἰ μὲν οὖν περὶ ὧν ἐδίωκε μόνον κατεγόρησεν Αισχίνης, κἀγὼ περὶ αὐτοῦ τοῦ προβουλεύματος ἐυθὺς ἂν απελογούμην. ἐπειδὴ δ' οὐκ ἐλάττω λόγον, τἄλλα διεξιὼν, ἀνάλωκε, καὶ τὰ πλεῖστα κατεψεύσατό μου, ἀναγκαῖον εἶναι νομίζω καὶ δίκαιον ἅμα βραχέα, ὦ ἄνδρες ἀθηναῖοι, περὶ τούτων πρῶτον εἰπεῖν, ἵνα μηδείς ὑμῶν τοῖς ἔξωθεν λόγοις ἠγμένος, ἀλλοτριώτερον τῶν ὑπὲρ τῆς γραφῆς δικαίων ἀκούῃ μου.

EXEMPLO XXIII.

Ibid. Art. II. §. II.

Proposição da Iliada de Homer. L. I. v. 1. e seg.

ΜΗΝΙΝ ἄειδε, Θεὰ, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
Ὀυλομένην, ἣ μυρί' Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε·
Πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς ἄϊδι προΐαψεν
Ἡρώων, αὐτοὺς δ' ἑλώρια τεῦχε κυνεσσιν,
Οἰωνοῖσι τε πᾶσι· (Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή·)
Ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
Ἀτρείδης, τε ἄναξ ἀνδρῶν, καὶ δῖος Ἀχιλλεύς·

Proposição da Odyssea de Homer. L. I. v. 1. e seg.

ΑΝΔΡΑ μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
Πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε·
Πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω·
Πολλὰ δ' ὅγ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμὸν,
Αρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἑταίρων·
Ἀλλ' οὐδ' ὧς ἑτάρους ἐῤῥύσατο, ἱέμενός περ·
Αὐτῶν γὰρ σφετέρῃσιν ἀτασθαλίῃσιν ὄλοντο·
Νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς ὑπερίονος Ηελίοιο
Ἤσθιον. αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ.
Τῶν ἀμόθεν γε, θεὰ, θύγατερ Διὸς, εἰπὲ καὶ ἡμῖν

Proposição da Eneida de Virg. L. I. v. 1. e seg.

ARMA virumque cano, Troiae qui primus ab oris
Italiam fato profugus, Lavinaque venit
Litora. Multum ille et terris jactatus, et alto
Vi Superum, saevae memorem Junonis ob iram;
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
Inferretque Deos Latio: genus unde Latinum,
Albanique patres, atque altae moenia Romae.

EXEMPLO XXIV.

Ibid. Art. III. §. II.

Cic. Divinat. in Q. Caecilium Exord.

I. SI quis vestrum, Judices, aut eorum, qui adsunt, forte miratur me, qui tot annos in causis judiciisque publicis ita sim versatus, ut defenderim multos, laeserim neminem, subito nunc mutata voluntate ad accusandum descendere: is, si mei consilii causam, rationemque cognoverit, una et id, quod facio, probabit, et in hac causa profecto neminem praeponendum esse mihi actorem putabit.

Cum quaestor in Sicilia fuissem, Judices, itaque ex ea provincia decessissem, ut Siculis omnibus jucundam diuturnamque memoriam quaesturae nominisque mei relinquerem: factum est, uti cum summum in veteribus patronis multis, tum nonnullum etiam in me praesidium suis fortunis constitutum esse arbitrarentur. Qui nunc populati, atque vexati cuncti ad me publice saepe venerunt, ut suarum fortunarum omnium causam defensionemque susciperem: me saepe esse pollicitum, saepe ostendisse dicebant, si quod tempus accidisset, quo tempore aliquid a me requirerent, commodis eorum me non defuturum. Venisse tempus aiebant, non jam ut commoda sua, sed ut vitam salutemque totius provinciae defenderem: sese jam ne Deos quidem in suis urbibus, ad quos

confugerent, habere; quod eorum simulacra sanctissima C. Verres ex delubris religiosissimis sustulisset. Quas res luxuries in flagitiis, crudelitas in suppliciis, avaritia in rapinis, superbia in contumeliis efficere potuisset; eas omnes sese hoc uno Praetore per triennium pertulisse: rogare, et orare, ne illos supplices aspernarer, quos, me incolumi, nemini supplices esse oporteret.

II. Tuli graviter et acerbe, Judices, in eum me locum adductum, ut, aut eos homines spes falleret, qui opem a me atque auxilium petissent, aut ego, qui me ad defendendos homines ab ineunte adolescentia dedissem, tempore atque officio coactus ad accusandum traducerer. Dicebam habere eos actorem C. Caecilium, qui praesertim quaestor in eadem provincia post me quaestorem fuisset. Quo ego adjumento sparabam hanc a me molestiam posse dimoveri, id mihi erat adversarium maxime. Nam illi multo mihi hoc facilius remisissent, si istum non nossent, aut si iste apud eos quaestor non fuisset.

Adductus sum, Judices, officio, fide, misericordia, multorum bonorum exemplo, veteri consuetudine, institutoque majorum, ut onus hoc laboris atque officii, non ex meo, sed ex meorum necessariorum tempore mihi suscipiendum putarem. Quo in negotio tamen illa me res, Judices, consolatur, quod haec, quae videtur esse accusatio mea, non potius accusatio, quam defensio est existimanda. Defendo enim multos mortales, multas civitates, provinciam Siciliam totam. Quamobrem si mihi unus est accusandus, propemodum manere in instituto meo videor, et non omnino a defendendis hominibus sublevandisque discedere.

Quod si hanc causam tam idoneam, tam illustrem, tam gravem non haberem; si aut hoc a me Siculi non petissent, aut mihi cum Siculis causa tantae necessitudinis non intercederet, et hoc, quod facio, me Reip. causa facere profiterer, ut homo singulari cupiditate, audacia, scelere praeditus, cujus furta, atque flagitia non in Sicilia solum, sed in Achaja, Asia, Cilicia, Pamphylia, Romae denique ante

oculos omnium maxima, turpissimaque nossemus, me agente, in judicium vocaretur: quis tandem esset, qui meum factum, aut consilium posset reprehendere?

III. Quid est, pro Deum hominumque fidem! in quo ego Reip. plus hoc tempore prodesse possim? Quid est, quod, aut Populo Romano gratius esse debeat, aut sociis exterisque nationibus optatius esse possit, aut saluti fortunisque omnium magis accommodatum sit? Populatae vexatae, funditus eversae provinciae: socii, stipendiarique populi Romani afflicti, miseri, jam non salutis spem, sed exitii solatium quaerunt. Qui judicia manere apud Ordinem Senatorium volunt, queruntur accusatores se idoneos non habere. Qui accusare possunt, judiciorum severitatem desiderant. Populus Romanus interea, tametsi multis incommodis, difficultatibusque affectus est; tamen nihil aeque in Rep. atque illam veterem judiciorum vim gravitatemque requirit. Judiciorum desiderio Tribunitia potestas efflagitata est: judiciorum levitate ordo quoque alius ad res judicandas postulatur: judicum culpa atque dedecore etiam Censorium nomen, quod asperius antea populo videri solebat, id nunc poscitur, id jam populare atque plausibile factum est.

In hac libidine hominum nocentissimorum, in populi Romani quotidiana queremonia, judiciorum infamia, totius ordinis offensione, cum hoc unum his tot incommodis remedium esse arbitrarer, ut homines idonei atque integri causam Reip. legumque susciperent: fateor, me salutis omnium causa, ad eam partem accessisse Reip. sublevandae, quae maxime laboraret. Nunc quoniam, quibus rebus adductus ad causam accesserim, demonstravi; dicendum necessario est de contentione nostra, ut in constituendo accusatore, quid sequi possitis, habeatis.

EXEMPLO XXV.

Ibid. §. III.

Exordio da Oração de Cicero pro Rabirio Posthumo.

SI quis est, Judices, qui C. Rabirium, quod suae fortunae fundatas praesertim atque optime constitutas opes postestati Regiae libidinique commiserit, reprehendendum putet; adscribat ad judicium suum, non modo meam, sed hujus etiam ipsius, qui commisit, sententiam. Neque enim cuiquam ejus consilium vehementius, quam ipsi displicet. Quanquam hoc plerunque facimus, ut consilia eventis ponderemus, et cui bene quid processerit, multum illum providisse, cui secus, nihil sensisse dicamus: si extitisset in Rege fides, nihil sapientius Posthumo; quia fefellit Rex, nihil hoc amentius dicitur, ut jam nihil esse videatur, nisi divinare, sapientis. Sed tamen, si quis est, Judices, qui illam Posthumi sive inanem spem, sive inconsultam rationem, sive (gravissimo verbo utar) temeritatem vituperandam putet; ego ejus opinioni non repugno. Illud tamen deprecor, ut cum ab ipsa fortuna crudelissime videat hujus consilia esse multata, ne quid ad eas ruinas, quibus hic oppressus est, addendum accerbitatis putet. Satis est homines imprudentia lapsos non erigere: urgere vero jacentes, aut praecipitantes impellere certe est inhumanum; praesertim, Judices, cum sit hoc generi hominum prope natura datum, uti, qua in familia laus aliqua forte floruerit, hanc fere, qui sunt ejus stirpis, quod sermone hominum ad memoriam patrum virtus celebretur, cupidissime prosequantur; siquidem non modo in gloria rei militaris Paulum Scipio, aut Maximum filius, sed etiam in devotione vitae et in ipso genere mortis imitatus est P. Decium filius. Sint igitur similia, Judices, parva magnis.

EXEMPLO XXVI.

Ibid. Art. IV. §. III.

Exordio da Oração de Cic. pro Ligario.

Novum crimen, C. Caesar, et ante hunc diem inauditum propinquus meus ad te Q. Tubero detulit, *Q. Ligarium in Africa fuisse;* idque C. Pansa, praestanti vir ingenio, fretus fortasse ea familiaritate, quae est ei tecum, ausus est confiteri. Itaque, quo me vertam, nescio. Paratus enim veneram, cum tu id neque per te scires, neque audire aliunde potuisses, ut ignoratione tua ad hominis miseri salutem abuterer. Sed quoniam diligentia inimici investigatum est quod latebat, confitendum est, ut opinor: praesertim cum meus necessarius C. Pansa fecerit, ut id jam integrum non esset: omissaque controversia, omnis oratio ad misericordiam tuam conferenda est, qua plurimi sunt conservati, cum a te non liberationem culpae, sed errati veniam impetravissent.

Habes igitur, Tubero, quod est accusatori maxime optandum, confitentem reum; sed tamen ita confitentem, se in ea parte fuisse, qua te, Tubero, qua virum omni laude dignum, patrem tuum. Itaque prius de vestro delicto confiteamini necesse est, quam Ligarii ullam culpam reprehendatis.

EXEMPLO XXVII.

Ibid.

Principio da primeira Catilinaria de Cicero.

Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quandiu etiam furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese effrenata jactabit audacia? Nihilne te nocturnum praesidium Palatii, nihil urbis vigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium,

nihil hic munitissimus habendi Senatus locus, nihil horum ora vultusque moverunt? Patere tua consilia non sentis? Constrictam jam omnium horum conscientia teneri conjurationem tuam non vides? Quid proxima, quid superiore nocte egeris, ubi fueris, quos convocaveris, quid consilii ceperis, quem nostrum ignorare arbitraris?

O tempora! O mores! Senatus haec intelligit; consul videt; hic tamen vivit. Vivit? Imo vero etiam in senatum venit; fit publici consilii particeps; notat et designat oculis ad caedem unumquemque nostrum. Nos autem, viri fortes, satisfacere Reip. videmur, si istius furorem ac tela vitemus.

EXEMPLO XXVIII.

Ibid. Art. IV. §. V.

Cicero pro Cluent. *Cap.* 42.

SEquitur id, quod illi judicium appellant (majores autem nostri nunquam, neque judicium nominarunt, neque perinde, ut rem judicatam, observarunt) animadversio, atque auctoritas Censoria. Qua de re antequam dicere incipio, perpauca mihi de meo officio verba facienda sunt: ut a me cum hujusce periculi, tum caeterorum quoque officiorum et amicitiarum ratio conservata esse videatur. Nam mihi cum viris fortibus, qui censores proxime fuerunt, ambobus est amicitia: cum altero vero (sicuti et plerique vestrum sciunt) magnus usus et summa utriusque officiis constituta necessitudo est.

Quare quidquid de subscriptionibus eorum mihi dicendum erit, eo dicam animo, ut omnem orationem meam, non de illorum facto, sed de ratione censoria habitam existimari velim: a Lentulo autem, familiari meo, qui a me pro eximia sua virtute, summisque honoribus, quos a populo Romano adeptus est, honoris causa nominatur, facile hoc judices,

impetrabo, ut quam ipse adhibere consuevit in amicorum periculis fidem et diligentiam, tum vim animi libertatemque dicendi, in hac mihi concedat, ut tantum mihi sumam, quantum sine hujus periculo praeterire non possum. A me tamen, ut aequum est, omnia caute pedetentimque dicentur, ut neque fides hujus defensionis relicta, neque cujusquam aut dignitas laesa, aut amicitia violata esse videatur.

EXEMPLO XXIX.

Ibid.

Cicero pro Muraen. *Cap.* 28.

VEnio nunc ad M. Catonem, quod est firmamentum ac robur totius accusationis: qui tamen ita gravis est accusator et vehemens, ut multo magis ejus auctoritatem, quam criminationem pertimescam. In quo ego accusatore, Judices, primum illud deprecabor, ne quid L. Muraenae dignitas illius, ne quid expectatio tribunatus, ne quid totius vitae splendor et gravitas noceat; denique ne ea soli huic obsint bona M. Catonis, quae ille adeptus est, ut multis prodesse posset. Bis Consul fuerat P. Africanus, et duos terrores hujus imperii, Carthaginem, Numantiamque deleverat, cum accusavit L. Cottam. Erat in eo summa eloquentia, summa fides, summa integritas, auctoritas tanta, quanta in ipso imperio populi Romani, quod illius opera tenebatur. Saepe hoc majores natu dicere audivi, hanc accusatoris eximiam dignitatem plurimum L. Cottae profuisse. Noluerunt sapientissimi homines, qui tum rem illam judicabant, ita quemquam cadere in judicio, ut nimiis adversarii viribus abjectus videretur. Quid? Ser. Galbam (nam traditum memoriae est) nonne proavo tuo, fortissimo atque florentissimo viro, M. Catoni, incumbenti ad ejus perniciem, populus Romanus eripuit? Semper in hac civitate nimis magnis accusatorum opibus et populus universus, et sapientes ac multum in posterum prospicientes judices restiterunt.

Nolo accusator in judicium potentiam afferat, non vim majorem aliquam, non auctoritatem excellentem, non nimiam gratiam. Valeant haec omnia ad salutem innocentium, ad opem impotentium, ad auxilium calamitosorum: in periculo vero, et in pernicie civium, repudientur. Nam si quis hoc forte dicet, Catonem descensurum ad accusandum non fuisse, nisi prius de causa judicasset: iniquam legem, Judices, et miseram conditionem instituet periculis hominum, si existimabit judicium accusatoris in reum pro aliquo praejudicio valere oportere.

EXEMPLO XXX.

Liv. II. C. II. Art. I. §. III.

Narração de Cicero pro Cluent. *Cap. V.*

A. Cluentius Avitus fuit pater hujusce, Judices, homo non solum municipii Larinatis, ex quo erat, sed etiam regionis illius, et vicinitatis, virtute, existimatione, nobilitate facile princeps. Is cum esset mortuus, Sylla, et Pompejo Consulibus, reliquit hunc annos XV natum: grandem autem et nubilem filiam, quae brevi tempore post patris mortem nupsit A. Aurio Melino, consobrino suo, adolescenti in primis, ut tum habebatur, inter suos et honesto, et nobili.

Cum essent hae nuptiae plenae dignitatis, plenae concordiae, repente est exorta mulieris importunae nefaria libido, non solum dedecore, verum etiam scelere convicta. Nam Sassia mater hujus Aviti (mater enim a me nominis causa, tametsi in hunc hostili odio, et crudelitate est, mater, inquam, apellabitur; neque unquam illa ita de suo scelere, et immanitate audiet, ut naturae nomen amittat. Quo enim est ipsum nomen amantius indulgentiusque maternum, hoc illius matris, quae multos jam annos, et nunc, cum maxime filium interfectum cupit, singulare scelus majore odio dignum esse ducetis.) Ea igitur mater Aviti, Melini illius adolescentis, generi sui contra

quam fas erat amore capta, primo, neque id ipsum diu, quoquo modo poterat, in illa cupiditate continebatur; deinde ita flagrare coepit amentia, sic inflammata ferri libidine, ut eam non pudor, non pudicitia, non pietas, non macula familiae, non hominum fama, non filii dolor, non filiae moeror a cupiditate revocaret.

Animum adolescentis nondum consilio ac ratione firmatum pellexit iis omnibus rebus, quibus illa aetas capi ac deliniri potest. Filia, quae non solum illo communi dolore muliebri in ejusmodi viri injuriis angeretur, sed nefarium matris pellicatum ferre non posset, de quo ne queri quidem sine scelere se posse arbitraretur, caeteros sui tanti mali ignaros esse cupiebat; in hujus amantissimi sui fratris manibus, et gremio maerore et lacrimis consenescebat.

Ecce autem subitum divortium, quod solatium malorum omnium fore videbatur. Discedit a Melino Cluentio, ut in tantis injuriis, non invita; ut a viro, non libenter. Tum vero illa egregia, ac praeclara mater palam exultare laetitia, ac triumphare gaudio coepit, victrix filiae, non libidinis. Itaque diutius suspicionibus obscuris laedi famam suam noluit; lectum illum genialem, quem biennio ante filiae suae nubenti straverat, in eadem domo sibi ornari et sterni, expulsa atque exturbata filia, jubét. Nubit genero socrus, nullis auspiciis, nullis auctoribus, funestis omnibus omnium.

O mulieris scelus incredibile, et praeter hanc unam in omni vita inauditum! O libidinem effrenatam et indomitam! O audaciam singularem, non timuisse, si minus vim Deorum hominumque famam, at illam ipsam noctem, facesque illas nuptiales! non limen cubiculi, non cubile filiae, non parietes denique ipsos, superiorum testes nuptiarum! Perfregit ac prostravit omnia cupiditate ac furore. Vicit pudorem libido, timorem audacia, rationem amentia.

Tulit hoc commune dedecus jam familiae, cognationis, nominis, graviter filius. Augebatur autem ejus molestia quotidianis querimoniis, et assiduo fletu sororis. Statuit tamen nihil sibi in tantis inju-

riis, ac tanto scelere matris gravius faciendum, quam ut illa matre ne uteretur: ne, quam videre sine summo animi dolore non poterat, ea si matre uteretur, non solum videre, sed etiam probare suo judicio putaretur. Initium, quod huic cum matre fuerit, simultatis audistis. Pertinuisse hoc ad causam, tunc, cum reliqua cognoveritis, intelligetis.

EXEMPLO XXXI.

Ibid. §. III.

Narração de hum exemplo. Cic. Verr. V. C. 3.

Contagio autem illa Servilis belli, cur abs te potius, quam ab his omnibus, qui caeteras provincias obtinuerunt, praedicatur? An quod in Sicilia jam ante bella fugitivorum fuerunt? At ea ipsa causa est, cur ipsa provincia minimo in periculo sit, et fuerit. Nam postea quam illinc M. Aquilius decessit, omnium instituta atque edicta Praetorum fuerunt ejusmodi, ut ne quiscum telo servus esset. Vetus est quod dicam, et propter severitatem exempli nemini fortasse vestrum inauditum.

L. Domitium, Praetorem in Sicilia, cum aper ingens ad eum allatus esset, admiratum requisisse, quis eum percussisset. Cum audisset pastorem cujusdam fuisse, eum ad se vocari jussisse: illum cupide ad praetorem, quasi ad laudem atque ad praemium accurrisse: quaesisse Domitium qui tantam bestiam percussisset? illum respondisse, venabulo. Statim deinde jussu praetoris in crucem esse sublatum. Durum hoc fortasse videatur: neque ego ullam in partem disputo. Tantum intelligo, maluisse Domitium crudelem in animadvertendo, quam in praetermittendo dissolutum videri.

EXEMPLO XXXII.

Ibid.

Narração de hum facto criminoso, para o desculpar. Cic. pro Rabirio Posth. *Cap. X.*

NAm, ut ventum est Alexandriam ad Auletem, Judices, haec una ratio a rege proposita Postumo est, servandae pecuniae, si curationem, et quasi dispensationem regiam suscepisset. Id autem facere non poterat, nisi dioecetes: hoc enim nomine utitur, qui a rege esset constitutus. Odiosum negotium Posthumo videbatur: sed erat nulla omnino recusatio. Molestum etiam nomen ipsum: sed res habebat nomen hoc apud illos, non hic imposuerat. Oderat vestitum etiam illum: sed sine eo nec nomen illud poterat, nec munus tueri. Ergo aderat *vis*, ut ait Poeta ille noster, *quae summas frangit, infirmatque opes.* Moreretur, inquies. Nam id sequitur. Fecisset certe, si sine maximo dedecore, tam impeditis suis rebus, potuisset emori.

EXEMPLO XXXIII.

Ibid.

Descripção da jornada de Verres em Cic. Verr. V. Cap. 10.

ITinerum primum laborem, qui vel maximus est in re militari, Judices, et in Sicilia maxime necessarius, accipite, quam facilem sibi iste, et jucundum ratione consilioque reddiderit. Primum temporibus hybernis, ad magnitudinem frigorum et ad tempestatum vim, ac fluminum, praeclarum sibi hoc remedium compararat. Urbem Syracusas elegerat, cujus hic situs, atque haec natura esse loci, coelique dicitur, ut nullus unquam dies tam magna, turbulentaque tempestate fuerit, quin aliquo tempore ejus diei solem homines viderent. Hic ita vivebat iste bonus imperator hybernis mensibus, ut eum non facile, non modo

extra tectum, sed ne extra lectum quidem quisquam videret. Ita diei brevitas conviviis, noctis longitudo stupris et flagitiis conterebatur.

Cum autem ver esse coeperat, cujus initium iste, non a Favonio, neque ab aliquo astro notabat; sed cum rosam viderat, tunc incipere ver arbitrabatur: dabat se labori atque itineribus, in quibus usque eo se praebebat patientem atque impigrum, ut eum nemo unquam in equo sedentem videret. Nam, ut mos fuit Bithyniae regibus, lectica octophoro ferebatur, in qua pulvinus erat perlucidus Melitensi rosa farctus: ipse autem coronam habebat unam in capite, alteram in collo, reticulumque ad nares sibi admovebat, tenuissimo lino, minutis maculis, plenum rosae. Sic confecto itinere, cum ad aliquod oppidum venerat, eadem lectica usque in cubiculum deferebatur. Eo veniebant Siculorum magistratus, veniebant equites Romani; id, quod ex multis juratis audistis; controversiae secreto deferebantur: paulo post palam decreta auferebantur. Deinde, ubi paulisper in cubiculo pretio, non aequitate jura descripserat, Veneri jam et Libero reliquum tempus deberi arbitrabatur. . .

Cum vero aestas summa esse jam coeperat, quod tempus omnes Siciliae semper praetores in itineribus consumere consueverunt, propterea quod tum putant obeundam esse maxime provinciam, cum in areis frumenta sunt, quod et familiae congregantur et magnitudo servitii perspicitur, et labor operis maxime offenditur; et frumenti copia commonet, tempus anni non impedit: tum, inquam, cum concursant caeteri praetores, iste novo quodam ex genere imperator, pulcherrimo Syracusarum luco stativa sibi castra faciebat. Nam in ipso aditu atque ore portus, ubi primum ex alto sinus ad urbem ab litore inflectitur, tabernacula carbaseis intenta velis collocabat. Huc ex illa domo praetoria, quae regis Hieronis fuit, sic emigrabat, ut per eos dies nemo istum extra illum lucum videre posset. In eum autem ipsum lucum aditus erat nemini, nisi, qui aut socius, aut minister libidinis esse posset.

EXEMPLO XXXIV.

Ibid.

Narração fingida de Cic. para irritar os Juizes. Pro Rosc. Amer. *C.* 21.

OPerae pretium erat, si animadvertistis, Judices, negligentiam ejus in accusando considerare. Credo, cum vidisset qui homines in hisce subseliis, sederent, quaesisse, num ille, aut ille defensurus esset: de me ne suspicatum quidem, quod antea causam publicam nullam dixerim. Postea quam invenit neminem eorum, qui possunt, et solent, ita negligens esse coepit, ut cum in mentem veniret ei, resideret: deinde spatiaretur: nonnunquam etiam puerum vocaret, credo cui coenam imperaret: prorsus ut vestro consessu, et hoc conventu, pro summa solitudine abuteretur. Peroravit aliquando: assedit. Surrexi ego. Respirare visus est, quod non alius potius diceret. Coepi dicere. Usque eo animadverti, Judices, eum jocari, atque alias res agere, antequam Chrysogonum nominavi: quem simul atque attigi, statim homo se erexit. Mirari visus est. Intellexi, quid eum pupugisset. Iterum, ac tertio nominavi. Postea homines cursare ultro et citro non destiterunt, credo, qui Chrysogono nunciarent, esse aliquem in civitate, qui contra voluntatem ejus dicere auderet: aliter causam agi, atque ille existimaret: aperiri bonorum emptionem: vexari pessime societatem: gratiam, potentiamque ejus negligi: judices diligenter attendere: populo rem indignam videri.

Quae quoniam te fefellerunt, Eruci, quoniamque vides versa esse omnia; causam pro Sex. Roscio, si non commode, at libere dici; quem dedi putabas, defendi intelligis; quos undituros sperabas, vides judicare: restitue nobis aliquando veterem tuam illam calliditatem atque prudentiam: confitere huc ea spe venisse, quod putares hic latrocinium, non judicium futurum.

EXEMPLO XXXV.

Ibid.

Narração fingida para ridiculisar. Cic. pro Cluentio *Cap.* 21.

JAm hoc quoque prope iniquissime comparatum est, quod in morbis corporis, ut quisque est difficillimus, ita medicus nobilissimus atque optimus quaeritur: in periculis capitis, ut quaeque causa difficillima est, ita deterrimus obscurissimusque patronus adhibetur: nisi forte haec causa est, quod medici nihil, praeter artificium, oratores etiam auctoritatem praestare debent.

Citatur reus: agitur causa: paucis verbis accusat, ut de re judicata, Cannutis. Incipit longo et alte petito prooemio respondere major Caepasius. Primo attente auditur ejus oratio. Erigebat animum jam demissum et oppressum Oppianicus. Gaudebat ipse Fabricius. Non intelligebat animos judicum non illius eloquentia, sed defensionis impudentia commoveri. Posteaquam de re coepit dicere, ad ea, quae erant in causa, addebat etiam ipse nova quaedam vulnera. Hoc quanquam sedulo faciebat, tamen interdum non defendere, sed praevaricari accusationi videbatur. Itaque cum callidissime se dicere putaret, et cum illa verba gravissima ex intimo artificio deprompsisset: *Respicite, Judices, hominum fortunas: respicite dubios variosque casus: respicite C. Fabricii senectutem:* Cum hoc, *Respicite*, ornandae orationis causa, saepe dixisset, respexit ipse: At C. Fabricius a subselliis, demisso capite, discesserat. Hic judices ridere: stomachari, atque accerbe ferre patronus, causam sibi eripi, et se caetera de illo loco, *Respicite Judices*, non posse dicere: nec quidquam propius est factum, quam ut illum prosequeretur, et collo obtorto ad subsellia reduceret, ut reliqua posset perorare. Jam tum Fabricius, primum suo judicio, quod est gravissimum, deinde legis vi, et sententiis judicum est condemnatus.

EXEMPLO XXXVI.

Ibid.

Narração fingida para divertir. Cic. Verr. IV. Cap. 48.

AD ea autem, quae dicturus sum, reficite vos, quaeso, Judices, per Deos immortales, per eos ipsos, de quorum religione jam diu dicimus, dum id ejus facinus et commemoro, et profero, quo provincia tota commota est. De quo si paulo altius ordiri, atque repetere memoriam religionis videbor, ignoscite. Rei magnitudo me breviter prestringere atrocitatem criminis non sinit.

Vetus est haec opinio, Judices, quae constat ex antiquissimis Graecorum literis, atque monumentis, insulam Siciliam totam esse Cereri, et Liberae consecratam. Hoc, cum caeterae gentes sic arbitrantur, tum ipsis Siculis tam persuasum est, ut animis eorum insitum atque innatum esse videatur. Nam, et natas esse has in his locis Deas, et fruges in ea terra primum repertas arbitrantur: et raptam esse Liberam, quam eandem Proserpinam vocant, ex Ennensium nemore, qui locus, quod in media est insula situs, umbilicus Siciliae nominatur. Quam cum investigare et conquirere Ceres vellet, dicitur inflammasse taedas iis ignibus, qui ex Aetnae vertice erumpunt: quas sibi cum ipsa praeferret, orbem omnium peragrasse terrarum.

Enna autem, ubi ea, quae dico, gesta esse memorantur, est loco praecelso, atque edito: quo in summo est aequata agri planities, et aquae perennes. Tota vero ab omni aditu circumcisa, atque dirempta est. Quam circa lacus, lucique sunt plurimi et laetissimi flores omni tempore anni, locus ut ipse raptum illum virginis, quem jam a pueris accepimus, declarare videatur. Etenim propter est spelunca quaedam conversa ad Aquilonem, infinita altitudine, qua Ditem patrem ferunt repente cum curru extitisse, abreptamque ex eo loco virginem secum asportasse et su-

bito non longe a Syracusis penetrasse sub terras, locumque in eo loco repente extitisse: ubi usque ad hoc tempus Syracusani festos dies anniversarios agunt, celeberrimo virorum mulierumque conventu.

EXEMPLO XXXVII.

Ibid. Art. II. §. VI. n. 7.

Narração da Oração de Cicero pro Milone *Cap. IX.*

P. Clodius cum statuisset omni scelere in praetura vexare rempublicam, videretque ita tracta esse comitia anno superiore, ut non multos menses praeturam gerere posset; qui non honoris gradum spectaret, ut caeteri, sed et L. Paulum collegam effugere vellet, singulari virtute civem, et annum integrum ad dilacerandam Remp. quaereret: subito reliquit annum suum, seque in annum proximum transtulit non religione aliqua, sed ut haberet, quod ipse dicebat, ad praeturam gerendam, hoc est, ad evertendam Remp. plenum annum, atque integrum. Occurebat mancam ac debilem praeturam suam futuram, consule Milone; eum porro summo consensu populi Romani consulem fieri videbat. Contulit se ad ejus competitores; sed ita, totam ut petitionem ipse solus, etiam invitis illis, gubernaret; tota, ut comitia suis, dictitabat, humeris sustineret. Convocabat tribus: se interponebat: Collinam novam delectu perditissimorum civium conscribebat. Quanto ille plura miscebat, tanto hic magis in dies convalescebat.

Ubi vidit homo ad omne facinus paratissimus fortissimum virum, inimicissimum suum, certissimum consulem; idque intellexit non solum sermonibus, sed etiam suffragiis populi Romani saepe esse declaratum: palam agere coepit et aperte dicere, occidendum Milonem. Servos agrestes et barbaros, quibus silvas publicas depopulatus erat, Etruriamque vexarat, ex Apennino deduxerat, quos videbatis. Res erat minime obscura. Etenim palam dictitabat consulatum Miloni eripi non posse, vitam posse. Significa-

vit hoc saepe in Senatu: dixit in concione: quin etiam Favonio, fortissimo viro, quaerenti ex eo, qua spe fureret, Milone vivo? Respondit triduo illum, ad summum quatriduo periturum. Quam vocem ejus ad hunc M. Catonem statim Favonius detulit.

Interim cum sciret Clodius (neque enim erat difficile scire) iter solemne, legitimum, necessarium ante diem XIII. Kalendas Feb. Miloni esse Lanuvium ad flaminem prodendum, quod erat dictator Lanuvii Milo: Roma subito ipse profectus pridie est, ut ante suum fundum (quod re intellectum est) Miloni insidias collocaret. Atque ita profectus est, ut concionem turbulentam, in qua ejus furor desideratus est, quae illo ipso die habita est, relinqueret: quam, nisi obire facinoris locum tempusque voluisset, nunquam reliquisset.

Milo autem, cum in Senatu fuisset eo die, quoad Senatus dimissus est, domum venit, calceos et vestimenta mutavit, paulisper, dum se uxor, ut fit, comparat, commoratus est; deinde profectus est id temporis, cum jam Clodius, si quidem eo die Romam venturus erat, redire potuisset. Obviam fit ei Clodius expeditus, in equo, nulla rheda, nullis impedimentis, nullis Graecis comitibus, ut solebat, sine uxore, quod numquam fere: cum hic insidiator, qui iter illud ad caedem faciendam apparasset, cum uxore veheretur in rheda, penulatus, vulgi magno impedimento, ac muliebri et delicato ancillarum, puerorumque comitatu.

Fit obviam Clodio ante fundum ejus hora fere undecima, aut non multo secus. Statim complures cum telis in hunc faciunt de loco superiore impetum. Adversi rhedarium occidunt. Cum autem hic de rheda, rejecta penula, desiluisset, seque acri animo defenderet: illi, qui erant cum Clodio, gladiis eductis, partim recurrere ad rhedam, ut a tergo Milonem adorirentur; partim, quod hunc jam interfectum putarent, caedere incipiunt ejus servos, qui post erant: ex quibus qui animo fideli in dominum, et praesenti fuerunt, partim occisi sunt, partim cum ad rhedam pugnari viderent, et domino sucurrere prohiberentur, Milonemque occisum etiam ex ipso Clodio audirent,

et ita esse putarent: fecerunt id servi Milonis (dicam enim non dirivandi criminis causa, sed ut factum est) neque imperante, neque sciente, neque praesente domino, quod suos quisque servos in tali re facere voluisset. Haec, sicut exposui, ita gesta sunt, Judices: insidiator superatus, vi victa vis, vel potius oppressa virtute audacia est.

EXEMPLO XXXVIII.

Ibid. Art. IV. §. III.

Narração sobre os encarcerados animada pela Prosopopeia. Cic. Verr. V. Cap. 45.

INcluduntur in carcerem condemnati: supplicium constituitur in illos: sumitur de miseris parentibus navarchorum: prohibentur adire ad filios: prohibentur liberis suis cibum vestitumque ferre. Patres hi, quos videtis, jacebant in limine, matresque miserae pernoctabant ad ostium carceris ab extremo complexu liberum exclusae: quae nihil aliud orabant, nisi ut filiorum extremum spiritum ore excipere sibi liceret. Aderat janitor carceris, carnifex praetoris, mors terrorque sociorum et civium, lictor Sestius, cui ex omni gemitu doloreque certa merces comparabatur. Ut adeas, tantum dabis: ut cibum tibi intro ferre liceat, tantum. Nemo recusabat. Quid? ut uno ictu securis afferam mortem filio tuo, quid dabis? ne diu crucietur? ne saepius feriatur? ne cum sensu doloris aliquo aut cruciatu spiritus auferatur? Etiam ob hanc causam pecunia lictori dabatur.

EXEMPLO XXXIX.

Ibid.

Narracão animada, e abbreviada pela Prosopopeia de Staleno e Bulbo. Cic. Pro Cluent. *C.* 26.

Atque haec, Judices, quae vere dicuntur a nobis, facilius credetis, si cum animis vestris longo intervallo recordari C. Staleni vitam et naturam volueritis. Nam perinde ut opinio est de cujusquam moribus, ita, quid ab eo factum, et non factum sit, existimari potest. Cum esset egens, sumptuosus, audax, callidus, perfidiosus, et cum domi suae miserrimus, et inanissimus, tantum nummorum positum videret; ad omnem malitiam et fraudem versare mentem suam coepit:

Demne judicibus? Mihi igitur ipsi, praeter periculum et infamiam, quid quaeretur? Nihil excogitem, quamobrem Oppianico damnari necesse sit? Qui tandem? Nihil enim est, quod fieri non possit. Si quis eum forte casus ex periculo eripuerit, nonne reddendum est? Praecipitantem igitur impellamus, inquit, et perditum prosternamus. Capit hoc consilium, ut pecuniam quibusdam judicibus levissimis polliceatur: deinde eam postea supprimat: ut, quoniam graves homines sua sponte severe judicaturos putabat, hos, qui leviores erant, destitutione iratos Oppianico redderet. Itaque, ut erat semper praeposterus, atque perversus, initium facit a Bulbo: et eum, quod jam diu nihil quaesierat, tristem atque oscitantem leviter impellit. Quid tu, inquit, ecquid me adjuvas, Bulbe, ne gratis Reip. serviamus? Ille vero, simul atque hoc audivit, *ne gratis;* Quo voles, inquit, sequar: sed quid affers? Tum ei quadraginta millia, si esset absolutus Oppianicus, pollicetur: et eum, ut caeteros appellet, quibuscum loqui consuesset, rogat: atque etiam ipse conditor totius negotii, Guttam aspergit huic Bulbo. Itaque minime amarus is visus est, qui aliquid ex ejus sermone speculae degustarat.

••

Unus et alter dies intercesserat, cum res parum certa videbatur: sequester et confirmator pecuniae desiderabatur. Tum appellat hilari vultu hominem Bulbus, ut blandissime potest: Quid tu, inquit, Paete? (hoc enim sibi Stalenus cognomen ex imaginibus Aeliorum delegerat, ne, si se Ligurem fecisset, nationis magis suae, quam generis uti cognomine videretur) qua de re mecum locutus es, quaerunt a me, ubi sit pecunia. Hic ille planus improbissimus, quaestu judiciario pastus, qui illi pecuniae, quam condiderat, spe jam atque animo incubaret, contrahit frontem: (recordamini faciem atque illos ejus fictos simulatosque vultus) queritur se ab Oppianico destitutum: et qui esset totus ex fraude, et mendacio factus, quique ea vitia, quae a natura habebat, etiam studio atque artificio quodam malitiae condivisset, pulchre asseverat se ab Oppianico destitutum: atque hoc addit testimonii, sua illum sententia, quam palam omnes laturi essent, condemnatum iri.

EXEMPLO XL.

Ibid. Art. IV. §. IV.

Narração da Oração de Cicero pro Ligario.

Q. igitur Ligarius, cum esset adhuc nulla belli suspicio, legatus in Africam cum C. Considio profectus est; qua in legatione et civibus, et sociis ita se probavit, ut decedens Considius provincia satisfacere hominibus non posset, si quemquam alium provinciae praefecisset. Itaque Q. Ligarius, cum diu recusans nihil profecisset, provinciam accepit invitus: cui sic praefuit in pace, ut et civibus, et sociis gratissima esset ejus integritas et fides.

Bellum subito exarsit, quod, qui erant in Africa, ante audierunt geri, quam parari. Quo audito, partim cupiditate inconsiderata, partim caeco quodam timore, primo salutis, post etiam studii sui quaerebant aliquem ducem: cum Ligarius, domum spectans,

et ad suos redire cupiens, nullo se implicari negotio passus est. Interim P. Attius Varus, qui praetor Africam obtinuerat, Uticam venit. Ad eum statim concursum est. Atque ille non mediocri cupiditate arripuit imperium, si illud imperium esse potuit, quod ad privatum clamore multitudinis imperitae, nullo publico consilio, deferebatur. Itaque Ligarius, qui omne tale negotium cuperet effugere, paulum adventu varii conquievit. Adhuc, C. Caesar, Q. Ligarius omni culpa vacat. Domo est egressus non modo nullum ad bellum, sed ne ad minimam quidem belli suspicionem. Legatus in pace profectus, in provincia pacatissima ita se gessit, ut ei pacem esse expediret.

EXEMPLO XLI.

Ibid. §. V.

Narração Pathetica ácerca de Gavio em Cic. Verr. V. Cap. 51.

Quid nunc agam? cum jam tot horas de uno genere ac de istius nefaria crudelitate dicam; cum prope omnem vim verborum ejusmodi, quae scelere istius digna sunt, aliis in rebus consumpserim, neque hoc providerim, ut varietate criminum vos attentos tenerem. Quemadmodum de tanta re dicam? Opinor, unus modus atque una ratio est. Rem in medio ponam, quae tantum habet ipsa gravitatis, ut neque mea, quae nulla est, neque cujusquam, ad inflammandos vestros animos, eloquentia requiratur.

Gavius hic, quem dico, Cosanus, cum illo in numero ab isto in vincula conjectus esset, et nescio qua ratione clam e latumiis profugisset, Messanamque venisset: qui prope jam Italiam et moenia Rheginorum videret, et ex illo metu mortis ac tenebris, quasi luce libertatis, et odore aliquo legum recreatus, revixisset; loqui Messanae coepit, et queri se Civem Romanum in vincula esse conjectum: sibi recta iter esse Romam: Verri se praesto advenienti futurum.

Non intelligebat miser nihil interesse, utrum

haec Messanae, an apud ipsum in praetorio loqueretur. Nam, ut ante vos docui, hanc sibi iste urbem delegerat, quam haberet adjutricem scelerum, furtorum receptricem, flagitiorum omnium sociam. Itaque ad magistratum Mamertinum statim deducitur Gavius, eoque ipso die casu Messanam venit Verres. Res ad eum defertur, esse civem Romanum, qui se Syracusis in latumiis fuisse quereretur: quem jam ingredientem navem, et Verri nimis atrociter minitantem, a se retractum esse et asservatum, ut ipse in eum statueret, quod videretur.

Agit hominibus gratias, et eorum erga se benevolentiam diligentiamque collaudat. Ipse inflammatus scelere, et furore, in forum venit, ardebant oculi, toto ex ore crudelitas eminebat. Expectabant homines, quo tandem progressurus, aut quidnam acturus esset; cum repente hominem proripi, atque in foro medio nudari, ac deligari, et virgas expediri jubet. Clamabat ille miser se civem esse Romanum, municipem Cosanum, meruisse se cum L. Pretio, splendidissimo equite Romano, qui Panormi negotiaretur, ex quo haec Verres scire posset. Tum iste se comperisse ait eum speculandi causa in Siciliam ab ducibus fugitivorum esse missum, cujus rei neque vestigium aliquod, neque suspicio cuiquam esset ulla. Deinde jubet undique hominem proripi, vehementissimeque verberari.

Caedebatur virgis in medio foro Messanae civis Romanus, Judices, cum interea nullus gemitus, nulla vox alia istius miseri inter dolorem crepitumque plagarum audiebatur, nisi haec: CIVIS ROMANUS SUM. Hac se commemoratione Civitatis omnia verbera depulsurum, cruciatumque a corpore dejecturum arbitrabatur. Is non modo hoc non perfecit, ut virgarum vim deprecaretur: sed cum imploraret saepius, usurparetque nomen civitatis; crux, crux, inquam, infelici et aerumnoso, qui nunquam istam potestatem viderat, comparabatur.

O nomen dulce libertatis! O jus eximium nostrae civitatis! O lex Porcia, legesque Semproniae! O graviter desiderata et aliquando reddita plebi Romanae tribunitia potestas! Huccine tandem omnia

reciderunt, ut civis Romanus, in provincia populi Romani, in oppido foederatorum, ab eo, qui beneficio populi Romani, fasces et secures haberet, deligatus, in foro, virgis caederetur? Quid, cum ignes, ardentesque laminae, caeterique cruciatus admovebantur? Si te illius accerba imploratio et vox miserabilis non inhibebat, ne civium quidem Romanorum, qui tum aderant, fletu et gemitu maximo commovebare? In crucem tu agere ausus est quemquam, qui se civem Romanum esse diceret?

EXEMPLO XLII.

Ibid.

Narração Pathetica da morte de Philodamo. Cic. Verr. I. C. 30.

Constituitur in foro Laodiceae spectaculum accerbum, et miserum, et grave toti Asiae provinciae; grandis natu parens, adductus ad supplicium; ex altera parte filius: ille, quod pudicitiam liberorum, hic quod vitam patris, famamque sororis defenderat. Flebat uterque, non de suo supplicio, sed pater de filii morte, de patris filius. Quid lacrymarum ipsum Neronem putatis profudisse? Quem fletum totius Asiae fuisse? Quem luctum et gemitum Lampsacenorum? securi esse percussos homines innocentes, nobiles, socios populi Romani atque amicos, propter hominis flagitiosissimi singularem nequitiam et improbissimam cupiditatem?

EXEMPLO XLIII.

L. II. C. IX. Art. I. §. VI.

Oração de Menenio Agrippa em T. Liv. Lib. II. C. 32. al. 17.

TEmpore, quo in homine, non, ut nunc, omnia in unum consentirent, sed singulis membris suum cuique consilium, suus sermo fuerit, indignatas reliquas partes, sua cura, suo labore ac ministerio, ventri omnia quaeri, ventrem in medio quietum nihil aliud, quam datis voluptatibus frui: conspirasse inde, ne manus ad os cibũm ferrent; nec os acciperet datum; nec dentes conficerent. Hac ira, dum ventrem fame domare vellent, ipsa una membra totumque corpus ad extremam tabem venisse: inde apparuisse ventris quoque haud segne ministerium esse, nec magis ali, quam alere eum, reddentem in omnes corporis partes hunc, quo vivimus, vigemusque, divisum pariter in venas maturum, confecto cibo, sanguinem.

EXEMPLO XLIV.

Lib. II. Cap. XI. Art. I. §. I.

Recapitulação da Verr. V. de Cicero. Cap. 52.

HIc tu etiam dicere audebis: *Est in judicibus ille familiaris meus; est paternus amicus ille?* Non ut quisque maxime est, quicum tibi aliquid sit, ita tui hujuscemodi criminis maxime eum pudet? Paternus amicus est. Ipse pater si judicaret, per Deos immortales! quid facere posses, cum tibi haec diceret?: Tu in provincia populi Romani praetor, cum tibi maritimum bellum esset administrandum, Mamertinis, ex foedere cum deberent navem, per triennium remisisti: tibi apud eosdem privatim navis oneraria maxima publice est aedificata: tu a civitatibus pecunias classis

nomine coegisti: tu pretio remiges dimisisti; tu, cum navis esset a quaestore et ab legato capta praedonum, archipiratam ab omnium oculis removisti: tu, qui cives Romani esse dicerentur, qui a multis cognoscerentur, securi ferire potuisti: tu tuam domum piratas adducere, in judicium archipiratam domo producere ausus es.

Tu in provincia tam splendida, apud socios fidelissimos, cives Romanos honestissimos, in metu periculoque provinciae, dies continuos complures in litore, conviviisque jacuisti: te per eos dies nemo domi tuae convenire, nemo in foro videre potuit: tu sociorum atque amicorum ad ea convivia matres familias adhibuisti: tu inter ejusmodi mulieres praetextatum tuum filium, nepotem meum, collocavisti, ut aetati maxime lubricae, atque incertae exempla nequitiae parentis vita praeberet: tu praetor in provincia cum tunica pallioque purpureo visus es: tu, propter amorem, libidinemque tuam, ímperium navium legato populi Romani ademisti, Syracusano tradidisti: tui milites in provincia Sicilia frugibus, frumentoque caruere: tua luxuria atque avaritia classis populi Romani a praedonibus capta, et incensa est.

Post Syracusas conditas, quem in portum nunquam hostis accesserat, in eo, te praetore, primum piratae navigarunt: neque haec tot, tantaque dedecora dissimulatione tua, neque oblivione hominum, ac taciturnitate tegere voluisti; sed etiam navium praefectos, sine ulla causa, de complexu parentum suorum, hospitum tuorum, ad mortem, cruciatumque rapuisti: neque in parentum luctu atque lacrymis te mei nominis commemoratio mitigavit: tibi hominum innocentium sanguis non modo voluptati, sed etiam quaestui fuit. Haec, si tibi tuus parens diceret, posses ab eo veniam petere? posses, ut tibi ignosceret, postulare?

EXEMPLO XLV.

Ibid.

Recapitulação engenhosa de Cic. Verr. V. C. 72.

NUnc te, Jupiter Opt. Max., cujus iste donum regale, dignum tuo pulcherrimo templo, dignum Capitolio, atque ista arce omnium nationum, dignumregio munere, tibi factum ab regibus, tibi dicatum atque promissum, per nefarium scelus de regiis manibus extorfit; cujusque sanctissimum et pulcherrimum simulacrum Syracusis sustulit: teque, Juno Regina, cujus duo fana duabus in insulis posita sociorum, Melitae, et Sami, sanctissima et antiquissima, simili scelere, idem iste omnibus donis, ornamentisque nudavit: teque, Minerva, quam item iste duobus in clarissimis et religiosissimis templis expilavit; Athenis, cum auri grande pondus; Syracusis, cum omnia, praeter tectum et parietes, abstulit: teque, Latona, et Apollo, et Diana, quorum iste Deli non fanum, sed, ut hominum opinio et religio fert, sedem antiquam, divinumque domicilium nocturno latrocinio atque impetu compilavit: etiam te, Apollo, quem iste Chio sustulit: teque etiam atque etiam, Diana, quam Pergae spoliavit; cujus simulacrum sanctissimum Segestae, bis apud Segestanos consecratum, semel ipsorum religione, iterum P. Africani victoria, tollendum asportandumque curavit: teque, Mercuri, quem Verres in villa, et in privata aliqua palaestra posuit, P. Africanus in urbe sociorum, et in gymnasio Tyndaritanorum, juventutis illorum custodem, ac praesidem voluit esse: teque, Hercules, quem iste Agrigenti, nocte intempesta, servorum instructa et comparata manu, convellere ex suis sedibus, atque auferre conatus est: teque, sanctissima mater Idaea, quam apud Enguinos augustissimo, et religiosissimo in templo sic spoliatam reliquit, ut nunc nomen modo Africani, et vestigia violatae religionis maneant; monumenta victoriae, fanique ornamenta non extent:

vosque omnium rerum forensium, consiliorum maximorum, legum judiciorumque arbitri, et testes, celeberrimo in loco praetorii locati, Castor et Pollux, quorum e templo quaestum sibi iste, et praedam maximam improbissime comparavit: omnesque Dii, qui vehiculis thensarum solemnes coetus ludorum initis, quorum iter iste ad suum quaestum, non ad religionum dignitatem, faciendum exigendumque curavit: teque, Ceres, et Libera, quarum sacra, sicut opiniones hominum ac religiones ferunt, longe maximis atque occultissimis caeremoniis continentur; a quibus initia vitae atque victus, legum, morum, mansuetudinis, humanitatis exempla hominibus et civitatibus data; quarum sacra populus Romanus a Graecis ascita et accepta tanta religione, et publice, et privatim tuetur, non, ut ab aliis hunc allata, sed ut caeteris hinc tradita esse videantur; quae ab isto uno sic polluta et violata sunt, ut simulacrum Caereris unum, quod a viro non modo tangi, sed ne aspici quidem fas fuit, e sacrario Catinae convellendum, auferendumque curaverit; alterum autem Ennae ex sua sede ac domo sustulerit, quod erat tale, ut homines, cum viderent, aut ipsam videre se Cererem, aut effigiem Cereris, non humana manu factam, sed coelo delapsam arbitrarentur: vos etiam atque etiam imploro et appello, sanctissimae Deae, quae illos Ennenses lacus, lucosque colitis, cunctaeque Siciliae, quae mihi defendenda tradita est, praesidetis; a quibus, inventis frugibus, et in orbem terrarum distributis, omnes gentes ac nationes vestri religione nominis continentur: caeteros item Deos, Deasque omnes imploro atque obtestor, quorum templis et religionibus iste, nefario quodam furore et audacia instinctus, bellum sacrilegum semper, impiumque habuit indictum, ut, si in hoc reo atque in hac causa, omnia mea consilia ad salutem sociorum, ad dignitatem populi Romani, fidem meam spectaverunt: si nullam ad rem, nisi ad officium et veritatem omnes meae curae, vigiliae, cogitationesque elaborarunt; quae mea mens in suscipienda causa fuit, fides in agenda, eadem vestra in judicanda sit. Denique uti C. Verrem, si ejus omnia

sunt inaudita et singularia facinora sceleris, audaciae, perfidiae, libidinis, avaritiae, crudelitatis, dignus exitus ejusmodi vita atque factis, vestro judicio, consequatur: utque respublica, meaque fides una hac accusatione mea contenta sit: mihique posthac bonos potius defendere liceat, quam improbos accusare necesse sit.

EXEMPLO LVI.

Ibid. Art. II. §. 3.

A atrocidade da punhada amplificada por Demost. contra Midias. Edit. Reisk. pag. 597. n. 10. *tom. I.*

ΟΥΔΕ γὰρ αὖ τοῦτ' ἔςιν εἰπεῖν, ὡς, οὐ γεγενημένου πώποτ' οὐδενὸς ἐκ τῶν τοιούτων δεινοῦ, τῷ λόγῳ τὸ πρᾶγμα ἐγὼ νῦν αἴρω, καὶ φοβερὸν ποιῶ. πολλοῦ γε καὶ δεῖ. ἀλλ' ἴσασιν ἅπαντες, εἰ δὲ μὴ, πολλοί γε, Εὔθυμον, τὸν παλαίσαντά ποτ' ἐκεῖνον, τὸν νεανίσκον, Σώφιλον; τὸν παγκρατιαστὴν. (ἰσχυρός τις ἦν, μέλας, εὖ οἶδ', ὅτι γιγνώσκουσί τινες ὑμῶν, ὃν λέγω) τοῦτον ἐν Σάμῳ ἐν συνουσίᾳ τινὶ καὶ διατριβῇ οὕτως ἰδίᾳ, ὅτι ὁ τύπτων αὐτὸν ὑβρίζειν ᾤετο, ἀμυνάμενον οὕτως, ὥςε καὶ ἀποκτεῖναι. Ἴσασι Εὐαίωνα πολλοὶ, τὸν Λεωδάμαντος ἀδελφον, ἀποκτείναντα Βοιωτὸν ἐν δείπνῳ, καὶ συνόδῳ κοινῇ διὰ πληγὴν μίαν. οὐ γὰρ ἡ πληγὴ παρέςησε τὴν ὀργὴν, ἀλλ' ἡ ἀτιμία· οὐδὲ τὸ τύπτεσθαι τοῖς ἐλευθέροις ἐςὶ δεινὸν, καίπερ ὂν δεινὸν, ἀλλὰ τὸ ἐφ' ὕβρει.

Πολλὰ γὰρ ἂν ποιήσειεν ὁ τύπτων, ὦ ἄνδρες ἀθηναῖοι, ὧν ὁ παθὼν ἔνια οὐδ' ἂν ἀπαγγεῖλαι δύναιθ' ἑτέρῳ, τῷ σχήματι, τῷ βλέμματι, τῇ φωνῇ. ὅταν ὡς ὑβρίζων, ὅταν ὡς ἐχθρὸς ὑπάρχων, ὅταν κονδύλοις, ὅταν ἐπὶ κόρρης. ταῦτα κινεῖ, ταῦτα ἐξίςησιν ἀνθρώπους αὑτῶν, ἀήθεις ὄντας τοῦ προπηλακίζεσθαι. Οὐδεὶς ἂν, ὦ ἄνδρες ἀθηνᾶιοι, ταῦτ' ἀπαγγέλλων δύναιτο τὸ δεινὸν παραςῆσαι τοῖς ἀκούουσιν οὕτως, ὡς ἐπὶ τῆς αληθείας,

καὶ τοῦ πράγματος τῷ πάσχοντι, καὶ τοῖς ὁρῶσιν ἐναργὴς ἡ ὕβρις φαίνεται.

Σκέψασθε δὴ πρὸς διὸς καὶ θεῶν, ὦ ἄνδρες ἀθηναῖοι, καὶ λογίσασθε παρ' ὑμῖν αὐτοῖς, ὅσῳ πλείονα ὀργὴν ἐμοὶ προσῆκε παραςῆναι, πάσχοντα τοιαῦτα ὑπὸ Μειδίου, ἢ τότε ἐκείνῳ τῷ Εὐαίωνι τῷ τὸν βοιωτὸν ἀποκτείναντι. ὁ μέν γε ὑπὸ γνωρίμου, καὶ τούτου μεθύοντος, ἐναντίον ἓξ, ἢ ἑπτὰ ἀνθρώπων ἐπλήγη, καὶ τούτων γνωρίμων· οἳ τὸν μὲν κακιεῖν ἐφ' οἷς ἔπραξε, τὸν δ' ἐπαινέσεσθαι μετὰ ταῦτα, ἀνασχόμενον καὶ κατασχόνθ' ἑαυτὸν, ἤμελλον· καὶ ταῦτ' εἰς οἰκίαν ἐλθὼν ἐπὶ δεῖπνον, οἷ μηδὲ βαδίζειν ἐξῆν αὐτῷ. ἐγὼ δ' ὑπ' ἐχθροῦ νήφοντος ἕωθεν, ὕβρει, καὶ οὐκ οἴνῳ, τοῦτο ποιοῦντος ἐναντίον πολλῶν, καὶ ξένων, καὶ πολιτῶν, ὑβριζόμην, καὶ ταῦτ' ἐν ἱερῷ, καὶ οἷ πολλή μοι ἦν ἀνάγκη βαδίζειν χορηγοῦντι.

Καὶ ἐμαυτὸν μέν γε, ὦ ἄνδες ἀθηναῖοι, σωφρόνως, μᾶλλον δ' εὐτυχῶς οἴομαι βεβουλεῦσθαι, ἀνασχόμενον τότε, καὶ μηδὲν ἀνήκεςον ἐξαχθέντα πρᾶξαι. τῷ δ' Εὐαίωνι, καὶ πᾶσιν, εἴ τις αὐτῷ βεβοήθηκεν ἀτιμαζομένῳ, πολλὴν συγγνώμην ἔχω. δοκοῦσι δέ μοι καὶ τῶν δικασάντων τότε πολλοί. ἀκούω γὰρ αὐτὸν ἔγωγε μιᾷ μόνον ἁλῶναι ψήφῳ, καὶ ταῦτα οὔτε κλαύσαντα, οὔτε δεηθέντα τῶν δικαςῶν οὐδενὸς, οὔτε φιλάνθρωπον, οὔτε μικρὸν, οὔτε μέγα, οὐδ' ὁτιοῦν πρὸς τοὺς δικαςὰς ποιήσαντα. θῶμεν τοίνυν οὑτωσί. τοὺς μὲν καταγνόντας αὐτοῦ μὴ, ὅτι ἠμύνετο, διὰ τοῦτο καταψηφίσασθαι, ἀλλ' ὅτι τοῦτον τὸν τρόπον, ὥςε καὶ ἀποκτεῖναι. τοὺς δ' ἀπογνόντας καὶ ταύτην τὴν ὑπερβολὴν τῆς τιμωρίας τῷ γε τὸ σῶμα ὑβριζομένῳ δεδωκέναι. τί οὖν; ἐμοὶ τῷ τοσαύτῃ κεχρημένῳ προνοίᾳ τοῦ μηδὲν ἀνήκεςον γενέσθαι, ὥςε μηδ' ἀμύνασθαι, παρὰ τοῦ τὴν τιμωρίαν, ὧν πέπονθα, ἀποδοθῆναι προσήκει; ἐγὼ μὲν οἶμαι παρ' ὑμῶν, καὶ τῶν νόμων· καὶ παράδειγμα γε τοῦτον πᾶσι γενέσθαι τοῖς ἄλλοις, ὅτι τοὺς ὑβρίζοντας ἅπαντας, καὶ τοὺς ἀσελγεῖς, οὐκ αὐτὸν

ἀμύνεσθαι μετὰ τῆς ὀργῆς, ἀλλ' ἐφ' ὑμᾶς ἄγειν δεῖ, ὡς βεβαιούντων ὑμῶν καὶ φυλαττόντων τὰς ἐν τοῖς νόμοις κατὰ τῶν ἀδικούτων τοῖς παθοῦσι βοηθείας.

EXEMPLO XLVII.

Ibid. §. IV.

Preoccupação, com que Eschines prevenio o modo da defeza de Demosth. Ed. Reisk. Tom. I. p. 597. n. 27. e segg. da oração contra Ctesiphonte.

ἈΛΛ' ἃ δὴ συμβήσεται ὑμῖν, ἐὰν μὴ τοῦτον τὸν τρόπον τὴν ἀκρόασιν ποιῆσθε, ταῦθ' ὑμῖν ἤδη δίκαιος εἰμι προειπεῖν. ἐπεισάξει γὰρ τὸν γόητα, καὶ βαλαντιοτόμον, καὶ διατετμηκότα τὴν πολιτείαν. οὗτος κλαίει μὲν ῥᾷον, ἢ ἄλλοι γελῶσιν, ἐπιορκεῖ δὲ πάντων προχειρότατα ἀνθρώπων. οὐκ ἂν θαυμάσαιμι δὲ, εἰ μεταβαλλόμενος τοῖς ἔξω περιεστηκόσι λοιδορήσεται, φάσκων τοὺς μὲν ὀλιγαρχικοὺς ὑπ' αὐτῆς τῆς ἀληθείας διηριθμημένους ἥκειν πρὸς τὸ τοῦ κατηγόρου βῆμα, τοὺς δὲ δημοτικοὺς προς τὸ τοῦ φεύγοντος.

Ὅταν δὴ ταῦτα λέγῃ, πρὸς μέν τὸυ στασιαστικοὺς λόγους, ἐκεῖνο αὐτῷ ὑποβάλλετε, ὅτι, ὦ Δημόσθενες, εἰ σοὶ ἦσαν ὅμοιοι οἱ ἀπὸ Φυλῆς φεύγοντα τὸν δῆμον καταγαγόντες, οὐκ ἂν ποτε ἡ δημοκρατία κατέστη. νῦν δε ἐκεῖνοι μὲν, μεγάλων κακῶν συμβάντων, ἔσωσαν τὴν πόλιν, τὸ κάλλιστον ἐκ παιδείας ῥῆμα φθεγξάμενοι, « Μη μνησικακειν· » Σὺ δὲ ἑλκοποιεῖς, καὶ μᾶλλόν σοι μέλει τῶν αὐθημερὸν λόγων, ἢ τῆς σοτηρίας τῆς πόλεως.

Ὅταν δ' ἐπίορκος ὢν, εἰς τὴν διὰ τῶν ὅρκων πίστιν καταφυγγάνῃ, ἐκεῖνο ἀπομνημονεύσατε αὐτῷ, ὅτι τῷ πολλάκις μὲν ἐπιορκοῦντι, ἀεὶ δὲ πρὸς τοὺς αὐτοῦς μεθ' ὅρκων ἀξιοῦντι πιστεύεσθαι, δυοῖν θάτερον ὑπάρξαι δεῖ, ὧν οὐδετερὸν ἐστι Δημοσθένει ὑπάρχον, ἢ τοὺς θεοὺς καίνοὺς, ἢ τοὺς ἀκροατὰς μὴ τοὺς αὐτούς.

Περὶ δὲ τῶν δακρύων, καὶ τοῦ τόνου τῆς φωνῆς, ὅταν ὑμᾶς ἐπερωτᾷ, ποῖ καταφύγω, ἄνδρες ἀθεναῖοι; εἰ περιγράψετέ με ἐκ τῆς πολιτείας, οὐκ ἔςιν ὅπη ἀναπτήσομαι· ἀνθυποβάλλετε αὐτῷ, ὁ δὲ δῆμος ὁ Αθηναίων ποῖ καταφύγῃ, Δημόσθενες; πρὸς ποίαν συμμάχων παρασκευήν; πρὸς ποῖα χρήματα; τί προβαλλόμενος ὑπὲρ τοῦ δήμου πεπολίτευσαι; ἅ μὲν γάρ ὑπὲρ σεαυτοῦ βεβούλευσαι, ἅπάντες ὁρῶμεν, ἐκλιπὼν μὲν τὸ ἄςυ, οὐκ οἰκεῖς, ὡς δοκεῖς, ἐν Πειραιεῖ, ἀλλ' ἐξορμεῖς ἐκ τῆς πόλεως, ἐφόδια δὲ πεπόρισαι τῇ σαυτοῦ ἀνανδρίᾳ τὸ βασιλικὸν χρυσίον, καὶ τὰ δημόσια δωροδκήματα.

Ὅλως δὲ τί τὰ δάκρυα; τίς ἡ κραυγή; τίς ὁ τόνος τῆς φωνῆς; οὐχ' ὁ μὲν τὴν Γραφὴν φεύγων ἐςὶ Κτησιφῶν; ὁ δὲ ἀγὼν οὐκ ἀτίμητος; σὺ δ' οὔτε περὶ τῆς οὐσίας, οὔτε περὶ τοῦ σώματος, οὔτε περὶ τῆς ἐπιτιμίας ἀγωνίζῃ. ἀλλὰ περὶ τίνος ἐςὶν αὐτῷ ἡ σπουδή; περὶ χρυσῶν ςεφάνων καὶ κηρυγμάτων ἐν τῷ θεάτρῳ παρὰ τοὺς νόμους.

EXEMPLO XLVIII.

Ibid. §. VI.

Epilogo da Oração de Cicero pro Milione *C. XXXVI.*

HAec tu mecum saepe his absentibus: sed iisdem audientibus haec ego tecum, Milo.

Te quidem, quod isto animo es, satis laudare non possum, sed quo est ista magis divina virtus, eo majore a te dolore divellor. Nec vero, si mihi eriperis, reliqua est illa saltem ad consolandum querela, ut his irasci possim, a quibus tantum vulnus accepero. Non enim inimici mei te mihi eripient, sed amicissimi: non male aliquando de me meriti, sed semper optime. Nullum unquam, Judices, mihi tantum dolorem inuretis (etsi quis potest esse tantus?) sed ne hunc quidem ipsum, ut obliviscar, quanti me semper

feceritis. Quae si vos cepit oblivio, aut si in me aliquid offendistis, cur non id meo capite potius luitur, quam Milonis? Praeclare enim vixero, si quid mihi acciderit prius, quam hoc tantum mali videro.

Nunc me una consolatio sustentat, quod tibi, T. Anni, nullum a me amoris, nullum studii, nullum pietatis officium defuit. Ego inimicitias potentium pro te appetivi: ego meum semper corpus, et vitam objeci armis inimicorum tuorum: ego me plurimis pro te supplicem abjeci: bona, fortunas meas, ac liberorum meorum in communionem tuorum temporum contuli: hoc denique ipso die, si qua vis est parata, si qua diminutio capitis futura, deposco. Quid jam restat? quid habeo, quod dicam? Quid faciam pro tuis in me meritis, nisi, ut eam fortunam, quaecunque erit tua, ducam meam? Non recuso, non abnuo: vosque obsecro, Judices, ut vestra beneficia, quae in me contulistis, aut in hujus salute augeatis, aut in ejusdem exitio occasura esse videatis.

His lacrymis non movetur Milo: est quodam incredibili robore animi: exilium ibi esse putat, ubi virtuti non sit locus: mortem naturae finem esse, non poenam. Sit hic ea mente, qua natus est. Quid vos, Judices? quo tandem animo eritis? Memoriam Milonis retinebitis, ipsum ejicietis? et erit dignior locus in terris ullus, qui hanc virtutem excipiat, quam hic, qui procreavit? Vos, vos appello, fortissimi viri, qui multum pro Rep. sanguinem effudistis, vos in viri et in civis invicti appello periculo, centuriones, vosque milites: vobis non modo inspectantibus, sed etiam armatis et huic judicio praesidentibus, haec tanta virtus ex hac urbe expelletur? exterminabitur? projicietur?

O me miserum! O infelicem! revocare tu me in patriam, Milo, potuisti per hos, ego te in patria per eosdem retinere non potero? Quid respondebo liberis meis, qui te parentem alterum putant? Quid tibi, Q. frater, qui nunc abes, consorti mecum temporum illorum? Me non potuisse Milonis salutem tueri per eosdem, per quos nostram ille servasset? At in qua causa non potuisse? quae est grata genti-

bus. A quibus non potuisse? ab his, qui maxime P. Clodii morte acquiescunt. Quo deprecante? me.

Quodnam ego concepi tantum scelus? aut quod in me tantum facinus admisi, Judices, cum illa indicia communis exitii indagavi, patefeci, protuli, extinxi? Omnes in me, meosque redundant ex fonte illo dolores. An ut, inspectante me, expellerentur, per quos essem restitutus? Nolite, obsecro vos, pati mihi accerbiorem reditum esse, quam fuerit ille ipse discessus. Nam qui possum putare me restitutum esse, si distrahor ab his, per quos restitutus sum?

Utinam Dii immortales fecissent (pace tua, Patria, dixerim; metuo enim ne scelerate dicam in te, quod pro Milone dicam pie) utinam P. Clodius, non modo viveret, sed etiam praetor, consul, dictator esset potius, quam hoc spectaculum viderem. O Dii immortales! Fortem, et a vobis, Judices, conservandum virum! Minime, minime, inqut. Imo vero poenas ille debitas luerit: nos subeamus, si ita necesse est, non debitas. Hiccine vir patriae natus, usquam, nisi in patria morietur? aut, si forte pro patria, hujus vos animi monumenta retinebitis, corporis in Italia nullum sepulchrum esse patiemini? Hunc sua quisque sententia ex hac urbe expellet, quem omnes urbes expulsum a vobis ad se vocabunt?

O terram illam beatam, quae hunc virum exceperit; hanc ingratam, si ejecerit; miseram, si amiserit! Sed finis sit. Neque enim prae lacrymis jam loqui possum: et hic se lacrymis defendi vetat. Vos oro obtestorque, Judices, ut in sententiis ferendis, quod sentietis, id audeatis. Vestram virtutem, justitiam, fidem, mihi credite, is maxime probabit, qui in judicibus legendis optimum, et sapientissimum, et fortissimum quemque legit.

EXEMPLO XLIX.

Ibid.

Prosopopeia do réo na Peroração pro Milone, *Cap. XXXIV.*

ME quidem, Judices, exanimant, et interimunt hae voces Milonis, quas audio assidue, et quibus intersum quotidie.

Valeant, inquit, valeant cives mei; sint incolumes, sint florentes, sint beati. Stet haec urbs praeclara, mihique patria carissima, quoquo modo merita de me erit. Tranquilla Rep., cives mei, quoniam mihi cum illis non licet, sine me ipsi, sed per me tamen, perfruantur. Ego cedam atque abibo. Si mihi Rep. bona frui non licuerit, at carebo mala: et quam primum tetigero bene moratam, et liberam civitatem, in ea conquiescam.

O frustra, inquit, suscepit mei labores! O spes fallaces! O cogitationes inanes meae! Ego, cum tribunus plebis, Republica opressa, me Senatui dedissem, quem extinctum acceperam; equitibus Romanis, quorum vires erant debiles; bonis viris, qui omnem auctoritatem Clodianis armis abjecerant: mihi unquam bonorum praesidium defuturum putarem? Ego, cum te (mecum enim saepissime loquitur) patriae reddidissem, mihi non futurum in patria putarem locum? ubi nunc senatus est, quem secuti sumus? Ubi equites Romani, illi, illi, inquit, tui? Ubi studia municipiorum? Ubi Italiae voces? Ubi denique tua, M. Tulli, quae plurimis fuit auxilio, vox et defensio? Mihine ea soli, qui pro te toties morti me obtuli, nihil potest opitulari?

EXEMPLO L.

Ibid. Art. III. §. IV.

Epilogo sobre os Commandantes das náos. Verr. V. C. 45.

O magnum atque intolerandum dolorem! O gravem accerbamque fortunam! non vitam liberum, sed mortis celeritatem pretio redimere cogentur parentes. Atque ipsi etiam adolescentes cum Sestio de eadem plaga, et de uno illo ictu loquebantur, idque postremum parentes suos liberi orabant, ut levandi cruciatus sui gratia, lictori pecunia daretur, multi et graves dolores inventi parentibus et propinquis: Multi; verumtamen mors sit extrema. Non erit. Est ne aliquid ultra, quo progredi crudelitas possit? Reperietur. Nam illorum liberi cum erunt securi percussi ac necati, corpora feris objicientur. Hoc si luctuosum est parenti, redimat pretio sepeliendi potestatem....

Quis tam fuit illo tempore durus et ferreus, quis tam inhumanus, praeter unum te, qui non illorum aetate, nobilitate, miseria commoveretur? Ecquis fuit, quin lacrymaretur? Quin ita calamitatem putaret illorum, ut fortunam tamen non alienam, periculum autem commune agi arbitraretur? Feriuntur securi. Laetaris tu in omnium gemitu et triumphas: testes avaritiae tuae gaudes esse sublatos. Errabas, Verres, et vehementer errabas, cum te maculas furtorum et flagitiorum tuorum, sociorum innocentium sanguine, eluere arbitrabare: praeceps amentia ferebare, qui te existimares avaritiae vulnera, crudelitatis remediis; posse sanare. Etenim, quanquam illi sunt mortui sceleris tui testes, tamen eorum propinqui, neque tibi, neque illis desunt: tamen ex illo ipso numero navarchorum aliqui vivunt, et adsunt: quos, ut mihi videtur, ab illorum innocentium poena, fortuna ad hanc causam reservavit. .

Per Deos immortales! Judices, quo tandem animo sedetis? aut quemadmodum auditis? utrum ego desipio, et plusquam satis est doleo in tanta calami-

tate, miseriaque sociorum? An vos quoque hic acerbissimus innocentium cruciatus et maeror pari sensu doloris afficit? Ego enim cum Herbitensem, cum Heracliensem securi esse percussum dico, versatur mihi ante occulos indignitas calamitatis.

EXEMPLO LI.

Liv. II. Cap. XII. Art. III. §. III.

Falla de Andromacha em Virg. Eneid. III. v. 321.

O felix una ante alias Priameia virgo,
Hostilem ad tumulum Troiae sub moenibus altis
Jussa mori, quae sortitus non pertulit ullos,
Nec victoris heri tetigit captiva cubile!
Nos, patria incensa, diversa per aequora vectae
Stirpis Achilleae fastus, juvenemque superbum
Servitio enixae tulimus: qui deinde secutus
Ledaeam Hermionen, Lacedaemoniosque Hymenaeos,
Me famulam, famuloque Heleno transmisit habendam.

EXEMPLO LII.

Ibid. §. VI.

Pintura da Consternação da mãi de Euryalo em Virg. En. IX. v. 473.

INterea pavidam volitans pennata per urbem
Nuntia fama ruit, matrisque adlabitur aures
Euryali: ac subitus miserae calor ossa reliquit:
Excussi manibus radii, revolutaque pensa.
Evolat infelix et foemineo ululatu,
Scissa comam, muros amens, atque agmina cursu
Prima petit: non illa virum, non illa pericli
Telorumque memor: coelum dehinc questibus implet.

HUNC ego te, Euryale, aspicio? tunc illa senectae
Sera meae requies? Potuisti linquere solam

Crudelis? nec te sub tanta pericula missum.
Affari extremum miserae data copia matri?
Heu! terra ignota, canibus data praeda Latinis
Alitibusque jaces! nec te tua funera mater
Produxi, pressive oculos, aut vulnera lavi,
Veste tegens, tibi, quam noctes festina, diesque
Urgebam, et tela curas solabar aniles.
Quo sequar? aut quae nunc artus avulsaque membra,
Et funus lacerum tellus habet? Hoc mihi de te,
Nate, refers? Hoc sum terraque, marique secuta?
Figite me, si qua est pietas, in me omnia tela
Conjicite, O Rutuli, me primam absumite ferro.
Aut tu, Magne Pater Divum, miserere, tuoque
Invisum hoc detrude caput sub tartara telo:
Quando aliter nequeo crudelem abrumpere vitam.

EXEMPLO LIII.

Ibid.

Phantasia, e Pintura do enterro de Pallante em Virg. Eneid. XI. v. 29.

SIc ait illacrymans, recipitque ad limina gressum,
Corpus ubi exanimi positum Pallantis Acaetes
Servabat senior, qui Parrhasio Evandro
Armiger ante fuit; sed non felicibus aeque
Tum comes auspiciis caro datus ibat alumno.
Circum omnes famulumque manus, Trojanaque turba.
Ut vero Aeneas foribus sese intulit altis,
Ingentem gemitum tunsis ad sidera tollunt
Pectoribus, maestoque immugit regia luctu.
Ipse caput nivei fultum Pallantis et ora
Ut vidit, levique patens in pectore vulnus
Cuspidis Ausoniae; lacrymis ita fatur obortis:

TENE, inquit, miserande puer, cum laeta veniret,
Invidit fortuna mihi? ne regna videres
Nostra, neque ad sedes victor veherere paternas?
Non haec Evandro de te promissa parenti

Discedens dederam ; cum me complexus euntem
Mitteret in magnum imperium; metuensque moneret
Acres esse viros , cum dura praelia gente.
Et nunc ille quidem spe multum captus inani,
Fors et vota facit, cumulatque altaria donis.
Nos juvenem exanimum, et nil jam caelestibus ullis
Debentem , vano moesti comitamur honore.
Infelix! Nati funus crudele videbis.
Hi nostri reditus, ! expectatique triumphi!
Haec mea magna fides ! At non, Evandre, pudendis
Vulneribus pulsum aspicies, nec sospite dirum
Optabis nato funus pater. Hei mihi, quantum
Praesidium, Ausonia, et quantum tu perdis, Iule!
Haec ubi deflevit, tolli miserabile corpus
Imperat, et toto lectos ex agmine mittit
Mille viros, qui supremum comitentur honorem,
Intersintque patris lacrymis, solatia luctus
Exigua ingentis, misero sed debita patri.
Haud segnes alii crates, et molle feretrum
Arbuteis texunt virgis, et vimine querno;
Extructosque toros obtentu frondis inumbrant.
Hic juvenem agresti sublimem in stramine ponunt:
Qualem virgineo demessum pollice florem
Seu mollis violae, seu languentis hyacinthi,
Cui neque fulgor adhuc, nec dum sua forma recessit,
Nec jam mater alit tellus, viresque ministrat.
Tum geminas vestes auroque, ostroque rigentes
Extulit Aeneas, quas illi laeta laborum
Ipsa suis quondam manibus Sidonia Dido
Fecerat, et tenui telas discreverat auro.
Harum unam juveni supremum moestus honorem
Induit, arsurasque comas obnubit amictu,
Multaque praeterea Laurentis praemia pugnae
Aggerat, et longo praedam jubet ordine duci.
Addit equos, et tela, quibus spoliaverat hostem.
Vinxerat et post terga manus, quos mitteret umbris
Inferias, caeso sparsuros sanguine flammam;
Indutosque jubet truncos hostilibus armis
Ipsos ferre duces, inimicaque nomina figi.
Ducitur infelix aevo confectus Acoetes,
Pectora nunc foedans pugnis, nunc unguibus ora,

Sternitur, et toto projectus corpore terrae.
Ducunt, et Rutulo perfusos sanguine currus.
Post bellator equus, positis insignibus, Aeton
It lacrymans, guttisque humectat grandibus ora.
Hastam alii, galeamque ferunt, nam caetera Turnus
Victor habet. Tum moesta phalanx, Teucrique sequuntur,
Tyrrhenique duces, et versis Arcades armis.
Postquam omnis longe comitum processerat ordo,
Substitit Aeneas, gemituque haec addidit alto:

NOS alias hinc ad lacrymas eadem horrida belli
Fata vocant. Salve aeternum mihi, maxime Palla,
Aeternum vale.

EXEMPLO LIV.

Ibid.

Imagem da morte de Anthor em Virg. Eneid. X. v. 776.

... DIxit. Stridentemque eminus hastam
Jecit. At illa volans clipeo est excussa, proculque
Egregium Anthorem latus inter, et ilia figit,
Herculis Anthorem comitem, qui missus ab Argis
Haeserat Evandro, atque Itala consederat urbe.
Sternitur infelix alieno vulnere, coelumque
Aspicit, et dulces moriens reminiscitur Argos.

FIM DO I. TOMO.

INSTITUIÇÕES ORATORIAS

DE

M. FABIO QUINTILIANO

ESCOLHIDAS DOS SEUS XII LIVROS,

Traduzidas em Linguagem, e illustradas com notas Criticas, Historicas, e Rhetoricas, para uso dos que aprendem.

Ajuntão-se no fim as Peças originaes de Eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituições

POR

Jeronymo Soares Barboza,

Jubilado na Cadeira de Eloquencia, e Poezia em a Universidade de Coimbra.

Edição segunda feita sobre a primeira.

TOMO II.



COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1836.

Eligat itaque peritus ille praeceptor ex omnibus optima, et tradat ea demum in praesentia quae placent, remota refutandi cetera mora.

QUINT. *Inst. Orat.* Prol. Lib. VIII. n. 3.

INDICE

DOS

CAPITULOS, E ARTIGOS DESTE II TOMO.

LIVRO III.

DA ELOCUÇÃO.

INSTITUIÇÕES ORATORIAS
DE
M. FABIO QUINTILIANO.

LIVRO TERCEIRO

DA ELOCUÇÃO.

PROLEGOMENOS SOBRE A ELOCUÇÃO.

(Prol. Liv. VIII.)

ARTIGO I.

Methodo, que os Mestres devem seguir no ensino das doutrinas antecedentes, e summario das mesmas.

Methodo, que os Mestres devem seguir no ensino das regras.

§. I. NO que deixamos tratado em os sinco livros antecedentes se contem quasi todas as regras pertencentes á *Invenção*, e *Disposição*, cujo conhecimento exacto, e profundo, assim como he necessario a quem quer conseguir a perfeição desta sciencia; assim convem melhor ensinal-as ao principiantes com mais brevidade, e simplicidade. (*a*) Porque fazendo-se o contrario, os espiritos, ou se costumão aterrar com a difficuldade de regras tão miudas, e complicadas;

(*a*) Vej. Pref. ao tom. I. pag. XI. e Quint. III, 11, 21, e XII, 11, 14.

ou se sopeão á vista de hum estudo escabrozo naquella idade, em que mais se deve fomentar o genio, e nutril-o com algum genero de indulgencia; ou tendo aprendido as regras só, se crem assaz providos de tudo o preciso para a Eloquencia; ou emfim prezos a ellas, como a leis certas e impreteriveis, temem todo o vôo livre do genio: razão, porque muitos assentão, que os Rhetoricos, que com mais miudeza escreverão da Arte, forão justamente os que estiverão mais longe de ser eloquentes. (*a*) Isto não obstante o methodo he necessario aos principiantes. Mas este seja plano, e facil para se seguir, e para se mostrar. *Escolha pois o Mestre intelligente, de tudo isto o melhor, e ensine por ora só o que escolher, sem se demorar em refutar doutrinas contrarias.* (*b*) Porque os principiantes vão por onde os levão. Com os estudos irá tambem crescendo a erudição. Ao principio porem não conheção outro caminho fora daquelle,

---

(*a*) Nota aqui Quintiliano muitos Rhetoricos Gregos, que detinhão os discipulos nas suas aulas mais tempo, do que devia ser, parte por desejo do lucro, parte por ostentação, para fazer parecer difficil o objecto da sua profissão, parte emfim por ignorancia de methodo. Vej. Quint. XII, 11, 14. O auctor da Rhetorica a Herennio censura nos mesmos o mesmo defeito, e pelas mesmas causas. *Nam illi, (Graeci) ne parum multa scisse viderentur, ea conquisierunt, quae nihil attinebant, ut ars difficilior cognitu videretur: nos autem ea, quae videbantur ad rationem dicendi pertinere, sumpsimus. Non enim spe quaestus commoti venimus, ad scribendum, quemadmodum ceteri.* Quintiliano neste lugar teve em vista principalmente a Hermagoras, mestre de Cicero, de quem elle diz assim Liv. III. Cap. 11, n. 21. *Simplicius autem instituenti non est necesse per tam minutas rerum particulas rationem docendi* (julgo se deve ler *dicendi* segundo o Cod. Gothano) *concidere. Quo vitio multi quidem laborarant: praecipue tamen Hermagoras, vir alioquin subtilis, et in plurimis admirandus, tantum diligentiae nimium solicitae, ut ipsa ejus reprehensio laude aliqua non indigna sit.* Mr. Godoyn em huma nota a este lugar crê, que o mesmo se pode dizer de Aristoteles. Não o julgou porem assim Quint. que X. 1, 83. o admira não só pela sua sciencia profunda, mas ainda pela sua eloquencia. Ao Rhetorico Hermagoras derão os antigos o nome de ξυςῆς (scalpelo) por dissecar, e anatomizar demasiadamente o discurso. Vej. Synes. Dion. pag. 47.

(*b*) Deste lugar formei o lemma, que puz no frontespicio deste compendio. Elle contem a regra mestra, a que me conformei em todo este trabalho.

em que os meterão. A experiencia depois lhes ensinará, que elle he tambem o melhor. Com effeito ha muitas couzas, que não são em si, nem escuras, nem difficeis de comprehender, as quais, não obstante isto, os escriptores embrulharão com as opiniões contrarias, que seguem, e defendem com pertinacia. Por esta razão em todo o tratado desta arte he mais difficultoso escolher o que se hade ensinar, do que ensinal-o depois de escolhido. Nestas duas partes especialmente ha muito poucas cousas, nas quais, se hum discipulo se mostrar docil, hirá corrente para o mais.

Summario das doutrinas antecedentes, sobre a Invenção, e Dispozição.

§. II. Na verdade não tivemos pouco trabalho para fazer ver, que a Eloquencia era huma *Sciencia de falar bem*; que era huma *Arte*; que era huma *Virtude*; que a sua materia erão *Todas as cousas, sobre que se podia discorrer*; depois, que todas ellas quasi se continhão nas tres classes de causas, *Demonstrativas*, *Deliberativas*, e *Judiciaes*; que toda a Oração constava de *Pensamentos*, e *Palavras*; que para os pensamentos era precisa a *Invenção*, para as palavras a *Elocução*, e para humas, e outras a *Disposição*, as quais todas erão decoradas pela *Memoria*, e recommendadas pela *Acção*; que o officio do Orador se reduzia a tres cousas, *Instruir*, *Mover*, e *Deleitar*, para a primeira das quais servia a *Narração*, e a *Prova*, e para a segunda as *Paixões*, as quais tendo lugar por toda a oração, dominavão principalmente no principio e no fim; pois que o *Deleite*, ainda que o haja em ambas as cousas, tem o seu proprio lugar na Elocução; (*a*) que as *Questões*, humas erão *Inde-*

(*a*) O Orador deleita, atrahe, concilia, e insinua-se (pois todas estas palavras são synonymas) ou por meio *do que diz*, ou pelo *modo, com que o diz.* Se o que elle diz he agradavel pelos sentimentos, que exprime, ou de *Probidade*, *Benevolencia*, e mais virtudes pertencentes a estas; ou conformes aos costumes de seus ouvintes, amoldando o seu discurso ao genio, inclina-

terminadas, outras *Determinadas* pelas circunstancias particulares das pessoas, dos lugares, e dos tempos; que em qualquer materia todas as questões se reduzião a estes tres estados, *Se a cousa existe? Que cousa he?* e *Que qualidades tem?*

A isto accrescentavamos, que o *Genero Demonstrativo* constava de *Louvor*, e *Vituperio*, e que em hum e outro se devia ver o que a pessoa, de quem fallavamos, fez em vida, e o que succedeo depois de morta; que o *Honesto*, e o *Util* erão as duas materias deste genero; que ao *Deliberativo* accrescia huma terceira, se a cousa, sobre que se deliberava, era *possivel*, ou *provavel* que *succedesse?* Aqui dissemos, se devia ver principalmente, *Quem fallava*, *Diante de quem*, e *Sobre que*.

Quanto ás causas *Judiciaes*, que humas consistião em hum ponto unico controverso, outras em muitos, e que em algumas bastava *Intentar a acção*, *e contrarial-a*; e que toda a contrariedade constava, ou de *Negação*, (a qual he de dois modos, já examinando se a cousa se fez, já se o que affirma o adversario, he o mesmo, que se fez) ou de *Justificação*, ou de *Exceição*; que toda a questão nasce, ou do *Facto*, ou da *Lei*. No *Facto*, se disputa sobre a *verdade* delle; ou sobre a sua *definição*, ou sobre a sua *qualidade*; na *Lei*, sobre a *força* dos termos, em que he concebida, ou sobre a *intenção do Legislador*, pelas quaes cousas se costuma examinar a natureza das cousas, e das acções, as quaes nascem da *collisão*, *ou da letra da lei com o seu espirito*, *ou de dois sentidos*, *de que a mesma lei he susceptivel*, *ou*

ções, e idêas de seus ouvintes: então o *Deleite* nasce dos *Meios Ethicos*. Se o modo, com que o diz, he deleitozo pelo estilo agradavel, com que reveste os pensamentos, então o *Deleite* nasce da *Elocução*, não de toda, mas de certa especie de Elocução. O *Deleite* pois, considerado como um terceiro meio de persuadir, he differente do de *Ensinar*, e *Mover*, e da elocução propria a estes meios. Comtudo como o deleite geral consiste no exercicio moderado das nossas faculdades, tanto corporaes, como espirituaes; está claro, que a Prova, que desenvolve as nossas idêas, e as Paixões, que põem em movimento a nossa alma, hãode ter tambem seu deleite proprio.

de duas leis contrarias, *ou emfim do Raciocinio*, com que se argumenta do cazo de huma lei para outro similhante. (*a*)

Que em toda a causa Judicial havia sinco partes, das quais o *Exordio* era para conciliar o ouvinte, a *Narração* para propor a causa, a *Prova* para a confirmar, a *Refutação* para enfraquecer a do adversario, e a *Peroração* emfim para renovar a memoria do juiz, ou mover os animos. A isto accrescentámos os *Lugares dos Argumentos*, e dos *Affectos*, mostrando os modos, porque convem apaixonar os juizes, socegalos, e fazelos rir. Porfim se ajuntarão as regras para dividir, e distribuir hum assumpto em suas partes. Em todas estas cousas porem queira persuadir-se o discipulo, que há, sim, huma arte e methodo certo, mas que nelle mesmo cadaqual porsi deve fazer muitas couzas guiado mais pela razão, que pelo ensino. Porque estas mesmas regras, de que fallei, não são tanto fructo da invenção dos mestres, quanto da observação feita sobre a practica. (*b*)

ARTIGO II.

Da difficuldade, e importancia da Elocução.

Difficuldade da Elocução.

§. I. MAis cuidado, e trabalho requerem as cousas, que se seguem. Pois vamos a tratar já da Elocução, esta parte da Eloquencia a mais difficultosa de todas na opinião commua dos Oradores. Porque M. Antonio,

---

(*a*) Estas são as quatro especies de questões *Legitimas*, isto he, que podem excitar-se sobre qualquer lei, chamadas, *Scripti, et voluntatis, Ambiguitatis, Legum contrariarum*, *et Ratiocinii*, de que fallámos tom. I, Cap. 12, Liv. I, e Liv. II. Cap. 13, Art. 1, §. 4, not. (*)

(*b*) Isto diz Quint., não por julgar inuteis as regras da Arte, cuja necessidade elle provou Liv. I, Cap. 2: mas sim para mostrar a sua insufficiencia por si só, quando não são acompanhadas de talento, estudo, exercicio, e prudencia. Vej. Liv. I, Cap. 3, §. 4, e o que observámos ao Cap. 2 do mesmo livro.

de quem acima fizemos menção, (*a*) diz: *Vira muitos oradores disertos, porem eloquente, nem hum*; julgando, que ao *diserto*, basta dizer o que he indispensavel á causa; porem que o falar com ornato he só proprio do *eloquentissimo*. (*b*) A qual virtude, se em ninguem se achou até o seu tempo, nem nelle mesmo, nem em L. Crasso: he certo que lhes faltou a elles, e aos Oradores antecedentes, por ser difficultosissima. M. Tullio tambem assenta, que a *Invenção*, e *Disposição* são communs a todo o homem sabio, a *Elocução* porem he só propria do orador. (*c*) E porisso se empenhou principalmente em ensinar os preceitos desta parte. O mesmo nome della mostra, que Cicero teve razão para assim o fazer. Pois *Elocução* não he outra cousa, senão *Exprimir*, *e communicar aos ouvintes tudo, o que tiveres concebido em teu espirito*, (*d*) sem a qual expressão são inuteis todas as partes antecedentes, e similhantes a huma espada escondida, e metida na bainha. (*e*)

(*a*) Prol. do Liv. III, n. 19.

(*b*) He isto referido por Cicero de Orat. I, 21, introduzindo Antonio a falar desta maneira: *Tum ego hac eadem opinione adductus scripsi etiam illud quodam in libello, qui me et imprudente, et invito excidit, et pervenit in manus hominum*, Disertos me cognosse nonnullos, eloquentem adhuc neminem: *quod eum statuebam* disertum, *qui posset satis acute atque dilucide apud mediocres homines ex communi quadam hominum opinione dicere*; eloquentem *vero, qui mirabilius, et magnificentius augere posset, atque ornare quae vellet, omnesque omnium rerum, quae ad dicendum pertinerent, fontes animo, ac memoria contineret.* Vej. o que dissemos tom. I, Liv. II, Cap. 12, Art 1, §. 2, not. (*) e Cic. de Orat III, 14.

(*c*) No *Orador*, Cap. XIV. *Nam et* Invenire *et* Judicare *quid dicas, magna quidem illa sunt, et tamquam animi instar in corpore; sed propria magis Prudentiae, quam Eloquentiae.*

(*d*) Esta definição da Elocução he do nome, e commua á linguagem em geral. A oratoria he: *Idoneorum verborum, ac sententiarum ad res inventas accommodatio.* A escolha dos termos, e expressões proprias a dar força, e belleza aos pensamentos para persuadirem.

(*e*) Mas que? se se mostrar não só serem inuteis estas cousas sem a linguagem, mas nem ainda poderem existir sem ella? A lingua não he só hum instrumento de communicação; mas ainda da reflexão e raciocinio, do qual privado o homem seria irra-

Sua importancia, e necessidade.

§. II. Eisaqui pois o que faz o principal emprego do ensino nas aulas. Eisaqui o que não se pode aprender sem arte. Eisaqui o que deve fazer o objecto dos nossos estudos, e o que o hé de todos os nossos Exercicios, e Imitação. Eisaqui em que se gasta toda a vida. Eisaqui emfim o que faz, que hum Orador se distinga do outro, e que entre os differentes generos de Eloquencia huns sejão melhores, que os outros. Porque os *Asiaticos* e mais Oradores de máo gosto não o são, por deixarem de ver as couzas, ou de as arranjar; nem aos que chamamos *Aridos*, lhes damos este nome por serem tolos, ou cegos no que he conveniente ás causas: mas sim por lhes faltar, áquelles a escolha e brevidade da Elocução, a estes as forças e os nervos. (*a*) Do que bem se deixa ver, que na Elocução he,

---

cional, não por impotencia, como os brutos, mas por falta de hum instrumento necessario para analyzar, distinguir, generalizar, e fixar as suas idêas, as quais, sem estas operações, ficarião no mesmo chaos, e confuzão, em que se achão na alma dos brutos. Vej. *Loke*: *Ensaio Liv.* 3, *Cap.* 9, *Volfio Psychol. Empir.* §. 284, 351, 353, e 369. *Condillac: Ensaio sobre a orig. dos Conhecimentos Humanos.* Sect. I, Cap. 5, e Sect. IV, Cap. 1, e na *Grammatica* Part. I, Cap. 6, *Bonnet: Ensaio Analytico sobre a Alma* n. 787, e segg.

(*a*) Ambos estes partidos degenerarão para extremos oppostos, e desempararão o caminho do meio, que he o da verdadeira Eloquencia. Os Oradores *Asiaticos* empregavão demasiados ornatos; os Oradores *Secos*, e magros, (*exsucci, exsangues, exiles, aridi*) nenhuns. Estes tomando por modello de toda a Eloquencia unicamente a Lysias, Orador Atheniensi, e arrogando-se com isso falsamente o nome de *Atticos*, dizião, segundo refere Quint. XII, 10, 40. « que não havia Eloquencia alguma natu- « ral senão a que mais se chegava á linguagem quotidiana, de « que nos servimos para falar com os amigos, mulheres, filhos, « e criados, contentando-se deste modo com explicar o que « querem, sem procurar expressão alguma metaphorica, e que « mostre cuidado: que tudo, o que se acrescenta a isto, he huma « affectação, e jactancia vaidosa de Eloquencia, alheia da ver- « dade, e contrafeita só por amor das palavras, que a natureza « destinou unicamente para servirem aos pensamentos. » Esta seita dos Oradores, chamados *Atticos*, se levantou no tempo de Cicero, que a combateo em muitos lugares das suas obras, e principalmente no seo *Bruto*, cap. 82, e *De Optim. Gen. dicendi*.

onde estão propriamente os vicios, e as virtudes da Eloquencia.

A R T I G O III.

Observações Geraes sobre a Elocução.

I. Que o Bello da Elocução deve ser Natural, *e não* Contrafeito, Simples, *e não* Affectado.

§. I. DO que acabo porém de dizer, não se segue se deva cuidar só nas palavras. Pois é precizo occorrer aos que logo na entrada hamde tomar mão desta minha confissão, e obstar desde já áquelles, que fazendo pouco cazo das cousas, que são os nervos das cauzas, gastão toda a vida no estudo vão das palavras, dizendo, fazem isto para dar *Belleza* ao discurso, qualidade, ao meu ver, excellente, mas só quando he *Natural*, e não *Contrafeita*. (*a*)

Os corpos sadios, de boa constituição, e roborados com o exercicio recebem a sua belleza da mesma couza, de que recebem as forças. Tem boas cores, são enxutos, e bem sacados dos membros. Se alguem porém os quizer aformosear á maneira das mulheres, pelando a barba e pintando o rosto; ficarão feissimos pelo mesmo cuidado de parecer bem. (*b*)

Ella ainda durava no tempo de Quintiliano, que em muitos lugares das suas Instituições se oppôz ao mesmo erro, e *ex professo* no lugar asima citado.

(*a*) Na Natureza, o *Bello* anda sempre junto com o *Perfeito*, e util, que consiste em hum fim importante, e nos meios mais conducentes para conseguir este fim; ora como a Natureza he o modello das Artes, a belleza nestas então será *Natural*, quando a mesma rezultar do util, e perfeito. Será porem *Contrafeita*, quando separar huma couza da outra. Na Elocução pois nada pode ser verdadeiramente ornado, e bello, sem ao mesmo tempo ser persuazivo. Vej. isto mais bem explicado adiante no Cap. do *Ornato*, Art. II, §. 1.

(*b*) Assim como no corpo humano ha duas especies de bellezas, huma *Natural*, nascida da estatura proporcionada, da boa configuração dos membros, constituição sadia, e boas cores, a que os Latinos dão propriamente os nomes de *Decor*, *Species*,

E da mesma sorte assim como *um vestido decente, e majestoso dá authoridade aos homens*, como diz o verso grego (*a*), e pelo contrario o feminil e superfluo não tanto enfeita o corpo, quanto descobre a leviandade do espirito: assim este estilo transparente, e de furtacôres, para assim dizer, de alguns, (*b*) effemina, e enerva os pensamentos, que se cobrem com similhante traje. (*c*)

Ornatus; e outra *Artificial*, chamada *Cultus*, que consiste nos vestidos, e adornos exteriores, com que a arte faz realçar a formosura natural; assim na oração ha tambem hum *Bello Natural*, qual he o que resulta 1. da verdade, justeza, clareza, e novidade das imagens; 2. da força, ordem, grandeza, e sublime dos pensamentos; 3. da moralidade, delicadeza, e agudeza, das sentenças; 4. da variedade, vehemencia, e graças das figuras dos pensamentos: e outro *Artificial*, que consiste na escolha decente das palavras methaphoricas, nas figuras da dicção, na collocação, e numero, e emfim no estilo, comque engraçamos, e fazemos sobresair o bello natural dos pensamentos. Quint. neste §, no seguinte, e no Cap. IV, Art. V, §. 1. distingue cuidadosamente estas duas especies do ornato, ás quais contrapõe tambem duas especies de falsas bellezas; huma *Contrafeita* da natural, que consiste no bello apparente do discurso, que não anda junto com o perfeito, e util; e outra *Affectada*, e feminil, nascida dos enfeites indecentes, e superfluos, os quais, bem longe de dar força aos pensamentos, os enervão, e enfraquecem. A mesma distincção faz Cicero de Orat. III, 25. Nós teremos adiante occasião de desembrulhar ainda mais estas idêas.

(*a*) Parece alludir ao lugar de Homero Odyss. VI, 29, em que Minerva recommendando a Nausica lave os vestidos para as bodas proximas, accrescenta:

Ἐκ γάρ τοι τούτων φάτις ἀνθρώπους ἀναβαίνει
Ἐσθλή . . . .
Pois destes he, por onde a nobre fama
Aos homens vem . . . .

(*b*) No Latim está *translucida, et versicolor*. O primeiro epitheto he dado aos volantes transparentes da ilha de Cos, com os quais as matronas davão a ver no theatro, o que a modestia manda esconder em caza: e o segundo é applicado ás mulheres do mundo, que se enfeitão para agradar. Vej. Petronio Cap. II, e LV.

(*c*) Diomedes Grammat. Lib. II, fallando de hum pensamento muito enfeitado: diz no mesmo sentido, *Pèr affectationem decoris corrupta sententia, cum eo ipso dedècoretur, quo illam voluit auctor ornare. Hoc fit, aut nimio tumore, aut nimio cultu.*

II. Que o primeiro cuidado deve ser das couzas, e o segundo das palavras, e não pelo contrario.

§. II. Quero pois haja cuidado nas palavras, porem nos pensamentos, disvéllo. Pois pela maior parte as que são melhores, andão juntas com as couzas, e se deixão ver á sua propria luz. (*a*) Nós porem andamos em busca dellas, como se se nos escondessem sempre, e fugissem de nós. Assim nunca julgamos, que estão ao pé dos objectos, sobre que havemos de falar; vamol-as procurar a outros lugares, e achando-as, as violentamos, e trazemos arrastradas. Com maior animo se deve pertender a Eloquencia, a qual, tendo o corpo todo são e vigorozo, julgará por impertinencia alizar as unhas, e ajustar os cabelos. (*b*)

Mas acontece pela maior parte ficar o estilo ainda peor com este mesmo escrupulo. Porque primeiramente as expressões melhores são as menos procuradas, e que parecem simplices e naturaes: as que mostrão porem cuidado, e querem ainda parecer artificiozas, e compostas, alem de não conseguirem a graça, que pertendem, perdem o credito, porque offuscão os pensamentos, á maneira das hervas viçozas, que suffocão as sementes. (*c*)

(*a*) Taes são os termos e expressões proprias, que as idêas bem concebidas offerecem promptamente, ou por si, ou pela analogia proxima, que tem com outros objectos. Horacio *Poet.* v. 311. disse no mesmo sentido:

Verbaque provisam rem non invita sequentur.

(*b*) He pois este cuidado miudo das palavras 1. *Baxo e pueril.* 2. *Nocivo* aos pensamentos. 3. Degenera facilmente nos vicios de *periphrases inuteis*, *repetições enfadonhas*, *verbozidade Asiatica*, *e emphazes escuras.*

(*c*) Ou nós queremos pois, por alguma razão justa, que não sobresaião as couzas, e então carregamos sobre o brilhante da Elocução, afim de absorver a attenção, e não deixar perceber o fraco dos pensamentos: ou queremos, que sobresaião os pensamentos, como ordinariamente devemos querer, e então devemos dar para baxo na expressão, para sobresairem e avultarem os pensamentos. Arist. *Poet.* Cap XXIV. *in fine* illustra admiravelmente este lugar com hum exemplo e reflexão. « Porisso (*diz elle*) aquelle lugar da Odyssea sobre o desembarque de Ulysses

Assim este amor demaziado das palavras nos faz explicar com periphrazes o que se podia dizer simplesmente; repizar o que assaz estava dito; carregar de muitas palavras o que em huma só se diria; e ter por melhor o dar a adevinhar as couzas, do que dizel-as. (*a*)

III. *Que a Expressão nunca deve ser exquisita, e extravagante.*

§. III. Mas que hade ser? se já nada do que he proprio agrada, tendo-se por pouco eloquente o que qualquer outro diria. Nós vamos procurar aos Poetas de gosto mais estragado figuras, e metaphoras, para as empregar nas orações; e então nos temos em conta de homens engenhozos, quando, para nos entenderem, he precizo engenho. Comtudo Cicero tinha ensinado bem claramente: *Que o maior vicio da Eloquencia era apartar-se da linguagem vulgar, e do modo commum de pensar.* (*b*) Porem Cicero he

---

« seria insupportavel, se fosse manejado por hum máo poeta. « Porem Homero soube occultar o absurdo delle, fazendo-o « aprazivel por outras mil bellezas. Assim he necessario dar « muito cuidado á expressão nos lugares fracos, e pelo contrario, « nos em que reinão os sentimentos e as sentenças. Ἀποκρύπτει « γάρ παλιν ἡ λίαν λαμπρὰ λέξις τὰ ἤθη, καὶ τὰς διανοίας. Porque a « elocução muito brilhante offusca os sentimentos, e as senten- « ças. *Vej. Dacier* a este lugar.

(*a*) Vej. logo Cap. III, Art. II, §. 2, in fin.

(*b*) He digna de se ver toda a passagem de Cicero no *Orador* Cap. III, n. 1, « E isto, (*diz elle*) ainda he mais para admirar, « porque os estudos das outras Artes pela maior parte se tirão de « fontes reconditas; a Arte porem de falar, sendo commua a « todos, versa-se no uzo vulgar, e nos costumes, e linguagem « dos homens. De sorte que nas outras Artes tudo o que se « aparta mais da intelligencia, e modo de pensar dos ignorantes, « he o melhor; na Eloquencia porem o maior defeito he apartar- « se da linguagem vulgar, e commum modo de pensar. » E com razão « Porque a verdade, (*diz Mr. Gibert. Jugem. de Scavans. Pref. « tom. XVI*, *pag.* 33.) de que se serve hum e outro, o Philosopho, « e o Orador, sendo huma em si mesma, não o he a seu respeito. « Para perceber isto, he preciso saber, que a verdade he huma « Rainha, que, como os grandes principes, tem ministros de « muitas sortes. Huns para explicar as materias difficeis, geraes, « e de especulação, e outros para tratar as couzas commuas,

hum orador duro, e imperito. Melhor fazemos nós, que temos por baxo tudo o que a natureza dictou; que buscamos não já ornatos, mas enfeites meretricios: como se podesse haver ornato em outras palavras, senão nas que andão juntas ás couzas.

IV. Que he necessario ter contrahido pelo estudo antecedente o habito, e facilidade de se exprimir.

§. IV. Nestas mesmas, se em toda a vida houvessemos de trabalhar, para serem *Puras*, *Claras*, *Ornadas*, e *Bem collocadas*; perdido ficaria todo o fructo dos nossos estudos. Verás comtudo muitos parados a cada huma das palavras para as acharem, e para as pezarem, e medirem, depois de achadas. Ainda que isto se fizesse para o fim de escolhermos sempre as melhores; seria comtudo para abominar similhante infelicidade, que com tais demoras e desconfianças embaraça a carreira livre da Eloquencia, e extingue

« particulares, e que pertencem á practica. Estas he que são « do foro da Eloquencia. Deste modo a verdade, que occupa « os Oradores, não he esta filha do tempo, tão procurada dos « Philosophos, não he esta verdade fugitiva, que está escondida no fundo dos póços: antes pelo contrario he a que está nos « caminhos, e praças publicas, e que se prezenta a toda a gente. « Porque o peccado mesmo não a apagou no espirito dos homens, « posto que tenha aniquilado o seu amor, que he o que se pertende fazer reviver. » Ora assim como a Philosophia, e mais Artes tem seus principios proprios, seu objecto, e modo particular de pensar, e tratar as materias; assim tem tambem sua linguagem particular, e *technica*, que é a da Analyse, e Reflexão. Os Poetas mesmos tem a sua. A da Eloquencia he a mesma lingua vulgar, e termos conhecidos de todos. O merecimento de hum Orador está em se servir destes mesmos com escolha, e de um modo novo, e agradavel. O que Antonio em Cicero *De Orat.* II, 16, explica deste modo. *Equidem omnia, quae pertinent ad usum civium, morem hominum, quae versantur in consuetudine vitae, in ratione Reip., in hac societate civili, in sensu hominum communi, in natura, in moribus, conprehendenda esse oratori puto, si minus, ut separatim de his rebus, Philosophorum more, respondeat; ut certe, ut in causa prudenter possit intexere. Hisce autem ipsis de rebus, ut ita loquatur, ut hi, qui jura, qui leges, qui civitates constituerunt, locuti sunt simpliciter et splendide sine ulla serie disputationum, et sine jejuna concertatione verborum.* Veja-se tambem no *Orador.* XIX.

todo o fogo da meditação. (*a*) Na verdade he bem miseravel, e pobre aquelle orador, que não pode soffrer a perda de huma palavra.

Mas nem esta mesma perderá aquelle, que primeiramente conhecer, e tiver idêa da verdadeira Eloquencia; depois com muita, e bem escolhida lição fizer um bom provimento de expressões, e ajuntar a isto a arte de as collocar; fortificando por fim tudo isto com hum largo exercicio, para as palavras estarem sempre promptas, e á vista. (*b*) Quem praticar isto, occorrer-lhe-hão as couzas com os seus nomes. (*c*)

Mas he preciso estudo antecipado, e hum habito, e facilidade já adquirida, e, para assim dizer, posta de reserva. Porque esta inquietação em buscar, examinar, e comparar as expressões, he boa, quan-

---

(*a*) O espirito do homem limitado não pode dirigir a sua attenção ao mesmo tempo a muitas couzas. Occupado pois, e absorto no cuidado das palavras, necessariamente se hade descuidar dos pensamentos; muito particularmente sendo os sentimentos, e movimentos da nossa alma incompativeis com as analyses; e reflexão. O cuidado miudo, e escrupulozo da linguagem hade por força embaraçar a marcha livre da imaginação, e do enthusiasmo, e privar o discurso daquelle espirito, e vigor, que os sentimentos, e pathetico lhe communicão.

. . . . . *Sectantem levia nervi*
Deficiunt, animique . . . . . Hor. *Poet.* 31.

(*b*) Eisaqui o legitimo e unico methodo, que ha para adquirir o habito de huma verdadeira Eloquencia. 1 Conhecel-a, formando-se huma idêa distincta della, e da falsa Eloquencia, o que se não pode conseguir, senão por meio de huma boa theoria, conteuda nas regras da Arte. 2 Reconhecendo estas regras na practica dos melhores Oradores por meio da lição; e estudo reflectido delles. 3 Imitando, e compondo muito: tres couzas, que se não devem confundir, nem inverter, *Arte, Lição*, e *Exercicio.*

(*c*) Pela lei mechanica do nosso ser, a *Assotiação*, digo, *das idêas*, por força da qual as couzas nos trazem á memoria os seus nomes, e os nomes os objectos, e todo o seu acompanhamento, e circunstancias, a que os costumamos ligar. Porisso não se pode assaz recommendar o habito antecedente, de que falla Quint., contrahido com as regras, lição, e imitação dos melhores modellos de Eloquencia. Se os modellos não forem de bom gosto, a mesma lei da associação nos fará ligar ás idêas, e pensamentos as peores palavras, e expressões, e contrahir hum habito perverso, a que chamamos máo gosto de Eloquencia.

do aprendemos, mas não quando fallamos. Não se fazendo isto, succede na Eloquencia aos que não tem trabalhado sufficientemente o mesmo, que acontece aos que não grangeárão patrimonio para subsistir, que se vêm na necessidade de andarem mendigando continuamente. Pelo contrario, se antes se tiver contrahido hum habito eloquente, as palavras, e expressões estarão de tal sorte ás nossas ordens, que parecerão não tanto vir ao nosso chamamento, quanto andar de companhia com as cousas, e seguillas, como a sombra segue os corpos.

V. Até onde se deve levar este cuidado das palavras.

§. V. Porém neste mesmo cuidado deve haver seu termo. Depois das palavras serem *Puras, Significantes*, *Ornadas*, (*a*) e *Bem collocadas*, que mais he preciso? Isto não obstante, alguns nunca acabão de escrupulizar, e de estacarem ao pé de cada syllaba, para assim dizer. (*b*) Pois que, tendo achado palavras, e expressões muito boas, não se contentão com ellas; vão em procura de outras, que sejão mais antigas, exquisitas, e exoticas, não reparando, que os pensamentos

---

(*a*) No *ornato* inclue Quint. a sua qualidade essencial, pela qual deve ser *pro materiae genere variatus*, como elle diz adiante Cap. IV., Art. II., §. 4. No mesmo ornato entrão tambem as Figuras. Assim vem esta divisão a coincidir com a que logo faz de toda a Elocução: *In singulis, ut sint latina, perspicua, ornata, et ad id, quod efficere volumus, accommodata. In conjunctis, ut emendata, ut figurata, ut collocata.*

(*b*) Cicero de *Claris Orat.* LXXXII. nota este vicio chamado *Perierguia* em Calvo, dizendo: *Accuratius quoddam dicendi, et exquisitius afferebat genus, quod quanquam scienter eleganterque tractabat, nimium tamen inquirens in se, atque ipse sese observans, metuensque, ne vitiosum colligeret, etiam verum sanguinem deperdebat. Itaque ejus oratio nimia religione attenuata doctis, et attente audientibus erat illustris, a multitudine autem, et a foro, cui nata Eloquentia est, devorabatur.* A estes homens escrupulosos, e apuradores demaziados da sua arte, chamão os Gregos κακιζοτέχνους. Nesta classe he posto Callimacho por Plinio XXXIV, 8, 19. *Ex omnibus autem maxime cognomine insignis est Callimachus, semper calumniator sui, nec finem habens diligentiae, ob id κακιζότεχνος appellatus, memorabili exemplo adhibendi curae modum.*

não figurão em hum discurso, em que se louvão as palavras. (*a*)

Haja pois todo o cuidado possivel na Elocução, com tanto porém que saibamos, que nada se deve fazer por amor das palavras. Porque estas forão inventadas para servirem aos pensamentos, e as melhores consequentemente são as que melhor explicão os conceitos do nosso espirito, e fazem nos animos dos juizes o effeito, que pertendemos. (*b*) Estas são certamente as que devem fazer o discurso *maravilhoso*, e *agradavel;* maravilhoso porém, não como o são os monstros; e agradavel, não por meio de hum prazer feio, e indecente, mas por meio daquelle deleite, que he companheiro da dignidade. (*c*)

(*a*) Veja-se o que dissemos atraz neste Artig. §. 2., not. (*a*)

(*b*) Dois fins unicos tem as palavras no discurso; hum geral a todo, e qualquer discurso, que he o fazer-nos entender, communicando os nossos pensamentos aos outros; outro particular aos discursos oratorios. Este he o de persuadir, ou convencendo, ou atrahindo, ou movendo. Todas as vezes que as palavras não tem hum destes dois fins, e não conseguem, são huns sons não só vãos, e inuteis, mas ainda nocivos á clareza, brevidade, e marcha da oração. Pois segundo Horacio Sat. 1, 10.

Est brevitate opus, ut currat sententia, neu se
Impediat, verbis lassas verberantibus aures.

As palavras insignificantes, e inuteis degenerão em estrondos importunos, que batendo no tympano do ouvido, não deixão á alma escutar a voz da razão.

(*c*) O discurso faz-se *maravilhoso* pela grandeza, e novidade assim dos pensamentos, como das expressões. Porém o *grande* degenera facilmente no monstruoso, e o *novo* no extravagante, e inverosimil. Da mesma sorte o *agradavel* nasce do bello, de que fallámos assima §. 1. Este porém degenera facilmente em huma falsa formosura, qual he a feminil, e affectada, a que não anda ligado o util, e perfeito. A união do Bello, e do Perfeito constitue o que em Latim se chama *dignitas. Cum pulchritudinis duo genera sint, quorum in altero venustas sit, in altero dignitas; venustatem muliebrem ducere debemus, dignitatem virilem.* Cic. de Off. 1., 36.

CAPITULO I.

Qualidades communas a toda a Elocução.

(VIII., I.)

POr tanto áquella parte da Eloquencia, a que os Gregos chamão *Phrase*, nós lhe damos o nome de *Elocução*, (a) e a consideramos nas palavras, ou *Separadas*, ou *Juntas*. As separadas devemos ver, que sejão *Puras*, (b) *Claras*, *Ornadas*, e *Accommodadas*

(a) Hum, e outro nome vem dos verbos φράσσω, e *eloquor*, que significão *fallar*, *expressar* por meio da lingua; e a Elocução Oratoria não he outra cousa mais que a *Expressão dos pensamentos oratorios, e da sua ordem, feita de hum modo proprio a persuadil-os mais.* Esta expressão, ou he *vocal*, e chama-se *Elocução*, incluindo nella tambem a *Pronunciação*, como fez Cicero, *Orat.* XIV; ou *literal*, e escripta, e chama-se *Estilo*, metonymia tirada do ponteiro, com que os antigos escrevião nas taboas enceradas; ou em fim *Gesticulatoria* por meio da acção, e movimentos do corpo, e tem então o nome de *Acção*. Quint. falla só da *expressão vocal*, que he a que pertence propriamente ao orador forense. As suas regras porém, á excepção de poucas, são communas ao *Estilo*, e desta palavra usarei tambem muitas vezes em lugar da de Elocução, pois esta extensão lhe tem dado o uso da nossa lingua. Da Acção trata Quint. no Liv. XI, Cap. 3.

(b) Chamão-se palavras *puras* aquellas, que qualquer lingua admittio no seu uso, e que em consequencia delle tem direito a entrarem no seu vocabulario. Este uso he differente nas linguas mortas, e nas vivas. O daquellas he fundado só na authoridade dos Escriptores, que escreverão, quando a lingua ainda se fallava; o destas he fundado na authoridade assim dos que escreverão, como dos que fallão. Ainda que todas as palavras, que entrão no Diccionario da lingua, sejão puras, com tudo humas o são mais, que outras, segundo o merecimento de cada idade, e de cada Escriptor; e he huma regra da pureza, que as palavras de huma melhor idade se devem sempre preferir ás de outra inferior, e não usar destas, senão em falta daquellas.

Segundo este merecimento se distribue em quatro idades o uso da lingua Latina. A da sua *Infancia*, desde a fundação de Roma até Livio Andronico, que escrevia pelos annos de 514, e nesta entrão todos os monumentos da antiga linguagem. A da sua *Adolescencia*, que corre desde Andronico até Cicero, que

ao effeito, que queremos produzir. (*a*) Nas juntas, que sejão *Correctas*, (*b*) *Collocadas*, e *Figuradas*.

---

nasceo no anno de Roma 647. Daqui começa a idade *Viril*, a mais florecente da lingua, que durou cento e vinte annos até á morte de Augusto, e successão de Tiberio no anno de Roma 767, e 14 da Era Christã. Nesta florecerão com outros *Cicero*, *Virgilio*, *Horacio*, *Livio*, *Cesar*, *Nepote*, *Catullo*, *Tibullo*, *Ovidio*, *Sallustio*, *Varrão*, *Lucrecio*, *Vitruvio*, *Manilio*, *Propercio*, *Hircio*, *Gracio*, *Cornificio*, *Phedro*; *etc.* Depois desta idade se seguio a *Velhice* da lingua Latina, em que foi decahindo até á morte de Antonino Eleogabalo no anno de J. C. 222, e acabou com o Imperio Romano, quando Constantino M. no anno de 330 transferio a corte para Byzancio, a que deu o nome de Constantinopola.

Pelo mesmo modo podemos distinguir tres idades no uso da lingua Portugueza. A da sua *Infancia*, desde o principio da Monarquia até o reinado do Senhor Rei D. Diniz em 1278, que foi o primeiro que poz as leis em ordem, mandou fazer compilação dellas, e elle mesmo compoz muitas cousas em verso á imitação dos Poetas Provençaes. A carta de seu filho, o Senhor D. Affonso IV., mostra, que a proza tambem se tinha melhorado. Desde então até o anno de 1552, em que *João de Barros* deu á luz a sua primeira Decada, correm 274 annos da *Adolescencia* da lingua, em que se foi desbastando da sua barbaridade pelos cuidados do Infante *D. Pedro*, e de *Vasco de Lobeira* no reinado do Senhor D. João I., pelos Collectores das Leis no do Senhor Rei D. Affonso V., e no dos Senhores Reis D. João II., e D. Manoel pelos dos Chronistas do Reino *Fernão Lopes*, *Duarte Galvão*, e *Rui de Pina*. Desde João de Barros até o nosso tempo corre a idade *Viril* da nossa lingua. Ella se enriqueceo, e apurou com os trabalhos não só deste grande Escriptor, mas com os do seu continuador *Coutto*, *Francisco de Moraes* no seu *Palmeirim de Inglaterra*, *Fr. Bernardo de Britto* nas suas Historias, *Antonio Pinto Pereira* na de D. Luiz de Attaide, *Fernando Mendes Pinto* nas suas Peregrinaçoens, *Luiz de Camões*, *Sá*, *Ferreira*, *Bernardes*, *Vieira*, e muitos outros.

(*a*) Estas quatro qualidades essenciaes a toda a Elocução são reconhecidas por todos os grandes mestres de Eloquencia. Aristoteles Rhet. III. 2. diz, que as virtudes da Expressão são, ser *Clara*, *Ornada*, e *Decente*, ás quaes no Cap. V. accrescenta τὸ ἑλληνίζειν, isto he, o ser *Grega*. Cicero *de Orat.* III., 10. diz: *Quinam igitur dicendi est modus melior, quam, ut Latine, ut Plane, ut Ornate, ut ad id, quodcunque agetur, apte congruenterque dicatur?* O author da Rhetorica a Herennio IV. 12. faz tres partes da Elocução, *Elegancia* (que contém a Pureza, e a Clareza), *Collocação*, e *Dignidade*, na qual comprehende o Ornato, e o Decoro.

(*b*) Na edição de Gesnero faltão aqui as palavras: *ut emendata.*

(*a*) No primeiro livro, fallando da Grammatica, tratámos tudo, o que deviamos dizer, sobre a *Pureza*, e *Correcção* da linguagem.

CAPITULO II.

Da Elocução Pura, e Correcta, primeira parte da Elegancia.

(Ibid. n. 2.)

Do Peregrinismo, e Provincianismo.

MAs lá no primeiro livro ensinámos nós tão sómente, que a linguagem não devia ser *viciosa*. (*b*)

(*a*) A *Correcção*, *Collocação*, e *Figuras* nunca podem ter lugar senão no contexto, e união das palavras. Huma palavra póde ser latina, ou barbara; clara, ou escura; ornada, ou desornada; apta, ou inepta em si mesma, sem relação a outras palavras, aindaque não sem relação á materia, que se trata, o que basta para fundar esta divisão geral da Elocução em palavras *separadas*, e *juntas*, a qual o mesmo Quint. applica depois á Clareza, ao Ornato, á Amplificação, aos Tropos, ás Figuras, e á Collocação. Esta divisão he a mais simples, e generica, que se podia fazer de toda a Elocução. Quint. porém seria mais exacto, se a não fizesse entrar outra vez nas subdivisoens da mesma Elocução nas palavras separadas.

(*b*) Quatro vicios são oppostos mais, ou menos á pureza, e correcção de huma lingua, e dos quaes deve estar izenta, para se poder chamar pura; o *Barbarismo*, o *Solecismo*, o *Peregrinismo*, e o *Provincianismo*. O Barbarismo he em cada huma das palavras; e então o ha, quando, ou na *escriptura* accrescentamos, tiramos, trocamos, transpomos alguma letra, ou syllaba do vocabulo Latino, ou Portuguez: ou no *fallar*, empregamos alguma palavra, que, ou não he propria ao uso da lingua, quando v. g. em Latim introduzimos hum termo, que não he nem Latino, nem Grego, e no Portuguez huma palavra, que não he nem Portugueza, nem Latina, e este vicio chama-se βαρβαρόλεξις; ou sendo o termo proprio da lingua, o pronunciamos mal, accrescentando, tirando, trocando, ou transpondo alguma letra, ou dando-lhe outra quantidade, e accento.

O *Solecismo* he todo na Syntaxe, quando peccamos contra as regras da concordancia, ou da regencia. Destes dois vicios tratou

Aqui não he fóra de proposito o advertir, que deve ser, quanto menos *Peregrina*, (*a*) e *Provinciana* (*b*) for possivel. Pois acharemos muitos, que não sen-

---

Quint. largamente no primeiro Livro Cap. V. das suas Instituiçoens, aonde aqui se remette. O primeiro vicio he contra a Pureza, e o segundo contra a Correcção da lingua. Porém livre o discurso destes dois vicios, nem por isso fica puro. He necessario evitar além destes outros dois, que são o *Peregrinismo (Peregrinitas)* e o *Provincianismo, (Externitas)* dos quaes Quint. aqui se faz cargo.

(*a*) A lingua Grega para com os Romanos não era huma lingua barbara, como as outras de toda a terra, mas sim *peregrina*, porque a ella devião a origem, e cultura da sua. Quint. mesmo nos dá esta distincção no lugar citado n. 55. dizendo: *Verba, aut Latina, aut Peregrina sunt. Peregrina porro ex omnibus, prope dixerim, gentibus, ut homines, ut instituta etiam multa venerunt... Sed haec divisio mea ad Graecum praecipue sermonem pertinet. Nam, et maxima ex parte Romanus inde conversus est, et confessis quoque Graecis utimur verbis, ubi nostra desunt, sicut illi a nobis nonnunquam mutuantur.* A mesma distincção fez Quint. XI. 3, 30. Quer elle pois, que ainda que os Romanos tivessem a liberdade de hir buscar palavras, e expressoens á lingua Grega, mãi da Latina: com tudo devião ser reservados, quanto fosse possivel, nesta liberdade; e o mesmo podemos nós dizer da Lingua Portugueza, que podendo tomar, e tendo tomado da Latina muitos termos, que lhe faltão, deve com tudo ser nisto muito circumspecta.

(*b*) O *Provincianismo (Externitas)* consiste em certas palavras, expressoens, construcção, pronunciação, ou accento proprio das Provincias, e differente do da Côrte. Os Romanos distinguião a Lingua Latina, ou Italica, em *Romana*, e *Externa*. A primeira he a que se fallava só dentro dos muros de Roma, a segunda nas cidades, e colonias da Italia, como era, por exemplo, a dos *Marsos*, em cuja lingua fallava Q. Vectio, ridiculizado nesta parte pelo Poeta Lucilio; a de *Sora*, colonia do Lacio, donde erão os Oradores Q. e D. Valerios, a de *Bolonha*, donde era C. Rusticello; a de *Asculio*, donde era T. Betucio; a de *Fregella*, donde era L. Papirio, dos quaes todos, como Oradores Externos, faz menção Cicero de *Clar. Orat.* XLVI.; a de *Padua*, donde era T. Livio. Em todas estas cidades se fallava a Lingua Latina, assim como a Portugueza se falla nas Provincias de Traz os Montes, Minho, Beira, Alemtéjo, Reino do Algarve, e Cidades do Brazil; mas com hum idiotismo proprio de cada Provincia, e Cidade, e differente do de Roma, como o he tambem o dos nossos Provincianos do da Corte, e que por isso chamamos *Provincianismo.* Qual he pois esta linguagem propria de Roma? (pergunta Bruto em Cicero ibid. 46.) ao que este responde: *Nescio inquam. Tantum esse quendam scio. Id tu Brute, jam intelliges, cum in Galliam veneris. Audies tu quidem etiam verba quaedam non*

do destituidos de Eloquencia, fallão mais *apurada*, que *puramente*. (*a*)

Que por isso aquella velha Atheniense, reparando na affectação com que Theophrasto, homem aliás eloquentissimo, disse huma palavra, lhe chamou forasteiro. E perguntada porque? respondeo não percebera isto por outra cousa, senão porque fallava com demaziado *Atticismo*, (*b*) Pollião Asinio tambem notou em T. Livio huma certa *Patavinidade*, (*c*) não obstante ser este hum escriptor dotado

---

trita Romae, sed haec mutari, dediscique possunt. Illud est maius, quod in vocibus nostrorum oratorum recinit quiddam, et rosonat urbanius.

(*a*) Assim como a *Pureza* da lingua he muito recommendavel, assim o *Purismo* he huma affectação, e por consequencia hum vicio, que consiste no estudo demaziado de fallar huma lingua, observando exactamente todas as suas regras, e não admittindo palavra alguma, ou expressão, senão authorizada pelos melhores mestres della. Este cuidado supersticioso constrange o espirito, prende o discurso, e o enfraquece. Os Puristas de ordinario são sêcos, monotonos, e sem nervo. Este vicio chega-se tão pouco ao gosto natural, e facilidade da lingua, que elle he o sinal, porque os que fallão a sua, reconhecem o forasteiro na sua mesma affectação, e estudo.

(*b*) Theophrasto era natural de Lesbos, e posto que tivesse vivido em Athenas grande parte da sua vida, e com o estudo, e commercio dos homens doutos chegasse a distinguir-se entre os mesmos oradores; com tudo nunca se pôde desfazer inteiramente do dialecto estrangeiro, proprio áquella ilha. Entre todos os cuidados, com que procurava affectar a linguagem, e pronunciação Attica, se deixava ver não sei que estrangeirismo, que aquella velha, vendendo hortaliça na praça de Athenas, reconheceo. Este exemplo pois pertence ao *Peregrinismo*. Hum semelhante defeito nota Cicero (*de Clar. Orat.* XLVI.) em T. Tineas, natural de Placencia na Gallia daquem do Pó. « Eu me lembro, *diz elle*, « que T. Tineas de Placencia, homem galantissimo, competia « na arte de gracejar com Q. Granio, o porteiro, nosso familiar. « Aquelle, (diz Bruto) de quem falla Lucilio? Esse mesmo. Mas « não obstante Tineas não lhe ceder no numero das graças, Granio o excedia em hum não sei que gosto particular aos Romanos. De sorte que já me não admira o que se conta de Theophrasto, que perguntando a huma velha o preço porque vendia, e respondendo ella: *O' estrangeiro, por tanto*, levára elle « a mal, que vivendo ha tanto tempo em Athenas, e fallando « tão bem, não pudesse escapar á nota de estrangeiro. »

(*c*) Morhofio no seu *Polyhistor*, liv. 4. fez hum tratado longo, em que refere, e examina todas as opinioens sobre a *Patavi-*

de huma facundia admiravel. Pelo que todas as palavras, e a mesma pronunciação, se poder ser, cheirem a hum homem creado na Côrte, para que o seu discurso pareça natural, e não naturalizado. (*a*)

nidade de Livio, notada por Pollião Asinio. Não nos constando porém este facto por outro testemunho, senão o de Quint. neste lugar, toda a questão se reduz a saber o que o mesmo Quint. entendeo por *Patavinidade*. Ora consta não só por este lugar, mas pelo do Liv. I. Cap. V. n. 56, que Pollião notava em T. Livio a *Patavinidade* do mesmo modo, que Lucilio escarnecia de Vectio, por fallar a linguagem de *Preneste*, (agora *Palestrina*) entre os idiotismos da qual era hum troncar as palavras latinas, e dizer *conia*, *tummodo*, em lugar de *ciconia*, e *tantummodo*, vej. Plaut. Trucul. III. 2, 23, e Trin. III. 1, 8. Eisaqui o lugar de Quint. *Taceo de* Thuscis, *et* Sabinis, *et* Praenestinis *quoque. Nam ut eorum sermone utentem Vectium Lucilius insectatur*, *quemadmodum Pollio deprehendit in Livio Patavinitatem.* Vej. tambem Cicero no lug citado. Consta pois, que Pollião, homem de hum gosto fino, e delicado, notava no estilo de T. Livio hum dialecto particular áquella cidade, hum *Provincianismo*, como em outras cidades da Italia, e do mesmo Lacio, hum modo de fallar, hum não sei que, que o gosto, e ouvidos Romanos desconhecião, e estranhavão; bem como os homens doutos da Côrte conhecem pelo fallar o Alemtejano, o Algarvío, o Beirão, e o Trasmontano.

(*a*) A *Urbanidade* Romana pois, o *Atticismo Grego*, e a linguagem pura da nossa Côrte, que são os verdadeiros modelos das tres linguas, Latina, Grega, e Portugueza, consiste em certa *Expressão*, *(verba)* e em certo *Accento (vox)* polido, e delicado, em que nada se nota de dissonante, agreste, desconcertado, e estranho, nem no pensar, nem no exprimir, nem na voz, nem no gesto, nem em fim em todo o ar do discurso. *Nam, meo quidem judicio, illa est urbanitas*, (diz Quint. VI. 3. 107.) *in qua nihil absonum, nihil agreste, nihil conditum, nihil peregrinum, neque sensu, neque verbis, neque ore, gestuve possit deprehendi. Ut non tam sit in singulis dictis, quam in toto colore dicendi, qualis apud Graecos* Atticismos *ille redolens Athenarum proprium saporem.* A respeito do *Accento* Romano, e Attico, diz assim Cicero *de Orat.* III. 11. « Chamo *suavidade* áquella, que provém da Pronunciação, « e do Accento, a qual, assim como entre os Gregos he propria « dos Atticos, assim entre os Latinos o he de Roma. Em Athenas « muito ha que acabárão os mestres Athenienses. Com tudo aquella « cidade ainda he o assento das letras, de que carecem os naturaes, « e estão de posse os estrangeiros, que alli concorrem attrahidos « em certo modo pelo nome, e celebridade da mesma cidade. « Isto não obstante, qualquer Atheniense idiota excederá, não « nas palavras, nem na eloquencia, mas no accento, e suavidade « da pronunciação aos Oradores Asiaticos mais instruidos. Da « mesma sorte os nossos Romanos não se dão tanto ás letras, « como os Latinos; não ha com tudo nem hum destes Romanos,

CAPITULO III.

Da Elocução clara, segunda parte da Elegancia.

(VIII. 2.)

ARTIGO I.

Das cousas, que fazem a Elocução clara.

Propriedade do 1. modo.

§. I. A *Clareza da Elocução* (*a*) depende especialmente da propriedade dos termos. Esta propriedade porém não se entende de hum só modo.

A 1.ª accepção desta palavra *Propriedade*, he o *nome proprio de qualquer cousa*, (*b*) do qual nem sempre nos devemos servir; pois devemos evitar os

---

« por mais ignorante que seja, que na suavidade da pronuncia« ção, na expressão da voz, e accento não exceda a Q. Valerio « de Sora, o maior letrado de todos os Togados. Pelo que, ha« vendo hum *Accento* proprio da Côrte de Roma, e dos seus « habitantes, em que nada ha que possa escandalizar, desagra« dar, ou reprehender-se, nem cheirar a estrangeirisse: apegue« mo-nos a este, e aprendamos a fugir, não só da rusticidade « aspera, mas ainda da pronunciação forasteira, e desconhe« cida. »

(*a*) Repare se, que diz, Clareza *in verbis*, para distincção da Clareza *in rebus*, de que faz menção no fim deste Capitulo.

(*b*) A palavra *nome* he aqui geral, e significa *denominação*, incluindo não só os nomes *Proprios* dos individuos, e os das especies chamados *Appellativos*, mas os *Adjectivos* mesmos, e os *Verbos*. Estas palavras chamão-se *proprias das cousas*, porque o uso da lingua de tal sorte as appropriou a certos objectos, que a sua significação he a primeira, que se offerece ao espirito, logo que são pronunciadas sós. As cousas estão, para assim dizer, de posse destes sinaes, de tempo immemorial, e por isso se chamão proprios. Qualquer outra significação, que se lhes dê, não he propria, mas emprestada, e para se lhes dar, he preciso ligal-os a outras palavras. Quando v. g. digo *Fogo*, *Luz*, estas palavras são proprias; quando porém digo *Fogo da imaginação*, *Luz do discurso*, já não são proprias, mas em sentido emprestado.

termos *Obscenos*, *Sordidos*, e *Baixos*. Chamo termos *baixos* os que são inferiores á dignidade, ou da materia, que tratamos, ou das pessoas, diante de quem fallamos. (*a*) Alguns porém, fugindo deste vicio, costumão cahir no da affectação, temendo servir-se dos termos vulgares, aindaque a necessidade da materia os exija; como succedeo áquelle advogado, que na sua oração disse, *Ervas de Hespanha*, expressão, que elle só ficaria entendendo inutilmente, senão fosse Cassio Severo, (*b*) que mofando desta affectação vaidosa, disse queria dizer *esparto*. Nem sei a razão, porque hum Orador célebre julgou por mais polido o dizer, *Peixes endurecidos com a salmoura*, do que o termo proprio, de que fugio. (*c*)

Ora nesta especie de Propriedade, que usa dos mesmos nomes das cousas, nenhum merecimento Oratorio ha. Com tudo o contrario he hum vicio, a que nós chamamos *Impropriedade*, e os Gregos *Acyron*. (*d*) Tal he a de Virgilio neste verso: (*e*)

..... *Esperar tamanha dôr.*

(*a*) *Baixo* pois he hum termo relativo, como quasi o são todos. Nenhuma palavra he baixa, ou sublime absolutamente, mas só comparada com o objecto de que se trata, ou com as pessoas de que, ou a quem se falla, das quaes humas são de ordem inferior, outras superior no estado civil da sociedade.

(*b*) *Cassio Severo* era hum Orador contemporaneo de Pollião no tempo de Augusto, cujo caracter severo, como o seu nome, não perdoava nada. Delle diz Quint. X. 1, 116. *Nam et ingenii plurimum est in eo, et acerbitas mira, et urbanitas, et vis summa, sed plus stomacho, quam consilio dedit. Praeterea, ut amari sales ita frequenter amaritudo ipsa ridicula est.* Por tanto, segundo o seu genio, não devia perdoar esta affectação ao seu adversario, aindaque contra a regra de Quint. Liv. II. Cap. XI. Art. II. §. 4.

(*c*) O termo proprio he *Salsamentum* em Latim, que quer dizer *Peixes salgados*, em lugar do qual este Orador substituio, como o outro acima, o circumloquio *duratos muria pisces*. Estes circumloquios são o recurso ordinario destes Oradores affectados, e supersticiosos, que para evitar huma baixeza imaginada, confundem com os termos geraes, e communs idêas, que o vulgar, e proprio exprimiria com mais precisão, e clareza. Qual fosse este Orador célebre não o diz Quint. Como cala o seu nome, naturalmente seria algum do seu tempo.

(*d*) Ἄκυρον, palavra composta de α particula negativa, e κύρος *proprius*.

(*e*) Eneid. IV. v. 419. Os bens são os que, propriamente fal-

Com tudo nem toda a palavra, que não for propria neste sentido, se poderá chamar logo por isso *impropria*. (a) 1. Porque ha muitas cousas, que não tem nome proprio, nem na lingua Grega, nem na Latina. (b) Quem, por exemplo, arremessa huma lança, diz-se *lançar*. Se atirar porém com um dardo, ou com huma azagaia, ja não tem hum termo proprio. Do mesmo modo *apedrejar*, todos sabem o que he; porém se se atirar com terrões, ou com telhos, já isto não tem nome proprio, e particular. Donde se segue, que a *Catachrese*, ou *Abuzão* he necessaria nas linguas.

2.° As *Metaphoras* tambem, das quaes a oração toma os seus maiores ornatos, accommodão nomes a cousas, em que não são proprios. De tudo isto pois se póde concluir, que a *Propriedade* das palavras he

---

laudo, se esperão; os males temem-se. Seria pois mais proprio o dizer: *Tantum timere dolorem*, do que *Tantum sperare dolorem*. Com tudo muitos AA. usão desta palavra no mesmo sentido.

(a) Entre o *Proprio*, e *Improprio* ha hum meio, que he o *Não proprio*. Póde huma palavra não ser propria, mas emprestada, como as *Catachreses*, *Metaphoras*, *Synecdoches*, *Metonymias*, *etc.* e não ser com tudo *impropria*, isto he, inepta, e mal escolhida. Quint. toma frequentemente o nome de *impropriedade* neste sentido, como veremos adiante.

(b) O que succede na Lingua Grega, e Latina, acontece de necessidade em todas. He impossivel haver tantas palavras proprias em huma lingua, quantas são as cousas. Estas são infinitas, e se a cada huma se désse hum nome proprio, quem poderia com hum Diccionario tão desmarcado? 2. Esta nomenclatura seria inutil ao commum dos homens. Que necessidade ha de hum nome proprio para cada grão de arêa, para cada arvore, e para cada animal? Basta o nome commum da especie. 3. A multiplicação mesma dos nomes communs as especies seria prejudicial, e contra o seu fim, que he ajudar a memoria classificando os seres. A mesma confusão, que se procura evitar com esta distincção, tornaria a vir, fazendo quasi tantas classes, quantos são os individuos. Sendo pois isto assim, todas as linguas as mais ricas se podem chamar pobres relativamente ás cousas, e o devem ser em parte. Em subsidio desta pobreza vem os tropos, já de necessidade, como as *Catachreses*, já de utilidade, como as *Metaphoras*, *Synecdoches*, *Metonymias*, e *Ironias*. Os termos emprestados são mais que os proprios nas linguas das naçoens civilizadas.

relativa, não ao seu som, mas á sua força de significar, e que se deve pezar, não pelo que se ouve, mas pelo que se entende. (*a*)

Propriedade do 2. modo.

§. II. Em 2.º lugar chama-se *propria*, entre muitas significações da mesma palavra, aquella, donde as mais tiverão sua origem. (*b*) *Vertex*, por exemplo,

(*a*) Daqui vem a differença de *Palavra* a *Termo*. *Palavra* diz relação ao material do som, e á sua significação, e idêa geral. *Termo* diz mais relação á significação especial, que determina a idêa, e aos differentes aspectos, de que he capaz. Por este modo dizemos, que as *Palavras* são grandes, ou pequenas, asperas, ou suaves, sonoras, ou surdas, simplices, ou compostas, primitivas, ou derivadas, novas, ou velhas, puras ou barbaras. Tudo isto pertence ao material do sinal, e á sua significação fundamental. Os *Termos* dizemos, que são sublimes, ou baixos, expressivos, ou fracos, proprios, ou improprios, honestos, ou deshonestos, claros, ou escuros, precisos, ou vagos. Tudo isto he relativo á força de significar, e ás idêas accessorias da principal. A pureza da lingua depende das palavras; a precisão porém, e propriedade da mesma depende dos termos. A multidão de palavras, sendo muitas synonymas, não provaria riqueza na lingua. Esta lhe vem mais da multidão dos termos, diversificados pelas idêas accessorias da significação fundamental. Assim *Amor*, e *Amizade* tem a mesma significação geral do sentimento da alma, que move os homens a unirem-se. Mas *Amor* he hum termo, que accrescenta á idêa principal a idèa accessoria de inclinação, e *Amizade* he outro que accrescenta á principal a idêa accessoria de hum justo fundamento, e razão. Quer pois Quint. que, para se ver se huma palavra he propria, não se attenda tanto ao seu som, e significação material, quanto ás idêas accessorias, que a determinão, e exprimem com precisão, e justeza o objecto por ordem ao fim, que nos propomos. Esta he a propriedade, de que elle logo fallará §. V.

(*b*) Neste sentido chama-se propria a significação *Etymologica*, e *Primordial*. Esta propriedade he differente da primeira. 1. Porque não póde ter lugar senão nas palavras de muitas significaçoens, e a primeira póde cahir nos nomes proprios, e palavras de huma só significação. 2. Porque as significaçoens secundarias são muitas vezes proprias no primeiro sentido, que he o que se offerece logo ao ouvil-as, e nunca o podem ser neste segundo. Por exemplo, as palavras *Alma*, *Espirito*, *Pensar*, *Examinar*, significão pelo primeiro modo de propriedade, as primeiras duas, a substancia simples, que sente, e pensa, e as outras duas, as suas operaçoens de julgar, e comparar. Com tudo estas significaçoens são secundarias. A primordial, e etymologica das pri-

he o rodomoinho da agua, ou de outra qualquer cousa, que faz o mesmo gyro. (*a*) Daqui, por causa do rodomoinho dos cabellos, passou a significar a parte mais alta da cabeça, e desta o cume dos montes. A tudo isto pois, torno a dizer, poderás chamar *Vertices*; com propriedade porém só a significação primitiva. O mesmo podemos dizer das palavras Latinas, *Soleae*, e *Turdi* na significação de peixes, e de outras muitas. (*b*)

Propriedade do 3. *modo.*

§. III. Hum terceiro modo de *Propriedade*, differente deste, he quando huma cousa commua a differentes individuos tem em algum delles hum termo

---

meiras he a de *assopro*, *folego*, *(anima, spiritus)* e a das segundas a de *pezar na balança (pensito, examino)*

(*a*) A Etymologia de *Vertex* he de *verto* virar, gyrar, moverse sobre o seu centro. Todas as palavras, que tem muitos termos, ou accepçoens, (das quaes estão cheias as linguas) tem huma primordial, da qual por huma especie de gradação, fundada na similhança, e analogia dos objectos, foi passando successivamente a outras. A palavra *Duro*, por exemplo, significa no sentido proprio, e primitivo hum corpo, cujas partes resistem aos esforços, que se fazem para as separar. E esta idêa de resistencia a tem feito extender a outros usos. Esta idêa pois he o fundamento da analogia. Assim esta palavra representa já hum homem severo; *duro a si mesmo*, *duro aos outros*; já insensivel, *coração duro*; ja indocil, que não póde aprender, *cabeça dura*; já inflexivel, *duro aos clamores*; já triste, *he cousa para mim dura*, etc. Este fio da Analogia se vê tambem na palavra *Vertex*, e em infinitas outras. Em muitas este fio nos he escondido. He porém certo que o houve. Seria para desejar, que os Diccionarios das linguas nas explicaçoens das palavras seguissem exactamente esta ordem Genealogica das significaçoens, e que em cada huma vissemos nós os passos, com que o espirito humano, servindo-se do mesmo signal, caminhou de idêa em idêa. Para isto concorrem grandemente tres cousas. 1. A Arte Etymologica. 2. Reduzir todas as palavras abstractas as idêas physicas, e sensiveis, que sempre forão as primeiras na creação das linguas. 3. A gradação natural da Analogia.

(*b*) He provavel, que os primeiros homens conhecessem primeiro as plantas dos seus pés, *(soleas)* e as aves chamadas *Tordos*, *(Turdos)* do que tivessem noticia dos peixes, que tem estes mesmos nomes em razão da similhança da figura. A primeira significação pois he a primitiva e propria, e a segunda derivada.

consagrado, (*a*) com que se exprime. Tal he, por exemplo, a palavra *Naenia*, consagrada para significar a cantiga funebre, e a de *Augurale* para a barraca do General.

Propriedade do 4. modo.

§. IV. Tambem se chama *proprio* hum nome commum a muitos individuos, quando, pela intelligencia, e uso dos que o empregão, se apropria a hum delles em particular. Assim pelo nome commum *Urbs* entendemos nós a cidade de Roma, pelo de *Venales* os escravos, e pelo de *Corinthia* certos metaes de Corintho, havendo muitas outras cidades, cousas de venda, e metaes de Corintho, a que estas palavras são communas. (*b*) Mas em nenhuma destas propriedades se deixa ainda ver o merecimento de hum Orador.

(*a*) Esta he a força da palavra latina *eximius*, que corresponde justamente á Grega ἐξαίρετος. Aquella vem de *eximo*, e esta de ἐξαίρεω, e se dizem das cousas, que se separavão dos usos profanos, para os da Religião; e chamão-se palavras *consagradas* aquellas, que a Religião destinou para os seus ritos, fórmulas, e mysterios, como era entre os Romanos a palavra *Naenia*, para significar a canção funebre, em que ao som da *Tibia* se cantavão os louvores do morto ao pé do seu corpo, quando se hia a sepultar; e a de *Augurale* dada á tenda do General, diante da qual na campanha se tomavão os Agouros. Destas diz Quint. I. 6, 40: *Illa mutari vetat Religio, et consacratis utendum est.* Da Religião se extendeo o nome de *consagrado* para as Sciencias, Artes, e Officios. Cada huma tem seus termos *Technicos*, e consagrados, que lhes são proprios, dos quaes he preciso usar. Quem se servir de outros fallará com impropriedade.

(*b*) O fundamento desta Propriedade, porque os nomes communs a muitos individuos se aproprião a hum só entre elles, he sempre a excellencia, e superioridade, porque huma cousa sobresahe entre as mais do mesmo genero. A cidade de Roma chamou-se *Urbs*, porque como diz Virg. Eclog. I.

Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes,
Quantum lenta solent inter viburna cupressi.

O mesmo se deve dizer dos homens expostos em venda a respeito das mais cousas venaes, e dos metaes de Corintho fundidos de certa mistura de ouro, e prata a respeito dos metaes simplices da mesma cidade. Os Rhetoricos modernos chamão a isto *Antonomasia*, mas contra a accepção, que os antigos derão constantemente desta palavra, como veremos nos Tropos.

V. *Propriedade Oratoria.*

§. V. Aquella *Propriedade* porém, que como tal se costuma tambem louvar, já merece ser contada entre as virtudes oratorias, *as palavras*, digo, *que são tão expressivas*, *que se não podem achar outras*, *que mais o sejão*. (a) Tal he a expressão de Catão,

---

(a) Toda a palavra pois, que pinta distincta, viva, e justamente o objecto por ordem ao fim, que com elle nos propômos, ou seja proprio do primeiro, segundo, terceiro, e quarto modo; ou seja metaphorico, chama-se *termo proprio.* O nome proprio pois he o nome da cousa. O termo proprio he sempre o que exprime perfeitamente todas as suas idêas. Taes são os epithetos *Sobrius, Deductus, Acris,* e *Dirus* nos exemplos citados por Quint. A respeito do primeiro o dito de Catão nos he referido por Suetonio em *Cesar,* Cap 53, deste modo: *Vini parcissimum ne inimici quidem negaverunt. Verbum M. Catonis est: unum ex omnibus Caesarem ad evertendam Remp. sobrium accessisse.* Catão, inimigo capital de Cesar, quiz dar a conhecer com este epitheto, quanto Cesar era para temer. Os mais, que antes de Cesar tinhão pertendido opprimir a liberdade da Republica, erão homens dados ao vinho, e por consequencia de hum espirito embotado, negligentes, desapercebidos, de pouco segredo, e em fim desavizados; porque a bebedisse he huma especie de doudice; Cesár era o unico, que bebia pouco vinho Isto exprime no sentido proprio a palavra *Sobrius;* mas álem desta significação principal, relativa ao corpo, exprime muitas accessorias relativas ao espirito, e que era interessante a Catão o fazer sensiveis, quero dizer, a *esperteza*, *vigilancia*, *circunspecção*, *segredo*, e *prudencia*, companheiras da sobriedade, pelas quaes era Cesar mais para temer entre todos os inimigos da Republica, do que pelas suas forças.

Deductus he huma metaphora tirada das lans, que, fiando-se (*deducendo*) se adelgação, e muito proprio para explicar o estilo delicado, e tenue, de que se serve a Ecloga; no qual sentido o emprega Virg. Eclog. VI. v. 5.

. . . . Pastorem, Tityre, pingues

Pascere oportet oves, deductum dicere carmen.

e Horacio Ep. II. 1, 225.

. . . . Tenui deducta poemata filo.

A voz fina, e aguda da flauta (*Acris tibia*) he mais propria que a grave da lyra, para se fazer ouvir longe, e com ella entoar Clio, ou a fama os louvores de Augusto, para o seu écho retinir nos montes dedicados ás Musas. Por isso o epitheto *acris* he bem escolhido na Od. XII. do Liv. I.

quando disse: *Que C. Cesar viera sóbrio a arruinar a Republica*, a de Virgilio, *Deductum carmen*, e as de Horacio, *Acris tibia*, e *Hannibal dirus*... Tambem se costumão chamar *Proprias* as palavras, que são bem transferidas. (*a*) Taes são tambem muitas vezes as que caracterizão qualquer sugeito em algum genero, como Fabio, entre muitas outras qualidades de hum grande General, foi caracterizado pelo epitheto *Cunctator*. (*b*)

Parece que os termos *Emphaticos*, que significão mais do que dizem, se deverião por esta razão contar, entre os que servem á clareza do discurso, pois ajudão á sua intelligencia. Eu porém antes os referiria ao ornato; porque não só fazem com que se entenda o que se diz, mas ainda mais do que se diz. (*c*)

Quem virum, aut Heroa lyra, vel acri
Tibia sumes celebrare Clio?
Quem Deum? cujus recinet jocosa
Nomen imago
Aut in umbrosis Heliconis oris,
Aut super Pindo, gelidove in Haemo, etc.

Assim o repete elle Liv. III. Od. 4. Em fim Annibal, que na ultima guerra Punica foi por 17 annos causa de tantos sustos, e lagrimas aos Romanos, e objecto das suas maldiçoens, he bem caracterizado pelo epitheto *Dirus* em Horac. Od. II. 12. e III. 6. v. 36, e IV. 4. v. 42. *Dirus*, quer dizer, *Diris devotus*, ἐπάρατος o *maldito*, o *praguejado Annibal*.

(*a*) O termo proprio não se requer para a clareza, senão quando se trata de exprimir idêas simplices. Quando estas são complexas, e o pensamento tem certa extensão; a expressão metaphorica, e pintoresca contribue mais para a clareza. Ella nos poupa huma explicação hum pouco mais circunstanciada, que pela sua longura faria o discurso menos claro. Só huma imagem he que póde exprimir distinctamente muitas cousas ao mesmo tempo. Que termo proprio poderia representar com a mesma clareza o que Cicero (*de Leg. Agrar.* I.) tão felizmente disse: *Nundinatio juris, et fortunarum*, mercado de direito, e fazenda?

(*b*) Vej. Liv. I. Cap. XV. Art. II. §. 1.

(*c*) Isto depende da noção do ornato, que dá Quint. adiante Cap. IV. Art. IV. §. 1. Vej. tambem o que diz da Emphase no fim do mesmo Capitulo.

ARTIGO II.

Das cousas, que fazem a Elocução escura.

Escuridade nascida de cada huma das palavras.

§. I. A *Escuridade* porém nasce 1. das palavras *desuzadas*, como se alguem fosse esquadrinhar os antigos *Annaes* dos Pontifices, os primeiros tratados das allianças do Povo Romano, e os Escriptores da linguagem velha, (*a*) para colligir delles palavras, que ninguem já entende. Pois ha homens, que com isto pertendem passar por eruditos, fazendo ver, que elles sós sabem algumas cousas, que os outros não attingem. (*b*)

(*a*) Estas Memorias, chamadas *Annales Maximi*, por serem escritas pelo Pontifice Maximo, e expostas ao Povo na casa do mesmo, erão huma chronica, ou historia antiga de Roma até o tempo de P. Mucio Scevola, depois do qual se começou a escrever a historia em melhor estilo. Destes Annaes, e dos Tratados antigos do Povo Romano não nos resta cousa alguma Porém podemos fazer juizo da sua linguagem pela Lei de Numa, que principía: *Sei. quoi. hemonc. loebeso. sciens. dolod. malod. mortei. duit. paseicid. estod.*, isto he, *si quis hominem liberum sciens doto malo morti dederit, parrecida esto;* pela primeira Lei Tribunicia do anno de 261, que começa: *Quei aliuta. facsit. cum. pequnia. familiaque. sacer. estod.*, isto he, *qui aliter fecerit cum pecunia, familiaque sacer esto;* pela 1. das XII. Taboas em 304, que começa: *Sein jovs vocat atque eat. Neit endocapito antestarier*, isto he, *si in jus* (quis) *vocat*, *statim* (vocatus) *eat. Ni it, incipiat* (vocans) *testes appellare.* Dos escriptores antigos podemos fazer juizo pelo principio da historia de Nevio, primeiro historiador Romano, que principía a primeira guerra Punica, escripta em versos Jambos, deste modo: *Qui terrai Latiai hemones tusserunt, Vires fraudesque Poinicias fabor*, isto he, *qui terrae Latiae homines contuderint, Vires fraudesque Punicae fabor.*

(*b*) Em todo o tempo houve esta seita de Antiquarios. Sallustio no tempo de Augusto foi notado deste vicio. Do seu attesta aqui Quint. Entre nós havia a mesma seita no tempo de Duarte Nunes de Leão, a qual elle combate no Cap. 26. *Da orig. da L. Portug.* Pois usavão de *migo* em lugar de *comigo*, *algorem* em lugar de *alguma cousa*, e de outras antigalhas; e no nosso tempo não falta quem escreva *segres* em vez de *seculos*, *hi* em lugar de *ahi*, *guiza* em lugar de *maneira*, *ca* em lugar de *porque*, *precalçar* em lugar

2. Tambem escapão ao espirito as palavras mais *familiares a certas regiões*, que a outras, ou *proprias de certas Artes*, e officios: como *Atabulo*, certa especie de vento, e *Saccaria*, certa especie de náo. (*a*) Similhantes palavras, ou se devem evitar perante hum juiz ignorante das suas significações, ou se devem explicar.

3. O mesmo acontece tambem nas palavras *Homonymas*, (*b*) como v. g. a palavra *Taurus*, que sem se distinguir, não se entende, se he hum animal, se huma serra, se huma constellação no Ceo, se o nome de hum homem, ou a raiz de huma arvore.

---

de *alcancar*, *hu* em lugar de *onde*, *affão* em lugar de *trabalho*, e infinitos outros Archaismos; affectação ridicula (como diz Quint. I. 6, 43) *malle sermonem, quo locuti sunt homines, non quo loquuntur.* Vej. Cap. seg. Art. II. §. 3.

(*a*) As palavras proprias a certas provincias, e artes são como humas linguas particulares, que só podem ser entendidas pelos homens do paiz, e da mesma profissão. Ou se devem pois evitar, ou explicar, quando houver necessidade de usar dellas. Ao primeiro genero pertence a palavra latina *Atabulus*, usada na Apulia para significar certa aguieira, que pelo inverno assoprava tão fria naquelle paiz, que queimava tudo, como diz Plinio XVII. 24, talvez derivada de ἄτη, e βάλλω, *perniciem afferens.* Horac. Sat. V. v. 77.

Incipit ex illo montes Apulia notos

Ostentare mihi, quos torret Atabulus. . .

e taes entre nós são tambem as palavras *Viracão*, *Deveza*, *Aldea*, usadas no Minho por *Maré*, *Alameda*, *Quinta*, e *Leiras*, *Oiras*, *Cachopos*, usadas na Beira por *Canteiros*, *Vagados*, *Rapazes*; e *Amanhar*, *Montes*, *Herdades*, usadas no Alemtéjo por *Concertar*, *Cazaes*, e *Fazendas*. Ao segundo genero pertence entre os Latinos a palavra *Saccaria*, termo de commercio tão escuro, que até agora se não poude entender, e em todas as linguas ha palavras *Technicas*, que só entendem os da profissão.

(*b*) *Homonymas* vem de ὁμὸς *idem*, e ὄνομα *nomen*, e chamão-se assim as palavras, que debaixo do mesmo nome tem muitas significaçoens proprias no 1. sentido, e não metaphoricas. Os Homonymos podem ser, ou *Equivocos*, se a voz significativa tem alguma differença na pronunciação ou escriptura, como *Cerrar*, *Serrar*; ou *Univocos*, se no material da voz não ha differença alguma, como na de *Taurus*, e nestas Portuguezas *barra* de cama, *barra* de metal, *barra* de rio, *barra* de vestido.

Periodos cumpridos, Hyperbatos longos, 1. e 2. *modo de escuridade*

§. II. Com tudo mais escuridade ha no contexto, e continuação do discurso, e mais modos, porque podemos cahir nella. Pelo que não sejão as oraçoens tão *compridas*, que a attenção as não possa alcançar; (*a*) nem tão *vagarosas* por conta das transposiçoens, que a conclusão do sentido fique muito tempo suspensa, e retardado até á palavra transposta. (*b*)

(*a*) Por oraçoens compridas entende aqui os Periodos longos, ou circuitos de proposiçoens principaes, de tal sorte subordinadas humas ás outras, que o sentido total não se percebe senão no fim. Como, para o perceber, he preciso conservar presentes na memoria todas as proposiçoens; se estas são muitas, ou muito compridas, e complicadas com oraçoens incidentes; a attenção curta do espirito não póde abranger ao mesmo tempo tantas idêas; perde-se no caminho, e esquecendo-lhe alguma das proposiçoes, não póde fazer idêa do todo. Veja-se o primeiro periodo de Cicero na oração *Post reditum ad Quirites*.

(*b*) Chamada em Grego ὑπέρβατον. O Hyperbato, ou transposição suppõe que nas linguas ainda Transpositivas, como erão a Grega, a Latina, e ainda agora a Alemãa, ha huma ordem. Mas esta não he a Grammatical, e Analytica, como pertende Mr. Beauzée *Gram. Gen.* Liv. III. Cap. IX, e se prova claramente das passagens de Quintiliano VIII. 6, 65, e IX. 4, 26. Qual he pois? Para entender isto, he preciso distinguir quatro ordens. Huma *Directa*, em que as partes da oração seguem a ordem da sua subordinação, as subordinantes primeiro, e as subordinadas depois. Esta he a ordem *Grammatical*, e *Analytica*, que tambem se póde chamar *Syntactica*. Ex. *Judices, animadverti orationem omnem accusatoris divisam esse in partes duas*. Outra *Inversa*, em que as partes subordinadas vão primeiro, e as subordinantes depois, e o sentido he suspenso, como: *Omnem accusatoris orationem in duas partes divisam esse animadverti, Judices*. A terceira he a *Natural*, em que as palavras se ligão na oração, segundo andão ligadas na natureza, e no espirito. Ex. *Animadverti, Judices, omnem orationem Accusatoris in duas partes divisam esse*. Porque as duas idêas *Animadverti*, *Judices*, as outras duas *omnem orationem*, e as tres ultimas *in duas partes divisam esse*, ainda que invertidas da ordem Syntactica, ficão igualmente ligadas, e juntas, como se dissessemos: *Judices, animadverti*, e *orationem omnem*, e *divisam esse in partes duas*. A quarta he a *Transpositiva*, ou Hyperbato, quando as idêas, que andão juntas na natureza, e no espirito, se separão, e transpoem na oração deste modo: *Animadverti, Judices, omnem accusatoris orationem in duas divisam*

Synchyse, ou mistura das palavras, 3. modo.

Peor ainda que estes he o vicio da *confuzão*, e *mistura* das palavras, qual se vê naquelle verso: (*a*)
Saxa vocant Itali mediis, quae in fluctibus, aras.

Parentheses longas, 4. modo.

Tambem com as *Parentheses*, (das quaes usão frequentemente os Oradores, e Historicos, mettendo huma oração differente no meio de outra) se costuma embaraçar o sentido; (*b*) só, se o que se mette de per meio, he breve. Virgilio naquelle lugar, (*c*) em que faz a descripção do potro, tendo principiado nella deste modo:

---

esse partes. Porque *omnem orationem* naturalmente juntas ficão separadas por *accusatoris,* e *duas partes* por *divisam esse.* Vej. Cicero *Orat.* 65.

Ora se nesta ordem transpositiva as idêas ligadas naturalmente se separão e apartão, para lugares muito distantes por meio de hum Hyperbato, ou transposição dilatada, então esta causa escuridade, e he vicio, como seria: *In duas, animadverti, Judices, omnem accusatoris orationem divisam esse partes.* Vej. adiante do Hyperbato no Cap. dos Tropos, e Quint. IX. 4, 26.

(*a*) Se esta transposição se faz em todas as palavras de huma oração, della nasce então a Synchyse, ou confuzão, peor ainda que a transposição longa: porque aparta todas as idêas da sua ligação natural, como se vê no verso de Virg. Aen. I. 113, cuja construcção natural seria esta: *Quae saxa* (posita) *in mediis fluctibus Itali vocant aras.* A mesma confuzão se vê no vers. 57. da Ecloga VIII. do mesmo Virg.

Aret ager: vitio moriens sitit aëris herba.

(*b*) As Parentheses tambem separão as idêas, cuja relação se deve indicar pela proximidade de seus sinaes. Se pois são compridas, as idêas ficão muito distantes, e he facil perder de vista a sua relação. Quint. aqui na mesma regra deu o exemplo, mettendo de per meio huma parenthese, que alguma cousa embaraça o sentido. O mesmo que se diz das parentheses, se deve entender das oraçoens incidentes, que mettemos no meio das proposiçoens principaes, para determinar, ou explicar o seu sugeito, ou predicado, se são muitas, ou muito compridas.

(*c*) Georg. III. v. 75. A descripção principia pelas qualidades do animo: *Continuo pecoris generosi*, até *Nec vanos horret strepitus,* e mettendo no meio a descripção das qualidades do corpo em tres versos, e dois hemestichos, torna no vers. 83 á descripção começada das qualidades do animo, o que interrompe o fio das idêas. Vej. Ex. I.

Nem dos estrondos vãos se teme, e espanta, mettendo de per meio huma larga parenthese; no quinto verso torna em fim ao que começou, dizendo já por outra fórma:

Então, se ao longe as armas strondo derão,
Estar quedo não sabe o nobre potro.

Ambiguidade, 5. *modo*.

Mais que tudo se deve fugir da *Ambiguidade*, (a) não só daquella, de que fallámos acima, que faz o sentido equivoco, como, *Chremetem audivi percussisse Demeam*; mas tambem daquella, que ainda que não póde perturbar o sentido, recáe com tudo no mesmo vicio da construcção; como se alguem dissesse: *Visum a se hominem librum scribentem*. Pois, ainda que está claro que o homem he, quem escreve; o compositor com tudo fez huma má construcção, e quanto esteve da sua parte, fez a cousa equivoca.

Perissologias, 6. *modo*.

Tambem em alguns ha huma *Verbosidade vãa*. (b)

(a) Todas as vezes que huma Proposição póde receber dois sentidos chama-se *ambigua*, porque *in ambas agi partes animo potest*. A palavra Grega ἀμφιβολία tem a mesma força, compondo-se de ἀμφί *utroque*, e βάλλω *jacio* A Proposição póde ser ambigua, ou porque o sugeito, ou predicado he equivoco; e esta ambiguidade pertence ás palavras separadas: ou porque huma palavra da phrase he susceptivel de duas relaçoens ao mesmo tempo. Esta ambiguidade he na união das palavras, e se faz, segundo Quint. VII. 9. de tres modos. 1. Pela Syntaxe equivoca dos casos, como no primeiro exemplo, que aqui traz Quint. 2. Pela construcção equivoca, e má collocação das palavras, sem virgulação, que as distingua, como, *Jussit poni statuam auream hastam habentem*. A esta especie pertence o segundo exemplo de Quint. 3. Pelos Pronomes relativos, que se pódem referir a duas cousas antecedentes. Ex. *Haeres meus uxori meae dare damnas esto argenti, quod elegerit, pondo centum*. A primeira ambiguidade tira se com a mudança dos casos, e não a póde haver na lingua Portugueza, que os não tem. A segunda com a transposição, e virgulação; e a terceira, accrescentando alguma cousa, que determine a relação vaga do Pronome. Estas tambem as póde haver na nossa lingua, e se desfazem do mesmo modo.

(b) A esta verbosidade dá Quint. o nome de περισσολογία lib. VIII. 6, 61. Dando as Periphrases clareza á oração, porque ra-

Receando fallar, como fallão os outros homens, e levados de huma falsa idêa de ornato, explicão com Periphrases, e huma vãa loquacidade tudo o que querem dizer; depois, accumulando phrases sobre phrases, e ajuntando tudo, fazem periodos tão extensos, que nenhum folego os póde supportar.

Escuridade affectada, 7. modo.

Outros trabalhão mesmo de proposito por se fazer escuros. Nem este vicio he novo. (*a*) Já em Tito Livio (*b*) acho eu, houvera hum mestre, que mandava a seus discipulos escurecer o que dizião, servindo-se para isso do verbo Grego *Scotison* (*c*) (*escurece,*) o que feito, elle mesmo lhes dava aquelle grande louvor: *Tanto melhor! eu mesmo o não entendi.*

Demaziada brevidade, 8. modo.

Outros apaixonados pelo *Stilo concizo* furtão á oração as palavras ainda necessarias; e como se bastasse

---

zão as Perissologias a escurecem? Humas, e outras explicão os termos simplices das proposiçoens por circuitos, compostos dos accessorios do sugeito, e predicado. Se estes accessorios são relativos á cousa, que affirmamos, e ás circunstancias, em que fallamos; as idêas do sugeito, e predicado se ligarãõ mais, e mais por este meio, e o pensamento ficará mais claro. Isto fazem as Periphrases. Se pelo contrario os accessorios são impertinentes ao fim do pensamento, bem longe de ligar as idêas, apartal-as-hão, distrahirãõ o espirito da attenção, que deve dar ao seu objecto, e embaraçar-lhe-hão a marcha. *Obstat enim quidquid non adjuvat*, diz Quint. As oraçoens pois extensas pela multiplicidade destes accessorios, e periphrases inuteis, canção o pulmão, o ouvido, e o espirito.

(*a*) Taes forão entre os antigos Heraclio, chamado por isso mesmo σκοτεινος, e Lycophron, de cujo poema, a *Cassandra*, se diz era tão escuro, que hum leitor, não podendo entender cousa alguma, o partíra pelo meio, para saber o que tinha dentro. Persio tambem tem huma escoridade tão affectada, que S. Jeronymo desesperado de o poder entender, o entregou ás chammas, para estas penetrarem o que elle não podia.

(*b*) Na carta provavelmente, que dirigio a seu filho, e de que faz menção Quintiliano Liv. X. Cap. 3. n. 39.

(*c*) Σκότισον, Aoristo 1. do Imperativo do verbo σκότιζω *escurecer.*

entenderem-se elles a si mesmos, não se embaração pelo que pertence aos mais. Eu porém tenho por inutil todo aquelle discurso, que o ouvinte não entende por si mesmo. . .

Expressoens refinadas, 9. modo.

Mas o peor vicio de todos he o das expressoens *Enigmaticas*, (*a*) e inintelligiveis, isto he, que em termos claros involvem sentidos mysteriosos, como: *Conductus est caecus secus viam stare*, e o outro a respeito de hum homem, que os Declamadores fingião despedaçava com os dentes as proprias carnes, dizendo delle *Supra se cubasse.* (*b*) Querem elles fazer crer, que estes pensamentos refinados, e arrojados são eloquentes pelo risco mesmo, que correm de se não entenderem, e a muitos se lhe tem mettido na cabeça esta opinião de não terem por elegante, e exquisita expressão alguma, senão a que necessita de interprete. Ouvintes ha tambem, que gostão disto; porque dando no sentido destas expressoens, sentem hum prazer tal, não como se as entendessem, mas como se as inventassem. (*c*)

Recapitulação de toda a doutrina antecedente.

Porém para nós os Oradores, (*d*) seja a primeira

(*a*) No Grego está ἀδιανόητα, palavra composta da preposição privativa α, e de διανοεῖν *entender, pensar*; e chamavão assim aquellas sentenças, e expressoens finas, e subtís, que por muito alambicadas se evaporavão, para assim dizer, deixando não tanto ver, quanto adivinhar o seu sentido. Nós chamamos a estas expressoens *Refinadas*, e os Francezes *Preciosas*. Vej. o Cap. das Sentenças Art. I. §. IX.

(*b*) As palavras destas duas Sentenças Declamatorias são claras. O seu sentido porém he tão recondito, e mysterioso, que não obstante os trabalhos, com que os Eruditos se tem tormentado; nenhum até agora pôde decifrar similhantes enigmas. A segunda Sentença vem tambem no Capitulo das Sentenças no lugar citado Vej. ahi.

(*c*) Toda esta observação de Quint. cahe sobre as expressoens chamadas ἀδιανόητα, e unida ao §. antecedente, como se vê em todas as ediçoens de Mr. Rollin, cahe fóra do seu lugar, e fica inintelligivel, como os pensamentos, que fazem o seu objecto.

(*d*) Como se dissesse: Desterrem-se muito embora estes pensa-

virtude do discurso a *Clareza*. As palavras sejão *proprias*, *a ordem recta*, *a conclusão do sentido não se demore para muito longe*, *nada falte*, *nada sobeje*. (*a*) Deste modo o nosso discurso merecerá a approvação dos sabios, e será entendido dos ignorantes. Estas são as regas da clareza da Elocução.

Clareza das cousas, e sua importancia.

§. III. Quanto á das cousas, já dissemos nos preceitos da Narração, (*b*) como ella se deve procurar. Huma, e outra tem as mesmas regras. Porque se as cousas mesmas não forem nem mais, nem menos do que he preciso, nem faltas de ordem, e distincção; (*c*) ellas tambem serão claras, e entendidas daquelles mesmos, que estiverem com pouca attenção. Pois isto mesmo se deve ter em consideração; que a attenção do Juiz nem sempre he tão viva, que possa por si dissipar a escuridade da oração, e introduzir nas trévas da mesma algum lume da sua intelligencia; mas que antes de ordinario ha muitas cousas, que o distrahem da attenção devida, para não perceber o nosso discurso; só se elle for tão claro, que se lhe metta pelo

---

mentos enigmaticos, e refinados para os discursos de apparato, e Declamaçoens da Eschola. Nós, os Oradores forenses, que havemos de persuadir os Juizes, e o Povo sobre cousas importantes, e temos interesse em nos fazer entender, tenhamos a clareza da oração na primeira conta. Vej. a pintura que a este respeito Quint. faz dos Declamadores no Cap. da Narração n. 37. Na verdade as primeiras duas qualidades essenciaes, e indispensaveis a toda a expressão he a *Clareza*, e a *Verdade*.

(*a*) Estas palavras contém a recapitulação de todas as regras, que até agora deu sobre a clareza da Elocução. *Propria verba* he a Propriedade oratoria, de que a tratou no primeiro Artigo. *Rectus ordo* exclue os *Hyperbatos longos*, as *Synchyses*, e as *Ambiguidades*. *Non in longum dilata conclusio* requer, se evitem os *Periodos compridos*, e as *Parentheses extensas*. *Nihil neque desit* he relativo á *escuridade affectada*, á *demaziada brevidade*, e ás *expressoens refinadas*. *Neque supersit* he opposto ás *Perissologias*, das quaes cousas todas elle tratou neste segundo Artigo.

(*b*) Art. II. §. 2.

(*c*) A *Precizão*, e a *Ordem* he commua assim ás cousas como á expressão. A *distincção* porém he só propria das cousas. Della tratámos ao lugar citado da Narração, onde se póde ver.

espirito dentro, aindaque o não applique, bem como a luz do Sol se mette pelos olhos. Assim havemos de levar o nosso cuidado até o ponto, não só de se perceberem as cousas, que dizemos, mas de não poderem deixar de se perceber. . . .

CAPITULO IV.

Da Elocução Ornada.

(VIII. 3.)

ARTIGO I.

Da Importancia do Ornato.

O Ornato he importante ao Orador.

§. I. PAsso agora ao Ornato, em que o Orador adquire mais fama do que nas outras partes da Eloquencia. (*a*) Na verdade he fraca a gloria de fallar com *Correcção*, e *Clareza*; e quem a consegue mais parece carecer de vicios, do que ter alcançado alguma grande virtude. (*b*) A *Invenção* muitas vezes he commua ao Orador com os ignorantes. (*c*) A *Dispo-*

(*a*) Quint. mostra neste §. quanto o ornato he importante ao Orador, e no seguinte quanto he importante á causa. A importancia do ornato para a fama, e reputação de hum Orador se vê, comparando-o com quatro cousas, que o devem preceder. 1. As virtudes grammaticaes da oração *Correcção*, e *Clareza*. 2. A *Invenção*. 3. A *Disposição*. 4. Os *Segredos*, e *estratagemas oratorios*.

(*b*) O mesmo diz Cicero de Orat. III. 14. para recommendar mais o ornato. « Ninguem já mais (*diz elle*) admirou hum Orador « por fallar com pureza a sua lingua. Se o não faz assim, todos « o ridiculizão, nem o reputão, não digo já por Orador, mas « nem ainda por homem. Ninguem tambem louvou hum homem « por fallar de modo, que todos o entendão. Quem nem isto póde « fazer, he objecto de desprezo. »

(*c*) Os melhores argumentos nascem das circunstancias de

sição póde-se ter por huma cousa, que depende menos do ensino, que da prudencia. (*a*) Os mesmos segredos da Arte os mais profundos tem necessidade de se occultarem, para o serem. (*b*) Em fim todas estas cousas se devem encaminhar unicamente á utilidade das causas. Com o ornato porém, e adorno do discurso, o mesmo Orador se faz recommendar; e ao mesmo tempo, que nas mais cousas elle procura o juizo, e a approvação dos Sabios, aqui procura tambem o louvor popular.

Com effeito Cicero na causa de Cornelio (*c*) não

---

hum facto. Elles de ordinario estão á face. Hum ignorante pois espertado pelo interesse da sua causa os descobre muito facilmente. A Invenção pois he commua ao Orador, e ao idiota. Não o he assim já a escolha (*judicium.*) O letrado a sabe fazer melhor.

(*a*) He o que o mesmo Quint. disse no Cap. da *Disposição*, Art. II., fallando da disposição particular, e Economica, da qual se não póde dar regras, e he fructo só do saber, e da experiencia, e não do ensino. Vej. o dito lugar.

(*b*) Quint. inculca a cada passo esta maxima da grande Eloquencia, sempre necessaria, mas particularmente quando se trata de ensinuar verdades duras, e convencer os espiritos rebeldes. Assim a repete elle, I. 11, 3. *Ars prima est, ne ars esse videatur.* IV. 2, 127. *Ars desinit esse, quae apparet.* IV. 1, 56. *Minime debet ostentari in principiis cura, quia videtur omnis ars dicentis contra judicem adhiberi.* IX. 3. in fin. *Ars ubicumque ostentatur, veritas abesse videtur.* Arist. Rhet. III. 2. já tinha dito: *Que importa muito ao Orador esconder o que faz, e não parecer fallar com artificio, mas naturalmente. Porque, o que he natural, he persuazivo; e pelo contrario, o que he artificioso. Pois os Juizes desconfião de hum Orador, que os procura surprender, bem como dos vinhos de mistura.* Destas artes profundas, e segredos da Eloquencia se podem ver alguns, ensinados por Quint. *Do Exord.* Art. III. §. 3. *Da Narração* Art. II. §. 4. n. 7. *Da Partição* §. 1. n. 2. e 3. *Da Refut.* Art. II. §. 4., e outros practicados por Demosthenes, e Cicero, no mesmo Quint. Liv. VI. Cap. ult.

(*c*) Cicero advogou a causa de Lucio Cornelio Balbo, natural de Cadix, cuja oração ainda existe, e a de Caio Cornelio, Questor de Pompeo, e Tribuno do Povo, accusado do crime de leza Magestade, por ter lido, e proclamado elle mesmo a sua lei, e isto em duas oraçoens, das quaes não nos restão senão alguns fragmentos. Duvida-se de qual destes dois Cornelios falla Quint. Pseudo-Turnebo, Regio, Rollin, e Crevier na sua Rhet. Franceza querem se entenda L. Cornelio Balbo, e que os vivas, e applausos do povo recahissem principalmente sobre o louvor de Pompeo, qual se vê na mesma oração Cap. IV. de que Cicero se serve como de prova para justificar o facto de Pompeo, pelo qual o

só combateo com armas fortes, mas tambem brilhantes. Pois que, se elle tivesse tão sómente dito com pureza, e clareza o que era conducente á causa, não teria conseguido por certo, que o Povo Romano testemunhasse a sua admiração, por meio não só dos vivas, mas ainda dos applausos. A sublimidade pois, a magnificencia, o brilhante, e a authoridade do seu discurso, he que tirou do povo similhante estrondo; nem huma oração ordinaria, como as mais, teria conseguido huma distincção tão insolita. Eu mesmo tenho para mim, que aquelles, que então se achavão presentes áquella acção, não reflectírão no que fazião, nem applaudírão de proposito deliberado; mas antes extaziados, e fóra de si, e não reparando no lugar, onde estavão, romperão naquella demonstração pathetica do seu prazer.

O ornato he importante á causa.

§. II. Mas este mesmo ornato da oração não conduz tambem pouco para ganhar a causa. Porque os que estão ouvindo, quando sentem gosto, dão mais attenção ao que ouvem, e deste modo com mais facilidade se convencem. Elles pela maior parte se deixão captivar do deleite, e algumas vezes a admiração mesma os transporta. (*a*) Bem como a espada, sendo

---

mesmo tinha dado o foro de Cidadão Romano a L. Cornelio Balbo, natural de Cadix. Vej. Ex. II.

Outros, como Capperronier, pertendem que este Cornelio he o Lucio, Questor de Pompeo, e Tribuno do Povo, cuja defeza foi recebida por este com grande applauso, por assentar que na causa de Cornelio se tratava a de Pompeo. Vej. Ascon. aos fragmentos. O lugar applaudido seria por ventura *Pro Cornelio popularis illa virtutum Cn. Pompeii commemoratio, in quam ille divinus orator, veluti nomine ipso ducis cursus dicendi teneretur, abrupto, quem inchoaverat, sermone, divertit actutum*, de que falla Quint. IV. 4, 13? Mas isto he huma Digressão, e não huma Prova; e destas parece fallar Quint. no presente lugar, dizendo: *Nec fortibus modo, sed etiam fulgentibus armis praeliatus est in causa Cicero Cornelii.*

(*a*) O ornato influe na Persuazão de tres modos, relativos aos tres meios de Persuadir. Elle faz com que a verdade *se entenda*, com que a verdade *agrade*, com que a verdade *arrebate*. 1. O interesse do prazer causado pelo ornato aviva, e esperta a attenção,

brilhante, causa á vista mais terror, e os mesmos raios não nos confundirião tanto, se se temesse tão sómente a sua violencia, e não fossem acompanhados do relampago. (*a*) Por isso dizia bem Cicero em huma carta a Bruto, (*b*) *que a Eloquencia, que não tem admiracão, he nenhuma*, e Aristoteles (*c*) julga, que

---

e esta facilita os meios da Convícção. (*Nam qui libenter audiunt, et magis attendunt, et facilius credunt.*) 2. Revestindo as verdades de imagens agradaveis, pela lei da associação das idêas, faz com que as mesmas verdades duras agradem tambem, e atráião o coração. Este he o modo mais ordinario (*Plerumque delectatione capiuntur.*) 3. Em fim, se a novidade, grandeza, e maravilhoso do ornato, com que revestimos as cousas, ferem de tal modo a imaginação (o que não succede senão algumas vezes), e transporta a alma fóra de tudo, o que a cerca, para a fixar unicamente no objecto da sua admiração; então arrebatada deste modo não he senhora já de si. Em hum estado passivo ella obedece cegamente ao Orador, e se deixa á sua descripção (*Nonnunquam admiratione auferuntur.*) Tal he a força do ornato sublime. « Este, » (diz Longino Sect. I. n. 9.) não tanto persuade os ouvintes, » quanto os transporta fóra de si, e esta admiração faz com que » o maravilhoso seja sempre muito mais poderoso que o simples » Persuazivo, e Attractivo. Porque o Persuazivo pela maior » parte depende de nós. O sublime porém, levando comsigo hum » poder, e força invencivel, faz-se superior a todo o ouvinte. » Vej. Quint. tambem no ult. Cap. Art. II. §. 3. e 4. Tom. II.

(*a*) E porque? Pela mesma lei mechanica do nosso ser, a *associação*, digo, *das idêas*. Com as impressoens vivas, que sobre os olhos faz o luzir das espadas, se ajuntão na imaginação as idèas do gume, e da ponta, as da força, e furor dos soldados, e as da morte; e com as do relampago, as da violencia do raio, e seus estragos espantozos. Quint. X. 1. 30 serve-se da mesma similhança das armas brilhantes, para mostrar que as da Eloquencia, isto he, os pensamentos persuazivos, devem ser ornados, e luzentes. *Neque ego arma squalere situ, ac rubigine velim, sed fulgorem iis inesse, qui terreat, qualis est ferri, quo mens simul visusque perstringitur, non qualis auri argentique, imbellis et potius habenti periculosus.*

(*b*) A qual não nos resta já. A mesma doutrina porém he dada por Cicero no Liv. III. do *Orador*, Cap. 14. *In quo igitur homines exhorrescunt? Quem stupefacti dicentem intuentur? Quem Deum, ut ita dicam, inter homines putant? Qui distincte, qui explicate, qui abundanter, qui illuminate, et rebus et verbis dicunt, et in ipsa oratione quasi quendam numerum versumque conficiunt, id est, quod dico, ornate.*

(*c*) Rhet. III. 2, 5. *He preciso*, diz elle, *fazer a expressão nova, e peregrina. Porque o que se admira he o que he remoto, e o que se admira he o que agrada.*

esta deve ser hum dos principaes cuidados do Orador.

ARTIGO II.

Qualidades essenciaes a todo o Ornato.

Tres qualidades do Ornato. I. Viril, *contraria ao* Effeminado.

§. I. MAs este Ornato (torno a repetir) seja *Viril, Forte*, e *Natural.* (*a*) Não goste deste brunido,

---

(*a*) Quatro qualidades são essenciaes ao verdadeiro Ornato. Ser *Viril*, *Forte*, *Natural*, e *Decente*. Desta ultima tratará Quint. no §. 4. Ao *viril* he contrario o *Effeminado*, ao *Forte* o *Molle*, ao *Natural* o *Corrupto*, e contrafeito, e ao *Decente* o *Incongruente*. Todas estas palavras *Viril*, *Forte*, *Natural* são tiradas dos ornatos do corpo, e transferidas aos do Estilo, para com as imagens sensiveis se poderem entender melhor as idêas abstractas. Ellas são quasi synonymas. Porém não devo omittir as pequenas differenças, que as distinguem. *O viril* não só leva comsigo a idêa de força, mas tambem a de gravidade, solidez, e verdade. O *Effeminado* pelo contrario não só he fraco, mas tambem frivolo, superficial, e apparente. O *forte* accrescenta ao viril a idêa particular de força, e robustez, e o *Molle* ajunta ao Effeminado a idêa de fraqueza, e debilidade. O *Natural* ajunta ao Forte a idêa de Perfeito, e util, isto he, cujas partes todas, e relaçoens conspirão do melhor modo possivel para o fim, a que cada cousa he destinada na ordem do Universo. *Sanctum* he tudo aquillo, *quod naturae lege sancitum est, eidemque conforme.* O ornato *Viril* pois descobre o que he bello, e o *Effeminado* encobre o que he feio. O *Forte* vigora, e fortifica os bons pensamentos, e o *Molle* os enfraquece, e enerva. O *Sancto*, e *Natural* une o bello com o util, e o *Corrupto*, e *Contrafeito* separa huma cousa da outra. O *Viril* suppõe a boa constituição do discurso. O *Forte* accrescenta-lhe novas forças, e o *Natural* dá-lhe a perfeição. Deste trataremos mais largamente nas notas seguintes. Quanto ao viril, e forte Quint. os explica admiravelmente Liv. V. 12, 18. « Porque, *diz elle*, « assim como os traficantes não tem por bellezas do homem a ro- « bustez, os musculos, a barba principalmente, e tudo o mais, que « a natureza deu como proprio aos machos, e com o pretexto de « ser rijo, amollecem, e effeminão o que seria forte, se o deixassem: « assim nós pelo mesmo modo procuramos encobrir, para assim « dizer, com huma pelle mimosa, e delicada de expressão a « constituição viril do discurso, e a força de huma Eloquencia « nervosa, e robusta; e com tanto que as cousas sejão lizas, e « nedeas, temos por cousa pouco importante o serem valentes.

nem destas côres postiças, de que usão as mulheres. A sua belleza nasça, como nos homens, do bom sangue, e das forças. (*a*)

2. Forte *contraria ao* Molle.

§. II. He tanto verdade, que este ornato deve ser *Forte*, que sendo nesta parte principalmente os vicios muito similhantes ás verdadeiras bellezas, os que usão dos vicios não deixão com tudo de lhes dar o nome de *Virtude*. (*b*)

3. Natural *contraria ao* Contrafeito, *cujo caracter he andar separado do util, e perfeito.*

§. III. Nenhum pois dos Oradores *Corruptos* diga, que eu sou inimigo dos que ornão o discurso. Não nego haja este ornato. Mas não dou este nome ao de que elles usão. Por ventura terei eu por mais ornado, e bello hum campo, em que se me mostrão só lirios, violas, e deliciosas fontes de repuxo; do que outro coberto de huma rica seara, e de videiras azombadas com fructo? Escolheria eu antes hum platano esteril, e murtas formadas á tizoura, do que hum ôlmo cazado com a sua videira, e hum olival carregado? Tenhão muito embora os ricos aquelles divertimentos. Eu lhes perdôo. Que seria porém delles, se não tivessem mais nada? (*c*)

« Para mim porém, que ólho para o modello da natureza, *qual-*
« *quer homem viril he mais formoso que o melhor Eunucho.* Pelo que
« approvem muito embora os auditorios esta Eloquencia libidi-
« nosa, molle, e voluptuosa. Eu, dizendo o que sinto, terei
« sempre em nada huma Eloquencia, que não dá mostras algumas
« de hum homem, não digo já grave, e sancto, mas nem ainda
« viril, e incorrupto. »

(*a*) Esta palavra faz a passagem do ornato *Viril* para o *Forte*, de que Quint. vai a fallar no §. seguinte.

(*b*) Esta palavra quer dizer *força*, pois vem de *vis*, e esta da Grega ἴς com o digamma Eolico. O mesmo nome, que os Declamadores davão ao ornato falso, de que usavão, depunha contra elles, e lhes fazia confessar, sem nisso reflectirem, que todo o o ornato, que não he *forte*, não o he.

(*c*) O *Bello* em geral he hum *Todo composto de partes, que se correspondem por meio de relaçoens, que ligando-as reciprocamente,*

O caracter do Ornato verdadeiro , e Natural *he andar junto com o* Util , *e* Perfeito.

Nenhuma belleza pois daremos ás cousas fructi-

---

as offerecem ao espirito como hum quadro , cujo todo a nossa alma comprehende com facilidade. O numero , e *variedade* das idêas distinctas, que hum mesmo objecto nos presenta , subministrão ao espirito , em que se exercitar, comparando. A *unidade* entre os objectos destas idêas parciaes , nascida das relaçoens , que elles tem entre si com o todo , e com o seu destino, fim , e perfeição , ajudão o Espirito a comprehendel-os com facilidade , e a Imaginação a represental-os sem esforço : porque hum traz á lembrança o outro , e o todo se reune no mesmo ponto de vista. Esta a idêa geral do Bello , *Unitas in varietate.*

Se esta variedade , e unidade , que resulta da Ordem , Symmetria , Regularidade , e Proporção das partes , agrada sómente, porque exercita as nossas faculdades sem as fatigar; mas não tem hum fim util , e importante , a que se encaminhem : então o Bello , que daqui resulta , he hum Bello falso , contrafeito , e não verdadeiro , e Natural. Taes são na natureza os jardins, e alamedas de puro deleite , e na Eloquencia a Ordem , Symmetria , Regularidade , Proporção , e Harmonia das palavras , e oraçoens sem pensamentos uteis , e persuasivos , que lhes sirvão de fundamento. Esta a doutrina de Quint. neste §. , desembaraçada das figuras , com que a revestio para dar no estilo mesmo hum exemplo do Bello falso. Passemos já ao Bello verdadeiro , e natural , objecto do §. seguinte.

Porém se estas relaçoens de Ordem , Symmetria , Regularidade , e Proporção das partes nos tocarem , e contribuirem de todos os modos possiveis para hum fim util , e importante ; então o Bello será verdadeiro , e Natural. Este he fundamentalmente o Systema sobre o Bello do author da obra intitulada : *Essais sur le vrai Merite , et la Vertu ,* o mesmo que o de Cicero no III do *Orad.* Cap 45 , e de Quint. aqui , e Prol. do Liv. III. Art. 3. Segundo estes AA. o *Util* , o *Bom* , e o *Perfeito* , o que corresponde melhor ao seu destino , he o que constitue o fundamento e essencia do *Bello.* Hum homem bello , por ex. , he aquelle , cujos membros bem proporcionados conspirão da maneira mais vantajosa á execução das funçoens animaes do mesmo. Porque a Arvore , o Cavallo, a Mulher, o Homem, e mais plantas, e animaes occupão hum lugar na ordem dos seres da natureza. Esta ordem determina os deveres, que se devem cumprir ; os deveres a organização ; e a organização he mais ou menos perfeita , e bella segundo a maior, ou menor facilidade que o animal recebe della para executar as suas funçoens. Mas esta facilidade não he arbitraria , nem por consequencia as fórmas , que a constituem. Logo nem a belleza , que depende destas fórmas. Daqui pois tira Quint. o caracter da belleza verdadeira , e natural , para o applicar á Eloquencia. Os corpos

feras? Quem diz que não? Eu reduzirei a certa Symmetria, e intervallos estas arvores. Que cousa mais linda que hum Quincunce, (*a*) que, por qualquer lado que se olhe, offerece á vista ruas direitas? Mas esta mesma Symmetria conduz tambem para o justo crescimento das arvores, chuchando assim o succo da terra igualmente, e sem prejuizo humas das outras. (*b*) Com a podoa eu cohibirei as crescenças da oliveira, que sobem mais alto. Ella então se formará em copada, redonda, e bella, (*c*) e com isto multiplicando os ramos, dará tambem mais fructo. Hum potro, que he enxuto das verilhas, he mais formoso; mas por isso mesmo tambem mais ligeiro. (*d*) He em fim mais bello á vista hum Athleta, cujos musculos são bem sacados á força de exercicio; (*e*) mas por esta mesma razão está mais prompto para o combate. *Nunca o Bello Natural anda separado do Util.* (*f*) Mas para conhecer isto não he preciso muito juizo.

---

bellos da natureza recebem forças daquillo mesmo, de que recebem a formosura. Assim tambem a belleza natural do discurso lhe deve provir daquillo mesmo que o faz persuasivo, e eloquente, isto he, da verdade, justeza, solidez, decóro, e persuasivo dos pensamentos. Em huma palavra, estes AA. fazem ligar a idêa do *Bello* á do *Perfeito*, que he aquillo, cujas partes todas, e relaçoens conspirão do melhor modo possivel para o fim, a que cada cousa he destinada na ordem do Universo. E esta parece he tambem a opinião de Horacio *Poet.* 343. quando diz:

Omne tulit punctum, qui miscuit Utile Dulci.

(*a*) Figura triangular á maneira de hum cinco V Romano, pela qual as arvores dispostas em triangulos symmetrizão de tal modo, que por todos os lados offerecem ruas direitas.

(*b*) Eisaqui a unidade de *Symmetria* junta com a utilidade.

(*c*) Eisaqui a unidade de *Regularidade*, que faz com que as cousas tenhão huma figura conhecida, e medida Geometrica, a qual he tambem util.

(*d*) A unidade de *Proporção* nos membros do Cavallo, e do Athleta faz toda a sua força.

(*e*) Porque? Pela distincção caracterizada das feiçoens, que offerece á vista mais variedade nos membros, evita a confusão, e uniformidade; e exercita deste modo mais agradavelmente as faculdades dos sentidos do corpo, e do espirito. Hum corpo balofo presenta huma massa confusa, e hum embrião informe.

(*f*) Regra do *Bello Natural*, e *verdadeiro*, observada constantemente nas obras da Natureza, que he o modelo das Artes, e consequentemente da Eloquencia, e Poezia. Cicero no III. do

IV. Qualidade de Ornato, *o* Decoro. *Sua differença, 1. no Genero Epidictico.*

§. IV. Mais digno de observação he o que vamos a dizer : que este mesmo Ornato natural deve ser *Variado* , segundo o genero da materia , que houvermos de tratar. (*a*) E para começar da divizão mais

---

Orad. Cap. 45. mostra por huma inducção engenhosa a união intima do *Bello* com o *Perfeito*, nas obras da Natureza, e das Artes, e faz a applicação do mesmo principio á Eloquencia deste modo : « Mas assim como nas mais obras, assim na Eloquencia, a mesma « Natureza fez de hum modo incrivel , que as mesmas cousas , « que mais utilidade tem, tivessem tambem mais belleza, e muitas « vezes ainda mais graça. Nós vemos que a constituição deste « Universo , e da Natureza he a mais propria para a conservação, « e vida de todos os seres. O Ceo redondo , a Terra no meio, tendo- « se mão por si , o Sol gyrando, chegando-se já ao Solsticio do « Inverno , já subindo pouco a pouco ao contrario. A Lua rece- « bendo a sua luz do Sol, já approximando-se a elle , já apartan- « do-se. E os cinco Planetas em fim , fazendo constantemente as « mesmas revoluçoens com differente curso, e movimento: tudo « isto , digo , tem tanta força , que com a menor mudança se « desordenaria ; e ao mesmo tempo tanta belleza , que nenhuma « maior se póde nem ainda imaginar. Passemos já á fórma , e « figura dos homens , e dos mais viventes ; e acharemos que ne- « nhuma parte do corpo lhes foi dada sem alguma necessidade , « e que toda a sua figura foi fabricada com intelligencia , e não , « pelo puro acazo. Que direi eu das arvores , em que o tronco , « os ramos , e as mesmas folhas não tem outro destino senão o « de conservar a sua natureza ? Com tudo não ha parte nenhuma, « que no seu lugar não seja linda. Deixemos a Natureza , e con- « sideremos as Artes. Que cousa mais necessaria em hum Navio do « que o convés , a quilha, a prôa, a poupa, as antennas , as vélas, « e os mastros ? Estas cousas com tudo offerecem tal graça á vista , « que parecem forão inventadas não só para a conservação, mas « tambem para o prazer da vida. As columnas sustentão os tem- « plos, e os porticos , e a sua magestade não he menor que a sua « utilidade. Não foi certamente o deleite , mas a necessidade, a que « fabricou o cume do Capitolio , e das mais casas. Pois conside- « rando-se o modo , porque as aguas escoarião para huma, e ou- « tra parte do tecto, hum remate magestoso se vio seguir á utili- « dade do templo ; de sorte que se no mesmo ceo , onde não pó- « dem haver chuvas , se collocasse o Capitolio, parece não po- « deria ter magestade sem o telhado. Ora isto mesmo succede em « todas as partes da Eloquencia. Ao *util* , e quasi *necessario* acom- « panha sempre huma especie de *suavidade* , e de *graça*. »

(*a*) Esta a quarta qualidade essencial a todo o Ornato, τὸ πρέπον, o ser *Decente* , e o conveniente á materia , ás pessoas , ao lugar ,

geral, não convirá o mesmo Ornato ás causas *Demonstrativas*, que convém ás *Deliberativas*, e *Judiciaes*. Porque o Genero Demonstrativo, sendo de apparato, e Epidictico, (*a*) tem só por fim o deleite dos ouvintes: e assim o Orador, não tendo em vista o ganhar a causa, mas só a propria reputação, e gloria, não tem necessidade de esconder o artificio para suprender o juiz; mas antes descobre todas as riquezas da arte, e põe á vista todos os ornatos do discurso.

Pelo que bem como hum mercador, para assim dizer, das fazendas da Eloquencia elle fará mostra no seu discurso, e dará quasi a apalpar tudo o que houver de *popular nas sentenças*, (*b*) de *polido nas palavras*, (*c*) de *agradavel nas Figuras*, (*d*) de *sublime*

---

e ao tempo; da qual tratará Quint. largamente adiante no Cap. XI. do *Decoro*.

(*a*) Todos os Generos podem ser *Epidicticos*, ou *Pragmaticos*; e segundo estas differentes fórmas, requerem tambem differente estilo, e ornato. Aqui considéra Quint. a fórma Epidictica só no Genero Demonstrativo, onde he mais uzual. Porém os outros dois tambem a podem receber, e então com pouca differença seguirão a mesma regra, que Quint. dá aqui para o genero Demonstrativo. Vej. o que dissemos Liv. I. Cap. XIII. §. 3., e Cic. no *Orador* IX, XII, e XIII.

(*b*) *Sentenças Populares* são as que se conformão mais ao genio, costumes, e sentimentos do povo, perante o qual fallamos. Tal foi *pro C. Cornelio popularis illa virtutum Cn. Pompeii commemoratio*, de que falla Quint. IV. 4, 18. Geralmente fallando, os pensamentos, em que se exprimem os sentimentos patrioticos de *Probidade*, *Bondade*, e *Prudencia*, são bem recebidos de todos. Porque *nihil est tam populare quam bonitas.* As Gnomas consequentemente, e maximas moraes são muito do gosto do Povo, como se vê dos adagios, e proverbios.

(*c*) *Termos Polidos* são os de que usão os homens da Côrte mais civilizados, e instruidos; aos quaes são contrarias as palavras sordidas, baixas, grosseiras, e triviaes.

(*d*) Que cousa sejão *Figuras Agradaveis*, Cicero o explica a este mesmo proposito no seu *Orador* XII: « Porque (*diz elle*) aqui « perdoa-se o ajustado, e concertado das oraçoens; e concedem- « se os periodos harmoniosos, e redondos; e muito de proposito, « ás claras, e sem rebuço se procura repetidas vezes a correspon- « dencia dos membros iguaes, e quasi medidos ao compasso, as « Antitheses, e Contrapostos frequentes, os casos, e cadencias « similhantes: cousas, que nas causas verdadeiras praticamos « com mais raridade, ou ao menos com mais recato. Isocrates

nas Metaphoras, (*a*) de *bem trabalhado na Collocação*: (*b*) Porque o fim deste genero he relativo ao Orador, e não á causa.

2. *Nos Generos Pragmaticos.*

§. V. Quando porém o Genero he *Pragmatico*, e *Contencioso*, (*c*) a fama do Orador deve ter o ultimo lugar: e por isso, tratando-se então negocios de summa ponderação, não deve hum Orador estar solicito a respeito das palavras. (*d*) Isto porém não quer dizer que nestas causas não deve haver ornato algum; mas sim, que deve ser mais coarctado, mais simples, me-

---

« confessa ter procurado tudo isto com cuidado no seu Panathe« naico. Porque escreveo este discurso não para os Tribunaes, « mas para deleite dos ouvidos. »

(*a*) *Metaphoras Sublimes* são, ou as que se tirão dos grandes objectos da natureza, e de cousas maiores, que a materia que tratamos; ou as Energicas, com que animamos os seres insensiveis. Vej. Quint. Cap VII. Art. 1. §. 4.

(*b*) Huma *Collocação apurada* requer a boa ordem nas idêas; a junctura suave dos vocabulos, evitando escrupulosamente todos os hiatos, e concursos de consoantes asperas; e o numero, e harmonia dos periodos, que neste genero particularmente tem lugar.

(*c*) O genero he *Pragmatico*, quando nelle se trata de hum negocio, ou acção importante, ou já feita, ou por fazer (*ubi res agitur*); e *contencioso*, quando as partes interessadas na mesma acção disputão *pro*, e *contra*, (*et vera dimicatio est.*) O Deliberativo, e Judicial ordinariamente são pragmaticos, e contenciosos. O Demonstrativo tambem ás vezes o póde ser, e o foi o louvor de Pompeo na Maniliana, e o vituperio de Antonio, Pizão, e Vatinio na Philipp. II, e nas oraçoens do mesmo Cicero contra aquelles homens. Então, ainda que sempre admitte mais ornato que os outros generos, entra na mesma regra geral. Vej. Liv. I. Cap. XIII. §. 3.

(*d*) A razão está clara. Hum Orador, que, tratando huma materia importante, dá o principal cuidado á Elocução, e ornatos, mostra pelo seu mesmo facto, que a causa não o interessa tanto como as palavras. Exprime pois hum caracter destructivo da persuasão. Mal podem os ouvintes interessar-se no que o Orador se não interessa, *cum in his rebus cura verborum derroget affectibus fidem, et ubicumque ars ostentatur, veritas abesse videatur.* Quint. IX. 3. in fin. Demosthenes, nesta parte principalmente, he hum grande modelo. Elle falla sempre de modo, que o negocio de que trata, o parece occupar inteiramente, e que as palavras nem hum momento de cuidado lhe merecerão.

nos ostentado, e sobre tudo adaptado á qualidade de cada causa.

3. *Suas variedades dentro do mesmo genero.*

Porque no mesmo Genero Deliberativo o Senado pedirá hum estilo mais elevado, e o Povo mais pathetico; (*a*) e no Judicial, as causas publicas, e capitaes requerem hum estilo mais apurado. Já se a deliberação for particular, e a demanda se tratar perante poucos juizes, como acontece frequentemente; (*b*) estar-lhe-ha melhor hum estilo puro, e que não mostre cuidado. Pois quem se não envergonharia de pedir em juizo certa quantia de dinheiro com huma oração periodica; ou mover as paixões na causa ridicula dos beiraes de hum telhado; ou esquentar-se para provar, que se deve desfazer a venda de hum escravo achacado? (*c*) Mas tornemos ao fio da materia.

(*a*) Note-se a differença do estilo. Cada genero tem o seu. Dentro de cada genero varía o estilo conforme a causa, os ouvintes, o Orador, o lugar, e a occasião. Dentro de cada oração cada parte tem seu tom, e em cada parte cada pensamento tem o seu. *Sua cuique proposita lex, suus cuique decor est.* Quint X. 2. 22. O Senado Romano era composto das pessoas mais illustres, mais velhas, sabias, e experimentadas. As suasorias pois diante do Senado devião ter hum estilo mais elevado, e profundo do que nas assembléas do vulgo imperito. Como neste não domina tanto a razão, e reflexão, quanto os perjuizos, e as paixoens; hum estilo arrebatado, cheio de fogo, e paixão faz melhor effeito.

(*b*) As causas civis de *facto*, não se advogavão, nem perante o Pretor com os Decemviros, nem perante o tribunal dos Centumviros. O Pretor escolhia para ellas, ou hum juiz ordinario (*Judicem selectum*), ou nomeava os juizes, chamados *Recuperatores*, ou, se ellas dependião mais da Equidade que do Direito, nomeava, a requerimento das partes, juizes *Arbitros*, os quaes erão poucos em numero, comparados com os Decemviros, e Centumviros. O Advogado mesmo, com estas causas não requerião tanta acção, e fogo, orava assentado; ao mesmo tempo que nas publicas fallava em pé. Taes erão as demandas sobre dividas, para conhecer dos titulos; sobre as servidoens de paredes, janellas, e beirães; e sobre a venda dos escravos achacosos. *Quam enim indecorum est* (diz Cic. *Orat.* 12.) *cum de Stillicidiis apud unum judicem dicas, amplissimis verbis, et locis uti communibus; de Majestate vero Populi Romani submisse, et subtiliter?* Vej. Quint. adiante Cap. XI. Art. II. §. 3.

(*c*) Esta acção civil chamava-se *Redhibitio*, dada pelo decreto

ARTIGO III.

Ornatos das palavras separadas.

Divisão geral dos Ornatos; e I. *das palavras* Desornadas, *ou mal escolhidas.*

§. I. POr quanto tanto o *Ornato*, como a clareza de hum discurso consiste nas palavras, ou *Separadas* ou *Juntas*; (*a*) consideremos o que pedem as palavras *Separadas*, (*b*) e o que as *Juntas*.

Bem que até agora se tem ensinado, e com razão, que a *Clareza* depende mais dos termos Proprios, e o *Ornato* dos Transferidos: devemos com tudo saber, que todo o termo, que he *Improprio*, he tambem *Desornado*. (*c*)

Porque acontecendo frequentissimas vezes haver muitos termos para exprimir a mesma cousa, chamados *Synonymos*; (*d*) entre elles ha huns,

---

Edilicio, pelo qual, vendendo-me alguem hum escravo doente, ou achacado, eu pedia em Juizo, que o vendedor me tornasse o preço, e recebesse outra vez o escravo.

(*a*) He a mesma divisão geral do Ornato, que faz Cic. de Orat. III. 37. *Omnis igitur oratio conficitur ex verbis, quorum primum nobis ratio* simpliciter *videnda est, deinde* conjuncte. *Nam est quidam ornatus orationis, qui ex* singulis verbis *est, alius, qui ex* continuatis, conjunctisque *constat*. O mesmo repete nas Part. Cap. V.

(*b*) *Quid separata* falta na edição de Gesnero.

(*c*) *Improprio* aqui, quer dizer *mal escolhido*, e neste sentido toma Quint. muitas vezes esta palavra, como se póde ver destes lugares I. 5. 46. VIII. 2. 4. X. 3. 20. Entre muitas palavras proprias, e synonymas quem escolhe a menos propria, e conveniente, erra na escolha. *Eligere quaedam, dum ex his, quae idem significent, atque idem valeant, permiserim*, diz IX. Quint. 4. 58. Hum synonymo pois menos significante, e menos valente, preferido aos mais significantes, e valentes, he improprio, mal escolhido, e consequentemente *desornado*. Quint. assim como adiante antes de começar a tratar dos ornatos positivos das palavras juntas, tratou dos negativos, isto he, dos vicios da oração desornada: assim aqui antes de assignar quaes erão as palavras ornadas, cada huma de per si; quiz mostrar primeiro quaes erão as desornadas.

(*d*) Palavras inteiramente Synonymas, isto he, cuja significação seja tão perfeitamente similhante, que o sentido tomado em toda a sua força, e extensão seja absolutamente o mesmo, não as ha em lingua alguma. Ha porém muitas neste sentido, de significarem todas huma mesma idêa principal, á qual cada huma

que são mais *Honestos*, outros mais *Sublimes*, outros mais *Polidos*, outros mais *Sonoros*, e outros em fim mais *Euphonicos*. (*a*) Pois assim como as syllabas compostas de letras mais euphonicas, (*b*) o são tambem mais: assim os vocabulos compostos de syllabas mais euphonicas ficão tambem mais euphonicos: e quanto mais som tem huma syllaba, mais sonora he ao ouvido. (*c*) Ora o que faz o ajuntamento

---

accrescenta differentes idêas accessorias, que são como differentes aspectos, e relaçoens do mesmo objecto. Neste sentido só, são synonymas em latim estas oito palavras *agere, bajulare, ferre, gerere, gestare, portare, sustinere, tollere*, e estas cinco em Portuguez *acarretar, conduzir, levar, trazer, transportar.* Quando nos he bastante dar só a entender a idêa commua, e principal, sem ajuntar nem excluir as idêas secundarias, e accessorias, he indifferente então usar de hum synonymo, ou de outro. Porém quando he necessario exprimir o objecto com precizão, e por aquella face, que mais ajuda, e se liga ao fim da proposição, neste caso he de necessidade escolher o termo mais expressivo, e esta he a Propriedade oratoria, de que Quint. fallou atraz Cap. III. Art. I. §. 5.

(*a*) As palavras podem-se considerar, ou como *Vocabulos*, attendendo só ao physico, e som material das syllabas; ou como *Termos*, quanto á significação, de que são sinaes. Quanto a esta consideração, Quint., para a boa escolha das palavras synonymas, distingue nellas quatro qualidades: 1. a *Propriedade*, de que já tratou no lugar citado: 2. a *Honestidade*, a que he contraria a *Obscenidade* : 3. a *Sublimidade*, a que he contraria a *Baixeza* : 4. a *Polidez*, contraria a *Sordidez*, e grossaria. E pelo que pertence ao physico dos vocabulos, distingue duas: 1. a *Sonoridade*, 2. a *Euphonia*. A todas estas cousas he preciso ter consideração na escolha das palavras synonymas, em que só a póde haver. Quint. continúa a discorrer sobre cada huma destas qualidades.

(*b*) Que cousa sejão *verba vocalia*, Quint. mesmo o ensinou I. 5. 4. *Sola est, quae notari possit veluti vocalitas, quae* εὐφωνία *dicitur, cujus in eo delectus est, ut inter duo, quae idem significent, ac tantundem valent, quod melius sonet, mallis.* A *Euphonia* consiste na facilidade da pronunciação, tanto em cada hum dos vocabulos, como na sua junctura; e esta facilidade depende da natureza, e numero das vozes, e articulaçoens, que são os primeiros elementos, de que se compoem as syllabas. Quaes sejão as asperas, e euphonicas. Vej. adiante Cap. X. Art. III. §. 1. 2. 3.

(*c*) Assim como a Euphonia depende da união amigavel, e facil pronunciação das vozes, e articulaçoens, de que se compoem as syllabas; assim a *Sonoridade* das mesmas vozes nasce da maior abertura, concavidade da bôca, e nazalidade necessaria para as pronunciar. Entre estas as que tem mais som, e necessitão da emissão de huma porção maior de ar sonoro, (*quae plus*

das syllabas nos vocabulos, faz a união destes no discurso, de sorte que a continuação de muitas palavras deste genero faz a oração toda mais sonora, e euphonica. (*a*)

Como se devem escolher.

§. II. Differente com tudo he a *escolha*, que se deve fazer destas palavras. Porque ás cousas atrozes estão melhor palavras de hum som aspero. (*b*) Fallando porém geralmente dos vocabulos simplices,

---

spiritus habent, et maxime exclamant) são as mais sonoras. Geralmente fallando, as vozes *Nazaes* são mais sonoras, que as puramente *Oraes*; e em humas, e outras as mais abertas, como o A, e E comparados com o I, e o O com o U são mais sonoras; porque para a sua pronunciação he necessario respirar mais ar sonoro. Por esta razão he sonoro, e pintoresco o verso de Virg. En. I. 57.

Luctantes ventos, tempestatesque sonoras.

(*a*) A parte muzical das linguas depende dos seus primeiros elementos. O discurso compõe-se de vocabulos, os vocabulos de syllabas, e as syllabas de vozes, e articulaçoens. Estas são os primeiros elementos. Da euphonia pois, e sonoridade destes depende a suavidade, e disonancia da oração.

(*b*) A *Aspereza* he contraria á *Euphonia*. Ella consiste na difficuldade da pronunciação dos vocabulos, nascida do encontro, e choque das vogaes, e consoantes; ou da repetição ingrata da mesma syllaba, e articulação. Quando porém esta mesma aspereza he harmonica, e imitativa dos objectos, que se pintão; bem longe de ser hum vicio, he huma belleza. Como podia Homero exprimir melhor o trabalho, e esforço de hum homem, que leva huma grande pedra pelo monte acima, do que com o mesmo trabalho, e difficuldade, que he precisa a quem pronunciar estas palavras da Odyss. XI. 594?

. . . . . σκηριπτόμενος χερσίντε, ποσίντε,
Λᾶαν ἄνω ὤθεσκε, ...

e Virg. Eneid. V. 432. faz-nos arquejar com Entello, quando diz deste:

. . . . *vastos quatit aeger anhelitus artus*,

e o mesmo nos faz abrir a bôca muitas vezes, para pronunciar os hiatos, com que elle exprime o numero, e grandeza das bôcas da Hydra neste verso, ibid. VI. 576.

Quinquaginta atris immanibus hiatibus Hydra.

Da mesma sorte a aspereza, nascida das consoantes rudes, e sua repetição, e concurso faz hum admiravel effeito no lugar de Homero Iliad. III. 363, e nestes de Virg. En. I. 300. VI. 8[illegible] e IX. [illegible], em que nos pinta o terror da guerra. Vej. adiante Cap. X. Art. III.

(*a*) tem-se sempre por melhores os que são mais *Sonoros*, ou mais *Euphonicos*.

Quanto aos termos *Honestos*, estes em todos os casos são sempre preferiveis aos *Torpes*; nem em hum discurso polido tem já mais lugar os termos *Sordidos*. (*b*)

Os termos nobres, e *Sublimes*, de que fallámos, ordinariamente devem-se julgar taes relativamente á maior, ou menor grandeza do objecto, em que se empregão. (*c*) Porque o termo, que em hum assumpto he sublime, em outro he inchado; e pelo contrario as palavras, que em materias grandes serião *baixas*, são proprias, e adaptadas em materias menores: e assim como em hum discurso polido he para notar huma palavra *grosseira*, como o he huma nodoa em hum vestido limpo; assim tambem hum termo polido, e sublime he dissonante em hum discurso chão, e hum vicio similhante a hum oiteiro no meio de huma planicie.

Em algumas palavras *baixas* não he tanto a ra-

(*a*) Diz: *dos vocabulos simplices.* Porque os *compostos* são susceptiveis de outras bellezas da Euphonia. De humas, e outras diz Quint. I. 5. 65. *Simplices voces prima positione, id est, natura sua constant. Compositae, aut Praepositionibus subjunguntur, ut* innocens, ... *aut e duobus quasi corporibus coalescunt, ut* maleficus.

(*b*) Diz: *em hum discurso polido*, qual he o Oratorio. *Nam scriptores quidam Jamborum, veterisque Comoediae etiam in illis (sordidis) saepe laudantur. Sed nobis nostrum opus interim tueri satis est.* Quint. X. 1. 9.

(*c*) A *Sublimidade*, e *Baixeza* são relativas á materia, e pessoas, de que se trata; nem por consequencia se póde fazer juizo de huma palavra sublime ou baixa, senão pelo lugar em que se acha. Quint. X. 1. 9. se explica deste modo: *Omnia verba, exceptis de quibus dixi* (i. e. parum verecundis) *sunt alicubi optima. Nam, et humilibus interim, et vulgaribus est opus, et quae cultiore in parte videntur sordida, ubi res poscit, propria dicuntur. Haec, ut sciamus, atque eorum non* significationem *modo, sed* formas *etiam*, mensurasque *norimus, ut, ubicumque erunt posita, conveniant; nisi multa lectione atque auditione assequi non possumus.* Esta significação geral *(significatio)*, as differentes modificaçoens da mesma *(formae)*, e a sua extensão maior, ou menor, proporcionada ao objecto *(mensurae)*, he que faz a justeza da expressão.

zão, quanto o gosto quem decide, (*a*) como naquillo de Virgilio (*b*)

. . . . *caesa jungebant foedera porca*,

em que a novidade da palavra *porca* fez elegante o verso, (*c*) que ficaria baixo, se em lugar della estivesse *porco*.

Em outras a razão está clara. Ha pouco nos rimos nós, e com razão, de hum Poeta por ter dito:

Praetextam in cista mures rosere camilli, (*d*)

não obstante admirarmos aquillo de Virgilio, (*e*)

. . . . *saepe exiguus mus.*

(*a*) O *Gosto* he hum habito de sentir bem, contrahido com o uzo dos bons modelos. Assim como pois nos comeres gostamos de huns, e disgostamos de outros sem saber a razão disto: assim nas obras da Eloquencia, Poezia, e Bellas Artes humas cousas nos agradão, outras não, antecedentemente a toda a reflexão. Isto he o *não sei que*, que se sente, e não se póde explicar.

(*b*) Virg. En. VIII. 641.

(*c*) E porque? Deixadas todas as mais razoens, a de Porphyrio, antigo Scholiasta de Horacio áquelle verso do mesmo Od. I. 14. *Seu poscat agna, seu mallit haedo*, he a que me parece mais provavel. *Attende*, (diz elle) *foeminino genere* agnam *malluisse dicere quam* agnum, *secundum illud Virgilii*, et caesa jungebant foedera porca. *Nescio enim quomodo quaedam elocutiones, per foemininum genus gratiores sunt.* As idêas agradaveis, associadas pela Imaginação ao sexo feminino, podem de alguma sorte temperar, e modificar as desagradaveis que o termo baixo *porco* podia excitar. O macho com tudo he o que servia para o sacrificio, e imprecaçoens usadas pelos Romanos nas antigas allianças.

(*d*) Quer dizer: *Na cêsta a toga roerão os ratos moços.* O ridiculo está no epitheto *camilli*, que, sendo proprio dos moços nobres, aqui he muito improprio: 1. por ser tirado de huma cousa grande para hum animal ridiculo: 2. por vir depois de *mures*, quando se não podia esperar idêa tão grande: 3. por ser empregado em huma materia séria. Por brinco chamou Virgilio com galantaria (Georg. IV. 201.) ás abelhas *Parvos Quirites*. Mas primeiramente preparou a metaphora, chamando á abelha mestra *Regem*; e em segundo lugar o epitheto *parvos*, posto dantes, modificou a aspereza do *Quirites*. Quanto ao mais, este verso do Poeta contemporaneo de Quint., não sei que venha citado em outro algum author; e Burmanno enganou-se, dizendo que Servio a Virg. Georg. I. 181. trazia este mesmo verso, e fazia sobre elle a mesma observação, que faz Quint. Gesnero, seguindo a Burmanno, cahio no mesmo engano.

(*e*) Georg. I. 181. Pelas mesmas razoens, porque o verso reprehendido de Quint., he ridiculo; he admiravel este de Virgilio. O epitheto *exiguus* he muito proprio, e conveniente ao rati-

Porque o epitheto *exiguus*, sendo adaptado, e proprio, fez com que não esperassemos mais; o caso do singular ficou aqui muito melhor, e a mesma clausula monosyllaba, desuzada no verso, lhe ajuntou huma nova graça. (*a*) Assim Horacio o imitou em huma couza, e outra dizendo: (*b*)

. . . . . *nascetur ridiculus mus.*

Com effeito a Eloquencia nem sempre tem de augmentar os objectos; ás vezes he preciso diminuil-os, e abatel-os: e para isto conduz muitas vezes a mesma *baixeza* dos termos. (*c*) Por ventura quan-

---

tinho montez, chamado *sitela*, de que falla Virgilio; e preparando os animos a esperar pouca cousa, não podia esta ser menos, que hum monosyllabo; que por isso o caso do singular está aqui melhor.

(*a*) As clausulas monosyllabas são pouco uzadas nos versos hexametros, porque os fazem duros. Mas isto mesmo he huma graça todas as vezes que com ella se imita a natureza, como aqui, em que o monosyllabo pinta admiravelmente a pequenhez do rato, e em estoutros do mesmo Virg. En. I. 109. e V. 481.

. . . . . *insequitur cumulo praeruptus aquae mons.*

. . . . . *procumbit humi bos.*

em que tendo de exprimir o despenhado da onda, e a queda do boi; os versos tambem em certo modo se precipitão, caíndo gradualmente dos trisyllabos para os dissyllabos, e destes nos monosyllabos. Horacio Ep. I. 2, 26. disse: *amica luto sus*, e II. 2. 75. *lutulenta ruit sus.*

(*b*) Horacio *Poet.* 139. imitou huma cousa, e outra, isto he, o epitheto, e o monosyllabo. E com razão. Que contraste mais bello que o de huma serra, estando de parto, e o nascimento de hum ratinho tão pequeno, como huma syllaba, para assim dizer?

(*c*) He huma regra da Amplificação, que todas as vezes que queremos augmentar, e engrandecer hum objecto, se tomem para isso os termos de cousas maiores: e pelo contrario de menores, quando queremos diminuir. Neste caso a baixeza relativa das palavras serve a produzir o effeito, que pertendemos. Tal foi a palavra *sarracum*, de que se servio Cicero para mostrar o estado desprezivel de Pizão, a que o tinha reduzido a sua libertinagem. Pois costumando os mais senhores de Roma conduzir a sua familia com a pompa, que se póde ver na jornada de Milão a Lanuvio, descripta por Cicero, *pro Milone* X; Pizão se via obrigado a conduzir toda a sua em hum carro agreste com arcas, ou séve. Da mesma sorte Tibulo I. 11. 51. nota huma similhante vileza em hum, que

Rusticus, e lucoque vehit male sobrius ipse
Uxorem plaustro, progeniemque domum.

do Cicero, fallando contra Pizão, diz: (a) *Trazendo-se-te em hum carro toda a parentella*, diremos que cahio em hum termo baixo? Não augmentou antes com elle a vileza deste homem, que elle pertendia aniquilar, como tambem em estoutro lugar, em que diz do mesmo: *Contrapões a cabeça, marrando com ella?* (b)

2. *Das palavras* Ornadas, *e* 1. *das* Proprias.

§. III. Sendo pois as palavras, humas *Proprias*, outras *Innovadas*, e outras *Transferidas*, (c) a antiguidade dá ás *Proprias* huma especie de dignidade. Pois as palavras, das quaes nem quemquer se serviria, concilião á oração mais respeito, e admiração. (d) Assim Virgilio, este Poeta de gosto delicadissimo, soube fazer hum uso singular deste genero de ornato. (e) Pois as palavras antigas como *Olli*, *Quianam*,

(a) Ainda nos resta esta oração de Cicero contra Pizão, mas sem principio. Desta provavelmente são estes fragmentos, citados aqui por Quint. Este Pizão, e Gabinio forão chamados do governo das Provincias, em que estavão, pela sua má conducta, representada ao Senado por Cicero na oração de *Provinciis Consularibus*. Do que o mesmo Pizão se queixou amargamente no mesmo Senado, fallando contra Cicero, que lhe respondeo na oração *contra Pizão*.

(b) Este fragmento he tirado do mesmo lugar, que o outro. A palavra baixa *Coniscare*, ou *Conissare* se diz propriamente dos bois, e carneiros, quando hum marra contra o outro.

(c) He esta a mesma divisão de Cicero no Liv. III. do *Orad.* 37. e 38, que tendo considerado o Ornato, ou em cada huma das palavras, ou em muitas juntas, diz assim: « Por tanto usaremos, ou das palavras *Proprias*, que são os appellidos mesmos « das cousas, nascidos, a bem de dizer, com ellas mesmas; ou « das que são *Transferidas*, que se poem, para assim dizer, em « hum lugar alheio; ou daquellas, que nós mesmos *Innovamos*, « e fazemos. « O mesmo repete mais abaixo. Com effeito a significação de huma palavra (da qual significação depende o seu ornato), ou he *propria*, ou *transferida*; e entre estas não ha meio, senão o ser a palavra mesma, e a sua significação *nova*.

(d) Repete aqui Quint. o que já tinha dito I. 6. 39 « As palavras tiradas da antiguidade não só tem grandes defensores; « mas tambem dão á oração magestade, e deleite. Pois tem a authoridade da antiguidade, e, como o seu uso se interrompeo, « tem de mais a graça da novidade. »

(e) Com o exemplo de Virgilio nos indica o uso, que devemos

Mis, e *Pone* (*a*) brilhão entre as mais, e espalhão no seu poema este ar de antiguidade veneravel, que tanto gosto causa nas pinturas, e que a arte não póde imitar. He preciso porém usar dellas com *moderação*, e não as hir buscar *ás ultimas trévas da antiguidade*. (*b*)...

Algumas palavras antigas subsistem ainda agora na lingua, as quaes pela sua mesma ancianidade brilhão agradavelmente. (*c*) Outras ha, a que a necessidade mesma nos obriga, como *nuncupare*, e *effari*. (*d*) Outras muitas em fim, que, com gosto de quem

---

fazer deste ornato. Do mesmo diz Quint. adiante IX. 3. 14. *Alia commendatio vetustatis, cujus amator unice Virgilius fuit.*

(*a*) Em toda a Eneida usou Virgilio de *Olli* em lugar de *ille* 18 vezes; de *Quianam*, em lugar de *quare*, duas, V. 13. e X. 6. De *Mis*, genitivo antigo, em lugar de *mei*, (e não nominativo, como erradamente Gesnero a este lugar faz dizer a Servio. Eneid. II. 595.) nenhuma nas ediçoens presentes. He porém provavel, que Quint. assim lesse *mis* em lugar de *mei* em algumas partes do seu Virg. Ms. Do adverbio *Pone*, em lugar de *Retro*, usa Virg. tres vezes, En. II. 208 725, X. 226.

(*b*) Duas limitaçoens da presente regra do Ornato, que o mesmo Quint. já tinha declarado no lugar acima citado no Liv. I 6. 39. onde diz assim: « Mas he necessario *modo*, de sorte « que nem sejão frequentes, nem exquisitas; porque nada ha « mais odioso, que a affectação. Mas nem tão pouco se devem « hir *procurar dos primeiros tempos da lingua já esquecidos*, como « *topper*, *antigerio*, *exanclare*, *prosapia*, e os *versos dos Salios*, « que estes mesmos apenas entendião. Mas estas prohibe a Reli« gião o mudarem-se, e não ha remedio senão servir-nos dos « termos consagrados por ella. Na oração porém, cuja primeira « virtude he a clareza, que vicio não he o necessitar de inter« prete? Por tanto, assim como das palavras novas as melhores « serão as mais velhas, assim das velhas o serão as mais novas. »

(*c*) Das palavras antigas podemos fazer tres classes. Humas, que ainda durão no uso da lingua viva, principalmente entre a gente rustica, mais tenaz da linguagem velha; e nestas nenhuma dúvida póde haver. Eu não a teria em empregar nas occasioens devidas estas da nossa lingua, *adergar*, *forrejar*, *ufano*, *sanhudo*, *fágueiro*, *asinha*, e outras similhantes.

(*d*) A segunda classe he das palavras antigas, consagradas pelo uso da Religião, Sciencias, e Artes. Quem duvidará dizer *revel*, *lealdar*, *barregam*, e outras muitas da nossa Jurisprudencia? A esta classe pertencião entre os Romanos as palavras *nuncupari*, consagrada para os Testamentos, e Votos, e *effari* para os Agouros.

nos ouve, podemos entremetter no discurso; (*a*) mas sempre com tal cautella, que se não perceba affectação, contra a qual admiravelmente diz Virgilio, (*b*)

Este, este, aquelle Orador famoso,
Que de Corintho a fraze estranha affecta. (*c*)
Pois em quanto Thucydides Bretão (*d*)
*Todo respira d'*Attica as febres, (*e*)

(*a*) Esta a terceira classe de palavras antigas, nem usadas, nem consagradas, e que nós suscitamos de novo sem outra necessidade mais, que a de dar ornato ao discurso; sobre as quaes especialmente cahem as cautellas de Quint.

(*b*) Nos *Catalectos*, donde he tirado este Epigramma, que só Quint. nos conservou; elle he citado por Ausonio no *Technopegnio*, Epigram. *Grammaticomastix*, com que elle quiz tormentar os Grammaticos, propondo-lhes varias questoens sobre palavras desconhecidas, algumas das quaes são as deste epigramma de Virg., dizendo:

Dic, quid significent Catalecta Maronis. In his al
Celtarum posuit. Sequitur non lucidius tav,
Et, quod germano mixtum male, lethiferum min.

(*c*) *Corinthiorum amator iste verborum,*
Iste, iste, Rhetor.

Esta he a melhor lição, tirada dos dois Codices Gothanos, do de Kappio, e das melhores ediçoens, e assim preferivel a outras deste lugar, que se podem ver em Burmanno, e Gesnero. Por dois lados considera Virgilio a Cimbro; hum como Orador, e outro como Historico. Como Orador, ridiculiza-o por affectar palavras, e expressoens *Corinthias*. O que se póde entender de dois modos; ou com alluzão aos *metaes de Corintho* (*aera Corinthia*) que erão fundidos da mistura de varios metaes; e expressoens Corinthias serão tambem as compostas da mistura extravagante de palavras modernas, e antigas, e de latinas, e barbaras, tiradas de differentes linguas. Vej. adiante Art. III. §. 3. n. 12: ou porque Corintho passa entre os antigos por huma cidade entregue ao luxo, e prazer; como se póde ver em Marcial Epigr. X. 68, ou 65 *in Parmenionem;* e expressoens Corinthias serão as fastuosas, exquisitas, e affectadas, das quaes foi censurado Cimbro em Suetonio, *Augustus* Cap. 86.

(*d*) O segundo lado, por onde Virgilio o ridiculiza, he pelo de Historico, chamando-lhe *Thucydides Bretão*, idêa extravagante, nascida do contraste de hum escriptor o mais polido com o de hum barbaro ignorante, e inculto; como Cicero graceja com Trebacio Epist. Fam. XI. 7. chamando-lhe com galantaria *Jurisconsulto Bretão*. Vej. tambem Epist. X.

(*e*) Faz provavelmente allusão a epidemia dos Athenienses no principio da guerra do Peloponeso, descripta por Thucydides Liv. II. Cap. 48. ed. Duker., e procedida do veneno, com que

Do Celta o tav, min, al; (*a*) *ah! mal haja elle,*
Que assim destas palavras o veneno
Ao infeliz irmão misturar soube.

Este Orador foi Cimbro, notado por Cicero de ter morto seu irmão, com o dicto: *Germanum Cimber occidit.* (*b*) Nem menos criticado deste vicio he Sallustio no Epigramma bem sabido,

E tu, scriptor da Jugurthina guerra,
Que de Catão furtaste a frase velha. (*c*)

He esta huma affectação bem odioza. Pois quem quer póde fazer o mesmo; e he tanto peor, quanto similhantes homens não accommodão de ordinario as palavras ás cousas; mas procurão de fóra cousas, a que accommodem as palavras. (*d*)

---

os Lacedemonios inficionárão as fontes da Pireo. *Febres Atticas* naturalmente era huma expressão mimosa do Thucydides Bretão.

(*a*) Palavras monosyllabas da lingua Celtica, de que affectadamente se servia Cimbro. Virgilio, entre muitas esquipaticas, de que este Antiquario usava na sua historia, escolheo muito de proposito estas, por serem de cousas venenosas, para lhe dar em rosto com a sua affectação pueril, e ao mesmo tempo com o fratricidio. *Tav* ou *Taw*, e trocadas humas labiaes com outras, *Tam*, *Tab* he a mesma que a Islandeza *Tamb* (*peste*), radical das latinas *Contamino*, *Tabes*, *Tabum*, que significão veneno. *Min* significa o *Minium*, cinabro nativo, venenoso. *Al* he a raiz de *allium*, alho, albarrãa cebolla, que pelo sal acre, e corrozivo, he venenosa. Neste verso, Tav *Gallicum*, Min, Al *spinae male illisit*, escolhi a lição Aldina *Spirae*, e conjecturo estaria *Spirat*, e com os dois Codd. Gothanos leio *male illi sit*, de sorte que restituo assim este verso:

Tav *Gallicum*, Min, Al *spirat: male illi sit.*

(*b*) Na Philipp. XI. 6. onde fazendo a resenha satirica do exercito de Antonio, lança contra Cimbro este dicto picante, e equivoco: *Lumen, et decus illius exercitus pene praeterii, C. Annium Cimbrum, Lysidici filium, Lysidicum ipsum, graeco verbo, quoniam omnia jura dissolvit, nisi forte* jure *Germanum Cimber occidit.* Onde *Jus* no sentido de caldo ou bebida, allude ao veneno, com que tinha morto seu irmão, e huma similhante alluzão fez Virg. dizendo: *Ita omnia ista verba* miscuit *fratri.* Por este modo julguei se podia tirar das trévas, em que até agora esteve este epigramma admiravel de Virgilio, e solver o enigma proposto por Ausonio.

(*c*) Não se sabe quem he o author deste Epigramma. Porém Sallustio foi censurado deste vicio dos Archaismos por Asinio em Gellio X. 26, e por Augusto em Suetonio no lugar acima citado: *Ut verbis, quae Crispus Sallustius excerpsit ex Originibus Catonis, utaris.*

(*d*) Quer dizer: He odioso fazer ostentação de huma erudição,

2. *Das palavras* Novas, *que são de tres modos.*

§. IV. *Innovar palavras* (a) he, como já disse no primeiro livro, (b) mais concedido aos Gregos, que não duvidarão inventar vocabulos imitativos de certos *sons*, e *qualidades* dos objectos, (c) com a mesma

---

que quem quer póde ter, folheando os authores, e monumentos antigos, e fazendo catalogos de palavras antiquadas. 2. Esta affectação he tanto peor, quanto os Antiquarios, para terem occasião de metterem alguma palavra antiga, encaminhão o discurso, não para onde elle devia hir, mas para onde lhe faz conta; violentando assim os pensamentos, e fazendo-os servir ao seu capricho ridiculo. A estes pedantes falla assim Seneca, Controv. Liv. IX: *Tu autem perinde, quasi cum matre Evandri loquare, sermone abhinc multis annis jam desito uteris; quod scire atque intelligere neminem vis, quae dicas. Nonne, homo inepte, ut, quod vis, abunde consequaris, taceres? Sed antiquitatem tibi placere ais, quod honesta, et bona, et sobria, et modesta sit. Vive ergo moribus praeteritis, loquere verbis praesentibus.*

(a) *Innovar palavras* he o que os Gregos chamão ὀνοματοποιεῖν; (*fingere*), formar sons novos imitativos dos objectos, que queremos exprimir. Esta a primeira especie de palavras novas, *Onomatopeias.*

(b) Cap. V. 71. onde diz: *Mas a Onomatopeia de nenhum modo nos he concedida. Pois quem soffreria, que nos arrojassemos o crear sons similhantes a estes justamente louvados* λίγξε βιός, *e* σίζει ὀφθαλμός (rangeo o arco, o olho chia)? *Nós mesmos não diriamos já sem receio* balare, hinnire, *se não fossem authorizadus pelos antigos.*

(c) As *Onomatopeias*, ou imitão, e arremedão os *sons* dos objectos Physicos (*sonos*) ou os seus accidentes, e *modalidades* (*affectus*). Pois isto he o que significa aqui *affectus*, como se prova pelos lugares de Quintil. VIII. 6. 7. e 31. e IX. 1. 23. *Non quia affectus non sit quaedam qualitas mentis.* As primeiras pertencem ao sentido do ouvido, cuja relação he immediata com a voz, que he hum som articulado. As segundas pertencem mais aos outros sentidos, e especialmente ao Tacto, e Vista. Do primeiro genero são as Onomatopeias de Homero, λιγγω imitativa do ruido, que faz a arco, quando se puxa, e σίζω para exprimir o som da agua, quando se lhe mette hum ferro em braza, e as Latinas, *hinnitus*, *murmur*, *sibilus*, e as Portuguezas, *Asobio*, *Bomba*, *Cuco*, *Susurro*, *Retumbar*, *Tinir*, *Zunir*, *etc.*

Do segundo são entre muitas estas radicaes primitivas ἄω (spiro), para exprimir o assopro, ou movimento do ar na bóca; AM, para significar tudo o que he querido, e amado; FL, para exprimir tudo o que he fluido, ou seja igneo, ou aqueo, ou aereo; NO, radical caracteristica de tudo o que se move sobre o liquido; SC, para pintar tudo o que he concavo, e cavádo; SCR,

liberdade, com que os primeiros homens derão nomes ás cousas. (*a*) Os nossos Romanos porém, tendo-se arrojado a formar algumas palavras novas por *Composição*, e *Dirivação*; (*b*) ainda nisto mesmo não são muito bem recebidos. Pois eu me lembro, sendo ainda muito rapaz, ouvir Pomponio, e Seneca disputar entre si, se em huma Tragedia de Accio se deveria dizer, *Gradus eliminat*, pedindo ainda licença

---

para pintar a excavação com movimento; ST, para exprimir a estabalidade dos objectos. De cada huma destas radicaes imitativas nascem numerosas familias de palavras em todas as linguas, que se podem ver por extenso nas obras citadas na not. seguinte. Para exemplo apontarei aqui algumas. Da 1. vem as palavras *aër*, ἄαζω, (exhalo), *halo*, *halitus*, *antlo*, *exantlo*, *antlia*, *anhelitus*, *anima*, e as nossas *ar*, *halar*, *anhelar*, *exhalação*, *alma*, etc. Da 2. *amo*, *mater*, *ama*, *mama* em todas as linguas. Da 3. *flama*, *fluo*, *flatus*, *flabellum*, *floccus*, *flæmen*, *flumen*, flauta, etc. Da 4. νᾶυς, νεφὸς, *navis*, *navigium*, *nubes*, *nebula*, etc. Da 5. σκαλλω, σκαπτω, σκαφὴ, *scutum*, *scabies*, *scyphus*, *scaturire*, *sculpere*, *scalpere*, *scindere*, *scaries*, escabrozo, escavar, escarnar, esculpir, etc. Da 6. γραπτω, *scribo*, *scrutor*, esgravatar, cravar, etc. Da 7. a Interjeição *st*, ϛηλὴ, ϛάτηρ, στεῖρα, ϛηρίζω, *sto*, *isto* *stirps*, *stamen*, *stagnum*, *stella*, *strenuus*, *stupere*, *justus*, etc.

(*a*) O Prezidente de Brosses no seu tractado Philosophico, e profundo da *Formação Mechanica das linguas* mostra, que a lingua Primitiva dos primeiros homens, cujas raizes andão dispersas por todos os idiomas dos povos antigos, e modernos, constava toda de Onomatopeias, que pintavão os objectos. Elle mesmo faz seis classes dellas, a saber: 1. As *Interjeiçoens*, que exprimem os sentimentos. 2. As palavras nascidas da conformação do orgão vocal independentemente de toda a convenção, como as raizes labiaes, e as palavras infantis. 3. Os nomes dados ao orgão da voz, tirados da sua mesma reflexão. 4. As palavras imitativas dos sons dos objectos sonoros. 5. As palavras consagradas pela natureza á expressão de certas modalidades, e affecçoens dos seres. Vej. not. antecedente. 6. Os Accentos Prosodicos. Mostra depois que todas as linguas trabalhárão sobre este fundo das Raizes primitivas, modificando-as differentemente por meio já da *Dirivação*, já da *Composição*, já da *Preposição*, ou accrescentamento de syllabas no principio das palavras, já da *Terminação*. Este he tambem hum dos objectos da grande obra do *Mundo Primitivo analysado, e comparado com o moderno, por Court de Gebelin*, 9. vol. 4., que se pódem consultar.

(*b*) Estes são os outros dois modos de *innovar* palavras; ajuntando duas em huma, como *beneficus*; ou *dirivando* huma de outra, como de *beatus*, *beatitas*.

para pronunciarem esta palavra, (a) não obstante os antigos não duvidarem dizer *expectorat*, (b) e a palavra *exanimat*, de que uzamos, ter o mesmo cunho.

As palavras que se formão por *Dirivação*, e *Declinação* (c) são como estas de Cicero, *Beatitas*, *Beatitudo*, que elle mesmo conhece que são duras, mas crê que o uso as póde abrandar. (d) Nem as palavras se derivão tão sómente dos verbos: dos mesmos nomes proprios se tem formado algumas, como Cicero formou *Sullaturit*, e Asinio *Fimbriaturit*, e *Figulaturit*. (e) Huma grande porção porém tem sido derivada da lingua Grega, (f) principalmente por Sergio, e Flavio,

---

(a) Assim traduzi *prefationibus*. *Praefari honorem verbis* he bem sabido, o que que quer dizer. Plinio Pref. Hist. Nat. uza da mesma palavra: *Vocabula rustica, aut externa, imo barbara etiam cum honoris praefatione ponenda.* Quint. VIII. 3. 45. emprega o verbo *praefari* absolutamente: *in praefanda videmur incidere;* e a particula augmentativa *etiam*, que aqui ajunta a *praefationibus*, acaba de mostrar, que este he o sentido desta palavra.

(b) Ennio em Cicero de Or. III. 38. e Tusc. IV. *Tum pavor sapientiam mihi omnem examinato expectorat. Exanimare*, e *expectorare* tem a mesma composição que *eliminare* de *ex*, e *limen*, deitar, sahir fóra da porta.)

(c) *Tractus*, e *Declinatio*, aqui he o mesmo que n. 37 *dirivare*, *flectere*. A *Dirivação* he a formação de huma palavra secundaria de outra radical por meio de alguma mudança no material do vocabulo, e alguma idêa accessoria accrescentada á significação principal. Ora estas idêas accessorias, que modificão a primitiva, ou são tiradas da sua mesma natureza, ou de fóra, isto he, de differentes pontos de vista, que a idêa principal tem com outros objectos extrinsecos. Daqui duas especies de palavras derivadas. Humas *tracta*, *derivada*, παραγόμενα, quando de huma parte da oração com alguma leve mudança se deduz outra, que modifica intrinsecamente a idêa radical. Taes são de *beo*, *beatus*, *beatitas*, e *beatitudo*; outras *declinata*, *inflexa*, quaes são todos os casos obliquos dos nomes, e modos, tempos, e pessoas dos verbos.

(d) Lib. I. de Nat. Deor. 95. *Ista* beatitas, *sive* beatitudo *dicenda sunt. Utrumque omnino durum est. Sed usu mollienda nobis verba sunt.*

(e) Lib. X. a Attico, Epist. 10. *Noster biennio ante cogitavit. Syllaturit animus ejus, et proscripturit. Sullaturio* he derivado de *Sylla*, assim como *Fimbriaturio*, e *Figulaturio* dos nomes proprios *Fimbria*, e *Figulus*, e querem dizer: seguir o partido, e sentimentos de Sylla, etc.

(f) A lingua Grega era a mãi da Latina, o que consta pela origem dos póvos do Lacio, e pela simillhança dos Alphabetos de ambas as naçoens. Assim huma grande parte do Diccionario

entre as quaes algumas parecem a muitos duras sobre maneira, como *ens*, e *essentia*. (*a*) Não acho com tudo razão alguma para se rejeitarem com tanto desdem, senão o sermos juizes iniquos contra nós mesmos; que por isso a nossa lingua he pobre. (*b*)

De quaes deve usar o Orador, e como.

He preciso pois animarmo-nos; nem eu sigo o sentimento de Celso, que prohibe ao Orador o formar palavras. Pois havendo duas especies de palavras novas, como diz Cicero, (*c*) humas *Nativas*, que forão indicadas pela primeira sensação dos objectos, (*d*) ou-

Romano he de palavras Gregas. Horacio *Poet.* 52. reconhece a mesma origem. *Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si Graeco fonte cadant parce detorta. . .* Huma das linguas mãis da Portugueza he a Latina, e por isso desta se tem derivado, e se podem derivar ainda muitos vocabulos.

(*a*) Quint. II. 14. 1. repetio isto mesmo. Flavio deduzio *ens* do participio Grego ὢν, ou ὄν, e *essentia* de οὐσία. Esta derivacão he algum tanto dura, porque não he, segundo a regra de Horacio, *parce detorta.*

(*b*) A lingua Latina necessariamente devia ser mais pobre que a Grega nas materias Philosophicas, nas das Artes, e nas da Eloquencia, e Poezia, cultivadas pelos Gregos alguns seculos antes, que os Romanos cuidassem disto. Assim Quint. he mais sincero que Cicero, quando *de Finibus* III. 16 diz: *Ita sentio, et saepe disserui Latinam linguam non modo non inopem, ut vulgo putarunt, sed locupletiorem esse quam Graecam.*

(*c*) Part. V. *Simplicia verba partim* nativa *sunt*, *partim* reperta. Nativa *ea*, *quae significata sunt sensu.* Reperta, *ex quae his facta, sunt, et novata, etc.*

(*d*) A expressão de Cicero: *Quae significata sunt sensu,* ou como lia Quint., *primo sensu* tem dado que fazer aos commentadores. Por ventura (diz Lambino) não são as palavras as que significão, e não as que são significadas? Gesnero reconhece que esta fórmula tem sua escuridade, e tira-se della, dizendo: *Intelligendus est ipse sensus communis, qui significavit, indicavit (de quorundam sententia) hominibus prima illa verba.* Não foi o senso commum, nem a convenção; mas sim as primeiras sensaçoens, e impressoens dos objectos physicos sobre os orgãos do homem, as que lhe indicárão, e insinuárão os primeiros vocabulos, para os exprimirem. As palavras secundarias, *(reperta)* e acceitas do uso por huma convenção tacita são, depois da lingua feita, as que significão as cousas. Mas para as primitivas *(nativa)* não podia haver esta convenção. Os homens não se ajuntárão para dizer: *façamos huma lingua.* Os mesmos objectos com as suas differentes impressoens, modificando differentemente as fibras

tras *Inventadas*, que forão formadas das primeiras; (*a*) ainda que já não tenhamos a liberdade de crear sons novos, como tiverão aquelles homens boçaes, que primeiro formárão as linguas: (*b*) quando perdemos nós este direito, que todos depois tiverão, de *derivar*, *declinar*, e *conjunctar* palavras?

Se esta innovação porém parecer perigosa, po-

---

dos orgãos sensorios, pela ligação estreita que estas tem com as do instrumento vocal, he que significárão as palavras, e indicárão os sons imitativos, que a voz, e a lingua devião entoar, e articular para os exprimir. A expressão de Cicero não he nova. Lucrecio liv. V. já tinha dito:

Postremo quid in hac mirabile tantopere est re,
Si Genus Humanum, cui vox et lingua vigetur,
Pro vario sensu *varias res voce notaret;*
Cum pecudes mutae, etc.

Sexto Empirico *adversus Mathematicos* VII. p. 152. disse no mesmo sentido, que Cicero: ὅγε μὴν λόγος, φησιν, ἀπὸ τῶν ἔξωθεν προσπιπτόντων ἡμῖν πραγμάτων συνίςαται, τουτέςι, τῶν αἰσθητῶν. *A linguagem, diz elle, he formada pelas cousas que de fóra nos cahem sobre os sentidos, isto he, pelos objectos sensiveis.* Estas são as palavras *pene una nata cum ipsis rebus*, como diz Cicero do *Orad.* III. 38.

Com effeito Platão no *Cratylo* assenta *quandam nominum proprietatem ex rebus ipsis enatam esse.* Elle lhes chama por isso νωμοθεσίας *leis mechanicas*, e já dantes Hippocrates *de Arte* III. 4. lhes dava o mesmo nome τὰ ὀνόματα φύσιος νομοθετήματα; sobre o que he notavel a passagem de A. Gellio, X. 4. *Nomina verbaque non posita fortuito, sed quadam vi, et ratione naturae facta esse P. Nigidius in Grammaticis Commentariis docet, rem sane in Philosophiae dissertationibus celebrem. Quaeri enim solitum apud Philosophos* φύσει τὰ ὀνόματα *sint*, ἢ θέσει, *(natura nomina sint, an impositione.) In eam rem multa argumenta dicit, cur videri possint verba esse naturalia magis, quam arbitraria. . . Nam sicuti cum* adnuimus *et* abnuimus, *motus quidem ille, vel capitis, vel oculorum a natura rei, quam significat non abhorret: ita in vocibus quasi gestus quidam oris, et spiritus naturalis est.* Este grande problema se julga hoje quasi resolvido depois da obra do Presidente de Brosses; e todos assentão que o vocabulario primitivo da Natureza constava: 1. De poucos vocabulos: 2. Quasi todos monosyllabos, como o são ainda os das linguas Phenicia, Celtica, e Chineza, filhas primogenitas da Primitiva: 3. Que todos erão dos objectos corporeos, e sensiveis: 4. Todos imitativos, e Onomatopeias. V. supr §. 4. e not.

(*a*) De algum dos tres modos, que diz abaixo, ou por *Derivação*, ou por *Declinação*, ou por *Composição.*

(*b*) Vej. o que dissemos Tom. I. Liv. I. Cap. VI. §. 1. Not. (*a*).

deremos preparal-a com alguns remedios, (*a*) dizendo, por ex. *Para assim dizer : Dai-me licença, para assim me explicar : Em certo modo ; Permitti-me a expressão.* E esta mesma cautela não será inutil tambem, usando nós de metaphoras algum tanto mais atrevidas, que não podemos dizer sem reparo dos ouvintes. (*b*) Neste caso o mesmo cuidado, que nos dão estas palavras, assaz faz ver aos circunstantes, que não nos enganamos no juizo, que dellas fazemos. A respeito do que he elegantissimo o rifão Grego, que nos manda *reprehender qualquer excesso* (na expressão), *antes que os outros o fação.* (*c*)

3. *Das palavras* Metaphoricas.

§. V. Das palavras *Metaphoricas* não se póde fazer juizo se o são, senão estando juntas com outras ; (*d*)

(*a*) Quint. chama *remedios* ao que os Gregos chamavão θεραπείας, μειλίγματα, e ἄκος, isto he, certas precauçoens, com que remediamos, e adoçamos qualquer excesso, que haja na palavra nova, atrevida, ou hyperbolica. Porque, como Aristoteles, e Teophrasto dizem em Longino Sect. 32. ἡ γὰρ ὑποτίμησις ἰᾶται τὰ τολμηρά, *a mesma reprehensão da expressão cura o que ella tem de arrojado.*

(*b*) O mesmo conselho dá Cicero de *Orat.* III. 41. *Si vereare ne paullo durior translatio esse videatur, mollienda est praeposito saepe verbo.* Isto he o que os Latinos chamavão *praefari verba, praefationes,* e Quint. *remedia.*

(*c*) O *remedio geral para tudo o que he nimio, e excessivo,* (diz Arist. Rhet. III. 7. 12.) he fazer o que diz o rifão vulgar (τὸ θρυλλούμενον) : Δεῖ γὰρ ἀυτὸν ἑαυτῷ προεπιπλήττειν. *Antes que os outros nos reprehendão, reprehender-nos nós a nós mesmos.* Do que se vê que no lugar de Arist. não se lê προσεπιπλήττειν τῇ ὑπερβολῇ, como lia Quint. Aristoteles com tudo falla aqui de toda a hyperbole (ἐπὶ πάσῃ τῃ ὑπερβολῇ), entendendo nesta palavra todo o *excesso, e demazia na expressão*, e não a hyperbole tropo, como entendeo Rollin a este lugar.

(*d*) Por exemplo a palavra latina *flumen* por si só, e separada de qualquer outra, não offerece senão a idêa propria de *corrente;* e he necessario que se ajunte á de *Eloquentiae*, para se conhecer que he metaphorica, o que não succede no ornato das palavras antigas, e novas. Quint. pois teria sido mais exacto, se as não metesse na divizão das palavras separadas : ou devemos dizer, que nestas se entendem todas aquellas, que, ainda ligadas a outras, exprimem só idêas, e não pensamento.

visto o que, temos dito o que era bastante ácerca do ornato das palavras separadas, as quaes, como mostrei em outro lugar, (*a*) não tem por si ornato algum; porém tambem não são desornadas, senão quando, ou são inferiores á grandeza da materia, que se trata, ou exprimem núamente as idêas obscenas. (*b*) O que verão aquelles, que julgão escuzado fugir dos termos obscenos, por que não ha voz alguma de sua natureza torpe, e se a torpeza está na cousa, qualquer outro nome, que se empregue, excitará no espirito a mesma idêa. (*c*) Eu, contentando-me com a mo-

---

(*a*) Liv. I. 5. 3. *Uni verbo vitium saepius, quam virtus inest. Licet enim dicamus aliquid* proprium, speciosum, su lim... *i... tamen horum, nisi in complexu loquendi, serieque contingit. Laudamus enim verba bene rebus accommodata. Sola est, quae notari possit velut vocalitas; que* εὐφωνία *dicitur.* No qual lugar Quint. chamá *prodrium*, o termo, *quo nihil inveniri possit significantius*, de que fallou atraz Cap. III.

(*b*) As palavras obscenas, consideradas mesmo em si, fóra do contexto, são desornadas; porque offerecem idêas deshonestas absolutas. Mas como se podem considerar as palavras baixas fóra do contexto, sendo certo que a baixeza he relativa, e assim só se póde fazer juizo della *materiae modo*? Mas huma cousa he considerar as palavras por ordem á materia, outra por ordem a outras palavras, a que se ajuntão. Neste segundo sentido, e não no primeiro he, que se podem considerar á parte os termos baixos.

(*c*) Estas erão as duas razoens, de que se servião os Stoicos, para mostrar que não havia palavras obscenas. Podem-se ver na carta célebre de Cicero a Peto Liv. IX. 22. O seu dilemma era este: A obscenidade, ou está nas cousas, ou nas palavras. Nas cousas não. Porque podem-se exprimir com outros termos, que não sejão torpes; e se a cousa fosse obscena, de qualquer modo o seria. Nas palavras tambem não. Porque são huns sons, e muitas vezes acontece, que tendo differentes significaçoens, em huma são torpes, e em outra não. Quint. defende a causa do *Pudor* com o seu silencio. Eu porém não a devo defender do mesmo modo, tratando-se de instruir os principiantes. O raciocinio dos Stoicos he hum sophisma. As palavras consideradas como meros sons articulados, não são palavras, mas vocabulos. As palavras, para o serem, devem significar, e as synonymas, álem da significação principal, commua a todas, tem cada huma differentes idêas accessorias. As honestas, por ex., *adulterio*, *incesto*, *stupro*, levão comsigo associada a idêa do crime, do horror, do pudor. As proprias, e núas levão as do prazer, dissolução, e impudencia. Não he pois o mesmo indicar a mesma cousa por

destia Romana, vingarei o pudor com o meu mesmo silencio, como já fiz em outra occasião.

ARTIGO IV.

Ornatos das Palavras juntas.

Duas cousas, que he preciso considerar antes de tudo no Ornato das palavras juntas.

§. I. PAssemos pois já ao Ornato das palavras juntas; para o qual he preciso antes de tudo considerar duas cousas: *Que especie de estilo havemos de tomar*, (a) e *Que meios havemos de empregar, para o exprimir.*

Porque a primeira diligencia he sabermos, se nos propomos *amplificar* huma cousa, ou *diminuil-a*; (b) se fallar em hum estilo *ardente*, ou *moderado*; (c) se em hum estilo *pomposo*, ou *severo*; (d) se com hum

---

hum termo honesto, e por hum torpe. Aquelle põe hum véo na obscenidade, este lho tira.

(a) *Quam concipiamus elocutionem* aqui he o mesmo que *Quam capiamus elocutionem.* No qual sentido o emprega Quint. III. 11. 28. e XI. 3. 16. O mesmo Quint. no fim deste §. se explica, dizendo: *id, quod intendimus, efficere possimus.* O 1. cuidado pois he a *escolha* do estilo, e o 2. a sua *execução*, ἐξεργασία. A escolha do estilo proprio, e conveniente ao assumpto he a primeira diligencia do orador, e escriptor, e a mais essencial; na qual se elle erra, erra tambem em tudo o mais. Os que pertendem que esta divizão de Quint. seja a mesma que elle faz logo no principio do Art. IV, não reparão que lá *concipere* está absolutamente, e aqui *concipere elocutionem*; o que he cousa muito differente.

(b) O estilo da *Amplificação* he differente do da *Diminuição*. Aquelle he *grande*, e este *infimo*. V. sup. Art. 2. no fim, e not.

(c) O estilo *ardente (concitatum)* he o pathetico, e inflammado Elle he arrebatado pelos incisos, e membros, e pelas figuras fortes. Compare-se o principio da 1. *Catilinaria* com o da oração *pro Quintio*, e ver-se-ha sensivelmente a differença do estilo ardente ao moderado.

(d) O estilo *pomposo (latus)* he o do genero Epidictico, que Quint. miudamente descreveo acima Art. II. §. 4. onde se póde ver. O *severo* he mais sobrio, grave, e comedido nos ornatos, qual he o do genero Pragmatico, ibid. §. 5.

estilo *copioso*, ou *preciso*; (*a*) se com hum *aspero*, ou *brando*; (*b*) se com o *sublime*, ou *tenue*; (*c*) se com o *serio*, ou *jocozo*. (*d*) Depois disto devemos ver, com que genero de *Tropos*, com que *Figuras*, com que qualidade de *Sentenças*, com que talho de *Orações*, (*e*) e com que especie de *Collocação*, em fim (*f*) poderemos pôr em execução o estilo, que nos propozemos.

Da oração Irreprehensivel, *que não tem vicios contra o Ornato.*

§. II. Mas antes de passar a dizer as virtudes, com que se orna o discurso; tocarei os vicios contrarios ao Ornato, pois *o primeiro Ornato he carecer de vicios.* (*g*)

(*a*) O estilo pomposo, e severo diz respeito principalmente á qualidade dos ornatos. O *copioso*, e *preciso (pressus)* ao seu numero. O Asiatico, e Rhodio he *copioso*, e o Attico, *preciso (pressus, et integer)*. Vej. Quint. Cap. ult. Art. I.

(*b*) A *aspereza*, e *doçura* do estilo depende pela maior parte da collocação. Os concursos das consoantes asperas e vogaes, os jambos frequentes, os incizos, e membros continuados, as cadencias precipitadas fazem a aspereza do estilo. A doçura provém do contrario. Vej. adiante Cap. X. da *Elocução Collocada*, Art. III. §§. 8. e 9. e todo o Art. II, e atraz Art. III. §. 2.

(*c*) Vej. Cap. ult. Art. II. onde se dão noçoens de todas estas idêas, e tons differentes do estilo.

(*d*) Para se fazer idêa destes dois estilos contrarios, comparese a narração de Cicero *pro Cluentio*, Cap. XX. Exempl. XXXV. no primeiro tomo, com a *pro Milone* Cap. IX. no Exemplo XXXVII. ibid.

(*e*) Os differentes talhos das oraçoens são, ou *Incisos*, ou *Membros*, ou *Periodos* de differentes extensoens. Cada huma destas fórmas tem seu uso, segundo a materia, e parte da oração o exige. *Interspirationis enim, non defatigationis nostrae, neque librariorum notis; sed verborum, et sententiarum* modo *interpunctas clausulas in orationibus esse voluerunt.* Cic. *de Orat.* III. 44. Quando cada huma destas fórmas, e medidas tenha lugar, se póde ver em Quint. adiante Cap. X. Art. V. §. 1. e IX. 4. 127.

(*f*) Isto he, com que *Ordem*, com que *Junctura*, e com que *Numero*; as quaes cousas devem ser differentes, segundo o estilo he differente. A respeito desta variedade vej. o Cap. X da Elocução collocada, Art. II. §§. 1. 2. 3., Art. III. §. 1. e segg., Art. IV. e V.

(*g*) Assim como Quint. antes de assignar os Ornatos *positivos* de cada huma das palavras, poz os *negativos*, e ensinou quaes

Primeiro de tudo pois não esperemos haja de sahir ornada a oração, que primeiro não for *irreprehensivel*, (*a*) e irreprehensivel chama Cicero aquelle genero de discurso, que não tem nem mais, nem menos do que he decente. (*b*) Não, porque se não deva enfeitar, e polir a oração, (pois he esta tambem huma parte do Ornato) mas porque todo o excesso em qualquer cousa he vicio.

Assim quer elle que *nas expressões haja authoridade, e pezo, e que os pensamentos sejão, ou Philosophicos, ou populares, e accommodados ao senso commum, e costumes dos homens.* Porque só depois de salvas estas cousas, he que he permittido ao Orador servir-se daquelles Ornatos, com que o estilo se faz pintoresco; (*c*) taes, como *os termos escolhidos, as*

---

erão as palavras desornadas; assim aqui nas mesmas juntas considera primeiro o que he contrario ao Ornato, e depois as virtudes delle.

(*a*) A palavra latina *probabilis* significa duas cousas, *crivel*, e *louvavel.* Neste segundo sentido, he que se toma aqui. Porém não quer dizer ainda tanto como *laudabilis.* Nós louvamos o que he excellente, e approvamos o que não tem defeito. Por isso dizia Cicero escrevendo a Rufo: *Non solum probant, sed etiam laudant. Oratio probabilis* pois he o mesmo que *vitio carens, (irreprehensivel.)* Ora assim como os vicios moraes, assim os do estilo consistem, ou no excesso, ou no defeito, como logo veremos; que por isso o *provavel* he *aquillo, que não he nem mais, nem menos do que he justo.*

(*b*) He menos do que decente, quando tem vicios por defeito, quaes são os *Cacophatos*, as *Tapeinoses*, as Expressões *rombas*, *grosseiras* etc. as *Meioses*, as *Tautologuias*, e as *Omeologuias.* He mais do que he justo pelas *Auxeses*, *Macrologuias*, *Pleonasmos*, *Perierguias*, *Cacozelos*, *e Cenismos;* doze vicios contrarios ao ornado, que Quint. logo deduzirá quasi por esta mesma ordem.

(*c*) Cicero Part. VI faz cinco Ornatos communs ás palavras separadas, e juntas, a saber, *Clareza*, *Brevidade*, *Probabilidade*, *Evidencia*, e *Suavidade.* Depois, passando a explicar cada hum delles, diz assim da *Probabilidade: Probabile autem genus est orationis, si non nimis est comptum, atque expolitum; si est auctoritas et pondus in verbis; si sententiae, vel graves, vel aptae opinionibus hominum, et moribus.* E continúa immediatamente: *Ilustris autem erit oratio, si et verba gravitate delecta ponuntur, et translata, et superlata, et ad nomen adjuncta, et duplicata, et idem significantia, atque ab ipsa actione, atque imitatione rerum non abhorrentia.*

Quint. refundindo, e explicando toda esta doutrina de Cicero,

metaphoras, *as hyperboles*, *os epithetos*, *as palavras compostas*, *as synonymas*, *e as energicas.* (*a*)

Cacophaton, *I. vicio do Ornato.*

§. III. Já que pois principiámos por mostrar os vicios do Ornato, seja o 1. aquelle, a que os Gregos chamão *Cacophaton*, (*b*) em que se cahe, empregando huma expressão, que, ou a malicia dos homens costuma torcer do seu verdadeiro sentido para o obsceno, (*c*) ou que a juntura das palavras faz mal soante, ...

---

pertende mostrar, que o Ornato propriamente dito suppõe como baze no discurso a sua Probabilidade. Ora tres cousas requer a Probabilidade: 1. a izenção de todo o vicio contra o ornato, ou seja por excesso, ou por defeito: 2. que as palavras, e expressoens sejão authorizadas pelo uso da lingua, e significantes: 3. que os pensamentos tenhão a verdade, ou absoluta, que consiste na conformidade delles com a natureza dos objectos; ou a relativa, que consiste na conformidade dos mesmos com as idéas, e costumes dos homens, com quem fallamos.

Sobre a Expressão correcta, pura, e clara, e sobre os pensamentos ou verdadeiros, ou provaveis he que podem então cair os Ornatos, que fazem a expressão mais luminosa, e pintoresca, que he o que quer dizer *illustris*, como o mesmo Cicero logo explica: *Est enim haec pars orationis, quae rem constituat pene ante oculos. Is enim maxime sensus attingitur; sed ceteri tamen, et maxime mens ipsa moveri potest.* Na verdade o exprimir-se qualquer sem defeito já he muito; mas na Eloquencia, e Poezia he necessario fazer mais. He necessario dar á Expressão huma força esthetica (de sentimento), aquella justamente, que convém á materia. Geralmente fallando, a força esthetica he de tres especies. Huma obra sobre a *Imaginação*, outra sobre o *Coração*, e outra sobre o *Entendimento*. A Imaginação gosta das expressoens pintorescas, das imagens fortes, e graciosas. O Coração deixa-se tocar pelas expressoens, em que entrão os sentimentos, ou fortes, e patheticos, ou ternos, e doces Em fim tudo, o que em hum gráo eminente he verdadeiro, justo, luminoso, novo, natural, fino, e delicado, dá á expressão huma força esthetica, que affecta o entendimento, e fere o espirito. Nestas tres especies geraes se incluem todos os Ornatos, de que Quint. hade tratar logo Art. IV. e nos Capitulos seguintes V. VI. e VII.

(*a*) V. o que a respeito da *Energia* se diz Cap. V. Art. I. §. 2. e Cap. VII. Art. I. §. 3. in fin., e not.

(*b*) De *κακὸν male*, e *φάτον dictum*.

(*c*) O *Cacophato* he de tres modos. O 1. quando de huma expressão honesta se abusa para hum sentido obsceno, e chama-se αἰσχρολογία.

(*a*) ou em que a divisão tambem faz a mesma injuria ao pudôr, como se alguem dividisse a palavra *intercapedo*. . . . (*b*)

Tapeinosis, *II*, *vicio do Ornato*.

2. A este vicio do Cacophaton he mui vizinho o da *Baixeza*, a que os Gregos chamão *Tapeinosis*, (*c*) com que se diminue a grandeza, ou dignidade da cousa. Tal he a expressão: *Verruga de pedra* pelo alto do monte. (*d*)

Auxesis, *III*, *vicio do Ornato*.

3. Contrario a este na natureza, mas igual no erro he o vicio de dar a cousas pequenas nomes excessivos; (*e*) só se com isto queremos de proposito

---

(*a*) O 2. modo he o κακοσυνθέτον, quando na expressão se ajuntão duas palavras de tal modo, que do fim da primeira, e do principio da segunda se fórma casualmente na pronunciação hum nome mal soante, como em *Dorica castra*, *Caeca caligine*.

(*b*) O 3. modo he, quando huma palavra composta se divide, ou pela pronunciação, ou pela escriptura em duas, das quaes huma he sordida, como as palavras *Intercapedo*, e *Divisio*' que desmembradas deste modo *Interca-pedo*, *Di-visio* dão os dois verbos sordidos *pedo*, e *visio*. Quint. dizendo: *sed divisio quoque*, tomou a palavra *divisio* formalmente, para dar a regra, e materialmente para com a mesma dar o exemplo.

(*c*) Ταπείνωσις de ταπεινός, *humilis*, baixo.

(*d*) Leio: *ut* Saxea *est* Verruca *pro summo montis vertice*, substituindo a preposição *pro* em lugar de *in*, segundo a conjectura de *Regio*. Que quer dizer *Verruga* no cimo do monte, quando o que Quint. quer mostrar aqui he a desproporção da verruga com hum monte? Os lugares citados de Catão não contém mais que *Verruca* pelo monte, e Quint. VIII. 6. 15, onde cita esta mesma metaphora, não faz menção senão de *Saxea Verruca*. Isto quanto á lição. Agora, pelo que respeita á expressão, era esta huma metaphora tirada das verrugas, que sahem sobre a pelle, da qual se servia frequentemente Catão, que, segundo Gellio III. 7. costumava chamar *Verrucam, locum editum asperumque*, como neste lugar das suas *Origens*, citado por *Nonio* Cap. II. n. 909. *Maturum censeo, si rem servare vis. faciundum; ut quadringentos aliquos milites ad* verrucam *illam ire jubeas*, *eamque*, *uti occupent*, *imperes horterisque*. Vossio Inst. Or. IV. 6. 9. defende a metaphora como muito similhante, e aliás relevada da baixeza pelo epitheto *Saxea*, como o *gurges vastus* de Virg. En. I. 118. Porém o epitheto *Saxea* aqui qualifica só, e não amplifica.

(*e*) Este vicio póde-se chamar *Auxesis*.

fazer rir. (*a*) Por esta razão nem deverás dar o epitheto de *ruim* a hum parricida, nem o de *malvado* a hum homem dado ás meretrizes: porque o primeiro he diminuto, e o segundo excessivo. (*b*)

Expressões Desordenadas, *IV. vicio do Ornato.*

4. Ha álem destes outros vicios, como o das *Expressões Rombas*, *Grosseiras*, *Secas*, e as *Tristes*, *Insipidas*, e *Deleixadas*: os quaes vicios se dão a conhecer facilmente, contrapondo-os ás virtudes contrarias. Pois as primeiras são contrarias ás expressões *Finas*, as segundas ás *Polidas*, as terceiras ás *Ricas*, (*c*)

(*a*) Quint. VI. 3. 67. entre os lugares do Ridiculo conta o que faz καθ' ὑπερβολὴν por exaggeração. Quasi toda a graça da *Batrachomyomachia* de Homero provém daqui, como tambem a do lugar das Abelhas em Virg. Georg. IV., do *Hudibras* dos Inglezes, da *Reinecke* dos Alemães, do *Bucle enlevée* de Pope, do *Lutrin* de Boileau, da *Secchia rapita* de Tassoni, e de outros poemas Heroico-Comicos deste genero, que em acçoens pequenas usão do estilo grande.

(*b*) *Nequam*, segundo Festo Pompeo, he *qui ne tanti quidem est*, quam *quod habetur minimi*, ou, como diz Varrão de ling. Lat. IX., he composto de *ne*, e *quicquam*, e tirada a syllaba do meio, *nequam*, hum ninguem. He pois diminuto para hum parricida. O epitheto *nefarius* he excessivo, porque significa hum scelerado, impio, do qual *ne fari quidem licet*.

(*c*) Expressoens *finas*, *agudas*, *espirituosas* são as que com brevidade, e rapidez aprehendem, e presentão as idêas, para as quaes o estilo tardo, obtuso, e pezado gastaria muitas oraçoens. O que Cesar disse engenhosamente (*pro Marcello*) *satis se naturae vixisse, vel gloriae*, hum espirito obtuso exprimiria lentamente, dizendo: *Que em huma idade avançada, já não poderia viver muitos annos, nem fazer mais, e maiores acçoens, que lhe accrescentassem a gloria das passadas.* 2. Expressoens *Polidas* são aquellas, de que se servem os homens civilizados para explicar com nobreza as cousas triviaes, ou com decencia as pouco honestas, e desagradaveis. A *ad requisita naturae* de Sallustio he deste genero; seria porém sordida, e grosseira se se exprimisse com os termos proprios. 3. *Ricas* são as expressoens, que não só tem as palavras precisas para a ennunciação clara do pensamento, mas tambem as que o são para satisfazer a imaginação, e o ouvido. *Secas* são as descarnadas, que tem só os termos méramente necessarios á proposição logica. O que hum Orador magro diria secamente: *As tuas façanhas, ó Cesar, não se podem explicar*, disse Cicero *pro Marcello* com copia, e ornato: *Nullius est tantum flumen ingenii*, etc.

e as outras ás *Alegres*, *Agradaveis*, e *Apuradas.* (*a*)

Meiosis, *V. vicio do Ornato.*

5. Deve-se tambem evitar a *Meiosis*, (*b*) quando na phrase falta alguma palavra, de sorte que fica incompleta; bem que este he hum vicio mais da expressão escura que da desornada. Isto não obstante, quando esta subtracção he feita por quem sabe, tem o nome de Figura, (*c*) assim como a *Tautologuia.*

Tautologuia, *VI. vicio do Ornato.*

6. A *Tautologuia*, digo, (*d*) isto he, a repetição da mesma palavra, ou da mesma oração; pois similhantes repetições podem algumas vezes parecer vi-

---

(*a*) Expressoens *alegres* são as jocosas, e as *tristes* as serias, e graves. Cada huma tem o seu lugar. *Et sermone opus est modo tristi, saepe jocoso*, diz Horacio Sat. I. 10. 11. Quem em hum assumpto funebre, atroz, lastimoso, se servisse de ditos galantes, expressoens brincadas, e figuras symmetricas cahiria no mesmo absurdo, que aquelle, que em huma materia leve, e ridicula tomasse hum tom grave, e severo; *Tristia moestum vultum verba decent . . ludentem lasciva.* O estilo Comico, e Tragico não se devem confundir. 2. As expressoens *agradaveis* são as que ferem a imaginação pela sua novidade, graça, e amenidade. As *insipidas*, e desengraçadas, as que são destituidas dos ornatos, que o objecto mesmo offerece. *A morte chega a todos* he huma expressão trivial; com graça disse Horacio Od. I. 4. 13. *Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas, - Regumque turres..* . As expressoens agradaveis tem differença das ricas, em que nestas attende-se mais ao numero das palavras, e em aquellas á qualidade das mesmas. 3. Se as palavras, á proporção que vão occorrendo, se forem assim pondo na expressão sem escolha, nem ordem, nem harmonia; cahe-se no estilo negligente, qual he o deste exemplo da Rhet. a Herenn. IV. 2. *Nam isthic ille ad balneas accessit; ad hunc postea dicit: hic tuus servus me pulsavit. Postea dicit hic illi: considerabo. Post ille huic convicium fecit et magis magisque praesentibus multis clamavit.* Hum escriptor apurado trabalharia a expressão de outro modo.

(*b*) Do Comparativo μείων ονος, *minor* vem μείωσις *diminuição, subtracção.*

(*c*) Chamada *Ellipse*, das quaes estão cheias todas as linguas, quando para fazer a expressão mais curta, e viva, lhe tiramos alguma parte da oração, que pelas outras, e pelo uso facilmente se suppre. Vej. adiante Cap. IX. Art. II. §. 1.

(*d*) De ταυτό *idem*, e λόγος *sermo.*

ciosas, não obstante grandes authores não se terem acautelado muito dellas, e Cicero mesmo descuidado de huma observação tão miuda cahir ás vezes nellas, como neste lugar: *Não foi pois aquella sentença similhante a huma sentença legitima, ó Juizes, não foi:* (*a*) Outras vezes porém, mudando de nome, se chamão *Epanalepses*, contadas entre as Figuras, de que darei exemplos no lugar dellas. (*b*)

Omeologuia, *VII. vicio do Ornato.*

7. Peor que este vicio he o da *Omeologuia*, (*c*) que, não dando á expressão variedade alguma, com que allivie o tédio; antes fazendo-a toda da mesma côr, e uniforme, he de todos os vicios o em que se mostra mais falta de arte, e o que pela monotonia das mesmas expressoens, das mesmas figuras, e collocação seguida, se faz o mais enfadonho não só ao espirito, mas ainda ao mesmo ouvido. (*d*)

(*a*) Na oração *pro Cluentio* Cap. 35. onde as melhores ediçoens lêm constantemente: *Non fuit igitur illud judicium judicii simile, judices, non fuit.* Segui esta lição na traducção, e não a vulgata. *Non solum igitur*, etc. Nem a pontuação, que dei a este texto, e que he a mesma de Sylvio, e Grevio tirão a Tautologuia, que não está na repetição de *judicium*, *judicii*, *judices*, como parece a Gesnero. Antes esta repetição he huma elegancia no Latim. A Tautologuia está na repetição desnecessaria do *non fuit* no principio, e fim da fraze. Porque a similhantes repetiçoens, quando são necessarias, e dão graça á expressão, he que Quint. com todos os Rhetoricos chama ἐπαναλήψεις, como neste exemplo de Virg. Eclog. 7. *Ambo florentes aetatibus*, *Arcades ambo.*

(*b*) Adiante Cap. IX. Art. I.

(*c*) Ὁμοιολογία *sermo sui similis, de* ὅμοιος *similis, e* λόγος *sermo.*

(*d*) A Monotonia em tudo he fastidiosa. Porque cança as mesmas fibras do ouvido, e do cérebro pela uniformidade das impressoens. Mas onde esta monotonia se faz mais sensivel, he no uso dos mesmos conceitos, figuras, e collocação. Os paineis dos pensamentos devem-se variar. Se elles pois são todos fundidos pela mesma fórma de conceito; se a figura exterior da expressão he a mesma; e a construcção das palavras, a medida das oraçoens, e as cadencias dos periodos uniformes: a orelha, [illegible] destas cousas, se agonia, e o espirito se enfada. Todos estes sete vicios antecedentes, menos a *Auxesis*, peccão contra o Ornato por defeito, ou de decencia, como o *Cacophaton*;

Macrologuia, *VIII. vicio do Ornato.*

8. Tambem se deve fugir da *Macrologuia*, (*a*) isto he, das expressoens mais prolixas do que he necessario, como a de T. Livio: *Os Enviados, não tendo alcançado a paz, voltárão para traz, para casa, donde tinhão vindo.* (*b*) A *Periphrase* com tudo vizinha deste vicio he contada entre os ornatos.

Pleonasmo, *IX. vicio do Ornato.*

9. O *Pleonasmo* (*c*) tambem he hum vicio, quando a expressão se carrega de palavras superfluas, como: *Eu vi com os meus olhos.* Porque basta dizer: *Vi.* Hircio tendo dito na Declamação, que fez contra Pansa: *Que hum filho tinha sido trazido dez mezes no ventre por sua mãi;* Cicero lhe corrigio o pleonasmo com galantaria, dizendo: *Que? as outras mãis costumão-nos trazer na capa?* (*d*)

---

ou de proporção, como a *Tapeinosis;* ou de ornato, como as expressoens *Rombas, Grosseiras, Secas, Tristes, Insipidas*, e *Deleixadas;* ou de complemento da phrase, como a *Meiosis;* ou em fim de variedade, como a *Tautologuia*, e *Omeologuia.*

(*a*) Μακρολογία *longus sermo*, de μακρός *longus*, e λόγος *sermo.*

(*b*) Bastava dizer: *Legati, non impetrata pace, abierunt.* Os accessorios pois *retro*, *domum*, e *unde venerant* erão desnecessarios. Se pois as idêas accessorias, e circunstancias miudas, pelas quaes as Periphrases nos approximão os objectos, e os caracterizão, são escolhidas com discernimento, de sorte que não só convenhão á cousa, que se explica, mas tambem ao fim, que o Orador se propõe: estas não fazem o discurso longo, e chamão-se *Periphrases.* Se pelo contrario convêm á cousa, mas não ao fim da expressão, são *Macrologuias*, e prolixidades. A *Macrologuia* pois consiste na má escolha dos accessorios, para repetir o mesmo pensamento de differentes modos; e o *Pleonasmo* na repetição inutil de huma idêa já bastantemente indicada por alguma palavra antecedente, ou pelas circunstancias. A *Perissologuia* comprehende ambos estes vicios. Virg. talvez cahio na macrologuia, quando disse: *Quem si fata virum servant, si vescitur aura-Aetherea, nec adhuc crudelibus occubat umbris.*

(*c*) Πλεονάσμος *redundancia*, de πλεονάζω *redundo*, e este de πλέον ονος, *plus.*

(*d*) Cicero já velho ensinava particularmente, e dirigia como mestre nos estudos da Eloquencia alguns mancebos nobres, entre os quaes se distinguirão os tres, Hircio, Pansa, e Dola-

Com tudo esta especie de Pleonasmos, (*a*) de que primeiro dei exemplo, ás vezes se emprega para o fim de asseverar mais a cousa.

E a voz co' estes ouvidos percebi. (*b*)

Será pois vicio o Pleonasmo, quando as palavras forem inuteis, e superfluas, e não quando se accrescentarem para dar força á expressão.

Perierguia, *X. vicio do Ornato.*

10. Tambem a *Perierguia*, isto he, a *apuração* (para assim dizer) *demaziada* na expressão (*c*) he hum

---

bella. V. Quint. XII. 11. 6, e Cic. ad Famil. IX. 16. Em huma Declamação pois, ou oração de exercicio, que Hircio tinha feito contra Pansa, lhe tinha escapado este pleonasmo, que Cicero como mestre corrigio. Alguns criticos julgão que, ainda contra a fé dos Mss., seria melhor em lugar de *Penula*, que não era propria das mulheres, e tem pouca similhança com o ventre, lêr *Perula (algibeira)*. Quanto ao mais os muitos lugares dos AA. classicos Latinos, e Gregos, que accumulou Burmanno, para mostrar que a expressão *ferre, habere, concipere in utero* he usual; fazem parecer que a critica de Cicero foi hum pouco excessiva. Com tudo as palavras *decem mensibus latum* parecem fazer escusada a de *in utero*, já assás subentendida nas primeiras, e os lugares produzidos por Burmanno, álem da maior parte ser de Poetas, não contém a circunstancia dos mezes.

(*a*) Isto he, tirados dos sentidos. Porque como o testemunho destes he muitas vezes fallivel, a repetição da mesma idêa serve a asseverar, que não nos enganámos no que observámos. Neste caso as palavras accrescentadas não são superfluas, porque accrescentão novas modificaçoens á primeira idèa. *Vidi, ipse, ante oculos. Quot verba, totidem sunt affectus.* diz Quint. IX. 3. 46.

(*b*) Virg. Eneid. IV. 359.

(*c*) Περιεργία, da proposição περὶ, que significa muitas vezes *superfluidade, demazia*, e de ἔργον *opus*. Quint. por falta de termo latino dirivou de *operosus* o substantivo *operositas*, pedindo para isso licença, *supervacua operositas.* Consiste este vicio no demaziado cuidado, e escrupulosidade assim na escolha das palavras, como na composição, emenda, e polimento das obras; pela qual, á força de limar, e apurar a expressão, se lhe tira a força, e os espiritos, que tinhão do Genio, e da primeira invenção, como diz Horac. *Poet.* 26.

. . . . sectantem levia
Nervi deficiunt, animique. . . .

Os Gregos chamão a similhantes homens κακιζοτέχνους, (*artis suae calumniatores*). A expressão, á força de se aperfeiçoar, passa de natural a exquisita. V. Quint. X. 4., e atraz pag. 14.

vicio de excesso, como a *Curiosidade* o he do justo cuidado, e a *Superstição* da Religião. Em fim para dizer tudo de huma vez, *Toda a palavra, e expressão, que não contribue, ou á clareza, ou ao ornato do pensamento, póde-se chamar viciosa.* (*a*)

Cacozelon, *XI. vicio do Ornato.*

11. O *Cacozelon*, (*b*) ou imitação infeliz, he hum vicio transcendente a todo o genero de expressão. Porque as *expressoens inchadas*, as *aridas*, as *muito brincadas*, as *redundantes*, as *puxadas*, *e violentas*, as de *huma composição molle*, *e effeminada*, *que imita as danças obscenas*, todas são cacozelas. Em huma palavra, toda a expressão que passa os limites do verdadeiro ornato, e em que o Genio, destituido do juizo, e verdadeiro gosto, se deixa enganar do bello apparente he *Cacozelon*, (*c*) vicio o

---

(*a*) Eis aqui a regra mestra para discernir o vicio da virtude. As palavras forão feitas, ou para exprimir os pensamentos, a fim de instruir, e convencer; ou para os fortificar, a fim de mover; ou para os embellecer, a fim de deleitar, e attrahir. Toda a palavra pois, e expressão, que não conseguir hum destes tres fins, he viciosa.

(*b*) Κακόζηλον de κάκος *malus*, e ζῆλος *aemulatio, imitatio, affectatio.*

(*c*) *Cacozelon* pois he huma imitação viciosa, e consiste em tudo o que degenera para os extremos do verdadeiro Ornato *(quidquid est ultra virtutem)*, quando o Genio sem discernir os limites, dentro dos quaes se contém o Bello verdadeiro, corre atraz do falso, e apparente, cuidando he o verdadeiro *(quoties ingenium judicio caret, et specie boni fallitur)*. Do que se vê, que este vicio comprehende todos os do estilo affectado, qualquer que elle seja. Quer, por ex., hum Orador ser grande, e sublime? Muitas vezes por falta de moderação, e por indiscrição cahe no estilo *Inchado*, que he hum sublime falso *(tumida)*. Outras vezes temendo os precipicios do sublime, apega-se a hum estilo simples, e chão, e vem a recahir no *Baixo*, e *Seco (exilia)*. Querendo evitar este vicio, affecta elle hum estilo muito brincado pelas flores, e ornatos miudos da Elocução, como tropos, descripçoens, e figuras artificiosas? Degenera facilmente no estilo *Pueril (praedulcia)*. Vej. Quint. II. 5. 22. Affecta riqueza de ornatos, e abundancia de expressão? Cahe no estilo verboso, e *Asiatico (abundantia)*. Se quer affectar hum estilo novo, e extraordinario, cahe nas expressoens exquisitas, arrastradas, e fóra do natural *(arcessita)*. Em fim querendo dar ao seu discurso huma collocação

peor de todos na Eloquencia; porque dos mais, foge-se; este procura-se. Elle consiste todo na expressão. (a) Pois os defeitos dos pensamentos são serem *Stultos*, *Communs*, *Contradictorios*, e *Futeis*: O *Cacozelon* porém está principalmente nas expressoens *ineptas*, *redundantes*, na *phrase escura*, na *collocação molle*, e *effeminada*, e na *affectação pueril de consoantes*, e *equivocos* ... (b)

Cenismo, *XII. vicio do Ornato.*

12. Chama-se tambem *Cenismo*, (c) a Oração feita da mistura de varias linguas, como se, por ex., misturares no mesmo discurso os Dialectos *Attico*, *Dorico*, *Jonico*, e *Eolico*. (d) Em similhante vicio cahirá entre

---

suave, e harmoniosa, passa os limites, e dá-lha molle, e effeminada, similhante á marcha, e compasso das danças lascivas *(exultantia)*. Vej. as descripçoens, e exemplos destes vicios do estilo affectado, e corrupto no Cap. ult. Art. III. Em huma palavra, o mesmo fugir de hum vicio nos faz cahir em outro, senão ha huma arte, que nos dirija. *In vitium ducit culpae fuga, si caret Arte*, Horac. *Poet.* 32, onde tambem assigna os vicios ordinarios do Cacozelon, e as suas causas desde o v. 25. *Maxima pars vatum*, etc.

(a) Mr. Gibert. *Jug. des Scavans*, Tom. I. pag. 404 acha razão ao P. Bouhours, *Man. de bien penser*, p. 312, e este a Udeno Nisicles, que nos seus Progymnasmas Poeticos diz ser isto falso: porque a affectação consiste tambem nos conceitos. Mas nós veremos logo Art. V., que os conceitos são o segundo gráo da Elocução ornada, e pertencem a esta, e não á Invenção. Vej. tambem adiante Cap. VI. in princ.

(b) Expressoens ineptas, e pedantescas *(impropria)* são as que, sendo em si boas, se fazem viciosas por serem mal applicadas ao assumpto, lugar, e pessoas, a que se devião accommodar. As redundantes pertencem ao estilo Asiatico. As escuras nascem da affectação, ou do estilo verboso, ou do conciso. Vej. supr. Cap. III. Art. II. n. 6. e 8. A collocação molle *(fracta)* pertence ao estilo *exultans*, e os consoantes, e equivocos ao *Pueril*, de que fallou acima.

(c) Κοινισμὸς de κοινὸς *communis*, porque communica, e mistura todas as linguagens. Deste vicio censura Horacio Sat. X. 10. 20. ao Poeta Lucilio:

At magnum fecit, quod verbis Graeca Latinis
Miscuit.

(d) Homero fez isto, assim pela liberdade Poetica, como porque os seus poemas divididos em Rapsodias erão cantados em

nós aquelle, que misturar na mesma oração expressoens *sublimes* com *baixas*, *antigas* com *novas*, e *poeticas* com *vulgares*. (a) He isto hum monstro similhante ao que finge Horacio na primeira parte do seu tratado da *Arte Poetica:*

Se hum pintor á cabeça humana unisse
Pescoço de cavallo, etc. . . . .

e lhe ajuntasse os mais membros de differentes naturezas.

ARTIGO V.

Das Pinturas, primeiro gráo do Ornato junto.

Que cousa seja Ornato, *e suas especies.*

ORnato he tudo aquillo, que se accrescenta á Oração *clara*, e *irreprehensivel*. (a) Os seus primeiros

---

todos os cantoens, e colonias Gregas. A hum Orador não seria isto permittido.

(a) Este pois he o estilo *Miscellaneo*, e desigual, em que hum escriptor já toma o Cothurno Tragico, já desce ao Socco Comico; humas vezes parece doce, e corrente, outras aspero, e duro; aqui se vêm bocados de versos, acolá palavras Gregas, e peregrinas. Já falla como Cicero, Cesar, e Livio, já como Apuleio, e Apicio. As idades, os estilos se vêm confundidos no seu discurso; palavras de Ennio, e Plauto com as de Cicero; novas com antigas, sublimes com baixas, poeticas com vulgares. *Monstrum horrendum, informe, ingens.* Succede isto aos imitadores servís, e plagiarios, que julgão imitar, fazendo centoens de remendos de differentes castas, e usão indiscretamente dos apparatos de Eloquencia, e Poezia, que só podem servir de subsidio a homens exercitados, e judiciosos.

(b) He esta huma idêa a mais exacta, que se podia dar do Ornato. O estilo póde ser *Claro*, e *Irreprehensivel*, isto he, isento dos vicios contra o Ornato; e com tudo não ser ornado. O não ser escuro, o não ser vicioso, e desornado são qualidades negativas, necessarias, e indispensaveis a toda a linguagem. Ellas constituem o estilo simples, e tenue, que não requer ornatos propriamente ditos, como o Mediocre, e Sublime. *Magis extra vitia, quam cum virtutibus.* Tudo aquillo pois, que accrescenta mais *luz*, *força*, e *graça* á ennunciação já clara, e correcta das nossas idêas, he Ornato, *(quod perspicuo, ac probabili plus est.)*

Nós consideramos os ornatos da oração relativamente aos

dois gráos são as *Pinturas*, e os *Conceitos*, e o terceiro, que faz mais luminosos estes dois, he o que nós chamamos propriamente *Adorno*. (*a*)

---

do corpo humano. Ora estes, ou consistem na izenção de todo o vicio, e deformidade, e chamão-se em latim *Elegantiae*, *Munditiae*; ou na configuração natural, e bella das partes do corpo, e chama-se *Ornatus*; ou no adorno artificial, com que revestimos, e enfeitamos a formosura natural, e chama-se *Cultus*. T. Livio XXXIV. 7. distinguio no *Mundo mulheril* estas tres especies de bellezas. *Munditiae, et Ornatus, et Cultus, haec foeminarum insignia sunt, his gaudent et gloriantur, hunc mundum muliebrem appellarunt majores nostri.* Nós veremos que Quint. faz a mesma distincção nos ornatos do discurso.

(*a*) Este lugar tem sido até agora hum enigma indecifrado. Na desesperação de o poder interpretar, como elle he, os Criticos tomárão o seu expediente ordinario de o darem por corrupto, e fazerem lhe as costumadas torturas, para o trazerem ao seu sentido. Rollin emenda a ordem deste modo: *In concipiendo, exprimendoque*, conceber os pensamentos, e exprimil-os. Como se isto não fosse commum ainda ao estilo simples, e sem ornato. Gesnero o desfigura inteiramente sem razão, nem authoridade. Vejamos se lhe posso dar melhor luz.

Depois da oração clara, e livre de vicios, Quint. distingue claramente tres especies de Ornato, a que chama *gráos*, porque dos primeiros devemos subir ao terceiro, e faz-se salto, quando procuramos este sem precederem aquelles. Os primeiros dois gráos, e principaes consistem na belleza natural dos pensamentos, que, ou tem por prototypo a natureza, imitando-a, e pintando-a; ou que, não tendo prototypo, são filhos do Genio, e fructo da invenção. Taes são:

I. As *Pinturas (exprimere quod velis)*; o que fazem 1. A *Enargueia*, a qual, como logo n. 62. diz Quint. *Exprimit, et oculis mentis ostendit.* 2. As *Similhanças*, *ad exprimendam rerum imaginem compositae*, como o mesmo diz n. 72. 3. As *Parabolas*, as quaes *rem utramque, quam comparant, veluti subjiciunt oculis, et pariter ostendunt.* ibid. 79. 4. As *Imagens* (εἰκόνες), ou similhanças symbolicas. ibid. 81. 5. As *Pinturas Concisas*, e de bosquejo, as quaes *rem non solum aperte ponunt ante oculos, sed etiam circumcise, atque velociter.* ibid. 6. As *Emphases*, *etc.*

II. Os *Conceitos (concipere quod velis)*, isto he, aquelles pensamentos, que por certa fórma, com que são concebidos (pois isto he o que quer dizer *concipere*) são mais bellos, ou porque são mais fortes, ou porque tem mais graça. Pois os pensamentos só considerados por este lado he que são do foro da Elocução. Vej. logo Cap. V. *in princ.* Dos primeiros trata Quint. no Cap. da *Amplificação*, que elle conta expressamente no Ornato, dizendo VIII. §. 86: *Sed sunt multi, ac varii excolendae orationis modi.* Dos segundos no Cap. das *Sentenças*, das quaes diz logo no principio: *Nec omittamus eum, quem plerique praecipuum, ac pene*

Enargueias, I. Especie de Pintura.

§. I. Por tanto como a *Enargueia*, (*a*) chamada *Evidencia*, ou, como outros dizem, *Representação*, da qual fiz menção nos preceitos da Narração, (*b*) accrescenta alguma cousa á clareza; (pois esta faz tão sómente entender as cousas, aquella porém presenta-as em certo modo á vista) contemol-a já entre os Ornatos da oração. (*c*) Com effeito he hum grande

---

solum putant orationis ornatum. Ambos estes ornatos se podem fazer com as palavras proprias, porque a sua belleza he natural, e depende mais do desenho, e fórma interior do conceito, que das côres, como se póde ver em quasi todos os exemplos, que Quint. traz das Pinturas, e Conceitos.

III. O *Adorno* exterior, chamado propriamente *Cultus*, com que revestimos, trajamos, e coloramos estas pinturas, e conceitos para os realçar, e fazer mais luminosos. Taes são os Tropos, as Figuras, e a Collocação, de que Quint. trata depois; ornato differente dos dois antecedentes, como o mesmo Quint. VIII 4. 29. adverte fallando dos Tropos: *Quos continuo subjicerem, nisi esset a ceteris separata ratio dicendi, quae constat non propriis, sed translatis.* As Pinturas são huns retratos, huns desenhos segundo a natureza. Os conceitos são huns desenhos de idêa, com que representamos os paineis differentes dos nossos pensamentos. Os Adornos são as côres, com que illuminamos aquelles desenhos, *quasi quasdam adumbratas intelligentias.* Cic. I. de Leg. A palavra *Cultus* significa no sentido proprio o vestido, e traje. Vej. Quint. VIII. Prol. 20. e XI. 3. 137, e daqui a transfere Quint para as palavras, expressoens, e estilo, com que trajamos os pensamentos, que são como o corpo da oração Esta mesma distincção do Ornato natural, e artificial chamado *Cultus*, se póde ver nos Proleg. Art. III. §. 1.

Do que acabamos de dizer se vê ser errada assim a interpretação de Rollin, que entende aqui o *exprimere*, e *concipere* no mesmo sentido. que o *concipere elocutionem*, e *afferre* do Art. III. §. 1. como a de Capperonnier, e Gesnero, que fizerão do *Claro*, e *Provavel* os primeiros dois gráos de ornato, quando este suppõe antes a oração já clara, e livre de vicios; pois que he alguma cousa mais que o Claro, e Provavel. Quem disse já mais, que hum estilo só claro, e correcto fosse ornado? Vej. logo o §. 1.

(*a*) Ἐνάργεια *evidentia* de ἐναργής *evidens*, que se não deve confundir com a ἐνέργεια, da qual fallaremos logo Cap. V. Art. I. §. 2.

(*b*) Liv. IV. Cap. II. n. 36.

(*c*) Como se dissesse: Ornato he tudo o que accrescenta alguma virtude á oração clara, e irreprehensivel. Ora a Enargueia accrescenta alguma virtude á oração clara; porque não só faz entender,

ornato ó pintar os objectos, de que fallamos, com tal viveza, que parecem estar-se vendo. Pois hum discurso, que não passa do ouvido, e que narra simplesmente as cousas, de que o Juiz toma conhecimento, não faz tanta impressão, nem se apodéra plenamente dos coraçoens, como o que pinta os objectos, e os põe presentes aos olhos do espirito. (*a*)

Mas como estas *Enargueias* se costumão tomar de muitos modos; eu não as dividirei em todas as especies miudas, que alguns tem multiplicado demaziadamente: (*b*) tocarei só as mais necessarias.

Primeira especie de Enargueia.

1. Ha pois huma especie, em que se pinta, para assim dizer, com palavras a imagem do objecto toda junta em hum quadro. (*c*)

---

mas ver. Logo a Enargueia he hum ornato. E daqui se vê novamente o erro dos que fizerão do *Claro*, e *Provavel* dois gráos do ornato.

(*a*) No Tom. I. Liv. II. Cap. XIII. Art. III. §. 3. e 5. not. mostrámos que a *Representação* era hum dos meios proprios a mover as paixoens.

(*b*) As Enargueias podem-se multiplicar até o infinito, segundo os objectos, que se pintão. Os Rhetoricos distinguem ordinariamente seis especies, a *Chronographia*, ou descripção do tempo, a *Topographia*, ou descripção de hum lugar, a *Prosopographia*, ou descripção da figura de hum homem, a *Ethopeia*, ou descripção do caracter moral do homem, *Anthropographia*, ou Retrato, e descripção da figura exterior, e caracter interior do homem, e a *Hypotyposis*, ou descripção de qualquer acção, ou objecto. Mas he necessario confessar, que nenhuma destas pinturas varía de especie. A descripção he a mesma, os objectos he que são differentes. Melhor faz Quint. em assignar as differentes especies de Enargueia, segundo o differente modo de pintar.

(*c*) As pinturas, quer se fação com as palavras, quer com o pincel, he o mesmo. Ora a pintura, ou he composta só de hum quadro, quando a acção, que se representa, foi feita no mesmo lugar, em hum momento, e pelos mesmos actores: ou he composta de varios quadros successivos, quando a acção he feita por differentes actores, em differentes momentos, e lugares. A primeira especie he como hum painel fixo, em que se vê tudo quasi ao mesmo tempo. A segunda he como hum espelho, que nos representa varias prospectivas, que se succedem. A pri-

Nos bicos dos pés logo levantados
Para o combate hum, e outro se pozérão.

E todo este lugar de Virgilio, (*a*) que de tal sorte nos pinta a imagem dos dois Pugís combatendo, que não seria mais clara para quem os visse. (*b*) Cicero he eminentissimo neste genero de Ornato, como em todos os mais. Por ventura ha homem tão desprovido de phantazia, que lendo aquelle lugar contra Verres, (*c*) *Estava em chinelas o Pretor do Povo Romano, com huma capa de purpura, e tunica talar, encostado a huma mulherinha na praia*, (*d*) não lhe pareça estar

---

meira he hum Grupo, ou figuraria de huma, ou muitas imagens, ligadas não só pela unidade da acção, mas ainda do lugar. A segunda contém muitos Grupos separados pelo lugar, ou pelo tempo, e só ligados pela unidade da acção geral. Aquella he huma Enargueia, ou pintura *total (imago tota).* Esta huma Descripção, huma pintura *individual (ex pluribus facies).* Assim julguei devia entender Quint. para salvar a escolha, que o mesmo fez dos exemplos das pinturas totaes. Tanto o de Virgilio, como o de Cicero tem partes, e differentes situaçoens; e só se podem dizer totaes por constarem de hum só quadro, e lugar. Pelo contrario a descripção do festim, e da tomada de huma cidade offerecem differentes quadros, e lugares.

De outro modo se podem figurar estas duas especies de Pinturas. A primeira he huma pintura geral, summaria, e confusa, feita em huma, ou poucas palavras. A segunda huma pintura particular, circunstanciada, e distincta, feita mais extensamente por todas as suas partes. *Nunc seges, ubi Troia fuit* he huma pintura geral da ruina de Troia, que Virgilio descreve miudamente no II. da Eneida. Os exemplos de *expugnatio*, *eversio*, que Quint. contrapõe á descripção de huma cidade saqueada, parecem favorecer esta segunda interpretação.

(*a*) En. V. desde v. 426 até 450, em que Virgilio pinta o combate do *Césto*, ou punho armado entre os dois pugís, Entello, e Dares. V. Ex. III.

(*b*) A regra ordinaria he que *Segnius irritant animos demissa per aurem, - Quam quae sunt oculis subjecta fidelibus*, e que as impressoens sobre os olhos são de ordinario mais vivas, que as que as narraçoens, e pinturas oratorias e poeticas fazem sobre o ouvido. Com tudo póde succeder, que estas cheguem a hum tal ponto de clareza, que equivalhão ás sensaçoens mesmas. Vej. o que a este respeito dissemos na nota ao §. V. do Art. III. Cap. XIII. do Liv. II.

(*c*) Verr. V. Cap. 33.

(*d*) No Latim está: *Soleatus, cum pallio purpureo, tunicaque talari;* a respeito do que he preciso advertir, que os Romanos, tanto homens, como mulheres usavão de chinelas em casa. Fóra

vendo, não digo só o descaramento, lugar, e figura deste homem; mas representar-se ainda certas cousas, que aqui se não dizem? A mim pelo menos se me representa ver, por huma parte os movimentos do semblante, dos olhos, e as caricias deshonestas de hum, e outro; e por outra a tacita indignação dos circunstantes, e a vergonha, que temia descobrir-se. (*a*)

Segunda especie de Enargueia, *chamada* Descripção.

Outras vezes esta pintura, que pertendemos fazer, se compõe de muitos quadros differentes, (*b*) como o mesmo Cicero (pois elle só basta para nos dar exemplos de todas as especies de ornatos) fez na *Descripção* do banquete sumptuoso. (*c*) *Parecia-me estar*

desta porém só ás mulheres era isto permittido. Os homens usavão de çapatos, e tinha-se por molieza, e indecencia, como entre nós, andar de chinelas como as mulheres. V. as reprehensoens a este respeito, feitas por Cicero contra Pizão Cap. 6, e contra Clodio *De Harusp. Responsis* Cap. 21. A Tunica talar tambem era só dada ás mulheres, assim como entre nós as saias; *Cui lati clavi jus non erit* (diz Quint. XI. 3. 138) *ita cingatur, ut tunicae prioribus oris infra genua paullum, posterioribus ad medios poplites usque perveniant. Nam infra, mulierum est, supra Centurionum.* O *Pallio* tambem era huma capa comprida de purpura, que as matronas punhão por cima da tunica, assim como os homens usavão da toga sobre a mesma dentro da Cidade, e da *penula* em jornada. Verres pois estava em tudo vestido de mulher.

(*a*) *Na vergonha* (diz Gesn. a este lugar) *sempre ha temor. Assim pouco falta para eu adoptar a lição* tumidam, *isto he*, irada; *mas neste sentido he poetico.* Se em lugar de *timidam* se lesse *tumidam*, não se exprimiria, como Quint. quiz, a collizão das duas paixoens, a da *vergonha* interior de ver huma acção indigna de hum Governador de huma Provincia, e a do *receio* de a descobrir no rubôr dos semblantes, pelas consequencias, que se devião temer da crueldade de Verres. Na vergonha pois sempre ha temor da acção vergonhosa, mas nem sempre o de a manifestar na côr do rosto.

(*b*) Quaes os da descripção seguinte do banquete voluptuoso, na qual se vem não menos que 6 grupos: 1. dos que entravão, 2. dos que sahião, 3. dos que cambaleavão, 4. dos que oscitavão, 5. de Gallio, 6. do pavimento. Todos estes grupos são separados pelos lugares, e actores, e só unidos pela relação mutua, que huns tem com outros. Na descripção seguinte da tomada de huma cidade ha doze quadros, ou grupos differentes.

(*c*) Esta descripção he da oração de Cicero *pro Gallio*, que

vendo a huns, que entravão, a outros que sahião; parte cambaleando com o vinho, parte abrindo-se-lhe a boca com a bebedeira do dia antecedente. Entre elles andava Gallio, untado de banhas cheirosas, coroado de flores. (*a*) *O pavimento estava enlameado com o vinho, e coberto de capelas já algum tanto murchas, e de espinhas de peixes.* (*b*) Que mais veria, quem entrasse?

Por meio desta segunda especie de pinturas, he que se augmenta a compaixão sobre a triste sorte das cidades tomadas pelo inimigo. Por certo que quem diz simplesmente que huma cidade *foi tomada de assalto*, comprehende nisto todas as circunstancias, quaesquer que sejão, de hum similhante acontecimento; mas esta, como nova de passagem, penetra menos o coração: porém se tu desenvolveres todas as idêas, escondidas naquella unica palavra, *apparecerão então as chammas ateadas nas casas, e nos templos; o ruido dos edificios, que desabão; o alarido confuso de differentes gritos; huns fugindo sem saber para onde; outros apegados aos seus, dando-se o ultimo abraço; aqui os meninos, e as mulheres chorando; acolá os velhos lamentando o seu triste fado, que os guardou até aquelle dia. Depois disto o saqueio*

---

se perdeo, como com a authoridade de Aquila Romano, *De Figuris sent.* 14, mostra Victorio Var. Lect. 22. 5. Em Aquila a descripção começa assim: *Ut clamor, ut convicium mulierum, ut symphoniae cantus, videbar mihi*, etc. A respeito desta fórmula *Videtur mihi*, diz Quint. IX. 2. 33. *Commode etiam, aut nobis aliquas ante oculos esse rerum, personarum ve imagines fingimus, aut eadem adversariis, aut judicibus non accidere miramur, qualia sunt:* Videtur mihi, *et* Nonne videtur tibi?

(*a*) As banhas cheirosas, tiradas dos succos de varias flores, e plantas aromaticas, as coroas de murta, e rozas, e os perfumes erão empregados nos banquetes mais delicados, e sumptuosos. As banhas servião não só para banhar o cabello, mas o corpo todo, e os mesmos vestidos.

(*b*) Ninguem se admire do comer de peixe em similhantes banquetes. O luxo dos Romanos nesta parte tinha chegado até tal excesso, que, para fazer ostentação de sumptuozidade, procuravão de terras longinquas os peixes mais raros, como o *Scaro*, o *Helope*, e outros, para ornarem as suas mezas. As carnes, como mais faceis de haver, não erão tão estimadas.

geral de tudo, profano, e sagrado; as correrias dos soldados, huns que levão, e outros que vem em busca das prezas; os prizioneiros em ferros, caminhando cada hum diante do seu vencedor; aqui a triste mãi, fazendo todos os esforços para reter hum filhinho, que lhe querem levar; e acolá, onde ha maior lucro, as bulhas entre os soldados. (*a*) Ainda que a palavra *assalto*, como disse, comprehenda todas estas cousas; com tudo he menos dizer tudo isto junto, do que separado em differentes quadros. (*b*)

(*a*) Muita parte desta Descripção he tirada de Eschines contra Ctesiphoute ediç. de Reisk Tom. I. pag. 76. n. 1; e Gesnero enganou-se em crer era toda da mão de Quint., e de proposito composta por elle para exemplo. Theon Rhetorico louva tambem a descripção de Eschines, e Mureto Var. Lect. VIII. mostra como muitos se aproveitárão della. Quint., assim como para esta se servio da de Eschines, assim se poderia aproveitar de muitas outras excellentes desta especie, como a da Rhet. a Herenn. IV. 39. da de Virg. En. II. 294. e segg., da de Homero Il. IX. v. 588, e outras muitas, que se podem ver.

(*b*) He o que já disse Arist. Rhet. I. 7. *As mesmas cousas, divididas em partes, parecem maiores*, πλειόνων γὰρ ὑπεροχὴ φαίνεται. *Porque a superioridade parece estar da parte do maior numero; que por isso Homero diz, que a mãi persuadira em fim Maleagro a levantar-se, descrevendo-lhe miudamente os males, que acompanhão a tomada de huma Cidade*, e ajunta a descripção de Homero acima citada. Il. IX. v 588.

Para a escolha, distribuição, e organisação destes differentes quadros de huma descripção, he preciso attender a quatro cousas. 1. Toda a descripção deve ter hum fim principal, a que todos os quadros, e suas partes se encaminhem. Cicero na descripção do festim tinha em vista o mostrar os excessos da gula, e do prazer; e Quint. na da tomada da cidade, o excitar a compaixão 2. Devem-se escolher os pontos de vista mais favoraveis ao effeito, que nos propomos, se o objecto, que pintamos he estavel; e se he variante, e mudavel, os momentos os mais vantajosos. Assim Cicero para a sua pintura escolhe entre todas as pessoas, e situaçoens aquellas, que mais conduzião a mostrar a intemperança; e Quint. nos enternece com tudo o que pela sua idade, sexo, e estado he mais digno de lastima, como meninos, velhos, mulheres, mãis, e filhos. 3. Em cada quadro devem-se escolher aquelles toques, que exprimem mais vivamente o que pertendemos pintar. Na primeira descripção os epithetos *hesterna*, e *languidulis* dão a conhecer a duração demaziada do banquete, e o *humus lutulenta vino*, e *cooperta coronis*, *et spinis* dão a ver a quantidade enorme de vinho, e de comer, e a desordem dos que cambaleavão. Na segunda *unus quiddam sonus, extremus*

Modo de avivar ambas estas pinturas.

Ora conseguiremos o fazer estas pinturas *vivas*, (*a*) primeiramente se forem *Naturaes*. (*b*) Poderemos alem disto, para o mesmo fim, ajuntar-lhes todas aquellas circunstancias, que ainda que falsas, costumão acontecer em similhantes casos. (*c*) A mesma viveza lhes provém tambem dos *Accessorios*, (*d*)

---

complexus, *fuga incerta*, *male servati*, *conata retinere* são pinceladas de mestre. 4. Devem-se procurar os contrastes, que, como o claro, e escuro da pintura, servem a fazer realçar mais os objectos, que pertendemos fazer mais sensiveis. Estes contrastes se vêm na primeira descripção entre *intrantes*, e *exeuntes*, entre *vacillantes*, e *oscitantes*, entre Gallio *cheiroso*, e o chão *immundo*. Na segunda ha hum contraste continuado de horror, e miseria. Os esforços do soldado para arrancar dos braços de huma mãi seu filhinho, e os desta para o reter fazem hum dos mais ternos.

(*a*) *Manifesta* quer aqui dizer ἐναργῆ *evidentes*, *vivas*.

(*b*) Tres cousas conduzem a avivar as pinturas 1. a *Naturalidade*; *veri similia* he aqui o mesmo que *verae naturae similia*. O mesmo Quint., dando na Narração as regras da *verisimilhança*, põe por fundamento de todas *ne quid naturae dicamus adversum*. A Natureza he o modelo das Artes. Quanto o retrato for mais conforme a ella, mais ao vivo *(secundum verum)* será feito.

(*c*) 2. Mas não he só a Natureza existente, a que he o modelo das pinturas, mas a Natureza bella, e perfeita, e esta ainda mais. O Pintor, o Poeta, e o Orador, formando-se hum modelo ideal o mais bello de tudo o que há na Natureza de melhor, accrescenta *(adfingit)* de idêa á pintura muitas cousas, que não ha no original particular da natureza. Estas cousas servem a encher os vãos da descripção, a embellecel-a, e caracterizal-a cada vez mais. Porém deve haver o cuidado, que tudo isto esteja no modelo geral da natureza. *Quidquid fieri solet* Horacio *Poet.* v. 338. recommenda o mesmo: *ficta sint proxima veris*. A descripção de Cicero he real, a de Quint. ideal.

(*d*) Isto he, as circunstancias, que costumão acompanhar os objectos, que se descrevem, a que os Gregos chamão συμβεβηκότα, παρακολουθοῦντα, παρεπομένα, συνυπάρχοντα. Vej. Quint. III. 6. 55, onde traduz o primeiro termo Grego por *accidentia*, e V. 10. 23. e 17, onde explica este pelas circunstancias das pessoas, e cousas. Dionysio Halic. no seu *Lysias*, louvando entre as virtudes deste Orador a Enargueia, diz da mesma sorte, *que esta he a arte de pôr presentes aos olhos os objectos*, *e que isto se consegue pela escolha dos accessorios* γίνεται δὲ ἐξ τῆς τῶν παρακολουθούντων λήψεως, donde talvez Quint. tirou a mesma observação. Longino do *Sublime* Sect. X. mostra, que da escolha, e ajuntamento destes accessorios nasce o sublime das Imagens. « Por

como:

....A mim hum frio horror,
Os membros me sacode, e o sangue pára
Nas véas, pelo medo congelado.

e *As mãis, que o som terrivel escutárão,*
Aos peitos os filhinhos apertárão. (a)

Ora para conseguir esta virtude, na minha opinião, a maior da Elocução, ha hum meio facillimo, e he este: *Olhemos para a Natureza, e imitemol-a.* (b) Toda a Eloquencia tem por objecto as acçoens da vida civil. Cada qual applica a si o que ouve, e a

---

« quanto (diz elle) com todas as cousas andão naturalmente « juntas certas circunstancias, que são como partes coexistentes « á materia; de necessidade hade ser causa do sublime o esco- « lher destes accessorios os mais capitaes, e fazer delles hum « como corpo pela união mutua de huns, e outros. Porque por « huma parte a selecção, e por outra o ajuntamento dos accesso- « rios mais notaveis servem a tocar a alma. Assim Sapho tira dos « accessorios, e da mesma natureza as mudanças, que costumão « acontecer aos amantes furiosos, etc. » As paixoens, e inclinaçoens da alma principalmente, nunca se podem pintar bem, senão por meio destes accessorios, ou effeitos sensiveis, que as acompanhão.

(a) Virg *En.* III. 29. onde nos pinta vivamente o espanto repentino, e extremoso pelos seus adjuntos do frio, horripilação, tremor, e pasmo, que o costumão acompanhar; e ibid. VII. 518. o susto das mãis ao primeiro sinal da batalha pela acção natural de apertarem comsigo, e segurarem o que tem de mais amado. Camões *Lusiad.* IV. 28, donde tomei a traducção, imitou Virgil. uzando do mesmo accessorio em uma similhante occasião, e para o mesmo fim.

(b) Regra geral de todas as bellas Artes. Ou se considere a *Natureza* como huma *Causa activa*, ella he a guia, e mestra dos Artistas no fim util, que se propõe; na conveniencia, e simplicidade possivel dos meios; no melhor arranjo, proporção, e symmetria das partes; e em fim na união intima do perfeito com o bello: ou como *Thesouro Universal*, em que o Artista procura os objectos da sua imitação; e como o fim principal deste he fazer sobre o espirito do homem impressoens saudaveis por meio da representação viva de certos objectos, dotados de huma força Esthetica, e este he o mesmo fim da Natureza na producção, e perfeição das suas obras; o Artista não tem mais que escolher entre ellas as que servem ao seu fim, e seguil-a. A Natureza, ou he *Physica*, ou *Moral*. Huma e outra he o modelo da Eloquencia; mas a *Moral* especialmente. *Eloquentia circa opera vitae est.* V. Sulzer *Theor. das Bellas Artes*, e o que dissemos ao §. antecedente.

nossa alma concebe facilmente imagens daquillo, de que tem experiencia.

Similhanças, *II. especie de Pintura.*

§. II. Porém hum dos meios mais proprios, que se tem descoberto para aclarar as cousas, são as *Similhanças:* das quaes humas, tendo por fim a prova, se contão entre ellas; outras porém são destinadas a *pintar os objectos,* (*a*) e tem aqui o seu proprio lugar, como esta:

. . . Daqui pois, como lobos,
Que pela escura treva carniceiros, etc.

E est'outra: *Similhante áquella ave, que buscando*
Sustento pelas praias, e piscosas
Rochas, humilde, e baixa vai voando
Ao longo bem das aguas espumosas. (*b*)

Nesta especie de similhanças deve haver hum particular cuidado, que a cousa, de que se tira a similhança, não seja escura, nem desconhecida. (*c*) Porque aquillo que se traz para aclarar outra cousa,

---

(*a*) Este segundo modo de pintar tem differença do primeiro, em que nas Enargueias nós representamos os objectos por meio das palavras, nas similhanças porém representamos hum objecto por meio de outro. Neste segundo ha a vantagem de ser mais esthetico, e a imaginação, propondo-se-lhe o objecto similhante, figurar-se muitos pontos de vista uteis, que se não poderião exprimir com as palavras. Huma pequena similhança pinta em hum instante o que se não poderia dizer em huma larga descripção.

(*b*) Na primeira similhança *En.* II. 355 não podia Virg. pintar melhor a desesperação, e furor dos chefes Troianos, logo que virão invadida a cidade pelos Gregos, do que com o furor dos lobos desesperados com a fome, sua, e de seus filhos, que vêm perecer: e na segunda ibid. IV. 254 o mesmo Virg. não poderia dar idêa do vôo, que fez Mercurio do cimo do monte Athlas até á praia do mar Mediterraneo, e rente desta até Carthago, senão com a similhança de vôo de huma ave maritima, chamada *Laro* por Homero *Odyss.* V. 51., donde Virg. tirou, e quasi traduzio este lugar.

(*c*) Diz: *ou desconhecida.* Porque não basta que a cousa não seja em si escura: he preciso que estas similhanças sejão tiradas de cousas familiares aos nossos ouvintes. Assim diante de gente rustica as melhores similhanças são as que se tirão da agricultura, diante de gente maritima, as do mar, etc.

deve ser mais claro que esta, a que dá luz. Pelo que deixemos para os Poetas estas similhanças escuras, como,

Qual Phebo, quando a Lycia, adonde inverna,
E a gran corrente deixa atraz do Xantho,
E a Delos torna visitar materna. (*a*)

Não convirá o mesmo ao Orador servir-se de cousas escuras, para mostrar o que he claro. (*b*)

Parabolas, *III. Especie de Pintura.*

§. III. Tambem aquella especie de similhança, de que fallámos nas Provas, (*c*) he hum ornato da oração, que a faz mais sublime, florida, agradavel, e maravilhosa. Pois quanto mais longe se vai buscar huma similhança, tanto mais novidade traz comsigo, e mais imprevista he. Similhanças vulgares, e só uteis para provar são estas: *Assim como a terra com a cultura, assim o espirito se melhora, e se fertiliza com os estudos:* e, *assim como os Medicos cortão os membros gangrenados, assim tambem os homens máos, e perni-*

(*a* A escuridade he relativa. Como os Poetas Epicos escrevem para pessoas instruidas, para estas não são escuras taes similhanças. Sel-o-hião porém para idiotas, de que se compõe huma grande parte do povo, diante de quem falla o Orador. Se o auditorio for todo de pessoas instruidas, corre outra regra; e ás vezes as similhanças tiradas da theoria das Artes, e Sciencias podem ter então seu lugar.

(*b*) He escura esta similhança, com que Virg. *En.* IV. 143. pinta a gentileza, e alegria de Eneas com a comparação de Apollo; porque he tirada de huma opinião pouco vulgar na Theologia Pagam, de que os Deozes mudavão de sitio em certas estaçoens do anno. Servio, a respeito de Apollo especialmente, observa que era constante, que nos seis mezes do Outono, e Inverno dava os oraculos em Patara, Cidade da Lycia na Asia Menor, e os outros seis em Delos, Ilha do mar Egêo, em que Latona tinha parido de Jupiter a Diana, e Apollo. Virg., depois de ter comparado Dido á primeira, devia comparar Eneas ao segundo.

(*c*) Tom. I. Liv. II. Cap. IX. Art. II. §. 2. onde falla da *Parabola*, ou *Comparação*. Esta he huma especie de similhança, e não tem outra differença senão ser esta tirada de cousas familiares, e quasi da mesma especie, e aquella procurar de mais longe, em cousas de outra classe, os objectos de comparação. Ambas pois pintão igualmente, mas a Parabola tem sobre a similhança a vantagem da novidade, e sublimidade.

ciosos se devem separar da sociedade, posto que nos sejão unidos pelo sangue.

Já aquella similhança de Cicero *pro Archia* (*a*) he mais sublime, quando diz: *Os rochedos, e as solidões respondem á voz dos Poetas; as mesmas féras bravas se deixão muitas vezes tocar, e parão ao som do seu canto.*

Esta especie de similhanças tem sido summamente viciada pela liberdade, que alguns Declamadores tomão, servindo-se de similhanças *falsas*, e *não as ajustando* ás cousas, a que pertendem parecão similhantes. (*b*) Hum, e outro vicio se encontra nestas, que se costumavão declamar (*c*) em todas as Escholas, sendo eu rapaz. *As origens dos grandes rios são navegaveis:* e *a planta de huma arvore generoza logo dá fructo.* (*d*)

(*a*) Cap. VIII. Segue-se: *Nos instituti rebus optimis Poetarum voce non moveamur?* Esta parabola pois he mais para provar, que para pintar. Mas he tirada de cousas mais remotas, e maravilhosas, como erão as fabulas de Orpheo, e Amphion, e por isso mais ornada, e sublime; que he o que Quint. pertendia mostrar.

(*b*) Se os Declamadores viciavão as comparaçoens por serem falsas, e pouco justas; para o seu bom uso será necessario que sejão verdadeiras, e justas. Quatro pois são as regras communas a toda a similhança, e comparação, quando se empregão para pintar. 1. Que sejão tiradas de objectos conhecidos dos ouvintes. 2. Que sejão novas, e imprevistas. 3. Que sejão verdadeiras, como o devem ser todos os mais pensamentos. 4. Que sejão justas, isto he, que por todas as partes e lados a similhança corresponda ao assemelhado.

(*c*) No texto Latino está *cantari solebant.* A declamação he huma especie de canto, que tem o meio entre a lição, e a musica. *Est in dicendo etiam quidam cantus obscurior, non hic e Phrygia, et Caria Rhetorum epilogus pene canticum*, etc. diz Cicero *Orat.* 18. Os Declamadores do tempo de Quint. não se contentavão com aquelle canto obscuro, e severo de Cicero; excedião o modo, e em lugar de pronunciar, cantavão os seus discursos nas Escholas. Vej. Quint. XI. 3. 57.

(*d*) Comparaçoens falsas: pois nem as arvores, quando se plantão, dão logo fructo; nem os grandes rios são navegaveis na sua origem; antes pelo contrario pequenos ao principio, se vão depois engrossando com outras correntes, que no caminho se lhes ajuntão; e bem disse Ovid. *Rem. Amor.* 97.

Flumina paucâ vides de magnis fontibus orta;
Plurima collectis multiplicantur aquis.

Quatro modos, porque podemos usar das Similhanças, e Parabolas.

Ora em toda a *Comparação*, ou precede a similhança, e a cousa vai depois; ou pelo contrario a cousa precede, e segue-se depois a similhança. Tambem a similhança humas vezes põe-se só, outras (o que he muito melhor) ajunta-se com a cousa assemelhada por meio da confrontação reciproca, o que faz a *Applicação*, chamada em Grego *Antapodosis.* (*a*)

1. *Modo.*

A similhança precede, como naquella, de que ha pouco fiz menção.

. . . . *Daqui pois como lobos,*
Que pela escura treva carniceiros. (*b*)

2. *Modo.*

Vai adiante, como Virgilio no primeiro das Georgicas, depois de huma larga queixa a respeito das guerras civís, e externas, accrescenta: (*c*)

(*a*) Ἀνταπόδοσις da prep. ἀντὶ *contra, defronte;* da prep. ἀπὸ *re, rursus*, e δόσις *donatio, retribuitio, redditio, responsio;* e tudo junto quer dizer *redditio contraria, collatio in vicem respondens*, correspondencia, confrontação reciproca, applicação, pela qual approximamos, e confrontamos os caracteres dos dois objectos similhantes.

(*b*) O que se vê de todo o lugar, que he assim:

. . . . *Inde lupi ceu*
Raptores âtra in nebula, quos improba ventris
Exegit caecos rabies, catulique relicti
Faucibus expectant siccis: per tela, per hostes
Vadimus haud dubiam in mortem, mediaeque tenemus
Urbis iter, etc.

(*c*) Esta longa queixa sobre as guerras civís, e externas, que precede a similhança se póde ver no Ex. IV. A similhança he tirada do Circo Romano, em que, á maneira dos Jogos Olympicos, se fazião varios combates, hum dos quaes era o Curso Equestre, em que dois, tres, ou mais côches, puxados por quatro cavallos, sahindo ao mesmo sinal dos carceres, isto he, das trincheiras, onde no principio do Circo estavão detidos, se deitavão a correr á competencia, qual primeiro havia de dobrar a meta, posta no fim do curro, e tornar ao mesmo sitio Assim como pois os cavallos estimulados do açoute, e do brio corrião

Bem assim como quando as Quadrigas
Dos Carceres sahirão ao largo curro,
Com o espaço a ligeireza vão dobrando.
O cocheiro debalde então puxando,
Da furia dos cavallos he levado,
Nem o coche das redeas o mando ouve.

3. *Modo.*

Ambas estas similhanças estão sós sem *Applicação.*

4. *Modo.*

A *Applicação* porém tem a vantagem de pôr, para assim dizer, diante dos olhos ambas as cousas, que se confrontão, e presental-as ao mesmo tempo. Desta acho eu em Virgilio muitos exemplos excellentes; mas he melhor servirmo-nos dos Oratorios. Cicero a favor de Murena diz assim: (a) *Assim como entre os musicos Gregos, dizem, se fazem Flautistas aquelles, que não poderão chegar a ser Citharistas: do mesmo modo observamos entre nós, que os que não poderão chegar a ser Oradores, se tornão aos estudos de Direito.* Est'outra porém da mesma Oração he já cheia de enthusiasmo quasi Poetico, e ao mesmo tempo acompanhada da sua *applicação*, o que he mais proprio para o Ornato. (b) *Bem como as tempestades do mar se levantão muitas vezes por causa de alguma constellação do ceo; (c) outras vezes porém repentina-*

---

precipitadamente sem attender ao governo, e voz do cocheiro; da mesma sorte os Romanos entregues ao furor da guerra, hião de precipicio em precipicio sem ouvirem a voz da razão, que lhes dictava os bens da paz.

(a) Cap. XIII. e o seguinte ibid. Cap. XVII.

(b) Porque então se ajuntão ao mesmo tempo as graças dos tres ornatos, *Similhança*, *Allegoria*, e *Metaphora.* Vej. Quint. logo Cap. VII. Art. I. n. 4. §. 2. A applicação de ordinario faz-se empregando no objecto assemelhado os mesmos termos do semelhante, os quaes, sendo proprios neste, passão a ser metaphoricos naquelloutro, como o são nos Comicios populares os termos de *tempestates*, e *signum*, proprios das tormentas do mar.

(c) Como certos ventos anniversarios, e tempestades andavão juntas com o nascimento, e occaso de certas constellaçoens, pelas quaes se distinguião as estaçoens do anno; os antigos, ou por assim o crerem, ou por huma metonymia do sinal pela cousa significada, atrtibuião as tempestades, e mudanças do ar

mente, sem razão certa, por alguma causa occulta: assim nestas tempestades dos Comicios populares poderás muitas vezes saber o sinal, que as excitou; muitas outras porém são tão occultas, que parecem levantadas por acaso.

Imagens, *IV. Especie de Pintura.*

§. IV. Tambem ha humas similhanças breves, (*a*) como esta: *Vagabundos pelos matos, como féras*, e est'outra de Cicero contra Clodio. (*b*) *Do qual Juizo, como de hum incendio, fugio nú;* e similhantes a estas podem a quem quer occorrer outras muitas ainda no uso quotidiano da lingua.

ás ditas constellaçoens, como causas geraes das alteraçoens da athmosphera.

(*a*) Estas similhanças breves chamão se em Grego Εἰκόνες, *Imagens*, ás quaes consagrou Arist. hum capitulo, que he o IV. do liv. III. da sua Rhet., e Longino outro, que era a Secção XXXVII. do seu tractado do *Sublime*, a qual se perdeo. Estas Imagens pintão hum objecto com outro, assim como as Similhanças, e Parabolas, de que temos fallado. Differenção-se, em que a *Similhança* pinta com extensão, e miudamente, caracterizando os pontos de analogia, que hum objecto tem com outro; porém deixa ao espirito o fazer esta combinação. A *Parabola*, ou *comparação* poupa-nos este trabalho, mostrando a correspondencia reciproca de hum, e outro objecto. A *Imagem* porém abbrevia a pintura, apontando-nos só o objecto similhante, e deixando á consideração do ouvinte o perceber a analogia, e fazer a confrontação. As Descripçoens, Similhanças, e Parabolas são huns quadros completos para ficarem, que podem ser considerados de vagar, e miudamente. A Imagem he hum retoque de similhança vigoroso, mas passageiro; he, para assim dizer, huma pincelada, escapada mais por acaso, que presentada de proposito. *A Metaphora* (diz Arist.) *tambem he huma imagem. Huma, e outra pouco differem. Quando digo de Achilles*, arremetteo como hum leão, *he huma imagem. Quando porém digo:* O leão arremetteo, *he huma metaphora.* He para notar a gradação, que a linguagem, simplificando-se cada vez mais, seguio na expressão, e pintura das suas idêas. Ella começou pelo *Apologo*, deste passou á *Parabola*, desta á *Similhança*, da similhança á *Imagem*, e da imagem á *Metaphora*. Vej. Waburthon, *Ensaio sobre os Hieroglyphicos.*

(*b*) Na oração em vituperação de Clodio, pronunciada no Senado, de que Quint. fez menção Liv. I. Cap. 14. Art. I. §. 1., em que entre outras cousas contava o estupro, que Clodio tinha commettido no templo da Deosa *Bona*, e do qual, sendo accusado em Juizo, á custa de subornos se salvou.

Bosquejos, V. *Especie de Pintura.*

§. V. A este modo de pintar se segue outro de presentar os objectos diante dos olhos, não só com clareza, mas ainda com concisão, e rapidez. (*a*) Com effeito a brevidade inteira, que os Gregos chamão *Brachyloguia*, (*b*) e que se porá entre as Figuras, he justamente louvada. Mas, quando diz precisamente o que he necessario, não he ornato. He porém hum dos mais bellos, quando em poucas palavras compre-

---

(*a*) Estas são as pinturas chamadas *Bosquejos*, primeiras linhas, e borroens principiados, e não acabados dos grandes Mestres, em os quaes como diz Plinio, *Hist. Nat.* XXXV. 12., se entrevêm as mais feiçoens, que elles terião accrescentado, se os acabassem, e se advinhão até os seus pensamentos. *Quippe in iis lineamenta reliqua, ipsaeque cogitationes artificum spectantur.* O Orador, e o Poeta não podem, nem devem acabar muitas das suas pinturas. Não podem, por falta de meios para exprimir todas as feiçoens do objecto com a correcção, e delicadeza, com que o faz a Natureza, e para as ajustar com esta harmonia, e unidade natural, de que depende o effeito do todo. Por outra parte, ainda que tivesssem os meios, não o deverião fazer, pela razão de que quanto mais elles individuão o seu objecto, tanto mais sugeitão a nossa imaginação á sua. O cuidado pois de hum e outro deve então ser o pôr-nos no caminho, dando-nos a vêr por alguns toques vivos aquelles pontos de vista, que não cabem sobre os sentidos do commum dos homens, ou que elles não podem aprehender por si com bastante delicadeza, e força, e deixando-nos o gosto de imaginar tudo o mais, que se não exprime. Virgilio, por ex., me diz só *Incessu patuit Dea.* A mim he que me pertence o figurar-me Venus.

(*b*) Quint., para dar idêas distinctas destas pinturas começadas, e ligeiras, distingue tres especies de expressoens, que os Gregos caracterizão com tres nomes differentes, de *Brachyloguia*, *Syntomia*, e *Syncope.* A primeira he a brevidade inteira, que não tem, nem de mais, nem de menos. Esta deve ter qualquer discurso, que não he vicioso, e pertence mais á oração Provavel, que á Ornada. A terceira he hum vicio do ornato, chamado tambem *Meiosis*, quando a expressão he tão breve, que não tem o necessario para se poder entender. A *Syntomia*, de que aqui falla, tem o meio entre as duas, e he hum ornato da oração; porque, sendo mais curta que a Brachyloguia, não cahe na escuridade da Syncope; e não pintando tudo, nol-o dá a ver com mais força, e delicadeza. Συγκοπὴ μὲν γὰρ κωλύει τὸν νοῦν, συντομία δ' ἄγει ἐπ' εὐθύ. (diz Long. *de Subl.* XLI.) *Porque a Syncope embaraça o sentido, e a Syntomia nos conduz a elle em hum instante.*

hende muitas idêas. Tal he a expressão de Sallustio: *Mithridates de hum talho agigantado, e á proporção armado.* (a) Os que não sabem imitar isto, cahem de ordinario na escuridade.

Emphases, *VI. Especie de Pintura.*

§. VI. Outro ornato similhante ao antecedente, mas maior ainda, he a *Emphase*, (b) que dá a entender mais do que as palavras por si declarão. Desta ha duas especies, *huma que significa mais do que diz*, e *outra ainda aquillo, que não diz.* A primeira se acha em Homero, quando Meneláo diz, *que os Gregos se emboscárão no cavallo.* (c) Porque em huma só pala-

---

(a) Gedoyn a este lugar diz, que o lugar de Sallustio não se póde traduzir em Francez. O P. Bouhours, *Man. de bien penser*, Dial. 4. pag. 520 traduz: *Mithridates armado de sua grande estatura*, e diz he o mesmo pensamento de Tasso, que, fallando de hum de seus Heroes, diz:

E de fine armi, e de se stesso armato.

Eu porém duvido, que Sallustio quizesse dizer similhante cousa. O pensamento de Tasso he hum pouco refinado, e por isso improprio a Sallustio. A traducção do P. Bouhours não faz caso do *perinde*, que se não devia omittir, pois nelle consiste toda a força do pensamento, dando-nos a conceber a grandeza das armas defensivas, e offensivas de Mithridates pela do seu corpo, a que devião ser proporcionaes. Burmanno observa hum similhante exemplo de *Syntomia*, (e não de *Brachylogia*, como erradamente disse Gesnero a este lugar) em o dicto de Floro III. 2. 2: *Nihil hac plaga infestius, atrox caelum, perinde ingenia.* O estilo de Tacito he admiravel neste modo de pintar.

(b) Ἔμφασις vem de ἐν, e φημὶ, *em huma cousa dizer outra.* Esta especie de pintura convém com a antecedente, em que em ambas he necessario que o espirito do ouvinte, ou leitor suppra alguma cousa, que não está exprimida formalmente nas palavras, mas sim virtualmente. Differenção-se, em que a *Syntomia* he huma pintura começada, imperfeita, e mutilada (*circumcisa*), que se deixa á Imaginação para a acabar; o objecto he o mesmo: na *Emphase* não he o mesmo o que se diz, e o que se collige, mas differente. Pois, ou das palavras inferimos a grandeza de hum objecto, a qual parece se não tinha em vista; ou de hum pensamento inferimos outro, que he como a sua consequencia.

(c) Das duas liçoens principaes deste lugar, huma de Burmanno *in equo sedisse*, e outra de Gesnero *in equum descendisse*; segui a primeira. 1. Porque he de todos os Codices Vossianos. 2. Porque o lugar de Homero Odyss. IV. 272, em que Meneláo falla, diz

vra deu a ver a sua enorme capacidade, e Virgilio mostrou a sua altura, dizendo:

Pela corda lançada escorregando. (*a*)

Tambem quando o mesmo diz que o Cyclope *estava estirado pela cova immensa*, (*b*) no espaço do lugar nos deu a medida daquelle prodigioso corpo.

A segunda especie consiste ou na *Suppressão* total de hum sentido, ou na sua *Interrupção.* (*c*) Supprime-se o sentido, como neste lugar de Cicero *pro Ligario.* (*d*) *Se em tão alta fortuna não fosse tanta a tua mansidão, quanta por ti mesmo, por ti, digo, tens: bem sei o que hia a dizer.* Cicero supprime aqui hum pensamento, que não obstante isso, nós entendemos, e he: *Que não faltaria gente que o instigasse á crueldade.* Interrompe-se o sentido por meio da *Aposiopesis*, que, como he Figura, se dará no seu lugar. (*e*)

---

assim:

Ἵππῳ ἐνι ξεστῷ, ἵν᾽ ἐνήμεθα πάντες ἄριστοι
Ἀργείων, Τρώεσσι φόνον, καὶ κῆρα φέροντες.

Onde Meneláo diz ἐνήμεθα *insidebamus*, e não *descendebamus.* He verdade, que Odyss. XII. 522. se acha εἰς ἵππον κατεβαίνομεν. Mas isto diz Ulysses, e não Meneláo, e he mais provavel houvesse erro de lição nos Mss. allegados por Gesnero, do que de memoria em Quint. 3. A palavra *insidebamus* (*estavamos de emboscada*) mostra melhor a grandeza do bojo do cavallo, que he o objecto de Quint., que a de *descendisse*; que por isso o mesmo Homero ajunta huma cousa, e outra, ibid. VIII. 512.

Δουράτεον, μέγαν ἵππον, ὅθ᾽ εἵατο πάντες ἄριστοι
Ἀργείων, Τρώεσσι φόνον, καὶ κῆρα φέροντες.

(*a*) Eneid. II. 262.

(*b*) Ibid. III. 631. *Jacuitque per antrum immensum.* Outros lêm *immensus*, com a qual lição desapparece a Emphase. Porém a primeira lição, álem da authoridade de Quint. tem por fiadores Mss. antiquissimos, como observa Servio, e Pierio a este lugar.

(*c*) *Supprime-se*, quando hum pensamento fica suspenso, pedindo outro depois de si, o qual se subentende. *Interrompe-se*, quando a oração Grammatical fica incompleta, e requer hum complemento, que pelas circunstancias o espirito suppre facilmente, como: *Qui ista forma, et aetate nuper alienae domui... Nolo plura dicere.*

(*d*) Cap. V.

(*e*) Cap. VIII. Art. II. §. 6.

Ha Emphase nestas mesmas expressões vulgares, como: *He necessario ser homem. He hum homem; He perciso viver.* Tão similhante he de ordinario a Natureza á Arte.

CAPITULO V.

Dos Conceitos, segundo Grão do Ornato, (a) e I. dos Conceitos Fortes.

(VIII. 3. 86. e 4. 1. e segg.)

ARTIGO I.

De varias especies de Conceitos Fortes.

§. 1. COm tudo não basta á Eloquencia o pintar

(a) *Pintar* (*exprimere quod velis*) he formar huma noção individual de qualquer objecto, a qual lhe seja confórme. A pintura he huma copia. *Conceber* (*concipere quod velis*) he crear huma idêa, e formar huma noção, que seja ella mesma o modelo, pelo qual julguemos das cousas. Aquellas pertencem á Imaginação, estas á Reflexão. Para a verdade das primeiras, he necessario que as combinaçoens do nosso espirito sejão conformes ao que se observa nos objectos. Para a verdade das segundas, basta que fóra de nós as combinaçoens possão ser taes, quaes são em nosso espirito. A noção v. g. da *Crueldade* seria verdadeira, ainda no caso de não haver acção alguma cruel. Porque a sua verdade consiste em huma collecção de idêas, que não depende do que se passa fóra de nós. A noção, ou pintura de hum combate não he verdadeira, senão em quanto ella he confórme ao mesmo, que deve ser o seu modelo. Nas primeiras julgamos nós das noçoens pelos objectos existentes. Nas segundas julgamos dos objectos pelas nossas noçoens. Aquellas tem os seus prototypos na Natureza, estas são ellas mesmas os prototypos das acçoens Moraes.

Todas as noçoens devem ter hum fim, que determine o numero, ordem, e qualidade das idêas simplices, que ellas contém. As Mathematicas, Physicas, e Moraes tem o seu; e as Oratorias o tem tambem. Este he o de fazer o pensamento mais forte, ou mais espiritual. Estas noçoens são as que chamamos *Conceitos*. Elles tem differença das Figuras, em que o mesmo conceito póde ter differentes figuras de pensamento, assim como a mesma figura de pensamento póde ter varias das palavras. Estes conceitos pertencem ao ornato, porque não tem por fim o provar, mas o de dar grandeza, e gravidade ás idêas. Vej. logo Art. I. no fim, e Cap. VI. no princ.

com viveza, e evidencia as cousas, de que falla. Ha outros muitos, e varios modos de ornar o discurso. Porque aquella mesma *Apheleia*, (*a*) simples, e sem affectação tem hum ornato puro, e natural, (qual ainda nas mulheres se faz estimavel) nascido de certas elegancias do estilo, procuradas do mesmo cuidado miudo (*b*) que tomamos ácerca da propriedade, e significação das palavras. Ha álem disto hum estilo *rico* pela abundancia das expressoens; outro *viçoso* pelas flores da Eloquencia. De *Conceitos fortes* não ha huma especie só. Tudo o que no seu genero he efficaz, se póde dizer que he *forte*.

§. II. As operaçoens principaes porém de hum discurso *Forte* são primeiramente a *Deinosis*, (*c*) para *exaggerar a indignidade das acçoens.*

(*a*) Para provar o sem numero de maneiras, porque se póde ornar a oração, álem das Pinturas: mostra Quint. que a *Apheleia* mesma, ou simplicidade do estilo, que parece carecer de todo o Ornato, ella mesma he hum. Tudo o que aqui diz Quint. parece tirado de Cicero no *Orad.* Cap. 78. e 79, onde diz assim: *Quaedam est negligentia diligens. Nam et mulieres esse dicuntur nonnullae inornatae, quas id ipsum deceat: sic haec subtilis oratio etiam incompta delectat. Fit enim quiddam in utroque, quo fit venustius. Tum removebitur omnis insignis ornatus quasi margaritarum; ne calamistri quidem adhibebuntur; fucati vero medicamenta candoris, et ruboris omnia repellentur. Elegantia modo, et munditia remanebit.*

(*b*) *E tenui diligentia.* No mesmo sentido disse Ovid. *Ex Ponto* IV. Epist. 6. 37. *Tenuicura limare aliquid*, e Cicero *Acad.* IV. 20. *Rationes latiore specie, non ad tenue elimatae* Contas feitas pelo grosso, e não miudas. O Estilo simples pois, privado de todos os ornatos do genero mediocre, e sublime, e reduzido ao pequeno campo das palavras puras, proprias, e significantes; nestas he que se esmera, e pelo cuidado miudo, que põe na sua escolha, consegue certas graças, e elegancias, que agradão. Tal he o estilo de Lysias, Terencio, Ovidio, Catullo, Tibullo, e Cesar. Este estilo he a mesma oração *pura*, *clara*, e *provavel*, sobre que cahem os ornatos.

(*c*) A δείνωσις tem por objecto sempre o exaggerar as acçoens más, assim como a Sublimidade as acçoens boas. *Haec est illa, quae* δείνωσις *vocatur, rebus indignis, asperis, invidiosis addens vim oratio*, Quint. VI. 2. 24. Diz *para exaggerar*, e não *amplificar.* Porque, como ahi mesmo adverte Quint., *In hoc Eloquentiae vis est, ut Judicem non ad id tantum impellat, in quod ipse a rei natura duceretur; sed, aut qui non est, aut maiorem, quam est, faciat affectum.* Quint. ensina no mesmo lugar o modo de fazer isto, e a práctica se póde ver nos Exemplos XLI. XLII. e XLVI. do I. Tom.

A *Sublimidade* para engrandecer as mais. (*a*)

A *Phantasia* para conceber imagens nobres. (*b*)

A *Exergasia*, para fazer nervosa a prova do que nós propozemos, (*c*) á qual se accrescenta a *Epexergasia*, que consiste na repetição da mesma prova, e alguma cousa por cima, que não se nos podia pedir (*d*).

(*a*) He o Ὕψος, que faz o objecto do tractado de Longino, e que segundo elle diz Sect. VII. *he tudo aquillo, que, quando se ouve, eleva a alma, e lhe faz conceber huma alta opinião de si mesma, enchendo-a de prazer, e de huma nobre soberba; como se ella mesma fosse a inventora do que ouve.* Este sublime nasce de cinco cousas, que são os *Sentimentos Nobres*, o *Enthusiasmo Pathetico*, as *Grandes Figuras*, a *Expressão Nobre*, e a *Collocação* conveniente á dignidade do objecto. Vej. o dito tractado.

(*b*) A respeito destas vej. Tom. I. Liv. II. Cap. 13. Art. II. §. 5. e 6. Destas Phantasias exprimidas pelo discurso, chamadas tambem *Imagens* diz o mesmo Longino *de Sublimitate* Sect. XV., que são ὄγκου, καὶ μεγαληγορίας, καὶ ἀγῶνος παρασκευαστικώτατα, isto he, *De huma arte admiravel para dar ao discurso grandeza, magestade, e força* Tal he a de Justino, Lib. XXIX. Cap. 3., em que Philippe, fallando dos Romanos, diz assim: *Videre se consurgentem in Italia nubem illam trucis, et cruenti belli: videre tonantem, ac fulminantem ab occasu procellam.* Tal he tambem a da constancia do homem justo em Horac. Od. III. 3. 7: *Si fractus illabatur orbis, Impavidum ferient ruinae.*

(*c*) Todas estas differentes operacoens da Eloquencia *Forte* se distinguem, não só pela fórma differente, que tem; mas pelo objecto differente, que se propoem. A *Deinosis* exaggera as acçoens criminosas, a *Sublimidade* as virtuosas, as *Phantasias* as imagens, e a *Exergasia* dá nova força á prova. Estas tres palavras ἐργασία, ἐξεργασία, e ἐπεξεργασία, que todas tem por raiz commua o substantivo ἔργον *opus*, e o verbo ἐργάζεσθαι *operari*, são todas relativas á obra da Prova. *Ergasia* he a explicação, e evolução do argumento por meio do Enthymema, ou Epicheirema. Hermogenes mesmo intitula o Cap. 7 do Liv. III. *De Inventione*, Περὶ ἐργασίας ἐπιχειρημάτων *De Epicheirematum tractatione.* Sendo pois a *Ergasia* a Argumentação, ou Raciocinio deduzido, que cousa será a *Exergasia?* He *repetitio ejusdem probationis*, quando insistindo na mesma prova forte, segundo o preceito de Quint. Tom. I. Liv. II. Cap. X. Art I. §. 2. a manejamos segunda vez de tal modo, que ella recebe nova força da mão do Orador. O Author da *Rhet. a Heren.* Liv. IV. Cap. 42. lhe chama *Expolitio, cum in eodem loco manemus, et aliud, atque aliud dicere videmur.* Faz-se de dois modos, ou dizendo inteiramente a mesma cousa, mas não do mesmo modo, antes variando-a com palavras, pronunciação, e figuras; ou fallando da mesma cousa, e ajuntando-lhe *ex abundanti* novas razoens, o que faz a *Epexergasia*, da qual na not. seg.

(*d*) Ἐπεξεργασία *de* ἐπὶ *in*, *insuper*, e ἐξεργασία he huma cousa

A *Energueia* vizinha destas, que toma o seu nome da *acção*, e cuja força consiste em fazer que tudo, o que diz, a tenha. *(a)*

Alem disto o *Picante*, *(b)* que de ordinario serve para ultrajar, qual he aquillo de Cassio: *Que farás, quando eu envadir o teu patrimonio, quero dizer, quando eu te mostrar que não sabes ser maldizente?*

Emfim a *Acrimonia*, *(c)* qual se vê no dito de

accrescentada de mais em cima da *Exergasia*, ou repetição da mesma prova. Que cousa he esta? São novas consideraçoens, que juntamos á cousa já provada, as quaes, ou não estavão na materia que tractamos, mas poderião estar; ou, estando nella realmente, não devião entrar em consideração para se dar a sentença, e com tudo influem muito na prova. Vej. o lugar classico da *Rhet. a Heren.* já citado, e a sua explicação exemplificada em Gibert. *Rhet.* em todo o Art. IX. do Cap II. do Liv. I.

(*a*) Ἐνέργεια he aquella força do discurso, pela qual pomos em acção as cousas, que a não tem, e muitas vezes nem a podião ter, de ἐν *in*, e ἔργον *opus* (*acção*). Muitos a tem confundido com a ἐνάργεια, que tem differente etymologia, e natureza, como vimos atraz; e Mr. Beauzeé, Encyclop. *Grammaire, et Litterature*, verb. *Energie*, a confunde com a *Emphase*, que he muito differente. Pois a *Emphase* póde ser sem metaphoras, a *Energueia* nunca. Esta, segundo Demetrio Phalereo de *Eloc.* pag. 54, he ὅταν τὰ ἄψυχα ἐνεργοῦντα εἰσάγηται, καθάπερ ἔμψυχα *quando os seres inanimados se introduzem a obrar, como se fossem animados*, como: *Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas - Regumque turres.* Hor. Od. I. 4. 13. Vej. Cap. VII. seg. Art. I. §. 3.

(*b*) *Amarum quiddam* he esta especie de amargo, que tem a agua do mar, (donde a etymologia da palavra, *amari sales*), e daqui se transferio para significar as graças, e ditos picantes, cheios de amargura, com que a satira pessoal se arma contra o adversario, nascidos da colera, e desejo da vingança, que se cobre com o interesse da virtude para ter o gosto de ferir os homens. Os Gregos lhe chamão πικρότης. Cassio Severo, Orador Romano, he notado de excessivo nesta parte por Quint. X. 1. 116. *Multa, si cum judicio legatur, dabit imitatione digna Cassius Severus: qui si ceteris virtutibus colorem et gravitatem orationis adjecisset, ponendus inter praecipuos foret. Nam, et ingenii plurimum est in eo, et acerbitas mira, et urbanitas, et vis summa: sed plus stomacho quam consilio dedit; praeterea, ut amari sales, ita frequenter amaritudo ipsa ridicula est.*

(*c*) He a δριμύτης dos Gregos, que dá força ás Invectivas, e Apologias, quando em defeza propria, ou da innocencia, da Patria, ou da Religião o Orador accommette vivamente o adversario. Tem differença do *Picante* no modo, e no motivo. Porque este pica com sal, e graça, est'outro sériamente. Aquelle he hum

Crasso: *Tendo-te eu por Consul, não me terás tu por Senador?*

Mas geralmente fallando, toda a *Força* do Orador consiste em *Amplificar*, e *Diminuir* os objectos. Tantos meios ha para huma cousa, como para a outra. Eu tocarei os principaes, e por estes se poderá fazer juizo dos outros. Estes meios pois, ou consistem nas *Cousas*, ou na *Elocução*. Da Invenção das cousas já tratámos. (*a*) Agora he preciso dizer o modo, como a Elocução eleva, ou abate as cousas. (*b*)

---

desafogo do odio, malignidade, e vingança: este de hum odio justo, e do zelo ardente da verdade, e virtude. Podem-se ver muitos exemplos desta *Acrimonia* nas oraçoens contrarias de Demosthenes, e Eschines, nas de Cicero contra Clodio, Pisão, e Antonio, em Santo Hilario contra Constancio Augusto, e em S. Jeronymo contra Joviniano, etc.

(*a*) Liv. V. Cap. X. onde tratou dos lugares Intrinsecos dos Argumentos, dos quaes diz tambem Cicero, *Part.* Cap. 16. *Rerum Amplificatio sumitur eisdem ex locis, quibus illa, quae dicta sunt ad fidem, maximeque Definitiones valent conglobatae, et Consequentium frequentatio, et Contrariorum, et Dissimilium, et inter se Pugnantium rerum conflictio, et Caussae, et Ea quae sunt de caussis orta, maximeque Similitudines, et Exempla.*

(*b*) A Amplificação pertencente á Invenção he differente da da Elocução pelos differentes meios, que empregão. Aquella, para amplificar, usa dos mesmos argumentos, que para provar. Esta não emprega argumentos, mas *Conceitos*, formando-se noçoens taes dos objectos, que quer amplificar, que as idêas simplices de que as compõe, são as mais proprias a fazer conceber a cousa grande, ou pela *Gradação* ascendente, e descendente, que nellas se observa; ou pela *Comparação*, que as confronta; ou pelo *Raciocinio*, que da grandeza de humas deduz a das outras; ou pela *Reproducção* do mesmo objecto, representando-o muitas vezes por aquellas faces, que mais o fazem avultar. Todos estes modos são proprios á Elocução; e se em algum póde haver duvida he na *Comparação*, de que Quint. se faz cargo logo Art. III. §. 2. in fin. Mr. Gibert, *Jug. des Scavans* Tom. I. pag. 404. deveria advertir nisto, para não condemnar Quint., por não referir toda a Amplificação á Invenção.

ARTIGO II.

Da Amplificação nas palavras.

(VIII. 4.)

Amplificação nas palavras, 1. *Modo.*

§. I. A primeira especie pois de *Amplificação*, ou *Diminuição* consiste no nome mesmo, que damos á cousa; (*a*) como, quando de hum que foi sómente ferido, dizemos fora *morto*, e a hum homem máo chamamos *ladrão:* e pelo contrario de hum, que espancou, dizemos que *tocou*, e do que ferio, que *offendeo*. De huma, e outra ao mesmo tempo se vê o exemplo nesta passagem de Cicero a favor de Celio: (*b*) *Se huma mulher na sua viuvez vivesse com dissolução; no meio da libertinagem com desaforo; no meio da abundancia, e riquezas com prodigalidade; na impudicicia com o escandalo de huma meretriz: teria eu por adultero hum moço, que a comprimentasse com mais alguma liberdade?* Porque aqui a huma mulher deshonesta deu o nome de *meretriz;* e do mancebo, que tinha tratado com ella havia muito tempo, disse *que a comprimentára com mais alguma liberdade.*

2. *Modo.*

§. II. Este modo de Amplificação cresce de força, e faz-se mais sensivel, (*c*) combinando nós as palavras amplificativas com os mesmos nomes, em lugar dos quaes as haveriamos de pôr, como fez Cicero contra

---

(*a*) Vej. o que dissemos nas Notas Tom. I. Liv. II. Cap. II. Art. III. §. 3., e Cap. XI. Art. II. §. 1.

(*b*) Cap. XVI.

(*c*) Cresce de força pela gradação das idêas *Ladrão*, *Roubador; Adultero*, *Destruidor da pudicicia; Sacrilego*, *Inimigo publico da Religião; Assassino*, *Algoz cruel.* Faz-se mais sensivel pelo contraste, indicado pela repetição das conjuncçoens adversativas *não*, *mas.*

Verres: (a) *Trouxemos perante vos, ó Juizes, não hum ladrão, mas hum roubador; não hum adultero, mas hum destruidor da pudicicia; não hum sacrilego, mas hum inimigo publico das cousas sagradas, e da Religião; não hum assassino em fim, mas hum algoz o mais cruel dos cidadãos, e dos alliados.* Porque do primeiro modo faz-se parecer a cousa *grande*, mas deste, *maior.* (b)

ARTIGO III.

Da Amplificação nas cousas, e suas especies.

§. I. COm tudo a quatro especies principaes vejo, se póde reduzir a Amplificação, que são: *Graduação*, *Comparação*, *Raciocinio*, e *Ajuntamento*. (c)

(a) Verr. I. Cap. 3.

(b) Cicero nas *Part.* Cap. XV. comprehendeo tambem estes dois modos de Amplificação feita pelas palavras, individuando ao mesmo tempo os termos, por que se fazem. « A Amplificação « (*diz elle*) faz-se, ou por certo genero de palavras, ou pelos « pensamentos. Quanto ás palavras, devemos empregar as que « tem força para illustrar a oração, sem com tudo serem desusa- « das, quaes são as *Graves*, as *Cheias*, as *Soantes*, as *Compostas*, « as *Novas*, as *Synonymas*, as que não são *Vulgares*, as *Hyper-* « *boles*, e sobre tudo as *Translatas*; isto nas palavras separadas; « e nas continuadas, os *Asyndetos*, que não tendo conjuncçoens, « fazem parecer as cousas mais em numero. » Tudo isto pertence ao primeiro modo de Amplificação Verbal. Depois passando ao segundo, continúa. « Tambem amplificão as palavras *Contrapostas*, « as *Repetidas*, as *Reiteradas*, e as que sobem gradualmente das « mais baixas para as mais altas. »

(c) Ha mil fórmas de Amplificar, diz Longino *Do Subl.* Sect. XI. Quint. as reduz todas a quatro, e estas mesmas se podem reduzir a duas geraes, segundo os dois modos, porque podemos conceber os objectos, que pertendemos engrandecer. Porque, ou os consideramos em si mesmos sem relação a outros objectos, e por meio da Analyse os descompomos em todas as suas partes, e circunstancias: e esta he a que Longino, Sect. XII., chama verdadeiramente Amplificação, definindo-a: *Huma collecção de todas as partes, e caracteres, que acompanhão os objectos, na qual insistindo nós, vimos a dar força ao que tratamos.* Pois *dividindo huma cousa* (diz Arist. Rhet. I. 7.) *nós a engrandecemos, porque a multidão faz grandeza.*

I. Especie de Amplificação nas cousas, Gradação.
1. Modo.

De todas estas a mais forte he a *Gradação*, quando fazemos parecer grandes cousas inferiores, subindo destas para as superiores, ou por *hum grão sómente*, ou por *muitos*, e chegando por este modo não só ao *maximo*, mas ás vezes, em certo modo, ainda *acima do maximo*. Para todos estes modos de gradação basta hum unico exemplo de Cicero: (*a*) *He huma violencia prender hum Cidadão Romano; hum sacrilegio açoutal-o; quasi hum parricidio o matal-o; que direi eu o crucifical-o?*

Se este Cidadão tivesse sido sómente açoutado, já isto teria crescido *hum grão*, chamando *violencia* ao que era inferior. E se tivesse sido morto, já esta acção teria subido por *muitos grãos*. (*b*) Tendo po-

---

Ou sahimos fóra do objecto, comparando-o com outros de huma ordem inferior, igual, ou superior; e este he o segundo modo, fóra dos quaes não se acharáõ outros. Ao primeiro pertence a *Gradação*, o *Raciocinio*, e o *Ajuntamento*, tres modos de conceber as idêas simplices de hum composto, para dellas formar huma noção grande, já descobrindo nellas differentes gráos de bondade, ou malicia; já da grandeza de humas colligindo a de outras consequentes, ou antecedentes; já em fim accumulando-as, e amontoando-as todas, para com a multidão simultanea fazerem mais impressão. Ao segundo pertence a *Comparação*, ou de menor para maior, ou de igual para igual, ou de maior para menor, das quaes vai a tratar Quint. nos quatro §§. segg., principiando pela *Gradação*, ou *Incremento*.

(*a*) Verr. V. Cap. 66. V. Exemplo V.

(*b*) Quatro partes distingue Cicero na acção cruel de Verres contra este Cidadão Romano, a *prizão*, os *açoutes*, a *sentença de morte*, e a *crucifixão*. Todas ellas tem huma gradação natural ascendente, que o orador amplifica gradualmente por outras tantas palavras, que vão crescendo de força, *facinus*, *scelus*, *parricidium*. *Inter* flagitium, *et* facinus *hoc differt*, *quod* flagitium *est quidquid agit cupiditas indomita ad corrumpendum animum, et corpus suum:* facinus, *quod agit, ut alteri noceat.* August. Lib. 3. de *Doctr. Christ.* Cap. 10. A palavra *scelus* accrescenta á de *facinus* a idêa de impiedade, e sacrilegio, contraria á de piedade, e religião. *Hinc pugnat pietas, hinc scelus.* Cic. Cat. II. Cap. 11. A de *parricidium* ajunta ás idêas de violencia, e impiedade a de huma negra ingratidão de hum filho, que tira a vida a quem lha deu. Este he o cume da crueldade, sobre o qual nada ha na ordem dos crimes da vida civil.

rém dito: *quasi hum parricidio o matal-o*, que he o *maximo*, sobre o qual nada ha, accrescentou: *que direi eu o crucifical-o?* Assim, tendo já preoccupado o maximo, necessariamente lhe havião de faltar as expressoens para dizer o que era acima delle. (*a*)

2. *Modo de Gradação.*

Ha outro modo de fazer esta Amplificação acima do maximo, como em Virgilio, fallando de Lauso: (*b*)

Mais formoso, que o qual ninguem se vio,
Fora o corpo de Turno Laurentino.

Porque *mais formoso, que o qual ninguem se vio*, he o maximo, e em cima disto se põe depois alguma cousa.

3. *Modo de Gradação.*

Ha hum terceiro modo de fazer isto, sem hir por gráos; quando o que dizemos, não só (*c*) excede o que he maximo, mas nem ainda póde ser excedido por outro. *Mataste tua mãi. Que direi eu mais? Mataste tua mãi.* (*d*) Pois isto mesmo he huma especie de

---

(*a*) Por isso Cicero accrescentou logo ibid.: *Verbo satis digno tam nefaria res appellari nullo modo potest.*

(*b*) Eneid. VII. 649, em que Virgilio imitou o lugar de Homero Iliad. II. 671. Vej. Tom. I. Exempl. X.

(*c*) A difficuldade deste lugar de Quint. nasce da Ellipse pouco vulgar no Latim de *non* em lugar de *non solum*, e dever-se entender, como se estivesse: *Ut est illud, quod non solum est plus quam maximum, sed quo nihil majus est.* Este pois he hum novo lugar, que se póde ajuntar aos duvidosos de Varrão R. R. III. 9. do *Digest.* VIII. 2. 4, e de Sallustio *Jugurth.* edit. Londin. ad usum Delph. pag. 138. lin. 12, que muitos lêm, ou interpretão differentemente. O primeiro modo de Gradação pois he de muitos gráos; o segundo de dois, a saber o *maximo*, e o *sobre o maximo;* este terceiro de hum só. O orador preoccupou de hum salto não só o que he *sobre o maximo*, mas ainda tão grande, que, por mais que se queira, não se póde augmentar mais.

(*d*) Não se sabe de quem este exemplo he tirado. *Que direi eu mais?* mostra o esforço do orador para descobrir alguma palavra, ou expressão, com que podesse amplificar a gravidade daquelle crime, e na desesperação de a poder achar, tornou a repetir a mesma cousa pelos mesmos termos, *mataste tua mãi;* dando a entender deste modo, que a cousa era tão grande, que nenhuma outra palavra, excepto a propria, a podia engrandecer mais.

Amplificação fazer parecer huma cousa tão grande, que não se possa augmentar mais.

4. *Modo de Gradação.*

Faz-se esta Gradação menos ás claras, mas talvez por isso mesmo com mais efficacia, (*a*) quando, sem fazer separação dos gráos, no contexto mesmo, e ordem das idêas, sempre a que se segue he maior que a antecedente, como Cicero contra Antonio, fallando do vomito: *Na assemblêa porém do Povo Romano, tratando hum negocio publico, sendo chefe dos Cavalleiros?* (*b*) Cada palavra cresce hum gráo. O *vomitar* por si só he feio, ainda que não fosse no ajuntamento. He mais feio em hum *ajuntamento*, ainda que não fosse do *Povo*, ainda que não fosse o *Romano*, ainda que não tratasse *negocio* algum, ainda que este negocio não fosse *público*, e não fosse quem o tratasse *Chefe dos Cavalleiros.* (*c*) Outro orador, que não fosse Cicero, separaria estas idêas, e se demoraria em expender cada hum dos gráos: este grande orador porém ainda para cima corre, e chega ao alto, não apoiando-se, mas voando.

II. Especie de Amplificação nas cousas, Comparação, 1. *Modo de Comparação.*

§. II. Mas assim como esta Amplificação caminha gradualmente das cousas inferiores para as superiores: assim a que se faz por *Comparação* humas

---

(*a*) Por se mostrar menos a Arte, a qual nas gradações marcadas he hum pouco sensivel. Vej. acima Cap. IV. Art. I. §. 1, e adiante Cap. IX. Art. I. §. 10.

(*b*) Philipp. II. Cap. 15. E como este lugar he citado por Quint. em todo este capitulo para exemplo de quasi todas as especies de Amplificação, he justo se veja inteiro no Exempl. VI.

(*c*) Para fazer de algum modo sensivel a ordem, e gradação destas idêas, adverte Quint. XI. 3. 39, que na pronunciação deste periodo, sem interromper o seu contexto, nos demoraremos hum pouco nas pausas de cada huma das palavras. *Sunt aliquando et sine respiratione quaedam morae etiam in periodis, ut in illa:* In coetu vero Populi Romani, negotium publicum gerens, Magister Equitum, etc. *Multa habet membra; sensus enim sunt alii atque alii, et sicut una circumductio est, ita paullum morandum in his intervallis, non interrumpendus est contextus.*

vezes toma o seu augmento da amplificação das *cousas menores.* (a) Pois augmentando ella, o que está abaixo, necessariamente ha de engrandecer o que está acima, como fez o mesmo Cicero, e no mesmo lugar; (b) *Se isto te acontecesse, estando a cear, e no meio daquelles teus enormes copos; quem não teria isto por vergonhoso? no ajuntamento porém do Povo Romano?* etc. . . . (c)

2. *Modo de Comparação.*

Outras vezes, tendo nós proposto hum exemplo, ao parecer *igual,* (d) havemos de fazer parecer maior

---

(a) Tem pois de commum huma, e outra especie de Amplificação o começar por baixo, augmentando o que he inferior para crescer o que he superior. Differenção-se 1. Em que no Incremento sempre ha gradação; na comparação não. 2. Na Gradação o espirito he que combina, e compára as idêas, e não a fórma do discurso; nesta porém o modo mesmo de expressão faz a comparação. 3. Na Gradação não se sahe fóra do objecto, na comparação sim. 4. O Incremento sempre he de menos para mais, quando a Gradação he ascendente; ou de mais para menos, quando he descendente; a Comparação póde ser de igual para igual.

(b) Philipp. II. Cap. 15. Vej. Exempl. VI.

(c) A fórma *(conceptio)* desta primeira especie de Comparação he sempre condicional, exprimida pela conjuncção *si;* que por isso muitos lhe chamão comparação *per hypothesim.* Pois nella se finge sempre huma hypothese, ou caso inferior nas circunstancias ao que pertendemos amplificar; exaggeramol-o, para depois crescer o outro, que visivelmente he maior. Este he o primeiro modo de Comparação. No segundo, e terceiro tomão-se para comparação exemplos da Historia. Vej. Quint. V. 10. 95.

(d) *Pene simili exemplo* traduzi: *hum exemplo, ao parecer igual.* Porque em Quint. são synonymas estas duas palavras *similis,* e *par.* E bem que a propriedade daquella seja para exprimir a conformidade dos objectos, e a desta a sua proporção reciproca: com tudo Quint. toma muitas vezes *similis* em lugar de *par,* como V. 11. 9. e 11: e VII. 8. 7; e outras vezes *par* em lugar de *similis,* como V. 2. 1, e ibid. 11. 41, e 13. 24. Isto não obstante se deve confundir huma palavra com outra. O exemplo póde ser *simile*, e com tudo não ser *par.* Porque as qualidades, e circunstancias de dois exemplos podem ser as mesmas *(similia)*, e não no mesmo grão *(paria)*. *Simile* he o genero, e *par*, e *impar* as especies. *Simile autem, et maius est, et par, et minus,* Quint. VII. 8. 7.

o caso, que queremos exaggerar; como o mesmo Cicero fez a favor de Cluencio. (*a*) Pois, tendo contado o caso de huma mulher de Mileto, que tinha recebido dinheiro dos segundos herdeiros, (*b*) para fazer abortar o feto no seu ventre: *De quanto maior castigo* (diz elle) *he digno Oppianico na mesma especie de injuria? Por quanto aquella mulher, tendo violentado o proprio corpo, tormentou-se a si mesma: este porém conseguio o mesmo pela violencia,* (*c*) *e tormento do corpo alheio.*

Differença desta especie de Amplificação ao lugar similhante dos Argumentos.

Nem alguem cuide, que por esta especie de Amplificação ter sua similhança com aquelle lugar commum dos Argumentos, tirado da comparação de menor para maior, (*d*) he por isso o mesmo. Lá só se tem em vista a prova, e aqui a Amplificação; (*e*) assim como neste exemplo proximo de Oppianico, não se trata na sua comparação de mostrar que fez mal, mas que fez peor. Com tudo ha cousas, que ainda que differentes, tem huma estrema commua.

(*a*) Cap. XI. « Lembro-me *(diz elle)* que, estando na Asia, « huma mulher da cidade de Mileto, tendo recebido dinheiro « dos segundos herdeiros, para se livrar do parto com mezi- « nhas proprias para isso, fôra condemnada á morte. E com « razão; pois deste modo tinha privado o pai da sua esperança, « da memoria do seu nome, do seu successor na geração, do « herdeiro da familia; e a Republica de hum cidadão futuro. « Ora de quanto maior supplicio se fez digno Oppianico? etc. »

(*b*) *Segundos herdeiros* se chamão os que o testador substitue ao herdeiro instituido, caso que este morra.

(*c*) Nas edições de Cicero lê-se hoje constantemente *per alieni corporis mortem, atque cruciatum*, e não como lia Quint. *per alieni corporis vim, atque cruciatum*. A lição moderna parece ser a verdadeira, porque Cicero conclue o dito lugar deste modo: *Ceteri non videntur in singulis hominibus multa parricidia suscipere posse: Oppianicus inventus est, qui in uno corpore plures necaret.*

(*d*) Liv. V. Cap. X. 86. *Apposita, vel comparativa dicuntur, quae maiora ex minoribus, minora ex majoribus, paria ex paribus probant, etc.*

(*e*) A *Prova* cahe sobre o que he duvidoso, a *Amplificação* sobre o que he certo. A *Prova* mostra a existencia da cousa, a *Amplificação* a sua importancia.

Pelo que repetirei aqui o mesmo exemplo, de que lá me servi, (*a*) ainda que não para o mesmo fim. Pois com elle pertendo mostrar que, para Amplificar, não só se compára o *todo* com o *todo*, mas as *partes* entre si, (*b*) assim como neste lugar: (*c*) *Por ventura aquelle grande homem, P. Scipião, Pontifice Maximo, sendo hum particular, matou a Tiberio Graccho, por causar ao Estado huma leve ruina: e nós, sendo consules, soffreremos Catilina, que quer pôr em solidão toda a terra com as mortes, e incendios?* Aqui *Catilina* he contraposto a *Graccho;* o *estado da Republica* a *toda a terra; huma leve ruina* ás *mortes, incendios,* e *solidão;* e *hum particular* aos *consules;* circunstancias, que se alguem quizesse dilatar, cada huma subministraria lugares inteiros. (*d*)

III. Especie de Amplificação nas cousas, Raciocinio.

§. III. Vejamos se com hum termo assás proprio eu exprimi aquellas Amplificaçoens, que disse se fa-

---

(*a*) Este exemplo de Cicero *Cat.* I. 1. não apparece no lugar dos Argumentos V. 10. 86, onde Quint. diz se servíra delle. Ou he pois erro de memoria, ou o lugar citado do Liv. V. está mutilado.

(*b*) Eisaqui o que caracteriza esta especie de Amplificação, e a distingue da Prova tirada da Comparação. Nesta confronta-se o *todo* com o *todo;* porque se tem em vista só a verdade da proposição, e da conformidade inteira de hum facto com outro, he que conclue a identidade da razão. Na Comparação porém, que serve a Amplificar, o fim he fazer ver a importancia, e grandeza de huma cousa, e não a sua verdade. Ora para isto não basta confrontar o *todo* com o *todo.* He necessario analyzar miudamente hum, e outro facto, combinar as suas partes humas com outras, e mostrar a grandeza total de hum sobre o outro pela grandeza maior das circunstancias, que o compõe. A natureza pois desta Amplificação he a mesma, que a da Gradação, Raciocinio, e Ajuntamento, quero dizer, huma noção, ou *Conceito*, que o espirito fórma das idéas simplices de hum objecto comparativamente com as de outro *(concipere)*, e pertence consequentemente ao ornato, huma vez que he fielmente representado pela expressão.

(*c*) Cic. *Catil.* I. 1.

(*d*) Aqui era o lugar proprio do 3. modo de Amplificação por Comparação de *maior* para *menor*, o qual se faz, tomando huma hypothese, ou exemplo maior do que o que queremos en-

zião por meio do *Raciocinio.* (*a*) Bem que pouco cuidado me dá a palavra, com tanto que os que querem aprender percebão a cousa. Eu com tudo usei deste termo, porque esta especie de Amplificação *está posta em huma parte, e em outra he que tem a sua força; para huma cousa crescer, augmenta-se outra, e desta, que se augmenta, se deduz pelo raciocinio a grandeza da que queremos levantar.* Cicero, querendo exprobrar a Antonio o vinho, e o vomito, *Tu* (diz elle) *com estas fauces, com este costado, com esta robustez gladiatoria de todo o corpo?* (*b*) Que tem as *fauces*, e o *costado* com a bebedice? Tem muito; pois olhando nós para estas cousas, podemos daqui inferir a quantidade de vinho, que elle bebeo nas bodas de Hippias, que foi tanta, que com toda a sua constituição Gladiatoria não a poude, nem sustentar, nem cozer. Logo se por huma cousa se collige outra, não he improprio, nem desusado o termo de *Raciocinio. . .* (*c*)

---

grandecer, accrescentando a sua grandeza ainda mais por meio da Eloquencia; e depois de o ter levado ao ponto mais alto de indignidade, ou excellencia, mostrar depois que elle he inferior ainda ao que principalmente queremos amplificar. Hum excellente exemplo desta especie de Amplificação he a comparação, que Cicero faz *pro Marcello* das acçoens militares de Cesar com a de Clemencia, que acabava de fazer, perdoando a seu inimigo. O Orador exaggera grandemente aquellas, para depois mostrar a superioridade desta. Quint. omittio aqui esta especie, porque já a tinha tractado Liv. II. Cap. XIII. Art. III. §. 3, onde se póde hir ver.

(*a*) O termo de *Raciocinio* não era usado em Rhetorica, senão para indicar aquella especie de Estado legal, em que argumentamos do caso de huma Lei para outro. Vej. o que dissemos Tom. I. Lib. II. Cap. XIV. Art. I. §. 4. not. Quint. serve-se aqui deste mesmo termo para hum uso novo. Como elle descobrio esta nova especie de Amplificação, de que nem Aristoteles, nem Cicero fallão, devia procurar huma palavra para a distinguir, e lhe accommodou a de *Raciocinio*, já usada para o fim, que dissemos.

(*b*) Philipp. II. lugar já citado. O pescoço grosso, o costado largo são sinaes de hum temperamento, e constituição robusta, qual se requeria nos Gladiadores, para os combates publicos. A palavra *Gladiatoria* leva comsigo não a idêa de força, e robustez, mas tambem a de infamia, e desprezo.

(*c*) Porque analyzando huma acção, e combinando todas as

1. *Modo.*

A Amplificação de Raciocinio pelas *Consequencias* faz-se deste modo: Era tanta a quantidade, e força do vinho, que lhe arrebentava da bôca, que bem mostrava não ser isto hum acaso, ou vontade, mas sim huma necessidade pura de vomitar em hum lugar, onde menos convinha; e o comer, que se repunha, não era fresco, mas do dia antecedente. (*a*)

2. *Modo.*

Isto mesmo fazem as *Antecedencias*. Porque, quando Eolo rogado por Juno (*b*)

---

suas circunstancias, *Antecedentes*, *Seguintes*, e *Concomitantes* pela varias relações, que humas podem ter para as outras; da grandeza de humas tiramos pelo Raciocinio a das outras. Pois, ou da grandeza das seguintes, como effeitos, inferimos a das antecedentes como causas; e este he o 1. modo: ou da grandeza das antecedentes, ou causas deduzimos a das seguintes, ou effeitos; e he o 2. modo: ou entre muitas cousas concomitantes da mesma ordem, nós diminuimos de proposito humas aliás grandes, e as pomos em huma classe inferior, para da sua inferioridade conjecturarmos a superioridade das outras; e este he o 3. modo: ou engrandecemos a difficuldade de huma acção, para se inferir a força do agente; e he o 4. modo: ou exaggeramos a importancia, e custo dos meios, para se deduzir a do fim; e he o 5: ou em fim engrandecemos o instrumento, para se fazer idêa da grandeza de quem o traz; e este he o 6. modo, os quaes todos vão tratados por esta mesma ordem.

(*a*) Aqui augmentão-se os *Effeitos* do vomito, para se inferir a grandeza da *Causa*. Os effeitos são 1. a quantidade do vinho *(vis vini)*: 2. o impeto, com que sahio *(erumpentis)* 3. o lugar o mais improprio, qual era o tribunal, o que mostrava não ser acaso, nem vontade, mas necessidade: 4. a qualidade do comer, que não era fresco, como de quem vomita por indisposição, mas recozido do dia antecedente, o que mostrava indigestão por demazia. A grandeza pois destes effeitos nos faz discorrer a da causa, isto he, a enorme quantidade de comer, e beber, que este homem brutal tinha devorado nas bodas de Hippias.

(*b*) Em Virg. *Eneid.* I. 81. Estas antecedencias dos *ventos em furia*, dos *ventos todos juntos em hum esquadrão*, do *impeto, com que sahem*, dos *turbilhões, com que varrem a terra* nos farião inferir a grandeza da tormenta, que causarião no mar, ainda que Virgilio não nol-a descrevesse logo com as côres mais terriveis.

Com o conto do bastão, assim fallando,
A hum lado fere a cavernosa serra;
E da prizão escura arrebentando
Soltos os ventos sahem varrendo a terra,
Em esquadrão horrisono bramando:

Está-se vendo quão grande havia de ser a tempestade.

3. *Modo.*

Que? Muitas vezes diminuimos nós de caso pensado as acçoens as mais atrozes, e que por meio da Eloquencia fizemos parecer odiosissimas, para o fim de parecerem mais graves as que se hão de seguir, como Cicero fez, dizendo: (*a*) *Neste réo são faltas leves estas, que vou a dizer. Hum Capitão de mar, de huma cidade das mais notaveis da Sicilia, remio a pezo de dinheiro o medo, em que estava, de ser açoutado com varas: He huma fragilidade humana. Outro, para não ser degolado, deu dinheiro: He cousa trivial.* Por ventura não usou aqui Cicero da Amplificação de Raciocinio, pelo qual colligissem os ouvintes quão monstruoso deveria ser aquelle crime, em comparação do qual parecião estes humas fraquezas humanas, e cousas triviaes? (*b*)

4. *Modo.*

Tambem se costuma augmentar huma cousa por meio de outra deste modo, quando v. g. pelos louvores bellicos de Annibal se engrandece a fortaleza de Scipião; e admiramos a força dos Gallos, e dos Germanos, para crescer mais a gloria de Cesar. (*c*)

(*a*) Verr. V. Cap. 44. Segue-se: *Non vult populus Romanus obsoletis criminibus accusari Verrem: nova postulat, inaudita desiderat: non de Praetore Siciliae, sed de crudelissimo tyranno fieri judicium arbitratur. Includuntur in carcerem,* etc. Vej. Ex. XXXVIII. Tom. I.

(*b*) He este o 3. modo de Amplificação de Raciocinio, quando, entre muitas circunstancias *Concomitantes*, da mesma ordem, e atrocidade; pomos humas em huma classe inferior, para se conjecturar a grandeza das outras. Cicero amplifica a avareza cruel de Verres por varios lances do mesmo genero.

(*c*) He o 4. modo de Raciocinio, nascido da relação natural entre a *Acção*, e o *Agente*. As virtudes militares de Annibal,

5. *Modo.*

Pertence tambem ao mesmo genero esta especie de Amplificação, que se faz *com relação a outra cousa, que parece se não tinha principalmente em vista.* (*a*) Não tem por indigno os principaes dos Troianos *que os Gregos, e os Troianos sofrão tantas calamidades, e por tanto tempo só por amor da belleza de Helena.* (*b*) Que conceito pois he justo se faça de similhante formosura? Porque não he Paris, que a furtou, quem diz isto, não hum moço, ou alguem do vulgo; mas homens anciãos, os mais prudentes dos Troianos, e os conselheiros de Priamo. Este mesmo rei cançado com huma guerra de dez annos, perdidos tantos filhos, ameaçado do ultimo perigo, a quem devia ser odiosa, e execranda aquella face, que tinha sido origem de tantas lagrimas; este mesmo ouve estas cousas, e chamando-lhe filha, a faz assentar ao pé de si, chega ainda a desculpal-a, e a dizer, que não era causa de seus males....

6. *Modo.*

Tambem pela grandeza do *Instrumento* se nos dá a conhecer a da estatura dos antigos Heroes... Desta Amplificação se servio nobremente Virgilio no Cyclope. Que idèa devo eu fazer de hum corpo,

Cuja mão co'hum pinheiro se abordôa? (*c*)

---

dos Gallos, e Germanos fazião difficultosa a victoria contra elles; e assim o louvor destes homens redunda tacitamente no de seus vencedores.

(*a*) Todas as vezes que os *Meios*, e trabalhos, que os homens prudentes tomão, ou soffrem para conseguir hum *Fim*, são custosos, muitos, e dilatados: basta amplificar aquelles pelas suas circunstancias, para se discorrer a importancia, e grandeza do seu objecto, ainda que se não engrandeça este, nem mesmo pareça ter-se em vista. Este he o 5. modo de Raciocinio, tirado da relação entre os *Meios*, e o *Fim*.

(*b*) He o lugar do liv. III. da *Iliada* de Homero, vers. 145 até 165, onde os Anciãos Troianos, estando da Porta Secèa a vêr o exercito dos Troianos, e Gregos, chegou Helena, e admirados da sua formosura disserão isto.

(*c*) Tambem da relação, e proporção, que os *Instrumentos*, e as armas tem com o *Armado*, nasce o 6. modo de Raciocinio.

Esta especie de Amplificação tem sua semelhança com a *Emphase*. Mas esta dá a conjecturar a grandeza pelas palavras, e aquella pelas cousas, e he tanto mais forte, quanto estas o são mais que aquèllas. (*a*)

IV. Especie de Amplificação nas cousas, Ajuntamento.

§. IV. Tambem se póde contar entre as especies de Amplificação o *Ajuntamento de palavras, e oraçoens, que significão o mesmo;* (*b*) porque, ainda què não subão gradualmente, elevão-se com tudo formando huma especie de montão. (*c*) *Que fazia, ó Tubero, aquella tua espada desembainhada no campo de Pharsalia? A que peito se dirigia a sua ponta? Qual era o sentido das tuas armas? Que tenção mostravas*

Assim Homero *Iliad.* VI. 219, e XVI. 140, representando-nos o escudo de Ajaz como huma torre, e a lança de Achilles tão pezada, que nenhum dos Gregos a podia brandir, nos dá a conceber bastantemente a estatura, e força destes Heroes; e Virgilio *En.* III. 659. pelo bordão do Cyclope nos faz medir o seu corpo.

(*a*) Tanto a Emphase, como a Amplificação de Raciocinio nos deixão conjecturar a grandeza da cousa, que se não diz. Nisto convém. Differenção se, em que aquella faz isto por meio das *palavras* v. g. *insedisse*, *lapsi*, (Vej. os exemplos da primeira especie de Emphase no fim do Cap. IV.): esta faz isto por meio dos *Conceitos*, e das *cousas*, amplificando humas, para da sua grandeza se inferir a das outras.

(*b*) *Que significão o mesmo*, mas não do mesmo modo. Todas as palavras, e expressoens synonymas tem a mesma idêa, e pensamento principal; mas cada huma deve accrescentar sua idêa accessoria, pela qual a mesma cousa se reproduza ao espirito com huma nova força, e o ajuntamento dos synonymos seja verdadeiramente a união dos accessorios, ou das faces, pelas quaes olhada a cousa, parece mais grande, e extraordinaria. Ella he pois huma verdadeira analyse, e a sua combinação hum *Conceito.*

(*c*) Mas nem por isso se amontoão ao acaso. Os accessorios, ou hão de ter gradação, ou ordem. Tendo aquella; a mesma se lhe deve dar no ajuntamento: quando não, seguiremos a ordem. Cicero no exemplo, que se segue, coordenou os accessorios de modo, que poz primeiro os que pertencião ás armas de Tubero, depois os do seu corpo, e por fim os do animo; e não se contentando com isto, entre os accessorios de cada huma destas reparticoens seguio a ordem natural. Elle faria mal, se dissesse assim: *Qui sensus erat armorum tuorum? Cujus latus ille mucro petebat? Quid tuus ille, Tubero, districtus in acie Pharsalica gladius agebat?*

nos teus olhos, nos teus manejos, naquelle ardor, que te animava? Que dezejavas? Por que suspiravas? (*a*) Esta Amplificação tem sua similhança com a figura chamada *Synathroismo*. Mas nesta accumulão-se muitos pensamentos; (*b*) naquella ha hum só, que se reproduz por meio de differentes expressoens synonymas.

Esta Amplificação costuma-se tambem fazer, ordenando as expressoens synonymas de modo, que vão gradualmente (*c*) subindo de força. *Estava presente o carcereiro, o algoz do Pretor, a morte, e o terror dos alliados, e dos Cidadãos Romanos, o lictor Sextio.*

O mesmo methodo, que ha para *Amplificar*, ha tambem para *Diminuir*. Porque tantos degráos tem quem sobe, como quem desce. Assim contentar-me-hei com hum unico exemplo, tirado do lugar, em que Cicero, fallando do discurso de Rullo, diz assim: *Alguns porém, que estavão mais ao pé, suspeitárão que elle queria dizer não sei* que *ácerca da lei Agraria.* (*d*) Se isto se referir á clareza do estilo,

---

(*a*) Cicero *pro Ligario* Cap. III.

(*b*) Συναθροισμος quer dizer tambem *ajuntamento*, *condensação*, de σὺν *cum*, e ἀθρόος *densus*, e involve as idéas de *multidão*, e *união*, assim como a *Congeries*. Mas nesta ajuntão se muitas expressoens synonymas, com as quaes se reproduz a mesma idêa ou pensamento: no Synathroismo porém accumulão-se, ou muitas idêas, ou muitos pensamentos differentes, como: *Haeres eras, et pauper,* etc. Vej. Tom. I. Liv. II. Cap. XI. Art. I. §. 2.

(*c*) Como no exemplo seguinte, em que os gráos são *Carcereiro*, *Algoz*, *Morte*, *Sextio*. O nome proprio de *Sextio* era tão odioso então na Sicilia, como o foi depois o de *Nerão* em Roma. Assim como pois a palavra *Nerão* dá mais, e maiores idêas de crueldade, que os nomes appellativos por mais atrozes, e significantes que sejão; assim o nome de *Sextio* era o mais forte para fechar a serie das idêas crueis. Observe-se de passagem, que para amontoar muitas idêas, he preciso approximal-as na oração humas ás outras, quanto for possivel: o que se conseguirá por meio da enunciação curta de cada huma, e pelos *Asyndetos*, e *Polysyndetos*. A composição por *incisos*, e *membros* he a mais propria para isto. Vej. adiante Cap. IX. Art. I. §. 8, e Cap. X. Art. V. §. 1.

(*d*) Na II. *Agraria*, Cap. V. He bom ver todo o lugar, e

he huma *Diminuição;* se á escuridade, huma *Amplificação.*

A alguns poderá parecer a *Hyperbole* huma especie de Amplificação, porque tambem serve para augmentar, e diminuir. Mas como ella sempre excede a verdade, (*a*) tem mais proprio lugar entre os Tropos; os quaes immediatamente eu poria aqui, se não tivesse já separado dos outros Ornatos os que resultão das expressoens, que não são proprias, mas transferidas. (*b*) Satisfaçamos pois já com brevidade ao desejo, e

---

notar no contexto mesmo o ajuntamento das circunstancias, porque Cicero engrandece a escuridade de Rullo. Ellas vão em differente caracter. *Explicat orationem sane longam, et verbis valde bonis. Unum erat, quod mihi vitiosum videbatur, quod* tanta *ex frequentia inveniri* nemo *potuit, qui intelligere posset*, quod dicerit. . . *Tamen, si qui* acutiores *in concione steterant, de lege Agraria* nescio quid voluisse *eum dicere* suspicabantur.

(*a*) Com esta differença da *Hyperbole* á *Amplificação* exclue Quint. da verdadeira idêa de Amplificação a que he Sophistica, e Declamatoria, a qual, segundo Isocrates no principio do seu Panegyrico, consiste *em fazer grande o que he pequeno, e pequeno o que he grande*, τά τε μεγάλα ταπεινὰ ποιῆσαι, καὶ τοῖς μικροῖς μέγεθος προσθεῖναι. O Amplificar não he exaggerar, mas sim engrandecer as cousas, que, ou são grandes em si, ou como taes se nos representão. A *Hyperbole* pois passa sempre os limites da verdade, e da verisimilhança. A Amplificação porém, ou se contém na verdade, fazendo parecer grandes as cousas, que o são; ou na verisimilhança, fazendo-as parecer maiores do que são pelo enthusiasmo da paixão, que excita.

(*b*) Elle fez esta distincção no Cap. antecedente Art. V., onde deu ao Ornato tres gráos; a saber: as *Pinturas*, os *Conceitos*, e o *Adorno*, chamado em latim *Cultus.* Os primeiros dois podem-se fazer com os termos proprios, sem translações algumas, como se vê dos exemplos mesmos de Quint.; o terceiro não; porque todo elle depende dos Tropos. Antes pois de passar a tratar destes, devia Quint. acabar a materia dos ornátos da oração independentes dos Tropos. Taes são tambem as *Sentenças*, que fazem o objecto do Cap. seguinte.

Sendo pois este o sentido obvio de Quint., não sei que razão tivesse Gesnero para dar este lugar por suspeito, requerendo nelle a definição da sentença, que Quint. vai a dar logo para baixo no seu lugar. O que se propõe Quint. aqui he, dar a razão, porque da Amplificação não passa immediatamente aos Tropos. Gesnero desorientado por este modo do verdadeiro scopo do author, não he para admirar, que se cance em vão para achar sahida á difficuldade, que elle mesmo formou, sem na realidade a haver.

gosto quasi geral, não omittindo aquelle ornato, que a maior parte tem pelo principal, e quasi unico do discurso.

CAPITULO VI.

Dos Conceitos, segundo Grão do Ornato, e II. dos Conceitos Sentenciosos.

(VIII. 5.)

Os antigos derão o nome de *Sentença* a todo o pensamento. . . (*a*) Mas o costume introduzio já o dar-se o nome de *Sentidos* a todos os pensamentos, e o de *Sentenças* só áquelles, que são brilhantes, especialmente estando nas clausulas; os quaes, sendo menos frequentes entre os antigos, (*b*) nos nossos tempos tem passado a excesso; e por isso julgo da minha obrigação dizer alguma cousa, assim a respei-

---

(*a*) *Sententia* vem de *Sentio*, sentir, julgar dos objectos pelas sensaçoens, pensar. A *Sentença* nesta accepção de pensamento não he ornato: he porém hum, tomada por hum conceito agudo, que em poucas palavras dá muito que pensar. Assim como nas *Pinturas* a nossa Imaginação já gosta de trabalhar em pequeno, representando a natureza com todas as suas partes mais miudas por meio das *Enargueias*, *Similhanças*, e *Comparaçoens*; já em grande, dando a vêr em huma *Imagem* só, em hum *Bosquejo*, em huma expressão *Emphatica* muitas idêas: assim nos *Conceitos* o nosso espirito já gosta da Analyse, formando as suas noçoens de todos aquelles aspectos possiveis, porque o objecto pòde parecer grande; já da Synthese, concentrando, para assim dizer, muitas idêas em huma só. Pois a sentença não he outra cousa mais, que huma verdade geral, e abstracta, que he como o resultado, e resumo de muitas idêas sensiveis.

(*b*) Entende os Escriptores, e Oradores Romanos até o meio do I. seculo da Era vulgar, pelos quaes tempos nasceo Quint.; e desde então para diante se deve entender o que o mesmo chama *nossos tempos*, em que floreceo Seneca o Philosopho, que deu o tom ao seu seculo, e com o seu estilo sentencioso fez propagar este gosto.

to das *suas especies*, como do *uso*, que dellas se deve fazer. (*a*)

ARTIGO I.

De varias especies de Conceitos Sentenciosos.

I. Sentenças antigas. Gnoma, *primeira especie.*

§. I. Os mais antigos são os chamados propriamente *Sentenças*, (*b*) (bem que este he hum nome commum a todo o pensamento) e em Grego *Gnomas*; e tomárão hum, e outro nome, porque são similhantes aos *pareceres* do Senado, ou *decretos* dos Magistrados. (*c*) A Sentença pois, ou Gnoma he *huma maxima geral, que ainda fóra das circumstancias de hum caso particular, póde merecer a approvação.* (*d*)

(*a*) A mesma divisão quasi faz Aristoteles da materia das sentenças no Cap. 21. do Liv. II. da sua Rhet. no princ. e no fim: τί ἐςι, καὶ πόσα εἴδη, καὶ πότε χρηστέον ἀυταῖς. *Que cousa seja sentença, suas especies, e quando se deve usar dellas.*

(*b*) Entre varias especies de Sentenças Quint. distingue as que forão conhecidas, e usadas dos antigos, como as *Gnomas, Enthymemas*, e *Epiphonemas*; e as que no seu tempo se introduzirão, e que elle adiante chama *novas.*

(*c*) Assim como o nome Latino *Sententia* vem de *Sentio* (julgar), e se diz assim dos juizos decisivos dos tribunaes, como dos consultivos dos Senadores: assim a palavra Grega γνώμη vem de γινώσκω, que tem as mesmas significaçoens, que *Sentio.* As Sentenças Judiciaes, e os Pareceres são sempre sobre o que se tem obrado, ou se deve obrar. Assim tambem estas Sentenças tem por objecto as acçoens da vida, ou passadas, ou futuras; que por isso o Author da Rhet. a Herennio IV. 17. diz que a sentença he *Oratio sumpta de vita, quae, aut sit, aut quid esse oporteat in vita, breviter ostendit.*

(*d*) Esta definição da Gnoma he tirada de Arist. Rhet. II. 21. Assim explicarei huma pela outra. Primeiramente, diz Quint., *Est vox*, isto he, não hum discurso longo, mas huma palavra, hum dicto breve, e curto. Tal he a força da palavra *vox.* O termo ἀπόφασις, de que se serve Aristoteles, tem a mesma força, e significa hum dicto sentencioso, e curto, e he o mesmo, que ἀπόφθεγμα, que segundo Eustathio *Iliad.* IX. 493. he βιωφελὴ προφορὰν δι' ὀλίγων λέξεων. *Hum dicto util á vida enunciado em poucas palavras.* A brevidade, e precisão da

Primeira divisão.

Esta, ou he sómente relativa á *cousa*, como, *Nada he tão popular como a bondade*; ou á *pessoa*, como aquillo de Afro Domicio: *O Principe, que quer saber tudo, tem necessidade de perdoar muitas couzas.* Alguns lhe chamárão parte do Enthymema, outros

---

expressão he essencial a estes conceitos agudos, assim chamados de *acutus*, ὀξὺς, porque são ligeiros, e rapidos. Toda a difficuldade está em saber conciliar a precisão com a clareza. A *fórma pois de expressão nestas sentenças* (diz Arist. Rhet. III. 10.) *he a mesma que nos mais pensamentos. Mas em quanto menos palavras elles se enunciarem, e com maior contraposição de idêas; tanto mais agradaveis serão. A razão he, porque a percepção do pensamento se faz mais facil pelo contraste das idéas, e mais rapida pela brevidade da expressão.* Estes pensamentos agradão, porque nos fazem pensar sem muito custo. São como hum clarão, que em hum instante alumia hum grande espaço. Nós veremos, que a união da luz, e da rapidez faz o caracter destes conceitos.

Em segundo lugar diz Quint. *vox universalis, quae etiam citra complexum causae*, e he o mesmo que disse Aristoteles: οὐ μέν τοι περὶ τῶν καθ' ἕκαστον.. ἀλλὰ καθόλου. *Hum dicto geral, que não tem por objecto hum caso particular, mas todos universalmente.* Na verdade as sentenças são humas proposiçoens geraes, e abstractas, que são como os resultados de muitas cousas sensiveis, de muitos factos, experiencias, e reflexoens particulares. Capperonnier a este lugar enganou-se, tomando *citra complexum caussae* por *citra rationem*, ἄνευ ἐπιλόγου. Vej. Quint II. I 9., II. 4. 36., III. 5 7., e VII. 10. 3.

Em terceiro lugar accrescenta Quint. *quae potest esse laudabilis*; traduzindo assim a palavra Grega εὐδόκιμος, com que Aristoteles III. 10. caracteriza esta especie de pensamentos, e que quer dizer *o que merece a approvação de todos.* Ora só as verdades practicas he que são objecto da approvação dos homens; que por isso continúa Aristoteles a definição da Gnoma, dizendo: ἐστὶ ἐπὶ πάντων καθόλου, οἷον, ὅτι τὸ εὐθὺ τῷ καμπύλῳ ἐναντίον, ἀλλὰ περὶ ὅσων αἱ πράξεις εἰσὶ, καὶ αἱρετὰ, ἢ φευκτά ἐστι πρὸς τὸ πράσσειν. *Nem sobre todas as verdades geraes, como v. g. Que a linha recta he contraria á curva; mas sobre as que são practicas, e que tem por objecto o que devemos escolher, ou fugir.* A materia pois da Gnoma he sempre huma materia moral, e nisto só se distingue a *Maxima* do *Principio.* Ambas estas palavras significão huma verdade geral, que he o summario de outras muitas. Mas esta applica-se mais particularmente aos conhecimentos theoricos, e aquella aos practicos.

o principio, ou conclusão do Epicheirema; e assim he ás vezes, mas não sempre. (*a*)

Segunda divisão.

Com mais verdade se póde dizer, que ella humas vezes he *simples*, como esta que acabei de dizer, á qual se ajunta ás vezes a sua razão, (*b*) como, *Em toda a contenda, o mais forte, ainda que receba a injuria, com tudo, porque o he, parece fazel-a:* (*c*) outras vezes he *composta* de duas proposiçoens, v. g. *A condescendencia cria amigos, a verdade inimigos;* (*d*) e estas então são mais brilhantes, quando se compoem de pensamentos contrapostos, (*e*) como, *O morrer não he hum mal, a chegada da morte sim.* (*f*)

(*a*) Isto diz Aristoteles Rhet. II. 21. He parte do Enthymema quando á sentença se ajunta a sua razão, porque o Enthymema não he outra cousa senão a proposição com a sua prova. He o principio, ou conclusão do Epicheirema, porque este consta de huma proposição Geral, chamada *Connexio*, a qual he a sentença; da *Assumpção* ou razão; e da *Intenção*. Ora a Proposição geral nos Epicheiremas syntheticos está ao principio, e nos analyticos no fim. Vej. Liv. II. Cap. X. Art. II. §. 2. Mas as sentenças poem-se muitas vezes sós, sem a sua razão. Logo nem sempre he verdade dizer que são partes do Enthymema, ou Epicheirema.

(*b*) Sentenças *Simplices* são as que constão de huma só proposição, e *Compostas* as que tem mais de huma. Tanto a simples, como a composta podem ter junta a sua razão, ou não a ter, segundo o Auctor da Rhet. a Heren. e Aristoteles. Tendo-a, são huns verdadeiros Enthymemas; não a tendo, partes do Enthymema. Esta subdivisão das sentenças *ratione subjecta*, (μετὰ ἐπιλόγου) e *sine ratione subjecta*, (ἄνευ ἐπιλόγου) he a primeira e principal de Arist., que adverte, que sendo a sentença paradoxa, ou duvidosa, lhe ajuntaremos a sua razão para a illustrar; e que esta he escusada, quando a sentença não admitte dúvida.

(*c*) Sallust. *Jugurth.* Cap. 10.

(*d*) Terent. *Andr.* I. 1.

(*e*) As idêas contrapostas reflectem a luz, humas sobre as outras. A contraposição pois faz mais facil a percepção do pensamento, e esta facilidade junta com a agudeza, e velocidade faz todo o merecimento da sentença. Por isso diz Aristoteles Rhet. III. X. 2, *que pelo que pertence á fórma de expressão, agradão mais aquellas sentencas*, ἐὰν ἀντικειμένως λέγηται, *que se enuncião com contraposição.* Vej. supr. §. I. not. (*d*)

(*f*) He sentença de Epicuro, como se vê da I. *Tusculan.* de Cicero Cap. 8, tirada do dicto de Epicharmo Poeta: *Emori nolo, sed mortuum esse me nihil existimo.*

Terceira divisão.

E as que *não são Figuradas* são deste modo: *Tanto falta ao avarento o que tem, como o que não tem.* (*a*) Mas recebem da *Figura* maior força, como:

Tão lastimosa cousa o morrer he? (*b*)

Porque isto assim dito he mais forte do que dizer simplesmente: *O morrer não he hum mal.*

Quarta divisão.

As mesmas sentenças recebem da mesma sorte maior força de geraes que são, fazendo-as particulares a algum caso, ou pessoa. Assim, sendo huma sentença geral esta: *Fazer mal he facil, fazer bem, difficil*, Medea em Ovidio fel-a mais vigorosa, dizendo de si:

Salvar-te pude, e não poderei perder-te? (*c*)

Da mesma sorte Cicero applicou a Cesar esta sentença: (*d*) *Nem a tua fortuna, ó Cesar, tem cousa maior do que podêres, nem a tua natureza cousa melhor do que quereres conservar a vida a quantos pódes.* Desta sorte fez proprio á pessoa de Cesar um pensamento, que era geral. (*e*)

(*a*) Sentença tirada de hum *Mimo* de Publio Syro, que quer dizer: que o avarento está privado tanto do que he seu, como do que he alheio; porque nem de huns bens, nem de outros usa.

(*b*) Virg. *En.* XII. 646.

(*c*) Na Tragedia *Medea*, a qual se perdeo, e de que Quint. faz menção, X. I. 98. A mesma se lê tambem no *Ciris* attribuido a Virgilio: *Ut me, si servare potes, ne perdere mavis.*

(*d*) *Pro Ligar.* Cap. ult.

(*e*) Esta sentença enunciada geralmente seria deste modo: *A maior felicidade he poder, e a melhor natureza he querer salvar a muitos.* A applicação pois das maximas geraes a pessoas, e casos particulares produz o mesmo effeito que a contraposição, fazendo mais sensivel, e perceptivel a verdade da sentença. Alem disso esta applicação a casos particulares tira ás sentenças o tom didactico, odioso, e enfadonho nas obras de gosto, e lhes communica a fórma dramatica, e esthetica, que he mais propria ao Orador, e Poeta; principalmente quando se trata de mover as paixoens, e exprimir os sentimentos. O auctor da Rhet. a Herenn. Liv. IV. Cap. 17. faz a mesma observação de Quint.

Resumindo agora toda esta doutrina de Quint. sobre as differentes especies de Gnomas, elle faz dellas quatro divisoens seg

Quatro regras para guardar no uso das Gnomas.

Nesta especie de sentenças devem-se guardar as seguintes regras, e isto em toda a parte. *Que não sejão muito frequentes*, (*a*) *nem claramente falsas*, (*b*)

---

gundo o seu *Objecto*, *Partes*, *Fórma*, e *Extensão*, como se póde vêr na taboa seguinte.

Objecto	*Relativa á Cousa.*			
	Relativa á Pessoa.			
Partes	*Simples.......*	*Sem razão.*	ou *Separada.*	Enthymema.
		Com razão.		
	Composta.......	*Sem razão.*	ou *Incluida.*	Sentença Enthymematica.
		Com razão.		
Fórma	*Não Figuradas.*			
	Figuradas.			
Extensão	*Communas.*			
	Apropriadas.			

(*a*) O autor da Rhet. a *Herenn.* no lugar acima citado dá a razão. *Sententias interponi raro convenit, ut rei actores, non vivendi praeceptores esse videamur.* Vej. not. antecedente.

(*b*) Todos os pensamentos pertencentes á Eloquencia e Poezia podem ter duas especies de qualidades, humas *Logicas*, porque pertencem ao bom senso, e á razão; e outras *Oratorias*, porque só o Gosto he quem decide dellas. As primeiras são a *Clareza*, a *Verdade*, a *Utilidade*, e o *Decoro*. Estas são essenciaes e indispensaveis a todo o pensamento. As segundas são a *Força*, a *Agudeza*, a *Vivacidade*, a *Graça*, a *Novidade*, a *Delicadeza*, e a *Sublimidade*. Estas ornão os pensamentos, mas não lhes são essenciaes. Uma qualidade pois fundamental de todo o pensamento he a *verdade* delle. Esta consiste em representar o objecto, qual elle he. A *Justeza* pertence á verdade. Um pensamento perfeitamente verdadeiro he tambem justo. O uso com tudo tem feito alguma differença entre a *verdade*, e *justeza* do pensamento. A *verdade* significa mais precisamente a conformidade do pensamento com o objecto. A *justeza* diz respeito á sua extensão. O pensamento he verdadeiro, quando representa o objecto; e he justo quando não tem nem mais nem menos extensão do que elle. Quando a todos os respeitos, (καθ' ὅλου) he verdadeiro. Quint. quer que as sentenças não só sejão verdadeiras, mas tambem *Justas*, e reprehende muitos Declamadores do seu tempo, que proferião sentenças, como maximas geraes, (καθολικας) applicaveis, e certas em todos os casos; quando o não erão a todos os respeitos.

Quint. diz: *ne palam falsae.* Porque não quer excluir das sentenças hum falso apparente, que ás vezes faz toda a sua delicadeza, e lhe provem da *Metaphora*, da *Ironia*, da *Ficção*, e da *Hyperbole.* Aristoteles mesmo Rhet. III. 11. faz hum lugar do sentencioso ἐκ τοῦ προσεξαπατᾶν, *de huma especie de engano; pois que*

quaes são muitas daquellas, que alguns chamão *Universaes*, proferindo com hum tom decisivo, como indubitavel, tudo o que faz a bem da sua causa: *Que se não digão indiscretamente,* (*a*) *nem por qualquer.* (*b*) Porque estas sentenças estão melhor na boca de pessoas authorizadas, para a sua authoridade dar tambem pezo á sentença. Pois quem sofreria hum menino, ou hum rapaz, ou ainda hum homem obscuro, que, orando, tomasse hum tom decisivo, e se erigisse, em certo modo, mestre da vida, e dos costumes? (*c*)

---

por meio deste o nosso espirito reconhece tanto mais evidentemente ter aprendido alguma cousa, quando vê, que he tudo pelo contrario do que elle se imaginava ao principio, e parece dizer comsigo: He verdade, e eu me enganava. Vej. o P. Bouhours, *Maneira de bem pensar.* Dial. I. Pag. 20, e logo §. IV. e V.

(*a*) Isto quer dizer, *ne passim dicantur*; no qual sentido emprega Quint. o mesmo adverbio IV. 2. 70. *Non tamen haec, quia possunt bene aliquando fieri, passim facienda sunt.* Ora as sentenças ainda moderadas, e verdadeiras são *indiscretas*, quando se não dizem na sua occasião, lugar, e materia. Por exemplo, em todas as materias, e lugares patheticos, não ha cousa mais fóra de proposito que o estilo sentencioso. Pois consistindo elle nas idêas abstractas, e geraes, filhas da reflexão, e raciocinio: estas são oppostas ás sensiveis, e fantasticas, que dominão nos affectos. *Atqui sunt quaedam actiones in satisfactione, deprecatione, confessione positae. Sententiolis ne flendum erit? Epiphonemata, aut Enthymemata exorabunt? Non quidquid meris adjicietur affectibus, omnes eorum diluet vires, et miserationem securitate laxabit?* Quint. XI. 1. 52. Os dois Senecas, Tragico, e Philosopho são muitas vezes indiscretos nas suas sentenças. Deste diz Quint. X. 1. 130. *Velles eum dixisse ingenio suo, alieno judicio.*

(*b*) He a mesma observação de Aristoteles Rhet. II. 21. *O dizer sentenças convém só a homens mais adiantados na idade, e só nas materias, de que se tem experiencia. Não sendo desta idade, o conceituar he improprio; e em cousas de que alguem he ignorante, he loucura, e rusticidade.* A razão está clara. As sentenças são huns resultados, e huns resumos breves de muitas verdades, e observaçoens particulares. Ellas suppoem pois em quem as diz, muita experiencia, muitas reflexoens antecedentes, e muita lição; cousas, que se não achão de ordinario nos poucos annos, e em pessoas, que não tem profundado as materias. Alem disto o tom de authoridade, e magisterio proprio destes pensamentos não está bem a pessoas destituidas destas qualidades.

(*c*) As Gnomas são similhantes ás *Sentenças dos Julgadores.* §. I. not. (*c*) São tambem *vitae praecepta*, liçoens da vida. Quem as diz pois em certo modo *judicat, et praecipit*, faz-se Juiz, e Mestre.

Enthymena, 2. Especie.

§. II. *Enthymema* tambem quer dizer todo o pensamento; (*a*) mas assim como por huma especie de propriedade o nome commum de *Poeta* se tem feito proprio a Homero, e o de *Cidade* a Roma: assim se deu o nome de Enthymema propriamente *áquella especie de Sentença, que se faz de idêas oppostas*, porque parece sobresaír entre os mais pensamentos. (*b*) Deste Enthymema fallámos já assaz nos Argumentos. (*c*) Mas elle nem sempre se emprega para provar; algumas vezes serve de ornato. (*d*) *Estimular-te-hão, Cesar, á crueldade os discursos daquelles mesmos, cuja impunidade he o louvor da tua clemencia?* (*e*) Este pensamento aqui não he huma razão nova. Mas porque já por outras se tinha mostrado a injustiça de similhante procedimento; esta sentença accrescentada por fim, a modo de Epiphonema, não he tanto huma nova prova, quanto o ultimo salto, para assim dizer, do discurso. (*f*)

Epiphonema, 3. Especie.

§. III. Pois *Epiphonema* he huma sentença,

(*a*) De ἐνθυμεῖν, *pensar*. Sendo pois hum nome commum, se apropriou a esta especie de pensamentos, que pela sua opposição sobresáem entre os mais. He o quarto modo de Propriedade, de que fallou Quint. neste Liv. Cap. III. Art. I. §. 4.

(*b*) Sobresáe pela agudeza, e precisão da expressão; e pelo brilhante, e claridade, que lhe resulta da opposição, e contraste das idêas.

(*c*) Liv. II. Cap. X. Art. II. §. 1.

(*d*) Estes Enthymemas são hum ornato, e não huma prova, porque cahem sempre sobre cousa já provada. Em segundo lugar, porque os que servem de prova podem ser dos consequentes, estes sempre são dos contrarios. Em terceiro lugar, porque são huns pensamentos agudos, e curtos, em que substanciamos a força do raciocinio, e lhe damos toda a luz possivel pelo contraste das idêas. As Sentenças Enthymematicas, que levão comsigo junta a razão tirada dos repugnantes, pertencem a esta especie. Vej. Aristotel. Rhet. II. Cap. 21.

(*e*) Pro Ligar. Cap. IV.

(*f*) Metaphora tirada dos que correm, que no fim da carreira dão hum salto para parar. Na edição de Gesnero se lê neste lugar, *ut id justum appareret*, o que he erro manifesto. Deve-se lêr, *ut id injustum appareret*.

com que exclamamos no fim de huma narração, ou de huma prova, (a) como:

Tanto ao illustre chefe custar devia
O fundar a Romana monarchia. (b)

Porque o bom mancebo antes quiz obrar com perigo do que sofrer huma acção torpe. (c) ...

II. Sentenças Novas. Inesperado, 1. *Especie.*

§. IV. Com mais razão se podem chamar *Novas* (d) as seguintes especies de sentenças. Primeiramente

---

(a) Quint. traduz a palavra Grega ἐπιφώνημα, que vem de ἐπιφωνέω *acclamo, inclamo*, exclamar sobre alguma cousa. Com tudo não se deve confundir com a *Exclamação* figura. Porque esta não he sentença, he mais vehemente, e serve para exprimir os movimentos da paixão: o Epiphonema pertence mais aos affectos Ethicos. Esta especie de sentença he huma reflexão fina, e delicada, que fazemos sobre um facto, que acabámos de narrar, ou provar. Ella he como o resultado de tudo o que temos dicto. He pois aguda e curta. O espirito sente nella tres gostos ao mesmo tempo; hum, de ver poupado o seu trabalho pela reflexão do orador; outro, por ver em pouco muito; e outro em fim pela grande claridade, que as idêas singulares, e sensiveis do facto antecedente espalhão sobre a sentença geral, e abstracta, que fazem facil, e prompta a sua percepção. Assim estes Epiphonemas são os que fazem toda a graça dos remates, com que Marcial fecha os seus Epigrammas, e Valerio Max. as suas historias. Tem differença do Enthymema; porque este he sempre de idêas contrarias, o Epiphonema, não: este sempre fecha a prova, ou narração; aquelle nem sempre: no Epiphonema sempre ha exclamação, que não ha no Enthymema.

(b) Virg. *Eneid.* I. 33. Este Epiphonema he *rei narratae*, porque conclue o summario dos trabalhos de Eneas por mar, e por terra para fundar o Imperio Romano na Italia, o qual summario corre desde o principio da Eneida até o verso 32.

(c) Cic. *pro Milone* Cap. IV. Este he *rei probatae*, pois vem depois do exemplo do mancebo, que matou hum Tribuno militar no exercito de C. Mario, para provar que ha casos, em que he licito a hum homem matar outro. Vej. Tom. I. Liv. II. Cap. IX. Art. I. §. 4.

(d) No compendio de Rolin seguem-se depois do Epiphonema dois §§., em que Quint. trata de duas especies de sentenças, que os Declamadores do seu tempo introduzirão como novas, huma chamada *Noema*, e outra *Clausula*. Quint. não as reconhece como taes, continuando logo a dizer: *Jam haec magis nova sententiarum genera.* Com effeito o *Noema* não he outra cousa mais que huma Emphase da segunda especie, e a *Clausula* não tem differença do Epiphonema. Em consequencia disto omit-

as que se tirão do que he *Inesperado.* (*a*) Tal he o dicto de Vibio Crispo contra aquelle, que com o pretexto de se defender dos ataques de seus inimigos passeava na praça pública armado com couraça. *Quem te deu licença para temeres por este modo?* Tambem Africano senteneiosamente disse a Nerão, fallando a respeito da morte de sua mãi: *A tua provincia das Gallias te roga, ó Cesar, leves com paciencia a tua felicidade.* (*b*)

Alluzão, 2. *Especie.*

§. V. Ha outras que são *Allusivas,* (*c*) como a

---

ti estes dois §§., e passo immediatamente áquellas especies de sentenças, que Quint. chama *novas;* não porque não fossem conhecidas dos antigos; pois pelos lugares de Arist., e Cicero veremos que o forão; mas sim pelo maior uso, que dellas fizerão os oradores, e escriptores do seu tempo.

(*a*) Aristoteles *Rhet.* III. 11. já tinha assignado, entre outros, este lugar das sentenças, dizendo: *Outra especie de sentencioso, que Theodoro accrescenta, são os pensamentos novos; o que succede, quando, o que se diz, he inesperado* (ὅταν παράδοξον ᾖ), *ou, como elle diz, não conforme a opinião antecedente.* Cicero no II. do *Orad.* faz tambem do *Inopinado* hum lugar de gracejar: *Sed scitis esse notissimum Ridiculi genus, cum aliud expectamus, aliud dicitur. Hic nobismetipsis noster error risum movet.* Quint., que VI. 3. 36. diz que os lugares das Graças Urbanas são os mesmos, que os das Sentenças, ibid. n. 84. *resta* (diz elle) *aquella especie, com que enganamos a expectação, ou tomamos o que se disse em outro sentido, o que he hum lugar do Jocoso entre todos o mais galante. O que he* Inopinado *póde-se dizer, ou por quem falla primeiro, ou por quem responde. Do primeiro genero he o que diz Cicero*: Quid huic abest, nisi res, et virtus, *e aquillo de Afro :* Homo in agendis causis optime vestitus. O Padre Bouhours, *Man. de bem pensar.* Dial. 2. pag. 254., chama a estes pensamentos *Delicados.* Pois que lisongeão o espirito, suspendendo-o ao principio, e surprendendo-o depois. Esta suspensão, e surprensão fazem toda a sua delicadeza. Vej. muitos exemplos destes ibid. e nas pag. segg.

(*b*) Na primeira sentença *Quem te deu licença?* faz esperar hum atrevimento: *para temeres* he inopinado. Na segunda *leves com paciencia* faz esperar huma infelicidade. O que se accrescenta pois, *a tua felicidade*, he inesperado.

(*c*) Isto quer dizer *alio relata;* dizer huma cousa com allusão a outra sem fazer expressa menção desta, ainda que se tenha em vista. O effeito desta allusão he fixar a attenção sobre as idêas accessorias ligadas ao objecto comparado. A allusão póde-se fazer, ou a factos historicos, e a usos, ou a factos fabulosos, ou a huma palavra; que por isso ella he, ou

de Afro Domicio, que, defendendo a Cloantilla do crime já perdoado por Claudio de ter dado sepultura ao corpo do seu marido hum dos rebellados, no epilogo de seu discurso disse, apostrophando os seus filhos: *Com tudo, ó meninos, sepultai a vossa mãi.* (*a*)

Ficção, 3. *Especie.*

§. VI. Outras procuradas de outra materia se trazem de lá para se applicarem ao nosso caso, (*b*)

Historica, ou *Mythologica*, ou *Nominal*. A esta ultima chama Arist. Rhet. III. 11. παραγράμμα. Em humas e outras a regra de Arist. he: δεῖ δὲ ἀμφότερα προσηκόντως λεχθῆναι, que sejão exactas em ambos os sentidos.

(*a*) Alludia ao facto de Cloantilla, que contra a lei, que mandava deixar sem sepultura os que se tinhão rebellado contra a Patria, tinha enterrado o corpo de seu marido em hum lugar deserto, tendo sido hum delles. Domicio Afro no epilogo da sua oração a favor desta miseravel mulher, naturalmente faria esta apostrophe aos filhos della, trazidos alli, segundo o costume, para enternecer mais os Juizes, como se lhes dissesse: se vossa mãi fòr condemnada á morte por ter dado sepultura a seu marido, e vosso pai; isso não obstante dai-lhe tambem sepultura, e imitai-a neste exemplo de piedade, que ella vos deu. Gesnero a este lugar crê que a mãi fòra accusada por seus proprios filhos. Mas a pouca idade destes mostra o contrario, e consta aliás de Quint. mesmo IX. 2. 20, que os accusadores tinhão sido hum irmão de Cloantilla, e alguns amigos do pai da mesma.

(*b*) *Et aliunde petita* he o contrario de *Alio relata*. Ambas estas especies de sentenças são fundadas na simïlhança entre dois casos. Tem porém esta differença, que na Allusão, pelo modo, palavras, e circunstancias, com que enuncio o pensamento, eu dou a perceber a relação do meu caso a outro, sem parecer fazel-o. Ambos elles se offerecem ao mesmo tempo ao espirito do ouvinte, e esta confrontação, que lhe deixamos fazer, o exercita agradavelmente, e o lisongea pelo sentimento interior da sua penetração. Nestas *Aliunde petita*, por meio de huma *Ficção* engenhosa nós nos figuramos hum caso similhante, de que transferimos o pensamento para o nosso caso, ou para melhor dizer, substituimos hum em lugar de outro. Hum lugar classico de Quint., que explica este admiravelmente he o do Liv. VI. 3. 61. *Adhuc est subtilior illa ex simili translatio, cum, quod in alia re fieri solet, in aliam mutuamur. Ea dicatur sane* Fictio. *Ut Crysippus, cum in triumpho Caesaris eborea oppida essent translata, et post dies paucos Fabii Maximi lignea,* thecas esse oppidorum Caesaris *dixit.* Destas ficçoens engenhosas, e sentenças se podem ver muitos exemplos em Bouhours na obra já citada pag. 186. e seguintes.

como aquelle pensamento de Crispo, (*a*) que advogando a causa de Spatale, cujo amante, tendo-a instituido herdeira, falleceo de idade de dezoito annos, disse a respeito deste: *Oh homem propheta, que se gozou dos annos!* (*b*)

Repetição, 4. *Especie.*

§. VII. A's vezes a *Repetição* só produz algumas sentenças, qual he a de Seneca naquella memoria, que Nerão dirigio ao Senado, para se desculpar da morte de sua mãi, querendo fazer crer o risco de vida, em que se tinha visto: *Estar eu salvo, nem ainda o posso crer, nem gostar.* (*c*) Esta repetição he melhor, quando se vigora pela opposição das idêas: *Tenho de quem fugir, a quem seguir não tenho.* (*d*) *Que?*

(*a*) Vibio Crispo, orador contemporaneo de Quint., de quem este diz X. 1. 119. *Compositus, et jucundus, et delectationi natus: privatis tamen caussis, quam publicis, melior.*

(*b*) Crispo fingio-se neste moço libertino, hum Epicureo de systema e de practica, que, á maneira dos da Sabidoria Cap. 2., para prevenir a morte proxima diria como elles: *Venite ergo, et fruamur bonis, quae sunt, et utamur creatura tamquam a juventute celeriter.* Como se advinhasse, que havia de viver pouco, este moço entregou se a todos os vicios, e prazeres, que em fim o arruinárão. O orador pois attribuio galantemente á libertinagem deste moço a morte prematura, que os accusadores querião fazer recahir sobre Spatale, como se esta lhe tivesse dado veneno para chegar mais de pressa á herança, e prevenir a mudança do testamento. Mr. Gedoyn traduz estes dois §§. nestas breves palavras: *Aquellas tambem, que parecem ditas para huma cousa, e se referem a outra; ou que tiradas de hum lugar se podem applicar em outra parte.* Não ha modo mais facil de se desembaraçar das difficuldades de hum lugar.

(*c*) A repetição está na conjuncção *Nec* repetida duas vezes, e não no *salvum me esse*, que, ainda que subentendido, não he repetido, para Gesnero dizer que não vê repetição, se não for nestas palavras. Com tudo não he só a repetição de *Nec* a que faz o conceito, mas o contraste dos dois sentimentos de Nerão, hum de soçobro pelo perigo, em que se vio, e de que ainda se não podia crer livre; e outro de disgosto, pelo meio triste da morte da propria mãi, a que se vio obrigado para salvar a vida.

(*d*) A repetição está no *tenho*, e no *quem;* e a opposição no *fugir*, e *seguir*. Esta sentença he de Cicero a Attico *Epist.* VIII. 7., fallando dos dois partidos de Cesar, e Pompeo nas guerras civís, os quaes julgava igualmente perigosos. Esta mesma repeti-

se o miseravel, não sabendo fallar, não podia calar-se. (*a*) Sobre todas porém a mais bella he aquella, que se illustra com alguma comparação. Trachallo, accusando a Spatale, *He vossa intenção*, diz, *ó leis guardas fieis do pudor, que ás mulheres cazadas se dê só a decima parte da herança, e a quarta ás meretrizes?* (*b*) Mas em todos estes generos podem haver boas, e más sentenças.

III. Sentenças viciosas. Equivoco, 1. *Especie.*

§. VIII. São porém sempre viciosas primeiramente as que se tirão do *Equivoco da palavra.* (*c*)

ção, e contraste faz todo o merecimento do Epigramma bem sabido de Ausonio a respeito de Dido:

Infelix Dido, nulli bene nupta marito,
Hoc pereunte fugis, hoc fugiente peris.

(*a*) Sentença de Cicero contra Pisão, citada tambem por S. Jeronymo *ad Oceanum.*

(*b*) O moço, de que acima fallamos, he crivel instituisse herdeira a Spatale da quarta parte da herança, e na decima a sua mulher. Póde-se ver Perizonio na segunda Dissertação das tres, que fez a *Lei Voconia* pag. 210, onde suspeita que, tendo Domiciano prohibido que as más mulheres podessem receber heranças, ou legados; (Suet. *in Domit.* Cap. 8.) esta Spatale seria mãi de alguns filhos, e que por isso podesse ser instituida herdeira na quarta parte. O mesmo observa que a herança da decima parte se deve entender das mulheres, que não tivessem filhos. Quanto ao mais, das comparaçoens bem escolhidas se fazem sentenças muito engenhosas, sobre o que se póde ver o já louvado Bouhours *Dial.* I. pag. 94., e *Dial.* II. pag. 156. e seg.

(*c*) O *Equivoco* he huma palavra ambigua, que tem dois sentidos; e a Sentença consiste em a mesma proposição offerecer ao mesmo tempo dois sentidos. « A fallar geralmente (diz o Padre « Bouhours pag. 28) no Equivoco não ha engenho algum, ou « muito pouco. Nada custa menos, e he mais facil de achar do « que algum equivoco. A ambiguidade, em que consiste o seu « caracter, he mais hum defeito do discurso, do que hum or« nato. Isto o faz insipido, principalmente quando quem usa « delle quer ostentar de agudeza, e se desvanece com isso. Por « outra parte o Equivoco nem sempre he facil de entender. A « apparencia mysteriosa, que lhe da o seu sentido ambiguo, « faz que muitas vezes se não chegue ao verdadeiro senão com « muito custo; e quando se dá nelle, arrependemo-nos muitas « vezes do nosso trabalho, porque nos julgamos logrados, e « o que sentimos he hum pezar interior de nos caucarmos a « buscar para não achar nada. » Todas estas razoens desacreditão os *Equivocos puros* para com as pessoas de juizo. Dos que não são puros fallaremos nas notas seguintes.

Padres Conscriptos, (pois assim devo principiar, para vos lembrardes dos pobres.) (*a*) Este Equivoco será ainda tanto peor, quanto mais falso fôr, (*b*) e procurado de mais longe. Contra a irmãa daquelle gladiador, de que ha pouco fiz menção, dizia o advogado deste em nome do mesmo: *Combati até ao dedo.* (*c*)

(*a*) O Equivoco está na palavra *Patres,* que na primeira accepção significa *Senadores,* e na segunda *Pais.* Para o conservar na traducção, puz *padres* em lugar de *pais*, no qual sentido ainda uzamos desta palavra em algumas expressoens da nossa lingua.

(*b*) O Equivoco póde ser mais, ou menos falso. Já vimos que elle tem dois sentidos. Póde pois ser falso em hum, e verdadeiro em outro, ou falso em ambos, ou verdadeiro em ambos. O Equivoco da Sentença acima, álem de ser pueril, he falso em hum sentido, que he tomar *Senadores* por *pais carnaes.* A Sentença seguinte he falsa em ambos os sentidos, como veremos. Isto pois, que diz Quint., deve-se entender do Equivoco puro. Quando porém elle he verdadeiro em ambos os sentidos, ás vezes produz pensamentos engenhosos, tais como o de Marcial, fallando com Domiciano *in Amphitheat. Caesar.*

Vox *diversa sonat, populorum est* vox *tamen una,*
Cum verus Patriae diceris esse Pater.

Onde a palavra *vox* faz estes dois sentidos: *Os povos fallão differentes linguas; e não tem senão huma*, que são ambos verdadeiros segundo suas differentes relaçoens, e hum não destróe o outro; antes se accordão mutuamente, e da união destes dois sentidos, ao parecer oppostos, resulta não sei que de engenhoso, fundado sobre o equivoco de *vox*, que significa *lingua*, e *linguagem.* Quint. VI. 3. 48. faz esta mesma differença. *Non, quia excluenda sint omnia verba duos sensus significantia: sed quia raro belle succedit, nisi cum prorsus rebus ipsis adjuvantur.*

(*c*) *Pugnare ad digitum,* segundo Barth. nas not. a Gracio 1. 12.; Grevio na Pref. ao tom. VI. do seu Thesouro; Ramires a Marcial *Amphith.* 29. pag. 27. quer dizer, *esgrimir,* combater com a espada até que, cortado o dedo polegar, se não possa empunhar a mesma. No thema Declamatorio mencionado acima n. 12., em que huma irmãa para livrar de huma vez o irmão do sestro vil de gladiador, de que estava já cançada de o resgatar, lhe cortou a dormir o dedo polegar; o advogado por parte della tinha dito na sua oração ao irmão, *Eras dignus, ut haberes integram manum*, fazendo entender, *ut depugnares*, para continuares no vil officio de gladiador; em resposta ao que dizia o irmão na sua declamação; *Ad digitum pugnavi.* No que vai hum equivoco de dois sentidos; hum, alludindo ao costume dos Gladiadores, *Pelejei até que na peleja me cortárão o polegar,* que he falso: outro, alludindo a acção de *Talião,* que intentára á irmãa, pertendendo em juizo fosse condemnada a se lhe

Nesta mesma especie porém, as sentenças talvez as mais viciosas de todas são aquellas, em que o Equivoco se ajunta com alguma similhança falsa. Sendo eu rapaz, ouvi dizer a hum author illustre a sentença seguinte, para se aproveitar, da qual tinha tido a precaução de entregar a huma mãi os ossos tirados da cabeça de hum seu filho: *Mulher infelicissima! Sem fazer o enterro o teu filho, já lhe colheste os ossos.* (*a*)

Pensamentos Refinados, 2. Especie.

§. IX. Alem disto muitos gostão ainda desta especie de *Conceitosinhos refinados*, (*b*) que á primeira vista agradão per engenhosos; examinados porém, achão-se ser ridiculos. Tal he o de certo Declamador sobre hum homem, que vexado primeiramente pela esterilidade dos campos, e depois pelo naufragio, se finge nos assumptos Escholasticos ter-se emfim enforcado de desesperação: *Fique no ar quem, nem a terra, nem o mar acolhe.* (*c*) Similhante a este he o pensa-

---

cortar tambem o dedo polegar. *Combati até se lhe cortar o dedo*, o que he tambem falso. Porque quem cessava de combater era aquelle, a quem se cortava o polegar, e não quem o cortava. Se nisto advertissem Scaligero, e Gesnero, talvez podessem achar o sentido provavel desta breve Sentença, que confessão ignorar.

(*a*) Primeiro he fazer o enterro, e queimar o corpo, do que escolher os ossos para os sepultar. He pois falsa a similhança; e o equivoco *legisti*, que significa *tirar*, e *colher*, he frio e inepto.

(*b*) *Minimae inventiunculae* he o mesmo que *minuti sensiculi*, de que o mesmo Quint. fallou acima n. 14., e *minutissimae sententiae*, que o mesmo reprehende em Seneca, X. 1. 130.; pensamentos muito subtís, refinados, alambicados, que á força de requintar, passão a huma subtileza tal, que se faz ridicula.

(*c*) Neste pensamento o jogo dos tres elementos parece impôr á primeira vista. Porém tudo he hum falso brilhante. Nem a terra, por ser esteril, nem o mar, por nelle naufragar, lhe negavão sepultura; e o enforcado emfim vem a repouzar naquella. A estes pensamentos pois chama com razão Macrobio *cavillationes*, e Seneca *vafras, et ludricas conclusiones.* Similhante a este pensamento he o do epitaphio de Lopes da Vega na sua *Jerus. Conquist.* feito a Federico, que vindo a Constantinopola victorioso, e banhando se no Cidne, se afogou.

Naci in tierra, fui fuego, en aqua muero.

Veja-se Bouhours, *Dial.* III. pag. 416. e seguintes, e 432. e seguintes.

mento sobre o furiozo, de que acima fallei, (a) que lacerava seus membros, a quem o pai, dando veneno, dizia: *Tal comida, tal bebida;* e est'outro a respeito de hum glutão, que se diz fingira querer morrer de fome á maneira dos grandes homens: (b) *Enforca-te antes, tem razão de te irritar contra a guella; toma antes o veneno, justo he que hum glutão morra a beber.*

Pensamentos Ineptos, 3. Especie.

§. X. Outras Sentenças são *Ineptas*, (c) como a daquelle Declamador, que persuadindo os cortezãos de Alexandre, que lançassem o fogo a Babylonia, e de todas as suas cinzas formassem a fogueira sepulchral ao corpo deste Principe, (d) dizia: *Haverá por ventura quem de cc̃a veja semelhante espectaculo?*

(a) Cap. III. Art. II. §. 2. num. 9. Este homem, lacerava com os dentes as suas carnes, mas não as comia. He pois falsa a similhança, e a palavra *edit* foi procurada só para fazer jogo com a de *bibit.* Porém, ainda que comesse as proprias carnes, por estar furioso, não se segue devesse beber veneno. A outra Sentença do mesmo Declamador ao mesmo assumpto no lugar citado, *Supra se cubasse*, (que fazia de si mesmo meza) he tambem refinada.

(b) No Latim está *qui ἀποκαρτέρησιν simulasse dicitur.* A *Apocarterese*, ou morte voluntaria procurada pela abstinencia total de comer, era tida entre os Gregos, e Romanos como gloriosa, digna de hum Philosopho, e propria das almas grandes. V. Cicero, *Tusc.* I. 34., onde cita o livro de Hegesias, intitulado Ἀποκαρτερῶν, (de hum que se matou de fome,) tal como Democrito, Isocrates, Attico, e outros. V. Tom. I. Liv. I. Cap. XIV. Art. III. §. 2. Este gastador pois desesperado queria fingir huma morte nobre. O Declamador porém lhe aconselhava antes a morte de forca, ou veneno, como mais propria ao seu modo de vida. A Sentença comtudo he falsa; e o jogo pueril de *guéla* com *laço*, e de *glutão* com *beber* he o que lhe dá hum brilhante, e agudeza apparente. V. Bouhours *Dial.* III. pag. 385.

(c) *Vanae* quer dizer *ineptas*, *frivolas*, *pueris.* V. Quint. IX. 1. 44., e chamão-se pensamentos *ineptos* aquelles, que tem por base idêas, e accessorios futeis, impertinentes e estranhos á materia, ao fim que nos propomos, ou que tem pouca relação entre si.

(d) Thema de huma Declamação suasoria sobre a deliberação, que referem os Historicos houvera entre os capitães de Alexandre Magno para resolverem, se se deveria reduzir a cinzas a cidade de Babylonia, para o sepultar nellas.

Como se em toda esta acção funebre aquella circunstancia fosse a mais indigna. (*a*)

Pensamentos Exaggerados, 4. Especie.

§. XI. Outras emfim são *Exaggeradas*, (*b*) como a que ouvi dizer a hum, fallando da estatura agigantada dos Germanos; (*c*) *A cabeça não sei onde se esconde entre as nuvens*, (*d*) e de hum homem valorozo: *Com o escudo só, affugenta as guerras.* (*e*) Seria hum

---

(*a*) Para persuadir que a pyra, ou fogueira sepulchral, em que se queimasse o corpo de Alexandre, não devia ser ordinaria, mas de toda a Babylonia; o declamador escolheo a razão mais subtil, que podia escolher, que era, não ser justo que alguem visse, ou podesse ver de caza esta cerimonia funebre. Em um assumpto similhante, são tambem pueris as sentenças assim de Seneca o Tragico *in Troad.* Act. I. sobre o rey Priamo, que foi privado das honras da sepultura, *Ille tot regum parens caret sepulchro Priamus, et flamma indiget, Ardente Troia*; como de Lucano Lib. 7., que fallando de Pompeo M., que ficou sem sepultura, diz, que o ceo era a campa deste grande homem, que ficára sem sepulchro, *Coelo tegitur qui non habet urnam*; e no Liv. 8. diz ao mesmo respeito, que o tamanho do sepulchro de Pompeo Magno era o do nome Romano, e o de todo o imperio, *Romanum nomen, et omne imperium Magno est tumuli modus.*

(*b*) As Sentenças podem ser *nimiae* (excessivas) de dois modos, ou pela demaziada subtileza, que de finas, e delicadas as faz passar a refinadas; das quaes fallou Quint. acima § IX.; ou pela hyperbole desmarcada, a qual passa não só *ultra fidem*, mas ainda *ultra modum*. Os pensamentos grandes, e sublimes dão huma idêa da grandeza da cousa, ou justa, ou maior, mas verisimil; os pensamentos exaggerados sempre passão os justos limites. São hum sublime excessivo, e gigantesco.

(*c*) Da estatura enorme dos Germanos V. Cezar de B. G. Liv. I. Cap. 39.

(*d*) Com Obrechto, seguindo o Cod. Argentor. li: *Caput nescio ubi in nube positum.* Comtudo este pensamento, que dito de hum homem agigantado, he excessivo e exaggerado, he sublime, (segundo Longin. do *Subl.* Cap. VII.) quando Homero *Iliad.* IV. 445. diz da Deosa Discordia,

Οὐρανῷ ἐστήριξε κάρη, καὶ ἐπὶ χθονὶ βαίνει.

O qual Virg. *Eneid.* IV. 177. traduzio, e applicou á Fama com a mesma propriedade, dizendo:

Ingrediturque solo, et caput inter nubila condit.

(*e*) Este pensamento he tanto mais exaggerado, quanto o escudo he huma arma defensiva, que serve mais para cobrir, que para repellir.

nunca acabar, se eu pertendesse expôr miudamente todas as fórmas de conceitos viciosos, introduzidas pelos Declamadores de gosto estragado. Occupemo-nos pois antes no mais necessario.

ARTIGO II.

Do uso, que se deve fazer das Sentenças.

Duas opinioens contrarias.

§. I. DUas opinioens contrarias ha sobre o uso destas Sentenças: huns fazem dellas quasi o seu unico cuidado, (*a*) outros de todo as condemnão. (*b*) Nenhum destes extremos me agrada.

Inconvenientes da primeira. 1. *Inconveniente.*

Primeiramente as Sentenças, sendo bastas, fazem mal humas ás outras, assim como em todas as searas, e fructos das arvores nada póde crescer até á sua justa grandeza, carecendo de lugar, para onde cresça; nem na pintura sobresáe figura alguma sem sombras; (*c*) que porisso os mestres da arte, quando ajuntão muitas figurarias em hum quadro, tem o cuidado de as se-

---

(*a*) Estes erão os Declamadores do tempo de Quint., e alguns Oradores, como Montano, de quem diz Seneca o Rhetorico, *Controv.* IX. 4.: *Habet hoc Montanus vitium. Sententias suas, repetendo corrumpit; dum non est contentus unam rem semel bene dicere, efficit ne bene dixerit.* O mesmo vicio he dos dois Senecas, Philosopho, e Tragico, e de Plinio o moço algumas vezes.

(*b*) Estes erão os Oradores aridos, que se dizião *Atticos*, de que fallámos nos *Proleg.* ao Liv. III. Art. II. §. 2.

(*c*) Cicero *de Orat.* III. 26., servindo-se da mesma similhança da pintura, quer que no discurso, que forma o quadro dos nossos pensamentos, hajão tambem sombras, para o claro sobresaír. *Sed habeat tamen illa in dicendo admiratio, ac summa laus umbram aliquam, et reccessum, quo magis, id, quod erit illuminatum, extare, atque eminere videatur.* O primeiro defeito pois de hum estilo todo sentencioso, (ainda no caso que o podesse ser,) he não deixar sentir o brilhante de hum bom pensamento, que o não he, onde tudo brilha.

parar com intervallos, para as sombras de humas não cairem sobre as outras.

2. *Inconveniente.*

A mesma multidão faz tambem o estilo troncado. (*a*) Porque toda a Sentença faz por si mesma hum sentido total. Acabada esta, começa outra, e assim as mais. Donde vem que a Oração desatada, e feita não tanto de membros, quanto de pedaços separados, fica sem estructura, nem ligação; pois que aquelles conceitos, á maneira das pedras roliças, e cerceadas de todos os lados, não podem assentar huns sobre os outros.

3. *Inconveniente.*

Alem disto a mesma côr deste estilo Sentencioso, por mais brilhante que pareça, fica, para assim dizer, salpicada de muitas, e varias manchas. (*b*) Porque assim como a *Listra*, e *Barra de purpura* (*c*) me-

---

(*a*) O estilo *Troncado* resulta da brevidade, independencia, e multidão das oraçoens. As Sentenças agudas são de sua natureza curtas, fazem hum sentido abstracto, absoluto, e independente. Multiplicando-se pois muito, causão na construcção do discurso este vicio de hum estilo desatado, solto, similhante á arêa sem cal, que os antigos notão em Seneca. Huma pagina dos seus tratados Philosophicos tem mais clausulas, que muitas folhas dos de Cicero. Este estilo cortado pelos membros, e incizos frequentes póde ter lugar, e he necessario em certas occasioens. He porém vicio em huma oração inteira, ou em grande parte della.

(*b*) A' maneira das pelles dos Tigres, e Lynces, *maculosae lyncis*, e dos marmores, que Columella chama *maculosa*. O estilo com as muitas sentenças fica, para assim dizer, malhado (*maculosus*), e desigual. Cada pensamento brilhante tem sua côr propria, differente da dos outros. Ainda que todos sejão de alguma sorte luminosos, não o são igualmente. Huns são mais brilhantes que outros. Os menos brilhantes pois formão outras tantas manchas, que deslustrão o todo.

(*c*) O texto diz: *Ut afferent lumen Clavus, et Purpurae loco insertae.* Gesnero a este lugar crê que *clavus, et purpurae* he ἓν διὰ δυοῖν em lugar de *clavus purpureus*, ou *clavus purpurae*, como se lê na ed. Jensiana. Burmanno diz o mesmo, mas conjectura ao mesmo tempo que se podem entender duas cousas neste lugar o *Clavus*, e a *Praetexta*, e esta intelligencia he a mais natural, e confórme á primeira lição, que he de quasi todos os Mss., e ediçoens. Sem nos demorarmos nas disputas infinitas dos Antiqua-

tidas no seu lugar, brilhão; porém hum vestido entretecido todo com estas listras e barras seria indecente, assim, posto que este estilo Sentencioso pareça de alguma sorte brilhar, e sobre-sahir; podemol-o comtudo comparar, não a huma chama luminosa, mas a estas fagulhas, que luzem só no meio do fumo, e que, como as estrellas á vista do Sol, desapparecem, quando toda a Oração he luminosa. Pelo que este estilo, que só á custa de pequenos, e reiterados esforços se eleva, ficando por isso mesmo desigual, e fragoso, não consegue a admiração das eminencias, e perde a graça das planicies.

4. *Inconveniente.*

Succede tambem que, quem anda unicamente atraz de Sentenças, de necessidade ha de dizer muitas puerís, frias, e ineptas. Pois não póde haver escolha, onde o que se procura só he o numero. Assim não ha cousa mais ordinaria do que ver dar por Sentença huma *divisão*, ou hum *argumento*, huma vez que com elle se feche o sentido, como: *Mataste tua mulher, sendo adultero; não te sofreria ainda, se a repudiasses.* Isto he huma divisão. *Queres saber se a bebida era hum amavio? Viviria o homem, se a não tivesse bebido.* Isto he hum argumento. Por este modo pois a maior parte destes Oradores não tanto dizem sentenças, quanto tudo em tom Sentencioso.

Segunda opinião. Refuta-se.

§. II. Para evitar todos estes inconvenientes alguns tomárão o partido contrario; e não approvando senão o que he chão, igual, e sem elevação alguma; fogem, e temem todos estes acipipes do estilo. Por

---

rios sobre a verdadeira noção do *Clavus*, todos assentão agora que a opinião, que se chega mais á verdade, he a de *Rulen. De Re vestiaria*. O *clavus*, segundo este, era huma listra de purpura, ou cozida, ou bordada, ou tecida, que na parte de diante da Tunica dos Romanos corria pelo meio de alto a baixo. Huma similhante barra de purpura, cercando toda a orla da Toga Romana, fazía a *Toga praetexta*.

este modo, receando caír huma ou outra vez, jazem sempre por terra. (a) Ora que crime tão grande ha em huma boa Sentença para assim se temer? Por ventura não he ella util á causa? Não move tambem o Juiz? (b) Não faz recommendavel o Orador? (c)

(a) Horac. *Poet.* v. 28 disse o mesmo:

Serpit humi tutus nimium, timidusque procellae.

Longino do *Subl.* Capp. 33. 34. 35. e 36. propõe a questão: *Qual he melhor? huma Eloquencia mediocre, correcta, e sem vicio algum; ou a sublime, que ás vezes cáe?* E fazendo a comparação dos escriptores sublimes, como Platão, Demosthenes, Homero, Pindaro, e Sophocles, com os mediocres, como Hyperides, Lysias, Thecrito, Bacchylides, e outros, decide a questão a favor dos primeiros, concluindo deste modo: *Eu conheço que os vôos elevados do sublime são, por sua mesma natureza, os menos livres de erro. Porque, o que em tudo he apurado, e exacto, tem o perigo da pequenhez. No que he grande porém, bem como nos demasiados cabedaes, e riquezas precisamente ha de haver seus descuidos. Isto ha de de necessidade acontecer; porque os genios baixos, e medianos, por isso mesmo que nunca se arrojão, nem sobem ao alto, de ordinario não cáem, e são mais seguros; e o que he sublime está sugeito ao precipicio pela sua mesma grandeza.* » Plinio *Epist.* IX. 26., fallando de hum destes Oradores Lysianos do seu tempo: *Dixi de quodam Oratore seculi nostri, recto quidem et sano, sed parum grandi et ornato, ut opinor, apte:* Nihil peccat, nisi quod nihil peccat. *Debet enim Orator erigi, attolli, interdum etiam effervescere, efferri, ac saepe accedere ad praeceps. Nam plerumque altis, et excelsis adjacent abrupta; tutius per plana, sed humilius, et depressius iter; frequentior currentibus, quam reptantibus lapsus: sed his non labentibus nulla laus; illis nonnulla laus, etiamsi labantur.* Veja-se toda a Epist.

(b) Alem do inconveniente da baixeza do estilo, a que estão sugeitos estes partidarios do estilo chão, e natural, não se querendo elevar por meio dos pensamentos engenhosos, e outros ornatos; Quint. propõe aqui tres utilidades das sentenças relativas aos tres meios geraes de persuadir, que são *convencer*, *mover*, e *attrahir*. O mesmo XII. 10. 48. mostra o que entende por *sentença boa*, dizendo: *Ceterum hoc, quod vulgo sententias vocamus. . . dum rem contineant, et copia non redundent, et ad victorum spectent:* Com tanto que sejão *solidas*, *não muitas*, e *persuasivas*, *são boas*; e depois mostra como são uteis para convencer, e mover o juiz, continuando: *Quis utile neget? Feriunt animum, et uno ictu frequenter impellunt, et ipsa brevitate magis haerent, et dictione persuadent.* Quem negará que são uteis? Ellas ferem o espirito, e com hum golpe só lhe dão frequentes impulsos; a sua mesma brevidade os faz fixar mais; e a delicadeza da expressão os faz mais persuasivos.

(c) Fal-o recommendavel pela delicadeza do espirito, de que dá prova nas sentenças engenhosas.

Mas, dizem elles, este genero de estilo sentencioso foi desconhecido dos antigos. De que antiguidade nos fallais? Se da mais remota; muitas cousas disse Demosthenes, que nenhum disse antes delle. Como póde gostar de Cicero, quem assenta que nada se deve mudar do estilo de Catão, e dos Gracchos? (a) e ainda antes destes foi mais simples a linguagem.

Opinião de Quint. sobre o uso das Sentenças.

§. III. Quanto a mim, julgo que estes pensamentos brilhantes são, para assim dizer, os olhos da Eloquencia. (b) Ora eu não quereria que por todo o corpo houvessem olhos, para os mais membros não perderem o seu officio; e se fosse necessario escolher hum dos dois extremos, eu antes preferiria aquelle estilo antigo inculto, do que este licencioso dos modernos. (c) Mas ha hum meio, que podemos

---

(a) Estes Oradores viverão pelos fins do VI, e principios do VII seculo de Roma. 240 annos pouco mais ou menos antes do tempo, em que Quint. escrevia isto. De Catão diz Cic. *De Clar. Orat.* XVII. *Antiquior est hujus sermo, et quaedam horridiora verba. Ita enim tum loquebantur.*

(b) Quint. modificou esta metaphora, preparando-a com a palavra *lumina*, que se diz dos pensamentos brilhantes, e dos olhos, e com o correctivo *veluti*. A analogia com tudo he perfeita. O que os olhos fazem no corpo, reunindo em hum ponto todos os raios de luz, que partem de todas as partes do objecto; fazem as sentenças no discurso, concentrando em hum dicto breve, e geral muitas verdades particulares. O corpo sem olhos, he cego. Assim o he tambem o discurso sem sentenças. Hum corpo cheio de olhos he hum Argos monstruoso; vê, mas nada póde obrar. Assim huma oração toda sentenciosa esclarece, mas não persuade.

(c) Quint. se explica melhor Liv. II. 5. 21. dizendo: « De « dois extremos principalmente julgo precizo acautelar os « principiantes. O primeiro he, que nenhum mestre, admira- « dor cego da antiguidade, permitta se endureção na lição « dos Gracchos, e de Catão, e outros similhantes. Com ella « se farão incultos, e sêccos. Pois nem pela sua pouca ma- « dureza de juizo poderáõ perceber a sua força; e por outra « parte contentes com aquelle estilo, que então era certa- « mente o melhor, porém agora alheio dos nossos tempos, « viráõ (o que he ainda peor) a lisongearem-se de serem si- « milhantes aos grandes homens. Outro contrario a este he: « Que atrahidos destas floresinhas do estilo brincado de ago-

seguir. Assim como no trajar, e no comer, assim no fallar accresceo á linguagem antiga hum novo lustre irreprehensivel, que, já que podemos, he bem que ajuntemos ás virtudes dos antigos. (*a*)

O primeiro cuidado porém seja carecer de vicios, para que não succeda, que procurando nós ser melhores que os antigos, consigamos só o não ser como elles. (*b*) Darei agora aquella parte, e gráo do Ornato, que disse se seguia aos antecedentes, (*c*) e que consiste nos *Tropos*, a que agora dão o nome de *Mudanças* (*d*) os nossos Escriptores mais famosos...

« ra, não se deixem hir atraz de hum gosto depravado, e se « apeguem a esta eloquencia voluptuosa, tanto mais agrada- « vel, quanto mais analoga aos genios pueris. Fortificado que « seja o juizo, e fóra de perigo, eu lhes aconselharia assim a « lição dos antigos, (dos quaes se se tomar só esta solidez, e « força viril de engenho, que lhes he propria; então este nosso « asseio, limpo da grossaria dos seculos incultos, apparecerá em « toda a sua luz;) como a dos modernos, em os quaes tam- « bem ha muita eloquencia. » O mesmo se deve dizer da imitação dos nossos escriptores Portuguezes.

(*a*) As virtudes dos bons escriptores antigos são a *clareza*, a *simplicidade*, a *naturalidade* livre de toda a affectação, a *solidez* do raciocinio, e a *gravidade* das sentenças.

(*b*) Isto he: que, querendo nós excedel-os nos ornatos do discurso, fiquemos só com estes; sem nem ainda os igualar naquellas virtudes, que lhes são proprias, e mais essenciaes, e necessarias á Eloquencia, das quaes acima fallámos.

(*c*) No fim do Cap. V. deste Livro.

(*d*) A palavra Grega τρόπος significa *modo*, e *mudança*. Pela primeira accepção chama Cic. *De Orat.* III. 41. aos Tropos *modos*, e *Part.* 5. *verba modificata*: e pela segunda (ἀπὸ τοῦ τρέπειν) lhes chamou o mesmo *in Brut.* 17. *immutationes*, e os escriptores mais celebres do tempo de Quint. lhes derão o nome de *motus*, mudanças, translações. Quint. Lib IX. *init.* se fez tambem cargo destas duas significaçoens, dizendo: *Sive ex hoc duxerint* (tropi) *nomen, quod sint formati quodam modo; sive ex eo, quod vertant orationem, unde et* motus *dicuntur.*

CAPITULO VII.

Dos Tropos, terceiro grão do Ornato.

Que cousa he Tropo, *e suas divisoens.*

TRopo *he a mudança de huma palavra, ou de huma oração da sua significação propria para outra, com virtude;* (*a*) a respeito do qual ha huma contenda renhida, assim entre os Grammaticos, como entre os Philosophos sobre os seus generos, especies, numero, e classificação. (*b*) Quanto a mim, deixando

(*a*) Diz: *a mudança de huma palavra, ou de huma oração.* Porque a mudança de significação póde-se fazer, ou em huma só palavra, como na *Metaphora*, ou em muitas continuadas, como na *Allegoria*. Diz mais: *da sua significação propria para outra*, e por significação propria entende aqui a propriedade da primeira, e segunda especie, de que fallou no Cap. de clareza, isto he, o significado, ou primitivo, *unde caetera ducta sunt;* ou o natural, *sua cujusque rei appellatio.* Quint. adiante Lib. IX. Cap. I. se explica dizendo: *Tropus est sermo a principali, et naturali significatione translatus ad aliam.* Diz em fim: *com virtude.* Porque nem qualquer mudança de significação he tropo, mas só aquella, de que resulta alguma belleza ao discurso, ou esta consista na maior *Decencia* da expressão; ou na sua *Necessidade*, por não haver termo proprio na lingua; ou no *Ornato* da imagem; ou em fim na maior *Emphase*, e significação. Scauro em Diomedes, *Gramm. Vet.* ed. Putsch. pag. 450, abrangeo na sua definição todas estas virtudes, dizendo: *Tropus est, ut ait Scaurus, modus ornatae orationis, et dictio translata a propria significatione ad non propriam* Decoris, *aut* Necessitatis, *aut* Cultus, *aut* Ἐμφάσεως *gratia.*

(*b*) Estas disputas Grammaticas podem-se ver em Charisio Liv. IV. pag. 243, em Diomedes Liv. II. pag. 450, em Donato pag. 1775. *Vet. Gramm.* edit. Putsch. O que he certo he, que a mudança de hum nome tirado de hum objecto para outro, não he arbitraria. Ella ha de ter seu fundamento na natureza. Ora este fundamento não póde ser outro, senão a relação, que na natureza tem o objecto de que se tira o nome com o outro, para quem se transfere. Quantas pois forem estas relaçoens, tantos serão os Generos de Tropos, e não mais. Segundo Vossio, *Inst. Orat.* Liv. IV. Cap. V. Art. II., e Cap. X. Art. I., estas relaçoens não podem ser senão quatro, a saber: *Relação de conveniencia*, ou *similhança; Relação de opposição*

todas estas subtilezas, que de nada servem á instrucção do Orador, tratarei só dos mais necessarios, e recebidos no uso; contentando-me por ora com advertir, que huns se empregão para *Significar*, e outros para *Ornar*. . . Nem eu ignoro que, nos que servem para significar, ha tambem ornato; mas não succederá o mesmo pelo contrario, e haverá alguns só proprios para ornar. . . .

ARTIGO I.

Dos Tropos, que servem para Significar.
I. Genero, Metaphoras.

Utilidades das Metaphoras.

§. I. PRincipiemos por aquelle Tropo, que não só he o mais frequente, mas o mais bello de todos, a *Translação* digo, chamada em Grego *Meta-*

---

ou *contrariedade*; *Relação de comprehensão*, ou de *todo* para *parte*; e *Relação de connexão*, ou *ordem* dos seres, que se succedem, ou coexistem. Primeiramente o nome de hum objecto se transfere para significar outro pela similhança, que ambos tem entre si, v. g. a *folha* da arvore com a *folha* do livro, e esta relação faz todo o fundamento da *Metaphora*: ou pelo contrario o nome de huma cousa serve a significar a contraria, v. g. quando digo de hum máo poeta *He hum Virgilio*; e esta relação de opposição he o fundamento da *Allegoria*: ou se tira o nome de huma cousa para outra, que tem com ella a razão, de *parte* para *todo*, ou de *todo* para *parte*, como quando tomo *vela* pela *náo*; e esta relação faz o fundamento da *Synecdoche*: ou em fim tomão-se os nomes de humas cousas para outras entre as que se succedem, como as *Causas* e *Effeitos*, os *Antecedentes* e *Consequentes*; ou que coexistem, como o *Possuidor* e a *Causa possuida*, o *Continente* e *Contheudo*, o *Sinal* e a *Cousa significada*; e esta relação de successão, e coexistencia he o fundamento da *Metonymia*. Fóra destas quatro relaçoens, por meio das quaes a nossa Imaginação associa as idêas distantes, e substitue humas em lugar de outras, não será facil achar mais, que se não reduzão a ellas. Não ha pois senão quatro Generos de Tropos. Todos os mais se reduzem a estes, como veremos nos seus lugares. Por tanto ésta discussão Philosophica não he tão frivola, como Quint. a suppõe. Ella põe a luz, e distincção no chaos confuso dos Tropos, e facilita a sua percepção, reduzindo-os a idêas mais simplices, e precisas.

phora, (*a*) a qual não só he tão *natural* ao homem, que os mesmos ignorantes estão uzando della a cada passo, sem o perceberem: (*b*) mas tão *agradavel*, e *brilhante*, (*c*) que no discurso o mais luminoso ella

---

(*a*) Da preposição μετὰ *(trans)*, e do verbo φέρω *(fero)* vem μεταφέρω *(transfero)*, e dahi μεταφόρα *translatio*, e não *collatio*, como quer Beauzeé, *Encyclop.* Porque a natureza da preposição Grega μετὰ não serve na composição para comparar, como o παρὰ dos Gregos, e o *cum* dos Latinos. A *translação* he commua a todos os Tropos, que por isso se chamão geralmente *verba translata.* Mas o nome de *Metaphora* se fez proprio ao primeiro Tropo, que tem por fundamento a similhança.

(*b*) A Metaphora he de todos os Tropos o mais bello por 4 razoens. 1. Porque he o mais *natural.* 2. O mais *agradavel*, 3. *O mais brilhante*, 4. *O mais rico.* Duas especies de necessidade fazem a Metaphora natural a todo o homem, que falla. 1. A pobreza da lingua, que, não podendo ter tantas palavras, quantos são os objectos sensiveis; os homens, para exprimirem novos seres, achárão por mais facil tomar emprestados os nomes das cousas similhantes, do que inventarem novos vocabulos. 2. A impossibilidade de exprimirem as idêas abstractas, e as operaçoens reflectidas do entendimento sem o soccorro das imagens sensiveis, que por meio desta applicação passão a ser metaphoras. Todas estas metaphoras pois são naturaes, e ordinarias a todos os homens, ainda os mais barbaros. O estilo dos Iroquezes (diz o Padre Lafiteau; *Costumes dos Salvag. Americ.* Tom. I. pag. 480) he todo figurado, e metaphorico. Huma grande parte dos vocabularios das linguas Europeas he composta destas metaphoras.

As que pertencem porém á arte do Orador, e Poeta são de outro genero. Estas são as metaphoras novas, vivas, fortes, e energicas, que hum e outro emprega, não para servirem á necessidade, mas ao prazer; a fim de accommodar á capacidade do commum dos homens, e fazer mais interessantes, e tocantes as verdades, ou abstractas, ou triviaes *Verbi translatio instituta est inopiae causa, frequentata delectationis.* Cic. *De Orat.* III. 38.

(*c*) Cic. *De Orat.* III. n. 161. assigna philosophicamente quatro causas do gosto, que sentimos nas Metaphoras, e deste brilhante, que as faz reluzir entre os mais vocabulos. 1. A Novidade; *Quod ingenii specimen est quoddam transilire ante pedes posita, et alia longe repetita sumere.* 2. O Exercicio da comparação; *Quod is, qui audit, alio ducitur cogitatione, neque tamen aberrat, quae est maxima delectatio;* ou como elle mesmo se explica no *Orador* n. 134. *Quod eae, propter similitudinem, transferunt animos, et referunt, ac movent huc et illuc, qui motus cogitationis celeriter agitatus per se ipse delectat.* 3. A Precisão; *Quad singulis verbis res, ac totum simile conficitur.* 4. O

resplandece com huma luz, que lhe he propria; nem, sendo bem procurada, póde ser trivial, baixa, ou insipida. *Augmenta* além disto a *riqueza da lingua*, e, já trocando hum termo com outro, já tomando emprestado o que não tem, faz com que nenhuma cousa careça de nome, o que he summamente difficultoso. (*a*)

Que cousa seja Metaphora; *e 4. razoens, porque se faz.*

§. II. Na Metaphora pois *transfere-se o nome, ou o verbo do lugar, em que he proprio, para aquelle, em que, ou não ha proprio, ou o metaphorico he melhor que o proprio.* (*b*) Fazemos isto, ou porque o

---

prazer Esthetico, ou da sensação. *Quod omnis translatio, quae quidem sumpta ratione est, ad sensus ipsos admovetur, maxime oculorum, qui est sensus acerrimus.* O P. Bouhours (*Manier. de bien pens.* Dial. 2.) accrescenta huma 5.ª tirada de Arist. « A « metaphora (*diz elle*) he de sua natureza huma origem de « graças, e nada talvez lisongea mais o espirito do que a re- « presentação de hum objecto debaixo de huma imagem estran- « geira. Segundo a observação de Aristoteles, nós gostamos de « ver huma cousa em outra, e o que por si mesmo não fere, « admira em hum traje estrangeiro, e debaixo de huma mas- « cara » Vej. Mr. de Pouilly, *Theor. dos Sentim. agradaveis*, *Cap. III.*

(*a*) A metaphora multiplica os termos da lingua de dois modos: ou *trocando* o nome proprio pelo termo translato, por este ser mais expressivo, mais ornado, ou mais decente; e neste caso a mesma idèa vem já a ter na lingua duas palavras, com que se póde exprimir. Esta he a que se chama propriamente *Metaphora*. Ou *tomando emprestado* o nome de hum objecto similhante para outro, que o não tem proprio; e se chama então *Catachrese*. Como as linguas não podem ter tantos vocabulos, quantos são os objectos, ou reaes, ou ideaes: ellas são sempre pobres a este respeito, e remedeão a sua pobreza por meio destes emprestimos. Os vocabulos pois do diccionario nacional, isto he, os sons articulados são os mesmos. Mas os termos da lingua, isto he, as differentes accepçoens, e usos das mesmas palavras, multiplicão-se até o infinito. Gesnero a este lugar refere o *permutando* ás metaphoras reciprocas, como o *Olho do mundo*, e o *Sol do corpo*. Porém a permutação tem mais extensão, e dá-se todas as vezes, que se troca o termo proprio pelo translato.

(*b*) Quando aquillo, que queremos significar, não tem nome proprio, o termo translato he huma *Catachrese (abusão)*;

termo metaphorico he *necessario*, ou porque he mais *expressivo* que o proprio, ou, como disse, mais *decente*. (*a*) Todas as vezes que o termo metaphorico não tiver alguma destas tres razoens, será improprio. (*b*) Por necessidade chamão os do campo aos olhos das vides *Gomos (Gemmas.)* (*c*) Que outro nome tinhão elles para isto? Pela mesma necessidade dizem elles tambem que as *searas tem sede*, e que os *frutos padecem*: e nós dizemos *hum homem duro*, ou *aspero*, porque não havia nome proprio, que dessemos a estas qualidades. (*d*)

---

porque o tiramos do seu uso natural para outro: quando porém o tem, e em lugar delle substituimos o metaphorico, por ser melhor, então se chama *Metaphora*. Quint. comprehende justamente debaixo desta a Catachrese, como especie no genero. Vej. not. seguinte.

(*a*) *Decor* em Latim significa *ornato*, e *honestidade*, e nestes dois sentidos toma aqui Quint. a palavra *Decente*, como se vê abaixo no fim deste §. As metaphoras servem assim para ornar o que he bello, como para cobrir o que he feio.

(*b*) A similhança, e analogia dos objectos he o fundamento da metaphora. Sem aquella, não póde haver esta. Mas ainda havendo similhança, nós não somos authorizados a tomar o nome de hum objecto para outro como, e quando o quizermos. He preciso que haja huma destas 4 razoens, *Necessidade*, maior *Emphase*, maior *Ornato*, e mais *Decencia*. Não as havendo, a metaphora será impropria. Vej. supr. Cap. III. §. V. e Cap. IV. Art. III. §. 1.

(*c*) Transferindo este nome das pedras preciosas para os olhos das videiras. Cicero *De Orat.* III. 38. diz o mesmo: *Nam gemmare vites, luxuriem esse in herbis, laetas segetes etiam rustici dicunt.* Com tudo Mr. de Marsais no seu *Trat. dos Tropos*, Part. I. Art. VII. n. 2., diz que *gemma* he o nome proprio para significar o gomo das videiras, e por figura he que os Latinos derão este nome ás perolas, e pedras preciosas. Porque o que foi primeiramente conhecido he sempre proprio, e os lavradores do Lacio certamente conhecêrão primeiro os gomos da vinha, que as pedras preciosas.

(*d*) He hum gosto ver o fio da analogia, que faz passar huma mesma palavra da sua accepção primitiva a outras muito remotas. *Duro*, por ex., significa no sentido proprio hum corpo, cujas partes resistem aos esforços, que se fazem para as separar, e esta idêa de resistencia a fez extender a outras muito distantes. Ella he o fundamento da analogia. Assim esta palavra representa 1. hum homem severo: *Duro a si mesmo, duro aos outros.* 2. insensivel: *Coração duro.* 3. indocil, que não póde aprender: *Ca-*

Já quando dizemos: *hum homem acezo em ira, inflammado da paixão, caido em erro*, he para exprimir. Porque nenhuma destas idêas se pintava mais ao proprio com os seus nomes do que com estes metaphoricos. (a)

São Metaphoras para ornar estas: *Luz da oração, Esplendor do nascimento, Tempestades dos ajuntamentos populares, Torrentes da eloquencia*, e as de Cicero, quando na oração *Pro Milone* chama a Clodio *forte*, e em outra parte o *seminario*, e a *materia da gloria de Milão*. (b) Tambem algumas idêas pouco honestas se explicão com mais decencia por meio das metaphoras, como:

Isto faz com que o campo genital
Com a nimia gordura não se feche,
Ou os sulcos entupa, e inertes deixe. (c)

---

beça dura. 4. inflexivel: *Duro aos gritos*. 5. custoso, penoso: *He cousa dura*. Que distancia entre *severo*, e *penoso*? Com tudo a analogia mostra sensivelmente o fio desta progressão.

(a) Demetr. *De Eloc.* pag. 54 diz o mesmo, *Que algumas cousas por meio das metaphoras se exprimem* (σαφέστερον, καὶ κυριώτερον) *com mais clareza, e propriedade, do que com os termos proprios.* Com effeito nestes exemplos as idêas accessorias do incendio, applicadas á *ira* e *cubica*, fazem conceber a violencia, e estragos destas paixoens melhor que os termos proprios *irado*, e *cubiçoso*. Mr. Sulzer, *Theor. Geral das Artes*, faz a este respeito huma observação, que não se deve aqui omittir. « O termo proprio *(diz elle)* não se requer para a clareza, senão quando se « trata de idêas simplices. Mas quando ellas são complexas, e o « pensamento tem certa extensão; a expressão metaphorica, e « pintoresca contribue infinitamente para a clareza. Ella nos « poupa huma explicação miuda, que pela sua prolixidade faria « o discurso menos claro. Então só huma imagem he que nos « póde exprimir distinctamente muitas cousas ao mesmo tempo. « He huma regra pois talvez sem excepção, que todo o pensamento, que contém muitas idêas parciaes, deve ser exprimido « por alguma imagem bem escolhida. Qual he o termo proprio, « que póde exprimir com a mesma clareza o que Cic., *de Leg.* « *Agrar.* II. 3., chamou *nundinationem juris ac fortunarum?* A « mesma observação he de Cic. *Do Orad.* III. 39. *Nonnumquam* « *etiam brevitas translatione conficitur, ut illud*: si telum manu « fugit; *imprudentia teli emissi brevius propriis verbis exponi non* « *potuit, quam est uno significata translato.*

(b) *Pro Milone* Cap. XIII.

(c) Virg. *Georg.* III. 135. fallando das eguas de criação.

Duas differenças da Metaphora *á similhança.*

§. III. Geralmente fallando, podemos dizer que toda a metaphora he huma similhança abreviada. (*a*) A differença que ha entre huma, e outra he, que nesta compara-se a cousa, de que falla com a imagem, que a representa; e naquella substitue-se a imagem em lugar da cousa mesma. Por exemplo, quando eu digo que *hum homem obrara como hum leão*, he huma comparação; e quando, fallando de hum homem, digo, *he hum leão*, he huma metaphora. (*b*)

Quatro especies de Metaphoras.

§. IV. Todas as Metaphoras, parece, se podem reduzir a quatro especies. (*c*) A primeira he, quando

(*a*) Isto he tirado quasi pelas mesmas palavras de Arist. *Rhet.* III. 4. Cicero tambem, *De orat.* III. 158, diz que a metaphora *Similitudinis est ad verbum unum contracta brevitas.* Tem pois sobre a similhança a vantagem da precisão. Warburthon, *Ensaio sobre os Hieroglyphicos*, mostra, que a linguagem dos primeiros homens foi toda composta de *apologos*, *parabolas*, *enigmas*, *symbolos*, e *hieroglyphicos*, e que daqui nascera o discurso metaphorico, e figurado, passando os homens gradualmente do apologo á parabola, da parabola á similhança, e desta á metaphora.

(*b*) São pois duas as differenças da metaphora á similhança. 1. Todas as idêas reciprocas, que por meio da comparação se desenvolvem na similhança, concentrão-se na metaphora. 2. Na comparação confronta-se o assemelhado com o semelhante; na metaphora porém substitue-se este em lugar daquelle. « Quando « (diz Arist. no lugar citado) digo Achilles ὡς δὲ λέων ἐπορούσε, « *como hum leão arremeteo*, he huma similhança. Quando porém « digo do mesmo: λέων ἐπορούσε, *o leão arremeteo*, he huma « metaphora. » Esta ultima differença dá lugar a huma observação, e he, que as relações da metaphora com o objecto, a cujo nome se substitue, devem ser mais obvias, e faceis de perceber, que as da similhança; e que o modo de adoçar huma metaphora dura he convertel-a em similhança, ou preparal-a antes por outras metaphoras tiradas do mesmo objecto. Vej. o que logo diremos da Allegoria.

(*c*) Cicero *De Orat.* III. 40. observa que em todo o universo não ha objecto algum, de que se não possa transferir o nome para outros. Porque donde se póde tirar similhança, (e póde-se de tudo) dahi mesmo se podem tirar metaphoras, que são humas similhanças abreviadas. E em consequencia disto, Vossio, *Inst.*

entre cousas *animadas* se substitue huma em lugar de outra, como fallando do picador,

. . . . . . Com gran força
O Piloto o cavallo revirou. (a)

E o que T. Livio diz, que *Catão costumava ladrar a Scipião.* (b) A segunda, quando as *inanimadas* se tomão por outras do mesmo genero,

E á armada logo as redeas solta. (c)

A terceira, quando pelas *animadas* se põe as *inanimadas*,

Foi c'o ferro, ou c'o fado cru, e duro,
Que dos Gregos caio o forte muro? (d)

Orat. fez huma larga enumeração de infinitas especies de Metaphoras, segundo os differentes objectos da natureza. Este methodo he longo, e álem disso todas as divisoens devem trazer comsigo alguma utilidade practica. Melhor pois fez Cicero ibid., reduzindo as metaphoras a tantas especies, quantos são os sentidos, pelos quaes os objectos se nos pintão na imaginação, para depois nos dizer quaes são as mais efficazes, e energicas. *Nam, et* odor urbanitatis, *et* mollitudo humanitatis, *et* murmur maris, *et* dulcedo orationis *sunt ducta a ceteris sensibus. Illa vero oculorum multo acriora, quae ponunt pene in conspectu animi, quae cernere, et videre non possumus.* Esta divisão pois de Cicero nos subministra esta regra util, que as metaphoras oculares (πρὸ ὀμμάτων) são as que mais ferem a imaginação. A de Quint. he a da mesma natureza. Elle divide todos os objectos sensiveis em duas classes geraes, de *animados*, e *inanimados;* as quaes se podem combinar de 4 modos, e das quatro combinaçoens resultão quatro especies de metaphoras, para nos ensinar depois quaes são as mais sublimes, e admiraveis.

(a) Verso, ao parecer, do poeta Ennio. Ovidio pelo contrario empregou, *Trist.* I. 3. 118., o nome de *auriga* (cocheiro) pelo de *gubernator* (piloto.)

(b) T. Livio Liv. 38. Cap. 54.

(c) Virg. *Eneid.* VI. 1.

(d) Neste verso de alguma tragedia Latina: *Ferro, an fato virtus Argivum occidit?* ha quatro variantes. *Virtus* de muitas ediçoens, *metus* do Cod. 1. e 3. Vossiano, *moecus* do antigo Cod. de Mureto, *Var. Lect.* XIX. 2., e *moerus* do Cod. Almelov., que o mesmo Mureto conjectura ser *murus*, e confirma esta lição com o lugar de Ovid. *Metam.* XIII. 281., onde Achilles he chamado *Graium murus*, a que se póde ajuntar o de Silio Italico. XVI. 68. Eu segui esta lição approvada por Burmanno, e Gesnero, a qual só póde servir de exemplo da metaphora de cousa inanimada para animada.

Ou pelo contrario (o que he a quarta) quando pelas *inanimadas* se põem as *animadas*.

O pastor no cabeço alto assentado,
Sem saber, o som ouve lá pasmado. (*a*)

Qual destas 4. especies seja a mais sublime.

Destas ultimas particularmente nasce o sublime, e maravilhoso, quando por meio de metaphoras atrevidas, e arriscadas (*b*) nos elevamos até o ponto de dar, de alguma sorte, acção, e alma aos mesmos seres insensiveis. (*c*)

(*a*) Virg. *En.* II. 307., onde agora se lê *stupet inscius alto*, e não como Quint. *sedet inscius alto.* A metaphora está em *vertex (cabeço)* sobre a qual palavra diz assim Velio Longo, *Gramm. Vet.* ed. Putsch. pag. 2243: Vortex *fluminis est*, vertex *capitis. Vertex* pois, dizendo-se propriamente da cabeça do homem, e transferida para o alto do rochedo, he huma metaphora de cousa animada para inanimada. Sosipater Charisio, ibid. pag. 243., dá esta mesma palavra como exemplo de metaphora desta especie, dizendo: *Ab animali ad inanimale, sicut: At procul excelso miratus vertice montis. Eneid. V.* 35. *pro cacumine nunc* verticem *dixit, qui est animalium.*

(*b*) *Audax proxime periculum translatio* he huma versão da unica palavra, com que os Gregos explicão estas metaphoras, chamando-as παρακεκινδυνευμένας, e o mesmo Quint. X. 1. 121. as chama *ex periculo petita verba;* porque remontão-se tão alto, que quasi se precipitão.

(*c*) Arist. *Rhet.* III. 11. chama a esta especie de metaphoras πρὸ ὀμμάτων, e ἐνέργειας *(oculares, e energicas) Digo que todas as metaphoras, que poem em acção os objectos, as poem tambem diante dos olhos ... das quaes uza Homero a cada passo, animando por meio das metaphoras os seres mesmos insensiveis. Ora entre todas as metaphoras as que são mais nobres são as Energicas, quaes são estas de Homero:*

De novo ao pé do monte rebolava
A desavergonhada pedra . . . Odyss. XI.
e . . . . *voou*
A seta por ferir impaciente. Iliad. XIII.
e *Os dardos no chão stavão ali pregados.*
Por fartar-se de carne anciosos. ib. XI.
e *De sangue a lança avida o peito fere.* ib. XV.

Porque em todas estas metaphoras os objectos insensiveis parecem pôr-se em acção, dando-se-lhe alma, sentimento. Pois o desavergonhar-se, o dezejar, etc. *são outras tantas acçoens.* Vej. supr. Cap. V. Art. I. §. 2. sobre a *Energia.*

Tal he aquillo de Virgilio, (*a*)

E o Araxes da ponte desdenhado,

e isto de Cicero: *Que fazia, ó Tubero, no campo de Pharsalia aquella tua espada desembainhada? Ao peito de quem se dirigia a sua ponta? Que sentido era o das tuas armas?* A's vezes em huma mesma palavra ha duas metaphoras, como em Virgilio: (*b*)

E c'o veneno o ferro armar sabia.

Porque *armar com veneno* he huma metaphora, e *armar o ferro* he outra.

Dez vicios das Metaphoras.

§. V. Ora assim como o uzo *moderado*, e *oportuno* da metaphora illustra a oração: assim o *frequente* a faz escura e fastidiosa, e o *continuado* degenera em allegoria, e enigma. (*c*)

Alem disto ha humas metaphoras, que são *baixas*, como *verruga de pedra*, de que acima fallei. (*d*)

Outras *sordidas*. Porque se Cicero disse bem, *Sentina da Republica*, querendo com esta metaphora exprimir a vileza de certos homens; (*e*) eu não ap-

(*a*) Virg. *En*. III. 728. onde Servio observa que Alexandre M. fizera sobre este rio da Armenia huma ponte para a passagem das tropas, a qual, tendo sido levada pelas enchentes, Augusto, em cujo louvor Virgilio diz isto, conseguira fazer outra mais firme, de que elle não zombasse.

(*b*) Virg. *En*. IX. 773. fallando das lanças, e setas hervadas. A palavra *armare*, posta entre *ferrum* e *venenum*, tem duas relaçoens de similhança, as quaes fazem na mesma palavra duas metaphoras. Referida a *ferrum*, transfere a idêa das armas só proprias do homem, ao ferro; e referida a *venenum*, faz deste hum novo genero de arma offensiva, que só se diz propriamente dos instrumentos, que ferem, e não dos que envenenão.

(*c*) As metaphoras são viciosas, ou pelo *excesso*, ou pela *má escolha*, ou pela *dissimilhança*. Por excesso são viciosas, 1. as *muito frequentes*, 2. as *continuadas*, 3. *sendo muitas da mesma especie*, 4. as *demasiadamente maiores*, 5. as *demasiadamente menores*. Pela má escolha, 1. as *baxas*, 2. as *sordidas*, 3. as *poeticas*. Pela dissimilhança, 1. as *totalmente dissimilhantes*, 2. as *violentas*, tiradas de huma similhança longinqua, ou vaga. São pois por todos dez os vicios da metaphora.

(*d*) Supr. Cap. IV. Art. IV. §. 3. no princ.

(*e*) *Catil*. I. 5. e *Catil*. II. 4. Do mesmo vicio he notada a

provaria com tudo est'outra de hum antigo Orador, que ao mesmo respeito dizia: *Cortaste as apostemas da Republica;* e com razão mostra o mesmo Cicero, (*a*) que deve haver cautella, não seja a metaphora indecente, qual he dizer: (pois me servirei dos seus mesmos exemplos) *que a Republica ficou castrada com a morte de Africano*, e chamar a Glaucia *esterco da Curia*. (*b*)

Tambem se deve ver não seja a metaphora *excessivamente maior* que a couza, ou (o que acontece mais vezes) *excessivamente menor*, (*c*) nem tambem *dissimilhante;* (*d*) dos quaes vicios achará de sobejo muitos exemplos quem souber que são vicios.

---

metaphora de Tertulliano, chamando ao Diluvio universal, barrella geral da natureza, *naturae generale lixivium.*

(*a*) *De Orat.* III. 41. onde dá a razão, porque estas metaphoras, posto que similhantes, sempre desagradão. *Et quoniam haec vel summa laus est verbi transferendi, ut sensum feriat id, quod translatum sit: fugienda est omnis turpitudo earum rerum, ad quas eorum animos, qui audiunt, trahit similitudo. Nolo morte dici Africani* castratam esse Remp., *nolo* stercus curiae *dici Glauciam. Quamvis, sit simile, tamen est in utroque deformis cogitatio similitudinis.*

(*b*) Este Africano, segundo observa Petavio, foi o mais moço, com cuja morte a Republica perdeo toda a sua força, e virilidade. C. Servilio Glaucia era hum chacorreiro ridiculo, que foi Questor no anno de Roma 644. Já se dissesse: *escoria do Senado*, a metaphora explicaria o mesmo, e não seria sordida.

(*c*) He huma regra da Amplificação, dada por Arist. *Rhet.* III. 2., que, quando engrandecermos, se tirem as metaphoras de cousas maiores, e pelo contrario de menores, quando diminuirmos. Vej. supr. Cap. IV. Art. III. §. 2. in fin. As metaphoras então, ainda que sejão maiores, e menores, não o devem ser *nimio*. Cicero no lugar cit., donde Quint. tirou esta doutrina, explica-se deste modo: *Nolo esse maius, quam res postulet*, tempestas comissationis, *aut minus*, comissatio tempestatis *(tempestade da galhofa, e galhofa da tempestade.)*

(*d*) Não ha cousa mais contraria á natureza da Metaphora, fundada na relação de conformidade entre os objectos, do que a dissimilhança. Por isso diz Cicero ibid., que este he o primeiro vicio, que se deve evitar. *Quo in genere primum fugienda est dissimilitudo,* Coeli ingentes fornices. Balthazar Graciano está cheio destas metaphoras forçadas. Elle diz, *que os pensamentos partem das vastas costas da memoria, embarcão-se sobre o mar da imaginação, e chegão ao porto do espirito, para serem registradas na alfandega do entendimento.* A vida de S. Antonio de Padua, escripta por Braz Luiz de Abreu, e impressa em Coimbra 1725, he toda neste máo gosto.

Mas a copia mesma, quando passa a excesso, he viciosa, principalmente na mesma especie de metaphoras. (*a*)

Ha outras que são *duras*, e violentas, quaes são as que se tirão de huma similhança muito remota, (*b*) como dizer *neves da cabeça*, e

Juppiter com a branca neve cóspe
Dos invernosos Alpes a alta serra. (*c*)

He em fim grande o erro daquelles, que pensão ter lugar na proza certas metaphoras só permittidas aos Poetas em razão de se proporem como fim o

---

(*a*) Como se em hum discurso, ou grande parte delle se tirassem todas da mesma materia, v. g. do *mar*. Haveria sim unidade de similhança, mas faltaria a variedade, necessaria ao bello. Tudo o que he uniforme, e monotóno enfastia.

(*b*) De dois modos póde ser a similhança remota, ou por ser desconhecida dos ouvintes, ou porque o ponto de relação he hum só, e este muito vago, e commum a outros objectos. Cicero ibid. assigna estas duas causas da dureza das metaphoras. *Videndum est, ne longe simile sit ductum.* Syrtim patrimonii, scopulum *libentius dixerim; charybdim bonorum*, voraginem *potius. Facilius enim ad ea, quae visa, quam ad illa, quae audita sunt, mentis oculi feruntur. Atque etiam, si vereare ne paullo durior translatio esse videatur, molliendo praeposito saepe verbo, ut si olim, M. Catone mortuo,* pupillum senatum *quis relictum diceret; paullo durius, sin,* ut ita dicam pupillum, *aliquanto mitius est. Etenim verecunda debet esse translatio, ut deducta esse in alienum locum, non irruisse, atque ut precario, non vi venisse videatur.*

(*c*) A primeira metaphora, *Neves da cabeça* em lugar de *cans*, he de Horacio Od. IV. 13. 12. *Turpant, et capitis nives;* e por mais que a defenda Voss *Inst. Orat.* IV. 6. 7., as neves não tendo com as cans outra relação alguma de similhança, senão a da côr, commua com outras muitas cousas; ou ella he dura, ou o não será tambem dizer *caes*, ou *saes da cabeça*, etc. A segunda he de Furio Bibaculo, Poeta Jambico, natural de Cremona, que floreceo depois de Lucilio. Horacio para ridiculizar este mesmo verso o parodiou deste modo *Sat* II. 5. 41. *Furius hybernas cana nive conspuet Alpes.* Todos os AA. assentão que a metaphora, reprehendida neste verso por Quint., está em *conspuit.* E na verdade ella he viciosa por dois principios: o primeiro por ser sordida, e o segundo por ser baixa, não havendo proporção entre o cuspo, e a neve immensa dos Alpes. Porém certamente não he dissimilhante, nem duro dizer *conspuit* em lugar de *conspergit.* Julgo pois que a dureza da metaphora está em *cana nive* tomada pelo *cuspo.* Porque entre huma cousa, e outra não ha mais, que a similhança remota da côr.

deleite, e da necessidade do metro, que os obriga a usarem de mais tropos. (*a*) Quanto a mim nem Homero mesmo me poderia authorizar a dizer na proza, como elle disse: *Pastor do povo;* nem tão pouco diria *remar com as pennas*, bem que desta metaphora se servisse Virgilio com muita graça, fallando das abelhas, e de Dedalo. (*b*) Porque em fim a metaphora deve, ou occupar o lugar vago, ou, intromettendo-se no que se acha occupado, ser mais forte que a palavra, que ella expelle. (*c*)

II. Genero. Synecdoches.

§. I. O que acabo de advertir a respeito da metaphora se deve dizer ainda com mais razão a respeito da *Synecdoche.* (*d*) Porque aquella foi inventada prin-

---

(*a*) A Poezia tem por fim o deleitar, imitando, e pintando. Se as suas imagens pois são similhantes e agradaveis tem satisfeito a este fim. O orador deve persuadir. Se deleita, he para conseguir isto com mais facilidade. Não basta pois que as suas metaphoras sejão similhantes sómente. He preciso que dêm força aos pensamentos. Vej. logo Art. II. §. 1. A prisão e necessidade do metro desculpa algumas liberdades, mas nunca póde authorizar as reprehensiveis.

(*b*) Virg. *Georg.* IV. 58. diz das abelhas *ad sidera coeli nare*, e não *remigare.* Só fallando de Dedalo *Eneid.* VI. 19., emprega a metaphora *remigium alarum*, que está na analogia a mais perfeita.

(*c*) No primeiro caso a pobreza da lingua desculpa as catachreses, no segundo só a maior força da *emphase, ornato* e *decoro* he que póde authorizar a translação. Quint. seguindo o seu costume de dar as regras juntas com os exemplos, reveste esta de imagens, e metaphoras nobres, tiradas das novas acquisiçoens e terras, que os reis ganhão, ou pelo direito de occupação, ou de conquista. Assim a metaphora para fazer novas acquisiçoens de palavras para a lingua, ou deve occupar o lugar vago por falta de nome proprio, ou expellindo o antigo possuidor, para tomar o seu lugar, deve ser mais forte que elle, isto he, ou mais ornado, ou mais emphatico, ou mais honesto.

(*d*) Se a regra acima se deve observar na metaphora, muito mais se deve nas Synecdoches. Porque pondo a metaphora os objectos prezentes á alma, e movendo a á vista delles: esta no meio da sua agitação está menos capaz de advertir em alguma dureza, ou atrevimento, que a palavra translata possa ter, do que, quando em socego, e reflectindo, emprega as Synecdoches, e outros tropos menos estheticos.

cipalmente para mover os animos, pintar as cousas, e pol-as á vista: esta serve a variar o discurso, dando a entender pelo *singular* o *plural*, pela *parte* o *todo*, pela *especie* o *genero*, (*a*) e pelos *antecedentes* os *consequentes*, (*b*) e as avessas.

Em todas estas especies de Synecdoches os Poetas tem mais liberdade que os Oradores. Porque se a proza admitte o dizer-se *ponta* pela *espada*, *tecto* pela *caza*; não admittirá ja dizer do mesmo modo *poupa* pela *náo*, e *faia* pelas *tabellas*. Do mesmo modo, se diz *ferro* pela *espada*, não dirá com tudo *quadrupede* por *cavallo*. (*c*)

(*a*) A Synecdoche (συνεκδοχὴ) palavra composta de σὺν (*cum*), e ἐκδέχομαι (*prehendo*) quer dizer *comprehensão*, e foi destinada a significar aquelle genero de Tropos, que pela relação, que o *todo* tem com a sua *parte*, e esta com o todo; na idêa, e nome do todo comprehendem a parte, e na idêa, e nome da parte comprehendem o todo. Ora hum *todo*, ou *composto* póde-o ser de quatro modos, e tantas são as especies de Synecdoches. Ou he *Arithmetico*, isto he, numeral, e esta relação de composição nos authoriza a tomar o singular pelo plural, hum numero determinado por outro indeterminado, e ás avessas, v. g. *Portuguez* pelos *Portuguezes*, *mil* por *muitos*, etc. Ou o todo he *Physico*, e assim dizemos *vélas* pelas *náos*, *fógos* pelas *casas*, *almas* pelos *homens*, etc. Ou o todo he *Artificial*, e assim tomamos a materia pela fórma, dizendo *ferro* pela *espada*; *cobre*, *prata* pelos vasos destes metaes. Ou em fim o todo he *Metaphysico*, composto do genero, e especie, da especie e individuo, do concreto e abstracto; e assim dizemos *Mortaes* em lugar de *Homens*; *Cicero* em lugar de *Eloquente*; *Humanidade*, *Nobreza*, *Pobreza*, em lugar de *Homens*, *Nobres*, *Pobres*.

(*b*) Dão a esta especie o nome de *Metalepse* (*transsumptio*) de μετὰ (*trans*) e λαμβάνω (*sumo*). Mas como a relação dos Antecedentes com os Consequentes não he de *composição*, mas sim de *connexão*, ella pertence mais a Metonymia, como logo veremos.

(*c*) *Poupa* está para a *náo* na mesma razão, que *tecto* para a *casa*; a *faia* está na mesma para as *tabellas*, que o *ferro* para a *espada*; e *quadrupede* na mesma para o *cavallo*, que *mortal* para o *homem*. Porque razão pois são admittidas humas Synecdoches, e outras não? A razão toda está no uso, *Penes quem arbitrium est*, *et jus*, *et norma loquendi*. Os tropos estão sugeitos a esta regra, como as palavras proprias. Daqui vem 1. Que cada lingua tem seus tropos, proprios, e particulares, nascidos dos costumes, e opinioens nacionaes, os quaes não se podem traduzir para outra lingua. 2. Que a linguagem Poetica tem tambem os seus, que o uso não admitte na proza. Vej. supr. no fim da Metaphora not. (*b*)

De todas porém a Synecdoche dos numeros he a que mais uso tem na proza. Porque T. Livio, querendo dizer que os Romanos ficarão victoriosos, diz muitas vezes: *o Romano vencedor na pelcja:* e pelo contrario Cicero, escrevendo a Bruto, diz, fallando de si só: *Nós impuzemos ao Pôvo, e passámos por oradores.* (*a*) Esta especie de Synecdoche não só serve de ornato aos discursos oratorios, mas ainda na conversação familiar tem seu uso.

§. II. Tambem pelos *sinaes antecedentes* vimos no conhecimento do *que se segue.*

Olha como os novilhos já na canga
Os arados conduzem pendurados. (*b*)

O que he hum sinal de que a noute estava chegada. Não sei porém se isto convirá ao orador fóra do caso de argumentar do sinal para a cousa significada. Mas isto he cousa differente da Elocução. (*c*)

---

3. Que na mesma prosa, não obstante haver a mesma analogia, o uso recebe huns tropos, e regeita outros. 4. Que no uso dos tropos ainda recebidos he preciso fazer escolha, seguindo sempre a maior ligação das idêas. Nós podemos dizer, que huma frota de vinte velas sahira do porto, e não podemos dizer, que huma armada de vinte velas combatera com outra. Porque as *velas* dizem relação ao vento, e movimento, que se faz com ellas soltas, e não ao combate, em que se amainão.

(*a*) Esta carta de Cicero não existe. Hum dos casos em que, assim nas oraçoens, como no uso vulgar nos servimos do plural pelo singular, he quando queremos louvar-nos com modestia, e reprehender os outros com moderação, communicando-lhes os nossos louvores, e tomando parte nos seus defeitos. Vej. Cic. *pro Arch.* no fim.

(*b*) Virg. *Eclog.* II. 66.

(*c*) Este tropo tem o nome de *Metalepse*, como dissemos. O fundamento delle he a relação de *connexão*, e *ordem* que tem entre si os objectos, que se succedem, a qual faz que a idêa de hum excite a idêa do outro. O sinal, ou symbolo pela cousa significada, ou a preceda, ou a acompanhe, ou se siga, pertence manifestamente á Metalepse, como *sorte*, pela herança, *ponto* pelo voto, *sceptro* pelo reinado, etc. Muitas vezes na successão, e ordem gradual de huns sinaes para outros, se omittem os intermedios. Virg. quando diz *Eclog.* I. 70. *Post aliquot mea regna videns mirabar aristas*, tomou as *espigas* pela colheita, a *colheita* pelo estio, e o *estio* pela revolução annual, de que he sinal. *Post aliquot aristas* pois he o mesmo que *Post aliquot annos.*

III. *Genero.* Metonymias.

§. I. Desta especie de Synecdoche não se aparta muito a *Metonymia*, (*a*) que quer dizer *substituição de huma palavra por outra*, e a sua força consiste em pôr a *Cousa* pelo *Effeito*, e significar as *Cousas inventadas* pelo *Inventor*, e as *Causas tidas* por aquellas, *que as tem*, (*b*) como,

A Ceres pelas aguas corrompida, (*c*)
e *Neptuno pela terra recebido*
Abriga as náos dos nortes procellosos. (*d*)

O que já ás avessas fica mais duro. (*e*)

Ora importa muito ver até que ponto o uso deste tropo he natural ao Orador. Porque assim como he cousa vulgar dizer *Vulcano* pelo *fogo*, e *pelejar com*

(*a*) Não sómente se não aparta muito, mas nada. Porque a *Metalepse* he huma verdadeira Metonymia. Pois ainda que este nome composto de μετὰ *(trans)* e ὄνομα *(nomen)*, como quem diz *Transnominatio*, signifique qualquer mudança de nome para nome: Com tudo elle foi apropriado áquella especie de tropo, em que tomamos o nome de hum objecto para outro pela connexão, e relação mutua de *Ordem*, ou *Successiva*, ou *Coexistente*, que hum tem para outro na Natureza, ou nas Artes. Tal he 1. a relação do *Sinal* com a *Cousa significada*, a qual he o fundamento da Metalepse. 2. A da *Causa* com o *Effeito*, causa, digo, ou efficiente, ou final, ou instrumental. 3. A do *Inventor* com a *Cousa inventada*. Em todas estas especies de Metonymias a *successão*, ou natural, ou de instituição he a que authoriza a troca de hum nome por outro. A *coexistencia* porém, e simultaneidade, ou natural, ou de instituição he que faz com que se tome 1. O nome do *Possuidor* pela *Cousa possuida*. 2. O do *Continente* pela cousa *Conteuda*. 3. O dos *Accessorios* das pessoas pelos seus *Nomes proprios*, ao que chamamos *Antonomasia*. Vej. logo §. II. Por tanto 6 são por todas as especies de Metonymias, fóra das quaes não será facil achar outras, que se não reduzão a estas.

(*b*) Quint. nas palavras geraes *Subjecta ab obtinentibus* comprehendeo as duas especies, do Possuidor pela cousa possuida, e do Continente pelo conteudo.

(*c*) Virg. *En.* I 177.

(*d*) Horac. *Poet.* 63.

(*e*) Por ex. eu não posso dizer que *Proserpina* filha de Ceres he filha do *pão*, nem que o *mar* he filho de *Saturno*, como o he Neptuno. Ainda que a relação, e nexo de Ordem, e Coexistencia nestes objectos seja reciproca: com tudo, excepto as Metalepses, e Antonomasias, em todas as mais especies de Metonymias a idéa principal sempre he a que dá a conhecer a accessoria.

Marte vario he hum modo de fallar elegante . . . assim dizer *Baccho*, e *Ceres* em lugar *de vinho*, e *pão* seria huma liberdade, que a severidade da Eloquencia forense não soffreria. (*a*) Da mesma sorte o uso tem recebido as Metonymias do *Continente* pelo *Conteudo*, (*b*) como *cidades bem morigeradas*, *copo bebido*, *seculo feliz*. (*c*) Já o contrario seria hum arrojo apenas permittido aos poetas, como

Arde já o vezinho Ucalegonte. (*d*)

E ainda aqui mesmo se póde dizer, que se toma o possuidor pela cousa possuida, da mesma sorte que de hum homem, a quem dissipão os bens, dizemos que o *devórão* . . .

Huma especie porém de Metonymia, usada igualmente dos Poetas, e Oradores, he a do *Effeito* pela *Causa*. Porque os Poetas dizem:

A morte pallida igual destroça
Os torreoens dos reis, e a pobre choça. (*e*)
e *Ahi tambem morada tem, e assiste*
A doença pallida, e a velhice triste. (*f*)

E o Orador diz: *ira precipitada*, *mocidade alegre*, e *ocio molle*.

(*a*) A razão veja-se acima na *Synecdoche*, pag. 154. not. (*c*)

(*b*) Gesnero lê aqui com as Voss. 2, Locat., Alm., e Obrect. *Sicut ex eo, quod continet usus recipit.* Eu preferi a lição *sicut ex eo quod continet, id quod continetur*, que he das Vascos., Stephan., Colin. Basil. Gryph. Vidov. Roign., Leid. Gipson., e Rollin.

(*c*) Nestes exemplos se toma a *Cidade* material *(urbs)* pelos que a habitão, o *copo* pelo licôr, e o *seculo* pelos homens, que nelle viverão.

(*d*) Virg. *En.* II. 311.

(*e*) Horac. *Od.* I. 4, 13.

(*f*) Virg. *En.* VI. 275. Em todos estes exemplos os epithetos tirados do *Effeito* se applicão á *Causa*, quero dizer, a *pallidez* á *morte* e *doença*, a *precipitação* á *ira*, a *alegria* á *mocidade*, e a *molleza* ao *ocio*. Nestes exemplos pois põe-se o effeito pela causa. A causa pelo effeito he quando digo: *Leio Cicero*, *Virgilio*, *Horacio*, *Camões*, isto he, as suas obras. Da mesma sorte quando digo: *Huma boa penna*, *Hum estilo elegante*, *Hum excellente pincel*, tomo a causa instrumental pelos escriptos, e pinturas. As metonymias dos nomes proprios do effeito substituidos aos das causas são raras pela razão, que demos acima pag. antecedente not. (*e*) Acha-se com tudo algum exemplo, como o de Ovid. *Metam.* XIII. 513. *Nec habet Pelion umbras*, para dizer que não tem arvores.

§. II. *Antonomasia*, que substitue alguma cousa em lugar do nome proprio, (*a*) he tambem muito usada dos Poetas, assim por meio do *Epitheto patronymico;* pois tirado o nome proprio, a que o epitheto se ajunta, fica este valendo pelo mesmo, por exemplo, *Tydides*, *Pelides*, (*b*) como por meio das *qualidades* characteristicas de qualquer personagem,

Dos Deozes o gram pai, e o rei dos homens. (*c*)

(*a*) Isto he justamente o que quer dizer o nome Grego ἀντονομάσια, composto da preposição ἀντὶ *(pro)*, e ὀνομάζω *(nomino)* como se dissessemos *pronominatio*. Voss. *Inst. Or.* IV. 10, critica esta definição de Quint. por ser a mesma geral das Metonymias, *nominis pro nomine positio*. Mas nesta *nomen* significa toda a palavra, e na da Antonomasia significa o nome proprio. Ὀνομάζω em Grego quer dizer dar os nomes proprios ás cousas, e dahi a Ὀνομαςικὴ, ou arte de impôr os nomes proprios, de que trata Platão no *Cratylo*. Quanto ao mais, a Antonomasia he huma verdadeira Metonymia dos nomes proprios, fundada na relação de *coexistencia* do sugeito com os seus accessorios, que mais o caracterizão, como são 1. seus *pais*, e *avós*, exprimidos pelos epithetos Patronymicos. 2. As qualidades caracteristicas, e individuaes assim do espirito, como do corpo. 3. As suas acçoens, porque se assignal-a, e distingue dos mais homens. Mr. du Marsais no seu excellente tratado dos *Tropos*, e Beauzeé, *Encyclop.* verb. *Antonomasia*, confundirão este tropo com a Synecdoche, dizendo: que na Antonomasia se põe hum nome commum pelo proprio, ou hum nome proprio pelo commum; o que he justamente pôr o genero pela especie, e a especie pelo genero. Capperronnier a este lugar mostrou a falsidade desta definição, e por muitos lugares dos Rhetoricos antigos, conformes com este de Quint. segurou a verdadeira noção deste tropo, mostrando que os antigos usárão desta fórmula κατ' ἐξοχὴν *(por excellencia)* quando substituião o nome commum em lugar do proprio, sem respeito algum á Antonomasia, como Seneca *Epist.* 58: *Secundum ex iis, quae sunt, ponit Plato quod eminet, et exsuperat omnia. Hoc ait* per excellentiam *esse*, *ut* Poeta *communiter dicitur. Omnibus enim versus facientibus hoc nomen est. Sed jam apud Graecos in unius notam cessit.* Homerum *intelligas cum audieris* Poetam. Isto he justamente o que Quint. acima Cap. III. Art. I. §. 4. chamou Propriedade do quarto modo. Vej. este lugar.

(*b*) Isto he, Diomedes filho de Tydeo, e Achilles filho de Peleo. Assim quando dizemos: *Agamemnon Atrides*, *Ajax Talamonius*, tirados os nomes proprios, *Atrides*, e *Talamonius* epithetos patronymicos, ficão valendo por elles.

(*c*) Virg. *En.* I. 65, em lugar de Jupiter.

E tambem se faz por meio daquellas *acçoens*, porque qualquer pessoa se distingue.

Que o perfido no leito penduradas
Deixou . . . (*a*)

Os Oradores fazem algum uso, ainda que mais raro, destas Antonomasias. Porque, ainda que não dirão *Tydides*, *Pelides*; disserão ja *Impio* em lugar de parricida, e não duvidarão ainda dizer *O destruidor de Carthago, e Numancia* por Scipião, e o *Principe da Eloquencia Romana* em lugar de Cicero. (*b*) Este pelo menos usou desta liberdade, dizendo: *Não tens muitos defeitos, (diz aquelle mestre velho ao varão mais forte) mas, se os tens, eu te posso corrigir.* (*c*) Porque nenhum dos nomes proprios aqui se declarou, e ambos se entendem . . (*d*)

IV. *Genero.* Allegorias.

Allegoria Verbal.

§. I. A *Allegoria*, que nós interpretamos *Inversão do sentido*, he a que mostra huma cousa nas palavras, e outra no sentido, e ás vezes tambem o contrario. (*e*) Da primeira especie he exemplo,

---

(*a*) Virg. *En.* IV. 495, entendendo Eneas.

(*b*) *Impio* em lugar de parricida he antonomasia por epitheto, O *destruidor de Carthago, e Numancia* he antonomasia tirada dos factos, e *Principe da Eloquencia Romana* he das qualidades caracteristicas.

(*c*) *Pro Muraen.* Cap. 29.

(*d*) Cicero naturalmente disse isto com allusão a alguma peça Drammatica no seu tempo, a qual não existindo já, mal podemos dizer de certo os nomes proprios. Crê-se que o *Varão mais forte* he Achilles, ou Agamemnon; e o *Mestre velho* he, ou Phenix, ou Nestor, ou Chiron.

(*e*) Ἀλληγορία vem de ἄλλο *(aliud)*, e ἀγορεύω *(dico) aliud dico, quam significo.* E como o contrario do que as palavras dizem tambem he *aliud;* Quint. debaixo da Allegoria comprehende tambem a *Ironia*, como huma especie della. He necessario com tudo confessar que o fundamento da Allegoria sendo, como o da Metaphora (pois que aquella não he outra cousa mais que huma metaphora continuada) a relação de similhança, e o da Ironia a relação de opposição, estes dois tropos não se devião confundir no mesmo genero, e nesta parte justamente desejou Vossio (*Inst. Orat.* IV. pag. 195) mais exactidão em Quint.

Novas ondas, ó náo, te tornaráõ
Ao mar alto. Oh que fazes! toma mão
Do porto fortemente . . .

E toda esta Ode de Horacio, em que toma a *náo* pela republica, as *ondas* pelas guerras civís, e o *porto* pela paz, e concordia. (*a*) Tal he tambem a de Lucrecio, (*b*)

Lugares nunca dantes vadeados
Das Pierides Musas vou pizar,

E a de Virgilio (*c*)

Mais: não sendo a Allegoria especie de tropo differente da Metaphora, e tendo esta sido posta em primeiro lugar na classe dos tropos, que servem para exprimir, e pintar: que razão podia haver para pôr a Allegoria na segunda classe dos tropos, que só servem para ornar? Esta falta de exactidão emendei eu, transpondo da secção 44 para aqui toda a materia da Allegoria, e Ironia, ficando huma, e outra deste modo, como devião ficar, no numero dos Tropos, que servem para significar, e da Ironia, que he o quarto Genero de Tropos, posta depois dos tres antecedentes no seu lugar proprio.

(*a*) He a Ode XIV do Livro I. Veja-se Exemplo VII. Ella tem sido objecto de grandes disputas entre os Philologos, pertendendo huns com Quint. que he allegorica, e outros que não, como Mureto, Dacier, e Bentleio. Masson na vida de Horacio n. 59 examinou as razoens de huns, e outros, onde se podem ver, e o seu juizo. Aquellas palavras vers. 17, *Nuper solicitum quae mihi taedium, Nunc desiderium curaque non levis*, fazem-me suspeitár, como o Gesnero, que a Ode não he allegorica, mas não pela mesma razão. A náo, que tinha conduzido Horacio, e outros do partido de Cassio, e Bruto aos campos de Philippes, onde forão derrotados, tinha sido para Horacio huma origem de inquietaçoens, e de arrependimentos. Esta mesma agora conduzindo a Pompeo Varo, e outros amigos debaixo do mando de Sexto Pompeo, para renovarem a guerra no mar da Sicilia, era causa da sua saudade pela ausencia dos seus amigos, e de cuidado não pequeno sobre a sua sorte. Assim exhorta a náo, e consequentemente os que nella hião, a tomar o porto, e não se arriscarem a novo desastre, não havendo agora tantas razoens para esperar hum melhor exito, quantas havia no principio da guerra. Combine-se esta Ode com a VII. do Livro II, onde fallando com Pompeo Varo, diz:

Te rursus in bellum resorbens
Unda fretis tulit aestuosis.

(*b*) Liv. IV. v. 1, com que allegoricamente dá a saber, que elle era o primeiro dos Romanos, que tratava em verso a Philosophia Natural.

(*c*) *Georg.* II. 541. Allegoria tirada do curso equestre do

Mas nós nos spaços temos já gastado
Largo caminho, e he tempo de soltar
Os spumantes pescoços dos cavallos.

Allegoria Real.

O mesmo diz nos Bucolicos, sem metaphoras, (*a*)
Em verdade que tinha já ouvido,
Que o vosso gran Menalca pelos versos
Recuperado tinha os campos todos
Daquella parte, donde os oiteiros
A aplanar-se começão, e a deixar
O monte com ladeira branda, e facil,
Até chegar ao rio, e altas pontas
Da densa, e antiga faia já quebradas.

Porque nesta passagem tudo se expressa com palavras proprias, excepto o nome de Menalcas, pelo qual se deve entender, não o pastor, mas Virgilio.

A verbal, ou he Total, *ou* Mixta.

§. II. As Oraçoens usão frequentemente de Allegoria, mas da *Total* raras vezes; pela maior parte he

---

Circo, para dizer que depois de longos trabalhos, e fadigas literarias era necessario descançar. Eu deixei aqui a lição de Gesnero *fumantia*, e segui a de *spumantia* pelas razoens de Burmanno, e Capperonnier a este lugar.

(*a*) *Eclog.* IX. 7., Vossio, *Inst. Orat.* IV. 11. 1., pertende mostrar que Quint. se enganou, e que aqui não há allegoria alguma. Mas bastava esconder-se Virgilio debaixo da pessoa do pastor Menalcas para dar a toda esta acção o caracter de Pastoril, e significar com ella, não já hum pastor, que com a melodia encantadôra dos seus versos preserva de todo o insulto os lugares, onde chega a sua voz; mas o modo proprio porque Virgilio, insinuando-se por meio das suas poezias na amizade de Mecenas, e Pollião, e com o favor desta na de Augusto, conseguio izentar o seu campo da lei geral, porque os de Cremona, e Mantua forão desapossados das suas terras para se destribuirem aos soldados veteranos depois da victoria de Philippes, succedida no anno de Roma 713.

Vossio deveria advertir com Quint. que ha duas especies de allegorias, huma *Verbal*, outra *Real*. Quint. Prol. Liv. IX. 5. diz: Ἀλληγορία *namque, et rebus fit, et verbis.* Na primeira as palavras são metaphoricas, e offerecem na significação propria hum sentido, e na translata outro. Na segunda as palavras são proprias, e exprimem realmente huma acção ou verdadeira ou fin-

Mixta de palavras proprias. (*a*) Total he esta de Cicero: *Na verdade eu pasmo, e me lastimo que hum homem com palavras queira lançar a pique outro até o ponto de furar a náo, em que elle mesmo navega.* (*b*)

A Mixta he mais frequente. *Com effeito sempre assentei comigo que Milão tinha de passar por todas estas tempestades e tormentas, que se experimentão no mar inquieto dos ajuntamentos Populares.* (*c*) Se Cicero não accrescentasse *ajuntamentos Populares*, a Allegoria seria total; accrescentando porém isto, fel-a mixta; na qual especie a clareza resulta dos termos proprios, e o ornato dos metaphoricos. (*d*)

Entre todas porém a especie mais bella he aquella, em que ao mesmo tempo se misturão as tres graças, da similhança, da allegoria, e da metaphora. (*e*) *Que estreito? que canal, pensais vós, tem*

---

gida, a qual acção he figura de outra, que o escriptor tem em vista principalmente. Destes typos, e allegorias estão cheios os livros do Antigo Testamento, e para melhor dizer, toda a historia dos Hebreos não he senão huma allegoria Real do que havia de succeder na Nova Alliança. *Omnia in figura contingebant illis*, diz S. Paulo. Os Apologos, e Parabolas são tambem humas allegorias reaes. O mesmo Quint. diz logo: *Est in exemplis allegoria. . . Nam ut,* Dionysium Corinthi esse, *quo Graeci omnes utuntur, ita plura similia dici possunt.*

(*a*) Porque a Eloquencia deve ser popular; e as palavras proprias fazem ao pôvo mais facil a comparação do que queremos exprimir com o objecto, donde tiramos as metaphoras. Na allegoria total esta comparação he mais custosa. Vej. logo not. (*d*)

(*b*) Não se sabe de que oração, ou escripto de Cicero seja tirado este exemplo. Elle com tudo se deve accrescentar aos fragmentos das obras deste orador, onde até agora falta em todas as ediçoens. Quanto ao mais este exemplo não o póde ser da allegoria total por causa da mistura da palavra *verbis*, pela qual nos dá a conhecer fallava daquelles homens, que á custa ainda da sua propria reputação, querem com a sua má lingua arruinar a de outro.

(*c*) Cicero *pro Milon. Cap. VIII.*

(*d*) A clareza, e o ornato são duas virtudes da expressão. Quint. acima Cap. IV. Art. III. §. 1. disse que a clareza provinha dos termos proprios, e o ornato dos translatos. A allegoria total pois, ao mesmo tempo que he ornada, está sugeita a ser escura. A mixta concilia tudo, recebendo luz dos termos proprios, e belleza dos metaphoricos.

(*e*) A similhança fórma huma pintura; a Allegoria, appli-

tantos movimentos, tamanhas, e tão varias agitaçoens, alteraçoens, e ondas; quantas perturbaçoens, fluxos, e refluxos traz comsigo a celebração dos Comicios? Hum dia só, huma noute, que se metta de per meio, perturba muitas vezes tudo, e ás vezes basta só a leve viração de hum rumor para fazer mudar inteiramente de sentimentos. (*a*) Pois esta cautela deve haver tambem, de acabar sempre pelo mesmo genero de metaphora, porque se tiver principiado: pois muitos começando pela tempestade acabão pelo incendio, ou ruina; o que he huma inconsequencia de idêas feissima. . . (*b*)

Ironia, e suas especies.

§. III. A Segunda especie de Allegoria, pela

---

cando-a, faz a comparação; e a Metaphora retoca huma, e outra, fazendo mais sensiveis, e luminosos os pontos principaes de relação, que hum objecto tem com outro. A similhança faz a cousa sensivel, a allegoria perceptivel, e a metaphora brilhante; e destas tres graças resulta huma segunda especie de allegoria mixta, ainda mais bella que a antecedente.

(*a*) Cicero *pro Muraen.* Cap. XVII. *Que estreito? què canal*, etc. he a similhança, ou parabola, que sendo de cousas mais distantes, he mais propria para o ornato. V. supr. Cap. IV. Art. V. §. 3. *Quantas perturbações*, etc. he a allegoria mixta: e a *leve viração de hum rumor* he a metaphora.

(*b*) Esta regra não he para hum discurso inteiro, em o qual se continuassemos, e acabassemos pelo mesmo genero de metaphoras, por que começamos, cahiriamos em huma monotonia enfadonha, e no vicio, que Quint. apontou acima na Metaphora §. IV. He pois a regra para qualquer pensamento total, que fórma hum painel, cujas partes tem entre si huma relação proxima. A allegoria deve formar huma imagem unica, a fim de se perceber com facilidade a analogia das suas partes. Tirando-se as metaphoras de differentes objectos, rompe-se a unidade, perde-se de vista o fio da analogia, que nos guiava, e a pintura fica tão inconsequente como a que nos descreve Horacio no principio da sua Poetica. Se Cicero assim como concluio o seu painel da inconstancia dos Comicios com a imagem da *viração*, o terminasse com a da *faisca*, que ateada consome tudo, seria inconsequente, e não sustentaria a metaphora, por que tinha começado. Horacio he justamente criticado, por ajuntar na mesma imagem tres metaphoras, tiradas de tres objectos differentes, como são as *feras*, os *pomos*, e a *agricultura*, Epist. I. 1. 39.

Nemo adeo ferus *est, ut non* metiscere *possit*,
Si modo culturae *patientem accommodet aurem.*

qual se mostra o contrario do que se diz, he a *Ironia*, chamada *Irrizão*. (*a*) Ella se dá a conhecer, ou pelo *tom* com que se falla, ou pelo *caracter* da pessoa, ou *natureza* da cousa de que se falla. Pois, sendo qualquer cousa destas differente das palavras, bem se vê que, o que se quer dizer, he o contrario do que se diz. Ora de muitos modos acontece ser o que se diz contrario ao caracter da pessoa de quem se diz. Porque o que dito de outro modo seria de véras, pela Ironia nos he concedido, ou vituperal-o debaixo da apparencia de louvor, ou louval-o debaixo da apparencia de vituperio. (*b*) Como: *Porque Caio Verres, Pretor Urbano, este homem santo, e escrupuloso não tinha naquella lista o nome deste Juiz sorteado:* e pelo contrario: *Nós passámos por oradores, e impuzemos ao Povo.* (*c*)

Algumas vazes com hum riso insultante se diz o contrario do que queremos se entenda, (*d*) como Ci-

---

(*a*) Εἰρωνεία, que alguns traduzem *dissimulatio*, leva sempre comsigo huma especie de escarneo, que se dá a conhecer na pronunciação. Quint. IX. 2. 44. diz que *dissimulatio* não exprime toda a força do nome Grego, e antes o quer traduzir pela palavra *illusio*.

(*b*) Tal he a arte de que se serve ordinariamente a Ironia pessoal. Ella faz huma satira a mais picante com as mesmas palavras, com que o discurso ordinario faz hum elogio, ou hum elogio com os mesmos termos da satira. Vejão-se os exemplos adiante IX. 1. 49. O tom da voz, e a natureza da cousa, he que fazem toda a differença.

(*c*) Na Oraç. *pro Cluent.* Cap. 33. parecendo louvar a Verres de incorrupto, e escrupoloso, escarnece delle, como de hum falsario, e corrupto. Neste segundo exemplo o mesmo Cicero, fallando de si com modestia, debaixo do nome de impostor se dá a si mesmo com delicadeza o louvor de Orador popular, não obstante dizer a verdade ao pôvo.

(*d*) Esta especie de Ironia se chama *Sarcasmo* do Grego σαρκάζω, que quer dizer, *carnes rictu diducto ex ossibus detraho (encarniçar-se)* como fazem os cães famintos; e significa esta especie de Ironia deshumana, e insultante, com que se escarnece de huma pessoa infeliz, e que está fóra de estado de se vingar. Turno depois de traspassar com a sua espada a Eumenes, o insulta deste modo, *Eneid.* XII. 359.

En agros, et quam bello, Trojane, petisti
Hesperiam metire jacens. Haec praemia, qui me
Ferro ausi tentare, ferunt; sic moenia condunt.

cero contra Clodio: *Sim a tua innocencia foi quem te justificou, o pudor quem te livrou, a tua vida passada quem te salvou.* Além disto usa-se da Allegoria, ou para dizer as cousas tristes com termos mais brandos, (*a*) ou para indicar as que são funestas pelas suas contrarias por causa de bom agouro, (*b*) ou em fim para significar com hum dictado outra cousa a que fazemos allusão. (*c*) Das quaes especies de Ironia se alguem ignora os nomes em Grego, saiba que são: *Sarcasmo, Asteismo, Antiphrase*, e *Paremia.*

ARTIGO II.

Dos Tropos, que servem para Ornar.

I. Epitheto.

Differença dos Epithetos Poeticos aos Oratorios.

§. I. Os mais Tropos, que restão, não servem já para *Significar*, mas humas vezes para *ornar*,

---

(*a*) Chama-se a isto ἀςεϊσμος, que Diomed. e Donat. *Vet. Gramm.* Putsch. pag. 458, e 1778 definem: *Tropus multiplex numerosaeque virtutis. Nam Asteismus putatur quidquid simplicitate rustica caret, et faceta satis urbanitate expolitur.* Elle contém pois debaixo de si o *Charientismo*, que he aquelle tropo, que com expressoens mais gratas disfarça as verdades duras, e as idêas desagradaveis.

(*b*) Esta he a ἀντίφρασις, ou *contra-verdade*, quando para desviar da imaginação idêas funestas, e de máo agouro, as damos a conhecer pelas contrarias, ao que se chama propriamente Antiphrase; ou por outras de melhor agouro, ainda que não contrarias, e chama-se então εὐφημισμος. Pela primeira derão os antigos ao mar Negro, muito tempestuoso, o nome de *Ponto Euxino*, isto he, Hospitaleiro, e os Portuguezes ao cabo das tormentas o de *Cabo da boa esperança:* e pela segunda dizião os Latinos: *Si quid ei acciderit* em lugar de *se morrer.*

(*c*) Na edição de Gesn. e nas mais lê-se aqui *aliud textu, quae, et enumeravimus.* Não se poderia lêr *aut textu* (quaedam significemus), *quae, et innuimus?* O certo he que Quint. dava aqui a definição da *Paremia*, da qual elle diz V. 11. 21: *Cui confine est* παροιμίας *genus illud, quod est velut fabella brevior, et per allegoriam accipitur*, Non nostrum, *inquit*, onus: bos clitellas. *Textus* no lugar acima he o mesmo que aqui *fabella* (dictado.)

e outras para *augmentar* o discurso. (*a*) Hum destes tropos, que serve para *Ornar* he o *Epitheto*, a que com propriedade chamamos em latim *Appositum*: outros lhe dão o nome de *Sequens*. (*b*) Deste usão os Poetas com mais frequencia, e liberdade que os Oradores. (*c*) Porque para aquelles basta, que o Epitheto convenha á palavra, a que se ajunta, e assim entre elles não se estranha o dizer-se *Dentes brancos*, *Vinhos humidos*. Para os Oradores porém o Epitheto passa por ocioso todas as vezes que nada accrescenta de mais a idêa principal: e então accrescenta, quando, tirando-se o Epitheto, a cousa fica me-

---

(*a*) Diz: *para ornar, outras para augmentar;* porque huns tropos, como o *Epitheto*, a *Periphrase*, o *Hyperbaton*, ornão: a *Hyperbole* porém não só orna, mas augmenta a oração. Julgo se deve lêr: *ornandam modo, modo augendam;* ou *aut augendam.* Os Mss. Alm. Voss. 2, Locat., e Obrecht lêm, *ornandum, et augendum.*

(*b*) Epitheto vem de ἐπιτίθεσθαι *(apponi)*, e daqui *appositum. Sequens* quer dizer qualquer adjectivo, ou substantivo, que significa huma idêa accessoria, que se ajunta a outra para a modificar. Vej. Quint. no fim do §. II. Para entender bem isto, he necessario distinguir tres especies de Epithetos, huns *Grammaticos*, outros *Poeticos*, e outros *Oratorios*. Os Grammaticos chamão-se propriamente *Adjectivos*. Estes, assim como as proposiçoens incidentes, servem a modificar ou o sugeito, ou o predicado da proposição, humas vezes determinando, e restringindo a sua significação, outras explicando-a. Donde se vê que estes adjectivos são necessarios, e indispensaveis á clareza, e justeza do pensamento. Não são assim os Epithetos Oratorios, e Poeticos. Estes se podem tirar á oração sem prejuizo da verdade do pensamento. Porque só lhe servem de ornato, ajuntando-lhe huma energia Esthetica.

(*c*) Como a Poezia em geral falla mais aos sentidos que a Eloquencia, usa tambem dos Epithetos com mais frequencia do que esta. Usa tambem dos mesmos com mais liberdade em razão da necessidade do metro. Contentão-se muitas vezes com que os epithetos convenhão só ao objecto, que pintão. Assim os poetas dizem: *dementem furorem; taciturna, muta silentia; pavidum metum; moestum dolorem;* e *sonitum sonantem.* Porém he certo que o epitheto não deve ser ocioso, e todas as vezes que a idêa principal leva comsigo a accessoria de hum modo sensivel, o epitheto, que a exprime, he redundante. Similhantes epithetos pois *in Poetis non reprehenduntur,* mas tambem *non laudantur.*

nos, (a) como: *O' crime abominavel! O' paixão infame!*

Regras para o uso dos Epithetos.

§. II. Todo este genero de Epithetos toma ornato principalmente das Metaphoras, v. g. *Paixão desenfreada, Edificios loucos:* (b) e o mesmo se costuma tambem fazer com outros tropos, como em Virgilio, *Vergonhosa pobreza, Triste velhice.* (c) Isto não obstante tal he a natureza deste ornato, que, ficando a oração núa e desenfeitada, para assim dizer, sem epithetos: quando se carrega com muitos, a mesma fica tão longa, e embaraçada, que se póde comparar a hum esquadrão composto de tantos vi-

(a) Isto he, *menos energico,* como ficaria *scelus* sem o epitheto *abominandum*, e *libido* sem o epitheto *deformis.* Para melhor determinar os casos, em que o epitheto he energico, he bom advertir que tres especies ha de Energia Esthetica. Huma que enche a Imaginação de imagens vivas, e sensiveis; outra que prezenta ao espirito noçoens grandes, e luminosas; e a terceira, que excita os sentimentos, e produz os movimentos da alma. Em consequencia pois destes tres fins será necessario escolher os epithetos, confórme nos propozermos, ou pintar á Imaginação, ou esclarecer o Espirito, ou tocar o Coração. Todo o Epitheto, ou Oratorio, ou Poetico, que não tiver alguma destas tres energias, será ocioso, e redundante.

(b) Como do que acabamos de dizer, as imagens sensiveis, brilhantes, e interessantes, com que os epithetos modificão, e acompanhão as idêas, que fazem o objecto dos nossos discursos, são as que tem huma energia esthetica: está claro, que das metaphoras principalmente he, que recebem este ornato. Tal he o epitheto *effrenata* applicado a *cupiditas* por Cicero *Cat.* I. 10. *Insanae substructiones* do mesmo *pro Milone* 20. não he huma metaphora, mas huma metonymia da causa pelo effeito. Talvez que os amanuenses por engano a transferissem para aqui dos exemplos, que se seguem dos Epithetos metonymicos, aonde pertence.

(c) Alem da metaphora, donde se tirão os epithetos mais frequentes, e mais estheticos; a Metonymia, e a Ironia tambem subministrão alguns, porém menos frequentes, e menos energicos. A Synecdoche he a mais pobre nesta especie de ornato. Os Epithetos Hyperbolicos, principalmente tirados dos vicios, fazem hum grande ornato no louvor ou vituperio, sabendo-se usar delles, como fez Horacio *Od.* l. XII. dizendo, *magnaeque animae prodigum Paulum,* e *saeva paupertas,* e *superbos Tarquinii fasces.*

vandeiros, quantos são os soldados; onde a gente seria dobrada, mas não o serião as forças. (*a*) Isto não obstante costuma-se ás vezes ajuntar a huma palavra não só hum, mas muitos epithetos, (*b*) como:

O' grande Anchises, diz, julgado digno,
Do thalamo de Venus sclarecido;
O' cuidado dos Deoses, duas vezes
Das ruinas Troianas libertado.

Mas nem ainda no verso estaráõ bem dois epithetos juntos a huma palavra tambem por este modo. (*c*)

(*a*) Não falla aqui Quint. dos Epithetos ociosos; porque estes, ainda que sejão poucos em numero, pela sua mesma qualidade são viciosos. Ainda os bons, e energicos não devem ser muitos. A multidão delles poria em demasiada distancia as idêas, que o discurso deve approximar ainda localmente, para o espirito aprehender com facilidade a sua relação. Alem disto ha idêas secundarias, e accessorias, que he necessario não fazer muito brilhantes por meio dos epithetos em ordem a não repartir a attenção do espirito devida ás idêas principaes. Desta sorte he que a multidão dos epithetos *embaraça* a marcha do discurso, assim como a dos vivandeiros impede, e retarda a do exercito posto em movimento *(agminis)*. Alem deste inconveniente tem o outro de fazer a oração muito *longa*, carregando-a de tantas mais palavras, quantos são os epithetos, que se podião escusar. Assim vemos pela historia das revoluçoens do bom Gosto, que a decadencia deste na Grecia. Roma, e nas Naçoens modernas tem principiado sempre pela profusão dos epithetos. Apuleio he criticado justamente nesta parte pelos eruditos.

(*b*) Como por exemplo em Virg. *En.* IV. 181: *Monstrum horrendum, ingens*, e *ibid.* III. 658: *Monstrum horrendum, informe, ingens.* Mas he necessario, que as idêas accessorias, indicadas pelos epithetos, sejão 1. relativas entre si, e não contrarias, nem muito distantes; aliás he preciso ajuntal-as por meio das conjuncçoens: 2. relativas á idêa principal, a que se encostão. Vej. a not. seguinte.

(*c*) Este lugar escuro, e difficil atormentou Gesnero, que, não lhe podendo dar sahida, conclue a sua nota a elle deste modo: *Itaque aliquid subest, vel corruptum, vel mihi quidem nondum perceptum.* Huma cousa, e outra he. O lugar anda corrupto, e Gesnero não attingio o sentido de Quint.

Quanto ao primeiro ponto, ainda que as ediçoens de Burmanno, Capperonnier, e Gesnero, e outras antigas, como a de Vascosano tragão só este verso, *Conjugio Anchisa Veneris dignate superbo:* com tudo os Codices da Bibliotheca do Rei da França, e os de Colbert, que Rollin consultou, devião de trazer o seguinte do mesmo Virg. *En.* III. 475. *Cura Deum, bis*

Alguns julgão que o Epitheto não póde ser tro-

Pergameis erepte ruinis, o qual se vê representado em todas as ediçoens de Rollin. Nem a cousa podia ser de outro modo. Pois Quint. queria dar exemplo de muitos epithetos juntos a huma palavra; o que não ha naquelle verso só, e ha, ajuntando-se-lhe o seguinte, quaes são, *Anchisa dignate*, e *Cura Deum*.

Quanto ao segundo ponto, Quint. mesmo reconhece que a huma palavra se podem, e costumão ajuntar muitos epithetos, mas não de qualquer modo. 1. Todos os epithetos devem modificar immediatamente a idêa da palavra, com quem concordão. Se pois eu accumulo a huma palavra muitos epithetos continuados, e algum delles se refere a outra cousa fóra da palavra, com que concordão grammaticalmente, este modo he vicioso, porque a ordem natural das idêas, fundada nas suas relaçoens, não condiz com a ordem Syntaxica. Por esta razão são justamente censurados por Servio os dois epithetos de Virg. *Eclog.* III. 70. *Lenta quibus torno facilis superaddita vitis*, dizendo: *Donatus sic legit. Legitur tamen, et* torno facili, *ad excludenda duo epitheta, quod est in latinitate vitiosum, si sit,* Lenta facilis vitis. O mesmo vicio se acha no vers. 30, Liv. III. *Eleg* V. de Tibullo, *Et facilis lenta pellitur unda manu.* Porque no primeiro o *facilis* modificava o *torno*, e no segundo o *pellitur.* Da mesma sorte o mesmo Servio a Virg. *En.* III. 68. *Dant maria, et lenis crepitans vocat Auster in altum*, diz: *Duo epitheta posuit vitiose, ut diximus supra*; e o vicio está em *lenis* modificar mais o epitheto *crepitans*, como se estivesse *lene crepitans*, do que o *Auster*, com quem concorda. Por mais exemplos pois que Broukusio accumule ao lugar de Tibullo, ou não são do mesmo genero, ou se o são, elles não podem authorizar similhante liberdade.

O 2. modo, pelo qual se não podem ajuntar muitos epithetos consecutivos a huma palavra, he quando se empregão sem conjuncçoens, sendo as idêas accessorias, que elles exprimem, muito distantes, desvairadas, ou contrarias. Então as conjuncçoens são precisas para distincção das idêas, que ficarião confundidas pela proximidade dos termos. Esta he a practica constante dos authores latinos. Achão-se, he verdade, alguns exemplos do contrario em bons escriptores, como no 1. verso de Catullo, *Cui dono lepidum novum libellum.* Mas estes exemplos são raros, como observa Jo. Antonio Vulpio a este lugar, e não enfraquecem a regra contraria e constante.

Hum 3. modo, por que muitos epithetos não se ajuntão bem a huma palavra, nem ainda no verso, he, quando elles vão carregados com outros epithetos, e muitos complementos, que os separão demaziadamente huns dos outros. No exemplo proposto de Virgilio o nome proprio *Anchisa* tem dois epithetos, que são *dignate*, e *cura Deum.* Mas o primeiro tem tres accessorios, *conjugio, superbo, Veneris;* e o segundo tem quatro, que são *crepte, bis, ruinis*, e *Pergameis.* Ora por este modo, diz Quint., nem ainda no verso estará bem ajuntar dois epithetos

po, porque não muda de significação. (*a*) Com effeito todo o Epitheto sem o nome Proprio necessariamente significa por si, e constitue a Antonomasia. Por ex., quando digo: *Aquelle, que destruio Carthago e Numancia*, he huma Antonomasia; se lhe ajunto porém o nome Proprio de *Scipião*, he hum epitheto. (*b*) Este pois não póde deixar de andar junto com o nome Proprio.

II. Periphrase.

Periphrases, quando são ornadas, e quando viciosas.

Quando huma cousa, que se podia dizer em huma palavra, ou em poucas, se explica com mais, chama-se *Periphrase*, isto he, *Circuito de palavras.* (*c*) Esta humas vezes tem *Necessidade*, quando serve

---

a huma palavra. O adverbio *quoque* (*tambem*), que Quint. ajunta, suppõe que álem deste havia outros modos, porque dois epithetos juntos á mesma palavra podião ser viciosos. E com effeito o lugar de Virgil. não só tem este ultimo vicio, mas tambem o segundo.

(*a*) Segundo estes, o Epitheto não he hum tropo differente da Antonomasia. Porque todo o tropo substitue huma palavra translata em lugar do nome proprio. Ora o Epitheto, se se ajunta ao nome proprio, não se põe em lugar delle; e se se substitue ao mesmo, he huma Antonomasia: logo não he hum tropo differente. Mas este raciocinio he hum sophisma. O epitheto póde estar junto ao nome proprio, e ser com tudo tropo. Porque toma a idêa accessoria de outro objecto para a applicar a outro, em que não he propria, como v. g. *cupiditas effrenata.* Devemos dizer pois que o Epitheto, quando he proprio, não he tropo, v. g. *cupiditas immodica.* Quando porém he translato, ou porque he Metaphorico, ou Synecdochico, ou Metonymico, ou Ironico, he tropo, mas pertencente a algum dos quatro acima ditos.

(*b*) Daqui se vê que, na opinião de Quint., *Epitheto* tem mais extensão que *Adjectivo.* Pois o Epitheto póde ser hum substantivo, como acima *cura Deum;* ou huma oração, como aqui *Ille qui Carthaginem, et Numantiam evertit;* ou hum adjectivo; em fim tudo o que accrescenta huma idêa accessoria á principal.

(*c*) Da preposição περί (*circum*), e do verbo φράζω (*loquor*) *circumloquio.* Não se julgue porém que este rodeio he só de palavras. As Periphrases, ou são definiçoens, ou enumeraçoens, e analyses, ou em fim accessorios, que substituimos aos nomes proprios das cousas. No primeiro caso tomamos o genero pela especie, no segundo as partes pelo todo, e no terceiro os coexistentes, ou

para pôr hum véo sobre cousas, que, ditas com os seus nomes proprios, serião feias, como aquillo de Sallustio, *Para huma necessidade da natureza:* (*a*) Outras vezes serve só para o *Ornato*, (*b*) e neste segundo uso he frequentissima entre os Poetas.

Era o tempo, em que o somno principia
P'ra os mortaes c'os trabalhos fatigados,
E por divino dom do Ceo clemente
Nos membros entra lenta, e docemente. (*c*)

Os Oradores usão frequentemente de Periphrases; mas nunca tão verbosas, como as dos Poetas. Pois tudo o que, podendo-se dizer com mais brevidade, se amplia, e explica com ornato, he Periphrase; a que em Latim se tem dado o nome de *Circumlocutio*, menos proprio a exprimir a que he ornato do discurso. Esta assim como, quando he ornato,

---

successivos pela cousa, a que succedem, ou coexistem. As Periphrases pois não são differentes da Synecdoche, e Metonymia, e ainda da Metaphora, quando os termos, que nellas se empregão, são transferidos.

(*a*) Dois fins tem a Periphrase, ou evitar o desprazer, ou procurar o deleite. O primeiro he de necessidade, o segundo de utilidade. De necessidade he a Periphrase 1. Para encobrir as idêas obscenas, e sordidas. *De rebus obscoenis* (diz Santo Agostinho) *cogit necessitas loqui*, *honestas circumloqui*, como no fragmento de Sallustio, *Profectus quidam Ligus ad requisita naturae.* 2. Para adoçar pelo Asteismo, e Euphemismo as idêas tristes, duras, e de máo agouro. Vej. supr. da Allegoria no fim.

(*b*) As Periphrases servem ao ornato. 1. Pintando os objectos com distincção, e clareza. Porque, quando se pronuncia o nome de huma cousa, este abraça todas as suas qualidades, mas confusamente. A cousa percebe-se imperfeitamente, e como ao longe; as suas miudezas escapão á vista. A periphrase pelo contrario, caracterizando-a, a approxima, e faz as suas feiçoens mais distinctas, e sensiveis. 2. Dando mais energia ao pensamento. Pois desenvolve certas idêas, e accessorios particulares do Sugeito, e Predicado da proposição, sobre os quaes se funda a verdade, e força della. 3. Offerecendo debaixo de huma imagem, e fórma, ou graciosa, ou nobre certas cousas triviaes, e communas, que o discurso ordinario exprimiria com mais simplicidade sim, mas de hum modo sêcco, e vulgar. Deste modo costumão os Poetas ennobrecer por meio de periphrases as idêas triviaes, da noute, do dia, do Iris, das estaçoens do anno, das idades do homem, e outras similhantes.

(*c*) Virg. *En.* II. 268. Vej. not. seguinte (*b*).

tem o nome de Periphrase; assim, quando he viciosa, chama-se *Perissologia.* (*a*) Pois toda a periphrase, que não ajuda o sentido, embaraça-o. (*b*)

III. Hyperbaton.

Razoens, por que se fazem as Transposiçoens.

§. I. Com razão contamos tambem entre os tropos, que servem ao ornato o *Hyperbaton*, isto he, a *Transposição da palavra.* (*c*) A necessidade da collocação, e a harmonia do discurso requerem a cada passo similhantes transposiçoens. (*d*) Na verdade se as palavras todas se reduzirem necessariamente á sua ordem natural, (*e*) e ao passo, que cada huma for

---

(*a*) De περισσός *(superfluus)*, e λόγος *(sermo).*

(*b*) Esta he a regra geral dos Epithetos, e das Periphrases. Todas as idêas accessorias, que ellas exprimem, devem cooperar ao fim, que o Orador, ou Poeta se propõe. He preciso pois entre todas as circunstancias escolher só aquellas, que mais relação tiverem, ou com o pensamento, que queremos caracterizar, ou com o sentimento. que pertendemos exprimir: e ajuntando nós duas, tres, ou mais Periphrases, he preciso que os accessorios vão gradualmente accrescentando força huns aos outros. Na Periphrase, em que Virgilio nos presenta a imagem do primeiro sono, os accessorios do *cançaço de dia*, *da doçura do sono* e *do primeiro sono*, *do dom dos Deoses* não só fazem verisimil o desacordo dos Troianos na tomada da sua cidade; mas produzem hum sentimento nascido do contraste admiravel da maior tranquilidade seguida da maior perturbação.

(*c*) Ὑπερβατόν derivado de ὑπερβαίνειν *(transgredi)* R.R. ὑπέρ *trans*, e βαίνω *eo*, *(Transgressio)* transposição, mudança de huma palavra do seu lugar para outro.

(*d*) A razão da collocação, *ratio compositionis* (pois com Capperonnier assim julgo se deve ler, e não *comparationis)* pede que se transponhão as palavras, quando temos de evitar os vicios da junctura, como o concurso das vogaes, e consoantes asperas: e a harmonia, e belleza da collocação, *decor compositionis* pede a mesma transposição, quando com ella fica a oração mais numerosa, e suave do que ficaria, ainda livre dos hiatos, e concurso das consoantes rudes. A *razão* manda *vitare culpam*, e o *Ornato* e decoro manda *laudem mereri.*

(*e*) Que ordem natural he esta? *(ordo suus, ordo rectus?)* Ha alguma na lingua Latina, e nas mais, assim antigas, como modernas? Este he o celebre problema debatido entre Marsais *Constr. Gramm.*, e Bateux *Constr. Orat.*, e continuado entre Mr. Beauzeé *Gramm. Gener.*, sustentando a opinião do primeiro, o

occorrendo, assim tambem se forem ligando ás imme-

---

entre o Author anonymo do *Novo exame do prejuizo da Inversão*, impresso em París 1767, defendendo a opinião do segundo. Da solução delle depende a da questão sobre a *Inversão:* Se esta a ha realmente nas linguas *Postpositivas*, Grega, e Latina; ou nas *Analogas*, quaes são quasi todas as modernas da Europa? e desta questão por consequencia depende a noção do que os Latinos chamavão Hyperbaton.

Este problema, ao meu parecer, foi ultimamente resolvido pelo Abbade de Condillac (*Cours d'Etude Tom. I. Grammaire, Part. II. Cap.* 27.) Elle mostra, que entre as idêas de hum mesmo pensamento não ha successão no espirito, nem por consequencia prioridade, e posterioridade. Ellas se offerecem todas ao mesmo tempo á alma, assim como em hum prospecto os olhos vêm ao mesmo tempo todas as suas partes. De outra sorte não as poderiamos comparar, nem formarmos idêa do todo junto. Mas assim como os olhos na prospectiva dos objectos, assim a nossa alma na de qualquer pensamento vê ao mesmo tempo as correlaçoens mutuas de todas as suas partes, pelas quaes humas convém com outras, humas são determinadas, outras determinão. Esta ligação natural, e dependencia mutua das partes he a que faz a ordem do todo simultaneo. Para distincção chamaremos a esta *Ordem Simultanea*, e *Syntaxica*. Ella he a natural, e prototypa do espirito.

As linguas não podem representar a simultaneidade do painel do pensamento. Ellas dispõem em huma ordem *Successiva*, e *Analytica* o que he simultaneo, e confuso no espirito. Porque assim como as palavras, assim tambem as idêas hão de hir necessariamente humas atraz das outras. A ordem pois da linguagem he nesta parte a inversa da do pensamento. Nesta successão porém, e analyse póde-se de algum modo representar a ordem Syntaxica das idêas, e a sua ligação pelas differentes fórmas, e posiçoens locaes dos vocabulos, que as representão. Isto he o que faz a Syntaxe em todas as linguas.

Conservando-se a mesma Syntaxe, tres construcçoens, segundo Cicero *Part.* Cap. VII, se podem dar a qualquer phrase, a *Directa*, a *Inversa*, e a *Interrupta*, ou transposta. A *Directa* he a aquella, em que cada palavra se reporta successivamente áquella, que se lhe segue, e não suppõe nada dantes, v. g. *Alexandre venceo a Dario.* O sentido aqui não fica suspenso, e o pensamento se vai percebendo á medida que se lê. A *Inversa* pelo contrario he aquella, em que as primeiras palavras suppoem outras dantes para completar o sentido. v. g. *A Dario venceo Alexandre.* Nenhuma destas ordens he contraria á do espirito. Este vê ao mesmo tempo as duas idêas de *Dario*, e *Alexandre* ligadas entre si pela relação da victoria. Pouco importa que o discurso ponha primeiro Alexandre, ou Dario. Ambas estas idêas se ligão igualmente com a terceira *venceo.* Sendo pois huma directa, e outra inversa, ambas são *naturaes*, porque exprimem igualmente

diatas, quer atem bem, quer não: succede ordinariamente ficar a oração já aspera e dura, já desatada e cheia de hiatos. (a) He necessario pois, para evitar isto, differir humas para o depois, outras tomal-as dantes, e collocal-as no lugar, em que quadrão; assim como se faz nas paredes formadas de pedras brutas. Nem na nossa mão está o talhar, e lavrar as palavras, como se faz ás pedras, para que assentadas se unão melhor na estructura do discurso. Necessariamente nos havemos de servir dellas taes quaes ellas são, e escolher-lhe os assentos. Assim nenhum outro meio ha de fazer huma oração harmoniosa, senão a mudança opportuna da ordem. Nem outra he a razão, porque nas tabellas enceradas de Platão, em que este escrevia o mais bello dos seus tractados, se achárão escriptas por differentes maneiras as primeiras quatro palavras, em que diz, *descera ao Pireo*, (b) senão

---

a ligação prototypa das idêas no espirito. Tambem se podem chamar *naturaes* neste sentido, que ambas são necessarias, e usadas mais, ou menos nas linguas, assim *Postpositivas*, como *Analogas*, só com a differença, que aquellas, tendo casos, podem fazer mais inversoens do que estas, que os não tem. Assim como pois era *natural* a Cicero fallar Latim, e consequentemente fazer mais inversoens; assim nos he natural fallar Portuguez, e por isso fazer menos. *Natural* aqui he o mesmo que *Habitual*.

A terceira construcção he a *Interrupta*, ou *Mixta*; quando as idêas, que no painel do pensamento andão naturalmente ligadas pelas suas relaçoens mutuas de conveniencia, e dependencia, se separão no discurso, e se transpõem, mettendo-lhe outras de permeio. Esta he a contraria á verdadeiramente natural, e prototypa do espirito, a qual consiste na ligação immediata das idêas, e esta justamente he a que Quint. chama *ordinem suum*, *ordinem rectum*, como logo veremos. Vej. supr. Cap. III. Art. II. §. 2. not. (b)

(a) O estilo faz-se duro, e aspero pelo concurso, e conflicto das consoantes asperas, com que acabão, e começão os vocabulos. Faz-se solto, e desatado pelo concurso das vogaes. Cicero de Orat. III. 43. *Collocationis est componere, et struere verba sic, ut neve asper eorum concursus, neve hiulcus sit; sed quodammodo coagmentatus, et levis*. Vej. adiante Cap. X. Art. III §. 2 e 3.

(b) Isto he tirado de Dionysio Halicarn. περὶ συνθέσ. Sect. 25. pag. 242. ed. Upton., onde diz assim, acabando de fallar da exactidão de Isocrates. « Platão porém até os 80 annos de sua « idade nunca cessou de polir, calamistrar, e concertar de todos « os modos os seus dialogos. Pois he bem sabida dos Philologos

porque tinha experiencia de que isto era o que fazia mais que tudo a oração harmoniosa.

Varias especies de Transposiçoens.

§. II. Ora quando esta transposição se faz em duas palavras sómente, chama-se *Anastróphe*, que quer dizer huma especie de *Inversão*, (a) quaes são estas vulgares *mecum*, *secum*, e nos Oradores e Historicos *quibus de rebus:* Quando porém por conta do ornato se transpõe huma palavra para mais longe, então tem propriamente o nome de *Hyperbaton;* como: *Animadverti, Judices, omnem accusatoris orationem in duas divisam esse partes.* Se estivesse *in duas partes divisam esse*, era a ordem natural, (b) mas isto ficava duro, e sem graça.

« a tabella. que, dizem, se lhe achára ao tempo da sua morte,
« a qual tinha variado de muitos modos o principio da sua obra da
« Republica, que começa assim: Κατέβην χθὲς εἰς Πειραῖα μετὰ
« Γλαύκωνος τοῦ Ἀρίστωνος, *Desci hontem ao Pireo com Glaucon,*
« *filho de Ariston.* »

(a) Ἀναστροφὴ, *Anastrophe*, de ἀνα *retro*, e στροφὴ *versio.* Inversão, que se faz de diante para traz entre duas palavras, das quaes huma he subordinada a outra. Assim os Latinos, para evitar o cacophato, em lugar de *cum nobis*, *cum me*, *cum te* dizião *nobiscum*, *mecum*, *tecum*, e tambem *quocum*, *Italiam contra*, *maria omnia circum*, etc. Nesta especie de inversão as duas idêas, da cousa, e sua relação, ficão igualmente ligadas, e não se separão, como no Hyperbaton. Pois quando digo, *in duas divisam esse partes*, as duas idêas correlativas *duas*, e *partes* não tem inversão, e tem com tudo hyperbaton. Observe-se que os Latinos não notavão esta inversão senão nas Preposiçoens com os seus casos, e no adverbio comparativo com a conjuncção subsequente.

(b) *Rectum erat* (diz Quint.). Se a ordem natural de todas as linguas, e da Latina mesma, (segundo pertende Mr. Beauzeé *Gramm. Geral, Liv. III. Cap. IX. Art. I.)* he a directa, que elle chama Grammatical, e Analytica; não he esta certamente a que Quint chama *natural*, não obstante apoiar-se o mesmo Beauzeé neste lugar para provar o seu systema. Elle he *contra producentem.* Pois a ordem Grammatical seria esta, *divisam esse in partes duas*, e a inversa *in duas partes divisam esse* he que Quint. chama *natural*, *(rectum.)* A que chama pois Quint. ordem natural? Aquella, em que as idêas conservão no discurso a mesma ligação, que ellas tem no painel prototypo do espirito. Aqui as duas idêas *partes duas* são correlativas, e devendo por isso mesmo estar juntas na phrase, o hyperbaton as separa, mettendo-lhe no

Os Poetas chegão a fazer separação, e transposição de huma mesma palavra, como:

. . . *Hyperboreo septem subjecta trioni.* (*a*)

O que nunca será permittido na proza. (*b*) Mas esta mesma divisão he justamente a que faz do Hyperbaton hum tropo; porque de dois sentidos he preciso fazer hum. (*c*) De outra sorte não havendo mudança de significação, e mudando-se só a estructura dos vocabulos, póde-se o Hyperbaton chamar antes figura das palavras. . . . (*d*)

---

meio *divisam esse.* O mesmo Beauzeé, reflectindo melhor, principiou já a conhecer o seu engano na nova Encyclop. Methodica, *Grammaire, et Literature*, verb. *Hyperbaton.* Vej. as nott. seguintes.

(*a*) Virg. *Georg.* III. 381. onde a palavra *Septemtrio*, composta de *Septem*, e *Trio (bos)*, he cortada, e separada por *Subjecta.* Os Grammaticos chamão a isto τμῆσις de τέμνω *cortar, dividir.*

(*b*) Com tudo vem-se muitos exemplos destas *Tmeses* em Cicero, como: *Per mihi gratum, Per mihi jucundum, Quod judicium cumque* (pro *Sextio*); *Jurisque jurandi* (pro *Coel.*) *satis nostrae conjunctioni, amorique facturum* (pro *Marc.*), e Quint. mesmo disse II. 13. 42. *Plebis ve scitis.*

(*c*) Segundo Quint. pois o Hyperbaton consiste na divisão, e separação das idêas, que se não deverião separar; e não tem differença da *Tmesis*, senão em esta separar as duas palavras radicaes de que se fórma a composta, e o hyperbaton dividir, e separar não huma palavra, mas duas, que ainda que distinctas, são correlativas, ou por concordarem, ou por regerem huma a outra. Na mudança das duas palavras dos seus lugares proprios, e que o espirito reune para fazer de duas idêas huma composta, he, em que Quint. faz consistir o tropo. Porém, a dizer a verdade, ainda que as palavras mudem de lugar, não mudão de significação, o que he preciso para haver tropo *In hyperbato* (diz Quint. *Prol.* Lib. IX. 6.) *commutatio est ordinis, ideoque multi tropis hoc genus eximunt.*

(*d*) Reconhece pois Quint. duas especies d'Hyperbatos, huma *tropo*, quando se separão as idêas ligadas na ordem natural, prototypa do espirito; outra *figura* da collocação, quando sem separar as idêas, se inverte a estructura usual da lingua Latina, a qual pelo habito contrahido era natural aos Romanos. Ambas estas se achão na phrase de Cicero, *in duas divisam esse partes*; e a ordem contraria *in duas partes divisam esse* he a natural *(rectum)*, assim porque a ligação immediata das duas idêas, *duas*, e *partes*, he a prototypa da natureza; como porque o verbo no fim da phrase era a estructura habitual da lingua Latina, e o que he habitual he tambem de alguma sorte natural. Quint. o diz cla-

IV. Hyperbole.

Que cousa he Hyperbole, *e 6 modos de a fazer.*

§. I. Reservei a *Hyperbole* para o ultimo lugar por ser hum Ornato mais atrevido que os outros tropos. (*a*) Ella he huma *Exaggeração mentirosa*, e serve igualmente tanto para augmentar, como para diminuir.

Faz-se de differentes maneiras. Pois, ou dizemos mais do que aconteceo, como, *Vomitando, encheo de bocados de comer o seu regaço, e todo o tribunal*, (*b*) e

...... dois penhascos
Ameaçando estão o ceo sublime: (*c*)

Ou engrandecemos as cousas por meio de alguma similhança, como,

As Cyclades dirias que arrancadas
De seus assentos sobre o mar nadavão: (*d*)

Ou por meio da comparação,

Niso parte entre todos o primeiro,
Que o vento e azas do raio, mais ligeiro: (*e*)

---

ramente IX. 4. 26. *Verbo sensum cludere multo, si compositio patiatur, optimum est. In verbis enim sermonis vis inest. At si id asperum erit, cedat haec ratio numeris... Sine dubio enim omne, quod non cludet, hyperbaton est. Ipsum hoc inter tropos, vel figuras, quae sunt virtutis, receptum est.* Esta unica passagem de Quint., que Mr. Beauzeé (*Encyclop.* lug. cit.) tem pelo juiz mais competente nesta materia, arruina inteiramente o seu systema sobre a Inversão. O verbo no fim da phrase he sempre a ordem inversa da Grammatical, que elle julga a natural. Quint. com tudo diz que aquella he a natural á lingua Latina. Logo a natural he a inversa da Grammatical.

(*a*) Ὑπερβολὴ, *Hyperbole*, da prep. ὑπὲρ (*super*) e βάλλω (*jacio*) *superjectio ementiens.* Na edição de Gesnero falta toda esta oração: *Hyperbolen audacioris ornatus summo loco posui.*

(*b*) Cicero *Philipp.* II. Cap. 25.

(*c*) Virg. *En.* I. 166. Esta primeira especie se póde chamar historica, porque augmenta, e exaggera os factos. Ella se faz com os termos proprios.

(*d*) Ibid. VIII. 692. fallando das náos de Antonio na batalha naval com as de Augusto ao pé do promontorio *Actium* no anno de Roma 723. Ellas erão de grandeza tão enorme, que Virg. as compára ás ilhas Cyclades do Archipelago. De humas, e outras diz logo, *aut montes concurrere montibus altos.*

(*e*) Ibid. V. 319.

Ou por meio de certos sinaes,

Por cima das searas voaria
Sem lhes tocar as pontas, nem as tenras
Espigas na carreira offenderia: (a)

Ou por meio da Metaphora, como aqui mesmo a palavra *voaria*.

Algumas vezes a hyperbole se augmenta, accrescentando-lhe outra em cima, como faz Cicero contra Antonio. (b) *Que Charybde tão voráz? Mas que digo eu Charybde? a qual, se a houve, foi hum animal só. O Oceano mesmo apenas parece ter podido sorver tão de pressa tantas cousas, tão espalhadas, e postas em lugares tão distantes....*

Nem os modos de diminuir são menos, que os de augmentar,

Pelos ossos se tem escassamente (c) ... *etc.*

Regras, que se devem observar no uso della.

§. II. Mas esta mesma Hyperbole, que parece não admittir regra alguma, deve ter sua medida. Ainda que toda a Hyperbole passe os limites da verdade, não deve com tudo passar os da moderação. Por não se observar esta regra, nenhuma cousa ha por onde mais se caminhe ao *Cacozelon* do que por

(a) Ibid. VII. 808, onde Virgilio exaggera a velocidade da Amazona Camilla com os sinaes de não deixar vestigios no chão, por onde corria, nem molhar as plantas, se corresse pelo mar. Julio Solino Cap. 6. diz quasi o mesmo de hum Ladas: *Primam palmam velocitatis Ladas quidam adeptus est, qui ita supra cavum pulverem cursitavit, ut, arenis pendentibus, nulla indicia relinqueret vestigiorum.*

(b) *Philipp.* II. Cap. 27. De 6 modos pois, segundo Quint., se podem exaggerar as cousas. 1. com os termos proprios, 2. com as similhanças, 3. com as comparaçoens, 4 com as Metonymias, 5. com as metaphoras, 6. accumulando as hyperboles. Quando pois se faz com as palavras proprias, não póde ser tropo; e quando emprega as similhanças, as comparaçoens, e os tropos, a estes he que pertence, e por isso não constitue hum genero differente dos quatro, que puzemos ao principio.

(c) Diz o pastor Menalchas em Virg. *Ecog.* III. 103, encarecendo a magreza das suas ovelhas. Este exemplo de hyperbole para diminuir pertence ao primeiro modo, *[illegible]*; e está claro que a mesma se póde fazer tambem dos outros cinco modos que dissemos.

esta. Nem eu me canço agora em relatar os infinitos vicios, que daqui nascem; porque todos os conhecem, e elles são faceis de se notar. (*a*) Basta dizer que a Hyperbole mente sim, mas não de modo, que pertenda enganar com a sua mentira. (*b*) Por isso mesmo pois que não se nos dá credito no que dizemos, tanto mais preciso he vermos até que ponto nos convém exaggeral-o. Estas exaggeraçoens são muitas vezes causa de rizo, o qual, se he procurado de proposito, tem o nome de graça, (*c*) se de outro modo, o de tolice.

Ha humas hyperboles vulgares, (*d*) quaes são aquellas, de que se servem os homens doutos, e ignorantes no uso da vida. Porque a todos os homens

(*a*) Quem quizer ver muitos exempios destas hyperboles viciosas leia Bouhours (*La Maniere de bien penser*, pag. 30 e 103). Aquella de hum escriptor Portuguez, que fallando de huma fortaleza do Japão, diz, que o seu fosso era tão fundo, *que parece se abria para hir fazer a guerra aos Demonios no Inferno*, não só he *ultra fidem*, mas tambem *ultra modum*, e por isso justamente criticada pelo mesmo Author.

(*b*) O que ella quer he, chegar á verdade por meio da mentira, como diz Seneca *De Benef.* VII. 23. *In hoc Hyperbole extenditur, ut ad verum mendacio veniat: nec unquam tantum sperat Hyperbole, quantum audet; sed incredibilia affirmat, ut ad credibilia perveniat.*

(*c*) Gesnero lê com as edd. Locat., e Ven. *aptus*. Mas não sei queira dizer aqui *risus aptus*. O rizo procedido das exageraçoens desmesuradas, quer estas sejão urbanas, quer não, sempre vem a proposito, pois ou recahe sobre a cousa, ou sobre a pessoa de quem falla. Toda a differença está em a hyperbole ser jocosa, ou séria. Segui por tanto a lição *captatus*, que he dos Mss. Bodl. Voss. 2, e das edd. Andr., Ald., Paris., Vascos., Stephan., Basil., Colin., Gryph., Vidov., e muito conforme ao lugar similhante do mesmo Quint. VIII. 3. 48, em que diz assim: *Cui natura contrarium, sed errore par est dare excedentia modum rebus nomina, nisi cum ex industria risus inde captatur.* O mesmo Quint. VI. 3. 67. faz da Hyperbole hum lugar do Jocoso. Vej. supr. Cap. IV. Art. IV. §. 3. num. 3. Sobre os *Correctivos* da Hyperbole ibid. Art. III. §. 4. *in fin.*, e not.

(*d*) Assim como as Metaphoras, assim muitas expressoens hyperbolicas na sua origem passárão a ser proprias, e ordinarias no uso vulgar; e perdoão-se, porque o senso commum se acostumou a fazer-lhe os rebates devidos. Taes são estas, quando dizemos dos que tem pouco que comer, *que morrem de fome*; do hum homem que sabe pouco, *que não sabe nada*, etc. Estas, e similhantes hyperboles não são ornatos.

he natural o desejo de augmentar, e diminuir as cousas, que dizem, e ninguem se contentou já mais com a verdade justa. Com tudo estes encarecimentos perdoão-se-nos, porque não asseveramos.

A hyperbole porém então só he hum ornato da Oração, quando a cousa, de que temos de faliar, he extraordinaria. (*a*) Porque então permitte-se-nos o dizer mais do que he, já que não podemos dizer quão grande ella he; e he melhor que a oração passe adiante do que fique atraz. Mas deste tropo basta por ora. Pois já fallamos delle mais amplamente naquelle tractado, em que assignavamos as *Causas da corrupção da Eloquencia.* (*b*)

(*a*) Esta he a pedra de toque para distinguir as Hyperboles legitimas das que o não são. Todas as vezes que ellas se empregão sériamente em cousas pequenas, e ordinarias, fazem o estilo *inchado:* e quando são exaggeradas *(ultra modum)*, ainda em cousas grandes, fazem o estilo *frio.* Vej. o Cap. ult. Art. III. Só pois são ornadas, e bellas, quando são moderadas, e se trata de cousas grandes, e extraordinarias. A grandeza porém extraordinaria dos objectos, que se requer para justificar a hyperbole, póde ser, ou absoluta, ou relativa. Huma, e outra desculpa o encarecimento. A primeira pelas razoens de Quint.; a segunda pelo estado de paixão, em que a alma se acha. Então a imaginação, sendo ferida vivamente de alguma idêa, que se lhe representa grande, e os termos ordinarios parecendo-lhe fracos para a exprimir, serve-se dos hyperbolicos. Neste estado quem exprime huma cousa, como a sente, não exaggera; antes he fiel na expressão. Ainda que pois o que elle diz seja falso, e passe os limites da verdade, não passa com tudo os da verisimilhença. Elle representa as cousas como a imaginação lhas figura, e o ouvinte, ou leitor deve-se pôr no mesmo estado de paixão para fazer hum juizo seguro das hyperboles. *Facile est enim verbum aliquod ardens (ut ita dicam) notare, idque, restinctis animorum incendiis, irridere.* Diz Cicero *Orad.* 28. Vej. o Cap. do *Exord.* Art. IV. §. 1. no fim, e not.

(*b*) Perdeo-se inteiramente este escripto de Quint. Os que querem persuadir que he o mesmo que o Dialogo *sobre os Oradores*, ou *Causas da corrupção da Eloquencia*, que costuma andar entre as obras de Tacito, a quem se attribue; ainda que não tivessem tantos argumentos do contrario, os quaes se podem vêr em Pitheo, Schelio, Dodwello, e Capperonnier a este lugar; bastaria só esta passagem de Quint. para os desenganar. Quint. diz que no seu tractado da Corrupção da Eloquencia fallava extensamente da hyperbole, e de outras materias technicas; e disto nada se acha no tractado attribuido a Tacito. Vej. Hist. da Rhet. Tom. I. Liv. I. Cap. VII. Art. II. §. 3. e not.

CAPITULO VIII.

Da Elocução Figurada.

(IX. 1.)

Que cousa seja Figura, *e sua differença do* Tropo.

§. I. Tendo nós fallado até aqui dos *Tropos*, segue-se agora tratar das *Figuras*, chamadas em Grego *Schemas*; (*a*) materia ligada naturalmente á antecedente. Pois muitos julgárão que as Figuras erão Tropos . . . (*b*) e tem havido authores illustres, que quizerão antes dar o nome de Figuras á *Periphrase*, *Hyperbaton*, *Onomatopeia*, e *Epitheto* do que o de Tropos. Pelo que muito mais se deve assignar a differença destas duas cousas. *O Tropo* pois he *Hum discurso transferido da sua significação natural, e principal para outra, a fim de ornar a oração:* ou como o definem quasi todos os Grammaticos, *Huma expressão transferida do lugar, em que he propria para outro, onde o não he. A figura* porém, como o mesmo nome está mostrando, he *Huma fórma de oração apartada do modo ordinario de fallar, e que primeiro se offerece.* (*c*) Pelo que nos Tropos poem-se

(*a*) Do verbo σχέω *(habeo)* vem σχῆμα *(habitus)*, *figura*, ou fórma da expressão.

(*b*) Nos nossos tempos mesmos *Marsais*, no seu Tractado Philosophico *Dos Tropos*, confundio huma cousa com outra. A questão he verdadeiramente de nome Se por *figura* se entende qualquer fórma de expressão, e por *tropo* qualquer mudança na phrase, como as palavras á primeira vista querem dizer: os tropos são figuras, e as figuras são tambem tropos. Tudo depende pois da accepção particular, que se fizer destes nomes genericos. Estas duas cousas com tudo tem suas differenças, e a distincção dellas não he inutil, nem para a clareza das materias, nem para verificar a distribuição das qualidades geraes da Elocução, dada por Quint. no principio desta Livro. Vej. a not. seguinte.

(*c*) Mr. Marsais (*Dos Tropos, Part. I. Art. I.*) combate esta

humas palavras em lugar de outras. . . e no Hyperba-

---

definição por dois principios. Hum por não dizer nada, outro por dizer falso. Hum modo de fallar apartado do commum, e ordinario he o mesmo que dizer, *que as figuras são figuras*, e *que não o são as que não são figuras*. Alem disso he falsa. Porque se ha alguma cousa natural, e ordinaria aos homens, são as figuras; e em hum dia de praça na Haia fazem-se mais figuras do que em muitos de Assembléas Academicas. Porém Marsais não entrou no sentido da doutrina deste Mestre. Assim he preciso explical-a.

Ha hum modo simples de enunciar qualquer pensamento, quando empregamos só os termos precisos para exprimir a sua verdade, clareza, e distincção. Este he o ordinario, e que primeiro se offerece a qualquer no estado tranquillo, e ordinario da alma. Quando porém o Orador, ou o Poeta no fogo da sua imaginação quer dar mais vivacidade, força, vehemencia, ou graça á expressão; muda-lhe a fórma simples em figurada, e por huma especie de ficção engenhosa accrescentando-lhe novas idêas accessorias, o faz mais vivo, ou mais tocante, ou mais galante. Este modo não he *Simples*, porque tem mais do que he necessario para a expressão clara, e precisa. Não he *Ordinario*, porque suppõe a alma no estado de agitação, que tambem o não he. Dizer pois que a Figura he huma fórma de expressão apartada da ordinaria, e que primeiro se offerece, ou, como o mesmo Quint. diz n. 11, *a vulgari, et simplici specie cum ratione mutata*, e n. 13. *a simplici, atque in promptu posito dicendi modo Poetice, vel Oratorie mutata*, e n. 25. *remota a communi usu fictio*, não he o mesmo que dizer, que Figura he Figura.

Ambas estas fórmas, *simples*, e *figurada*, são naturaes segundo Quint. XII. 10. 43.; porém a differentes respeitos. A primeira he natural a quem falla, e a quem discorre; e a segunda a quem ora, e quer não só instruir, mas deleitar, e mover. Quint. pois não diz, que a Figura he apartada do modo natural, como lhe faz dizer Marsais. *Communis, vulgaris, simplex, in promptu positus* não he o mesmo que *naturalis*.

O Orador, e Poeta no estado de paixão suppoem-se nas mesmas situaçoens, e figuras, em que se achão realmente aquelles, que experimentão a impressão dos bens, e dos males Estes pela força do sentimento, que os impelle, fazem perguntas, respondem, achão-se perplexos, suspensos, consultão, exclamão nos transportes da sua paixão, apostrophão, etc. Mas estas figuras são reaes, e não imitadas. *Verum ea plerumque recta sunt, nec se fingunt, sed confitentur*, Quint. n. 5. As figuras oratorias são de outra especie. Estas não são verdadeiras, mas fingidas, e imitadas; porque são produzidas, não pela presença real, e impressão dos objectos, mas pela imaginação, e arte, que os representa; e destas he que falla Quint. *Haec, quoties vera sunt, non sunt in ea forma, de qua nunc loquimur: sed assimulata, et arte composita procul dubio schemata sunt existimanda*. diz Quint. n. 27. Vej. o que dissemos Tom. I. Liv. II. Cap. XII. Art. II. pag. 257. not. (c)

ton ha mudança de ordem . . . Nada disto tem lugar nas Figuras; porque estas se podem fazer com as palavras proprias, e collocadas pela sua ordem. . . (*a*)

Divisão geral das Figuras.

§. II. A maior parte dos authores, de que tenho noticia, assentão que destas ha duas classes, humas dos *Pensamentos*, e outras das *Palavras* . . . e que, assim como todo o discurso, assim tambem as Figuras de necessidade hão de consistir nos pensamentos, e nas palavras. (*b*) Ora assim como na ordem da natureza primeiro he conceber as idêas no espirito do que ennuncial-as: assim devemos tratar primeiro das Figuras, que pertencem aos pensamentos.

Utilidade das Figuras *na Eloquencia* 1. *Para* Provar.

§. III. Ora não ha operação alguma da Eloquencia, em que se não dêm a ver claramente as grandes

---

Para tirar toda a equivocação, *Figura*, (segundo as idêas de Quint.) *he huma fórma de expressão, com que o Orador, ou Poeta, suppondo-se por huma especie de ficção nos mesmos casos verdadeiros, accrescenta com as palavras, e tom da voz á ennunciação logica, e simples do pensamento novas idêas accessorias, que o fazem mais vivo, interessante, pathetico, ou agradavel.* Vej. logo Art. II. §. 1.

(*a*) Os Tropos modificão as idêas, as Figuras modificão o pensamento todo. 2. Os Tropos mudão a significação das palavras, a Figura não. 3. Os Tropos podem-se fazer em huma palavra só, as Figuras não. 4. A viveza, força, e graça, que os Tropos dão ao discurso vem da relação dos objectos analogos; a das Figuras vem da fórma da expressão. 5. Nos Tropos ha sempre substituição de huma palavra por outra, nas Figuras não.

(*b*) As Figuras das palavras consistem todas, ou no som material, ou na disposição local dos vocabulos. As dos pensamentos não dependem do physico, mas do logico da expressão. Por isso nas primeiras as palavras não se podem mudar, ou transpôr, sem se alterar a figura. Nas segundas, ainda mudadas, e transpostas as palavras, a figura fica a mesma. *Inter conformationem verborum, et sententiarum hoc interest, quod verborum tollitur, si verba mutaris, sententiarum permanet, quibuscumque verbis uti velis.* Cic. *De Orat.* III. 52. Por exemplo, naquella Paronomasia: *Cur ego non dicam, Furia, te furiam*, mudando a ultima palavra em *rabidum*, o sentido he o mesmo; porém a figura desapparece, o que não succede nas *Interrogaçoens*, *Apostrophes*, etc.

e muitas utilidades destas Figuras. (*b*) Porque, ainda que parece indifferente para a *Prova* a figura e maneira, com que ella se enuncia; com tudo he certo

---

(*a*) Quint. considéra as muitas, e grandes utilidades das Figuras relativamente aos tres officios do Orador, que são *Convencer, Mover,* e *Deleitar.* Primeiramente a Figura faz a prova mais viva, forte, insinuante, e disfarçada. O que Quint., dando na mesma demonstração o exemplo, prova figuradamente com a similhança da Esgrima, comparando os raciocinios logicos, e simplices com as estocadas direitas, e que são faceis de ver, e acautelar; e os figurados com os lances fingidos, e golpes de mestre, que sendo imprevistos, ferem, e penetrão. As figuras, nas quaes *aliud simulatur dici, quam dicitur,* (Quint. hic n. 14.) são como estes manejos fingidos, e indirectos, em que *aliud ostendisse, quam petas, artis est.*

Mas as utilidades das figuras na Eloquencia são indisputaveis. Do que se disputa, e ainda se mofa he do seu ensino, como se as figuras não fossem a linguagem mesma da natureza, e se se necessitasse de arte para as fazer. Assim muitos ha (diz Quint. II. 11.) *qui nihil egere ejusmodi praeceptis eloquentiam putent, sed natura sua, vulgari modo, et scholarum exercitatione contenti rideant etiam diligentiam nostram exemplo magni quoque nominis Professorum, quorum aliquis, ut opinor, interrogatus quid esset* σχῆμα, *et* νόημα, *nescire se quidem, sed, si ad rem pertineret, esse in sua Declamatione respondit.* Eu para justificar, e dar a razão, porque neste compendio metti parte do tratado de Quint. sobre as Figuras, responderei a similhantes homens com as palavras de Mr. Beauzeé, *Encyclop. Method., Gramm., et Litterat.* Tom. II. Part. I. Verb. *Figure.* « Quanto ao mais (diz elle) não se precisa « de arte para fazer figuras no discurso. Basta entregar-se cada « qual á natureza, que he quem as suggere, e sempre a propo« sito. Não he pois para aperfeiçoar huma practica, que não « necessita de regras, que he util o conhecer o systema geral, e « as differentes especies de Figuras. Mas he importante distinguir « humas das outras, saber reconhecel-as em as obras, em que « a natureza, e o genio as fez nascer, e discernir, quer seja « pelo sentimento, quer pela reflexão, os felizes effeitos, que « ahi produzem. Similhantes reflexoens não darão certamente o « talento da Eloquencia, que he hum puro dom do Ceo. (Vej. « Tom. I. Liv. I. Cap. II.). Mas ellas podem aperfeiçoar o Gosto, « dirigir o Genio no seu enthusiasmo, e encaminhar ainda a na« tureza, que dá algumas vezes em desvios. Ellas ensinarão ao « menos a reconhecer tudo o que se occulta debaixo do material « das palavras; não só os pensamentos, mas os sentimentos; não « só as idéas do espirito, mas as mesmas affecçoens, e modifica« çoens da nossa alma; cousas importantes, que não se podem « dizer, mas que as Figuras descortinão, e fazem sentir áquel« les, que são instruidos. »

que ella se faz mais persuasiva com a figura, e se insinua melhor no espirito pela parte, que menos se pensa. E assim como no jogo da esgrima he facil vêr, acautelar, e rechaçar os golpes fronteiros, e os manejos direitos, e simplices; porém os que são indirectos e fingidos, aquelles lances de mestre, digo, que parecem encaminhar-se a huma parte, e procurão outra, estes não são tão faceis de advertir: assim tambem o raciocinio, que carece de astucia, peleja á maneira dos rusticos só com o seu pezo, volume, e impulso; pelo contrario aquelle, que por meio das figuras, que são, para assim dizer, outros tantos lances fingidos, disfarça, e diversifica os seus ataques, chamando a attenção para outra parte, e enganando assim com o manejo as armas do contrario; este he o que chega a ferir o peito, e o costado.

2. *Para* Mover.

Já quanto aos *Affectos*, não ha cousa que mais os mova. Porque se a figura do rosto, dos olhos, e das mãos tem tanta força na acção Oratoria: quanta mais deve ter o semblante, para assim dizer do discurso, quando nelle se pintão os mesmos movimentos, que nos ouvintes queremos produzir? (*a*)

3. *Para* Deleitar.

Mais que tudo porém ellas servem a fazer recommendavel o Orador, e a causa, já fazendo os

(*a*) Não he huma prova só de congruencia esta de Quint. Ella he tirada de hum facto constante da Natureza, observado em todas as paixoens. A nossa alma toma tantas situaçoens, e fórmas differentes, quantas são as paixoens. Cada huma tem a sua, que a caracteriza. *Format enim Natura prius nos intus ad omnem fortunarum habitum.* A cada situação da nossa alma correspondem no semblante, e gesto outras tantas, que fielmente a pintão, e figurão com todos os seus gráos, mudanças, e variedades, *juvat, aut impellit ad iram, Aut ad humum maerore gravi deducit, et angit.* E por fim a mesma natureza, sempre constante nas suas operaçoens, faz tomar ao discurso as mesmas figuras do rosto, das mãos, e de todo o corpo. *Post effert animi motus interprete lingua.* Horac. *Poet.* 108. A linguagem dos sinaes articulados tem sobre a da acção, e do gesto a vantagem da clareza, e distincção: porém esta excede muito aquella na rapidez, energia, e vivacidade.

costumes de quem falla mais attractivos; (*a*) já ganhando ao discurso mais favor, e attenção; (*b*) já alliviando o fastio por meio da variedade; (*c*) já em fim dando a entender certas cousas com mais decencia, ou com mais segurança. . . (*d*)

ARTIGO I.

Das Figuras dos Pensamentos, que servem a reforçar a Prova.

(IX. 2.)

§. I. PRincipiemos por aquellas, com que a *Prova* se faz mais viva, e vehemente, ás quaes na ordem das figuras dos pensamentos demos o primeiro lugar. He sem figura o perguntar deste modo:

Mas vós outros quem sois, ou de que terras
A estas tão desertas apportastes? (*e*)

Interrogação.

A *Interrogação* porém então será figura, quan-

(*a*) Vej. Tom. I. Liv. II. Cap. XIII. Art. II. §. 8. e not.
(*b*) Vej. Tom. II. Liv. III. Cap. IV. Art. I. §. 2. e not.
(*c*) Vej. ibid. Art. III. §. 3. n. 7. e not.
(*d*) Por meio das Figuras damos a entender as cousas com mais decencia, quando com ellas presentamos á Imaginação as idéas tristes, obscenas, baixas, e duras debaixo de côres agradaveis. Vej. Liv. II. Cap. II. Art. V. §. 2. no fim, e not.: e damol-as a entender com mais segurança, quando debaixo da figura disfarçamos verdades, que ditas simplesmente nos serião perigosas. Falla pois Quint. das *Controversias Figuradas*, as quaes, segundo Quint. mesmo IX. 2. 66., tinhão tres usos, *Unus, si dicere palam parum tutum est; alter, si non decet; tertius, qui venustatis modo gratia adhibetur.* Vej. Dionys. Halicarnass. Tom. II. edit. Wechel. pag. 43. e 51., onde *ex professo* trata περὶ τῶν ἐσχηματισμένων, e Quint. no lugar citado.
(*e*) Virg. *En.* I. 369. Esta interrogação não he figurada, porque he verdadeira, e dirigida ao fim natural da pergunta, que he saber o que se ignora. As que se seguem são figuradas, porque tem ficção. O Orador não he ignorante do que pergunta, mas finge-se tal para dar mais fogo, e acção ao pensamento. O mesmo se póde observar nas figuras seguintes.

do se fizer, não para saber alguma cousa, mas para instar, e intimar mais o que se diz. *Porque que fazia, ó Tubero, aquella tua espada desembainhada no campo de Pharsalia?* e, *Até quando em fim abuzarás, ó Catilina, da nossa paciencia?* e, *Não vês descubertos todos os teus projectos? e todo este lugar.* (*a*) Porque quanto mais fogo tem isto, dito deste modo, do que se dissessemos? *Ha muito tempo que abuzas da nossa paciencia. Os teus projectos estão descubertos. . .*

Resposta.

§. II. Tambem na *Resposta* ha huma especie de figura, quando, perguntados por huma cousa, respondemos outra, porque nos he mais util, humas vezes para augmentar o crime; como quando huma testemunha perguntada, *se foi fustigada pelo réo?* responde, *e innocente:* outras para declinar o crime, o que he muito frequente, como quando se pergunta, *Mataste este homem?* e se responde, *Hum ladrão. Apossaste-te da terra?* e se responde, *Do que era meu. . .*

Não deixão tambem de ter sua graça as *Perguntas e Respostas alternadas feitas a si mesmo*, como Cicero a favor de Ligario. (*b*) *Perante quem digo eu isto? Perante aquelle, que sabendo isto mesmo, com tudo restituio-me á Republica primeiro que me visse...*

Differente figura he já o fazer a pergunta a outro, e sem esperar a resposta, ajuntal-a immediatamente, como: *Faltava-te caza? Mas tu a tinhas. Sobejava-te dinheiro? Mas antes te faltava.* (*c*) A esta especie dão alguns em Latim o nome de *Subjectio.*

Prolepse.

§. III. Nas causas porém tem huma força admiravel a *Preoccupação* chamada *Prolepse*, (*d*) quando

(*a*) Exord. da I. *Catilin.* Vej. Tom. I. Ex. XXVII.
(*b*) Cap. III.
(*c*) Cic. *Orad.* Cap. 67.
(*d*) Da preposição πρὸ *(antes)* e λαμβάνω *(occupar) anticipar, preoccupar, prevenir.*

prevenimos alguma objecção, que se nos póde fazer. Estas Prolepses são uteis em todas as partes do discurso, mas nos Exordios particularmente tem o seu lugar (*a*) . . . .

Perplexidade.

§. IV. Tambem a *Duvida* he huma destas Figuras, que fazem parecer verdadeiro o Orador, quando se finge perplexo, donde ha de começar, onde acabar, que cousa ha de dizer, ou deixar de dizer. (*b*) Tudo está cheio de exemplos desta figura, e assim por ora basta hum só: *Na verdade, pelo que me pertence, eu não sei para onde me hei de virar. Direi eu que não houve tal fama de se terem corrompido os Juizes?* etc. (*c*)

Communicação.

§. V. Não he muito differente desta a figura, que se chama *Communicação,* (*d*) quando ou consultamos os nossos mesmos adversarios, como fez Domicio Afro a favor de Cloantilla: *Mas ella no meio da sua perturbação não sabe o que he licito a huma mulher, e o que he decente a huma consorte. Supponde que o acaso vos trouxe ao encontro desta infeliz naquella solidão? Tu, ó irmão, vós, ó amigos de seu pai, que conselho lhe dais?* (*e*) Ou quando deliberamos, para assim dizer, com os Juizes, o que he mui

(*a*) Vej. Quint. Tom. I. pag. 249. no fim do §. 2.

(*b*) O Orador nenhuma duvida tem, mas por meio de huma ficção engenhosa mostra-se perplexo sobre o que ha de dizer, assim para tirar ao discurso o ar de premeditação, e deste modo fazel-o mais crivel, como para excitar a attenção, pondo em agitação o espirito dos ouvintes por meio destas duvidas. O que tudo confirma o systema de Quint., que faz consistir nestas ficçoens o caracter das Figuras.

(*c*) Cic. *pro Cluent.* Cap. XI.

(*d*) Chama-se *Communicação,* porque fazemos communs com outros os nossos embaraços, deliberaçoens, e conselhos. Outros lhe chamão *Consultationem*, Consulta.

(*e*) Esta Cloantilla tinha dado sepultura occultamente em hum lugar deserto ao corpo de seu marido, justiçado pelo crime de rebellião, do qual era pena ficar sem sepultura. Vej. supr. Cap. VI. Art. I. §. V. e not.

frequente, dizendo v. g. *Que conselho nos dais?* e, *Por quem sois, dizei-me, que outro expediente em fim se devia tomar?* ou como Catão em hum lugar diz: *Ora dizei-me, se vós vos achasseis naquelle lugar, que outra cousa terieis obrado?* e em outra parte: *Supponde o caso tambem vosso, e que este negocio vos tinha sido encarregado.*

Suspensão.

§. VI. Mas ás vezes, usando nós da figura *Communicação*, ajuntamos em resposta alguma cousa, que se não esperava, o que por si mesmo he figura, como Cicero contra Verres: *Depois disso que? Que estais vós esperando? Talvez que algum novo furto, ou nova preza.* Depois, tendo tido por muito tempo em suspensão os espiritos dos Juizes, accrescentou por fim hum crime muito peor. (*a*) Celso dá a esta figura o nome de *Suspensão*, e se faz de dois modos. (*b*) Pois muitas vezes, tendo nós pelo contrario feito esperar crimes gravissimos, descemos por fim a cousas ou leves, ou em que não ha culpa alguma. (*c*) Mas, porque esta figura nem sempre se faz por meio da Communicação, por isso alguns lhe dão antes o nome de *Paradoxo*, que quer dizer *Inopinado*. . . .

Permissão.

§. VII. A figura chamada *Permissão* tem quasi a mesma origem que a Communicação, (*d*) quando

---

(*a*) *Verr.* V. Cap. V. dizendo: *Expectate facinus quam vultis improbum. Vincam tamen expectationem omnium. Nomine sceleris, conjurationisque damnati, ad supplicium traditi, ad palum alligati, repente, multis millibus hominum inspectantibus, soluti sunt, et Leonidae illi domino redditi.*

(*b*) O primeiro he, fazendo esperar cousas menores, ajuntar cousa maior. O segundo pelo contrario, fazendo esperar cousas grandes, ajuntar alguma, que o não he.

(*c*) Como fez Cicero no principio da Oração *Pro Ligario*, onde por meio de huma Ironia admiravel, fazendo esperar hum crime novo, e até então inaudito, conclue com isto: *Q. Ligarium in Africa fuisse.* Vej. Tom. I. Exemplo XXVI.

(*d*) Tem a mesma origem, e principio, que he a confiança, que fingimos, e mostramos na justiça da nossa causa, a qual

deixamos ao arbitrio dos Juizes, e dos nossos mesmos adversarios algumas cousas para elles decidirem. Assim Calvo dizia a Vatinio: *Faze-te descarado, e dize que és mais digno que Catão*, etc.

ARTIGO II.

Das Figuras dos Pensamentos, que servem para mover os Affectos.

Exclamações.

AS figuras porém, proprias a augmentar os Affectos, são as que principalmente constão de *Ficção*. Porque quando nós os Oradores nos sentimos, e mostramos agitados de colera, alegria, temor, admiração, dòr, indignação, dezejo, e outras paixões simi-lhantes; tudo isto he imitado, e fingido. (*a*) Taes são

---

confiança he de summo pezo, quando se trata de provar. Vej. Quint. Tom. I. Liv. II. Cap. XI. Art. II. §. 5. Porque, ou nós consultemos os nossos adversarios, ou lhes concedamos cousas manifestamente falsas, e injustas; mostramos nisto mesmo abundancia de direito, fazendo juizes delle os mesmos adversarios, e concedendo-lhes parte do que aliás não largariamos. Tudo isto porém he ficção. Esta por tanto he a fonte commua, donde derivão todas as figuras do pensamento, e por consequencia a *Communicação*, e *Permissão*.

(*a*) Continúa Quint. a mostrar que a *Ficção*, porque o Orador se suppõe nos casos, em que realmente se não acha, sendo o fundamento das Figuras Logicas, proprias a reforçar os pensamentos; o he com especialidade das Figuras Patheticas. Isto porém não quer dizer que os Oradores mostrão no semblante, e nas palavras sentimentos, que não tem no coração. Quint. não se podia esquecer do seu principio X. 7. 15.: *Pectus est enim, quod disertos facit, et vis mentis*, proposto, e explicado Tom. I. pag. 287; e que he quasi impossivel imitar com o rosto, e discurso fielmente huma paixão, que não ha. *Prodit enim se, quamlibet custodiatur, simulatio; nec unquam tanta fuerit eloquendi facultas, ut non titubet atque haereat, quoties ab animo verba dissentiunt. XII.* 1. 29.

O que Quint. pois quer dizer, he que estas paixoens, e consequentemente a sua expressão figurada, não tem hum objecto prezente, real, e que interesse immediatamente o Orador, como são os das paixoens daquelles, *qui vere patiuntur:* mas representado tal á sua phantasia; o que basta para excitar nelle

os sentimentos seguintes: *Estou livre, agora respiro.* (a) *Está bem.* (b) *Que loucura he esta?* (c) *O' tempos! O' costumes!* (d), e *Desgraçado de mim! pois esgotadas as lagrimas, ainda me fica a magoa no coração.* (e) e *O' terras! abri hora o vosso seio.* (f) Alguns chamão a estes transportes da paixão *Exclamacões*, e as contão entre as figuras das palavras. (g) Todas as vezes que estas exclamações são produzidas por hum sentimento verdadeiro, e real, não são então figuras no sentido, em que agora tomamos esta palavra. Quando porém são imitadas, e nascidas da arte, e enthusiasmo do Orador, então certamente são figuras. (h)

---

movimentos similhantes aos que tem aquelles, que se achão na verdadeira dôr, ou prazer. Vej. Tom. I. Liv. II. Cap. XII. Art. II. §. 6. pag. 257. e not., e supr. Cap. VIII. §. 1.

(a) Sentimento de alegria em Cicero *Pro Milone* Cap. IX.

(b) Sentimento de satisfação, e contentamento, que Cicero emprega frequentemente no principio das suas cartas, e em outros lugares.

(c) Sentimento de indignação, creio que de Cicero em alguma oração perdida.

(d) Sentimento de admiração no principio da I. *Catilinaria.*

(e) Sentimento de dôr, e compaixão. *Philipp.* II. Cap. 26.

(f) Sentimento votivo, e de dezejo, similhante ao de Dido em Virg. *En.* IV. 24. *Sed mihi vel tellus optem prius ima dehiscat*, etc.

(g) As Exclamaçoens são a expressão dos transportes vivos, e subitos de qualquer paixão violenta. Nelles a alma acommettida de repente por hum tropel confuso de idéas, não podendo exprimir tudo o que sente, rompe o fio do discurso, grita, e quanto lhe he possivel, concentra, e confunde em hum monosyllabo, (como são as Interjeiçoens) ou em meias palavras a multidão de pensamentos, que a assaltão ao mesmo tempo. A expressão pois propria a estas exclamaçoens he 1. Interrompida, e Interjectiva; 2. curta, e ellyptica; 3. em hum tom de voz alto, e vivo, que he como o grito da alma, que desabafa a sua paixão. Daqui se segue 1. que estas Exclamaçoens devem ser raras, como o são estes accessos violentos da paixão. 2. Que as Exclamaçoens pertencem ás Figuras dos pensamentos, e não das palavras. Porque modificão, assim como as Interrogaçoens, o pensamento todo independentemente dos termos com que se exprime. O seu sinal na escriptura he este (!)

(h) Estas Exclamaçoens são *reaes (verae)*, todas as vezes que são nascidas da sensação do mal, e bem real e presente; e similhantes Exclamaçoens são commuas, ordinarias, e naturaes a

Parrhesia.

§. II. Isto mesmo se deve dizer a respeito da liberdade no fallar, que Cornificio chama *Licença*, e os Gregos *Parrhesia;* (a) Porque que cousa menos figurada do que huma liberdade verdadeira? Mas muitas vezes debaixo della se esconde a adulação. Quando Cicero, por ex., diz a favor de Ligario, (b) *Principiada a guerra, ó Cesar, e feita já em grande parte, de proposito, e caso pensado, sem ninguem a isso me obrigar, eu me metti no partido, que tinha tomado as armas contra ti,* não tem sómente em vista

todos os homens. Não são pois figuras no sentido, em que Quint. toma esta palavra. As Exclamaçoens porém Oratorias, e Poeticas são figuradas, porque são *assimulatae, et arte compositae,* isto he, produzidas pela *Imaginação*, e filhas da arte do Orador, e Poeta, pela qual, meditando elles a sua materia, a Phantasia lhes reproduz como presentes os objectos ausentes, e como proprios os males, e bens alheios, á vista dos quaes se animão, se inflammão, e sentem os mesmos effeitos, e transportes, que tem os que realmente experimentão estes males, e bens proprios, e presentes. Nesta *Ficção* pois *remota a communi, et primum se offerente ratione*, he que Quint. faz consistir o caracter proprio de todas as figuras, e das patheticas com especialidade. Vej. supr. §. I. deste Cap.

(a) Παῤῥησια de πᾶν *omne*, ῥῆσις, de ἐρεω, ou ῥεω *dico (dizer tudo)* he huma figura, pela qual, fingindo nós dizer tudo livremente, e mais do que he permittido ou conveniente, chegamos a hum fim, aonde não pareciamos dirigir-nos. Esta liberdade, se he verdadeira, e enuncia os sentimentos occultos, e sinceros de quem falla, he huma ingenuidade natural, e muitas vezes imprudente, e perigosa. Então pois não he figura: Quando porém debaixo de huma reprehensão amarga se occulta hum louvor fino, e delicado, ou outro fim differente do da verdadeira liberdade, que he desmascarar o vicio, então sim he figura.

(b) Cap. III. Cicero neste lugar diz livremente a sua culpa, e a exaggera quanto póde. Se o seu fim nesta confissão ingenua fosse só a sua humilhação, e o amor da verdade; a expressão seria simples, e não figurada. Mas o Orador tinha em vista dois fins importantes; hum o de impetrar de Cesar o perdão da culpa de Ligario, que era muito menor que a sua, á qual já Cesar o tinha dado; e o segundo o de engrandecer a bondade, e clemencia de Cesar, de que este muito se gloriava, e movel-o assim occultamente a dar huma nova prova della no perdão de hum inimigo, que elle vinha determinado já a condemnar. Vej. todo o lugar que principia: *O clementiam admirabilem!*

a defeza de Ligario: mas tambem o louvor da clemencia de Cesar, que elle não podia fazer com mais delicadeza: e no outro lugar em que diz, *Que outro fim foi o nosso, ó Tubero, senão o chegarmos ao poder, a que este chegou?* com huma arte admiravel faz igualmente justas as causas de ambos os partidos. Mas nisto mesmo lizongea a Cesar, cuja causa tinha sido injusta. (*a*)

Prosopopeias.

§. III. As *Ficções das personagens*, chamadas *Prosopopeias*, (*b*) são humas figuras já mais atrevidas e de maior força, e contenção, como Cicero julga; (*c*) pois não só servem a variar o discurso de hum modo admiravel, mas tambem a fazel-o mais vivo, e animado.

Por meio dellas trazemos nós a publico, para assim dizer, os sentimentos secretos dos adversarios; já fazendo-os fallar comsigo mesmo, (*d*), e estes *Monologos* então se farão criveis, se fingirmos que elles dizem comsigo aquillo mesmo, que he verosimil elles pensassem interiormente; já mettendo-os em *Dialogo* entre si, ou comnosco de hum modo verosimil; (*e*) já em fim para dar mais pezo aos nossos

(*a*) Na guerra civil entre Cesar, e Pompeo o partido daquelle foi julgado sempre pelo Senado, e por todos os homens mais distinctos de Roma como injusto; porque sacrificava a sua patria á sua ambição, e pertendia opprimir a liberdade publica, que Pompeo em nome do Senado defendia.

(*b*) Προσωποποΐαι, palavra composta de πρόσωπον *pessoa*, e ποιέω *fingo*, que se póde traduzir ao pé da letra por *Personificação*, pela qual fingimos a fallar, ou pessoas, que o são, ou cousas, que o não são.

(*c*) No *Orador* Cap. 25. *Non faciet rempublicam loquentem, nec ab inferis mortuos excitabit. . . valentiorum haec laterum sunt.*

(*d*) Destes *Monologos* póde-se ver hum exemplo em Cicero *pro Cluent.* Cap. 26, em que introduz Staleno a deliberar comsigo mesmo. Vej. Tom. I. Ex. XXXIX.

(*e*) Destes *Dialogos* fingidos veja-se ibid. o de Staleno, e Bulbo, e o de Sexto ibid. Ex. XXXVIII. Todos estes modos de Prosopopeia, em que se introduzem a fallar pessoas, ou comsigo, ou comnosco, ou entre si, tem o nome de *Dialogo*, ou *Dialogismo*, e o Author da *Rhet. a Herenn.* IV. 43. lhe chama *Sermocinationem.* He a primeira especie de Prosopopeia.

conselhos, reprehensões, queixas, louvores, ou compaixão; pondo estas cousas na bôca de *pessoas, a que ellas convem.* (*a*) Ainda mais. Por meio destas Prosopopeias se nos permitte trazer do Ceo os Deoses, e evocar dos tumulos os mortos para fallarem. (*b*) As mesmas Cidades, e Povos mudos por meio dellas recebem voz. (*c*)

Authores ha que dão o nome de Prosopopeias só áquellas, em que ha ficção de personagens, e de discursos. Quanto ás outras, em que se introduzem homens a fallar, dão-lhe o nome de *Dialogos* preferindo o termo Grego ao Latino, de que outros usão, que quer dizer *Conversação.* (*d*) Eu porém seguindo o uso já recebido, dei o mesmo nome a huma cousa, e outra; pois mal se podem fingir fallas, sem se fingirem pessoas fallando.

(*a*) Esta he a segunda especie, chamada *Ethopeia*, de que se póde ver hum exemplo no discurso, com que Cicero *Pro Milone* Cap. 34. introduz o fallar Milão para excitar a compaixão dos Juizes. Destas Prosopopeias dos Réos. Vid. Tom. I. pag. 256. e Ex. XLIX.

(*b*) Esta a terceira especie, chamada *Idolopeia*, de εἴδωλον, *(umbra)*, e ποιέω, da qual se póde ver hum bello exemplo na falla, com que Cicero *Pro Coelio* Cap. 14. evocando do tumulo a Appio Cego, o introduz reprehendendo a Clodia. V. Ex. XI.

(*c*) Esta a quarta especie, chamada propriamente *Prosopopeia*, com que se personificão os seres insensiveis, ou sejão Physicos, ou Moraes; e se introduzem a fallar no nosso discurso. Todas estas quatro especies de Ficçoens vão crescendo gradualmente humas sobre as outras na difficuldade, e inverosimilhança; e assim á proporção são mais ou menos arrojadas, e necessitão de precauçoens, e lenitivos, que modifiquem a sua dureza. Os *Dialogismos* fingem-se entre pessoas vivas, e de cousas, qui disserão, ou verdadeira, ou provavelmente. As *Ethopeias* são de pessoas, ou vivas, ou mortas; e os discursos, que lhes attribuimos, são inteiramente fingidos, bem que convenientes ao seu caracter. As *Idolopeias* são sempre, ou de personagens mortas, ou Divindades; e as *Prosopopeias*, dos seres insensiveis, ou physicos, ou puramente moraes, e metaphysicos. As primeiras podem ser verdadeiras, as segundas são sómente verosimeis, as terceiras possiveis, e as quartas impossiveis.

(*d*) *Sermocinatio*, como o Author da *Rhet. a Herenn.*, de que acima fallámos.

Mas nestas Prosopopeias, que são contra a natureza, modifica-se a aspereza da figura pelo modo, com que Cicero disse: (a) *Porque, se a Patria, que eu amo muito mais que a propria vida; se toda a Italia; se a Republica fallar commigo, e me disser: Que fazes, ó Marco Tullio?* etc. Já este modo de Prosopopeia do mesmo Cicero he mais atrevido: (b) *A qual Patria, desta maneira trata comtigo, ó Catilina, e em certo modo mudamente te está dizendo: Alguns annos ha a este parte, que nenhuma empreza se fez contra mim, senão por tua via,* etc.... Para usar pois destas Prosopopeias he necessario hum grande cabedal de Eloquencia. Porque as cousas, que são de sua natureza falsas e incriveis, necessariamente, ou hão de mover mais por passarem de verdadeiras, ou parecerem frias, pelo não serem... (c)

Apostrophe.

§. IV. Tambem o discurso apartado do Juiz, chamado *Apostrophe*, (d) he maravilhoso para mover

(a) Não asseverando, mas supponde. Estas hypotheses, ainda impossiveis, são permittidas aos Oradores, quando, posta a hypothese, a cousa he verdade. Os Poetas tem mais liberdade. Ainda affirmando, elles personificão tudo, dando-lhe vida, acção, movimento, e muitas vezes falla. O lugar de Cicero he na I. *Catilinaria* Cap. XI. Vej. Ex. VIII.

(b) *Catilin.* I. Cap. 7. Mas ainda aqui Cicero modificou a aspereza da Prosopopeia com as palavras *quodam modo*, e *tacita.* Vej. Ex. IX.

(c) Assim, quanto mais arrojadas são estas Prosopopeias, tanto mais necessidade ha de se empregarem com parcimonia, com recato, a proposito, e de se modificarem com todas as precauçoens possiveis. Entre todas as figuras estas são as mais vivas, e sublimes. Assim não se deve fazer uso dellas senão nas paixões grandes, e para se sustentarem necessitão de huma força grande de Eloquencia. A Sagrada Escriptura está cheia dellas, e muito sublimes. Póde-se ver para exemplo o *Cantico de Moises*, e o lugar admiravel de *Isaias* Cap. XIV. desde o vers. 4 até 21.

(d) Da preposição ἀπὸ *(ab)*, e ςρέφω *(verto)*, *aversio*; quando apartamos o discurso da pessoa, ou pessoas, a quem elle naturalmente he dirigido para fallar com outras, ou presentes, ou ausentes, ou mortas, ou cousas insensiveis. Apostrophar as cousas insensiveis he como dar-lhe pessoa, vida, acção, e sentimento; e então a Apostrophe leva junta comsigo a Prosopopeia.

as paixões, quando por meio delle, ou atacamos fortemente os adversarios, v. g. *Porque que fazia, ó Tubero, aquella tua espada no campo de Pharsalia?* etc.; Ou fazemos alguma Invocação, *O' vós, tumulos, e bosques sagrados dos Albanos*, etc.; (*a*) ou imploramos o soccorro de alguem, para fazer odioso quem nos offende, como, *O' Leis Porcias, e Leis Sempronias!* (*b*) . . .

Hypotypose.

§. V. Aquella *Representação ocular* porém, como lhe chama Cicero, (*c*) então se faz, quando não se narra simplesmante huma cousa feita, mas se mostra aos olhos o como foi feita, e isto, não em grosso, mas por partes: a qual figura nós atraz comprehendemos na *Enargueia*, e Celso mesmo lhe dá este nome; (*d*) outros lhe chamão *Hypotypose*, (*e*) que quer dizer *Huma especie de imagem, em que por meio das palavras se pinta a cousa tão vivamente, que mais parece ver-se do que ouvir-se*, como: *Elle accezo em maldade, e furor vem á praça; chamejavão-lhe os*

(*a*) Cicero *Pro Milone* Cap. XXXI., onde apostrophando, toma por testemunhas da irreligião, e sacrilegios de Clodio os sepulchros, altares, e bosques sagrados dos Albanos, que elle tinha arruinado para extender a sua quinta. Vej. Ex. IX.

(*b*) Cicero *Verr.* IV. Cap. LXIII. Vej. Tom. I. Ex. XII. Tres usos pois tem as Apostrophes para com os Oradores, 1. para dar mais força ás Invectivas, 2. para tomar alguem por testemunha, 3. para implorar o soccorro contra quem nos opprime. Os Poetas fazem ainda outro uso da Apostrophe, que he para variar a fórma da expressão, como Virg. *Georg.* II. 169: *Decios, Marios, magnosque Camillos* ⩲ *Scipiadas duros bello, et te, maxime Caesar.* Vej. Quint. IX. 3. 24.

(*c*) *De Orat.* III. 53. *Et illustris explanatio, rerumque, quasi gerantur, sub aspectum pene subjectio: quae, et in exponenda re plurimum valet, et ad illustrandum id; quod exponitur, et ad amplificandum; ut iis, qui audient, illud, quod augebimus, quantum efficere oratio poterit, tantum esse videatur.* Vej. a Hypotypose do mesmo Cicero, *Verr.* V. *Patres hi, quos videtis*, etc. Tom. I. Ex. XXXVIII.

(*d*) He a *Enargueia* particular, ou *Descripção*, de que se fallou atraz Cap. IV. Art. V. §. 1. n. 2.

(*e*) Ὑποτυπώσις de ὑποτύπόω *(exprimo)*, RR. ὑπὸ *(sub)*, e τυπόω *(imprimo)*.

olhos; de todo o rosto escintilava a crueldade. (*a*) Nem nós pintamos sómente os factos, que succederão, ou succedem; mas ainda aquelles, que hão de succeder, ou poderião succeder. Assim Cicero na Oração, que pronunciou a favor de Milão, faz huma pintura admiravel das desordens, que Clodio commetteria, se chegasse a invadir a Pretura. . . (*b*)

Reticencia.

VI. A *Aposiopese*, a que o mesmo Cicero chama *Reticencia*, (*c*) . . e alguns *Interrupção*, serve tambem para exprimir os Affectos, já de ira, como,

Eu vos. . . Mas he melhor compôr as ondas; (*d*)

Já de receio, e escrupulo em dizer alguma cousa de máo agouro, como: *Sendo Milão, não digo já Consul, mas vivo sómente, atrever-se-hia elle a fazer menção desta lei, de que Clodio se gloría ser o author? Pois nella todos nós. . . Não tenho animo para dizer o mais*, (*e*) reticencia similhante á de Demosthenes no

---

(*a*) Cicero *Verr.* IV. 62. Agora nas edd. de Cicero se lê constantemente neste lugar *eminebat.* Quint. porém lia no seu exemplar *emicabat*, o que pinta mais a crueldade, que escintilava de todo o rosto, e a metaphora principiada a tirar do fogo fica assim mais bem continuada, do que lendo-se *eminebat.*

(*b*) Esta pintura provavelmente se achava na Oração *Pro Milone*, que Cicero pronunciou no tribunal, a qual existia no tempo de Quint. e se perdeo depois. Na que resta escripta não se vê, e só nos Capp. XII. e XXXIII. se diz alguma cousa a respeito dos projectos despoticos, que Clodio fazia conta de dar á execução, no caso que chegasse a ser Pretor.

(*c*) Ἀποσιώπησις de ἀπὸ, e σιώπαω *calar.* Cic. lhe chama *Reticencia, De Orat.* III. 53., e Cornificio *Praecisionem*, porque rompe a oração, deixando-a incompleta.

(*d*) Em Virg. *En.* I. 135. Neptuno encolerizado não acaba a phrase *Quos ego*, omittindo o complemento *severe punirem.* A reticencia no mesmo Virg. IX. 427. *Me me. . . adsum qui feci*, exprime o amor, e a de Sinon II. 100. *Nec requievit enim donec Calchante ministro. . .* exprime a dôr. As phrases interrompidas são a linguagem propria dos transportes da paixão, que precipita as idêas, e com a pressa não as deixa acabar á lingua muito vagarosa nestes casos para exprimir a rapidez do pensamento.

(*e*) Os Romanos levavão a superstição a tal ponto, que julgavão havia palavras, cuja pronunciação só era capaz de lhes atrahir algum desastre. Estas palavras erão de máo agouro,

exordio a favor de Ctesiphonte: (*a*) Já em fim para transitar repentinamente de huma materia para outra, como: *Commua. . . Mas que digo? Perdoai-me, ó Juizes*, etc. . .

Ethopeia.

§. VII. O *Retrato* dos costumes de qualquer homem, chamado *Ethopeia*, ou, como outros querem *Mimesis*, (*b*) já se póde contar entre as figuras, que servem a mover os affectos mais brandos. (*c*) Pois o seu fim principal he ridiculizar. Esta figura póde-se fazer, ou pintando os factos, ou referindo os ditos. (*d*) A dos factos tem muito parentesco com a *Hy-*

---

male ominata verba, taes como *morrer*, *matar*, etc. Abstinhão-se pois de as preferir por hum motivo de religião; e para as dar a entender, se servião do Euphemismo, das Periphrases, e das Reticencias. Cicero na Oração *Pro Milone*, que pronunciou, e que se perdeo, pela Reticencia, *De nostrum enim omnium*. . . queria dar a entender que naquella lei *De nostrum omnium capite, liberis, et fortunis agebatur*, ou outra cousa similhante.

(*a*) No principio, Ἀλλ' ἐμοὶ μὲν. . . Pedia o sentido o dizer elle: *Mas que seria de mim, se decahisse da graça do Povo?* Cala pois isto, e o dá â entender, ajuntando: *Mas não quero logo no principio dizer cousa alguma funesta.* Vej. Tom. I. Ex. XXII.

(*b*) Ἠθοποιΐα de ἦθος *(genio, caracter)*, e ποιέω *(pintar)*, e Μίμησις de μιμέομαι *(imitar, arremedar)*. Se esta Ethopeia, ou pintura dos costumes, paixoens, e sentimentos do homem he geral, chama-se *Caracter*; se he individual e particular, chama-se *Retrato*, quaes são as de Catilina em Sallustio, *Bell. Catil.* Cap. V., e em Cicero *Pro Coelio* Cap. V. e VI, que se podem consultar como modelos neste genero. Nellas observamos 1. Que todas as feiçoens são tiradas ao natural 2. Que entre todas, estes authores escolhem sempre as mais principaes, e caracteristicas. 3. Que exprimem os seus toques com precisão, rapidez, força, e vivacidade. 4. Que, para fazer sobresahir as feiçoens principaes, as contrastão com outras menos principaes, ou contrarias, as quaes, á maneira das sombras na pintura, fazem sahir mais as partes illuminadas.

(*c*) Como o do *Rizo*, o que he muito frequente nas Comedias, o do *Desprezo*, *Aversão*, etc.

(*d*) *Nos factos*, retratando os homens pelas suas acçoens, como se vê nas Ethopeias, que Cicero, e Sallustio fizerão de Catilina, as quaes são humas verdadeiras Hypotyposes dos costumes. *Nos dictos*, ou introduzindo por meio da Prosopopeia a fallar as pessoas segundo as suas idéas, costumes, e paixões,

potypose. (*a*) A dos dictos he como esta de Terencio. (*b*)

Eu ignorava sim porque dizias :
Esta daqui pequena foi levada,
Minha mãi como filha a criou,
Minha irmã lhe chamavão. Eu agora,
Para a entregar aos seus , trazel-a quero.

Mas dos nossos mesmos factos, e dictos se póde fazer huma imitação similhante por meio da *Relação*, que dos mesmos fazemos, e então tem por fim mais o affirmar do que ridiculizar, como: *Eu lhes dizia , que tinhão em Quinto Cecilio hum accusador,* etc. (*c*)

ARTIGO III.

Das Figuras dos Pensamentos, que servem para Deleitar.

§. I. Outras figuras ha que causão prazer pela variedade, com que fazem recommendavel o discurso; e ao mesmo tempo aproveitão muito á causa. Pois, fazendo parecer o nosso modo de dizer simples, e não premeditado, menos suspeitos nos fazem aos Juizes. (*d*)

---

a fim de as caracterizar ; ou repetindo os seus mesmos discursos, porque se dão a conhecer. Do primeiro modo he hum modelo o discurso de Dido em Virg. *En.* IV. 9. Do segundo o exemplo de Terencio.

(*a*) Porque Hypotypose he toda a descripção pintoresca e individual , e nella como no genero se inclue a Ethopeia dos factos moraes , que he huma especie.

(*b*) *Eunuch.* I. 2.75., onde Phedria, arremedando , e repetindo as mesmas palavras do moço Thais , dá a conhecer a sua paixão occulta.

(*c*) Cicero *Divin. in Caecil.* C. II.

(*d*) Todas as figuras cauzão hum prazer, que lhes he proprio. As *Logicas* , facilitando ao espirito a percepção do raciocinio pela viveza , força , e verosimilhança , que poem nas idêas ; as *Patheticas*, excitando as paixoens , e lizongeando assim a sensibilidade da nossa alma , que sente huma especie de doçura nos seus mesmos movimentos , quando não são demasiadamente violentos. Mas este gosto , que estas duas especies de Figuras causão , he accessorio , e o seu effeito principal he intimar as verdades e exci-

Correcção.

A esta classe pertence aquella figura, com que mostramos arrepender-nos do que temos dito. (*a*) Como Cicero *Pro Coelio:* (*b*) *Mas para que introduzi eu aqui huma personagem tão severa?* e aquillo, que vulgarmente dizemos: *Inadvertidamente cahi nisto.* (*c*)

Duvida. Anamnesis.

Ou quando nos fingimos perplexos sobre o que havemos de dizer, v. g. *Que me resta agora para dizer?* e, *Ommitti eu alguma cousa?* (*d*) E como no mesmo lugar contra Verres Cicero diz: *Ainda me resta hum crime deste mesmo genero;* e, *Por huma cousa me vem á memoria outra.* (*e*) Por meio destas figuras se fazem transiçoens galantes, (*f*) sem com

---

tar as paixoens. Esta terceira classe porém tem por objecto principal o *deleite*, dando variedade, novidade, e extemporalidade, para assim dizer, ao discurso. Mas isto mesmo he util, assim para despertar, e sustentar a attenção, como para dar hum ar de simplicidade, e naturalidade á oração, e apartar deste modo toda a suspeita, que a premeditação, arte, e estudo trazem comsigo. As figuras porém mais proprias para deleitar são as das *Palavras*, das quaes no Capitulo seguinte.

(*a*) Rutilio Lupo, *Rhet. Pithoean.* pag. 5. lhe dá o nome de μετάνοια *(poenitentia dicti)*. Os Latinos lhe chamão *Correctio*, quando, fingindo que nos arrependemos do que dissemos, nos corrigimos a nós mesmos.

(*b*) Cicero *Pro Coelio* Cap. XV.

(*c*) Cicero tambem *Verr.* III Cap. 20. uza da mesma fórmula: *Imprudens huc incidi, Judices; emit enim, non abstulit: Nollem dixisse. Jactabit se, et in istis equitabit equuleis.*

(*d*) He a figura *Dubitatio*, em Grego ἀπόρια. V. supr. Art. 1, §. 4.

(*e*) Este exemplo pertence á figura chamada em Grego ἀνάμνησις, quando fingimos, que nos lembra de repente huma couza, que nos hia esquecendo. Desta diz Aristid. *de Ideis*, pag. 258: *Faz-se crivel tambem ó dizer alguma couza, fingindo que nos esquecia, como Demosthenes da Embaixada mal feita*, pag. 414: Μικροῦ γε, ὃ μάλιστα μ᾽ ἔδει πρὸς ὑμᾶς εἰπεῖν, παρῆλθον, etc. *Por nada que me hia passando huma couza a mais importante para vos dizer.*

(*f*) Chamão-se *Transiçoens* as passagens, que pelo meio do discurso fazemos de huma materia para outra, com as quais

tudo nisto querer dizer que a transição por si seja figura: Assim Cicero depois de contar o caso de Pisão, que, estando no tribunal, mandou fazer hum annel a hum ourives, como se com isto se lhe excitasse a memoria, accrescentou: *Agora o annel de Pisão me trouxe á memoria huma cousa que de todo me tinha escapado. A quantos homens de bem, cuidais vós, tirou este dos dedos os anneis de ouro?* (*a*)

§. II. Outras vezes nos fingimos ignorantes de certas cousas. *Mas quem foi o esculptor destas figuras? valha-me Deos, quem foi? lembras bem. He verdade. Dizião ser Polycleto.* (*b*) A qual figura não serve só para o fim que dissemos. Porque algumas vezes parecem os Oradores ter em vista só huma cousa, e tem outra; assim como Cicero neste lugar, ao mesmo tempo que exprobra a Verres a paixão desordenada, que tinha pelas estatuas, e pinturas antigas, consegue o não parecer elle tambem curioso destas cousas; e Demosthenes, jurando pelos que tinhão morrido pela patria nas batalhas de Marathon, e Salamina, consegue o diminuir o odio, com que o carregavão pela perda da batalha de Cheronea. (*c*)

---

ligamos naturalmente huns pensamentos principaes com outros, já fazendo menção do que tratámos, e vamos a tratar; já indicando sómente a materia, em que entramos. Estas transiçoens figuradas são as mais bellas. Como se devão fazer V. Tom. I. Liv. II. Cap. I. no fim.

(*a*) *Verr.* IV. Cap. 26.

(*b*) *Verr.* IV. Cap. 3. Todo o lugar he deste modo: *Erant aenea praeterea duo signa non maxima, verum eximia venustate, virginali habitu atque vestitu, quae, manibus sublatis, sacra quaedam, more Atheniensium virginum, reposita in capitibus sustinebant. Canephorae ipsae vocabantur. Sed earum artificem quem? Quemnam? . . . Recte admones. Polycletum esse dicebant.* Para entender esta passagem he precizo figurar-nos a acção do orador. Cicero finge-se esquecido, e ignorante de hum estatuario, que lhe era bem conhecido. A repetição da pergunta *quem? quemnam?* mostra o seu embaraço, e que se virou para algum dos que estavão ao pé, para este lhe suggerir o nome que ignorava, e como se lho lembrasse, diz, *Recte admones*, e conclue: *Polycletum esse dicebant.*

(*c*) *Pro Corona* Sect. 60. Este juramento de Demosthenes he celebre na antiguidade, e tem merecido toda a admiração aos que entendem de Eloquencia. Quint. XII. 10. *Non illud jusjuran-*

CAPITULO IX.

Continuação da Elocução Figurada.

Das Figuras das Palavras.

(IX. 3.)

§. I. As Figuras das palavras sempre variárão, e variáo ainda segundo o costume, e uso o quer. Assim se compararmos a linguagem antiga com a mo-

---

dum per caesos in Maratone, et Salamine propugnatores Reip. satis manifesto docet praeceptorem ejus Platonem fuisse? Plutarcho, *De Gloria Athen.*, lhe chama λαμπρότατον, καὶ λογιώτατον *o mais illustre, e eloquente.* Ninguem porém melhor que Longino, *De Sublim.* Sect. XVI, explicou as bellezas, e sublimidade deste lugar. « Demosthenes (diz elle) quer justificar o seu procedimento, « e provar aos Athenienses que não fizerão mal em entregar ba- « talha a Philippe. Qual era o modo natural de enunciar a cousa? « *Vós, ó Athenienses*, (podia elle dizer) *não fizestes mal em com- « bater com perigo das vossas vidas pela liberdade, e conservação de « todo a Grecia. Vós tendes disto exemplos innegaveis; pois não se « póde dizer tenhão feito mal estes grandes homens, que combatérão « pela mesma causa nos campos de Marathon, e Salamina, e defronte « de Plateas.* Mas elle faz a cousa de outro modo; e de repente, « como se fosse inspirado por hum Deos, e possuido do espirito « de Apollo mesmo, exclama jurando por estes valorosos defen- « sores da Grecia: *Não, Athenienses, vós não fizestes mal; eu « vol-o juro pelos Manes destes grandes homens, que pelejárão pela « mesma causa nos campos de Marathon.* Por esta unica figura de « juramento, que eu chamarei aqui Apostrophe, elle deifica estes « antigos cidadãos, de que falla, e mostra com effeito que he « necessario olhar todos os que morrem do mesmo modo como « outros tantos Deozes, pelo nome dos quaes se deve jurar. In- « spira aos Juizes o espirito, e sentimentos destes illustres mor- « tos, e mudando a fórma natural da prova neste modo grande, « e pathetico de affirmar com juramentos tão extraordinarios, « tão novos, e tão dignos de fé, faz entrar na alma de seus ou- « vintes huma especie de contraveneno, e antidoto, que sacode « della todas as más impressoens. Levanta-lhes o animo pelos lou- « vores. Em huma palavra faz lhes ver que não se devem gloriar « menos da batalha, que perdêrão contra Philippe, que das vi- « ctorias, que alcançárão em Marathon, e Salamina, e por todos « estes meios juntos em huma figura, arrasta-os ao seu partido. « De sorte que nesta figura só elle lhes prova pela razão, que

derna, quasi tudo o que dizemos se póde chamar figurado... Mas as figuras das palavras são de dois generos. Humas dizem respeito á Syntaxe da lingua, outras consistem principalmente na estructura artificial das palavras; e bem que humas, e outras tem lugar nos discursos Oratorios: com tudo podemos chamar ás primeiras *Grammaticaes*, e ás segundas com mais propriedade *Rhetoricas*. (*a*)

§. II. As primeiras fazem-se do mesmo modo que os vicios. Porque todas as figuras Grammaticaes o serião, se acontecessem por acaso, e não se procurassem de proposito. O que as defende pois he, já a *Authoridade*, já a *Antiguidade*, as mais das vezes o *Uso*, e muitas tambem a *Razão*. (*b*) Por isso, tendo

---

« não fizerão mal; da-lhes hum exèmplo; confirma-lho pelos ju-
« ramentos; faz o seu elogio, e os exhorta á guerra contra Phi-
« lippe, etc. »

(*a*) As Figuras *Grammaticaes* tem por objecto, ou o material das palavras, fazendo nellas alteraçoens por causa da Euphonia; ou a syntaxe das mesmas, já accrescentando palavras redundantes pelo *Pleonasmo*, já tirando as necessarias pela *Ellipse*, já invertendo a ordem pelo *Hyperbaton*, ja em fim trocando os cazos, os numeros, os tempos, e os modos pela *Enallage*. As figuras *Rhetoricas* porém não tem por objecto, nem o material das palavras, nem a sua syntaxe, mas sim a sua *Construcção*, que são cousas differentes. Syntaxe he aquella parte da Grammatica, que, ou pelas fórmas accidentaes das palavras, ou pelo seu lugar na oração, determina as relações, que humas tem com outras para formarem hum sentido. A construcção, sem tocar nestas relaçoens, antes conservando-as, combina e ordena as palavras de tal modo, que, ou lhes dá mais força, ou mais graça, ou mais harmonia. Por ex. nestas tres combinaçoens *Accepi tuas literas*, *Tuas accepi literas*, *Literas tuas accepi* ha tres construcçoens differentes, e com tudo a syntaxe he a mesma em todas. Nas Figuras Rhetoricas das palavras attende-se á construcção symmetrica das mesmas.

(*b*) Assim como, segundo Quint. I. 6. 1., *sermo constat Ratione*, *Vetustate*, *Auctoritate*, *Consuetudine;* assim as Figuras Grammaticaes devem ter algum destes fundamentos. Por ex. Horacio, *Sat.* I. 2. 24, authorisou o Grecismo, *Nec illi sepositi ciceris, nec longae invidit avenae*. A Antiguidade recommenda aquillo de Virg. *En.* I. 19. *Progeniem sed enim.* O uso admittio no tempo de Quint. *Contumeliam facere*, reprehendido por Cicero, *Philip. III.* 9., em lugar de *Contumelia affici;* e a Razão justifica o *oculis capti talpae*, e *timidi damae* de Virg. *Georg.* I. 183, e *Eclog.* VIII. 28, porque hum e outro sexo se exprime por hum dos dois generos.

por fundamento alguma razão provavel, são figuras, por se afastarem do modo simples, e commum de fallar.

Ellas tem com tudo huma grande utilidade, que he, tirar por meio da variedade o enfadamento companheiro inseparavel da linguagem quotidiana, sempre uniforme. Pelo que quem souber usar dellas com sobriedade, e a proposito, fará o discurso mais saboroso por meio desta especie de adubo, que lhe mistura; pelo contrario porém esta mesma graça da variedade ficará perdida para quem nisto fôr sobejo e affectado. . .

Estas figuras pois, e outras similhantes, que se fazem, *trocando*, *accrescentando*, *tirando*, e *transpondo*, (*a*) por huma parte excitão a attenção do ouvinte, e despertando-a por vezes com alguma novidade notavel, não a deixão affrouxar: e por outra communicão á oração não sei que graça, nascida da mesma similhança, que tem com o vicio; (*b*) assim como nos comeres o azedo mesmo ás vezes he agradavel. Isto porém acontecerá, senão forem muitas sobre maneira, nem da mesma especie, nem continuadas, nem frequentes. Pois assim como a sua variedade, assim tambem a sua raridade he a que evita o fastio.

§. III. O segundo genero de Figuras, chamadas *Rhetoricas*, excede muito em força ao antecedente. Pois não consistem no Grammatical da lingua, mas communicão aos mesmos pensamentos novas graças, e novas forças. (*c*)

(*a*) Trocando pela *Enallage*, accrescentando pelo *Pleonasmo*, tirando pela *Ellipse*, e transpondo pelo *Hyperbaton*. V. not. supr.

(*b*) Por exemplo, as *Enallages* equivocão-se com o *Solecismo*, os *Pleonasmos* com as *Perissologias*, as *Ellipses* com as *Meioses*, e os *Hyperbatos* com as *Synchyses*.

(*c*) As Figuras Grammaticaes dão graça á expressão, communicando-lhe ou mais euphonia, ou mais brevidade, ou mais novidade, e variedade. Tudo isto pára no ouvido. As Rhetoricas porém modificão os mesmos pensamentos, influindo-lhes *novas graças*, e *novas forças*. As graças lhes provem de huma especie de harmonia, que Cicero chama *Concinnitas*, nascida da correspondencia das palavras nas Repetiçoens, da consonancia

Artigo I.

Das Figuras das Palavras, que se fazem por Accrescentamento.

Reduplicação.

§. I. Comecemos por aquellas, que se fazem por *Accrescentamento.* Destas ha varias especies. (*a*) Pois humas vezes se repete a mesma palavra consecutivamente, já com o fim de amplificar, como: *Matei, matei não a hum Spurio Melio ;* (*b*) (Porque huma destas palavras indica a cousa, e a segunda a assevera) (*c*) já para exprimir sentimentos de compaixão, como:

das mesmas nas Paronomasias, da sua symmetria nos Parisos' da proporção nos Isocolos, e do contraste nas Antitheses. As forças nascem da maior facilidade com que, pela estructura mesma local dos sinaes, o espirito apprehende no painel do pensamento já a distincção e viveza das idêas, já a sua correlação natural, já a sua gradação, já a sua symmetria, já o seu contraste.

(*a*) A Repetição, ou he no mesmo membro consecutivamente, e he a *Reduplicação*, ou em differentes membros do mesmo pensamento; e então he de dois modos, ou *Parallela*, ou *Antiparallela.* A Parallela he quando as palavras repetidas se achão collocadas uniformemente em membros similhantes. Tal he a *Anaphora*, a *Epistrophe*, a *Symploce*, e a *Anaphora alternada.* A Antiparallela he quando as palavras repetidas estão postas differentemente em membros similhantes, e esta he a fórma da *Epanalepsis*, do *Epanodos*, da *Anadiplosis*, e da *Climax.* A repetição tanto parallela como antiparallela da mesma palavra, se se varia por generos, numeros, modos, tempos, e pessoas, chama-se *Derivação ;* se por casos, *Polyptoton.* A harmonia he tanto mais perfeita, quanto mais ajusta os prazeres do ouvido com as vistas do espirito, ou para melhor dizer, ella não existe senão neste concerto, e exacta correspondencia da figura das palavras com a do pensamento, e esta he que decide e deve decidir das feiçoens caracteristicas, e côres locaes, que a phrase deve tomar para representar com mais verdade, e alma a figura individual de cada pensamento. A figura Logica pois do pensamento he que deve determinar o Local das palavras, aliás *Quid tam furiosum quam verborum vel optimorum sonitus inanis, nulla subjecta sententia ?*

(*b*) Cic. *Pro Milone* Cap. 27.

(*c*) A segunda palavra pois accrescenta á primeira huma idêa nova, accessoria da paixão, pela qual a nossa alma se fixa em o objecto, que mais a interessa.

Ah! Coridon, Coridon... (*a*)

Outras vezes a mesma figura, dita com hum tom ironico, serve para diminuir. (*b*)

Diacope, ou Separação.

Esta *Reduplicação* se faz mais vehemente, mettendo-lhe de permeio alguma cousa, (*c*) como: *Os bens (infeliz de mim! pois, esgotadas as lagrimas, ainda a dôr me fica pregada no coração), os bens, torno a dizer, de Cneio Pompeo forão entregues á voz tyranna do porteiro público*: e, *Vives, sim, vives não para depôr, mas para dobrar o teu atrevimento.* (*d*)

Anaphora.

§. II. Outras vezes se repete a mesma palavra, ou no principio de muitas orações para intimar as cousas com mais força, e acrimonia: (*e*) *Nada te moveo a guarnição nocturna do monte Palatino, nada as sentinellas da Cidade, nada o temor do Povo, nada os sentimentos unanimes de todos os homens bons, nada as guardas dobradas deste lugar onde se congrega*

(*a*) Virg. *Eclog.* II. 69.

(*b*) Como em Cicero *Pro Milone*: *Excitate, excitate eum, si potestis ab inferis, etc.*, onde ironicamente diz aos Juizes resuscitem a Clodio, para excitar o sentimento contrario, e assim diminuir a culpa de Milão.

(*c*) Julio Rufiniano, *Rhet. Pithaeann.* pag. 31, chama a esta especie de Reduplicação *Diacope*, ou *Diastole*, dizendo: *Diacope, sive Diastole est, cum inter duo eadem verba diversum ponitur aliquid medium, ut*, Culpatus ve Paris Divum, inclementia Divum. *Et*, Duc, age, duc ad nos. *Et*, Scis, Proteu, scis ipse. *Latine dicitur* Separatio.

(*d*) O primeiro ex. he da *Philipp. II.* Cap. 26, e este segundo da *Catil. I. initio.*

(*e*) O fim pois da Anaphora, e de todas as figuras de repetição he o de fixar a attenção dos ouvintes sobre certas idéas, intimal-as, e imprimil-as profundamente no espirito. Todas ellas insistem, ou sobre as idéas que mais queremos inculcar, ou sobre os motivos que queremos fazer sentir, ou sobre os objectos em que queremos se interessem os ouvintes. Daqui se segue que huma repetição, que insiste sobre idèas, ou indifferentes, ou menos interessantes, seria mais hum vicio de Tautologuia, que hum ornato da oração.

o Senado, nada em fim a presença, e os semblantes severos destes Senadores? (a)

Epistrophe.

Ou no fim, como: *Quem requereo estas testemunhas? Apio. Quem as produzio? Appio.* (b)

Simploce.

Bem que este exemplo pertence a outra figura, em que os principios entre si, e os fins são os mesmos, como aqui, *Quem*, e *Quem*, *Appio*, e *Appio*, e se vê mais claramente no exemplo seguinte: *Quem são os que tem rompido muitas vezes os tractados? Os Carthaginezes. Quem são os que na Italia fizerão huma guerra cruel? Os Carthaginezes. Quem são os que assolárão a Italia? Os Carthaginezes. Quem são os que agora pedem perdão? Os Carthaginezes.* (c)

Anaphora alternada.

Tambem nos Parallelos, e Comparações se costumão repetir alternadamente as primeiras palavras, correspondendo humas ás outras; o que me fez dizer, que a Comparação pertencia mais ás figuras da Dicção, que dos Pensamentos. Exemplo: *Tu velas de noute para aconselhares as tuas partes, aquelle para chegar cedo com o exercito ao sitio, que pertende: A ti te acorda o cantar dos gallos, áquelle o som das trombetas: Tu fórmas hum libello, aquelle hum campo de batalha: Tu tomas as cautelas para as tuas partes, aquelle para as Cidades, e arraiaes não serem surprendidos.* Nem o Orador se deu por contente com esta graça; elle variou pelo contrario a mesma figura, continuando assim: *Aquelle possue a arte, e a sciencia de desviar as tropas inimigas, tu a de desviar os beiraes do telhado vizinho: Aquelle se tem exercitado em extender as terras do Imperio, tu em as demarcar.* (d)

(a) Cic. *Catil. I.* no princ.
(b) Idem *Pro Milon.* Cap. XXII.
(c) Exemplo do Author da *Rhet. a Herenn.* IV. 14.
(d) Cicero *Pro Muraen.* Cap. IX, onde nas pessoas dos dois

Ploce, e Epanalepsis.

Esta mesma correspondencia póde haver nas palavras do meio de huma phrase com as do principio de outra . . . ou com as do fim . . . e ninguem duvidará que a mesma figura se póde fazer tambem repetindo a mesma palavra já no meio de duas, ou mais frases, já no principio, e fim dellas. . . (*a*)

Epanodos.

§. IV. Tambem he huma figura de repetição aquella, que repete, dividindo, as palavras, que primeiro disse juntas, Por ex.

Comigo Iphito, e Pelias alli stavão,
Dos quaes Iphito em annos mais pezado,
E Pelias com a ferida embaraçado. (*b*)

Os Gregos lhe chamão *Epanodos*, e os Latinos *Regressão*. (*c*) Nem só o mesmo sentido, mas tambem em diverso se repetem as mesmas palavras pela ordem contraria, como: *A dignidade dos chefes era quasi igual; igual não era talvez a dos que os seguião.* (*d*)

---

contendores Murena soldado, e Sulpicio jurisconsulto faz o parallelo de hum General com hum Jurista, para fazer este ridiculo em comparação daquelle.

(*a*) Chamão a esta ultima *Epanalepsis* de ἐπὶ e ἀναλαμβάνω *(torno a tomar, repito)*, e ás antecedentes, quando se misturão muitas repetiçoens da mesma palavra em differentes lugares lhe chamão πλοκήν. Quintil. logo Sect. 40. *Illa vero apud Ciceronem mira figurarum mixtura deprehenditur, in qua, et primo verbo, longo post intervallo, redditum est ultimum, et media primis, et mediis ultima congruunt:* Vestrum jam hic factum deprehenditur, Patres Conscripti, non meum; ac pulcherrimum quidem factum, verum, ut dixi, non meum, sed vestrum. *Hanc frequentiorem repetitionem* πλοκὴν *vocant, quae fit ex permixtis figuris.*

(*b*) Virg. *En.* II. 435.

(*c*) Ἐπάνοδος he composto de ἐπὶ, ἀνα, e ὅδος *tornar sobre os seus passos*, porque se faz repetindo no segundo membro as mesmas palavras do primeiro, porém de diante para traz. Esta he a noção commua dos Rhetoricos, da qual se aparta Quint. no primeiro exemplo, e á qual se chega no segundo. O Epigramma de Marcial sobre Dido toma toda a sua graça desta figura.

Infelix Dido nulli bene nupta marito,
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris.

(*d*) Cicero *Pro Ligario* Cap. VI. fallando dos dois cabeças

Derivação, e Polyptoton.

§. V. Algumas vezes esta repetição das palavras se faz, variando-as pelos generos, e casos, v. g. *Magnus labor dicendi, magna res est*, e em Rutilio em hum periodo mais longo, (*a*) cujos membros principião deste modo: *Pater hic tuus? ... Patrem hunc appellas?.. Patris tu hujus filius es?* .. Esta repetição, que se faz por casos, chama-se *Polyptoton*. (*b*)

Anadiplosis.

§. VI. Muitas vezes a ultima palavra da primeira oração, e a primeira da seguinte he a mesma. Desta especie de repetições usão os Poetas com mais frequencia, que os Oradores.

Estes versos fareis grandes a Gallo,
A Gallo, ó Musas, cujo amor cad'hora
Em mim crescendo vai... (*c*)

Mas nem os Oradores deixão de se servir della algumas vezes, como: *Com tudo este homem vive. Vive? O que mais he, vem ao Senado*, etc. (*d*)...

---

de partido na Guerra Civil, Pompeo, e Cezar; fal-os quasi iguaes na dignidade, mas não aos que os seguião, que erão o Povo, e o Senado, dos quaes aquelle seguia a Cezar, e este a Pompeo.

(*a*) O periodo inteiro de Rutilio he deste modo: *Pater hic tuus nunc denique est, ut egestatem tuam debere alere videatur? Patrem hunc appellas, quem prius egentem auxilio tuo, ut alienum deseruisti? Patris tu hujus filius es ad potiendas opes, cujus ad senectutem violandam crudelis hostis fuisti? Nimirum nullo consilio filios procreamus. Nam majorem partem ex illis doloris, et contumeliae capimus.*

(*b*) Πολύπτωτον de πολύς *(multus)*, e πιπτω *(cado) muitos cazos*. Quando a mesma palavra se repete variada pelos generos, numeros, e modos, tem então o nome de *Derivação*.

(*c*) Virg. *Eclog.* X. 72.

(*d*) Cicero *Catil. I.* no princ. Esta figura tem em Grego o nome de ἀναδιπλώσις de ἀνα *(rursus)*, e διπλοω *(duplico) Reduplicação*. Mas tem a differença da primeira, que tem o mesmo nome, em que naquella repetem-se as palavras no mesmo membro consecutivamente, e nesta, de que agora tratamos, repetem-se separadas no fim de hum membro, e no principio de outro.

Synonymia, e Exergasia.

§. VII. Tambem se costumão ajuntar palavras synonymas: v. g. *O que sendo assim, continúa a hir, ó Catilina, para onde começaste, sahe em fim da Cidade, as portas estão patentes, parte já.* (a) E em outra Catilinaria: (b) *Foi-se, sahio, abalou, escapou...* Nem só se accumulão muitas palavras, mas tambem muitas frazes synonymas, como: *A perturbação da alma; aquellas trevas, que as grandes maldades costumão espalhar sobre ella; e as tochas ardentes das furias infernaes, he que o precipitárão.* (c) Tambem se accumulão idêas differentes: v. g. *A mulher, a crueldade deshumana do tyranno, o amor de pai, a ira cega, a temeridade, a loucura*, etc...

Polysyndeton.

§. VIII. Este exemplo, e o de cima vem a fazer outra figura, a qual, porque carece de Conjuncções, se chama *Dissolução*, propria para intimar huma cousa com mais efficacia... Chama-se em Grego *Asyndeton.* Contraria á qual he a figura, que abunda de Conjuncções (d) ou se repita muitas vezes a mesma, co-

---

(a) Nas figuras antecedentes repetem-se de differentes modos as palavras, na *Synonymia*, e *Exergasia* repizão-se as mesmas idêas e pensamentos por differentes termos e expressoens. O fim destas figuras he imprimir nos animos verdades, que ditas de passagem escaparião, a respeito do que diz Plinio *Epist. I.* 20. *Brevitatem ego custodiendam esse confiteor, si causa permittat: alioquin praevaricatio est transire dicenda. Praevaricatio etiam cursim, et breviter attingere quae sunt inculcanda; infigenda, repetenda. Nam plerisque longiore tractatu vis quaedam et pondus accedit, utque corpori ferrum, sic oratio animo non ictu magis, quam mora imprimitur.* V. supr. Cap. V. Art. I. §. 2. O exemplo he de Cic. na *Catil.* I. 5.

(b) *Catil.* II. 1. No primeiro exemplo Cicero queria intimar a Catilina a saída de Roma, e no segundo mostra o gosto e alegria, que a saída deste inimigo domestico lhe causava. Na ordem das palavras, e phrases synonymas, as segundas devem, pelas idêas accessorias, accrescentar força ás primeiras, como aqui se vê.

(c) Estes dois exemplos são provavelmente de Cicero em alguma oração das que se perderão.

(d) Chamada por isso Πολύσυνδετον de πολὺς *(multus)*, e σὺν *(cum)*, e δέω *(ligo)*, *muitas Conjuncçoens.*

mo:

Comsigo a caza, e lar, e armas levava,
E de Amicla o cão, de Creta a aljava. (*a*)

Ou differentes... Huma, e outra figura serve para amontoar muitas idêas, só com a differença de serem, ou soltas, ou ligadas (*b*)... O fim de ambas tambem he o mesmo, que he fazer mais vivas, e intimativas as cousas, que dizemos, de sorte que pareção levar comsigo o caracter da paixão, cuja linguagem he interrupta, e accelerada. (*c*)

(*a*) Virg. *Georg.* III. 344. fallando dos pastores nos vastos desertos da Africa.

(*b*) O effeito destas duas figuras he o amontoar as idêas, συναθροίζειν, *(coacervare). Os Asyndetos* (diz Arist. *Rhet.* III. 12.) *tem isto de particular, que em igual espaço parecem dizer muitas cousas. Pois as conjuncçoens fazem de muitas cousas huma. Se pois estas se tirarem, está claro que pelo contrario de huma cousa se farão muitas. Consequentemente serve para amplificar; v. g.* vim, contei, suppliquei, *são muitas cousas.* Onde se vê que Aristoteles dá effeitos contrarios a estas duas figuras. Hermogenes porém do *Methodo* Cap. XII. lhes dá, como Quint., os mesmos. Ταυτὸ δὲ ἀμφότερα δηλοῖ καὶ ἐγράζεται καὶ μέγεθος ὁμοίως, καὶ πλῆθος, ὅταν ἑκατέρου καιρὸς ᾖ. Ταυτὸ δὲ ἐγραζομένα οὐχ' ὁμοίως ἐργάζεται. ἀλλὰ τὸ μὲν μετὰ συνδέσμων πραγματικον πλῆθος, ἢ μέγεθος, τὸ δὲ ἄνευ συνδέσμων λεγομένον ἦθικον ἐςι. *Ambas estas figuras, empregando-se oportunamente, mostrão, e produzem grandeza, e multidão. Porém produzindo o mesmo effeito, não o produzem do mesmo modo. Aquella por meio das conjuncçoens multiplica, e engrandece as idêas, esta sem as conjuncçoens he a linguagem das paixoens.* Com effeito os Polysyndetos, em que se repete a mesma conjuncção, produzem o mesmo effeito, porque com a reproducção da mesma conjuncção reproduzem, e multiplicão os objectos do mesmo modo, que os assyndetos, tirando as conjucçoens, por meio das pausas amiudadas distinguem, e accumulão as idêas.

(*c*) Ninguem melhor que Longino *de Subl.* Sect. XIX. explica a força dos Asyndetos, e illustra este lugar de Quint. *As palavras desligadas* (diz elle) *precipitão-se, e correm com tanto impeto, que pouco falta para prevenir o pensamento do Orador. Tal he o discurso de Eurylocho em Homero:* Ἤομεν, ὡς ἐκέλευες, ἀνὰ δρυμὰ, φαίδιμ' Ὀδυσσεῦ.. *Porque estes incisos separados huns dos outros, e nem por isso menos accelerados levão comsigo a vehemencia da paixão, que embaraça a marcha do discurso, e ao mesmo tempo a accelera.* O que Quint. diz: *et vim quandam prae se ferentia veluti saepius erumpentis affectus*, exprime Longino quasi no mesmo sentido: φέρει τῆς ἀγωνίας ἔμφασιν ἅμα καὶ ἐμποδιζούσης τι, καὶ συνδιωκούσης.

••

Gradação.

§. IX. A *Gradação*, chamada em Grego *Climax*, (*a*) tem hum artificio mais sensivel, e affectado, e por esta razão deve ser mais rara. (*b*) Ella pertence tambem á classe das figuras, que se fazem por addição. Pois repete o que já está dito, e antes de descer a outro grão, pára no antecedente. Traduzamos para exemplo della aquelle lugar de Demosthenes bem sabido. *Nem eu me contentei só com dizer estas cousas, sem as escrever; nem só com as escrever, sem fazer a embaixada; nem só com fazer a embaixada, sem as persuadir aos Thebanos: mas*, etc. (*c*) Não deixão com

---

(*a*) Κλίμαξ *escada*, porque á maneira desta sobe, e desce pelas idêas, que tem razão progressiva humas para as outras, apoiando-se, e repetindo a antecedente para passar á seguinte, e assim nas mais. Outros lhe chamão *Encadeamento*.

(*b*) Gibert. *Rhet.* I. 2. 7. pag. 167. observa que em todo o Demosthenes não se encontra senão hum, ou dois exemplos de Gradação. Só porém na *Epist.* de S. Paulo *aos Romanos* se achão tres bellas gradaçoens. Huma dos grãos da Predestinação, outra dos grãos da Prova nos males, e a terceira dos grãos da Prégação entre os povos, que não conhecem a Deos. Cicero emprega muitas. V. Voss. *De Gradatione*.

(*c*) He o celebre lugar de Demosthenes na oração a respeito da *Coroa*, ed. Reisk pag. 288. n. 5., onde depois de referir palavra por palavra o conselho, que tinha dado aos Athenienses; (quando chegou a noticia da tomada de Elatea por Philippe) em que lhes aconselhava se esquecessem das suas antigas queixas contra os Thebanos, e lhes enviassem huma embaixada, offerecendo-lhes soccorro para se opporem ás conquistas deste Principe, que se temia os ganhasse por vontade, ou por força para depois vir com elles cahir sobre Athenas; diz assim: Συνεπαινεσάντων δὲ πάντων, καὶ οὐδενὸς εἰπόντος ἐναντίον οὐδὲν, οὐκ εἶπον μὲν ταῦτα, οὐκ ἔγραψα δὲ. οὐδ' ἔγραψα μὲν, οὐκ ἐπρέσβευσα δὲ. οὐδ' ἐπρέσβευσα μὲν, οὐκ ἔπεισα δὲ Θηβαίους. ἀλλ' ἀπὸ τῆς ἀρχῆς διὰ πάντων ἄχρι τῆς τελευτῆς διεξῆλθον, καὶ ἔδωκ' ἐμαυτὸν ὑμῖν ἁπλῶς εἰς τοὺς περιεστηκότας τῇ πόλει κινδύνους. Quintiliano aqui, Gaspar Lourenço na *Traducção de Hermog.*, Sturmio na sua *Rhet.*, e Vossio na sua em 4., traduzindo este lugar, fizerão dizer a Demosthenes o contrario justamente do que quiz dizer. Nenhum dos antigos o traduzio melhor do que Aquila Romano deste modo: *Et non dixi haec quidem, non autem scripsi; nec scripsi quidem, non profectus sum autem ad legationem; nec profectus quidem, non persuasi autem Thebanis.* Vej. Gibert *Rhet.* pag. 168. Este mesmo lugar he louvado por Demetr. Phal. §. 284; por Hermog. pag. 207., por Dionys. Halicarn. Tom. 2. pag. 14. ed. Huds.; e pelo Author da *Rhet. a Herenn.* IV. 25.

tudo de serem tambem elegantes estas Gradações dos nossos Oradores Latinos: *O trabalho deu virtude a Africano, a virtude lhe deu gloria, e a gloria emulos;* e esta de Calvo: *Estão pois acabados os Juizos Públicos, que não castigavão mais os furtos públicos, que os crimes de lesa Magestade; não mais os crimes de lesa Magestade, que os da Lei Plaucia; não mais os da Lei Plaucia, que os de Soborno; não mais os de Soborno, que os prohibidos por todas as Leis...*

ARTIGO II.

Das Figuras das Palavras, que se fazem por Diminuição.

Synecdoche, ou Ellipse.

§. I. As Figuras porém, que se fazem por *Diminuição*, procurão-se principalmente para dar mais *concisão*, e *novidade* á Oração. (*a*) Destas huma he a *Synecdoche* (*b*), que do Livro antecedente eu reservei para aqui, quando se furta á Oração alguma palavra, que do contexto assaz se deixa entender, como Celio contra Antonio: *O Grego a pasmar de gosto.* Porque aqui entende-se a palavra *começou*; e Cicero em huma carta a Bruto: *Nem huma palavra, senão a respeito de ti. De quem melhor? Então Flavio: A' manhãa, diz, hum proprio; e eu ahi mesmo, ceando, escrevi esta...*

Assyndeton.

§. II. A segunda Figura, que se faz por Diminui-

(*a*) Vej. supr. Cap. IX. §. 2.

(*b*) Συνεκδοχὴ *Comprehensio, intellectio*, porque as palavras, que faltão para o complemento da phrase, se entendem pelas que se exprimem. Os Grammaticos lhe chamão *Ellipse* (ἔλλειψις.) Mas Quint. VIII. 6. 21. diz, que esta palavra he o nome do vicio da Meiosis, e não da figura. *Quidam συνεκδοχὴν vocant, cum et id in contextu sermonis, quod tacetur, accipimus. Verbum enim ex verbo intelligitur, quod inter vitia ἔλλειψις vocatur:* Arcadas ad portas ruere. *Mihi hanc figuram esse magis placet. Illic ergo reddetur.*

ção he o *Asyndeton*, de que ha pouco fallámos, quando se tirão as *conjuncçoens*.

Zeugma.

§. III. A terceira he a que se chama *Zeugma* (*a*), quando muitas orações se referem a hum só verbo, que cada huma por si pediria, se estivesse só. Isto succede, ou precedendo o verbo, a que todas as orações para baixo se referem, como, *vicit pudorem libido, timorem audacia, rationem amentia;* (*b*) ou pondo-o depois, e fechando com elle muitas phrases antecedentes, como, *Neque enim is es, Catilina, ut te aut pudor unquam a turpitudine, aut metus a periculo, aut ratio a furore revocaverit.* (*c*) Tambem póde estar no meio, e servir para as orações antecedentes, e seguintes...

ARTIGO III.

Das Figuras das palavras, que se fazem por Consonancia, Symmetria, *e* Contraposição.

1. *Figuras por* Consonancia. 1. *Paranomasias.*

§. I. HA hum terceiro genero de Figuras, que, ou por alguma *Similhança dos vocabulos*, ou *pelas phrases Symmetricas, e compassadas*, ou pela *Contraposição* das idêas concilião a attenção, e despertão o espirito. (*d*) Do primeiro genero he a *Paranomasia*, chamada em Latim *Agnominatio* (*e*), que re-

(*a*) Ζεῦγμα *(junctionem)* lhe chamão os Grammaticos. Quint. tem συνεζευγμένον.

(*b*) Cicero *pro Cluent.* Cap. 6.

(*c*) O mesmo *Catil.* I. Cap. 9.

(*d*) A *Similhança* he a consonancia de duas, ou mais palavras; a *Igualdade* he a Symmetria nos espaços, ou membros da oração; a *Contraposição* he nas idêas, ou pensamentos. A tudo isto dão os Latinos o nome de *Concinnitas*, ajustamento, concerto.

(*e*) Παρονομασία de παρὰ *(prope)*, e ὄνομα *(nomen)*, *Annominatio*, (approximação do nome, similhança da palavra) figura

pete em differente fórma outra palavra consoante á que dantes disse...

2. *Antanaclasis.*

Vizinha da qual he a *Antanaclasis*, isto he, a significação contraria da mesma palavra. (*a*) Queixando-se Proculeio de seu filho lhe esperar a morte, e dizendo-lhe este *que não esperava tal*, lhe tornou o pai: *Pois peço-te que esperes por ella.* (*b*)... Já de outro modo se empregão os mesmos vocabulos em differente significação, mudando-lhe sómente a quantidade. O que, sendo frio no mesmo estilo jocoso, admiro-me que alguns Rhetoricos disto mesmo dessem regras. Assim vou a dar os seus mesmos exemplos mais para fugir delles, que para os imitar, como: *Amari jucundum est, si curetur, ne quid insit amari. Avium dulcedo ad avium ducit,* e o que Ovidio disse gracejando: *Cur ego non dicam, Furia, te furiam.* Cornificio chama a esta figura *Traducção*, isto he, mudança de hum sentido para outro. (*c*)

das palavras por consonancia physica, que põe em jogo na mesma phrase duas palavras quasi do mesmo som com idêas differentes. Vejão-se logo abaixo os exemplos.

(*a*) Ἀντανάκλασις de ἀντὶ *(contra)*, e ἀνακλασις *(repercussio)* de ἀνὰ *(re)*, e κλάω *(frango, precutio)*, porque os mesmos sons ferem duas vezes o ouvido com sentidos differentes, ou contrarios. As figuras, que se fazem por consonancia, são destinadas principalmente a fazer sensivel hum pensamento, huma maxima, huma relação, etc. fixando de hum modo notavel a attenção do ouvido, e consequentemente a do espirito sobre estas cousas. Estas figuras são de dois modos; humas admittem huma consonancia puramente *Physica*, porque a identidade dos sons não tem analogia com as idêas, como a *Paronomasia* e *Antanaclasis*, e por isso de ordinario são frias, e pueris: outras tem huma consonancia *Racional*, como o *Polyptoton*, o *Omeoptoton*, a *Derivação etc.* V. logo not. seguinte.

(*b*) Neste exemplo se vê que a palavra Portugueza *esperar*, e a Latina *expectare* tem primeiramente hum sentido, que mostra pressa e desejo; e depois outro, que mostra vagar, conformando-se ao tempo sem precipitar o successo. Estes dois sentidos contrarios da mesma palavra, hum proprio, outro figurado, provão que da *Antanaclasis* se póde ás vezes uzar com graça, e dar ao discurso força e energia; o que basta para se não condemnar inteiramente.

(c) *Rhet. a Heren.* IV. 14. Este lugar, e outros de Quint. pre-

Da mesma sorte são só elegantes aquellas *Paronomosias*, que com a alteracão material das palavras distinguem a differente propriedade da sua significacão. v. g. *Hanc Reip. pestem paullisper reprimi, non in perpetuum comprimi posse*; (*a*) e as que com a mudança das Preposições, de que são compostas as palavras, lhes fazem tomar hum sentido contrario: *Non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse videatur.* Muito melhores ainda, e mais espirituosas as que ajuntão com a graça da figura a valentia do pensamento, como: *Emit morte immortalitatem.* Pelo contrario são frivolas estas Paronomasias: *Non Pisonum, sed pistorum. Ex oratore, arator.* E muito peiores ainda est'outras: *Ne Patres Conscripti videantur circumscripti. Raro evenit, sed vehementer venit.* (*b*)

Assim ás vezes succede, que hum conceito forte, e espirituoso receba de dois vocabulos consoantes certa graça nada dissonante. E porque razão a modestia me ha de embaraçar de me servir de hum exemplo domestico? Meu Pai contra hum certo, que tinha dito, *Se legationi immoriturum*, respondeo: *Non exigo, ut immoriaris legationi, immorare.* Porque aqui o pen-

---

vão que o author desta obra, attribuida a Cicero, he verdadeiramente Cornificio. V. tom. I. pag. 40. Estes jogos de palavras, em que se abuza da similhança dos vocabulos para unir idêas, que não tem relação alguma, chamão-se em Portuguez *Equivocos*, que forão muito da moda entre nós no seculo XVII, seculo do máo gosto da Eloquencia Portugueza. Pois estes equivocos são hum sinal de hum espirito ocioso, baixo, occupado em bagatellas, e falto de juizo.

(*a*) Cicero *Catil. I.* 12. He pois huma regra, que serve de criterio para distinguir as verdadeiras *Antanaclases*, e *Paronomasias* das que o não são: que todas as vezes que a consonancia dos vocabulos for puramente physica, a figura he ridicula, e pueril: quando porém a mesma palavra se toma em dois sentidos, hum proprio, e outro figurado, e a sua alteração serve para distinguir relaçoens necessarias, e importantes; a consonancia não sendo só physica, mas racional; a figura, que della resulta, he huma graça de mais, que procuramos ao pensamento.

(*b*) A estas *Paronomasias* falsas chamamos em Portuguez *Trocadilhos*, ou *Trocados*, muito uzados no mesmo seculo decimo septimo pelos nossos Prégadores. Rollin na nota a este lugar deu para exemplo da *Paronomasia* o mesmo, que Quint. aqui reprova, *Ex oratore, arator*, de Cicero, *Philip.* III. 9.

samento he forte, e em duas palavras tão distantes ha huma consonancia tanto mais linda, quanto não foi procurada de proposito, mas offerecida pelo acaso nos dois vocabulos, hum seu, e outro do adversario.

2. *Figuras por* Symmetria.

§. II. Os antigos puzerão hum grande cuidado em dar graça á prosa por meio das phrazes Symmetricas, e Antitheses. Gorgias foi nisto excessivo; Isocrates nos seus primeiros annos foi copioso. (*a*) Cicero tambem folgou com isto, mas, por huma parte soube moderar-se no uso deste deleite do discurso, que não

(*a*) Quint. tirou isto de Cicero *Orat.* 49., onde, mostrando a origem do Numero, dá por primeiro author das cadencias periodicas a Thrasimacho, quatrocentos annos antes delle, e a Gorgias por primeiro inventor desta *Concinnidade,* que faz outra parte do numero Oratorio, e depois Cap. 52. continúa: « Os « que mais admirão Isocrates, entre os grandes louvores, que « lhe dão, he hum o ter sido o primeiro, que deu numero á « prosa. Pois vendo que os Oradores erão ouvidos com severi- « dade, e os Poetas com gosto, diz-se, procurára certos nume- « ros, de que podessemos usar na prosa, assim para deleite, « como para evitar o fastio por meio da variedade.

« Os que assim fallão dizem verdade em parte, mas não em « tudo. Com effeito he necessario confessar que ninguem, como « Isocrates, tratou este genero com mais intelligencia. Porém « o seu primeiro inventor foi Thrasimacho, cujas obras todas « se vêm escriptas com demasiado numero. Quanto aos mem- « bros compassados, ás terminaçoens similhantes, e antitheses, « que por si mesmo cáem harmoniosamente, sem isto se per- « tender, (o que he o segundo genero de collocação dos tres que « ácima dissemos), Gorgias foi quem primeiro as inventou. Estes « ambos precederão na idade a Isocrates, que os excedeo sim na « moderação, mas não na invenção. Este, assim como nas me- « taphoras, e innovação das palavras, assim nos numeros he « mais remisso. Gorgias he mais havido nesta parte, e abusa com « mais liberdade destas galantarias, como elle mesmo lhes chama, « que Isocrates soube moderar (não obstante na sua mocidade « ter sido em Thesalia ouvinte de Gorgias, sendo este já velho). « E o que he mais, á proporção que se foi adiantando nos annos « (pois chegou quasi a cem) foi afrouxando tambem da demazia- « da prizão dos numeros; o que elle diz claramente no livro, « que escreveo a Philippe Rei de Macedonia, sendo já muito « velho, em que lhe diz que já cuidava menos nos numeros « do que era seu costume. Assim não só corrigio os antecedentes, « mas a si mesmo. »

deixa de ter sua graça, menos quando he excessivo; e por outra teve o cuidado de encher por meio de pensamentos graves estas figuras aliás vans. Pois similhante affectação nas palavras, sendo de si fria, e pueril, quando recae sobre pensamentos fortes, parece então natural, e não procurada.

1. *Parison.*

As *Figuras Symmetricas* quasi todas se podem reduzir a quatro especies. (*a*) A primeira he todas as vezes que se procura huma palavra similhante a outra, ou não muito dissimilhante..., ou ao menos consoante na ultima syllaba. Esta figura he linda tambem, quando recae sobre pensamentos graves, e espirituosos, *Quantum possis, in eo semper experire, ut prosis.* Segundo a maior parte dos authores chamase esta figura *Parison.* (*b*) Cleosteleo julga que o Parison he o que se faz de membros quasi iguaes.

2. *Omeoteleuton.*

A segunda requer, que as clausulas tenhão huma cadencia similhante, ou que terminando os membros pelas mêsmas syllabas, venhão duas, ou mais oraçoens a fazer no fim o mesmo consoante, que he o

---

(*a*) Quint. aqui pela palavra *Similia* entende *paria*, Oraçoens Symmetricas, compassadas. V. Quint. supr. n. 74, e o que observámos atraz ao Cap. V. Art. III. §. 2. pag. 108. not. (*d*) Estas Oraçoens Symmetricas, e compassadas, *pares elocutionum tractus*, como lhes chama mesmo Quint. IV. 2. 118, á maneira dos versos podem ser marcadas no fim, ou pelos *toantes*, isto he, ultimas syllabas das mesmas vogaes com differentes consoantes, e isto he o que Quint. chama παρισα; ou pelos mesmos *consoantes*, e he o ὁμοιοτέλευτον, ou pelos mesmos *cazos*, e he o ὁμοιόπτωτον; ou pelo mesmo numero de *syllabas*, e he o ἰσόκωλον.

(*b*) De παρὰ *(prope)*, e ἴσος *(aequalis)*, que Aquila Rom. pag. 18. *Rhet. Pithaean.* traduz, *Prope exaequatum*, no que he differente do Isocolon, que he inteiramente *exaequatum membris.* Neste, *membrorum verba paria sunt numero*; no *Parison*, *uno vel altero addito.* Aquila seguio a noção de Cleosteleo; Quint. formou a sua segundo a opinião de outros Rhetoricos, que com Hermog. *de Method.* Cap. 10. pag. [illegible] caracterizão o *Parison* pelos finaes toantes. Póde ser huma cousa, e outra.

que quer dizer *Omeoteleuton*. (*a*) Por ex.: *Non modo ad salutem ejus extinguendam, sed etiam gloriam per tales viros infringendam*. . .

3. *Omeoptoton*.

A terceira he quando as orações cáem nos mesmos casos, chamada por isso *Omeoptoton*. (*b*) Mas nem tudo o que tem fins consoantes he *Omeoptoton*, mas sim *Omeoteleuton*. O *Omeoptoton* consiste nos mesmos casos, ainda que as partes declinadas não sejão consoantes: nem elles tem lugar só no fim, mas podem achar-se em correspondencia no principio, no meio, ou no fim de muitas orações; ou, mudada a symmetria, corresponderem os do meio aos do principio, e os do fim aos do meio, ou de outro qualquer modo, que se possão combinar. Nem he essencial que sempre constem de igual numero de syllabas, como neste exemplo de Afro: *Amisso nuper infelicis aulae, si non praesidio inter pericula, tamen solatio vitae inter adversa*. Os melhores Omeoptotos porém parecem ser aquelles, em que os fins das orações jogão com os principios, como aqui *praesidio*, *solatio*; e quando as palavras são quasi similhantes, cáem nos mesmos casos, e tem os mesmos consoantes finaes. (*c*)

4. *Isocolon*.

A quarta especie he o *Isocolon*, chamada assim, porque consta de membros iguaes. (*d*) *Si quantum in*

(*a*) Ὁμοιοτελευτον *Similiter desinens*, de ὁμοῖος *(similis)*, e τελευτάω *(finio)*.

(*b*) Ὁμοιοπτωτον *Similiter cadens*, de ὁμοιος *(Similis)* e πτώτον *(casus)* de πτοω desusado, que dá seus tempos a πίπτω *(cado)*.

(*c*) Quando no mesmo exemplo concorrem as graças dos *Parisos*, *Omeoteleutos*, *Omeoptotos*, e *Isocolos*, da união dellas resulta huma nova belleza, como se vê no exemplo proposto de Quint.

(*d*) Ἰσοκωλον *membra aequalia*, de ἰσος *(aequalis)*, e κῶλον *(membrum*; quando os membros, ou incisos de hum pensamento total, ou de hum periodo são de igual tamanho, como neste de Cicero, que he o primeiro da oração *pro Caecina*, o qual he o modelo dos periodos quadrados e perfeitos, cujos quatro membros equivalem a quatro hexametros. Os primeiros dois mem-

agro, locisque desertis audacia potest; tantum in foro atque judiciis impudentia valeret: Aqui ha dois membros iguaes, e casos similhantes. Continúa: *Non minus nunc in causa cederet Aulus Caecina Sexti Aebutii impudentiae; quam tum in vi facienda cessit audaciae.* Aqui ha membros iguaes, casos similhantes, e além disso fins consoantes. Accresce ainda a isto huma nova graça, nascida daquella figura, que repete a mesma palavra por differentes casos, de que acima fallámos. *Non minus cederet, quam cessit...*

3. *Figuras por* Contraposição. 1. 2. e 3. *especie.*

§. III. Os *Contrapostos*, ou como alguns lhes chamão, as *Antitheses* (*a*) não se fazem de huma só maneira. Porque humas vezes se contrapõe cada palavra a cada palavra, como: *A paixão venceo o pudor, o atrevimento o temor;* outras, duas a duas, como: *Não he ao nosso engenho, mas ao vosso soccorro, a quem pertence:* Outras em fim, orações a orações, como: *Domine a parcialidade nas assembléas populares, sopée-se nos tribunaes.* (*b*)

---

bros tem cada hum 17 syllabas, e as longas e breves sommadas dão 26 ou 27 tempos: os outros dois, tirados os nomes proprios, são tambem iguaes assim em syllabas, que são 14, como em tempos, que são 22, ou 23. A respeito destas figuras, e da seguinte diz assim Cicero *Orat.* 49. « Nem só se deveráõ collocar « com arte as palavras, mas tambem concluir; pois que dissemos « este era o outro ponto, porque os ouvidos fazião juizo da « harmonia. Ora as phrases terminão-se com cadencia; ou pela « mesma collocação espontanea; ou com hum certo genero de « palavras, em que ha huma especie de correspondencia (*con-* « *cinnitas*). Pois que, ou sendo os casos similhantes no fim, « ou havendo membros iguaes, que correspondem a outros, « ou contrapondo-se cousas contrarias: similhantes oraçoens por « sua natureza mesma são harmoniosas, posto que esta harmonia « não se procure de proposito. No procurar esta concinnidade « sabemos fora Gorgias o primeiro. »

(*a*) Ἀντίθετα *Contraposita*, de ἀντὶ (*contra*), e τίθημι (*pono*).

(*b*) Ambos estes exemplos são de Cicero *Pro Cluent.* Cap. I. e II.: *Dominetur* (falsa invidia) *in concionibus, jaceat in judiciis; valeat in opinionibus et sermonibus imperitorum; ab ingeniis prudentium repudietur; vehementes habeat repentinos impetus; spatio interposito, et causa cognita consenescat: Denique illa definitio judiciorum aequorum, quae nobis a maioribus tradita est, retineatur;*

4. *Especie.*

A's Antitheses se póde reduzir muito bem aquella figura, a que pouco antes chamámos *Distincção*, (*a*) como: *O Povo Romano aborrece o luxo dos particulares, porém quer a magnificencia pública...* (*b*)

5. *Especie.*

Algumas vezes em lugar de pôr o termo opposto immediatamente depois do seu correlativo, como aqui, *Não he esta, ó Juizes, huma lei escripta, mas nascida comnosco*, se ajuntão depois outros, como Cicero diz, como tal ordem, que cada hum corresponde localmente aos primeiros, como se vê na continuação do mesmo exemplo, *Lei, que nós não temos aprendido, recebido, lido em alguem; mas que tomámos, bebemos, e mamámos na mesma natureza...* (*c*)

6. *Especie.*

Tambem se faz a Antithese junta com aquella figura, que repete as mesmas palavras em differentes casos, e chama-se então *Antimetabole:* (*d*) *Não vivo*

---

ut in judiciis sine invidia culpa plectatur, et sine culpa invidia ponatur.

(*a*) Esta he a παραδιαστολὴ, de que fallou acima n. 65. *qua similia discernuntur.* Por ex.: *Cum te pro astuto sapientem appelles, pro confidente fortem, pro illiberali diligentem:* o que tudo depende da definição.

(*b*) Cicero *Pro Muraena* Cap. 36.

(*c*) Cicero *De Orat.* III. 54., onde Quint. se reporta, diz: *Et quod de singulis rebus propositis ductum refertur ad singula.* E esta especie de Antithese he a que contrapõe a cadahuma das idêas, que primeiro se propozerão, outras tantas depois, que lhes correspondem, como neste exemplo de Cicero, *Pro Milon.* Cap. 4., ás palavras *didicimus, accepimus, legimus* correspondem estas *arripuimus, hausimus, expressimus.* Ainda mais sensivelmente se vê isto no exemplo do mesmo Cicero, *Verr.* IV. 50, allegado por Gesnero: *Tenuerunt illum locum* (falla de Enna na Sicilia) *servi, fugitivi, barbari, hostes. Sed neque tam servi illi dominorum, quam tu libidinum: neque tam fugitivi illi a dominis, quam tu a jure et a legibus; neque tam barbari lingua, et natione illi, quam tu natura et moribus; neque illi tam hostes hominibus, quam tu Diis immortalibus. Quae deprecatio est igitur ei reliqua, qui indignitate servos, temeritate fugitivos, scelere barbaros, crudelitate hostes vicerit?*

(*d*) Ἀντιμεταβολὴ de ἀντὶ *(contra)*, e μεταβάλλω *(trajicio)* de μετὰ

para comer ; mas como para viver (*a*), e aquella de Cicero, em que as palavras vão com tal symmetria, que ao mesmo tempo tem mudança de casos, e os mesmos consoantes finaès: *Para sem odio a culpa se castigar; e para sem culpa o odio se empregar.* (*b*) A mesma Antimetabole se fecha com o mesmo verbo no exemplo de Cicero, fallando de Roscio: *Na verdade Roscio por huma parte he hum reprezentante tão perfeito na scena, que parece o unico digno de lá entrar: e por outra hum homem tão honrado, que só parece digno de lá não entrar.* (*c*) . . .

Observações sobre o uso das Figuras das palavras.

1. *Observação.*

§. IV. A respeito das Figuras das palavras, que realmente o são, eu vou ainda a accrescentar estas breves observações. (*d*) Assim como ellas ornão a oração, quando são empregadas opportunamente: assim tambem, quando se procurão sem regra nem medida, não ha cousa mais inepta. Ha muitos, que não se embaraçando com a solidez, e força dos pensamentos, se tem em conta de grandes mestres huma vez que forçarem as palavras ainda vazias de sentido a formarem estes jogos; e por isso não cessão de os encadear, sem reflectirem, que procurar similhantes figuras de palavras sem pensamento, he tão ridiculo,

---

(trans), e βάλλω *(jacio)*, *Contraria transjectio*; especie de Antithese, em que as palavras do primeiro membro se trocão no segundo, e invertem o sentido. Esta figura pois leva comsigo necessariamente o πολυπτώτον, e o ἐπάνοδος.

(*a*) Expressão de Socrates segundo Macrobio, *Saturn.* II. 8.: *Socrates dicebat homines multos propterea velle vivere, ut ederent, et biberent: se bibere atque esse, ut viveret.* Quint. tambem deu exemplo de huma linda *Antimetabole*, X. 7. 21., *Qui stultis videri eruditi volunt, stulti eruditis videntur.*

(*b*) Cicero *Pro Cluent.* Cap. II. Vej. supr. pag. 220. not. (*b*).

(*c*) *Pro Quintio* Cap. 25.

(*d*) Nestes tres §§ seguintes faz Quint. tres observaçoens sobre o uso, que se deve fazer destas figuras Symmetricas, e Antitheses; na primeira ensina a distinguir as falsas das verdadeiras. Na segunda, a moderação, que nestas mesmas deve haver; e na terceira, o discernimento, que no uso das mesmas devemos ter, segundo a materia, lugar, e occasião, em que se falla.

como seria pertender dar fórma, e gesto a huma cousa, que não tivesse corpo. (*a*)

2. *Observação.*

§. V. Mas nem ainda aquellas mesmas, que são boas, devem ser muito bastas. Porque tambem o movimento do rosto, e dos olhos tem muita força na pronunciação Oratoria; e com tudo se alguem estivesse continuadamente a fazer trejeitos exquisitos com a cara, e a tremular inconstantemente com o rosto, e com a vista, faria rir: assim tambem a Oração deve ter um semblante, para assim dizer, natural, o qual assim como não deve ser estupido, e immovel; assim as mais das vezes se deve conter naquella figura, que a natureza lhe deu. (*b*)

3. *Observação.*

§. VI. O primeiro cuidado porém he saber o que pede o *lugar*, a *pessoa*, e a *occasião*, em que se falla. (*c*) Porque a maior parte destas figuras tem por

(*a*) A figura natural do pensamento deve trazer comsigo a das palavras, que, assim como são sinaes das idêas, assim a sua combinação deve representar fielmente as correlaçoens mutuas, e proporçoens naturaes entre as partes de hum pensamento. O criterio pois para conhecer quando estas figuras são boas, e quando são ineptas, he: Todas as vezes que á symmetria exterior das palavras corresponderem no pensamento correlaçoens naturaes das idêas; as figuras serão boas: quando porém esta combinação artificial das palavras der a conhecer relaçoens, que não ha, ou forçarem as idêas a tomar as que naturalmente não tinhão; serão as figuras frivolas, pueris, e ineptas. Isto he justamente querer dar figura a huma cousa, que não tem corpo, o que he ridiculo, e impossivel.

(*b*) As figuras servem para variar o discurso, e para dar aos pensamentos differentes situaçoens, e fórmas. Porém, quando ellas são continuadas, ou frequentes no mesmo genero, recáem na mesma monotonia, para evitar a qual forão inventadas. V. supr. Cap. IV. Art. IV. §. 3. n. 7. Entre os escriptores profanos, Seneca, e Plinio; e entre os Padres, S. Agostinho, S. Pedro Chrysologo, e Salviano são notados de abuso nas antitheses; aquelles porém tiverão a vaidade de quererem dar o tom ao seu seculo, e estes cedêrão ao gosto do seu, para insinuarem mais facilmente as verdades importantes, que querião persuadir.

(*c*) *O Lugar.* Porque nos Pulpitos, e nos Tribunaes requer-se

fim o deleitar. Ora quando um Orador se deve empenhar em mover o horror, o odio, e a compaixão, quem o sofreria, vendo-o no meio da colera, das lagrimas e das supplicas, entretido em antitheses, cadencias compassadas, e outras figuras desta especie? Neste caso o mesmo estudo affectado, que se

---

hum estilo mais grave, e menos brincado do que nas Escholas, e Academias, onde tem lugar os discursos de apparato. *A pessoa.* Porque este estilo brincado está melhor a hum orador moço, do que a hum orador provecto. *Quantis* (diz Cicero, *Orat.* 30) *illa clamoribus adolescentuli diximus de supplicio parricidarum? quae nequaquam satis deferbuisse post aliquanto sentire coepimus.* Quid enim tam commune quam spiritus vivis, terra mortuis, mare fluctuantibus, litus ejectis. Ita vivunt, dum possunt, ut ducere animam de coelo non queant: ita moriuntur, ut eorum ossa terra non tangat: ita jactantur fluctibus, ut nunquam alluantur: ita postremo ejiciuntur, ut ne ad saxa quidem mortui conquiescant, *et quae sequuntur. Sunt enim omnia, sicut adolescentis, non tam re, et maturitate, quam spe, et expectatione laudati. A occasião* em fim. Porque o estudo e a arte, que apparece em hum discurso cheio destas figuras, não he do caracter de hum espirito, que está vivamente tocado das cousas, de que falla; mas antes de hum homem tranquillo, ocioso, e que se diverte. Por esta razão, assim como similhantes figuras estão bem nos discursos Epidicticos e de apparato; assim são muito improprias nas grandes causas Deliberativas e Judiciaes, onde he preciso mover as paixoens. O estado de disvelo, e de perturbação, em que a alma então se acha, he diametralmente contrario ao de socego e reflexão, qual se requer para fazer estas combinaçoens symmetricas das palavras. Persio, *Sat.* I. 86, escarnece justamente de Pedio, que accusado de furtos, se defendia com antithese: « És hum ladrão, dizia o accusador a Pedio. Pedio que « faz? Occupa-se em pezar os crimes em lindas antitheses, e he « louvado de empregar figuras com arte. Oh que isto he bello! « diz hum. Bello isto? Assim fazes, ó Romano vilmente a côr- « te? Que? mover-me-ha hum naufragante a dar-lhe esmola, « pondo-se a cantar? Tu me cantas, lhe direi eu, trazendo « pendente do hombro a taboa, em que se vê pintado o teu « naufragio? Com a verdade, e não com hum discurso prepa- « rado á candeia, deve chorar aquelle, que com as suas quei- « xas me quizer mover á compaixão. »

Fur es, ait Pedio. Pedius quid? Crimina rasis
Librat in antithesis. Doctas posuisse figuras
Laudatur. Bellum hoc! Hoc bellum? An Romule cives?
Men' moveat quippe, et, cantet si naufragus, assem
Protulerim? Cantas, cum, fracta re, in trabe pictum
Ex humero portes? Verum, nec nocte paratum
Plorabit qui me volet incurvasse querella.

mostra nas palavras, tira o credito aos affectos, e todas as vezes que a arte se ostenta, a verdade parece estar dahi muito longe. (*a*)

CAPITULO X.

Da Elocução Collocada.

(IX. 4. 3.)

ARTIGO I.

Importancia da Collocação.

§. I. NÃo ignoro que alguns pertendem desterrar da Eloquencia todo o cuidado da Collocação, persuadidos de que o estilo inculto, e que cahe ao acaso, he por huma parte o mais *Natural*, e por outra tambem o mais *Viril.*

A Harmonia do Discurso he confórme á Natureza.

Porém se elles tem só por natural o que a natureza mesma produzio ao principio antes da cultura, e civilização dos homens, então não deveriamos tambem ter trocado as cazas pelas choças, os vestidos pelas pelles dos animaes, e as cidades pelos montes, e brenhas. . . . Aquillo pois he mais *Natural*, que mais se compadece com a Natureza. (*b*)

(*a*) V. supr. Cap. IV. Art. I. §. 1.

(*b*) *Natural* não he só o que a natureza por si produz, mas tambem o que a mesma obra em consequencia dos habitos bons, que contrahe. A natureza não nos cria com este, ou com aquelle habito. O que faz he preparar-nos. Nós somos ao sair das suas mãos como hum pouco de barro, que, não tendo por si mesmo fórma alguma determinada, recebe todas as que a Arte lhe dá. Esta segue a natureza, dirige-a, accrescenta-lhe novas forças, e a aperfeiçoa. Huma cousa não he contraria á outra, antes se dão soccorros mutuos. A arte pois em geral, e a da composição das palavras em particular não deixa de ser natural; antes, concorrendo para fazer o estilo mais ordenado, suave, facil,

A Harmonia dá forças aos pensamentos.

§. II. Já de que modo huma cousa desconcertada póde ser mais *Forte*, do que a que he unida, e bem collocada? . . . Quanto a corrente de hum rio por hum alveo inclinado, e que não offerece obstaculos he mais vehemente do que a daquelle, cujas aguas se quebrão, luctando contra as fragas, que encontra: tanto o he tambem mais a da oração unida, e que corre com toda a sua força, do que a escabrosa, e interrompida. . Quanto a mim, a collocação he como huma funda, ou arco, com que os pensamentos, para assim dizer, se atirão, e arremessão aos espiritos dos ouvintes. (*a*) Que por isso nenhum homem instruido ha, que não esteja persuadido que ella serve grandemente, não só para deleitar, mas tambem para mover os animos.

Primeiramente porque nada póde ensinuar-se no animo, fazendo desde logo huma impressão desagradavel no ouvido, que he como o seu vestibulo. Em segundo lugar porque a mesma natureza nos conduz á harmonia; nem de outro modo aconteceria que o som dos instrumentos sem exprimirem palavra alguma, excitassem os que os ouvem já a huns, já a outros movimentos. (*b*) . .

Confirma-se isto com exemplos.

§. III. Ora se o compasso, e som dos instrumentos mudos tem esta força occulta; ella he vehementissima na Eloquencia: e a mesma differença, que tem hum mesmo pensamento segundo a qualidade das

---

harmonioso, e nervoso, concilia o bello com o util e perfeito, que he a regra constante da Natureza em todas as suas obras. V. supr. Cap. IV. Art. II. §. 3.

(*a*) Cicero no seu Orador servio-se da mesma similhança para descobrir na harmonia huma das causas da vehemencia de Demosthenes, dizendo: *Non tantam fuisse futuram Demosthenis eloquentiam, nisi ejus oratio numeris contorta ferretur.*

(*b*) O tom Dorio, grave, e compassado excitava á batalha; o Phrygio, agudo e arrebatado, excitava a furor; e o Phrygio, composto de hum e outro, tinha como o meio entre ambos. Estes tons erão executados principalmente pelas tibias. V. Quint. I. 10. 33.

palavras, com que se enuncia; a mesma tem tambem as mesmas palavras, segundo a collocação, que se lhes dá, para ligar, e concluir a phrase. Assim vemos nós que alguns lugares fracos pelo pensamento, e de huma expressão muito ordinaria só por esta graça se fazem recommendaveis. Faça quem quer tambem a experiencia, e pegando de hum lugar qual quizer, que lhe pareça forte, suave, e bello na expressão; desfaça-lhe a collocação, e perturbe a ordem, e verá como toda esta força, suavidade, e belleza em hum instante desapparecem. Cicero no seu *Orador* (*a*) fez esta prova em alguns lugares tirados das suas oraçoens. *Nam neque me divitiae movent, quibus omnes Africanos, et Laelios multi venalitii, mercatoresque superarunt.* Muda hum nada esta ordem (diz elle) de sorte, que fique, *multi superarunt mercatores, venalitiique;* e faz o mesmo aos periodos seguintes. Desconcertados elles por este modo, farião o mesmo effeito, que uns dardos, que, ou quebrados, ou atravessados se lançassem contra o inimigo. . . (*b*) E quanto mais bello no pensamento, e na expressão fôr o lugar, que desmanchares, tanto mais feia ficará a oração: porque á luz brilhante das palavras percebe-se mais a negligencia da Collocação.

Antiguidade da Harmonia da Proza.

§. IV. Por tanto assim como confesso que a arte da Collocação, e harmonia do discurso foi quasi a

(*a*) Cap. 70.

(*b*) A conclusão, que Cicero tira da sua demonstração, vem a dar no mesmo: *Videsne, ut ordine verborum paullum commutato, iisdem verbis, stante sententia, ad nihilum omnia recidant, cum sint ex aptis dissoluta?* O mesmo acontecerá nos periodos mais harmoniosos dos nossos Escriptores, se lhes mudarmos a collocação, como neste do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo na sua Summa Politica: *Se os Princepes não chamarem o soccorro dos amigos, se não dividirem o pezo do governo; acharáõ o castigo na temeridade da sua ambição, e a queda na sua mesma fortuna.* Transtornemos hum nada esta ordem de sorte que fique, *acharáõ na temeridade da sua ambição o castigo, e na sua mesma fortuna a queda.* Quem não vê que a huma cadencia suave, e harmoniosa se substitue outra aspera pelo hiato, e pezada pelas tres longas consecutivas?

ultima, que recebeo a perfeição das mãos dos Oradores: (a) assim assento tambem que os escriptores mais antigos lhe derão aquelle cuidado, que podião, á porporção dos progressos, que no mais fizerão; nem, por maior que seja a authoridade de Cicero, (b) elle me poderá persuadir que Lysias, Herodoto, e Thucydides quasi nenhum cuidado tiverão nesta parte. O que se póde dizer he, que elles se

---

(a) A arte do numero e harmonia do discurso foi a ultima, em que se cuidou em todas as lingoas. Porque, como a este respeito observa Cicero, *Orat.* 59., *Ut ceteris in rebus necessitatis inventa antiquiora sunt, quam voluptatis: ita in hac re accidit, ut multis seculis ante oratio nuda ac rudis ad solos animorum sensus exprimendos fuerit reperta, quam ratio numerorum causa delectationis aurium excogitata.* Assim sabemos nós, que a arte do numero prosaico data entre os Gregos desde o tempo de Thrasymacho e Gorgias, 400 annos antes de Cicero, como o mesmo diz no seu *Orador* 51, e 450 antes de J. Chr.; entre os Romanos desde o tempo do mesmo Cicero; entre os Francezes do tempo de Balzac nos principios do seculo de 1600, e entre nós os Portuguezes desde o mesmo tempo, ou pouco antes. V. not. seguinte, e Cap. antecedente Art. III. §. II.

(b) O qual, *Orat.* 44., diz que nem Thucydides, nem Platão evitara os hiatos, como Demosthenes fez; e Cap. 52 diz: *Qui Isocratem maxime mirantur, hoc in ejus summis laudibus ferunt, quod verbis solutis numeros primus adjunxerit.* Mas não approva inteiramente este sentimento, e dá por primeiro inventor do numero a Thrasymacho, e a Gorgias. O mesmo Cicero no *Bruto* 17. diz que Lysias, e Hyperides não collocárão, nem concertárão as palavras. Arist. *Rhet.* III. 9, observa que a prosa continuada sem distinção de periodos, que elle chama εἰρομένην, fôra a de Herodoto, e de todos os antigos; e que desta no seu tempo já poucos usavão. Da mesma sorte Demetrio, *De Elocut.* n. 12.: Ἡ δέ τις διηρημένη ἑρμηνεία καλεῖται ἡ εἰς κῶλα λελυμένη οὐ μαλα ἀλλήλοις συνηρτημένα, ὡς ἡ Ἑκαταίου, καὶ τὰ πλεῖστα τῶν Ἡροδότου, καὶ ὅλως ἡ ἀρχαία πᾶσα. *Chama-se prosa periodica a que he dividida em membros, e não a em que pegão huns dos outros, qual he a de Hecateo, e a de grande parte da historia de Herodoto, e, em huma palavra, toda a antiga.* Com tudo Quint. segue aqui, como quasi em todo este Capitulo, a doutrina de Dionysio Halic. *De Construct.*, que no Cap. 18 dá numero á prosa de Thucydides, e Herodoto. Mas he facil o conciliar Quint. com Cicero, dizendo: que este não nega a hum, e outro toda a casta de numero, mas só aquelle, que he effeito da arte, e da reflexão. *Si quae veteres illi (Herodotum dico, et Thucydidem, totamque eam aetatem) apte numeroseque dixerunt, ea, non numero quaesito, sed verborum collocatione ceciderunt.* Orat. 65.

propuzerão outro estilo, que não foi, nem o de Demosthenes, nem o de Platão, os quaes mesmos são dissimilhantes entre si. . . Mas dos differentes estilos, que se propoem os escriptores, trataremos nós logo adiante. Agora vamos a ensinar o que, antes de tudo, deve saber quem quer collocar bem.

Duas especies de Prosa, huma Solta, *outra* Periodica.

§. V. Primeiro que tudo pois he preciso saber que ha huma prosa *Ligada*, ou tecida, e outra *Solta*, (*a*) qual he a de que nos servimos nas Conversaçoens,

---

(*a*) Aquila Rom. *Rhet. Pithae.* pag. 16, e Demetrio *De Eloc.* pag. 13 e 17, edit. Anglic. fazem tres especies de Prosa: huma *Solta*, qual he a das cartas, e conversaçoens, nas quaes, tratando-se em pouco espaço muitos negocios e desvairados por sua natureza, estes consequentemente se exprimem por oraçoens curtas e desligadas: outra *Continuada (tracta, fluens, perpetua)*, qual he a da Historia, em que os feitos e suas circunstancias contingentes, não tendo entre si outra connexão senão a da sua successão, esta se indica na prosa por membros continuados, e atados sómente huns aos outros por conjunçoens copulativas: e a terceira *Periodica*, qual he a dos discursos Oratorios, em que todas as partes de hum raciocinio, tendo entre si relação mutua, vão distinctas em oraçoens de differentes grandezas e ao mesmo tempo ligadas pelo numero, e pelas conjunçoens, não só *copulativas*, mas *racionaes*, *causaes*, *relativas*, *comparativas*, *adversativas*, *etc. Arist. Rhet.* III. 9. chama á segunda especie de Prosa εἰρομένην, καὶ τῷ συνδέσμῳ μίαν, *seguida*, *continuada*, que não tem distinçoens periodicas, e cujos membros todos vão atados pelas conjunçoens copulativas de sorte, que a oração não tem outro termo, senão o da materia. A esta contrapõe elle a terceira, a que chama κατεστραμμένην, isto he, *contortam*, (como lhe chama Cic. *Orat.* 66) e *Periodica*, a qual reparte os pensamentos em certos intervallos, e oraçoens de justa grandeza, que por si mesmas tem hum principio, e hum termo.

A prosa εἰρομένη he a antiga de todos os escriptores Gregos prosaicos, e de Herodoto mesmo. Os nossos escriptores Portuguezes até ElRey D. Manoel, e ainda depois usão da mesma. Sirva de exemplo o principio da Chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão, que he desta maneira: « Começando de « escrever das vidas, e muy excellentes feitos, dinos de eterna me« moria dos muy esclarecidos Reys de Portugal, encommendome « aquelle guiador de seus nobres, e virtuosos coraçoens, Espirito « Santo, que assim como participou com elles de sua infinda graça « para has abrar, me queira dar alguma para hos escrever e

e nas Cartas, excepto quando tratão assumptos superiores á sua natureza, como serião materias Philosophicas, Politicas, e outras similhantes. (*a*)

Nem eu chamo a esta prosa *Solta*, porque não tenha seus numeros, e talvez mais difficeis; mas chamo-lhe assim, porque não he huma prosa seguida, nem travada, nem nella as palavras vão entrelaçadas humas com outras; de sorte que podemos com mais propriedade dizer, que as prizoens nella são mais laxas, que nenhumas. Tambem nas Causas menores tem ás vezes lugar esta mesma simplicidade de prosa, que não exclue todo o numero, mas tem hum, que lhe he proprio, e o que faz tão sómente he disfarçal-o, e fortifical-o sem se perceber. (*b*)

« assentar em devida lembrança, por tal que nom pareçam falecidas minhas palavras na grande excellencia de tam louvadas obras, de cujo louvor ha primeira prova e testemunho será o muy esforçado e manifico Rey D. Affonso Anriques, primeyro Rey de Portugal, fundamento loguo proprio e necessario por Deos ordenado para tam alto cume de gloria destes Reynos, como nelle edificou, segundo o seo imenso louvor nom menos se verá aho diante acrescentado e confirmado pelos Reys seos successores, hos quaes, contando deste prymeiro Rey, sam por todos quatorse com ho Serenissimo de todo o louvor illustrado Elrey D. Manoel nosso Senhor, ho qual vai em deez annos que a ho presente reyna, anno do Senhor de mil e quinhentos e sinco. » Veja-se tambem a prefação de Azurara ás suas Chronicas. *Esta casta de prosa* (continúa Arist. ib.) *he enfadonha por não ter hum termo fixo, que todos naturalmente desejão ver. A Periodica pelo contrario he agradavel, e comprehensivel; agradavel, porque he contraria á que não tem fim; e comprehensivel, porque he facil de se conservar na memoria.*

(*a*) A materia ordinaria das cartas familiares são, como a das conversaçoens, os negocios ordinarios da vida civil. Se pois na fórma de Carta, ou Dialogo eu trato huma materia mais grave e importante, como do Governo Politico, qual he a de Cicero *ad Quintum Fratrem*, *De Petitione Consulatus*, ou materias Philosophicas, como são as Cartas de Seneca o Philosopho: então á proporção da materia deve o estilo levantar, e consequentemente a collocação. A oração periodica pois tem aqui o seu lugar, como nos discursos Oratorios.

(*b*) Quint. diz: *et tantum communit occultius*, metaphora, que Gesnero julga tirada das ruas, que se podem munir occultamente, calçando-as primeiramente com calhão, e cobrindo-as depois com arêa, ou saibro, para o caminho ficar ao mesmo tempo firme, e macio.

A prosa *Ligada* porém tem tres fórmas, que são *Incisos*, a que os Gregos chamão *Commata*; *Membros*, a que os mesmos chamão *Cola*; e *Periodo*, que quer dizer *Rodeio*, *Circuito*, *Serie*, ou *Conclusão*. (*a*) Ora em toda a Collocação tres cousas são necessarias, *Ordem*, *Junctura*, e *Numero*. (*b*)

ARTIGO II.

Da Ordem.

Ordem nas Palavras Separadas.

1. *Ordem Oratoria.*

§. I. Tratemos em primeiro lugar da *Ordem*. Esta deve-se observar, ou nas palavras *Separadas*, ou nas mesmas *Juntas*. (*c*) Palavras Separadas cha-

(*a*) Hum pensamento total contém varios parciaes. Estes podem-se enunciar em differentes fórmas periodicas. Se enunciamos differentes sentidos, ou proposiçoens em porçoens pequenas de discurso da grandeza de hemistichos; esta fórma chama-se *Incizos*, ou *oratio caesim*, ou *incisim procurrens*; se em oraçoens iguaes aos versos hexametros, chama-se *Membros*, ou *oratio membratim procurrens*; se em porçoens maiores equivalentes a dois, tres, quatro, ou mais hexametros, chama-se *Periodo*. V. logo Art. IV. n. 3.

(*b*) A *Ordem* he por respeito ás idêas, e significação das palavras, segundo a relação, que humas tem para as outras ou de *força*, ou de *excellencia*, ou de *gradação*, ou de *successão*, ou de *interesse*. A *Junctura*, ou Melodia he por respeito ao material, e som grato, ou ingrato dos vocabulos, que resulta, ou da qualidade das syllabas, ou da sua união, quer dentro dos mesmos, quer na contextura da oração. O *Numero* he por ordem aos espaços symmetricos, ou seja dos Metros, ou dos Rhythmos, ou das Oraçoens periodicas. A primeira consideração he *Logica*, as outras duas *Musicaes*. V. adiante.

(*c*) As palavras em a oração, ou são continuadas, e homologas, que não determinão, nem modificão humas ás outras, como muitos sugeitos, muitos predicados, e muitos accessorios continuados da mesma especie; e são ἀσύνθετα, ἀσύντακτα, isto he, singulares, independentes, não coordenadas: ou subordinadas humas ás outras para formarem hum sentido, quando humas modificão as outras, ou determinando-as, ou explicando-as, como o agente determina a acção, a acção o objecto,

mamos aquellas, que não compoem phrase. (*a*) Nestas deve-se acautelar que a Oração não desça, e que, depois de empregarmos hum termo mais forte, não ajuntemos outro mais fraco, como, por ex., se depois de *Sacrilego* dissessemos *Ladrão*, ou depois de *Ladrão* ajuntassemos *Petulante*. Pois as idêas devem ir sempre em augmento, crescendo de menos para mais, (*b*) como Cicero fez excellentemente nesta passagem: (*c*) *Tu com similhantes fauces, com similhante costado, com similhante constituição Gladiatoria de todo o corpo?* Pois aqui depois de huma cousa grande vem outra maior. Já se elle principiasse de todo o corpo, não desceria bem ao costado, e ás fauces. (*d*)

---

etc.; e estas chamão-se σύνθετα, σύντακτα, juntas, e ordenadas para formarem hum sentido: e na collocação de humas, e outras se considera a ordem. V. a not. seguinte.

(*a*) A lição vulgar, *quae* ἀσύνδετα *diximus*, limita ás palavras continuadas, sem conjunçoens, huma regra, que igualmente pertence ás mesmas, quando são πολύσυνδετα, ligadas com conjunçoens. A ordem da gradação não se deve guardar menos dizendo: *Tu istis faucibus, et istis lateribus, et ista gladiatoria totius corporis firmitate*, do que dizendo como Cicero: *Tu istis faucibus, istis lateribus, ista gladiatoria etc.* Segui pois a lição do Cod. Gothano, approvada por Gesnero, que tem: *quae* ἀσύνθετα *dicimus*. E com effeito Quint. neste §. considera a ordem nas palavras ἀσυνθέτοις, *continuadas*, que por si não compoem phrase; e no seguinte, nas palavras σύνθετοις, *combinadas em phrase.*

(*b*) Esta he a ordem propriamente *Oratoria*, que Quint. inculcou já nas Provas, tom. I. pag. 217, nas Paixoens, pag. 258. *Ideoque, cum in aliis, tum maxime in hac parte debet crescere oratio. Quia, quidquid non adjicit prioribus, etiam detrahere videtur.* O mesmo diz das Questoens, ib. pag. 301. Esta ordem tem lugar todas as vezes, que se trata de persuadir pelos meios Logicos, Ethicos, e Patheticos, e por consequencia na Elocução, que os representa. Fóra destes casos podemos seguir as outras ordens, que se seguem.

(*c*) *Philipp. II.* 25.

(*d*) Quando affirmamos, e amplificamos, esta he a ordem. Quando porém negamos, e diminuimos, deve-se seguir a ordem retrograda, como se dizendo-te alguem: *Ego tibi semper favi, semper benefeci, semper donavi, saepe etiam vitam restitui*; respondesses: *Tu mihi nunquam vitam restituisti, nunquam donasti, nunquam benefecisti, nunquam favisti.*

2. *Ordem Natural.*

Alem desta ha outra ordem chamada *Natural,* (*a*) pela qual dizemos melhor *homens* e *mulheres*, e *dia* e *noute*, *nascente* e *poente* do que pelo contrario. . .

3. *Ordem Grammatical.*

Alguns com demaziada superstição pertenderão que os *Nomes* fossem antes dos *Verbos*, os *Verbos* antes dos *Adverbios*, os *Substantivos* antes dos *Adjectivos*, e *Pronomes*. (*b*) Porque o contrario se practica frequentemente não sem elegancia.

4. *Ordem Chronologica.*

Da mesma sorte he demaziado escrupulo querer que as cousas, que são primeiras no tempo o sejão tambem na ordem do discurso. (*c*) Não porque isto

---

(*a*) Ordem *Natural* he aquella, em que damos ás palavras o mesmo lugar, que ás cousas, que ellas significão, tem na ordem physica, ou moral, qual he a de prioridade, e posterioridade nos entes successivos, *nascente* e *poente*; ou de subordinação nos coexistentes, como, *homem* e *mulher*.

(*b*) Esta he a *Ordem Grammatical*, e *Analytica*, pela qual se ordenão as partes da oração segundo a subordinação, que humas tem para as outras; o sugeito, por ex., primeiro que o verbo, o verbo primeiro que o termo da sua acção, a preposição primeiro que o seu complemento, o substantivo primeiro que o adjectivo, ou proposição incidente, que o modifica etc. Quint. nota aqui Dionysio de Halicarnasso, que περὶ συνθεσ. Cap. V. diz o que aqui transcreve Quint. « Parecia-me que, seguindo a « natureza, deveriamos construir as partes da oração, como « ella quer deste modo: primeiramente julgava eu deverem os « *Nomes* preceder aos *verbos*, porque aquelles indicão a substan- « cia, e estes o accidente, e que na natureza primeiro está a « substancia que o accidente . . . . Alem disto assentava era me- « lhor pôr primeiro os *Verbos* que os adverbios; pois que primeiro « he na natureza a acção, ou paixão do que os seus accessorios. . . « Queria mais, que os *Substantivos* precedessem aos *Adjetivos*, « os *Appellativos* aos *Substantivos*, e os *Pronomes* aos *Appellativos*, « *etc.* » Mas o mesmo Dionysio propõe entre outras esta ordem como huma hypothese, que elle mesmo mostra desmentida pela practica contraria dos melhores escriptores, e reduz todo o fundamento da collocação ao sentimento do ouvido.

(*c*) He esta a *Ordem Chronologia*, ou *Historica*, em que seguimos na narração dos successos a mesma ordem, com que acontecêrão.

de ordinario não seja o melhor, mas porque ás vezes são mais fortes as cousas, que acontecêrão d'antes, e por esta razão se devem pospôr ás menos fortes. (*a*)

Ordem nas palavras Juntas. Ella, ou he Directa, *ou* Inversa.

I. *Inversoens por causa da Harmonia.* 1. *para a procurar.*

§. II. No Latim, permittindo-o a Collocação, o melhor he fechar o sentido com o verbo. Porque neste he que reside a alma da oração. (*b*) Se a collocação porém ficar aspera, então esta regra cede á da harmonia, como vemos que os maiores Oradores, Gregos, e Latinos, estão fazendo continuamente. Certamente todas as vezes que o verbo não fechar a oração ha Hyperbaton, admittido já entre os Tropos, e Figuras, que servem ao ornato. (*c*) Na ver-

(*a*) No conflicto pois de qualquer destas tres ordens, *Grammatical*, *Natural*, e *Chronologica* com a *Oratoria*, a regra he, seguir esta como mais conducente ao fim da persuasão. Fóra deste cazo dever-se-hão seguir tambem as mais.

(*b*) A ordem das palavras juntas, e subordinadas humas ás outras para formarem hum sentido, ou he *Directa*, ou *Inversa*. A Directa he de dois modos: ou as palavras seguem a ordem da sua subordinação, e he a mesma que a Grammatical; ou a ordem e construção habitual da lingua segundo o seu genio e uso; e esta, ainda que he a Inversa da Directa, com tudo pelo habito se tem feito natural, e directa. Neste sentido chama Quint. no fim deste §. *Ordem natural, ordem directa (ordinem rectum)* da lingua Latina o fechar sempre a phrase com o verbo, e Hyperbaton, ou ordem inversa aquella, em que o verbo se transpõe do fim da oração para outra parte; sentimento diametralmente contrario á opinião daquelles, que com Mr. Beauzeé pertendem provar com authoridade de Quint. e outros, que a ordem, que os Latinos tinhão por natural, e directa era a Grammatical, e Analytica, fundada nas relaçoens de subordinação. V. o que dissemos nos Tropos sobre o Hyperbaton.

(*c*) Assim como ha duas especies de ordens directas, assim Quint. distingue duas especies de inversoens, ou hyperbatos; hum que he tropo, em que as idêas ligadas por sua natureza se separão e se transpoem no discurso; outro, que he figura da collocação, em que, sem se inverterem muitas vezes as idêas, se inverte a construção ordinaria da lingua Latina, para dar ao discurso mais harmonia. Nestas palavras *in duas divisam esse partes* ha hum e outro hyperbaton. O tropo, na separação de

dade as palavras não forão feitas ao compasso, segundo certos pés, (*a*), e por isso se transferem na oração de hum lugar para outro, a fim de se ajustarem onde melhor quadrão; assim como nas paredes feitas de pedras brutas a mesma irregularidade dellas acha sitio, a que se possa applicar, e onde assente. Com tudo são felicissimos aquelles periodos, em que acontece haver ao mesmo tempo a ordem natural da lingua Latina, (*b*) huma juntura coherente nas pa-

---

duas partes, e a figura, na transposição do verbo *divisam esse* do fim da phraze, onde tem o seu lugar proprio, para traz. V. Quint. VIII. 6. 67. Os hyperbatos, ou inversoens da construção ordinaria fazem-se, ou por causa da Harmonia, ou do Sentido. Das primeiras tanto boas, como más trata Quint. neste §., e das segundas no seguinte.

(*a*) Para as cadencias periodicas são precisos certos pés, como veremos; nem todas as palavras os tem, e por isso são necessarias as transposiçoens para a Harmonia.

(*b*) A ordem natural e directa da lingua Latina, como dissemos, he fechar sempre o sentido com o verbo. Ora fazendo-se a oração numerosa por tres modos, (segundo Cicero, *Orat.* 44. 49. 60. 61) ou *necessario*, pela concinnidade, de que fallámos acima no Cap. antecedente Art. III. §. 1. e 2; ou *de industria*, procurando o numero por meio das transposiçoens; ou *casu, et compositione ipsa*, quando a mesma ordem directa, e natural da lingua casualmente cahe harmoniosamente: muitas vezes acontecia felizmente encontrar-se a ordem directa da lingua Latina com o numero, sem ser preciso fazer transposição alguma; e então as cadencias harmoniosas erão tanto mais para estimar, quanto menos affectadas. Cicero ibid. n. 65 explica isto, e dá o exemplo. *Et quoniam non* Numero *solum numerosa oratio*, *sed et* Compositione *fit, et* Genere, *quod ante dictum est* Concinnitatis: *compositione potest intelligi, cum ita structa sunt verba, ut numerus non quaesitus, sed ipse secutus esse videatur, ut apud Crassum:* Nam ubi libido dominatur, innocentiae leve praesidium est. *Ordo enim verborum efficit numerum sine ulla aperta oratoris industria.* O que confirma admiravelmente que a ordem natural dos Latinos não era a Grammatical. No periodo pois de Crasso ha 1. a Ordem natural, porque leva o verbo no fim com as duas idêas *innocentiae praesidium*, que lhe pertencem, ligadas proximamente huma á outra. 2. A Junctura corre suavemente, porque não tem concurso aspero de consoantes, nem hiatos de vogaes na união dos vocabulos. 3. A cadencia he numerosa, porque, como observa Quint. aqui, n. 109, *Optime est sibi junctus Anapaestus, ut qui sit Pentametri finis, vel Rhythmus, qui nomen ab eo traxit,* Nam ubi libido dominatur, innocentiae leve praesidium est. *Nam synaloephe facit, ut ultimae syllabae pro una*

lavras, e juntamente huma cadencia harmoniosa, e opportuna.

Inversoens viciosas.

Ha porém humas transposiçoens, que são muito longas em demazia, como atraz dissemos, (*a*) e outras viciosas pelo mesmo genero de Collocação, que se affecta de proposito para dar ao estilo hum ar de dança effeminado, taes como estas de Mecenas. (*b*) *Sole, et aurora rubem plurima. Inter sacra movit aqua fraxinos. Ne exsequias quidem unus inter miserrimos viderem meas.* E esta ultima tem de peior ainda que as outras, o brincar com a collocação em hum assumpto triste. . .

2. *Para a disfarçar.*

Costumava Afro Domicio transpôr para o fim dos periodos certas palavras, principalmente nos Proemios, (*c*) só a fim de fazer aspera a collocação;

---

sonent. Mollior fiet praecedente Spondaco, vel Bacchio, ut si mutes idem: Leve innocentiae praesidium est. Mas então já ha hyperbaton tropo.

(*a*) Liv. III. Cap. III. Art. II. §. 2. Estas transposiçoens longas, e violentas são viciosas não só por serem muitas vezes escuras, mas tambem por serem affectadas, e procuradas para darem ao discurso huma harmonia muito sensivel. Quint. no fim deste Cap. diz: *Sed neque longioribus, quam oportet, hyperbatis compositioni serviamus, ne, quae ejus gratia fecerimus, propter eam fecisse videamur.*

(*b*) Mecenas, valido de Augusto, e protector dos homens de letras tinha no seu estilo, e composição das palavras a mesma affectação, que no traje, e composição do corpo. Augusto o investia frequentemente por amor desta affectação. V. Suet. cap. 66. Meibonio no seu *Mecaenas*, ou *De C. Clinii Mecaenatis vita, moribus, et rebus gestis*, colligio tudo o que se acha espalhado na antiguidade, relativo a este homem celebre. Porém omittio estes fragmentos citados por Quint. Em todos elles só com a mudança de verbo Mecenas deu a estas phrazes a cadencia dos versos trimetros, a qual, segundo Quint. aqui, n. 108, he *exultantissima, et lascivi carminis.* Ora esta especie de composição he impropria, principalmente no meio da dôr; porque *lenitati, et compositioni numerosae studere non est hominis commoti, sed ludentis, ac potius se ostentantis*, como bem observa Demetrio, *De Elocut.*, e Quint. no fim deste Cap. §. penult.

(*c*) Onde principalmente não deve apparecer estudo na com-

como, por exemplo, a favor de Cloantilla: *Gratias agam continuo*, e a favor de Lelia: *Eis utrisque apud te judicem periclitatur Laelia.* Tanto evitava elle o prazer de huma harmonia doce, e delicada, que correndo-lhe naturalmente os numeros, elle se oppunha a elles de proposito para os sustar. (*a*)

II. Inversoens por causa do sentido. 1. *Para lhe dar mais força.*

§. III. Com tudo succede muitas vezes haver huma força, e energia especial em huma palavra, a qual, se fica escondida no meio do pensamento, facilmente se não adverte á sombra das outras, que a cercão; porém posta no fim do periodo, aponta-se ao ouvinte, (*b*) e se lhe fixa no espirito, (*c*) como se vê neste lugar de Cicero: (*d*) *De sorte que na presença mesma do Povo Romano te viste obrigado a vomitar hum dia depois.* Transpõe para outro lugar esta ultima palavra Ficará já com menos força. Pois a ponta, para assim dizer, de todo este fio de idêas está em accrescentar á necessidade de vomitar por si mesma

---

posição. V. tom. I. pag. 122. §. 1. e 2. e not. *Ideoque vincta quaedam quasi solvenda de industria sunt, illa quidem maximi laboris, ne laborata videantur.* Quint. hic n. 144.

(*a*) Metaphora tirada dos que remão pelo rio abaixo, os quaes, para suster a embarcação, *inhibent remos*, remão ás avessas da proa para a poupa.

(*b*) *Assignare*, na significação de mostrar com algum sinal, e apontar, he do tempo de Quint., e de Plinio, que no mesmo sentido diz Epist. 17. 23. *Mire concupisco bonos juvenes ostendere populo, assignare famae.* O lugar de Quint. pois não he singular, como diz Forcelino.

(*c*) Assim como o Pintor tem tres meios para pintar os objectos, o *Desenho*, as *Cores*, e o *Claro e escuro*, assim o Orador, e Escriptor tambem tem tres para pintar as idêas. A exactidão e ordem dos pensamentos corresponde ao desenho, as expressoens Tropicas e Figuradas ás côres, e a Collocação das palavras ao claro escuro. Assim como pois os Pintores poem frente ao perto os objectos, que querem interessem mais, e ao longe os que são menos interessantes: assim o Orador põe as idêas, que quer imprimir mais, ou no fim dos periodos, ou no principio. Estes são os lugares mais claros da oração, e os escuros são os do meio da phraze.

(*d*) *Philipp.* II. 25.

feia, esta nova fealdade, que já se não esperava; que o comer se não podia reter *hum dia depois.* (a)

2. *Para lhe dar mais clareza.*

Tambem ninguem ha que ignore que da má construção das palavras nascem as Amphibolias. (b) Estas são as cousas, que julgo se podião dizer em compendio a respeito da *Ordem*, (c) a qual sendo

---

(a) Todos os bons Escriptores observão esta regra de Quint. Virg. *En.* IV. 309. deu força ás palavras de Dido, dirigidas a Eneas, por meio desta transposição para o fim da phraze

Quin etiam hyberno moliris sidere classem,
Et mediis properas aquilonibus ire per altum
Crudelis.

E Liv. X. 44. *Si nulla est regio Teucris, quam det tua conjux*
Dura.

Horacio da mesma sorte *Od.* I. 28. faz ver a huma só vista as operações laboriosas do Astronomo atalhadas de repente pela morte, que lhe põe o termo.

- - - - *Nec quidquam tibi prodest*
Aerias tentasse domos, animoque rotundum
Percurrisse polum, morituro

Que força de expressão neste *morituro* terminando a phraze?

(b) Quint. VII. 9. 7. assignando varias especies de Amphibolias, diz se fazem tambem *per collocationem, ubi dubium est quid quo referri oporteat, cum id, quod medium est, utrinque possit trahi, ut de Troilo Virgilius:* Lora tenens tamen. . . *Hic utrum quod teneat tamen lora, an quamvis teneat, tamen trahatur, quaeri potest, etc.*

(c) Colligindo toda esta doutrina das Inversoens em dois pontos de vista principaes, as transposiçoens em qualquer lingua fazem-se I. Por amor da harmonia, já para a procurar, já para a disfarçar. Procurando-a por este meio, em dois vicios podemos cahir; hum das transposiçoens longas e violentas, quando por amor de huma cadencia numerosa embrulhamos a phraze; outro das transposiçoens affectadas para procurar as cadencias molles, e brincadas. II. Por amor do sentido, já para pôr nos lugares claros as idéas, em que temos mais interesse, e as menos interessantes nos escuros: já para evitar a ambiguidade. Póde-se accrescentar huma III. razão, que he para exprimir a linguagem da paixão, inversa da do raciocinio, e reflexão. Hum homem agitado, e hum homem tranquillo não arranjão as suas idéas pela mesma ordem. Hum pinta com calor, outro discorre a sangue frio. A linguagem pois daquelle he a expressão das relaçoens, que as cousas tem com o seu modo de ver, e de sentir. A sua ordem he a do interesse. A linguagem deste he a expressão das relaçoens, que as cousas tem entre si. Ambos obedecem a maior ligação das idéas, e cada hum com tudo usa

viciosa, ainda que a oração tenha *Junctura*, e *Harmonia*, com razão se deve chamar desconcertada.

ARTIGO III.

Da Junctura, ou Melodia.

I. *Vicios da* Dissonancia. 1. *O* Cacophato.

§. I. Segue-se *a Junctura*. (*a*) Esta tem lugar nas *Palavras*, nos *Incizos*, nos *Membros*, e nos *Periodos*. Porque todas estas cousas tem virtudes, e vicios na união mutua de humas com outras. (*b*) E para seguirmos esta mesma ordem, em primeiro lugar estão aquelles vicios, que os mesmos ignorantes notão, e chegão a reprehender, quaes são os que resultão da união de duas palavras, de cuja ultima syllaba da

---

de differentes construcçoens. A deste he a *Directa*, e a daquelle a *Inversa*.

(*a*) No Art. antecedente tratou Quint. da parte *Logica* da collocação relativa ás idéas. Daqui por diante trata da parte *Mechanica*, ou *Musical* da mesma, relativa aos sons. Ora assim como na Musica ha Canto, ou *Melodia* na successão dos sons graves e agudos; ha *Numero* no compasso, e medida dos tempos, e espaços; ha *Harmonia*, ou symphonia no concerto e concordia de muitos sons simultaneos: assim Quint. distingue estas tres cousas na parte musical da elocução, e trata de todas por esta mesma ordem nos tres Artigos seguintes. Neste trata da *Melodia*, a qual he o sentimento agradavel ao ouvido, que resulta da variedade, e consonancia dos sons, que se fazem ouvir successivamente. Estes sons articulados, ou se considerão dentro de huma palavra, e a sua consonancia chama-se Euphonia, da qual fallou Quint. atraz Cap. IV. Art. III. §. 1., e mais largamente Cicero *Orat.* cap. 18.; ou na união de muitos vocabulos successivos, e chama-se *Junctura*, ou *Melodia*. A primeira depende da escolha das palavras, a qual não he deste lugar; a segunda da sua collocação, e por isso della trata aqui Quint.

(*b*) As virtudes da melodia musical são a *Variedade*, e a *Consonancia*, e os vicios oppostos a *Monotonia*, e a *Dissonancia*. As mesmas virtudes e vicios ha na melodia oratoria. Quint. considera a dissonancia nos *Cacophatos*, nos *Hiatos*, e na *Collizão* das consoantes; e a monotonia nos *Echos*, na *Continuação* dos monosyllabos, das breves, e das longas, e na *Continuação* das mesmas partes da oração, dos mesmos casos, e dos mesmos consoantes.

primeira, e primeira da seguinte se fórma algum nome indecente. (*a*)

2. *Os* Hiatos.

§. II. Em segundo lugar o concurso das vogaes, o qual acontecendo, a oração faz hiato, pára na sua carreira, e padece huma especie de molestia, e trabalho. (*b*) O hiato peior he o que se faz de duas longas, em que concorrem as mesmas vogaes, principalmente sendo daquellas, que se pronuncião com a bôca, ou mais concava, ou mais aberta. (*c*) A le-

---

(*a*) Chamado por isso κακέμφατον, de que fallou Quint. nos vicios do Ornato Cap. IV. Art. IV. §. 3.

(*b*) *Hiatus* he huma palavra Latina, que significa abrimento da bôca, e por metonymia do effeito pela causa, se deu este nome áquella especie de dissonancia, que resulta da pronunciação violenta, e custosa de duas vogaes consecutivas, que não são separadas, huma da outra, por articulação alguma intermedia. Depois de huma abertura necessaria á emissão de huma voz, se se segue outra immediatamente; he preciso fazer huma especie de paragem para entoar esta segunda, e não confundir os dois sons. Daqui a difficuldade e trabalho do orgão, que sente quem pronuncia, e consequentemente quem ouve. Pois he hum principio indicado, e confirmado pela experiencia, que o embaraço do que falla affecta desagradavelmente a quem ouve. *Id enim auribus nostris gratum est inventum, quod hominum lateribus non solum tolerabile, sed etiam facile esse posset. Cic. de Orat.* III. 46. O hiato póde ser dentro da mesma palavra, como nesta *Cooperar;* ou entre duas, das quaes huma acaba, e outra começa por vogal, como: *Elle me obriga a hir ahi.* Este segundo he que pertence só á collocação.

(*c*) O embaraço mechanico do hiato he em razão composta da duração, e similhança das vozes, e maior, ou menor abertura da bôca, necessaria para a sua emissão. 1. Duas vogaes longas consecutivas durão quatro tempos, e sendo breves, levão só dois. O hiato pois de duas longas he dobrado do de duas breves. 2. Os movimentos dos orgãos, quanto mais uniformes são, mais canção as fibras, que os produzem. Dois *aa* pois, ou dois *ee* hão de causar hum hiato mais fatigante do que *a e*, e *e i*, e assim nos mais. 3. Quanto maior he a abertura, e concavidade do orgão vocal, mais violenta he a sua postura. As vogaes pois, para cuja pronunciação se requer maior força dos musculos, para abrir, e alargar o canal, hão de ser mais custosas, e o seu concurso produzir hum hiato mais violento. Na gradação descendente das aberturas vocaes esta he a ordem das vozes Portuguezas. *A* grande oral, *A* grande nazal, *A* peque-

tra E pronuncia-se com a bôca mais chata, e o I com ella mais fechada, e por isso nestas vogaes o hiato he menos sensivel. (*a*) Menos peccará aquelle, que puzer as breves depois das longas, e muito menos quem puzer huma vogal breve atraz da longa. Em duas breves quasi que não ha hiato. (*b*) E bem assim quando as vogaes se poem humas apoz das outras, o seu concurso será tanto mais, ou menos violento, confórme ellas se pronunciarem com a mesma abertura da bôca, ou com differente. (*c*)

Com tudo estes pequenos defeitos não se devem temer como hum grande crime, e nesta parte não sei qual dos dois extremos seja peor, se a negligencia, ou o disvelo. Pois este medo ha de necessariamente interromper o curso da Eloquencia, e apartar-nos de cuidar no que mais nos importa. Pelo que, assim como he huma especie de desmazelo o cair continuamente nestes hiatos, assim o he de baixeza o temel-os a cada passo; e com razão são notados de excessivos

---

no, *E* grande oral aberto, *E* nazal, *E* grande oral fechado, *E* pequeno, *E* surdo, *I* oral, e *I* nazal. E na gradação descendente do orgão vocal alongado, e concavo a ordem he, *O* grande oral aberto, *O* grande nazal, *O* pequeno, *U* oral, e *U* nazal.

(*a*) Rejeitadas as liçoens novas de Regio, e Rollin de *plenior*, e *lenior*, deve-se conservar a antiga dos Mss. que diz: E *planior litera est*, I *angustior*. Quint. não compára estas duas vogaes entre si, como pertende Burmanno, mas com as que se pronuncião *cavo ore*, como o *O*, e *aperto ore*, como o *A*; e em comparação do *O*, o *E* he mais chata *(planior litera)*, e o *I* mais fechada *(angustior)* em comparação do *A*. *Planus* contrapõe-se a *cavus*, o *angustus* a *apertus*.

(*b*) Vê-se isto claramente nos nossos dipthongos de *ai*, *aü*, em *gaita*, *pauta*, e outros, em que a segunda vogal pela sua brevidade faz hum som composto com a longa antecedente, e não hiato. Da mesma sorte nas palavras *fiar*, *theatro*, *poír*, o hiato he pouco sensivel, porque a primeira vogal he tão rapida, que, para se precipitar sobre a segunda, apenas se percebe. Nestas palavras, *Este estranho acontecimento*, os dois hiatos apenas se fazem aperceber pela brevidade das vogaes.

(*c*) Assim o hiato de dois *AA*, dois *EE*, dois *OO*, que se pronuncião com a mesma abertura da bôca, são mais asperos do que de *AI*, *EI*, *OI*, que se pronuncião com differente. A contensão das mesmas fibras na mesma postura cança mais, que em differente. V. not. (*b*) antec.

neste cuidado todos os discipulos de Isocrates, e especialmente Theopompo. Demosthenes porém, e Cicero derão hum cuidado mediocre a esta parte. (*a*) Com effeito as Synalephas fazem a oração mais suave, do que pronunciando todas as palavras com as suas finaes. (*b*) Os hiatos tambem ás vezes fazem huma belleza na oração, e servem a dar grandeza a algumas cousas, como por exemplo: *Pulchra oratione acta omnino jactare.* (*c*) Alem disto, as syllabas de sua na-

---

(*a*) O mesmo recommenda Cicero no seu *Orad.* 44. « Vejamos « (diz elle) esta primeira parte da Collocação, que requer mais « cuidado a fim de dar estructura á oração; mas sem constran« gimento, nem esforço. Pois, a havel-o, seria hum trabalho « infinito, e pueril, que com graça reprehende Scevola em Al« bucio, com estes versos de Lucilio:

Com quanta graça, e arte ajustadas
As palavras estão bem como as pedrás
No ladrilho, ou mosaico embutidas.

« Quanto a mim não quero que huma collocação tão escrupulosa « appareça. Hum estilo exercitado fará tudo isto com facilida« de. Assim como os olhos lendo, assim o espirito, fallando « nós, verá o que se segue, para que o concurso dos fins, e « principios das palavras não fação as phrases hiulcas, ou aspe« ras. Pois, ainda que os pensamentos sejão agradaveis, e gra« ves, se se exprimirem com huma phrase dura, e descompo« sta, offenderáõ os ouvidos, cujo gosto he o mais escaimoso... « Alguns notão de excessivo nesta parte a Theopompo por fugir « tanto destes concursos, bem que nisto seguio a seu mestre Iso« crates. »

(*b*) Quint. para mostrar que nem todos os hiatos se devem temer como hum grande crime; assigna quatro casos, em que, tão longe estão de ser viciosos, que antes dão graça ao discurso. O 1. he quando fazem a oração mais euphonica, e suave por meio das synalephas, ou elizoens, supprimindo a voz final de huma palavra antes de outra, que começa por vogal, como neste verso de Virg. *En.* II. 1.

Conticuere omnes, intentique ora tenebant.

Mr. d'Alambert, *Encyclop.* Verb. *Elision*, duvída se na prosa Latina as elizoens terião lugar, como no verso, ainda que se inclina mais a que sim. Este lugar de Quint. porém tira toda a duvida. Na Prosa Portugueza uzamos continuamente dellas, como no verso:

Mais do que permitti' a forç' humana. Cam. *Lus.* I. 2.

Quem não sente a euphonia destes versos, nascida das elizoens?

(*c*) O 2. caso, em que os hiatos dão graça, he, quando o concurso das vogais mais abertas, e sonoras, quais são os *AA*, e *OO*, assim os oraes como nazaes, dão á oração hum som mais

tureza longas, e gordas, para assim lhe chamar, tomão hum pequeno espaço de tempo entre as duas vogaes consecutivas, como quem pára na carreira. (*a*) Assim a respeito delles me servirei da observação de Cicero nas seguintes palavras: *Tem*, diz elle, *aquelle hiato, e concurso das vogaes não sei que delicadeza, que deixa entrever hum deleixo nada desagradavel de hum homem occupado mais nas cousas que nas palavras.* (*b*)

---

claro, grande, cheio, e proprio por isso mesmo a exprimir as cousas grandes. Assim os tres, ou quatro hiatos desta oração: *Pulchra oratione acta omnino jactare*, pintão admiravelmente a bazofia de hum homem, que á bòca cheia se gaba das suas proezas. Demetrio, *De Eloc.*, fez á mesma observação, dizendo: Διαιρεθέντα, καὶ συγκρουσθέντα εὐφωνότερα, ὡς τὸ: Πάντα μὲν τὰ νέα, καὶ καλὰ ἐστιν. εἰ δὲ συναλείψας εἴποις: Καλ᾽ ἐστιν, etc. *As vogais divididas, e collidindo-se, são mais soantes, como:* Tudo, o que he novo, tambem mais bello he. *Se porém dissesses com synalepha:* Bell'he, etc.

(*a*) O 3. caso he, para dar ao discurso a mesma difficuldade, fadiga, e trabalho, que tem a acção que se pinta. Os hiatos neste caso são imitativos, e servem a fazer a expressão mais pinturesca. Assim como as dissonancias na Muzica, se desagradão ao ouvido pela aspereza dos sons, agradão ao espirito, e ao coração pela força da expressão, quando se trata de pintar certos objectos, como os transportes irregulares do amor, os furores de colera, as perturbaçoens da discordia, os horrores de huma batalha, o estampido de huma tempestade, etc.: assim acontece o mesmo nestas dissonancias da Melodia Oratoria. A principal belleza do verso 594 do Liv. XI. da *Odyssea*, em que Homero exprime o esforço, difficuldade, e cansaço de Sisypho em levar o rochedo pelo monte acima, lhe vem dos hiatos: Λᾶαν ἄνω ὤθεσκε... V. supr. Cap. IV. Art. III. §. 2.

(*b*) O 4. caso, em que os hiatos são louvaveis, he, quando se quer exprimir no estilo simples, e natural o deleixo de hum escriptor occupado todo da sua materia. *Quaedam etiam negligentia est diligens;* diz Cicero, *Orat.* 23., donde he tirado este lugar citado por Quint. Antes delle tinha dito o mesmo Cicero, fallando do estilo simples: *Primum igitur eum tamquam e vinculis numerorum eximamus. Sunt enim quidam, ut scis, oratori numeri, de quibus mox agemus, observandi ratione qaadam, sed alio in genere orationis, in hoc omnino relinquendi. Solutum quiddam sit, nec vagum tamen, ut ingredi libere, non ut licenter videatur errare. Verba etiam verbis quasi coagmentata negligat. Habet enim ille tanquam hiatus, etc.* Estas negligencias procuradas estão bem particularmente no estilo Dialogico, e Epistolar. Cic. ibid. 44. observa que Platão não fugia destes hiatos, não só nos seus dialogos, *ubi*

3. *O* Concurso *das Consoantes asperas.*

§. III. Tambem as consoantes, e especialmente aquellas, que são mais asperas, fazem seu choque na junctura dos vocabulos, como acabando a primeira palavra por *S*, e a seguinte começando por *X*; (*a*) e este rangido será ainda mais ingrato, encontrando-se duas consoantes destas da mesma especie, (*b*) como *Ars studiorum*; e esta foi a razão, que Servio teve para subtrahir ás palavras o *S* final, seguindo-se consoante....

II. Vicios da Monotonia. I. *Os* Echos.

§. IV. Tambem se deve ver que a palavra seguinte não comece pelas mesmas syllabas, em que acaba a antecedente. (*c*) E para que ninguem se ad-

---

etiam de industria id faciendum fuit, mas ainda naquella oração funebre em louvor dos que morrerão na guerra, que mereceo tal approvação, que ficou em costume, e lei o recitar-se todos os annos no dia anniversario. Cicero tambem affecta de proposito estes encontros das vogaes nas suas cartas. Logo no principio da primeira a Lentulo começa elle: *Ego omni officio, ac potius pietate erga te, etc.*

(*a*) Como, *exercitus Xerxis, ars Xenocratis.* Se considerarmos as consoantes por ordem ás partes organicas do instrumento vocal, que as produzem; as das extremidades do canal mais faceis, e doces; e as do meio mais difficeis, e asperas. Consequentemente as *Labiaes* são mais suaves, depois as *Gutturaes*, e as mais asperas as *Linguaes.* Se considerarmos as consoantes do mesmo orgão entre si, as *Tenues* são mais doces, e as *Fortes* mais asperas, o *B*, por ex., he menos aspero que o *P*, o *D* que o *T*, o *G* que o *C*, o *R* que o *RR*, e o *Z* que o *S*.

(*b*) Diz: *Da mesma especie*, isto he, do mesmo orgão; o que póde ser de dois modos; ou acabar a palavra por huma consoante, e a seguinte começar pela mesma, como, *ars studiorum*: ou acabar pela *tenue*, e principiar pela *forte* do mesmo orgão; como, *B P*, *T D*, *C G*, *R RR.* Este concurso he aspero, porque se o movimento de hum orgão succede bem ao de outro, não póde succeder bem a si mesmo sem violencia. Alem de que, sendo do mesmo orgão, huma ha de ser *tenue*, e outra *forte*, o que depende de movimentos oppostos.

(*c*) Estes *Echos* da mesma syllaba, ou articulação repetida nos principios e fins, ou nos fins e principios das palavras, a que os Gregos chamão παρήχησις, mostrão affectação, ou des-

mire de darmos este preceito, estes descuidos escapárão a Cicero mesmo nas Cartas, quando disse: *Res mihi invisae visae sunt, Brute*, (*a*) e no Poema:

O' fortunatam natam, me consule, Romam. (*b*)

2. *A continuação dos monosyllabos, das breves, e das longas.*

§. V. Será tambem vicio pôr seguidos muitos monosyllabos. (*c*) A oração cortada pelas muitas clausulas necessariamente ha de ir como aos pulos. E

---

cuido culpavel, como naquelle verso de Ennio, notado por isso mesmo pelo Author da *Rhet. a Herenn.* IV. 12.

O Tite tute Tati tibi tanta tyranne tulisti,

e em estoutro do mesmo,

Africa terribili tremit horrida terra tumultu.

Com tudo Virg. *En.* III. 183. cahio no mesmo descuido: *casus Cassandraca nebat.* Os exemplos, que Vossio, *Rhet.* IV. 2. 4. accumula, para justificar similhantes echos, ou são jogos de quem brincava, ou de authores não do melhor gosto, ou inadvertencias dos de bom. Por isso sempre se devem condemnar, excepto quando são imitativos, como estes no mesmo Virg. *En.* V. 402.

Genua labant, vastos quatit aeger anhelitus artus,

E VI. 176.: *Quinquaginta atris immanis hiatibus hydra*,

e o de Camoens *Lus.* X. 29.

O mar todo com fogo, e ferro ferve.

Fóra deste caso, nunca poderáõ ter lugar em huma obra séria.

(*a*) Vossio no lugar citado pertende, contra o sentimento de Quint., que Cicero advertidamente repetira as syllabas nestes dois lugares por amor da Paronomasia. Mas similhantes jogos em materia séria não são criveis em hum orador daquelle gosto.

(*b*) Por amor deste verso, e outros do poema, que Cicero compoz sobre o seu Consulado, ou *Dos seus tempos*, incorreo o mesmo no odio de muitos, que depois lhe machinárão o seu desterro, e na critica de outros, que tanto o julgavão habil na Eloquencia, como inhabil para a Poesia. Juvenal *Sat.* X. mofa assim deste verso;

O fortunatam natam, me Consule, Romam!
AntonI gladios poterat contemnere, si sic
Omnia dixisset. Ridenda poemata malo,
Quam te, conspicuae divina Philippica famae,
Volveris a prima quae proxima . . .

(*c*) Virg. ajuntou cinco neste verso da En. XII. 833.

Do quod vis, et me victusque, volensque remitto.

E Camões ajuntou cinco, sete, e oito nestes versos,

Canç. XIV. 4.: *Que mal não ha mais longo, que hum bem breve*
Lus. I. 28. *Do mar, que vé do Sol a roxa entrada.*
Eleg. III. 3. *Se de ti nem meu mal se me consente.*

por isso mesmo se deve evitar tambem a continuação dos verbos, e nomes, que constão de syllabas breves, como pelo contrario se deve fugir igualmente a das palavras longas, porque fazem a marcha da oração vagarosa. (*a*)

3. *A continuação dos mesmos casos, consoantes, e partes da oração.*

§. VI. Igualmente são vicios da Junctura pôr seguidas na oração muitas palavras, que acabão nos mesmos cazos, nos mesmos consoantes, e nas mesmas terminaçoens; (*b*) nem outrosim he bom pôr muitos verbos, muitos nomes, e outras partes da oração continuadas; porque as bellezas mesmas vem a causar tédio, se não são ajudadas da graça da variedade.

A Junctura dos Membros e dos Incizos, não preciza observar-se com tanto escrupulo, como a das palavras; bem que nelles tambem concorrem os fins de huns com os principios de outros. (*c*) O que nestes mais interessa á Collocação he a boa ordem, com que se dispoem, qual se vê no lugar de Cicero: *Vomens frustis esculentis, vinum redolentibus, gremium suum, et totum tribunal implevit.* (*d*) Pelo contrario nesta

(*a*) Esta regra tem huma excepção, e he, quando a continuação das breves, e das longas ajudão a exprimir, ou a velocidade, ou o vagar dos movimentos dos objectos. Então bem longe de ser vicio, he huma virtude. Comparem-se os dois versos de Virgilio:

Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum,
e *Olli inter sese multa vi brachia tollunt*
In numerum . . .

E ver-se-ha como o primeiro todo de dactylos serve para pintar admiravelmente a ligeireza do cavallo, e o segundo feito de spondeos a difficuldade dos Cyclopes em levantar a compasso as grandes maças de ferro.

(*b*) Como se dissessemos: *Flentes, plorantes, lacrimantes, obtestantes*, exemplo do Author da *Rhet. a Herenn.* IV. 12.

(*c*) A razão he, porque, como a voz entre incizo, e incizo, entre membro, e membro, entre periodo, e periodo faz huma pausa maior do que entre as palavras de huma phrase; os concursos e encontros das vogaes, das consoantes, e os cacophatos não se fazem tão sensiveis como entre os vocabulos de huma oração juntos pela continuidade da pronunciação.

(*d*) *Philipp.* II. 25. onde *gremium*, que he menos, precede *totum tribunal*, que he mais.

passagem do mesmo Cicero (pois muitas vezes me servirei dos mesmos exemplos para differentes fins, para os principiantes se familiarizarem mais com elles) *Saxa, atque solitudines voci respondent, bestiae saepe immanes cantu flectuntur, atque consistunt*, as idêas cresciāo mais, invertendo a ordem: pois mais he moverem-se os *rochedos* do que as *feras*. Venceo com tudo a razāo da harmonia. (*a*)

ARTIGO IV.

Do Numero, ou Compasso.

Que cousa seja Numero, *e suas differenças do* Metro.

§. I. MAs passemos já aos *Numeros*. Toda a estructura, medida, e ajuntamento de vocabulos consta, ou de *Numero* (pelo qual quero se entenda o *Rhythmo*), (*b*) ou de *Metro*, isto he, de certa medi-

---

(*a*) He por ventura licito a hum orador inverter a ordem, e gradação natural das idêas só por amor do numero? Desprezar o necessario, para seguir o prazer da orelha? He isto crivel em hum orador, como Cicero? Por isso Victorio *Var. Lect.* 13. 16. quer antes entender as palavras *Saxa, atque solitudines voci respondent* do Echo, no qual sentido certamente he isto menos do que *bestias immanes cantu flecti, atque consistere.*

(*b*) *Numero,* ou compasso, geralmente fallando, he a *Symmetria, e proporção das partes aliquotas, e successivas de hum tempo commum, em que se faz algum movimento.* Suidas. V. ῥυθμὸς, seguindo as idêas dos antigos, diz: Ὁ ῥυθμος λέγεται συμμετρία ὢν τοῦ χρόνου, ἐν ᾧ ἡ κινήσις γίνεται. Estas partes aliquotas, para se poderem medir e combinar, devem ser distinctas, e marcadas, ou por syllabas, ou por cadencias *(impressiones)*, ou por pauzas *(clausulas)*. Se não ha esta distincção, e o movimento he continuado, não póde haver Numero. *Numerus in continuatione nullus est. Distinctio, et aequalium, et saepe variorum intervallorum percussio numerum efficit, quem in guttis cadentibus, quod intervallis distinguuntur, notare possumus, in amni praecipitante non possumus.* Cic. *De orat.* III. 48.

Estas partes aliquotas, e intervallos de tempo, ou são vazios *(inania tempora)*, ou cheios *(plena)*. Se são vazios, he o compasso, que observamos nos intervallos symmetricos, marcados pelas pancadas das gottas, que cáem, dos sinos, dos tambores, e dos artifices, que cooperão na mesma obra, como

da. Hum e outro, ainda que ambos constem de pés, não tem huma só differença. Porque os Rhythmos, isto he, os Numeros constão de hum espaço determinado de tempos, e os Metros álem disso de certa ordem de syllabas; (*a*) que por isso hum parece ser de *quantidade*, e outro de *qualidade*. (*b*)

Ferreiros, Tanoeiros etc. Se são cheios, ou o são só de movimentos e gestos do corpo, e he o compasso da Dança, chamado por isso εὐρυθμία (Quint. I. 10. 26); ou de sons inarticulados, graves e agudos, e he o numero ou compasso da Musica; ou em fim de sons articulados, isto he, syllabas breves e longas, e he o numero ou compasso da oração, assim Metrica, como Periodica.

Chegando-nos pois mais á nossa materia, o Numero tanto Poetico, como Oratorio he a *Symmetria*, *ou proporção*, *que entre si tem os intervallos marcados*, *pequenos*, *ou grandes de hum espaço commum de qualquer oração destinada a desenvolver hum pensamento.* Estes intervallos, subindo gradualmente dos minimos para os maiores, ou são *Pés*, ou *Rhytmos*, ou *Oraçoens (comprehensiones)*, e estas *Incisos*, *Membros*, ou *Periodos.* Olhando todos estes intervallos como espaços communs de differentes grandezas, as partes aliquotas dos *Pés* são as unidades de tempo medidas pela duração de huma syllaba breve; as dos *Rthythmos* são os pés; as dos *Incizos* são os Rhythmos; as dos *Membros* são os Incizos; e as dos *Periodos* são os Membros. Nenhuma destas partes aliquotas por si póde fazer Numero. A unidade não faz numero, nem huma linha symmetria. Para o haver, são precizas muitas partes pequenas, ou grandes de hum espaço commum, que se possão medir, e comparar.

(*a*) I. *Differença* do Numero Oratorio ao Numero Poetico, chamado *Metro.* Em hum espaço commum, v. g. de quatro tempos, o Numero Oratorio não considera senão os mesmos tempos percorridos pelas syllabas, que o enchem, quaesquer que ellas sejão, longas, ou breves, e em qualquer ordem, que vão. O Metro porém não attende só aos espaços mas tambem á qualidade, e ordem das syllabas. Por exemplo, hum espaço de tempo dividido em quatro partes aliquotas póde ser occupado por duas, tres, e quatro syllabas, isto he, por duas longas, ou por huma longa e duas breves combinadas de tres modos, ou por quatro breves. O numero he o mesmo, porque he a mesma quantidade de espaços. Os Metros porém podem ser cinco, a saber, *Spondeo, Dactylo. Anapesto, Amphibrachys*, e *Dipyrrhicho*.

(*b*) O Numero he de *Quantidade*, porque pergunta só, quantos são os espaços, que gastão as sylladas. O Metro he de *Qualidade*, porque tambem pergunta, quais são as syllabas, que enchem aquelles espaços, e qual a sua ordem.

Differentes especies de Numero.

O Rhythmo, ou he *Par*, como o Dactylo, que tem huma syllaba igual ás duas breves, e este mesmo nome tem outros pés do mesmo Rhythmo, (*a*) (ora as mesmas crianças sabem já que a longa vale dois tempos, e a breve hum): ou *Sescuplo*, (*b*) como o

---

(*a*) Todo o Rhythmo e Metro não he outra couza mais que o compasso, ou medida commua, cuja duração dividida em partes aliquotas de tempos os Gregos, e Romanos marcavão ao som das pancadas dadas com o pé, ou com a mão, chamadas *Percussiones*, *Ictus*. O compasso, e rhythmo do canto seguia regularmente a marcha destes metros, e a fallar propriamente, não era outra cousa mais que a sua expressão.

Todo o Compasso, ou Metro tem duas partes naturaes, huma no ar, chamada ἄρσις *(Sublatio)*, em que se levantava o pé, ou mão; e outra no chão, chamada θέσις *(Positio)*, em que o mesmo pé, ou mão pouzava no chão. O compasso da musica moderna tem as mesmas partes, só com a differença, que os antigos batião só huma vez cada compasso, os modernos porém no *Binario* dão huma, ou duas pancadas no chão, e outras tantas no ar; no *Ternario*, duas no chão, e huma no ar; e no *Sesquialtero*, duas no chão, e tres no ar, ou ás avessas.

Isto supposto, em todo o Rhythmo, Metro, ou Compasso, quer seja apressado, quer vagaroso, todas as vezes que, dividido o seu espaço commum em duas partes iguaes, ou desiguaes; huma dellas estiver em razão Geometrica para a outra, ha Numero. Ὅταν ἡ ταχεῖα, καὶ βραδεῖα τῶν ποδῶν ἄρσις, καὶ θέσις λόγον ἔχουσι πρὸς ἄλληλα, ῥυθμὸς γίνεται, diz Suidas no lugar acima citado; e quantas forem as razoens Geometricas, outras tantas serão as especies de Numero, ou Compasso. Ora o numero dos tempos da *Arsis*, e da *Thesis* póde ter hum para o outro, ou razão de *Igualdade*, ou de *Desigualdade*. Desta fallaremos na nota seguinte. Se tem razão de igualdade, e os tempos de huma para a outra são como 1 : 1, 2 : 2, 3 : 3, etc. : este Rhythmo, ou Compasso chama-se *Par*, ou *Binario*, tal como o pé Dactylo - ◡◡, cuja longa he igual ás duas breves; o Anapesto ◡◡ -; o Amphibrachys ◡ - ◡; o Spondeo - -; e o Dipyrrhichio ◡◡◡◡. Ainda que todos estes pés sejão differentes pelo numero, qualidade, e ordem das syllabas, constituem o mesmo Numero, ou Compasso *Par*, e *Binario*, chamado tambem *Dactylico* do pé principal; porque repartidos os quatro tempos em duas partes iguaes, dois vão na *Arsis*, isto he, no ar; e dois no chão, ou na *Thesis*.

(*b*) Se huma parte do Numero, ou Compasso está para a outra em razão *Desigual*, esta póde ser de dois modos sómente, os quaes formão outras duas especies de Rhythmo. Ou a razão

Peon, que consta de huma longa, e tres breves, e o seu contrario de tres breves, e huma longa; e outra qualquer combinação de dois tempos com tres faz o Numero Sescuplo: (*a*) ou emfim *Duplo*, como o Jambo, que consta de breve, e longa, e o seu contrario. (*b*) Todos estes pés tambem são Metricos, (*c*) mas tem esta dif-

---

he *Multiplex*, quando huma parte do compasso contém a outra algumas vezes exactamente, e desta na nota seguinte; ou *Superparticular*, quando huma parte do compasso contém a outra huma vez, e álem disso huma parte aliquota da mesma, indicada por *Sesqui*, e conforme a razão he de 2 : 3, 3 : 4, 4 : 5, se chama *Sesquialtera*, ou *Sescupla*, *Sesquitertia*, *Sesquiquarta*, *etc.* Tal he o Numero *Peonico*, que consta de huma longa, e tres breves nas suas quatro combinaçoens. Este compasso *Sesquialtero* era igualmente uzado dos antigos, como o *Par*, e o *Duplo*. Na musica moderna não tem uzo. Com tudo J. J. Rousseau, *Diction. de Musique. V. Mesure*, observa que neste compasso se podem achar musicas muito bem cadenciadas, que seria impossivel notar com os compassos uzados; do que elle mesmo dá exemplo na Plancha B, fig. X, e refere que o Senhor Adolphati em 1750 fizera em Genova hum ensaio deste compasso em grande orchestra na Aria: *Si la sorte mi condamna* da sua Opera *Ariana*, o qual fizera effeito, e fôra applaudido.

(*a*) O Numero Peonico, ou Peon he de 2 : 3, isto he, de huma longa, e tres breves, que se podem combinar destes quatro modos: Peon I -∪∪∪, Peon II ∪-∪∪, Peon III ∪∪-∪, Peon IV ∪∪∪-. Este numero he composto de dois pés, hum Jambo ou Choreo, e outro Pyrrhichio, os quais formão as duas partes do compasso *Sesquialtero*, dando dois tempos no chão, e tres no ar. O pé Cretico -∪- tem o mesmo numero. V. Cic. *De Orat.* III. 47.

(*b*) Esta a terceira especie de Rhythmo, ou Compasso, chamado *Ternario*, fundado na razão Geometrica *multiplex*; porque huma parte delle contém a outra algumas vezes exactamente, e conforme a razão he, ou de 1 : 2, ou de 2 : 6, se chama *Dupla*, *Tripla etc.*, batendo-se por consequencia hum tempo no chão, e dois no ar. Tal he o pé Jambo ∪-, o Choreo -∪, e o Tribrachys, ou Trocheo ∪∪∪. Do pé principal chama-se tambem Rhythmo Jambico. Os tempos de todos estes Rhythmos erão susceptiveis de maior, ou menor velocidade, segundo o numero das syllabas breves ou longas, e segundo ó movimento, ou ar dado pela pronunciação. Assim o numero Dactylico de hum Spondeo he mais vagaroso metade do de hum Dipyrrhichio, porque este corre quatro syllabas no mesmo tempo, em que aquelle corre só duas.

(*c*) Os numeros Oratorios não são differentes dos Poeticos, ou Pés, os quais todos se reduzem a alguma das tres proporçoens acima ditas. Cic. *Orat.* 56. *Nullus est igitur numerus extra Poeticos*,

ferença, que para o Rhythmo he indifferente ter o Dactylo as primeiras syllabas breves, ou as seguintes. Porque o que mede he só o tempo, e contenta-se que, desde levantar o compasso até pouzar, hajão os mesmos espaços nos pés. (*a*) No verso porém não se poderá pôr hum Anapesto, ou hum Spondeo em lugar do Dactylo; nem o Peon será o mesmo pé, principiando pelas breves, ou acabando por ellas; nem a regra do Metro sofre, não digo já a troca de hum pé por outro, mas nem ainda a de hum Dactylo, ou de hum Spondeo por outro. Pelo que se confundires os cinco Dactylos continuados, como se vem aqui,

Panditur interea domus omnipotentis Olympi,

o verso ficará desfeito. (*b*)

---

propterea quod definita sunt genera numerorum. Nam omnis talis est, ut unus sit e tribus. Pes enim, qui adhibetur ad numeros, partitur in tria, ut necesse sit partem pedis, aut aequalem esse alteri parti, aut altero tanto, aut sesqui esse majorem, qui pedes in orationem non cadere qui possunt? Quibus ordine locatis, quod efficitur numerosum sit necesse est. O compasso pois, assim como na Musica cheio de notas lentas, e ligeiras; assim no Verso, e na Prosa Periodica cheio de syllabas breves e longas he a medida commua, com que se repartem todas as progressoens, e espaços symmetricos pequenos, e grandes da oração numerosa ligada, e solta; e determinada a sua proporção, por ella julgaremos tambem da das partes maiores do discurso. Os compassos metricos, ou pés, são como os primeiros elementos de toda a oração numerosa. Só tem huma differença, que os Rhythmos Poeticos, como devem ser mais sensiveis, e brilhantes, de ordinario não passão de quatro tempos: os Oratorios podem chegar a 5, 6, 7, 8, e 9. Por esta razão o numero Dactylico, e Jambico he tambem metrico; o Peonico porém não o he, senão resolvido nos seus pés simplices, que os Poetas batem com dois compassos, e os Oradores com hum sesquialtero. Tambem os pés Bacchio ᴗ--, o Antibacchio --ᴗ, o Cretico -ᴗ-, e o Molosso --- são mais Oratorios que Poeticos.

(*a*) Quint. diz: *ut a sublatione ad positionem iisdem sit spatiis pedum. Sublatio* he o que os Gregos chamão ἄρσις, que, como diz Bachio, pag. 24. edit. Meibom. he ὅταν μετέωρος ῇ ὁ πούς, quando em acção de dançar se levanta o pé. *Positio* he o que os mesmos chamão θέσις, que he ὅταν κειμένος ῇ, quando o mesmo pé pouza no chão. Em havendo a mesma razão, e proporção Geometrica entre os tempos da *Arsis*, e *Thesis*, ainda que os pés sejão differentes; o Rhythmo he o mesmo, o qual sempre he como de 1:2, 2:2, e 2:3.

(*b*) Virg. *En.* X. 1. Se transpuzessemos deste modo o verso

Alem desta, ha mais estas differenças 1. que os Rhythmos podem continuar pelo tempo, que se quizer, os Metros porém tem espaços circunscriptos. (a) 2. Que estes tem clausulas certas, aquelles no mesmo ar, em que começárão, assim vão correndo até a *mutança*, isto he, passagem para outra casta de Rhythmo. (b) 3. Que o Metro só o ha nas palavras, o Rhythmo tambem o póde haver nos movimentos do corpo. (c) 4. Que os Rhythmos admittem pauzas com

---

Interea domus panditur omnipotentis Olympi, os pés são os mesmos; mas o verso fica desfeito, assim por falta da *Penthemimeres*, ou cesura longa depois do segundo pé, como por a ultima breve de *Domus* ficar longa por posição. Não seria assim, se os pés fossem formados cada hum de sua palavra, como neste: *Carmina, mollia, laevia, languida, ludere tento.* Mas estes versos são frios.

(a) II. *Differença* do Rhythmo em geral ao Rhythmo Poetico ou Metro. Os Rhythmos, ou compassos da Musica e da Dança não tem numero determinado. Hum Minuette, por ex., ou qualquer das suas partes póde-se continuar pelo tempo, que se quizer, com tanto que se guarde o mesmo compasso, a que correspondem os passos da dança. As progressoens Rhythmicas oratorias da mesma sorte não tem hum espaço fixo, determinado, e uniforme. Os Membros, e os Periodos podem ser mais, ou menos compridos. As progressoens Metricas tem espaços circunscriptos, dentro dos quaes se devem conter. Os versos Hexametros, por ex., de necesidade se hão de fechar em 6 compassos, os Pentametros em 5, e assim os mais.

(b) III. *Differença.* Os espaços Metricos, além de serem circunscriptos a certo numero de compassos, tem além disso clausulas certas, e uniformes. Os Hexametros terminão quasi sempre por hum Dactylo, e Spondeo; os Pentametros por dois Anapestos; os Jambicos por hum Jambo; e estas clausulas finais são as mesmas em todos os versos de hum poema Heroico, Elegiaco, e Jambico. Pelo contrario os espaços Rhythmicos da Musica não tem clausulas determinadas, differentes dos Rhythmos antecedentes, antes correm nos mesmos compassos desde o principio até o fim; e só, quando a materia, e paixão o pedem, passão a outro Rhythmo mais lento, ou apressado, mudando, por ex. o Rhythmo Dactylico em Jambico, o que os Gregos chamavão μεταβολὴν, *mutança.* Na prosa compassada os espaços Symmetricos, como Incizos, Membros, e Periodos, tem sim clausulas, mas variadas, e nunca as mesmas, nem uniformes.

(c) IV. *Differença.* O Compasso Metrico só o póde haver nas palavras compostas de syllabas breves, e longas, de que se formão os pés; e por isso esta especie de Rhythmo só tem lugar no verso, e na prosa. O compasso, ou Rhythmo em geral,

mais facilidade que os Metros, e, aindaque nestes as haja tambem, (a) ali com tudo ha mais licença nesta parte. . . .

Meios, de que se serve a Collocação *para fazer a oração Numerosa.*

§. II. Ora a *Collocação* deve cuidar em atar no discurso sómente aquellas palavras, que hum maduro exame, e huma boa escolha lhe destinar; porque estas, ainda collocadas asperamente, são melhores, que as que não prestão. Com tudo, a fim de evitar a collocação aspera, eu permittiria *substituir* em lugar de humas palavras, outras, com tanto que tenhão a mesma significação, e a mesma força; *accrescentar* outras, com tanto que não sejão ociosas; *tirar* algumas, com tanto que não sejão necessarias; *mudar* álem disto por meio das figuras os cazos, e os numeros, cuja variedade mesma he muitas vezes agradavel só pela graça da Collocação, independentemente da do Numero e Harmonia. Tambem, quando a Analogia pede huma couza, e o Uzo outra, de qualquer dellas se poderá servir a Collocação, e dizer, *vitavisse* ou *vitasse*, *deprehendere* ou *deprendere*. Não prohibirei tambem as *synalephas*, e tudo o mais, que não póde prejudicar aos pensamentos, e á Eloquencia. Com tudo a principal operação na Collocação, he saber que palavra

---

póde-o haver em tudo o que admitte movimento, huma vez que se guardem as proporçoens Geometricas entre os tempos das suas partes. Assim os passos mudos dos Dançarinos, os gestos, e aptitudes dos Pantomimos tem Rhythmo; porque são executados a compasso.

(a) V. *Differença.* O Rhythmo da Musica admitte *pausas* frequentes, isto he, tempos calados de differentes duraçoens, correspondentes ás notas da Musica vocal, e instrumental, as quaes pausas chama Quint. *tempora inania, vacua*, porque os tempos da sua duração não são cheios de sons, ou syllabas algumas, mas passão-se em silencio. Estas pausas tambem são frequentes na oração numerosa. Quint. neste Cap. n. 108 sobre a clausula *Quis non turpe duceret* do periodo de Cic. *Philip.* II. 25. observa, que se se pronunciasse continuadamente, e sem pausa, ficaria muito affectada por ser o fim de hum trimetro; mas que com a pausa mettida entre *turpe*, e *duceret*, fica alongada a ultima de *turpe*, e a versificação desfeita. Cic. *Orat.* 66. faz a mesma obser-

quadra melhor, e em que lugar; (*a*) e aquelle as ajustará melhor, que fizer isto só para este fim, e não para outro. (*b*) . . .

Em que partes do Periodo se deve observar mais o Numero. 1. *Nas Clausulas.*

§. III. Em qualquer oração, que faz hum corpo, e hum como fio continuado de idêas, toda a prosa he composta de Numeros. Porque não podemos fallar senão com palavras compostas de syllabas breves

---

vação sobre aquillo de Crasso: *Missos faciant patronos: ipsi prodeant*, dizendo: *Nisi intervallo dixisset.* Ipsi prodeant, *senssisset profecto effugisse senarium.* Estas pausas são mais raras no verso. Com tudo algumas ha. No Hexametro, por ex., he huma regra, que os dois ultimos pés, Dactylo, e Spondeo, se componhão de duas palavras; e no Pentametro, o Spondeo do meio se deve fazer da syllaba final de huma palavra, e da inicial da outra; e não he outra a razão, segundo Quint. *hic* n. 98, senão porque *est quoddam in ipsa divisione verborum latens tempus*, ha huma pequena pausa, tirada a qual, o rhythmo fica manco, e o verso duro. Por isso sendo cousa feia acabar os periodos com Dactylo, e Spondeo á maneira dos versos hexametros; se os dois pés vão em huma só palavra, nenhuma deformidade tem, como neste periodo de Cic. *Verr.* III. 13.: *Cum in tantis incommodis aratorum, injuriisque decumanorum nullum ex isto praeclaro edicto non modo factum, sed ne postulatum quidem judicium inveniatur.*

(*a*) O Numero, ou se segue *necessariamente*, como na oração *Concinna:* ou *casualmente*, quando a ordem natural das palavras na phraze cahe harmoniosamente: ou em fim he *procurado* de proposito; e para este he que se dão as regras. V. Cic. *Orat.* 65. Ora 7 meios tem a arte da Collocação para procurar o numero e harmonia de huma oração. 1. A *Substituição* de huma palavra synonyma mais harmoniosa por outra menos harmoniosa, com tanto que seja equivalente. 2. A *Subtracção* de alguma menos necessaria. 3. A *Addicção* de outras não ociosas. 4 As *Synereses*, e *Syncopes*, isto he, a união, e mutilação de syllabas dentro do mesmo vocabulo. 6 As *Synalephas*, ou elisoens das vogaes finaes. 7. Sobre tudo os *Hyperbatos*, ou transposiçoens da ordem. Quint. ensina as condicoens, debaixo das quaes se permittem aos oradores estas licenças.

(*b*) O orador póde ter outros fins na transposição das palavras, como o que tinha Mecenas, de quem ha pouco fallámos. Estes são alheios da gravidade oratoria. Só o de evitar a aspereza, cacophonia, e desconcerto da oração, he que póde justificar o orador neste seu cuidado.

e longas, das quaes se formão os Pés. (a) Com tudo

(a) Se toda a proza, qualquer que ella seja, necessariamente he composta de pés, e por consequencia de numeros, e Rhythmos, toda ella se poderá reduzir a verso. Assim o affirma Quint. aqui n. 52. *Nihil est prosa scriptum, quod non redigi possit in quaedam versiculorem genera, vel in membra.* Cic. diz o mesmo *Orat.* 66., e no III. *De orat.* 5., onde, reprehendendo os que na prosa não procurão evitar estes versos, elle mesmo, sem o perceber, deixou escapar hum distico inteiro, dizendo: *Ac mihi quidem veteres illi maius quiddam animo*

Complexi plus multo etiam vidisse videntur,

Quam quantum nostrorum ingeniorum acies

intueri possit. Dionysio de Halicarnasso, *De Construct. Verb.* Sect. 25, mostra practicamente o mesmo, pondo exordios inteiros de Demosthenes em versos de varias castas. Bateux, *Construction Orat.* Carta X., fez ver o mesmo na lingua Franceza, e o mesmo se póde fazer na Portugueza, reduzindo qualquer lugar de prosa a varios versos nossos, ou partes delles. O que sendo assim, que differença ha da Prosa *Solta* á Prosa *Numerosa*, e desta ao *Verso?*

Os antigos fazião distincção da prosa solta, e sem numero (ἄῤῥυθμος) á prosa Numerosa (εἴρυθμος), e desta á Metrica, chamada ἔῤῥυθμος, ou ἔμμετρος. Dionys. Halicarn. ed. Wechel. tom. II. pag. 28. diz assim: « A Prosa simples não póde assemelhar-se « á phraze Metrica, e Melodica sem comsigo levar misturados « occultamente alguns metros, e rhythmos. Com tudo nunca « convém que a prosa seja Metrica, e Rhythmica (ἔμμετρος, καὶ » ἔῤῥυθμος). Porque então seria poema e canto, e sahiria inteira- « mente do seu caracter. Basta pois que a prosa pareça numerosa, « e compassada (ἔρυθμος, καὶ ἐυμετρος). Deste modo será poetica, « sem ser poema. Ora he facil ver a differença destas duas « couzas.

« A oração, que emprega metros similhantes, e que guarda « certos rhythmos, segundo certa ordem em cada verso, e fecha « o periodo, ou stropha da mesma fórma; e continua depois a « uzar dos mesmos metros, e rhythmos nos versos, strophas, « e periodos seguintes, he Rhythmica, e Metrica, e tem o nome « de verso, e de canto.

« Aquella porém, que emprega os metros e rhythmos sem « ordem certa, nem procura continual-os sensivelmente, nem « symmetrizal-os em strophas, e antistrophas, he sim Numerosa « (ἐυρυθμος), porque entresacha, e varía os rhythmos; mas não « he Rhythmica (ἔῤῥυθμος), porque não se serve dos mesmos « rhythmos, nem do mesmo modo. E tal he toda a prosa, que « tem uma especie de poesia, e melodia, da qual usa Demosthe- « nes. » Quint. aqui desde o numero 53. até 58. transcrevendo quasi o lugar de Dionysio, faz a mesma distincção, já tambem feita por Cic. *Orat.* 65. *Multum interest, utrum numerosa sit, id*

onde este Numero mais se requer, e se faz mais sensivel, he nas Clausulas. 1. Porque todo o pensamento tem seu termo, e hum intervallo natural, que o separa do principio de pensamento seguinte. (*a*) 2. Porque os ouvidos correndo apoz da voz continuada do Orador, e arrebatados, para assim dizer, da corrente impetuosa do discurso, então julgão melhor da hormonia, quando aquelle impeto parou, e lhes deu tempo para observarem. Não deve pois ser nem *duro*, nem *precipitado* (*b*) hum lugar, em que os espiritos, a bem de dizer, respirão, e se refazem. Este he o assento da oração; isto o que o ouvinte está esperando; este o lugar dos vivas, e dos applausos. (*c*)

2. *Nos principios.*

Depois das clausulas o lugar, que requer mais cuidado, são os principios. Porque nestes tambem o ouvinte está attento. Mas o Numero nelles he mais facil, pela razão de estarem despegados, e não se prenderem ao que precede, antes fazerem hum novo comêço: ao mesmo tempo que os fechos dos periodos, por mais bem ajustados que sejão, perdem toda

---

est, similis numerorum (ἰσόῤῥυθμος), *an plane e numeris constet* (ἔῤῥυθμος). *Alterum, si sit, intolerabile vitium est, alterum nisi sit, dissipata, et inculta, et ruens est oratio* (ἄῤῥυθμος).

(*a*) Por duas razoens, segundo Quint., se deve pôr mais cuidado nas clausulas. 1. Por conta do espirito, que julga da perfeição do pensamento pela perfeição e acabamento da oração. *Quod in his maxime perfectio, atque absolutio judicatur.* Cic. *De Orat.* III. 50. 2. Por conta do ouvido. *Cum aures extremum semper expectent, in eoque conquiescant, id vacare numero non oportet.* Cic. *Orat.* 59.

(*b*) A clausula será *dura*, havendo nella concurso de vogaes, ou consoantes asperas, ou palavras pouco euphonicas: será *precipitada*, quando pela comparação dos membros e espaços corridos, esperando o espirito e o ouvido algum espaço, ou igual, ou maior, acabarmos de repente. Porque, como diz Cic. *Orat.* 59., *ad hunc exitum a principo ferri debet verborum illa comprehensio, et tota a capite ita fluere, ut ad extremum veniens ipsa consistat.*

(*c*) Quaes mereceo C. Carbo, Tribuno de Plebe, que em hum lugar do seu discurso, tendo concluido deste modo. *Patris dictum sapiens temeritas filii comprobavit; Hoc dichoreo* (accrescenta Cic. *Orat.* 43.) *tantus clamor concionis excitatus est, ut admirabile esset.*

a graça, se chegamos a elles de repente e precipitadamente. (*a*) ...

3. *No meio.*

Tambem no meio do periodo não só deve haver o cuidado da boa Junctura, mas tambem que a marcha da oração não vá pesada, e vagarosa pelas muitas syllabas longas seguidas, nem pelo contrario com a continuaçao das breves vá aos pulos, e faça hum som similhante ao dos Sistros dos rapazes, (*b*) que he hum vicio da moda o peor de todos. . .

Do Numero considerado nos Pés.

Distincção de Pé *a* Rhythmo.

§. I. Mas já que disse que toda a prosa constava de pés, digamos alguma cousa ácerca destes; e como tem havido variedade nos nomes, que se lhes tem dado, deve-se fixar a sua nomenclatura. Eu seguirei em tudo a Cicero, que tomou por guias os mais eminentes dos Gregos, menos em huma cousa, e he, que o Pé não parece extender-se a mais de tres syllabas; e bem que o mesmo Cicero emprega o *Peon*, e o

---

(*a*) V. a not. (*b*) da pag. antecedente. No principio de hum periodo não póde haver ainda comparação da igualdade, e desigualdade das suas partes; no fim sim. Porisso este póde ser, ou abrupto, ou disproporcionado relativamente aos espaços antecedentes; aquelle não.

(*b*) V. os vicios da composição no fim deste Cap. Quint. diz: *Sonum reddant pene puerilium crepitaculorum. Crepitaculum* he o mesmo que o *Sistro*, de que falla Marcial, Lib. XIV. *Epigr.* 50., instrumento Egypcio, de que usavão tambem os rapazes dos Romanos, o qual nos descreve Apuleio, *Metam.* l. 11.: *Dextra quidem gerebat aureum crepitaculum, cujus per angustam laminam, in modum balthei, decurvatam trajectae mediae paucae virgulae, crispante brachio trigeminos jactus, reddebant argutum sonum.* « Levava na mão direita hum Sistro de ouro, por cuja lamina « estreita, e arqueada, á maneira de hum cinto, passavão de « parte a parte algumas varinhas de ferro, as quaes sacodidas « com o braço em tres vibraçoens davão hum som fino, e har« monioso. » Como as varas erão quatro, em cada vibração davão oito pancadas, o qual rhythmo era muito similhante ao dos trocheos continuados.

Dochmio, o primeiro dos quaes chega a quatro, e o segundo a cinco syllabas: (*a*) com tudo elle mesmo adverte que a alguns parecem *Numeros*, e não *Pés*. E com razão, porque tudo o que tem para cima de tres syllabas, he hum composto de muitos pés. (*b*)

Pés Dissyllabos 4.

Por tanto havendo quatro pés, que constão de duas syllabas, e oito de tres; chamemos *Spondeo* ao que consta de duas longas, *Pyrrhichio* (ao qual outros dão o nome de Periambo) ao de duas breves, *Jambo* ao de breve, e longa, e ao contrario de longa, e breve demos o nome de *Choreo*, e não de Trocheo, como outros fizerão. (*c*)

(*a*) O Peon, como já dissemos, he de 4 syllabas, huma longa, e tres breves em as suas quatro conbinaçoens, -◡◡◡, ◡-◡◡, ◡◡-◡, ◡◡◡-. He composto pois de dois pés dissyllabos, dos quaes hum he sempre Pyrrhichio, e o outro já Jambo, já Choreo. O Dochmio he de 5 syllabas, ou de dois pés, que, segundo Diomedes ed. Putsch. pag. 479, são o Anapesto, e o Jambo. Cicero porém, *Orat.* 64, o compõe do Jambo, e Cretico deste modo ◡--◡-, como *Amicos tenes.*

(*b*) Cic. ib. *Jam Paeon, quod plures habeat syllabas quam tres, Numerus a quibusdam, non Pes habetur.* Ainda que pois todo o Pé tem numero, porque os seus tempos tem sempre alguma das tres razões Geometricas acima ditas, com tudo Quint. com todos os antigos faz distincção de Pé a Rhythmo propriamente dito; porque aquelle nunca excede tres syllabas, e este sempre tem mais, e he composto de dois pés simplices dissyllabos, ou trissyllabos, ou de hum, e outro. Estes Rhythmos, ou são compostos de dois pés do mesmo numero, e proporção, como os dois Jonicos de maior --◡◡, e de menor ◡◡--, o Choriambo -◡◡-, o Antipasto ◡--◡, o Dichoreo -◡-◡, e o Dijambo ◡-◡-; ou de differente numero, como o Peon em todas as suas quatro combinaçoens, e o Epitrito nas mesmas quatro.

(*c*) Estes quatro Pés dissyllabos nascem das unicas quatro combinaçoens de duas syllabas, que são possiveis. Ellas, ou podem ser ambas longas, ou ambas breves, ou huma breve, e outra longa, ou ás avessas. Bem que a nossa Poesia Portugueza não he metrica, como a Grega, e Latina, porque os tempos das nossas syllabas não são determinados tão exactamente: com tudo a nossa lingua tem tambem longas, e breves, e consequentemente os mesmos pés. Assim a nossa palavra *Pãirãr* he hum Spondeo, a nossa preposição *Para* hum Phyrrhichio, o infinito *Parar* hum Jambo, e o nome *Pairo* hum Choreo. Dionys. de Halic. *De Constr. verb.* pag. 16. chama Trocheo

Pés trissyllabos 8.

Dos que tem tres syllabas como *Dactylo* ao que consta de huma longa, e duas breves; o seu igual nos tempos, porém contrario na ordem, todos sabem se chama *Anapesto.* Huma breve no meio de duas longas fará o Amphimacro, mas o seu nome mais usual he o de *Cretico.* Uma longa entre duas breves he o *Amphibrachys.* Huma breve, e duas longas o *Bacchio.* Duas longas, e huma breve será o pé contrario chamado *Palimbacchio.* Tres breves a eito fazem o *Trocheo*, a quem dão o nome de Tribrachys os que chamão Trocheo ao Choreo. Tres longas seguidas fazem o *Molosso.* (*a*)

Differente natureza destes Pés.

§. II. Nenhum destes pés ha que não occorra necessariamente na oração. Os que são mais cheios de tempos, e mais estaveis pelas syllabas longas, estes fazem a oração mas grave, e morosa: os que constão de mais breves fazem-na mais ligeira, e voluvel. (*b*)

---

ao pé de longa, e breve. Mas Cicero, Quint., e Longino dão antes este nome ao pé trissyllabo de tres breves, chamado tambem Tribrachys, ao qual convem mais o nome de Trocheo, isto he, *cursivo* de τρέχω *curro.*

(*a*) De tres syllabas não se podem fazer sé não oito combinaçoens, das quaes resultão 8 pés trissyllabos, tanto na lingua Grega, e Latina, como na Portugueza; a saber: o *Dactylo* - ∪∪, como *Numina* em Latim, e *Pallido* em Portuguez; o *Anapesto* ∪∪ -, como *Pereant* em Latim, e *Pallidez* em Portuguez; o *Cretico* - ∪ -, como *Pontifex* em Latim, e *Altivez* em Portuguez; o *Amphibrachys* ∪ - ∪, como *Poema* em Latim, e *Triumfo* em Portuguez; o *Bacchio* ∪ - -, como *Dolores* em Latim, e *Robustez* em Portuguez; o *Palimbacchio* - - ∪, como *Dixere* em Latim, e *Amára* em Portuguez; o *Trocheo* ∪ ∪ ∪, como *Facere* no Latim, e *Felicidade* no Portuguez; em fim o *Molosso* - - -, como *Gaudentes* no Latim, e *Pairárão* no Portuguez. Todos estes doze pés assim dissyllabos, como trissyllabos pertencem a algum dos tres Rhythmos, *Par*, *Sescuplex*, e *Duplex*, como se póde vêr na taboa seguinte.

Rhy-	*Spondeo* - - - - ,, - -	Sescu-		Du-	
thmo	*Pyrrhichio* - - ,, ∪∪	plex	*Cretico* - - - - ,, - ∪ -	plex	*Jambo* ∪ -
Par	*Dactylo* - - - ,, - ∪∪	3 : 2,	*Bacchio* - - - ,, ∪ - -	1 : 2,	*Choreo* - ∪
1 : 1,	*Anapesto* - - - ,, ∪∪ -	e 2 : 3,	*Palimbacchio* - - ∪	e	*Trocheo* ∪∪∪
e 2 : 2.	*Amphibrachys* ∪ - ∪			2 : 4.	*Molosso* - - -

(*b*) Em todos estes pés podem-se considerar duas cousas, o

Huma cousa, e outra tem uso nos seus lugares. Pois justamente se condemnaria aquelle compasso tardío, e vagaroso, onde a velocidade se faz preciza; e da mesma sorte este precipitado, e saltitante, onde se requer pezo, e gravidade. (As syllabas pois, como dizia, que tem mais authoridade, e peso são as *longas*; as de mais velocidade são as *breves*. Estas se se misturão com algumas longas, parecem sómente *correr*; se são

---

Metro, e o *Rhythmo*. No Metro attende-se ao numero, qualidade, e ordem; assim das syllabas dentro de cada pé, como dos mesmos pés dentro de cada verso, disticho, ou stropha. Esta consideração pertence só á Poesia, mas entra tambem de alguma sorte na conformação dos principios, e clausulas periodicas, de que fallaremos logo.

No meio do periodo não se attende se não ao Rhythmo dos pés mais ou menos ligeiro, nascido do menor, ou maior numero de tempos, relativos ao das syllabas, de que os mesmos se compoem, e em consequencia dos pés, na maior ou menor velocidade, e marcha dos espaços symmetricos pequenos e grandes da oração, a qual resulta do numero dos tempos corridos, comparado com o das syllabas, de que constão os mesmos espaços, cujo rhythmo não tem outros limites se não aquelles, para cá e álem dos quaes o ouvido não póde julgar das proporçoens. *Interdum enim* (diz Cic. *Orat.* 59.) *cursus est in oratione incitatior, interdum moderata ingressio: ut jam a principio videndum sit, quemadmodum velis venire ad extremum.*

Considerando pois os pés como Rhythmos mais ou menos ligeiros, podemol-os reduzir todos a tres classes; ou de *Rhythmos Vagarosos*, em que cada syllaba gasta dois tempos na sua pronunciação, e taes são o Spondeo, e o Molosso; ou de *Rhythmos Accelerados*, em que cada syllaba gasta hum tempo, como o Pyrrichio, e Trocheo; ou de *Rhythmos Temperados*, compostos de breves, e longas, quaes são todos os mais. Destes mesmos huns serão mais graves, outros mais correntes, segundo nelles dominarem as longas, ou as breves, ou os compassos forem mais, ou menos amiudados por conterem menos, ou mais tempos. Nós veremos no Art. seguinte da *Harmonia*, que uso tem estas observaçoens na lingua Latina.

Na Portugueza, ainda que nós medimos os intervallos assim do verso, como da prosa, pelo numero das syllabas, e não pela sua quantidade: com tudo tambem he certo a respeito della, que os espaços, que abundarem mais de syllabas longas, farão lenta e pesada a marcha da oração, e as breves continuadas fal-a hão precipitada. A mistura pois das longas, e breves na oração he huma regra da Composição Portugueza, como o era da da Grega, e Latina; e só, quando fôr necessaria huma harmonia imitativa dos objectos, apressaremos com as breves a marcha da oração, e a deteremos com as longas. Vej. as not. seguintes.

continuadas, *vão como aos pulos.* (*a*) São *ásperas*, e fortes as syllabas, que de breves se vão levantando para as longas; e mais *brandas*, e doces as que das longas descem para as breves.) (*b*)

Talvez que nisto vá tambem alguma cousa: haver syllabas mais longas, que as longas, e mais breves, que as breves; de sorte que, ainda que pareção não ter nem mais de dois tempos, nem menos de hum: (que por isso no verso todas as breves, e longas entre si se reputão iguaes) com tudo nellas se deixa entrever hum não sei que, quando sobeja, ou lhes falta alguma cousa daquella medida. (*c*) ...

(*a*) Vid. not. seguinte ao §. III.

(*b*) Transpuz este lugar do n. 91. para aqui, por ser huma explicação do que fica acima, e Quint. a elle mesmo se reportar. Sendo pois as syllabas os primeiros elementos dos pés, assim como estes o são dos Rhythmos, e estes das Formas Periodicas; qual fôr a natu reza dos primeiros elementos, tal será tambem a dos espaços Symmetricos, para cuja composição elles servem. Ora quatro qualidades distingue Quint. nas syllabas por ordem ao Rhythmo, ou movimento. 1. A *gravidade* nas longas. 2. A *ligeireza* nas breves. 3. A *aspereza* nas breves subindo para as longas. 4. A *doçura* nas longas descendo para as breves. Vej. adiante Art. IV. §. 2.

(*c*) Na Lingua Portugueza achão-se de mesma sorte que na Latina syllabas mais longas, e menos longas, mais breves, e menos breves á maneira das notas da Musica, Brancas, Pretas, Colcheas, Semicolcheas, etc. Mas a proporção destas longas e breves, humas para outras, he racional, e determinadas; a das nossas não: e por isso as longas, e mais longas, as breves, e mais breves se reputão iguaes, não se fazendo caso do excesso. Com tudo nós achamos este excesso na ultima de *Lerão* (*legent*), que he mais longa que a longa ultima de *Lerão* (*legerunt.*) Da mesma sorte a segunda em *Folego*, *Polegada*, he mais breve que a mesma em *Lacteo*, *Ferreo*, e a segunda mais breve em *Paliar* que em *Pallido.* Já por ordem as mais, ou menos articulações, de que he carregada a syllaba, Dionysio de Halic. Tom. II. pag. 13. ed. Wechel. mostra, que o ὀμίκρον primeiro sendo breve em todas estas quatro palavras ὁδός, ῥόδος, τρόπος, e στρόφος; e o ἦτα longo tambem nestas quatro ἡ, ἦν, πλὴν, σπλὴν: com tudo a brevidade nas primeiras vai diminuindo successivamente, e a longura crescendo nas segundas á proporção das consoantes, que se lhe ajuntão. A nossa Lingua tem muitas destas syllabas mais breves, e mais longas. A primeira v. g. em *aço* he menos longa que em *laço*, esta menos que em *traço*, e esta ainda menos que em *strago.* As modificaçoens não

Como se devem distribuir estes pés no meio do Periodo.

§. III. Admiro-me porém que homens aliás doutissimos tenhão estado nesta opinião de escolherem para o Numero só certos pés, e condemnarem os outros; como se houvesse hum só, que se não encontrasse necessariamente na Oração. Pois, ainda que Ephoro (*a*) prefira para o Numero o *Peon*, inventado por Thrasymacho, e approvado por Aristoteles (*b*) e

---

podem accrescer a voz simples, e fazerem-se sensiveis sem os orgaons, que as produzem, gastarem algum tempo, por pequeno que seja, no seu movimento. A primeira syllaba de *trans-tornar*, modificada por tres articulaçoens, e hum accento nazal, requer necessariamente, além da emissão da voz, quatro movimentos successivos de differentes orgaons, que, para se executarem, precizão de quatro tempos, que todos pertencem á mesma syllaba.

Não sei se com advertencia, ou por acaso, ou instincto natural, Camoens carrega de syllabas complexas os versos, que pedem demóra, e desembaraça dellas os que lhe convinha fazer ligeiros. O certo he, que no seu poema se encontrão em lugares bem oportunos muitos desta specie. Sirva para exemplo, no *Cant.* V. *Est.* 31. v. 3. o verso, com que elle nos pinta a tardança de Velloso: *Mas sendo hum grande espaço já passado*, em que se vem 11 vozes, e 17 articulaçoens; combinado com o 8, em que descreve a ligeireza, com que o mesmo desceo o monte: *Mais apressado, do que fora, vinha*, em que o numero das articulaçoens he quasi igual ao das vozes; ainda que a mesma medida do verso com o accento na 4.ª e 8.ª syllaba pede mais velocidade nas syllabas precedentes, que se precipitão nas agudas em espaços iguaes.

(*a*) Em Cic. *Orat.* 57.

(*b*) *Rhet.* III. 8. Ephoro considerava no Rhythmo o movimento, e preferindo a mediocridade, escolhia em consequencia della os rhythmos *temperados* de longas, e breves, e rejeitava os *vagarosos* e *accelerados*. Aristoteles considerou os Rhythmos por outro lado, da maior, ou menor elevação. O numero Dactylico como muito sensivel, elevado, e brilhante, diz ser mais proprio do Poema Heroico, e menos proprio da Oração persuasiva, em que se deve fazer mais sensivel a rasão, que a harmonia. O numero Jambico he baixo, e vulgar, e por isso mais proprio á linguagem familiar, que á Eloquencia, que deve ter dignidade. *Resta pois* (diz elle) *hum terceiro, o Peonico, que he o que se segue immediatamente aos dois. Pois a sua razão he de* 3 : 2. *e a daquelles, a do primeiro he de* 1 : 1., *e a do segundo de* 1 : 2. *ás quaes duas razoens, par, e dupla, se segue a sesquialtera, que he o Peon. Os outros numeros pois se devem deixar pela razão, que dissemos, e por serem metricos; e o Peon he que se deve escolher, por ser o unico, que não he metrico, e ter hum rhythmo menos sensivel.*

o *Dactylo*, como pés os mais bem temperados de breves, e longas, e fuja do *Spondeo*, e do *Trocheo*, condemnando aquelle pela sua tardança, e este pela sua velocidade; ainda que o mesmo Aristoteles tenha o *Dactylo* por mais nobre, dando-lhe por isso o nome de Heroico, e o *Jambo* por mais familiar, e condemne o *Trocheo*, como ligeiro em demasia, chamando-o por isso *Cordax*; (*a*) ainda que em fim Theodectes, Theophrasto, e apoz estes Dionysio de Halicarnasso repitão o mesmo: He certo que estes authores de necessidade hão de entrar tambem pelos pés vizinhos na composição da prosa, nem nesta poderáõ uzar sempre do seu Dactylo, e do seu Peon, que louvão muito por fazer raras vezes verso.

Pelo que para huns pés serem mais bastos na oração do que outros, não são as palavras o que o fazem, as quaes não se podem nem accrescentar, nem diminuir, nem tão pouco alongar, ou abreviar, como na Musica; (*b*) mas sim a *Transposição*, e a *Collocação*. (*c*) A maior parte dos pés fazem-se da união, e

(*a*) Arist. no lugar citado não lhe chama κόρδαξ, mas κορδακικώτερον, isto he, mais similhante ao compasso da dança lasciva, chamada *Cordax*, qual reprehende Demosthenes a Philippe, Olynth. I, composta de pés Pyrrhichios, e Trocheos, como as nossas folias.

(*b*) As palavras são-nos dadas com a lingua, e por consequencia as suas syllabas, e quantidade. Nenhum poder pois temos no material dellas. Não lhes podemos tirar syllabas, nem accrescentar, nem alongar as que são breves, nem abreviar as que são longas. De necessidade nos havemos de servir dellas na prosa, assim como são. A Musica, sustendo a voz sobre a breve, e rolando-a sobre a longa, póde alongar aquella, e abreviar esta; bem que isto era raro na Musica antiga, cujo compasso, e tempos erão subordinados aos da prosodia, e metro. Esta liberdade não ha no discurso.

(*c*) Se nós pois nada podemos alterar, nem nos vocabulos, nem nas suas syllabas; como conseguiremos encher os espaços Symmetricos dos Rhythmos, que quizermos? Por meio da *Collocação*, substituindo humas palavras em lugar de outras, accrescentando algumas, subtrahindo outras, e variando-as todas como nos fôr preciso. Vej. supr. Art. III. §. 2. Em segundo lugar por meio do Hyperbaton, ou *Transposição*, dando ás mesmas palavras differente ordem, da qual resultem outros pés, e rhythmos mais harmoniosos. *As palavras* (diz Dionysio de Halic. no lug. cit. pag. 134.) *andão ligadas ás idéas, e cáem ao*

separação das palavras, (*a*), e daqui vem que com as mesmas palavras se fazem differentes versos. Para exemplo lembra-me este, que hum Poeta de nome fez brincando:

Astra tenet coelum, mare classes, area messem,

o qual lido ás avessas he hum verso *Sotadeo*, e pelo contrario deste *Sotadeo*,

Caput exseruit mobile pinus repetita,

fará hum verso trimetro, quem o lêr de diante para traz. (*b*) Concluamos pois, que no meio dos periodos

---

acaso. O que he preciso, he distribuil-as com arte, e com a graça da Collocação disfarçar a servidão da lingua; principalmente tendo nós nesta parte toda a liberdade: Pois nenhum Rhythmo he excluido da prosa, como he o do verso.

(*a*) Diz: *a maior parte dos pés*, e não todos. Porque os pés encravados nas palavras polysyllabas, e muitas vezes os primeiros, e ultimos dos espaços periodicos não se podem mudar. Mas estes são poucos. A maior parte delles formão-se das syllabas limitrophes, por que principião, e acabão os vocabulos. Ora destas podemos nós fazer os pés, e rhythmos, que quizermos; já *ajuntando* por meio da Collocação, e Transposição palavras, de cujas syllabas finaes, e iniciaes formemos os pés, que pertendermos; já *dividindo* as mesmas palavras com pausas na voz, para encher os tempos do compasso. Porque *divisio respiratione, et mora constat* (Quint. VII. 9. 11) *et est quoddam in ipsa divisione verborum latens tempus*, (id. hic, n. 98.) o qual alonga a syllaba antecedente, e lhe faz fazer outra medida, que não faria sem a pausa. As cesuras no verso, por força das quaes as breves finaes ficão longas, são huma prova. Estas divisoens empregamos nós frequentemente na oração periodica Portugueza, e chegamos muitas vezes a quadrar os incisos, membros, e periodos por meio destas pausas, sem as quaes aquelles espaços não encherião o ouvido.

(*b*) Deste modo: *Repetita pinus mobile exseruit caput*, que he hum Jambico trimetro. Quanto aos versos *Sotadeos*, estes forão assim chamados de Sotades Cretence, que vivia no tempo de Ptolomeo Philadelpho, e fez hum grande uso delles Chamão-se tambem *Retrogrados*, porque medidos ás avessas, ou dão o mesmo metro, e sentido, ou differente. A sua materia de ordinario era obscena. Havia Sotadeos de varias castas. O primeiro, que cita Quint., retrogrado do Hexametro, e o segundo são Trochaicos tetrametros catalectos de sete pés, cujos pares são Choreos, e os parnoens, ou Choreos, ou Jambicos, e huma syllaba no fim. As cesuras frequentes desta casta de verso, chamados *Commata sotadea*, e os seus pés miudos quebravão, e enervavão o rhythmo. Demetrio, *De Eloc.* n. 193, lhes chama κεκλασμένα, καὶ ἀσέμνα μέτρα. *Pés quebrados, e nada graves.* Vej. tambem Quint. aqui n. 6, e I. 8. 6.

todos os pés se devem misturar, e ter o cuidado de que, os que agradão ao ouvido, sejão mais em numero, para que os peores misturados com elles se não percebão tanto. A natureza das letras, e das syllabas he immudavel. O que importa pois he cazal-as o melhor possivel humas com outras. (*a*)

Do Numero considerado nos Rhythmos.

Rhythmos do principio do Periodo.

§. I. Os Rhythmos melhores para o principio do

(*a*) O prazer, que resulta do Rhythmo, ou he relativo ao ouvido, ou aos objectos, e paixoens, que exprimimos no discurso. A primeira consideração pede que o Rhythmo não seja o mesmo, mas variado no genero, e na ordem; a fim de evitar a uniformidade de si enfadonha, e a similhança com o verso sempre odiosa. Pede mais que entre os Rhythmos do mesmo genero se escolhão aquelles, que são mais temperados de longas, e breves, como o Peon, o Dactylo, e o Jambo. *Nec enim effugere possemus animadversionem, si semper iisdem uteremur: quia nec numerosa esse, ut poema; neque extra numerum, ut sermo vulgi est, debet oratio. Alterum nimis est vinctum, ut de industria factum appareat; alterum nimis dissolutum, ut pervagatum ac vulgare videatur, ut ab altero non delectere, alterum oderis. Sit igitur permixta, et temperata numeris, nec dissoluta, nec tota numerosa, Paeone maxime, sed reliquis etiam numeris temperata... Jambus enim frequentissimus est in iis, quae demisso atque humili sermone dicuntur, Paeon autem in amplioribus, in utroque Dactylus. Ita in varia, et perpetua oratione hi sunt inter se miscendi, et temperandi.* Cic. *Orat.* 57. e 58.

Quanto á outra consideração, a razão pede que, segundo os movimentos dos objectos, e das paixoens, assim se afrouxe, ou precipite a marcha da oração, e caminhe a passos ou iguaes, ou desiguaes. Caminhará a passos iguaes pelo numero Dactylico, e a desiguaes pelo Peonico, e Jambico. Afrouxara o movimento dentro do mesmo numero, ou o precipitará, segundo os pés forem mais, ou menos cheios de tempos. Assim de dois rhythmos do mesmo genero, dois Spondeos tem dobrada duração de dois Pyrrhichios. Vej. logo Art. V. Como na proza Portugueza ha syllabas breves, e longas; ainda que não haja metros propriamente ditos, ha com tudo certa marcha, e certa medida, com que ouvido regula os espaços da oração periodica, e com mais razão della se deve dizer o que da sua affirmava Cicero, *Orat.* 58.: *Itaque non sunt in ea, tamquam tibicini, percussionum modi, sed universa comprehensio, et species orationis clausa, et terminata est: quod aurium voluptate judicatur.*

periodo são os que começão por syllabas longas. (*a*) Alguma vez com tudo poderemos principiar pela breve: como *Novum crimen*, e melhor por duas, como: *Animadverti, Judices.* As breves aqui servem para pintar a velocidade, que he propria das Partições. (*b*)

Rhythmos do fim do Periodo.

Tambem as clausulas, que acabão em longas, são as mais firmes. (*c*) Mas tambem as breves ás vezes fecharáõ a oração, (*d*) ainda que a ultima se tenha por indefferente. (*e*) Pois não ignoro que a breve final

---

(*a*) Nos Rhythmos do meio da oração attende-se mais á quantidade, isto he, ao maior, ou menor movimento dos compassos, e á sua igualdade, ou desigualdade. Nos do principio, e fim porém entra tambem em consideração a qualidade dos metros, e ordem das syllabas breves, e longas. Por tanto, sendo a marcha da oração analoga á dos corpos, que se movem dentro de hum espaço determinado; assim como estes passão da quietação para o movimento, e deste para a quietação: assim, á sua imitação, a marcha de qualquer oração deverá começar das syllabas estaveis para as velozes, e parar, cahindo destas para aquellas. He pois huma regra geral, dada por Arist. *Rhet.* III, e confirmada por Cic. *De Orat.* III. 47, por Quint. aqui, e numero 106. e 111, e por Demetrio *De Elocut.* n. 39, que os Rhythmos, que começão de syllabas longas para breves, são mais proprios para o principio dos Incisos, Membros, e Periodos; e os que correm das breves para as longas são mais accommodados ás clausulas.

(*b*) A regra geral acima, assim como todas as mais sobre o Rhythmo, tem huma excepção na Harmonia imitativa, que attende mais ao objecto, que pinta, do que ao prazer geral do ouvido. As partiçoens devem ser breves, Tom. I. pag 174, e logo Art. V. §. 2. As syllabas breves pois pintão melhor a sua ligeireza natural.

(*c*) Vej. nota acima.

(*d*) Ainda que todas as breves finaes das clausulas são longas por posição, como veremos, com tudo são breves relativamente ás longas finaes, e isso basta para a observação de Quint. aqui, n. 106: *Omnes hi, qui in breves excidunt, minus erunt stabiles, nec alibi fere satis apti, quam, ubi cursus orationis exigitur, et clausulis non intersistitur*, como succede nas clausulas dos incisos, e membros dentro do periodo. Já se huns e outros são desligados, então na regra geral, e fechão bem com o Spondeo. *Paucitatem enim pedum gravitatis suae tarditate compensant.* Cic. *Orat.* 64.

(*e*) Como diz Cic. *Orat.* 64: *Nihil enim interest, Dactylus sit extremus, an Creticus; quia postrema syllaba brevis, an longa sit, ne in versu quidem refert.* Quint. não he deste sentimento.

se toma por longa em razão de lhe accrescer huma parte do tempo da pausa seguinte. Com tudo, consultando eu o meu ouvido, acho huma grande differença na syllaba final, quando de si he longa, e quando se toma por longa. Pois a clausula do periodo *dicere incipientem timere* não he tão cheia como a deste, *ausus est confiteri.* (*a*) Ora se he indefferente ser a ultima breve, ou longa, seria o mesmo pé. Com tudo não sei de que modo se percebe assentar-se este, e aquelle ficar em pé. (*b*) Do que movidos alguns derão tres tempos á longa final; de sorte que aquella mesma parte de tempo, que a breve recebe do lugar, accrescesse tambem á longa.

Quaes devem ser os Rhythmos das Clausulas.

§ II. Nem importa só ver que pé he o ultimo, mas tambem o antecedente. Para traz porém não subiremos, nem mais de tres pés, (não sendo estes ainda trissyllabos, a fim de evitar tudo o que tem ar de verso), nem tambem menos de dois; aliás será *Pé*, e não *Rhythmo.* (*c*) Póde com tudo ser hum pé só, como o *Dichoreo*, se acaso se póde chamar hum o

---

(*a*) O primeiro do exordio *Pro Milone* acaba por hum Dichoreo, o segundo do exordio *Pro Ligario* acaba por hum Choreo-Spondeo.

(*b*) Para *se assentar*, requer-se mais demóra, do que para *ficar em pé.* Quer pois dizer que a final longa de sua natureza he mais longa, que aquella, que o he só por posição; porque esta tem dois tempos, hum da breve, e outro da pausa; e aquella tres, dois da quantidade, e hum da posição. Vej. o que dissemos acima no fim do §. 2. not. (*c*)

(*c*) Cic. diz o mesmo *Orat.* 64.: *Sed hos cum in clausulis pedes nomino, non loquor de uno pede extremo. Adjungo (quod minimum sit) proximum superiorem, saepe etiam tertium.* E no III. *Do Orad.* 50.: *Duo enim, aut tres sunt fere extremi servandi, et notandi pedes.* A qual observação não he só para os Rhythmos das clausulas, mas tambem para os do principio do periodo. *In quo (numero) impune progredi licet duo duntaxat pedes, aut paullo plus, ne plane in versum, aut similitudinem versuum incidamus. Aliae sunt geminae, (percussiones) quibus hi tres heroi pedes in principia continuandorum verborum satis decore cadunt.* Ibid. 47.

Dos quaes lugares todos combinados com este de Quint. vemos 1.º que os antigos apropriavão o nome commum de Rhythmo, ou Numero ás cadencias periodicas do principio, e fim das

que consta de dois Choreos, *(a)*, e tambem o *Peon*,

---

phrazes. 2. Que estas cadencias não erão outra cousa senão a combinação symmetrica de dois, ou tres pés, da qual resultava hum numero mais sensivel, e brilhante, o qual lhe fez dar com propriedade este nome. 3. Que estes Rhythmos não devião ter, nem menos de dois compassos, para se não confundirem com os Pés, nem mais de tres, para se não confundirem com o verso. 4. Que os mesmos, sendo compostos de dois pés dissyllabos, ou trissyllabos, ou de tres dissyllabos, não podião ter nem menos de 4 syllabas, nem mais de seis. 5. Que, assim como todo o acto de cadencia na Musica resulta sempre de dois sons fundamentaes, hum dissonante, que annuncía e prepara a cadencia; e outro consoante, que a termina: assim toda a cadencia Rhythmica deve constar pelo menos de dois pés, não quaesquer, mas taes, que hum prepare a passagem da quietação para o movimento, ou do movimento para a quietação; e outro a effeitue. 6. Que estas cadencias iniciaes, e finaes nunca devem coincidir com as dos versos, nem serem uniformes, mas variadas. 7. Que estes Rhythmos, ainda que sejão iguaes no espaço aos Incisos, tem com tudo a differença, que estes incluem sempre hum sentido, aquelles não; estes tem hum numero incompleto, e cortado pela Cesura, aquelles não. Vej. logo *Das Form. Period.*

(*a*) Dada assim huma idêa distincta do Rhythmo propriamente dito, ou cadencia periodica; passa Quint. a ensinar quaes são os pés, que formão estas cadencias dos principios, e clausulas dos Incisos, Membros, e Periodos. Nós reduziremos a idêas simplices toda a materia implicada dos Rhythmos, fazendo distincção dos Pés, que terminão a cadencia, e dos que a precedem e preparão, e classificando-os todos debaixo das tres proporçoens Rhythmicas, ou Compassos *Duplo*, *Sescuplo*, e *Par*. Antes de tudo porém he preciso advertir. 1. Que devendo as Cadencias iniciaes por via ordinaria começar das longas, e as finaes acabar por ellas (supr. §. 1. not. (*a*); e sendo a syllaba final sempre longa, ou por si, ou por posição *(ibid.)*: a regra geral he, que no principio só terão lugar aquelles Pés, que começarem por longas; e no fim só aquelles, que terminarem pelas mesmas; e esta parte da cadencia será tanto mais, ou menos estavel, quanto, ou só a ultima fôr longa, ou a ultima e penultima, ou as tres finaes consecutivas, acima das quaes não convem continual-as. 2. Que formando-se desta sorte, e preparando-se a primeira parte das cadencias do principio pelas longas; as mesmas se devem terminar pelas breves, ou no mesmo compasso, ou no seguinte: e pelo contrario, terminando as cadencias do fim pelas longas, as mesmas devem ser preparadas pelas breves, e consequentemente por aquelles pés, que nellas acabão.

Destes principios certos nascem, como consequencias, as observaçoens de Cic. *Orat.* 93. e 64. I.° Que os Pés, mais proprios para o fim, são no compasso Duplo, o *Choreo* - ◡; no

composto de hum Choreo, e hum Pyrrhichio, que julgão proprio para o principio, ou o *Peon* contrario de tres breves, e huma longa, que assignão para a clausula; (*a*) dos quaes só, a bem de dizer, fallão os Escriptores desta materia. Outros porém dão este nome a todos os Rhythmos, tenhão elles os tempos que tiverem, com tanto que guardem entre si a mesma proporção Sescupula. (*b*) Tambem o *Dochmio*, com-

---

Sesquialtero, o *Peon* 4.º ∪∪∪ –, e ainda melhor o *Cretico* – ∪ –; e no Par, o *Sponaeo* – –, com o qual o Choreo final fica de igual valor; *Nunquam enim interest, uter sit eorum in pede extremo.* II.º Que, para prepararem, e precederem estas cadencias finaes, os melhores são o *Choreo* – ∪, o *Jambo* ∪ –, o *Trocheo* ∪ ∪ ∪, e o *Dactylo* – ∪ ∪; os quaes tres pés *male concludunt, si quis eorum in extremo locatus est, nisi cum pro Cretico postremus est Dactylus.* O mesmo repete *De Or.* III. 50. *Duo enim, aut tres sunt fere extremi servandi et notandi pedes, (si modo non breviora, aut praecisa erunt superiora) quos, aut* Chorios, *aut* Heroos, *aut* alternos *esse oportebit, aut* Paeonem *illum posteriorem, aut ei parem* Creticum. Quanto ás cadencias do principio a regra do mesmo Cic. *ibid.* 49. he: que o Periodo *nascatur a proceris numeris, ac liberis, maxime* Heroo, *et* Paeone priore, *aut* Cretico.

A isto mesmo se reduz toda a doutrina de Quint. a respeito dos Rhythmos neste lugar. Porque 1. no compasso Duplo, o *Choreo* termina harmoniosamente a phraze, ou seja precedido de hum *Pyrrhichio*, o que faz o Rhythmo Peon 3. *videatur;* ou de hum *Jambo*, o que faz o Rhythmo Antipasto *amavisse;* ou em fim de outro *Choreo*, o que faz o Rhythmo Dichoreo *Comprobavit;* cadencia tão harmoniosa, que era a favorecida dos oradores Asiaticos, e de Cic., que só na oração *pro Archia* a emprega 40 vezes.

(*a*) 2.º No compasso Sesquialtero ha o Peon I. – ∪∪∪, que Arist. *Rhet.* III. 8. seguido de todos os antigos deu ás cadencias do principio; e o Peon IV. ∪∪∪ –, que o mesmo assigna para as do fim. Cicero porém *Orat.* 64. não he deste voto, porque *nihil ad rem est postrema quam longa sit*, e prefere para as clausulas o Cretico – ∪ – do mesmo compasso, ainda que não das mesmas syllabas, o qual precedido de hum Jambo faz o Rhythmo Dochmio, como *amicos tenes*, e deste fallaremos logo. Aristoteles, e todos os antigos não fallão senão do Peon primeiro e quarto. Comtudo ha tambem o segundo ∪ – ∪∪, e o terceiro ∪∪ – ∪, dos quaes aquelle só póde servir para o meio da oração, e este tambem para as clausulas, como vimos acima.

(*b*) Assim como o Numero Dactylico he o nome do compasso *Par*, assim o Peonico o he do compasso Sesquialtero. Ora a razão sescupla não he só de 2 : 3, mas de 3 : 4; porque a differença toda está no excesso da unidade. Esta he a razão,

posto do Bacchio, e Jambo, ou do Jambo, e Cretico, para as clausulas he grave, e estavel. (*a*) Da mesma sorte o *Spondeo*, de que Demosthenes fez grande uso, sempre de sua natureza he moroso. Precedel-o-ha muito bem o *Cretico*, como neste lugar: *De qua ego nihil dicam nisi depellendi criminis caussa.* (*b*)

E aqui se vê o que acima se disse; (*c*) que im-

---

porque alguns chamárão tambem Numero Peonico ao Rhythmo Epitrito, que he de huma breve, e tres longas combinadas de quatro modos, a saber, Epitrito I. ∪ - - -, Epitr. II. - ∪ - -, Epitr. III. - - ∪ -, Epitr. IV. - - - ∪. V. not. seguintes.

(*a*) Cic. *Orat.* 64. *Dochmius autem e quinque syllabis, brevi, duabus longis, brevi, longa, ut hoc* amicos tenes, *quo vis loco aptus est, dum semel ponatur: iteratus, aut continuatus numerum apertum, et nimis insignem facit.*

(*b*) 3. No compasso Par, não ha para as clausulas senão o Spondeo, o qual precedido de hum Pyrrhichio he o Rhythmo Jonico de menor, *Dubitavi;* de hum Jambo, o Rhythmo Epitrito I. *Reluctantes;* e de hum Choreo, o Epitrito II. *Contulissent.* A lingua Romana acabando de ordinario as phrases pelos verbos, e todas as formas destes terminando as mais das vezes pelos Rhythmos acima ditos; tinhão os Latinos a vantagem de ter na sua propria lingua as cadencias feitas. Não succede o mesmo nas linguas analogas, como a Portugueza, que não tem a mesma liberdade nas inversoens. Mas haverá por ventura na nossa lingua cadencias harmoniosas? isto he hum facto, de que só o sentimento he juiz. Dos que não percebem esta harmonia podemos dizer o que de alguns Romanos dizia Cic. *Or.* 50. *Quod qui non sentiunt, quas aures habeant, aut quid in his hominis simile sit, nescio.* Ora se em humas cadencias ha harmonia, e em outras não, o ouvido não póde fazer este juizo senão medindo os espaços, e percebendo nelles proporção, ou disproporção. Logo ha Numero, e este não póde ser outro senão o mesmo dos Gregos, e Romanos, (assim como o da Musica moderna he o mesmo que o da antiga), e necessariamente ha de ser, ou *Par*, ou *Impar*, e este, ou *Sescuplo*, ou *Duplo.* Huma cousa he certa, que tendo a nossa lingua, como a Romana, tres cadencias, Graves, Agudas, e Esdruxulas: ella gosta mais das graves que correspondem aos Choreos, emprega tambem as agudas similhantes aos Spondeos, e uza raras vezes das Esdruxulas, que são os Dactylos dos antigos.

(*c*) Supr. 65. Esta observação he summamente importante para as cadencias, assim Latinas, como Portuguezas. Por ella sabemos a razão, porque os mesmos Rhythmos fazem humas clausulas harmoniosas, e outras não. O Dichoreo *divisam esse* seria duro, segundo Quint. VIII. 6. 65, no primeiro periodo de Cicero *pro Cluent:* e não he outra a razão senão por estar em duas palavras. Pelo contrario o Dactylo-Spondeo na clausula pe-

portava muito ver se os dois pés vão incluidos dentro da mesma palavra, ou separados. Porque se he huma cadencia forte a de *criminis caussa*, a de *archipiratae* he frouxa, e muito mais frouxa precedendo hum *Tribrachys*, como *facilitates*, *temeritates*. Porque na separação, que fazemos das palavras, ha huma especie de pausa occulta, como no Spondeo do meio do Pentametro, o qual, se se não fórma da syllaba final de huma palavra, e da inicial de outra, não faz verso. (*a*)...

§. III. Todo este lugar porém a respeito dos Pés não foi tratado por nós, para que a oração, que deve ser livre, e corrente, envelheça em medir pés, e pesar syllabas. Seria isto occupação de hum homem miseravel, e que se entretem com bagatellas. Quem gastasse todo o tempo neste estudo, não o poderia ter para o que he mais essencial, e pondo de parte o cuidado, que deve ter de solido e bello dos pensamentos, se occuparia só em fazer das palavras huma especie de *Xadrez*, e de *Mosaico*, como diz Lucilio. (*b*) Não seria isto resfriar o fogo da Eloquencia, e quebrar-lhe o impeto, como se quebra o do cavallo, quando no meio da carreira se lhe colhe a redea, e o de quem corre, quando mede os proprios passos? Como se os numeros não tivessem sido descobertos depois de compostos já, assim como o Poema ninguem duvida fosse ao principio improvisado sem arte, (*c*) e só pela toada, e observação dos espaços analo-

---

riodica he vicioso, achando-se em duas palavras como no verso; e já o não he sendo em huma só. V. supr. Art. III. §. 2. no fim, e not. Na lingua Portugueza observa-se o mesmo. O que nos falta na medida certa dos metros, e na liberdade das inversoens, nós o supprimos com estas pausas, que mettemos entre os vocabulos.

(*a*) Por isso he justamente reprehendido este verso de Catullo por falta da Penthemimeris:

Troja virum, et virtutum omnium accerba cinis.

(*b*) Em Cic. *De Orat.* III. 43. e *Orat.* 44:

Quam lepide lexeis compostae? ut tesserulae omnes
Arte pavimento atque emblemate vermiculato.

Veja-se a traducção supr. Art. III. pag. 242. not. (*a*)

(*c*) Cic. *Orat.* 54. diz o mesmo: *Neque enim ipse versus ratione est cognitus, sed natura atque sensu, quem dimensa ratio docuit*

gos, e depois disto he, que nelle se descobrirão os pés.

O continuo exercicio de escrever pois assás nos habituará ao Numero, para ainda de repente fallarmos com elle. (*a*) Nem se deve tanto olhar para cada hum dos pés, quanto para o todo da oração periodica, assim como quem compõe hum verso attende mais para o todo daquelle espaço, do que para as seis, ou cinco partes de que o mesmo consta. Porque em fim o verso existio antes da arte de versificar, ao que alludio aquillo de Ennio, (*b*)

Nos versos, que os Faunos n'outra tempo
Com os Vates cantavão juntamente.

O que a *Versificação* pois faz na Poezia, faz a *Collocação* na Proza. (*c*) Os melhores juizes desta são

---

quod acciderit. Ita notatio naturae, et animadversio peperit artem. Isto que aconteceo na arte Metrica, aconteceo tambem na arte do Numero Oratorio, e em todas as mais partes da Eloquencia. A pratica em todas as Artes sempre precedeo a Theoria. V. tom. I. pag. 16. e not., e supr Art. I. §. 4.

(*a*) « A estas regras do Numero (diz Crasso em Cic. *De Or.* « *III.* 49.) deveremos conformar a oração, o que conseguiremos « por meio do exercicio, e do estilo, que, assim como no mais, « assim nesta parte especialmente he quem orna, e lima a ora- « ção? Nem isto he de tanto custo, como parece. Porque não « he precizo medir as oraçoens ao compasso exacto, e severo dos « Rhythmicos e Muzicos. Basta sómente que a oração não seja « contínua, nem vagabunda, não fique áquem, não passe álem, « seja dividida em porçoens, e os periodos redondos; e que nem « sempre se uze destes, mas muitas vezes de membros mais cur- « tos, os quaes mesmo será preciso ligar com os numeros. »

(*b*) *Versibus, quos olim Fauni, vatesque canebant.* Em Cic. *Orat.* 51.

(*c*) Cic. *De Orat. III.* 44. nos ensina, que he o mesmo processo o do Orador na composição do numero, que o do Poeta na do « verso. Nada ha (diz elle) que distingua mais o Orador do homem « imperito e ignorante do que isto: que aquelle o que diz, dil-o « sem regra, nem medida, e termina as phrases á medida do « seu folego, e não da arte: o Orador porém de tal modo liga, « e proporciona o pensamento ás palavras, que o fecha em hum « espaço, e numero determinado dellas, o qual ao mesmo tempo « he ligado, e solto. Porque, depois de ter ligado o pensamento « a certa medida, e fórma de pés, passa logo a soltal-o, e livral-o « destas prisões, mudando a ordem dos mesmos, de sorte que « as palavras não ficão, nem ligadas, como no verso, nem tão « soltas, como na prosa vulgar. » Sirva para exemplo desta ope-

os ouvidos, os quaes sentem o que he *cheio*, requerem o que he *falto*, (*a*) escandalizão-se do que he *aspero*, lizongeão-se com o que he *suave*, (*b*) animão-se com o que he *agitado*, gostão do que he *estavel*, (*c*) sentem o que fica *suspenso*, e enfadão-se com o que he *sobejo*, *e desmarcado*; (*d*) que por isso os doutos en-

---

ração aquelle verso de Horacio: *Sperne voluptates, nocet empta dolore voluptas.* Mudemos-lhe a ordem dos pés, e das palavras deste modo: *Voluptates sperne, dolore voluptas empta nocet.* O verso desapparece, e fica o numero oratorio.

(*a*) Toda esta doutrina he tirada de Cic. *Or.* 55. « Os ouvidos, « (diz elle) ou, para melhor dizer, o nosso espirito por ministerio « delles tem em si a medida natural de todas as palavras. Assim « julga elle do curto, e longo das oraçoens, e espera sempre « espaços moderados e perfeitos, sente certas oraçoens mutiladas, « e troncadas, para assim dizer, e se offende com isso, como se « o defraudassem do que lhe he devido. Percebe que outras são « mais compridas, e que passão as marcas; no que tem ainda « maior desprazer pela regra geral, que em tudo, e nesta parte « especialmente o demasiado offende mais, que o pouco. Do » mesmo modo pois que o verso e o metro foi descoberto pelo « sentimento do ouvido, e observação dos intelligentes; assim se « observou tambem, tarde sim, mas pelo mesmo instincto da « natureza, que as phrases tinhão certos espaços medidos, e pe« riodos, que devião correr. »

As oraçoens são *cheias*, ou *troncadas*, por ordem aos tempos, ou syllabas precizas para encher o ouvido, quando são as bastantes para isto, ou lhes faltão. Quint. aqui mesmo observa, que neste periodo de Cicero, o primeiro da primeira Verrina, *Neminem vestrum ignorare arbitror, Judices, hunc per hosce dies sermonem vulgi, atque hanc opinionem Populi Romani fuisse etc.* este membro não ficaria cheio, se em lugar de *hosce*, dissessemos *hos*, e tirassemos as palavras *atque hanc opinionem Populi Romani*, não obstante não serem precizas nem ao sentido, nem ao rhythmo da clausula.

(*b*) As oraçoens são *asperas*, ou *suaves*, por ordem á successão dos sons faceis, ou difficeis de pronunciar, tanto dentro dos vocabulos, como na sua junctura. V. supr. Art. III.

(*c*) As oraçoens são *apressadas*, ou *estaveis*, por ordem ao Rhythmo dos pés, ou compassos segundo nelles dominão as breves, ou as longas. V. supr. pag. 258. Tambem entre as fórmas periodicas, os Periodos são mais ligeiros que os Membros, e estes mais que os Incizos em razão das pausas mais frequentes, e maiores nestes, que naquelles.

(*d*) As oraçoens ficão *cochas*, e *suspensas*, por ordem ás clausulas, quando contra a regra acabão pelas breves. Quint. atraz, n. 70, dá para exemplo das cadencias suspensas as dos membros seguintes: *Non vult P. R. obsoletis criminibus accusari Verrem*, e

tendem só a arte do Numero, (*a*) mas tambem os ignorantes lhe sentem o gosto. Algumas cousas ha porém, que nem a arte mesma as póde ensinar....

Do Numero considerado nas Fórmas Periodicas.

§. I. O que he inteiramente da arte do Orador he saber em que lugar, e de que genero de Numero se deve servir. Isto comprehende duas observações, huma relativa aos *Pés*, e outra ás differentes *Fórmas Periodicas*, que se compoem dos mesmos pes. (*b*) Tratemos primeiro destas.

---

ut cibum vestitumque intro ferre liceat, *tantum*, dos quaes o primeiro acaba por hum Dichoreo em duas palavras, e o segundo pelo mesmo Choreo separado. V. acima §. 2. no fim. As oraçoens são *desmarcadas*, ou pela disproporção com os membros antecedentes, ou pela que tem hum grande numero de palavras com hum pequeno de idêas.

(*a*) « He para pasmar (diz Cic. *De Orat. III.* 51) que havendo « tanta differença no modo de obrar entre o douto, e ignorante, « quasi nenhuma haja no modo de julgar. Todos por hum instincto « natural, sem estudo, nem reflexão, julgão do que he bom, e « mao nas Artes: e não só fazem isto nas pinturas, esculpturas, « e outras obras, para cujo entendimento tem menos subsidios « da natureza, mas muito mais na harmonia do discurso. Mas « a razão he, que todas estas cousas pertencem ao senso com- « mum, e ao gosto, de que a natureza a ninguem quiz privar. » Ainda que pois não haja grande differença nos juizos; porque, o que he bello, de ordinario a todos agrada: ha muito grande no modo de obrar. O douto sabe a razão do que faz, o ignorante não. Aquelle obra por principios, e assim he mais seguro nas suas praticas, e póde levar as Artes á sua perfeição. Este obra só por instincto, e como este nasce dos habitos contrahidos, máos, ou bons, póde tomar por natureza o que o não he. Por tanto não he inutil o saber as causas do prazer, que todos sentem na Melodia, Rhythmo, e Harmonia do discurso: 1. para podermos perceber pela razão o Numero das linguas, Grega, e Latina, já que o não podemos preceber pelo ouvido; 2. para podermos fazer a applicação destes principios geraes a nossa lingua, e dar-lhe por este modo toda a perfeição musical, de que ella for susceptivel.

(*b*) Ao que Quint. no principio, Art. I §. V, chamou *Formas* da oração periodica, dá aqui o nome de *Comprehensiones*, isto he, de oraçoens, que comprehendem hum sentido de qualquer tamanho que sejão, ou de Incizos, ou de Membros, ou de Periodos. V. Quint. I. 5. 51. Tem differença dos Pés, e Rhythmos, que estes por si não contém sentido, aquelles sim. Assim como as syllabas servem para composição dos Pés, e os Pes para a dos Rhythmos: assim estes servem para compôr as oraçoes, ou fórmas periodicas,

Já dissemos que estas erão *Incizos*, *Membros*, e *Periodos*. Incizo, quanto á minha opinião, *será hum sentido, fechado em huma oração, cujo numero não he completo.* (a) Muitos o definem *Parte do Mem-*

---

que Cic. chama *modos*, *et formas verborum*, *versus*, e *numeros*. De Orat. III. 44. *Subsequitur modus, et forma verborum.... Versus enim veteres illi in hac soluta oratione propemodum, hoc est, numeros quosdam nobis ad hibendos esse putaverunt. Interspirationis enim, (non defatigationis nostrae, neque librariorum notis) sed verborum et sententiarum modo interpunctas clausulas in orationibus esse voluerunt.*

(a) Se as *Fórmas Periodicas* pois são certos espaços medidos (*modi*), e oraçoens fechadas em certo numero de syllabas, ou pés (*numeri*): que medida, e numero he este? Amedida justa de huma oração, ou espaço periodico, he a de 12 até 17 syllabas, e de 24 tempos. Este espaço tem reunido em si todos os votos das naçoens polidas, tanto antigas, como modernas; e satisfaz a todas as necessidades, e commodidades das pauzas precisas ao pulmão, ao ouvido, e á distincção dos objectos, e das idêas. Os versos heroicos dos Gregos, e dos Romanos, e os das naçoens modernas mais polidas são huma prova. Os dos primeiros tem seis compassos, ou pés, que sendo, como são, Dactylos e Spondeos, dão 24 tempos justos em 13 até 17 syllabas. Os das naçoens Europeas tem 11, 12, até 13 syllabas, que, calculadas pela quantidade, vem a dar os mesmos tempos, pouco mais ou menos. Fixada huma vez deste modo a medida justa do espaço mais commodo á respiração, á attenção, e á distincção dos differentes sentidos: por ella he facil de determinar a dos outros espaços periodicos pequenos, e grandes. Se hum Hexametro, ou hum verso Endecasyllabo dá a medida proporcionada de hum membro, o Incizo será como hum hemisticho, e o Periodo composto, como dois, tres, ou quatro hexametros.

Isto supposto, o *Incizo*, ou *Comma* não he outra cousa mais que huma oração do comprimento de huma cesura, ou de pé e meio, chamado *Trihemimeres*, ou de dois e meio, chamada *Penthemimeres*. Quint. na sua defnição do Incizo seguio a propriedade do termo Grego *κομμα*, *cesura* de *κοπτω caedo*, e o uso dos mesmos Gregos, e ainda Latinos, que se servem deste nome para significar as cesuras dos versos. V. Quint. I. 8. 6. A brevidade mesma destes Incizos, de que nos servirmos como de huns pequenos punhaes, dá mais liberdade, quanto aos pés, na sua composição, do que na dos membros, e periodos, cujos espaços devem ser completos, e acabados. Os Incizos podem ser de hum pé só, ou de dois, a cada hum dos quaes se póde accrescentar huma cesura, mas de modo que não passem de tres pés. *Nam in iis* (incisis) *quibus, ut pugiunculis, uti oportet, brevitas facit ipsa liberiores pedes. Saepe enim singulis utendum est, plerunque binis, et utrisque addi pedis pars potest, non fere ternis amplius.* Cic. *Or.* 67. Por tanto o Numero nos Incizos não era completo, assim por

bro. (*a*) E taes são com effeito os Incizos de Cicero: (*b*) *Domus tibi deerat? At habebas. Pecunia superabat? At egebas.* Porém os Incizos tambem se podem fazer de huma palavra só, e desligada, como neste exemplo: *Diximus. Testes dare volumus*, (*c*) a palavra *Diximus* he hum Incizo.

§. II. Membro he *hum sentido fechado em huma oração, cujo numero he completo, mas que desmembrado do corpo do pensamento total, por si não conclúe.* (*d*) Por exemplo: *O Callidos homines!* tem nume-

---

lhes faltarem os pés, e compassos precizos para encher, e contentar o ouvido; como pelo compasso ultimo ficar no ar, em razão da cesura. Determinando agora a extensão dos Incizos, não já pelo numero dos tempos, mas pelo das syllabas; se estes não podião passar de tres pés, elles não se podião extender a mais de 7, ou 8 syllabas; e esta he tambem a medida dos Incizos Portuguezes, regulada sobre os hemistichios dos nossos versos Hendecasyllabos, que cáem na 6. syllaba com cesura, ou sem ella. Rollin na nota a este lugar, propondo-se explicar melhor esta materia, confundio inteiramente as idêas dos antigos Mestres, que distinguião as pausas dos Incizos, Membros, e Periodos *non librariorum notis, sed verborum, e sententiarum modo.* V. Cic. *De Or.* III. 44. e *Orat.* 68.

(*a*) Os Incizos, e os Membros, ou se considerão dentro do Periodo, e então aquelles são partes destes, e estes partes integrantes do Periodo, como: *Si quid est in me ingenii, quod sentio quam sit exiguum*, são dois incizos, e partes do primeiro membro do Periodo 1. *pro Archia:* ou se considerão fazendo differentes orações subordinadas, não entre si, mas ao sentido total; e então não são partes dos membros, como: *Abiit, excessit, evasit, erupit.* A definição pois de *Parte do membro* não convém a todo o definido.

(*b*) *Or.* 67. e continúa: *Haec incise dicta sunt quatuor*, dos quaes o primeiro e terceiro, que symmetrizão entre si, constão de dois pés, e cesura; e o segundo e quarto tambem symmetricos constão de hum, e huma cesura. Taes são tambem estes de Jacinto Freire: *Hontem hospedes, e agora Senhores*, e *Os Reis dão premios, não dão merecimentos.*

(*c*) Cic. *Or.* 67.

(*d*) Assim como a medida do Incizo he hum hemisticho, assim a do membro he hum verso hexametro. As mesmas palavras de *membro*, e *verso* são synonymas para Cicero, que no *Orad.* 66. diz: *Ex duobus enim versibus, id est, membris est perfecta comprehensio.* O seu espaço pois he de hum numero completo, tanto por conter seis compassos, que enchem a medida de huma pausa justa, como pelos pés serem todos inteiros. Se os medirmos pelo numero das syllabas, elles podem chegar ate 17. Por tanto os Incizos, Membros, e Periodos tem isto de commum, que todos contem

ro completo (*a*). Com tudo separado do resto não tem força, assim como a não tem por si a mão, o pé, a cabeça desmembrados do corpo; e o mesmo se vê nos seguintes membros: *O rem excogitatam! O ingenia metuenda!* Quando começão pois estes membros a fazer corpo? Quando chega a conclusão final, *Quem, quaeso, nostrum fefellit, id vos ita esse facturos?* (*b*) periodo, que Cicero tem pelo mais breve. Por este mesmo modo de ordinario vão misturados na oração os Incizos, e os Membros, e querem por fim hum Periodo, com que concluão (*c*).

---

hum sentido, ou parcial, ou total, que por isso se chamão *comprehensiones.* Distinguem-se porém pelo numero (*numero*), pelo tamanho (*modo*), e pela conclusão (*conclusione.*) O Incizo he hum sentido fechado em huma oração de hum numero incompleto, do comprimento de hum hemisticho, e sem conclusão final. O Membro he tambem hum sentido fechado em huma oração de numero completo, do tamanho de hum verso, porém sem conclusão final. O Periodo tem tudo isto.

(*a*) Porque? Porque tem tres pés completos, Spondeo, Jambo, e Anapesto, e o mesmo se vê nos dois membros seguintes. Por tanto tres pés são o lemite commum, até onde póde chegar o Incizo, e donde o membro parte para poder correr até o fim do verso, ou mais alguma cousa. Porque, como bem adverte Cic. *De Or.* 48: *Neque vero haec tam acrem curam diligentiamque desiderant, quam est illa Poetarum: quos necessitas cogit, et ipsi numeri, ac modi sic verba versu includere, ut nihil sit, ne spiritu quidem minimo brevius, aut longius quam necesse est. Liberior est oratio, etc.* V. tambem *Orat.* 58.

(*b*) Quint. quasi que transcreve aqui o lugar de Cic. *Orat.* 67, onde diz: *Incisim autem, e membratim tractata oratio in veris causis plurimum valet, maximeque his locis, cum aut arguas, aut refellas, ut nostra in Corneliana secunda:* O callidos homines! O rem excogitatam! O ingenia metuenda! *Membratim adhuc, deinde caesim:* Diximus. *Rursus membratim:* Testes dare volumus. *Extrema sequitur comprehensio, sed ex duobus membris, qua non potest esse brevior:* Quem quaeso etc. Com tudo este periodo he simples, e não bimembre, e talvez o que Cicero quiz dizer foi, que era hum periodo simples da extensão de dois membros. V. logo §. III.

(*c*) Esta he a regra, e practica de Cicero, que no seu *Orador*, 67, diz assim: « Não ha fórma alguma de dizer, nem melhor, nem mais nervosa do que ferir o adversario com oraçoens, já « de duas palavras, tres, e algumas vezes de huma só, já de mais « sem meter de permeio, senão rara vez, o periodo. » E pouco antes *ibid.*: « As oraçoens, que fazemos de Incizos, e Membros, « devem caír com a maior harmonia possivel, como na mesma

§. III. Cicero dá muitos nomes ao *Periodo*, chamando-lhe *Ambito*, *Circuito*, *Comprehensão*, *Continuação*, e *Circumscripção* (a). Delles ha duas especies. Hum *simples*, quando a huma proposição se dá maior ambito por meio da circumducção; (b)

« oração: *Domus tibi deerat? At habebas. Pecunia superabat? At « egebas*, que são quatro Incizos. O que se segue são dois mem- « bros: *Incurristi amens in columnas: In alienos insanus insanisti.* « Por fim todos estes incizos, e membros assentão sobre hum « periodo mais comprido que elles, e que serve como de baze a « sustental-os: *Depressam, caecam, jacentem domum pluris quam « te, et quam fortunas tuas aestimasti.* Elle acaba por hum Di- « choreo. » O mesmo se vê admiravelmente practicado no Exordio da 1. Catil. *O' tempora! O' mores! Senatus haec intelligit; Consul videt; hic tamen vivit. Vivit? Imo etiam in senatum venit; Fit publici consilii particeps; notat, et designat oculis ad caedem unumquemque nostrum. Nos autem, viri fortes, satisfacere Reipublicae videmur, si istius furorem, et tela vitemus.* Onde primeiro punge Catilina com os Incizos, como com huns punhais. Seguem-se depois os membros, e por fim toda esta piramide, para assim dizer, assenta em hum periodo, que lhe serve de pedestal. Chama-se a esta specie de Numero *Progressão ascendente,* ou *Ropalica*, em que o pensamento, como huma maça (ῥοπαλή), vai engrossando cada vez mais. Esta progressão de espaços desiguaes ascendente he a melhor todas as vezes que queremos amplificar: A *Descendente* ás vezes tem lugar, quando queremos diminuir. Outras vezes a *Symmetria* dos espaços, ou todos iguaes, ou iguaes, e desiguais faz o numero, qual se vê nas Figuras *Parisos*, *Omeoteleutos*, *Omeoptotos*, *Isocolos*, e *Antitheses*, das quaes Vej. Cap. IX. Art. III. §. 2. e 3., e Arist. Rhet. III. 9.

(a) Todos estes nomes, que lhe dá Cic. *Or.* 61. levão comsigo a idêa de circulo: Porque, assim como neste o principio, e fim coincidem no mesmo ponto pela circumducção da linha: assim no periodo se ajunta o principio, e fim do pensamento pela construcção Grammatical, que atando humas partes com outras faz que o ouvinte não comprehenda o pensamento, senão ajuntando no espirito o principio com o fim. Seguindo esta mesma figura, Cicero o definio ibid. *Ambitus, quo tamquam in orbe inclusa currit oratio, donec insistat in singulis perfectis, absolutisque sententiis*: a qual definição concorda com a de Arist. *Rhet.* III. 9: *Huma oração, que por si mesma tem hum principio, e hum fim, e álem disto huma grandeza tal, que de huma vista de olhos se póde correr facilmente.*

(b) Já dissemos, que a grandeza de hum membro era de hum hexametro, ou de 17 syllabas, pouco mais, ou menos. Qualquer proposição logica pois, composta só de sugeito, verbo, e attributo, póde formar hum membro. Mas, para esta mesma proposição passar a ser periodo, he precizo dar-lhe certo ambito,

outro *Composto* de membros, e incizos, os quaes contém muitas proposiçoens, como: *Aderat janitor carceris, carnifex Praetoris*, etc. (*a*) Esta especie de Periodo tem pelo menos dois membros. O numero medio parece ser quatro, mas muitas vezes admitte mais. A medida, que Cicero lhe dá, he, ou a de quatro versos hexametros, ou a do mesmo folego (*b*).

---

e grandeza tal, que chegue a igualar pouco mais, ou menos, a extensão de dois hexametros. Ora isto he que se faz por meio da *circumducção*; não intromettendo palavras vans, e periphrazes inuteis só a fim de encher este espaço, e lhe dar numero: mas dando-lhe a devida extensão por meio das modificaçoens proprias do sugeito, verbo, e attributo, que são, ou Adjectivos, ou Adverbios, ou Substantivos com preposição, ou Proposiçoens incidentes, ou tudo junto. Assim esta oração: *Animadverti duas orationis esse partes*, que he hum membro, e huma proposição logica, dando-se-lhe maior ambito, faz o primeiro periodo da oração *pro Cluentio*, deste modo: *Animadverti, Judices, omnem accusatoris orationem in duas divisam esse partes*: e desta proposição: *Os homens consolão-se com os defeitos alheios*, formou Duarte Ribeiro o seguinte periodo: *He motivo de consolação para a nossa pobre humanidade ver que os Heróes parcerão algumas vezes homens.* Disc. Polit. VI.

(*a*) Cic. *Verr.* V. 45. O periodo todo, que he bimembre, he deste modo: *Aderat janitor carceris, carnifex praetoris, mors terrorque sociorum, et civium, lictor Sestius; Cui ex omni gemitu, doloreque certa merces comparabatur.* Quanto á distincção do Periodo em *Simples*, e *Composto*, Quint. nella seguio a opinião confórme dos Rhetoricos Gregos, Arist. III. 9., Demetrio *De Eloc.* 17, e Hermogenes *De Inv.* IV. 3. Os Rhetoricos Latinos porém, como Aquila *Rhet. Pithaean.* pag. 17, e S. Agostinho *De Doctrina Christ.* IV. 1., seguindo a Cicero *Orat*, 67, não admittem senão o periodo composto pelo menos de dois membros. Ambas estas opinioens tem a que se apegar. A primeira attende ao tamanho dos espaços; e sendo o dos periodos simplices dobrado do dos membros, era necessario fazer esta distincção. A segunda porém attende só ao numero das Proposiçoens, não Incidentes, mas Principaes, e segundo ella, todo o periodo he: *Hum ajuntamento de proposiçoens subordinadas, e ligadas entre si de tal modo, que humas suppoem necessariamente as outras, para o complemento do sentido total.*

(*b*) Os Periodos compostos, segundo o numero de membros, que contém (os quaes são as Proposiçoens principaes subordinadas, e não as incidentes, que modificando o Sugeito, ou Predicado das principaes, a estas pertencem), ou são *Bimembres*, como o acima de Cicero, e este de Duarte Ribeiro: *Onde ha costumes, leis, e armas em grão excellente, não póde faltar grande poder no Estado, grande felicidade nos Subditos, e gram magestade no Prin-*

Todo o Periodo deve ter estas condiçoens: 1. Que

---

cipe: ou *Trimembres*, como este do mesmo: *Se os Principes não chamarem o soccorro dos amigos; se não dividirem o peso do governo: acharáõ o castigo na temeridade da sua ambição, e a quéda na sua mesma fortuna:* ou *Quadrimembres*, como no mesmo: *Se com tudo a temeridade, e insufficiencia destes sugeitos foi algumas vezes venturoza; se chegárão ao porto pelo caminho, que os apartava delle: não he seguro fiar da felicidade cega, que os guiou; antes he necessario guardar delles como de pessoas, que levadas de huma violenta imaginação passárão as ribeiras dormindo, sem saber nadar, e corrérão sem tropeçar pelos precipicios.* Podem-se ver exemplos Latinos destes periodos em Cicero a cada passo, e no exordio *Pro Leg. Manilia*, do qual o 1. he quadrimembre, o 2. trimembre, e o 3. bimembre; e no de *Pro Archia*, em que se vem seguidamente hum de 4 membros, outro de 2, e o terceiro de 3.

O Periodo quadrimembre he o mais perfeito de todos, principalmente sendo cada membro do tamanho de hum hexametro, qual he o primeiro de Cicero *Pro Caecina: Si quatum in agro, locisque desertis audacia potest; tantum in foro, atque in judiciis impudentia valeret: non minus in causa cederet A. Caecina Sex. Aebutii impudentiae; quam tum in vi facienda cessit audaciae.* Este espaço de quatro versos, dividido por quatro pausas compassadas, enche o ouvido, e não tem nem a brevidade curta dos periodos de hum, dois, e tres membros; nem a extensão demasiada dos de cinco, seis, sete, e mais. Com tudo a composição seria monotona, e poetica se caminhasse sempre nesta medida. Se a oração tem mais de quatro membros até oito, não se chama então *Periodo*, mas *Periodica*, qual he a primeira de Cicero *Pro Milone*. Se passa ainda acima deste numero, e os seus membros são tantos, quantos o folego do Orador póde alcançar; tem então o nome de *Pneuma*, do qual póde servir de exemplo o primeiro de Cicero *Post reditum ad Quirites.* Destes *Pneumas* diz Cic. *De Or.* III. 47: *Longissima est igitur complexio verborum, quae volvi uno spiritu potest. Sed hic naturae modus est, artis alius.* Toda esta doutrina he tirada do mesmo Cicero, *Orat.* 66, lugar a que se refere Quint. *Constat enim ille ambitus, et plena comprehensio e quatuor fere partibus, quae membra dicimus, ut aures impleat, et ne brevior sit quam satis sit, neque longior. Quamquam utrumque nonnunquam, vel potius saepe accidit, ut aut citius insistendum sit, aut longius procedendum, ne brevitas defraudasse aures videatur, neve longitudo obtudisse. Sed habeo mediocritatis rationem. Neque enim loquor de versu, et est liberior aliquanto oratio. E quatuor igitur, quasi hexametrorum instar versuum quod sit, constat fere plena comprehensio.*

Toda esta fórma *Periodica* não tem outra differença da *Desmembrada*, e *Incidida*, senão que nestas as proposiçoens, que compoem o pensamento total, vão desligadas, e não subordinadas humas ás outras por meio das conjuncçoens, como naquella. *His igitur singulis versibus* (continúa Cic. ibid.) *nodi apparent continuationis, quos in ambitu conjungimus. Sin membratim volumus dicere,*

feche o sentido. 2. Que seja distincto, para se poder entender. 3. Que não seja desmarcado, para se poder comprehender na memoria. 4. Que os membros não sejão desproporcionados. Hum membro mais comprido do que he justo, faria o Periodo arrastado, e hum mais curto fal-o-hia claudicante. (*a*)

---

insistimus; idque, cum opus est, ab isto cursu invidioso facile nos, et saepe disjungimus. Assim he facil mudar huma fórma em outra, tirando, ou ajuntando ás oraçoens as ligaçoens, que as subordenão humas ás outras.

(*a*) Quatro condiçoens requer Quint. em todo o Periodo composto. A *Suspensão*, a *Distincção*, a *Comprehensibilidade*, e a *Proporção*. Porque 1. o periodo deve fechar, e concluir hum pensamento total; o que não poderá fazer, sem que as proposiçoens principaes, ou membros se mostrem na fórma de partes incompletas, e de tal modo subordinadas entre si, que o sentido total se não perceba senão no fim. O espirito deve estar suspenso desde o principio, esperando á conclusão final. Nisto pois se differença o pensamento *Periodico* do *Desmembrado*, que neste as proposiçoens fazem por si sentidos soltos, e desligados grammaticalmente. O espirito, e a inflexão da voz he, que os liga pela relação natural, que huns tem para os outros, como partes tambem de hum pensamento total. No periodo estas relaçoens se fazem sensiveis pelas conjuncçoens.

2. A *Distincção* faz-se particularmente necessaria no periodo composto. Porque, como nelle concorrem muitos sentidos parciaes, travados entre si; para evitar a confusão, he preciso individual-os de modo, que huns appareção na figura de Principio, outros de Consequencia; huns de Regra Geral, outros de Excepção; huns de Hypothese, outros de Affirmação; huns em hum ponto de Opposição, ou Comparação, outros em outro, etc. Assim todo o Periodo Composto tem duas partes principaes; huma chamada πρότασις, ou *Antecedente;* outra ἀπόδοσις, ou *Consequente*, as quaes humas vezes são iguaes no numero dos membros, outras desiguaes.

3. A *Comprehensibilidade*, ou como diz Arist. μέγεθος εὐσύνοπτον, requer que o periodo não seja demasiadamente extenso, assim pela multiplicidade de sentidos, como pelo comprimento desmarcado dos membros. Porque em quanto o espirito dá attenção a huns, perde de vista os outros. Elle pois deve ser de tal grandeza, que o espirito com facilidade o possa abranger a huma só vista, e a memoria reter.

4. Se a *Proporção* he necessaria nas partes do compasso, para haver numero, ella não he menos precisa nas do periodo, para ser Symmetrico, e numeroso. As suas partes pois, isto he, os seus membros, e incizos deveráõ ser como as daquelle, ou iguaes, ou, se forem desiguaes, o deveráõ ser na razão sescupla,

ARTIGO V.

Da Harmonia.

§. I. Todas as vezes que tivermos de fallar com acrimonia, instancia, e calôr, usaremos dos *Membros* e *Incizos*. Esta fórma de composição he a mais vigorosa de todas, e he tão certo que esta se deve adaptar (*a*) á natureza das cousas, que, sendo estas asperas, os mesmos numeros o devem ser tambem, e fazer que quem ouve se horripie juntamente com quem lhe falla. (*b*)

---

ou dupla; e daqui vem a divisão dos periodos em *Equilateros*, quando todos os membros são iguaes, e em *Isoscelos*, quando dois são iguaes, e o terceiro, ou mais grande, ou mais pequeno. Mas esta desigualdade não deve ser desproporcionada, principalmente no ultimo membro. O comprimento desmarcado de hum membro he como hum tropeço, que detem a marcha do periodo; e a brevidade demasiada, fal-o côcho, que por isso Arist. III. 9. chama aos primeiros μακροκώλους, e aos segundos μειούρους. Por tanto a respeito da proporção, e symmetria dos membros deve-se guardar a regra de Cicero *De Or.* III. 48: *Quod si continuatio verborum haec soluta multo est aptior, atque jucundior, si est articulis, membrisque distincta, quam si est continuata ac producta: membra illa modificata esse debebunt, quae si in extremo breviora sunt, infringitur ille quasi verborum ambitus. Quare, aut paria esse debebunt, posteriora superioribus, extrema primis; aut, quod etiam est melius, et jucundius, longiora.*

(*a*) Ἁρμόττειν, dizem os Gregos, que quer dizer *adaptar, accommodar, concertar*, donde vem a palavra ἁρμονία (*Harmonia*), que Qnint. I. 10. 12. traduz *dissimilium concordia*, e esta harmonia, chamada tambem *Numerus*, ou he o concerto de muitos sons successivos, chamado propriamente Canto, ou Melodia, da qual tratou Quint. no Art. III; ou o concerto de muitos espaços, e tempos successivos, chamado Rhythmo, do qual no Art. IV; ou, tomando esta palavra em hum sentido mais proprio, e restricto, o concerto de muitos sons simultaneos; e está claro, que esta Harmonia Musical não a póde haver na oração em que tudo he successivo. Com tudo póde haver a Harmonia Real, ou Imitativa, que he o concerto, e conveniencia dos sons com as cousas significadas, a qual he de dois modos: ou o concerto do todo com o todo, do estilo geral com a materia, e deste tratará Quint. nos Capitulos seguintes; ou o concerto das partes da expressão com as partes das cousas exprimidas, isto he, dos sons, palavras, Rhythmo, e Formas periodicas com a natureza das cousas, e paixoens, que se exprimem; e esta he a materia do Artigo presente.

(*b*) Para procurar esta harmonia imitativa, he que a Forma

As Narraçoens pela maior parte se farão com *Membros*, (*a*) ou desconjuntaremos os mesmos periodos com pausas maiores, que sejão como huns nóz desapertados; (*b*) menos quando estas narraçoens se fizerem, não para o fim de instruir, mas de ornar, como he a do *Rapto de Proserpina*, contra Verres. (*c*) Porque neste caso huma composição suave, e corrente he mais propria.

Os *Periodos* são proprios para os *Proemios* das causas maiores, em que o caso requer socobro no orador, recommendação do réo, e commiseração do Juiz. (*d*) Tambem são proprios para os *Lugares com-*

Desmembrada, e *Incidida* se usa todas as vezes, que fallamos com calôr, e acrimonia, como succede nas Invectivas, Apologias, argumentaçoens, e refutaçoens, *cum aut arguas, aut refellas,* diz Cic. *Or.* 67. Nesta fórma as proposiçoens, e sentidos concentrados em huma, duas, tres, ou poucas palavras são *numeri vibrantes*, e huns como pequenos punhaes, *pugiunculi*, com que ferimos vivamente o adversario. Alem disto a oração, cortada pelas clausulas frequentes, fica mais aspera, e por isso propria, e imitativa das invectivas acres, e picantes. Assim os Incizos são pintorescos naquillo de Virg. IX. 37. *Ferte citi ferrum, date tela, scandite muros, Hostis adest, eia . . .* e nisto de Camoens VI. 6. *Arde, morre, blasfema, e desatina*, em que tambem se vê a progressão Ropalica.

(*a*) A razão está clara. A Narração he a exposição de hum facto. Este compõe-se de varias circumstancias miudas, cada huma das quaes se enuncia em hum curto espaço. E como todas são contingentes, não tem entre si aquella connexão, que se vê nos sentidos parciaes de hum raciocinio, ou pensamento total. Os membros pois devem hir desligados, e não em fórma periodica.

(*b*) Desconjuntão-se os periodos com nóz menos apertados, ligando os membros só com as *conjuncçoens copulativas*, como, *et*, *qui*, *autem*, *vero*, etc. e não com as *suspensivas*, como *cum*, *tum*, *etsi*, *tamen*, etc. Vej. logo da Historia.

(*c*) *Verr.* IV. Cap. 48. V. Tom. I. Ex. XXXVI. Cic. *Or.* 62. faz a mesma excepção. *Adhibenda est igitur oratio numerosa . . . si exponenda narratio, quae plus dignitatis desiderat, quam doloris, ut in quarto accusationis de Ennensi Cerere, de Segestana Diana, de Syracusarum situ diximus.*

(*d*) « Todo o exordio (diz Cic. *De Orat.* II. 79) ou serve para « propôr e indicar o assumpto, ou para preparar e premunir « a causa, ou de ornato e dignidade ao corpo do discurso: e as- « sim como os vestibulos e entradas devem ser proporcionadas ás « casas e templos; assim o devem tambem ser os exordios ás causas. » Por esta razão a primeira especie de exordios usados nas

muns, e em todo o genero de *Amplificação*, (*a*) só com a differença, que, se accusamos, os periodos devem ser mais austeros, e se louvamos, mais pomposos. (*b*) Tambem valem muito nos *Epilogos*, e geralmente fallando, toda esta fórma periodica se deverá empregar para dar mais magestade e nobreza á composição; quando não só o Juiz está já senhor da materia, mas entra a gostar do discurso, entrega-se á discrição do orador, e se deixa levar do prazer. (*c*)

---

causas pequenas, não deve ser periodica. *An non pudeat certam creditam pecuniam periodis postulare?* Quint. VIII. 3. 4. Pelo contrario nas causas maiores estes exordios devem ser *accurata et apta verbis*, como diz Cicero *ibid.* 78, e dá duas razoens. 1.ª *Prima est enim quasi cognitio, et commendatio orationis in principio, quae continuo eum qui audit, permulcere, et allicere debet.* Para o que concorre muito a oração periodica, e harmoniosa. 2.ª Porque, *si in ipso illo gladiatorio vitae certamine, quo ferro decernitur, tamen ante congressum multa fiunt, quae non ad vulnus, sed ad speciem valere videantur; quanto hoc magis in oratione expectandum est, in qua non vis potius, sed delectatio postulatur?* Com tudo esta fórma periodica não deve ser, nem muito trabalhada, nem muito continuada, *nec deducta semper, et circumlata, sed saepe simplici et illaboratae similis*, como diz Quint. *no Exord.*

(*a*) Os *Lugares communs*, a *Amplificação*, e o *Epilogo* só tem lugar depois da prova, quando o Juiz se suppõe já instruido, e convencido da verdade. V. Tom. I pag 185. e 263, e assim estão na regra geral, que aqui dá Quint. V. not seguintes.

(*b*) Os Periodos são mais austeros, quando tem menor ambito, e circumducção; e mais pomposos, quando esta he maior. V. supr. Art. IV pag. 278. not. (*b*). Os primeiros tem lugar na Amplificação dos crimes, em que não nos devemos espraiar, para não mostrar nisso gosto: os segundos na dos louvores, em que o apparato, e a pompa he hum obsequio devido á virtude.

(*c*) He esta a mesma regra de Cic. *Orat.* 62. *Itum autem valet, cum is, qui audit, ab oratore jam obsessus est, et tenetur. Non enim id agit, ut insidietur et observet: sed jam favet, processumque vult, dicendique vim admirans, non inquirit quod reprehendat.* O uso pois da oração, ou seguida, ou cortada, não he arbitrario. Elle está sugeito ás regras da Harmonia, e he dirigido pela Natureza em razão da analogia da *expressão* com a *imagem*, ou *sentimento*, com a impulsão, digo, dada ao estilo pelos affectos da nossa alma, pela successão das idêas, e pelo movimento mais lento ou rapido, mais seguido ou interpolado, que as mesmas imprimem no discurso.

Nos lugares pois, que requerem contenção, calôr, e paixão, como Provas, Refutaçoens, e Moção dos affectos tristes; a harmonia, e arte sensivel do estilo periodico seria prejudicial.

A *Historia* não requer tanto periodos quadrados, quanto huma certa *encadeação, e tecido de oraçoens.* (*a*) Pois como ella he ligeira, e cursiva, todos os seus membros vão entrelaçados á maneira de homens, que, dando-se as mãos huns aos outros, se segurão andando, e se sustentão huns aos outros.

O *Genero Demonstrativo*, geralmente fallando, requer numeros mais profusos, e livres. (*b*) O *Judicial*, e *Deliberativo*, assim como he differente nas materias, assim tambem o deve ser na collocação das palavras. (*c*)

§. II. E aqui he o lugar proprio de tratarmos já da segunda das duas observaçoens, relativa aos Pés. Porque quem ha, que duvide que humas materias

---

Porque *detrahit actionis dolorem, aufert humanum sensum actoris, tollit funditus veritatem et fidem.* Cic. *Or.* 62. Já nos lugares de repouso, em que he preciso fazer descançar os animos da fadiga da applicação, e paixão, quaes são os lugares Communs, as Descripçoens, as Digressoens, e as Amplificaçoens etc.; o estilo periodico he muito proprio. *Nam cum is est auditor, qui non vereatur, ne compositae orationis insidiis sua fides attentetur, gratiam quoque habet oratori voluptati aurium servienti.* Cic. *ibid.*

(*a*) *Orbem quendam, contextumque*, diz Quint. Cic. *Or.* 20. diz do mesmo modo, que na Historia *tracta quaedam, et fluens expetitur, non haec contorta, et acris oratio.* Aquella he a que Arist. III. 9. chama εἰρομένην λέξιν, prosa continuada, que não pára, e que faz huma peça só pela sua ligação continuada, qual he a de Herodoto; a esta κατεστραμένην, *contortam*, periodica, distincta em membros, e periodos (*numeros finitos*). V. supr. Art. I. §. 5. Os Historicos posteriores a Herodoto, como Thucidides, e Xenophonte, e os Latinos deixárão aquella prosa infinita, como enfadonha e fatigante, e compuzerão a sua de membros pausados, mas ligados com tudo pelas conjunçoens copulativas. V. supr. dos Numeros.

(*b*) O Genero Demonstrativo, como tem por fim o deleite, he o campo, em que, assim como todos os mais ornatos da Elocução, assim este do numero ostentão as suas riquezas. Os periodos pois nelles são mais profusos pela riqueza da expressão, e maior ambito; e mais livres pela symmetria dos seus membros, e harmonia das cadencias: *Itaque postea quam est nata haec vel circumscriptio, vel comprehensio, vel continuatio, vel ambitus, si ita licet dicere; nemo, qui aliquo esset in numero, scripsit orationem generis ejus, quod esset ad delectationem comparatum, remotumque a judiciis forensique certamine, quin redigeret omnes fere in quadrum, numerumque sententias.* Cic. *Or.* 61.

(*c*) V. supr. pag. 283. not. (*d*) e tom. I. pag. 97.

se devem tratar com mais pacacidade, e brandura, e outras com mais acceleração, e aspereza? Humas com hum estilo mais sublime, grave, e ornado; e outras com elle mais subtil, e argucioso? Que em consequencia disto aos lugares sublimes, graves, e ornados estão melhor as syllabas longas; (a) e que, assim como os lugares brandos requerem vocabulos espaçosos, (b) assim os sublimes e ornados querem,

(a) Até aqui considerou Quint. a Harmonia nas Formas periodicas, e oraçoens de differentes grandezas. Agora passa a consideral-a nos primeiros, e segundos elementos, de que as mesmas se compoem, que são os sons, as syllabas, os pés, e as palavras. Assim como o discurso se compõe de palavras, assim estas se compoem de syllabas, e das qualidades musicaes destes primeiros elementos dependem as da expressão, e harmonia do oração, a qual he tanto maior quanto mais as palavras contribuem para ella, não só como sinaes das idêas, mas ainda como sons. Ora nestes considera Quint. principalmente tres qualidades imitativas, a sua *tardança*, ou *ligeireza*; a sua *sonoridade*, ou *surdeza*; a sua *doçura*, ou *aspereza*. A syllaba longa he em dobro mais grande que a breve; he pois aquella mais propria que esta á expressão dos objectos grandes e sublimes. Ella relativamente á syllaba tem hum movimento mais vagaroso em dobro, que a breve. He pois tambem mais propria a pintar a marcha grave, e magestosa da oração. Assim os Poetas Latinos carregão de spondeos os versos, que por sua materia pedem, ou mais gravidade, ou mais demóra, como: *Tantae molis erat Romanam condere gentem.* En. I. 37. *Olli inter sese multa vi brachia tollunt.* ib. VIII. 452. A nossa lingua tem muitas destas syllabas longas. Alem das agudas, das complexas, e das longas por posição, temos dois EE longos, hum aberto, e outro fechado; e da mesma sorte dois OO, as nazaes todas, e hum grande numero de diphtongos. Camoens em muitos lugares, e Cant. II. Est. 53. se servio aptamente dellas, fallando da batalha naval entre Augusto, e Antonio.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas Civis Accias guerras animoso
O Capitão venceo Romano injusto.

(b) O que fazem as syllabas longas, fazem tambem as palavras longas e polysyllabas. Huma idêa conduzida ao espirito no meio de huma esquipagem dilatada de sons, parece mais grande e apparatosa. Por isso os oradores no estilo grande, e ornado preferem as palavras compostas ás simplices, os superlativos aos positivos, e as de mais syllabas ás de menos. Assim *excruciatus*, *contumacissimus*, *locupletatus* são melhores que *cruciatus*, *contumax*, e *ditatus*. V. o principio da Or. *Pro lege Manil.* Estas palavras são igualmente proprias para os lugares brandos, e

além destes, mais as palavras sonoras, que as contrarias? (a) Já nos Argumentos, Divisoens, Ditos galantes, e em tudo o mais, que se chega á linguagem familiar, eu preferiria antes as syllabas breves... (b)

Os lugares *sublimes* pois, que tem palavras espaçosas e sonoras, gostão da magestade do *Dactylo*, e da do *Peon*, os quaes pés, ainda que constem de mais breves que de longas, são assás cheios de tempos. (c) Pelo contrario os lugares *asperos* tomão mo-

---

Ethicos, em que o vagar mesmo da expressão mostra o socego e tranquilidade da alma. Pelo contrario nos agitados, e asperos convém mais a pressa das syllabas breves dos Jambos, das palavras curtas, dos incizos, e oraçoens ellipticas.

(a) A segunda qualidade das syllabas he a sua *sonoridade*, ou *surdeza*. Entre as vogaes ha humas, que tem hum som elevado, claro, e forte; e as palavras, que se compoem destas, são sonoras (*clarae, magis exclamantes*): e ha outras de hum som obscuro, baixo, e fraco, que são *surdas* (*minus exclamantes*). Geralmente fallando, todas as vogaes, em cuja emissão a quantidade de ar sonoro he maior (*plus spiritus habent*), ou por sua duração, ou pela maior abertura, concavidade, ou nazalidade do orgão, são mais sonoras; e mais surdas as contrarias. V. supr. Art. III. §. 2. Deste modo são harmoniosas as syllabas sonoras destes versos de Camoens, *Lus.* VI. 19.

A voz grande, canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbaba.

(b) Em as materias de raciocinio, analyse, e agudeza, as idêas devem-se presentar em hum espaço curto, e de pressa, para melhor se poderem combinar. A demóra nellas, e a sua distancia local fazem mais difficil a percepção da sua relação, ou opposição. Esta a razão, porque o estilo aqui deve ser simples, e cerrado, e consequentemente tambem ligeiro. A velocidade das syllabas pintão admiravelmente a fugida dos prazeres, e a inconstancia do mar nestes versos de Camoens

Após das fugitivas alegrias. Son. Cent. II. 79. 4.
Vejo do mar a instabilidade. Eleg. II. Est. 3.

Onde em onze syllabas só tres são longas, e a voz se precipita pelas primeiras de *alegrias fugitivas*, e *instabilidade*, para se apoiar nas agudas penultimas.

(c) O compasso destes pés he magestoso. 1. Por serem assás cheios de tempos, constando hum de quatro, e outro de cinco, e assim o bater da medida não ser muito amiudado. 2. Pela mistura equilibrada das longas, e breves, cujos tempos no Dactylo são iguaes, e no Peon ha excesso só de hum: o que faz que a sua marcha nem seja pesada, nem tambem precipitada. 3. Por descahirem das longas para as breves, o que tem mais suavidade que o contrario.

vimento, e se acelerão por meio dos *Jambos*, não só por estes se comporem de duas syllabas tão sómente, e terem assim as pancadas do compasso mais frequentes, o que he contrario á brandura; mas tambem porque a cada passo se levantão, e sobem crescendo das breves para as longas. (*a*) Que por isso são melhores que os *Choreos*, os quaes descáem das longas para as breves. Os lugares *brandos*, como nos Epilogos, requerem, como os sublimes, palavras vagarosas, (*b*) mas menos sonoras. . . .

Em huma palavra em fim a Composição deve-se fazer como a Pronunciação (*c*). Ora não he esta pela

---

(*a*) Ambos os pés, Jambo, e Choreo, dos mesmos tempos, do mesmo numero de syllabas, e do mesmo rhythmo são ligeiros, e asperos. Ligeiros, porque são miudos, e assim foi precizo meter dois em huma medida, *Pés citus, unde etiam trimetris accrescere jussit Nomen iambeis, cum senos redderet ictus.* Hor. *Poet.* Asperos, porque as pancadas do compasso erão frequentes, e muito marcadas, e sensiveis. *Sunt insignes percussiones eorum numerorum, et minuti pedes.* Cic. *De Or.* III. 47. Porém o Choreo he menos aspero, porque descáe da syllaba longa para a breve; o Jambo mais, porque pula da breve para a longa. Por isso os antigos affectárão este pé particularmente á satira pessoal, e ás invectivas, a que Arist. no principio da sua Poetica dá o nome geral de Ἰαμβεια, e Horacio na sua diz: *Archilochum proprio rabies armavit iambo.*

(*b*) Nos epilogos reinão os sentimentos de tristeza, abatimento, e consternação, a fim de excitar a compaixão do Juiz a favor dos réos. Ora se aos sentimentos alegres convem mais os sons agudos, e rapidos: aos tristes pelo contrario hão de convir mais as syllabas mudas, e pouco sonoras, e as palavras que tem huma marcha lenta, e arrastrada, e como interrompida pelos soluços. Não se vêm estas nos versos de Virg. *En.* X. 18. II. 281. VI. 507, e neste dos *Georg.* IV. 461. *Implerunt rupes, flerunt Rhodopeiae arces?*

(*c*) Que se compõe de *Voz*, e de *Acção*. A linguagem da acção e gesto mudo he a primeira da natureza. A esta se seguio a das intoaçoens, e accentos inarticulados, qual se vê nas crianças; e a esta succedeo em fim a linguagem articulada da palavra. Todas estas linguas mais, ou menos perfeitas conservão huma harmonia inteira entre si, e com os affectos da alma, produzidos pelas necessidades da natureza. A alma, posta em agitação pela dôr, e pelo prazer, move as fibras interiores do cerebro differentemente; e por huma harmonia occulta, mas real, que ha entre estas, e as musculares, de que dependem os movimentos exteriores do corpo, a certos sentimentos da nossa alma correspondem

maior parte *branda*, e *modesta* nos Proemios (menos quando, accuzando, queremos irritar o Juiz, e enchel-o de indignação); *cheia* e *expressiva* nas Narraçoens, *apressada* como os movimentos do corpo nos Argumentos; *corrente* e *diffusa* nos lugares Communs, e Descripçoens; e *abatida* e *quebrantada* pela maior parte nos Epilogos? Os movimentos mesmos do corpo não tem seus tempos, e a Musica, assim como no canto, não emprega tambem na Dança certos numeros, que o mesmo bater do compasso faz sensiveis? (*a*) Que? a nossa mesma voz e gesto, quando fallamos, não se amoldão á natureza dos sentimentos, que queremos exprimir? (*b*) Não he pois para admirar que

---

certos gestos, e movimentos no corpo. Neste systema muscular entrão tambem os do orgão vocal, que não falta a exprimir por meio dos sons inarticulados o mesmo que o gesto mudo indicava. Os seus sinaes são os gritos, as interjeiçoens, e os differentes accentos e inflexoens da voz. A palavra por fim não faz outra cousa mais do que modificar, distinguir, e combinar por meio das articulaçoens estes primeiros tons da natureza, e deste modo accrescentar o que faltava á expressão dos gestos e dos sons. Daqui se vê que a mesma harmonia, que ha entre as differentes situaçoens da alma com a acção do corpo, e voz, de qne se compõe a Pronunciação; a mesma deve tambem haver entre esta, e o discurso, e composição oratoria. Esta trabalha sobre os primeiros elementos, e ensaios da natureza, não para os destruir, mas para os aperfeiçoar. V. Quint. I. 10. 22. segg., e Horac. *Poet.* v. 107.

(*a*) Nos mesmos movimentos do corpo ha certo numero, e harmonia sugeita ao compasso, chamada em Grego ἐυρυθμία. *Corporis quoque decens, et aptus motus, qui dicitur* ἐυρυθμία, *est necessarius.* Quint. I. 10. 26. Estes movimentos expressivos das differentes paixoens erão, e o são tambem hoje marcados ao compasso na Palestra, na Dança, e nos Pantomimos. Que muito he pois que esta harmonia se ache no discurso?

(*b*) O *Rhythmo* he huma parte essencial da Musica, e em especial da imitativa. Sem elle a Melodia nada he, e com elle he alguma cousa, como se vê pelo effeito, que causão os tambores. Mas donde vem a impressão, que causa em nós o compasso e a cadencia? Qual he o principio, porque estas alternativas de espaços já iguaes, já variados affectão a nossa alma, e podem influir nella o sentimento das paixoens? Diga-o o Metaphysico. O que podemos dizer he, que assim como a Melodia tira o seu caracter dos accentos, e tons da lingua; assim o Rhythmo tira o seu do caracter da Prosodia e quantidade, e então obra como imagem da palavra. Accrescento a isto, que certas paixoens tem

que esta mesma harmonia se ache nos Pés, de que se compõe a oração, devendo por este modo, a que he *sublime* caminhar, a que é *branda* levar-se, a que he *aspera* correr, e a que he *delicada* escorregar. (*a*)...

Quatro vicios da Composição. I. *Composição* effeminada.

§. III. Geralmente fallando, se fosse necessario dar em hum dos extremos, eu antes quereria que a Composição fosse aspera e dura, do que molle e effeminada, qual he a que se vê hoje em muitos, que cada vez mais se vão desaforando nesta parte até o

---

na natureza hum caracter Rhythmico, assim como hum caracter Melodico, absoluto, e independente da lingua. Por ex. a tristeza marcha a tempos iguaes e lentos da mesma sorte, que com tons remissos, e baixos. A alegria a tempos saltitantes, e ligeiros, como com tons agudos, e intensos. Os sons abertos, e sustidos são proprios á admiração. As syllabas mudas e de tempos desiguaes ao temor. As arrastradas e pouco sonoras á irresolução. As palavras duras de pronunciar á colera, as faceis ao prazer, e ternura. Cada paixão tem hum caracter proprio, mas custozo de perceber, por causa de que a maior parte dellas sendo compostas, participão mais ou menos humas das outras. V. Rousseau, Diction. de Mus. V. *Rhythmo*. Com razão pois diz Cicero *De Or.* III. 51. fallando do rhythmo, e melodia do discurso: *Nihil est tam cognatum mentibus nostris quam numeri atque voces, quibus, et excitamur, et incendimur, et lenimur, et languescimus, et ad hilaritatem, et ad tristitiam saepe deducimur.*

(*a*) O differente Rhythmo dá á oração differentes marchas harmonicas, e analogas á materia, e affectos, de que a mesma trata. A que he sublime, e trata assumptos grandes deve caminhar em hum passo grave e magestozo (*ingredi*), qual he o dos pés heroicos Dactylo, Spondeo, e o Peon. A que exprime os affectos brandos, tranquillos, e agradaveis, quaes são os Ethicos, esta deve levar-se (*duci*) em hum passo ainda mais lento, qual he o dos Spondeos. A que he aspera pelas satyras e invectivas, deve correr arrebatada (*currere*) nos pés Jambos, como nos versos de Catullo *Carm.* 29; citados aqui mesmo por Quint.

Quis hoc potest videre, quis potest pati,
Nisi impudicus, et vorax, et aleo?

Em fim a que he delicada por tratar das cousas mais aprazíveis á vida, esta deve escorregar (*fluere*) á maneira das aguas, que correm brandas por hum alveo pouco inclinado, ao que são proprios os Choreos.

ponto de dar ao numero da oração o mesmo ar das danças marcadas pelos instrumentos syntonos. (*a*)

2. *Composição* Monotona.

Nenhuma composição álem disso, por boa que seja, deverá ser continuada, e ir sempre nos mesmos pés. (*b*) Dar a todas as oraçoens, como lei, o mesmo

(*a*) Quint. depois de ensinar até aqui as regras da verdadeira Composição passa a assignar os vicios da falsa, que com Cic. reduz a quatro: 1. A composição *effeminada*, *e saltitante:* 2. A *monotona*, *e uniforme.* 3. A *violenta.* 4. A *Asiatica. Quae vitia* (diz Cic. *De Or.* 69) *qui fugerit, ut nec minutos numeros sequens concidat delumbetque sententias; neque sine ulla commutatione in eodem semper versetur genere numerorum; neque verbum ita trajiciat, ut id de industria factum intelligatur; neque injerciens verba quasi rimas expleat: is omnia fere vitia vitaverit.*

O primeiro vicio da composição, que elle chama aqui *effeminatam*, *et enervem*, e VIII. 3. 57. *fractam*, e aqui mesmo 42. 83. 83. 91. 108, e VII. 3. 56, e X. 2. 16. *subsultantem*, *exultantem*, *resultantem*, consiste na que consta toda de espaços miudos (*minutis numeris*), como são Incizos curtos, palavras breves, cesuras frequentes, e compassos pequenos e ligeiros, quaes são os dos Pyrrhichios, Trocheos, Jambos, e Choreos. A oração cortada por este modo com pauzas frequentes, e compassos miudos, e ligeiros toma o ar, ou da dança tremulante dos Sacerdotes Gallos de Cybeles, que deu o nome aos versos deste compasso: *Nomenque Galliambis memoratur hinc datum*, *Tremulos quod esse Gallis habiles putant modos.* Terentian. *De Metr.* pag. 2447, Quint. IX. 4. 6; ou de outra dança impudica dos Gregos, chamada κόρδαξ, composta de Trocheos, da qual Arist. *Rhet.* III. 9., Cic. *Or.* 57, e Quint. supr. 88: ou em fim das danças obscenas acompanhadas de ordinario pelos instrumentos Syntonos, que ao meu parecer, são todos os que fazião estrondo, e que, tocando sempre no mesmo tom, não servião se não a marcar o compasso, e cadencias da Musica, e da Dança. Tais erão todos os Instrumentos de coiro, e tambores de varias fórmas (*tympana*); os de metal concavo, como sinos (*cymbala*), e sistros (*crepitacula*); e os de páo, como as castanhetas (*crotala*), e os scabellos Musicos (*scabila*): os quaes todos se uzavão nas danças obscenas do campo, e casas de baile; das quais passárão ao theatro, depois da musica degenerar da sua antiga gravidade, e passar com os costumes a ser luxuriosa, como era no tempo de Quint. *Quae nunc in scenis effeminata et impudicis modis fracta, non ex parte minima, si quid in nobis virilis roboris manebat, excidit.* I. 10. 3. V. tambem Horac. *Poet.* v. 202. e seguintes. Hegesias, de quem fallámos tom. I. pag. 76, foi quem introduzio este estilo quebrado, e saltitante, muito similhante ao de que uzavão os Siculos. V. Cic. *Orat.* 67. e 69.

(*b*) O segundo vicio da composição he a *Monotona*, e *Versifi-*

numero e cadencia seria huma especie de versificação, que não só se faria odiosa pela affectação clara, (devendo-se fugir ainda á suspeita della); mas tambem fastidiosa pela monotonia, e uniformidade. Quanto a harmonia das palavras é mais dulcificada e sensivel, mais perde tambem da parte das cousas. Hum Orador huma vez apanhado neste cuidado de symmetrizar os numeros e as cadencias, perde a fé em todos os affectos, e movimentos, que pertendia excitar. O Juiz não póde acreditar similhante Orador, nem interessar-se na dòr, ou cólera de hum homem, que vê tem vagar para similhantes cousas. *(a)* Por esta mesma razão, alguns lugares muito harmoniosos se deveráõ desconcertar, para assim dizer, de proposito; e isto mesmo he huma grande arte fazer parecer que a não ha. *(b)*

3. *Composição* Violenta.

Mas nem tão pouco nos deveremos servir de transposiçoens dilatadas por amor da composição, para não parecermos fazer por causa della o que na verdade fazemos. *(c)* .

---

catoria, que consiste em uzar sempre dos mesmos numeros, isto he, da mesma fórma de oraçoens, e compòr o discurso todo, ou de periodos, ou de membros, ou de incizos; da mesma fórma de rhythmo, usando só de certos pés, e não os variando; da mesma fórma de cadencias, determinando as phrazes com os mesmos rhythmo, como fazião os oradores Asiaticos, que acabavão quasi sempre pelo Dichoreo, principalmente Hierocles, e Menecles, de quem diz Cic. *Or.* 69. *Apud eos varietas non erat, quod omnia fere concludebantur uno modo.* Esta composição he versificatoria, porque, assim como no Poema o primeiro verso, e a primeira stropha serve de regra ás mais na medida, na qualidade dos pés, e nas clausulas; asssim nesta casta de composição a primeira oração do discurso regúla as mais. Ora bem adverte Cic. *Or.* 62. *Genus autem hoc orationis, neque totum assumendum est ad causas forenses, neque omnino repudiandum. Si enim semper utare, satietatem affert, tum, quale sit, etiam ab imperitis agnoscitur.* V. supr. Art. IV. pag. 225. not. *(a)*

(a) A arte, e a affectação he clara nesta sorte de composição, e não ha cousa mais opposta a todos os affectos tristes. V. supr. pag. 283. not. *(a)*. e Cap. IX. Art. III. §. 6.

(b) V. supr. Art. II. §. 2, no fim.

(c) O terceiro vicio da composição são as inversoens dilatadas,

4. *Composição* Asiatica.

Certamente nenhuma palavra adaptada, e propria se deverá perder só para o fim de dar mais suavidade e harmonia á composição. (*a*) Pois nenhuma haverá tão escabrosa, que se não possa encaixar commodamente em algum lugar. . .

Recapitulação de todo o Capitulo.

§. IV. A Composição em fim, (pois me dou pressa a concluir esta obra, que já passa os limites, que me propuz), deve ser *Honesta*, *Agradavel*, *Variada*. (*b*) As suas *partes* são *Ordem*, *Junctura*, *Numero*. (*c*) *A arte* de a fazer consiste no *Accrescentamento*, *Diminuição*, e *Mudança*. (*d*) O seu *uzo*, e

---

e violentas a fim de lhe dar numero, e cadencia, das quaes fallou Quint. supr. Art. II. §. 2. e Cap. III. Art. II. §. 2. Cicero *Orat.* 69. nota com graça este vicio em L. Celio Antipatro, escriptor da Guerra Punica. As transposiçoens são muitas vezes necessarias para o numero. Porém não devem ser puxadas.

(*a*) O quarto vicio da composição he o de enxerir nas oraçoens palavras inuteis ao sentido, e ao ornato, só a fim de encher os vaons dos periodos, e fazel-os por este modo redondos, e harmoniosos. Este era o vicio commum aos Oradores Asiaticos. *Apud alios autem, et maxime Asiaticos numero servientes, inculcata reperies inania quaedam verba, quasi complementa numerorum.* Cic. *Or* 69. Mas se encaixar palavras vãas, só para quadrar as oraçoens he hum vicio: o mesmo he tirar-lhes as necessarias para conseguir o mesmo fim. O perfil, e circumscripção pois das palavras deve corresponder á do pensamento. *Ante enim circumscribitur mente sententia, confestimque verba concurrunt; quae mens eadem, qua nihil est celerius, statim dimittit, ut suo quodque loco respondeat: quorum descriptus ordo aliàs alia terminatione concluditur: atque omnia illa, et prima, et media verba spectare debent ad ultimum.* Cic. *Or.* 59.

(*b*) Quint. conclue este Capitulo com a recapitulação das materias, e pontos principaes do mesmo, começando-a pelo que acabou de dizer no §. antecedente. A *Honestidade* da Composição he contraria á *effeminada*, e *saltitante*; a *Variedade* á *monotonia*, e uniformidade; a *Suave*, e facil á *violenta*, e *Asiatica*.

(*c*) Esta he a divisão geral da Composição proposta no principio da materia Art. I. no fim.

(*d*) Aqui substancía o §. 2. Art. IV., onde propõe sete meios, que podemos empregar para procurar o numero á oração. Na *mudança* comprehende Quint. todos os cinco meios, de que lá fallámos na nota, fóra o do *Accrescentamento*, e *Diminuição*.

escolha he segundo a natureza das cousas, que dizemos. (a) O *cuidado* a respeito della deve ser grande, porém de tal modo, que o de *pensar* seja primeiro, que o de *dizer*. (b) O *disfarçar* este cuidado he o ponto principal, para que os Numeros pareção correr por seu pé naturalmente, e não virem arrastados, e violentos. (c)

CAPITULO XI.

Da Elocução Apta, e Decente.

(XI. 1.)

Importancia do Decoro Oratorio.

§. I. ALcançado, como se disse no livro antecedente, o habito de Escrever, Discorrer, e Fallar ainda de repente, se necessario fôr; o nosso primeiro cuidado deve ser o de *Fallarmos com Decoro;* qualidade, que Cicero mostra (d) ser a quarta da Elocução, e que segundo o meu juizo he a mais necessaria. Porque, sendo os estilos da oração muitos, e varios, e convindo hum a huma materia, e outro a outra; se elle não fòr accommodado ás cousas e ás pessoas, não só não illustrará os pensamentos, mas os arruinará

(a) Desta terceira especie de Numero, chamada propriamente *Harmonia*, tratou em todo o Art. V.

(b) V. Art. IV. pag. 271. §. 3.

(c) *Ibid.* Cicero no seu *Orador*, Cap. 60, fez da mesma sorte hum summario dos pontos, que tratou amplamente a respeito do Numero desde o Cap. 43, que he deste modo: *Ita si numerus orationis quaeritur*, qui sit? *omnis est; sed alius alio melior, atque aptior:* si unde ortus sit? *ex aurium voluptate:* si componendorum ratio? *dicetur alio loco, quia pertinet ad usum, quae pars quarta, et extrema nobis in dividendo fuit:* si quando? *Semper:* si quo loco? *in tota continuatione verborum?* si quae res efficiat voluptatem? *Eadem, quae in versibus, quorum modum notat ars, sed aures ipsae tacito eum sensu sine arte definiunt.*

(d) *De Orat.* III. 10. já trazido no Cap. I. deste Livro.

ainda, e lhes dará hum effeito todo contrario. Pois de que serve serem as palavras *Puras*, *Significantes*, *Ornadas*, e bem assim *Figuradas*, e *Harmoniosas*, (*a*) se não condisserem com os fins, a que nos propômos dispôr, e conduzir os Juizes? Se em cousas pequenas empregarmos o estilo sublime, nas grandes o tenue e exacto, nas tristes o garrido, nas asperas o dôce, nas humildes o ameaçante, nas patheticas o socegado, e nas apraziveis o terrivel e violento: por certo que será isto huma deformidade similhante á de hum homem, que se enfeitasse com os collares, perolas, e sáias, que são adornos proprios das mulheres; ou á de huma mulher, que se ornasse com as vestes triumphaes, (*b*) as mais augustas de todas....

O Decoro, *ou he das Cousas, ou das Palavras.*

Differença delle ao Util.

§. II. Mas isto de *Fallar com Decoro* não he só proprio da Elocução, mas tambem commum á In-

(*a*) Qualidades geraes de todo o Estilo, ou Elocução, annunciadas logo na divisão geral da Elocução no primeiro Capitulo deste Livro. As primeiras tres, *Pureza*, *Clareza*, e *Ornato* pertencem ás palavras consideradas ainda de persi como sinaes das idêas, sem relação nem ao total da phraze, nem ao do pensamento. Dellas tratou Quint. seguidamente até o Cap. VIII. deste Livro. As segundas, *Figura*, digo, e *Collocação*, pertencem ás mesmas palavras juntas em oração, sobre a qual só he que póde caír assim a figura, como a collocação. Destas duas tratou Quint. nos Capitulos VIII. IX. e X. reservando em fim para este Cap. XI. e para o seguinte o fallar do *Decoro*, por ser huma qualidade fundamental, commua á Elocução tanto das palavras separadas, como das mesmas juntas, e suppôr antes de si todas as mais. *Sed est Eloquentiae, sicut reliquaram rerum, fundamentum sapientia. Ut enim in vita, sic in oratione nihil est difficilius quam, quid deceat, videre* Πρέπον *appellant hoc Graeci, nos dicamus sane* Decorum. Cic. *Or.* 24.

(*b*) Vestes triumphaes erão as que levavão os Generaes victoriosos no carro do seu triumpho, quando em procissão solemne erão conduzidos pelo meio de Roma ao Capitolio. Estes Generaes, além da Laurea de ouro, com que ião coroados além do Sceptro de marfim, que empunhavão: ião vestidos de huma tunica de purpura entretecida de palmas (*tunica palmata*), e de huma toga bordada, e matizada de purpura, escarlate, e ouro (*toga picta, et purpura, cocco, auroque distincta.*)

venção. (*a*) Porque se as palavras são tão importantes, quanto mais o serão as cousas? A respeito das quaes por differentes vezes já nos seus lugares ajuntámos o que se devia observar. Agora porém devemos mostrar com mais individuação, que o *fallar aptamente* não he só ver o que he *Util*, mas tambem o que he *Decente*. (*b*) Nem eu ignoro que estas duas cousas de ordinario andão juntas, e que, o que he decente, he tambem pela maior parte proveitoso. . . Com tudo algumas vezes ha collizão entre ellas, e havendo-a, a decencia deve prevalecer á utilidade. . . .

(*a*) Da mesma sorte Cicero, *Orat.* 21, fez divisão do Decoro das *Cousas*, e do Decoro das *Palavras*. *Est autem, quid deceat, oratori videndum non in sententiis solum, sed etiam in verbis. Non enim omnis fortuna, non omnis honos, non omnis authoritas, non omnis aetas, nec vero locus, aut, tempus aut auditor omnis eodem, aut verborum genere tractandus est, aut sententiarum; semperque in omni parte orationis, ut vitae quid deceat, est considerandum.* Quint. nas regras da Invenção, tendo tractado do que de ordinario não só era util, mas tambem decente, (pois todas as regras da Arte se reduzem ás duas geraes de vêr *Quid deceat*, e *Quid expediat*. V. tom. I. pag. 18): aqui só se propõe tratar do decoro da Elocução. Como porém estas duas cousas são inseparaveis, fallando elle do decoro das palavras, se vê precizado muitas vezes a fallar tambem do dos pensamentos. Com tudo, para se ver que estas duas cousas são distinctas, basta advertir que hum mesmo pensamento, em si decente, póde passar a ser indecente só pela expressão.

(*b*) As idêas do *Dever* (oportere), do *Util* (expedire), e do *Decoro* (decere) confundem-se muitas vezes; porque todas consistem na conformidade, e conveniencia do que fazemos, e dizemos com a ordem, ou relaçoens, que, ou a natureza, ou a convenção poz entre nós, e as pessoas, e objectos, que nos cercão. O *Dever* porém he relativo aos direitos, que Deos, e nossos similhantes tem sobre nós. A sua regra he o *Honesto*, e o *Justo*. O *Util* he a maior proporção possivel dos meios com hum fim proposto, e deste com o da conservação, e perfeição do homem. O *Decoro* em fim he a conformidade de tudo isto com as circunstancias do tempo, das pessoas, e cousas, que são objecto das nossas acçoens, e palavras. *Oportere enim* (diz Cic. *Or.* 21) *perfectionem declarat officii, quo, et semper utendum est, et omnibus: Decere quasi aptum esse, consentaneumque tempori, et personae.* Tudo o que he do *Dever* he sempre *Decoroso*; tudo o que he Decoroso he sempre *Util*; mas nem tudo o que nas opinioens dos homens he util, he sempre honesto, justo, e decoroso. O tractado do *Decoro* pertence ao foro assim do Philosopho, como do Grammatico, e do Rhetorico; mas para differentes fins.

O Decoro *ou he absoluto , ou relativo. Divisão geral da* Materia.

§. III. Huma cousa ha, que he sempre decente a *todos*, em *todo o tempo*, e em *todo o lugar*, o aconselhar, e fallar honestamente; por outra parte a ninguem já mais, em lugar algum, foi decente o contrario. (*a*) Certas cousas porém menos importantes, e que entrão na classe das indifferentes, ordinariamente o deixão de ser, conforme as circumstancias, segundo as quaes a huns são licitas, e a outros não; ou que, segundo a *pessoa*, *lugar*, *occasião*, *e motivos* parecem mais, ou menos desculpaveis, ou dignas de reprehensão. (*b*) Ora a respeito destas podendo nós fallar, ou de *Nós mesmos*, ou dos *Outros*; he justo fazer separação de huma, e outra cousa: bem entendido, que a maior parte dellas são indecentes em hum, e outro caso. (*c*)

Elle na mão do Philosopho he huma regra da Moral, na do Grammatico huma regra dos Caracteres, e na do Orador hum meio de Persuasão. *Itaque hunc locum longe, ac late patentem Philosophi solent in Officiis tractare (non cum de recto ipso disputant, nam id quidem unum est) Grammatici in Poetis, Eloquentes in omni, et genere, et parte causarum.* Cic. *Or.* 21. V. o que a este respeito dissemos Liv. I. Cap. III. §. 3. e Cap. XV. Art. II.

(*a*) Tudo aquillo pois, que pertence ao Dever (*quod oportet*), he decente absoluto; e por isso por todas as pessoas, em todo o tempo, e em todo o lugar se deve guardar. Tais são todos os officios perfeitos, pertencentes ao Honesto, e Justo.

(*b*) Nestas tem lugar o *Decoro* relativo, variavel segundo as circunstancias das cousas, e pessoas, e segundo as idêas dos homens, a que he preciso conformar-se a Eloquencia popular.

(*c*) O Orador, fallando de si, póde peccar contra o *Decoro* de quatro modos: ou pela arrogancia no louvor das proprias virtudes; ou pela arrogancia no louvor dos seus talentos e Eloquencia; ou pela arrogancia no tom de authoridade, e decizivo, que toma; ou em fim pela arrogancia no tom da voz, e do gesto. Estas duas ultimas são igualmente indecentes ao Orador, ou falle de si. ou dos outros. As primeiras duas são só indecentes ao Orador, fallando de si, e já o não são, fallando de outros. Por esta razão se vio Quint. obrigado a fazer separação das regras do Decoro, quando o Orador falla em causa propria, e quando na alheia.

ARTIGO I.

Das Decencias, que devemos guardar, fallando de Nós mesmos.

Deve-se fugir a arrogancia no louvor das virtudes proprias.

§. I. PRimeiro de tudo pois toda a jactancia e louvor proprio he vicioso no Orador, e muito particularmente o da Eloquencia. (*a*) He isto huma cousa não só enfadonha aos que nos ouvem, mas ainda as mais das vezes odiosa. Porque a nossa alma de sua mesma natureza tem não sei que de sublime e altivo, que não sofre superior. Daqui vem o prazer interior, que sentimos, em levantar do pó os pequenos, e os que se humilhão; porque achamos nisto huma especie de superioridade. Ao mesmo passo que o ciume se aparta da alma, entra nella a humanidade. Ora quem se exalta de mais, parece querer abater, e desprezar os outros, e fazer-se não maior, mas menores os mais. Daqui nasce contra elles, nos inferiores a inveja, (pois esta paixão he propria daquelles, que nem querem ceder, nem podem competir) nos superiores o rizo, e nos bons a censura. Acharás ainda, que os arrogantes as mais das vezes se enganão na opinião, que tem de si. Mas ainda sendo esta verdadeira, o homem deve-se contentar com o testemunho interior da sua consciencia.

Justificação de Cicero nesta parte.

§. II. Cicero não foi pouco censurado nesta parte; (*b*) bem que nas suas orações elle se gaba mais das

(*a*) Cicero, *Divin. in Caecilium* Cap. XI., diz o mesmo: *Cum omnis arrogantia odiosa est, tum illa ingenii, atque eloquentiae multo est molestissima.* V. a razão tomo I. pag. 106, e em Cic. *Or.* 42.

(*b*) Plutarcho no parallelo, que faz de Cicero com Demosthenes, censura naquelle este vicio da jactancia, dizendo: *A immoderação de Cicero em fallar nos seus discursos da sua eloquencia*, o

suas acçoens, que da sua eloquencia; para o que teve as mais das vezes sua razão. Pois, ou defendia os que o tinhão ajudado a sufocar a conjuração de Catilina, ou respondia ao odio, a que por fim succumbio, sofrendo o exterminio em pena de ter salvado a sua patria: de sorte que o fallar elle tantas vezes das cousas, que obrára no seu consulado, póde-se attribuir menos a vangloria, que á necessidade de se justificar.

Arrogancia no louvor proprio da Eloquencia. Modestia de Cicero nesta parte.

Pelo que pertence aos louvores proprios em materia de Eloquencia, certamente, dando-os elle com mão larga aos advogados da parte contraria, para si nunca os arrogou com demazia. Delle são as confissoens seguintes: *Se em mim ha algum engenho, ó Juizes, que eu mesmo sinto quão limitado he, etc.* (a) *Porque, quanto menos valho pelo meu talento, tanto mais trabalhei em procurar-me soccorros da minha industria.* (b) E o que mais he, orando elle contra Q. Cecilio sobre se dar hum accusador a Verres, e sendo de grande consequencia para isto o saber-se, qual delles dois seria o mais capaz; antes escolheo o negar ao adversario o louvor na eloquencia, do que arrogal-a a si, e dizer: *que elle não a tinha conseguido*,

argue de hum desejo demaziado da gloria. Mostra depois que Demosthenes esteve bem longe deste vicio. Quint. porém o defende, quanto póde, mostrando, 1. Que nunca nos discursos publicos se gabou dos seus talentos, e eloquencia. 2. Que nos mesmos, quando chegou a tractar de suas acçoens, o fez com modestia, já mostrando a necessidade de se justificar das accusaçoens de seus inimigos, já attribuindo o feliz successo dellas, ou á Providencia, ou á virtude, e constancia do Senado. 3. Quanto aos outros escriptos, não o póde defender desta fraqueza, e só a diminue quanto póde, dizendo, o fizera em alguns em confiança só com seus amigos, em outros por interposta pessoa, e em outros levado do máo exemplo de alguns Oradores Gregos. André Schotto fez hum tractado especial, intitulado *Cicero a calumnia vindicatus*; onde entre outras accusaçoens, no Cap. 2, o justifica tambem desta.

(a) Princ. da Orac. *Pro Archia.*
(b) *Pro Quintio* Cap. I.

porém tinha empregado todos os meios para isso. (*a*) Nas Cartas ás vezes em confiança com seus amigos, e outras vezes nos Dialogos, mas debaixo de interpostas pessoas, diz o que he verdade a respeito da sua Eloquencia. (*b*)

Arrogancia disfarçada, e ironica.

§. III. Com tudo não sei se o gabar-se qualquer sem rebuço he mais toleravel pela mesma simplicidade do vicio, do que fazer isto mesmo com disfarce e ironia; como seria a de hum homem, que sendo abundante de bens, se chamasse pobre; e sendo nobre, poderoso, e eloquente, se extenuasse até o ponto de se dizer obscuro, desvalido, e hum ignorante, que não sabe fallar. He hum modo de se gabar bem arrogante o ajuntar desta sorte á jactancia a irrizão. Deixemos pois aos outros o cuidado de nos louvarem: *O que nos está bem,* (como diz Demosthenes) *he o envorgonharmo-nos, quando nos louvão.*

Differença da arrogancia á confiança no seu procedimento.

Nem eu digo isto, porque o Orador não haja ás vezes de fallar de si, como aconteceo a Demosthenes a favor de Ctesiphonte; se bem que elle soube corrigir isto de modo, que mostrou a necessidade, em que se achava, de assim o fazer, e descarregou todo o odio della em quem a isso o tinha obrigado. (*c*) M.

(*a*) Na oração *in Caecil.* Cap. XII., onde tendo mostrado que Cecilio não tinha, nem os talentos, nem a eloquencia, nem os mais requisitos, que fórmão hum advogado habil, para poder ser acousador de Verres; fazendo-se cargo da mesma objecção, que o adversario lhe podia fazer, diz assim: *Fortasse dicet: Quid ergo? Haec in te sunt omnia;* E responde: *Utinam quidem essent. Verumtamen, ut esse possent, magno studio mihi a pueritia est elaboratum.*

(*b*) V. Epist. *Ad Attic.* I. 14. e 16. onde se desculpa disto mesmo: *Non enim mihi videor insolenter gloriari, cum de me apud te loquor, in ea praesertim epistola, quam nolo aliis legi.* V. os tres Livros do *Orador*, onde introduz muitas vezes Crasso, e Antonio louvando, e admirando a sua eloquencia.

(*c*) No exordio da oração a respeito da *Coroa* n. 2. *Muitas*

Tullio tambem em muitas occasioens falla da conjuração de Catilina, que elle tinha extincto. Mas humas vezes attribúe este successo á virtude do Senado, e outras á providencia dos Deoses Immortaes. Contra seus inimigos, e emulos de ordinario toma mais liberdade; porque lhe era necessario defender-se das calumnias, que lhe imputavão. (*a*) Nos seus versos oxalá se tivera elle poupado certas expressoens, que seus malevolos não cessárão de criticar, como aquelle verso:

Cedant arma togae, concedat laurea linguae. (*b*)

---

vezes (diz elle) *me verei obrigado a fallar de mim mesmo. Procurarei fazel o com toda a moderacão, que me for possivel. Quando porém a necessidade a isso me obrigar, sobre este, que me intentou a accuzação, he que deve recahir toda a culpa.*

(*a*) Cicero mesmo *Pro domo sua*, 35, dá esta quartada: *Et quoniam hoc reprehendis, quod solere me dicas de me ipso gloriosus praedicare; quis unquam audivit, cum ego de me, nisi coactus ac necessario, dicerem? Nam si, cum mihi furta, largitiones, libidines objiciuntur, ego respondere soleo, meis consiliis, periculis, laboribus patriam esse conservatam; non tam sum existimandus de gestis rebus gloriari, quam de objectis non confiteri.*

(*b*) Que quer dizer:

A' Toga cedam as armas Marciaes,
Cedam á lingua os Louros triumfaes.

O qual verso, e o seguinte são os unicos fragmentos, que nos restao do celebre poema de Cicero sobre o seu *Consulado*, e que forão o tição fatal, de que a inveja, e o odio se servirão para lhe levantar, e atear a perseguição, que foi causa do seu exterminio. Pela objecção de Pisão, e resposta a ella de Cicero na oração contra aquelle, n. 29., sabemos que os seus inimigos metterão fel neste verso, tomando-o á letra, como dito de Pompeo, a cujas victorias e triumphos Cicero queria contrapôr a gloria do seu consulado, e da sua eloquencia; sobre o que elle se defende no lugar citado. *Non dixi hanc* togam, *qua sum amictus, nec* arma *scutum et gladium unius imperatoris; sed quod pacis est insigne et otii* toga, *contra autem* arma *tumultus atque belli. More Poetarum hoc intelligi volui; bellum ac tumultum paci atque otio concessurum. Omitto nihil istum versum pertinuisse ad illum: non fuisse meum, quem quantum potuissem multis saepe orationibus, scriptisque decorassem, hunc uno violare versu? Sed sit offensus. Primo nonne compensabit cum uno versiculo tot mea volumina laudum suarum? Quod si est commotus, ad perniciemne, non dicam amicissimi, non ita de sua laude meriti, non ita de Rep., non Consularis, non Senatoris, non civis, non liberi; in hominis caput ille tam crudelis propter versum fuisset?*

e est'outro:

O fortunatam natam, me consule, Romam! (a) E bem assim aquelle *Juppiter, que o chama ao conselho dos Deoses, e Minerva, que lhe ensinou todas as Artes*, (b) liberdades, que elle tomou, seguindo nisto o exemplo de alguns Gregos.

Differença da arrogancia á confiança nos seus talentos.

§. IV. Mas assim como a jactancia de Eloquente he indecente ao Orador, assim a confiança ás vezes lhe he permittida. Quem reprehenderia, por exemplo, em Cicero, o elle dizer de Antonio: *Que devo eu pensar? Que elle me desprezou? Eu não vejo, nem no meu modo de viver, nem nas minhas amizades, nem no governo da Republica, nem nesta minha mediocridade de engenho, que cousa haja, que possa ser*

As ediçoens de Cicero lêm presentemente neste verso *laudi* em lugar de *linguae*. Gruttero porém, e Lambino, fundados na authoridade de Quint. e de Plutarcho no lugar citado, preferem a segunda lição. Este verso, abstrahindo ainda das alluzoens pessoaes, que delle se podião fazer, he cheio de bazofia, e por isso indecente á penna de Cicero, escrevendo de si. Já o mesmo pensamento o não he na de Plinio, que, apostrophando o mesmo Cicero, diz assim na Carta 30. do Liv. VII. *Salve primus in toga triumphum, linguaeque lauream merite.*

(a) Este segundo verso que quer dizer:

O' Roma, que felice renasceste
Nos dias, em que consul me tiveste!

deu occasião á mesma censura de jactancia contra Cicero, e além desta á critica de ser máo poeta; o que o mesmo Cicero não dissimula no lugar citado contra Pisão, dizendo: *Nimis magna poenae, te consule, constituta est, sive malo poetae, sive libero.* Juvenal tambem, *Sat.* X. 128, o ridiculiza sobre o mesmo verso, dizendo:

O' fortunatam natam, me consule, Romam!
AntonI gladios potuit contemnere, si sic
Omnia dixisset. Ridenda poemata malo
Quam te, conspicuae divina Philippica famae,
Volveris a prima, quae proxima . . .

(b) Clodio tambem lhe fez fogo com estas expressoens arrogantes do mesmo poema sobre o seu consulado: do que elle se defende na oração *Pro Domo sua*, 34. *Hic tu me etiam gloriari vetas. Negas esse ferenda, quae soleam de me praedicare, et homo facetus inducis etiam sermonem urbanum, ac venustum: me dicere solere*, Esse me Jovem, *eundemque dictitare*, Minervam esse sororem meam. *Non tam insolens sum, quod Jovem me esse dico, quam ineruditus, quod Minervam sororem Jovis esse existimo, etc.*

objecto de desprezo para Antonio. E pouco abaixo ainda mais claro: *Quiz por ventura disputar comigo a palma de Eloquente? Isto para mim he huma grande vantagem. Pois que materia mais ampla e mais vasta, do que ter eu de fallar por mim, e contra Antonio?* (*a*)

Arrogancia no tom Decisivo, e de Authoridade.

§. V. São tambem arrogantes os que dizem fizerão já juizo da causa, e que de outro modo não virião alli advogal-a. Porque nem os Juizes ouvem sem disgosto hum homem, que lhe toma o seu lugar; nem hum advogado póde esperar entre adversarios o credito, que Pythagoras tinha entre seus discipulos, quando dizião: *Elle assim disse.* (*b*) Isto porém he mais, ou menos vicioso segundo o caracter das pessoas, que fallão; e acha alguma desculpa na sua idade, merecimento, e authoridade; a qual com tudo nunca poderá ser tão grande, que as dispense de temperar este tom decizivo com alguma modificação, assim como em tudo o mais, em que o Patrono fallar de si mesmo. Do que seria em Cicero hum lance de soberba se dissesse, que, sendo elle patrono, não tinha lugar o censurar alguem de ser filho de Cavalleiro Romano; tirou o mesmo Cicero hum partido favoravel, fazendo disto huma causa commua com os Juizes deste modo: *Quanto ao darem os accusadores em crime a Celio o ser filho de hum Cavalleiro Romano: isto não convinha dizer-se, nem sendo estes juizes da causa, nem sendo nós patrono della.* (*c*)

(*a*) *Philipp.* II. Cap. I.

(*b*) Pythagoras mandava que seus discipulos o ouvissem em silencio por cinco annos. Neste tempo a ninguem era permittido duvidar, ou argumentar contra o que o Mestre tinha dito; que por isso se chamavão seus discipulos ἀκούστικοι (*ouvintes*). Tanto era o conceito, e credito deste Philosopho para com seus ouvintes, que a sua authoridade servia de razão, e em algum dizendo, αὐτός ἔφα (*elle o disse*), he o que bastava para terminar toda a questão.

(*c*) *Pro Coelio* Cap. II.

Arrogancia no gesto, e na voz.

§. VI. Advogar a causa com desenvoltura, gritaria, e ira a ninguem está bem; e quanto qualquer he maior em annos, dignidade, e experiencia; tanto mais reprehensivel he nesta parte. Isto não obstante, verás certos advogados tão rixosos, que nada os contém, nem o respeito devido aos Juizes, nem a moderação, com que he costume tratar as causas nos tribunaes. Esta mesma disposição, e caracter da sua alma assás dá a ver, que similhantes homens nenhuma conta tem com os deveres da honra, e da justiça em se encarregarem das causas, e advogal-as. (*a*) O mesmo fallar dá a conhecer pela maior parte os costumes de cada hum, e descobre os sentimentos occultos do coração; nem sem razão escreverão os Gregos, que *assim como cada hum vive, assim tambem falla.* (*b*) Já estes vicios só são proprios das almas baixas, a adulação vil, digo, a chacorrisse affectada, hum pudor venal (*c*) nas cousas, e expressoens pouco

---

(*a*) A desenvoltura, gritaría e escandecencia do advogado dão a suspeitar que a razão, e a justiça não está da sua parte, e que lhe he preciso recorrer a estes meios proprios só dos fracos, porque lhes faltão os da razão, e da justiça. « Costumava (diz Gesnero a este lugar) frequentar as conclusoens, e actos Academicos hum idiota sem a menor tintura de letras; e perguntado a razão disto, respondia, que queria ver qual dos dois ficava com a victoria. Dizendo-se-lhe, como podia vir no conhecimento disto, não sabendo latim? Observo (respondeo elle) qual dos dois se escandece; porque este para mim he o mais fraco no partido, que tomou, e no saber. »

(*b*) He esta huma sentença, que se encontra a cada passo nos escriptos dos Gregos, e Latinos. Menagio a Laerc. I. 58. colligio estes lugares, entre os quaes vem este de Solon: Λόγον εἴδωλον εἶναι τῶν ἔργων, *que o discurso he o espelho dos costumes.* Na verdade *Qui, dum dicit, malus videtur, utique male dicit. Non enim videtur justa dicere: alioquin ἦθος videretur.* diz Quint. VI. 2. 18.

(*c*) *Vilis pudor*, que Gesnero interpreta: *contemptus, conculcatus, verbo, impudentia.* Eu traduzi hum *pudor venal*, qual he aquelle, que se tem, não por amor, e estimação para a virtude, mas sim pelo vil interesse de dar a ver com mais gosto aos ouvintes os objectos impudicos debaixo de hum véo transparente, que parecendo encobril-os, os descobre, em fim *qui fugit, et se cupit*

modestas e pudicas, e huma especie de bandalhice em todo o modo de obrar: vicios, digo, que acompanhão de ordinario aquelles, que querem ou agradar, ou divertir de mais.

ARTIGO II.

Das Decencias, que devemos guardar, fallando dos outros.

I. *Decencias a respeito da Pessoa de* Quem falla.

1. *Segundo a sua Idade.*

§. I. PElo que pertence ao *Estilo*, tambem a huns he decente hum, e a outros, outro. (*a*) Aos velhos não estará tão bem hum estilo abundante, altivo, arrojado, e brincado, como o que he cerrado, moderado, limado, e tal em fim, qual Cicero quiz dar a entender, quando diz, que o seu estilo principiava a *encanecer*; (*b*) bem como os vestidos garridos de purpura, e

---

ante videri. Neste sentido disse Quint. da Eloquencia venal. I. 12. 16. *Neque enim nobis operis amor est: nec, quia sit honesta, atque pulcherrima rerum eloquentia, petitur ipsa, sed ad vilem usum sordidumque accingimur:* e dá a razão, XII. 8, 8: *Cum pleraque hoc ipso possint videri vilia, quod pretium habent.* O leitor judicioso escolherá das duas interpretaçoens a que melhor lhe parecer.

(*a*) Fallando geralmente, a cada idade he dado seu genero de estilo. Aos moços o estilo ornado, e epidictico. Aos homens feitos o grande, e pathetico, e aos velhos o tenue, e subtil. V. Cic. *Or.* 13.

(*b*) No *Bruto* Cap. 2. *Cumque ipsa oratio jam nostra canesceret, haberetque suam quandam maturitatem, et quasi senectutem* O mesmo Cicero no *Orad.* 30. diz assim de si: « Sendo nós ainda rapazes, « com quantos vivas não foi recebido aquelle lugar á cerca do « supplicio dos parricidas (*Pro Rosc. Amer.* 26)? O qual pouco « depois principiámos a sentir, que á maneira dos vinhos novos, « não se tinha assás deporado. *Quid enim tam commune quam spiritus vivis, terra mortuis, mare fluctuantibus, litus ejectis? Ita vivunt, ut ducere animam de coelo non queant; ita moriuntur, ut eorum ossa terra non tangat; ita jactantur fluctibus, ut nunquam alluantur; ita postremo ejiciuntur, ut ne ad saxa quidem mortui conquiescant etc.* Todas estas expressoens são proprias de hum « moço, que he louvavel não pela cousa em si, nem pela madu- « reza do juizo, mas pelas esperanças, que dá para o futuro.

escarlate não serião proprios daquella idade. Já pelo contrario em a gente moça se tolera melhor hum estilo rico, e quasi arrojado ; e o que he secco, circunspecto, e sentencioso se faz nelles ordinariamente aborrecido pela mesma affectação de severidade ; da mesma sorte que se tem tambem por prematuro naquella idade o serio, e authoridade propria dos anciãos. (*a*)

2. *Segunda a sua* Profissão.

O estilo simples está bem á gente Militar ; (*b*) e aos que fazem , como muitos , ostentação de ser Philosophos de profissão , são pouco decentes quasi todos os ornatos do discurso , e muito principalmente os que nascem das paixoens , que elles chamão vicios. (*c*) He tambem contraria ao seu caracter a composição periodica e harmoniosa , e todas as expressoens extraordinarias. Pois não condizem com estas barbas compridas, e com esta austeridade Philosophica , (*d*)

« Já de hum homem maduro são aquellas expressoens (*pro Cluent.*
« 70) : *Uxor generi , noverca filii , filiae pellex.* »

(*a*) Póde-se ver esta materia tractada excellentemente nos dois lugares classicos , hum de Cic. *De Or.* II. 21 , e outro de Quint. II. 4. 5 , onde em hum estilo rico , ornado , e ameno se dão as razoens , por que este modo de fallar abundante , garrido , e fogôzo he proprio , e louvado na gente moça.

(*b*) Os soldados Romanos erão rusticos , e illiteratos. O seu estilo pois devia ser simples , e familiar.

(*c*) Os Stoicos fazião consistir a felicidade da vida na ἀπάθεια, isto he , no estado tranquillo da alma sem paixão , nem perturbação alguma. Assim tinhão elles por vicios todas as paixoens , ainda as que não erão desordenadas , e tinhão hum objecto bom. Todos os ornatos pois da Eloquencia pathetica lhes erão prohibidos , segundo o seu systema. Quanto aos outros Philosophos speculativos , elles devem fallar á razão. O seu fim he achar , e ensinar a verdade. Tudo aquillo pois , que embaraçar o fio seguido das idèas e raciocinios , como são os ornatos ; ou perturbar a razão , como são as paixoens , he contrario ao seu fim. *Mollis est enim oratio Philosophorum et umbratilis , nec sententiis , nec verbis instructa popularibus , nec juncta numeris , sed soluta liberius. Nihil iratum habet , nihil invidum , nihil atrox , nihil mirabile , nihil astutum. Casta , verecunda virgo, incorrupta quodammodo. Itaque sermo potius quam oratio dicitur.* Cic. *Or.* 19.

(*d*) Os Philosophos vivião retirados dos negocios , e divertimentos publicos , e affectavão hum ar de austeridade no seu modo de viver , e no traje mesmo , deixando crescer a barba , e não

não digo já aquellas expressoens de Cicero algum tanto mais garridas, *os rochedos, e as solidoens respondem á voz, etc.;* (a) mas nem ainda estas, posto que cheias de succo, e gravidade, *Sede-me testemunhas, eu vos conjuro, vós, ó tumulos, e bosques sagrados dos Albanos, e vós tambem, ó altares agora arruinados, que em outro tempo fostes contemporaneos, e participantes dos sacrificios do povo Romano.* (b)

Porém hum homem Politico, e verdadeiramente Philosopho, que se não entregou a disputas vans, mas ao governo da Republica, (do qual se retirarão inteiramente estes chamados Philosophos) (c) este, digo, tendo assentado primeiro comsigo obrar sem-

---

nutrindo o cabello. Pareceria pois mal que, desprezando elles todos os ornatos do corpo, procurassem os do discurso.

(a) *Pro Arch.* 8.

(b) *Pro Milone* 31.

(c) Domiciano pelo seu edicto do anno 94 da Era vulgar excluio de Roma, e da Italia os Philosophos. Quint. que lizongea, e faz côrte a este Imperador, nol-os pinta, Liv. I. *Prol* 14, não só como huns homens arrogantes, que se apropriavão hum nome glorioso, qual nem os Magistrados politicos, nem o mesmo Imperador tinhão tomado; mas como hypocritas. Pois fazendo profissão de sabedoria, escondião debaixo da capa de virtude, e austeridade os vicios os mais vergonhosos. *Inde quidam, contempto bene dicendi labore, ad formandos animos, statuendasque vitae leges digressi, partem quidem potiorem, si dividi posset, retinuerunt: nomen tamen sibi insolentissimum arrogaverunt, ut soli sapientiae studiosi vocarentur, quod neque summi Imperatores, neque in consiliis rerum maximarum ac totius administratione Reip. praeclarissime versati sibi unquam vindicare sunt ausi. Facere enim optima quam promittere maluerunt. Ac veterum quidem sapientiae professorum multos et honesta praecepisse, et ut praeceperunt, vixisse facile concesserim. Nostris vero temporibus sub hoc nomine maxima in plerisque vitia latuerunt. Non enim virtute, ac studiis, ut haberentur Philosophi, laborabant; sed vultum, et tristitiam, et dissentientem a ceteris habitum pessimis moribus praetendebant.*

Distingue pois Quint. o Philosopho Speculativo e abstracto do Practico, e Politico, como erão na sua opinião os Imperadores, Magistrados, e Oradores; e negando o nome verdadeiro de Philosophos áquelles, que dizião que o verdadeiro sabio não se devia meter no governo da Rep., o dá a estes como mais dignos delle, concedendo-lhes em consequencia todos aquelles meios de persuadir, e todos aquelles ornatos do discurso, que não convinhão nem á profissão, nem ao systema de Philosophia, que os primeiros seguião.

..

pre o que he honesto, (*a*) não terá duvida de empregar no seu discurso todos os meios da Eloquencia, proprios a produzir o effeito que se propoz.

3. *Segundo a sua* Dignidade.

Ha hum genero de Eloquencia proprio, e partícular ás Personagens principaes do Estado, que não concederás a outros quaesquer. Muitas vezes a mesma expressão em huns he liberdade, em outros loucura, e em outros soberba. As palavras, por ex., de Thersites contra Agamemnon fazem rir. (*b*) Põe-nas na boca de Diomedes, ou de outro similhante; parecerãõ já sentimentos de hum animo grande, e nobre. *Ter-te-hei eu por Consul*, (dizia L. Crasso a Philippe) *não me tendo tu por Senador?* (*c*) Isto he hum lance de

---

(*a*) Quint. estava neste falso principio da Moral, que as intençoens he que decidião da moralidade das acçoens, não só indifferentes, mas ainda intrinsecamente viciosas: e concedendo aos Stoicos a opinião errada, de que todas as paixoens erão vicios, pertende que, sendo para bom fim, o deixão de ser, assim como a mentira. *Uti etiam vitiis Rhetoricen, quod ars nulla faciat, criminantur; quia et falsum dicat, et affectus moveat. Quorum neutrum est turpe, cum ex bona ratione profeciscitur, ideoque nec vitium.* II. 17. 26.

(*b*) O caracter de Thersites em Homero, *Iliod.* II. 246. he ἀκριτόμυθος, λωβητὴρ, ἀχρεῖος, γελοῖος, e ἄξιος μίσους, *fallador*, *rixoso*, *fraco*, *ridiculo*, e *malquisto*. Introduzindo-o pois Homero ib. 235a fallar deste modo com os Gregos: « O fracos, opprobrio « de huma nação imbecil, e não digo já Gregos, mas Gregas, « tornemos nas nossas náos para casa, e deixemos Agamemnon « consumir aqui em Troia os seus despojos, para saber se lhe « servimos de alguma cousa, ou náo; já que tanto maltrata a « Achilles muito melhor que elle, tirando-lhe o premio, que lhe « era devido. » Mostrou nisto (diz Dionys. Halic. Τέχνη, Cap. 12.) huma arte admiravel. « Pois logo que vio o exercito indi- « gnado contra Agamemnon, e a favor de Achilles, fez levantar « alli hum orador malquisto, e ridiculo, para com o máo cara- « cter do conselheiro enfraquecer a razão justa da acção, que « persuadia. Se Tersites não fosse objecto de riso, e odioso; o « que elle diz a favor de Achilles faria impressão. Mas, porque « o era, o seu discurso causa riso aos Gregos, e este desfez o « desejo, que tinhão de tornar para as suas patrias. » Tanta differença vai em quem falla, não obstante a cousa ser a mesma.

(*c*) Valerio Max. VI. 2. refere brevemente a occasião deste dito: « L. Philippe, Consul, não duvidou usar de liberdade con- « tra o Senado, exprobrando-lhe publicamente a sua frouxidão, e

liberdade a mais honesta; com tudo não o sofrerias na bôca de outro qualquer. Hum Poeta (*a*) diz, que pouco lhe importava

Saber, se Cesar branco, ou preto era.

Isto he huma loucura. Vira agora a scena de sorte que Cesar seja, quem diga isto mesmo do poeta; he arrogancia.

4. *Segundo os seus* Costumes.

Para com os Cómicos, e Tragicos ha mais que observar a respeito das personagens. Pois se servem de muitas, e varias: e no mesmo caso estavão aquelles Oradores, que compunhão oraçoens, para outros pronunciarem; e estão ainda hoje os Declamadores: pois nem sempre fallão em figura de advogados, mas pela maior parte na dos réos. Mas ainda mesmo nas causas verdadeiras, em que somos advogados, nessas mesmas he preciso guardar exactamente a mesma differença. Porque nestas uzamos muitas vezes de Prosopopeias, e fallamos, para assim dizer, por bôca de outros; e neste caso se faz preciso dar ás personagens, que introduzimos a fallar, os seus costumes, e caracter proprio. Assim vemos nós, que Cicero introduz a fallar de differente modo P. Clodio, Appio Cego, e os dois pais representados na scena, hum por Cecilio, e outro por Terencio. (*b*) Que caracter mais

---

« dizendo precisava de outro Senado. E tão longe esteve de se « arrepender do que tinha dito, que, queixando-se gravemente « disto na curia L. Crasso, este homem distincto pela sua di- « gnidade, e eloquencia; elle o mandou prender. Este porém, « repellindo o lictor, ajuntou: *Tu, Philippe, não és já para mim* « *Consul, visto não ser eu tambem para ti Senador.* V. tambem Cic. « *De Orat.* III. 1,

(*a*) Catullo *Carm.* 92, onde diz:

Nihil nimium, Caesar, studeo tibi velle placere,
Nec scire, utrum sis albus, an ater homo.

Quint. chama a isto huma loucura: e com razão, (diz Gesn. a este lugar) se Catullo escreveo isto depois de Cesar ser Dictador. Porém Vossio nas not. a este Poeta, pag. 83, mostra que Catullo morrêra nos principios da guerra civil. A ser assim, o seu dicto não será loucura, mas sim desprezo.

(*b*) Todas estas fallas, e Prosopopeias se achão na Oração de Cic. *Pro Coelio.* A de P. Clodio, admoestando com brandura,

terrivel que aquelle, que se representa nesta Prosopopeia do lictor de Verres: *Para entrares, has de dar tanto, etc.?* Qual mais forte, que o daquelle cidadão Romano, que entre os crueis açoutes só se ouvia dizer: *Sou cidadão Romano?* (a) Na mesma Peroração de Cicero *pro Milone*, que sentimentos mais dignos se podião dar a hum homem, como este, que por tantas vezes tinha reprimido as emprezas de hum cidadão sedicioso contra o bem publico, e que por fim pelo seu valor ficára victorioso dos seus ataques insidiosos? (b) Em huma palavra, as variedades nas Prosopopeias não só são tantas, quantas na mesma causa, mas ainda tantas mais, quanto nós representamos naquellas os costumes dos meninos, das mulheres, dos povos mesmos, e das cousas mudas; o que tudo tem hum Decóro particular, que lhe he devido.

II. *Decencias a respeito da Pessoa,* de quem se falla.

§. II. As mesmas observaçoens se devem fazer por ordem áquelles, *a favor de quem* fallarmos. Pois de differente modo se deve fallar por hum réo que por outro, segundo elle he homem de bem, ou de baixa condição, malquisto ou bemquisto; entrando em consideração tambem a differença do estado de cada hum, e do seu procedimento. A favor porém de quem quer que seja, são sempre summamente gratos no Orador os sentimentos de *Humanidade, Doçura, Moderação,* e *Benevolencia.* Mas ainda os sentimentos contrarios a estes não estaráõ mal a hum homem de probidade, tais como o odio dos máos, a consternação nos males publicos, a vingança do crime e da innocencia offendida, em fim tudo o que he honesto, como disse ao principio. (c)

---

amor, e fraternalmente a sua irmã Clodia, no Cap. XV. A de Appio Cego, increpando a mesma com severidade, e aspereza, *ibid.* A de hum pai duro, e ardente, qual o do Poeta Cecilio, fallando com Celio, Cap. XVI. A de outro brando, e indulgente, qual o do Poeta Terencio. *ibid.* V. os Exemplos XI. XII. XIII. XIV.

(a) *Verr.* V. Cap. 45. V. Ex. 38. tom. I.

(b) Cap. 34. V. tom. I. Ex. 49.

(c) Neste Cap. Art. I. §. 3.

III. *Decencias a respeito da Pessoa*, perante quem se falla.

§. III. Nem só importa ver quem falla, e por quem; mas tambem *perante quem.* Pois fazem differença a *Fortuna*, e o *Poder;* nem o mesmo he fallar diante de hum Principe, Magistrado, ou Senador, que diante de hum homem particular, e que não tem outra distincção senão o ser livre; (*a*) nem as causas publicas se tratão no mesmo tom, que as dos juizes Arbitros. (*b*) Na verdade assim como em hum advogado, que ora huma causa capital, está bem o soçobro, o cuidado, e todas as machinas, para assim dizer, da arte, proprias para amplificar a oração: assim estas mesmas cousas serião vans em materias, e causas de pouca entidade; e justamente se faria ridiculo hum Orador, que, tendo de fallar assentado em prezença de hum juiz Arbitro sobre huma cousa de nada, se servisse da confissão de Cicero, dizendo: *Que elle não só se sentia perturbado do animo, ma que ainda o mesmo corpo lhe estremecia.* (*c*) s

(*a*) Segui aqui a lição Jensiana, que, posto que não fosse admittida no texto por Gesnero, com tudo não lhe desagrada, e he a unica, que faz hum bom sentido. *Tantum liber* he aquelle homem, em que não ha outras consideraçoens pessoaes, a que o orador deva attender, senão a de ser cidadão, e livre, que he a unica condição, que se requeria em hum juiz arbitro.

(*b*) Entre *Juizes*, e *Arbitros* havia esta differença, que aquelles julgavão segundo as leis, e fórmulas de direito: estes interpretavão as leis, e os seus arbitrios erão mais segundo a equidade, que segundo o rigor de direito. Estes arbitros, ou erão escolhidos pelas partes, e então podião recusar; ou pelo Pretor segundo a fórmula da lei, e então não. Os arbitros tinhão a mesma jurisdicção, que os Juizes, nas causas da sua competencia, que erão ordinariamente as chamadas *Bonae fidei*, isto he, que se devião julgar a arbitrio de hum homem bom, segundo as regras da equidade natural, que por isso nas suas sentenças, chamadas *arbitria*, ajuntavão as fórmulas: *Ex fide bona*, ou *Quantum aequius, et melius sit dari, etc.* As causas, a que se davão arbitros pelo Pretor, erão *Partilhas, Contas de sociedade, Demarcaçoens, Tutellas*, e outras similhantes. Os Advogados oravão estas causas assentados, e não em pé, como nas causas publicas, e particulares perante o Pretor, e os Centumviros.

(*c*) Na *Divin. contra Caecil.* Cap. 10, onde hoje se lê *toto corpore* em vez de *corpore ipso*, como lê Quint.

E quem não sabe, que a gravidade Senatoria requer differente modo de fallar, e differente a inconstancia Popular? Pois ainda perante hum juiz só não convem o mesmo, quando elle he grave, do que quando he leviano; quando he homem instruido, do que quando he hum soldado, ou hum rustico, (*a*) de sorte que ás vezes até he precizo fazer a oração chãa, e curta para o juiz nem poder deixar de a entender, e comprehender.

IV. *Decencias a respeito do* Tempo, *e do* Lugar.

§. IV. A *Oceasião* tambem, e o *Lugar* necessitão de sua observação propria. Pois que o tempo humas vezes he de alegria e gosto, e outras de tristeza; humas, amplo e illimitado para fallar, e outras, restricto; (*b*) e a tudo isto se deve accommodar o Orador. E quanto ao *Lugar*, em que se falla, ha muita differença se he publico, ou particular; se frequentado de gente, ou solitario; se em huma cidade estranha, ou propria; se em hum arraial, ou no fôro. Cada circunstancia destas requer huma fórma, e modo de Eloquencia particular; pois que tambem nas outras acçoens da vida, as mesmas, que são decentes em casa, não o são na praça, na Curia, no Campo Marcio, e no Theatro: antes muitas de sua natureza irreprehensiveis, e, para melhor dizer, muitas vezes necessarias passão por vergonhosas e torpes, se se fazem em outro lugar differente daquelle, em que o costume as permittio.

V. *Decencias a respeito da* Materia, *sobre que se falla.*

§. V. Pelo que respeita á *Materia*, de que se

(*a*) Nas Decurias dos Centumviros entravão para juizes muitas vezes homens do campo, e soldados. V. tom. I. pag. 142.

(*b*) Os advogados Romanos, humas vezes tinhão a liberdade de orar por todo o tempo, que quizessem; outras, media-se lhes este por hum horologio de agua, chamado *Clepsydra*. Ao accusador davão-se ordinariamente duas horas, e ao patrono tres. Algumas vezes porém se restringia ainda este espaço. Cicero, *Pro Rabirio*, queixa-se de não se lhe dar, se não meia hora para fallar. V. tambem Plin. *Epist.* VI.

falla, já dissemos, quanto mais ornato, e adornos se permittem as materias Demonstrativas, destinadas ao deleite dos ouvintes, do que as Pragmaticas, e Contenciosas, quaes são as Suasorias, e Judiciaes. (*a*)

Accrescento mais, que ha certos ornatos do discurso, que, sendo em si excellentes, se fazem indecentes, e improprios pela qualidade das causas, em que se empregão. Quem sofreria, por exemplo, hum réo, que em huma causa capital (muito principalmente sendo sua, e orando-a elle mesmo diante de hum Principe victorioso) se servisse de tropos frequentes, de termos novos e antiquados, de huma composição fóra do vulgar, de periodos cadenciosos, de lugares communs mui bonitos, e de hum estilo sentencioso? Tudo isto não deitaria a perder aquelle ar de consternação, que deve mostrar quem se acha no perigo, e os sentimentos de compaixão no juiz, que os mesmos innocentes devem implorar? Enternecer-se-hia alguem com a desgraça de hum homem, que vê glorioso, cheio de si, fazer ostentação vaidoza da sua eloquencia no meio do perigo? Não certamente. Antes aborrecerá hum tal réo, que em huma situação tão critica, como a sua, anda á caça das palavras, e solicito só sobre a fama de seu engenho tem vagar para ser eloquente. Na verdade ha certas defezas, que consistem sómente na confissão do crime, na sua desculpa, e petição do perdão. E que? havemos de chorar nestas com os conceitinhos? Alcançar-nos-hão o perdão os Epiphonemas, e Enthymemas? (*b*) Antes pelo contrario tudo o que a arte accrescentar aos sentimentos puros da natureza não desfará por ventura toda a sua força; e o socego da alma, que estas cousas descobrem no réo, não afrouxará os movimentos de compaixão a seu respeito? (*c*)

(*a*) Liv. III. Cap. IV. Art. II. §. 4.

(*b*) Duas especies de Sentenças, de que tratou Quint. atraz Cap. VI. Art. I. §. 2. e 3.

(*c*) O estilo Sentencioso he inteiramente opposto á moção dos affectos. Porque as Sentenças são huns pensamentos geraes e abstractos, e a nossa alma no estado de perturbação não generaliza. A imaginação então he ferida vivamente pelas idêas sensiveis

Supponhamos que hum pai tem de fallar da morte de hum seu filho, ou da ignominia mais cruel ainda que a mesma morte. Dever-se-ha elle por ventura contentar só com as graças simplices do estilo puro, e claro, fazendo a sua narração sómente breve, e expressiva; ou com as de huma linda Proposição, e Partição, dividindo pelos dedos os argumentos: (a) porém fallando a sangue frio, e sem calor, nem paixão, como agora costumão em similhantes casos? Entretanto para onde se refugiará aquella dôr? Onde estarão as lagrimas de reserva, para dahi as reproduzir depois na scena huma observancia tão fria das regras, como esta? Não deve antes o discurso todo desde o principio até ao fim ser como hum gemido continuado? Não deve o semblante conservar-se constantemente triste e afflicto, se pertende infundir nos ouvintes o mesmo sentimento? Por certo que se este em algum lugar afrouxar, o Orador não o reduzirá mais ao coração dos juizes . . .

VI. *Decencias a respeito das pessoas*, contra quem fallamos.

§. VI. Não sei com tudo se o cuidado deste Decoro, de que vamos fallando, deve ser ainda maior a

---

que sempre são individuaes, e confuzas. A nossa alma mais sente então do que discorre. Tudo aquillo pois, que a faz reflectir, e discorrer, enfraquece, e destróe os movimentos. Por isso Seneca o Tragico he justamente reprehendido por fazer conceituar as suas personagens nas situaçoens as mais patheticas, como, por ex., Hecuba, que no meio da sua dôr começa assim a contar os seus desastres na Tragedia intitulada *Troas*, logo no principio:

Quicunque regno fidit, et magna potens
Dominatur aula, nec leves metuit Deos,
Animumque rebus credulum laetis dedit
Me videat, et te, Troja. Non unquam tulit
Documenta fors majora, quam fragili loco
Starent superbi, etc.

Camoens tambem Cant. III. Est. 126. faz discorrer de mais a D. Ignez de Castro no lance da sua maior perturbação. V. tom. I. pag 169. vers.

(a) Sobre isto V. tom. I. pag. 173. Quanto ao mais, as narraçoens dos casos lastimosos, e atrocissimos, não basta que sejão claras, breves, e verosimeis: ellas devem tambem ser patheticas. V. tom. I. pag. 152, e 156.

respeito das pessoas *contra quem fallamos.* Certamente em todas as accusaçoens o primeiro trabalho do advogado logo desde o principio deve ser, o mostrar que não vem a accusar por vontade, mas com violencia. Que por isso me desagrada não pouco o dito de Cassio Severo: *Graças aos Deozes, que ainda vivo, e para nisto ter mais gosto, chego a ver Asprenas réo em juizo.* (*a*) Pois nisto mesmo dava a ver que o accusava, não por algum motivo justo, ou necessidade, mas por huma especie de gosto, e prazer interior.

Porém álem deste caracter commum de probidade, que todos devem mostrar, ha outro proprio e particular, que certas causas requerem. Pelo que não só o filho, que requer em juizo se dê administração á casa de seu pai, se deve mostrar condoido da sua incapacidade; (*b*) mas hum pai mesmo, havendo de carregar seu filho com as accusaçoens as mais graves, deve fazer vêr, que para elle a situação a mais triste, he a de achar-se nesta mesma necessidade; e isto não em poucas palavras, mas em todo o ar do discurso; de sorte que pareça que elle diz isto não só com a bôca, mas tambem do coração. Nem hum tutor, demandado em juizo por seu pupillo, se deverá mostrar tam resentido disto, que nenhuns sinaes restem do antigo amor, e da memoria saudosa de seu pai.

A este proposito parece devo accrescentar huma cousa, que certamente he de summa difficuldade; o modo, digo, por que podemos fazer que certas cousas de sua natureza pouco decentes, e que, se isto estivesse na nossa escolha, quereriamos antes não as dizer,

---

(*a*) O caracter moral de qualquer orador deve ser o de probidade, e humanidade. O caracter moral dá-se a conhecer pelas intençoens, e fim, que cada qual se propõe (τῇ προαιρέσει). Cassio Severo pois mostrava hum caracter vingativo e cruel. V. tom. I. pag. 105, e 274. De Cassio Severo V. o que dissemos ao §. I. do Art. I. Cap. III. deste Liv. III.

(*b*) Isto he, da sua demencia. A acção, que nas escholas Declamatorias se chamava *actio dementiae*, no foro tinha o nome *petendi curatoris*. V. Quint. VII. 4. 11. Elle mesmo diz ahi n. 30. *Et actor in eo, quod factum est, liberum habet impetum; sic tamen factum accuset, ut ipsius patris, tamquam valetudine lapsi, misereatur.*

possão com tudo deixar de ser indecentes a quem as diz. Que cousa com effeito póde ter peor aspecto, ou ser mais offensiva dos pios ouvidos do que o caso de hum filho fallar em juizo contra sua mãi, ou por si, ou por seus advogados? Isto comtudo ás vezes he huma necessidade, como o foi para Cicero na causa de Cluencio Habito. Mas nem sempre será necessario tomar a mesma vereda, que Cicero tomou contra Sassia; não porque ella não seja excellente, mas porque importa muito ver em que ponto, e de que modo ella atacava a seu filho. Ella atacava a sua vida, e isto á cara descuberta, e assim foi necessario repellil-a com toda a força. Com tudo o mesmo Cicéro divinamente guardou neste caso duas cautellas, que erão as unicas, que lhe restavão. A primeira, o não se esquecer do respeito devido aos pais; e a segunda, o mostrar cuidadosamente pelas causas, deduzidas desde a sua origem, quanto, o que elle hia a dizer contra aquella mãi, era não só justo, mas ainda necessario. Isto fez a materia da primeira parte da narração, bem que extrinseca ao ponto, que se tratava. (*a*) Tanto em huma causa difficil, e embaraçada nada julgou aquelle Orador dever ter tanto em vista como o Decoro. Fez pois odioso o nome de mãi, não ao filho, mas á mesma, contra quem fallava. Com tudo algumas vezes póde huma mãi litigar em juizo contra hum filho em huma causa menos importante, e menos odiosa; e neste caso estará melhor a este hum discurso mais cheio de brandura, e moderação. (*b*) Pois humas vezes, dando satisfaçoens, ou diminuiremos o odio contra nós, ou o descarregaremos sobre o adversario: outras, fazendo o mesmo filho visivel a sua extrema magoa, julgar-se-ha que não tem culpa, e se fará por si mesmo digno de compaixão. Tambem he bom pôr a culpa em outros, e fazer crer ella fòra instigada ma-

(*a*) V. tom. I. pag. 135. not. (*a*), e Exemplo XXX. ibid.

(*b*) As causas dos filhos contra os pais, ainda que justas, são com tudo odiosas, e tem hum frontespicio pouco honesto. Por esta razão são muito melindrosas Quint. ensina o caracter Ethico particular, que ellas requerem nos filhos, e seus advogados. V. tom. I. pag. 118, e 277.

liciosamente por alguns : protestar outrosi que havemos de sofrer tudo, e nada dizer de picante, para que não podendo nós deixar de dizer mal, pareçamos não o querer dizer. Havendo-se-lhe de lançar em rosto alguma cousa, he tambem da obrigação do patrono fazer ver, que se abalança a isto contra vontade do filho, e só em razão do seu officio. Deste modo hum e outro mostrará hum caracter louvavel. O que aqui disse a respeito da mãi, se deve tambem entender a respeito do pai. Pois sei tem havido demandas entre os pais e filhos, estando estes já emancipados. (*a*)

Nos outros parentescos tambem devemos ter este cuidado de parecermos fallar constrangidos por necessidade, e com muita circumspecção; porém mais, ou menos segundo o grão de attenção e respeito, que a cada personagem he devido. A mesma consideração se deve ter a favor dos libertos contra os patronos. E para em huma regra comprehender muitos casos, *Nunca será decente fallar contra quem quer daquelle modo, com que nós mesmos não quereriamos fallassem contra nós pessoas da mesma condição.* (*b*)

Com as pessoas, que estão em cargo ás vezes se tem a attenção de dar razão da nossa liberdade; para não parecermos, ou petulantes, ou vaidosos em os atacar. Assim Cicero, tendo de fallar fortemente contra Cotta, por não poder defender de outro modo a causa de P. Oppio, fez primeiro huma longa prefação, em que desculpou a necessidade, em que se achava, por razão do seu officio. (*c*) Tambem ás vezes contra pessoas inferiores a nós, principalmente sendo

(*a*) Os filhos antes de emancipados estavão debaixo do patrio poder, que era muito amplo entre os Romanos. Nenhuma demanda pois podia haver entre elles, e os pais; depois de emancipados, sim.

(*b*) He esta huma regra da equidade natural e humanidade, que a mesma razão dicta a todos ; e, ajuntando-se-lhe os motivos sobrenaturaes, he a mesma charidade Christãa, que JESUS Christo nos recommenda *Matth.* VII. 12. *Omnia ergo, quaecumque vultis ut faciant vobis homines, et vos facite illis. Haec enim est Lex, et Profetae.*

(*c*) A oração de Cicero *Pro Oppio* já não existe. V. o que dissemos a respeito desta causa, tom. I. pag. 238. not. (*a*).

mancebos, he decente o tomar o partido de os poupar, e moderar. Tal foi o que Cicero tomou a favor de Celio contra Atratino, (*a*) mostrando o caracter não de hum inimigo em o increpar, mas o de hum pai em lhe dar conselhos saudaveis. Era este ainda moço, era hum homem distincto, e o seu resentimento, que o instigou a accuzar a Celio, não era desarrazoado.

Mas nestas cousas, em que he precizo dar provas de moderação ao juiz, e aos circumstantes, menos trabalho ha. O embaraço maior he, quando receamos escandalizar aquelles mesmos, contra os quais fallamos. Duas personagens destas afrontárão ao mesmo tempo a Cicero na causa de Murena, a de M. Catão, e a de Servio Sulpicio. Com quanta decencia porém, tendo elle concedido a Sulpicio todos os louvores, só lhe negou o de saber pertender o consulado? Pois em que cousa hum homem nobre, e o primeiro dos Jurisconsultos, como elle era, sofreria melhor o ser vencido do que nesta? (*b*) E que bella razão não deu elle de defender a Murena, dizendo: que se elle tinha tomado o partido de Sulpicio contra Murena na pertenção do consulado, nem por isso agora devia tomar o da sua accusação, contra a vida do mesmo. (*c*) E com que delicadeza não tratou elle a pessoa de Catão, admirando primeiro muito o seu excellente natural, para o mostrar depois estragado em certas cousas com o rigorismo, não por culpa sua, mas sim da seita Stoica, a que se déra? (*d*) Dirias que entre estes dois grandes homens se levantára não tanto huma demanda forense, quanto huma disputa litteraria.

(*a*) No exordio da oração *Pro Caelio*, que se póde ver no I. tom. Ex. XIX.

(*b*) *Pro Muraena* desde o Cap. XXI. até XXIV. V. Ex. XV.

(*c*) *Ibid.* Cap. III. *Sed me, Judices*, até o V. Vej. Ex. XVI.

(*d*) *Ibid.* Cap. XXVII. *Venio nunc ad M. Catonem*, até XXXII., em que Cicero mostrou com tanta graça o ridiculo e absurdo dos Paradoxos Stoicos, cuja Philosophia Catão seguia, que todo o tribunal desatou a rir, e Catão, notando Cicero de pouco grave, disse, segundo refere Plutarcho: *Dii boni! Quam ridiculum habemus consulem?* V. Ex. XVII.

A verdadeira arte pois do Decoro, e as regras as mais seguras he a practica deste grande homem, que he; quando quizeres tirar a huma pessoa hum louvor, sem offender a amizade, conceder-lhe todos os mais, e represental-a só naquella parte, ou menos esperta, que em tudo o mais, (apontando, se poder ser, a razão disso) ou hum pouco mais teimosa, ou crédula, ou escandecida, ou estimulada por outros. Para tudo isto ha hum remedio commum, que he mostrar constantemente em toda a oração, não só que a estimamos, mas tambem a amamos; ter além disso justo motivo para assim fallar, e fazer isto, não só com moderação, mas ainda com necessidade...

CAPITULO XII.

Continuação da mesma materia do Decóro, considerado nos Estilos.

(XII. 10. 1.)

REsta fallar do *Estilo.* (*a*) Esta era a terceira parte, que nos propozemos tratar na divisão geral desta

(*a*) O Estilo, que em Latim se chama *genus*, *forma dicendi*, e em Grego χαρακτὴρ, he a *Forma geral de elocução, que reina em toda huma obra, ou parte della, e que resulta de certa especie de pensamentos, e da escolha, figura, e collocação das palavras, conveniente á materia, que se trata;* chamado assim, por metonymia, do ponteiro (*stilus*), com que os Romanos escrevião nas taboas enceradas.

Este póde-se considerar de dois modos, ou relativamente á *Quantidade*, isto he, á maior, ou menor abundancia de palavras, e expressoens, que empregamos para enunciar huma mesma idêa e pensamento: ou relativamente á *Qualidade*, isto he, ao maior, ou menor ornato dos mesmos termos e expressoens, que escolhemos para o mesmo fim. Por exemplo, *todos morrem* he hum pensamento exprimido com os termos precizos. Elles não podem ser menos. Porém eu posso dar o mesmo pensamento em maior quantidade de palavras, dizendo: *Todos os homens, velhos, e moços, pequenos, e grandes, estão sugeitos á morte.* O estilo,

obra, em que promettemos fallar da *Arte*, do *Artifice*, e do *Artefacto*. Ora sendo a oração o artefacto da Eloquencia e do Orador, muitos são os seus Estilos, como mostrarei ....

ARTIGO I.

Dos Estilos considerados relativamente á Quantidade.

Estilo Attico, *e* Asiatico, *e sua origem.*

§. I. A divisão mais antiga dos Estilos he em *Attico*, e *Asiatico*. (*a*) Aquelle he hum modo de fallar *preciso*, e *inteiro*; este pelo contrario *inchado*, e *vão*. (*b*) Naquelle nada sobejava, neste o que mais faltava era o juizo, e a moderação. (*c*) Alguns, como

---

considerado por este modo relativamente á quantidade, divide-se em *Attico*, *Asiatico*, e *Rhodio*.

Todos morrem he hum pensamento enunciado com os termos simplices e proprios. O mesmo porém já o será com ornato, se eu disser com Horacio

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres. . .

A qualidade differente do ornato faz a segunda divisão dos Estilos em *Tenue*, *Grande*, e *Mediocre*. Destas duas divisoens trata Quint. neste Artigo, e no seguinte.

(*a*) Esta distincção he a mais antiga, porque data do tempo, em que os Athenienses mandárão as primeiras colonias povoar as ilhas, e costas mais occidentaes da Asia menor; o que succedeo, pouco mais ou menos, 130 annos depois da ruina de Troia.

(*b*) Todo o pensamento, para se desenvolver segundo o fim que nos propomos, necessita de certo numero de idêas. Ha huma onde deve começar; outra aonde deve acabar; e outras por onde deve passar. A linha está traçada. Tudo o que se aparta deste plano, ou he diminuto, ou superfluo. O estilo Attico pois guarda huma proporção justa entre as palavras, e o pensamento. He *preciso*, cerrado, e breve; porque nada lhe sobeja, e diz só *Quantum satis est*. He *inteiro*, e perfeito; porque nada lhe falta, e diz tudo *quantum opus est*. Esta he a verdadeira idêa do estilo Attico, e não a que deu Heineccio *Fund. Stil.* I. 2. 39, dizendo que era aquelle, *in quo multae ideae paucis, acutisque verbis proferuntur*.

(*c*) Desta regra do estilo Attico, regra da razão, e do bom gosto, se apartárão para hum, e outro lado os Lacedemonios,

Santra, (*a*) julgão que esta differença tivera origem disto. Que, espalhando-se pouco a pouco a lingua Grega pelas cidades proximas da Asia, os que ainda a não sabião bem, desejando parecer eloquentes, começárão a explicar com periphrases o que se podia dizer com os termos proprios, e ficárão depois neste costume. A mim porém parece-me, que esta differença procedeo do differente genio, e caracter, tanto dos oradores, como dos ouvintes. (*b*) Os Athe-

---

e Asiaticos. Aquelles tomando hum estilo curto, monosyllabo, escuro, e enigmatico; não dizião o que era preciso para se fazerem entender. Estes pelo contrario, tomando hum estilo empolado, verboso, e vão, dizião mais do que era necessario. Este estilo Asiatico era de dois modos segundo Cicero *in Bruto* Cap. 95. Hum, que, refundindo o mesmo pensamento por differentes modos, reproduzia as mesmas idêas em oraçoens curtas, amiudadas, e sentenciosas, não pelos conceitos graves, e severos, mas pelas figuras concinnas, e symmetricas, com que artificiosamente as concertavão; e tal era o de Timeo, Hierocles, e Menecles. Outro, que não era sentencioso, mas verboso, e arrebatado pela torrente das expressoens, e ornatos superfluos. Aos primeiros faltava-lhes o *juizo*, a escolha, e o discernimento, como a Seneca, de quem diz Quint. X. 1. 130. *Velles eum suo ingenio dixisse, alieno judicio.* Erão ἀκριτόμυθοι, como Homero diz de Thersites *Il.* II. 246, *indiscretos no fallar. Non enim potest esse delectus, ubi numero laboratur*, como a este proposito diz Quint. VIII. 5. 3. Aos segundos faltava-lhes a *moderação*, porque excedião sempre com o numero das palavras a medida justa do pensamento.

(*a*) Grammatico antigo, de quem fazem menção Festo, S. Jeronymo, o author antigo da vida de Terencio, e outros muitos. Segundo Thucydides no principio do Liv. I. e Attica, sendo hum paiz estreito, e não podendo conter, nem sustentar a povoação demasiada; mandou muitas colonias para as costas da Asia, e com ellas os costumes e lingua dos Athenienses, que ao passo que se foi propagando por toda a Asia, se foi tambem corrompendo, e perdendo o seu vigor natural, e primitivo. Cicero no seu *Bruto* XIII. parece chegar-se á opinião de Santra. *Nam, ut semel Piraeo eloquentia evecta est, omnes peragravit insulas, atque ita peregrinata tota Asia est, ut se externis oblineret moribus, omnemque illam salubritatem Atticae dictionis, et quasi sanitatem amitteret, ac loqui pene dedisceret. Hinc Asiatici oratores non contemnendi quidem, nec celeritate, nec copia; sed parum pressi, et nimis redundantes. Rhodii saniores, et Atticorum similiores.*

(*b*) Quint. segue a opinião de Cicero, que no *Orador* diz assim: « Sempre o caracter dos ouvintes foi quem deu o tom á

nienses, sendo dotados naturalmente de hum espirito polido, e judicioso, não sofrião na expressão cousa alguma, que fosse, ou vazia de sentido, ou superflua. A nação Asiatica pelo contrario, sendo de hum caracter inchado e vaidoso, tomou tambem hum estilo tumido, e fastuozo, analogo ao mesmo. (*a*)

Estilo Rhodio, *e sua origem.*

§. II. Os que fizerão esta distincção dos Estilos, pouco depois accrescentárão hum terceiro, chamado *Rhodio*, que, tendo como o meio entre os dois, participa de hum, e outro. Porque, nem he tão preciso, como o Attico; nem tão abundante, como o Asiatico; de sorte que parece ter alguma cousa da nação, e alguma cousa do seu author. Pois Eschines, que escolheo esta ilha para o lugar do seu desterro, (*b*)

« eloquencia dos oradores. Pois todos aquelles, querem ser « gostados, estão com a mira no gosto dos que os ouvem, « e se amoldão em tudo ao seu humor, e á sua vontade. Por esta « causa a Caria, a Phrygia, e a Mysia, sendo huns povos nada « polidos, nem civilizados, adoptárão hum estilo pezado, e « para assim dizer, cevado, analogo ao seu gosto: com o qual « os Rhodios se não accommodárão já, não estando separados « delles mais que por hum pequeno braço de mar; e os mais « Gregos ainda muito menos; os Athenienses porém o rejeitárão « inteiramente, cujo gosto foi sempre tão discreto e são, que « nunca poderão ouvir expressão alguma, que não fosse natu- « ral, e polida. Assim os Oradores, para se accommodarem á sua « escrupulosidade, nunca se atrevião a dizer palavra alguma, « que fosse, ou desuzada, ou odiosa. »

(*a*) Os Athenienses, habitando a Attica, paiz estreito, e pouco fertil; a necessidade mesma os habituou desde o principio, assim a serem simplices, sobrios, e frugaes, como a entregarem-se á cultura das manufacturas, artes, e sciencias, de cujo commercio podessem viver: e isto os acostumou a serem laboriosos, humanos, polidos no seu trato, e vivos, delicados, e ainda escaimosos em todo o genero de decencias. Os Asiaticos pelo contrario, habitando paizes mais austraes, erão naturalmente dotados de huma fantazia viva, e esquentada, que em tudo os fazia sempre passar ao excesso; e possuindo hum terreno extenso, que lhes subministrava liberalmente tudo o necessario á vida, erão dados ao ocio, molleza, e glotonaria, e o seu trato cheio de luxo, fausto, e vaidade. V. *Orig. des Loix* tom. III. Cap. 2. e 3.

(*b*) Na celebre causa entre Eschines, e Demosthenes sobre a *Coroa*, de que fallámos tom. I. pag. 297, tendo aquelle ficado vencido, e consequentemente incorrido na pena de desterro no

introduzio nella os estudos de Athenas, os quaes, á maneira das sementes que degenerão mudando de clima e terreno, misturão o gosto Atheniense com o estrangeiro. O Estilo *Rhodio* pois he sim lento e frouxo, mas apezar disto, não deixa de ter sua força. He similhante, não ás fontes cristalinas, nem ás torrentes turvas; mas ás aguas mortas, e estancadas. (*a*)

Qual delles he o melhor.

III. Por tanto ninguem poderá duvidar, que de todos os Estilos o melhor incompativelmente he o Attico. (*b*) Este, assim como tem hum fundo commum, que he o *Gosto fino, e depurado,* assim póde receber varias fórmas dos differentes caracteres dos

---

anno antes de J. C. 330, e 424 de Roma, escolheo elle para o lugar de seu desterro a Ilha de Rhodes, onde abrio huma eschola de Eloquencia, celebre pelo seu fundador, e pelos grandes Mestres, que lhe succedêrão no ensino por mais de 200 annos. Esta eschola ainda durava no tempo de Cicero, que nella foi ouvir a Apollonio Molon no anno de Roma 675, e reformou com elle o seu estilo hum pouco Asiatico, como elle mesmo confessa, conta. *De Clar. Orat.* 91.

(*a*) O caracter pois do Estilo Rhodio he ser *copioso,* sem com tudo ser redundante, e superfluo como o Asiatico; e ser *vigoroso, e nervoso,* sem com tudo ser tão cerrado, e preciso, como o Attico. Este guarda huma proporção exacta, e escrupulosa entre as idêas, e seus sinaes. O Asiatico a excede muito. O Rhodio chega-se a ella, quanto póde. O estilo Attico he como as aguas puras, e cristalinas, que nada tem de heterogeneo. O Asiatico he como as aguas das chêas, que são muitas, e impetuosas, porém turvas, e enlodadas. O Rhodio he como as aguas estancadas, que não tem nem a pureza, e elegancia dos primeiros, nem a impureza, e superfluidade dos segundos. Podem-se ver exemplos practicos destes tres estilos em Cicero. Do Asiatico, na primeira oração forense e publica, que fez sendo de 28 annos *Pro Roscio Amerino.* Do Rhodio, em quasi todas as mais, e do Attico principalmente nas *Catilinarias, e Philippicas.*

(*b*) O estilo Asiatico he *adolescentiae magis concessum, quam senectuti*, diz Cicero *De Clar. Orat.* l. cit. V. supr. Cap. XI. Art. II. §. 1. O Rhodio tem mais lugar nas materias Demonstrativas, e nos Exordios, Lugares communs, Digressoens, e Amplificaçoens. O Attico porém merece louvor em todas as idades, em todas as occasioens, e em todas as causas, e lugares. Porque he confórme a esta regra constante, e invariavel do Bom Gosto, que no discurso não deve entrar palavra alguma, que não seja precisa, ou á expressão, ou á belleza, e força do pensamento.

escriptores. (*a*) Por esta razão me quer parecer se enganão muito os que tem por Atticos só aquelles oradores, que são simplices, claros, e expressivos, mas que, contentes só com certa frugalidade de eloquencia, não deitão jámais as mãos fóra do pallio. (*b*)

ARTIGO II.

Dos Estilos considerados relativamente á sua Qualidade.

Estilo Subtil, Grande, *e* Mediocre, *seus fins, e propriedades.*

§. I. HA outra divisão dos Estilos, repartidos

(*a*) As virtudes communas a todo o estilo Attico são 1.º *Judicium acre*, hum gesto fino e delicado no pensar, que exclue da oração todas as idêas, e pensamentos communs, frivolos, ineptos, affectados, impertinentes, e superfluos. 2.º *Judicium tersum*, huma phrase limada, polida, precisa, e depurada de todas as palavras, e ornatos improprios, e redundantes. Salvo este fundo commum, invariavel, necessario, e essencial a todo o estilo Attico; este póde tomar differentes fórmas segundo a materia que se trata, e segundo os differentes genios, e caracteres dos oradores. Elle deverá ser *Tenue* nas materias pequenas, e de discussão; *Mediocre* nas ornadas; e *Grande* nas sublimes, e tomar ainda differentes modificaçoens particulares do differente genio, e caracter do escriptor. Lysias, e Hyperides são tenues; Demosthenes, e Eschines grandes; Isocrates, e Theophrasto ornados: e com tudo todos são Atticos. *Densus, et brevis, et semper instans sibi Thucydides; dulcis, et candidus, et fusus Herodotus,* diz Quint. X. 1. 73: e isto não obstante são ambos Atticos. He pois errada a opinião daquelles, que tem só por Atticos os oradores, que, como Lysias, são puros, claros, e elegantes; mas sem elevação alguma, nascida dos ornatos, e do pathetico; opinião, que Cicero combate no *Orad.* IX. e *De Optim. Gen. dicendi*, e Quint. aqui desde o n. 21 até 27, concluindo: *Attice dicere esse optime dicere.*

(*b*) *Ac semper manum intra pallium continentes*, como fazião os antigos oradores, assim Gregos, como Romanos, cujo estilo era simples, e natural. V. Cic. *Pro Coelio.* Cap. V. Eschines contra *Timarch.* pag. 174 diz: « Os antigos Oradores, como Pericles, Themistocles, e Aristides erão tão recatados, que tinhão por atrevimento, e temião fazer o que agora fazemos todos por costume, que he fallar com a mão deitada de fóra. » V. Quint. XI. 3. 137.

tambem em tres especies, pelas quaes parece se podem outrosim distinguir entre si os differentes caracteres de Eloquencia. Hum he o *Subtil*, chamado em Grego *Ischnos*; (*a*) o segundo o *Grande*, e *Robusto*, chamado pelos Gregos *Adros*. (*b*) Accrescentarão alguns hum terceiro, a que huns chamão *Mediocre* por ser composto dos dois, e outros *Florido*, traduzindo deste modo o termo Grego *Antheros*. (*c*) Destes tres estilos o primeiro parece ser proprio para *Convencer*, o segundo para *Mover*, e o terceiro para *Attrahir*, ou *Conciliar* os ouvintes, pois hum e outro nome quer dizer o mesmo. Para Convencer, requer-se *subtileza*; (*d*) para conciliar, *Do-*

(*a*) Ἰσχνός, λεπτὸς, isto he, delgado, tenue, subtil, e em Latim, *gracilis*, *tenuis*, *subtilis*, quasi *sub tela*, tirada a metaphora dos veos transparentes, e tecidos de fios tenuissimos, *quae vulgo volitant subtili praedita filo*, como diz Lucret. IV. 86. em contraposição aos pannos, e telas chêas, tapadas, e recamadas de ouro, prata, purpura, etc., ás quaes he mais similhante o estilo ornado. As idêas no estilo simples são distinctas, desfiadas, transparentes, enunciadas com os termos proprios, claros, e expressivos, e não recamadas com os ornatos do estilo Mediocre, e Sublime, Auson. *in Grypho*, *Tern. num.* authoriza esta etymologia dizendo: *Trinum dicendi genus est sublime, modestum, Et tenui filo*... e Quint. IX. 4. 17, onde chama ao estilo de Lysias *illud dicendi textum tenue, ac rarum.*

(*b*) Ἀδρός, *robusto*, e toma este nome da sua propriedade principal, que he dar força aos pensamentos, engrandecendo os objectos, e excitando por este modo as paixões fortes, que por isso este estilo se chama tambem *magnifico*, *sublime*, *grave*, em Grego μεγαλοπρεπής, ὕψος, σεμνός, δεινός.

(*c*) O estilo *Mediocre*, e *Temperado* he chamado assim, porque tem o meio entre o estilo Tenue, e Sublime, e porque participando do primeiro a Elegancia, e do segundo os Ornatos, nem desce á simplicidade daquelle, nem sobe á grandeza deste. As flores, e adornos da Elocução, excluidos do estilo simples, claro, e puro, e improprios da magestade do estilo grande, tem neste o seu proprio lugar; e por isso se chama tambem *Ornado*, e *Florido*, em Grego ἀνθηρός, γλάφυρὸς, que Macrobio, *Saturn.* V. 1, e Demetrio *De Eloc.* n. 36 fazem huma quarta especie; mas que Proclo na *Chrestomathia* (em Phocio, *Bibliotech.* Cod. 259) diz não constituir de sua natureza hum novo genero de estilo, mas sim ser hum mixto do subtil, e robusto.

(*d*) Os tres estilos principaes são relativos aos tres meios de persuadir. *Convencer* he *descobrir* a verdade, e *expol-a*. Para o primeiro he necessario descompôr as idêas, abstrahil-as, gene

çura; (*a*) para mover, *Força.* (*b*)

Em que consiste cada hum destes Estilos.

§. II. Pelo que a Narração, e a Prova pela maior parte contentão-se com o estilo Subtil, o *qual, não obstante ser despido dos mais ornatos proprios aos outros dois, he com tudo perfeito no seu genero.* (*c*)

---

ralizar, e raciocinar. Tudo isto se faz por meio da Analyse, pela qual desfazemos, e combinamos as noçoens complexas e confusas, e abstrahindo chegamos ás mais simplices, que são as mais distinctas. O erro, nascido da confusão, não se póde descobrir de outro modo. Para expôr a verdade he necessaria a Synthese, isto he, a faculdade de coordenar as partes de hum facto, ou prova de modo, que se vejão facilmente em toda a sua luz, e distinção, e as relaçoens mutuas, que as ligão entre si. Esta faculdade pois da nossa alma, com que ella descompõe, e combina as idéas, chamada *Subtileza*, he essencial ao estilo tenue, quando delle nos servimos para expôr, e provar.

(*a*) Tudo o que affecta agradavelmente os nossos sentidos, e imaginação traz comsigo huma especie de *Doçura*, que nos atrahe, e encanta. Todos os ornatos pois do discurso, que revestem as idéas de imagens sensiveis; que as varião pelas differentes prospectivas, e figuras; que as combinão com graça, ordem, e symmetria; que as imprimem nos ouvidos por meio de huma expressão suave, compassada, e harmoniosa, hão de deleitar mais, e consequentemente atrahir, e conciliar os espiritos. A *Doçura* pois, que resulta de tudo isto, he huma propriedade essencial ao estilo Ornado, ou Mediocre.

(*b*) Nada arrebata a nossa alma, e a transporta senão o que lhe parece novo, grande, e extraordinario. Do que se lhe representa como tal, he que nascem as grandes paixoens, e destas os movimentos, que a determinão, e violentão a mudar de resolução. A *Força* pois, e gravidade do discurso, que emprega as grandes molas das paixoens, he propria do estilo Grande.

(*c*) O estilo Subtil, ou simples he a oração *pura, correcta, clara,* e *irreprehensivel*, de que Quint. fallou no Cap. IV. Art V. deste livro. Tudo o que se accrescenta a estas qualidades necessarias a todo o estilo, são ornatos, que pertencem ao estilo Mediocre, e Sublime. O estilo Subtil he perfeito no seu genero, porque tem toda a perfeição não absoluta, mas relativa ao fim, que se propõe. O seu fim he só *Instruir*, e para isto basta huma linguagem livre de barbarismos, e solecismos, clara, e isenta dos vicios contrarios ao ornato. *Tum removebitur omnis insignis ornatus, quasi margaritarum: ne calamistri quidem adhibebuntur: fucati vero medicamenta candoris et ruboris omnia repellentur: elegantia modo, et munditia remanebit. Sermo purus erit, et Latinus: dilucide, planeque dicetur: quid deceat circumspicietur.* Cic. *Or.* XXIII. Ainda que pois não tenha os ornatos insignes, e brilhantes do estilo Mediocre, e Sublime; tem os simplices, e puros, chamados

Já o estilo Mediocre, por huma parte he *mais frequente nas metaphoras*, (*a*) *mais aprazivel nas figuras*, (*b*) *mais ameno nas digressoens*, (*c*) *mais harmonioso na collocação das palavras*, (*d*) *e mais agradavel nas sentenças*, que o estilo Tenue; e por outra mais socegado, que o estilo Grande; similhante em fim a huma ribeira crystalina, que corre mansamente por entre verdes arvoredos, que de huma, e outra parte lhe fazem sombra. (*e*)

O estilo Grande porém, que, á maneira de hum rio caudaloso, e arrebatado, leva apoz de si os mesmos rochedos, e desdenhoso se enfurece contra as pontes, e não conhece outras margens senão as que elle mesmo se faz; este, digo, arrastrará comsigo o juizo, e, ainda que não queira, o obrigará forçado a hir por onde o leva. (*f*)

---

elegancias, que lhe são proprios, nascidos do esmero na propriedade, e significação dos termos. V. o fim do Ornato.

(*a*) Aquellas principalmente, que servem para *pintar*, e *ornar* das quaes V. supr. Cap. VII. pag. 143.

(*b*) Quaes são as de que tratamos Cap. VIII. Art. 3. e Cap. IX.

(*c*) Como discripçoens, e lugares communs, tirados de assumptos apraziveis. V. tom. I. pag. 184.

(*d*) A fórma periodica das oraçoens, huma melodia sensivel, e as cadencias numerosas aqui tem o seu proprio lugar. V. Cap. X. Das Sentenças V. Cap. VI. Cic. *De opt.* 5. distingue tres especies de Sentenças segundo os tres estilos. *Sunt enim docendi, acutae; delectandi, quasi argutae; commovendi, graves.* Quint. falla aqui das segundas.

(*e*) Esta mesma similhança, tanto por ser tirada de hum objecto delicioso, como pela amenidade dos ornatos, com que Quint. a reveste, he hum exemplo do estilo Mediocre. Quint. parece tinha presente o bello lugar de Horacio *Od.* II. 3. 9.

Qua pinus ingens, albaque populus
Umbram hospitalem consociare amant
Ramis; et obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo.

(*f*) Quint. continuando no mesmo genero de similhança, passa a dar huma idêa nobre do estilo Grande e robusto, por meio de imagens sublimes, as quaes ao mesmo tempo pintão a força deste estilo, e são exemplo della. A 1.ª *Qui saxa devolvat* allude ao lugar sublime de Horacio *Od.* IV. 2. 5, onde diz assim de Pindaro:

Monte decurrens velut amnis, imbres
Quem super notas aluere ripas,

Neste estilo o Orador já fará levantar os mortos para fallarem, como Appio Cego; (*a*) já representará a mesma patria exclamando, e fallando com Cicero, como na oração contra Catilina no Senado; (*b*) já dará grandeza ao seu discurso por meio das amplificaçoens, e elevação por meio das hyperboles, dizendo: *Que Charybde tão voraz? O oceano mesmo (c) etc.* (pois estes lugares brilhantes são já conhecidos dos estudiosos); já trará dos ceos os mesmos Deoses, e os chamará, para assim dizer, á sua presença, e á sua falla: *Vós, ó tumulos e bosques dos Albanos, Vós, digo, ó altares derrotados, que fostes contemporaneos, e companheiros nos sacrificios do Povo Romano, etc.* (*d*); já em fim inspirará aqui a ira, acolá a misericordia, dizendo: *Elle te chorou, elle te chamou* (*e*); já todos os mais affectos, pelos

---

Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.
Laurea donandus Apollinari,
Seu per audaces nova dithyrambos
Verba devolvit, numerisque fertur
Lege solutis.

A 2.ª *Qui pontem indignatur* he tirada de Virg. *En.* VIII. 728, onde, fallando do rio Araxes na Armenia, diz: *Pontem indignatus Araxes.* A 3.ª *multus et torrens*, he o *fervet, immensusque ruit* de Horacio, e o νιφάδεσ χειμερίαι de Homero, fallando da Eloquencia de Ulysses *Il.* III. 221. A 4.ª *et ripas sibi faciat* he a mesma que a de Horacio *Imbres, quem super notas aluere ripas*, e a de que já o mesmo Quint. se servio V. 14. 31 para pintar a magestade da Eloquencia. *Non, ut fontes angustis fistulis colliguntur, sed, ut latissimi amnes, totis vallibus fluat, ac sibi viam, si quando non accepit, faciat.* Até aqui caracterizou Quint. o estilo grande pela *força victoriosa*, com que transporta a alma fóra de si, e senhor absoluto das suas potencias a leva para onde quer.

Agora passa a mostrar os meios, de que o mesmo se serve, para obrar estes prodigios, os quaes se reduzem a tres, *Figuras, Amplificação*, e *Pathetico.* As *Figuras* são as vehementes, e patheticas, das quaes tratou atraz Cap. VIII. Art. II. como as *Prosopopeias*, as *Exclamaçoens*, as *Apostrophes*, *etc.* As *Amplificaçoens*, e *Hyperboles*, das quaes fallou acima Cap. V. e Cap. VII. *in fin.* O *Pathetico* em fim, do qual tom. I. Cap. XII. e XIII.

(*a*) *Pro Coel.* Cap. XIV. V. Ex. XII.
(*b*) *Catil.* I. 7. e ibid. XI. V. Ex. VIII. e IX.
(*c*) *Philip.* II. 27.
(*d*) *Pro Milon.* 31. V. Ex. IX.
(*e*) Lugar pathetico de alguma oração de Cicero perdida;

quaes arrastrado o Juiz se deixará levar espontaneamente ora de huns, ora de outros movimentos, e não desejará já o esclareção sobre as materias, de que se lhe falla. (*a*)

---

pois se não acha, nem nas que existem, nem nos fragmentos das que se perderão: e he crivel que assim como todos os exemplos acima são de Cicero, o fosse tambem este.

(*a*) Longino *De Subl.* logo desde o primeiro Cap. caracteriza o seu sublime, como Quint. o seu Estilo Grande, por esta força victoriosa, e irresistivel, com que se senhorea da alma; o que não faz nem o estilo Subtil, quando procura convencer, nem o Mediocre, quando procura agradar, e attrahir. « *O effeito* (diz « elle) *do Sublime não he tanto convencer os ouvintes, quanto trans-* « *portal-os fóra de si, e por causa deste transporte elle tem sempre* « *mais força que, o que convence, e deleita. A convicção pela maior* « *parte não obra sobre nós, senão a nosso arbitrio. O sublime porém* « *levando comsigo hum poder absoluto, e huma força irresistivel,* « *faz-se sempre superior ao ouvinte.* » O mesmo diz Cic. *Or.* 28: *Hujus eloquentiae est tractare animos, hujus omni modo permovere, haec modo perfringit, modo irrepit in sensus, inserit novas opiniones, e vellit insitas.*

Do mesmo effeito pois, produzido pelo Sublime de Longino, e pelo estilo Grande vemos, que estas duas cousas são o mesmo. Vejamos tambem agora se as causas, que o obrão são as mesmas. Longino, Cap. VIII., assigna cinco: duas αὐθιγενεῖς (*naturaes*), que são 1.ª Τὸ περὶ τὰς νοήσεις ἁδρεπήβολον *o arrojado dos conceitos;* e 2.ª Τὸ σφοδρὸν, καὶ ἐνθουσιαστικὸν πάθος, *a vehemencia, e enthusiasmo da paixão;* e tres διὰ τέχνης (*artificiaes*), que, são, 3.ª Ποία τῶν σχημάτων πλάσις *huma especie de ficção figurada,* 4.ª Ἡ γενναία φράσις, ἧς μέρη πάλιν ὀνομάτων τε ἐκλογὴ, καὶ ἡ τροπικὴ, καὶ πεποιημένη λέξις, *a expresão nobre, nascida da escolha dos termos, e da phrase tropica, e nova;* 5.ª Ἡ ἐν ἀξιώματι, καὶ διάρσει σύνθεσις, *a composição magnifica, e elevada.*

Quint. abrange as primeiras duas debaixo do Pathetico ἁδρος, por serem inseparaveis, e Longino mesmo dá hum nome similhante á primeira, chamando-a τὸ ἁδεπήβολον περί τὰς νοήσεις. Assim Quint. as ajunta I. 2. in fin. *Maxima pars eloquentiae constat animo. Hunc* affici, *hunc* concipere imagines rerum, *et transformari quodammodo ad naturam eorum, de quibus loquitur, necesse est. Is porro, quo generosior celsiorque est, hoc majoribus veluti organis commovetur.* E na verdade a grandeza do estilo suppõe como baze a das cousas, a qual, ou he *Physica*. dos objectos grandes, e extraordinarios da natureza, e das artes; ou *Moral*, das virtudes raras, e heroicas; ou *Pathetica*, dos bens, e males extremos, que nos affectão. A primeira, exprimida convenientemente, fórma o *Sublime das Imagens, e Conceitos;* a segunda o *Sublime dos Sentimentos;* e a terceira o *Sublime da paixão.*

Qual delles he o melhor.

§. III. Pelo que se destes tres Estilos necessariamente se houvesse de escolher hum só, (a) quem duvidaria preferir este a todos os mais, sendo aliás o mais forte, e o mais accommodado ás grandes causas? Com effeito Homero (b) deu a Meneláo hum caracter

---

As primeiras duas nascem do enthusiasmo da *admiração*, e o produzem tambem nos que ouvem. *Porque* (como diz Long. VII.) *a nossa alma, ao ouvir hum pensamento verdadeiramente sublime, se extazia, e, tomando hum vôo soberbo, se enche de regozijo, e vangloria como se ella mesma fosse inventora do que ouve.* Tudo aqui pois he pathetico, ou da admiração produzida pelas imagens nobres dos grandes objectos, e sentimentos altos, que não nos interessão proximamente, senão por serem raros e extraordinarios; ou das outras paixoens, excitadas pelas phantasias, e amplificação dos bens e males, que nos tocão de perto.

Quanto ás outras tres causas artificiaes, concernentes á expressão do Sublime; as mesmas, que Longino assigna, requer tambem Quint. para o estilo Magnifico. Pois são 1.° As grandes *Figuras*, que se servem de ficção para personificar tudo; das quaes tratou Longino desde o Cap. 13 até 25, e Quint. aqui, e mais extensamente Cap. VIII. Art. 2. As Amplificaçoens, e Hyperboles, tratadas por Longino Capp. 8. 9. 10. 38; e por Quint. Cap. V. e VII. no fim. 2.° A *Expressão* nobre, ou propria, ou figurada, que Longino requer para o Sublime, capp. 25. 26. 31; e Quint. tambem cap. IV. Art. I. §§. 1. 2; e Art. III. §. 1; e cap. VII. Art. I. §. 3., e Art. II. §. ult. 3.° Em fim a *Composição* magnifica, e elevada, da qual Longino cap. 32; e Quint. cap. X. Art. V. §. 2. Do que tudo se conclue, que o Sublime, ou ὕψος de Longino he o mesmo que o estilo ἁδρός de Quint. e o μέγεθος de Hermogenes. V. Febre na Pref. a Longino, e a Dissert. de Saint-Marc nas Addiçoens ao Pref. de Boileau a Longino tom. IV. ed. Paris. 1747.

(a) Diz: *se se houvesse de escolher.* Porque a escolha não he livre, mas determinada pelo assumpto. Cada hum destes generos tem o seu lugar proprio. Quem preferisse o estilo Grande em materias baixas, commetteria o mesmo absurdo, que aquelle, que empregasse o estilo Tenue em assumptos grandes. V. o Cap. antecedente.

(b) *Iliad.* III. 219.

Ἤτοι μὲν Μενέλαος ἐπιτροχάδην ἀγόρευε
Παῦρα μὲν, ἀλλὰ μάλα λιγέως, ἐπεὶ οὐ πολύμυθος
Οὐδ' ἀφαμαρτοεπής....

Poucas cousas fallava e brevemente
Meneláo, porém com grão suavidade.

de Eloquencia *succinto*, *cheio de suavidade*, *e proprio* (pois isto he o que quer dizer *não desacertar nas palavras*) as quaes qualidades são justamente as do primeiro estilo. E de Nestor disse, que *da sua bôca manava hum discurso mais dôce que o mel*, a cujo gosto nada chega. (*a*) Mas querendo o mesmo dar-nos em Ulysses a idêa de huma perfeita Eloquencia, ajuntou-lhe o sublime e o grande, comparando o discurso deste homem na copia, e vehemencia das palavras, *ás torrentes caudalosas do inverno, engrossadas pelas neves derretidas.* (*b*) Com *similhante homem pois nenhum mortal quererá contender*, porque todos o olha-

---

Pois nem muitas palavras, nem tão pouco
Com desacerto, ou erro proferia.

A *precisão*, e *brevidade* contraria á copia; á *suavidade*, *agudeza*, e *brandura*; e em fim a *elegancia*, que consiste na propriedade, e significação dos termos, são as qualidades, que distinguem o estilo Simples do Ornato,, e Robusto, que tem mais copia, e vehemencia.

(*a*) *Il.* I. 247. - - - Τοῖσι δὲ Νέςωρ
Ἡδυεπὴς, ἀνόρουσε, λιγὺς Πυλίων ἀγορντὴς,
Τοῦ κὰι ἀπὸ γλώσσης μέλιτος γλυκίων ῥέεν αὐδή.
- - - - - - *Entre estes*
Se levantou Nestor, o suaviloquo,
E eloquente orador da Gente Pylia,
De cuja lingua mais que o mel corria
Doce oração. - - - -

Onde a *doçura* meliflua da eloquencia de Nestor caracteriza o estilo Mediocre, e ornado com todas as bellezas atractivas, e insinuantes da oração.

(*b*) *Il.* III. 221.
Ἀλλ᾽ ὅτε δὴ ῥ᾽ ὄπα τε μεγάλην ἐκ ςήθεος ἵει,
Κὰι ἔπεα νιφάδεσσιν ἐοικότα χειμερίῃσιν,
Ὀυκ ἂν ἔπειτ᾽ Ὀδυσσῆί γ᾽ ἐρίσσειε βροτὸς ἄλλος.
Mas tanto que do peito a voz soltava
Grande, e aquella torrente de palavras
A's enchentes do inverno similhante,
Nenhum mortal competir-lhe quereria.

Dionysio Halic. no tractado da *Poezia de Homero*, n. 20, faz a mesma observação que Quint. *Homero* (diz elle) *nem se descuidou de caracterizar os Oradores. Elle representa a Nestor, como hum orador suave e insinuante; a Meneláo como preciso, agradavel, e acertado; a Ulysses em fim, como hum homem dotado de huma força de discurso extraordinaria, e maciça.*

ráõ como hum Deos. (a) Esta he aquella força, e rapidez, que Eupolis admira em Pericles; esta, a que Aristophanes compára ao raios; (b) esta em fim a verdadeira Eloquencia. (c)

Differentes Tons, *e* Gradaçoens *dos tres Estilos.*

§. IV. Mas nem a Eloquencia se cinge só a estas tres fórmas geraes de estilo. Porque, assim como entre o *Tenue*, e *Robusto* ha hum *Medio*; assim tam-

---

(a) Allude ao lugar de Cicero *De Orat.* III. 14. *In quo igitur homines exhorrescunt? Quem stupefacti dicentem intuentur? In quo exclamant? Quem Deum, ut ita dicam, inter homines putant? Qui distincte etc.*

(b) O lugar de Eupolis he referido pelo Scholiasta de Aristophanes na peça *Acharn.* deste modo: Πειθώ τις ἐπεκάθιζεν ἐπὶ τοῖς χείλεσι. *A Deoza da Persuazão tinha feito o seu assento sobre os seus beiços.* Aristophanes na dita peça, Act. II. sc. 5., diz o mesmo: ἔντευθεν ὀργῇ Περικλέης Οὐλύμπιος ἤστραπτεν, ἐβρόντα, συνεκύκα τὴν Ἑλλάδα. *Pericles Olympico, então furioso, fulgurava, atroava, e perturbava a Grecia.* E o que he muito para notar he, que estes Comicos fallavão com espanto da Eloquencia de Pericles ao mesmo tempo, que se queixavão dos males, que elle causára á Grecia por amor das más mulheres. *Quem fulminibus, et coelesti fragori comparant Comici, dum illi conviciantur.* Quint. XII. 10. 24. V. tambem II. 16. 19, e XII. 2. 22. Longino diz tambem do seu Sublime, Cap. I. Δίκην σκηπτοῦ πάντα διεφόρησεν. *A' maneira de hum raio leva tudo apoz de si.*

(c) Da qual diz Cicero *Or.* 28: *Tertius est ille amplus, copiosus, gravis, ornatus, in quo profecto vis maxima est. Hic est enim, cujus ornatum dicendi, et copiam admiratae gentes, eloquentiam in civitatibus plurimum valere passae sunt; sed hanc eloquentiam, quae cursu magno sonitque ferretur, quam suspicerent omnes, quam admirarentur, quam se assequi posse diffiderent.* Se alguem quizer ver exemplos practicos destes tres generos de estilo, póde consultar os discursos de Cicero, que o mesmo aponta para o mesmo fim no seu *Orad.* Cap. XXIX. dizendo: *Tota mihi causa* pro Caecinna *de verbis* Interdicti *fuit. Res involutas definiendo explicavimus, Jus Civile laudavimus, verba ambigua distinximus. Fuit ornandus in* Manilia Lege. *Pompeius? Temperata oratione ornandi copiam prosecuti sumus. Jus omne retinendae majestatis* Rabirii *causa continebatur. Ergo in omni genere Amplificationis exarsimus. At haec interdum, et temperanda, et varianda sunt. Quod igitur in* Accusationis septem libris *non reperitur genus? Quod in* Habiti? *Quod in pluribus nostris* Defensionibus? O author da Rhet. a *Herenn.* IV. 8. deu de sua mão exemplos destes tres estilos, os quaes pomos no fim entre as peças de Eloquencia para ajudar os principiantes a formarem idéa practica destes tres estilos. V. Ex. XVIII. XIX. XX.

bem estes mesmos tem seus intervallos, nos quaes ha hum estilo mixto dos dois extremos, e que tem como o meio entre elles. Porque acima do *Subtil* descobre-se hum estilo mais cheio, e abaixo delle outro ainda mais subtil; acima do *Robusto* hum mais vehemente, e abaixo delle outro ainda menos forte: do mesmo modo que o estilo *Temperado* humas vezes sobe ao mais forte, outras desce ao mais tenue. Desta maneira se vem a achar, a bem de dizer, innumeraveis especies de estilos, que varião entre si por alguma pequena differença; (*a*) bem como sabemos, que ha quatro ventos principaes, que assoprão de outros tantos pontos cardiaes do mundo, ao mesmo tempo, que entre elles se achão muitos intermedios, segundo a variedade das regioens, e dos rios. (*b*) O

(*a*) A estas gradaçoens, degradaçoens do mesmo estilo chamavão os Latinos *Colores*, e os Francezes com hum termo muito proprio *Nuances du Stile*, e nós lhe podemos chamar *Matizes*, tirada a metaphora da augmentação, e diminuição insensivel de huma mesma côr, com que por gráos passa, ou do escuro ao claro, ou do claro ao escuro. Os mesmos Latinos lhes chamavão tambem *Voces*, e nós lhe podemos dar o nome de *Tons* do estilo, á maneira dos da Musica, que sendo sete principaes em cada oitava, estes mesmos admittem tantas gradaçoens, e degradaçoens, que hum ouvido exercitado póde distinguir em cada oitava 43 differentes, e ainda entre cada hum destes ha muitos outros intermedios, que o ouvido do homem póde sentir, mas não distinguir. Assim cada hum dos tres estilos principaes póde, sem sahir do seu genero, subir gradualmente até o *maximo*, e descer do mesmo modo até o *minimo*. O *Sublime* póde ser mais, ou menos sublime; o *Simples* mais, ou menos simples. O *Medio* da mesma sorte póde participar mais, ou menos do sublime á proporção que sobe; e mais ou menos do simples á medida que desce. No *mais*, ou *menos* ha infinitas gradaçoens, cujos limites não se podem assignar, porém que nem por isso deixão de ser menos reaes; e que hum escriptor exacto, e de hum gosto fino e delicado sabe guardar amoldando o seu estilo a cada genero, a cada causa, a cada parte da oração, e a cada pensamento, sob pena de não merecer o nome de Orador, ou de Poeta, que tem.

Descriptas servare vices, operumque colores
Cur ergo, si nequeo, ignoroque, poeta salutor? Hor. *Poet.* 86.

(*b*) Os Physicos antigos, julgando erradamente que o ar era huma agua attenuada e rarefeita, atribuião, entre outras causas, aos rios a origem dos ventos. V. as passagens, que para prova disto accumulou Burmanno a este lugar.

mesmo succedeo aos Musicos, que tendo dado á cithara cinco sons fundamentaes, encherão depois os intervallos de cada corda com muita variedade de outros tons; e ainda entre estes intermedios metem outros, de sorte que os pontos, sendo poucos, vem a ter infinidade de gradaçoens.

Os Tons *devem ser differentes confórme o genero, a causa, e partes della.*

§. V. Por este modo pois ha tambem muitos *Tons*, e fórmas de estilo; e he huma loucura perguntar a qual dellas se deverá conformar o orador: pois que toda a especie de estilo, sendo bom, tem seu uso, e todas as differenças, incluidas no nome geral de estilo, são do foro do orador. Elle se deverá servir de todas, segundo a occasião o pedir, variando-as não só confórme o genero da causa, mas ainda confórme as partes della. (*a*) Porque, assim como elle não fallará do mesmo modo em huma causa capital, do que em huma demanda sobre herança, esbulho, caução, ou emprestimo; e guardará as differenças, que requerem os discursos Suasorios, quando são feitos no Senado, e quando diante do Povo, ou em particular, mudando de tom segundo a qualidade das pessoas, lugares, e occasioens: (*b*) assim tambem

(*a*) Este he o Orador perfeitamente eloquente, que buscava Antonio, e que Cicero achou no seu *Orador*, 29: *Sed inventus profecto est ille eloquens, quem nunquam vidit Antonius. Quis est igitur is? Complectar brevi, disseram pluribus. Is enim est eloquens, qui et humilia subtiliter, et magna graviter, et mediocria temperate potest dicere.* A este orador chamão os Gregos δεινὸν, e ao bom uzo de todas as formas de estilo δεινότητα, que he χρῆσις ὀρθὴ παντων εἰδῶν τοῦ λόγου, como diz Hermogenes, pelo qual se distinguio Demosthenes. V. o tractado de Dionys. Halic. Περὶ Δημοσθένους δεινότητος.

(*b*) Para maior clareza distinguamos com Quint. os differentes tons, e gradaçoens do estilo. 1.º O *Tom do Genero.* O genero Demonstrativo requer differente estilo do Deliberativo, e Judicial. A Epopeia differente do da Tragedia, e esta differente do da Comedia. 2.º O *Tom da Causa.* Dentro do mesmo genero de causas, ha humas, que querem hum estilo mais ornado, que outras. As causas capitaes não devem ser tratadas no mesmo

dentro da mesma oração de diverso modo procederá elle no *Exordio* para ganhar os espiritos dos Juizes; nem pelo mesmo tom, que nelles move a ira, moverá tambem a misericordia; e para instruir não empregará os mesmos meios, que para mover. Por este modo differente deverá ser o tom do estilo no Exordio, differente na Narração, Provas, Digressoens, e Peroração.

Differentes Idêas, *ou modificaçoens dos tres Estilos.*

§. VI. Hum mesmo orador se exprimirá humas vezes, já de hum modo *Grave*, já *Severo*, já *Acrimo-*

---

tom, que as particulares. As suasorias devem ter differente estilo, quando são feitas no Senado, e quando diante do Povo, e quando a hum homem particular. V. Quint. supr. Cap. IV. Art. 2. §. ult. Da mesma sorte huma acção Tragica, e Comica póde ser mais, ou menos Tragica; mais, ou menos Comica. 3.º O *Tom das partes*. Cada parte de huma oração, ou poema, álem do tom geral, e dominante, tem hum caracter de estilo particular confórme os differentes fins, que se propõe, ou de Instruir, ou de Deleitar, ou de Mover. Assim o Exordio, Narração, Prova, Peroração, e lugares communs varião de tom dentro do mesmo estilo. Na Tragedia, e Comedia ha humas scenas mais fortes, e vigorosas que outras, e na Epopeia huns episodios mais sublimes, que outros. O estilo da Comedia he simples, e o da Tragedia elevado, e grande. Com tudo aquella ás vezes levanta de tom para exprimir a indignação; e esta o abate para exprimir a dôr, e excitar a compaixão.

Interdum tamen et vocem Comoedia tollit,
Iratusque Chremes tumido delitigat ore
Et Tragicus plerumque dolet sermone pedestri,
Si curat cor spectantis tetigiste querela. Horat. *Poet.* 93.

4. O *Tom de cada pensamento, e de cada idéa.* Todas as partes, por pequenas que sejão, tem hum caracter de propriedade, que he necessario dar-lhe

Singula quaeque locum teneant sortita decenter. ib.

A causa, que Cicero advogou a favor de Corn. Balbo, era pequena. Tratava-se nella de decidir se a qualidade de Cidadão Romano, de que gozava, Balbo, natural de Cadix, na Hespanha, era, ou não fundada sobre hum titulo legitimo. A decisão desta questão dependia da interpretação subtil de alguns termos de direito. O estilo he tenue. Mas era necessario fallar em Pompeo, que lhe tinha conferido este privilegio, e fazendo este então a figura a mais brilhante em Roma, o lugar destinado ao seu louvor devia corresponder á sua dignidade. O orador pois levantou de tom, e este he o lugar, que segundo alguns mereceo os vivas, e applauzos do P. R., dos quaes falla Quint. no principio do Cap. do *Ornato.*

nioso, já *Vehemente*, já *Arrebatado*, já *Copioso*, já em fim *Picante*: (a) e outras, de hum modo já *Gra-*

(a) Hermogenes entre outros tratados, concernentes á Eloquencia, compoz dois livros Περὶ ἰδεῶν *Das Idéas*, ou differentes formas, e qualidades dos estilos, que todos assentão não serem outra cousa senão as varias modificaçoens, e virtudes, de que são susceptiveis os tres estilos principaes, e que he precizo observar para saber variar o estilo conforme a materia o pedir. As *Idéas* de Hermogenes são 6; a saber: o estilo *Claro*, *Grande*, *Bello*, *Morato*, *Arrebatado*, e a Δεινότης, de que acima fallámos, que he o bom uzo de todas estas fórmas. Em cada huma destas idêas, a fim de as caracterizar bem, considera Hermogenes 8 cousas; a saber: os *Pensamentos*, as suas *Figuras*, as *Palavras*, as suas *Figuras*, o *Talho das phrases*, a *Junctura*, as *Clausulas*, e o *Rhythmo*; as quaes todas se podem reduzir a quatro, *Pensamentos*, *Palavras*, *Figura*, e *Composição*. Subdivide depois o Μέγεθος, ou *Grande* em cinco idêas particulares, das quaes á proporção que o *Grande* participa mais ou menos, tanto he maior ou menor. Ellas são σεμνότης a *Gravidade*, τραχύτης a *Aspereza*, σφοδρότης a *Vehemencia*, λαμπρότης, o *Splendor*, e περιβολὴ a *Amplificação*. Da oração *Morata* (ἦθος) faz tambem seis partes; a saber: ἀφέλεια *Simplicidade*, γλυκύτης *Suavidade*, δριμύτης *Acrimonia*, ἐπιείκεια *Moderação*, ἀλήθεια *Verdade*, *etc.* Muitas destas idêas de Hermogenes são as mesmas de Quintiliano, e assim as explicaremos por hum, e outro. As primeiras sete pertencem ao estilo *Grande*, e as outras sete pertencem mais ao estilo *Mediocre*, e *Subtil*. Comecemos das primeiras.

1.º A *Gravidade* (*oratio gravis*) σεμνότης he a primeira qualidade do estilo Grande, que consiste nos pensamentos graves, quaes são os que tem por objecto as cousas Divinas, Naturaes, Politicas, e Moraes; nas palavras, e figuras simplices, e na collocação magestoza sim, mas não estudadas. V. Cicero discorrendo da Providencia na *Miloniana*, Cap. 3., e do Universo no *Sonho de Scipião*. Tacito nos seus *Annaes* he modelo neste genero.

2.º A *Severidade* (*Severitas*) he huma qualidade do estilo grave, pela qual as materias, e verdades importantes se tratão com precisão sem outros ornatos mais que os naturaes, e com huma composição austera, αὐστηρᾷ ἁρμονίᾳ, como diz Dionys. Hal. C. 22. V. Quint. IX. 4. 63, e II. 4. 6., VIII. 3. 13. e 40, onde lhe contrapõe *Laetam orationem*.

3.º A *Acrimonia* (*Acris oratio*) he a δριμύτης de Hermogenes terceira qualidade do estilo Morato, que consiste nos pensamentos agudos, e picantes, enunciados com termos significantes e emphaticos, com figuras vivas, e com huma composição incidida, e desmembrada. Demosthenes na *Oração da Coroa* subministra muitos exemplos, e Cicero nas *Catilinarias*.

ciozo, já *Civil*, já *Insinuante*, já *Brando*, já *Moderado*, já *Succinto e tenue*, já *Dôce;* em fim nem sempre similhante a si, mas sempre igual. (*a*) Deste modo

---

4.° A *Vehemencia* (*Vehemens oratio*) he σφοδρότης, que Hermogenes assigna como terceira qualidade do estilo Grande, propria para as invectivas contra pessoas iguaes, ou inferiores. Nesta idêa tem lugar as palavras asperas e novas, as figuras vehementes, a construcção de membros e incizos. Desta idêa são exemplos as oraçoens de Cicero contra *Catilina*, *Pisão*, *Vatinio*, e *Philippicas*.

5.° A Oração *Arrebatada* (*concitata*) he a quinta Idêa de Hermogenes, chamada γοργότης. Nesta as sentenças são curtas, enunciadas em pequenas interrogaçoens, respostas, objecçoens, e soluçoens. A volubilidade dos Incizos, Jambos, e Trocheos tem aqui o seu lugar. Esta idêa he a linguagem da paixão. Tal he aquillo de Virg. *En.* IV. *Ferte citi flammas, date tela, impellite remos.* Tem lugar nas narraçoens apressadas, nas deliberaçoens com nós mesmos, e nas altercaçoens oratorias. V. Cic. *Pro Roscio Amer*. Cap. 19. e *Cat.* I. no princ.

6.° A *Copia* he a περιβολὴ, quinta especie, ou qualidade do estilo Grande segundo Hermogenes, que consiste na Amplificação, ou por Gradação, ou por Comparação, ou por Raciocinio, ou pelo Ajuntamento de todos os adjunctos, e accessorios da cousa, que queremos engrandecer. Ella tem duas partes, a αὔξησις para louvar, e a δείνωσις para reprehender. Emprega por consequencia sentenças e palavras magnificas e ornadas, figuras fortes e patheticas, e a composição periodica. V. supr. Cap. V., onde se dão tambem exemplos desta idêa.

7.° O *Picante* (*oratio amara*) πικρότης, que Quint. atraz Cap. V. Art. 1. §. 2. põe entre as virtudes da Oração *Forte*, confunde-se com a *Aspereza*, ou τραχύτης de Hermogenes, segunda qualidade do estilo grande. Ella tem differença da *Vehemencia*, ou σφοδρότης, que esta oração *picante* he propria das invectivas contra os Grandes, Principes, e Reinantes; e aquella *vehemente* contra pessoas de igual, ou inferior condição. O seu fim he reprehender amargamente os vicios, e ambas empregão os mesmos meios. Sallustio nos discursos, que attribue a Mario contra a nobreza, he hum excellente modelo neste genero. A Satira póde ser núa, como a de Persio; ou modificada, como a de Horacio. V. Quint. no lugar cit.

(*a*) Estas sete idêas, ou fórmas contrarias ás antecedentes são já mais proprias ao estilo *Mediocre*, e *Tenue*. Porque 1.° o *Graciozo* (*Urbanitas*) he contrario ao estilo Grave. Delle tratou Quint. *ex professo* no Cap. 3. do Liv. VI. e Cic. III. *De Orat.* Elle tem uzo principalmente no estilo familiar das Cartas, e Conversaçoens, mas tambem ás vezes na Oração. As graças segundo Marso em Quint. ib. 108. podem ser, ou honorificas, ou contumeliosas, ou indifferentes; as primeiras, e as ultimas pertencem a esta

aconteccerá fallar não só de hum modo util e efficaz,

---

idêa ; as outras são mais proprias da Acrimonia, e do Picante. As cartas, e oraçoens de Cicero estão cheias disto.

2.º A *Civilidade (Comitas)* he uma idêa contraria ao estilo severo, o qual ordinariamente he simples. Ella segundo Quint. tom. I. pag. 281. exclue todas as palavras e expressoens não só empoladas, mas ainda grandes e sublimes, e contenta-se com as que são proprias, expressivas, agradaveis, e insinuantes, quais devem ser as de hum orador, que mostrando hum caracter facil, benigno, e officioso, guarda a respeito das pessoas de quem, e contra quem falla todas as decencias possiveis, não só para as não escandalizar, mas ainda para as obrigar. A grande Arte he saber conciliar a severidade, quando se faz preciza, com esta Civilidade, como fazia Scevola, de quem diz Cic. *De Clar. Or.* 148 : *Scaevolae multa in severitate non deerat comitas.*

3.º O estilo *Insinuante (oratio blanda)* tem alguma differença da idêa antecedente, e he, que aquella tem mais lugar nas pessoas iguais para iguais, ou inferiores, e esta nas inferiores para as superiores, a quem se quer agradar. V Cic. *pro Marcello* na segunda parte. *Oratio blanda* he contraria a *oratio acris.*

4.º O estilo *Brando (Lenis)* he contrario ao *Vehemente*, e aspero Porque assim como este cabe nas paixoens fortes, e impetuosas, da colera, indignação, odio, etc. assim aquelle tem mais lugar nos sentimentos Ethicos, e moderados Os termos polidos por consequencia, as figuras brandas, a composição melodica, e periodica, *lenis, et fluens contextus*, lhe quadrão muito bem, como diz Quint. IX. 1. 44.

5.º O estilo *Moderado (Remissus)* he contrario ao *Concitatus*, e o mesmo que a ἐπιείκεια, que Hermogenes conta como quarta especie do estilo Morato, ou ἦθος. Esta idêa tem lugar nas Extenuaçoens, nas Supplicas, nos Epilogos brandos, e em fim em toda a expressão dos sentimentos moderados, e por isso o cuidado das palavras deve ser remisso, as figuras as que mostrão perplexidade de animo, e nenhuma premeditação, como as Dubitações, as Consultaçoens, as Correcçoens etc., a composição vagaroza, frouxa, e desleixada. V. Quint. *De Compos.* 131, e 138.

6.º O estilo *Succinto*, e tenue *(Brevis, subtilis)* ou, como diz Quint. IV. 3. 2, *pressa gracilitas* he contrario ao *Copioso*, e o mesmo que a ἀφέλεια, primeira especie da oração *Morata* de Hermogenes Sobre o que V. supr. Cap. V. Art. I. §. 1.

7.º A *Doçura* em fim *(Dulcis oratio)* γλυκύτης, segunda especie de oração *Morata* de Hermogenes, he contraria á *oratio amara.* Esta idêa chega-se muito ao estilo dos Sophistas, *quod, cum sit his propositum* (diz Cic. *Or.* XIX.) *non perturbare animos, sed placare potius ; nec tam persuadere, quam delectare : et apertius id faciunt, quam nos, et crebrius. Concinnas magis sententias exquirunt, quam probabiles ; a re saepe discedunt, intexunt fabulas, verba apertius transferunt, eaque ita disponunt, ut pictores varie-*

para persuadir o que pertende (principal objecto, para que se inventou a Arte da palavra) mas alcançar tambem a approvação não só dos homens doutos, porém ainda a popular.

ARTIGO III.

Dos Estilos viciosos.

Vicios do estilo por Affectação.

§. I. Com effeito muito se enganão aquelles, que tem por mais popular, e de gosto commum o estilo vicioso e corrupto, qual é, ou o que pela composição licenciosa das palavras vai aos pulos; (*a*) ou o que brinca com conceitinhos pueris; (*b*) ou o que

---

tatem colorum; paria paribus referunt, adversa contrariis, saepissimeque similiter extrema definiunt.

(*a*) Os vicios do Estilo são de dous modos: huns peccão por falta de discernimento, tomando o bello falso pelo verdadeiro, *quoties ingenium judicio caret, et specie boni fallitur;* e todos estes pertencem ao *Cacozelon:* outros não se enganão. Propoem-se os verdadeiros modelos da Eloquencia; mas peccão por excesso, e demazia, desamparando o meio para dar nos extremos. Dos primeiros, que são sete, trata Quint. neste §., e dos segundos no seguinte. Os primeiros são pela sua ordem o Estilo *Saltitante*, *Agudo*, *Inchado*, *Declamatorio*, *Pueril*, *Frio*, e o *Parenthyrso*. E, para começarmos do primeiro, o *Saltitante* é todo na collocação, e compasso similhante ao das danças impudicas, do qual V. o Cap. X. no fim.

(*b*) O segundo vicio é o estilo *Agudo*, que affectando conceituar em tudo, e não o podendo fazer bem, porque, como diz Quint. VIII. 5. 30, *non potest esse delectus, ubi numero laboratur*, cáe continuamente em sentenças falsas, ineptas, e frias. Este vicio era o dominante no tempo de Quint. Delle diz Seneca o Rhetorico: *Sallustio vigente, amputatae sententiae, et verba ante expectatum cadentia, et obscura brevitas fuere pro cultu. Mox etiam sub Imperatoribus, quae apud eum fuerant satis verecunda, in elatam vibratae dictionis audaciam transiere, et ad ipsas tandem ineptias devenere.* Tal é o estilo de Seneca o Philosopho, de quem diz Quint. X. 2. 129: *Multae in eo, claraeque sententiae, multa etiam morum gratia legenda. Sed in eloquendo corrupta pleraque, atque eo perniciosiora, quod abundant dulcibus vitiis. Velles eum suo ingenio dixisse, alieno judicio. Nam si aliqua contempsisset, si pa-*

se incha com as expressoens empoladas, e tumidas; (*a*) ou o que vaga, e se perde nos lugares communs, que não vem para o cazo; (*b*) ou que brilha pelas floresinhas, que cáem ao primeiro toque; (*c*) ou que,

---

rum concupisset, si non omnia sua amasset, si rerum pondera minutissimis sententiis non fregisset: consensu potius eruditorum, quam puerorum amore comprobaretur. Tal é tambem o estilo do nosso Jacintho Freire em muitas partes, e muito mais o de Mathias Aires Ramos da Silva de Eça nas *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, o de Young, e Hervey entre os Inglezes, e o de Mr. Thomaz entre os Francezes. V. pag. 135.

(*a*) O terceiro vicio he o *Inchado*, assim chamado, porque he huma grandeza falsa e apparente, como a dos hydropicos. Elle consiste nos pensamentos, e cousas, que por si nada tem de grande, e sublime, e que hum espirito falso, e pequeno se esforça por fazer parecer grandes, ou pelas palavras empoladas, ou pelas expressões exaggeradas, e hyperbolicas, ou pelas figuras, e collocação magnifica. Seneca o Tragico, e Lucano estão cheios deste vicio. V. do primeiro a *Medea* V. 28. e 40, e do segundo *Phars.* VIII. 793.

(*b*) O quarto vicio he o *Declamatorio*, qual he o daquelles, que costumados ao estilo deleitavel, e apparatoso da eschola, chegando a tratar no foro assumptos verdadeiros, e serios; em lugar de se cingirem á sua materia, e provarem a justiça da causa; extravagão continuamente para os lugares communs, em que podem campar, e para digressoens amenas, que lhes subministrão materia para ostentar o seu engenho; esquecendo-se entretanto do fim principal, que he ganhar a causa. Tal he o estilo das Declamaçoens attribuidas falsamente a Quint. Vej. tom. I. pag. 183.

(*c*) O quinto vicio he o *Estilo Pueril*, ou de *Schola*, como lhe chama Longino Cap. III. « que, por hum cuidado demaziado « nos enfeites da oração, degenera em frieza, no qual cáem « aquelles, que correndo apoz os ornatos superfluos, e muito « brincados, e principalmente de huma doçura demaziada no « estilo, dão no frivolo, e cacozelon. » Quint. chama a este estilo *praedulce dicendi genus*, porque he a mesma doçura do estilo dos Sophistas, (de que fallamos acima, pag. 338. n. 7) quando he demaziada, ou intempestiva. Elle consiste na affectação pueril das flores, e enfeites miudos, e mais brilhantes da Rhetorica, e he, como diz Cicero *De Clar. Or.* 27., *pictum, et expolitum genus orationis, in quo omnes verborum, omnes sententiarum illigantur lepores. Hoc totum e sophistarum fontibus defluxit in forum, etc.* Ainda nelle continuava no tempo de Quint., pois diz II. 5. *Alterum*, (vitium cavendum est) *quod huic diversum est, ne recentis hujus lasciviae flosculis capti voluptate quadam prava delinientur, ut praedulce illud genus, et puerilibus ingeniis hoc gratius, quo propius est, adament.* Tal era o estilo de Mecenas.

em vez de ser sublime, remonta-se tanto, que se precipita; (*a*) ou que emfim com o pretexto de liberdade passa a ser furioso. (*b*)

A comparação é a pedra de toque, que distingue o máo gosto do bom em materia de estilos.

Os quaes vicios não nego, nem me admiro agradem a muitos. Pois isto mesmo acontece a qualquer genero de eloquencia, que lizongea os ouvidos, e gosto do povo. Ha um prazer natural em escutar

---

(*a*) O sexto vicio he o estilo *Frio*, assim chamado, porque pertendendo accender a admiração pelos pensamentos novos, grandes, e extraordinarios, produz o effeito contrario. Longino diz, que he τὸ περὶ τὰς νοήσεις ξενόν *o extravagante dos pensamentos*, e Demetrio, *De Eloc.* n. 115, diz: Ἐκ γὰρ τοῦ ὑπερβεβλημένου τῆς διανοίας, καὶ ἀδυνάτου ἡ ψυχρότης. *Que o estilo frio nasce dos pensamentos exaggerados, e impossiveis*, como o de Timeo, referido por Longino Cap. 4., que dizia: *Que Alexandre tinha conquistado toda a Asia em menos annos, do que Isocrates tinha gasto em escrever o seu Panegyrico sobre a guerra contra os Persas.* Este vicio differença-se do Inchado, em que este consiste nas cousas pequenas engrandecidas; e aquelle nas grandes exaggeradas por meio de metaphoras, hyperboles, e pensamentos arriscados, παρακινδυνευμένα *(praecipitia)*, que vão tão alto, que a queda he inevitavel, *quae audacia proxima periculo attolluntur.* Floro, Sidonio Apollinar, e Symmacho cáem frequentemente neste vicio.

(*b*) O septimo vicio em fim he o *Parenthyrso*, assim chamado, do thyrso dos Bacchantes, enthusiastas, e furiosos. Este, segundo Longino Cap. 3, consiste todo no pathetico; quando a paixão he intempestiva, e vam em materias, onde não tinha lugar; ou immoderada, onde devia ter modo. Porque (continúa elle) acontece frequentemente a alguns o transportarem-se como com huma especie de furor Bacchico a paixões, que não nascem da cousa mesma, mas só da sua imaginação escandecida; e assim se vem a fazer ridiculos diante de pessoas, que estão fóra da paixão. Porque, como diz Cicero *Orat.* XXVIII. *Qui, non praeparatis auribus, inflammare rem coepit, furere apud sanos, et quasi inter sobrios bacchari vinolentus videtur.* Tal era o estilo do advogado Posthumo, criticado por Marcial no *Epigr.* 19. L. VI, que principía: *Non de vi, neque caede, nec veneno.* O estilo *Saltitante* pois he na composição; o *Agudo* nos conceitos; o *Inchado* na amplificação; o *Declamatorio* nos lugares communs; o *Pueril* nos enfeites artificiaes do discurso; o *Frio* no exaggerado dos pensamentos, e o *Parenthyrso* no intempestivo, e demaziado da paixão.

qualquer que falla, ainda que seja um charlatão; e daqui aquelles circulos, que todos os dias estamos vendo nas praças, e no Circo. (*a*) Pelo que é menos para admirar, que qualquer Orador, que quer fallar, tenha logo prompta a roda do povo; e se acontece dizer elle alguma cousa mais exquisita, que tira os ouvidos dos ignorantes, e a que elles não podem chegar; esta é logo admirada, qualquer que ella seja: e não sem alguma razão, porque isto mesmo não é facil. Mas tudo desapparece, e morre em fim, comparando-se com o que é melhor; (*b*) bem como diz Ovidio (*c*)

(*a*) Quint. diz: *Per aggerem*, que Gesnero entende por aquella parte do Circo chamada *Spina*, ao pé da qual, assim como ao pé das outras chamadas *Phalae*, e *Delphini* se ajuntava o povo credulo para ouvir os charlatoens, e advinhoens, como Juvenal diz VI. 588.

Plebeium in circo positum, et in aggere fatum
Quae nudis longum ostendit cervicibus aurum
Consulit ante Phalas, Delphinorumque columnas, etc.

(*b*) Cicero, *De Clar. Orat.* 52, assigna a mesma causa do gosto depravado do povo por falta de critica, e comparação com o melhor. *Hoc tamen interest, quod interdum non probandum oratorem probat, sed probat sine comparatione. Cum a mediocri, aut etiam a malo delectatur, eo est contentus; esse melius non sentit; illud quod est, qualecunque est, probat. Tenet enim aures vel mediocris orator, sit modo aliquid in eo; nec res ulla plus apud animos hominum, quam ordo et ornatus orationis valet.* E no Cap. 54. *Qui praestat igitur intelligens imperito? Magna re, et difficili. Siquidem magnum est scire, quibus rebus efficiatur amittaturque dicendo illud, quidquid est, quod aut effici dicendo oportet, aut amitti non oportet. Praestat etiam ille doctus auditor indocto, quod saepe, cum oratores duo aut plures populi judicio probantur, quod dicendi genus optimum sit, intelligit. Nam illud, quod populo non probatur, ne intelligenti quidem auditori probari potest, etc.*

(*c*) Este lugar de Ovidio he provavelmente de alguma das suas Tragedias perdidas. Colomesio ajuntou estes pedaços desmembrados, e os restituio deste modo, omittindo porém o *fuco*, que era necessario.

Ut lana tincta purpuram citra placet;
At si contuleris eam Lacaernae
Conspectu melioris obruatur.

Gesnero conjectura, que Ovidio escreveria *Lacaenae*, como tambem Valla lê. A purpura Laconica he famosa na antiguidade. Della, como especial, faz menção Horacio II. *Od.* 18. 7.

Nec Laconicas mihi
Trahunt honestae purpuras clientae.

A lam tinta no fuco e falsa côr
Bella fóra da purpura apparece:
Mas se ao pé da Lacona posta fôr
A' vista da melhor se desvanece.

Assim se a estes discursos de gosto estragado applicarmos uma critica mais escrupulosa, bem como a purpura legitima á falsa: veremos que aquillo, que antes nos illudia, despe a côr fementida, e desbota feiamente. Brilhem pois similhantes discursos fóra do sol, como estes pequenos insectos, que luzem só de noute. Muitos approvão o que é máo; porém o bom, ninguem o reprova...

Vicios do estilo por Excesso.

§. II. Mas a *Copia* mesma do estilo grande deve ter sua medida, sem a qual nada ha de louvavel, e de util: O *brilhante* do estilo medio deve ter um adorno, mas viril; e em tudo a invenção deve sempre ser regulada pelo juizo. Por este modo o estilo será *Grande*, sem com tudo ser *Gigantesco; Sublime*, sem ser *Despenhado; Forte*, sem ser *Temerario; Severo*, sem ser *Triste; Grave*, sem ser *Pezado; Brincado*, sem ser *Superfluo; Suave*, sem ser *Dissoluto*; e *Cheio* em fim, sem ser *Inchado*. He a mesma regra que em tudo o mais. O caminhar pelo meio de ordinario he o mais seguro. Porque os dous extremos são viciosos. (*a*)

(*a*) A Arte he a unica guia segura, que nos póde conduzir por este *Meio*, em que só consiste o bello das obras do engenho. Sem ella o mesmo cuidado em fugir de hum extremo vicioso, nos faz cahir em outro:

In vitium ducit culpae fuga, si caret Arte.

O estilo *Grande* de huma parte tem por extremo o *Humilde*, e a ταπείνωσις, quando a expressão não iguala a grandeza, e dignidade do seu objecto: e de outra o *Gigantesco*, quando passa, não só álem da verdade, mas ainda álem da moderação. V. supr. folh. 178. O *Sublime* está entre o *Rasteiro*, que emprega palavras, e expressoens vulgares, triviaes, e corriqueiras; e o *Despenhado*, que sobe tão alto, que se precipita, e, *dum vitat humum, nubes, et inania captat.* V. folh. 35, 134, 149. O *Forte* tem de huma parte o *Frouxo (enervem)*, e de outra o *Temerario*, que he huma força bruta, e incirconspecta. V. Quint. II. 13. O *Severo* parte

de um lado com o *Garrido (lascivus)*, que consiste nos ornatos mais alegres, e estudados da oração; e de outro com o *Triste*, que não tem nem ainda os mais serios. V. folh. 72. O *Grave* tem por extremos de huma parte o estilo rapido, e *Saltitante*; e de outra o *Pezado*, e tardio. V. supr. pag. 290. O *Brincado (laetus)* está entre o estilo *Desornado (incomptus)*, e entre o *Superfluo (luxurians)*, chamado tambem pueril *(praedulcis)*, de que fallámos acima. O *Suave (jucundus)* tem de huma parte o estilo *Ingrato*, e aspero pelas collizoens continuas das vogaes e consoantes, e pelas cadencias abruptas, e quebradas; e da outra o *Dissoluto*, e effeminado no compasso, e cadencias. V. supr. pag. 290. O *Cheio* em fim, cujas phrases tem huma justa medida, e os tempos necessarios para encherem o ouvido, pega de huma parte com o estilo *Rôto (lacunosus, et parum expletus)* em que o numero tem falta de tempos para encher o compasso: e de outra como o *Recheado*, e Asiatico, em que estas faltas de numero se enchem com palavras vans, inchadas, que nada querem dizer, *nugis canoris*. V. supr. pag. 273 e 292.

PEÇAS ORIGINAES
DE
ELOQUENCIA,
Citadas para exemplo por Quintiliano no corpo destas Instituiçoens.

EXEMPLO I.

(L. III. C. III. A. II. §. 2.)

Descripção do Potro em Virg. Georg. III. 75.

COntinuo pecoris generosi pullus in arvis
Altius ingreditur, et mollia crura reponit;
Primus, et ire viam, et fluvios tentare minaces
Audet, et ignoto sese committere ponti;
Nec vanos horret strepitus. (Illi ardua cervix,
Argutumque caput, brevis alvus, obesaque terga,
Luxuriatque toris animosum pectus, honesti
Spadices, glaucique; color deterrimus albis,
Et gilvo.) Tum si qua sonum procul arma dedere,
Stare loco nescit, micat auribus, et tremit artus,
Collectumque premens volvit sub naribus ignem.
Densa juba, et dextro jactata recumbit in armo;
At duplex agitur per lumbos spina, cavatque
Tellurem, et solido graviter sonat ungula cornu.

EXEMPLO II.

(Ib. C. IV. A. I. §. 1.)

Elogio de Pompeo em Cic. pro Corn. Balbo, c. 4.

HIc ego nunc cuncter sic agere, Judices, non esse fas dubitari, quin, quod Cn. Pompejum fecisse constet, id non solum decuisse, sed etiam debuisse fateamur? Quid enim abest huic homini, quod si adesset, jure hoc tribui et concedi putaremus? Ususne rerum? qui pueritiae tempus extremum, principium habuit bellorum atque imperiorum maximorum? cujus plerique aequales minus saepe castra viderunt,

quam hic triumphavit? qui tot habet triumphos, quot orae sunt, partesque terrarum? tot victorias bellicas, quot sunt in rerum natura genera bellorum? An ingenium? cum etiam ipsi casus, eventusque rerum non duces, sed comites ejus consiliorum fuerint? in quo uno ita summa fortuna cum summa virtute certavit, ut omnium judicio plus homini, quam deae tribueretur? An pudor, an integritas, an religio in eo, an diligentia unquam requisita est? Quem provinciae nostrae, quem liberi populi, quem reges, quem exterae gentes, castiorem, moderatiorem, sanctiorem non modo viderunt, sed aut sperando unquam, aut optando cogitaverunt?

Quid dicam de auctoritate? quae tanta est, quanta in his tantis virtutibus ac laudibus esse debet. Cui Senatus populusque Romanus amplissimae dignitatis praemia dedit, non postulanti imperia, verum etiam recusanti; hujus de facto, Judices, ita quaeri, ut id agatur, licuerit ne ei facere quod fecit, an vero, non dicam, non licuerit, sed nefas, fuerit, (contra foedus enim, id est, contra populi Romani religionem et fidem fecisse dicitur) non turpe populo Romano? nonne vobis?

Audivi hoc de parente meo puer: cum Q. Metellus, Lucii filius causam de repetundis pecuniis diceret, ille vir cui patriae salus dulcior, quam conspectus fuit; qui de civitate decedere, quam de sententia maluit; hoc igitur causam dicente, cum ipsius tabulae circumferrentur inspiciendi nominis causa, fuisse judicem ex illis equitibus Romanis, gravissimis viris, neminem, quin removeret oculos et se totum averteret, ne forte quod ille in tabulas publicas retulisset, dubitasse quisquam, verumne an falsum esset, videretur. Nos Cn. Pompeji decretum, judicium de consilii sententia pronunciatum recognoscemus? cum legibus conferemus? cum foederibus omnia accerbissima diligentia perpendemus? Athenis, aiunt, cum quidam apud eos, qui sancte graviterque vixisset, et testimonium publice dixisset, et (ut mos Graeco-

rum est) jurandi causa ad aras accederet, una voce omnes judices, ne is juraret, reclamasse. Cum Graeci homines, spectati viri noluerint religione videri potius, quam veritate, fidem esse constrictam: nos etiam in ipsa religione et legum et foederum conservanda, qualis fuerit Cn. Pompejus, dubitabimus?

Utrum enim inscientem vultis contra foedus fecisse, an scientem? Si scientem: O nomen nostri imperii! O populi Romani excellens dignitas! O Cn. Pompeji sic late longeque diffusa laus, ut ejus gloriae domicilium communis imperii finibus terminetur! O nationes, urbes, populi, reges, tetrarchae, tyranni, testes Cn. Pompeji non solum virtutis in bello, sed etiam religionis in pace! Vos denique mutae regiones imploro, et sola terrarum ultimarum: vos, maria, portus, insulae, litoraque. Quae est enim ora, quae sedes, qui locus, in quo non extent hujus, cum fortitudinis, tum vero humanitatis, tum animi, tum consilii impressa vestigia? Hunc quisquam incredilibi quadam atque inaudita gravitate, virtute, constantia praeditum, foedera scientem neglexisse, violasse, rupisse dicere audebit?

Gratificatur mihi gestu accusator; inscientem Cn. Pompejum fecisse significat. Quasi vero levius sit, cum in tanta republica versere, et maximis negotiis praesis, facere aliquid quod scias non licere; an omnino nescire quid liceat. Etenim, cum in Hispania bellum acerrimum et maximum gesserat, quo jure Gaditana civitas esset, nesciebat? An, cujus linguam populi non nosset, interpretationem foederis non tenebat? Id igitur quisquam Cn. Pompejum ignorasse dicere audebit, quod mediocres homines, quod nullo usu, nullo studio militari praediti, quod librarioli denique scire profiteantur?

Equidem contra existimo, Judices, cum in omni genere ac varietate artium, etiam illarum, quae sine summo otio non facile discuntur, Cn. Pompejus excellat; singularem quandam laudem ejus, et praestabilem esse scientiam in foederibus, pactionibus, condi-

tionibus populorum, regum, exterarum nationum, in universo denique belli jure et pacis. Nisi forte, quae nos libri docent in umbra et otio, ea Cn. Pompejum, neque, cum requiesceret, litterae; neque cum rem gereret, res ipsae docere potuerunt.

Atque, ut ego sentio, Judices, causa dicta est temporis magis vitio, quam ullius Cornelii crimine: de quo plura non dicam, ego de hujus, inquam, genere judicii plura non dicam. Est enim hujus seculi labes quaedam et macula, virtuti invidere, velle ipsum florem dignitatis infringere. Etenim, si Cn. Pompejus abhinc annos quingentos fuisset is vir, a quo Senatus adolescentulo atque equite Romano saepe communis salutis auxilium expetisset: cujus res gestae omnes gentes cum clarissima victoria terra marique peragrassent: cujus tres triumphi testes essent totum orbem terrarum nostro imperio teneri: quem populus Romanus singularibus honoribus decorasset: si nunc apud vos, id, quod is fecisset, contra foedus factum diceretur, quis audiret? Nemo profecto. Mors enim, cum extinxisset invidiam, res ejus gestae sempiterni nominis gloria niterentur. Cujus igitur audita virtus dubitationi locum non daret; hujus praesens, experta, atque perspecta, obtrectatorum voce laedetur?

EXEMPLO III.

(Ib. C. IV. A. V. §. 1.)

Pintura do combate de Entello, e Dares em Virg. En. V. 426.

Constitit in digitos extemplo arrectus uterque;
Brachiaque ad superas interritus extulit auras.
Abduxere retro longe capita ardua ab ictu,
Immiscentque manus manibus, pugnamque lacessunt;

Ille pedum melior motu, fretusque juventa;
Hic membris et mole valens; sed tarda trementi
Genua labant, vastos quatit aeger anhelitus artus.
Multa viri nequicquam inter se vulnera jactant,
Multa cavo lateri ingeminant, et pectore vastos
Dant sonitus, errat aures et tempora circum
Crebra manus; duro crepitant sub vulnere malae.
Stat gravis Entellus, nisuque immotus eodem,
Corpore tela modo, atque oculis vigilantibus exit.
Ille, velut celsam oppugnat qui molibus urbem,
Aut montana sedet circum castella sub armis,
Nunc hos, nunc illos aditus, omnemque pererrat
Arte locum, et variis assultibus irritus urget.
Ostendit dextram insurgens Entellus, et alte
Extulit. Ille ictum venientem a vertice velox
Praevidit, celerique elapsus corpore cessit.
Entellus vires in ventum effudit, et ultro
Ipse gravis, graviterque ad terram pondere vasto
Concidit, ut quondam cava concidit aut Erymantho,
Aut Ida in magna radicibus eruta pinus.

EXEMPLO IV.

(Ib. §. 3.)

Queixa a respeito das Guerras Civis em Virg.
Georg. I. 489.

ERgo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum videre Philippi.
Nec fuit indignum Superis bis sanguine nostro
Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.
Scilicet et tempus veniet, cum finibus illis
Agricola, incurvo terram molitus aratro,
Exesa inveniet scabra rubigine pila,
Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes,
Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.
Dii patrii Indigetes, et Romule, Vestaque mater,

Quae Tuscum Tiberim, et Romana palatia servas,
Hunc saltem everso juvenem succurrere saeclo
Ne prohibete: satis jam pridem sanguine nostro
Laomedonteae luimus perjuria Trojae.
Jam pridem nobis coeli te regia, Caesar,
Invidet, atque hominum queritur curare triumphos.
Quippe, ubi fas versum atque nefas, tot bella per orbem,
Tam multae scelerum facies; non ullus aratro
Dignus honos; squalent abductis arva colonis,
Et curvae rigidum falces conflantur in ensem.
Hinc movet Euphrates, illinc Germania bellum,
Vicinae, ruptis inter se legibus, urbes
Arma ferunt; saevit toto Mars impius orbe,
Ut, cum carceribus sese effudere quadrigae,
Addunt se in spatia, et frustra retinacula tendens
Fertur equis auriga, neque audit currus habenas.

EXEMPLO V.

(Ib. C. VI. A. III. §. 1.)

Amplificação da crucifixão de Gavio por Cic.
Verr. V. 66.

SEd quid ego plura de Gavio? quasi tu Gavio tum fueris infestus, ac non nomini, generi, juri civium hostis. Non illi, inquam, homini, sed causae communi libertatis inimicus fuisti. Quid enim attinuit, cum Mamertini more atque instituto suo crucem fixissent post urbem in via Pompeja; te jubere in ea parte figere, quae ad fretum spectaret et hoc addere, quod negare nullo modo potes, quod omnibus audientibus dixisti palam, te idcirco illum locum deligere, ut ille, qui se civem Romanum esse diceret, ex cruce Italiam cernere ac domum suam prospicere posset? Itaque illa crux sola, Judices, post conditam Messanam illo in loco fixa est. Italiae conspectus ad

eam rem ab isto delectus est, ut ille in dolore cruciatuque moriens perangusto fretu divisa servitutis ac libertatis jura cognosceret; Italia autem alumnum suum servitutis extremo summoque supplicio affixum videret.

Facinus est vinciri civem Romanum: scelus verberari: prope parricidium necari: quid dicam in crucem tollere? Verbo satis digno tam nefaria res appellari nullo modo potest. Non fuit his omnibus iste contentus. Spectet, inquit, patriam: in conspectu legum libertatisque moriatur. Non tu hoc loco Gavium, non unum hominem nescio quem civem Romanum; sed communem liberitatis et civitatis causam in illum cruciatum et crucem egisti. Jam vero videte hominis audaciam. Nonne eum graviter tulisse arbitramini, quod illam civibus Romanis crucem non posset in foro, non in comitio, non in rostris defigere? Quod enim his locis in provincia sua, celebritate simillimum, regione proximum potuit, elegit; monumentum sceleris audaciaeque suae voluit esse in conspectu Italiae, vestibulo Siciliae, praetervectione omnium, qui ultro, citroque navigarent.

EXEMPLO VI.

(Ib. A. III. §. 1.)

Amplificação do vomito de Antonio por Cic. Phil. II. 25.

SEd haec, quae robustioris improbitatis sunt omittamus; loquamur potius de nequissimo genere levitatis. Tu istis faucibus, istis lateribus, ista gladiatoria totius corporis firmitate, tantum vini in Hippiae nuptiis exhauseras, ut tibi necesse esset in populi Romani conspectu vomere postridie. O rem non modo visu foedam, sed etiam auditu! Si inter coenam, in ipsis tuis immanibus illis poculis, hoc tibi accidisset,

quis non turpe duceret? In coetu vero populi Romani, negotium publicum gerens, magister equitum, cui ructare turpe esset; is vomens, frustis esculentis, vinum redolentibus, gremium suum, et totum tribunal implevit.

EXEMPLO VII.

(Ib. C. VII. A. I. n. 4.)

Allegoria da Não pela Rep. em Horac. Od. I. 14.

O Navis, referent in mare te novi
Fluctus. O quid agis? Fortiter occupa
Portum. Nonne vides, ut
Nudum remigio latus,
Et malus celeri saucius Africo
Antemnaeque gemant? ac sine funibus
Vix durare carinae
Possint imperiosius
Aequor? Non tibi sunt integra lintea,
Non Dii, quos iterum pressa voces malo;
Quamvis Pontica pinus,
Silvae filia nobilis;
Jactes et genus, et nomen inutile,
Nil pictis timidus navita puppibus
Fidit. Tu, nisi ventis
Debes ludibrium, cave.
Nuper solicitum quae mihi taedium,
Nunc desiderium, curaque non levis,
Interfusa nitentes
Vites aequora Cycladas.

EXEMPLO VIII.

(Ib. C. VIII. A. II. §. 3.)

Prosopopeia da Patria em Cicero. Cat. I. 11.

Nunc, ut a me, Patres conscripti, quandam prope justam patriae querimoniam detester, ac deprecer: percipite, quaeso, diligenter quae dicam, et ea penitus animis vestris mentibusque mandate. Etenim, si mecum patria, quae mihi vita mea multo est carior, si cuncta Italia, si omnis respublica sic loquatur: M. Tulli, quid agis? Tunc eum, quem esse hostem competisti, quem ducem belli futurum vides, quem expectari imperatorem in castris hostium sentis, auctorem sceleris, principem conjurationis, evocatorem servorum et civium perditorum, exire patieris, ut abs te non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse videatur? Nonne hunc in vincula duci, non ad mortem rapi, non summo supplicio mactari imperabis? Quid tandem impedit te? Mosne majorum; at persaepe etiam privati in hac republica perniciosos cives morte mulctarunt. An leges, quae de civium Romanorum supplicio rogatae sunt? at nunquam in hac urbe ii, qui a republica defecerunt, civium jura tenuerunt. An invidiam posteritatis times? praeclaram vero populo Romano refers gratiam, qui te, hominem per te cognitum, nulla commendatione majorum, tam maturè ad summum imperium per omnes honorum gradus extulit, si propter invidiam, aut alicujus periculi metum, salutem civium tuorum negligis. Sed, si quis est invidiae metus, num est vehementius severitatis ac fortitudinis invidia, quam inertiae ac nequitiae pertimescenda? An, cum bello vastabitur Italia, vexabuntur urbes, tecta ardebunt; tum te non existimas invidiae incendio conflagraturum?

EXEMPLO IX.

(Ibid.)

Outra Prosopopeia da Patria, ibid.

QUae tecum, Catilina, sic agit, et quodammodo tacita loquitur: Nullum jam tot annos facinus extitit, nisi per te: nullum flagitium, sine te: tibi uni multorum civium neces, tibi vexatio direptioque sociorum impunita fuit ac libera: tu non solum ad negligendas leges, ac quaestiones; verum etiam ad evertendas, perfringendasque valuisti. Superiora illa, quanquam ferenda non fuerunt, tamen, ut potui, tuli. Nunc vero me totam esse in metu propter te unum; quidquid increpuerit, Catilinam timeri; nullum videri contra me consilium iniri posse, quod a tuo scelere abhorreat, non est ferendum. Quamobrem discede, atque hunc mihi timorem eripe: si verus, ne opprimar; sin falsus, ut tandem aliquando timere desinam.

EXEMPLO X.

(Ibid. §. 4.)

Apostrophe de Cic. Pro Milone, C. XXX. e XXXI.

QUamobrem uteretur eadem confessione T. Annius, qua Ahala, qua Nasica, qua Opimius, qua Marius, qua nosmetipsi; et, si grata respublica esset, laetaretur; si ingrata, tamen in gravi fortuna, conscientia sua niteretur. Sed hujus beneficii gratiam, Judices, fortuna populi Romani, et vestra felicitas, et Dii immortales sibi deberi putant.

Nec vero quisquam aliter arbitraria potest, nisi qui nullam vim esse ducit, numenque divinum; quem neque imperii vestri magnitudo, neque sol ille, nec

coeli signorumque motus, nec vicissitudines rerum atque ordines movent, neque id, quod maximum est, majorum nostrorum sapientia, qui sacra, qui caeremonias, qui auspicia et ipsi sanctissime coluerunt, et nobis, suis posteris, prodiderunt. Est, est profecto illa vis: neque in his corporibus atque in hac imbecillitate nostra inest quiddam, quod vigeat, et sentiat, et non inest in hoc tanto naturae tam praeclaro motu. Nisi forte idcirco esse non putant, quia non apparet, nec cernitur: proinde quasi nostram ipsam mentem, qua sapimus, qua providemus, qua haec ipsa agimus ac dicimus, videre, aut plane, qualis, aut ubi sit, sentire possimus.

Ea vis, ea est igitur, quae saepe incredibiles huic urbi felicitates, atque opes attulit, quae illam perniciem extinxit ac sustulit: cui primum mentem injecit, ut vi irritare, ferroque lacessere fortissimum virum auderet, vinceretur que ab eo, quem si vicisset, habiturus esset impunitatem et licentiam sempiternam. Non est humano consilio, ne mediocri quidem, Judices, Deorum immortalium cura, res illa perfecta. Religiones mehercule ipsae, quae illam belluam cadere viderunt, commosse se videntur, et jus in illo suum retinuisse. Vos enim jam, Albani tumuli, atque luci, vos, inquam, imploro atque testor; vosque Albanorum obrutae arae, sacrorum populi Romani sociae et aequales, quas ille praeceps amentia, caesis postratisque sanctissimis lucis, substructionum insanis molibus oppresserat: vestrae tum arae, vestrae religiones viguerunt, vestra vis valuit, quam ille omni scelere polluerat: tuque ex tuo edito monte, Latiaris sancte Jupiter, cujus ille lacus, nemora finesque saepe omni nefario stupro, et scelere macularat, aliquando ad eum puniendum oculos aperuistis: vobis illae, vobis, vestro in conspectu, serae, sed justae tamen, et debitae poenae solutae sunt. Nisi forte hoc etiam casu factum esse dicemus, ut ante ipsum sacrarium Bonae deae, quod est in fundo T. Sexti Galli, in primis honesti et ornati adolescentis, ante ipsam, inquam, Bo-

nam deam, cum praelium commisisset, primum illud vulnus acceperit, quo teterrimam mortem obiret: ut non absolutus judicio illo nefario videretur, se ad hanc insignem poenam reservatus.

EXEMPLO XI.

(Ib. C. XI. A. II. §. 1. n. 4.)

Prosopopeia de Appio Cego a Clodia em Cic. Pro Coel. 14.

Existat igitur ex hac ipsa familia aliquis; ac potissimum Caecus ille. Minimum enim dolorem capiet, qui istam non videbit. Qui profecto, si extiterit, sic aget, et sic loquetur: Mulier quid tibi cum Coelio? Quid cum homine adolescentulo? Quid cum alieno? Cur aut tam familiaris huic fuisti, ut aurum commodares; aut tam inimica, ut venenum timeres? Non patrem tuum videras? non patruum? non avum, preavum, atavum audieras consules fuisse? Non denique modo te Q. Metelli matrimonium tenuisse sciebas, clarissimi ac fortissimi viri patriaeque amantissimi? qui, simulac pedem limine extulerat, omnes prope cives, gloria, dignitate superabat: cui cum ex amplissimo genere in familiam clarissimam nupsisses, cur tibi Coelius tam conjunctus fuit? cognatus? affinis? viri tui familiaris? nihil horum. Quid igitur fuit, nisi quaedam temeritas ac libido? Nonne te, si nostrae imagines viriles non commovebant, ne progenies quidem mea, Q. illa Claudia, aemulam domesticae laudis in gloria muliebri esse admonebat? non virgo illa Vestalis Claudia, quae patrem complexa triumphantem ab inimico tribuno plebis de curru detrahi passa non est? Cur te fraterna vitia potius, quam bona paterna, et avita, et usque a nobis, cum in viris, tum in foeminis repetita, moverunt? Ideone ego pacem Pyrrhi diremi: ut

tu amorum turpissimorum quotidie foedera ferires? ideo aquam adduxi, ut ea tu inceste uterere? ideo viam munivi, ut eam tu alienis viris comitata celebrares?

EXEMPLO XII.

(Ibid.)

Prosopopeia de Publio a sua irmãa Clodia, ib. 15.

REmovebo illum senem durum, ac pene agrestem. Ex his igitur tuis sumam aliquem, ac potissimum minimum fratrem, qui est in isto genere urbanissimus . . . Eum putato tecum loqui: Quid tumultuaris, soror? quid insanis? quid, clamore exorsa, verbis parvam rem magnam facis? vicinum adolescentulum aspexisti: candor hujus te, et proceritas, vultus, oculique perpulerunt: saepius videre voluisti: fuisti nonnunquam in iisdem hortis visa nobilis mulier: illum filiumfamilias patre parco ac tenaci, habere tuis copiis devinctum non potes: calcitrat, respuit, non putat tua dona esse tanti. Confer te alio. Habes hortos ad Tiberim: ac diligenter eo loco praeparasti, quo omnis juventus natandi causa venit. Hinc licet conditiones quotidie legas. Cur huic, qui te spernit, molesta es?

EXEMPLO XIII.

(Ibid.)

Prosopopeia de hum pai severo, ib. 16.

REdeo nunc ad te, Coeli, vicissim, ac mihi auctoritatem patriam, severitatemque suscipio: sed dubito quem patrem potissimum sumam, Coecilianum ne

aliquem, vehementem atque durum? *Nunc enim demum mihi animus ardet, nunc meum cor cumulatur ira* . . . Aut illum, *O infelix, O sceleste* . . . Ferrei sunt isti patres . . . *Egone quid dicam? egone quid velim? quae tu omnia tuis foedis factis facis, ut nequicquam velim.* Vix ferenda diceret talis pater: *Cur te in istam vicinitatem meretriciam contulisti? Cur, illecebris cognitis, non refugisti? Cur alienam ullam mulierem nosti? Dede te, ac disjice, per me licebit. Si egebis, tibi dolebit: mihi sat est, qui, aetatis quod reliquum est, oblectem meae.*

EXEMPLO XIV.

(Ibid.)

Prosopopeia de hum pai indulgente, ib.

HUic tristi ac decrepito seni responderet Coelius se nulla cupiditate inductum de via decessisse. Quid signi? nulli sumptus, nulla jactura, nulla versura. At fuit fama. Quotus quisque istam effugere potest in tam maledica civitate? vicinum ejus mulieris miraris male audisse, cujus frater germanus sermones iniquorum effugere non potuit? Leni vero, et clementi patri, cujusmodi ille est, *Fores effregit? restituentur: discidit vestem? resarcietur*, Coelii causa est expeditissima. Quid enim esset, in quo se non facile defenderet?

EXEMPLO XV.

(Ib. §. 6. fin.)

Decencias observadas por Cic. a respeito de Servio Pro Muren. c. 21.

ET, quoniam ostendi, Judices, parem dignitatem ad consulatus petitionem, disparem fortunam provincialium negotiorum in Murena, atque in Sulpitio fuisse: dicam jam apertius in quo meus necessarius fuerit inferior Servius, et ea dicam, vobis audientibus, amisso jam tempore, quae ipsi soli, re integra, saepe dixi. Petere consulatum nescire te, Servi, persaepe tibi dixi: et in his rebus ipsis, quas te magno, et forti animo et agere et dicere videbam, tibi solitus sum dicere, magis te fortem senatorem mihi videri, quam sapientem candidatum.

Primum accusandi terrores et minae, quibus tu quotidie uti solebas, sunt fortis viri; sed et populi opinionem a spe adipiscendi avertunt, et amicorum studia debilitant. Nescio quo pacto semper hoc fit, neque in uno aut altero animadversum est, sed jam in pluribus: simulatque candidatus accusationem meditari visus est, ut honorem desperasse videatur. Quid ergo? acceptam injuriam persequi non placet? Imo vehementer placet: sed aliud tempus est petendi, aliud presequendi. Petitorem ego, praesertim consulatus, magna spe, magno animo, magnis copiis et in forum et in campum deduci volo: non placet mihi inquisitio candidati, praenuncia repulsae: non testium potius, quam suffragatorum comparatio: non minae magis, quam blanditiae: non declamatio potius, quam persalutatio: praesertim cum jam hoc novo more omnes fere domos omnium concursent, et ex vultu candidatorum conjecturam faciant, quantum quisque animi et facultatis habere videatur. Videsne tu illum tristem? demissum? jacet, diffidit, abjecit

hastas. Serpit hic rumor: *Scis tu illum accusationem cogitare? inquirere in competitores? testes quaerere? alium faciam, quoniam sibi ipse desperat.* Ejusmodi candidatorum amici intimi debilitantur, studia deponunt, aut testatam rem abjiciunt, aut suam operam et gratiam judicio et accusationi reservant.

Accedit eodem, ut etiam ipse candidatus totum animum, atque omnem curam, operam, diligentiamque suam in petitione non possit ponere. Adjungitur enim accusationis cogitatio, non parva res, sed nimirum omnium maxima. Magnum est enim, te comparare ea, quibus possis hominem e civitate, praesertim non inopem, neque infirmum exturbare: qui, et per se, et per suos, et vero etiam per alienos defendatur. Omnes enim ad pericula propulsanda concurrimus, et qui non aperte inimici sumus, etiam alienissimis in capitis periculis amicissimorum officia, et studia praestamus. Quare ego expertus, et petendi, et defendendi, et accusandi molestiam, sic intellexi; in petendo setudium esse acerrimum, in defendendo officium, in accusando laborem. Itaque sic statuo, fieri nullo modo posse, ut idem accusationem, et petitionem consulatus diligenter adornet, atque instruat. Unum sustinere pauci possunt, utrumque nemo. Tu, cum te de curriculo petitionis deflexisses, animumque ad accusandum transtulisses, existimasti te utrique negotio satisfacere posse? Vehementer errasti. Quis enim dies fuit, posteaquam in istam accusandi denunciationem ingressus es, quem tu non totum in ista ratione consumpseris?

Legem ambitus flagitasti, quae tibi non deerat. Erat enim severissime scripta Calpurnia. Gestus est mos, et voluntati, et dignitati tuae. Sed tota illa lex accusationem tuam, si haberes nocentem reum, fortasse armasset: petitioni vero refragata est. Poena gravior in plebem tua voce efflagitata est. Commoti animi sunt tenuiorum. Exilium in nostrum ordinem concessit Senatus postulationi tuae: sed non libenter duriorem fortunae communi conditionem, te auctore,

constituit. Morbi excusationi poena addita est: voluntas, offensa multorum, quibus, aut contra valetudinis commodum laborandum est, aut incommodo morbi etiam ceteri vitae fructus reliquendi. Quid ergo? Haec quis tulit? is, qui auctoritati natus, voluntati tuae paruit: denique is tulit, cui minime proderant. Illa, quae mea summa voluntate Senatus frequens repudiavit, mediocriter adversata tibi esse existimas? Confusionem suffragiorum flagitasti, prorogationem legis Maniliae, aequationem gratiae, dignitatis, suffragiorum. Graviter homines honesti atque in suis civitatibus, et municipiis gratiosi tulerunt, tali viro esse pugnatum, ut omnes et dignitatis, et gratiae gradus tollerentur. Idem edititios judices esse voluisti, ut odia occulta civium, quae tacitis nunc discordiis continentur, in fortunas optimi cujusque erumperent. Haec omnia, tibi accusandi viam muniebant, adipiscendi obsaepiebant.

EXEMPLO XVI.

(Ibid.)

Resposta decente á queixa do mesmo, ib. c. 3.

SEd me, Judices, non minus hominis sapientissimi atque ornatissimi, Ser. Sulpicii conquestio, quam Catonis accusatio commovebat, qui gravissime et acerbissime ferre dixit, me familiaritatis necessitudinisque oblitum, causam L. Murenae contra se defendere. Huic ego, Judices, satisfacere cupio, vosque adhibere arbitros. Nam, cum grave est vere accusari in amicitia, tum etiam si falso accuseris, non est negligendum. Ego, Ser. Sulpici, me in petitione tua tibi omnia studia atque officia pro nostra necessitudine et debuisse confiteor, et praestitisse arbitror. Nihil tibi, consulatum petenti, a me defuit, quod esset, aut ab amico, aut a gratioso, aut a consule postu-

landum. Abiit illud tempus: mutata ratio est: sic existimo, sic mihi persuadeo, me tibi contra honorem L. Murenae, quantum tu a me postulare ausus sis, tantum debuisse: contra salutem, nihil debere. Neque enim, si tibi tum, cum peteres consulatum, affui; idcirco nunc, cum Murenam ipsum petas, adjutor eodem pacto esse debeo. Atque hoc non modo non laudari, sed ne concedi quidem potest, ut amicis nostris accusantibus, non etiam alienissimos defendamus.

Mihi autem cum Murena, Judices, et vetus et magna amicitia est, quae in capitis dimicatione a Ser. Sulpicio non idcirco obruetur, quod ab eodem in honoris contentione superata est. Quae si causa non esset, tamen vel dignitas hominis, vel honoris ejus, quem adeptus est, amplitudo summam mihi superbiae crudelitatisque famam inussisset, si, hominis et suis et populi Romani ornamentis amplissimi, causam tanti periculi repudiassem. Neque enim jam mihi licet, neque est integrum, ut meum laborem hominum periculis sublevandis non impertiam. Nam cum praemia mihi tanta pro hac industria sint data, quanta antea nemini; labores per quos ea ceperis, cum adeptus sis, deponere, esset hominis et astuti, et ingrati.

Quod si licet desinere, si, te auctore, possum, si nulla inertiae, nulla superbiae turpitudo, nulla inhumanitatis culpa suscipitur: ego vero libenter desino. Sin autem fuga laboris desidiam, repudiatio supplicum superbiam, amicorum neglectio improbitatem coarguit: nimirum haec causa est ejusmodi, quam nec industrius, nec misericors, nec officiosus deserere possit. Atque hujusce rei conjecturam de tuo ipsius studio, Servi, facillime ceperis. Nam si tibi necesse putas etiam adversariis amicorum tuorum de jure consulentibus respondere; et si turpe existimas, te advocato, illum ipsum, quem contra veneris, causa cadere: noli tam esse injustus, ut, cum tui fontes vel inimicis tuis pateant, nostros rivulos etiam amicis putes clausos esse oportere.

Etenim, si me tua familiaritas ab hac causa removisset; et, si hoc idem Q. Hortensio, M. Crasso, clarissimis viris, si item ceteris, a quibus intelligo tuam gratiam magni aestimari, accidisset: in ea civitate consul designatus defensorem non haberet, in qua nemini unquam infimo majores nostri patronum deesse voluerunt. Ego vero, Judices, ipse me existimarem nefarium, si amico; crudelem, si misero; superbum, si consuli defuissem. Quare, quod dandum est amicitiae, large dabitur a me, ut tecum agam, Servi, non secus ac si meus esset frater, qui mihi est carissimus, isto in loco. Quod tribuendum est officio, fidei, religioni; id ita moderabor, ut meminerim me contra amici studium pro amici periculo dicere.

EXEMPLO XVII.

(Ibid.)

Decencias para com a pessoa de Catão, ib. c. 27.

VEnio nunc ad M. Catonem, quod est firmamentum ac robur totius accusationis: qui tamen ita gravis est accusator et vehemens, ut multo magis ejus auctoritatem, quam criminationem extimescam. In quo ego accusatore, Judices, primum illud deprecabor, ne quid L. Murenae dignitas illius, ne quid expectatio tribunatus, ne quid totius vitae splendor et gravitas noceat: denique ne ea soli huic obsint bona M. Catonis, quae ille adeptus est, ut multis prodesse posset. Bis consul fuerat P. Africanus, et duos terrores hujus imperii Carthaginem, Numantiamque deleverat, cum accusavit L. Cottam. Erat in eo summa eloquentia, summa fides, summa integritas, auctoritas tanta, quanta in ipso imperio populo Romani, quod illius opera tenebatur. Saepe hoc majores natu

dicere audivi hanc accusatoris eximiam dignitatem plurimum L. Cottae profuisse. Noluerunt sapientissimi homines, qui tum rem illam judicabant, ita quemque cadere in judicio, ut nimiis adversarii viribus abjectus videretur. Quid? Serg. Galbam (nam traditum memoriae est) nonne proavo tuo, fortissimo ac florentissimo viro, M. Catoni, incumbenti ad ejus perniciem, populus Romanus eripuit? Semper in hac civitate nimis magnis accusatorum opibus, et populus universus, et sapientes ac multum in posterum prospientes judices restiterunt. Nolo accusator in judicium potentiam afferat, non vim majorem aliquam, non auctoritatem excellentem, non nimiam gratiam. Valeant haec omnia ad salutem innocentium, ad opem impotentium, ad auxilium calamitosorum: in periculo vero et in pernicie civium repudientur.

Nam si quis hoc forte dicet: Catonem descensurum ad accusandum non fuisse, nisi prius de causa judicasset; iniquam legem, Judices, et miseram conditionem instituet periculis hominum, si existimabit judicium accusatoris in reum pro aliquo praejudicio valere oportere. Ego tuum consilium, Cato, propter singulare animi mei de tua virtute judicium vituperare non audeo: nonnulla in re forsitan conformare, et leviter emendare possim. *Non multa peccas,* inquit ille fortissimo viro senior magister; *sed si peccas, te regere possum.* At ego te verissime dixerim peccare nihil, neque ulla in re te esse hujusmodi, ut corrigendus potius, quam leviter inflectendus esse videare. Finxit enim te ipsa natura ad honestatem, gravitatem, temperantiam, magnitudinem animi, justitiam, ad omnes denique virtutes magnum hominem et excelsum. Accessit his tot doctrina non moderata, nec mitis, sed, ut mihi videtur, paulo asperior et durior, quam aut veritas, aut natura patiatur. Et quoniam non est nobis haec oratio habenda, aut cum imperita multitudine, aut in aliquo conventu agrestium audacius paulo de studiis humanitatis, quae et mihi, et vobis nota et jucunda sunt, disputabo.

In M. Catone, Judices, haec bona, quae videmus divina et egregia, ipsius scitote esse propria. Quae nonnunquam requirimus, ea sunt omnia non a natura, sed a magistro. Fuit enim quidam summo ingenio vir, Zeno, cujus inventorum aemuli Stoici nominantur. Hujus sententiae sunt, et praecepta ejusmodi: Sapientem gratia nunquam moveri, nunquam cujusquam delicto ignoscere: neminem misericordem esse, nisi stultum et levem: viri non esse, neque exorari, neque placari: solos sapientes esse, si distortissimi sint, formosos: si mendicissimi, divites: si servitutem serviant, reges: nos autem, qui sapientes non sumus, fugitivos, exules, hostes, insanos denique esse dicunt: omnia peccata esse paria: omne delictum scelus esse nefarium, nec minus delinquere eum, qui gallum gallinacium, cum opus non fuerit, quam eum, qui patrem soffocaverit: Sapientem nihil opinari, nullius rei penitere, nulla in re falli, sententiam mutare nunquam.

Haec homo ingeniosissimus, M. Cato, auctoribus eruditissimis inductus, arripuit; neque disputandi causa, ut magna pars, sed ita vivendi. Petunt aliquid publicani? Cave quidquam habeat momenti gratia. Supplices aliqui veniunt, miseri et calamitosi? Sceleratus et nefarius fueris, si quidquam misericordia adductus feceris. Fatetur aliquis se peccasse et ejus delicti veniam petit? nefarium est facinus ignoscere. At leve delictum est: omnia peccata sunt paria. Dixisti quippiam? fixum et statutum est. Non re ductus es, sed opinione? Sapiens nihil opinatur. Errasti aliqua in re? male dici putat. Hac ex disciplina nobis illa sunt. Dixi in Senatu me nomen consularis candidatis delaturum. Iratus dixisti. Nunquam, inquit, sapiens irascitur. At temporis causa. Improbi, inquit, hominis est mendacio fallere: mutare sententiam turpe est: exorari, scelus: misereri, flagitium.

Nostri autem illi (fatebor enim, Cato, me quoque in adolescentia, diffisum ingenio meo, quaesisse adjumenta doctrinae) nostri, inquam, illi a Platone et

Aristotele, moderati homines et temperati, aiunt, apud sapientem valere aliquando gratiam: viri boni esse, misereri: distincta esse, genera delictorum dispares poenas, esse apud hominem constantem ignoscendi locum: ipsum sapientem saepe aliquid opinari, quod nesciat: irasci nonnunquam: exorari eundem et placari: quod dixerit, interdum, si ita rectius sit, mutare: de sententia decedere aliquando: omnes virtutes mediocritate quadam esse moderatas.

Hos ad magistros si qua te fortuna, Cato, cum ista natura detulisset, non tu quidem vir melior esses, nec fortior, nec temperantior, nec justior (neque enim esse potes); sed paulo ad lenitatem propensior. Non accusares nullis adductus inimicitiis, nulla lacessitus injuria, pudentissimum hominem, summa dignitate atque honestate praeditum: putares, cum in ejusdem anni custodia te atque L. Murenam fortuna possuisset, aliquo te cum hoc reipublicae vinculo esse conjunctum: quod atrociter in Senatu dixisti, aut non dixisses, aut seposuisses, aut mitiorem in partem interpretarere.

Ac te ipsum (quantum ego opinione auguror) nunc et animi quodam impetu concitatum, et vi naturae atque ingenii elatum, et recentibus praeceptorum studiis flagrantem jam, usus flectet, dies leniet, aetas mitigabit. Etenim isti ipsi mihi videntur vestri praeceptores et virtutis magistri fines officiorum paulo longius, quam natura vellet, protulisse; ut, cum ad ultimum animo contendissemus, ibi tamen, ubi oporteret, consisteremus. Nihil ignoveris: imo aliquid, non omnia. Nihil gratiae causa feceris: imo resistito gratiae, cum officium et fides postulabit. Misericordia commotus ne sis; etiam, in dissolvenda severitate: sed tamen est laus aliqua humanitatis. In sententia permaneto; vero; nisi sententiam sententia alia vicerit melior.

Hujuscemodi Scipio ille fuit, quem non poenitebat facere idem, quod tu: habere eruditissimum hominem et pene divinum domi, cujus oratione et

praeceptis, quanquam erant eadem ista, quae te delectant, tamen asperior non est factus, sed (ut accepi a senibus) lenissimus. Quis vero C. Laelio comior? quis jucundior, eodem ex studio isto? Quis illo gravior? sapientior? Possum de L. Philippo, de C. Gallo dicere haec eadem: sed te domum jam deducam tuam. Quemquamne existimas Catone, proavo tuo, commodiorem, comiorem, moderatiorem fuisse, ad omnem rationem humanitatis? de cujus praestanti virtute cum vere graviterque diceres, domesticum te habere dixisti exemplum ad imitandum. Est illud quidem exemplum tibi propositum domi, sed tamen naturae similitudo illius ad te magis, qui ab illo ortus es, quam ad unumquemque nostrum, pervenire potuit: ad imitandum vero tam mihi propositum exemplar illud est, quam tibi. Sed si illius comitatem et facilitatem tuae gravitati severitatique asperseris; non ita quidem erunt meliora, sed certe condita jucundis.

EXEMPLO XVIII.

(Ib. C. XII. A. II. §. 3.)

Exemplo do Estilo Grande. Rhet. a Herenn. IV. 8.

NAm quis est vestrum, Judices, qui satis idoneam possit in eum poenam excogítare, qui prodere hostibus patriam cogitarit? quod maleficium cum hoc scelere comparari, quod huic maleficio dignum supplicium potest inveniri? In iis, qui violassent ingenuum, matremfamilias constuprassent, pulsassent aliquem, aut postremo necassent, maxima supplicia majores nostri consumpserunt: huic truculentissimo ac nefario facinori singularem poenam non reliquerunt. Atque in aliis maleficiis ad singulos, aut ad paucos ex alieno peccato injuria pervenit; hujus sceleris qui sunt affines uno consilio universis civibus atrocissimas cala-

mitates machinantur. O feros animos! O crudeles cogitationes! O derelictos homines ab humanitate! quid agere ausi sunt, aut cogitare potuerunt? Quo pacto hostes, revulsis majorum sepulcris, dejectis moenibus, ovantes irruerent in civitatem: quo modo Deum templis spoliatis, optimatibus trucidatis, aliis arreptis in servitutem, matribusfamilias et ingenuis sub hostilem libidinem subjectis, urbs acerbissimo concidat incendio conflagrata: qui se non putant, id, quod voluerint, ad exitum perduxisse, nisi sanctissimae patriae miserandum scelerati viderint cinerem. Nequeo verbis consequi, Judices, indignitatem rei: sed negligentius id fero, quia vos mei non indigetis. Vester enim vos animos amantissimus reipublicae facile edocet, ut eum, qui fortunas omnium voluerit prodere, praecipitem exturbetis ex ea civitate, quam ipse spurcissimorum hostium dominatu nefario voluerit obruere.

EXEMPLO XIX.

(Ibid.)

Exemplo do Estilo Mediocre, ibid.

QUibuscum bellum gerimus, Judices, videtis; cum sociis, qui pro nobis pugnare, et imperium nostrum nobiscum simul virtute et industria conservare soliti sunt. Hi, cum se, et opes suas, et copiam necessariorum norunt; tum vero nihilominus, propter propinquitatem et omnium rerum societatem, quid in omnibus rebus populus Romanus posset, scire et aestimare poterant. Hi, cum deliberassent nobiscum bellum gerere, quaeso, quae res erat, qua freti bellum suscipere conarentur, cum multo maximam sociorum partem in officio manere intelligerent? cum sibi non multitudinem militum, non idoneos imperatores, non pecuniam publicam praesto esse

viderent, non denique ullam rem, quae pertineat ad bellum administrandum? Si cum finitimis de finibus bellum gererent, si totum certamen in uno praelio positum putarent: tamen omnibus rebus instructiores ac paratiores venirent; nedum illud imperium orbis terrae, cui imperio omnes gentes, reges, nationes partim vi, partim voluntate consenserunt, cum aut armis, aut liberalitate a populo Romano superati essent, ad se transferre tantulis viribus conarentur. Quaeret aliquis. Quid Fregellani, non sua sponte conati sunt? Eo quidem minus isti facile conarentur, quo, illi quemadmodum descissent, videbant. Nam rerum imperiti, qui uniuscujusque rei de rebus ante gestis exempla petere non possunt, ii per imprudentiam facillime deducuntur in fraudem. At ii, qui sciunt, quid aliis acciderit, facile ex aliorum eventu suis rationibus possunt providere. Nulla igitur re inducti, nulla spe freti arma sustulerunt? Quis hoc credat, tantam amentiam quemquam tenuisse, ut imperium populi Romani tentare auderet, nullis copiis fretus? Ergo aliquid fuisse necesse est. Quid aliud, nisi id, quod dico, potest esse?

EXEMPLO XX.

(Ibid.)

Exemplo do Estilo Tenue, ibid.

Nam, ut forte hic in balneas venit, coepit, postquam perfusus est, defricari. Deinde, ubi visum est, ut in alveum descenderet, ecce tibi iste de transverso, Heus, inquit, adolescens, pueri tui modo me pulsaverunt; satisfacias, oportet. Hic, qui id aetatis ab ignoto praeter consuetudinem appellatus esset, erubuit. Iste clarius eadem, et alia dicere coepit. Hic vix tandem inquit, sine me considerare. Tum vero iste coepit clamare voce ista, quae vel facile cuivis

rubores elicere posset: Ita petulans es, atque acer, ut ne ad solatium quidem idoneus, ut mihi videtur, sed pone scenam, et in ejusmodi locis exercitatus sis. Conturbatus est adolescens; nec mirum, cui etiam nunc paedagogi lites ad auriculas versarentur, imperito ejusmodi conviciorum. Ubi enim iste vidisset scurram exhausto rubore, qui se putaret nihil habere, quod de existimatione perderet, ut omnia sine famae detrimento facere posset?

FIM DO II. TOMO.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 19 05 11 014 1